MARK PROBERT
E AS
REVELAÇÕES
CÍRCULO INTERNO

TRADUÇÃO: AMADEU ANTÔNIO

SINTONIZAR OUTROS MUNDOS – ATLÂNTIDA
#141 30 de Novembro de 1962

Quem fala é a Irene Probert. É sexta-feira, dia 30 de Novembro de 1962. Estamos na sede da Fundação Kethra E'da, na Rua 26, nº 931, em San Diego, Califórnia, a assistir a uma palestra em transe de Mark Probert e dos membros do seu Círculo Interno.

Yada: Senas et Senahas e na Yada di Shi'ite.

Grupo: Boa noite, Yada.

Yada: A notchi (fala na sua língua).

Meus amigos, é muito agradável vir esta noite cumprimentar-vos. Vejo que têm feito algum trabalho nesta sala, mudaram as cortinas e pintaram. Muito bonito.

Irene: Gostas?

Yada: Sim, muito bonito, muito bonito.

Irene: Ainda bem que gostas, Yada.

Yada: Meu estimado amigo, não tive o prazer de o ver há dois ou três anos.

Homem: Tenho trabalhado à noite. Não consegui aparecer.

Yada: Ah, primeiro as coisas principais.

Annie: Feliz por estar aqui também. Annie, como estás?

Yada: Obrigado. Como está o seu amigo, senhor?

Homem: Oh, ele está bem.

Yada: Pode transmitir-lhe o nosso amor?

Homem: Ele também envia o dele para si.

Yada: Obrigado, obrigado. Como está a sua esposa?

Homem: Bem, muito bem, obrigado.

Yada: É o maior tesouro que se pode ter, boa saúde. Sem ela sentimo-nos tudo menos bem, nós humanos. O mundo físico, químico, é muito difícil. Noutros planos de consciência é conhecido como o mundo do inferno, não por causa da maldade do homem ou algo assim, mas por causa da natureza do mundo químico, e porque a consciência humana que entra nele tem de criar um corpo sensorial para cá chegar, um corpo com um sistema nervoso. É através desse sistema nervoso que fazemos aferições do mundo físico. É maravilhoso ter um sistema nervoso, mas é uma espada de dois gumes, pois é através dele que sofremos. O habitante, o controlador de um corpo, sofre através do sistema nervoso. Por mais que se aprenda a viver aqui, há sempre pressões a serem absorvidas do mundo físico. Essas

pressões podem ser muito dolorosas. Mas vou falar disso só em parte. Vou falar sobre sintonizar outros mundos.

Ora nós, humanos, já passámos por todos estes mundos muitas e muitas vezes. O homem tem subido e descido a escada da vida. Ele experimenta tudo o que aqui há para experimentar. Se não soubermos como sintonizar outros mundos – podemos ter sérios problemas.

Esta sintonia é abrir a porta psíquica e, se não tivermos uma compreensão básica do que podemos esperar, estamos em apuros. É natural que, quando entramos no mundo físico, fechemos a porta do mundo de onde viemos e de todos os outros mundos. O que quero dizer com fechar a porta é que esquecemos as nossas experiências de outros estados de consciência. Porquê? Para podermos viver mais confortavelmente no mundo em que entrámos. Se esses outros mundos penetrassem o mundo físico e chegassem até alguém aqui, a penetração seria feita naturalmente e quem fosse alcançado estaria protegido, estaria seguro.

Há muitas razões para as condições caóticas que acontecem connosco quando tentamos forçar a entrada noutros mundos – muitas razões. Algumas são de natureza cármica. Talvez alguém tenha tido certos tipos de experiências com um ou mais problemas, com alguém no mundo astral, com alguém não tão sábio. Então apenas um destes é trazido para o mundo físico num período de tempo específico. Se tinham laços reais no mundo astral, os fios que formam esses laços podem ser reatados entre essas duas ou mais pessoas. Talvez quem está no mundo físico não faça a mínima ideia porque é que esteve com aquilo a que chamam espíritos familiares ou seres no mundo astral.

Talvez o ser no mundo astral não o possa dizer porque ele próprio não sabe qual é a natureza desses laços. É atraído pelos seus próprios sentimentos por uma certa pessoa e pelos hábitos e pensamentos em geral da pessoa na Terra. Podem surgir muitas coisas muito inteligentes, muito valiosas, destas comunicações entre estas duas pessoas. Nenhuma delas saberá necessariamente porquê. Podem também acontecer comunicações muito desequilibradas e muito pobres em inteligência.

Quanto mais estas duas souberem, não só sobre a sua própria natureza, natureza humana, natureza individual, mais provável é que seja algo equilibrado; pois haverá mais consciência na comunicação. Ora, quando as duas estão plenamente conscientes da sua ligação uma com a outra, não haverá curto-circuito nas comunicações. Terá sentido e propósito. Onde não há sentido nem propósito, há caos.

Não há mais honra nem divindade em comunicar com alguém de outro mundo do que comunicar com alguém aqui mesmo no vosso próprio

mundo. Se nos falta inteligência nesta vida, faltará na vida seguinte. Não quero ser crítico de forma nenhuma. Preciso e devo ser instrutivo, caso contrário a minha vinda carece de inteligência e, portanto, não é útil, mas destrutiva. Hoje algumas pessoas na vossa Terra vão comunicar com seres noutros níveis de consciência, mesmo para além do baixo astral. Mas como as pessoas hoje não tiveram formação adequada sobre a natureza do mundo em que estão, sabem muito pouco sobre qualquer outro mundo, por isso quase qualquer comunicação coloca alguém num caminho perigoso.

A maior parte da vossa comunicação no que chamam espiritualismo é muito parecida com sintonizar o vosso rádio e uma variedade de mãos rodar o botão ao acaso. O que obtêm? Nada mais que uma confusão de ruídos e estática.

Eu sei da necessidade de comunicar com alguém que amamos, que partiu antes de nós, nem que seja para nos satisfazermos a nós próprios, devido à nossa cegueira, que não pereceram; que não se perderam no astral quando o seu eu mental se separou do seu eu físico. Sim, nós humanos desenvolvemos amizades e laços de sangue que por vezes são tão fortes que a separação nos traz não só grande dor, mas deixa-nos num tal estado de confusão que o mundo físico em que estamos já não é um mundo feliz para nós, já não é um mundo inteligente para nós.

O nosso coração e mente clamam por quem partiu antes de nós. "Anture, onde, em toda esta vasta existência, está o meu amigo, está o meu amado? Não tenho vida sem eles." Todas as estrelas, o sol, desvanecem-se em insignificância para nós. Já não há sabor na vida para nós. Então nós, na nossa dor, muitas vezes lançamo-nos nesse desconhecido. Esperamos que, algures, encontremos os nossos entes queridos. Talvez não tivéssemos sido levados a este desespero irrefletido, a este sentimento insuportável de perda, se tivéssemos sido educados mais cedo sobre o facto de não haver outro mundo.

Onde eu estou tu estás, pois tu és uma ideia na minha consciência. Não posso estar separado de outro, seja no ódio ou no amor, pois são estes os laços que unem e só nós, individualmente, podemos desfazer esses nós e libertar-nos. Nenhuma perda foi sofrida.

Bem, eu sei que nos habituámos a comunicações sensoriais uns com os outros e é isso que sentimos que perdemos. Não fomos ensinados, treinados, para desenvolver uma ligação mental com os outros. Não fomos ensinados a desfrutar das coisas da mente. ** Eu sou o que sou, sempre fui assim e assim serei para sempre, seja o que for que essa palavra para sempre queira dizer. Eu fiz o laço e só eu posso libertar-me dele. Cortar o

laço, o fio, a corda, as correntes, isso não me libertará. Ignorando ou tornando-me estoico em relação a isso não encontrarei liberdade.

Só há um caminho e é saber que só existe a luz e que o homem não está fora dela, mas profundamente dentro dela. Todas as coisas são da luz, são manifestações da luz. Se eu sou assim, certamente aquele que amo também o é. Onde há luz, não pode haver escuridão. A crença na escuridão é um conceito. Não tem essência em si, pois onde há luz, a escuridão não pode existir. E como disse, tudo é luz, e da luz. Mas o eu inferior, consciente do corpo, cria pequenas poças de escuridão para si próprio e anda por aí a acreditar que a escuridão está em todo o lado; que é uma condição em si.

"Comunicar com outros mundos?" Usei a expressão, mas não há outros mundos. Qualquer comunicação que eu possa fazer é inteiramente comigo próprio, a luz. A personalidade é uma interpretação errada da realidade. Não podemos acreditar nela, pois não tem existência em si. A personalidade cria dualidade, que naturalmente leva ao erro da separação.

Vem escrito no vosso livro sagrado que Deus fez Adão e depois pô-lo a dormir e pegou numa faca (acho que usou uma faca – RISO) e cortou uma costela do corpo de Adão e fez Eva. Isto é simplesmente uma história de separação, de dualidade, um sentido de dualidade. Para onde vai a personalidade no que é chamado morte? A personalidade não é uma coisa em si. É uma invenção da mente inferior. Personalidade-dualidade. Poderá existir alguma divisão real, factual, entre ti e eu? Não!

Irene: Não se pensarmos em nós como estando na luz, tal como pensamos na eletricidade. A eletricidade é uma, mas pode exprimir-se de muitas formas e tamanhos e cores. A eletricidade mantém-se a mesma, mas a expressão exterior deve-se nos humanos a experiências passadas que formam a personalidade.

Yada: Sim, a sonhos passados, não sonhos de luz, sonhos inconscientes, sem consciência do que somos. Às vezes, na nossa experiência de vida, ficamos aborrecidos e até muito receosos da nossa própria personalidade – a personalidade que pensamos ser e decidimos fugir dela. Para isso, temos de criar outra personalidade que não tenha as dificuldades que tínhamos com a nossa primeira personalidade.

Se as dificuldades da nossa chamada primeira personalidade forem muito grandes, a mente arranjará formas e meios de se perder noutra personalidade. Essa outra personalidade pode não tomar o controlo total, para que alguém possa observar a sua atividade, ou que ocorreu uma mudança. Essa outra personalidade pode sombrear a primeira de tal forma

que a apague. Mas pode não o fazer. Pode-se usar essa segunda personalidade para pôr a culpa ou dar-lhe o mérito.

Essa segunda personalidade pode simplesmente falar connosco e podemos acreditar que estamos a comunicar com um ser desencarnado. Por vezes é chamada o alter ego. Já ouviram isso, sim? Todos tendemos a ter um alter ego e, quando não conseguimos comunicação direta com ele, escolhemos alguém no nosso próprio plano externo, escolhemos outra pessoa para nos apoiarmos, ou para discutirmos, ou para culparmos dos nossos fracassos.

Homem: Ainda assim é um conforto.

Yada: Claro, claro. E todos nós, humanos, de tempos a tempos, sofremos esta sensação de falta de segurança, ou de inferioridade. O mundo por vezes pressiona-nos, ou parece pressionar-nos, demasiado. Precisamos de um amigo. Se não tivermos um no nosso plano específico, vamos criar um. Nós próprios tornamo-nos nessa personalidade que desejávamos e queríamos ser. Cada um tem macaco em si para ser um símio e andar a imitar. (Estou a dizer essa palavra melhor agora do que antes?)

Irene: Sim estás, Yada.

Yada: O nosso trabalho, para aqueles de nós que sentem necessidade de se conhecerem, o nosso trabalho é procurar a verdade.

Homem: Isso deveria ser a base que qualquer pessoa que pega neste estudo deveria fazer.

Yada: Assim é.

Homem: E não deveria ser pensado só de vez em quando, mas deveria tornar-se segunda natureza para eles.

Yada: Claro. Deveria ser uma prática diária, uma prática de hora a hora.

Homem: É um trabalho a tempo inteiro tentar encontrá-la. E é trabalho mantê-la também. Às vezes é muito mais interessante, um pouco mais convidativa e muito mais presente. A verdade é como mercúrio, escorrega e foge de nós e…

Yada: Escorrega por entre os teus dedos mentais, hã?

Homem: Não é verdade!

Yada: Sim, claro. Mas um pouco de reflexão devia mostrar-nos que eu, eu sou tudo o que há. Ora isto não precisa de nos impedir de viver uma vida humana natural no mundo físico, mas deve ajudar-nos a vivê-la de forma mais inteligente. Eu sei o que é um corpo agora, por isso sei como o usar em vez de ele me usar a mim. Não me dominará, pois eu sei o que é. Eu, o operador deste corpo, direi o que ele deve fazer. Mas não posso fazer isto se não souber.

Comunicar com os mortos, ou seres no mundo astral, tem um lugar muito necessário na vida do homem, porque ele, homem de carne, acabará por deixar cair a crença, a crença totalmente ilusória, de que o corpo de carne é algo diferente da mente. Este crente na carne, crente na matéria, acabará por perder o seu corpo e terá de habitar no seu mundo natural, o mental. Mas podemos levar connosco esta ilusão de sermos um corpo e vivê-la toda outra vez com todos os seus sofrimentos, toda a sua infelicidade, frustrações e medos neste outro estado chamado o mundo astral.

Mr. Reynolds: É uma bela confusão então, não é?

Yada: É uma confusão, sim, mas quem fez o barril de pickles?

Homem: Bem, eu não estou a apontar. RISO

Yada: A pôr-nos lá dentro?

Mas a maioria de nós, se queremos sair do barril, temos primeiro de reconhecer o facto de que lá estamos e como lá estamos.

Homem: E como.

Yada: Não, e isso também sim, sim. O que nos levou a fazer o barril de pickles? Quando souberes isto, sairás imediatamente do barril. Ele deixará de existir e tu ficarás de lado a rir. "Que piada andei a fazer comigo mesmo, que jogo de ilusão ótica. Que grande mágico tenho sido para fazer um truque de prestidigitação tão maravilhoso comigo mesmo. Foi tão bem feito, fiz tão bem e acreditei nisso. Sou um mestre e o meu público são as minhas ambições, os meus medos, as minhas ansiedades. Ouço-os aplaudir-me. Quanto maiores os aplausos, mais o meu eu real se afoga.

Atravesso um grande deserto seco e sofro alucinações de água porque estou seco de conhecimento. Quanto maior a minha sede de verdade, mais miragens sou capaz de criar e elas manter-me-ão a correr para elas. Oh, esse fio húmido brilhante, essa água da verdade, que se não a conseguir obter, morro, afundo-me em estados longos e perdidos de ignorância.

Homem: Yada, o que provoca esta situação tantas vezes tão oposta?

Yada: A mente do Criador é excluída quando nos lançamos no mundo da matéria.

Homem: O eu emocional?

Yada: Sim.

Homem: Assume o controlo.

Yada: Este eu emocional inferior assume o controlo, Deus é excluído. A luz esmoreceu. Estou rodeado de escuridão, ou da crença nela.

Mr. R: Yada, a consciência objetiva em si não é como uma nuvem escura?

Yada: Claro, claro. (Yada diz algo sobre o relógio de pulso do Mark)

Irene: Queres que o tire, Yada?

Yada: Por favor.

Homem: O Mark não precisa de relógio lá, pois não?

Yada: Não, porque eu deixo de me vigiar, eu sei, agora sei. Desculpa? Sabes o que o tempo não é agora.

Homem:

Yada: Sim, portanto eu sei o que é. Saber o que não é, é saber o que é. Au kee? Sim. Agora, meus amigos, se não tivessem alguma base do que eu disse, não poderiam compreender. Têm de ter algum sentimento pelas coisas tal como soam, ou a minha fala seria inútil, tola e sem sentido. Vejam, eu não vos dou compreensão. Não! Eu faço ruídos ou sons e vocês pegam nesses sons, fazem juízos sobre eles e criam a vossa própria sabedoria, compreensão em relação aos seus significados. A luz não pode ser dada onde a luz não está.

Irene: Há algum lugar onde a luz não esteja?

Yada: Claro que não, mas o sonhador cria a ilusão da escuridão. Esta mesa (bate nela) e todo o mundo material é luz. Não há senão luz.

Mr. R: Toda a matéria é luz em extensão?

Yada: Sim, meu estimado amigo, talvez queira dizer-me algo?

Homem: Bem, não, não me ocorre nada em especial.

Yada: Annie, queres dizer algo?

Annie: Estava a pensar no deserto de que falaste, Yada. Se alguém faz um paralelo do deserto seco com esta existência química: estando no deserto sabe que tem de ter água para atravessar o deserto, mas quanto mais se apercebe disso, como disseste, mais miragens surgem. É parecido com aqueles pequenos quebra-cabeças de arame, aqueles pequenos quebra-cabeças índios. Duas peças de arame ou corrente estão ligadas e fazem um pequeno puzzle, e o problema para quem brinca com aquilo é ver como consegue separá-las. Mas quanto mais puxa, mais não se separa e o caminho mais óbvio é o caminho que não se deve fazer e o caminho que nunca se pensa até parar e pousar é separá-lo suavemente. Só então se consegue separar.

Yada: Toque simples, toque suave.

Annie: Sim.

Yada: Nada de violência porque quanto mais violência usamos em algo, mais isso nos resiste, luta contra nós. Vejam, se o mundo de hoje conseguisse perceber isto, isso surpreender-me-ia porque nunca percebeu antes – mas se conseguisse, quase instantaneamente todo o tipo de guerras desapareceriam, pois veriam que a violência só gera violência. A guerra,

seja entre dois indivíduos ou nações, nunca trouxe equilíbrio a essas nações, apenas tumulto.

Irene: Parece-me, Yada, que os países que têm guerras são países que deliberadamente fazem algo para provocar agitação com outro país. Esses países estão sobrepovoados e fazem-no para se livrarem do excesso de população; e eu de alguma forma penso que isto é governado pelo chamado governo secreto do mundo.

Yada: E a disponibilidade das massas para entrar na violência.

Irene: Bem, ficam irritadas porque têm fome e não estão satisfeitas com as suas condições de vida e todas estas coisas irritam-nas, por isso estão prontas a lutar.

Yada: Porque é que têm fome? Porque aqueles que têm estão tão perdidos na sua ganância e tão receosos pela sua própria segurança, que são como os chamados vampiros. Quanto mais sangue obtêm, mais precisam. Estas são as pessoas que andam na escuridão da sua própria ignorância. Precisaria o homem de crenças em Deus e deuses se conhecesse a sua própria natureza e que ele, ele, o Eu sou, é a luz. Nada se pode esconder de mim. Há abundância de tudo para todos. E mesmo que fiquem afastados da minha vida durante onze mil milhões de anos, em vez de haver menos para números maiores, haveria mais.

O mundo material é como um Saco Mágico, quanto mais se tira do saco, mais lá fica. Mas os que não pensam, que procuram dominar as massas, que as mantêm em cegueira perpétua em relação à sua própria natureza para que sejam bons escravos, quereriam que acreditassem que o mundo vai ficar tão sobrepovoado que não haverá comida nem outras coisas suficientes para as necessidades do homem no mundo físico.

Irene: Desculpa, Yada, vou virar a fita.

Yada: Homem, o crente. Não há nada que algum de nós nesta sala possa imaginar que o homem não tenha criado, e esquecido, e ressuscitado, e acreditado ser dádivas dos deuses. O nosso desejo de adorar deus e diabo é algo inato vindo da memória de nós próprios enquanto criadores conscientes e, portanto, seguros, sem medo, sem ansiedades, sem culpa. Algures, na grande mente, estão memórias dele próprio como sendo o criador divino. Mas vindo para aqui, para o mundo físico, ficou cego pela matéria e houve um longo período de tempo em que não teve autoconsciência, não mais do que qualquer outro animal ou qualquer outro ser vivo. Nós, pela experiência, por tentativa e erro, chegámos a conhecer a verdade, tanta verdade sobre o mundo físico quanto era necessária em cada período de tempo das nossas experiências. Depois veio até nós um despertar súbito, uma sensação súbita de “Eu sou Eu, Eu sou eu”. Este Eu

sou Eu, Eu sou eu, pensamento era sobre a matéria, eu sou matéria. Mas eu sou também outra coisa, algo que não conheço, mas sinto.

Quando o homem recebeu pela primeira vez a consciência do "Eu sou", ele, nesse momento, cortou-se do reino animal porque agora podia pensar em si mesmo como eu físico, e animal físico. Essas coisas eram raras. Eram diferentes e ele sentia essa diferença. Pouco a pouco os seus sentimentos sobre a vida levaram-no a recriar-se no mundo da matéria, recriar o divino, o Deus, a Luz Eterna. Recriou em imagens e ídolos algo maior do que ele próprio a que pudesse recorrer para proteção e aliviar-se dos sentimentos de culpa que o seu eu animal tinha criado, o eu certo. Vejam, ele não poderia ter tido esses sentimentos de culpa se ainda estivesse perdido na mente animal.

Só o homem, quando entrou na sua consciência humana, criou sentimentos de culpa dentro de si. Havia certas coisas que sabia que estava a fazer que não eram dignas daquilo que ele era, um deus. Este conhecimento da sua natureza divina, ali deitado num tipo de meio torpor, dizia-lhe que estava a agir mal agora, agora que se tornara conscientemente humano. Antes disto, o que fazia era natural para esse estado inconsciente de viver. Agora, na sua ligação mais próxima com o seu eu divino, sabia do seu erro e adquiriu sentimentos de culpa, sentimentos de vergonha.

Contudo, o impulso animal estava lá – a bater, a bater nele. De vez em quando ele cedia e caía de novo no reino animal, até que o impulso se esgotasse. Então fazia promessas a si mesmo: Nunca mais farei isto. Mas em breve o impulso, como um fantasma, como uma entidade baixa e assombrada, voltava novamente e exigia que ele vivesse como um animal outra vez.

Oh, levou muito tempo em termos de anos terrestres para o homem chegar onde está hoje em pensamento, em sentimento, em coração e mente, e mesmo hoje o animal em nós apodera-se de nós de tempos a tempos. Em algumas pessoas, uma vida inteira de impulso animal descontrolado faz com que voltem à forma de quatro patas na vida seguinte; faz com que se reencarnem num corpo animal de duas pernas. Quando isto acontece, é na maioria das vezes no tipo mais feroz de animal em que alguém se perde. Vejam, o homem não é um animal, mas o corpo, a crença no corpo, tornou-o assim.

Annie: Yada, isto não é outra forma de dizer que tu és consciência, é?
Yada: Claro, claro, obrigado. Nem mais nem menos do que isso. Maravilhoso, obrigado.

Annie: Isso é do Dr. Sudo, é uma das frases dele.

Yada: Claro. Vais dar-lhe o meu mais profundo respeito e o meu amor, por favor.

Annie: Muito obrigada, é uma partilha igual.

Yada: Sim, eu sei. Não podemos dar aquilo que não temos e não podemos receber aquilo que não temos. Harry, queres dizer algo?

Harry: Yada, acho que não. Eu…

Yada: Pareces estar melhor em equilíbrio emocional.

Harry: Bem, ouvi bastante esta noite. Acho que algumas das palavras encaixam em mim!

Yada: Bem, meu amigo, acho que um pouco do que eu disse encaixa em todos nós.

Harry: Bem, suponho que sim, mas…

Yada: Claro. Aquilo que te moveu, moveu-me a mim. Eu conheço todos os sentimentos dos seres humanos no mundo da matéria. Lutei contra estes fantasmas psíquicos durante muito tempo, muito tempo mesmo. Vês, tendo este mito criativo à nossa volta, não há nada neste padrão que diga o que criar ou o que não criar. E no mundo físico somos condicionados a acreditar que certas coisas são más e outras boas. Se compreendermos a vida de forma inteligente, vemos que o bem e o mal são aquilo com que revestimos as coisas, revestimos os nossos atos, bem e mal. Pergunto-me, em toda a minha vida, em todo o meu estado consciente de consciência, quantas camadas deste tipo de tinta pus sobre mim mesmo. Tantas que colocamos sobre nós que não conseguimos encontrar o eu real enterrado debaixo delas e acabamos por acreditar que esse eu real já não existe, ou que alguma vez existiu. Sim, podemos andar tanto tempo na ignorância que esquecemos que existe luz.

Senhor, quer dizer-me algo?

Homem: É incrível. Não sei por onde começar. Gostava de saber se por acaso podias dizer-me o que se passa comigo em relação a tentar tornar-me um bom músico e não conseguir, bem?

Yada: Porque estás a tentar, coisa que não fazias antes. Eras naturalmente um amante e criador de música, mas no último ano, pelo menos, tens estado a tentar. Agora, primeiro, relaxa, hã? Senta-te ao teu instrumento e deixa a extensão da tua mente através das tuas mãos tocar o que aprendeste.

Irene: Porque ele adora.

Yada: Claro.

Homem: Oh sim.

Deixa-te tocar. Não te obrigues a tocar.

Yada: E isto é o que, se me permites dizer meu amigo, tens feito no passado. Tens andado a tentar. Não empurres, deixa, e garanto-te que vai acontecer e voltarás a criar música bonita, porque é a tua natureza, MÚSICA É O QUE TU ÉS. Podemos deixar de ser aquilo que somos? Não!

Mr. R: O Ed teve o mesmo problema com certas partes do seu piano. Eu disse-lhe para não se preocupar com isso, mas se tocava ou não. (RISO abafam o resto da frase)

Yada: Sim, é assim.

Irene: Lembro-me de uma vez o Mark contar à Anita, quando ele trabalhava profissionalmente como ator, que estava a ter umas aulas com um professor, e era um passo muito simples 1-2-3-4-5 de sapateado, uma formação que ele tinha de aprender e não conseguia fazer. Foi para casa, ouviu música na rádio e levantou-se e fez toda a formação porque sentiu-a então. Não se forçou a fazê-la.

Yada: Sim. Esta tentativa explica todos os fracassos de todo o homem ou mulher que falhou no seu trabalho mais desejado. Tentar, não! Se és, és e serás, não podes parar isso. Sim, senhor, tenta. Vai sentar-te ao teu instrumento e espera. Deixa ir. Não faças disso uma questão na tua mente sobre se vais encontrar o "acorde perdido" ou não. Senta-te ali e vais encontrar, e voltarás a gostar de ti outra vez. RISO

Homem: Suponho que este é o segredo.

Irene: Este é o segredo para não se ficar cansado. Seja o que for que estejas a fazer, se adorares o que fazes nunca ficas cansado.

Yada: Assim é. Lembra-me daquele homem que perguntou ao meu estimado colega, Prof. Alfred Luntz, o que fazia para férias, e o Prof. Luntz disse: "O que sempre faço por amor, eu desfruto, por isso não preciso de férias." Ama o que fazes e será umas férias eternas para ti. Na verdade, se te afastares disso, vais sentir-te cansado, exausto. Ama o que fazes e faz o que amas, mas não tentes.

Acho que os cristãos, alguns deles, têm um ditado parecido com isto: "Deixa ir e deixa Deus." Muito bonito. Como diz o homem Krushchev: "Vamos nós agora, comunistas, copiar algumas das melhores coisas da mente ocidental das democracias." E eu digo: "Deixem-me ser livre o suficiente para tirar dos pensamentos daqueles que sei que, de outra forma, não estão despertos."

É assim, um homem que pensa, pára para ouvir quem é suposto ser um tolo falar, porque sabe que esse tolo pode deixar cair pérolas de sabedoria que só ele pode reconhecer; que ele, o ouvinte, pode reconhecer como sendo preciosas, pedras preciosas de sabedoria. Eu mantenho os

meus ouvidos atentos. Assim aprendo. Não penso nada sobre o bem e o mal. Simplesmente ouço e tiro da vida aquilo que sei que é útil. Uma criança que condena a sua mãe condena a sua fonte no físico e em breve torna-se ele próprio o condenado.

E gratcia a vocês, meus amigos, por me emprestarem os vossos ouvidos, a vossa mente, os vossos olhos.

Mr. R: Yada, visitaste ------ em Los Angeles, que falou sobre a Atlântida?

Yada: Não, não. Há muitas pessoas no vosso mundo atual que têm comunicações com pensamentos do passado. Algumas destas ideias parecem ser preciosas e de tempos específicos. Estas pessoas às vezes conseguem trazer de volta a memória dessas comunicações.

Mr. R: Ele parece conseguir fazer isso, mas parece conseguir fazê-lo apenas sobre o assunto Atlântida.

Yada: Está bem, mas Atlântida não pode ser uma coisa só. Tem de ser muitas coisas. au kee?

Mr. R: Sim.

Yada: Então ele faz o papel de um arqueólogo mental, pelo menos no que diz respeito à civilização chamada Atlântida. Há outros que fazem o mesmo por outras civilizações antigas que hoje existem como pensamento na mente eterna. Vocês chamam-lhe espaço. Tudo o que alguma vez existiu ainda está nisto, neste espaço, até eu, Yada. Nós saberíamos se pudéssemos apenas ler essa (nossa) aura.

Yada: Sim, porque está aqui nos registos cósmicos; está aqui em som, cor, tudo. Está aqui.

Homem: Yada, a Atlântida existiu mesmo?

Yada: Claro. Mas não foi uma civilização tão grande como alguns acreditam. Não. As pessoas que existiram lá eram seres altamente inteligentes, mas perderam o controlo da sua inteligência e tornaram-se como as formas mais baixas de animais. Uma grande civilização entrou em decadência e as forças que eram necessárias para a bloquear foram criadas.

Mr. R: Esta civilização entrou em decadência antes de chegarem lá os povos do norte?

Yada: Sim, porque vejam, nenhuma força fora de nós nos pode prejudicar, a menos que tenhamos dentro de nós o elemento que atrai o mal. Olhem por favor para Atlântida. A destruição veio de fora? Não, a destruição original começou pela decadência interna e é sempre assim. Nenhum pensamento fora de mim, externo a mim, pode entrar com força a menos que eu lhe dê a chave do meu desejo. Então eles têm-me.

Mr. R: Todas as forças estão em cada ser humano e cabe-lhe a ele decidir o que deixa predominar.

Yada: Claro. O mesmo acontece com as nações. O que há dentro de uma nação? Vejam, o vosso país está num caminho muito perigoso, porque contém dentro de si esta ignorância de não saber a verdade do ser humano e o seu lugar aqui, as suas razões para aqui estar. Por isso tem pontos podres dentro dele. Esses pontos podres vão deixar entrar as forças destrutivas de fora para que comecem a roer de dentro para fora. Sabem a maçã com o bicho dentro? Não é a entrada na maçã que a destrói, é o comer de dentro, sim!

Meus amigos, se se virem encostados ao muro da vida e quiserem passar por cima ou contornar esse muro, não o conseguem fazer. Primeiro têm de encontrar o muro dentro de vocês, e esse muro de fora desaparece. É tão simples quanto isso. Agora vou embora, agradeço-vos.

Grupo: Obrigado, Yada

Annie: Muito obrigada, Yada.

Yada: A nochi.

Grupo: A nochi

PERDÃO #80

Quem fala é Irene Probert. É sábado, 4 de Julho de 1964. Estamos na casa de Alfred e Anita Ganschow, em Buffalo, Nova Iorque, a assistir a uma palestra em transe profundo de Mark Probert e dos Membros do seu Círculo Interno.

Yada: Senas et Seneha, Ena Yada Di'Shite. Agnotchi.

Grupo: Boa noite, Yada.

Yada: Inglês, hã? Como diriam vocês, americanos, as coisas já estão confusas o suficiente sem uma língua que não compreendam, hã? Não, eu estava a dizer que este homem, Seneha, homem em San Diego, recebeu de vocês uma carta, histórias de humor (o Mark tinha recebido cartas do Ed. Schultz com piadas).

Irene: Foi há algum tempo...

Yada: Pensas que foi há algum tempo.

Irene: Eu tinha mais mas não tive tempo de lhe dar.

Yada: Muito bom, pois o riso é uma grande necessidade para o ser humano. Sem ele, ele morre à fome, quase mais do que pela falta de amor. Ser capaz de rir pode manter-vos vivos quando mais nada o consegue. E sabem, meus amigos, quando fazemos uma piada connosco próprios é quando é melhor. Assim é.

Agora, vimos aqui a esta casa por uma horinha, nós do Círculo estamos muito gratos por sermos convidados aqui.

Anita: Estamos felizes por te ter aqui, Yada, muito felizes.

Albert: Um grande privilégio, Yada.

Yada: Obrigado. Agora, se quiserem estender essa apreciação da vida a vocês próprios, eu apreciaria muito mais. Dar amor é uma coisa, mas dá-lo a vocês próprios é ainda mais, porque quanto mais puderem dar amor a vocês próprios de forma consciente e compreensiva, então terão muito mais para dar aos outros. Mas as frustrações do vosso dia-a-dia apertam os vossos sentimentos de viver. Sim, limitam-se porque têm essas pressões, têm culpas e vergonhas e ansiedades e preocupações com isto e aquilo. Em breve já não têm apreço por vocês próprios.

Muitas, muitas pessoas morrem pela sua própria mão apenas porque sofrem da doença da falta de apreço por si mesmas. É isto que leva as pessoas a depressões, estados de melancolia onde a personalidade se retrai, tenta esconder-se, quer enroscar-se num canto e esconder-se. Fica cansada, fica exausta. Tudo se torna monótono para ela; padrões monótonos em todo o lado. Perdem a fé em si mesmas. Quando se fechar para dentro não é suficiente, matam-se. Triste. Muito triste. Têm aqui no vosso país, em qualquer lugar do vosso país, um sítio onde uma pessoa em depressão possa ligar a pedir ajuda?

Ed. S: Sim, existe. Podem ligar para um determinado número por telefone, Nova Iorque, Chicago, e uma pessoa responde.

Yada: Deviam ter em cada cidade.

Irene: Temos em San Diego.

Yada: Deviam ter mais nos próximos anos, porque na vossa civilização os avanços no conhecimento material ficam atrás do conhecimento espiritual e mental.

Ed. S: Yada, o estranho é que a pessoa que dirigia isto, ela própria, suicidou-se. Não me lembro da cidade, mas saiu no jornal.

Yada: Suponho que, considerando isso, devíamos dizer: “Bem, qual é o propósito? Vamos deixar a vida em paz e as pessoas em paz e deixá-las fazer o que lhes vier naturalmente, incluindo o suicídio.” Mas vejam, se eu fizesse uma coisa dessas, deixar ir e deixar as pessoas sozinhas; não ter interesse, nem piedade, nem compaixão, eu também me suicidaria. Seria levado a isso.

Ora o suicídio nem sempre, de forma alguma, é matar o corpo. É muitas vezes algo pior, matar o espírito. Muitas pessoas pensam que quando alguém morre aqui no vosso mundo físico, quando perdem o corpo físico, que no mundo seguinte estão seguros; chegaram a casa em

segurança. Ha, ha. Eu conheço uma história americana sobre isso. Mais tarde conto-vos. Muito interessante, muito fascinante.
Mas a verdade é, meus amigos, que há muitos suicidas que se suicidam no mundo astral. Então devem pensar para onde vão a partir daí? O que saiu daí? Se o espírito vai do corpo físico para o mundo astral, se o espírito é o corpo em que alguém existe no mundo astral, então claro. E se é possível para eles se suicidarem lá, então têm de ir para um reino mais alto.

Se fosse assim, então toda a raça humana, quando percebesse isto, suicidar-se-ia. Mas vejam, não é isso. Há pessoas que nascem no mundo astral, antes de nascerem no corpo físico, suicidar-se no mundo astral é atirar-se por um período de tempo para um estado de total esquecimento. Ora, como tal estado na verdade não existe na mente do indivíduo, podem ver que não faz mal ao mundo astral ter uma pessoa a suicidar-se. Mas causa muito trabalho extra e, claro, aumenta o emprego porque têm de ter guias e cuidadores e vigilantes sobre estas pessoas depois de se terem retirado tão profundamente para dentro. É preciso ter alguém lá para guardar o corpo mental delas e garantir que não é mal utilizado por outros seres que conhecem algumas leis no trabalho oculto e no trabalho metafísico e poderiam usar esse corpo adormecido para os seus próprios fins. Sim. O lado negativo do homem não se desprende no momento em que o corpo dele o faz.

Anita: Isto acontece muitas vezes, Yada?

Yada: Oh, claro. Tão frequentemente como aqui. Há muitas pessoas no vosso mundo físico que sabem como capturar as mentes e os espíritos de pessoas vivas e torná-las escravas. Fazem isso mesmo aqui.

Irene: Yada, o Ed Schultz tem algumas perguntas para te fazer. É um momento muito oportuno, se me permites. Quando nós aqui, membros da audiência, passarmos para o mundo astral, continuaremos a ter a oportunidade de te ouvir e aos ensinamentos do Círculo Interno, e se sim, esse privilégio continuará mesmo depois de o Mark e a Irene também terem passado para o mundo astral?

Yada: Sabem, meus amigos, há perguntas que quase proíbem resposta, porque são de uma natureza muito privada. Perdoem-me, não quero dizer que estão a intrometer-se onde não devem. Não, claro que não. Se formos sinceros uns com os outros, se realmente tivermos amor uns pelos outros, nunca podemos sentir que estamos a invadir a privacidade uns dos outros em momento algum. Quando vemos que outro está a trespassar, então não o deixamos perceber, embora ele possa perceber, nós sabemos a natureza da sua invasão. Talvez não tenha consciência da natureza; só vê a superfície da invasão, como, “Estás na minha propriedade.” Há algo maior

do que isso que eu veria e por isso não me aproximaria dele de forma a magoá-lo. Convidá-lo-ia a invadir mais, e ao mesmo tempo tentaria perceber, através dele, porque o faz. Mas...

Ed. S: Yada, posso dizer, uma vez numa gravação ouvimos-te dizer que quando estás a ensinar assim perante uma audiência, ao mesmo tempo há muitas pessoas astrais a ouvir-te, astrais e físicas, que vão e vêm. Perguntamos se teremos o mesmo privilégio quando lá chegarmos?

Yada: Sim, claro. Talvez não por mim. Talvez eu não esteja lá como professor e talvez esteja, e talvez não com o mesmo nome ou título que agora uso. Os títulos pertencem a reinos específicos. Agora, há muitas pessoas que assistiram às nossas palestras e que já foram para o mundo astral, tanto muito jovens como bastante idosas. Todas elas vieram ouvir palestras de muitos outros seres, e de nós ocasionalmente. Mas não usámos os nomes que usamos quando comunicamos convosco aqui na Terra.

Muitas pessoas perguntaram-me, "Yada, vou ver-te quando te encontrar, quando passar do mundo físico?" E como posso dizer não? Como posso dizer isso? Porque vejam, vocês veem-me de forma terrena. Veem-me como o Mark fez uma imagem minha, isto é, aqueles que viram uma imagem minha. Mas no reino onde existo, não pareço nada assim.

Irene: Mas cada um torna-se consciente do outro por causa do estado de consciência em que está. Se eu não tiver uma consciência idêntica à tua, não seria capaz de te reconhecer.

Yada: Assim é. E mais. Mas no mesmo mais posso dizer que na forma como olham emocionalmente para a vida, poderia, o que vou dizer poderia levar-vos a pensar que estou a fazer-me grande para mim próprio, aquilo a que chamam...

Irene: Não, somos apenas diferentes.

Yada: Busting?

Irene: Queres dizer gabar-te, Yada.

Yada: Aquilo a que chamam gabar. É simplesmente isto, meus amigos: eu vivo num mundo sem forma. Faço uma forma de acordo com o que penso que é necessário de mim, em qualquer lugar, a qualquer momento.

Vim apenas uma vez ao mundo físico. Vim sabendo e parti sabendo. Tive um curto período de tempo durante o qual experimentei o vazio na cabeça, que é o que todo o ser humano experimenta em algum momento. Depois recuperei a memória da minha verdadeira natureza, que não é maior do que a vossa. É a mesma.

E pouco depois disso, o meu corpo físico foi destruído por um terramoto e quando digo terramoto, na verdade quero dizer uma série deles

que destruíram a minha civilização e colocaram essa parte do mundo, onde a minha civilização existia, num período de escuridão que durou meses. Escuridão total, daquele tipo em que nem a luz mais forte podia ser vista a grande distância. Fazendo luz com madeira e seiva de madeira, o fogo brilhava fracamente na escuridão, negra como breu.

Por vezes o vosso mundo, o vosso mundo atual, conheceu tal escuridão, certas partes dele, durante alguns dias. Mas esta durou meses. De vez em quando, nesses meses, a escuridão era iluminada por fogo no céu. Para aqueles que não tinham educação sobre a natureza do espaço, pensavam que o céu tinha caído e que era isso que trazia a escuridão. Mas foi uma mudança de polaridades da Terra.

Irene: Os pólos da Terra mudaram?

Yada: Pólos magnéticos. Os pólos magnéticos mudaram e isso trouxe escuridão na minha parte do mundo e trouxe a morte de cerca de 80 milhões de pessoas. Eu fui uma delas. O meu corpo foi esmagado por uma enorme pedra do meu templo.

Mas fui ensinado. Fui despertado para o que é a matéria, tanto o meu corpo físico como todos os outros tipos de formas à minha volta. Fui ensinado que este corpo é, principalmente, respiração. Por isso concentrei o meu corpo espiritual, o meu corpo mental, vendo o meu corpo físico ali deitado. E quando digo deitado ali, estava esmagado ali.

Para o olho físico teria sido muito mau, mas não foi mau para o meu olho. O meu treino evitou isso e atraí as energias das quais este corpo, este corpo físico, era feito, atraí-as para mim; assim, levei-as comigo. Levei o quê? O meu corpo? Não. As minhas energias. O corpo é uma forma, sim? Levei o meu corpo como pura energia/respiração. Reduz-se uma célula até aos seus constituintes finais e é respiração. Querem debater isso comigo?

Ed. S: Eu não, porque acho que é verdade.

Yada: E gratcia. Fico contente. Mas por outro lado, fico triste porque esta noite sinto-me com vontade de discutir.

Ed. S: Também damos muito valor à respiração para esse propósito.

Yada: Sim, sim. Mas na vossa parte do mundo, e sabem, meus amigos, não só na metade ocidental é que as coisas não são conhecidas sobre os Ensinamentos Internos, mas a maior parte da Índia, da China, a maioria das pessoas desses lugares, a maioria das pessoas do Extremo Oriente, não sabem mais sobre estas coisas do que vocês no vosso país.

Irene: Quando uma pessoa vem da Índia, isso não significa necessariamente que saiba sobre os Ensinamentos Internos.

Yada: Vejam, em alguns tempos antigos -- e existiram muitos tempos antigos, muitos começos para o homem na Terra -- mas falando de forma

geral, como disse ontem à noite, o homem veio e foi da Terra cinco vezes e agora está na sua sexta passagem. Sim, a corrida está em curso, a corrida-corrida. E sabem, o único que vai ganhar é a raça humana.
Agora, todos os povos de todas as cores deviam ouvir isto porque é o único que pode ganhar, porque é o único que está a correr, é a raça humana.

Yada: Eu sei que muitas pessoas ensinaram que nós, humanos, descendemos dos macacos e começámos como macacos, como os símios, como é que vocês chamam aqueles outros? Os chimpanzés. Não, parece-me que agora estão é a voltar para isso. RISO.

Hoje há muito mais macaquices do que naquela altura! Naqueles tempos, é verdade, o homem parecia-se com um macaco, mas hoje ele não parece um macaco, só age como um. RISO.

Mas voltando a mim próprio, que é o que todos vocês vão ter de fazer um dia…

Irene: Estás a ser engraçado, Yada.

Yada: Eu sinto-me engraçado. É uma boa palavra americana, *funny*.

Irene: Até soa humorística, não soa?

Yada: Soa engraçada. Eu completei o que vim fazer à Terra. O que era? Ter experiência terrena. Muitas pessoas, sem ainda saberem a minha história, perguntaram-me porque vim eu à Terra. Pensavam que eu lhes ia dizer, que eu sabia na mente deles que eu lhes ia dizer algo realmente… como é que vocês dizem?

Ed. S: Grandioso.

Yada: Sim, grandioso! Sabem o que é grandioso para além das palavras? A vida. Vida não há nada como ela, podem ter a certeza disso. Nada se compara. Nenhum pensamento, nenhuma ideia, porque é tudo ideias, tudo coisas. Vida. Amem-na. Dêem-se a si próprios. Maravilhoso! Dêem-se. Mas não podem, nem eu posso, fazer isso se tiverem medo de vocês próprios.

Ao entrarem no mundo astral, podem estar fartos de mim. Podem alcançar um estado de consciência onde já não precisam de alguém como eu. Pode ser que tenham encontrado o suficiente de vós próprios para se darem bem convosco. Assim já não precisam de um pequeno Yada para os ajudar. Tiveram um pequeno

Yada. Agora terão encontrado a vós próprios. Talvez o façam antes de partirem da Terra; e eu acho que, se conseguirem, será melhor do que esperar até partirem, porque é difícil. É mais difícil aprender no mundo astral do que aqui no mundo físico. Ouço alguém perguntar porquê?

Ed. S: Estávamos a pensar nisso.

Yada: (ri) Pensem aqui no plano terrestre. Não disseram muitas vezes a vocês próprios: "Isto é muito difícil de aprender. Isto ou aquilo é muito difícil de aprender." Na verdade, é muito difícil para alguém manter a atenção numa só coisa durante três a cinco minutos – apenas um único pensamento. Manter a atenção numa só coisa, não cinco minutos, mas três minutos, excluindo todas as outras coisas. Conseguem fazer isso? Muito difícil. Exige prática, muita prática e enormes quantidades de paciência convosco. É preciso, uma grande vontade de estar quieto.

A maior parte das mentes ocidentais, o problema em meditar é que não têm paciência para isso. A maioria está num tal suor interior constante para estar sempre em movimento que, quando ouvem falar de meditação e do seu valor físico e começam a praticar, é assim que acontece e é por isso que falham: (Yada gesticula, mexe-se, coça-se) meio segundo, depois: para o meio segundo… RISO DO GRUPO.

Yada: Vejam, o corpo não se coça sozinho. São pensamentos não controlados – pensamentos na mente que irritam os nervos, causam pequenas suores que irritam os nervos superficiais, criando ácidos, estas pequenas gotas de suor, pela impaciência.

Têm aquilo a que chamam no vosso mundo uma máquina que diz às pessoas se estão a dizer a verdade ou não…

Irene: Um detetor de mentiras.

Yada: Sim.

Irene: Não é muito preciso, Yada.

Yada: Isso eu não sei. Quanto da vida é precisa? Em…

Irene: Nada.

Yada: Então não podem esperar que uma máquina seja precisa.

Irene: A única altura em que algo é preciso é agora mesmo e depois muda no momento seguinte.

Yada: Assim é, assim é. Como funcionam estas coisas? Por pequenas alterações na pressão sanguínea, na expansão e contração dos músculos, em quantidades impercetíveis de transpiração. Todo o tempo pensam que vão enganar as pessoas que dão estes testes, mas se souberem o que estão a fazer, não podem ser enganadas. Agora, querem mesmo enganá-los (às máquinas) e enganar as pessoas também? Então aprendam paciência. Não tenham medo de nada, pois isso fará com que suem; os pensamentos sobre as coisas fazem-nos suar, expondo-nos assim aos olhos atentos daqueles que se dizem inocentes.

Aprendam a meditar. É fácil se dominarem o vosso sistema nervoso. A primeira coisa que têm de aprender é relaxar. Pratiquem o relaxamento. Pratiquem: "Está tudo bem comigo", não importa o que outra pessoa disse

sobre vocês. E o que dizem vocês a vocês próprios e sobre vocês? Acreditam nisso? Isso é o que importa.

Muitas pessoas andam pelo mundo à procura do que chamam felicidade. Cada um de nós tem uma ideia diferente do que é felicidade, mas peguem numa só pessoa com a sua ideia particular de felicidade. Essa pessoa pode encontrá-la, porém, não procurando fora de si própria, pois não é aí que a felicidade se encontra. Na verdade, no momento em que olham para fora de vocês, estão na infelicidade, porque estão a olhar para o mundo ilusório, um verdadeiro mundo infernal, não que o seja por si só. Na verdade, nada é algo por si só, porque não há nada por si só. Todas as obras dependem de todas as demais. Todas as pessoas, individualmente, dependem de outros indivíduos. Nada fica de pé, caminha ou dorme sozinho. Nada. Tudo está em ação e se percebermos que toda a ação é para o nosso crescimento, para o nosso benefício, para a nossa aprendizagem, então nunca nos sentiremos culpados de nada.

A maioria das pessoas que sofre de insónias está sobrecarregada com sentimentos de culpa. Podem não ter consciência disso porque algumas das pessoas mais cultas do mundo foram maus dorminhocos, alguns dos mais simpáticos. Na verdade, encontrei mais pessoas consideradas más que dormem melhor do que muitas pessoas boas, porque essas pessoas más têm a certeza de que não são más e as pessoas boas têm a certeza de que não são boas e é isso que as mantém acordadas.

E porque têm tanta certeza de que não são boas? Porque foram condicionadas e condicionaram-se a pensar assim. A mente condicionada em relação ao bem e ao mal mantém-nas presas. Não têm sentido de liberdade. Têm de ficar acordadas porque têm medo que algo lhes aconteça se adormecerem. Alguns dizem de forma diferente; dizem: "Eu fico acordado só para ver o que vai acontecer a seguir."

Audiência: Eu não quero perder nada, Yada.

Yada: Assim é, e é assim com todos os que ficam acordados. Têm medo de que algo possa acontecer que nunca tenha acontecido antes, se adormecerem. Ora eu tive um homem que me disse que sofria de grande medo de adormecer porque tinha medo de morrer. Agora, na verdade esse não era o medo dele. Na verdade, o homem queria morrer. O homem desejava morrer mas tinha medo de o aceitar. Estava a fugir; estava a correr. Esta era a mecânica da sua forma de escapar, escapar da culpa, da ansiedade, da incerteza.

Yada: Meus amigos, cada um de vocês aqui, seja qual for a vossa idade, viveram esse tempo todo, não é? Então, o que é que faz qualquer um de vocês pensar que podem não viver tanto tempo quanto já viveram?

Claro, claro. Mas muitas vezes a mente consciente quer fazer uma coisa, mas o eu inconsciente tem outro desejo. E por vezes o eu consciente perde o controlo sobre o que se quer. “Eu quero viver. Eu quero viver.” Viver para sempre. Quanto tempo? Oh, se eu disser quanto tempo, é provável que… Portanto isto significa que quero viver para sempre.

Isso é… Mas isto é um desejo natural porque de facto vivemos.

“Mas, Yada, não estás a pensar como eu estou a pensar. Eu estou a pensar em viver no mundo físico para sempre!” Ora isso seria muito bonito, se todos os vossos amigos pudessem viver para sempre também. Mas se não puderem, e só vocês viverem, seria triste. Não gostariam. Ao fim de metade de para sempre, quereriam partir.

Alguma vez pensaram em metade de para sempre? (Riso) Porque nós, o indivíduo, muito raramente nos compreendemos. Fazemos todo o tipo de desejos fantasiosos, mas a maioria deles vem do nosso estado de incerteza em relação à nossa verdadeira natureza. Isto significa que, se fizéssemos esforços para aprender qual é a nossa natureza, os nossos medos desapareceriam. Se quisermos viver para sempre em segurança, temos de aprender a acompanhar aquilo a que se chama mudança. Se não acompanharmos a mudança, que é a única lei eterna — pensem nisto, a única lei eterna é a mudança — se não aprendermos a acompanhá-la...

Anita: Estamos a ir contra ela.

Yada: E daqui a um ano ou dois, ou três anos, desejarão sair do mundo, ou desejarão sair do mundo antes disso. A pessoa que acompanha a mudança mantém-se jovem. Além disso, as suas hipóteses de uma morte súbita são muito pequenas. Vai desfrutar da sua estadia, por muito curta ou longa que seja, vai desfrutá-la, porque acompanha a mudança.

Muitas pessoas, quando chegam a certa idade, ficam com o espírito de uma mula a possuí-las. “Não me empurrem.” Antes, não conseguiam pará-las; corriam tanto. As suas vitalidades explodiam por todo o lado. Não sabiam o que fazer com essas vitalidades, tinham tanta. Agora, por uma razão estranha, mais uns quantos amanheceres e entardeceres deixam-me com muito pouca energia. Porquê? Como é que um amanhecer e um entardecer podem reduzir as minhas energias de uma forma tão surpreendente, tão terrível? Como? Porquê? O que é que o sol a nascer e a pôr-se tem a ver com a minha falta de energia?

Agora algumas pessoas dizem que o tempo melhora as coisas. Ha, ha. Alguma vez viram algo que o tempo melhora? Digam-me.

Audiência: Uísque! (Riso do grupo)

Yada: Verdade.

Audiência: Vinho!

Yada: Sim, álcool, hã? Kethra (Yada ri e fala com os seus professores na sua língua)
Mas se aprenderem a abrandar e a usar o vosso tempo de abrandamento para recuperar as energias, viverão mais tempo. É para isso que serve o relaxamento. A arte do relaxamento torna-se o segredo não só de uma vida mais longa, mas também mais saudável.

Agora vou parar aqui e voltar ao que podem pensar que eu me esqueci, que é, porque é que um certo grupo de antigos terráqueos decidiu usar parte do seu tempo interminável para retificar uma condição que desequilibraram noutro período de tempo, no que é chamado "o passado" desta vida deste homem. (Referindo-se a Mark Probert)

Vejam, quando fazem algo por uma razão, há geralmente mil outras pequenas razões ligadas a essa razão. E assim, a razão pela qual usamos o corpo deste homem é que alguns dos membros que pertencem a este grupo viveram na China na altura em que este homem (Mark) estava lá. Ele estava a fazer um certo trabalho que sentia ser necessário, e alguns destes opuseram-se porque o trabalho dele iria tirar-lhes os escravos. Em suma, é uma condição cármica que, uma vez que este homem e esta senhora, Irene, partam desta Terra, o trabalho deles estará feito, no que diz respeito a este período de tempo.

Quanto a mim, ainda tenho trabalho a fazer. Depois de Mark e Irene partirem, ainda tenho algum trabalho terreno para fazer, mas não será nesta parte do mundo. Isso significa que devemos deixar com alguém aqui na vossa Terra o trabalho que foi feito, para ser continuado da melhor forma possível entre vocês, e para o disseminar a outros, da melhor forma que puderem, não como o trabalho do Yada, mas como um trabalho de amor e compreensão.

As personalidades perecem. As personalidades morrem. As personalidades caem no esquecimento. As personalidades não contam. O ensino da verdade conta, e se conseguirem registá-lo nestes aparelhitos mecânicos (gravadores) será ainda melhor. Porquê? Porque nenhuma personalidade se pode envolver nisso. Assim não há ciúmes, não há invejas, ninguém desejará ser o Yada ou outro qualquer.
Por favor, lembrem-se: quando desejarem ser alguém, façam desse alguém vocês próprios. Digo-vos com toda a sinceridade, não há ser maior em toda a existência do que vocês e falo para cada um individualmente.

A personalidade causou assassinatos, tanto a retalho como por atacado. Causou doenças e loucura. A personalidade é um asno. Pertence ao eu-asno, ao eu emocional inferior. Esqueçam a personalidade. Se têm verdade a sair de vocês, esqueçam essa personalidade e não deixem

ninguém agarrar-se a ela. Eles vão vampirizar-vos, prometo-vos isso. Mesmo que não acreditem em vampirismo, mais perigo correm (fala na sua língua) essa é a altura. Eu disse na minha língua, que o diabo cavalga alto — quando a personalidade está a ser projetada, "Olhem para mim!" Vocês? Atenção é o que estou a gritar por. Recuo para a minha infância, "Olhem para mim! Cuidem de mim!"

O bebé, porque não pode fazer outra coisa, molha a roupa. Mas está a crescer e vai continuar a molhar a roupa. Não haverá idade em que não o faça. Há uma palavra, palavra inglesa, chamada "desmame". Há uma coisa de que nenhum humano pode realmente ser desmamado e isso é o amor. E quando são desmamados dele pela negligência dos outros tornam-se mortos-vivos e, como tal, são vampiros.

Sim, há todo o tipo de vampiros para além daqueles que sugam o sangue do corpo. E aqueles que vos sugam as energias para ter a vossa atenção? Isso é vampirismo. Agora, quando damos atenção uns aos outros sem eles pedirem por isso, porque é necessário, sabemos que é a substância vital da vida e que florescemos, florescemos e crescemos melhor, mais plenamente, mais saudáveis. Então, aqueles a quem damos amor, não os estamos a deixar vampirizar-nos. Estamos a dar e eles estão a receber. Torna-se uma condição natural e equilibrada.

Irene: Yada, tenho mais perguntas. A Anita queria saber, porque muitas vezes o Yada disse que se manifestou aqui na civilização cinco vezes. Gostaria de saber onde e quando?

Yada: Agora não penso que isso seja assim tão importante. Por importante, quero dizer isto: quero dizer que não vos faria nada saber isso, absolutamente nada. Pode fazer com que o meu nome seja mal-usado, no entanto, por aqueles que não compreendem a natureza do trabalho que me esforço por fazer e, por conseguinte, a natureza do trabalho que este homem e a sua esposa se esforçam por fazer. Anita, não penso que queiras realmente saber isso. Deixa-me perguntar-te isto, e mesmo aqui não precisas de responder. Porquê? O que te levou a fazer essa pergunta?

Anita: Porque lembro-me de todas as palestras que ouvi, houve indicações de uma vez, mas não vou mencionar agora. Só curiosidade, Yada.

Yada: Kethra. (Yada fala na sua língua com os seus professores). Já disse antes, há alguns anos, apareci uma vez numa civilização conhecida como os Maias. Conhece-los?

Anita: Sim, é essa mesma, Yada.

Yada: Também vim aos primeiros egípcios, muito antes de as pirâmides se erguerem nessa terra. A forma da pirâmide conta uma história,

uma história que se tornará um facto num tempo futuro, como foi um facto no passado. Estes edifícios, têm forma de pirâmide, sendo a mais forte para aguentar o peso da água. Uma boa parte de África esteve uma vez submersa. Voltará a ficar submersa — devo dizer num futuro próximo. Porque não num futuro relativamente próximo?

Vim a um povo da China, muito antes de a China ser uma nação poderosa. A China é muito antiga. A Índia é semelhante em idade, mas não tanto.

Vim ao povo da Pérsia. Ajudei a fazer alguns dos rituais na prática mística de um grupo conhecido como os Magos. Os Magos eram persas. Meus amigos, tudo o que digo de mim que vos possa soar grandioso, não há nada disso que vocês também não tenham feito ou não venham a fazer num futuro qualquer.

Anita: Compreendo isso, Yada.

Yada: A razão pela qual hesito sempre em contar, embora no fim acabe por contar, mas a razão, a maior razão para o fazer é porque há certos tipos de mentes que pegam nesta informação e a abusam, mas mal-usam, pela aparência. Digo-vos, eu sei sempre quando isso acontece.

Anita: Ninguém tentou fazer isso desta vez.

Yada: Por vezes, meus amigos, certas coisas acontecem-nos e perguntamo-nos porque acontecem. Por vezes culpamos Deus por isso, se acreditamos nele. Por vezes culpamos o diabo por isso, se acreditamos nele. E depois há alturas em que culpamos espíritos malignos por isso. Um espírito maligno é alguém que não sou eu. Mas há outra coisa que provoca a maldição que colocamos sobre nós mesmos. É conhecida como culpa.

Yada: Sabem o homem. Hitler? Tenho a certeza que sim. Este homem, aos olhos do cristão… se ele está morto. segundo o que foi dito, se ele está morto. e está, sem "ses", morto, no que diz respeito ao mundo físico. Mas dizem que ele deveria estar no inferno eterno. condenação eterna. Agora não vos parece isso cristão? Isto é cristão. Não é triste?

Na verdade não é cristão. Isto vem do sistema sacerdotal, não dos ensinamentos do verdadeiro cristianismo, mas da arte sacerdotal.

Mas este homem irá ganhar o que deu em dor e sofrimento. Irá colher o vento selvagem. Gengis Khan matou muitos milhões de pessoas quando tentou conquistar o mundo. Não repararam, ao estudarem os conquistadores do mundo, que nenhum deles alguma vez se conquistou a si mesmo? É por isso que todos falharam em conquistar o mundo.

A menos que possam conquistar o mundo interior, não podem conquistar o exterior, pois o exterior na verdade não existe. Será a matéria alguma vez igual hoje como era ontem? Claro que não. O mundo material,

assim chamado, está a derreter como neve ao sol. As energias, os blocos de construção, acho que vocês lhes chamam assim em americano, estão a flutuar para a vastidão de quê? Do vazio? Não, de si mesma. A matéria a voltar para si mesma, continua; mantém o mundo a girar. Mas vai-se derretendo.

Então, de que serve conquistá-la, hã? O que têm senão um punhado de nada? É como adormecer e no sono encontrar uma grande joia preciosa e bela. Sabem o que é isso, e no vosso grande sentimento de excitação e felicidade (não é uma palavra estranha, felicidade?) agarram-na. E depois acordam. Onde está? Onde está a minha pedra preciosa? A razão pela qual a perderam é porque acordaram.

Da mesma forma aqui. Quando acordam significa que mudam os vossos valores. Aquilo que antes valorizavam desaparece. O valor que antes davam àquela coisa desapareceu. Despertaram para uma verdade maior, para a realização de que eram essa pedra preciosa que encontraram quando acordaram. E essa pedra inútil, essa pedra de vidro era o que seguravam quando viviam na vossa consciência emocional inferior.

Essa é a verdadeira natureza da reencarnação ou renascimento – despertar. Sim. Eu morro para viver. É a única forma de viver. Todos os dias não só morro um bocadinho, mas rezo para morrer um bocadinho para poder acordar mais um bocadinho depois de cada morte.

Anita: Yada, outra pergunta. Por favor, explica a diferença entre reencarnação e reencarnação humana.

Yada: Irene, dorme.

Irene: Queres que eu leia outra pergunta?

Yada: Não, está bem assim. A Anita fez. Está bem assim. Já perguntou. Sim, está bem. (fala na sua língua)

Irene: Ainda bem que me acordaste, Yada, porque o meu pescoço precisa de atenção.

Yada: Foi o que pensei. Quis tirar-te dessa má posição.

Irene: Yada, sabes, na outra noite falavas connosco sobre as flores que cresciam na tua civilização e disseste que eram bastante grandes?

Yada: Sim.

Irene: As tuas eram deste tamanho?

Yada: Oh, maiores, maiores! E as pétalas espessas, muito mais espessas do que isso. E o aroma, não poderias usar uma contigo.

Irene: Não era ofensivo, pois não?

Yada: Não, apenas forte. E podia muito facilmente, se metesses a cabeça perto de uma, pôr-te a dormir como uma droga. Enquanto estivesse ao ar livre, estava tudo bem, relaxava-te. Toda a gente que vinha ver-te

ficava relaxada. Alguns nem sabiam o que se passava. Sentiam-se tão relaxados e davam-te sempre o crédito, dizendo: "É tão bom estar contigo, sinto-me tão relaxado!" RISO

Irene: Isso podia pôr uma rapariga em desvantagem se o namorado não fosse honrado. Bem, talvez ele pudesse, até certo ponto, aproveitar-se.

Yada: Sim. E ela sempre esperava que ele o fizesse! A fêmea não mudou em 500.000 anos.

Irene: Não acho que os homens se queixem.

Yada: Não. Eu não disse isso. Mas isto era usado exatamente como estás a dizer. Era então chamada a flor do amor. Se deres um nome bonito a uma coisa, é mais aceitável.

Irene: Temos uma flor que cresce numa trepadeira chamada Flor da Paixão, mas não percebo porquê.

Yada: O que faz?

Irene: Pensei que talvez se as pétalas fossem fervidas ou assim, poderia atuar como afrodisíaco.

Yada: Tornei-me muito familiar com os vossos modos americanos e o vosso sentido de humor americano. Muito. E estou fascinado com isso e apanho-me preso numa armadilha, uma armadilha maravilhosa. Dá a uma pessoa uma sensação pronta de humor, de prazer, de alegria. E é para isso que serve a vida, não para sofrer. Muitas pessoas, ao entrarem no estudo da metafísica e dos assuntos ocultos ou nos estudos do cristianismo, começam logo a ter cara comprida como uma vaca.

Irene: Tenho mais perguntas aqui.

Yada: Sim, a Anita fez-me uma.

Anita: Eu li esta ao Yada.

Irene: Repito a pergunta: Por favor, explica a diferença entre reencarnação e reencarnação humana.

Yada: Há… Acho que devemos fazer a pergunta, antes de fazer afirmações. Há mais do que uma vida? Existem duas ou três ou quatro vidas? E não falo de reencarnar. Falo assim: Há apenas um sol, não há, no vosso sistema solar? Agora, se estiverem numa cidade moderna quando o sol brilha e olharem para um grande edifício com muitas janelas, têm a ilusão de tantos sóis quantas as janelas, certo?

E se não soubessem; suponham que tinham sido hipnotizados e sentados em frente a este grande edifício com mil janelas e depois vos dissessem para acordar para ver os muitos sóis. Provavelmente não veriam edifício nenhum; veriam simplesmente os sóis, mil sóis. O mesmo acontece com a ideia de mil vidas, cada uma diferente da outra. E mil sonhos, cada um diferente do outro?

Mas num sonho acordado ou num sonho dormido temos uma condição com que lidar. Chama-se consciência desperta. Onde estou eu? Onde está a minha consciência? Aqui? Ali? Cum si cum sa.

Irene: Temos um sol que brilha todo o tempo. Temos dia e noite e podemos tê-lo. Temos nuvens mas quando subimos acima das nuvens, é tudo um só sol e está sempre a brilhar.

Yada: Está certo. Agora é o mesmo com a vida. A vida num inseto é a mesma vida que está em ti ou em mim. Agora, podes ofender o criador matando esse inseto? Não. Mas se não o fizeres, esse inseto pode ofender o criador que és tu. Se deixares o inseto tomar conta da tua casa ou da tua posição em relação a ela, então vais sentir-te ofendido.

Matar essa vaca para comer? Porque não? Algo vai matar essa vaca e comê-la. Se não fores tu, os vermes. E os vermes não se importam se ofendem "Deus" ou não. Nem sequer pensam no que o homem chama Deus, por isso comem o tempo todo. Essa é a natureza deles, e é também a natureza do homem, em certa medida.

Lembrem-se por favor que vocês e eu vivemos numa existência parasitária. Eu vivia; vocês ainda vivem. É necessário assim. Não há mal nenhum nisso. Tudo se alimenta de tudo o mais? Tudo volta a si mesmo, não importa quantas vezes a força vital se exprima, se expanda, se afaste; tem de regressar a si mesma. Au kee? Não disse o.k., disse Au kee. Às vezes as pessoas pensam que digo ok. Percebem o que estou a dizer, por favor? Tudo… por isso tem pouco valor aprender apenas sobre o nosso próprio sair por aquela porta e voltar a entrar por ela. Temos de saber que, eventualmente, até a porta tem de sair. (fala na sua língua)

Irene: Quando é que chegamos ao ponto em que podemos lembrar todo o nosso conhecimento acumulado? Ou isso alguma vez acontece?

Yada: Acho que mencionei ontem à noite que não existe tal coisa como conhecimento acumulado, porque o conhecimento não vem em quantidades. Podem ser capazes de negar isto. Pode haver algo a que se chame um alqueire de conhecimento. Eu não sei. Não, a nossa consciência depende de algo chamado qualidade. Qualidade. Há graus infinitos de consciência desperta.

Voltando a mim? Algum de vocês já ouviu a história do cordeirinho que disse à mãe que queria sair para o mundo para ver se podia aprender o que é a vida? Alguém já ouviu essa história?

Audiência: Eu ouvi, porque tu já a contaste antes.

Audiência: Ouvimo-la numa gravação, Yada.

Yada: Oh, então não preciso contá-la.

Audiência: Alguns de nós não a ouviram.

Yada: Vou torná-la muito curta. O cordeirinho foi-se embora e com o tempo voltou para casa. A mãe perguntou-lhe: "Cordeirinho, o que descobriste sobre a vida?" O cordeirinho disse: "Descobri que a vida é toda uma." E a mãe disse: "Bem, cordeirinho esperto! Mas uma o quê?" E o cordeirinho disse: "Um cordeiro!" RISO Assim é com o homem. Uma luz. Um Deus. O que queremos dizer senão a força criadora? O eu criativo. Chamemos-lhe eu em vez de força. O Eu Criativo. Não há... Sim, queres fazer outra pergunta?

Irene: Em relação ao que estavas a dizer, estava a lembrar-me de uma vez em que falaste connosco sobre o estado celestial e samadi, e disseste que quando se entra em Amadi torna-se consciente de toda a sua consciência. Mas é apenas uma fração de segundo; dura apenas um curto momento. Esta é a próxima pergunta: Algumas fontes dizem que Jesus está na Cidade Sagrada do ... no Tibete. Outras fontes dizem que ele está no planeta Saturno e vem de vez em quando, perto da Terra, numa nave espacial. Faz-me lembrar a Mãe Maria, Yada. Alguma destas afirmações será verídica?

Yada: Pelo tom da tua voz parece como se estivesses prestes a entrar em gargalhada histérica! (fala na sua língua, rindo)

Anita: Yada, é verdade que tantos folhetos fazem todo o tipo de afirmações.

Irene: Estas são coisas que foram escritas.

Yada: Primeiro quero dizer algo sobre samadi, sabem como, a vossa máquina faz uma coisa?

Audiência: Sim.

Yada: Bem, fizeram isso à máquina, não admira que ela vos faça isso a vocês um dia. RISO Fez isso comigo, desligou-me. No momento em que se desliga, tenho de me desligar.

Irene: Às vezes no meio de uma frase, e estás a falar de algo muito interessante e a fita acaba.

Yada: Assim é a vida. Justamente quando sentem que a vida é mais importante, mais excitante, ela acaba. Para onde vão? Porque vão tão depressa? E agarramos, como mercúrio, quanto mais tentamos segurar, mais depressa escapa das nossas mãos. Se a manusearmos suavemente, não apertar, hã? Não apertar. Assim é como se deve tratar o amor, não apertar, no momento... oh bem, podem apertar, mas não apertar RISO Eu sei o que estavam a pensar!

Irene: Estás muito bem-humorado esta noite, Yada. (Yada fala na sua língua)

Yada: Alegria à Luz.

Irene: A fita da Anita está quase a precisar de ser virada também, Yada.

Yada: Então posso retirar-me um bocadinho?

Audiência: E quando voltares, queremos falar sobre samadi, se fizeres o favor.

Yada: Meus amigos, quero dizer outra coisa. Penso que esta noite não vou prolongar tanto tempo. Sinto que faz pouco bem para o corpo deste homem e ainda menos bem para a Irene. Ambos precisam de tanto descanso quanto possível e pensei que, se parasse mais cedo, e espero que se parar mais cedo, me perdoem.

– Yada regressa –

Yada: Acho importante voltar ao que estava a falar há pouco, a questão da reencarnação. Acho que há uma coisa importante que todos devíamos tentar manter na cabeça e é: A VIDA DE ONTEM NÃO CONTA. A vida de hoje conta. O que me aconteceu, aconteceu. É um sonho de que acordei. Estou agora a sonhar e este sonho é importante. (Se continuo preocupado com os meus pecados de antigamente, não consigo parar de pecar.)

Irene: Revivemo-los mentalmente o tempo todo, se é que existe tal coisa como pecar.

Yada: Existe, mas é tão divertido! RISO

Irene: Não é pecado a menos que se pense que é pecado.

Yada: O pecado só existe, em qualquer coisa que façamos, quando envolvemos outro em algo que sabemos que vai magoar esse outro. Magoar-nos a nós mesmos já é mau, mas trazer dano a outro é pior, muito pior.

Irene: Mesmo que seja apenas angústia mental.

Yada: Isso mesmo, porque o perdão não vem de outro, vem de mim. Eu tenho de me perdoar primeiro se quero obter perdão. Agora, pode ser que eu não consiga encontrar aquele a quem magoei para pedir perdão. Então vejam o tipo de sarilho em que isso me mete, hã? Como é que saio disso? Suponham que ele morreu quando eu penso em ir pedir-lhe perdão. Como é que o vou encontrar para lhe pedir perdão? Pode ser que não consiga.

Então, perdoo-me a mim mesmo. Mesmo que possam ir até essa pessoa, talvez a encontrem, mas talvez ela não esteja com disposição para vos perdoar. Talvez o seu sentido de mágoa seja demasiado profundo. Devem aprender a perdoar-se a vocês próprios primeiro. Não serve de nada ir a Deus e dizer: “Por favor, perdoa-me.” Não serve de nada se não se perdoarem primeiro. Então podem pedir aos deuses e aos homens que vos

perdoem, pelo menos com a esperança de o obterem.
Irene: Parece, no sentido mais amplo, Yada, como dizias há bocado, toda a vida é uma vida, por isso estás realmente a pedir à Luz que te perdoe por a teres ofendido, por isso se te perdoares, então tu…

Yada: Isso mesmo, mas nem sequer conseguimos perdão de nós mesmos se tivermos sentimentos de culpa. Torturamo-nos mais a nós do que aos outros, com sentimentos de culpa. Tornamo-nos o nosso pior inimigo e muitos sábios na vossa Terra dizem que isto é assim, que o humano é o seu pior inimigo.
Irene: Estávamos a dizer no outro dia, nunca fazer nada que permita a outro rebaixar-te.

Yada: Isso mesmo, pensar mal de ti. Pensar negativamente, nunca dar a outro essa oportunidade. Também não é muito bom contar às pessoas as tuas desgraças, porque muitos ficam contentes por ouvir! RISO É assim. Temos essa qualidade dentro de nós de sadismo e masoquismo.

Algumas pessoas são masoquistas frustrados. Sim, estes são chamados sádicos. E um sádico é um masoquista frustrado. Então, se contares a outro e se esse outro for um masoquista, h... ele vai gostar de ouvir porque a tua dor lhe trará prazer. E ele vai devolver isso diretamente para ti, desejando-te pior sorte do que já tiveste para poder ter mais alegria. Claro.
Vejam, a psicologia do humano é extremamente complexa, especialmente os que ainda não sabem o que são, o que realmente são; onde realmente estão no esquema da existência.
Hmm... este homem andou a comer alguma coisa?

Audiência: Sim, comeu, uma fatia de pão.

Yada: Tem agora uma boca cheia de migalhas, e porque ele tem, eu também tenho. Veem o que vos pode acontecer só por associação? Por isso tenham cuidado com quem se associam. Por favor, alguma vez vos contei a história do homem que era muito rico e se cansou de ser rico? Já contei isso? É também a história sobre a vida, e sobre as pessoas que têm dinheiro e que já têm muito e não conseguem livrar-se dele. Terão sempre muito. Não importa o que aconteça ao muito que têm, voltarão a ter muito sempre que quiserem. Algumas pessoas são, pelas suas experiências de memória passada, como o grande Rei Midas, conhecem o homem que tocava em tudo e tudo se transformava em ouro? Midas. Que vida desconfortável deve ter sido!

Agora esta história é de um homem que vivia na Índia. Era um marajá, pois só os marajás são os verdadeiramente ricos da Índia. Um dia este homem despertou na sua cabeça e percebeu que a substância material não lhe trazia felicidade. não lhe dava paz de espírito. Tinha negligenciado o

ouro da sua mente.
Então deu tudo o que tinha e tornou-se uma espécie de guru e uma espécie de meditador. Despiu as suas roupas e usava apenas um pano de linho. Deu tudo. Ia sentar-se com todos aqueles outros meditadores e, na Índia, um meditador é alguém que põe a mente no umbigo, na esperança de que isso o ajude a unir essa mente com a mente superior, chamada Deus. Há milhares e milhares destas pessoas por toda a Índia. Passam a maior parte da vida sentados a olhar para esse lugar que nem é assim tão bonito.

Então ele sentava-se entre eles durante bastante tempo, em meditação profunda.

Agora veem porque é necessário que estas pessoas desenvolvam uma barriga grande, como é que um homem magro vai olhar para o umbigo sem ficar com uma cãibra no pescoço? Com uma barriga grande faz-se melhor. Para ser um bom observador de umbigo tem de se arranjar uma pança. Isto significa desenvolver o estômago antes da mente. Um bocadinho ao contrário, não é?

Este homem passou muito tempo, meses, meses. Depois, porque era uma pessoa inteligente, não aguentou mais. O seu umbigo não era assim tão bonito. Então decidiu o que faria: em vez de parar de meditar nele, fabricaria um umbigo, faria um. Então arranjou um pedaço de jade e esculpiu, fez um umbigo bonito de jade. Colocou-o ali e começou de novo a sentar-se.

E enquanto estava ocupado a concentrar-se no seu umbigo de jade, o homem ao lado dele, que estava feliz como estava com o seu próprio umbigo, ficou distraído. Nunca antes tinha visto um umbigo verde e começou a olhar para ele e a perder o interesse no seu próprio. Em breve não aguentou mais. Estendeu a mão e disse: “Senhor, o que está a fazer? O que tem aí?”
“O que tenho? Não vê? Umbigo verde.”

Homem: É o quê?

É jade.

Homem: Jade? Nunca ouvi falar de umbigo de jade, talvez me faça um, hã?

Irene: Onde arranjaste isso?

Yada: Sim, onde arranjaste isso?

O primeiro homem diz: “Fiz eu.”

Segundo homem: “Faz-me um também?”

Primeiro homem: “Sim, claro. Faço-te um.”

E fez. Então o homem ao lado viu e quis um também. Então fez-lhe um. Depois de um tempo, três, quatro, cinco, seis, sete queriam um. Então

abriu uma lojinha. Depois, para sua surpresa, o negócio ficou grande. Abriu uma grande fábrica e voltou aos negócios outra vez. Voltou a ganhar grandes quantidades de dinheiro.
Portanto vejam, não podem, se têm, nunca podem perder. Muitas pessoas têm medo de perder o que têm, nunca se perguntando como o conseguiram em primeiro lugar. Fizeram-no, mas parecem ter-se esquecido disso.

Anita: A quem tem, ser-lhe-á dado.

Yada: Isso mesmo. E de quem não tem, ser-lhe-á tirado.

Irene: Mas se souberes que tens tudo, então tens tudo.

Yada: Isso é exatamente o que este homem sabia. Por isso achou fácil dar tudo no início, porque sabia que não o possuía em primeiro lugar. Dinheiro no banco, hoje no vosso país, é importante. Mas devia haver apenas um banco – aqui dentro de vocês. Assim nunca estarão falidos. O que é o vosso banco – aquilo de que precisam, não o que querem, porque só o eu inferior quer. O eu inferior, o eu ganancioso, quer sempre. Não pensa em nada. Não se preocupa com a necessidade, só quer. É por isso que há tanto desperdício no mundo. Ocupemo-nos com as nossas necessidades, e podem ter a certeza de que os nossos desejos serão satisfeitos. É o mesmo, a história do pensamento positivo. Já ouviram falar? Então não preciso de contar.

Irene: Talvez os outros não tenham ouvido.

Yada: Tenho quase a certeza, não é assim? Toda a gente aqui já ouviu. Quão importante é, quão muito importante é, se algum de vocês aqui estiver a pensar em ensinar, fazer da vossa vida ajudar o vosso semelhante a compreender-se melhor, não se esqueçam de usar humor. Muito importante. Agora falo de seja o que for que tenham aí para falar.

Irene: Antes de saíres, Yada, disseste que querias dizer algo mais sobre Samadi.

Yada: Sim. Com o uso da respiração ao sentar-se para meditar e querem projetar-se em estados mais elevados de consciência. A maioria aqui sabe para que serve a posição de lótus? Outros? Sabem o propósito dela? Bem, vou dizer a quem não sabe, está bem? É um método de sentar-se numa posição. A mecânica é abrir a base da coluna para que as forças, as energias sexuais, possam começar a subir pelo canal que leva ao chakra rei, ou abrir a glândula pineal, estimulá-la.

Agora, de que serve fazer isso se é só para se apagar? Não serve de nada. Muitas pessoas conseguem levar as forças, pelo uso da respiração, até ao chakra rei, e em vez de irem para este estado celestial, este estado tremendo de união com a Luz, apagam-se como uma luz! Porque não sabem que devem manter-se conscientes, só que desta vez o estado muito

elevado de consciência chamado samadi, esse estado celestial, essa sensação de unidade.

Agora, ao respirar chamam, excitam a serpente ou a força do fogo. Meus amigos, não estão prontos para isto. Se os vossos sentimentos são tais que não conseguem lidar com esta força, ela pode perturbar-vos mentalmente muito tempo depois de terem parado de a praticar.

Tenham um motivo. Porque querem entrar neste estado elevado de consciência? É para fugir às pressões do mundo à vossa volta? Se o fizerem por essa razão, estão em apuros. Devem fazê-lo apenas por uma razão, para que possam saber o que é ser um com a Luz. Só por essa razão. Para saberem que não podem morrer; que são eternos; que só o eu inferior morre.

Entrar em Samadi provar-vos-á para além de qualquer sombra de dúvida que não morrerão. E descobrirão porque não podem morrer. A resposta é porque nunca nasceram. O vosso corpo nasceu e vocês puseram um guia sobre ele, o eu corporal, chamado consciência inferior. A mente inferior é o guia sobre ele.

A mente inferior pertence ao mundo físico. Consiste em todos os apetites do eu corporal. É por isso que, até terem tido preparação, sabendo como e porque controlar o eu inferior, sabendo porque é que a consciência superior deve descer e pôr um pouco mais de pressão sobre o eu inferior para o acalmar.

Até essa altura, esse eu inferior deve manter-se acordado no mundo físico, não tentar perder-se em qualquer forma de fuga psíquica. Permaneçam no vosso eu físico. Desfrutem do vosso eu físico para que, a certa altura, quando verdadeiramente começarem a ascender à consciência superior, quando verdadeiramente tiverem posto o eu inferior de lado, não terão ansiedades sobre a vossa vida, o vosso futuro. Não terão medos incertos sobre como é a vida na consciência superior. Não sentirão falta de ser um corpo.

Há muitas pessoas, meus amigos, que vão para o mundo astral, que não estão preparadas para ir para o mundo astral porque ainda não aprenderam a viver no mundo físico. Por isso ainda têm fome de se exprimir através de um corpo físico. É como alguém numa sala de aula. São forçados para classes mais avançadas apenas para descobrir que não estão preparados para isso. E anseiam voltar para as classes mais baixas onde se sentem menos envergonhados.

(página em falta)

(…) o que eu disse. Não existe Jesus. Nunca houve um Jesus, mas houve um Aesus; Aesus o ungido; Aesus, um nome dado pelas Escolas Místicas

Helénicas da Grécia. O homem conhecido como Jesus para vocês, foi um nome dado, Jesus por Aesus, quando a história foi roubada das escolas de mistério, da iniciação, tudo isso, incluindo o nascimento virginal e a morte na cruz.

Eu não, meus amigos. Eu não gosto de contar esta história, porque a maioria das pessoas no vosso país americano foi condicionada para acreditar, para aceitar essa mesma pessoa chamada Jesus, com o título dado de Cristo, que morreu pelos seus pecados, tanto dos que já nasceram no mundo como dos que ainda hão de vir ao mundo; morreu por cada um, todos os que vieram antes dele, todos os que vieram depois e todos os que virão. Hah, isto significa que não têm nada a fazer.
Irene: Ele nunca acabará de pagar.

Yada: Ele nunca acabará de pagar e vocês nunca o podem parar, não importa qual seja a vossa paixão de piedade, de tristeza. Esta é a figura mais difamada que alguma vez veio à Terra. Pensem, meus amigos, se a história fosse verdadeira, pensem um momento. Quem deveria receber a glória? Aquele que se deixou matar na cruz ou aquele que o traiu para que pudesse ser pendurado lá? Aquele que o traiu! Judas Iscariotes, o personagem na Paixão, nos ensinamentos internos, nas verdadeiras iniciações na escola mística. Há milhares e milhares de anos e desde então, ao longo dos tempos, Aesus tem vindo, tomado a sua iniciação e regressado à Luz. Por favor, não falo de um, mas de muitos.
Anita: Estás a falar do indivíduo avançado.

Yada: Isso mesmo. Aqueles que passaram pela iniciação. E há sempre a traição, alguém para desempenhar o papel. O que é a traição? O que me pode trair mais para a destruição do que os meus desejos inferiores?
Irene: Não outra pessoa, mas as emoções dentro de ti próprio.
Yada: E a pessoa, na iniciação, atua como o símbolo do eu inferior. Agora, o Jesus, ou o Aesus, a carregar a cruz e a morrer, era o Jesus a morrer, o corpo, o eu inferior, a morrer para que o eu Cristo pudesse vir ao de cima, pudesse tornar-se consciente.

Oh, há tão pouco tempo para explicar isto de forma que o possam compreender claramente. Porque, a menos que compreendamos claramente, não podemos viver com o que aprendemos, não confortavelmente. (fala na sua língua)
Meus amigos, nunca, por favor nunca aceitem o que estou a dizer, não acreditem. Não quero que acreditem. Quero que vejam. que continuem a ver. Eu venho. Falo-vos dos meus sentimentos, dos meus pensamentos, com amor, com grande amor pela Luz. Mas vocês têm de passar pela vossa iniciação. a seu tempo. Estão a passar por ela agora. Estão na cruz. Estão na

cruz da matéria. O eu inferior está a morrer na cruz da matéria. Podem não estar conscientes disso, mas através desse sofrimento encontrarão a Luz. Posso garantir-vos, encontrarão.

Irene: Entrar na vossa própria natureza Crística, a vossa própria sabedoria.

Yada: É assim.

Irene: Yada, a cultura atlante não durou um milhão de anos?

Yada: (Tosse) Meus amigos, seja qual for a ferramenta que tenham para trabalhar, usem-na da melhor forma que puderem. não a amaldiçoem. (Tosse mais agora) Este homem acha muito difícil largar o tabaco, sem saber, sem realmente saber que não é o tabaco que o está a destruir. Não, são as suas frustrações da própria vida. Isto é o que ele faz. Isto é o que vocês fazem quando abusam dos vossos corpos, seja a comer, dormir, beber, as coisas mais naturais.

Yada fala na sua língua, entoando um mantra para ajudar o Mark. E grati ya. A notchi.

Grupo despede-se de Yada.

YADA – SESSÕES FECHADAS
PALESTRA FECHADA #1
O COMEÇO DA MATÉRIA

por Yada Di Shi'ite

Yada: Para começar pelo princípio soa bem, mas quando se trata da vida no que é chamado de ‘mundo da matéria’, é quase inútil tentar encontrar palavras para descrever uma condição que existia muito antes do que é chamado de ‘o nascimento da forma’. A natureza básica da existência, tal como a conhecem, chama-se ‘tempos’. Antes da forma, havia uma condição que podemos chamar de tempo.

Aud.: Singular.

Yada: Sim. A razão pela qual uso a expressão no plural ‘tempos’ é porque a natureza da matéria é o que se pode chamar de ‘atómica’. É de pouca utilidade dizer que o tempo é vasto, porque a palavra torna-se sem sentido quando a relacionam com ‘tempos’.

Há umas noites atrás tive o prazer de observar, através dos olhos deste homem, a história da teoria científica sobre os tempos. Ali havia muito espanto sobre porque não se podia criar o tempo, ou regressar a ele, reduzindo-o em frações divididas, e frações de frações. Se fosse possível chegar ao tempo absoluto, significaria que até o próprio tempo seria uma criação.

Aud.: Pergunta, Yada?

Yada: Sim.

Aud.: O tempo não começa com o primeiro movimento?

Yada: Sim. Vejam, este primeiro movimento é a primeira fração. Não é uma matéria diferente, e é por isso que os vossos cientistas cometem um grande erro ao falar do tempo e tentar dividi-lo até à sua unidade máxima, porque o tempo começou com um movimento — o primeiro movimento.

Aud.: Poderíamos dizer que o primeiro movimento criou o positivo e o negativo, e assim o tempo?

Yada: Sim.

Aud.: Isso seria a trindade?

Yada: Vem-me à mente a questão, 'De onde veio a matéria?' A única resposta que conheço é 'Movimento'. O mundo da matéria foi criado por três tipos diferentes de movimento, que criaram o que se pode chamar triangular, ou MATÉRIA tridimensional.

A matéria não existe em algo. A matéria, no que diz respeito ao mundo da matéria, existe em si mesma, pois, juntamente com o que chamam de 'matéria', o espaço tridimensional foi criado.

Penso que os vossos cientistas dizem que o mundo da matéria é ao mesmo tempo limitado e ilimitado, porque onde a matéria está, aquilo que é o espaço está, mas basicamente o espaço é uma coisa de consciência, de consciência que faz referência a si mesma. Isto é muito difícil de conceber. É por isso que ainda não têm, no vosso mundo, palavras que possam dar uma imagem verdadeira da composição do espaço, ou uma imagem quase verdadeira da natureza da vida. No momento em que tentam isto estão a criar sons diferentes e, onde a criação está em causa, o som está a trabalhar para criar ou para manter a matéria a criar-se a si mesma. Por 'som' não quero dizer aquilo que é 'Som' ouvido pelo sentido da vibração, mas que outra expressão podemos usar?

Aud.: Vibração?

Yada: Vibração é o resultado do movimento. O movimento torna-se então matéria — matéria tridimensional. Na vossa Bíblia cristã diz-se, 'No princípio era o verbo, e o verbo estava com Deus, e o verbo era Deus. Sim?

Aud.: Sim, está certo.

Yada: A palavra 'som'. Som é movimento, é matéria. Agora quero que, a qualquer momento, tudo o que eu disser que não compreendam e tiverem ideias próprias sobre isso, me corrijam, por favor.

Aud.: Yada, não quero com isto corrigir-te, mas há pessoas que pensam que o som existe apenas em relação a ser ouvido.

Yada: Sim, e isto é verdade, mas o 'som' de que falo nada tem a ver com o que o ouvido pode ouvir, mas com oitavas muito mais altas.

Aud.: Poder-se-ia classificar isto como sendo ‘ultrassónico’?

Yada: Sim, e um pouco mais, mas podem usá-lo assim para não complicarem demasiado as palavras.

Aud.: Yada, o mesmo se aplica ao movimento. O movimento é algo de que nós, através dos nossos sentidos, parecemos ter uma ideia. Para nós, claro, temos consciência do movimento como uma criação apenas na medida em que o podemos sentir ou medir. Mas estás a falar da matéria no início como movimento, ou como matéria para além daquilo que podemos medir.

Yada: Sim, e estas linhas de vibração — devo chamá-las ‘linhas’, ou talvez redemoinhos, ou ‘vórtices’? Estes criam o que chamam de filamentos ‘psíquicos’, ou ‘mentais’, ou estruturas em forma de teia, que, no seu campo particular de movimento, agarram pequenas partículas juntas — não realmente juntas, mas criadas ou formadas a partir destas linhas de movimento. Estou a ser claro?

Aud.: Sim. Os campos de energia estão a reunir vórtices.

Yada: Sim.

Aud.: O campo circular de movimento tem tendência a atrair outras partes de substância-mental para dentro dele.

Yada: Sim, agora veem a dificuldade em falar de forma puramente científica sobre o átomo. Não podem fazê-lo. Têm de, em algum ponto, fazer referência à criação a partir da abordagem metafísica. A visão de que o vosso mundo existe apenas em forma física, tal como a conhecem no vosso mundo, está encurralada no que diz respeito à criação. Sabem usar o que está à vossa volta, mas não conhecem a sua origem, e não conhecer a sua origem levou os ignorantes a todo o tipo de histórias fantásticas sobre deuses e demónios e o combate entre forças de luz e trevas. Este combate entre forças de luz e trevas é simplesmente um marcador em vários graus de condensação, ou expansão e formação em pedaços cada vez maiores. Penso que talvez, no vosso mundo, tenham aprendido a fazer um vácuo na medida em que conseguem obter um vácuo completo, que não é verdadeiramente completo, usando uma dessas máquinas que têm para fazer rodar.

Aud.: Centrífuga?

Yada: Centrífuga. Podem fazer rodar o espaço, e obter matéria dele, de quase aquilo a que chamam de ‘vazio’, fazendo-o rodar. Criam um movimento de vórtice numa dimensão que não é matéria, e trazem matéria dela.

Os vossos cientistas, mesmo nos vossos dias atuais, debatem se o universo veio de um grande átomo. A questão é, se fizerem esta pergunta,

‘Quão grande?’ Quão grande querem dizer? Como sabem, grande e pequeno são coisas, ou condições, relativas.

O que eu diria é que, de certa forma, isto é errado. Um nó daquilo a que se chama ‘matéria’ surgiu da não-matéria, ou de uma frequência diferente. Este nó tinha muitos, muitos (se quiserem medir) triliões de milhas de diâmetro, e era mais em forma de lente. Isto, depois de um certo tempo, começou a fragmentar-se. Fragmentou-se em anéis. Primeiro desfez-se encolhendo. O encolhimento não foi algo calmo, mas muito explosivo.

Depois, quando atingiu um tamanho muito menor, explodiu de forma muito violenta, criando o que se pode chamar de ‘estrela-anã’, ou sol. Estes anéis tornaram-se então sóis. Centros. Parte deles, soltando-se, criou corpos errantes que chamam de cometas. Esta formação de um sistema solar, e antes disso do que é chamado de galáxia, ocorreu durante séculos em diferentes pontos do que é chamado de ‘espaço’. Um movimento aqui no espaço afetará um corpo ali que pode estar a triliões de milhas de vocês, e criará um tipo de força psíquica que acabará por criar outro corpo se ele ainda não existir.

Aud.: Isto é através de harmónica?

Yada: Sim. Penso que os vossos cientistas dizem que o eletrão está presente em todo o lado. E está, porque o movimento de um eletrão vai ou atrair outro eletrão para si, ou criar um para o poder atrair. Um pouco mais tarde formará um sistema galáctico em miniatura. Este sistema galáctico em miniatura — podem chamá-lo de átomo. É muito semelhante ao sistema galáctico no reino cósmico. Compreendem?

Aud.: Sim. Parece que o padrão é praticamente o mesmo. A única diferença é a extensão dele.

Yada: Sim, só que—

Aud.: A forma para criar o padrão básico é a mesma. Difere em quantidade e em qualidade.

Yada: E relativamente diferente no que chamam de ‘tamanho’.

Aud.: Sim.

Yada: Voltamos outra vez à vossa Bíblia cristã. No princípio era o verbo, e o verbo estava com Deus, e o verbo era Deus. É como dizer: ‘No princípio era o bem, e o bem estava com o bem, e o verbo era o bem, bem significando equilíbrio.’

Aud.: Só pela perspetiva da palavra, poderias dizer ‘harmonia’ aqui, Yada?

Yada: Sim.

Aud.: E de harmonia, harmónicos. Tudo em equilíbrio.

Yada: Assim é. Portanto, de novo a palavra é ‘harmonias’. O que isto significa é o mundo da matéria. Sete oitavas criaram então catorze oitavas; catorze oitavas criaram então vinte e oito oitavas.

Aud.: Sabes, Yada, isto é importante para nós porque operamos com duas medidas. Uma chamamos de progressão geométrica, a outra de progressão aritmética. Sabes que tens o teu sete e catorze e saltaste para vinte e oito. Saltaste um passo aí ou foi um cálculo aritmético, 7, 14, 21, 28? Pode fazer diferença.

Yada: De muitas maneiras o que dizes é verdade porque de cada uma surgem setes e setes, e setes, e setes. Cada vez que sete é criado obténs multiplicações desses setes.

Aud.: Percebo. Fora do Ring-Pass-Not, isso é um tipo diferente de espaço?

Yada: É sim, é sim.

Aud.: Porque assim que se torna curvo torna-se espaço relativo. O espaço fora do Ring-Pass-Not é um espaço reto que é conhecido como ‘espaço absoluto’, enquanto o espaço dentro do Ring-Pass-Not é curvo, ou espaço relativo. O espaço relativo é curvo enquanto o espaço absoluto é reto.

Yada: Sim, e é no espaço relativo que a forma é criada — o que é chamado de ‘forma sensorial’. Compreendem?

Aud.: Sim. Isso seria o que chamarias de ‘protótipo da forma’?

Yada: Sim.

Aud.: E isso seria uma coisa estática?

Yada: Sim.

Aud.: E não entra em ação até o espaço se tornar relativo?

Yada: É sim. É muito difícil pensar nisso — não pensar nisso — pensar acima disso.

Aud.: Posso interromper aqui?

Yada: Sim.

Aud.: Gostaria de pedir ao Sr. Reynolds que me dissesse outra vez o que é um

Ring—Ring—

R.: Ring-Pass-Not.

Irene: Ring-Pass-Not. Nunca ouvi isto.

R.: Meade Layne costumava falar disto quando estava aqui.

Irene: Eu não compreendi do que ele estava a falar.

Yada: É isto.

Irene: Sim.

Yada: Onde aprendeste isto?

R.: Do livro da Dion Fortune, *The Cosmic Doctrine*.

Yada: Oh!

R.: Ela diz que há três anéis. Há o Ring Cosmos, o Ring-Pass-Not e o Ring-Chaos.

Yada: Isto é verdade.

R.: Mas estes têm triliões de milhas de diâmetro.

Yada: É sim. Muito difícil de compreender. O que estamos a falar aqui esta noite, suponho, não é para toda a gente.

Irene: Não acho que fosse possível falares de algo que fosse para toda a gente.

Yada: Não, penso que não. O que quero dizer é, não é para a mente leiga.

Irene: Sinto, Yada, que há montes e montes de material já compilado para a mente leiga, e quando a mente leiga estiver pronta para este material, teremos isso pronto para eles.

Yada: Sim, as vossas mentes mais científicas irão captar isto, e as vossas mentes científicas pensarão nisto mais matematicamente do que por palavras. Há uma coisa que, quando falam da natureza básica destas coisas, não podem falar delas em palavras. É isso que torna difícil falar assim. Não há palavras verdadeiras — não as criaram.

Aud.: Um vocabulário adequado.

Yada: Assim é.

Aud.: Yada, voltando ao protótipo da forma no espaço absoluto, não temos nós uma analogia disto na semente de uma planta?

Yada: Sim. Aqui está o segredo, se assim lhe posso chamar, das diferentes formas. Não há nada, no que diz respeito ao que o olho pode ver, na semente que se assemelhe ao que uma planta vai ser. Sabe cada pequena linha que irá criar para formar um tipo especial de forma necessária. Está até no padrão o que vai acontecer a essa forma. Já tem isto dentro de si enquanto ainda é uma semente. Dizer que está ali em pensamento não vos dá, naturalmente, uma imagem completa de como está ali, ou do que está ali.

Agora vem a formação dos planetas a partir deste grande ‘átomo’ ou massa de energia. Durante muito tempo — quanto tempo? Dizer mil milhões de anos — sete mil milhões e duzentos e cinquenta milhões de anos que levou o vosso sistema galáctico a surgir — não é compreender o que estão a dizer porque ‘tempo’ é uma coisa e ‘tempos’ é outra. Como vão medir o princípio?

Aud.: Penso que, para isso, teríamos de voltar atrás e determinar quando é que a substância-mente se originou em primeiro lugar, e isso é impensável.

Yada: É sim. Pode parecer que o sol é uma coisa e o homem, ou a vida aqui no vosso planeta, de qualquer forma, é outra coisa. Mas isto não é verdade falando disso de outra forma de pensamento. Diz-se que Deus deu o Seu Filho unigénito para que o homem não perecesse da face da terra. É isto que significa, da face da terra, pois sem o sol não poderia haver vida na terra.

No princípio era o pensamento. Se o chamarem de 'Deus' então não o conseguem compreender, e isso leva-vos a tentar divinizá-lo.

Aud.: Tentamos personificá-lo.

Yada: Sim, e isso leva à adoração, que é uma abordagem puramente emocional. O Iniciador, o Marionetista, não precisa que se prostrem perante ele. Tudo nele (que podemos chamar de semente da criação) já lá estava. Tudo o que acontece ou não acontece, tanto aos humanos como a qualquer outra coisa no mundo criado, já lá estava, no campo central, ou sol. Consciência que não tinha consciência de si mesma como sendo diferente, porque, se pudesse pensar sobre si, criaria dualidade, que foi o que fez ao criar a forma.

Aquilo a que chamam o animal humano é o corpo mais elevado e complexo que o pensamento criou. Criou-o desta forma específica em que o corpo humano é, para se tornar consciente de si mesmo. Para não ser apenas o pensador mas poder pensar sobre o pensador — isto chama-se 'consciência de si'. O corpo humano tem isto porque foi desenhado para isso ao longo de vastos períodos de tempo em que procurou encontrar o que se pode chamar de forma adequada para se moldar, e tudo isto é por causa do cérebro e da espinha. Sim?

Aud.: Parece que, ao desenvolver esta forma tão complexa, a mente também se desenvolve a si mesma, e à medida que se desenvolve, precisa de um corpo ainda mais complexo para se exprimir devidamente.

Yada: É sim.

Aud.: Então não parece haver fim para isto.

Yada: Está certo. No que é chamado de início da vida na terra, foram criados pequenos corpos chamados 'amebas'. Estas amebas tinham movimento pela luz. Na medida da luz era a capacidade de se moverem. Eram movidas pela luz.

Aud.: É isso a que chamam 'fotossíntese', Yada, ou é outra coisa?

Yada: Não, é isso.

Aud.: Então parece que a primeira sensação no corpo humano é o sentir.

Yada: Sim.

Aud.: E este 'sentir' é o que devíamos usar para desenvolver os nossos sentidos psíquicos.

Yada: Assim é.

Aud.: Posso fazer uma pergunta aqui? Pela palavra 'sentir' queremos dizer algo sensual ou queremos dizer um sentir psíquico?

Yada: Psíquico.

Aud.: E o sentido de sentir está no corpo há tanto tempo que se tornou profundamente enraizado na psique.

Yada: É sim, é sim.

Aud.: Então não queres dizer o sentir de 'pressão', mas o sentir de alguma outra força de energia.

Yada: Não, sentir é melhor. Não há outra palavra que dê verdadeiramente uma imagem. Mesmo hoje há poucas pessoas que sabem que se movem pelo seu sentir psíquico. Se soubessem isto, esse conhecimento permitir-lhes-ia desenvolver a capacidade de sentir exatamente a forma certa de se moverem. Isso traria qualquer coisa e tudo o que quisessem. Nada poderia resistir à atração deste sentido de sentir bem equilibrado.

Aud.: É isto que a alquimia tem como objetivo?

Yada: Sim, porque se torna na capacidade de transmutar sentimentos em química. Estou a ser claro, por favor?

Aud.: Sim, mas não é o principal objetivo da alquimia sintonizar as mentes consciente e subconsciente?

Yada: Claro, o que cria uma mudança muito subtil na química do corpo. Esta capacidade ou arte de cura é a parte central da capacidade do iniciado de trazer o seu eu animal apaixonado para aquilo a que se chama de Mente Crística, a Mente Total, ou como lhe queiram chamar, para que ele encontre a sua unidade novamente. É que ele é o Criador.

Aud.: E mesmo assim ele, por si só, não o faz.

Yada: Não.

Aud.: O UM EU nele é que o faz.

Yada: É sim.

Aud.: Podes dizer isto, Yada: no princípio a consciência não tinha consciência de si, mas através da matéria e das experiências tornou-se consciente de si como conhecedora?

Yada: Assim é.

Aud.: Se a consciência não tinha consciência de si, como poderia criar?

Yada: Não tinha consciência de si como criadora. Não pensava ‘eu estou a criar’. O pensamento era simplesmente expressão e, na expressão, o pensador recebia o que se chama ‘experiência’. Ao receber experiência, perdeu a consciência de si porque a experiência estava na criação, e perdeu-se na sua criação.

Aud.: E é quando entra no estado de Cristo que se encontra a si mesmo como criador e criação.

Yada: Assim é.

Aud.: Para entrar na Consciência Crística, temos de sintonizar a mente subconsciente com a mente consciente.

Yada: É sim, mas vejam, no momento em que o criado se torna consciente de que é o criador, deixa de ter qualquer consciência conscientemente (como entendem esta palavra) de estar a criar. Cessa imediatamente de estar consciente de que está a criar. Conhece-se apenas como o criador mas não como alguém que está a fazer a criação. Estou a ser claro? Isto é muito difícil mas é um ponto que temos de compreender.

Aud.: Yada, suponhamos que ele se apercebia de si mesmo como o criador, tudo pararia?

Yada: Não, porque a criação não é feita pelo que chamam de ‘consciência consciente’. Vejamos desta forma. Digamos que alguém está a pintar um quadro. Uso isto, claro, porque este homem sabe isto melhor do que de outra forma. Alguma vez se perderam na vossa criação? Enquanto escrevem, pintam, fazem música, quantas vezes se aperceberam de si próprios a fazer a criação?

Aud.: Sim.

Yada: Não muito frequentemente.

Aud.: Não muito frequentemente.

Yada: Estão sobretudo conscientes da criação. Não é assim?

Aud.: E quanto mais sentem a vossa criação, mais se perdem nela. Perdem a vossa autoconsciência, como que dizendo ‘eu sou Joseph’. Isso desaparece de vocês.

Aud.: Identificam-se com o trabalho que está a acontecer.

Yada: É sim.

Aud.: Perdem-se.

Yada: Sim, e por vezes de tal forma que perdem a consciência do vosso redor. A vossa consciência fica tão absorvida na vossa criação que perdem a consciência de si mesmos como sendo e fazendo a criação.

Aud.: Sim.

Yada: De forma maior, de forma maior, de forma muito mais intensa, isto é verdade para o criador que trouxe a vossa criação à existência. Foi isso que a tornou uma criação viva. O criador perdeu toda a separação de dualidade entre si mesmo e a sua criação. Ficou tão perdido na sua criação que lhe transmitiu tudo de si mesmo. É por isso que se chama uma criação inteligente.

Aud.: Se tocarem no pintor enquanto ele faz isto, ele sobressalta-se. Na verdade, é trazido de volta ao físico.

Yada: É sim. Ele perde a atenção, perde a consciência da sua criação e volta a ter consciência de si mesmo.

Aud.: E depois é muito difícil para ele voltar a entrar no sentir da criação outra vez. No físico, perde o contacto com a sua criação.

Yada: Porquê? Porque puxou toda a vida da criação de volta para si mesmo outra vez.

Aud.: Sim.

Yada: De volta ao centro. Na criação, o ponto é a circunferência, e às vezes a circunferência é muito grande e, quando se retrai de volta ao ponto, é muito chocante.

(Yada retira-se e regressa depois de um intervalo.)

Yada: Falei do criador voltar a estar consciente de si mesmo e já não estar consciente da sua criação, mas quero salientar uma coisa aqui. Não devem pensar que o criador se tornou consciente de si mesmo ou da distinção de género sexual. Isto não é assim, claro. Não tinha autoconsciência. Para haver autoconsciência tem de haver a capacidade de pensar sobre si próprio, e o eu tem de ser algo novamente diferente do pensamento. Estou a ser claro?

Aud.: Sim, Yada. Penso que poderias ter uma analogia, se me permites. Tens luz e sombras num quadro, e é assim que existe um quadro. Tens de ter dentro dele diferenças para que ele seja ele mesmo, e tem de haver um lado direito e um lado esquerdo, um positivo e um negativo, ou macho e fêmea, este tipo de coisa. É isto de que estavas a falar?

Yada: Sim, e assim perde realmente a consciência de si mesmo porque não há consciência no eu. Quando um indivíduo diz, 'Sou consciente de mim', está a falar do seu eu físico, emocional. Está a criar uma identidade. É como a diferença entre dizer, 'Eu sou' e 'Eu sou eu'. Só há consciência do 'Eu sou', mas não há 'Eu sou eu'. Não há identificação aí do segundo eu chamado eu. Estou a ser claro?

Aud.: Sim.

Yada: Isto, mais uma vez, é uma coisa muito difícil de entender para o sentido do 'Eu sou eu'.

Aud.: O Mark descreveu-nos, Yada, a condição em que se encontra quando tu assumes o controlo do corpo dele. Ele diz que está apenas consciente de ser.

Yada: Ser, apenas ser, sem nenhum segundo algo chamado ‘eu’. O nome do criador não é ‘Eu sou’, mas apenas ‘SOUM’. Quando entenderem isto, verão que tudo está a dizer uma única coisa — SOUM. É maravilhoso quando podem entender isto. Traz-nos menos sentimentos de preocupação e ansiedade porque, vejam, não há nada com que se preocupar. SOUM é o um e o todo. Este é o estado ou condição em que se deve entrar quando se fazem essas práticas no Yoga, o estado de SOUM. Perdem a personificação do seu segundo sentido chamado ‘eu’. Mas nesse estado, no estado de SOUM, tudo está em perfeito equilíbrio.

Aud.: Podes dizer, Yada, que no estado de ‘Eu sou’, como quando estás a pintar, não há sentido de ‘Eu sou’ ou de ‘ser’?

Yada: Sim. Quando criam o ‘eu’, criam a dualidade — algo chamado ‘eu’ e, em segundo lugar, algo chamado ‘a criação’.

Tudo é feito por energia. Aquilo a que os seres humanos chamam de ‘pensar’, mesmo na forma mais rudimentar, exige energia. Isto deveria dizer-nos que toda a criação é energia. Mas não gosto da palavra ‘energia’. Para usar energia, primeiro temos de ter ‘não-energia’. É assim. Energia, no que diz respeito às funções do corpo, é o bloco básico do que se chama de ‘pensamento’.

O pensamento, novamente, no que diz respeito ao mundo físico, são reações às experiências de cada um. Aqui começa o aprender do homem a pensar. Como registo eu o pensamento? É feito apenas através do cérebro? Penso que não. O cérebro, claro, é o início do pensamento, mas todo o corpo regista uma experiência. Cada órgão no corpo encara essas experiências de formas diferentes. Alguns têm efeitos negativos sobre os vizinhos ao terem certas experiências. Alguns diretamente no coração. Estas pessoas de sentimento do coração são também pessoas de pensamento emocional. Todos os órgãos do corpo registam uma experiência do mundo exterior; depois, mais tarde, experimentam-na de novo pelo que se chama de ‘atitudes’, atitudes interiores. Estas podem afetar qualquer dos órgãos de forma negativa e criar todas as diversas doenças a que o corpo está sujeito.

Claro, cada pessoa é um produto, em grande parte, do seu ambiente; de como foi condicionada lá; de como o ambiente a condiciona. Em qualquer direção — som, cor, seja o que for, tornamo-nos condicionados. É por isso que é tão difícil para nós falar sobre como o homem pensa. Claro,

a forma como os homens pensam cria para eles uma mente única chamada ‘mente de massa’. Não é assim?

Aud.: Sim.

Yada: O organismo humano não podemos falar dele em massa, naturalmente. Porquê? Uma das maiores razões é porque a vida não é vivida em massa. A vida real é uma experiência única, a experiência do sonhador, ou do criador dela. Um pensamento cria entre as células uma ação de energia que vocês, hoje, chamam de ‘chuveiro neuronal’, de modo que o sentimento depois repete esses chuveiros neuronais, ou ações, entre as células. Muitas vezes a memória de uma experiência torna-se mais eficaz no corpo dessa pessoa do que a própria experiência.

Aud.: Pensar muito numa experiência pode muitas vezes tornar-se mais prejudicial do que a experiência?

Yada: Sim, ou, em vez de pensar muito nisso, procuram esquecê-la; e ao tentar esquecê-la, alimentam-na e tornam-na pior se for uma coisa negativa para eles, e se for uma coisa positiva para eles, tornam-na melhor do que a própria experiência. Às vezes, uma pessoa ao ter uma experiência fica tão afetada por ela que não consegue dizer a verdade sobre ela, não tem uma imagem clara do que aconteceu. Uma pessoa, por exemplo, tendo uma experiência com uma coisa tão simples como isto — digamos uma pessoa a usar certas roupas ou cor de roupas que o deprimem, ele vai recusar-se a aceitar o facto de que estava com a cor de roupa que o deprimiu. Vai inventar uma cor, um tipo que lhe seja mais agradável. É por isso que testemunhas de algumas ações têm pouco valor. Foi cometido um crime. A pessoa que o vê abomina tanto a violência que pode criar um drama inteiramente novo que em nada se relaciona com o que realmente aconteceu porque quer fugir à pressão, à dor de ver essa violência. Estranho, nós humanos, de tantas formas!

Mais uma vez, algumas pessoas parecem compreender as coisas mais facilmente do que outras. Isto deve-se a um sentir pela experiência, um apego, um amor pelo que estão a fazer. Quando temos amor por uma coisa, tornamo-nos eficientes nela. Amar é conhecer, amar é compreender; e quando compreendemos, podemos trabalhar livremente nesse campo específico.

A maioria dos medos das crianças vem da sua incapacidade de compreender o que estão a fazer, por isso essa coisa torna-se um medo para elas. No momento em que compreendemos, os nossos medos desaparecem e tornamo-nos alunos maravilhosos nessa matéria.

Aud.: É por isso, Yada, que algumas crianças que não gostam, por exemplo, de aritmética ou de uma matéria que têm de ter, não a compreendem e dizem: 'Ah! Eu não gosto disto', e têm medo?

Yada: Sim, tens razão. Não a compreendem. Esta é a base do fracasso nas matérias. Não porque essas pessoas sejam mentalmente inadequadas para os estudos. São adequadas. É um medo que têm, baseado na falta de compreensão da natureza básica desses estudos.

Aud.: Se os professores entendessem isto mais, penso que estariam mais inclinados a explicar mais completamente aos alunos.

Aud.: Claro, mas como se faz isso quando cada professor tem tantos alunos? Não se pode dar muita atenção a um só.

Aud.: Eu sei.

Yada: O vosso mundo tem uma necessidade muito triste de professores. Quero dizer professores, não aqueles que são apenas educados em coisas académicas, mas pessoas que compreendem a natureza humana e como o humano pensa. Que coisa importante! Como pensamos. Uma disciplina, se não a compreendermos, pode tornar-se um aborrecimento para nós, destruir a nossa capacidade de aprender não só essa disciplina, mas qualquer outra, academicamente.

Aud.: Criamos bloqueios mentais, como lhes chamamos, Yada.

Yada: É verdade.

Yada: E rejeitamo-los, ou não queremos ter a dor de enfrentar aquilo que não compreendemos, por isso simplesmente deitamos fora e dizemos: 'Não compreendo isto e não gosto disto.'

Yada: É assim. Não é. Vejam, hoje há algumas crianças que estão atrasadas e outras que estão adiantadas, e vocês querem restaurar isto para uma condição normal, mas não é assim. Uma criança deve ter, ou um adulto deve ter compreensão da sua matéria, deve saber o que é, conhecer todas as suas partes para não ter medo dela. É só isso que falta para ter todas as crianças brilhantes.

Aud.: É preciso usar abordagens diferentes para cada indivíduo.

Yada: É assim. Agora, se continuarem a semear a semente do medo ao forçar uma matéria a uma criança, em pouco tempo ela vai adoecer porque procura fugir disso. Ao ficar doente, isso dá-lhe a desculpa, o que ela pensa ser uma desculpa legítima, para ter uma oportunidade de fugir da matéria. E posso dizer que isto é muitas vezes verdade nos adultos.

O tema da religião, a questão de Jesus, ou a história do Cristo — pode trazer e traz várias formas de doença ao corpo humano, mesmo àqueles que foram plenamente condicionados a acreditar que é assim. É apenas a consciência emocional inferior que acredita, porque o eu emocional inferior

pode pensar que acredita em algo sem saber. Isto é uma questão de aceitação, e a aceitação muitas vezes alivia muita pressão de nós.

Aud.: Isso alivia-nos de alguma responsabilidade de procurar aprender o que tudo isto significa.

Yada: Sim.

Aud.: Até compreendermos.

Yada: Sim, até sabermos, em vez de acreditarmos. Querem dizer-me algo?

Aud.: Não agora, Yada, penso que temos matéria suficiente em que pensar.

Yada: Joseph, queres dizer alguma coisa?

(...)

LaB.: Não, está bem assim, Yada, estás a dar-nos coisas novas em que pensar, e penso que é melhor não complicar mais.

Yada: É assim. Muito obrigado. Irene, queres dizer algo?

Irene: Bem, não é de grande importância mas, enquanto falávamos, lembrei-me de um programa que estava a ver na televisão. Um homem quis subir ao palco para cantar num concurso. Ele disse que tinha sido engenheiro (isto encaixa-se na categoria de amar o que se faz) e disse que tinha sido engenheiro durante bastantes anos, e estava esgotado. Compreendia o seu trabalho mas estava aborrecido. Uma manhã, enquanto estava à mesa a tomar o pequeno-almoço, o lixeiro passou e ia assobiando enquanto apanhava o lixo. O engenheiro virou-se para a mulher e disse: 'É isto que eu quero ser. É isto que ele faz agora. Ele é lixeiro, e canta e diverte-se imenso, e isto não exige formação académica, mas ele está contente por ser um apanhador de lixo.'

Yada: Isto chama-se 'paz de espírito'. Não é o que fazem que destrói a vossa paz de espírito; é a vossa reação ao que fazem.

Meus honráveis amigos, foi uma alegria para mim vir aqui falar convosco.

PALESTRA PARTICULAR #2
IMPRESSÕES SENSORIAIS

por Yada Di Shi'ite

Yada: Esta noite vou continuar a falar sobre a primeira sessão que tivemos, por isso volto às observações sobre o corpo como centro recetor a

receber o que se chama de ‘impressões externas’. Há muito fenómeno sobre isto porque todo o sistema nervoso — o que chamam de ‘os sentidos’ — recebe impressões por vibrações que criam vibrações semelhantes no sistema nervoso como, por exemplo, o som para manter uma conversa. Os nervos internos do ouvido traduzem vibrações sonoras em ideias, pensamentos, e fazem isto mais através dos sentimentos. Os sons criam um sentimento dentro desse corpo. Agora, se essa pessoa estiver condicionada de uma forma específica segundo o ambiente em que foi criada, os sons criarão sentimentos muito diferentes dessa pessoa do que os mesmos sons criarão noutra que foi condicionada noutro ambiente. Sim?

R.: Então, entendo que qualquer influência externa que uma pessoa experimenta se mistura com o que já está dentro desse ser humano.

Yada: É assim — a experiência externa agita tudo o que ele já é.

LaB.: Esse ‘tudo o que ele já é’ inclui apenas a experiência física, ou seja, a experiência cronológica, as últimas encarnações, digamos assim, ou vai ainda mais fundo, ao padrão de memória anterior, etc.?

Yada: Sim, vai fundo.

LaB.: A soma total de todas as experiências passadas.

Yada: Sim, e toca nisso em vários níveis. Muitos destes sentimentos que ele tem estão ligados aos padrões de experiência que teve em todas as vidas e dos quais não tem qualquer consciência. Para tornar isto claro — uma impressão presente pode chegar profundamente ao eu inconsciente (se podemos usar a palavra ‘subconsciente’ no seu verdadeiro significado), e trazer à tona, não padrões de memória como tal, mas—

R.: A soma dos padrões de memória.

Yada: Sim. Ele não sabe que teve estas experiências. Não sabe quais são estes padrões de memória. Não tem consciência disso per se, neste tempo, mas esses mesmos sons tocarão em vários sistemas de padrões de memória das suas vidas passadas e até esta vida, até ao momento presente, e depois para baixo, até à infância, atingindo padrões de memória da vida pré-natal. Quando falam uns com os outros, é como um grande músico a tocar em muitos tons chamados ‘harmónicos’.

LaB.: Acordes.

Yada: Sim, é por isso que falar, comunicar, é uma arte muito, muito fina e, quando estão a tentar comunicar, a tentar comunicar inteligentemente, são piores do que amadores e ofendem-se uns aos outros. É tão fácil fazer isto, por causa da falta de capacidade de comunicar inteligentemente. Falta de capacidade de criar sons inteligentes, harmónicos que seriam instrutivos para a pessoa com quem estão a tentar

comunicar. Não penso que nada disto seja ensinado nas vossas escolas — o que se chama de ‘a arte de comunicar’, ou ‘comunicação’. É assim?

LaB.: Bem, tentamos, mas possivelmente não com a ideia que tu tens, Yada. Vai fundo. É uma coisa bastante superficial para nós e usamos as imagens, os símbolos da linguagem para tentar chegar a outra pessoa, mas não com toda a compreensão que isso implica. Usamos a forma da linguagem tão corretamente quanto podemos. Tentamos ser exatos, tão científicos, tão analíticos, etc., quanto podemos se quisermos dar esse tempo. Mas na maior parte do tempo não damos essa intensidade, ficamos ao nível superficial. Usamos apenas a forma e tentamos transmitir a imagem o melhor que podemos apesar de tudo.

Irene: Temos o que chamamos, Yada, de ‘colégios internos para as pessoas de posses. Mandam os filhos para esses colégios internos e desenvolvem e usam o que se chama de voz ‘cultivada’, que é mais melodiosa e mais agradável ao ouvido, mas não penso que usem isso juntamente com a consideração por quem está a ouvir o que têm a dizer.

Yada: É isto que estou a salientar. É a falha da vossa civilização em — em —

LaB.: Em harmonizar.

Yada: Em harmonizar, obrigado, as vossas ideias uns com os outros. Este é o problema, o grande problema entre as nações. Os chefes de nações, em vez de tentarem realmente compreender porque não se compreendem uns aos outros, cada um sai com a ideia de forçar o outro a pensar à sua maneira, do seu jeito. Ora, isto leva a mais confusão, não resolve problema nenhum.

LaB.: Conluio, intriga e incompreensão.

Yada: É assim. Treinam homens e mulheres, eu sei, e penso que todas as nações fazem isto hoje em dia, para se tornarem no que chamam ‘diplomatas’. Sim?

Irene: Ele é um verdadeiro trapaceiro.

Yada: Vejam, isto é mau. É isto que quero dizer quando digo ‘mau’; é negativo e, por isso, produz resultados negativos. O diplomata não é treinado para entrar em harmonia com o que um diplomata de outra nação sabe, ou pensa que sabe. Isto conduz sempre a problemas, seja entre duas pessoas ou entre duas nações. As nações têm pensado que, se não avançarmos juntos, avançamos uns contra os outros.

R.: Na verdade isto são os dois extremos, mas há vários caminhos entre os dois extremos.

Yada: Claro.

LaB.: Às vezes não nos encontramos porque seguimos em linhas paralelas e nunca podemos alcançar-nos uns aos outros.

Yada: É assim, e encontram este tipo de coisa no mau uso dos pensamentos. É o mesmo entre duas pessoas. Só podemos dar da forma como aprendemos a receber, e não mais do que isso. Aqui há um aparente muro entre dois ideais, ideologias — comunismo e democracia. Nenhum destes tenta compreender o outro, mas ambos tentam forçar o seu modo de vida um ao outro. Não pode haver vida em paz e harmonia no vosso mundo atual entre estas duas ideias. Uma ou outra terá de desaparecer. Todo o discurso dos vossos políticos, dos vossos diplomatas, sobre viverem juntos, é ridículo. Agora, poderia ser feito. Poderiam fazer isto se se compreendessem; mas não se compreendem, não se compreendem.

(Yada retira-se e regressa depois de um intervalo.)

Yada: Agora começamos de novo. Penso que começarei por dizer que do que hoje parece para os seres conscientes ser 'nada', e que vocês chamam de 'espaço absoluto', veio a criação. Este início da criação começou por uma condição que chamaremos de 'pensamento'. Agora sabe-se no vosso mundo que a matéria é formada em padrões geométricos, e numa disposição muito específica do que se chama de 'partículas'. Estas partículas, no princípio, parecem sair do 'nada', mas isto é apenas aquilo que a mente humana pensa ser nada. Na verdade, podemos dizer com verdade que energia psíquica é matéria. Não diriam o mesmo?

R.: Uma forma de substância, mas não matéria física.

Yada: Não, e porquê? Porque os blocos de construção ainda não foram dispostos em qualquer padrão geométrico. São o que se pode chamar de 'energia livre'. Sem desenho, sem forma, por isso não é 'matéria'. Estou a ser claro?

R.: Uma forma de substância, mas não matéria física.

Yada: Não, porque porquê? Porque não há forma.

R.: Está perfeitamente claro, Yada; a única coisa é que temos de pensar nisso até conseguirmos compreender.

Yada: Infelizmente, isto é verdade. A minha dificuldade em contar esta história está em encontrar palavras compreensíveis.

Para mim, a matéria é uma superfície. A matéria é sensorial. À parte dos sentidos, não há palavra que possam dizer sem produzir matéria. Nenhuma palavra! No momento em que falam, criam vibrações, e essas vibrações tornam-se matéria. É aí que se diz com verdade que o homem cria primeiro pelo pensamento, pela projeção de pensamento chamada 'sons', e isto traz a matéria à existência, pelo menos no que diz respeito ao

homem, no que diz respeito ao homem como régua de medição sensorial. Compreendem?

R.: Penso que sim.

Yada: Deve ser sabido no vosso mundo que todas as formas, cada forma, é criada de acordo com uma fórmula muito específica, ou disposição, do que é chamado de 'átomos'.

Os vossos cientistas têm uma grande batalha entre si quanto à origem do universo. No que diz respeito ao ser humano como tal, é, no princípio, uma ideia. Depois, na sua produção, torna-se uma coisa dos sentidos, produzindo cor, som e o que chamam de 'mudanças em reações' no que toca aos sentidos, mas em si não há mudança no psíquico. A mente universal existe sempre, e por 'sempre' quero dizer que era uma ideia, e nada mais do que isso, e ainda assim, basicamente falando, não é mais do que isso. Ao produzir uma ameba, o protótipo sempre existiu. O protótipo de qualquer forma é, mais uma vez, uma ideia. Têm algo a dizer sobre isto?

LaB.: Até agora, tudo bem, Yada. Há uma coisa que posso dizer. Sabes que, na cosmologia escolástica, aquela parte da filosofia que trata da matéria, a matéria é explicada como surgindo da potencialidade. Quando mencionaste 'sem forma', sabes, foi como um reservatório…

Yada: Sim.

LaB.: Não tem forma, não é matéria, mas existe. Os filósofos escolásticos explicam isto como 'potencialidade'. Da potencialidade da matéria surgiu a matéria. Da ideia, surgiu a matéria.

Yada: É assim. Agora, um organismo vivo consciente pode sentir campos de energia como calor, radiação, radiação elétrica — este tipo de coisa — mas, vejam, tudo o que é sentido é um registo de pressões sobre o sistema sensorial, não é?

LaB.: Sem que a coisa em si seja afetada por a medirmos ou não a medirmos. E se alguém mede a intensidade do sol no equador ou no Polo Norte, o sol continua tão quente como sempre na sua própria atividade mas, em relação aos sentidos, estão a medi-lo de forma diferente.

Yada: É assim. Agora podem registar uma vibração de calor e chamá-la de queimadura, mas a vibração de calor em si não é uma queimadura. A queimadura é apenas um grau de pressão sobre o sistema nervoso.

R.: Aqui, de novo, não temos um exemplo da força externa a misturar-se com a força interna?

Yada: Sim. Dizemos que algo sabe bem ou mal, mas a vibração que criou essa pressão no que se chama de 'papilas gustativas' não tem qualidade de 'bom' ou 'mau'. Isto é um conceito aprendido do condicionamento das pressões nas papilas gustativas.

Agora, vocês — vocês, povo americano — vão para outro país, e oferecem-vos um certo tipo de comida, e rejeitam-na porque foram condicionados a um modo particular de saborear, ou aceitar o conceito de pressões nas papilas gustativas. Não é assim? Não existe tal coisa como um sabor em si. É apenas um conceito.

O branco é um conceito, que obtemos das pressões do que se chama de vibrações de 'luz e sombra'. Não é assim? Conforme fomos condicionados, os conceitos de luz e sombra são diferentes. Para outra pessoa que não tenha sido condicionada assim, luz e sombra serão diferentes.

Assim vemos que, enquanto há blocos de construção, tantos milhares de milhões deles que chamam de 'átomo', há um número infinito deles.

Os átomos são criados por arranjos destes blocos de construção, e um número muito específico deles forma a sua estrutura. Agora, se não tivermos cuidado, metemo-nos em apuros aqui, porque um átomo não pode ser dividido até deixar de existir ou até ao nada, porque tudo o que fazem ao iniciar esta divisão é continuar a criar menos — um menos. Estou a ser claro? Cada parte sendo uma, não importa quão pequena a tornem, não importa quão profundamente entrem no átomo, cada parte que chamam de 'uma' é feita de tantas frações de algo que chamam (…)

Yada: Sim, sim.

LaB.: Infinito?

Yada: Sim. Então, com este pensamento em mente, penso que posso dizer, com segurança e intencionalmente, que aquilo a que chamam 'matéria' é eterna; os blocos de construção em si mesmos não são criados.

R.: Dirias que vieram para a nossa forma de existência a partir de uma forma de existência diferente?

Yada: Sim, simplesmente de uma disposição diferente em que estavam antes, e aqui, o problema é uma palavra chamada 'movimento'. A matéria é, basicamente, movimento. Peguem em qualquer coisa, digamos, dos 'blocos de construção' que formam o que se chama de 'superfície', então o mundo da matéria começou. Agora, este início, ou o começo da criação, está a acontecer o tempo todo.

LaB.: Então, começa ou cessa apenas na aparência para nós; é apenas uma manifestação ou vibração diferente.

Yada: É assim. Agora, ao criar um organismo vivo, todo o plano, a coisa inteira, é um corpo real. Não vem de uma forma que se pareça convosco como são agora. Foi criada primeiro como uma ideia de forma.

R.: Não uma forma particular, mas forma em abstrato.

Yada: É assim.

LaB.: É essencialmente forma em essência.

Yada: É, mas em abstrato.

LaB.: Sim, em abstrato.

Yada: Esta primeira forma reuniu o que chamam de ‘oxigénio’ e ‘hidrogénio’, criando o que se chama de ‘névoa semelhante a água’. Um grau muito, muito fino de névoa. Depois atraiu para si substâncias como o que chamam de ‘azoto’, criando o que se chama de ‘gás’. Este gás fez um movimento rotativo, criando células neste gás — seres unicelulares. Este ser unicelular chamamos de ‘ameba’, que é, basicamente, uma enzima proteica.

Isto foi irradiado pelo sol, o sol sendo muito diferente do que é hoje; muito maior. Agora, esta ameba ainda não era totalmente um ser físico, mas recebia as suas ações vitais nos níveis superiores da atmosfera. Depois caiu para a terra em quantidades sem conta. Estes seres eram movidos pelas pressões da luz. Células quimicamente formadas que, ao se combinarem em quantidades ou qualidades específicas, tornaram-se inteligências vivas.

Isto foi o início da vida vegetal, que permaneceu dormente na substância rochosa da terra primitiva. Depois, recebendo mais calor, calor intenso, parecia ser destruída. Mas não! Este calor funcionou como uma força de incubação para estes seres, de modo que, quando a rocha arrefeceu, estes seres voltaram à vida, ou tornaram-se animados novamente.

Vejam bem. Os vossos cientistas hoje — tentam esterilizar os seus instrumentos. Há alguns organismos que conseguem continuar a viver sob as maiores pressões de calor, e quando estas pressões de calor são removidas deles, tornam-se ativos novamente, mostrando que não foram destruídos, não morreram. Não é assim?

Isto mostra logo que o homem nasceu do calor. O calor é uma forma do sol. O sol é a fonte de tudo no que toca à matéria, no que toca à consciência viva na matéria. Se não fosse pelo sol, nunca poderia ter havido existência física de qualquer tipo de vida.

Estou a tentar — ao dar estas palestras — estou a tentar encaixar as peças, por assim dizer, porque estou a trabalhar com — não tenho palavras abrangentes — por isso estou a usar o sistema do que se pode chamar de ‘saltar de um ponto para outro’.

No início desta névoa, foi criado um vórtice que se reuniu num centro muito específico. Ao princípio eram apenas linhas de força, e à medida que estas linhas de força trabalhavam sobre si mesmas, eram o que, de certa forma, chamaremos de ‘eletrões frios’. Agora, o que é um eletrão frio? Simplesmente eletrões que se moviam mais devagar do que hoje; muito

mais devagar do que em qualquer altura como a conhecem, ou como conhecem o tempo. Esses pedaços de energia enevoados, trabalhando sobre si mesmos, fizeram com que se atraíssem cada vez mais uns aos outros e criaram fricção sobre si mesmos pelo aumento constante da velocidade na sua frequência. Estou a ser claro? Este calor cada vez maior atraiu outros pedaços de energia para si. Isto lançou-os violentamente para fora e eles voltaram a juntar-se novamente, perdendo alguma energia nesta ação, de modo que se tornaram capazes de se manter unidos.

R.: O que chamas a isto de se ligarem?

Yada: Coesão? Obrigado. Então estes, perdendo o calor, e perdendo calor cada vez que isto acontecia, criaram corpos cada vez maiores até alcançarem um equilíbrio entre a sua velocidade de rotação e a perda de calor. Isto causou ruturas, causando a formação de diferentes vórtices, ou o que se pode chamar de 'nós' no espaço. Estes nós tornaram-se sólidos ao arrefecer.

O sol, como o veem hoje, tem muito poucos núcleos nele — em relação à matéria que contém. Quase toda esta energia foi para formar composições químicas que se formaram pelo processo de arrefecimento. O sol hoje é, em grande parte, hélio e hidrogénio. Muito instável. Talvez haja um décimo de um por cento de outras substâncias químicas no sol em relação ao que há nos planetas. É por isso que o sol não vai arrefecer e tornar-se um corpo morto ou um errante no espaço. É muito mais provável que expluda do que se congele ainda mais em matéria solidificada.

Irene: Alguma vez foi matéria solidificada?

Yada: Não.

Irene: Sempre esteve no estado em que está agora?

Yada: Sim. Simplesmente libertou as substâncias mais potentes, o que chamam de 'químicos', e tornou-se o que é agora — um corpo contendo muito poucos núcleos que formem um corpo sólido. Sabem se dizem isto no vosso mundo?

R.: Penso que dizem, Yada.

Yada: Alguns, penso eu, ensinam que o sol provavelmente vai arrefecer.

R.: Sim, penso que todos ensinam isso.

Yada: Mas não! Pelo meu estudo disto, não consigo ver isto a acontecer, mas digo que é provável que expluda.

R.: Sir Michael Faraday, no seu livro *The Evolution of the Universe*, diz o mesmo que tu — que o sol nunca é o cemitério dos planetas.

Yada: Não. Nestes materiais que formaram os planetas, quando estes estavam a arrefecer, havia coisas como o que chamam de 'meteoritos'.

Estes, cada um no seu modo particular de se mover, tornaram-se mais solidificados em massa, alguns tendo uma forma muito maior mas menos massa. Compreendem?

R.: Sim. Maior em tamanho mas com menos densidade.

Yada: Sim. Em cada uma destas substâncias pLaynetárias estaria o potencial para a criação de substâncias vivas mas, porque algumas delas foram criadas — os vórtices delas foram criados — tão perto do sol, estas substâncias vivas não conseguiram tomar forma, ganhar vida, tornar-se ativas; mas todo o potencial para isto ainda está nelas. É como o pequeno planeta, Mercúrio, demasiado quente.

Vénus tinha grandes nuvens de gases em seu redor, arrefecendo-o. Embora tivesse menos calor do que Mercúrio, ainda era demasiado quente para ter seres vivos como têm aqui no vosso planeta. Tinha seres vivos, seres vivos que podem existir nesse grau de calor. Depois vão mais longe até aos planetas exteriores, que não recebem radiação suficiente do sol, não recebem o que chamam de 'raios ultravioleta'. Este raio ultravioleta é a própria essência da vida. O raio de calor, o que chamam de infra —

R.: Vermelho?

Yada: Sim. Não o suficiente, por isso não têm seres vivos lá. Frio, mas por baixo deste frio, neste estado sub-zero, está vida latente à espera das possibilidades da temperatura certa para a animar. Imaginem o grande passo que foi destes começos até à vida inteligente aqui na vossa terra.

No princípio, a vida vegetal na vossa terra era profusa e crescia até grandes alturas em períodos de tempo relativamente curtos, e morria rapidamente. Havia uma reciclagem de substâncias vivas a surgirem e a desaparecerem. Esta terra esteve em tempos rodeada por uma tremenda capa de gelo. Agora suporiam que isto causaria uma condição de congelamento na terra, mas não; causava a maior parte da terra a ser como uma condição tropical.

Irene: Como é que os raios do sol penetravam nesta capa até à superfície da terra, Yada?

Yada: Oh, penetrava! Penetrava por radiação muito mais poderosa a chegar até à terra. Ainda não havia o que chamam de ionosfera. Havia uma atmosfera, mas a ionosfera não era tão densa como é hoje.

Irene: Pode ser que algum do calor viesse da crosta da terra?

Yada: Claro.

Irene: Porque a terra não estava solidificada como está hoje?

Yada: Tinha, dentro de si, todos os potenciais já para a criação de formas vivas. Calor interno suficiente ainda se infiltrava pela crosta exterior da terra para dar origem a formas vivas e formas mais fortes, mais

maciças do que as que existem hoje. Não só o homem floresceu e se tornou mais delicado, mas tudo o resto também.

Vejam as árvores que se tornaram petrificadas. São dos tempos mais antigos. Eram gigantescas. Tudo nesses primeiros tempos de criação era muito maior, mais forte, mas não durava tanto como hoje.

LaB.: O propósito disso era encontrar uma forma de expressão que fosse mais adequada para aquele género particular, Yada, para que a evolução chegasse a um ponto em que pudesse encontrar em si mesma uma forma tão perfeita quanto possível ou o máximo de equilíbrio em si mesma?

Yada: Sim, mas como poderia fazê-lo sem primeiro ter tido experiência? Experiência na matéria. Encontrar-se a si mesma.
O homem é uma palavra, uma etiqueta posta sobre uma quantidade desconhecida. Sob um certo aspeto, falando fisicamente, o homem é um animal, o mesmo que todos nós animais. O que o torna diferente apenas é esse potencial para pensar. Isto coloca-o à parte de todos os outros animais.

Irene: Yada, sobre este evento que aconteceu nos dias quatro e cinco (de Fevereiro de 1962), isto vai gradualmente condicionar os seres a exprimirem-se de forma diferente, mais inteligentemente do que antes? Isto é o condicionamento do mundo?

Yada: Não, não em si mesmo. O movimento dos planetas, ou o alinhamento deles, em si, não faria qualquer diferença nisto. É antes a atitude que os seres vivos têm em relação à mudança na emoção. Diz-se que os planetas, por si, não afetam nada, muito menos o homem.

Irene: É a atitude que o homem tem sobre se o planeta o pode ou não controlar.

Yada: É no seu sentir e registar que as mudanças acontecem. Ele cria tipos específicos de ideias sobre as mudanças nos seus sentimentos. Criam mudanças nos sentimentos.

Irene: Mas deve haver alguma coisa nesta ideia, Yada, senão não vejo como os signos do zodíaco—

Yada: Claro. Não digo que não haja. Estou a dizer que é desta forma. Há, claro, mas não da maneira que pensam, e pensar que os planetas em si fazem isto convosco — não! São os sentimentos que têm pelas mudanças de movimento e o imprimir destes sentimentos no vosso sistema nervoso que vos dá conceitos e ideias de diferentes tipos.

R.: A mesma influência terá uma influência diferente numa pessoa do que noutra.

Yada: Claro.

R.: Porque o interior da pessoa é diferente.

Yada: Claro. Ao dizer isto, o que estou a tentar salientar é simplesmente que o vosso destino não está nas estrelas, mas em vós, pelas vossas atitudes.

R.: Exato. Tudo o que nos chega dos planetas e constelações é uma influência, e são as nossas reações a isso que determinam se afeta ou não o nosso destino.

Yada: É assim, é assim. Afetamos o nosso próprio destino pelos conceitos que recebemos das influências das vibrações. Estas vibrações criam ideias dentro de nós e respostas internas. Se forem uma pessoa inteligente ('inteligente' significando capaz de pensar racionalmente sobre a vida) então as mudanças afetam-vos racionalmente. Caso contrário, afetam em conformidade. Vejam, por favor, o que aconteceu com as pessoas da Índia nos dias quatro e cinco de Fevereiro, e uma condição semelhante existiu entre muitas pessoas aí no vosso país.

Vamos, por um momento, ao assunto do que se chama 'mente e o mundo da matéria'. Penso que hoje o vosso povo está apreensivo. 'Apreensivo' é uma boa palavra, um estado da mente sobre a mente e o cérebro, e pensam que a mente faz parte do cérebro. De certo modo, é, porque a mente, em ligação com o cérebro, produz matéria.

A matéria pertence-vos para usar como consciência. Vamos ao mundo dos sonhos. Aqui, se estiverem a ter o que se pode chamar de 'sonho consciente', o mundo à vossa volta pode parecer bastante real. Isto não é matéria. A forma neste mundo de sonho não é matéria. É puramente mental. Agora, podem virar este mundo de sonho do avesso e tornar o vosso sonho numa condição física concreta, 'condição física' significando sensorial. Ao tornar um sonho sensorial também podem usar instrumentos físicos para fazer medições desse sonho exteriorizado e verão que é matéria e nada mais do que isso. Tem duração ou período de tempo para existir, e o seu período de tempo é medido segundo a taxa de construção e destruição dessa matéria. Não é assim?

R.: Sim.

Mais ainda, podem entrar noutro mundo chamado o 'mundo da morte'. Aqui, mais uma vez, este mundo é muito semelhante ao vosso mundo de sonho. É um mundo criado mentalmente; mas a diferença é que não está ligado ao cérebro, o cérebro sendo um organismo material, não é? Aqui, agora, estão a viver num mundo do que se pode chamar pensamento puro. Ainda assim, para vocês, é real. Tem a sua própria forma de 'realidade', tal como o sonho tinha quando era sonho. Quando o exteriorizaram e mediram o que chamam de 'matéria física', pertencia ao terreno. Era um mundo de energia cerebral. No mundo da morte, que é um

mundo apenas um passo além deste, é de pensamento puro. E qual é a natureza da substância que o mantém unido? Por falta de melhor palavra — sentir. Está claro para vós?

LaB.: Sim, Yada.

Yada: É uma coisa muito difícil de pôr em palavras. O sentir é a 'substância', a cola, que mantém a substância unida no vosso mundo de sonho.

(...) se houve uma mudança de sentir em relação à vossa criação nesse mundo, criam-se várias mudanças na estrutura, na forma, na cor, em tudo nesse mundo. É por isso que o estado pós-vida não é um estado permanente, tal como o estado físico também não é.

R.: Para entrar num estado permanente teriam de ir para a não-manifestação, não é?

Yada: Sim, sim, sem dúvida. Agora vamos dar (se me perdoam dizer isto) um passo maior para o mundo onde eu existo.

LaB.: Deve ser uma sensação e tanto, não é Yada?

Yada: Sim. É um mundo sem forma em que eu vivo; o que se pode chamar de mundo de pensamento puro. Não gosto da palavra 'puro'. Repulsa-me porque não vos dá uma imagem correta das condições existentes. Mas deixem-me dizer, sem forma quando não estou num estado de criação. Estou a ser claro?

LaB.: Estás num estado de ser sem —

Yada: Sem criar qualquer tipo de forma. Compreendem? Isto acontece no mundo físico, muito perto dele. Alguém encontra-se nesta condição quando está no que se chama de estado profundo de coma, ou sono profundo normal onde não há sonho algum. Sonhar é algo que está relacionado com um estado de consciência, ou consciência sensorial. Agora, vejam, se perdermos este estado de consciência, então não temos mundo de forma. Agora, os vossos cientistas dizem que o homem sonha o tempo todo enquanto está vivo, mas não se lembra dos sonhos ao acordar. Isto não é totalmente uma imagem verdadeira porque sonhar é algo relacionado com o eu consciente.

Irene: Estamos sempre a participar nesse sonho.

Yada: É assim. Estamos conscientes do 'eu sou eu', 'eu sou eu' e 'sou eu a fazer isto'. Onde eu estou, esta condição não existe. Estão num estado de condição absolutamente sem forma, sem qualquer consciência de vocês mesmos. No entanto, neste estado mais profundo de ser encontramos o nosso maior descanso. Não estamos perdidos, estamos apenas inconscientes. Por um momento, não surge dentro de nós qualquer sentir em relação a nós mesmos.

LaB.: Então não te expressas através do movimento?

Yada: É assim. No momento em que penso, 'Eu sou eu', isso cria movimento, imediatamente, e o movimento cria forma. Este 'eu sou eu' produz desejos — sentir de falta de realização. Mais uma vez, têm isto até certo ponto todos os dias; mesmo no vosso estado consciente diário retiram-se num estado de tédio do mundo à vossa volta e, ao fazerem isso, perdem o sentir de relação convosco mesmos.

O primeiro desejo produz forma. Não têm este desejo se, através do tédio, ele tiver sido destruído. Então não podem criar. Algumas pessoas entram neste estado quando fazem o que chamamos de 'morrer'. É por isso que é tão difícil contactá-las imediatamente. Entraram, antes de a morte acontecer, num estado de tédio, cansaço, exaustão. Vejamos as pessoas que estão a ficar doentes. Vão morrer. Muitas vezes perdem o desejo de criar, então adormecem. Retiram-se profundamente para dentro.

LaB.: De certa forma, Yada, pode-se dizer que ficam alheios à manifestação.

Yada: Sim. Agora, no retiro da consciência no que se chama de esforço para atingir Samadhi, é muito provável que alguém grite: 'Ó Deus, a escuridão passa sobre o meu rosto! Ó Deus, por que me abandonaste?' ou palavras nesse sentido — 'Deus' significando 'criação', a vontade, o desejo de criar. Há um momento antes de se alcançar a consciência consciente da vossa própria divindade, o vosso Centro de Luz (e isto é um estado muito agudo de criatividade) em que temos uma compreensão mais completa das relações de 'Eu sou eu'.

Não podemos deixar de perceber que nada nos pode acontecer para nos destruir. Não podemos ser destruídos, só podemos ter um afastamento da consciência do EU SOU, e isto é uma sensação tremenda de liberdade enquanto durar. É inútil perguntar quanto tempo dura para esta ou aquela pessoa, porque não há resposta para essa pergunta.

É deste estado de não-consciência que a Criação foi concebida, surgindo primeiro do desejo, desejo de se tornar desperto, consciente, consciente. Então, com a consciência, o Criador reconhece a sua criação, e o reconhecimento significa que ele é ela, e ele é dela. Não tenho forma de julgar como as mentes das pessoas aqui no vosso mundo conseguirão compreender estas coisas de que estamos a falar aqui. Não é da minha conta preocupar-me com isso, mas, porque sei que tu e eu somos um na Luz, tenho esperança de que haja uma compreensão disto que seja benéfica para aqueles que dela tiverem alguma compreensão.

R.: Achas, Yada, que neste ponto seria útil dizer-nos como, que passos poderíamos dar para chegar a este ponto, começando pelos princípios

básicos da psicologia e o efeito que os nossos pensamentos e a nossa fala têm sobre a nossa mente subconsciente?

Yada: Sim, penso que é da maior importância. Primeiro eu diria que só aqueles que estão, digamos, sinceramente desejosos de saber, de compreender a natureza do seu ser — este querer, isto é um passo tremendo. Isto é uma porta aberta. Não podemos fazer outra coisa senão aquilo que somos capazes de pensar, não é?

R.: Não.

Yada: Não. Então isto significa que, se queremos saber, vamos primeiro limpar as nossas mentes (...) matéria, a natureza da mente, do cérebro, e todas essas coisas.

R.: Suponho, Yada, que a melhor forma de fazer isso é simplesmente manter constantemente na mente o desejo de conhecer a verdade.

Yada: Esta é a resposta e a única resposta. Estar disposto a querer saber. Agora, de pouco serve qualquer um de nós dizer que quer saber se há algum bloqueio emocional dentro de nós que não nos permite realmente querer saber, porque quase todos esses bloqueios são, basicamente, medo. Medo nascido de um sentimento de insegurança, e certamente a insegurança não nos permite avançar.

R.: Isso forma um Ring-Pass-Not.

Yada: Sim.

LaB.: Às vezes temos isso dentro de nós ou trazemos isso de experiências passadas, talvez, mas ainda assim podemos ser doutrinados, treinados ou condicionados para essa situação.

Yada: Sim. No vosso mundo cristão são ensinados que não são responsáveis por criar. Vocês não fizeram isso! Isso significa que outra pessoa deve tê-lo feito. Ter sentimentos de culpa e vergonha não permite a alguém admitir na sua própria consciência que é responsável pelo mundo em que vive. Mas é a sua criação. Foi ele que o fez, mas se não consegue aceitar isso, como vamos abrir a sua mente? Não podemos fazer isso se ele mantiver a mente fechada. O que é necessário, penso eu, por causa de tais pensamentos como os que temos discutido aqui esta noite, é uma espécie de purificação dos medos inconscientes que não podemos carregar no mundo físico.

R.: Esse é o primeiro passo na alquimia.

Yada: É assim, é assim.

LaB.: Purificação.

Yada: Sim.

LaB.: Nesse sentido, podemos tentar tornar-nos puros, não moralmente.

Yada: Não, mas ainda assim significa ‘limpar por dentro’. Não podem colocar mais água num recipiente do que esse recipiente pode conter. Agora, se querem obter, não mais água, mas água fresca ou diferente, de qualidade diferente, têm de deitar fora alguma da água que tinham, caso contrário não podem acrescentar-lhe nada.

LaB.: Como Lao-Tsé diz: ‘Tendo-te esvaziado, permanece onde estás.’

Yada: É assim, porque não podem ir a outro lugar.

LaB.: Então, o que estás a tentar eliminar, Yada, são provavelmente imagens, imagens perdidas e qualquer conceção que tenham de si mesmos que não reflita verdadeiramente quem são.

Yada: É assim, mas não podem livrar-se completamente dos sentimentos de culpa porque devemos ter sentimentos de culpa, não em si mesmos, não como a expressão ‘culpa’ parece implicar. O que têm são ‘medos’ — não ‘culpa’, mas medos. Claro, então, de acordo com os sentimentos que têm sobre o assunto; obtemos uma qualidade adicional chamada ‘culpa’, mas é basicamente medo, e medo do desconhecido.

R.: Às vezes têm medo de saber.

Yada: Isto é o desconhecido.

LaB.: Isso é o desconhecido, então lutamos contra isso e dizemos: ‘Não aceito isso.’

Yada: E porquê? Porque temem responsabilidades que sentem não ser capazes de suportar. Este sentimento de não ser capaz de suportar é um sentimento de insegurança — incerteza quanto à sua posição.

Ao falar da vida, onde podemos começar? Onde está o princípio? Qual é a coisa mais importante a falar?

R.: De nós mesmos.

Yada: E isso é tudo, e isso é tudo.

LaB.: Isso — o Alfa e o Ómega.

Yada: Alfa, Ómega, é assim. O nosso princípio e o nosso fim residem nos nossos desejos. Quão grande, quão forte é o nosso desejo? Qual é a palavra francesa que o encolher de ombros pode expressar? Qual é essa em francês?

LaB.: Je ne sais pas. Eu não sei.

Yada: Je ne sais pas. Muito bem.

R.: Como dizem os espanhóis, ‘Quién sabe’. Quem sabe?

Yada: Quem sabe? Sim, penso que vou parar por agora. Voltaremos a estar juntos muito em breve. Foi um privilégio para mim vir e falar convosco sobre a coisa mais importante — vocês mesmos.

(Yada retira-se)

PALESTRA PARTICULAR #3

O SER HUMANO COMO CENTRO DE COMUNICAÇÃO

Por Yada Di Shi'ite

Yada: Esta noite a minha palestra será sobre o ser humano como centro de comunicação.

Como todo ser vivo que deve ter acesso ao seu meio externo, o humano tem o que se chama de 'sentidos'. Enquanto os seus sentidos são condicionados pelo seu meio, posso dizer que o seu meio é criado por si mesmo, pelos seus sentidos. Ele tem ainda outro mundo no qual vive mais firmemente, mais continuamente do que qualquer animal. A maioria dos animais inferiores vive muito mais para fora, muito mais no mundo físico. É o que se chama de seu 'instinto'. Seguem isto em vez de criarem padrões, digamos, na mente da espécie. Cada uma destas espécies de seres tem o que se chama de uma 'mente geral', e agem mais ou menos de acordo com essa mente e a sua natureza particular.

R.: A mente de grupo?

Yada: A mente de grupo, obrigado. O homem também tem isto, mas o homem tem algo mais e é difícil ter certeza de que este 'algo mais' é totalmente bom para ele, e isso é a sua capacidade de raciocinar sobre os seus atos; pensar sobre os seus atos e depois trabalhá-los, seja hoje, amanhã ou sempre que sentir que deve fazer algo a respeito.

Quando um animal tem desejo de fazer algo, ele age de imediato. Não há espera até amanhã ou até à próxima hora, porque este ato é controlado pelo instinto. Não há pensamento sobre isso, nem pLayneamento. Concorda?

R.: Sim.

Yada: Porque o homem é capaz desta coisa chamada 'raciocinar' e 'pLaynear com antecedência', ele também é capaz de viver em vários tempos diferentes, por assim dizer, ao mesmo tempo. Por exemplo, pensa em algo, e também pensa no futuro desse 'algo'. Normalmente esse 'algo' é ele próprio. Também é capaz de pensar em algo ou numa condição que já lhe aconteceu em algum momento do passado. Isto significa que pode voltar no tempo, ou olhá-lo agora.

Mas, por causa desta natureza complexa da mente no ser humano, ele torna-se sujeito a, ou posso dizer presa de, toda a espécie de condições negativas, como medos, medos de coisas que muito provavelmente nunca acontecerão. Aqui, neste momento, estamos nesta sala. Sentamo-nos juntos,

falamos juntos, e no entanto cada um de nós está, periodicamente, a não estar aqui de todo. Estamos mentalmente algures, e nestas excursões mentais da mente temos experiências que novamente criam toda a espécie de sentimentos — alegrias, riso, lágrimas.

Yada: A mente armazena estes pensamentos. Durante anos, a mente tem andado por aí, recolhendo todo o tipo de experiências, e guarda-as, pensa nelas, julga-as, e depois guarda tudo isso. Mesmo que volte a trabalhar sobre certos pensamentos, que os recupere e pense neles de novo, ainda assim armazena-os neste grande eu inconsciente — e guarda também o que fez com eles. Não é maravilhoso? É extraordinário!

Mas, por mais espantoso que seja, essa capacidade de funcionar assim, de fazer estas coisas, leva-nos muitas vezes à confusão quanto ao que está a acontecer no 'novo' ou em qualquer outro momento futuro, ou ao que aconteceu no passado. Porquê? Porque rejeitamos aquilo de que não gostámos, aquilo que não nos soube bem, aquilo que não se ajustou a nós — e, como não os conseguimos apagar completamente, colocamo-los o mais fundo possível no inconsciente.

Depois criamos pequenas histórias de fadas à volta disso, construímos pequenos pensamentos agradáveis. Ao fazer isto, tornamos agradáveis as coisas desagradáveis e, ao mesmo tempo, fazemos com que as coisas sejam o que não são. Estou a fazer-me entender?

R.: Sim.

Yada: É muito difícil para mim explicar isto. Não que pense que não têm a capacidade de compreender imediatamente. É que penso que a minha capacidade de o pôr em palavras não é muito boa.

LaB.: Podes não pensar assim, Yada, mas, se me é permitido dizer, acho que fazes maravilhosamente bem. Fico sempre maravilhado com a tua capacidade de falar em inglês, a sério.

Yada: Muito obrigado. Isso dá-me muita coragem.

LaB.: Digo-o com sinceridade.

Yada: É por isso que digo que me dá muita coragem.

Quando tenho dito no passado que o ser humano, por todo o mundo, está doente, não é tanto fisicamente, mas mentalmente. Isto é o que tenho dito.

O que quero dizer com isto — a mecânica da sua insanidade. O ser humano ainda não aprendeu a olhar para todas as suas experiências como apenas isso — experiências. Ainda não aprendeu a parar de embrulhar as suas experiências em sacos emocionais.

Não penso que ele vá aprender — esta clareza de consciência não virá à humanidade em massa. Nunca veio no passado, e olhando para o vosso

mundo hoje, que evoluiu de forma tão maravilhosa — o conhecimento técnico que têm — ainda têm muito pouca compreensão da psicologia da mente humana.

Alegria. Falemos da alegria, em contraste com o medo, ou com qualquer outra atitude mental considerada 'negativa'. Alegria! De pouco serve eu dizer que a vida é para a alegria, porque é óbvio que a alegria não é algo que exista por si só. Como podemos compreender verdadeiramente o que é alegria, se não soubermos o que é dor, o que é medo?

Mas, se isto é verdade, significa que o medo tem o seu lugar na vida, e a vida é qualquer coisa que façamos mentalmente. O medo tem o seu lugar.

Agora, eu disse — e vocês concordaram — que o medo, a ansiedade, a culpa, a vergonha, assim como a alegria, a paz de espírito, a felicidade… se tudo isto pertence ao mundo dos homens, então temos de perguntar a nós mesmos:

Por que razão estamos a tentar eliminar estas coisas?

Pode-se dar mais alegria do que medo a outra pessoa? Pode-se dar mais felicidade do que tristeza? Não verdadeiramente. Não consigo imaginar alguém ter felicidade completa e contínua.

Em que consiste a felicidade?

A verdadeira essência da felicidade é um estado de ser dentro de si próprio — e tê-lo, independentemente do que nos acontece — pois felicidade é paz de espírito.

O que vos acontece chama-se 'experiência'. E haverá algum momento em que se possa ter uma experiência que não contenha dor?

Especialmente se ainda não se aprendeu o ato de desapego emocional. Ser capaz de observar e testemunhar, ou de viver a experiência sem se envolver emocionalmente. É muito difícil, porque o mundo físico exige das formas vivas um sistema nervoso, e toda a experiência — até o não fazer nada — é uma experiência que cria pressões sobre esse sistema nervoso.

O simples esforço de procurar alimento, nos tempos modernos, pode criar — e cria — pequenos medos secretos e incertezas sobre se vamos ou não conseguir o que procuramos.

O esforço da comunicação sexual e os tabus intermináveis que quase todas as sociedades colocam sobre o sexo, desde os aborígenes da Austrália até vós neste país, criaram e impuseram sobre o sexo um preço enorme que o indivíduo tem de pagar.

É uma coisa natural — para o homem, o sexo.

Manter-se aquecido e abrigado cria dentro de vós, mesmo que tenham muito dinheiro, um medo inconsciente de não conseguirem realizar coisas

normais, coisas para as quais nasceram. E pagam o preço disso com doença do corpo e da alma.

Educação. Que preço se paga sobre o sistema nervoso!

Não sei qual a percentagem estatística de crianças que, nos seus primeiros anos de escola, ficam tão excitadas, tão receosas de falhar nos estudos que acabam por arruinar a visão — e o médico insiste em dar-lhes outros olhos, óculos — quando na verdade o que precisam é que o medo da vida lhes seja retirado de vez em quando, reduzindo as tensões que criaram por causa da ansiedade de aprender.

O vosso preço de sucesso para os altamente educados no que chamam de ‘mundo dos negócios’!

O vosso mundo dos negócios é um mundo de insanidade para a maioria dos homens, na sua corrida frenética por aquilo a que chamam de ‘ganhar a vida’.

E não é só ganhar a vida — são obrigados a ganhá-la melhor do que o vizinho, e como a maioria destas pessoas altamente educadas nunca aprendeu sobre o desapego emocional, quase todas acabam com quê?

Úlceras, doenças cardíacas, pressão alta — o que chamam de ‘hipertensão’.

Aprendi há muito tempo que aqui no vosso país, e certamente também noutros países, fazem-se ‘recolhas’ para combater uma infinidade de doenças — quando na verdade só há uma doença: a doença do eu emocional. Porque não fazem um estudo sobre isso?

Uma criança é constantemente alimentada com histórias de que tem de ter sucesso financeiro ou será um marginal.

O corpo humano não pode tolerar este tipo de coisa!

Não consegue ‘ir com isso’!

De pouco serve estudar condições cardíacas e o que fazer sobre elas. Devem antes investigar como não chegar a tê-las.

R.: É que dá mais dinheiro fazer o contrário, Yada.

Yada: Claro. Compreendo isso. Até os que fazem a investigação acabam vítimas de ataques cardíacos, de hipertensão.

Digo-vos, meus amigos: ensinem os jovens a honrarem-se a si mesmos acima de tudo, e ensinem-nos lentamente a não terem medo de falhar.

Ao mesmo tempo, ensinem-nos a colocar o coração no que fazem, ou no que lhes é dado a fazer — que o façam pelo amor de o fazer, e por nenhuma outra razão.

Então não só terão sucesso, mas um sucesso saudável.

Viverão mais tempo.

Uma vida longa de nada serve se tiver de ser vivida em sofrimento.
Ensinem-nos a amar o que fazem — ou então a não o fazerem.
Se continuarem como estão hoje, pessoas a cair mortas, a sofrer de rins, diabetes, tudo o que se possa imaginar — mesmo que descubram uma cura para doenças cardíacas, isso não impedirá que elas apareçam.

Façam investigação sobre a paz de espírito.

Reeduquem a mulher para ser companheira do marido — em vez de quê?
Alguém a quem ele tem de dar, e dar, e dar — senão ela não é feliz.
Ela entra num estado de frustração emocional se não tiver o que a vizinha tem.

Como pensamos!
Dizemos uma coisa com a boca e pensamos outra com a mente.
Falamos de amor uns pelos outros, mas usamo-nos mutuamente para a nossa conveniência.

Vou parar de falar por um momento agora.
(Yada retira-se)

Yada: Então regresso. Desta vez começo com o que podemos chamar de memória genética.
Penso que já ouviram falar disso?

Irene: Sim.

Yada: A memória genética é o que nos transmite coisas que pertenceram aos nossos pais e avós.
Muitas vezes, isto é a origem de muitas coisas maravilhosas — como os génios da música e da arte — mas também é a causa de corpos doentes, de fraquezas genéticas dos nossos antepassados que nos foram transmitidas; também é causa de distúrbios mentais que temos hoje, medos de nós próprios como fomos no passado distante — medos relacionados com o meio à nossa volta e os nossos sentimentos sobre esse meio, captados geneticamente e transmitidos de geração em geração.

Que instrumento delicado é o corpo humano!
Como a mente é moldada pelas experiências passadas!
Como o corpo é afetado pelas fraquezas genéticas do pai e da mãe!

Podem dizer que a vossa ciência moderna afirma que poucas doenças são herdadas. É isso que dizem os vossos cientistas?

Irene: Herdamos uma tendência, ou uma fraqueza que se desenvolve na doença.

Yada: Sim, sim.

Irene: Li um artigo, não há muito tempo, sobre este assunto, que dizia que os cientistas estão agora a aprender a manipular os genes e os

cromossomas de modo a que o indivíduo que herdou determinado padrão de comportamento da mãe ou do pai possa ter esse padrão interrompido.

Yada: Claro.

Não só herdamos essas tendências, como mais tarde elas são reforçadas; somos mentalmente condicionados a ter uma doença que os nossos antepassados tiveram.

Ele adquiriu isso através dos seus pequenos medos e fobias, e depois, nos genes e cromossomas, passou-nos isso adiante.

É por isso que é tão difícil curar duas pessoas com a mesma doença usando o mesmo tratamento.

É por isso que é tão difícil para o psiquiatra chegar à raiz do problema — à causa psicológica.

Não foi nesta vida da pessoa que ela criou este tipo de doença.

É um reflexo do que o pai teve, ou o bisavô teve.

A única maneira de curar uma doença é não deixá-la acontecer, e a forma de evitar que aconteça é ensinar a verdade ao filho daquele pai que sofreu a crença errada.

Estou a ser claro?

LaB.: Sim. Faz sentido, Yada.

Yada: Sim. Digo que isto se deve aos vossos ensinamentos falsos, todos eles, no total, todos os ensinamentos. Não os ensinamentos em si, mas a maneira como são ensinados. Vocês criam medo. O homem está aberto para aprender tudo e qualquer coisa, e todas estas coisas deveriam fazer-lhe bem, deveriam trazê-lo ao equilíbrio, mas em qualquer uma destas coisas ensinadas há a regra do medo. Todas se tornam prejudiciais para nós.

Irene: Nós próprios, às vezes, criamos comportamentos nos nossos corpos pelas experiências passadas que ficam impressas em nós. Penso então, Yada — não me lembro de ninguém do lado materno ou paterno da minha família que tivesse problemas respiratórios ou pulmonares como eu tive, mas durante toda a minha infância e até agora tive isso, então, evidentemente, criei esta doença eu própria.

Yada: Vou dizer-te, se não te importares, o que a causou. Na tua família, a tua mãe era muito mais incerta e insegura do que os teus dois pais. Ela sofria de mais medos falsos e ideias erradas sobre o que era e o que não era, do que o teu pai alguma vez sofreu. O teu pai era um homem inclinado para a quietude e a paz. Era um homem de bondade e tolerância. A tua mãe, com os seus medos e incertezas, impôs ao teu pai muitos dos problemas dele.

Irene: Não duvido disso, Yada.

Yada: Não gosto de dizer isto, mas quero expressar com verdade o que é, e ela passou-te essas mesmas coisas.

Irene: Um sentimento de insegurança?

Yada: Sim, desconfiança. Vejo pela tua vida, e vejo que o que disse é verdade. Eu sei, e nós do Círculo sabíamos, muito antes de conheceres o Mark, que queríamos-te para este trabalho. Na verdade, tudo o que fizeste e sofreste ajudou a fazer de ti a escolhida para este trabalho, além de seres esposa do Mark.

Infelizmente, como muitas pessoas no vosso mundo hoje, o teu ambiente foi muito mau no que toca à verdade. Terias sido muito pior se não tivesses tido o homem que tiveste por pai. Mais ainda, é duvidoso que estivesses viva hoje, se o teu pai não estivesse convosco como crianças, ou se tivesse sido de outra forma de pensar, mais parecido com a tua mãe.

Irene: Sim.

Yada: Claro, não podemos realmente culpar ninguém senão nós mesmos.

Irene: Sabes, Yada, isso é muito verdade. Penso que as experiências que vivi ajudaram a preparar-me para ser útil neste trabalho, e sou grata por isso. Posso olhar para muitas coisas que aconteceram na minha juventude, e, ao recordar a experiência, isso ajuda-me agora a ser compassiva com outro que esteja a passar por algo semelhante. Mas tens razão quanto à minha mãe e ao meu pai, embora eu pensasse que tinha tido uma infância muito amorosa, mas nós dizíamos a verdade com medo. A minha mãe ameaçava-nos constantemente e, se disséssemos a verdade e ela não quisesse aceitá-la, batia-nos na mesma. Eu temia isso e odiava-o. Eu opunha-me a isso. Sentia que ia explodir, às vezes ficava tão zangada com isso. De qualquer forma, estava a pensar, enquanto falavas sobre os genes e os cromossomas e as influências dos pais no comportamento da entidade que chega, que há muitos desses comportamentos que nós próprios criamos.

Yada: Claro. Nós ou acrescentamos à fraqueza ou força genética, conforme o caso. Acrescentamos para trazer equilíbrio ou desequilíbrio. Uma das coisas mais profundas que descobrimos é a razão de termos nascido nessa família em particular — para podermos ter tido as experiências que viemos aqui para ter.

Irene: Foram o que precisávamos, quer gostássemos ou não.

Yada: É assim.

R.: Yada, quando uma pessoa no plano espiritual vai reencarnar, há algo que ela possa fazer para ajudar a escolher os pais?

Yada: A maioria de nós não faz uma escolha consciente. Voltamos a nós próprios ao mundo físico por vontade, principalmente por desejos não realizados da vida passada, da vida anterior. Ainda não superámos a necessidade interior de nos expressarmos na matéria; por isso somos, pelos nossos desejos, inconscientemente e contra a vontade, puxados de volta ao mundo físico. Quando digo 'contra a vontade', é porque se soubéssemos o que teríamos de sofrer novamente, não o faríamos — porque, ao saber, vê-se através da falsidade disso. É isto que quero dizer com 'saber'.
Agora, há muitas pessoas que ouvem dizer que pela experiência sabiam que estavam a fazer mal, mas fizeram-no novamente. Não sabiam que estavam a fazer mal. Não sabiam porque, ao saberem que estão a fazer mal, faz-se o certo — mas pensaram a um nível emocional, um nível emocional, e pensaram que aquilo era o certo a fazer. Pensaram isso porque não tinham compreensão do desapego emocional. Foram puxadas para isso emocionalmente.

R.: Deviam aprender desapego emocional.

Yada: Sim. Não é assim que, quando condicionamos a nós próprios para o prazer de alguma coisa em particular — comida ou outra coisa qualquer, o que quiserem — e esta coisa em particular começa uma ação negativa no corpo, então sentimos — talvez pelos nossos próprios sentimentos sobre isso, ou porque alguém nos disse — que isso nos está a fazer mal; então paramos, ou seja, paramos a expressão física, externa, mas não continuamos a fazê-lo na mente durante bastante tempo depois de o termos parado fisicamente? Ficamos presos e puxados mentalmente pelos nossos desejos não realizados. Não os esgotámos; não os vimos pelo que são.

R.: O desejo é a causa do primeiro movimento da não-manifestação para a manifestação, e é a coisa mais profunda que se pode imaginar.

Yada: Claro! É assim, é assim. Sabendo isto, podem ver a imensidão da dificuldade que nós humanos temos em nos controlarmos relativamente às coisas que desejamos fazer, coisas nascidas do desejo.

R.: Como a nossa Bíblia Cristã diz: 'Aquele que vence a si mesmo é maior do que aquele que toma uma cidade.'

Yada: Claro! Ou o universo inteiro! Sim, porque aquele que vence o seu eu inferior conquista o universo, torna-se o Mestre. É por isso que temos ensinado sempre o controlo emocional. Nunca dissemos que era fácil.

R.: Não. Nunca te ouvi dizer isso.

Yada: Porque, como disseste, senhor, o desejo é a mais dinâmica das nossas forças criativas, a mais dinâmica.

LaB.: Posso interromper aqui por um momento, Yada?

Yada: Sim.

LaB.: Não quero afastar-me demasiado do tema, mas se a mente humana se expressa através de desejos, e esses desejos estão dentro de nós e não encontramos uma forma de os expressar por alguma razão, qual é a situação nesse caso?

Yada: Esse desejo, dependendo do grau de sinceridade e do sentimento interior profundo, armazenado no eu inconsciente, será trazido novamente em algum outro período de tempo, quando puder ser posto em ação, posto a trabalhar. Um dia, manifestar-se-á em atividade. Nascerá. Uma vez iniciado um desejo, ele nascerá. A mente é o útero do desejo. Ele nascerá. É por isso que, sabendo isto, o desejo é algo que não se pode menosprezar, nem podemos fazer alguém sentir-se pequeno pelos seus desejos. Devemos ter fé, ou não temos espinha; somos como uma alforreca.

Penso que agora vos vou deixar.

PALESTRA PARTICULAR #4
A PERSONALIDADE HUMANA

Por Lao-tse

Lao-tse: Cada dia é um novo ano, e temos a esperança — mesmo que nada mais tangível do que isso — de que seja um dia feliz para nós. Um dia feliz, um dia que traga paz de espírito, pois só quando a temos podemos dizer que estamos a viver uma vida feliz. Paz de espírito. Assim, a felicidade encontramos apenas em nós mesmos.

LaB.: Então porque é que nos tratamos tão mal?

R.: Ignorância.

Lao-tse: Está certo. Essa é a resposta: o nosso não saber qual é o nosso lugar. Só isso já nos traz medo; o medo traz-nos dor, e a dor é certamente infelicidade.

R.: Então podemos ser gratos quando ela pára.

Lao-tse: É quando as coisas param que ficamos em dúvida. É experimentar o auge da alegria para a consciência humana quando ela sai de, e se afasta da manifestação; quando pára de construir formas.
Venho esta noite falar-vos daquilo a que se chama ‘a personalidade humana’. No mundo material não vemos a personalidade. É uma quantidade desconhecida para nós. Um bebé, ao entrar no mundo, não está, a princípio, consciente de si mesmo. Precisa de ter outras experiências antes de poder tornar-se uma personalidade consciente.

R.: Nessa fase, antes de poder tornar-se consciente de si, não está consciente de nada além das impressões do exterior?

Lao-tse: Sim, e com o passar do que chamam ‘tempo’, vai reunindo essas experiências e tem reações internas a elas — e por essas respostas e reações internas a sua própria personalidade se desenvolve.

Para ter uma personalidade terrena totalmente integrada, o ser que chega precisa de perder a consciência das suas experiências passadas, tanto no mundo espiritual como das memórias de vidas na Terra em tempos anteriores.

R.: Mas essas experiências passadas não estão debaixo da superfície?

Lao-tse: Sim, estão lá, mas raramente essas experiências vêm à tona, ou a personalidade se torna consciente delas.

R.: Usa essa experiência automaticamente?

Lao-tse: Sim. Assim, nos primeiros períodos da sua vida, a entidade baseia muitas das suas atitudes perante as experiências do mundo em memórias passadas antes de aqui chegar.

LaB.: Existe um ‘descondicionamento’, para usar um termo moderno, um processo que faz com que a pessoa esqueça essas memórias? Porque, se ela chega à Terra sem memória das experiências, como bebé, e já as teve antes de reencarnar, como as perdeu?

Lao-tse: Pelas experiências daqui que se sobrepõem, encobrem, bloqueiam as memórias de ter vivido no passado. As memórias que ele tem usa-as como algo para relacionar com as experiências que tem aqui; e quando não encontra nada no inconsciente para relacionar com uma experiência que está a viver agora, instala-se o medo — e na próxima vez que se defronta com a mesma experiência, o medo volta. Até ser capaz de enfrentar uma experiência, ou aquela experiência específica, sem medo, continuará a sofrer. Então, deve aprender pela experiência qual é a natureza daquilo que lhe está a acontecer, perdendo assim o medo, pouco a pouco.

Se não houver nada com que se relacione, só há uma maneira de lidar com uma experiência: fugir, esconder-se — ou, se não se pode fazer isso fisicamente, constrói-se uma espécie de muralha mental, seja para fingir que não está ali, que o que está a acontecer não está a acontecer, ou para transformar o que está a acontecer em algo menos ameaçador para a nossa sobrevivência. Faço-me entender?

Irene: Sim.

Lao-tse: Já faz muito tempo desde que vim falar através deste homem. Estou cheio de alegria por poder vir novamente à vossa casa.

Voltando à personalidade: permitam-me usar Lao-tse como exemplo daquilo de que estamos a falar. Seguramente, nós que pensamos não

podemos acreditar que a personalidade humana é uma coisa estática — mas sim constituída por fluxo, mudança, movimento. Assim sendo, considerando isto verdadeiro, que o ego está em constante mudança, não posso agora ser o mesmo Lao-tse que partiu da Terra há mais de quinhentos anos, pois não?

LaB.: As tuas experiências também te mudaram, não mudaram?

Lao-tse: É assim. São as nossas experiências, e as nossas atitudes em relação a elas, que nos mudam constantemente. A consciência individual nunca é a mesma de um período de tempo para outro; portanto, quando morremos, no momento em que partimos do mundo físico, estamos ainda a ser transformados. Então, quem parte? Lao-tse? Seguramente que não! O Inominável parte; pois até a experiência da passagem provoca uma tal mudança em nós que já não somos mais o mesmo que viveu no mundo físico.

R.: Isso não é mau, Lao-tse, desde que melhoremos.

Lao-tse: Essas são palavras de sabedoria. Falo deste tema para o benefício daqueles que comunicam com os que partiram do mundo físico. Aqueles que não são devidamente educados para saber o que estão a fazer criam mais problemas para si mesmos. Eu conheço-me, mas nenhum outro eu me conhece. E há muitos — um vasto número — que não se conhecem; por isso não podem saber quando estão vivos ou mortos.

A palavra ‘morto’ tem dois sentidos. Um significa ‘inconsciente do mundo físico’. O sentido mais profundo da palavra ‘morto’ é ‘ignorância’, ‘não saber’. Para nós, humanos, é extremamente difícil comunicar os nossos pensamentos uns aos outros, mesmo aqui — no mundo físico.

A comunicação é verdadeiramente uma arte. Não é algo que adquirimos ao nascer, mas temos o potencial que devemos desenvolver — e precisamos, estando as coisas como estão no mundo físico, de artistas para nos ajudar a desenvolvê-lo. Encontramos, no mundo para além do mundo da matéria, as mesmas condições existentes: a falta de capacidade para comunicar.

Enquanto usar palavras como método de comunicação é muito difícil, no mundo além da matéria o pensamento é o meio de comunicação. No entanto, como fomos condicionados a falar no mundo físico, a maioria de nós continua com esse hábito de comunicação no mundo espiritual — a falar, embora não se crie som. O som é suposto porque fomos assim condicionados. Pelo menos durante algum tempo continuamos essa comunicação oral uns com os outros. Diz-me, já alguma vez ouviste palavras saírem dos lábios de alguém com quem estavas a falar num

sonho? Já alguma vez reparaste no movimento da boca? E, no entanto, parece conversa.

R.: Parece real.

Lao-tse: Sim.

R.: Desde que pareça real, não importa se está lá ou não.

Lao-tse: Claro que não importa. No mundo físico parece que ouves uma série de sons vindos de lábios. Chamas a esses sons ‘palavras’, mas recebes palavras? O ouvido, o sistema auditivo, recebe palavras?

LaB.: Recebe vibrações, ondas sonoras.

Lao-tse: Sim.

LaB.: Que, por sua vez, têm de ser percecionadas. O instrumento do ouvido, assim como o do olho, recebe apenas um tipo de impulso ou ondas de energia, ou vibrações, mas para dar sentido a isso tens de reconstruir, por assim dizer, interpretar.

Lao-tse: É isso mesmo. Aqui está a dificuldade na comunicação.

LaB.: Certo. Só podemos operar a partir do limite das nossas experiências.

Lao-tse: Assim é. E há também o sentimento que recebemos das palavras. Sentimentos emocionais e impressões que colorem as palavras; tornam-nas importantes ou não; assustadoras ou encorajadoras.

LaB.: Em inglês isso chama-se ‘conotação’, penso eu.

Lao-tse: Sim.

PALESTRA PARTICULAR #4
A PERSONALIDADE HUMANA

Por Lao-tse

LaB.: As palavras em si têm o seu próprio significado. Chamamos a isso ‘denotação’. A palavra denota algo, mas não tem aura à sua volta, um sentimento, uma cor, algo que na verdade não está ali, mas assumimos que está.

Lao-tse: Agora, algo mais. Estamos a falar ao ‘nós’ visível ou não será antes ao ‘nós’ invisível?

Irene: Ao invisível.

Lao-tse: Ao invisível; ao que se chama ‘consciência’, a mente. Não estamos a falar com o corpo.

Recebemos impressões de fora do corpo, mas não estamos a falar com o corpo; não estamos a comunicar com nenhuma parte do eu físico. Estamos a comunicar através dele, mas não com ele. Faço-me entender, por favor?

LaB.: Sim, muito claro.

Lao-tse: Aqui, mais uma vez, por acreditarmos que estamos a falar com o corpo, dizemos que estamos a falar com aquilo a que se chama, a que se dá o nome de 'Joseph LaBonville'. Eu não posso estar a falar com Joseph LaBonville. Eu não conheço Joseph LaBonville. Não tenho forma de reconhecer tal condição como Joseph LaBonville.

Falar não é apenas comunicar os teus sentimentos mentais, mas também os sentimentos do corpo, porque o corpo é um canal por onde o pensamento flui e se expressa. Se eu sentir, se o meu eu-corpo estiver doente, então a minha resposta às tuas palavras será de uma forma; se eu estiver bem, será diferente. Se estiver mentalmente alerta, então as minhas respostas às tuas palavras são diferentes. Se eu estiver apático e receber apenas uma pequena quantidade de perceções de si das tuas palavras, então posso dar de volta apenas uma pequena quantidade.

Irene: Perceções de si foi o que disseste?

Lao-tse: Sim, 'perceções de si. Na nossa comunicação uns com os outros, estamos a comunicar através do sistema emocional e, dependendo da sensibilidade dele, recebemos muito, muito pouco, ou nada do todo da nossa comunicação uns com os outros.

Se eu disser: 'Acho muito difícil controlar o corpo deste homem', o que significa isso para ti? Consegues compreender o verdadeiro significado de comunicar através de outra consciência, controlar e comunicar através de outro corpo?

Irene: A única imagem possível que poderíamos formar seria a partir do que já nos explicaste, e da nossa capacidade de traduzir aquilo que nos estás a dizer.

Lao-tse: Sim, e mais uma vez, explicaste que Lao-tse está a comunicar convosco, mas qual Lao-tse? O Lao-tse de há 500 anos ou mais?

LaB.: O Lao-tse de agora.

Lao-tse: O Lao-tse deste momento, nem sequer o Lao-tse de ontem, mas o Lao-tse de agora.

Irene: Agora é o único tempo.

Lao-tse: Sim, e estou eu a comunicar com um Joe LaBonville de ontem? Não. De agora. Sim?

LaB.: Isso mesmo.

Lao-tse: Porque ontem foi diferente em experiências — não apenas de tipos diferentes, mas criando atitudes diferentes em ti do que poderias ter agora.

Irene: Isso diz-me algo do que Yada disse mais cedo esta noite. O tempo tem algo a ver com isto — não poderias ter dito a Joe LaBonville

ontem o que lhe estás a dizer esta noite, porque ele não seria o mesmo Joe LaBonville e não poderia compreender da mesma forma.

Lao-tse: Sim, obrigado. Era tudo o que querias dizer?

Irene: Queria perguntar-te se isto é o factor que governa o motivo pelo qual não disseste a Mark, ou não lhe deste o capítulo que tinhas mencionado que querias ver incorporado no livro.

Lao-tse: Sim, por isso tenho adiado, porque tenho meditado precisamente sobre as coisas de que estou a falar agora.
O Lao-tse de há 500 anos não está a meditar sobre este assunto, mas o Lao-tse presente está. Pensei em dizer-lhe a razão, embora não o tenha feito. Acho que o alimento que devemos procurar é compreender a vida em níveis mais elevados. Isso é importante. Devemos saber o que é e o que não é. Devemos aprender a pensar nas coisas e a criar novas ideias.

LaB.: Para isso, Lao-tse, se quiseres comunicar com outra pessoa, poderias usar símbolos em vez de palavras.

Lao-tse: Sim.

LaB.: Às vezes não temos palavras suficientes para exprimir adequadamente algo para nós próprios.

Lao-tse: É verdade, mas posso dizer — e vais reconhecer logo — não é que não tenham palavras suficientes. Não têm as palavras certas, palavras inteligentes. Têm palavras sem fim.
Precisam de novas palavras quando começam a pensar em níveis mais elevados sobre qualquer coisa. A comunicação em níveis inferiores não é comunicação verdadeira. É libertação de pressões em nós mesmos, simplesmente libertar pressões. Quando subimos a níveis mais elevados de comunicação, não é apenas libertar pressões, mas criar pressões variáveis, pressões que não são as mesmas.

LaB.: Isso seria para que pudéssemos compreender ou sentir-nos mais confortáveis ou mais harmoniosos?

Lao-tse: Sim, porque nesses níveis mais elevados, os nossos pensamentos levam-nos a emitir sons que são menos dolorosos porque estão livres, na maior parte, do medo e da ansiedade — é por isso que se encontra a ação mais dolorosa nos níveis inferiores de comunicação. Compreendes? É algo que desejo muito que entendam.

Vejamos por este lado: se ainda estiveres no mundo de crenças supersticiosas sobre a salvação da tua alma, a palavra ‘pecado’ é uma palavra muito dolorosa. A palavra ‘morte’ é uma palavra muito assustadora porque ligas a partida da tua alma a um julgamento numa consciência superior. Usemos a palavra ‘pecado’ num nível mais elevado, onde pecar é cometer um erro, errar por não saber. Aqui a palavra não é dolorosa; além

disso, ensina-nos muito. Estamos mais abertos. Estamos mais livres nesse nível.

Irene: Vocês, membros, têm dito que devíamos ser gratos pelo pecado, ou pelo erro que cometemos, pois é através deles que podemos crescer mais. Não ter medo deles, mas apreciá-los.

Lao-tse: Sim, e a palavra 'pecado' instila medo no nosso eu emocional e cria dor e sentimentos de culpa.

LaB.: Pode parecer paradoxal, mas parece que, se formos usar uma linguagem — e nós, claro, estamos aqui encarnados e temos de usar símbolos para exprimir pensamentos de níveis mais elevados — aparentemente não temos vocabulário ou meio adequado para expressar esses pensamentos. Agora, vocês, professores do Círculo Interno, são professores da Luz e, sem dúvida, são capazes de comunicar em níveis mais elevados; mas, ainda assim, quando comunicam connosco, têm de usar meios físicos que são inadequados para exprimir as vossas ideias. Agora, poderiam ensinar-nos as palavras que seriam adequadas para expressar essas ideias mais elevadas, para que possamos não só usar as palavras como rótulos, mas como visão para os níveis superiores com os quais tentamos identificar-nos?

Lao-tse: Lamento, não posso usar um vocabulário diferente ou palavras diferentes daquelas para as quais estão condicionados a compreender. Mas penso que o que diria ajudaria a fazer-vos ter medo das palavras em vez de ajudar-vos a pensar nas palavras em níveis mais altos do que aquele em que têm pensado; a compreender o que é, em vez de criações de desejo e fantasias causadas pela forma como foram ensinados em todos os tipos de assuntos.

LaB.: Muito obrigado, Lao-tse, pela tua luz, pelos pensamentos bondosos e pelo teu maravilhoso esforço para nos trazer este conhecimento.

Lao-tse: Obrigado. Quero continuar este tema e aprofundá-lo noutra altura.

R.: Que a luz se estenda sobre ti.

LaB.: E que se reflita de volta para nós.

Lao-tse: Não pode ser de outra forma. Também nos tornamos uma luz uns para os outros. É, de facto, na Luz que venho e permaneço convosco. Boa noite.

PALESTRA PARTICULAR #5
É PERIGOSO NASCER

Por Yada Di Shi'ite

Yada: É muito difícil falar através do corpo físico. Quem nasce no mundo físico acha muito difícil viver de forma equilibrada no seu veículo físico, por isso, na minha palestra de hoje, penso dar-lhe o título 'É Perigoso Nascer'.

Desde o momento em que se entra no mundo da matéria, é uma luta. O esforço inicial para respirar é uma dor. Ser expulso da nossa posição confortável, relativamente segura, no corpo da mãe é uma dor, tanto para a mente como para o corpo.

Ao longo de milhares de anos de observação do mundo físico, não há segurança numa vida física. O homem vem para cá sem qualquer desejo consciente de vir para a matéria. Só depois de uma forma humana ter surgido através do processo da evolução é que o homem se encontrou a si mesmo — quero dizer, tornou-se um ser consciente — e, ao tornar-se um ser consciente e seguir o padrão de vir à Terra em diferentes encarnações, desenvolveu a capacidade de desejar conscientemente voltar ao mundo da matéria. Mas, mesmo assim, com o seu desejo agora consciente de vir para a matéria, ainda assim perde a consciência ou a noção de que, individualmente falando, quis que assim fosse.

Não sabendo como chegou aqui nem como chega aqui, continua a atribuir — digamos, a culpa ou o crédito — ao Deus que criou. Haverá um tempo em que o homem deixará este tipo de tolice. Virá conscientemente para o mundo, manterá o conhecimento de onde veio, de modo a saber e terá uma melhor compreensão do que fazer quando estiver aqui no mundo físico. Enquanto nascermos cegos, sem esse conhecimento da nossa origem, nada podemos fazer para mudar a nossa posição aqui.

Um: Como pode essa consciência ser trazida?

Yada: Isto virá individualmente e, com o tempo, será trazido do mesmo modo que o que chamam de 'evolução do corpo'. (…) virá a evolução da mente.

Um: Achas que teremos professores que ensinarão isso em massa?

Yada: Oh, sim! Será transmitido em partes que ajudarão a despertar ainda mais o homem, não só quanto à sua origem, mas ao que deve fazer enquanto está aqui e ao que foi numa ou duas vidas antes da presente, para que seja capaz de criar conscientemente padrões inteligentes nesta vida assim como em cada vida seguinte. O conhecimento do que foi antes não será perdido, para que saiba onde retomar, onde fazer reparações, e fará um esforço para corrigir os possíveis erros que cometeu.

Irene: Imagino que as formas ortodoxas que temos de ensinar agora ficarão então obsoletas.

Yada: Claro. Terão de ficar obsoletas, pois no momento em que o homem desperta conscientemente para si mesmo através deste conhecimento, assume a responsabilidade pela sua própria existência; enquanto antes era uma criança cega, agora começará a ser um adulto. Não há muito tempo, no vosso mundo, houve um homem que escreveu um livro chamado *Childhood's End*. Um título maravilhoso, pois referia-se à mente infantil a chegar ao fim no ser humano, para que ele se torne conscientemente um adulto por ter memória do que procurar no futuro. Terá aquilo a que se pode chamar uma navegação mais clara e uma viagem mais directa. O problema — e o maior problema do homem no mundo da matéria — é precisamente esta falta de saber o que é.

Cada vez que volta ao mundo, encontra-se de novo num vazio, por isso não pode fazer mais do que agir como um animal, pois fisicamente é um animal de uma espécie diferente das outras, e é só isso. Até obter esta maior compreensão, esta luz maior sobre o que é, o mundo não vai melhorar na relação do homem com o homem. O seu semelhante não vai melhorar. Haverá guerras e ameaças de guerras enquanto o homem, um ser físico perdido na ignorância, se inquieta. Não pode fazer de outra forma, pois, na busca do que tem de fazer, desenvolveu o que se pode chamar de uma espécie de raiva, uma raiva psicológica contra a sua cegueira.

Irene: Por não saber o que é?

Yada: É isso mesmo. É como alguém ser colocado ou entrar numa sala totalmente estranha e completamente escura. Tem, apesar de si mesmo, um medo tremendo do desconhecido. E o que é o desconhecido? Ele mesmo! Durante milhares de anos, aqueles que se tornam conhecidos como sábios, ou homens sábios da vida, têm tentado advertir os adultos, os discípulos, os estudantes, os buscadores: 'Homem, conhece-te a ti mesmo.' Esta verdade foi repetida tantas vezes que, no presente, perdeu o sentido, porque dizer a alguém para se conhecer não faz com que essa pessoa se conheça.

Irene: Ele não tem forma de saber como começar a conhecer-se.

Yada: Claro que não! É assim mesmo. O único bem que esta expressão realmente faz ao buscador individual é apenas sugerir-lhe que há algo sobre si que ele não sabe, que há um lado maior em si. Só com esse conhecimento muitos foram muito ajudados, porque, de certa forma, sugere-se que há um objetivo a alcançar, algo para caminhar em direção a, para lutar por. Mas, vê, este conhecimento não é suficiente. Se fosse, um número muito maior de pessoas que entraram no mundo ter-se-iam conseguido despertar do seu sono pelos próprios esforços, e teriam conseguido despertar outros. Mas, até agora, ninguém consegue despertar

outro porque aquele que está a dormir não pode compreender um ensinamento que o ajudaria a sair da escuridão. Não pode saber nada disso. Tudo o que pode fazer é aceitar a palavra que lhe é sugerida de que há algo maior do que o que aparece à superfície. Há pessoas entre vós que estão a tentar ensinar outros, mas essas pessoas, não tendo posto em uso ativo o que aprenderam, não conseguem realizar nada.

Eu mesmo já disse, em muitas conversas com pessoas aqui na Terra, que o primeiro passo para despertar para o que são é o controlo emocional. Agora digo: sem dar este primeiro passo, ninguém pode dar o segundo passo. Pois que parte de nós, humanos, é a ignorante, que anda na escuridão? O eu emocional inferior, que às vezes chamamos de 'o burro', o eu animal. Tantas pessoas que me ouviram falar sobre o controlo das emoções não tentaram praticá-lo. É culpa delas não terem tentado? Não, porque a quem está um professor a falar quando fala com as pessoas?

Está a falar ao eu ignorante, ao não aprendido. Se já estivéssemos instruídos, não precisaríamos de professor; por isso é ao nosso lado ignorante, ao nosso lado adormecido, ao nosso lado cego que o professor tenta comunicar. O professor agora deve ser mais explicativo sobre o que significa 'controlar as suas emoções'. Como fazes isso? Qual é o primeiro passo para isso? O primeiro passo é pensar. Praticar pensar antes de agir. Pensar quando estás diante de uma situação. Pensar sobre o que está a acontecer. Pensar no que essa situação realmente consiste, em vez de dar expressão ao teu poder emocional cego de pensamento ilusório.

Sem estudar a situação, esperamos ilusoriamente que não seja o que parece à superfície, ou que seja mais do que parece à superfície. Quando o animal em nós está em alta, temos tendência a saltar para conclusões sobre as nossas experiências. Devido à forma como fomos mentalmente condicionados, imaginamos de forma infantil, esperamos de forma infantil que essa situação não seja o que parece ser. Queremos que seja outra coisa; queremos que seja algo diferente.

Por exemplo, vejamos o que chamamos de 'morte' de alguém. Somos mergulhados primeiro numa grande dor, grande sofrimento pela perda — a perda física de alguém com quem estivemos intimamente ligados até à nossa perda. É preciso dizer que isto é uma condição natural, uma tendência natural? É verdade, mas para aqueles de nós que pensam, nós, no nosso pensar, chegámos a saber que a morte não é o que parece para o olho não treinado.

Sabendo isso sobre nós como seres humanos, sabemos que também é verdade para todas as outras formas de vida. A morte não é o fim. É apenas o início de outra condição, outro mundo, uma continuidade. Aqueles que

acreditam na continuidade da consciência humana, infelizmente talvez, foram condicionados a outro tipo de pensamento. Pessoas muito boas, mas não verdadeiros pensadores. Devido à formação religiosa que nos foi dada, assumimos que aquele que morre será ou grandemente recompensado nesta outra vida ou muito castigado, atormentado.

Agora, ambos estes pensamentos são infantis, pois raramente sou eu quem vai ser punido ou atormentado depois da morte — mas és tu. É sempre outra pessoa. Este pensamento apenas acrescenta mais dor e tolice ao primeiro pensamento de que perdi um ente querido. Tudo isto é puro emocionalismo. É o eu inferior a pensar — ou melhor, a não pensar. É simplesmente desejo. Não sabe, e essa mesma mente não desperta vai dizer a outros quão grande e maravilhoso é Deus, o Deus diante de quem o seu ente querido vai estar. Se acreditassem nisso, teriam alguma dúvida na sua mente sobre a grande felicidade, o estado de grande alegria deste que partiu?

Mas vê-se que não acreditam nisso. Por causa da nossa culpa e sentimentos de vergonha em relação a nós mesmos e ao Deus que criámos, empilhamos histórias de fadas em cima de histórias de fadas, uma em cima da outra. Quando compreendermos que todas as coisas com vida sobrevivem à morte da estrutura física, e que essas coisas se movem no seu nível particular de consciência e auto-consciência, perderemos os sentimentos de dor e tristeza pela perda do ente querido.

Yada: "Então, tens alguma objeção a isto?"

R.: "Não."

Yada: "Todo o universo é um universo vivo. Tudo nele está seguro onde está, não importa onde. Tudo está a passar por uma experiência, uma experiência em forma, uma experiência com forma. Quando digo ‘tudo’, refiro-me à ÚNICA COISA chamada ‘consciência’, chamada ‘mente’, chamada ‘consciência de si’. A consciência EU SOU manifesta-se em infinitas variedades de forma."

A.P.: "Eu sou isso; eu sou isso; EU SOU ISSO..."

Yada: "Assim é. Cada coisa é formada, cada vida que toma forma faz com que essa diga ‘EU SOU’, depois acrescenta ‘árvore’, ‘animal’, ou digamos, ‘planta’, ‘homem’, ‘peixe’, ‘ave’. Está a dizer ‘EU SOU AQUILO, EU SOU A REALIDADE’.

O que é realidade? A forma do momento, a experiência do momento, AQUILO EU SOU. Onde existo senão no momento? O que me pode acontecer, a mim, consciência, no meu momento de expressão? Nada. Nada que se possa chamar perigoso. Apenas uma experiência.

Agora, se chegarmos a compreender isto, saberemos que isto é uma experiência. Não é bom nem é mau. Está simplesmente a dar-me, a mim, consciência, uma consciência mais plena do meu SER-EU-SOU, e é só isso. É só isso no que diz respeito à experiência, mas há um aprender o que somos na nossa experiência e obtemos esse aprender pela nossa capacidade de tomar atitudes perante as nossas experiências de forma equilibrada, de forma desperta, de forma mais desprendida, de forma mais inteligente. Tudo passa. A única lei fixa e imutável é a MUDANÇA."

R.: "Mesmo isso varia."

Yada: "Há uma variação infinita nas mudanças, sim. Uma condição estática é apenas estática no seu quadro temporal, e não vai mudar até que esse TEMPO mude e isso não vai acontecer até essa altura. O tempo é uma sensação, uma sensação do que sou no meu momento de experiência, e eu, o criador desta experiência, se sentir o que se chama o 'bem-estar' da minha experiência, contentamento, paz de espírito, vou tentar estender esse tempo em que estou a ter essa experiência. Vou tentar prolongá-lo, prolongá-lo, mantê-lo o mais estático possível. Mas, se não gosto, falando agora emocionalmente, vou mudá-lo imediatamente. É demasiado doloroso. Não quero agarrar-me a isso. Não vejo que, mesmo na dor, estou a aprender algo de grande valor. Estou apenas preocupado com a monotonia da dor.

Tudo o que tem um sistema nervoso de qualquer tipo, mesmo a forma mais baixa, não pode deixar de sofrer, ou sentir a intensidade de certos tipos de pressões, mas por vezes o sistema nervoso de um tem maior capacidade para tolerar a dor; ainda assim, o mais pequeno movimento que um corpo é chamado a fazer produz uma medida de dor. Mais ainda, ficar completamente imóvel acaba por criar pressão insuportável suficiente para obrigar alguém a mexer-se, só para mudar de posição. Todo o vasto mundo humano é um mundo de dor, um mundo de pressões que cada um de nós sente. Medimos isso — o sistema nervoso mede isto como graus variados de dor."

Irene: "Mesmo quando sentimos que estamos a desfrutar do prazer, ainda assim sentimos que é dor?"

Yada: "Sim. Não é então medido como aquilo a que chamam 'dor'. É, por um tempo limitado, chamado 'prazer'. Mas o maior tipo de prazer, e só podemos saber o que é prazer, ou o que é dor, individualmente. Não podemos dizer a outro o que sofremos, quer de alegria quer de dor. O maior tipo do que alguém regista como prazer pode eventualmente tornar-se dor, digamos, se não for nada mais do que a monotonia que surge em cada ação,

o que nos obriga a tomar outro tipo de ação para fugir à monotonia desse caminho.

O homem tem um grande impulso natural. É o impulso de se reproduzir. Na maioria dos casos o ser humano, como animal, não está a pensar em reproduzir-se. Está apenas a pensar no prazer, o prazer de tentar reproduzir-se. Mas durante quanto tempo pode ele desfrutar desta alegria antes de o corpo perder a capacidade de permanecer nesse estado de prazer? É a única grande alegria natural do homem. Muitas vezes resulta em reprodução embora, como disse, ele não esteja a pensar nisso. Não o deseja e não consegue sustentá-lo, o corpo não consegue sustentá-lo durante muito tempo. O corpo não consegue tolerar a intensidade do clímax por um período muito longo."

(Yada retira-se e regressa após um intervalo)

Yada: "É perigoso nascer no mundo físico? Isso depende inteiramente de como compreendes a vida. Para que estás aqui? Para onde vais daqui? Regressas aqui? Acreditar nestas coisas é tirar o medo de nascer. Devemos ser ensinados a saber conscientemente que estamos seguros, que não podemos ser destruídos, que toda a existência de qualquer tipo depende dessa maravilhosa lei chamada MUDANÇA.

O buscador, quando é sincero, acabará por conhecer a resposta a estes pensamentos, a estas questões.

Tenho ouvido muitas conversas no vosso mundo de várias raças de pessoas, sobre renascimento, reencarnação. Alguns, e talvez mais particularmente os indianos, acreditam que o ser humano pode, e muitas vezes volta, como um animal de algum tipo. É por isso que têm vacas sagradas, porque acreditam que o corpo da vaca está animado com o espírito de algum santo. É também por isso que vivem na imundície entre os vermes sem, pelo menos exteriormente, se preocuparem com este estado. Isso leva-os a ignorar a imundície e, assim, a sofrerem por causa dela. A sífilis começou originalmente da relação sexual do homem com animais e falta de saneamento, a falta de conhecimento de higiene. Muitas tribos de pessoas, mesmo hoje, não associam as relações sexuais ao nascimento de um bebé. O resultado desta ignorância é permitirem-se relações sexuais com qualquer organismo vivo que lhes possa proporcionar prazer sexual.

Agora, quanto ao ser humano, ou à consciência que, através do processo de evolução, criou o que agora chamamos de forma humana. Pode, em certas condições, regredir e encontrar-se de volta no corpo de um animal feroz. Mas isto só é provável de acontecer se alguém, em vidas repetidas, recorrer apenas ao prazer através de desejos animais, produzindo

ações como o sadismo e o masoquismo.
Agora, mesmo o animal mais feroz não sabe que está a ser feroz. Não tem consciência de que existe uma forma mais inteligente de agir do que a forma como está a agir. Por exemplo, o leopardo negro é uma besta muito feroz.

Mata por prazer, pela alegria que isso lhe dá. E há certamente alguns tipos de seres humanos que praticaram este tipo de coisa, e ficam com uma imagem na mente pela qual (já não podem praticar a sua ferocidade enquanto na forma humana) isso destrói a sua capacidade de pensar sobre a forma humana, por isso degeneram lentamente e acabam por se encontrar de volta na forma animal daquilo a que chamam os animais de quatro patas, ficando assim mais em sintonia com o sentimento de ferocidade que tinham enquanto estavam nesse corpo. Estou a ser claro, por favor?"
Irene: "Sim, a mente cria um corpo que lhe permitirá exprimir-se de uma forma mais feroz na qual deseja agir."

Yada: "Ao regressar ao mundo físico fazemos o nosso próprio corpo, procurando como pai e mãe na Terra aqueles que têm tendências semelhantes às nossas. Uma criança que nasce de pessoas emocionalmente baixas — o que chamam de 'selvagens' — em massas selvagens, está a procurar esse tipo de experiência. Quer isso; precisa disso. É a sua criatividade dentro de si.

Alguém que procura nascer no mundo da música, como os músicos, os grandes génios, esforça-se por encontrar pessoas que tenham uma memória genética, algures na árvore genealógica, da música. Agora, os próprios pais podem não ter talento nenhum para a música. Podem ser pessoas iletradas no que toca à música e muitas vezes são iletradas noutras formas, mas no seu padrão genético existe uma memória de música, de um certo tipo de música pertencente a uma certa, ou particular, era. Ao regressar, ele tem uma sensação que o põe em sintonia com tais pais terrenos. Certamente não estou a dar o quadro total e preciso deste sistema de renascimento. A minha fala sobre o assunto é muito superficial porque há muito mais por detrás disso, e o significado disso, e a mecânica disso, e o porquê disso.

Agora, meus amigos, é a vida uma crença? Em certo sentido, sim. Mas num sentido mais profundo existem leis que são bastante diferentes daquilo que se pode acreditar que sejam. Isto é o que disse antes, caímos nas nossas meras crenças, nos nossos desejos ilusórios, nos nossos desejos ilusórios, e esses desejos ilusórios são na sua maioria construídos pelo medo; medo do desconhecido; medo pela nossa própria segurança.

Relativamente falando, há poucos grandes génios a nascer em cada geração. Como é que o homem vem aqui? De quê? Do desejo, que pode estar totalmente inconsciente dentro de nós, o desejo de se exprimir de novo no mundo da matéria, de voltar a sonhar o sonho da matéria e assim aprender certas coisas que eventualmente nos beneficiarão na nossa progressão na escada da evolução mental.

Tenho ouvido a pergunta feita, entre outras questões sobre o renascimento e os porquês disso, 'Se o renascimento é verdadeiro, porque é que não havia mais pessoas na Terra nos tempos passados do que existem hoje, na nossa civilização atual?' Pergunta: Qual é a idade da Terra? Há quanto tempo o homem, como ser senciente, um ser que tem consciência de que é diferente do resto da criação, está aqui? Digo-vos, há mais de mil milhões de anos. É o que vos digo. Claro que não são chamados a acreditar, a aceitar. Na verdade, não devem aceitar nada do que digo ou que alguém diga pelo valor facial como sendo assim. Digo-vos que o homem tem criado civilizações e provocado a sua queda há mais de mil milhões de anos."

Irene: "Neste tempo da Terra?"

Yada: "Nesta Terra. Têm agora na vossa Terra perto de três mil milhões de pessoas. Sim?"

R.: "Certo."

Yada: "Já houve esse número antes, e mais. Grandes e vastas civilizações surgiram e tiveram o seu momento, e morreram; mas não podem acreditar nisto a menos que façam um estudo do homem, um estudo no campo do que se chama 'antropologia'. Isto significa que têm de estudar outras coisas também. No estudo da evolução há grandes lacunas relativamente ao homem que são desconhecidas. O homem vive na Terra como se fosse ficar aqui para sempre. Tem de fazer isto, ou recair na consciência animal. Tem de acreditar e manter a crença de que é um ser eterno, porque é. É isto que dá à consciência humana o impulso de acreditar que é eterna.

A maioria das pessoas no tempo presente não sabe que já esteve na Terra muitas vezes antes, e não é necessário que saibam isto agora, pois teriam aprendido já. Se tivesse sido necessário, todos teríamos retido a nossa memória de que somos seres Edénicos, Deuses a aventurar-se na nossa criação. É a energia criativa nos nossos corpos apenas para nos dar a capacidade de reproduzir os nossos corpos? Claro que não. Essas energias são criativas de formas vastamente variadas. São os sustentadores da grande mente genial, e só se ele abusar dessas energias é que podem destruí-lo."

Yada: Eu venho aqui por uma experiência — encontrar-me a mim mesmo, para que num amanhã eu seja capaz de nascer conscientemente no mundo da matéria e de o deixar conscientemente, ou de manifestar uma forma para estar ao serviço do meu semelhante. Ou, se não for para criar uma forma, encontrar vida através de uma forma tal como estou agora a usar o corpo deste homem.

Existem várias formas de entrar no mundo físico que não precisam do tipo de corpo com que se nasce quando se nasce através da mulher. A consciência não depende da forma física para existir. Não tens de, tal como eu, esperar para abandonar o teu corpo para manifestar um corpo em qualquer lugar, em qualquer parte, a qualquer momento. Isto não é necessário. Podes fazê-lo agora se aprenderes a viver e a exprimir-te fora do corpo antes de o corpo morrer.

Isto fortalecerá a tua capacidade de manter a tua consciência no plano para o qual entrarás quando o teu corpo físico morrer. A morte do corpo físico é provocada pelo tédio do operador desse corpo, a consciência. Nós provocamos a nossa própria morte, a morte do corpo físico. Agora, não é, evidentemente, o tipo de tédio de que a maioria das pessoas sofre, porque o tédio sofrido pelas pessoas nasce de não pensarem. O medo invade-as, então o medo cria o tédio. O medo não lhes permite viver aqui fora, expressarem-se no mundo externo.

Continuam a retrair-se para dentro de si porque têm medo pela sua própria segurança, e isto significa que também temem pela segurança daqueles que amam à sua volta. Esta busca de esperança, de segurança, não só para nós próprios mas para os outros, é-nos imposta pela nossa ignorância de não sabermos o que somos como indivíduos; que somos Criadores. Queres perguntar-me alguma coisa?

A.P.: Uma vez perguntei a Meade Layne sobre a aparição de um mestre como ponto de consciência.

Yada: Assim é. O ditado no vosso mundo é: ‘Quando o estudante está pronto, o Mestre aparece.’ Este Mestre não é, nunca é, outro ser humano. O verdadeiro Mestre que aparece quando o estudante está pronto, ou seja, quando se desenvolveu, quando atingiu um certo nível de consciência ou de consciência do seu próprio ser, é o Mestre interior com a Luz.

A Luz interior de repente inunda-o, dissipando a escuridão que o manteve no corpo animal acreditando ser um animal. Isto é a iluminação.

Quando o estudante está pronto, a Luz vem. Jesu o Cristo — não Jesus Cristo mas Jesus, o Cristo — ou Jesus o Iluminado, o Ungido, o Iluminado.

Aqueles que não conhecem a verdade sobre a sua própria natureza não podem sequer saber quem é alguém com todos os nomes que lhe põem. Quem conheceu Jesus? Todos e ninguém, porque Jesus é apenas uma etiqueta colocada numa forma. Quem pode conhecer o Cristo? Todos e ninguém. E porquê? Porque quando alguém está pronto, torna-se o Cristo; cada um de nós, com o tempo, atingirá a Luz do Cristo e nenhum de nós pode dizer quando outro a tem, e nós próprios não podemos dizer quando a receberemos. Podes ver o que quero dizer. Digo: 'Quem conhece o Cristo?' Todos e ninguém.

Acho que cheguei ao fim por agora. Direi isto: é uma lei existente, ou como podem dizer com razão, é uma lei da natureza. Na verdade não depende da crença ou descrença de alguém. Há muita discussão não só entre aqueles que são totalmente iletrados neste assunto, mas também entre aqueles que supostamente são bastante avançados em metafísica e coisas ocultas. Discussões, debates sobre sim ou não relativamente ao renascimento. O que é, é. Nós, os buscadores, devemos aprender a encarar este facto. O que é, é, e seguir com isso. Se uma mudança tiver de ser feita, será feita e será muito melhor se formos com a condição. Aprenderemos mais do que se lutarmos contra ela ou fingirmos que não está lá.
Foi uma alegria vir e falar convosco.

PALESTRA PARTICULAR #6
MAESTRES E A SUA ASSOCIAÇÃO COM ESTUDANTES

por Yada Di Shi'ite

Yada: Esta tarde a nossa conversa será sobre os Mestres Professores da vida (Iogues) e, até certo ponto, sobre a natureza da sua associação com aqueles que procuram tornar-se estudantes da vida.

Para se tornar um mestre de yoga são necessários muitos anos de concentração e sacrifício completo do eu inferior ao Eu Superior. Portanto, não existe tal coisa como um jovem mestre de yoga.

Foi ensinado por alguns professores de yoga que a abstenção do sexo e do consumo de carne são absolutamente necessários se o estudante quiser alcançar a

Realização Pessoal. Isto, evidentemente, é um conceito errado. A abstenção dos impulsos sexuais normais pode ser prejudicial tanto para a

mente como para o corpo, e mais especialmente para os jovens onde os fogos da criação ardem fortes.

Claro que, algures ao longo do Caminho, o estudante sentirá por si próprio a necessidade de praticar o celibato, que aliás não significa apenas a simples abstenção do sexo legalizado chamado casamento, ao qual praticamente todos os sacerdotes de quase todas as ordens religiosas se comprometem, mas de qualquer uso das energias sexuais cujo fim seja gratificar as paixões inferiores. Contudo, quando o estudante atinge o estado de consciência em que pode abster-se em segurança de se exprimir através dos centros inferiores, adquiriu uma profunda compreensão da sua própria constituição fisiológica e psicológica e assim encontra-se a funcionar nos seus centros superiores de forma natural.

Quando alguém funciona nos centros superiores de forma natural, pode-se dizer com verdade que está 'No mundo mas não é do mundo'. Já não é controlado pelo eu emocional inferior. Quando alguém funciona no eu emocional inferior, não só está no mundo físico como é dele. O eu emocional inferior sendo o animal predatório em nós, o seu alimento natural é a carne.

O verdadeiro mestre de yoga não se preocupa se deve ou não comer carne; a sua preocupação é com uma dieta inteligente e a carne, juntamente com vários outros alimentos, já não é composta por substâncias químicas adequadas para o seu corpo e mente.

Irene: E os hidratos de carbono? Não são igualmente prejudiciais para o corpo e a mente?

Yada: Quase todos os alimentos contêm alguns hidratos de carbono, mas como os hidratos de carbono em excesso envelhecem o corpo, é uma questão de inteligência escolher os alimentos que contenham o mínimo desta substância.

R.: Yada, há muitas pessoas hoje que têm a ideia de que quando encontrarem um mestre, ele lhes dará grandes e longas palestras sobre as sabedorias da vida. Não concordo com isso. Penso que tudo o que ele lhes dará será um pequeno empurrão de vez em quando.

Yada: Assim é; tudo o que lhes daria seria um pequeno empurrão. No entanto, é totalmente improvável que o indivíduo comum, vivendo nas vossas cidades, vilas e aldeias movimentadas, alguma vez encontre um mestre de yoga, embora possa encontrar um estudante de yoga em qualquer lugar, pois há muitos destes. E não é verdade que quando nada sabemos esperamos muito daqueles que sabem pouco, e para nosso infortúnio geralmente recebemos isso.

Lab.: Porque é que os verdadeiros mestres de Yoga são tão difíceis de encontrar?

Yada: Primeiro, porque há relativamente poucos deles. E segundo, quando alguém se torna um mestre de Yoga pleno, quase invariavelmente afasta-se do resto da humanidade. Alguns retiram-se simplesmente para ashramas de montanha, onde podem ser encontrados pelo estudante sincero da vida. Mas mesmo assim, os ashramas são muito difíceis de localizar.

O amor destes seres pelo resto da humanidade é tão grande que escolheram renunciar aos passos finais que lhes teriam garantido a plena Realização Pessoal e liberdade da crença hipnoticamente induzida no mundo da matéria.

Dedicam a sua vida à meditação e ao ensino dos estudantes sérios que fizeram grande esforço para os encontrar. Depois há o estudante de Yoga que vive em cidades cheias de gente. Ele atua como professor e confessor para aqueles que encontraram o stress e as tensões da vida emocional mais do que conseguem suportar sozinhos.

A essas pessoas, o Iogue ensina e ajuda a praticar o tipo de respiração que induz o desejo de relaxar todos os músculos do corpo com um mínimo de esforço consciente por parte do indivíduo. Depois ensina-lhes o valor da paciência e como a falta dela cria grande tensão e perda de energia no corpo e confusão na mente. Ensina sobre os alimentos adequados para proteger o trato intestinal e, assim, o sistema sanguíneo da putrefação que é a causa de muitas das doenças mais graves do corpo, como problemas cardíacos, perturbações crónicas do fígado e desequilíbrios gerais das glândulas que às vezes aparecem como problemas respiratórios.

Enquanto esse Iogue é professor e ajudante do homem comum, não se envolve com ele de outra forma.

R.: O que tens a dizer, Yada, sobre os muitos médiuns que afirmam que os espíritos dos grandes mestres comunicam através deles em sessões espíritas?

Yada: Considerando a total falta de até a mais elementar educação dada às massas sobre os Ensinamentos Interiores da vida, não é nada surpreendente que aqueles que se dedicam ao espiritualismo façam tais afirmações. Na verdade, seria muito surpreendente se não o fizessem. Nenhum de nós pode fazer mais do que aquilo que foi ensinado a fazer, embora muitos façam muitas vezes menos.

Ao duvidar das afirmações de que os grandes Mestres da vida se associam com o homem comum dentro ou fora de salas de sessão, acho que devemos perguntar a nós próprios: ‘O que sabe o homem comum sobre estes seres altamente evoluídos?’

A verdade é que ele nada sabe sobre eles, nem pode saber enquanto viver na consciência inferior. A consciência inferior está sob o domínio do sistema sensorial e são os sentidos que nos impõem o conceito de 'realidade', mantendo-nos assim no chamado plano físico, que na verdade é um dos planos da pura ilusão. O plano seguinte, chamado o estado pós-morte, é apenas um estado ampliado de consciência do físico e, como tal, também é um mundo de ilusão espelhado pela consciência inferior.

Yada: É por isso que o "homem comum" (aquele que vive quase exclusivamente na consciência inferior) raramente se apercebe, quando a morte alcança o seu corpo físico, de que algo de natureza invulgar lhe aconteceu — ele continua a pensar e a agir como fazia antes de perder o corpo.

Embora seja verdade que muitas pessoas se tornam conscientes da transição, esse conhecimento por si só não lhes oferece nenhuma luz sobre a sua Consciência Cósmica.

Há muitos Iogues avançados que já experimentaram a vida ativa fora dos seus corpos físicos, mas embora essa experiência lhes tenha dado uma latitude consideravelmente maior para trabalhar e tenha reforçado a sua aceitação da existência da Mente Cósmica, nem mesmo eles conseguem encontrar união com Ela, simplesmente porque as suas experiências no estado projetado apenas lhes deram um pouco mais de certeza da sua realidade.

Agora, embora não seja nada provável que um Iogue esteja a brincar para alimentar o seu ego e o ego dos outros, deve admitir-se que o seu tipo particular de conhecimento o coloca numa excelente posição para o fazer, dizendo aos outros que é um grande mestre da vida e, se puder realizar alguma magia diante dos olhos dos ignorantes, isso reforçará consideravelmente a sua posição.

Ora, tudo o que acabei de dizer sobre esse Iogue fictício pode e acontece muitas vezes nas vossas salas modernas de sessões espíritas.

O "homem comum" morre e, se lhe faltar carácter e inteligência, está em boa posição para se passar por qualquer pessoa, grande ou pequena, perante alguém que não pense — e se essa pessoa, além disso, espera obter algo sem dar nada, torna-se duplamente vulnerável ao humano predador, não importa de que lado do véu essa entidade opere.

As massas em geral não fazem ideia do que é um Mestre da vida, e o chamado cristão é o mais ignorante nesta matéria. Esta última afirmação não é uma crítica, mas apenas uma constatação.

Todas as religiões básicas contêm dois tipos separados de ensinamentos: um deles, chamado "A Sabedoria Interior", é metafísico nos

ensinamentos e oculto na prática e é dado apenas ao mais alto sacerdote da Ordem. Depois existem os "ensinamentos exteriores", dirigidos às massas e transmitidos pelos sacerdotes dos templos que nada sabem da Sabedoria Interior.

Nos "ensinamentos exteriores" da igreja cristã, não há instruções reais dadas ao povo. Tudo o que se aprende é-lhes dito em forma de sermões que basicamente não são mais do que leis morais. São-lhes ensinadas ideias sobre um deus antropomórfico que teve um filho que enviou à Terra para se tornar um sacrifício de sangue para apaziguar a Sua ira contra a Sua criação (pecadora?).

É a este deus-homem encarnado que o povo é ensinado a chamar "Mestre" — que é apenas outra palavra para "Professor".

Toda a estrutura da igreja cristã baseia-se nos ensinamentos sacerdotais de que este filho do Sol (Jesus o Cristo) foi um fazedor de milagres.

O espiritualismo como religião não é senão um ramo da igreja ortodoxa cristã, com a principal diferença a residir no ensinamento espírita de que "A alma ou espírito do indivíduo humano sobrevive à morte do seu corpo físico e que a comunicação com ele por aqueles que ainda estão no plano físico não é só possível como é um facto".

O espiritualismo também reverencia o homem Jesus como fazedor de milagres, mas não pela mesma razão que a igreja ortodoxa — isto é, não por ser de nascimento divino, mas sim pelos seus poderes como um sensitivo psíquico altamente evoluído ou "Médium".

Agora, meus amigos, embora ambas as opiniões possam ser interessantes e sem dúvida histórias fascinantes, e como tal apelam fortemente ao eu emocional inferior, nenhuma delas tem qualquer relação com os factos relativos à verdadeira natureza dos Mestres da vida realizados.

Toda a história do homem mostra claramente que não são as suas crenças em si que lhe trouxeram dor ou alegria, mas sim o uso ou abuso que faz delas.

Penso, no entanto, que deve ser salientado que as crenças, pela sua própria natureza, são múltiplas e, por isso mesmo, são controversas, e a controvérsia leva simplesmente a maior confusão na personalidade humana, manifestando-se em desconfiança e ódio. Estes dois últimos elementos não são apenas mortais para o indivíduo que os contrai, como são altamente contagiosos; e quem os transporta pode infetar não só os da comunidade em que vive, mas com o tempo uma nação inteira.

Diz-se por alguns que “O homem é um animal crente.” E assim é enquanto não faz esforço para saber. Quando sabemos e sabemos que sabemos, graduamo-nos do animal primevo em nós para aquele alto estado de consciência chamado “Humano”.

O Adepto ou Mestre de Yoga é aquele que, através de muito esforço consciente, chegou a reconhecer o animal em si e matou-o para que o Eu Humano ou Consciência do Cristo e/ou o Budhi possam encontrar liberdade no túmulo da matéria.

O “Túmulo” da matéria existe meramente como uma crença aceite pelos sentidos, ou consciência inferior. Quando o Iniciado percebe isto, então vê através do véu da ilusão e, nesse instante de Iluminação, já não é do mundo material, mesmo que possa eleger permanecer nele por algum tempo.

Tais seres não entram nos assuntos emocionais do homem, mas trabalham a partir de níveis superiores de consciência e ajudam a moldar o destino do mundo e do Universo como um todo.

Na linguagem Yuga, quem tem a sua consciência em Cristo ou Budhi é conhecido como “Sha wan ga” e a expressão para um principiante no Caminho é “Sha shing ga.” Mas no meu tempo, o estudante tinha de ganhar o título através do trabalho; e como todos os ensinamentos da vida, tanto os Interiores como os exteriores, eram dados pelos “Ka-tas” (sacerdotes) dos templos, era necessário ir aos templos para receber o treino necessário.

No vosso mundo moderno não existem escolas onde alguém possa receber instruções completas e abrangentes sobre a natureza do seu próprio ser. As escolas que têm estão voltadas unicamente para o comercialismo, e embora existam muitos milhares de templos (igrejas) só na América, nenhum deles ensina aos seus seguidores a verdade Interior sobre a natureza “Divina” do indivíduo humano.

E evidentemente não podem, porque eles próprios são estéreis desse conhecimento.

Conhecer a verdade é ensinar a verdade, e só há uma verdade, e é esta: “A Mente é a Luz da qual o Homem manifestou não só o seu próprio corpo mas o corpo do Universo.”

A matéria, assim chamada, é o filho do Sol — o Sol sendo o Pai que está eternamente no céu (Mente). O Sol também representa a Sabedoria ou Luz que dissipa a escuridão ou ignorância do mundo. Aquilo a que se chama matéria é apenas um conceito do sistema sensorial e como tal é puramente ilusório.

Se a matéria fosse uma realidade em si, a lei da mudança não poderia existir. Na verdade, não poderia haver existência de qualquer tipo.

Por mais verdadeiras que estas afirmações sejam, de pouco servirá ao estudante aceitá-las por fé ou como conhecimento intelectual. Para conhecer a natureza da vida, é preciso ter experiência consciente ativa com ela.

O físico não aceita a existência de uma força chamada "átomo" por fé ou esperança, mas através de experiência real com ela, primeiro por equações matemáticas e depois por sondagem mecânica.

Nas suas experiências com aquilo a que se chama átomo, o físico descobre, entre outras coisas, que não é uma unidade única, mas consiste em muitas unidades e unidades dentro de unidades e que, quando se faz certo tipo de trabalho sobre algumas dessas unidades, estas libertam parte de si próprias sob várias formas de atividade chamada força térmica e luz.

A verdade, porém, é que o átomo é basicamente um feixe de luz e, como tal, é a substância criativa da Mente e, de novo, como tal, não contém propriedades de natureza violenta em si. Aquilo que é visto como violência proveniente do átomo deve-se à resistência do átomo ao ataque violento feito sobre ele por alguma força exterior a si próprio.

O Mestre Yogin, usando a abordagem passiva da respiração e da meditação ao átomo, não agita nenhuma das suas partes e, por sua vez, não sente agitação em si próprio.

Essa união perfeita com a Mente e com a sua criação chama-se Iluminação, que é outra palavra para Luz, e Luz são as energias vitais da Mente Cósmica.

Agora, meus amigos, penso que, se o que disse é minimamente compreensível, certamente perceberão porque é que alguém que atingiu a Consciência Cósmica não teria qualquer propósito ou razão para qualquer tipo de contacto físico com aqueles que ainda caminham na mente ego adormecida, onde noventa e nove por cento da humanidade passa noventa e nove por cento da sua vida terrena e baixa astral.

Contudo, estudantes sinceros da Vida Interior podem e muitas vezes conseguem, nos seus períodos de meditação, entrar na corrente mental desses Mestres e são assim grandemente ajudados no seu esforço no Caminho.

PALESTRA PARTICULAR #7
O CAMINHO

por Prof. Alfred Luntz e Yada Di Shi'ite

Luntz: Gostaria de falar sobre aquilo a que se chama 'O Caminho'. Penso que qualquer um de nós, que tenha dedicado algum tempo e atenção

séria aos ensinamentos interiores da vida, chega automaticamente a saber que a procura do Caminho é, entre outras coisas, uma busca algo perigosa. Por mais necessário que seja para nós, humanos, encontrar o nosso caminho, pôr-nos nele e avançar por ele, não deixa de ter os seus perigos. Devíamos ter consciência disto antes de começar e devia ser-nos apontado logo de início que não é uma passagem fácil para nós.

Como estavas a dizer há pouco, antes de eu entrar, mencionaste dois senhores que são conhecidos, pelo menos pelos seus escritos, como estudantes sinceros e altamente instruídos dos ensinamentos interiores. Eles seguiram o que se chama o 'Caminho Oculto'. Este é o caminho perigoso. O caminho metafísico é o melhor para o principiante. Quando procuramos primeiro o caminho metafísico, as nossas hipóteses de perder o equilíbrio, mental, físico e moral, são muito menores.

Desde que vim para aqui fiz muitos estudos naquilo a que se chama as 'Leis Ocultas'. Primeiro, estudei aqueles que tomaram este caminho antes de mim e descobri que, em quase todos os casos, os que seguiram apenas o caminho oculto, que começaram logo pelo caminho oculto, encontraram muitas dificuldades emocionais e mentais com a vida, em pouco tempo.

Ouspensky e o seu professor, Gurdjieff, foram apenas dois que ficaram mentalmente desequilibrados. Eles não só estudaram o ocultismo a partir de uma abordagem intelectual, como também entraram em ritos e rituais e na prática geral destas leis. Uma das funções da respiração, por exemplo, é ajudar o iniciado a libertar-se conscientemente da sua estrutura física para poder mover-se livremente pelo universo. Esta é uma prática perigosa para a maioria dos seres humanos neste ponto da evolução mental, o que implica, claro, o desenvolvimento de novas células cerebrais, ou não necessariamente células novas, mas a capacidade de funcionar através de células cerebrais, ou centros cerebrais, que não foram usados antes.

Se alguém não tem, digamos, experiência na sua consciência de vidas passadas, de funcionar de forma oculta, de forma esotérica, não tem um padrão de memória para este tipo de coisa na vida em que funciona agora, nesta vida, e se tentar práticas como as que mencionei, isso obriga-o a forçar-se a entrar nesse tipo de atividade, a forçar as células cerebrais a abrirem-se, a forçar-se a aceitar as experiências que a abertura de tais sentidos cria nesse indivíduo. Se não estiverem preparados para enfrentar essas experiências com um sentido de desapego, terão problemas, e embora Gurdjieff e Ouspensky tenham passado muitos, muitos anos a estudar e a praticar estes ensinamentos ocultos, não estavam preparados para os usar, para os pôr em prática, embora fossem altamente instruídos a nível

intelectual sobre essas funções; ainda assim não tinham padrões de memória consciente de ter funcionado desta forma antes.

LaB.: Eles agora terão essa experiência na próxima vez que entrarem noutra experiência de vida? Estarão então melhor preparados para operar no campo oculto como resultado desta experiência em particular?

Luntz: Sim, e abordariam isso com um pouco mais de cautela, com um pouco mais de respeito. Às vezes, na nossa busca de conhecimento que possamos usar, obtemos um pouco dele e depois perdemos a humildade e tornamo-nos descuidados. É como um nadador. Muitos grandes nadadores tiveram um fim súbito e trágico apesar de si próprios porque estavam tão certos do que sabiam sobre a água, sobre o seu poder sobre a água. Tornam-se descuidados.

Quando vivi no mundo físico ouvi falar destas coisas; ouvi falar destas leis ocultas e metafísicas, naturalmente. Mas sentia que eram, na sua maioria, obra do diabo. E ainda bem que assim o sentia. No meu estado de consciência não poderia, de forma alguma, ter abordado estas leis sem sofrer as consequências da minha ignorância. Portanto, nesse sentido, pode-se dizer que a ignorância foi uma bênção. É uma história antiga. Não é o que sabemos que magoa, é o que não sabemos.

Irene: O que pensamos que sabemos.

Luntz: Sim.

R.: Professor, uma vez disseram-me que não se podia fazer nada com o trabalho oculto que não se pudesse fazer por si próprio, desde que se estivesse desenvolvido.

Luntz: Isso é exatamente assim.

R.: Portanto, parece ser uma coisa inútil.

Luntz: Em certo sentido, é. Muitos dos grandes professores das leis ocultas chegaram a perceber isso, mas a maioria deles percebeu-o demasiado tarde.
Na época de Cristo havia muitos ocultistas, e penso que é isso que Ele queria dizer quando falava de falsos deuses.

R.: Ele não queria que o povo o fizesse, não porque fosse mau, mas porque Ele sabia o perigo disso.

Luntz: Claro, claro. Verás onde Ele demonstrou este sentimento contra quem praticava o oculto quando disse aos seus discípulos: 'Falo-vos numa língua, e a outros (as massas) noutra língua', porque Ele sabia que falar às massas era inútil. Era inútil tentar dar os ensinamentos interiores às massas na linguagem dos ensinamentos interiores. Após o meu período probatório com o meu professor, depois de ele me ter dado uma base maravilhosa para trabalhar, então fui deixado por minha conta para seguir

alguns destes ensinamentos interiores, coisas que eu pensava serem obras do diabo.

Irene: Isto de que estás a falar foi depois de teres passado para o outro lado?

Luntz: Sim, sim, e descobri — e de forma agradável, a minha descoberta foi agradável — que todas estas leis são naturais. Não há nada de milagroso nelas, nada de fenomenal exceto que —

LaB.: Não são uma ocorrência comum.

Luntz: Exatamente.

LaB.: Parece ser fenomenal para quem não sabe que são naturais.

Luntz: Exatamente, por serem naturais. Vês, há coisas que o homem inventa. Ele reúne certas leis e, a partir dessas leis que descobriu que existem, cria coisas. Mas há leis sobre as quais nada sabe e pode envolver-se em grandes perigos por ignorância, por tropeçar nelas. Madame Curie e um dos seus colaboradores não conheciam as leis da radiação; não descobriram nada além do que já lá estava, não criaram nada; apenas encontraram uma lei existente. Mas, por ignorância, ambos sofreram, até certo ponto, de radiação, envenenamento por radiação. Hoje quase toda a gente sabe sobre radiação e a sua aão sobre os corpos celulares; no entanto, continuam a lançar estas radiações mortíferas na atmosfera e isso acabará por criar muitas alterações celulares que não serão nada agradáveis para as gerações vindouras.

Apesar de toda esta conversa de perigos e ameaças para nós, seres humanos, e a nossa busca pela vida, seja ela física, mental ou outra, não podemos supor que possamos parar a nossa busca por conhecimento. Não podemos parar e desistir de tudo por alguns medos reais ou imaginados sobre o que nos vai acontecer se continuarmos. O homem aprendeu pela experimentação mais do que por qualquer outro modo. Nós, humanos, somos um bicho curioso. Não podemos parar. Esta é a nossa natureza, ser bisbilhoteiros. A palavra mais suave é ‘curiosos’.

Na prática da dissociação mental do corpo, o perigo reside em perdermos a consciência de sermos um ser físico, de perdermos a consciência da nossa forma física. No início não perdemos essa consciência; a sensação de não ser uma forma física vem sobre nós lentamente. Cria, no início, uma condição que se chama ‘personalidade dividida’, na qual andamos por aí apenas em mente. Depois, se não voltarmos a entrar em contacto com o nosso eu físico, nunca mais estaremos completamente com o nosso eu físico. A nossa psique está sempre um pouco à frente ou atrás do nosso eu físico, conforme o caso. Parecemos bem durante algum tempo e até acreditamos estar bem

integrados; depois, de repente, quando menos esperamos, perdemos a consciência do nosso eu físico e o nosso corpo vagueia como um zombie e mete-se em todo o tipo de sarilhos.

Às vezes penso que é melhor que certas coisas não estejam ao alcance da maioria de nós, seres humanos. Devíamos deixá-las em paz. Mas quem sou eu para julgar qual de nós deve deixar isso em paz ou praticá-lo? Quem sou eu? Como posso dizer? Não posso. Só sei que o estudo destas leis não teria sido para mim enquanto estava no mundo físico. Posso, e faço-o, pô-las em prática de certa forma. Pô-las em prática, esta dissociação de si mesmo, quando me movo do meu mundo para tomar controlo do corpo deste homem, do corpo de Mark. Tenho de perder a consciência do meu eu real, do meu ser de outro mundo, para me tornar, até certo ponto, Mark. Tenho de me tornar o Mark físico para comunicar convosco aqui no mundo físico. Acho que percebem a ideia.

Irene: Professor, no seu estado de consciência, é possível examinar a aura, o estado de consciência de um indivíduo, para lhe sugerir se seria sensato ou não entrar em certas práticas?

Luntz: Claro que posso fazer isso, mas não o faria, porque é a vossa vida e estas coisas pertencem-vos.

Irene: É possível fazer sugestões e não dizer a uma pessoa para fazer ou não fazer?

Luntz: Claro que posso fazer isso. Posso sugerir-lhes que é possível praticar certas coisas e sentir-se perfeitamente seguro nessa prática, e a outra pessoa, não. Posso, mas não gosto de ter de fazer isto. Não gosto de dizer a alguém para praticar isto, ou que é capaz de praticar estas coisas. Prefiro que descubram por si próprios.

Irene: Às vezes, alguém, ao tentar descobrir por si, envolve-se numa situação que fica fora de controlo.

Luntz: Bem, se visse alguém que eu soubesse que tais práticas não são para essa pessoa, diria simplesmente isso, mas não diria a alguém para avançar mesmo que sentisse que podia. Diria a outro, que eu visse que não era capaz de lidar com tais coisas, para não tentar, mas não diria a alguém que eu achasse capaz de lidar com isso, para tentar.

Irene: Sei que vocês não fazem isso, mas podem fazer sugestões sobre se a pessoa deve ou não deve.

Luntz: Sim, e faria isso depois de saber que essa pessoa é verdadeiramente capaz, mental e emocionalmente, de lidar com essas práticas. Quero poupá-los ao perigo que ali existe.

Irene: Sei que, numa ocasião, o Yada sugeriu a uma pessoa que ela não era capaz de fazer certas coisas, e a outra pessoa que era capaz de fazer o mesmo. É a isto que me refiro.

Luntz: Sei muito bem a que te referes. Essa senhora simplesmente não era capaz de lidar com o instrumento que usava e tentei dizer-lhe, e penso que o meu colega, Yada, também lhe disse para não usar esse instrumento, para não praticar com ele; mas, como vês, ela avançou na mesma e acabou em sofrimento.

R.: Professor, o caminho mais seguro que alguma vez encontrei é o caminho alquímico. Não requer grande meditação ou concentração ou nada disso.

Luntz: É seguro, mas também é um caminho muito lento. As práticas ocultas, como já disse, podem ser muito perigosas. Agora, nas práticas ocultas, podes aprender a projetar-te para qualquer parte do universo para onde quiseres ir. Podes expulsar outra pessoa do corpo dela, podes tomar controlo dele, podes galvanizar um corpo vazio — um corpo do qual o espírito, a mente, a psique se tenha afastado — podes galvanizá-lo para a ação e usá-lo. Podes operar através do corpo de um animal — mas tens de saber o que estás a fazer ou todo o inferno virá atrás de ti.

Se queres saber o que é o inferno, entrega-te a longos períodos de dissociação do teu eu físico e opera através de outros corpos, especialmente corpos de animais.

Irene: Professor, quando alguém faz isto, que tipo de atividade atravessa o seu próprio corpo?

Luntz: Às vezes, se operares através, digamos, de um corpo de animal, com o tempo o teu eu físico assumirá as aparências do animal através do qual tens trabalhado. Se usares o cadáver, o corpo morto para operar, ficas com o cheiro da morte sobre o teu eu físico.

Irene: Falaste há pouco de deixar o teu próprio corpo físico durante bastante tempo. Não sei o que queres dizer com muito tempo. Significa uma hora?

Luntz: Bem, pode ser. Alguns operam durante dias seguidos.

Irene: E o teu corpo físico?

Luntz: Fica simplesmente dormente. Além disso, é isto que produz o que as pessoas, especialmente nos países antigos, chamam de ‘vampiro’, o ‘lobisomem’.

Irene: Outra pessoa, ao encontrar o teu corpo, é provável que pense que entraste em coma ou no estado chamado morte? O que pensaria quem descobrisse o teu corpo?

Luntz: Chegaria à conclusão de que estava morto.

Irene: Não há indicação de batimento cardíaco?

Luntz: Não. Quando te retiras, todas as atividades são tão fechadas que é como alguém num estado cataléptico muito profundo.

Irene: O cordão aka ainda está ligado?

Luntz: Ainda está ligado; mas há alguns que têm o conhecimento que lhes dá coragem suficiente para não usar um cordão aka para funcionar, para ter um afastamento mental completo do seu eu físico. Isto salva-os, pelo menos, do perigo, porque praticam certas coisas que tornam o cordão aka extremamente fino, e pode quebrar e pôr fim ao contacto com a sua estrutura física.

Irene: O que queres dizer com operar através disso?

Luntz: Têm outro tipo de controlo sobre isso, uma espécie de controlo mental secundário. Gostaria de exprimir isto em termos mais compreensíveis.

Irene: Podes expressar isso como 'controlo remoto'?

Luntz: Sim, penso que compreenderás esse termo.

Irene: Professor, falando do homem conhecido como 'Iesus', que alguns chamam de 'Jesus', ao passar pelas suas iniciações passadas, fala-se dele entrar neste estado cataléptico e permanecer neste estado durante três dias enquanto recebia outras iniciações.

Luntz: Isto é outra coisa. Esse corpo é guardado por seres espirituais e não apenas por seres espirituais, mas por mestres professores. Eles criam uma parede protectora à volta dele para que o corpo se mantenha em boas condições durante o tempo necessário para o iniciado passar pelas suas iniciações superiores noutros planos de consciência.

Irene: Então Ele poderia dissociar-se completamente para que o cordão prateado não esteja ligado?

Luntz: Não, não está ligado nestas circunstâncias.

Irene: Parece que alguém poderia esquecer o caminho de volta.

Luntz: Provavelmente esqueceria se não tivesse passado antes por outras iniciações que o tornaram capaz de manter alguma parte do seu controlo sobre esse corpo, além de ter a proteção dos guardiões ali.

LaB.: Professor, estes guardiões manipulam o corpo de alguma forma através de controlo mental?

Luntz: Sim. Mantêm a estrutura celular a funcionar e em bom estado, o que é muito necessário, porque no momento em que as forças vitais, ou digamos, a consciência, são completamente retiradas do corpo, a morte começa a instalar-se, a decomposição começa a atuar. Alguém num coma, seja qual for o nível de coma, tem de ser virado e mantido em movimento;

esse corpo tem de ser mantido em algum tipo de movimento, caso contrário a deterioração instala-se.

LaB.: Seria pedir demasiado perguntar se o próprio Jesus participou em manter o seu corpo unido?

Luntz: Sim. Vês, devemos ser de alguma forma responsáveis pelo que somos; portanto, a parte da nossa constituição que está envolvida ali, que precisa de ser cuidada, também temos de ser responsáveis por ela.

LaB.: Seria também pedir demasiado identificar estes mestres cuja consciência aparentemente seria maior do que a do próprio Jesus? Não sei se podemos usar o termo 'maior', mas penso que são mestres por direito próprio.

Luntz: Mais avançados em conhecimento.

LaB.: E estão lá a ajudá-lo a atingir. O mestre está um passo à frente do iniciado?

Luntz: Sim.

LaB.: Têm algum nome particular pelo qual os possamos identificar?

Luntz: Houve um de quem sabem no vosso mundo. É conhecido, entre outros títulos, como 'Saint Germain'. Aqui estava, de facto, um ser altamente avançado no que toca ao conhecimento das leis ocultas, e porque funcionou nessas leis; ele praticou-as, usou-as.

R.: Ele sabia o que fazia.

Luntz: Exatamente, senhor. Este homem podia aparecer e desaparecer. Embora eu tenha dito que o conhecem pelo nome de Saint Germain, ele foi conhecido por muitos outros nomes em diferentes séculos. Ele desceu à Terra, a certas partes da Terra, de tempos a tempos, ao longo dos séculos. Mas também o homem que conhecem como Jesus funcionou periodicamente nos vossos tempos. Jesus, o homem a quem chamam 'Jesus', não é o seu verdadeiro nome; é apenas um dos seus nomes. E o homem chamado 'Siddartha', já ouviram falar dele?

R.: Sim.

Luntz: Este homem funcionou durante muitos séculos conscientemente. Isto é o que importa no estudo do que se chama as 'leis ocultas do funcionamento interior da vida', o conhecimento interior, a sabedoria superior. Não podemos ser mestres até conseguirmos funcionar conscientemente nos níveis mais elevados, nos planos interiores. Mas, como disseste, senhor, ao seguir o caminho natural, o estudo da natureza, da vida, a abordagem não é tão severa sobre a constituição geral do ser humano.

LaB.: Professor, mencionou o oculto e o metafísico, sendo o oculto um caminho perigoso, o metafísico possivelmente não tão perigoso, e o

caminho alquímico foi mencionado como possivelmente o mais calmo, ou mais brando que os outros e um através do qual podemos funcionar de forma mais natural.

Luntz: Sim. Vês, o valor deste caminho está na sua lentidão, para que o teu eu físico não esteja sujeito a choques tão severos.

LaB.: Pode ajustar-se às mudanças gradualmente?

Luntz: Sim, não dirias isso?

R.: Sim, diria. Uma das primeiras tarefas na alquimia é uma das doze tarefas de Hércules, que é limpar os estábulos.

Irene: E isto significa mais mental do que outra coisa, não é? Temos de rever a nossa forma de pensar e ver as coisas de forma natural.

Luntz: Isso mesmo. Sem medo, sem grandes tumultos emocionais e reações, e tudo isso.

R.: Como o Cristo disse, temos de nos tornar como uma criança pequena.

Luntz: Assim é, senhor. Agora sei que tens algo para me dizer, mas se não te importas, vou afastar-me agora por um momento e já volto.

(Professor Luntz retira-se e regressa após um intervalo)

Luntz: Quero dizer já que tenho pronunciado mal o nome de Gurdjieff. Penso que disse 'Grudjieff', mas é Gurdjieff. Tive de sair do corpo do Mark e pensar nisso para me lembrar de como se pronuncia corretamente.

Irene: Transpuseste o 'u' e o 'r'.

Luntz: Isso não me surpreende. Quando funcionas através de uma máquina que não é tua, está destinado a ser colorido de alguma forma. As tuas expressões são coloridas pela compreensão e educação da máquina que estás a usar.

Gurdjieff, se me lembro de parte da sua história, era um camponês russo, mas era mais do que isso. Isto era o que parecia ser nesta vida. O homem era altamente evoluído mas, usando o tipo de corpo que teve de usar nesta vida, um tipo que não era suficientemente evoluído no sistema nervoso, tal como o corpo de Ouspensky não estava condicionado, o cérebro não estava preparado para a prática continuada e altamente evoluída que o homem atravessou.

Irene: Pelo que ouvi das terríveis condições em que o camponês russo vivia, ele não podia limpar muito bem os estábulos, pois não?

Luntz: Bem, vês, há outra coisa. No início destas práticas ocultas deitas fora toda a formação moral que tinhas. Isso cria condições no sistema nervoso que exigem que faças certas coisas completamente fora do âmbito das leis morais gerais num sistema social. Tornas-te, de certa forma,

um degenerado sexual aos olhos dos que te rodeiam. Há todo o tipo de práticas nas fases experimentais do trabalho oculto em que não acho que deva entrar aqui.

Irene: Mas este foi o caminho que ele seguiu.

Luntz: Sim, e este é o caminho que quase todos estes homens seguiram na sua busca dos ensinamentos interiores. Houve outro homem…

R.: Crowley?

Luntz: Crowley, sim. Agora, ali estava um homem que se tornou totalmente degenerado aos olhos de todos os outros, mas para ele, não sentia que fosse degeneração. Era experimentação com todo o tipo de coisas para descobrir a natureza dessas coisas. É demasiado para abordar aqui.

Em todo o tipo de atividades em que Crowley se envolveu, e em qualquer sistema social do passado em que homens como ele viveram — teriam sido considerados insanos. E as vossas leis hoje em dia coloca-lo-iam, a ele e a outros como ele, de parte; e acredito que tanto Gurdjieff como Ouspensky foram internados durante algum tempo até poderem ser retirados, e foram secretamente retirados do país. Não se internaram a si próprios; foram colocados em hospitais mentais.

LaB.: Professor, comprei dois livros de Ouspensky. Agora, pelo que disse, estou hesitante em lê-los. Pensei que, lendo-os, teria mais compreensão sobre o oculto.

Luntz: Claro que terias. Adquiririas uma certa quantidade de conhecimento intelectual e espero que não tentes praticar nenhuma destas coisas. Limita-te a saber que existem e que estas coisas são possíveis. Em resumo, conhecê-las intelectualmente, mas não pela prática.

LaB.: Mas ele menciona Yoga lá e menciona Cristianismo e todo o tipo de coisas.

Luntz: Oh, sim.

LaB.: Sei, através de Yada e de outros professores, que o conselho deles é que é melhor não estarmos associados a nenhum grupo em particular.

Luntz: Sim, e não vejo razão para que não devas ler esses livros; na verdade, sugiro que os leias e também que leias a história do homem Crowley, para saberes que estas coisas existem e a que levam, a que levam essas práticas. Vês, se vais viver, e tens de viver porque criaste uma família para ti e situaste-te mais na tua sociedade. Quanto mais um homem cria uma família para si, mais fica enraizado no sistema social em que funciona. Começar a praticar estas coisas faria com que, com o tempo, tivesses de te

retirar do teu sistema social, e a tua vida tornar-se-ia mais dolorosa e perturbada.

LaB.: Bem, Professor, já que não sou o único nesta situação em particular, existe um caminho, digamos, para o homem comum ou para aqueles de nós que estão intensamente interessados em tornar-se mais conscientes de si? Há algo que nos possa conduzir a essa compreensão e ainda assim de forma moderada ou de acordo com o sistema em que temos de funcionar?

Luntz: Sim, penso que sim. Pelo estudo de alguns dos estudantes de psicologia e sugeriria Jung como o maior dos que conheci.

R.: O caminho alquímico começa com a psicologia simples.

Luntz: Pois claro.

LaB.: Ouspensky parece pensar que o factor psicológico entre arte, religião e ciência é importante e é realmente isso que ele tenta explicar.

R.: Não tens de te preocupar a explicar essas coisas; não tens de te preocupar com isso de todo.

Luntz: Sugiro que sigamos o caminho que seja mais confortável em relação à nossa sociedade, ao nosso estado atual de civilização e às leis em que estamos envolvidos. Ao estudar psicologia o estudante deve, eventualmente, criar a sua própria psicologia. Estudar as obras de muitos professores, depois contemplar o que estudaste, e depois criar e injetar os teus próprios pensamentos que surgem dos teus sentimentos sobre o que estudaste. Desta forma estarás a criar o teu próprio caminho psicológico, o que é mais adequado para ti. Penso que isto faz sentido.

LaB.: Estudá-lo de forma moderada, acho que podemos dizer, com equilíbrio, pois temos de manter o equilíbrio.

Luntz: Sim. Vês, na tua Bíblia cristã menciona que o homem, Jesus, desceu ao inferno durante vários dias antes de ascender ao céu.

R.: Sim.

Luntz: No estudo, vês, Ele seguiu o caminho oculto. Era tão avançado em todos os sentidos — emocionalmente, mentalmente, em todos os aspetos — que pôde fazer isto em segurança. Mas, vês, Ele desceu ao inferno e, como disse há pouco, no caminho oculto é preciso descer ao inferno antes de se poder subir ao céu ou a um estado perfeito de equilíbrio mental, e é uma experiência amarga, horrível, que rasga os alicerces da tua constituição, da constituição humana.

R.: Mas todas estas experiências são criação da própria pessoa.

Luntz: Exatamente, exatamente, mas ao seguir o caminho oculto encontrarás o teu inferno, e não podes imaginar a profundidade de depravação a que este outro lado de ti pode descer.

R.: E quanto mais alto se vai, pior é.

Luntz: Assim é. Quanto mais alto tens de ir, mais profundamente tens de descer ao inferno.

LaB.: Isto aplica-se a todos, até a Jesus, mas isto não é dado a entender ao povo.

Luntz: Exatamente, e ainda bem. Se pensas que o mundo já é um manicómio agora, imagina se as massas resolvessem seguir tais práticas.

R.: É conhecido na Árvore da Vida como o 'Qliphoth'.

Luntz: Sim.

R.: É o plano abaixo do físico. É o fundo.

Luntz: O fundo, certo, e se não fores capaz de lidar com este tipo de coisa, passarás por esse estado chamado 'O Anel-Não-Passarás', além do que é chamado 'Anel do Caos', e cairás no poço sem retorno.

R.: Onde és desintegrado e voltas à não-manifestação sem individualidade.

Luntz: Sem individualidade. É a verdadeira morte, a verdadeira morte para onde trazemos as nossas almas, se me é permitido usar a palavra 'almas'. Penso que compreendes o que quero dizer ao usar essa palavra.

R.: Sim.

Luntz: É uma coisa boa na natureza, raramente nos permite fazer mais do que sabemos como fazer.

(Professor Luntz retira-se e, após um intervalo, Yada toma o controlo)

Yada: Estive a ouvir com grande interesse a dissertação sobre o metafísico, o oculto e todos esses assuntos dada pelo meu colega, Professor Alfred Luntz, e pensei, ao ouvir as perguntas que lhe fizeste, que talvez eu pudesse fazer um pouco diferente do que ele faria, e por isso vim ocupar o seu lugar. Talvez seja presunçoso da minha parte pensar que posso fazer melhor do que outra pessoa, mas é preciso presumir. Se alguém vai tentar exprimir-se, tem de presumir que consegue.

Irene: Ficaríamos estagnados se não o fizéssemos.

Yada: Tem de haver algum 'ponto de salto', por assim dizer, e se quisermos aprender algo temos, na nossa mente, de saber que podemos.

Agora vamos primeiro àquilo de que o meu colega, Prof. Luntz, estava a falar: o caminho oculto. Claro, como disseste, o caminho oculto está largamente ligado a práticas e associações com o mundo espiritual e com outras forças da vida que podem ser invocadas e que não têm consciência de si mesmas, mas nós, humanos, podemos torná-las conscientes, dando-lhes consciência ao chamá-las, usando sons, mantras que são muito apelativos para estas forças adormecidas.

Isto desperta a sua consciência porque, na verdade, estas forças

adormecidas não são algo externo a nós. São, de facto, parte da nossa própria constituição, da nossa própria natureza, da nossa natureza individual.

Através dos sentidos e do uso de certos sons, certos tons que estão integrados na Grande Mente, na mente da criação, e da consciência de que certos sons significam certas coisas, e através da prática prolongada desses sons e pela longa associação, criou-se uma espécie de condição psicológica em que certos sons estão ligados a certos deuses, certos demónios, ou seja, certas forças da vida. E assim, hoje, séculos e séculos depois, usando estes sons ainda podes invocar os chamados deuses ou forças com que estes sons estiveram associados. Não dirias isso?

R.: Sim. É como disseste há anos: no mundo espiritual há muitas personagens que aparecem em Shakespeare, mas foram criadas pelo homem.

Yada: Exatamente.

R.: Estes deuses são feitos da mesma forma.

Yada: Para a mente leiga isto soa estranhamente perturbador porque a vossa psicologia atual, onde o ignorante está em causa, preocupa-se estritamente com o modo material de viver, por isso o leigo e os psicólogos nada sabem para além do mundo da matéria e da psicologia pertencente ao mundo da matéria.

Certas irritações atuam sobre a constituição interior, o eu inconsciente. O mesmo tipo de coisas que me irritava, digamos, há 500.000 anos ou se eu vivesse num tempo mais recente, pela associação de padrões de memória, essas mesmas coisas criam um tipo específico de irritação em mim que desce ao meu eu inconsciente e invoca os chamados demónios em mim. Estes demónios em mim são chamados ‘raivas’ — frustrações emocionais que tomam a forma de violência. São ‘quentes’. Ao usar essa expressão ‘quentes’, quero dizer que as suas atividades sobre o corpo físico são ardentes — secam a boca, causam problemas no estômago, um desejo ardente de vomitar, e podem levar a ataques cardíacos, problemas nos rins. Estes são os demónios do inferno. Em algumas pessoas, quando estas forças negativas, estas forças violentas, são invocadas, manifestam, materializam um ser demoníaco, insano.

Agora, um verdadeiro sensitivo pode ver estes seres bem próximos e dentro do ovo áurico, como estavas a falar há pouco, de indivíduos que, no momento em que são observados, não estão externamente zangados ou perturbados. Mas estes demónios, os diabretes da nossa própria escuridão, da nossa própria ignorância, foram criados ali ao longo das eras por os termos invocado. O que estamos a fazer é criá-los. Ao chamá-los, estamos

a criá-los, estamos a trazer estes seres, estas partes inconscientes de nós mesmos à consciência. Faço-me entender?

LaB.: Estás a trazê-los para fora.

Yada: Sim, e estás a criá-los. Estás a dar-lhes vida, a dar-lhes consciência para que, com o tempo, eles se alimentem de ti ou de mim, alimentem-se do nosso eu físico e, portanto, do nosso eu mental. Mesmo quando não temos motivo para os invocar, eles alimentam-se ali e nós, nas nossas próprias mentes, não temos consciência de que ainda existem ali. Demos-lhes tanto da nossa consciência, tornámo-los conscientes, e eles prosperam com as energias do nosso corpo físico.

Através de práticas ocultas podes chamá-los e comandá-los para fazerem a tua vontade. Há certos ritos e rituais que tens de passar para os tornares expressões vivas, mas vais arrepender-te disso se o fizeres, porque podes dar-lhes mais e mais da tua consciência, mais das tuas forças vitais do que desejas e podes não conseguir livrar-te deles, e eles livram-se de ti. Destruirão o teu eu físico.

Pensa em que grandes seres somos, que grandes e maravilhosos criadores somos. Quando digo ‘maravilhosos’, quero dizer de tremenda capacidade.

R.: É uma pena não sabermos o que estamos a fazer.

Yada: Verdade. Só quando somos criadores conscientes podemos estar seguros, porque então sabemos o que estamos a fazer e sabemos como nos livrar de tudo o que criamos, se virmos que não está de acordo com o nosso ambiente atual e as condições gerais.

Ao invocá-los, ao invocar seja o que for, é necessário o uso das tuas próprias forças vitais corporais. Estas coisas são revestidas com a tua própria energia celular, pois tudo o que é chamado ao mundo, que de alguma forma é projetado para o mundo físico, é físico! Tem de se tornar físico, e a única forma de o fazer é usando energias físicas. É por isso que dizemos, o meu colega Professor Luntz e eu, que nos colocamos em grande perigo quando praticamos as práticas ocultas. Há um caminho mais seguro.

O caminho místico leva-te ao conhecimento, a saber o que está por trás da fachada do teu próprio ser físico, sem teres de enfrentar o perigo. O caminho metafísico é um caminho gentil. Cria a consciência da beleza e do equilíbrio da existência. Faz isso apenas pela existência do que chamas o ‘mundo etérico’ ou, se preferires, chama-lhe o ‘mundo espiritual’. Um lado dele é muito maravilhoso porque é através deste mundo que o mundo físico pode existir. O mundo físico funciona através deste grande mar de espírito. É sustentado, cada corpo vivo é alimentado, por um fluxo contínuo de forças vitais.

R.: Não é mantido em existência pela força de vontade?

Yada: Claro.

R.: E quando a força de vontade é retirada, desaparece?

Yada: Desaparece, sim. Que palavra maravilhosa, a palavra ‘vontade’, ‘força de vontade’. A vontade de criar em equilíbrio e de manter a criação em equilíbrio.

Se pudesses ver, com outro olhar, o que se passa entre estes mundos, ficarias primeiro assombrado, e por fim, perfeitamente em paz contigo mesmo. Verias que tudo está em ordem. Tudo está seguro tal como está. Então este conhecimento impedir-nos-ia de rasgar e cortar a forma para ver o que ela é. O mundo em que te moves, chamado ‘mundo físico’, estaria em paz. Tudo estaria seguro, mas vês, o diabrete ignorante da escuridão, significando ‘ignorância’, não nos deixa viver assim, e ainda bem, em muitos aspetos, porque nos força à ação e é apenas através da ação que podemos verdadeiramente aprender. Só pela experiência porque as nossas experiências criam atitudes individuais dentro de nós sobre a vida e sobre o nosso ser. Isto, as nossas atitudes, fica incorporado no nosso eu mais profundo. Isto chama-se aprender, pois nunca esquecemos. Podemos esquecer a nossa experiência, mas nunca esquecemos a nossa atitude em relação a uma experiência.

Vamos para o que se chama o caminho do Yoga. Mais uma vez, aprendemos pela prática, por ritos e rituais, mas está intimamente associado ao que se chama o ‘metafísico’ e se não formos longe demais com a prática, especialmente com o uso da respiração, porque esta prática cria fenómenos, e o estudante invariavelmente perde-se na área dos fenómenos, da magia. Fica apenas excitado com o que pode fazer e não com o propósito por trás do que está a fazer, as causas. O caminho do Yoga é especialmente bom para o corpo físico, para o bem-estar, para o desenvolvimento do corpo físico, e se o corpo físico estiver saudável e forte, é natural que a mente também o esteja e entre num equilíbrio mais perfeito.

Yada: Acalmamos a besta adormecida em nós através do uso de certos tipos de drogas, mas também podemos agitar essas bestas se não soubermos o que estamos a fazer. Através das práticas de Yoga somos ensinados a manter o corpo interior limpo. O trato intestinal é um centro notoriamente ligado à morte no corpo humano se não for mantido limpo. As práticas de respiração, quando sabemos como fazê-las, limpam as toxinas do nosso sistema e, mais importante ainda, passamos a saber o que não devemos pôr no corpo, o que não devemos usar para nos envenenar e o que é substância viva.

Deixamos de ansiar por estas coisas porque o corpo foi tão limpo que já não há irritação e, portanto, não há necessidade de satisfazer essas irritações, nem de colocar substâncias irritantes no corpo.

Hoje usam todo o tipo de substâncias irritantes para trazer descanso, ou o que pensam ser descanso, como o uso de tabaco, o uso de álcool, o uso de drogas. Até as drogas leves, que chamam de 'sedativos' para vos pôr a dormir, sedativos para vos acordar e para vos manter acordados — embora sejam drogas leves, continuam a ser mortíferas se o seu uso for prolongado. Estas práticas de Yoga acalmam os nervos. São o melhor tipo de sedativo. Aprendemos a grande maravilha que é o relaxamento de todo o corpo. Cada órgão, cada músculo torna-se relaxado. Ao relaxar, todas as energias vitais começam a fluir suavemente através do sistema nervoso, que por sua vez alimenta o sistema glandular de uma forma que o relaxa. Isto traz-nos uma vida mais longa e feliz. O mundo físico é um inferno para o homem enquanto ele anda na ignorância da natureza do seu próprio corpo e culpa este inferno ao mundo, não percebendo que o único mundo real é ele mesmo.

Eu não digo a ninguém que deve fazer isto ou aquilo. Isto é uma tolice. Isto é vaidade porque todos nós faremos aquilo que nos parecer melhor fazer, por mais mortal que possa ser, e outros sabem que é mortal para nós. Para nós, não parece mortal. Quem anda na imundície perde-se nela e nem se apercebe que é imundície. Da mesma forma, quem caminha em equilíbrio torna-se consciente de que está em equilíbrio e, por isso, já não tem consciência da palavra 'equilíbrio' como significando algo diferente daquilo em que está. Ouvir o soprar do vento e mais nada — depressa nos tornamos surdos. Não é assim?

O caminho psicológico! Penso que é um caminho maravilhoso, especialmente como primeiro passo, pois é através da psicologia, do seu estudo, que conseguimos uma estrada para dentro da nossa própria natureza psicológica. E ao fazê-lo perdemos os nossos medos. Vemos de que são feitos os nossos medos, vemos como surgem, do que são feitos, e eles desaparecem.

Isto leva-nos de novo àquela coisa vital chamada 'relaxamento'. Vejam, meus amigos, porque é que uma pessoa, em alguns casos, é curada subitamente e aparentemente de forma miraculosa de uma doença virulenta quando estava em oração? É porque relaxou. Nesse momento atingiu um ponto de relaxamento tão alto, tão grande, tão profundo que se perdeu no ato de orar. Perdeu-se naquilo a que se chama 'Deus', ou a Grande Consciência, e este Deus, ou esta Luz Eterna da Consciência, está doente? Compreendem? Vamos ao que se chama 'Ciência Cristã'. A maioria dos

que seguem este caminho de vida não tem consciência de como foram curados porque o seu professor lhes disse que Deus os curou, e por isso não pensam mais nisso. Não se preocupam com a mecânica, e ainda bem que não se preocupam. Podemos ter equilíbrio e desequilíbrio ao mesmo tempo? Podem existir no mesmo espaço ao mesmo tempo? Não mais do que dois objetos físicos no mesmo espaço ao mesmo tempo.

Irene: Na realidade, Yada, não existe tal coisa como o desequilíbrio. É apenas a nossa atitude em relação à coisa.

Yada: Portanto, é qualquer abordagem que façamos a isso. Vês que o que dizes é verdade porque como pensamos, assim é. Agora, pensar — e com isto não quero dizer o tipo de coisa que fazes com o teu cérebro no dia-a-dia; isso não é pensar — pensar é criar novas ideias e, para fazer isso, é preciso perder a consciência de si mesmo. Já usaste a expressão quando alguém vem ter contigo e vê os teus olhos a olhar para o vazio, e chama de novo a tua atenção, faz o que se chama 'trazer-te de volta', disseste: 'Oh, estava perdido em pensamentos.' Que grande verdade isto é! Essa pessoa, nesse momento, está a sofrer alguma das suas dores? Não, porque o seu Eu-Cristo, o Eu-Deus, seja o que quiseres chamar, é onde ele está; neste estado perfeito de equilíbrio. Não conhece nada. Não há consciência de desequilíbrio.

O que dizes é verdade. Não há desequilíbrio senão aquele que nós, humanos, criamos. A vida torna-se a tua escolha. As condições em que vives são da tua própria criação. Podes dizer, 'Oh, não', ou podes dizer, 'Sim, concordo contigo, mas o que vou fazer, como vou mudar esta condição?' Através do processo de aprender a pensar de forma diferente, de nos afastarmos do recordar para o pensar, e o pensar exige concentração, uma forma de meditação.

Sabe-se que uma pessoa, no meio de uma oração, se eleva do chão. O corpo parece desafiar a lei do que chamamos 'gravidade', mas neste estado de consciência, neste estado de consciência, a gravidade não existe. A consciência trabalha de tal forma sobre a estrutura molecular que cria uma espécie de contra-gravidade. Faz isso ao organizar forças iguais de todos os lados do corpo, forças mentais de todos os lados do corpo ao mesmo tempo. Este tipo de pressão, ou alívio da pressão, é feito pelas células que compõem todo o corpo. O trabalho disto causa um movimento diferente, não necessariamente de uma forma mais elevada, mas simplesmente de um carácter diferente de movimento que liberta o corpo das leis da gravidade. Não estás a desafiar as leis, estás simplesmente a criar contra-leis. Não achas?

R.: Sim. Parece que, nesses momentos, a consciência da pessoa está acima do nível de consciência em que a gravidade é efetiva.

Yada: Assim é. Agora, no que vos diz respeito. Vejo entre vós poucos que tentam descobrir a natureza do seu ser interior. Têm pressa. Isto é natural. Esta é sempre a abordagem do principiante — a impaciência.

Ao dar o primeiro passo no Caminho que esperamos que nos ilumine quanto à nossa natureza interior, a primeira coisa que nos acontece é tomarmos consciência da quantidade mínima de tempo, relativamente falando, que temos, como indivíduos, para aprender no mundo físico. Às vezes isso cria pânico em nós e enche-nos de desespero, especialmente quando olhamos para a estrada interminável que parece estar à nossa frente. Quantos centímetros avancei em 500.000 anos? Quantos centímetros até ao meu objetivo? Na verdade não sei porque não consegui ver suficientemente longe para ver o meu objetivo. Sei que ele está lá, mas onde exatamente? Quantos centímetros, quantas jardas? Quantos quilómetros?

LaB.: É como ir até ao horizonte, quanto mais longe vais, mais longe fica o objetivo.

Yada: Sim, e devias estar grato por isso.

R.: Porque se alguma vez lá chegasses, seria o fim.

Yada: Seria ISSO! Terias, como dizem vocês americanos, 'já foste'.

Irene: Seria extinção total.

Yada: Muitas pessoas pensam, e é bondade delas, porque não sabem a verdade, pensam que eu, Yada, alcancei o conhecimento da vida em toda a sua totalidade. Agora, eu viria aqui comunicar convosco se assim fosse?

Irene: Yada, quando fazes essa pergunta, pergunto-me o que poderia ser maior do que o serviço à humanidade?

Yada: Claro. É para isso que venho; este é o meu objetivo e o objetivo deste homem. Serviço em amor, que é simplesmente serviço em compreensão. Isto leva tudo à frente, toda a ansiedade, todas as preocupações saem de mim.

Irene: Não podes parar de estar ativo de alguma forma.

Yada: Não, porque se o fizeres, estás morto.

Irene: Existe alguma ação maior que poderias estar a realizar, além do que estás a fazer agora?

Yada: Tudo o que estou a fazer, em qualquer momento da minha autoconsciência, é a maior coisa possível de se fazer.

Irene: Então não há uma ação maior do que outra.

Yada: Não.

Irene: Apenas tornar-se consciente do que se está a fazer é que é importante.

Yada: Sim. Agora, há certas coisas em que alguém pode envolver-se que são mais esclarecedoras para essa pessoa do que outras coisas, e é só isso; mas quanto ao objetivo, o objetivo está nas nossas ações imediatas. O supremo do nosso ser está nas ações do 'agora'.

Irene: Mas temos de percorrer um longo caminho na Senda, verdadeiramente conscientes de que isto é assim.

Yada: Sim, temos de aprender muitas outras coisas antes que o nosso eu individual desperte, e cada um desperta num tempo diferente, e ninguém pode dizer quando alguém vai despertar. Nem eu, no meu próprio progresso pela vida, no meu próprio caminhar pela vida, posso dizer quando vou despertar. Porquê? Despertar para quê? Despertar para o significado das minhas próprias ações.

R.: Será a nona hora, a hora da conclusão.

Yada: Sim, sim, isso é verdade.

Irene: Isso está na Bíblia mas poucos reconhecem.

Yada: Porque poucos compreendem.

R.: Na história da Crucificação; a nona hora.

Yada: Claro, sim. Santaya Kwantiya, a nona ação, a nona hora.

Irene: Podes desenvolver isso?

Yada: A Realização. A realização consciente do meu próprio ser.

Irene: Porque lhe chamas a nona hora?

Yada: Porque não há décima.

Irene: Volta ao um novamente?

Yada: Sim.

R.: São precisos três pontos para formar o triângulo e três triângulos para fazer o ciclo.

Yada: Muito obrigado. Vês, à medida que avançamos surgem coisas que de outra forma não poderiam surgir. Participar nesta conversa aqui esta noite faz com que certas coisas venham à tona; que pertencem a este tipo de conversa, a este tipo de pensamento. São trazidas à luz.

LaB.: Cada coisa no seu tempo e lugar.

Yada: Assim é. Penso que está a ficar tarde para vocês. Foi uma grande honra vir falar convosco e sei que o meu colega, Professor Luntz, está muito satisfeito por ter tido esta oportunidade de comunicar convosco. Boa noite.

PALESTRA PARTICULAR N.º 8
A ORIGEM DA MATÉRIA

por Yada Di Shi'ite

Yada: É muito interessante aprender sobre as intrincadas complexidades da vida humana e a extrema complexidade da criação. Tudo o que pode ser visto, ou seja, a forma, a matéria em forma, tem origem no que é chamado de padrões geométricos, dentro e formados pela substância primária que às vezes é referida pelo termo 'Pohat'.

R.: Esse é o termo Teosófico.

Yada: Sim. Agora, isto é, como sabes, um nome, uma etiqueta. Claro que os seres humanos precisam de colocar nomes e etiquetas em tudo. Quando uma forma é criada, atribui-se-lhe um nome. Mas antes disso, a substância que cria essa forma também recebe um nome. Esta é a única maneira que o homem encontra para catalogar inteligentemente aquilo que aprende, mas penso que é o homem inteligente que sabe que existe uma diferença entre aquilo que é nomeado e aquilo que não tem nome — o inominável. Sabendo isto, deixa de ter razão para lutar por significados onde há nomes. Deixa de se sentir intrigado por absolutos. Sabe que só pode aprender até certo ponto; só pode ir até certo limite no acto de nomear. Sabe que, a não ser que catalogue aquilo que aprende, os seus aprendizados perder-se-ão. O homem é um catalogador e tudo porque perdeu a consciência de que foi o originador de tudo isto. Ao chegar aqui, perdeu essa consciência, como acontece na maioria dos casos, e, por fim, esquece que foi um homem da terra quando parte daqui.

Nem todos, de forma alguma, mantêm memória da vida na Terra depois de terem saído dela. Existe uma espécie de sono que cai sobre a maioria das mentes. Após um curto período de tempo, pode dizer-se que o estado pós-morte chegou ao fim. Ora, isto é bom. Se assim não fosse, não poderíamos aprender acerca da vida para onde vamos, nem da vida de onde viemos para cá, para o mundo físico.

Para alguém conhecer a sua origem é preciso viver esse conhecimento. Isto significa que não poderia permanecer no mundo físico; não poderia permanecer no mundo astral, pois aquilo que sabemos, tornamo-nos. Não é assim? Agora, após atingirmos determinado estado de desenvolvimento, então as coisas mudam, as condições mudam para nós. Podemos mover-nos livremente de plano em plano e lembrar os planos em que estamos e os planos para onde vamos. Temos padrões de memória sobre como são essas condições, mas para um homem viver, um ser humano viver livre e completamente num plano em particular, mesmo o mais inteligente, o mais avançado em conhecimento, em grande parte desliga a sua memória do plano de onde acaba de vir. Ele já experimentou, viveu o que tinha a fazer enquanto lá esteve. O que se ganharia mantendo continuamente a memória desse plano? O que é, afinal, um plano senão um

estado de consciência, um estado de consciência que foi criado e é criado a partir de uma necessidade? Essas necessidades surgiram das atitudes face às experiências nesse plano particular.

Muitas pessoas que vêm ao mundo físico não têm memória de ter vivido num lugar chamado "mundo astral", ou qualquer outro estado superior de consciência, ou sequer de alguma vez terem vivido na Terra antes. Nenhuma memória disso! No entanto, têm uma espécie de memória disso. Essa memória manifesta-se pelo que essas pessoas fazem aqui. Para dar um exemplo do que quero dizer, consideremos alguém que surge como um grande músico; não tem memória de ter vivido na Terra antes. Às vezes tem, mas é muito raro. O que parece torná-lo um génio da música é a sua compulsão, o impulso inconsciente de criar música. Podem-lhe tirar todas as partituras, podem-no pôr na prisão, podem-no tornar surdo.

Como bem sabes, houve vários grandes mestres da música que eram surdos, mas isso não os impediu. A única forma de impedir uma pessoa dessas é matando-a. Se não fizer música para o mundo, perde a inteligência. Torna-se aquilo a que se chama "insano". A música é a sua vida. É a sua natureza. Não pode fazer outra coisa, e o mesmo se aplica à mente criminosa. Achas que, ao colocar estas pessoas na prisão, podes impedi-las de cometer crimes? Durante todo o tempo que lá estão, estão a engendrar crimes. Nunca param. Não podem parar. A única maneira de os deter é condicioná-los hipnoticamente e isso requer muito tempo, muito trabalho, e mesmo assim, se não vigiares, estas pessoas voltarão aos seus caminhos criminosos. Poderás dizer: "Ah, houve muitas pessoas criminosas que mudaram através de certas experiências e deixaram de cometer crimes."

Só por um tempo. Não pararam. Continuam mentalmente, se essa é a sua natureza, se esses padrões de memória ali foram implantados. Podem mudar ao longo de várias vidas, sim. Imaginemos alguém que nasce num país onde o crime é incentivado, como certos grupos conhecidos como os Thuggas. Estas pessoas são treinadas desde a infância para serem criminosos. Esse treino fica tão impregnado na mente que, vida após vida, podem ter esse tipo de recordação, mesmo mudando de consciência ao criar outro corpo noutro país.

O cérebro humano, no que toca à consciência objetiva, é por natureza sujeito ao que se chama "sugestão" — hipnotismo. Todos vivemos e agimos assim; por sugestão. Se não for pelas dos outros, depois de nos libertarmos das sugestões que nos foram dadas para nos manterem a agir conforme a sociedade considera melhor, então pelas nossas próprias sugestões, pelas nossas experiências. A nossa atenção é retida e a nossa

mente fica fixa. Nada, nenhuma experiência e nenhuma atitude em relação a uma experiência, é alguma vez perdida.

Isto é verdade na natureza de todas as coisas em todo o vasto universo. Nada de novo entrou no universo e nada saiu dele. Nós, humanos, pelas nossas atitudes perante as experiências, criamos a nossa própria existência; por isso é um homem sábio aquele que raciocina, ou tenta raciocinar sobre a natureza do seu próprio ser. O que é? Faço isto ou aquilo porque estou sob compulsões de alguma outra experiência no "agora" da minha vida, ou de algum outro "agora" do passado? Ou tenho controlo sobre a minha vida? Sou o mestre do meu destino e o capitão da minha alma? Estou a citar, como sabes. Faço estas coisas porque vejo inteligência nelas, ou porque fui movido emocionalmente a agir?

Ora, ser movido emocionalmente é muito agradável, se tiveres controlo sobre essas emoções. Mas esse é o problema. Muitas pessoas entre vós são conhecidas na vossa sociedade como pessoas boas, bondosas, justas. Se o são, podes estar certo de que estão a lutar contra padrões de memória de quando não eram assim tão boas pessoas. Penso que os vossos psiquiatras e os vossos psicólogos mais instruídos sabem disto, embora não o digam nem admitam qualquer vida passada; pelo menos sabem o que é um adulto e o que ele foi pelas suas atitudes perante as experiências desde o dia em que aqui chegou, e até antes, ao tempo da concepção. Sim, creio que os vossos psicólogos modernos sabem disso.

Não penso que seja possível fazer este tipo de coisa, mas penso que seria muito útil no que respeita aos vossos criminosos e tribunais. Quantas vezes, se é que alguma vez, quando — como lhe chamam — uma vítima, um prisioneiro, alguém que cometeu um crime é levado aos vossos tribunais, quantas vezes o juiz pergunta a essa pessoa: "Como chegaste aqui? O que te trouxe aqui? Como começaste?" O seu crime não é o que está agora perante o tribunal; o seu crime teve origem na sua infância e talvez até noutra vida. Mas estes factos não são considerados pelos vossos tribunais, e nem sei se deveriam ser, porque neste momento não têm tempo para cuidar dos vossos criminosos, para julgá-los, e não têm dinheiro suficiente para acalmar os vossos políticos de modo a que se interessem, de modo a que se esqueçam do dinheiro por tempo suficiente para se preocuparem com a justiça e a lei em si. É por isso que o vosso país está cheio de criminalidade. Muito raramente um médico tenta descobrir por que razão alguém está doente. Qual é a origem da tua doença atual? Quando começou? Quais foram alguns dos primeiros sintomas?

Quantos na vossa medicina hoje não reconhecem (e, se o fazem, não lhe dão atenção) que essa desordem do estômago a que chamam "caso

ligeiro de azia", "acidez de estômago", "indigestão", não pensam por um momento que isto levará, e é já o início, de uma total falência glandular. O processo lento começa a mostrar-se no que é chamado de "úlceras". E o que iniciou tudo isto? Qual foi a origem? Frustrações precoces, ansiedades precoces, medos precoces, incertezas. Estes causaram que as energias, as fortes energias e substâncias vitais, reagissem negativamente sobre o corpo, criando bloqueios nos nervos e bloqueios no sistema glandular, de modo que o sistema glandular já não consegue funcionar corretamente.

Acho que por vezes o médico, especialmente se fores para um dos teus hospitais, tenta obter algum tipo de histórico da tua doença no passado. Sabes se é assim?

Irene: Sim, eles fazem sempre o que chamam de história clínica do doente, das doenças que o doente já teve, mas não investigam mais a fundo para descobrir como começou o primeiro mal.

Yada: Assim é.

Irene: Consequentemente, não têm consciência de que é preciso trazer à tona a origem da doença.

Yada: Não. Tratam os sintomas. Não se interessam. Só se interessam por ti como uma unidade de desordem numa sociedade saudável que acham harmoniosa, o tipo de sociedade que deve existir.

Cada criminoso torna-se um objeto de condenação para toda a sociedade e para as suas leis. Punir esse criminoso é como punir alguém que sofre de algum tipo de doença física. O castigo não é a resposta para acabar com o crime. Para o travar é preciso ir à origem do crime, ao que o iniciou. Ora, a verdade do que digo é bem evidente no vosso sistema hoje em dia, pois pegam num criminoso, metem-no na prisão, mantêm-no ali por um certo número de anos, meses, ou o que for, e depois soltam-no de novo e acham que está tudo bem. Acham que ele vai deixar de cometer crimes? Quase nunca deixa, e quando deixa, a única coisa que o faz parar, ou aparentar ter parado, é o medo de novo castigo. É como dizer a um homem: "Por favor, deixa de beber, porque se não deixares vais morrer." Ora, tenho a certeza de que isso não o vai parar. Condená-lo à morte não é a solução. Ameaçá-lo não o vai curar.

Irene: Yada, antes de entrares, tinhas consciência da experiência que nos estavam a demonstrar e eu estava a pensar se a aplicação de algo deste género ajudaria o médico, de alguma forma, a perceber melhor onde está a doença?

Yada: Em certa medida, sim. Se o médico aprendesse a natureza da constituição do doente, isso ajudava-o bastante, mas ele não tem tempo para isso, por isso é-me inimaginável que até conseguissem interessar os

médicos por algo assim. Eles não estão interessados nos doentes, nem em curar, mas em ganhar dinheiro.

Irene: Por vezes temos conhecimento de um psiquiatra interessado neste tipo de coisas.

Yada: Sim, e há médicos que, mesmo sendo médicos, têm interesse nisto. Há muitos que gostariam de fazer melhor, mas o vosso sistema social logo os esmaga impondo-lhes que vivam como a maioria e ganhem dinheiro, ganhem dinheiro. Este é todo o esquema, todo o plano do vosso sistema social, e ainda falam da Índia e do seu sistema de castas! Vocês têm-no aqui mesmo no vosso país! Um sistema de castas! Sem dinheiro, o que és tu? Os ricos tentam fazer propaganda das virtudes de ser pobre, mas isto é para impedir que os pobres queiram ser ricos e os afastem. Não, o vosso sistema social não ensinou honra, respeito, inteligência aos jovens. Os professores, os adultos, esses adultos que ao longo do tempo acumularam tanta desinformação sobre a vida, sobre os factos do ser, já não são capazes de agir inteligentemente por uma ação inteligente.

Irene: Não sabem separar o trigo do joio.

Yada: Não. A questão é: "Quanto posso ganhar sendo inteligente? Até que grau de inteligência devo ir para ganhar dinheiro?" As vossas escolas ensinam isto. As escolas são um sistema de ensino para dinheiro, não pelo gosto de fazer um bom trabalho, mas pelo estatuto financeiro que terão, pelo estatuto que terão no seu sistema social. E queres sair e mudar isto tudo? Quero eu mudar isto tudo? Não, realmente.

Então, o que queremos? Para que serve toda esta conversa, toda esta "tempestade em copo de água"? Todo este desenvolvimento pessoal não é o esforço de desenvolver outra pessoa. Não foi o homem chamado "Jesus" que trabalhou a sua própria inteligência antes de poder ensinar aqueles que vinham atrás dele, os novos membros da ordem mística? Um homem que vai para a escola deve educar-se antes de poder educar os seus alunos, ou sequer de os ter; portanto, toda esta conversa é sobre algo. Esse algo és tu. Há um ditado curto no vosso mundo. Diz-se que a caridade começa em casa. Agora isto é muito banal. Torna-se banal, fica gasto, ao ser repetido sem sinceridade, mas é uma grande verdade.

A maioria das pessoas metafísicas anda a tentar recrutar membros para as suas organizações. Parece que quanto mais membros têm, melhores são, mas o que querem dizer é que quanto maiores são, mais poder financeiro ganham.

Queres filiação em ti mesmo. A vida é a maior e a única verdadeira organização. És membro dela pelo nascimento. És membro na Luz, não pelo nascimento físico mas pela consciência mental da natureza divina do

teu próprio ser. Pela forma como respondes às tuas experiências a que chamas "viver", estás a passar pela iniciação, estás a sofrer a cruz da ignorância para renascer na Luz Divina, para regressar a ti mesmo, ao Cristo interior.

Onde te encontras nesta grande e única organização? Só tu sabes isso. Nenhum livro, nenhum professor, nenhum guru grande ou pequeno pode dizer-te. Nenhum pode guiar-te para a Luz; nenhum pode abrir a porta para a Sala da Luz. Só tu podes fazê-lo. O melhor que qualquer professor, qualquer organização, pode fazer por ti ou por mim é fazer-nos saber que há a possibilidade de sermos seres maiores do que alguma vez imaginámos.

Meus amigos, existe essa possibilidade. Queres saber de onde vem o teu sofrimento e toda esta dificuldade para existir, para existires aqui mesmo no mundo físico? Não é um impulso para um estado maior de ser, seja o que chamares o céu cristão ou outro, porque não sabemos se tais estados existem. Não sabemos. Isso significa que temos de descobrir e tudo o que fazemos por eles é dizer que há uma possibilidade de seres maior do que imaginas. Não achas que vale um pouco do teu tempo para ver se é assim? Se achas, posso oferecer-te uma pequena recompensa e é que vais descobrir porque sofres e isso vai dizer-te, automaticamente, como sair desse sofrimento. Sair dele é o que nós, que não pensamos, andamos sempre a tentar fazer, mas o caminho que seguimos é um caminho emocional que se chama "fugir", escapar. Não conseguimos fazer isso porque não há para onde ir. O pensamento que me incomoda não se pode eliminar em lado nenhum. Onde quer que eu vá, aquilo que sou continua comigo. O que é isso que está comigo? Quando souber, então saberei como me libertar para que já não me persiga.

R.: Se ficares firme e enfrentares, verás que não é assim tão terrível quanto parece.

Yada: Claro, claro. Se alguém que vai ser ungido, se vai passar pela sua iniciação, que tem de passar, tem de enfrentar sem medo e vai descobrir, para sua grande alegria, que não é tão doloroso como pensava. É o nosso medo do desconhecido que nos faz fugir, seja fisicamente ou mentalmente. Nós que procuramos saber temos de chegar à realização de que não podemos ser magoados, não podemos ser prejudicados, que toda experiência que sofremos é boa para nós. Isso aumenta a nossa educação; leva-nos a saber o que é, e sabendo o que é sabemos automaticamente o que não é. Agora, aquele que entra numa luz mais alta em que compreende a natureza do seu meio físico, tenta ele travar o que lá se passa? Claro que não. Vê o que é e, portanto, tenta elevar-se acima disso. Já não lhe toca,

mas vê que é útil para aqueles que ainda não se elevaram acima disso. É uma necessidade para eles.

Irene: Uma lagarta tem de ser lagarta antes de poder tornar-se borboleta.

Yada: Assim é. Seria inteligente alguém que se tornou borboleta olhar para trás e franzir o sobrolho à lagarta ou preocupar-se em ser casulo? Pode olhar para esses estados de onde veio e dizer: "Deixem de existir. Sois maus, não sois necessários. É muito melhor ser apenas borboleta"? Não. É necessário. Para se tornar borboleta, tem de ser lagarta e depois casulo. Tem de passar por esses estágios, por isso não presta atenção a essas coisas que outrora foi, seja casulo ou lagarta.

Toda a sua atenção está centrada em ser borboleta. Na sua curta vida, vive-a tão plenamente que não se preocupa com a sua saída do estado de borboleta. Não se preocupa com o tempo. Vive apenas na ação, no movimento. Isto faz dele um ser maravilhoso, um ser maravilhosamente inteiro.

Acho que o homem não comeu da Árvore da Vida. Comeu da Árvore do Conhecimento e depois esqueceu de qual árvore comeu, porque mostra tão pouca compreensão da natureza da vida e do seu próprio ser. Devo fazer alguma coisa quanto a isso? Não. Está certo, é bom, e é assim que é. Como podemos argumentar com aquilo que é?

Irene: Não se pode argumentar que a fase de casulo está errada.

Yada: Não. Depois, a fase de lagarta tem o seu próprio "ser-lagarta". Em nenhum momento a lagarta questionou isso e disse: "Gostava de ser um casulo. Estaria num estado mais belo", ou "Gostava de já ter passado o meu estado de casulo e agora ser borboleta." Que vaidade! Um dos vossos grandes bardos diz que a vida é feita da matéria dos sonhos. Isto só é verdade para o *totó*, o eu emocional inferior que nada sabe. Para ele tudo é confusão porque está sempre a procurar ser o que ainda não é e esquece-se de que está no processo. No esquecimento do que é, sofre, pois o eu emocional nunca esquece. O eu emocional, o eu-ego, está tão fixado em si próprio que não se interessa por estados superiores do ser. Por isso é tão difícil elevar-se acima desse eu emocional. É um estado hipnótico; é um estado de transe.

Já ouvi pessoas dizerem-me: "Yada, e então? O que se faz quanto a isso? Saber tudo isto não impede o sofrimento." Eu digo-lhes: "Sabes mesmo tudo isto? Não sabes. Sabes intelectualmente, sim. Mas não sabes lá onde o vives. Isso é que é saber.

Saber é ser; a borboleta conhece-se pelo que faz. É esse o seu prazer. É a consciência de borboleta. Agora, se ela pensasse que era outra coisa,

por desejos emocionais inferiores, não podia tornar-se outra coisa. Não podia viver o seu saber. Por exemplo, não podia ter consciência de abelha. Consciência de borboleta e consciência de abelha são especialidades. São muito delimitadas, perfeitas nos seus próprios estados de consciência.

A razão pela qual a consciência humana é tão diferente de qualquer outro tipo de consciência é porque pode pensar sobre o que faz. Pode guiar-se a si mesma. Pode assumir um estado de consciência que não é humano, mas animal, e de vários tipos de animais. Pode pensar em fazer uma coisa e depois fazê-la talvez dias, semanas, meses, anos depois. O homem é um criador, um desenhador. Esta é a natureza da sua consciência, por isso pode ser o que quiser ser. O seu destino está nas suas mãos. Mas, em termos gerais, a maioria dos seres humanos que entram no mundo perdeu esse controlo sobre o seu destino. Não tem controlo consciente sobre ele, por isso tem de lutar, esforçar-se para voltar ao caminho.

Vês, toda essa luta, todo esse esforço chama-se experiência. Nós, humanos, somos verdadeiramente abençoados acima de todas as outras formas que a vida já assumiu. Só há uma vida e ela assume muitas formas, cria centros onde habitar, para obter experiência. Quando atinge o estado humano, está pronta, pelo menos pronta, para fazer o que nenhuma outra forma pode fazer. Pode elevar-se acima do sonho que criou, da criação exterior, e, no entanto, o seu eu-forma pode continuar a existir nela.

O homem Jesus disse: "Estou no vosso mundo mas não sou dele." Lembras-te disto? Esta é a nossa condição. Ele estava a dizer isto para toda a humanidade. Maravilhoso! Mas o vosso sistema sacerdotal, seja qual for a denominação, é o mesmo. Nunca ensinou às pessoas que são seres divinos! Oh, não! São maus! São pecadores! O que é que isto faz a um ego adormecido? Enlouquece-o! Afunda-o ainda mais na loucura. Está tudo bem. Não tenho medo. Não tenho pensamentos ansiosos. Cada um de nós, criadores, encontrará o caminho de regresso a casa a seu tempo. Para aqueles que realmente procuram, uma coisa é importante — tentar pensar. Tentar, cada dia, tornar-se um pouco mais desprendido do meio que o rodeia. Desprendido emocionalmente, quero dizer. Não te deixes prender pelas tuas imagens exteriores.

Acho que vou ausentar-me um pouco.

(Yada retira-se e regressa após um intervalo)

Yada: E então, cá estou de volta. Enquanto não estava no controlo do corpo deste homem, ouvi a vossa conversa, se não se importam. Chama-se "escutar às escondidas" e diz-se que quem o faz raramente ouve algo de bom sobre si. Mas não estavam a falar de mim, por isso está tudo bem.

Acho que vou começar por dizer algo sobre a vossa conversa acerca do homem Jesus e da sua crucificação, se foi ou não uma experiência literal. No vosso atual estado de consciência, o conhecimento da verdade ou não verdade disto não é muito importante, como disseste. Faz pouco mais por nós do que dar-nos oportunidade de expressar opiniões sobre o que sentimos; mas, sob outro ponto de vista, dirigido a vós enquanto sinceros buscadores da Luz, tento primeiro iniciar uma espécie de debate — não um debate argumentativo — mas um debate sobre se este homem, ou tal homem, foi crucificado. Faço isto porque procuro os vossos pensamentos, as vossas opiniões, sejam quais forem, sobre porque acham que foi crucificado, ou porque acham que não foi, e o que pensam que ele realizou com isso, com o sacrifício do seu corpo físico, ou o que não conseguiu realizar.

Acho que o ponto que queria deixar claro convosco é: "O que sabem sobre o ritual das antigas escolas místicas?" Veem, hoje não existem tais escolas. Existem resquícios, sim, mas não como eram, quando realizavam rituais muito longos. Não os têm hoje. Serviram o seu propósito naquele período de tempo. Foi nesse tempo, nos anos — vamos voltar à época do homem Jesus e das antigas escolas de mistérios egípcias, e também às escolas da Grécia, as escolas helénicas, os druidas e as antigas escolas hebraicas, e muitas outras.

Como falávamos há várias noites, os persas criaram, realmente criaram, alguns mestres ocultos muito notáveis, e esses também são mencionados na vossa Bíblia cristã — os Magos. Ora, só nesses tempos eram possíveis tais escolas, porque havia uma atmosfera mental, uma atmosfera mental e psíquica que era especial naquela época, ou naquelas épocas. Esses grandes intelectos e mestres da sabedoria eram muito mais necessários do que hoje. O homem adorava o verdadeiro deus do espírito. Tinham uma ligação muito próxima ao mundo espiritual. Essas condições já não existem hoje.

Avancemos agora para o que chamam de oitocentos, quando o espiritualismo, não o espiritualismo, mas o espiritualismo surgiu primeiro na Europa e depois no vosso país. Os homens e mulheres que se tornaram médiuns, a maioria deles, eram muito mais capazes de produzir fenómenos físicos do que qualquer um do vosso tempo. Acho que têm consciência disso. À medida que nos tornamos mais mecânicos, vivemos dessa forma. Se formos verdadeiramente espirituais, vivemos assim. Isso permeia o tempo, a atmosfera da época. (Nada se manifesta num tempo que pertence a outro), e se alguém ou alguma condição surgir num tempo que não lhe pertence, aparece como um caso estranho e não pode durar, e cria grandes

conflitos. Naqueles tempos “cristãos” antigos, como lhes chamam, havia no homem um despertar para o facto de que existia um poder, uma força, ou o que quiserem chamar-lhe — as palavras são muito insuficientes — para aquilo que existia naquele tempo.

O povo estava em grande necessidade de sair do estado animal ao qual tinha sido sujeito durante tantos, tantos, tantos séculos pelos principais controladores das massas. Tinham ficado tão acorrentados ao seu estado de perdição que se tinham enjoado da matéria e do que parecia ser o seu sofrimento interminável. Ao atingir esse estado de consciência, não podiam fazer nada por si próprios. Precisavam de professores. A necessidade desses professores tornou-se tão evidente para alguns dos seres mais avançados daquela época que criaram escolas para formar professores que sairiam para libertar o povo, não da vida material, mas da prisão da sua ignorância.

Se alguma vez conseguissem sair disso, levantavam-se e rebelavam-se contra os seus senhores materiais. No entanto, com o passar do tempo, essas escolas deixaram de ser necessárias. Os membros começaram a espalhar-se por diferentes partes do mundo, criando as suas próprias escolas, levando os pensamentos e ensinamentos da sua escola particular às pessoas do país para onde iam. Mas, infelizmente, alguns desses professores mais tardios perderam o sentimento pelo que tinham aprendido, perderam o sentimento pelo lado espiritual do seu ser.

Agora, não se pensaria que isto pudesse acontecer, que ensinamentos tão extraordinariamente inteligentes viessem a ser, como dizes, negligenciados pela glorificação do ganho material, mas aconteceu, e foram esses que formaram o primeiro pequeno grupo que ficou conhecido na China como sacerdotes budistas. Formaram uma organização onde usaram os ensinamentos daquele chamado Guatama Siddharta, que se tornou o ponto central do seu culto sagrado, ou o Buda.

Isto aconteceu, até certo ponto, também na Pérsia, na Índia, e naquele grupo chamado os "Druidas". Também com aqueles que se tornaram construtores de templos chamados sinagogas. Mas isto foi feito apenas ao acaso e por ganância de alguns dos professores posteriores? Não. A ideia de criar templos foi originalmente pensada como um meio de chegar às pessoas, às mentes leigas que nada sabiam sobre a sua natureza interior, então foi-lhes dada uma espécie de história secundária para os encantar, para os atrair, para chamar a sua atenção. Não há maior apelo para a mente adormecida do que a confirmação do próprio ego.

Agora, no tempo do homem Jesus, no Egipto, havia uma organização conhecida como a escola Sanhedriana. Era uma organização de hebreus,

judeus. Não os judeus originais, mas uma mistura, pois os judeus originais eram negros. Os Sanhedrianos não eram negros. Eram, em parte, egípcios e uma mistura de muitas outras nacionalidades, mas continham sobretudo sangue judeu, ou melhor dizendo, sangue hebraico. Era uma organização muito cruel, que se tornou enormemente rica pela sua ganância e corrupção da nação de onde se originou.

Irene: Isto foi no Egipto, Yada?

Yada: Sim, na época do culto ao deus Baal, um deus muito cruel. Isto espalhou-se para África, Índia, mas não tanto para a China ou a Pérsia. Por causa da ânsia por posses materiais, odiavam, e ensinavam contra, e faziam disso um crime punível com a morte, ensinar algo sobre os ensinamentos internos da vida e do espírito humano. Antes disso, os fenómenos materiais que conseguiam criar eram notáveis, maravilhosos e naturais. Achavam-nos naturais, como todas estas escolas místicas. Mas os Sanhedrianos foram criados para corromper estes ensinamentos, destruí-los e destruir os professores, sobretudo, quando não os podiam matar fisicamente, ridicularizando-os, negando os seus ensinamentos.

Depois surgiu um homem da Índia. Agora chegamos a um tempo que raramente é mencionado em qualquer livro sagrado. Cem anos antes de qualquer livro cristão mencionar Jesus, apareceu um homem vindo da Índia, um homem que teve o seu aprendizado básico na Pérsia. Era um adepto, uma grande alma, alguém que já estava fora da roda da vida. Falava muitas línguas, mas principalmente falava aramaico. Às vezes falava em hebraico, mas sobretudo falava aramaico. Este homem teve o seu esclarecimento espiritual em muitas, muitas escolas, muitas escolas místicas. Está registado, o título que lhe foi dado está registado e ainda hoje existe num dos templos, ou gupas, no Tibete.

Fisicamente, este homem era muito alto, muito forte, com um corpo maravilhoso, belamente constituído. Não tinha cabelo ruivo, nem preto. Era louro, de grandes olhos azuis. A sua história, a história da sua iniciação, foi roubada e, no seu lugar, criou-se uma história para o povo. Uma história de assassinato que não se poderia descartar aos membros da escola Sanhedriana, mas o que assassinaram não foi o corpo de um homem, mas a sua reputação, em espírito, em verdade. Claro que houve um que foi pregado na cruz. Um foi assassinado. Um? Vários, que pertenciam aos ensinamentos internos. A história dos dois ladrões com quem ele foi crucificado — lembras-te desta história?

R.: Comparável à Árvore da Vida.

Yada: Sim, claro. Esses seres foram assassinados, essas representações. Pegaram em homens reais, seres humanos vivos, e

assassinaram-nos em cruzes para mostrar ao povo que deviam deixar de ensinar as verdades internas, mas nenhum Mestre, nenhum grande Adepto, foi assassinado. Não teria sido permitido que ele próprio se oferecesse em sacrifício. Sacrifício a quê? A um Deus? Não, mas às emoções do povo. Se os estudos sobre a grandeza do ser humano forem verdadeiros, podes imaginar um desses grandes mestres, com profundo entendimento da vida, permitir-se tornar, e assim quebrar a lei, tornar-se objeto de pena dos cegos, dos iletrados emocional e moralmente? Claro que não; claro que não.

Na Pérsia, diz-se, houve um chamado Zaratustra. Diz-se que este homem disse ao povo: "Matem-me e ressuscitarei ao terceiro dia." E assim fizeram. Pregaram o seu corpo a um celeiro de cabeça para baixo e, diz-se, ele ressuscitou e esteve entre eles ao terceiro dia. Repara nisto! A simbologia de ser crucificado de cabeça para baixo. A simbologia disto é demasiado extensa para abordar aqui, tal como a simbologia do homem que chamam "Jesus", que dizem ter sofrido a crucificação e morrido na cruz. É muito mais complexo do que quase qualquer pessoa nas vossas civilizações modernas conhece. Sim, alguns de vós, mas poucos.

R.: O pentagrama invertido.

Yada: Sim, claro. Diz-se que mais de dezasseis homens foram crucificados de uma forma ou de outra. É história, história escrita. Nenhum deles foi literalmente assassinado. Se tivessem sido, não haveria história para contar, a não ser a história normal de um assassinato. Não haveria a grande simbologia das marcas da crucificação no corpo do iniciado. O lado, as palmas das mãos, as plantas dos pés, a coroa de espinhos, todos estes centros e a carne e o sangue a incidir sobre eles são puramente simbólicos, e ao dizer isto, não é para desvalorizar, mas para trazer de volta o conhecimento da grandeza por trás destas crucificações.

R.: A lança é um dos símbolos da concentração.

Yada: Assim é. Também estão a dizer que o homem tem de sair do mundo físico antes de poder compreender o mundo mental, o mundo espiritual. A sua atenção tem de ser atraída para ele. Se há de receber a sua iniciação em planos superiores além do físico, deve perder a consciência do mundo material durante um tempo.

Perguntemo-nos, a nós e a qualquer um: na tentativa de obter a compaixão do seu deus para a criação do seu deus através deste género de exibicionismo, o que é que isso trouxe ao mundo do homem? O que fez pelo seu espírito? Ajudou na nossa compreensão ou não ficámos todos perdidos na piedade emocional ao ponto de nos tornarmos totalmente cegos à verdade da grande natureza da crucificação, do sacrifício? O que esteve verdadeiramente por trás disso, além do pensamento do povo de que esse

ser tentava acalmar a ira de um deus pela sua criação? Podes dizer-me o que se ganhou para abrir os olhos espirituais do homem? Só fico agradecido se me mostrares onde posso estar errado. Tens o direito de acreditar nisso; pois é o teu mundo, e tudo o que há nele te pertence, como outrora me pertenceu.

Porque pensas que venho aqui? Porque não perdi o interesse em ajudar o meu semelhante a sair do estado animal em que se encontra e ajudá-lo a perceber que nenhum sofrimento de nenhum ser trouxe vida ao resto da humanidade. Achas que a vida e a compreensão foram trazidas à humanidade por esses mestres que se chamam cristãos e constroem templos aos milhares enquanto os seus semelhantes morrem de fome? Achas que poderiam existir choupanas onde viver, que deixaríamos uns aos outros perder a dignidade humana? Achas que isso seria possível? A vida e o conhecimento são experiência individual. Vir aqui, viver uma vida física, é carregar a cruz, é sofrer a cruz, a cruz da matéria. Sair deste sonho é doloroso. É sacrifício, mas um sacrifício para encontrar-se a si próprio, digo eu. Mas achas que o que acabei de dizer pode ser, digamos, apenas possível?

R.: Sim, possivelmente, mas não temos como verificar até termos a capacidade de ler os registos akáshicos.

Yada: Assim é.

R.: Então estás um pouco à nossa frente.

Yada: Assim é. Agora, meu amigo, mencionaste um ensinamento de algum lado, não sei se disseste de onde, de que o homem chamado "Jesus" foi crucificado mas Maria Madalena o perdoou por algo que ele fez ou não fez, e por isso tiraram-no da cruz. Onde é que ouviste essa história?

R.: De uma das ordens ocultas.

(Neste momento Yada fala com o seu mestre na língua Yu)

Yada: Só te faço uma pergunta. Aceitas isto?

R.: Não aceito, nem rejeito, porque não sei.

Yada: Homem sábio, homem sábio. Palavras sábias. Então não posso dizer mais nada sobre isso. Já nada disse.

R.: Isso é assunto por resolver.

Yada: O que eu disse, o que ele disse, o que qualquer um disse, cabe-vos a vós descobrir a verdade, meus amigos.

R.: Assim como temos de descobrir a verdade sobre o nosso próprio desenvolvimento espiritual.

Yada: Assim é. Vês, o que eu digo sobre esse assunto, não é inteligente aceitares como garantido e dizer "Ah, o Yada disse isto e aquilo." Não sou tão infalível como o vosso papa. Mas ele (João XXIII –

nota do editor) está a seguir o seu próprio caminho. Tem de fazer o que tem de fazer. É criatura do seu tempo e do seu ambiente. Não tem escolha, não tem escolha. Se realmente tivesse escolha, nunca teria sido papa.

R.: Teria sido um mestre.

Yada: Exatamente. Continua a viver no mundo das emoções. Se pensas que não, olha para a cara dele. O outro homem, o outro papa (Pio XII – nota do editor), de quem ele tomou o lugar, homem muito magro, homem muito frustrado. Também um homem internamente medroso. Agora sabe melhor mas a sua vida física foi de dor, sofrimento e frustração. Tinha o que vocês, americanos, chamam de grande "snobismo", e "olhar-de-cima-para-baixo" para com os outros. Era o papa dos ricos, mas João é o papa dos pobres. Bom homem, a fazer o que pensa ser certo. Acho que vou deixar-vos agora. Boa noite.

PALESTRA PARTICULAR N.º 9
O CAMINHO LONGO

por Yada Di Shi'ite

Yada: Meus honrados amigos, voltamos a reunir-nos para conversar um pouco sobre alguns temas de que falámos há uma ou duas semanas, sobre diferentes níveis de consciência e as várias formas de abordar esses estados de consciência sem nos expormos a grandes perigos por ignorância.

Acho que vou chamar à minha palestra desta noite "O Caminho Longo". Como recordarão, já disse no passado, penso que em vários destes encontros, que o perigo da existência do homem ao vir para a terra não começou aqui, mas começou quando, no seu estado criativo, experimentava criar, que é da sua própria natureza.

Na sua experimentação, apercebeu-se de que tinha descoberto algo de grande importância. Chamou-lhe "matéria". Claro que não podemos nem pensar que se chamava assim nessa época, nas condições em que a consciência humana, que é a consciência criativa (não devia dizer "humana", pois humano fala do homem numa forma, num corpo), mas antes de entrar nesse estado, tornou-se consciente de que algo muito estranho acontecia com a substância com que experimentava naquela altura.

O que descobriu foi que era capaz de alterar o movimento dessa substância e transformá-la em substância tridimensional. Os descobridores disto foram à hierarquia do plano de consciência em que existiam e contaram o que tinham descoberto, dizendo que tinham encontrado aquilo por acaso, como ainda hoje o homem descobre muita coisa por acidente.

Falaremos de acidentes mais à frente. Foi avisado por essas mentes superiores de que devia largar isso, devia esquecer que tinha feito tal descoberta. Isto, claro, desagradou-lhes, mas avisaram-nos do grande perigo de continuar; avisaram-nos de que podiam ficar presos na sua própria criação e que levariam muito, muito tempo até conseguirem libertar a sua consciência disso e voltar a casa, ao seu estado original.

Mas todos os argumentos contra foram inúteis. Isto, em parte, é o que a vossa Bíblia Cristã chama de "raça caída", a raça humana. O sistema sacerdotal da religião cristã transformou essa queda em algo parecido com um pecado moral, e os seres que acabaram por ficar presos nesta nova criação são pecadores contra um ser chamado "Deus", quando o único erro que cometeram foi perderem a consciência na sua criação.

No entanto, não foi um erro, como a hierarquia bem sabia. Foi simplesmente o resultado do que faziam e do que fizeram; criar o mundo da matéria, o estado de movimento tridimensional.

A vossa Bíblia não fala nada, se me lembro bem, dos criadores do mundo material, ou talvez deva dizer dos "descobridores" desse mundo, pois a hierarquia é que fez a criação, tendo recebido uma chave, uma espécie de mapa, por assim dizer, para encontrar o caminho de saída desta Babilónia chamada "matéria". Mas essas chaves não lhes foram dadas até terem entrado e se tornado um com a sua criação, e mesmo assim só depois de terem, através do que chamam "evolução", atingido uma certa forma, a forma de uma coluna vertebral e o que se chama um cérebro fechado. Não receberam essas chaves antes de atingirem essa forma e poderem perceber que eram diferentes da sua criação. Então começaram a receber essas chaves, então esses mapas e chaves foram transmitidos pelo que vieram a ser chamadas escolas dos Ensinamentos Internos.

Esses mapas eram de muitos tipos, às vezes chamados o mapa do "ocultismo", a via oculta, a via espiritualista, a via alquímica, a via do yoga e muitos outros nomes. Desde o início, disseram-lhes: "Embora possam entrar, e vão entrar na vossa criação, permanecerão por um tempo, e depois passarão para um nível de consciência um passo além do mundo tridimensional, chamado o 'mundo dos mortos'. Depois, voltarão ao mundo da matéria, e irão embora de novo, e voltarão, e esse ir e vir chamar-se-á 'A Roda da Vida'."

Encontramos isso não só nos criadores do sonho, mas também no próprio sonho. Tudo o que é feito de matéria move-se naquilo a que se chama "A Roda", o ciclo eterno do mundo da matéria. Só relativamente poucos, ao longo de biliões de anos, conseguiram sair da roda do mundo material. Só relativamente poucos encontraram o caminho de regresso a

casa. O caminho para encontrar o caminho é o caminho longo. O que o torna tão longo é a nossa incapacidade de obter consciência de que somos o criador do sonho.

Uma das primeiras barreiras que nos impedem de conhecer a nossa natureza divina surgiu automaticamente quando descobrimos que, como humanos, éramos diferentes do resto da criação. Criou em nós o muro do medo, pois apresentou-nos um grande e aparentemente intransponível mistério, um enigma, e continua a fazê-lo até que, como indivíduos, consigamos perceber, agarrar, se formos capazes, ver para lá do nosso sonho para perceber que é um sonho criado por nós, o sonhador. Não há outra maneira de obter este tipo de compreensão senão primeiro tendo a realização de que há algo mais, algo além do que aparece ao sentido físico. Há uma realidade maior.

Tu, tenho a certeza, tu que aqui estás, sabes como é quase impossível explicar a outro o que sabes se ele não estiver pronto. Se não tiver dentro de si alguma pequena semente desperta de consciência quanto à sua natureza divina, nada podes fazer, nem eu, para lhe transmitir esta informação. Tropeçámos, por acaso, no conhecimento do que é chamado "matéria"; agora temos de, individualmente, voltar a tropeçar no conhecimento de que somos o criador dela. Nós, digo eu, somos o criador da matéria. Quando digo isto, a primeira coisa em que pensam é que esse "nós" é o eu emocional, que é disso que falo, o homem-matéria. Não. O homem-matéria nunca pode saber que é o criador. É o homem-espírito que deve chegar a essa consciência, pois tudo o que o homem-matéria pode perceber é matéria. Tudo o que o homem-espírito percebe é espírito. No momento em que homem-matéria e homem-espírito se tornam um, no momento em que o eu material se perde no eu espiritual, já não há consciência da matéria como tal. Sabemos o que é agora. Sabemos que é substância de sonho e que somos o sonhador e já não duvidamos disso. Sabemos que o eu material deve perder-se no eu espiritual, senão não é possível.

Mais uma vez, o meu mundo, para a consciência comum que nada sabe da sua natureza divina, nada significaria. O Eu procura-se a si mesmo e a matéria procura-se a si mesma. Nenhum dos dois reconhece o outro.

Assim, o homem-espírito e o homem-matéria vivem juntos no mesmo corpo, mas nenhum reconhece o outro, e o trabalho é criar esse reconhecimento.

Yada: Sim, esse é o cerne, o verdadeiro cerne de todo o problema do homem, da sua dor, do seu desespero. É um enigma, um mistério totalmente insolúvel para a mente material, para o eu material. No entanto,

esta ignorância não o impede de imaginar a criação como feita por algo maior do que ele mesmo, por si só. Na verdade, fê-lo assumir isso. Levou-o, forçou-o, o adormecido, à ideia de que há algo maior do que ele próprio. Isso levou-o a chamar ao seu Eu maior o título de "Deus", pois o homem, entre outras coisas, criou Deus.

Ora, dizer isto é muito simples, mas encontrar esse reconhecimento é muito difícil. Contudo, a dificuldade reside apenas na incapacidade de sair da sua consciência condicionada tempo suficiente para poder reconhecer a sua consciência superior, a sua consciência Crística.

E, no entanto, parece haver um certo grau de comunicação entre os dois.

Sim, sim, ao mesmo tempo que ambos ignoram o outro. Não há negação; o eu inferior não nega o Cristo; o Cristo não nega o eu-material. Simplesmente não conhecem nenhum elo de reconhecimento entre eles. Agora, se nós que admitimos que há um Eu-Cristo, se sabemos que isto é a causa das aventuras de Adão no mundo da matéria, que é a causa do estar perdido, então não podemos discutir com eles sobre isso. Não podemos sentir desespero porque não conseguimos fazê-los ver o elo, ou a ponte, ou que existem esses elos ou pontes. Não podemos fazê-lo. O estudo da vida, a busca do caminho, é uma experiência individual. O trabalho não é iluminar os outros. O trabalho é iluminar-se a si mesmo. Depois, se tiveres o privilégio de fazer isto, de adquirir a tua própria iluminação e isso for devidamente observado pelos que te rodeiam, eles receberão a luz e virão até à tua luz, mas toda a conversa, toda a pregação, todas as discussões, não vão levar outro à sua Consciência Crística.

Já ouviste muitas vezes a expressão usada pelos vossos cientistas materiais sobre o homem. Os físicos dizem que o homem é "homem físico" e que é só isso. Os químicos dizem que o homem é "homem químico" e só isso. Os biólogos dizem que tudo o que o homem é, deve-se aos seus genes e cromossomas. Os três têm razão, razão quanto à natureza do homem enquanto ser-material. A razão é baseada no que acabámos de dizer: a matéria não pode reconhecer o espírito. Não tem forma de o fazer. Não há régua para medir. Não podes medir um abstrato com um concreto, nem vice-versa.

Só o espírito pode reconhecer espírito. Só a matéria pode medir matéria. A única forma de contornar esta condição é o espírito brilhar a sua luz sobre a matéria, sobre o homem-matéria, para que o homem-matéria possa ver a sua sombra. Só o concreto pode projetar essa sombra no mundo concreto, mas é preciso o sol, ou luz, para criar a sombra. Se o homem não pudesse ver a sua sombra, nunca poderia conhecer a luz. Ao ver a sua

sombra, começa a perceber que há um estado maior que existe para ele; que se esse estado não existisse, ele não poderia existir, o homem-matéria não poderia existir. Isto põe em marcha quem pensa, no caminho da luz, para encontrar a luz e de onde ela vem. Esta é a primeira grande descoberta da consciência material humana. Ao fazer esta descoberta damos o nosso primeiro passo rumo à liberdade.

Voltando ao que disse, de que o homem-material só vê o seu eu-material e, no entanto, pergunta: "De onde venho?" Fala do seu eu-material. "De onde vim, materialmente? Como vim aqui ao mundo da matéria, à terra?" Ele não sabe, e na maior parte das vezes, a maioria das pessoas não sabe que o ser humano se semeou a si mesmo aqui. Não há berço do homem na terra. O homem não começou num ponto, mas em várias áreas ao mesmo tempo. Algumas das sementes, claro, morreram ou perderam a forma física. Outras viveram algum tempo e, pelo ambiente onde caíram, fizeram muitos ajustes para se adaptarem a esse ambiente. As que não conseguiram adaptar-se ao ambiente em mudança, pereceram.

Esta terra é verdadeiramente uma escola, não só para humanos mas para todas as formas que têm o que se chama "potencial de consciência". Podemos ir até às pedras e rochas. Elas têm o seu nível próprio de consciência. Quando digo isto quero dizer que todo o vasto mundo material é um ser inteligente e vivo. Mas só no homem as forças vitais que atuam através de muitas formas atingiram o que hoje chamam de "forma humana"; só nessa forma o homem encontrou o que se chama "autoconsciência". Só então reconheceu: "Eu sou Eu." Pôde dizê-lo e reconhecer o significado disso.

Foi neste estado de consciência, este estado de perceção, que veio ao homem a ideia de que este "Eu sou Eu" é uma sombra; há algo maior no interior. É isto que o pôs no caminho de procurar ver se os seus pensamentos eram verdadeiros. Alguns dos caminhos que tomou receberam muitos nomes, alguns dos quais já aqui mencionámos esta noite e noutras vezes: ocultismo, metafísica, yoga — todos estes.

Agora, qual é o perigo que se encontra nestes caminhos? Exatamente quais são esses perigos, pois são muitos e funcionam como armadilhas para o desprevenido. Não devemos avançar por nenhum destes caminhos de forma imprudente. Devemos procurar caminhar com cautela, com cuidado, com muito discernimento.

Irene: Se a chave está num desses caminhos, então é necessário aceitar um deles, pelo menos nesta vida, para adquirir esse conhecimento do nosso Eu superior. Portanto, mesmo com cautela, temos de começar. Não teríamos tomado consciência disto se não estivéssemos prontos.

Yada: Claro. Assim é, claro.

No princípio, ao criar o mundo material, tropeçámos inadvertidamente na fórmula de criar o movimento tridimensional, e ao fazê-lo perdemo-nos. Agora, para encontrar o caminho de regresso a casa, devemos agir conscientemente. Devemos estar atentos, procurar manter a atenção em cada passo que damos e nos passos a dar. Não devemos simplesmente brincar. Embora diga que não devemos, fazemo-lo e continuamos a fazê-lo, trazendo assim muitos problemas para nós próprios. Existem formas e meios em todos estes caminhos, escolhendo qualquer um deles, pois estão todos interligados de qualquer modo, mas há formas de percorrer qualquer um destes caminhos sem criar ainda mais confusão para ti.

Uma das formas é ter respeito consciente por eles. Um homem que lida com explosivos deve saber o perigo desses explosivos e, quanto mais souber dos perigos, mais respeito terá, o que o leva a manusear os explosivos com cautela, com cuidado. Não creio que haja algo mais delicadamente equilibrado do que a nitroglicerina. O homem que sabe mexe na nitroglicerina de forma descuidada? Se o fizesse, não ficava muito tempo neste mundo. Só o imprudente e o ignorante seriam tão descuidados.

Irene: Yada, aquele que tenta tornar-se consciente de si como criador, tem de se expor às diferentes...?

Yada: Tem de explorar todos esses campos, queres dizer?

Irene: Bem, sabes, todas as diferentes posições de que nos falaste, que tomaste durante tantas horas. É preciso estar sob a supervisão de alguém que conheça essas coisas?

Yada: Se vais por esses caminhos de forma mais direta, claro que tens de ter um professor. É como alguém que quer aprender uma língua que não é a sua. É quase impossível aprender uma língua sem estar próximo, ou sempre em contacto, com quem a fala fluentemente, ou sob orientação direta de um professor.

Irene: Neste campo é bastante difícil para um principiante saber se o professor sabe o que faz; por isso, se se mete numa situação difícil, esse professor pode não ser capaz de o tirar dela.

Yada: Para o principiante, o melhor passo para aprender é algo chamado intuição. Aprende-se sentindo que isto ou aquilo é assim. Depois de apanhar o jeito, pode começar a tomar o caminho físico da experimentação. O primeiro passo aí é a meditação.

Vês, é muito difícil fazer o que se chama pensar. Muito difícil, e ainda mais difícil é concentrar-se no que se está a pensar. Até certo ponto, esquece o mundo exterior. Perde a consciência do mundo exterior simplesmente colocando toda a tua consciência naquilo em que pensas.

Podes praticar isto qualquer dia da semana durante dez, quinze, vinte minutos e depois de algum tempo podes fazê-lo durante uma hora.

Yada: Fazes isto centrando a tua atenção nisso?

Yada: Sim. Coloca a tua consciência nisso. Sabem, meus amigos, podem prender tanto a vossa atenção num objeto que aprendem muito mais sobre esse objeto. A vossa consciência entra em profunda relação com ele. O objeto então transmite-vos a sua verdadeira natureza.

Durante algum tempo, nesta prática, vais notar a tua mente, a tua consciência, oscilar no curto espaço de um minuto, por exemplo. Um minuto é muito tempo para um principiante manter a atenção num objeto, excluindo todos os outros à volta. Mas é uma boa prática, muito benéfica, pois traz ao praticante, se nada mais, equilíbrio, paz de espírito, contentamento com o que é e onde está em qualquer momento. Estou no reino dos céus quando estou em unidade com o mundo à minha volta, seja esse mundo uma pedra ou qualquer outro objeto. Sinto o divino. Vem a mim como paz de espírito, o divino de perder a consciência de ser um corpo de carne. Encontro-me a ser um corpo de pedra, um corpo de madeira, o corpo de uma planta.

Depois de conseguires fazer isto com sucesso com um objeto, podes fazê-lo apenas com o pensamento. Não precisas de tomar um objeto, um objeto externo, para meditar; basta o pensamento dele. Uma ideia leva-te ao teu reino dos céus. Agora, se praticares a meditação de forma descuidada, com a intenção de procurar fenómenos por simples curiosidade, querendo encontrar algum estado místico só porque estás fascinado com o fenómeno em si, vais meter-te em apuros. No momento em que começas a meditar, começas a entrar em sintonia, não com o que observas diante de ti, mas com muitas mentes, estados de consciência, pensamentos infinitos que circulam e compõem o espaço à tua volta. Normalmente, entras em contacto com as vibrações mais baixas, os pensamentos mais densos, concretos, de desejos insatisfeitos.

A vida da maioria dessas coisas é sexo, sexo a um nível inferior. Depois tornas-te aquilo a que chamam obcecado. O fascínio pela sensação e pelo que podes fazer com o pensamento, concentrando-te em outra pessoa, torna-se tão sedutor que te perdes no caminho. Torna-se o caminho do inferno. No início, muito maravilhoso, muito agradável. “Porque não procurei isto antes? Porque não descobri isto antes? Oh, sou mestre! Que grande poder tenho! Que grande capacidade! Agora posso usar outra pessoa, tanto a forma física dela como as suas forças vitais!”

Mas esquecemos que temos de nos tornar mestres de nós próprios primeiro. Mestres do nosso eu inferior, para evitar ficarmos enredados no eu inferior dos outros.

O ocultismo, o invocar de espíritos, o lidar com magia negra e branca leva à exaustão física, esgotamento nervoso e ao esgotamento de todo o corpo físico. Não há mago ou estudante conhecido que tenha entrado no caminho da magia e não tenha acabado mentalmente perdido, possuído. Assim é.

R.: Se a pessoa se desenvolve, não precisa de usar magia porque não há nada que ela não possa fazer por si mesma, nada que a magia possa fazer por ela.

Yada: Claro, mas não podes dizer isso a quem ficou fascinado pelo caminho da magia. Depois de estarem sob o controlo hipnótico do plano mental do mago, não consegues chegar até eles.

Irene: Qual é o caminho mais seguro?

Yada: A alquimia.

R.: Alquimia para a mente ocidental, e yoga para a mente oriental.

Yada: Porque disseste isso?

R.: Porque a mente ocidental usa uma substância mental diferente da mente oriental; a sua cultura é diferente, as suas formas de pensar são diferentes; consequentemente, os seus métodos são diferentes, mas conduzem ao mesmo resultado. O caminho alquímico é aquele em que se usa meditação e concentração. A base tanto do caminho alquímico como do yoga é semelhante, pois ambos têm como objetivo a perfeição do eu, e, depois de o eu estar perfeito, então podes lidar com a matéria.

Yada: Assim é. Ora, não encontras isto no caminho ocultista. Eles não passaram pelo caminho alquímico. Não tentaram transmutar os seus pensamentos inferiores em pensamentos mais inteligentes, criando assim um ser inteligente. Só quiseram fazer magia com a ajuda de outras forças além das tridimensionais.

Irene: Eles na verdade não controlam a matéria como conhecemos o corpo físico, mas fazem a sua magia sem compreenderem o que estão a fazer?

Yada: Assim é. Não são eles que estão a criar. Estão a entregar a criação a outras inteligências.

Irene: Eles obrigam outras entidades a cumprir a sua vontade.

Yada: Sim, e por isso deixam que outras entidades façam a criação, criem o mundo por eles. Aqui é onde um ocultista caminha por um trilho cego, um trilho que o leva à destruição, pois apela ao seu eu sexual porque

são essas as forças que empresta a outras consciências noutros planos para criar, para fazer matéria. São as suas próprias energias vitais.

R.: Yada, ele não usa também forças ocultas que retira da sua aura, e não há o perigo de criar uma fissura na aura?

Yada: Claro. É por esse caminho que ele usa as suas energias, como disse, através da luz áurica. Ao fazer isto, depois de entregar essas forças criadoras nas mãos de outros seres para criar por ele, símbolos dessa criação ficam na sua aura e, pelo modo como foram usados, esses símbolos tornam-se pesadelos terríveis.

R.: Também há tendência para o enfraquecimento da vontade?

Yada: Sem dúvida. Mais uma vez, isto deixa fissuras ou rasgões na aura e, ao invocar esses seres, torna-se uma porta aberta para que elementais inferiores, tanto humanos como sub-humanos, entrem na sua aura e o possuam ou o obcequem, trazendo doença ao seu corpo e mente.

Magia deste tipo nunca deve ser praticada sem primeiro se ter percorrido o caminho alquímico. O caminho da alquimia é um caminho de amor, de compreensão. É um caminho com sentimento pela grandeza, pela divindade da vida.

O espiritualismo é, em parte, o caminho oculto. É invocar seres dos planos inferiores, seres que ainda não completaram as suas voltas da vida, seres que não conhecem a sua origem, a sua natureza.

R.: O caminho alquímico também é altamente ético.

Yada: Muito mesmo; por isso, profundamente moral. Se nós, como seres humanos, não temos sentido de responsabilidade moral, então não temos sentido de nada. Tornamo-nos como animais.

O yoga é muito bom, mas não para a maioria das mentes ocidentais, especialmente quando o estudante tenta usar certas respirações sobre o seu corpo físico. Algumas dessas respirações, usadas por quem não sabe, pelos ignorantes, podem provocar o que se chama dissociação, amnésia, obsessão e, muitas vezes, morte. A prática dos ignorantes de transferir a respiração para o eu consciente pode causar morte. Respirar pertence ao que se chama o eu inconsciente. É automático assim; por isso, é natural assim. Se transferires a respiração para o eu consciente, o eu consciente terá de pensar em respirar e, se te esqueceres disso, o espírito dessa pessoa liberta-se e o corpo é chamado de morto. Já aconteceu muitas vezes.

R.: Um dos grandes mestres hindus teve de controlar cada respiração conscientemente durante três dias até conseguir passar de novo para o inconsciente.

Yada: Assim é, pois até muitos dos grandes mestres às vezes cometem erros e sofrem por isso. Penso que os especialistas em qualquer área estão

em posição mais perigosa do que os principiantes, porque, ao tornar-se especialista, entregaram a ação ao eu inconsciente, que o faz automaticamente. Mas o especialista em respiração, se passa a fazê-lo de forma consciente, pode esquecer-se de respirar.

Irene: Então não poderia entrar num estado natural de sono. Teria de ficar acordado o tempo todo.

Yada: Ou morrer, e claro, não podes ficar acordado o tempo todo, e não podes dormir a não ser que saibas voltar a respiração ao eu inconsciente. É um grande perigo. Pessoas que sabem como, através da respiração, abrandar o ritmo cardíaco, ou até pará-lo por algum tempo, às vezes não se lembram como o reiniciar.

R.: Até prender a respiração é perigoso.

Yada: Muito perigoso, pois isso significa que não há oxigénio a chegar ao cérebro.

Quero ausentar-me um pouco.

(Yada retira-se e, durante o intervalo, a conversa vira-se para o tema da aura humana. Yada fala sobre isso ao regressar.)

Yada: Sim, acho muito interessante o que estavam a dizer. O homem está envolto numa luz em forma de ovo, e a da mulher vai apenas um pouco abaixo dos joelhos.

R.: Porque é isso, Yada?

Yada: É por causa de — gosto desse inglês, "on account of" — o facto de os órgãos masculinos estarem fora do corpo, em vez de dentro. O formato da luz áurica no homem deve-se ao facto de os órgãos estarem no exterior e apontarem para baixo. Na mulher estão dentro e para cima, por isso não há necessidade de completar a luz áurica até aos pés.

R.: Ela estende-se até aos pés, mas afunila dos joelhos para baixo.

Yada: Sim, é isso mesmo. Enquanto no corpo masculino é cheia, na mulher desce muito, muito junto às pernas. Dos tornozelos aos joelhos é quase vertical.

Irene: Penso então que, tanto a mulher como o homem, teriam luz à volta dos pés porque há chakras nos pés.

Yada: Claro, mas na mulher é mais próxima das pernas. Todos os órgãos do corpo também têm a sua luz áurica. Os centros sexuais estão muito vivos, especialmente na juventude, desde que não haja problemas nas glândulas. Se houver algo errado com as glândulas, há muito pouca luz áurica nesse centro. Se a mente está constantemente ocupada com esse centro, ele fica muito brilhante e muito vibrante. Isto causa irritações, aumentando o desejo de expressão sexual sem verdadeira satisfação, apenas um alívio momentâneo das tensões.

Quando comunicamos uns com os outros com respeito e amor, os órgãos sexuais permanecem saudáveis e a luz à sua volta é de um verde muito claro, um verde-claro bonito e brilhante, e rosa, no amor.

Como nos magoamos a nós próprios quando magoamos outro! Por não saber! Por ignorância!

R.: Yada, esse verde-claro e rosa-claro têm alguma relação com os olhos? Um vê rosa-claro e outro vê verde-claro.

Yada: Muito, muito mesmo. Voltando às expressões sexuais com outro, quando se tem o chamado clímax sexual, os olhos são muito afetados nesse momento, tanta tensão e pressão se colocam sobre eles. Os olhos são mais afetados pelo uso do sexo do que por qualquer outra coisa, e quando usados de forma errada, criam-se grandes tensões negativas sobre os olhos, levando a cansaço, doenças dos olhos e até cegueira.

R.: Existe alguma relação entre a polaridade e as cores rosa e verde?

Yada: Sim.

R.: O rosa é positivo e o verde é negativo?

Yada: É isso mesmo, pois o amor é sempre a força mais agradável da vida. Na verdade, é este o campo do amor do qual nos manifestamos no mundo físico.

Agora vou parar de falar e ouvir-vos. Queres dizer algo, Clara?

Clara: Neste momento, não me ocorre nada.

Yada: E tu, Joseph?

LaB.: Yada, será importante para nós tentarmos compreender-nos a nós próprios, digamos, tentando ver a aura?

Yada: Não creio que seja necessário. Penso que nós, que estamos a começar a buscar sabedoria, devemos começar pela prática diária de estarmos atentos ao que fazemos e percebermos o motivo pelo qual o fazemos.

R.: No estudo da alquimia, a primeira coisa a fazer é observar as emoções, os pensamentos, e o nosso modo de expressão, especialmente as palavras que usamos.

Yada: Assim é.

R.: De certo modo, pode-se dizer que a alquimia é uma forma de trabalhar com a mente subconsciente.

Yada: É isso mesmo; muito mesmo. Tomemos, por exemplo, o que em inglês é uma palavra de quatro letras. Noutras línguas pode ter mais letras. São chamadas “formas negativas”, porque estão quase sempre ligadas ao eu emocional inferior. Quem usa estas palavras mais do que o normal no dia a dia, isso leva-o e cria-lhe no sistema nervoso efeitos negativos, e leva-o a doenças. Também pode causar doenças aos que o

rodeiam, que registam essas palavras ao ouvi-las. Vais notar que raramente são usadas sem emoção, sem energias profundas e atiradas sem cuidado. É uma boa forma de te esgotares. Uma boa forma de fazer os outros sofrerem, os que têm de ouvir.

Muitos pensam: "Ah, não faz mal. És só consciente das palavras." Esse som, especialmente essas palavras, seja em inglês ou noutra língua, são muito prejudiciais, para além da rejeição psicológica delas. A maioria das pessoas não sabe disto. Muitos de nós matamos sem querer, sem intenção. Sem plano consciente, matamos.

No início, o mais importante é aprender controlo emocional; mas antes de aprendermos isso, temos de saber por que agimos e reagimos a certas experiências. Porque reajo de determinada maneira? O que me faz encolher quando vejo um ato que considero repugnante? Porque criei, ou alguém criou em mim, um padrão de pensamento que estimulou o meu sistema nervoso ao ponto do que se chama "repulsa".

Algo me aconteceu num passado qualquer. Esse "algo" pode estar apenas remotamente ligado ao que me está a acontecer agora, mas, mesmo assim, está lá no eu inconsciente e começa a reagir anos depois, quando algo semelhante surge. Algo parecido ao que estou a viver agora, mesmo que pouco relacionado com esse evento passado, desencadeou o que agora se chama "sentido de repulsa" em mim. Fez isso então e fará agora, e eu nem sei porquê. Só sei que sinto repulsa por esta visão, este som, este sentimento.

Há pessoas no vosso mundo que se tornam alcoólicos, toxicodependentes, viciados em comida, e outros. O que imaginam não é o que os está a matar física e mentalmente. É o que lhes aconteceu no passado. É a "espinha" do passado no seu lado. Hoje os vossos médicos começam a reconhecer que o alcoólico é um homem doente. Está doente emocional e psicologicamente. Está a tentar sobreviver à tempestade de emoções fortes desencadeadas no passado. Procura encontrar equilíbrio entre essa experiência e a que vive agora.

A pessoa que sofre de esquizofrenia está, psicologicamente, a tentar fugir de algum acontecimento doloroso, por isso produz personagem após personagem, personalidade após personalidade. Baralha tudo isso e empurra para fora para o mundo ver, para que o próprio eu possa escapar à dor da luta. Se não fui eu, sei que foi alguém. No fundo, sei que fui eu, mas não posso aceitar. É demasiado doloroso. Eu não teria feito tal coisa. Não eu! Mas alguém fez, ou podia ter feito. O mundo exterior parece achar que fui eu, por isso a única forma de evitar o castigo por isto, ou a necessidade de castigo, é tornar-me outra pessoa. Que maneira mais fácil?

Quando a condição esquizofrénica não é causada por doença cerebral ou alguma forma de deterioração, pode ser racionalizada. Pode ser levado a perceber que não precisa temer nenhuma experiência, que não precisa preocupar-se com o que fez, que não precisa criar sentimentos de culpa ou vergonha. Então deixará de criar diferentes personagens para enfrentar o mundo.

Por vezes a esquizofrenia aparece assim, de repente. As pressões do passado, que tentámos afastar mas não conseguimos, acumulam-se e tornam-se demasiado grandes e quebramo-nos debaixo delas. Às vezes não conseguimos criar outras personalidades para tomar o nosso lugar, para enfrentar o que é nosso, então lançamo-nos num tipo de coma; ocorre uma suspensão da nossa consciência em relação ao mundo exterior e refugiamo-nos numa fixação histérica de um só ponto. Nesses momentos é muito difícil chegarem até nós.

Retiramo-nos para um pequeno mundo só nosso. Um mundo pequeno, mas para nós, naquele momento, um mundo seguro. Sabem aquele animal, o gambá? Quando o atacam, ele enrola-se e quer que pensem que está morto. Enrola-se e parece mesmo morto. Desta forma, ele pensa que o deixarão em paz. Ele não está lá. Esse animal, pela sua própria natureza, para se proteger, sofre de esquizofrenia, fixações histéricas, pois a maior causa de trauma emocional é o medo, o medo pela nossa segurança individual.

Mas quando sabemos, quando sabemos quem é o EU SOU, não temos desejo de fugir da responsabilidade que criámos neste estado maravilhoso de consciência. Estamos prontos, dispostos e capazes de aceitar qualquer que seja o resultado dos nossos atos. Um homem saudável, mesmo que outra pessoa esteja envolvida com ele em alguma ação negativa, não culpa essa pessoa. Diz: "Sim, aceito a responsabilidade pelo ato." Não diz: "Foi ele que me encorajou", ou "Ela encorajou-me a fazer isto ou aquilo." Não podemos ser encorajados, ou encantados, ou atraídos de qualquer forma quando vivemos conscientemente.

Tenho de vos deixar agora. Boa noite.

PALESTRA PARTICULAR N.º 10
A CURA

por Yada Di Shi'ite

Yada: Esta noite vou falar sobre cura. Parece às pessoas do vosso mundo que estudaram o que chamam de "parapsicologia", fenómenos psíquicos, que muitos sabem como fazer isto, como curar outro, mas quase

nenhum sabe como o faz. Qual é o "modus operandi", penso que é essa a expressão.

Creio que não preciso entrar numa explicação complexa, por causa do que disse anteriormente acerca do corpo físico e de onde começa a causa de uma doença. Podemos ver que um curador, mesmo sem saber exatamente o que está a fazer, o pouco que sabe coloca-o num tipo de ação que produz resultados. É como aqui com a eletricidade nas lâmpadas e tubos. Sabem como ligar, mas não sabem o que é a eletricidade. O mesmo se passa aqui. Não precisamos de saber o que algo é para o podermos usar. Só precisamos de aprender a ter confiança em nós próprios, aquilo que vocês, cristãos, às vezes chamam de "fé", fé em si mesmo. Se não sabes fazer algo, só há uma maneira de aprender. E é experimentando.

R.: É verdade.

Yada: Sim. Podemos usar as mãos para curar, trabalhando na aura da pessoa. Não é preciso tocar a estrutura física dela. O que fazes é usar as tuas próprias energias psíquicas, energias do corpo, e projetá-las das tuas mãos físicas, da formação áurica das tuas mãos para o corpo etérico do paciente doente, produzindo uma mudança na química da parte doente e trazendo-a de volta ao normal.

Na oração, nem precisas que a pessoa esteja presente. Podes meditar sobre essa pessoa e curá-la indo diretamente para um tipo de extensão telepática dos teus desejos, e tomar controlo da mente dela e estimulá-la através da consciência, mesmo que ela nem tenha consciência de que fazes algo, ou que sequer existes. É uma espécie de projeção telepática.

Quando estamos doentes, sentimos que não podemos fazer nada por nós mesmos, então outra consciência tem de o fazer; alguém que não tenha essas crenças, essas crenças negativas, precisa de assumir o controlo de nós. Às vezes esse controlo é feito ao nível mais baixo do eu inconsciente. Percebes?

R.: Sim.

Yada: E há muita comunicação direta em que a pessoa doente, de repente, pode dizer ou pensar: "Sinto-me muito melhor." Ora, antes não tinha tal pensamento. Era todo negativo. As suas energias estavam em baixo. Não acreditava que podia curar-se, ou sequer que era possível melhorar. Aliás, o médico até lhe tinha dito que não tinha cura, por isso o seu eu negativo estava em baixo. Não podia fazer nada por si mesmo, então outra consciência, mais positiva, uma consciência saudável, podia entrar ali, assumir o controlo e iniciar o processo de cura sem que ela soubesse que alguém estava a agir sobre ela.

R.: Não é isso que chamam de "lei da assunção"?

Yada: Sim.

R.: Mas também pode ser usada negativamente.

Yada: Claro! Muitas pessoas vivem na ideia totalmente errada de que é preciso estar morto, que o corpo físico tem de morrer, antes de se poder assumir o controlo de outra pessoa viva no corpo físico. Isto é completamente falso.

Nós, humanos, estamos constantemente em comunicação, constantemente em algum grau de contacto, de sintonia mental com os outros, e a distância não tem absolutamente nada a ver com isso porque a distância é apenas uma suposição da mente condicionada — só isso.

R.: Então parece, Yada, que o principal obstáculo que nos impede de fazer esta cura é o facto de realmente não termos confiança.

Yada: É isso mesmo.

R.: Tentamos, pLayneamos curar, mas temos sempre uma pequena dúvida de que somos capazes, e essa pequena dúvida impede-nos de lançar isso na mente subconsciente, e não temos resultados.

Yada: Assim é. Ao curar-te a ti próprio, tens de romper essa barreira da descrença. E não é simplesmente descrença. Não é tão simples como essa expressão pode fazer parecer. É um estado condicionado, um estado hipnótico condicionado, que temos de romper antes que a oração, no uso da oração, possa estimular a nossa consciência para sair do atoleiro da condição em que ficou, o que hoje chamam de "lavagem cerebral" a que foi sujeita. Muito difícil de fazer.

Toda doença tem origem no eu emocional. Toda doença é produzida por falta de compreensão do nosso próprio ser, pela crença de que não somos amados nem apreciados, o que cria então um profundo sentimento de frustração, que depois produz culpa, vergonha, indignidade e depois, algures neste caminho de negatividade, várias glândulas são afetadas porque todas essas condições negativas pertencem ao eu emocional e, quando estas condições chegam até nós, quando ficam instaladas em nós, causam alterações no movimento, no fluxo das energias do corpo, dos nervos, glândulas, músculos, tendões e do sangue. A ansiedade provoca alterações bem definidas nos movimentos do sangue porque cria alterações químicas. Estas alterações químicas produzem depois uma variedade de doenças sanguíneas, incluindo o chamado "hipertensão".

R.: E podemos usar esse mesmo mecanismo para desenvolver as nossas faculdades psíquicas.

Yada: Sim. Inverter isso. Levar de volta ao estado positivo. Já ouviste estas expressões tantas vezes no vosso mundo. Toneladas e toneladas de textos já se escreveram sobre o chamado "estado positivo do ser", mas

muito pouco trabalho útil foi feito com esses ensinamentos porque o leitor, tal como os autores, não explicaram claramente o que queriam dizer. Não entraram no detalhe. Falam em ações negativas — condições negativas. Não mostram o processo nem explicam como isto é. Certamente, se criamos condições negativas no corpo, se criamos doença no corpo com pensamentos negativos, criamos condições externas negativas que nos trazem aquilo a que se chama azar, má sorte, infortúnio — ou boa sorte se encarado de forma positiva e com entendimento positivo do que devemos fazer.

Um pensamento negativo é uma espécie de travão, se me permitem usar essa expressão, um travão ao movimento. Abranda-o. Abranda o nosso desejo de agir de forma mais clara e positiva. Destrói a nossa inteligência. Deixa-nos retraídos e sem vontade de agir, por isso, até certo ponto, traz-nos azar, infortúnio.

Ser constantemente criativo significa não ter medo. Sabes, na tua mente, que há possibilidade de falhar, mas isso já não te assusta porque pensas com uma mente saudável. Assim, na verdade, não pensas em falhar; apenas em ter sucesso.

Agora, suponhamos que, com este tipo de pensamento, uma das tuas tentativas falha; não consegues ou não acertas no alvo. Estás preparado para isso. Estás preparado como? Para afirmar que és responsável de alguma forma. O erro que cometeste deveu-se à falta de compreensão completa do que procuravas. Agora, se é assim e aceitas este pensamento, isso significa que és capaz de corrigir o erro e de ter sucesso na mesma. Fui claro, por favor?

Vês, meus amigos, não há movimento algum que o ser humano possa fazer, com o pensamento de alcançar sucesso, que possa alcançar se houver um sentimento negativo em relação a esse movimento; um sentimento interno de que não terá sucesso. Como poderá ter sucesso com esse sentimento? E o que o faz pensar de modo negativo sobre os seus esforços? O medo. A causa básica de todo o fracasso é o medo. Na vossa Bíblia, o homem Jesus disse: "Médico, cura-te a ti mesmo." Ele não falava a um médico. Falava a um homem instruído, que compreendia as leis da vida mas tinha medo de pôr esse entendimento em prática. Por isso, o Jesus elevado disse: "Anda, por favor", como vocês americanos diriam, "Acorda. Faz o que sabes que podes fazer. Sai desse atoleiro de medo e cura-te. Faz o teu próprio trabalho."

O medo põe sempre um travão em nós, abranda-nos, nega-nos o direito consciente de afirmar que somos o criador. Achamos que somos apenas o destruidor, porque há dois, sabes? Não pode haver criação sem

destruição. Nada é eterno e para sempre como era no princípio. Há mudança constante. No momento em que agimos, no momento em que nascemos de um plano para outro, seja no físico ou em qualquer outro plano, levamos connosco a capacidade de criar e a capacidade de destruir. Se não tivermos cuidado, podemos pegar nessa semente destrutiva dentro de nós e fazê-la crescer através do medo.

(Yada retira-se e regressa após um intervalo.)

Yada: Agora, para falar um pouco sobre o que disse antes acerca do homem e da sua comunicação constante e natural com o próximo, mentalmente, o que se chama "telepaticamente". Se compreendêssemos melhor isto, quero dizer, se na vossa época compreendessem melhor que este tipo de atividade mental decorre constantemente entre todos os seres humanos, penso que se veria muito claramente que nos contagiamos uns aos outros com os nossos pensamentos. Podemos transformar doenças normalmente e naturalmente transmissíveis em doenças não transmissíveis pelos nossos pensamentos e atitudes emocionais face ao que estamos a viver. Tomamos para nós doenças que não nos pertencem, por sugestão, pelo poder da sugestão.

As vossas agências de publicidade de medicamentos e outras coisas deviam deixar isto bem claro. É por isso que algumas das vossas formas modernas de anunciar medicamentos para doenças, a publicidade para angariar mais dinheiro para investigação de doenças, é uma prática perigosa, porque estão a sugerir doenças às pessoas. A atividade do publicitário sugere, o que cria uma forte tendência para uma doença que pode tornar-se uma condição orgânica. Mas, como vês, não foste ensinado no teu mundo sobre o verdadeiro poder da sugestão. Se não és ensinado isto, também não és ensinado a evitar seres afetado pelos pensamentos negativos de outros.

Observa uma peça de teatro. Observa o público e as suas reações emocionais ao que se passa com as personagens da peça. Diz-se que um bom ator consegue comover o público, isto é, que ele o segue e absorve as suas reações emocionais à experiência que está a viver no palco.

Irene: Vivemos aquilo com ele.

Yada: Exato. Isto acontece, na verdade, no drama da vida, o tempo todo, o tempo todo. Mães e pais contagiam os filhos com os seus pensamentos e sentimentos sobre certas coisas. Uma criança é ensinada que se ficar molhada com a chuva, vai apanhar constipação, ter uma infeção ligeira. A zanga entre pais, na presença da criança, faz-lhe pensar que é assim que se lida com problemas difíceis entre os pais; logo a criança começa a repetir esses níveis emocionais elevados dos pais. Também cria

nela sentimentos de medo, insegurança e incerteza quanto à inteligência dos pais.

Enviamos os nossos pensamentos a quem amamos, a quilómetros e quilómetros de distância. Enviamos pensamentos de doença, de desespero, assim como de alegria, felicidade e paz de espírito. Temos comunicação direta a decorrer o tempo todo entre mentes humanas. É como alguém a espalhar germes pela terra. Espalhamos pensamentos uns aos outros.

Uma epidemia é pensamento, é poder. Não está no germe em si, mas no medo que se espalha entre as pessoas. Numa epidemia, muitos morrem sem terem tido contacto com o germe, mas criaram uma condição mental igualmente fatal. O pensamento não se origina no cérebro, mas o cérebro capta o pensamento, recebe-o, cataloga-o e transmite-o em energia nervosa, impulsos nervosos, sensações diferentes a diferentes órgãos do corpo. O medo, ou um susto repentino, tem impacto direto nas chamadas glândulas supra-renais. Estas reagem lançando quantidades de adrenalina no sangue, no sistema, para fortalecer o coração, mas às vezes, se não se entra no movimento certo para gastar essa adrenalina, dá-se um ataque cardíaco. Muitas pessoas, em coisas como terramotos, morrem sem terem sido atingidas por nada físico. O medo, e só o medo, matou-as.

(Neste momento, ouviu-se o som de uma explosão distante.)

Yada: Explosão!

R.: Gostava de saber onde foi. Houve uma em Los Angeles anteontem à noite que partiu alguns vidros. Culparam um avião que ia a oito milhas de altitude.

Yada: Nem sempre é assim. Às vezes acontece o que se chama "percussão" do som, ou atividade sónica criada pelos aviões rápidos, mas há outras que muito poucos no vosso mundo científico parecem conhecer. Certas formas de matéria juntam-se e criam o que se chama implosões, em vez de explosões. O movimento repentino ao juntarem-se cria um tipo de vácuo por um tempo, depois há um segundo movimento. Compreendes? E depois isso cede, provocando um grande ruído. Ao juntarem-se assim, cria-se um vácuo, depois, quando se desfaz, a matéria volta para o vácuo e cria o som. Fui claro?

Irene: Sim. É como um redemoinho. Cria um buraco na água e, quando se desfaz, a água corre para preencher o buraco.

Yada: Sim. Há mais ruídos no vosso céu por implosões do que por outra coisa.

R.: Yada, alguns cientistas criaram a teoria de que a Terra soa como um sino.

Yada: Sim, assim é.

R.: Estimaram, pelo último terramoto no México, que o som demora cerca de vinte minutos a dar a volta à Terra.

Yada: Sim, muito semelhante a um sino. Por vezes isto não é ouvido pelos ouvidos, mas pode ser registado por aparelhos delicadamente construídos.

R.: O modo como descobriram foi através de uma máquina.

Yada: Sim, o vosso mundo não é uma bola sólida. Longe disso. É feito em camadas. Camada sobre camada, por isso têm o que chamam "terramotos" provocados pelo deslizamento dessas camadas. Já viste uma bolha de sabão e, se observares, verás que é feita de duas ou três películas, às vezes mais, deslizando umas sobre as outras. Com a Terra é igual. A Terra está em movimento constante; nunca está parada. Produz não só terramotos, mas uma grande variedade de sons — sons de rosnar, sons de explosão, sons de fricção, sons semelhantes a sinos, e muitos outros. O mesmo com aquilo a que chamas "atmosfera".

A atmosfera parece nada para ti, mas é feita de muitos tipos de gases, com muitas propriedades diferentes, e às vezes, quando essas propriedades entram em certos movimentos, esses gases fazem ruídos enormes. Vejamos o que acontece quando há uma grande trovoada. Quando ondas de frio e calor colidem de forma violenta, tens trovões, trovões violentos, uma tempestade elétrica.

A vossa Terra está constantemente a ser bombardeada por forças elétricas de um modo ou de outro. Tens o que se chama "pressões gravitacionais" que, ocasionalmente, aqui e ali, em diferentes partes da Terra (dependendo de muitos fatores diferentes), provocam o que se chama "ruturas súbitas" ou um rompimento de pressões. Isso faz com que a Terra deslize, escorregue, desabe, expluda.

R.: Notei que qualquer pressão na natureza, ou qualquer força na natureza, acumula-se lentamente e depois descarrega-se de repente.

Yada: Assim é.

R.: Isto está de acordo com a teoria quântica e verifica-se em toda a manifestação material.

Yada: Sim, este libertar súbito de pressões liberta o corpo da Terra de tensões muito graves que, se não fossem libertadas, esmagariam o planeta inteiro, desintegravam-no. A Terra é como um organismo vivo, sofre de problemas de estômago.

Irene: É como o indivíduo; se não pudesse transpirar ou respirar pelos poros, morreria devido à degradação da estrutura celular.

Yada: Por isso a Terra também se livra dos gases tóxicos, elimina as energias excessivas que criam pressões indevidas. Sim, a Terra é um

organismo vivo. Tal como qualquer corpo no espaço; tudo é vivo, tem o seu próprio tipo de vida e é movido pela força viva que se chama "vida". As pedras têm a sua própria vida. Tudo o que parece morto ao olhar não está morto. Está muito vivo.

R.: Yada, lembras-te de há alguns anos termos falado sobre pedras no deserto a moverem-se à noite?

Yada: Sim.

R.: Ouviu-se isso outro dia na rádio e chegaram à conclusão de que as pedras eram sopradas pelo vento, embora o vento não tivesse força suficiente para apagar os rastos deixados pelas pedras — mas mesmo assim foram sopradas pelo vento.

Yada: Quem disse isso?

R.: Um locutor da estação de rádio.

Yada: Esse homem não tem imaginação nenhuma. Não. Por vezes há forças das quais o leigo não tem consciência que movem as coisas. Não é o vento, mas forças naturais que deslocam objetos, colocam-nos noutros sítios. Há muitos escritos no vosso mundo sobre a estranheza de certos tipos de peixes caírem em certos sítios. Agora, será o vento uma espécie de inteligência que escolhe que tipo de peixe, levando apenas um tipo específico de peixe? Isto é ridículo!

Irene: Lembras-te quando tivemos aquele caso das mangueiras de água a desaparecerem para dentro da terra e não as conseguiam puxar cá para fora, nem com um automóvel a puxar?

Yada: Às vezes essas forças, e digo-te isto com toda a sinceridade, às vezes essas forças são de natureza poltergeist, brincalhonas, mas sem qualquer desejo ou propósito real por trás do que fazem, exceto divertirem-se. São de uma espécie de natureza infantil, forças a que se pode chamar "elementais".

Irene: Poderia ter sido isso no caso da mangueira?

Yada: Sim, e muitos incêndios em grandes florestas começam assim, por esses seres, elementais do fogo.

Ora, estas coisas não são compreendidas no vosso mundo. Os vossos cientistas não prestam atenção, não pensam nestas coisas, a não ser para dizer ou pensar que isto é imaginação e crença supersticiosa. Está bem. Se as pessoas querem pensar assim, então não vão aprender nada, porque acham que já sabem a resposta. Como o homem que fala das pedras movidas pelo vento; como as pessoas, muitas pessoas que nunca testemunharam seres do espaço a chegar à vossa Terra, imaginaram todo o tipo de coisas tolas e pouco inteligentes sobre o que eram esses seres do espaço.

Irene: Achas que a hierarquia do nosso governo sabe mesmo que eles existem e não admite, Yada?

Yada: Não, não acho. Alguns homens do vosso governo, claro, especialmente militares, chefias militares, sabem que o fenómeno das pessoas voadoras do espaço existe, sim, sabem, mas não sabem o que são.

Irene: Lembras-te de quando estivemos em São Francisco, o Sr. Layne contactou Lark e quis saber porque é que um indivíduo do grupo do Presidente Eisenhower que tinha ido a Palm Springs, um grupo deles foi até à Base de Murdoc, e o que viram deixou alguns deles doentes?

Yada: Sim, mas tenho a opinião de que isso é apenas uma história.

Irene: Então isso não aconteceu?

Yada: Não creio, não creio.

Irene: O disco voador estava lá na base?

Yada: Sim, e em Washington, na vossa capital. Essas coisas voaram por cima dessa cidade muitas vezes, testemunhadas pelos altos responsáveis do vosso governo mas ainda assim não sabem o que são. Não sabiam a sua natureza. Achas que se soubessem, e se as histórias de algumas pessoas que dizem ter ido à lua ou a outros planetas nesses discos voadores fossem verdade, o teu governo as deixaria andar livres? Não. O teu governo fechava-as. Se andassem soltas, teriam sempre vigilância, se tivessem alguma informação realmente útil. Os teus cientistas, os teus melhores em física, em química, precisariam dessas pessoas. Não podiam deixá-las andar por aí. Alguma outra nação podia raptá-las, sequestrá-las. Mas, vês, talvez o que essas pessoas dizem seja verdade; se os líderes do teu governo acreditassem nisso, elas não estariam livres. Portanto, há algo de errado nessas histórias.

Agora, se essas pessoas têm realmente tal contacto, porque não levam os principais homens do governo com elas? Porque é que os seres do espaço são tão tímidos? Porque é que há tanto fingimento, promessas vagas e tolas, nenhuma das quais foi cumprida?

Vamos ao caso do homem na prisão, um homem que afirmava vários contactos pessoais com esses seres. Porque não vêm agora ajudá-lo? Porque o deixam à mercê dos vossos médicos, psiquiatras e outras forças por detrás do que chamam de "lei"?

Não é que essas pessoas, que dizem ter feito viagens à lua ou a outros planetas, estejam deliberadamente a mentir. Podem acreditar sinceramente que foram a esses lugares, e ainda assim estarem enganadas. É possível que seres treinados sejam capazes de criar uma impressão mental nas mentes dessas pessoas, levando-as a acreditar sinceramente que fizeram tais

viagens, mesmo sem nunca terem saído da Terra. Isto não é feito por hipnotismo, mas por outros métodos.

Irene: Penso que o que o apanharam foi mais por ter confiscado dinheiro que recebeu das pessoas do que por outra coisa.

Yada: Isso é irrelevante por causa do que ele disse. Se o que ele disse fosse verdade, que esses seres viriam ajudá-lo a fazer um filme, e não vieram tirá-lo do problema causado por eles, então são eles a causa do seu problema.

Irene: Se a história é verdadeira, parece que eles usariam a sua influência para o tirar do problema.

Yada: Este é o problema do que se chama pacto com seres espirituais. Onde estão eles quando são necessários àqueles de quem dizem cuidar tanto?

Quantos seres do espaço foram vistos em comparação com o número de naves que foram observadas? Quantos habitantes dessa "terra do nunca" de onde supostamente vêm? Quase todos os vossos contactados afirmam estar em comunicação com seres de planetas do vosso sistema solar, e alguns dizem até de fora do sistema solar. Mas pouco me importa de onde afirmam vir, de facto — ONDE estão realmente esses seres? Já te perguntaste isso? Quando alguém te fala de discos voadores, pergunta-lhe quantos desses seres que operam essas naves são conhecidos por alguém na Terra.

Irene: O Mark perguntou a vários deles, especialmente quando fomos ao Giant Rock, e comparativamente poucos tinham visto algum.

Yada: Sim, e todos esses seres desaparecem com o entusiasmo de um fantasma quando são precisos, e o mesmo acontece com os médiuns e outras pessoas que afirmam contacto com seres espirituais. Tantos deixam quem comunica com eles sozinho a enfrentar a música tola do vosso mundo, que não compreende as leis da comunicação nem o que estão a comunicar.

Vejam bem, querem comunicar com o vosso querido pai, mãe, irmã, irmão, amigo, esposa, marido, seja quem for. O que fazem, aqueles de vós que acreditam nisso? Entram numa sala de sessão e aceitam essa comunicação como tudo o resto no mundo físico — por garantido — se é que acreditam sequer? Mostram pouca surpresa, pouco espanto, apenas interesse pelo que têm de fazer, os vossos próprios problemas aqui na Terra.

Qual é o resultado? Conversa tola, deixando-vos num estado vazio quanto ao entendimento do que fizeram, da natureza do que foi feito. Se fizeram mesmo essa comunicação, que coisa grandiosa! Lembrem-se,

viram o corpo do vosso ente querido ser colocado na terra ou queimado no fogo. Podem levar essa comunicação de ânimo leve?

Conseguem ir até esses seres, se forem autênticos, se houver um verdadeiro médium capaz de produzir ou ajudar esse ser desencarnado a manifestar-se em matéria física para poderem comunicar com ele, conseguem falar-lhes das vossas trivialidades e necessidades aqui na Terra?

R.: Normalmente esqueces-te delas quando lá estás.

Yada: Sim, esqueces, porque ficas maravilhado.

R.: Parecem de pouca importância.

Yada: Sim, sim. Meus amigos, que maravilha descobrir que os nossos entes queridos sobrevivem, que não acabam o seu destino na terra ou no fogo. A vida continua. A vida não tem princípio nem fim. Sem nascimento, portanto sem morte. Substância, forma, nasce. Forma é criada, não a vida, não a inteligência. A inteligência faz a forma. Por isso é que cada corpo humano é tão complexo. Só uma inteligência viva, uma consciência viva, poderia criar este mecanismo tão complexo. Se isso morresse, se a inteligência que criou o vosso corpo morresse, no sentido de perecer, há muito que a Terra teria perdido toda a forma de vida.

Uma vez ido, não haveria mais ninguém a seguir. Não haveria evolução sem uma consciência viva a dirigir. A química, por si só, nada sabe sobre criar. É a inteligência que opera nos químicos que os reúne, escolhendo seletivamente a fórmula ou combinação correta para formar certo órgão do corpo. Maravilhoso! Fico em admiração perante tudo isto!

R.: E, no entanto, cada célula do corpo humano tem a sua própria consciência.

Yada: Assim é, assim é.

Irene: Por isso é que podemos curar-nos quando nos cortamos.

Yada: Sim. No passado remoto da vossa Terra, as forças da vida criaram alguns seres químicos unicelulares que eram operados e estavam sob o controlo da luz — do sol. Agora, nem todos estes seres eram movidos por radiação que chamam "luz", o tipo de luz que visualizam com os olhos, ou sentem como calor, mas por taxas de vibração inferiores da luz.

Nas profundezas do mar, parece que não chega lá luz nenhuma. Isso é verdade. Uma vibração que veem como luz não chega lá, mas a radiação chega, pois é esta a força ativa da vida na matéria — luz, luz a um certo grau, criando o que chamam de "calor". Sem calor não poderia haver vida.

Agora vamos às regiões exteriores dos polos, onde as temperaturas são intensamente frias, ou faltam calor; contudo, há tipos de vida vegetal, crustáceos e germes que conseguem existir em certo grau nesse frio intenso, mostrando que não há frio absoluto. A luz é calor.

Irene: Yada, é possível danificar o cérebro de um bebé nascido por cesariana?

Yada: Sim, sim. Se o médico for descuidado ao tirar o bebé do corpo da mãe, isso pode acontecer. Vês, nesse estado particular do bebé, o crânio ainda não está unido, ainda não se fechou, e isto pode ser feito com facilidade. Falarei disso noutra altura.

Quero ausentar-me um pouco, pode ser?

Irene: Sim.

Yada: Obrigado pelo vosso trabalho esta noite, pelo vosso interesse na busca do conhecimento e da informação sobre a vida.

Vou dizer-vos boa noite, por agora.

PALESTRA PARTICULAR Nº 11
A AVENTURA DO HOMEM NO ESPAÇO

Por Yada Di Shi'ite

Yada: Agora, entramos na era espacial. Fui com este homem na cápsula, sabiam?

R.: O Carpenter?

Yada: Sim, e fui também com o outro homem.

LaB.: Com o Glenn?

Yada: Sim, e também com outro homem.

Irene: Queres dizer da Rússia?

Yada: Não.

LaB.: Sim, o Shepard.

Yada: Fui com todos eles, captando as suas reações emocionais às suas experiências. Não podiam ter escolhido homens melhores, mais equilibrados emocionalmente, mais desprendidos do seu próprio bem-estar físico do que estes homens. E o mesmo se aplica ao homem da Rússia, o homem do foguete russo. Um homem muito forte, de carácter forte, disciplinado.

As pessoas no vosso mundo, o cidadão comum, fazem ideias erradas sobre o que é um "carácter forte", "corpos fortes", "mentes fortes". Alguém pode ter desejos muito frios, sanguinários, e mesmo assim ter um carácter muito forte. Alguns destes seres que chamam "seres do espaço" são seres muito inteligentes, altamente evoluídos, mas a sua forma de pensar é tão diferente da vossa que poderiam fazer-vos coisas aqui que achariam horríveis, terríveis, as mais desumanas. Mas, vejam, eles estão para além

do nível humano e por isso fazem o que acham que tem de ser feito, e não envolvem as emoções no que fazem.

R.: Eles têm a mesma atitude em relação aos outros da sua espécie?

Yada: Sim.

LaB.: Yada, sobre essas partículas que o Carpenter disse parecerem flocos de neve. Ele disse que viu uma verdadeira chuva delas quando tocou na lateral da cápsula.

Yada: Sim, é muito possível porque estas coisas não vêm todas da superfície da cápsula, mas são pedaços de matéria, matéria energizada, no espaço, e são energizados e ativados pelo que chamam "radiação" que existe no espaço. Não só radiação do sol, mas radiação que já existe no espaço, vinda de sóis e corpos distantes.

Diz-se na vossa Bíblia cristã que havia duas árvores no Jardim do Éden. Uma seria a Árvore da Vida, e a outra a Árvore do Conhecimento. Agora parece que o homem comeu do fruto da Árvore do Conhecimento, não da Árvore da Vida.

Não acredito nisso. Ele comeu da Árvore da Vida. Esqueceu-se de comer da Árvore do Conhecimento. Por isso, em grande parte, é tão ignorante. Se tivesse comido da Árvore do Conhecimento, saberia todos os factos da vida e saberia o que é a vida, então não precisaria de comer da Árvore da Vida. Acredito que ele fez isso mesmo. Negligenciou comer da Árvore do Conhecimento, que lhe diria qual é a sua natureza, para saber hoje porque está a ir para o espaço. Saberia qual seria o resultado final de ir para o espaço, saberia como fazê-lo sem toda esta luta. Mas se recuarmos na história do homem, vemos que ele é, pela sua própria natureza, um criador. Isso significa que, por natureza, é um ser curioso. Só aprende tentando, experimentando, testando.

Voltemos à época do grande movimento para o Oeste. Não sabendo nada de mecânica, e portanto nada sobre máquinas, motores, ainda não tinha inventado um carro, uma carroça movida a motor. Por isso teve de atravessar o país pelo caminho mais difícil. Isso envolveu muitas, muitas dificuldades e privações que não teria tido se tivesse esperado até ser suficientemente esperto para criar uma carroça com motor. Agora imaginem atravessar o vosso país hoje nessas carroças da altura.

Tudo o que chega ao homem, chega numa determinada janela temporal, numa época em que ele tem o conhecimento para produzir essas coisas. Não podemos produzir aquilo de que nada sabemos, por isso é preciso ter o conhecimento primeiro. Agora estão a ir para o espaço da mesma maneira. As vossas gerações antigas atravessaram o vosso país nas carroças, as chamadas carroças cobertas, ou a cavalo. Agora estão a tentar

empurrar-se para o espaço. Têm máquinas que constroem para criar forças tremendas que contrariem a gravidade. Mas chegará uma altura em que isto será desnecessário. Farão muito como os chamados "seres do espaço". Aprenderão a mover-se com a gravidade. Aprenderão a utilizar várias linhas de gravidade, porque as forças gravitacionais movem-se em várias linhas.

Irene: Isso vai eliminar o atrito que temos agora?

Yada: Sim, pois não precisarão de criar pressões tão grandes para contrariá-lo. Aprenderão a acompanhar certas linhas de gravidade que vos lançarão para o espaço. E depois virá o tempo em que nem isso farão, mas algo melhor.

Aprenderão que o espaço também é "dimensional", de modo que podem pôr as vossas máquinas numa certa vibração e encontrar-se, por exemplo, em Marte ou na constelação de Arcturus. Estão também a mover-se contra o que se chama "arranjos geométricos do espaço". Faço-me entender? É muito difícil, pois dimensão também implica tempo, mas padrões geométricos implicam arranjos de linhas de força. Alguns podem ser contornados, podem entrar num padrão sem passar por padrões opostos. Num instante, estarão onde querem estar. Um instante pode ser tão rápido como a luz, ou mais rápido. Agora, se só conseguirem mover-se à velocidade da luz, sabem, terão atingido um limite de até onde podem ir no espaço. Não é verdade?

LaB.: Se pudéssemos ir tão depressa, ou ainda mais depressa—,

Yada: Se conseguissem aprender a ir mais rápido. Agora, ao fazer isto, não se moverão em movimento direcional, mas apenas em movimento vibratório. Compreendem? Há uma diferença.

LaB.: Então é uma questão de sintonizar essa vibração particular, e tudo se transforma nessa vibração, a nave, o próprio ser—,

Yada: Tudo, tudo. Agora podem pensar que isso prejudicaria o vosso corpo; que causaria uma dispersão ou relaxamento, ou uma expansão das vossas energias corporais, mas não é assim. Claro que haverá mudanças, mas não serão perigosas para vocês porque aprenderão a reorganizar, a alterar as vibrações.

Uma vez chegados onde querem ir, saberão como manter o vosso corpo em estado normal. Vejamos um dos maiores medos sobre ir para o espaço: chama-se "ausência de peso", e toda a gente, até o homem da rua que nada sabe sobre o assunto, estava certo de que a ausência de peso era uma barreira completa, que ninguém conseguiria resistir a isso. Há quanto tempo os vossos primeiros carros andavam a 40 quilómetros por hora? Dizia o leigo que nada sabia sobre o que é o movimento, as leis do

movimento, os efeitos do movimento num corpo a 40 km/h, que se não era contra Deus, era certamente contra a capacidade do corpo aguentar tal velocidade.

Não foi há muito tempo que se pensava o mesmo sobre a ausência de peso. Até os vossos cientistas estavam muito preocupados com isso e os seus efeitos no corpo humano; mas agora começam a perceber que o corpo humano pode aguentar-se em ausência de peso e nas condições da matéria sem peso, especialmente o que se chama "matéria da Terra", a matéria deste planeta.

Há algo que me perturba mais do que todas estas questões físicas sobre o homem ir ao espaço neste momento: é que ele leva consigo a doença da ignorância, das formas baixas de estupidez que, juntas, constituem a insanidade, e vai espalhar essa insanidade por todo o cosmos. Ainda bem que aqueles que vão agora para o espaço são pessoas instruídas. Para além de serem saudáveis fisicamente, têm uma mente sã. Alguns ainda são tocados pelo véu da religião cristã, mas vão ultrapassar isso, pois essa é uma das formas de insanidade humana no vosso mundo.

Irene: Achas possível, Yada, que quando começarmos realmente a viajar pelo espaço, o homem já tenha perdido parte dessa loucura?

Yada: Sim, especialmente no que diz respeito à religião, porque quanto mais longe o homem for no espaço, mais perceberá que lá em cima só há espaço — não há céus nem infernos, a não ser o inferno do medo do espaço. Agora, um dos perigos para o homem ao ir ao espaço não é algo físico, mas psicológico. Ficar muito tempo sem nenhum ponto de referência pode criar aberrações mentais, de modo que ninguém pode ir para o espaço e ficar simplesmente sentado numa posição e continuar assim. Não em viagens longas. A mente tem de estar ocupada, por isso farão naves que viajarão no espaço sob controlo automático. Só ao aproximarem-se ou aterrarem nalgum corpo espacial usarão esforços manuais — e mesmo aí, quase tudo será sob orientação automática.

R.: Piloto automático?

Yada: Sim. Agora, há certos níveis, ou planos, no espaço, onde o homem vai encontrar calor intenso. No início pensava-se que só haveria frio e, quanto mais alto, mais longe da Terra, onde não há atmosfera, maior seria o frio. Mas não é assim. Existem bandas de calor muito intenso, e a única forma de evitar isto é sair pelo que chamam polo norte, mas isso depende para onde querem ir no espaço. Mesmo assim, existem bandas de radiação, relativamente próximas da Terra, extremamente potentes, e podem evitar os maiores campos dessa energia passando pelo polo norte.

Também seria melhor sair por aí para evitar a radiação intensa do Sol, se o objetivo é ir além do Sol. Passar perto do Sol seria ser consumido pelo Sol como uma traça pela chama. Seriam consumidos, não tanto pelo contacto com as chamas em si, mas pela pura radiação que provocaria a deterioração da estrutura metálica da vossa nave. Causaria fragilidade, e a deterioração começaria muito antes de qualquer chama visível vos atingir. Seria como entrar subitamente na vossa atmosfera, mas pior ainda. Também, ao afastarem-se da Terra, ao saírem, ou moverem-se para fora do sistema solar, o Sol desaparece e não veriam luz nenhuma. Iriam avançar para uma escuridão total, tão absoluta quanto conseguem imaginar; apenas uma pessoa cega pode experimentar semelhante escuridão.

Irene: Seria preciso grande adaptação mental para aceitar esse estado.

Yada: Claro. O que seria necessário era manter a nave iluminada com o tipo de luz a que estão habituados; caso contrário, criariam aberrações mentais ao passar por essa escuridão, de tal ordem que destruiria a mente.

Agora, se querem ir à Lua... Talvez seja um dos planetas mais perigosos do espaço próximo, pois não tem atmosfera nenhuma. A superfície é, em grande parte, poeirenta e, onde não é, parece "cinza", dura mas quebradiça. A radiação recebida em poucas horas neste planeta não vos daria tempo de regressar vivos à Terra, a menos que encontrassem um material que vos protegesse dessa radiação, porque a Lua recebe linhas de radiação muito curtas e em força total, como ultravioleta, raios-X. Quanto tempo acham que conseguiriam sobreviver nisso? Agora penso que o melhor tipo de proteção é o que usam nos cones das naves, cerâmica. Muito melhor do que qualquer metal. Aguenta melhor o calor. A valência das partículas constituintes é mais forte.

Irene: Yada, um homem teria de estar envolto numa espécie de armadura completa?

Yada: Não poderia. Seria demasiado pesada.

(…)

Yada: A engenhosidade do homem é notável. Basta sugerir que existe esta ou aquela condição, e logo o cérebro humano começa a trabalhar e encontra uma solução, desde que não se semeie o medo. Desde que não lhe ponham ideias supersticiosas, não há nada que o homem não possa fazer, porque, com o tempo, vai andar entre as estrelas. Vai mesmo! Há sistemas solares, ou melhor, sistemas planetários com um sol, vários desses no vosso sistema galáctico, e muitos mais por toda a galáxia, onde existem outros seres muito parecidos convosco.

Irene: A mesma mente a correr por todos estes corpos diferentes.

Yada: Sim, e o que torna isso possível é o arranjo dos corpos em relação aos sóis. Se um deles está aproximadamente numa relação semelhante à do vosso Sol, terão substâncias vivas nesse planeta. Se não estiver, se estiver um pouco mais perto ou mais longe, terão seres de outro tipo, outra linhagem, outro arranjo, pois esta relação com o Sol, a distância e tudo isso provoca mudanças químicas muito concretas nesses planetas.

Irene: Isso já se nota na Terra. Em diferentes países os corpos são diferentes.

Yada: Exatamente. Há, penso eu, formas de vida vegetal e animal que só se dão bem onde nasceram; se forem transplantadas, morrem. No entanto, é tudo no mesmo planeta, mas as diferenças de calor causam diferentes alterações químicas. Pela lei do que chamam "mudança", só por esta lei, podem saber que existem seres como vocês em algum lugar do espaço.

Embora se possa dizer, e eu concorde, que não há duas coisas iguais, ainda há suficiente semelhança para criar condições semelhantes. Nós, na minha civilização, estávamos plenamente conscientes de que o Sol era responsável pela nossa existência na Terra, e pela existência de todos os seres vivos. Sabíamos disso e dávamos adoração ao Sol da manhã e, ao fim do dia, ao Sol da tarde, quando se despedia da Terra, ou do nosso lado da Terra, dizendo adeus, boa noite, anoche. Dávamos-lhe amor e apreço.

Só depois da nossa civilização ter sido parcialmente destruída por violentos terramotos é que as pessoas começaram a adorar as forças da noite, pensando nelas de forma supersticiosa como entidades vivas à espera de nos destruir ou com desejo disso, e que essas forças malignas, as forças da noite, estavam conscientes da nossa vida aqui. Consigo entender que isso aconteça, tendo em conta a experiência que tivemos quando a nossa civilização foi destruída. Meses longos de escuridão terrível! Não podem imaginar a escuridão em que o fogo, as chamas, pareciam chamas mortas. Não iluminavam nada, e vivíamos em grande medo, medo horrível. Não há palavras. Muitas pessoas, colidindo na escuridão, atacavam-se violentamente, matando-se umas às outras, ou pelo menos alguém morria.

Irene: Essa escuridão durou muito tempo?

Yada: Sim, dois ou três meses. Dá para entender isto, de certo modo. A violência do terramoto provocou uma mudança na inclinação do eixo da Terra em relação ao Sol.

Irene: Não sabia que os terramotos podiam ter tal efeito na Terra.

Yada: Não foram apenas os terramotos, foram também as grandes tempestades vindas do espaço; grandes tempestades de gelo. Blocos

imensos de gelo eram lançados do espaço e caíam sobre a Terra. A intensidade dos ventos e do frio congelava tudo por completo.

Irene: Isto estava a acontecer por todo o planeta nessa altura, Yada?

Yada: Houve alguma violência em quase toda a Terra, sim, mas era sobretudo o reflexo de onde tudo estava centrado, na nossa parte do mundo, nas montanhas do Himalaia.

LaB.: O gelo era de origem terrestre ou vinha do espaço?

Yada: Vinha do espaço.

LaB.: Isto deve ter sido uma rutura no espaço exterior que fez a Terra explodir e deixou o gelo entrar.

Yada: É isso mesmo. Um terramoto não começa pelo movimento da Terra. Começa primeiro pelo movimento dos éteres. Existem duas forças em ação, uma a descer para a Terra, outra a subir da Terra, e estas duas movem-se a uma certa velocidade em diferentes partes do planeta. Quando vai ocorrer um terramoto, dá-se primeiro uma alteração do movimento nos éteres sobre a região onde o sismo está ou vai estar centrado. Se vai ser um sismo pequeno e lento, as forças seguem esse padrão e, então, a Terra começa a mover-se na direção para a qual os éteres estão a mover-se.

Esta Terra toda já foi para cima e para baixo, torcida, abalada, vibrada, mexida de um lado para o outro; e os mares já se ergueram e cobriram a terra, os mares recuaram do solo, grandes terras elevaram-se até aos céus, formando aquilo a que chamam "montanhas". Mas a escuridão foi o pior de tudo. Só havia luz quando tudo estava em chamas, com um fogo verde. Os céus, a atmosfera, era um fogo verde a consumir o oxigénio. Morte imediata! Quem estivesse por perto, nesse local! Quantidades imensas de oxigénio eram retiradas do ar num instante, de modo que, se não fosses consumido pelo calor, se não sentisses o calor, se estivesses afastado do local da chama, o ar era sugado para fora dos teus pulmões. Morrias sufocado.

Irene: Eu vi esse fogo verde por toda Los Angeles, quando estive naquele terramoto. Olhei pela janela do meu hotel e, até onde conseguia ver, era como um mar de luz verde sobre tudo.

Yada: Às vezes, isto deslizava junto ao chão.

Irene: Isto é, junto ao solo.

Yada: Sim, mas também já o vi bem alto e, depois, desce ao solo e desliza ao longo do chão. É muito peculiar. É muito parecido com energia psíquica, se alguma vez viste isso, só que a energia psíquica é, na maior parte das vezes, ou azul pálido, ou o que chamam "roxo" — lavanda, lavanda até um roxo escuro. Mas este fogo verde não era verde-escuro, mas sim um verde pálido, por vezes brilhante. Parecia fogo, mas era elétrico.

Havia também muitos relâmpagos, em folhas, mas nada como os que têm hoje, muito pior. Por um instante, tudo ficava tão brilhante que não se conseguia ver nada. Depois, escuridão total. Dá para perceber que o mal, a ideia de mal, nasceu da escuridão que o homem viveu devido à falta de luz, e as histórias sobre o "regresso do sol, o redentor", eram mesmo o regresso da luz solar à Terra. Não havia muitos relâmpagos ramificados, ou bifurcados, mas sim em folhas. Terrível.

Irene: O ar tem um odor estranho depois disso.

Yada: Isso chama-se "ozono". É muito leve e instável. Reforça a força vital das plantas.

R.: Falaste de rodopiar para o espaço. Faz diferença se é a máquina a rodar, ou se criamos um campo giratório à volta dela?

Yada: Na verdade, é o campo giratório que faz isso. A nave em si pode não estar a rodar de todo. Pode, ou não, estar apenas a vibrar com o que chamam de movimento "para cima e para baixo". Percebes?

R.: Sim. Agora sobre a gravidade, Yada. A gravidade não é uma força simples, é uma combinação de várias forças, certo?

Yada: Assim é, e como disse, nem todas se movem na mesma direção. Os padrões geométricos são variados. Tens uma demonstração disto em certos campos de vórtice que existem na Terra. Conheces alguns deles.

R.: Há um no Oregon.

Yada: Sim, sim. Vi este homem a experimentar certas coisas nesse local, e também a esposa dele, coisas que já esperava que lhes acontecessem. Mas pode não acontecer a pessoas menos sensíveis. Também este homem, quando entrou nesse campo, nesse campo de vórtice, sentiu na boca um sabor a ferro.

Irene: Ele sentiu muito mais forte o movimento rotativo do que eu. Eu também tive esse sabor metálico na boca, mas só quando tentei segurá-lo é que rodámos os dois.

Yada: Sim, eu vi isso. Agora, voltando ao espaço, isso vai mudar o homem-terra, todo o homem, o seu padrão de pensamento em relação a quase tudo, em quase todas as áreas do saber, em quase todas as formas de crença.

Irene: Imagino que vai mudar bastante a personalidade dele.

Yada: Oh, muito mesmo, muito mesmo, porque ele ganha uma sensação diferente da vida. Sente mais claramente, mais vividamente. Vai compreender melhor. Vai, enfim, ver através do véu que teve nos olhos durante tanto tempo.

Irene: Talvez passe a respeitar-se mais.

Yada: Bem, isso é uma questão que algum dia será debatida, sem dúvida. A moral do homem, por si só, não muda. O que muda é o grau de sanidade. Prevejo um tempo em que o homem vai construir muito mais casas de educação e menos casas de adoração. Aí a sua educação dar-lhe-á uma atitude inteligente perante as coisas. Vai conhecê-las e amá-las, o que significa compreendê-las, de modo que não sentirá necessidade de as adorar. Há uma coisa há muito tempo pensada no vosso mundo chamada "máquina do tempo", onde alguém podia ser colocado e transportado tanto para o futuro como para o passado.

Irene: O homem já está a experimentar isso, não está?

Yada: Sim, mas vai descobrir que não se trata de transportar alguém, mas sim de uma mudança de consciência. A velocidade das partes do corpo muda, e isso dá-lhe a sensação de que o ambiente à sua volta mudou, por isso sente que está num local diferente daquele onde estava. Claro que isto coloca-o nesse local.

LaB: Ele vai fazer comparações ou vai sentir-se simplesmente diferente de agora?

Yada: Vai sentir-se diferente. Queres ir, por exemplo, de uma cidade para outra. Podes estar lá num instante. "Máquina do tempo"; penso que não é uma boa expressão. Acho que uma palavra melhor seria máquina de consciência. Uma mudança na relação da tua forma com outra forma.

O que te faz pensar que estás a viajar quando fazes o que chamas de "viajar"? Mudanças nos sentimentos sobre os objetos que passam, ou que se aproximam de ti. "Espaço", é como o chamam. Para lá da Terra chamam "espaço exterior". Isto não sugere dimensão? Espaço interior, espaço exterior? E, no entanto, pela sua natureza, o mundo material ocupa o que é chamado "espaço". Mas o espaço não é algo diferente da matéria; não há separação absoluta; logo, não existe um verdadeiro vácuo. Se houver uma única partícula, por mais pequena que seja, num vácuo, o vácuo está cheio. Não há vácuo. Não é assim?

R.: "Sim, por causa dessa pequena partícula, isso não cumpre a definição de vácuo."

O Yada: "Sim. Além disso, no espaço há uma grande possibilidade do que é chamado de 'desidratação severa'. Isto significa que vão tornar as vossas máquinas hermeticamente fechadas; caso contrário, os vossos corpos sofreriam desidratação. Também se iriam envenenar com o próprio fôlego, a menos que levassem algum tipo de substância viva para produzir aquilo a que chamam 'oxigénio'."

A Irene: "Já mencionou isto antes. Disse que seria impossível para ele viajar porque o corpo dele, sendo maioritariamente água, desidrataria."

O Yada: “Isto só acontece se ele não for colocado numa máquina selada.”

A Irene: “Isto não foi desenvolvido no livro que o Bryant e a Helen Reeve escreveram, ‘A Peregrinação do Disco Voador’. Eles apenas afirmaram aquilo que disse — que o homem não podia viajar no corpo tal como está, sendo composto maioritariamente por água.”

O Yada: “Isto não é o quadro completo. Veja, pequenas afirmações são más de fazer. É preciso entrar em detalhes para esclarecer as coisas. O homem vai mover-se através do espaço, e a certa altura, por mais remoto que pareça, ele vai mover-se sozinho no espaço. Vai investigar os próprios espaços da matéria.

Ele pode parar aqui? Eventualmente ele vai regressar à sua origem, à luz de onde veio.

“No vosso mundo existe o pensamento simples de que o sistema solar é vasto e que o homem nunca chegará às estrelas. Sim, vai chegar. Ele vai encontrar maneiras de se mover para os corpos estelares com toda a intensidade do calor produzido pelo vosso sol. Existem sóis no espaço que poderiam conter entre quinze e vinte milhões dos vossos sóis e o homem nem se aperceberia que eles lá estavam.”

A Irene: “Disse que poderiam ser sacudidos como pedras num chocalho de bebé.”

O Yada: “É verdade. Então, o que é ‘grande’ e o que é ‘pequeno’? É relativo. Quão vasto é o espaço? A vastidão, a grandeza, é apenas em relação ao conhecimento do homem de como se mover através dele. Esse é o tamanho do universo, o universo.”

PALESTRA PARTICULAR Nº 12
PARA ONDE VAMOS DAQUI?

por Yada Di Shi’ite

Yada: “Esta noite vou chamar à minha palestra ‘Para Onde Vamos Daqui?’ Durante muitos anos, a maioria de nós, humanos, ao entrar no mundo físico, vive uma vida quase inteiramente física. Mesmo aqueles que vão aos vossos templos cristãos não conseguem levar uma vida espiritual. Não os condeno por isto, claro, porque não sabem melhor. Não lhes são ensinadas certas coisas no templo, por isso como poderiam fazer melhor do que fazem?

“Não foi durante milhares e milhares de anos que o homem criou várias formas de crenças religiosas na esperança de se tornar espiritual?

Mas como não sabe o que é ‘espiritual’, nunca parece conseguir encontrá-lo.

“Penso que quem procura conscientemente compreender a vida deve conformar-se à prática do que se chama ‘meditação’. Agora, por algum tempo estas práticas podem não lhe trazer muito além de relaxamento ao corpo e à mente. Diz-se que a limpeza está próxima da divindade. A única razão para isso ser verdade é que afasta as tensões do corpo. Manter o corpo limpo é proporcionar-lhe relaxamento.

“Quem está inclinado a limpar as partes internas do corpo através de uma alimentação adequada, está também inclinado a manter a parte exterior do corpo limpa. Isto pode não nos tornar mais divinos, mas vai aproximar-nos da mente sã. Podemos chamar a isto ‘divino’, pois põe-nos, ou ajuda-nos a entrar naquilo que, na falta de melhor expressão, se chama ‘o estado divino’, o que significa que nos liberta da vida emocional física, do mundo externo.

“O mundo da matéria é aquilo que pode ser, e penso que é chamado, um mundo impuro, pois é composto de germes, micróbios de todo o tipo, a maioria bastante mortal para o físico do homem. Os germes e micróbios são naturais ao mundo da matéria. Se assim é, pode-se dizer que o mundo da matéria é impuro, como disse há pouco. Só podemos dizer que é assim que o mundo é, mas onde o homem está em causa, onde qualquer ser vivo está em causa, o mundo físico é uma ameaça, uma ameaça constante à sua existência física, principalmente por causa destes germes e micróbios. Estão no ar. Sempre que há uma epidemia de germes negativos, germes negativos para o homem como a tuberculose e outros deste tipo, aquilo a que chamam ‘doenças contagiosas’, o contágio propaga-se sobretudo pelo ar. Estes micróbios pousam em todas as superfícies imagináveis, mas por outro lado, não é preciso tocar em nenhuma superfície. Não é preciso ter contacto direto com a pessoa que tem a doença, pois estão no ar.”

Irene: “Então o indivíduo deve estar numa certa condição ele próprio---,”

Yada: “Para os evitar. O evitar deles não é algo que faça conscientemente. É uma condição do corpo e também uma condição da mente, pois há doenças em que, embora os germes entrem no corpo, alguns de nós somos imunes a isso. O germe não consegue atuar, não consegue atacar o corpo. Ora, este corpo tem uma resistência natural, inata (que é uma expressão do vosso mundo), uma resistência inata à maioria destes germes e micróbios. A razão pela qual a peste bubónica devastou a maior parte da Europa e do mundo então conhecido foi a condição enfraquecida das pessoas, a constituição enfraquecida das pessoas.”

LaB.: “Durante a Primeira Guerra Mundial, quando a gripe era praticamente mundial, a resistência das pessoas era muito baixa.”

Yada: “É verdade. A ansiedade ajudou a trazer a resistência para um nível muito baixo e o mesmo aconteceu na Europa no século XV. Hoje, vocês estão a sair do mundo. Fora do mundo, quero dizer, fora da vossa Terra para o espaço, e eventualmente vão aterrar noutros corpos planetários e estão a esterilizar os vossos instrumentos de voo assim como tudo o que levam convosco, porque não querem contaminar, possivelmente, os habitantes de outro planeta, mas digo-vos que há micróbios e germes de um tipo muito viril existentes em todos esses planetas. Nos mais frios, claro, as formas vivas, os seres unicelulares, estão em estado de animação suspensa. As vossas hipóteses de contrair qualquer doença de um planeta tão frio são muito poucas.”

Irene: “Diz-se que há bastantes esquimós com tuberculose, mas não parecem dar por isso.”

Yada: “É verdade, mas, de novo, é porque aquecem substâncias que têm estes germes, e ao aquecê-las, libertam-nos no ar como formas vivas.”

LaB.: “E quanto às condições à volta da Lua? Não há atmosfera para suportar vida.”

Yada: “Há pouca vida germinal lá, mas há alguma. Alguns destes germes conseguiram sobreviver, e conseguem sobreviver à radiação muito forte.”

LaB.: “Yada, suponho que pelo título que deu a esta palestra se refere mais à nossa viagem ao espaço do que ao destino depois da morte.”

Yada: “Sim, não só a sair, mas aqui na Terra. O vosso planeta vai, a seu tempo – e têm de saber, deve ser óbvio para vocês – o vosso planeta vai ser invadido pela raça humana.”

Irene: “Desde que mencionou isto há muitos meses, têm surgido muitos artigos em publicações, revistas e jornais sobre contracetivos e métodos para eliminar esta possibilidade de sobrepopulação.”

Yada: "Não tenho qualquer fé nisso, porque há muito poucos países no mundo onde estes contracetivos podem ser obtidos com facilidade. Não são usados, pois quando surge o impulso para a relação sexual entre os sexos, raramente param para se preocupar com contracetivos. Ora, se isto é assim numa sociedade tão técnica como a vossa, onde as massas estão altamente educadas, e particularmente nestas questões, imagina como será naquilo a que chamam os ‘países atrasados’. Não existe qualquer proteção. Não, haverá outras formas de controlar a população, e não será através de injeções de qualquer tipo. Isto poderá acontecer no vosso país, sim. Essas

pessoas nos países atrasados não sabem o que fazem ao permitirem-se ter cada vez mais filhos. Não só não sabem, como não querem saber."

Irene: "Achas que será criada alguma forma de controlo de natalidade para que estes países atrasados o utilizem?"

Yada: "Acho que sim, mas há um cuidado que se deve ter aqui, que é: ao fazerem um esforço generalizado para controlar a população, as pessoas civilizadas devem perceber que os povos atrasados não o farão por iniciativa própria, e vão procriar tanto que podem chegar ao ponto de destruir a vossa civilização."

Irene: "Estão a ser aperfeiçoadas formas de esterilizar uma pessoa sem que ela se aperceba?"

Yada: "Oh, isso está a caminho e terá de acontecer. Claro que a vossa religião cristã preocupa-se tanto com o que Deus quer que nada se importa com as vontades e necessidades dos seres humanos, por isso ainda vai demorar até que se aborde este problema de forma racional."

Irene: "O ser humano quer reproduzir-se."

Yada: "Sim, e este é o maior impulso do universo físico: a reprodução. Isso e a destruição. Estes dois estão constantemente em conflito consigo mesmos e um com o outro.

"O vasto universo está todo ele num processo de destruição e reconstrução. Agora, nestes últimos anos, digamos nos últimos quinhentos mil anos, o mundo físico caminha mais rapidamente para a destruição do que para a construção. Mas isto não significa que possas esperar ver o aniquilamento total do mundo material. Claro que não. O mundo material está programado para continuar durante muitos milhões, milhões, milhões de anos ainda. Entretanto, haverá planetas, sóis e todas as outras formas no espaço que compõem o mundo material. Cada um deteriorar-se-á individualmente e (a sua matéria evaporar-se-á para o espaço ao redor), mas o universo material como um todo continuará durante muitos milhões, milhões, milhões de anos."

Irene: "Estava a ouvir um discurso de um dos astronautas, o que regressou agora, e ele dizia, no noticiário, que devido a estes voos ao espaço, muitas coisas seriam dadas às pessoas para o seu progresso."

Yada: "Claro. Coisas como a ausência de peso vão originar formas de medicina espacial que levarão à produção de roupa, em grande escala, que protegerá o corpo das mudanças de tempo. Agora, a roupa aí, tal como a usais, muda do inverno para o verão. Mantém o corpo quente, sim, mas não protege contra as várias formas de vida germinal que surgem com as mudanças de temperatura. Esta roupa não servirá apenas para aquecer, mas também protegerá contra germes do tempo. Vai ser tratada para ser

esterilizada de forma permanente até ser lavada, e não será lavada com água, mas com ondas sonoras. Não é interessante?"

Irene: "Então qualquer sujidade cairá simplesmente da roupa?"

Yada: "Sim. Os germes morreriam nela. Também vão ter formas de parar o crescimento de tumores no corpo através de ondas sonoras, porque não se pode aceder ao corpo sem o cortar, como já sabem. Depois, não será preciso. Saberão exatamente como criar um som que destrua uma célula negativa para o corpo. Será uma operação sem sangue. Não será necessário tomar nada para dormir, como o que chamam de 'éter'. Basta deitar-se, de preferência numa pequena sala, e uma máquina será ajustada para emitir vibrações que matarão apenas as células anormais. Assim, também poderão matar células nocivas na chamada ‘medula’ dos ossos antes de entrarem no sangue. Matá-las na fonte."

Irene: "Terão de aperfeiçoar instrumentos para detetar essas células."

Yada: "Sim, terão, porque as células negativas ou tumores, tal como as células saudáveis, têm frequências de vibração próprias. Estas tornar-se-ão conhecidas e, assim, saberão que vibrações usar para romper as que não são boas, e depois dar medicamento para eliminar essas células mortas, porque se não forem eliminadas vão acumular-se no corpo e criar aquilo a que chamam uma condição ‘purulenta’."

R.: "Yada, não se tem feito algum trabalho neste sentido, como a terapia de Drown?"

Yada: "Sim, de certa forma, mas o que está a caminho não só deverá ser, como será tecnicamente mais avançado, de modo a não haver discussão sobre se é certo ou errado. Em primeiro lugar, estas coisas que se inventam e descobrem passarão pelas mãos de cientistas experientes na área."

R.: "Não está a ser feito muito trabalho deste tipo em Inglaterra e na Alemanha?"

Yada: "Sim, bastante. Muito mais do que aqui. Também na Rússia." "O corpo, como sabes, é muito poroso, portanto é fácil de examinar. Têm de deixar de usar raios-X para estas coisas porque cada vez que alguém é radiografado, a radiação acumula-se no corpo, e da próxima vez ainda se acumula mais, e esses raios são tão penetrantes que acabam por ser destrutivos. Isto significa que, com o tempo, vão ter um ecrã para ver dentro do corpo, mas não será por raios-X."

R.: "Acho que já fizeram algum trabalho nisso, Yada. Têm um instrumento que pode ser colocado na superfície do braço, e ao ajustá-lo podem ver através do braço."

Yada: "Não sabia disso. Não é raio-X?"

R.: "Não, não é raio-X. Ainda não está disponível no mercado."

Yada: "A radiação dos raios-X tem uma potência tão grande que é altamente destrutiva para as células. Mesmo aqueles que usam estes instrumentos frequentemente sofrem queimaduras por radiação. Não é verdade?"

R: "Sim."

Yada: "Não é tanto para onde o homem vai no espaço, mas para onde vai aqui na terra, no planeta. Claro que aquilo que fizer no espaço vai afetar muito o que faz na terra."

Irene: "Vai influenciar muito as nossas atividades. Daqui a uns anos não viveremos como agora."

Yada: "Não, mas digo isto: como os outros planetas estão tão longe no vosso sistema galáctico, ainda vai demorar muito até que o homem possa ir até lá. O vosso próprio sistema solar é muito vasto, mas o homem vai explorá-lo; vai aventurar-se pelo sistema solar, mas não apenas por aventura. É algo muito necessário. Vai trazer informação valiosa sobre a sua origem física, onde e quando começou o chamado 'universo material'. Sabendo isto, deverá saber, pelo menos aproximadamente, quando acabará, e sabendo quando o universo acabará, terá uma boa ideia de quando o seu planeta se tornará demasiado perigoso para habitar.

"É certo que os homens da Terra acabarão por partir, se não provocarem antes algum desastre que os destrua. Mas não vejo isso a acontecer. Vejo o homem a permanecer aqui até que as forças da natureza destruam a Terra. E isto não será, pelo que vejo, numa explosão repentina, mas será um processo lento e com calor excessivo. "Agora, na vossa Bíblia Cristã diz-se que o mundo será consumido pelo fogo. É verdade, mas isso está a milhões de anos de distância, a não ser que aconteça algo ao sol, que ele expluda e se torne uma 'nova'. Isso poderia destruir não só a Terra num fogo súbito, mas todo o sistema planetário.

"Na Lua vão descobrir muito pouca vida. Alguma vida bacteriana, sim. O próprio homem foi, em tempos, apenas um germe. Porque o homem surgiu do calor, os seres vivos nasceram do fogo; portanto, não existe tal coisa como uma esterilização perfeita, embora consigam uma melhor esterilização no espaço do que aqui ou noutro planeta que não a Terra. A vossa Terra torna isso quase impossível. Devido à atmosfera pesada é praticamente impossível ter uma esterilização perfeita, seja qual for o instrumento ou coisa. Às vezes, conseguem quase uma esterilização perfeita, mas não pode durar, pois no momento em que o instrumento entra naquilo a que chamam 'atmosfera', quase imediatamente fica contaminado de novo."

Yada: "A maioria de nós, humanos, nada sabe sobre o facto de termos nascido do fogo. Eu sabia disso quando vivi na minha civilização em Yuga. Isto era ensinado pelos sacerdotes dos templos naquela altura, e é por isso que nos tornámos adoradores do sol, porque sabíamos que o nosso corpo físico era fogo. Parte desse fogo está centrada em cada corpo capaz de reprodução, através dos órgãos sexuais. Isto é Kundalini; esta é a força do fogo, ou a serpente, e pode queimar-te tão gravemente e tão rapidamente se for mal utilizada, especialmente através do uso irrefletido da respiração; podes cremar-te a ti próprio."

R.: "Sem a água no corpo, ele desintegra-se em pó."

Yada: "Sim, e mais do que isso, quanto mais o corpo perde água, mais se acumula substância gorda, que é um combustível por si só."

R.: "O corpo é composto por mais de 90 por cento de água, por isso deve haver uma força-fogo tremenda nele se é necessária essa percentagem de água para o impedir de arder."

Yada: "Claro. Sem esse equilíbrio de água, o corpo não podia manter-se vivo. Seria consumido."

Irene: "O mesmo se passa com a nossa terra; há mais água do que terra."

Yada: "Para que a raça humana progrida intelectualmente, o condicionamento dos novos seres que entram no vosso mundo, ou o regresso dos antigos, todo o sistema terá de ser mudado. Para que o homem vá a qualquer lado, tem de ser condicionado a deixar o medo.

"Na vossa Bíblia diz-se, 'os mansos herdarão a terra', querendo dizer os medrosos; estes não deixarão a terra, ficarão com ela. Os medrosos guerreiam sempre porque o medo gera desconfiança, e a desconfiança gera ódio. Os conhecedores, os destemidos, conquistarão o universo físico; os fortes. Vês, a natureza, as leis do que se chama 'natureza', criam condições que trabalham contra os fracos, mas sustentam-nos. Podes percorrer toda a evolução do homem, desde o tempo em que era um ser unicelular até ao que é agora; desde o tempo em que era uma espora, porque o homem veio para a terra como uma espora; foi semeado aqui, tal como qualquer organismo vivo. Esse foi o primeiro grande salto do homem. Saltou para a terra como espora vinda do espaço."

Irene: "Pergunto-me muitas vezes, quando nos dizes isto, sobre os outros seres noutros planetas fora do nosso sistema solar. Terão eles também dado esse salto---?"

Yada: "Claro. Tudo o que se torna uma forma viva, ou uma forma com o que se chama 'vida', começa como espora. Forma uma cultura, e se o meio ambiente for propício, cresce, desenvolve-se pela lei da mudança.

"Agora, o homem deve parar de ensinar que foi criado por Deus. Deve começar a ensinar que foi criado pelos seus próprios desejos, pelo seu próprio desenho, pela sua própria necessidade de experiência. Deve ensinar-se, por isso, que ele, e só ele, é responsável pelo que lhe acontece. Só então a sanidade voltará ao homem. O reconhecimento do homem de que estava sozinho numa terra que não compreendia, tornou-se medo. Não é algo com que tenha nascido. Não é da sua natureza. O medo é um desenvolvimento nascido da ignorância.

"Vou falar um momento sobre atravessar o vosso sistema galáctico. Vai chegar o tempo em que poderão ultrapassar o que se chama 'luz'. Até que consigam isso, não poderão atravessar o sistema galáctico nem sequer à velocidade da luz, a não ser, claro, que construam uma grande nave como um pequeno planeta e tenham todos os tipos de facilidades para se manterem nela."

Irene: "Essa nave será feita de matéria tridimensional?"

Yada: "Sim, mas ao ultrapassarem a luz, estão a ultrapassar a matéria e, ao fazê-lo, ficam imediatamente noutra dimensão e, estando noutra dimensão, encontrar-se-ão instantaneamente no ponto para onde querem ir."

Irene: "Quanto a todas as pessoas que estão nesses planetas para onde vamos, como reagirão à invasão?"

Yada: "Bem, isso não posso dizer, porque não conheço a natureza das pessoas. Os seres-humanos, ou a forma de consciência que evoluiu até ao que se chama 'homem', são imprevisíveis, mas sei que vão levar grandes números de pessoas da terra para outros planetas e sistemas planetários. "Não será preciso milhares de naves para isso. Basta construir uns poucos corpos grandes, pequenos planetas, que acomodarão confortavelmente muitos milhares e milhares de pessoas. Não estarão apertados. Estarão em condições muito confortáveis. Isto vai acontecer. O homem vai espalhar-se pelo universo. É necessário que o faça. Quando isso acontecer, será um ser muito mais são do que é hoje. Terá de ser."

Irene: "Pergunto-me se as pessoas noutros planetas terão um estado de consciência semelhante ao nosso." •NÃO "MUITOS"

Yada: "Isso é questionável. Nalguns outros planetas existem seres muito atrasados, semelhantes aos vossos aborígenes. Noutros planetas há seres altamente evoluídos, semelhantes ao homem."

R.: "É melhor fazermos alguma investigação então. Se vamos ser tão evoluídos, queremos ter a certeza de aterrar no planeta certo."

Yada: "Sim, terão notícias destes antes de lá irem."

R.: "Yada, falaste de ir mais depressa do que a luz. No método de terapia da Dr. Drown, ela disse que essa força dá a volta à terra sete vezes por segundo. Penso que ela disse que viaja a 345.000 milhas por segundo, que é cerca do dobro da velocidade da luz. Evidentemente é um grau diferente de éter daquele que transporta a luz do sol até nós."

Yada: "É, é sim. Mais: lembra-te que quando a radiação vem do sol, viaja através de um vácuo bastante bom, portanto move-se a diferentes velocidades. E lembra-te que estes raios de luz são afetados na sua viagem, sendo retardados ou acelerados conforme os corpos planetários com que se cruzam no espaço. O que faz luz na vossa terra é simplesmente a atividade de difração das energias que vêm do sol. Não é assim?"

R.: "Sim, porque não há luz entre aqui e o sol. Só quando a vibração entra na esfera de influência da terra é que se transforma em luz."

Yada: "É isso mesmo."

R.: "É como diz a Bíblia: a luz foi criada. A escuridão foi formada, mas a luz foi criada."

Yada: "Sim. Foi criada quando atingiu uma atmosfera qualquer. Toda a criação da vossa terra ocorreu na escuridão; saiu da escuridão; contudo, era uma escuridão que era em si luz, porque não existe tal coisa como escuridão total e completa, ou ausência de luz, mas há graus de luz. No espaço exterior parece haver trevas absolutas, mas vês, isso não pode ser, e se fosse, a luz não conseguiria atravessá-las."

Irene: "Se não houvesse luz, como poderíamos ver a escuridão?"

Yada: "É verdade. Agora, para onde vai o homem a partir daqui? Vai em muitas direções. Cientificamente, esteticamente, vai em várias direções. O vosso mundo não está aberto à destruição por muito tempo ainda, e não será pelo homem. Há muito trabalho a fazer aqui, por isso o vosso planeta é necessário. Claro, de tantos em tantos anos, surgem certas pessoas e tipos de pessoas que predizem a destruição da terra. Essas pessoas sofrem de complexos de culpa e sentimentos de vergonha e querem ser castigadas; querem arrastar todos os outros para o seu sentimento de culpa e desejo de punição. Nunca lhes deis ouvidos. O que dizem é tolice."

Irene: "Gostaria de te perguntar algo, Yada, relacionado com o nosso país. Parece que temos de passar por algum sofrimento para aprender e progredir. Parece que agora, no nosso país, por alguma razão, temos de estar sob a sombra de uma certa força religiosa; no entanto, este país deveria ser aquele que sustenta a luz da verdade para o resto do mundo, por isso parece que esta é uma lição que nós, ou os Estados Unidos, temos de aprender."

Yada: "Essa força religiosa em particular é uma força negativa, mas é o tipo de força que faz o homem tornar-se mais consciente. Sempre as forças opostas tornam-nos mais fortes. Se não tivéssemos dificuldades, se não tivéssemos oposição aos nossos movimentos, rapidamente perderíamos a capacidade de nos movermos, porque não haveria nada contra o qual nos movermos. Claro que essa organização religiosa acabará por cair. Isso não quer dizer que o homem não tenha mais nada contra que lutar, pois sempre que uma força oposta é superada, surgem outras para ocupar o lugar. Olha para a tua oposição de hoje, o que se chama 'comunismo'. Agora, imaginas que, se destruísses todos os comunistas no mundo e acabasses com o comunismo, não haveria mais nada contra que te opores? Não creio."

IaB.: "Não. Temos de ter algo contra o qual nos friccionar, isso é certo."

Yada: "É isso mesmo."

Irene: "O que me angustia agora é que essa religião está a espalhar-se por todo o lado como o sarampo e, quando chega a controlar o nosso país, é assustador ver o domínio crescente que exerce sobre o nosso governo. Parece que isto é algo contra o qual temos de lutar para nos tornarmos mais fortes."

Yada: "Sim, ainda têm muito crescimento pela frente. Têm muitas forças opostas e esta religião, neste momento, é apenas uma delas, ainda que seja das mais fortes. Terão algumas dificuldades com eles antes de conseguirem ultrapassá-los, mas acreditem, eles não conquistarão este país. Não vão espalhar o seu manto negro de feitiçaria sobre a vossa terra."

Irene: "Parece-me que já estamos a tornar-nos bastante céticos quanto às suas boas intenções e estamos a tentar substituí-los por pessoas que não pertencem à sua crença religiosa. Pergunto-me se a sua permanência em posições de influência será de curta duração ou se teremos..."

Yada: "Não. Será curta, será curta. Neste momento, é uma das forças de oposição ao tipo de comunismo que existe na parte oriental do mundo, e o que tentam fazer é voltar a meter as mãos na Rússia e noutros lugares do mundo. Vês, não podes combater, não podes eliminar esta religião sem também eliminares o protestantismo e outros 'ismos' enquanto tais. Onde existe o sistema sacerdotal, há ignorância, miséria e grande infelicidade."

Irene: "Isso é bem verdade, Yada, mas não penso que qualquer das outras religiões, outras denominações, mantenha as pessoas tão subjugadas como esta religião em particular. Quando se nasce nela, é quase como ser escravizado; não é algo voluntário."

Yada: "Claro que não. Aqui foram condicionados a acreditar na liberdade religiosa. Isso torna-se uma arma poderosa para qualquer religião

que queira manter-se no vosso país. Vem sob o manto de Deus e do amor de Deus, e todas essas coisas. A vossa própria nação foi fundada nesse discurso de Deus, e enquanto isto não acabar, não vão progredir muito; o vosso país não vai crescer se estiver sob o domínio da igreja-mãe."

Irene: "Os seus ensinamentos são muito semelhantes aos que estão na Bíblia, como a nossa Bíblia está escrita?"

Yada: "Não totalmente. Em parte, sim. Mas houve alterações na Bíblia deles que a tornam bastante diferente da vossa Bíblia."

R.: "Se alguém souber interpretar a Bíblia, pode aprender muito dos verdadeiros ensinamentos. Há muita verdade na Bíblia."

Yada: "Como história, uma história do desenvolvimento do homem em massa. E também há histórias interiores, sobre o indivíduo, sobre como pode elevar-se acima da ilusão da existência chamada 'mundo material'."

Irene: "Referiste-te muitas vezes a coisas na Bíblia. Dizes o que a Bíblia diz e depois dás-nos a tua interpretação."

Yada: "Portanto, o que é preciso não é destruir a Bíblia, mas compreendê-la como algo muito diferente dos ensinamentos dos homens sobre o culto no templo e sobre um deus exterior a si próprio. Vês, esta é a tristeza da má interpretação de um escrito muito grande e maravilhoso que chamam a 'Bíblia Cristã'.

"Desde os primórdios, esses ensinamentos foram muito prostituídos da pior forma. Na origem do que chamam ensinamentos cristãos, era algo de grande inteligência. Depois caiu nas mãos do sistema sacerdotal e tornou-se um ensino de adoração do sexo, e durante muito tempo tiveram aquilo a que se chama ‘adoração do sexo’, ou paganismo.

"O mesmo aconteceu nos nossos ensinamentos do sol e com a razão de adorar o sol. Depois da queda, da destruição da minha civilização, surgiu o sistema sacerdotal. Pessoas que fugiram da destruição e sobreviveram mergulharam na escuridão na terra durante muito tempo. Isso levou ao pânico. Trouxe medo e levou-os a criar demónios e o culto do demónio. E depois, sempre, se vais criar um demónio, tens de ter uma força oposta, por isso criaram um deus que lutava com o outro lado, ou o demónio, pela alma do homem. Isto é tolice."

(Yada retira-se e regressa após uma pausa)

Yada: "Estou um pouco atrasado. Funcionamos entre os nervos do estômago e o cérebro. Estes são os centros entre os quais operamos e nos movemos."

R: "Pelos vistos tens um método diferente de pôr o Mark em transe do que os médiuns comuns. A maioria deles desliga-se instantaneamente."

Yada: "Tentamos abordá-lo da forma mais natural possível. Não achamos que mudanças súbitas sejam naturais na natureza. Em todo o lado vês as coisas a mudar num ritmo próprio e nada disto é repentino. Quando encontras uma mudança brusca de movimento, geralmente encontras desequilíbrio ou problema. Todos os corpos têm de se preparar para as mudanças do trabalho que vão fazer, ou ainda não fizeram. Observando a história do homem na terra, vê os longos períodos de tempo que cada coisa demorou a ganhar experiência aqui, mas, nos tempos mais antigos, a natureza tentou acelerar as coisas usando o que se chama geração espontânea. Não demorou muito até que as forças criativas da vida notassem que esse método não era muito adequado para obter experiência e crescimento na terra.

Tudo adquire conhecimento pela experiência, pela experiência com outras coisas, outras condições. Então essas forças criativas decidiram contra a velocidade.

"Agora, a decisão não foi tomada pelo que se chama a 'mente consciente', mas pela mente criativa, que chegou a essa conclusão pela experiência, ao observar que as coisas produzidas dessa maneira não eram vantajosas, então a unidade teria de usar outro caminho. Já disse antes que todo o universo criado é uma produção inconsciente. A palavra 'inconsciente' não é muito adequada. Não explica bem, mas temos de usar as ferramentas que temos. Neste caso, as ferramentas são as palavras, por isso temos de as usar o melhor que pudermos. Não podemos fazer de outra forma para explicar ou criar imagens do que aconteceu ou do que irá acontecer no futuro.

"Hoje, os vossos cientistas não estão prontos para adotar estas teorias de que, em algum momento do passado antigo do mundo e do universo material, este tipo de geração fazia parte da atividade do que se chama ‘natureza’. Mas penso que alguns cientistas, os mais progressistas, os que se concentram na descoberta do que é e não no que gostariam que fosse, vão chegar à conclusão de que esta forma de atividade, a geração espontânea, existiu. Mas já não existe, exceto em casos muito raros, e quando existe produz o que se chama uma 'variante', ou um híbrido.

"Tudo tem o seu próprio processo de crescimento, tem o seu ritmo, o seu tempo, e isto traz ordem, pois é assim que encontramos ordem na criação.

"Estou a tentar continuar a conversa que tenho feito com o título, 'Para Onde Vamos Daqui?', referindo-me principalmente ao homem, mas de certa forma a tudo porque a Criação está sempre em processo de movimento, mudança. Os vossos cientistas perguntam-se e têm algumas teorias, tenho a certeza, sobre se o universo está a desmoronar-se ou a construir-se. Está a construir-se e a desmoronar-se, e assim tem sido desde

o início da criação. É como um ser a nascer no mundo; no momento do nascimento, começa o processo de morrer, por isso perguntar 'quando é que alguém morre' não é uma boa questão porque não tem resposta. É como a pergunta ‘quão alto é para cima?’ e ‘quão longe é para baixo?’. Vês, há perguntas que não se podem fazer de forma inteligente porque não têm resposta, então para contornar a tentativa de responder, no vosso mundo dizem que é tudo relativo. Mais uma vez, é difícil dizer algo sobre isso.

"Olhando para o mundo criado, tentar descobrir a sua natureza não nos dá, ao mesmo tempo, a resposta à sua origem. De onde veio? Alguns dos vossos cientistas dizem que começou talvez (e isto é uma teoria) com um átomo grande. Para se perceber o tamanho, têm de enfatizar a palavra 'grande'. Um átomo grande. Mas enfatizar a palavra grande não dá a ninguém a imagem do tamanho. Aqui não podes perguntar a ti mesmo, 'Bem, o tamanho é relativo?' pois tens de perguntar ‘Relativo a quê?’. É um átomo, dizem. Agora, se dois átomos tivessem surgido ao mesmo tempo, podias dizer, 'Um em relação ao outro era grande ou pequeno', mas quando há apenas um, não podes dizer que é relativo. Mesmo que dissesses, terias de perguntar, 'De onde veio; de onde surgiu?'

"A resposta é, ou assim me deu a teoria o meu estudo, que é relativa ao tamanho do vórtice etérico que o trouxe à existência. O vórtice etérico? O que queremos dizer? Um vórtice etérico é nada? De certa forma, sim. Não é nada em relação à criação que trouxe à existência, porque é de um movimento completamente diferente."

R: "É de uma dimensão diferente e não pode ser comparado com a matéria tridimensional."

Yada: "Claro."

"Um vórtice. O que iniciou o vórtice? Vês onde isto leva? Posso dizer-te 'uma harmónica', mas como é criada essa harmónica?

Uma harmónica é um tom. Um tom é algo que o cientista vê como movimento molecular; isso significa que as moléculas existiam antes do átomo. Como poderia isto acontecer se as moléculas são criadas por agrupamentos de átomos?

A molécula é verdadeiramente o início da matéria, não o átomo. Os átomos são os blocos de construção da molécula, que é a primeira superfície-matéria tridimensional."

Irene: "Pode uma harmónica, em si, ser medida?"

Yada: "Claro, se tiveres algo com que a medir, porque um tom, como disse, é movimento molecular. Há tons para os quais não têm instrumento de medida. Sabem que estão lá por teoria e pelo que se passa com o som sensorial."

Irene: "Então esse tom que criou o vórtice pode muito bem ser um que não pode ser medido."

Yada: "Claro, porque não pertence ao vosso mundo tridimensional. Não é dessa substância. Os vossos cientistas de física sabem que se podem juntar átomos, podem ser forçados a unir-se através do que se chama 'som'. Fazem isso mecanicamente quando homogeneízam alguns dos vossos líquidos. Podem forçar o agrupamento de certos átomos para formar moléculas, para serem mais adequados ao fim pretendido, mas o mundo material foi trazido à existência por vibrações que não eram originalmente do mundo físico. Elas criaram o mundo físico, por isso podem dizer que o mundo físico, como o conhecem, veio do nada—nada em relação ao que chamam 'algo', ou ao vosso mundo material."

Yada: "Agora, não podes fazer a pergunta, 'Quem fez isto?' porque, ao fazê-lo, assumes automaticamente a existência de algum ser superior. Superior a quê? E a quem? Superior ao homem? Sim, de certo modo. Depende do que queres dizer com a palavra 'homem'. Há dois lados nele. Um é o lado criado, que pertence ao universo criado, ou físico. O outro lado, sendo o criador, pertence à criação apenas na medida daquilo que criou, o que significa que as coisas criadas estão relacionadas com o criador apenas pelo ato da criação.

"O criador sabe, mas o criador não dá qualquer pensamento ao seu eu criativo, ao seu veículo físico, no que diz respeito à sua natureza, por isso o eu inferior, o eu criado, naturalmente fala da criação como um mistério total sobre o qual o homem nada pode saber, nem compreender. Está tão mergulhado nesse pensamento que teve de criar deuses externos ou seres superiores por medo, por ansiedade quanto à sua existência. Assim surgiu um Deus de adoração, um deus de súplica, criado pelo eu emocional inferior, o eu irrefletido que se julgava perdido.

"Este é o deus que o homem adora hoje. Este é o deus que leva o homem a construir templos, a prostrar-se e a criar sacrifícios. Este é o deus que exige louvor. Este é o deus que se encoleriza se não recebe louvor. Vê, por favor, o que diz o vosso sistema sacerdotal sobre este deus; 'Se não és por mim, és contra mim', sendo este 'mim' deus. Ora, que afirmação tão absurda! Como se pode ser a favor daquilo de que nada se sabe? Este deus que o homem criou é o deus do homem, criado pelas suas emoções e pela sua terrível necessidade de proteção. Alguém a quem pudesse recorrer no seu medo da existência.

"O homem criou da única maneira que conseguia criar. O eu inferior criou da única forma que sabia, por medo. Agora, o verdadeiro deus, ou a verdadeira inteligência, o verdadeiro criador, não necessita de adoração,

não exige nada, e nem sequer reconheceria coisa alguma, mesmo que tentasses dar-lha. O verdadeiro criador divino nada sabe da criação emocional do homem.

"Desta forma conhecem o que se chama 'as leis da natureza', que são as leis deste grande e divino criador. São completamente indiferentes, totalmente estoicas perante os gritos mais dolorosos de um ser humano ou de qualquer outro capaz de expressar sofrimento. Completamente indiferentes. Não é pessoal. Não se pode alcançar por qualquer forma de adoração. Só o podes alcançar seguindo as leis naturais. Aprende essas leis e encontrarás instantaneamente comunicação com essa grande força criativa e divina.

"Não gosto da palavra 'força'. Não gosto da palavra 'poder'. Esta verdadeira criação não tem sentimentos egóicos como essas palavras sugerem. Está para além disso tudo, mas digo para seguir as leis naturais, para manter as leis da natureza. A palavra natureza significa muito pouco, mas manter as leis do que é, impede-nos de cair na não-existência da vida.

"Desde sempre, os sábios disseram que o mundo da matéria é o mundo da ilusão. Isto não quer dizer que o mundo, enquanto tal, não exista. Quer simplesmente dizer que é um mundo sensorial, e é através dos sentidos que alucinamos uma condição existente. A condição básica não deve ser alucinada só porque—e no vosso mundo hoje têm muita consciência disso—é um mundo de energia e vocês, pelos sentidos, transformam-no em superfícies e sentem que tem uma existência própria. Isso faz-vos sentir uno com a vossa criação. Dá-vos a sensação de que são matéria e que a matéria é, de algum modo, estática, sem movimento. Mas os blocos de construção disso estão em movimento, com certas vibrações e números de vibrações, criando no vosso eu sensorial a ilusão de uma condição estática, de ausência de movimento. Mas para nós, que viemos viver no mundo físico, não o combatemos, não questionamos aquilo que nos aparece como o mundo existente. Aceitamos o que os sentidos nos dizem que é assim e assim, e seguimos em frente.

"Mas também queremos saber, uma parte de nós quer saber, qual é a natureza da estrutura subjacente que nos dá esse estado ilusório ou faz os sentidos aceitar o que parece ser a verdadeira natureza da existência. Porque é que o mundo superficial parece e se sente como se sente? Aqueles de nós que verdadeiramente querem, acabam por saber. Agora, nós que chegamos a saber, não temos desejo de mudar o mundo em que estamos, porque sabemos que ele só mudará na medida em que nós próprios mudamos.

"Durante um certo tempo, dependendo da natureza do indivíduo a experienciar a vida física, vivemos sobretudo no lado emocional, porque fomos condicionados a viver assim; o eu emocional foi assim condicionado.

"Curiosamente, alguns de nós chegam a um ponto de desespero com o nosso mundo material. Não chega. Falta algo e esse algo põe-nos num estado de confusão e levamo-nos a fazer toda a espécie de coisas estranhas. Estranhas pelas leis do vosso sistema social; coisas que vão contra essas leis. Só quando a nossa confusão chega a certo nível é provável que parem e pensem, é provável que acalmem o eu emocional e o ponham um pouco de lado, e tentem olhar para si mesmos, tentem encontrar algum propósito razoável na confusão. Só então começamos a ver a verdade. Só então começamos a ver o mundo como ele é, e não como desejámos que fosse.

"Na nossa confusão quisemos mudar a nossa vida exterior, mudar o mundo externo. O eu emocional diz-nos que não só a perceção está errada, mas que tudo está errado. Esse sentimento leva-nos muitas vezes a tentar proselitizar a nossa crença particular, e quase sempre o nosso eu emocional inferior tem crenças que estão longe de ser corretas; contudo, queremos mudar de acordo com os novos sentimentos do eu inferior. Não sabe que ainda está confuso, mas quando chegamos à luz da compreensão e começamos a conhecer-nos, então conhecemos o mundo exterior e vemos a sabedoria de deixar as coisas como estão.

"Nada está errado. Tudo está no seu tempo e lugar. Para onde vamos daqui? O homem move-se conforme sente, na maioria das vezes, e não conforme pensa. O nosso crescimento depende da forma como aceitámos as nossas experiências, em qualquer ambiente em que estejamos.

"Entrando no próximo passo da vida a partir do físico, se ficámos presos apenas à vida ilusória, levaremos connosco os padrões das nossas ilusões. Não só quereremos mudar as coisas, como quereremos continuar com as nossas crenças. Agora, como podes fazer isto? Como podes continuar com as tuas próprias crenças e ao mesmo tempo querer mudar as coisas? Isto é um tipo de pensamento esquizofrénico. Oh, quero mudar, mas não quero perturbar a ordem existente. Mas podes fazer isto? Só quem perde o medo, o medo pela sua existência, pode realmente querer mudar, porque sabe que é só através da mudança que se obtém o chamado 'crescimento'. Mas as mudanças de que precisamos têm de acontecer dentro de nós, e as mudanças externas seguir-se-ão.

"Vou parar aqui e perguntar se tens algo a dizer-me. Tu, senhora, a filha, queres dizer-me algo?"

Pam: "Não, Yada. Acho isto muito interessante porque sinto que estou mesmo à beira de uma mudança."

Yada: "Maravilhoso! Estás preparada para aceitar o que acontecer nessa mudança, para aceitar a natureza dessa mudança. Este é um estado de consciência dos mais alegres em que alguém pode entrar. O meu colega honorável, o Maharajah Natcha, disse uma vez: Tudo é opinião. Recolheu este pensamento dos seus estudos na terra, quando viveu na terra e viajou por toda a parte ouvindo e tentando compreender a existência humana.

A sua opinião final foi que tudo é opinião e o melhor que um humano pode fazer é aceitar o inesperado com serenidade de espírito. Isto, em parte, quer dizer que era um crente no destino, era um fatalista, por outras palavras. Terminou a vida aqui sendo algo fatalista, e talvez isso tenha sido o mais fácil para ele, aceitar esse pensamento, ou teoria. Libertou-o de muitas tensões, exatamente do mesmo modo que tantos seres humanos se entregam aos ensinamentos religiosos, porque há menos tensão neles, para o crente."

Pam.: "Desculpa, Yada, mas muitas vezes sinto que deveria mudar, ou que talvez pudesse ser melhor, e no entanto muitas vezes sinto que, como disseste esta noite, continuamos a mudar-nos. Muitas vezes sinto que a mudança acontecerá naturalmente sem que eu a force."

Yada: "Sim, e é por isso que digo, ou melhor, lamento, a atitude um tanto inútil do fatalista. É um tipo de pensamento preguiçoso, mas não desvalorizo o Maharajah nem a sua inteligência por isso. Simplesmente sei que foi o melhor que conseguiu fazer na altura."

Pam.: "Não será melhor provocar a mudança se sentirmos que é o correto?"

Yada: "Claro, porque (quem mais pode provocar uma mudança por ti? Ninguém. Só tu. Porque és tu quem tem de aceitar a natureza da mudança, não é assim?"

Pam.: "Sim; no entanto, muitas vezes tive medo de me forçar ou de não me forçar a provocar uma mudança, quando ela talvez viesse naturalmente."

Yada: "Ora, isto é difícil de determinar, porque não sabemos exatamente como uma mudança acontecerá se não aplicarmos alguma força. Como sabes isso? O que se entende por 'força'? Muitas coisas. Uma forma de força é não exercer força nenhuma, ou não criar pressão, mas relaxar. Às vezes, esta é a maior força para que as coisas aconteçam como queremos."

Irene: "Resistência passiva."

Yada: "Resistência passiva, muito obrigado. Temos de fazer algo porque a vida é movimento. Vida é, portanto, ação. No momento em que um pouco de matéria perde o seu movimento, deixa de existir. Faz algo, mesmo que esse algo seja passividade. O que queres? O que quero eu? Claro, se tu e eu quisermos coisas diferentes (mas, na verdade, não queremos, porque, no fundo, todos queremos é mover-nos livremente para criar), vamos mover-nos de acordo com a nossa capacidade de movimento e vamos percorrer todo o caminho necessário para nos colocarmos em sintonia com os outros e, com a ajuda de outros, a forma pode surgir, e a forma de acordo com a necessidade do momento. Fui claro?"

Pam.: "Muito claro, Yada."

Yada: "É mesmo necessário que nos tornemos claros uns para os outros. Ensinar é uma coisa maravilhosa, mas se o professor não se faz entender, não ganha nada para si nem para o aluno. Não posso aceitar verdadeiramente a ideia de ser um professor sem, ao mesmo tempo, me considerar também um aluno.

"Tudo é experiência. Só morremos quando resistimos à vontade de aprender. A nossa morte chama-se 'ignorância'. Posso perguntar, por favor, qual é a diferença entre os significados das palavras 'inocente' e 'ignorante'?"

Irene: "Inocente é algo por que não és responsável, e ignorância é não saber."

Yada: "Infelizmente, porém, as leis naturais não se preocupam se alguém é uma criança ou um adulto no que faz. Uma criança pode, por acaso, beber veneno, e o facto de não saber isso, de não ter consciência disso, não vai impedir esses químicos de matar o seu corpo físico, ou, se a criança tiver explosivos e os usar de forma errada, eles vão agir segundo a sua natureza e vão matar a criança. Não importa se é um bebé ou um inocente."

LaB. "A natureza não tem recompensa nem punição. É uma questão de consequências."

Yada: "Exatamente, e isso é tão válido para o bebé como para o adulto, ou para qualquer coisa na natureza. Agora, sabendo isto, causa e efeito, que estas leis existem, não deveríamos parar para pensar sempre antes de agir? Porque, quem conhece tão bem as leis da vida que pode atirar-se a qualquer movimento ou ação sem pensar e escapar à reação, seja ela boa, má ou indiferente, conforme a possamos considerar? Ninguém sabe tanto assim. Aquilo que é, não tem atitudes emocionais sobre nada. As leis não podem agir de uma maneira para um homem inocente e de outra para quem sabe.

"Se alguém quer uma vida pacífica, onde a mente esteja em repouso, uma vida onde não se esteja adormecido em relação ao mundo externo, e por isso duplamente em risco para si mesmo, só há uma maneira de adquirir esse estado de espírito: aprender, saber o que és. De que és feito? És feito de experiências, em parte, mas a tua natureza mais profunda vem das atitudes perante as tuas experiências. Muitas vezes sentimos que uma experiência nem faz mal nem bem a alguém. No fundo, são as nossas atitudes perante o que vivemos que nos dão paz de espírito ou nos deixam no caos.

"Muitas pessoas, ao aprenderem pela primeira vez que a consciência e a personalidade humanas sobrevivem à morte do corpo, começam a sentir que o mundo externo é algo de que se deve fugir. Esse desejo, quando surge, devia alertar para o facto de não saberem aquilo que pensam saber. (Só acreditam porque lhes disseram, não porque saibam. A maior parte das coisas em que o homem acredita são da natureza do bonito. São fábulas, histórias de fantasia, e muito bonitas. Isso faz com que perca a capacidade de pensar. O seu mundo de crenças é tão maravilhoso que se deixa envolver emocionalmente nele. Envolvem-se nele e não querem sair. Nem sequer sabem que é uma criação emocional própria. Uma crença é para o emocional, não para o pensador. O homem tem de saber. O homem inteligente tem de saber; não pode viver só de crenças. Diz-se no vosso mundo, 'É preciso ter fé.' Fé, sim, mas não fé cega; fé vinda da experiência e de atitudes refletidas perante as experiências."

R.: "Há algo em que o homem possa ter fé, fora de si?"

Yada: "Aqueles que ouvem e não pensam, mas aceitam o que outros lhes dizem, criam uma vida de negatividade para si próprios que lhes traz mais sofrimento, mais ansiedade.

"Alguém morre e quase sempre deixa alguém no mundo físico que sofre uma certa dor pela sua partida. Agora, o que é melhor dizer a quem cá fica? Que o amigo está num tipo de paraíso à espera que te juntes a ele, ou que está ativamente envolvido de forma muito natural num mundo próprio e que tu, também, entrarás no teu mundo, onde podes, mas nem sempre vais, encontrar essa pessoa de novo? O que é melhor dizer?

"Devemos dizer, sabendo que esse ser sobreviveu à morte do corpo físico, que foi para o mundo espiritual e que um dia te juntarás a ele, mas agora deixa-o em paz. Não tentes comunicar com ele, e de facto, não podes comunicar, ele está ocupado com Deus agora e estará por toda a eternidade, então quando vais comunicar com ele? Quando também partires, não importa quanto tempo depois, juntas-te ao teu amigo nesse estado celeste com Deus, mas ele não poderá receber-te, mesmo que sejas mil anos

depois, porque estará demasiado ocupado a ajoelhar-se e a cantar aleluias ao seu Deus.

"Tenho de dizer isto, meus amigos, aquilo a que chamam 'amor' é na sua maioria as forças criativas do nosso instinto sexual, de homem para homem; de mulher para mulher; entre mulher e homem, seja o que for, é sempre impulso sexual. Pode haver profundidade, pode haver calor numa amizade se não for tocada, de algum modo, pelo nosso desejo sexual? Agora, alguns dirão que o sexo nada tem a ver com isso. O sexo tem tudo a ver com isso.

"Geralmente, o que sentimos sobre o sexo, a vergonha, leva-nos a fazer tais comentários. Ensinaram-vos que um homem não deve ter afeto por outro homem; uma mulher não deve ter afeto por outra mulher."

Irene: "Isso não significa necessariamente coabitação."

Yada: "Claro que não. Existem muitos aspetos nas forças criativas. A forma como as usamos mostra onde estamos mentalmente e emocionalmente. Não digo que estejamos num plano alto ou baixo. Mostra onde estamos na consciência, na mente. Mostra o que pensamos de nós próprios; e à medida que pensamos, pensamos do outro, mas é preciso saber qual é a força que está por trás da existência.

"O que acham que existe no próximo nível de consciência a que os espiritualistas chamam 'plano astral'? Será um mundo sem sexo? Não há lá força criativa? Se assim for, é o verdadeiro Céu cristão. O que significa que é mais frio do que o Inferno.

"Temos de nos mover, e só nos podemos mover de acordo com a nossa própria luz. Só podemos manipular esta força criativa de acordo com os nossos sentimentos, a nossa compreensão da natureza. Se outro me frustra contra a minha natureza, estou perdido porque não posso mover-me pela natureza dele, só pela minha.

"O amor começa como uma palavra para a maioria de nós. Não compreendemos porque há algo nela que para quase todos traz vergonha ou culpa, levando-nos a sentir que não somos dignos, e por isso não o aceitamos. Sabes, é tão difícil aceitar o amor como dar amor.

"O amor, para mim, é apreciação. Em primeiro lugar, apreciação pelo que existe, e isso impede-me de ser crítico em relação ao próximo, ou a qualquer coisa na vida. Quando aprecio o que é, deixo de criticar, porque sei que o ser de todas as coisas depende de nós, individualmente. Este é o meu prazer ou não é o meu prazer. Este é o meu mundo apenas na medida em que o desfruto. Sinto prazer nele. Sinto apreciação por ele.

"Se, no vosso mundo, começassem a ensinar à criança a apreciação, por todas as coisas, tal como são no momento em que existem, ou em

qualquer momento da sua existência, ensinassem a apreciar as coisas por si mesmas, ela perderia o medo. Não chegaria a dizer, 'Isto é anormal, e isto é normal.' O eu emocional não tem forma de julgar ou de fazer tais juízos. Se acreditássemos que o que é alimento para uns é veneno para outros, então deixaríamos cada um comer conforme os seus gostos."

Yada: "E por isso digo que as coisas devem ser como são. Isso não me dá vontade de lutar contra elas. Posso dizer que um ato qualquer é estúpido, sim, mas digo-o não como crítica, mas como constatação de uma condição existente. Estou a nomear a condição, não a criticá-la. O que ganhamos em ser críticos? Muitas vezes esperamos que, ao sermos assim, possamos fazer com que as coisas ajam como queremos. Isso só cria ainda mais confusão.

"Não pressiono nada; vou com a vida. Quando acontece algo que sei não ser verdade, não olho para fora e luto contra isso. Olho para dentro, para ver o que é que me faz pensar que aquilo não é verdade. Pode existir algo que não seja? Certamente que não.

"Foi um prazer falar convosco."

PALESTRA PARTICULAR #13
PSICOSSOMÁTICA

por Yada Di Shi'ite

"Vim com a ideia de falar sobre a aventura do homem no espaço, mas estive a ouvir-vos e estavam, em parte, a falar sobre um tema a que chamam ‘psicossomática’, por isso talvez fale sobre isso um pouco primeiro e, se houver tempo, entraremos no tema do espaço, sobre o qual gostaria de falar."

Irene: "Gostaríamos de te ouvir falar sobre isso. Queres começar pela psicossomática?"

Yada: "Sim, penso que sim, porque neste momento no vosso mundo está a tornar-se cada vez mais relevante, até mesmo para os vossos médicos e cirurgiões. Os psiquiatras mais instruídos estão muito cientes disso e já há muito tempo. Os médicos e cirurgiões não incentivam muito este tipo de ensinamento porque isso obrigaria a deixarem de lado os seus medicamentos e poções mágicas. Obriga também os cirurgiões a investigarem a personalidade da pessoa antes de começarem a cortar.

"Muitas, muitas operações realizadas hoje em dia em vocês, pessoas, não são de todo necessárias, mas tornou-se um negócio lucrativo para estes

homens da medicina e da cirurgia, por isso naturalmente não querem perder o seu sustento.

"Começo pela teoria que nós, do Círculo, consideramos mais verdadeira do que os vossos médicos querem admitir. O vosso biólogo dir-vos-á que tudo o que um ser humano é, é por causa dos seus genes e cromossomas. Isso é verdade. Não discuto, exceto que omitem como é que essas substâncias químicas podem conter em si mesmas uma característica chamada 'música', ou qualquer outra das artes criativas. Existe um gene 'musical'? Se sim, como é que isso acontece? Porque o pai ou a mãe tinham inclinação para a música? Como é que eles a tinham? Daqui a pouco temos de recuar até ao início, mas não a Adão e Eva, porque não eram feitos de genes e cromossomas. Eram feitos de barro, portanto temos de os omitir. Mas isto levanta um grande problema. Quem começou os blocos de construção? Quem começou a fabricar os blocos chamados 'genes' e 'cromossomas'?

"Claro que sabem que a história de Adão e Eva é uma fábula para os irrefletidos, os ignorantes, os irresponsáveis, por isso vamos esquecê-la. Sabemos, aqueles que estudaram os seres vivos, que tudo vem de substância celular. A primeira substância celular começou por combinações químicas daquilo a que hoje chamam 'estrutura atómica', que atrai para si outros pedaços químicos a que chamam 'átomo', juntando-os para formar moléculas; não só os junta, mas dispõe-nos em certas quantidades e arranjos, certas organizações da molécula. Não concordam?

"Dos vossos próprios estudos sabem que, no início distante das coisas, vieram primeiro os seres unicelulares. Estes eram movidos sobretudo, eram postos em ação pela luz. Quanto mais luz, mais movimento, mais correria à procura de substância para sobreviverem.

"Porque é que têm de sobreviver? Por uma única razão—para obter experiência. Para ter experiência em ambientes dados. Que sentido faz acumular experiências se não houver vontade por parte de quem experiencia, ou do experimentador que habita esse ser unicelular, de poder usar essa experiência de novo após o seu corpo ter sido destruído? Assim temos, mesmo no ser unicelular, aquilo a que chamam 'ameba', a sobrevivência à morte do corpo físico.

"O que sobreviveu? A força motivadora, as energias. Estas pequenas energias são como discos de gravação, registadas numa espécie de radiação. Isto é o que é a força da Vida—uma radiação. Agora, essa radiação chamamos de 'consciência', vida.

"Muitas, muitas coisas são conscientes, mas nem todas as coisas são conscientes de si. O homem de hoje ganhou autoconsciência por muitas,

muitas experiências. Quando esta força vital, esta pequena consciência, volta a um ambiente dado, vai construir um corpo com maior capacidade de sobrevivência. Ao reunir esse conhecimento (de experiências passadas), criará outro corpo que se adapta a esse ambiente. O ambiente não se adapta ao ser vivo.

"Agora, à medida que o que chamam ‘tempo’ passa e todas as estruturas do corpo sofrem várias mudanças e necessidades de mudança, a ‘necessidade’ fica registada neste pequeno ser consciente. Chega uma altura em que a reprodução por divisão (como nos seres unicelulares) deixa de ser suficiente. Não produz mais do que corpos do mesmo tipo; seres unicelulares. Então, pouco a pouco, pela lei da acumulação de experiências, houve uma mudança no método de reprodução. Surgiu na sua vida interior, na consciência deste pequeno ser, a ideia de reunir muitas células. Assim tinha melhor oportunidade de sobreviver. Agora, cada experiência obtida ao longo de muitas, muitas eras de vida na terra, por todas as coisas, recebe impressões segundo as suas necessidades e a forma como reage às suas experiências em cada ambiente.

"Nenhuma experiência se perde, e só isto é verdade porque as células são os pequenos gravadores. A experiência é registada no que se chama ‘mente subconsciente’ daquele ser, seja ele humano ou não. Nos seres vivos nada se perde. Nenhum pensamento, nenhum sentimento se perde, porque o pensamento ganha força e vida pela quantidade de sentimento que se associa à experiência, em suma, pelas atitudes emocionais perante a experiência. Por isso dizemos o quanto é importante para nós, humanos que procuramos, parar de fazer corpos e voltar à consciência superior, para dominar as emoções e não criar impressões demasiado profundas de algumas experiências no subconsciente. Vês assim a importância do controlo emocional. Agora, se quisermos voltar, podemos marcar as nossas experiências com uma carga de emoção, construir um sentimento sobre o que nos aconteceu, concentrar-nos nisso e torná-lo importante."

R.: "Isso é um ponto muito importante em magia."

Yada: "Assim é, porque injetou nas suas ações uma grande quantidade de ligação emocional, ou energias vitais. Impressionou cada célula do corpo com as suas experiências, ou experiências feitas. Vejamos um caso de experiência psíquica. Quase sempre há uma grande carga de força ou energia emocional nestas experiências. Quando estamos num alto nível emocional, seja de raiva ou medo, podemos enviar um pensamento telepático ou uma imagem do que nos está a acontecer. Ao receber, o recetor não precisa de estar emocional ou em grande excitação emocional. Pelo contrário. Seria melhor que estivesse calmo, mas o emissor deve estar

a sentir algo que o ponha num nível elevado do que chamam ‘atitude emocional’."

Irene: "Disseste que o homem não pode estudar certos temas muito tempo. É porque—?"

Yada: "Porque ainda não estão registados no que chamam ‘Grande Mente’. Há descobertas feitas por experiências, sim, experiências de poucos informados, mas não havia necessidade dessas coisas para as massas. Depois de muitos terem essas experiências, a capacidade de as estudar aumenta porque todos são ajudados por essa grande consciência, mas se não há registo dessas coisas nessa grande consciência, não há como aceder a elas, ou se há tão pouco registado nesses temas, só uns poucos podem aceder-lhes. Fui claro? É muito difícil.

"Quantos homens tiveram a experiência chamada ‘inspiração’ para escrever o vosso livro sagrado cristão? Não muitos. Então, o que foi preciso acontecer? Esses escritos tiveram de ser divulgados a muitos antes de essa mente poder ser acedida continuamente nesses temas. O mesmo se passa com as invenções. Porque é tão difícil inventar algo novo?"

Irene: "É preciso criar um novo padrão de pensamento."

Yada: "É isso mesmo. A maioria das células do cérebro — e não são milhões, mas biliões delas — não tem experiência; toda a consciência que têm é aquilo que são. Ao formar um cérebro, digamos, são células cerebrais pensantes, consciência cerebral, o órgão chamado cérebro. Ou, se é uma célula do fígado, pensa fígado, não nessa palavra, mas nessa composição química. É o tipo de químico que, com outras células da mesma natureza, pode combinar-se para formar fígado, coração, rins. Tudo tem uma consciência própria. Agora, ao entrar no mundo, este é uma unidade de consciência muito especial devido aos muitos, muitos tipos de experiências do passado.

No seu inconsciente estão todos os padrões do tipo de corpo que irá formar. Não precisa, como se diz, de 'pensar nisso'. Está tudo lá, no seu inconsciente, acumulado ao longo de muitas experiências, experiências muito personalizadas. Agora, quando alguém tem uma experiência, todo o corpo vive a experiência. Refiro-me ao que chamam o eu consciente. Quando o eu consciente tem uma experiência, transmite todo esse conhecimento ao eu mental, não só através do sistema nervoso, mas também através do eu químico. Todos os químicos do corpo são afetados, fazendo pequenas mudanças aqui e ali por uma experiência, seja no mundo exterior, seja em estado de sono, ou em qualquer outro estado, é registado.

"Nem tudo passa pelo eu consciente, e por eu consciente quero dizer o eu que sente a sua consciência, autoconsciência. A maioria de nós tem o

que se chama 'autoconsciência'; esse eu é o eu físico, o eu emocional. O eu superior tem muito pouca, muito pouca consciência do que o eu emocional está a fazer, porque não pode dar resposta emocional, não tem atitudes emocionais. Só o eu inferior pode ter atitudes emocionais porque o eu emocional está ligado ao eu nervoso, ao sistema nervoso, e sente tudo o que se passa através desse sistema nervoso que está ligado aos sentidos."

"Yada, se estudássemos as nossas emoções e descobríssemos uma forma de aproveitar o poder que está nas emoções, poderíamos usar esse poder de forma construtiva para o que quiséssemos."

Yada: "É isso mesmo. Novamente, esta é uma das maiores razões para o controlo emocional; assim teremos energia para agir em relação a algo importante, útil, construtivo para nós. Esta mania de nos excitarmos muito por coisas sem importância, que não têm real valor para nós, é desperdício, e na verdade são destrutivas e criam pensamentos destrutivos nas células do corpo. São os produtores de doenças de todo o tipo.

"Entrando no mundo físico pelo caminho biológico, são todas essas experiências, todas essas atitudes, devo dizer, em relação a experiências que alguém, ou o homem, teve ao longo das eras que são incorporadas. Estão todas acumuladas. Estão todas lá, no nosso grande eu inconsciente. Não gosto da palavra 'eu inconsciente', mas serve, é uma boa imagem do que se passa no campo onde isso acontece. Os pesadelos de alguém podem ser produzidos pelo que aconteceu ao nosso trisavô e nos foi transmitido. Não existe tal coisa como 'matéria nova'."

LaB.: "Então, Yada, o que regula os genes e os cromossomas?"

Yada: "Depende do pai e da mãe, eles tomam—"

LaB.: "Não me referia a isso. Quero dizer, quando a entidade que entra vai construir um corpo, tem uma certa quantidade de genes e cromossomas—"

Yada: "Leva 24 de cada um."

LaB.: "São escolhidos ao acaso ou são genes específicos? Por exemplo, dizes que uma criança pode ter um pesadelo por causa de um gene particular que foi impressionado por uma experiência do trisavô, quem escolhe esse gene específico para entrar no corpo da criança?"

Yada: "Não é um gene específico. A entidade que entra contém dentro de si experiências que o trisavô teve. Não todas, mas algumas, percebes. Digamos a cor dos olhos. A mãe ou o pai não têm essa cor de olhos, mas o trisavô tinha e a entidade que entra usa genes e cromossomas que, por sua vez, foram transmitidos ao longo dos tempos."

LaB.: "Mas nada acontece por acaso. Como é que se escolhe? O que regula? Escolhe-se a cor dos genes—"

Yada: "Não se escolhe. Faz as suas próprias impressões."

LaB.: "Yada, poderias dizer que a entidade que entra tem o seu próprio caminho a seguir, e isso serve como um íman para selecionar os genes e cromossomas que escolhe?"

Yada: "Isso está bem dito. É isso mesmo. Vês, tudo remonta ao que disse. No eu inconsciente estão os chamados atitudes em relação a coisas, a experiências de cada um. Muitos de nós não gostamos de nós próprios. Não gostamos do nosso rosto, ou de algo no nosso corpo. Olhamos ao espelho e cada vez que o fazemos ficamos desiludidos porque não sentimos que somos como a imagem que vemos e isso, por si só, pode provocar uma mudança na cor dos olhos, tom de pele, etc.

"Muitas pessoas, trazendo consigo padrões de memória de como pessoas de pele escura são tratadas, criam tal ressentimento contra a pele colorida que não conseguem construir outro corpo de pele colorida. Constroem um muro psicológico, uma atitude contra a capacidade de voltar com pele colorida. Quando alguém começa a ver que a cor da pele só é importante para a evolução, o desenvolvimento de uma raça, pode vir a formar uma ligação de aceitação com pessoas de cor e até desejar construir um corpo de pele colorida para si.

"Conhecem os ensinamentos de um homem que viveu na vossa terra sobre o que chamam 'evolução'? Darwin. Ele ensinou uma ação chamada ‘seletividade’, e isso é verdade. Toda a consciência que entra tem essa capacidade de selecionar. Não têm consciência de o fazer, mas está lá e selecionam o melhor possível para o objetivo."

LaB.: "Esta é a ideia que eu tentava expressar. A entidade que entra, sem se aperceber, faz a sua própria seleção."

Yada: "Sim, seleciona por sentimento. Sentimento vindo de atitudes adquiridas por experiências, e estão todas escritas no que chamam genes e cromossomas. Quem entra com pensamentos próprios, como todos fazemos, pode selecionar essas pequenas fitas gravadoras, substâncias químicas gravadas psiquicamente. Se eu pudesse exprimir corretamente em palavras os mecanismos disto, teriam uma imagem muito melhor da atividade mental, ou dos fenómenos psíquicos, e veriam que toda a criação é uma experiência psíquica. É criativo. Todas as forças são mentais."

R.: "Yada, a célula tem um padrão e uma taxa de vibração definidos. Então uma experiência impressa nessa vibração é muito parecida com a voz impressa sobre a onda portadora de uma estação de rádio. Não afeta o padrão básico da onda portadora, mas é registada nela."

Yada: "É verdade."

R.: "Da mesma forma, a experiência da célula é impressa na célula e, embora não afete o padrão básico, a célula assim transporta a experiência."

Yada: "Concordo, sim. Obrigado. Vês, uma parte importante deste trabalho são estas pequenas sessões privadas convosco em que podem partilhar os vossos pensamentos e ideias segundo a vossa compreensão, que tantas vezes está certa, e eu conheço-os, mas às vezes não tenho as palavras que vocês têm, por isso são tão importantes neste trabalho quanto eu. Não podemos trabalhar uns sem os outros.

"Genes e cromossomas. Os cromossomas são como pequenos fios aos quais os genes estão presos, como pérolas. A mente dá-lhes inteligência, vida. Sozinhos não passam de compostos químicos.

"Falando da divisão celular, está tudo bem. É o padrão de memória dos seres vivos. É a memória do tempo em que o ser unicelular se reproduzia por divisão e depois separava-se para fazer outra célula completa."

R.: "Yada, no início, o ser unicelular dividia-se ao acumular uma carga elétrica maior do que a força física da célula, então empurrava-se e, ao fazê-lo, formava o primeiro 'trilho no espaço' ou padrão de memória para outras células seguirem."

Yada: "Isso mesmo. O que dizes, concordo outra vez, que a psique, o eu mental, está em operação aqui. Essa energia é mental e, por vezes, há carga a mais para uma célula conter, e isso causa o empurrar e a divisão, porque há energia suficiente para duas células. Quando isto acontece nota-se (voltando à história da divisão celular) o que fez a primeira divisão celular? Produziu sempre algo muito semelhante a si própria, à primeira célula que se dividiu, e isso acontece hoje e produz o que chamam ‘gémeos’, gémeos idênticos, porque havia uma célula que simplesmente se dividiu. Não fez nada de novo. Fez uma coisa."

Irene: "É isto que acontece quando temos o que chamamos 'gémeos siameses'. Eles não se separaram completamente."

Yada: "Sim, não se separam completamente. Fica uma pequena ligação na linha de divisão quando a divisão começa. Se fosse possível, e não sei se hoje conseguem, ir mesmo até às células e ver quando a divisão acontece, muitas vezes não há separação completa, mas a união é precisamente no mesmo ponto da célula, o que depois se manifesta quando essa célula se torna um ser completo, produzindo duas pessoas ligadas. Fica unida na semente exatamente no mesmo local; às vezes nos ossos do peito, outras nas costas, outras na cabeça. Houve muitos casos que hoje chamariam de aberrações em que só aparecem as pernas e a parte inferior do segundo gémeo."

Irene: "Ou então duas cabeças e mais nada."

Yada: "Sim."

Irene: "Na semana passada, Yada, operaram gémeos siameses que estavam unidos pelo osso do peito. Eram unidades completas em si. Havia dois conjuntos de órgãos, dois pares de pulmões, dois fígados, tudo."

Yada: "Não havia ligação nos órgãos vitais?"

Irene: "Não. Pensam que a operação será um sucesso completo, mas será necessário fazer enxertos de pele."

Yada: "Uma operação dessas só é fatal quando os dois estão ligados em algum órgão vital, onde talvez todo um órgão vital esteja num corpo, com apenas uma pequena parte a sobressair para o outro corpo, o que torna impraticável fazer uma operação sem causar a morte a ambos, ou pelo menos a um deles."

Irene: "Yada, isto é quase o mesmo que acontece com um ovo que tem duas gemas?"

Yada: "Sim, é o mesmo processo, divisão da semente. Acontece frequentemente nas plantas. Em qualquer coisa celular isto pode acontecer. Agora, surge a pergunta: estes gémeos idênticos, ou digamos amebas idênticas, têm duas almas? Claro. Mas perguntamo-nos, 'O que é alma?' Dizemos espírito. O que é espírito? Dizemos mente. O que queremos dizer com estas palavras? Qual é a natureza das atividades a que damos estes rótulos? Vês como é importante tentar obter resposta a estas questões antes de descobrir a causa de certos tipos de atividade no vosso mundo físico."

Irene: "Falávamos de lábios leporinos."

Yada: "Isto, claro, é hereditário; é uma fissura nas células, uma fraqueza celular, uma rutura."

Irene: "Parece que isso é mais comum em certos países do que noutros. No Laos, por exemplo, os lábios leporinos são bastante—"

Yada: "Isto é uma condição celular desse povo. É uma fraqueza celular numa raça ou tribo. Isto torna-se mais frequente nas raças devido ao casamento entre parentes."

Irene: "Há anos era muito comum um bebé nascer com a língua presa. A pele debaixo da língua tinha tão pouca flexibilidade que a língua não se mexia bem e a fala era dificultada."

Yada: "Estas coisas acontecem sem razão? É uma fraqueza das células, uma rutura, ou fissura, ou condição das células. Mas começou do nada? Não. Começou por certas atitudes mentais perante experiências em algum momento. Em algum momento, o eu mental ficou tão impressionado que voltou a produzir as mesmas condições nas células de outra pessoa."

Irene: "Isto pode acontecer por um padrão coletivo? Pode ter sido causado por se mandar as crianças calarem-se?"

Yada: "Não, é algo muito mais vital, com impacto muito maior, e pode ter começado por uma deformação intencional em certas tribos, uma deformação da boca de alguma forma e o padrão mental depois transmite-se e é passado para outras tribos e raças pelo casamento, e por aí fora.

"Vamos aos Ubangis. Deformavam as mulheres, não porque achassem bonito, mas porque outras tribos admiravam as suas mulheres e as raptavam. Para evitar isso, faziam o corte e alargamento do lábio. Isto pode ficar tão marcado na mente desse povo que, com o tempo, podem vir a ter filhos com lábios formados assim, ou com flacidez, etc. Digo com toda a sinceridade, não há experiência que qualquer organismo vivo tenha que não registe e tenda a reproduzir noutro momento. Digo que todas as coisas criadas vêm da Grande Mente, o que chamam 'Consciência Cósmica'."

"Digamos que um indivíduo tem certo tipo de corpo, ou marcas no corpo. Ao serem admiradas ou desejadas, essas impressões ficam lentamente marcadas nos genes e cromossomas dessa raça, e vão sendo passadas de geração em geração até começarem a manifestar-se.

"Como é que as coisas mudam? A partir de quê? A partir da necessidade no ambiente. Se vamos ao mar, vemos seres a sair do mar. Querem viver em terra. Milhões de anos passam e, gradualmente, começam a subir para terra. Mas descobrem que não podem sobreviver muito tempo, então mudam. Cada vez que vêm, ficam um pouco mais. Reproduzem as condições primeiro na mente e sentimento para o ambiente. O ambiente exige que produzam pés de algum tipo para sobreviver em terra. Também precisam de algo chamado 'pulmões' para sobreviver numa atmosfera menos densa. É preciso um aparelho respiratório diferente. Primeiro é criado na psique. Temos um pensamento, uma ideia por causa da necessidade. Não é maravilhoso? Não é extraordinário? Um sentimento dá a um ser que respirava debaixo de água pulmões. Antes tinha guelras; agora tem pulmões.

"O golfinho é muito inteligente. Muito mesmo. Pela longa associação com humanos, desenvolveram um apego humano e, em breve, um cérebro muito próximo do sistema emocional humano. Em determinado momento, os golfinhos, tal como são, desaparecerão. A força vital que adquiriu tanta atitude humana começará a produzir-se em corpos humanos. Isto é a evolução da mente."

LaB.: "A mente está sempre a evoluir, não está?"

Yada: "Sim."

LaB.: "Não precisa sempre desta forma de expressão antes de evoluir para o que chamamos corpo humano? Ou seja, os golfinhos não são necessários para esse comprimento de onda?"

Yada: "Sim, mas deixará de ser necessário. Não haverá mais necessidade dessa espécie. Vejamos a formiga, um ser simples mas muito complexo."

LaB.: "Está cá há milhões de anos."

Yada: "Sempre foi formiga."

LaB.: "É o que penso dos golfinhos. É uma forma pela qual a mente tem de passar antes de entrar no que chamamos 'forma humana'."

Yada: "Sim, mas não é necessário. É apenas uma das formas em que a consciência se envolve. Voltemos à formiga. A formiga não tem necessidade de mudar. É completa em si mesma. Tem todas as necessidades satisfeitas. A consciência que se tornou 'consciência de formiga' não precisou de fazer mais do que construir corpos de formiga.

"Já na forma complexa como o golfinho, houve necessidade de mais crescimento. Isto exige mudar o corpo, porque não consegue ter a experiência de que precisa nesse tipo de corpo. Essa mudança acontecerá através do que se chama experiência individual do golfinho."

LaB.: "E está a conseguir isso com a ajuda do homem."

Yada: "Sim. Se acontecer, ainda serão milhões e milhões de anos até coisas como os antropoides se tornarem parecidos com humanos (o antropoide parece muito inteligente mas não o é) e ainda não tem sentimentos humanos. A ligação aos humanos não é verdadeira. O golfinho tem mais destes sentimentos humanos, mais ligação do que o antropoide."

Irene: "Quando dizes isso, lembro-me dos golfinhos a salvarem pessoas que estão a afogar-se. Eles empurram-nas até à costa."

Yada: "Sim, eles têm um grande amor e ligação pelos seres humanos."

R.: "Descobriram que as orcas comunicam entre si tanto quanto os golfinhos."

Yada: "Sim, mas esse animal ainda tem bastante agressividade. Ainda assim, penso que ele também se irá associar com o homem. Sim, há muitos animais que têm grande ligação com o ser humano. O cão tem uma ligação muito forte com os humanos, mas vai demorar mais para a espécie de cão desaparecer do que para o golfinho. Os golfinhos são altruístas. Agora parece que o cão é altruísta, mas isso não é totalmente verdade. Os cães têm uma ligação que se sente mais dentro da sua própria natureza canina. Não têm uma ligação humana, nem sentimentos humanos pelas experiências que vivem. O golfinho tem uma espécie de atitude humana nas suas experiências."

Irene: "De vez em quando, Yada, um cão expressa-se como se percebesse."

Yada: "Sim, muito."

LaB.: "Mas parece que um maior número de golfinhos está mais ou menos inclinado a ser humano."

Yada: "Sim, há mais mentalidade no golfinho do que no cão, apesar do cão demonstrar emoções, simpatia, tristeza, alegria, e até salvar pessoas, o seu dono, e por vezes até um estranho em apuros, mas no cão há um certo 'canismo' do qual é difícil livrar-se. Pertence à consciência do cão. Tem mais consciência coletiva do que individual.

Agora, é curioso, e muita gente não sabe, mas o porco é um animal muito inteligente, mesmo. Mais inteligente que o cavalo, e em alguns casos, mais inteligente que o cão. A única razão de não ser, como dizem na América, 'valorizado' é por ser um animal grosseiro na aparência. Só quando é mesmo pequeno, mesmo jovem, é que tem algum encanto."

LaB.: "Yada, achas que a consciência humana procura ir para o espaço, 'voltar a casa' como disseste? Achas que a consciência humana tenta expressar-se noutra forma ou experimentar e descobrir mais sobre si?"

Yada: "Sim. Agora levaste-me de volta ao tema do espaço e da aventura do homem nele."

Irene: "Antes de falares do espaço, podes falar mais um pouco sobre genes e cromossomas? Perguntávamos se eles estão nos espermatozoides quando homem e mulher se unem."

Yada: "Assim é. Quando os vinte e quatro do pai entram no corpo da mãe, então reúnem-se com os vinte e quatro da mãe. Quando a semente entra no óvulo, pegam nessa combinação de substância celular e imprimem nela o seu sentimento. Expressam o que está na mente, no seu eu inconsciente, ou na parte da mente cósmica que habita neles. Isto move esses quarenta e oito químicos, mistura-os, causa um movimento chamado 'crossing over', e todas essas atividades são produzidas pela mente dessa entidade; pelos seus pensamentos sobre a estrutura dos olhos, etc.

É espantoso, porque, como digo, tudo isto é feito psiquicamente, mentalmente. Estas substâncias químicas são organizadas e postas em movimento e vibração pela mente dessa entidade, pelos seus pensamentos sobre a estrutura dos olhos, e assim por diante. Estas substâncias químicas são organizadas e postas em movimento e vibração que criam um sentimento psíquico em relação aos olhos, do mesmo padrão que os pais, avós, ou até bisavós, tinham."

Irene: "A mente da entidade que vai encarnar também define se o corpo será masculino ou feminino?"

Yada: "A entidade que vai encarnar escolhe substância corporal que marca com um pensamento masculino ou um sentimento feminino."

R.: "Yada, são exatamente vinte e quatro do pai e da mãe ou pode ser vinte e dois, trinta e dois?"

Yada: "Na verdade não importa se são trinta e dois, vinte e dois, vinte e três, vinte e quatro."

LaB.: "Então, Yada, ficamos com a impressão de que certos, digamos, departamentos do corpo físico produzem cada um um tipo de gene, e podem ser 24 departamentos diferentes, ou 30, ou 40, não sabemos e não importa. Há muitos mais destes tanto no pai como na mãe, mas só 24, um de cada tipo, entram na união."

Yada: "É assim. Pensar que o corpo de alguém tem apenas 24 durante toda a vida, não há mudanças? Não se acrescenta nem se tira nada?

"É como o cérebro. Sabes que o cérebro tem biliões de células. Não faz sentido eu dizer 10%, 20%, porque isso não explicaria muito, mas há muito poucas, relativamente falando, muito poucas células de substância cinzenta, ou estrutura cerebral, que são usadas por alguém numa vida de 20 ou 100 anos, mas há alturas em que mais dessas células são usadas por certos indivíduos do que por outros. De novo, usamos mais células cerebrais numa parte da vida do que noutra. Digamos que no início da vida usamos mais células cerebrais do que vinte, quarenta, cinquenta anos depois. Além disso, com o envelhecimento, surgem alterações químicas no corpo que já não consegue produzir energia para ativar as células cerebrais usadas, tornando-se cada vez mais o que chamam de 'senil', pois as células cerebrais usadas são afetadas pela idade ou por doença.

"Às vezes, quando certas células cerebrais foram danificadas, por exemplo por uma pancada na cabeça ou por certas doenças, pode contornar-se e pôr em ação outras que não foram afetadas. Mas é preciso, no vosso mundo físico, alguém a que chamam 'psiquiatra' ou uma pessoa experiente em função cerebral e nervosa, para ajudar a pessoa lesionada a contornar as células danificadas e usar outras que estejam boas.

"Por vezes, em crianças consideradas 'atrasadas', isto pode ser feito, e a criança, se se dever apenas a lesão cerebral, pode ser curada. Mas se se dever a dano na semente, fraqueza de origem, então a possibilidade de cura é praticamente nula.

"O vosso mundo médico e psiquiátrico acabará por descobrir que danos no nervo auditivo e noutros nervos da área podem ser contornados e uma pessoa pode voltar a ouvir. Mas isso exigirá muito trabalho. O mesmo para a cegueira. Muitas pessoas sofrem cegueira do olho físico quando o problema não está no olho, mas nas células cerebrais que fazem a visão.

Com o tempo, encontrarão formas de contornar essas células, que talvez tenham sido prejudicadas por falta de energia nervosa devido ao medo, frustração ou doença. Por vezes o sarampo causa cegueira. Os nervos óticos ficam lesados. Encontrarão formas de contornar o nervo ótico lesado, ou de o reconstituir, se não esperarem demasiado.

"Em doenças criadas mental ou emocionalmente, no início não há lesão orgânica. Cria-se um bloqueio nervoso por atitudes emocionais, sendo o medo a causa base dessa condição; é este medo que produz uma espécie de choque nos nervos. Se continuar, esse choque fica gravado nos nervos e pode afetar qualquer órgão do corpo em qualquer altura.

"Chegará o tempo em que os vossos cientistas encontrarão maneira de impedir o surgimento de tumores malignos no corpo. Mas, antes disso, terão de encontrar resposta para os crescimentos de qualquer tipo no corpo, pois o que não é normal para o corpo não deve ser deixado quando surge, e deve ser impedido de surgir."

Irene: "Se isso não impedir ou interferir com uma lição que o indivíduo deve aprender na vida encarnada."

Yada: "Se isso acontecer, então o indivíduo encontrará outra forma de fazer a reparação ou compensação pelos seus pensamentos negativos."

Irene: "Achas, Yada, que por estarmos nesta Era de Aquário, o homem vai tornar-se mais consciente de que está aqui para experimentar, e vai ultrapassar a ideia de retribuição?"

Yada: "Sim, deixará de ser necessário. O homem vai aprender que a vida é para a experiência, e não criará dentro de si a causa do sofrimento. O medo, a ansiedade, a culpa — sendo a culpa a mais forte — fazem-nos sentir necessidade de punição. Quando alguém percebe que a vida serve para experienciar, que nada é bom ou mau, que isso são só conceitos, então começa a agir de forma mais equilibrada com a natureza, com a própria vida."

Irene: "Vai perceber que tudo é causa e efeito, mas não vai experienciar nada com sentimento de culpa."

Yada: "A experiência dele não será vivida com sentimentos de vergonha ou culpa."

Irene: "Os sentimentos de culpa não vêm de um saber subconsciente de que a pessoa agiu de forma a negar experiências passadas?"

Yada: "Claro."

R.: "Portanto, todos nascem no mundo com experiências passadas que chamam de 'ideais' ou 'consciência'; e quando agem em conflito com isso, negam as suas experiências passadas, e isso causa o sentimento de culpa."

Yada: "É isso mesmo. Obrigado por esse comentário. Isso esclarece muito bem, as coisas são como são e não como desejamos emocionalmente que sejam.

"O mundo dos sonhos é produto do nosso sistema nervoso, tal como o mundo exterior, e a nossa vida é criada à medida que avançamos. Não existe outro mundo à nossa espera, criado por outra mente. O mundo é algo que trazemos connosco e que criamos à medida que avançamos, dia após dia, ano após ano.

"As emoções são a causa básica da diabetes. É uma doença psicossomática. Raramente alguém emocionalmente estável adquire esta ou outras doenças. Ela resulta de uma série de choques dados ao sistema nervoso, devido à nossa reação emocional às experiências. Em uns, esses choques não afetam o pâncreas, mas afetam o coração, causando tensão e doenças cardíacas. Em outros pode afetar os rins ou o estômago e causar úlceras. As úlceras são conhecidas como uma doença emocional. Quase nenhum homem de negócios termina a carreira sem algum problema de estômago.

Só posso dizer que quem sofre de diabetes devia ser tratado também por psicólogo ou psiquiatra. Esta doença às vezes destrói a coragem do paciente, a sua fortaleza, e como o nosso estado emocional determina o nosso estado físico, o psicólogo, ajudando o paciente a alcançar maior equilíbrio emocional, também ajuda a trazer um estado físico mais equilibrado. A relação entre as emoções e o corpo físico tem sido estudada em crianças e adultos pelos vossos médicos modernos e esses estudos mostram a importância do equilíbrio mental e emocional.

"Infelizmente, muita gente pensa que ir ao psiquiatra significa estar mentalmente desequilibrado. Nada mais longe da verdade. Nós, humanos, todos, de uma forma ou de outra, somos, se me permitem uma palavra antiga, 'transtornados'. E quem reconhece que sofre de desequilíbrio emocional e procura ajuda para superar essa condição, mostra, para mim, um estado de equilíbrio ou consciência mental acima da média.

"Foi um prazer falar convosco. Boa noite."

PALESTRA PARTICULAR #14
MEDITAÇÃO – ESTADOS DE CONSCIÊNCIA

por Yada Di Shi'ite

Yada: "Meus amigos, não posso dar-vos, nem a ninguém, a verdade. Só vocês podem dá-la a vocês próprios, através da aceitação, após estudo, exame, teste. Essa é a mente científica. Maravilhoso! Depois de

examinarem, estudarem e testarem, mantenham ainda assim um pouco de cepticismo. Isso vai evitar que caiam em todo o tipo de tolices.

O que veem aqui… Já estudaram psicologia?"

Aud.: "Não, ainda não."

Yada: "Talvez venham a estudar. Andas na escola?"

Aud.: "Sim. Ensino secundário."

Yada: "E mesmo aí, os professores, como tu, estão a aprender sobre a vida. Não sabem tudo sobre a vida. Dão-te o que está no livro e tens de aceitar como base para aprender mais. Mas, porque algo está num livro e alguém diz ser autoridade, não faz dessa coisa uma 'verdade'. A verdade está em ti, tu, o estudante da vida. Os professores são necessários, claro. Presta atenção, e vais aprender. Mas o melhor professor do mundo não te pode educar. Esse trabalho é teu. Não é assim?

Não posso dar-te nada, nem sequer o começo. Ouve, por favor, (Yada bate palmas) Que som te faz lembrar isto? E a que se parece?"

Aud.: "O som das palmas das mãos."

Yada: "Sim. Acho que se chama palmas a duas mãos. Já ouviste uma mão a bater palmas? É isso que faço. Faço sons, e tu, o ouvinte, pegas nesses sons e traduzes segundo o que já sabes. Não podes evitar isso. Se falasse na minha própria língua (uma língua antiga) e te chamasse, irias embora daqui sem ficar mais sábio. Nada. Mas posso usar a minha língua e fazer sons que compreendes, chamados palavras em inglês. Mas as palavras são algo em si mesmas? Ou não são as palavras algo em nós? Depende da nossa programação. Uso a expressão 'Odeio-te!'. Ora, disse-te algo compreensível? Se sim, é só porque foste programado para entender o significado, ou algum significado, da palavra ódio. É uma palavra emocional, logo mexe contigo—é um som emocional, por isso a tua atitude em relação ao som será emocional, ao tom. Vês, eu faço sons, mas não ensino nada a ninguém. Faço sons—o ouvinte ensina-se a si mesmo. Nas escolas, naquilo a que chamam matemática, em aritmética simples, 2 e 2 são 4. E com o tempo acreditas, aceitas. Aceitas esses sons como referindo-se a objetos. Não podes simplesmente dizer que 2 e 2 são 4, porque não são. Dois e mais dois de algo do mesmo tipo dão quatro, sim. Mas duas peras e duas maçãs não são quatro, pois não? São quatro objetos, sim. Quatro— noutras dimensões, dois e dois não fariam quatro. Podia ser oito, podia ser dezasseis. Noutras dimensões.

'Professor… que grande professor, ensinou-me algo.' Mas não ensinou, foste tu que aprendeste. Pegaste nos sons e traduziste-os conforme a tua compreensão desses sons. Não só a tua compreensão intelectual, mas também a tua atitude emocional perante esses sons. Muitas vezes as

pessoas não conseguem aprender porque certos sons usados na sua presença lhes são dolorosos. Não suportam esses sons. Revoltam-se ou fogem. Sons… Na civilização moderna, o homem está a destruir-se com sons, sons que perturbam o sistema nervoso. Sons que, com o tempo, provocam cegueira, surdez, doença no corpo. Apenas sons."

Mas serão estes apenas sons? Não, é a atitude em relação a esses sons. 'Não suporto tais sons'. Então, isso significa que sofro se for obrigado a enfrentar esses sons.

A vida é hipnótica. Estamos hipnoticamente, no mundo físico, aqui retidos pelos nossos sentidos. No momento em que aquele som aconteceu lá fora (o som de uma mota a passar), as mentes de todos os que estão aqui saltaram para fora. Agora, conseguir manter o equilíbrio da mente — segurar os pensamentos onde os colocámos, sem deixar que nada nos afaste — mostra que se tem um sistema nervoso muito saudável, que se tem uma mente maravilhosa, forte, e emoções equilibradas.

Aud.: "A prática permite isso, Yada?"

Yada: "Claro, sim. O segredo do sucesso em qualquer tarefa que o indivíduo se proponha depende da sua capacidade de concentração. De manter a consciência no que está a fazer. Podias estar sentado nesta sala e perder-te completamente das minhas palavras, se te dispusesses a isso. Quanto da nossa atenção conseguimos dar àquilo que amamos — e quanto menos conseguimos dar ao que não nos interessa. Por isso, não é destrutivo para o nosso ânimo, bem como para o nosso sentido de ser, de inteireza, andarmos a dispersar os pensamentos?

Em tempos antigos surgiu a expressão 'Homem, conhece-te a ti mesmo'. Acho que é o que vocês, americanos, chamam de 'um grande desafio'. Pensa bem no que significa realmente. E, no entanto, esta expressão é usada da forma mais irrefletida, sem qualquer significado. Como a palavra amor — não tem significado. O significado é o do indivíduo, o sentimento do indivíduo, a consciência. 'Conhece-te a ti mesmo'. Como vamos fazer isso? Que eu? Tenho muitos eus. Qual devo conhecer? Como pessoa, nem metade de mim conheço. Como posso conhecer-me por inteiro? Sou um composto de experiências. Cada experiência muda, de algum modo, o sentimento e a reflexão naquilo a que se chama a minha personalidade. O meu condicionamento — tudo nele provoca uma mudança, ou mudanças, e mais mudanças. Hoje abraço, talvez com todo o coração, uma ideia. Amanhã posso ver através dela, por trás da fachada, e toda a minha atitude muda. Talvez queira afastar-me dela, em vez de a abraçar. Talvez queira destruí-la.

O homem procura a paz de espírito acima de tudo, pois sem isso não consegue alcançar mais nada. Tudo dentro dele gira numa confusão louca. E é o eu emocional que cria essa confusão. Alcançar a paz de espírito significa tornar-se equilibrado e, quando estamos equilibrados, seja qual for o problema, compreendemo-lo. Nada podemos compreender enquanto a mente estiver em estado de caos.

Aud.: "Então é através da capacidade de concentração que se pode alcançar a paz de espírito."

Yada: "Sim, sim.

Agora, há algo de que se deve falar ao abordar a concentração. A concentração é útil para uma vida física mais bem-sucedida. A meditação leva-nos a um estado de consciência mais elevado — à mente, — ao espírito.

Aud.: "Qual é a diferença entre concentração e meditação?"

Yada: "Na meditação não se pensa em nada. A concentração é sobre algo. A meditação é feita sobre nada. Trata-se de relaxar, pôr o corpo em equilíbrio, para que os vários órgãos, especialmente os órgãos suspensos, fiquem em equilíbrio. Ao conseguir isso, respira-se profundamente. Para quê? Para melhor oxigenar o sangue, o cérebro. A maioria dos humanos, nos vossos tempos modernos, respira apenas com metade da capacidade pulmonar, por isso, cá em baixo, nos lóbulos inferiores dos pulmões, cria-se um leito para doenças respiratórias. Respirem fundo! Sempre. Usem toda a capacidade pulmonar em cada respiração. Não conseguirão fazer isto logo, porque a parte inferior dos pulmões não tem sido usada, tornou-se estagnada, difícil de ativar.

Na meditação, não peço nada. Sento-me no silêncio do meu próprio ser. Neste estado estou em comunicação com a minha consciência superior, que o homem, nos Ensinamentos Cristãos, chama de Cristo. Infelizmente, colocaram esse título num ser humano, a quem chamaram Jesus. E por isso pensam que esse homem Jesus era um Deus encarnado que veio aqui morrer por eles. Isso faz as pessoas felizes, saber que ele sofreu. Este é o masoquismo da consciência humana. Olharam para ele, as pessoas à volta da cruz, e viram-no morrer. Olhavam com uma lágrima num olho, como os crocodilos, e o outro olho brilhava de alegria pelo sofrimento dele. Alegria masoquista.

Não poderiam compreender tal sacrifício! Hoje não compreendem! Porque, na verdade, ninguém morreu. Ninguém se deixou matar, por ti, por mim, por ninguém. A crucificação, ele fez por si mesmo, para que o seu ser se elevasse acima do corpo de Jesus, para alcançar um estado mais elevado de consciência, ou união com a Luz, a que se chama Cristo, Christos,

Krishna. A Luz, a compreensão, desce sobre mim. A escuridão da ignorância passa pelo meu rosto, para que a Luz possa entrar. Ó Luz, ó Pai dentro de mim, perdoa o meu corpo inferior, perdoa o burro que há em mim, pois ele não sabe o que faz. A consciência inferior é um burro. O trabalho do Homem, conhecer-se a si mesmo, é elevar-se, encontrar o Cristo, ou a luz interior. É o trabalho de cada ser humano. É a busca do Amado.

Podes dizer-me, e aqueles que vêm ao mundo mentalmente retardados, ou tão fisicamente incapacitados que não conseguem pensar, quanto mais meditar? E os que nascem insanos? Continuam insanos, retardados, incapacitados depois da morte do corpo físico? Alguns continuam, por um tempo, sim. Porque levam consigo a memória da atividade cerebral, da atividade do sistema nervoso. Levam isso para onde? Para este outro estado de consciência, é tudo o que posso dizer. Mas com o tempo, que é experiência, sairão disso, reencontrar-se-ão, regressarão a casa, tal como o indivíduo mais saudável.

Quero ir para casa. Não sei onde fica a minha casa, mas sei que sou um estranho na terra. Como sabes isso? É uma sensação. Ninguém pode dizer-te se o teu sentimento está certo ou errado, só tu, o indivíduo. Podes chamar-lhe conhecimento instintivo. Não conheço o pleno significado da palavra, mas tu conheces. Para ti é uma palavra familiar. Eu sei, e sei que sei. Eu sou Aquilo, Aquilo que sou. Eu sou o Amado que procuro e procurei durante eras de tempo, subindo o que parecia ser uma estrada interminável, uma encosta interminável. Quando, ó quando, chegarei ao topo? Não posso dizer a ninguém quando será esse momento, porque nem nós próprios o sabemos, mas ele virá, disso posso assegurar-te. Agora, alguém tem algo a dizer?

Aud.: "Está a tratar um tema muito importante. Esta parte de unir o que conhecemos como o físico e os estados superiores de consciência. Por falta de palavras precisamos desse sentimento. Tem algo a dizer sobre como podemos atingir esse sentimento?"

Yada: "Sabem, quando comunicam pensamentos a outros, especialmente sobre questões da vida, é da maior importância ter muito cuidado ao expressar esses pensamentos. É o que estou a fazer na minha hesitação, procuro palavras, porque antes de mais devo dizer-vos que não vos posso dizer! Então digo: a menos que consigam passar algum tempo no silêncio, não vão aprender, não vão conhecer. Primeiro, é preciso disciplinar o burro. Parar com os coices. Parar com o zurrar. O que quero dizer é: parem de vos deixarem arrastar cegamente no dia a dia. As pessoas

têm coisas que lhes acontecem e clamam ‘porque é que isto me acontece a mim’. Mas o que realmente querem dizer é que devia acontecer ao outro.

Digo que não podia acontecer a melhor pessoa do que a mim, sim. Maravilhoso! Seja o que for, estou grato pela experiência. Agora, penso que é melhor seguir com o que acontece do que lutar contra. Se deixarmos as coisas acontecerem, tudo pode acontecer. Tornamo-nos como as ervas daninhas. As ervas só crescem, não precisam de incentivo, até lutam contra o desânimo!

Começar a viver conscientemente é libertar-se dos medos, vergonhas, culpas, ansiedade. O que me vai acontecer amanhã? Amanhã? E agora? O que me está a acontecer agora? O agora é muito mais importante do que o que está para vir! Não vivo no ir, vivo no agora! Nada sei do amanhã, pois a minha consciência está inteiramente no hoje. No agora."

Aud.: "Nada vai acontecer, pois não?"

Yada: "Claro que não. Por isso devemos estar conscientes do que está a acontecer. Muitos de nós ignoram este facto e acabam em grandes dificuldades. Cada pensamento meu cria uma atividade no meu sistema nervoso, que move o corpo para várias posições, que cria um acontecimento, que faz um evento. Um homem e a sua família costumavam vir ouvir-nos do Círculo Interno falar, e dizíamos muitas vezes ‘mantém-te desperto’. Onde estiver o teu corpo, tem consciência de que é aí que estás. Mantém-te consciente, não leves o corpo para um lado e a mente para outro!

Vivem tempos perigosos. Mas, na verdade, nascer é perigoso. Sempre que o homem veio ao mundo físico foi perigoso. Este homem sentou-se aqui e ouviu. Quando dissemos ‘quando entrares no teu carro, presta atenção ao que estás a fazer, porque é a tua consciência que move esse carro, e se te distraíres do teu corpo ao conduzi-lo, o corpo fica zombie, é uma boneca cega’. Este homem ouviu, mas aparentemente não escutou. Há diferença, sabes, entre ouvir e escutar! E como não escutou, não aprendeu a manter-se desperto. E a sua filha bebé e a esposa passaram para o outro mundo."

Ele não se manteve desperto. Não quis manter-se desperto. Esta é a causa de tantas mortes nas vossas grandes estradas. Falta de consciência do condutor — entram no carro e ficam a pensar: ‘Se tiver filhos, será que vou conseguir pô-los nas melhores escolas?’, ‘Será que vou poder dar-lhes tudo o que querem?’, ‘Será que vou conseguir isto, aquilo’ — e assim, não prestam atenção ao que estão a fazer, e num instante, estão mortos ou desfeitos.

A primeira coisa que o estudante de meditação deve saber é disciplinar o corpo. Ora, isto não se adquire de forma significativa em pouco tempo. Porque, aqui no vosso país, vocês são muito, muito tensos, vivem em constante tensão. E a maioria das pessoas nunca teve qualquer formação na arte do relaxamento, e é por isso que há tanta doença. E, quando não é doença física, é doença mental. E as doenças mentais estão a aumentar, especialmente no vosso país (EUA). A maioria vive sob medo, ansiedade, do amanhã, de tal forma que quase ninguém vive o hoje.

Se não aprendermos a viver o hoje, como vamos aprender a viver o amanhã? Se morrermos no agora, não estará morto cada agora do futuro? Não podemos começar a ajudar ou ensinar os outros a arte da meditação sem que primeiro haja um ensino do relaxamento. Agora, não conseguimos ensinar relaxamento simples com resultados eficazes ao aluno, a não ser que consigamos, de algum modo, chegar à mente do aluno para descobrir o que o perturba. E, sem dúvida, quando chegarmos à mente desse aluno, descobriremos que não é uma coisa que o agita e o faz saltar como um feijão saltitão mexicano, mas muitas coisas. Muitas coisas que ele guardou no inconsciente e tapou, e que ficaram lá a apodrecer. Tornaram-se numa ferida purulenta.

Aud.: Um caixote do lixo com tampa!

Yada: Certo. E ficou ao sol quente durante muito tempo.

Aud.: E estes processos meditativos acabam por levantar um pouco a tampa.

Yada: Isso mesmo. Isso mesmo. O psiquiatra no vosso mundo, no vosso país, está em grande dia. O problema é que muitos destes (psiquiatras) são eles próprios perturbados mental e emocionalmente.

Aud.: Pensei que ias dizer que tinham mais lixo do que o paciente.

Yada: Muitas vezes é verdade, infelizmente. Sendo assim, considera-te mesmo afortunado se encontrares alguém suficientemente claro para cuidar de ti.

Aud.: Acho que o Dr. diz muito bem quando afirma: “Quem procura um médico está literalmente a pôr a sua vida nas próprias mãos.”

Yada: Pois claro.

Meus amigos, veem onde leva o tema da meditação?

Aqui há um problema muito sério. Chegam ao vosso país pessoas do oriente, como a Índia, e talvez a Pérsia, que, alguns sabem o que fazem, são excelentes professores, têm um saber maravilhoso que podem usar como terapia. Sim. Mas os métodos deles tornam-se perigosos para as pessoas aqui. Porque aqui não estão prontos para isso. Estes ensinamentos criam maiores perturbações na mente e nas emoções do estudante. Não quero

citar nomes de temas, nem de escolas de pensamento —, mas digo-vos, na maioria dos casos, são um grande perigo, sobretudo para quem está a iniciar-se no caminho metafísico pela primeira vez.

Aud.: Isto gera sempre grandes problemas. Infelizmente, nunca sabemos — falo do meu ponto de vista — nunca sabemos se o indivíduo teve qualquer pré-condicionamento, no tempo e no espaço.

Yada: Sim, claro. Claro.

Aud.: E só se descobre isso a posteriori.

Yada: Sim. Ensinar a arte da meditação parece uma coisa muito simples, nada suscetível de prejudicar o aluno, e não é, se for mantida nas formas mais simples, mas quando o principiante é ensinado, ou melhor, não é ensinado, mas incentivado — porque ensinar é instruir devidamente —, quando ouve estas coisas, o professor a falar ao seu modo, segundo a sua compreensão, muito à frente da capacidade do aluno de compreender, fascina-o. O problema é que, quando as pessoas entram pela primeira vez no caminho metafísico, estão famintas, e a maior parte disto é inconsciente, estão famintas de fenómenos excitantes: 'Quero aprender a projetar o meu psiquismo', 'quero aprender a entrar em samadhi', 'quero aprender a respirar de certas formas para ser enterrado vivo'. Que coisa maravilhosa, pensa o estudante. Não é maravilhoso, é trivialidade, claro.

Aud.: Só quem aprende ou se conhece se apercebe de que isso é trivialidade. O neófito pensa que isso o torna, talvez, quase um mestre. Quem é neófito e quer realmente tomar consciência de si, não sabe o que é verdadeiramente importante.

Yada: Claro que não. Mas os seus olhos ficam fascinados, hipnotizados, com as ideias de poder que isso lhe dará, como lhe dará prestígio. Procura alimentar o ego, e acaba apanhado nisso.

Aud.: É verdade, e pelo que ouvi, e de alguns alunos que vi daqueles que classifico de pseudo-mestres, o professor é mais ignorante do que o aluno, porque quer mostrar-se superior aos outros. Então, dá ao principiante coisas que ele não devia saber, e ao tentar praticá-las, na ânsia de se tornar 'grande', como disseste, perde a consciência de si e a capacidade de manter-se centrado.

Yada: Então, o que é importante na meditação? Alguns professores avançam e tentam ensinar ao aluno o controlo da respiração: do fluxo sanguíneo, dos batimentos cardíacos, do pulso — e o aluno ainda não aprendeu a controlar as emoções. Muitas vezes o professor que sabe estas coisas não tem controlo sobre as próprias emoções, sobre o próprio ego, por isso passa estas fraquezas ao aluno não preparado. Ao aluno despreparado!

Na hipnose, ‘que poder maravilhoso, conseguir controlar a mente de outra pessoa’. ‘Que fascinante’.

Aud.: Quantos hipnotizadores devolvem essa mente ao indivíduo?

Yada: E isto não é o pior. Quando o professor de hipnose não tem controlo sobre a própria mente — como podemos ensinar aos outros aquilo que nós próprios não temos? Não podemos, claro.

Aud.: Não até termos uma referência interna, e isso vem do trabalho árduo e da experiência de vida, suponho.

Yada: Assim é. Mas há certos tipos de respiração de yoga que não são para principiantes. Podem causar dissociação. Dissociação, que cria mais perturbações.

Ao soltar o psiquismo, ao praticar projeção, se consegues fazê-lo — podes encontrar-te a fazê-lo automaticamente, inconscientemente, sem pensar nisso. Acontecerá automaticamente, e podes dar por ti a andar e o teu psiquismo a caminhar à frente do teu corpo.

Aud.: Havia um velho axioma que usávamos há muitos anos, e o objetivo era ficar sempre na própria ‘casa de carne’.

Yada: Um pensamento muito bom, bem dito. “Fica na tua própria casa de carne.” Muito bem, não é romântico, mas é muito bom.

Aud.: Alguns saem e a porta fecha-se antes de perceberem o que aconteceu, e depois não conseguem voltar.

Yada: Vê, há algo que o estudante da sugestão deve saber antes de tudo: o psiquismo não está no corpo. A mente não está no corpo. Tu, e já disse isto muitas vezes, aquilo a que se chama tu, está presente em todo o lado. És omnipresente! Quando digo tu, refiro-me ao eu mental. Por isso, não precisa de sair daquilo em que não está.

O que estás a fazer quando começas a dar-te sugestões para sair do corpo? Estás a tornar o Eu consciente da tua vontade, só isso. Queres mover-te sem a forma física. Mas há aqui um perigo, porque se tornas o psiquismo consciente do desejo de atuar fora da forma, ele aceita o pensamento, porque não pensa sobre isso de uma maneira ou de outra. Atua segundo o teu desejo. Agora, quando sentes que te tornaste um com esse ser omnipresente, se não sabes manter os teus pensamentos centrados no sítio onde queres estar, e onde estás — omitimos o ‘onde ir’, porque é ‘onde estás’ —, vais sentir-te disperso. Vais sentir a tendência para saltar daqui para ali, e para todo o lado. Serás como uma bola de borracha indiana em movimento. E pior, terás grande dificuldade, no início, em manter a sugestão de permanecer fora do corpo. É muito mais difícil para esse eu superior acreditar que vive no corpo, porque não vive. A sugestão de estar

fora — isso, sim, ele entende, porque aqui, de novo, não está. Não está nem fora nem dentro, porque dentro é fora e fora é dentro.

Yada: Isso é o saco mágico.

Aud.: Pois, isso é o saco mágico. Consegui transmitir a ideia, consegui? Bem, sim. Isto é clareza com confusão.

Yada: Vamos ver se conseguimos tirar a confusão. O corpo é substância atómica, é energia. Energia é a substância de construção do criador, ou mente, do eu criativo. Então, onde está um átomo, quando não está? Dentro, fora. Há alguma diferença entre um átomo cá fora e um átomo do corpo? Não, claro que não. Para começar, toda a forma física é simplesmente pensamento simbólico. É simbólica do tu criador. Cada forma, independentemente do tamanho, independentemente da estrutura, viva ou morta — e, na verdade, não existe tal coisa como morto.

Aud.: Dito em linguagem da Física, não se poderia pensar no organismo como um transformador redutor? E estas técnicas de meditação serviriam simplesmente para pôr-nos em contacto com aquilo que existe como princípio geral, que é fundamentalmente energia, e talvez dar-nos uma quota maior disso do que tínhamos perceção antes do processo meditativo.

Yada: Exatamente. Sim. E porquê? Porque meditar é recentrar, é tornar consciente. Vês, o Criador, aquilo a que chamais Deus, não tem conceito da forma que o homem imagina — primeiro pensar em algo, depois fazê-lo. Não. Este Eu criativo, no momento em que pensa, criou. Não é uma questão de agora vou criar o homem à minha imagem e semelhança. Tudo é à sua imagem e semelhança, que é energia.

Aud.: O padrão estrutural ou estrutura de conjunto pouco importa.

Yada: Exatamente, exatamente. Desculpa, vou falar com o meu mestre. (fala em língua Yu). Digo ao meu mestre: não é verdade que aquilo a que chamam o mundo é, em toda a existência, da mesma natureza?

Aud.: Estás a usar o termo existência como sinónimo de espaço?

Yada: Sim. Uso-o para significar tudo. Quero mostrar que o Criador não é consciente, e a criação não foi feita conscientemente. É produto do Criador inconsciente, ou do Eu criativo. Agora, qual ou qual é o mecanismo?

Yada: Este Eu Criativo, cada vez que criou forma, claro que lhe deu vida, porque vida é movimento, o Criador tornou-se então consciente de si, e disse, se pudesse usar palavras, — cada vez que criou forma disse ‘eu sou aquilo’. Torna-se consciente de si. ‘Eu sou átomo’, essa é a sua autoconsciência. ‘Eu sou Atman’, primeiro princípio. Ah! Autoconsciência. Para haver consciência, é preciso criar. O criador, a consciência, passa

então a residir na criação, a partir desse ponto. E, uma vez criada, essa criação nunca é esquecida. Uma vez projetada naquilo a que se chama consciência, nunca é esquecida. Ou seja, nunca perece.

Agora, se o estudante de meditação captar isto, está menos propenso a entrar no processo de meditação com pensamentos tolos. Como pedir algo, como se o eu criativo não soubesse o que se queria.

Aud.: Olhando para trás, torna-se ridículo. Ser tão ignorante deste princípio, durante tantos anos——

Yada: Se o indivíduo está consciente, se faz pensamentos acerca de qualquer coisa, nesse instante o Eu criativo está consciente do que a pessoa quer. A responsabilidade vem com esta consciência, pois ao criar pensamentos, esses pensamentos nunca mais morrem. Nunca desaparecem. São teus, e devias, deves tornar-te responsável por eles.

Se crias o pensamento de que alguém chamado Jesus Cristo ou Cautama, o Buda, pode perdoar-te os pecados, se acreditares mesmo nisso, vai acontecer. Porque foste tu que fizeste acontecer. Tornaste-te o Buda ou o Cristo que respondeu às tuas preces. Vês, posso rezar para ti, e se a imagem for suficientemente forte no meu pensamento de que és tu quem me vai perdoar os erros, criei uma lei para mim mesmo, e assim será.

Agora, ouve-se isto constantemente, sobretudo de pessoas pouco inteligentes no meio metafísico, perdoa-me dizê-lo, mas ouves ‘amo-te, amo toda a humanidade’. Não sabem o que dizem. Ouvem o barulho que fazem para se agradarem, para o ego se sentir confortável. Agora, se dissermos ‘amo-me’, com o pensamento de apreciação de mim mesmo, respeito por mim mesmo, como posso guardar isso só para mim? Porque não existe só eu. Eu sou tudo o que há, ‘eu sou o todo’, ‘eu sou aquilo’. Mas na minha mente não treinada, caí na fragmentação. Na divisão. Na crença na dualidade.

Aud.: Contudo, para a aplicação prática da experiência, tudo tem de parecer dual.

Yada: No exercício, claro, tens de agir conforme o mundo em que vives. O mundo opera segundo leis, tens de respeitá-las. É aqui que o homem tanto sofre. Tenta ir contra o mundo em que está, as leis desse mundo. A lei do mundo material governa o indivíduo, como tudo o resto. Então como pode o indivíduo quebrá-la e não sofrer? Mas ele não a quebra, na verdade. Sofre é ao tentar, ao aceitar a ideia de que pode quebrá-la. Vai contra si. Lei é lei. É rígida. O próprio pensamento de que há uma lei para quebrar cria a lei.

Agora, deixa-me contrariar isto. Quando te tornas um ser consciente, então podes fazer ou desfazer qualquer lei. Conforme o teu conhecimento,

sabendo como lidar com essas leis. O que são essas leis, de que são feitas. Agora, até saber isto... Vejamos um exemplo do que quero dizer. O homem acredita na lei da matéria, que a matéria é uma coisa rígida. Acredita que o corpo é ele mesmo. Que não pode fazer algo chamado projeção. Quando falo do homem, refiro-me à maioria da humanidade. Não sabem nada disto. Pensam que quando digo 'estou aqui', é uma lei que não posso mudar instantaneamente e estar noutro lugar. Mas quando sei o que sou, posso estar em qualquer lugar no instante que desejar. Assim, aos olhos deles, estou a quebrar uma lei.

TRANSCRIÇÃO #14

(San Diego, Califórnia)

Aud.: E pensam que estás a fazer algo sobrenatural.

Yada: É verdade. A isto se chama sobrenatural. Não só consigo projetar, como faço algo ainda mais super-super. Levo o corpo comigo. Não projetes. Para quê projetar? Leva o corpo contigo. Queres ir para muito longe daqui? O principiante aprende a manipular, não a matéria, mas a mente, na prática da projeção. Muitos ficam presos nesse plano, não conseguem ir mais longe. Para onde é que vou projetar, até mesmo um eu psíquico? Onde é que é melhor do que aqui? O que é que vou fazer, a andar por outra dimensão? É mesmo outra dimensão, ou não será antes um estado de espírito, igual ao de agora, a diferença sendo no conceito, ou no estado de consciência? Então, o que é que vou fazer? Vou tornar-me num voyeur astral? É para isso que quero a projeção astral? Vou intrometer-me na vida privada do meu semelhante?

Aud.: Foi o que o meu irmão disse. Disse que era como um brinquedo novo, sabes. Brincas um pouco com ele e depois atiras para o canto quando te fartas.

Yada: Pois, se não te partir antes, se não for ele a atirar-te para o canto. Sabes, a minha ideia é que a maioria das pessoas que realmente dominam a projeção psíquica tornam-se pessoas melhores, moral e eticamente. Isso acontece-lhes. Agora, há muitas pessoas fora do corpo, ditas fora, pessoas que já viveram no mundo físico, que passam o tempo a bisbilhotar as pessoas que ainda estão no corpo, e sem qualquer propósito útil. Tornam-se aquilo a que se chama fofoqueiros, ou fantasmas. Isto é o verdadeiro fantasma.

Aud.: Mas sempre me perguntei se um verdadeiro fantasma não pode também assustar-se?

Yada: Oh, ahah, são provavelmente os mais fáceis de assustar. Ah sim! Agora, eu não quero projetar porque vejo isso como algo inútil. Portanto, quero levar todo o meu corpo, todo o meu ser. Mas primeiro tenho de conhecer uma forma de respirar que solte a matéria, a energia, de que o meu corpo é feito. Isto não é algo para o principiante saber. Mas vou falar um pouco sobre isso. Porque tenho a certeza que não consegues usar, ainda não. Tem um perigo muito maior do que projetar o eu mental. Porque exige uma enorme centralização da mente. É preciso saber usar esses pensamentos, como centrar os olhos aqui, na raiz do nariz, e ao mesmo tempo respirar desta maneira, que começa a atuar sobre a estrutura celular.

Agora, uma vez aprendido isto, podes levar o corpo para qualquer lugar e reconstituí-lo num instante.

Aud.: O choque elétrico que acompanha essa mudança é muito severo ao início?

Yada: Sim. E esse é um dos perigos. Podes eletrocutar-te, ou, queimar-te. Podes iniciar um fogo elétrico tão quente que, uma vez iniciado, te crema, ou qualquer substância combustível, e nada pode detê-lo.

Aud.: É isso que acontece com aqueles que são encontrados cremados, e mais nada parece ter sido afetado no quarto?

Yada: Sim, mas foi um ser espiritual que trabalhou sobre o corpo deles e causou essa condição. Tentavam desintegrar-se. Um espírito irrefletido, que sabia, — não mais do que devia, mas menos.

Aud.: Fico contente por nos dizeres isso, porque nos últimos anos houve casos de pessoas encontradas cremadas, e não foi explicado que não foi ato do próprio indivíduo, por não saber o que fazia, simplesmente acontece. Como algumas crianças que têm tanto da força de fogo dentro delas que, quando entram em quartos, as cortinas pegam fogo, e assim por diante.

Yada: Sim, mas isso é mais ——

Aud.: É algo diferente?

Yada: Não, é o mesmo. E isto é algo que muito poucos metafísicos conhecem. É um ser de fogo. Um poltergeist de fogo. Não é necessariamente de origem humana. São seres de fogo. Agora, há pessoas que viveram de certas maneiras na Terra que se tornaram seres de fogo quando morreram ou perderam o corpo físico. Fazem com que crianças pareçam responsáveis por incêndios e fazem-no ao retirar as energias vitais da criança, com a imaginação da criança a ajudar, não conscientemente, a

criança não sabe que está a fazer isto. Usa verdadeiramente as substâncias vitais da criança. A criança é responsabilizada, e muitas vezes o psiquiatra descobre estas coisas. Primeiro, claro, o psiquiatra moderno teria de ver, porque tem pouco entendimento do que se chama atividade paranormal da mente inconsciente, ou subconsciente, se preferires o termo.

Aud.: São todos seres solares, e toda a atividade solar, não dirias?

Yada: Pois, em tempos antigos várias civilizações humanas foram adoradoras do sol e todas criaram seres de fogo nas suas práticas rituais, invocando o sol e as energias do sol. Ah sim, criaram seres vivos dessas energias, inteligências. E usaram-nas de várias formas nos seus rituais ocultos e coisas do género. Tanto o mago negro como o mago branco usaram estes seres de fogo. Também seres de água. Às vezes são chamados elementais, sem que o interlocutor saiba o que isso quer dizer. Somos da variedade humana de elementais, quando nos deixamos agir de forma insana. Peço licença, tenho de me retirar um momento. (Yada retira-se.)

Para voltar ao tema que estavam a discutir, a diferença entre o dia e a noite. Dá-se um fenómeno interessante na mente. Uma mudança de atitude. Poucos de nós somos a mesma pessoa à noite que somos de dia.

Voltando por um momento ao tema da meditação, quero fazer uma afirmação algo concreta, e sinto isto: no início, as tentativas do estudante de meditar devem servir unicamente para relaxamento e para se afastar dos ruídos externos que destroem ou tendem a destruir o sistema nervoso no mundo de confusão em que vive. O chamado mundo dos negócios. A meditação é uma terapia que se deve praticar para o sistema nervoso perturbado.

Aud.: Quando deixas de sobrecarregar o sistema nervoso com estímulos e ficas em silêncio, então tens hipótese de te recarregar.

Yada: Exatamente. Uma das grandes razões para tantas pessoas sofrerem de distúrbios nervosos é nunca terem aprendido a relaxar, a meditar para relaxamento. Projetaram-se tanto para fora, para a sua vida e o seu ambiente, que não têm controlo sobre o corpo. Por isso o corpo adoece.

Aud.: Relaxar agora é tão antiquado. És visto como estranho se fazes isto, se acreditas em relaxamento. A nossa sociedade foi para o outro lado.

Yada: Eu sei que é verdade, por isso digo-te: para começar, a vida não és tu e eu, sou eu. Não me posso preocupar com o que fazem ou não fazem. Tenho de me concentrar em mim. No que estou a fazer! Se as nações adotassem esta ideia e agissem em conformidade, cada um preocupado consigo, estou certo que não haveria mais guerra. Mas não é assim.

Cada nação está tão concentrada, num estado de ansiedade, no que a outra está a fazer, que não sabe o que se passa na sua própria.

Aud.: Como a bisbilhoteira do bairro, tão ocupada com a vida dos outros que não tem tempo para a sua.

Yada: É isso mesmo. Isto resulta em suspeita, porque como posso olhar para o outro sem que venha à mente alguma suspeita? A suspeita de que, de alguma forma, és uma ameaça à minha existência.

Aud.: É isto que nações e indivíduos fazem. Estão tão ocupados a espiar os outros que se negligenciam a si próprios.

Yada: Assim não tens tempo para te conhecer.

Aud.: E a meditação fornece o meio para nos conhecermos. Ao nosso eu inteiro.

Yada: Exatamente. E quando adquiriste esse entendimento de ti próprio, então és de grande valor para os outros. Então podes, em segurança, preocupar-te com algum outro tu.

Agora, muitos dos nossos hábitos tornaram-se como sanguessugas, como fantasmas connosco. Assombram a nossa casa-corpo. Tentamos e tentamos desalojar esses fantasmas e até conseguimos por um tempo, mas voltam quando menos esperamos. Damos por nós a entretê-los com grande alegria. Desejos naturais, digo desejos que são naturais ao indivíduo, embora não sejam a outra pessoa, mas para essa pessoa, se exprime os seus desejos naturais, então é assim que deve viver. O que está errado é quando surgem sentimentos de culpa pelo que fazemos. Isto significa que não estamos a fazer o que é natural para nós, e sabemos disso. Os sentimentos de culpa dizem-nos isso. Quando consegues fazer o que desejas fazer e não sentes culpa, então estás a viver naturalmente.

Aud: É o nosso conceito sobre o que estamos a fazer que nos leva a acreditar que estamos a fazer algo errado. E vamos sofrer com estes complexos de culpa até compreendermos verdadeiramente o que somos.

Yada: As coisas que estamos a fazer que são erradas para nós. O que estamos a fazer a nós próprios é errado para nós fazermos. Agora, se fosse natural, não poderíamos de forma alguma sentir culpa por isso. Muitas pessoas pensam que o homem chamado Hitler foi um dos seres mais hediondos que alguma vez veio à Terra, mas nos vossos tempos modernos, muito poucas pessoas pensam em homens como Genghis Khan, que foi um monstro de crueldade. Muito pior do que o homem chamado Hitler. Depois houve Alexandre, o Grande. Agora, este homem foi grande em assassinatos, sim.

Aud: E, no entanto, como os historiadores já referiram, cada um destes homens era relativamente avançado, indivíduos altamente informados.

Yada: Oh, sim, Hitler usou o seu conhecimento, o seu conhecimento oculto, de forma negativa. Ou seja, em magia negra, mas magia negra é

igual à magia branca. O que a torna negra é o uso das tuas forças de forma negativa, só isso. Agora, estas pessoas, ou estas pessoas criaram condições totalmente negativas? Claro que não, isso é impossível. Não está dentro da lei da vida que alguém cometa um ato totalmente destrutivo ou mau. Cada um destes homens que mencionei, os três, juntou pessoas, tanto quanto as dispersou. Mudaram a história, não só a história do homem e da sua atitude para consigo mesmo, mas mudaram, muitas vezes, a topografia da Terra. Fizeram muitas coisas pensando, nas suas mentes, que era o correto, e na altura, trouxe muito sofrimento e privação a grandes massas de pessoas e morte a um grande número, e no entanto, quando tudo acabou, as condições voltaram ao ponto onde deviam estar e as coisas ficaram muito melhores para a raça humana, muito melhores.

Aud: Sim, construção e destruição têm de ser iguais, para que haja um todo.

Aud: Pela forma como o relacionaste aqui, é apenas animalidade global e, ou, metabolismo.

Yada: Isso mesmo. Sim. Vês, muitas vezes o homem, em massa, é como uma máquina cega, fria, indiferente. É muito parecido com a própria natureza, na verdade. A natureza provoca grandes terramotos, grandes tempestades e mata milhares e muitas vezes milhões de pessoas, como na minha civilização. Mas esses terramotos e experiências terríveis que as pessoas sofreram, foram uma perda total para a humanidade? Não deixaram nada de bom no seu caminho? Oh sim, deixaram. Criaram condições no homem que o aproximaram mais uns dos outros. Fizeram-no pensar, por algum tempo pelo menos, como era necessário partilhar-se com o seu semelhante, de uma forma mais amável, construtiva, inteligente. Olha, por favor, para os atos do homem Hitler. Fez com que pessoas se unissem que nunca teriam ficado tão próximas, de outra forma. Agora, vamos à Alemanha e vemos que, por aquilo que ele fez ser antinatural, ao tentar destruir qualquer raça de pessoas, teve de, no processo, juntar essas pessoas, na Alemanha, na sua própria terra, e mesmo que fosse para as destruir, trouxe à tona a necessidade de cada indivíduo procurar proteger o seu semelhante e, ao fazê-lo, garantir uma maior proteção para si próprio.

Aud: Não é curioso, no entanto, que o homem não faça isto a menos que tenha um inimigo comum?

Yada: Sim, claro. Além disso, em vez de tornar a Alemanha uma terra de raça pura, está agora ainda mais misturada do que nunca. Sabes, se obrigares um povo tempo suficiente a fazer o que queres, ao fim de algum tempo eles vão acreditar que é assim que as coisas se fazem. E quanto mais tempo uma condição permanece, menos provável é que algo faça com que

estas pessoas recordem como eram antes. Vês, as pessoas que ficam como que hipnotizadas, são pessoas que já seriam assim de qualquer maneira, já eram assim. Estavam simplesmente à espera que alguém aparecesse e lhes dissesse que estava tudo bem serem assim.

Agora, tens em todos os humanos o que se chama os dois estados de ser, um chamado sadismo e outro chamado masoquismo. Sempre que há uma grande guerra, ou se há motins de pessoas, uma reunião de multidões, estes estados, um ou outro, manifestam-se de forma muito ampla. E, a menos que sejam apresentadas condições que permitam a estas pessoas expressar-se desta forma, parecem pessoas normais que nunca magoariam ninguém sob qualquer circunstância, pensar-se-ia. As vossas instituições penais criam amplas oportunidades para o sádico e para o masoquista. Onde quer que haja grandes aglomerações de pessoas, os vossos exércitos, as vossas marinhas, vários outros grupos, estão cheios de pessoas com estas fortes tendências de crueldade para com os outros ou para consigo mesmas.

Agora, tudo isto pode parecer não ter nada a ver com meditação, mas deixa-me salientar uma coisa. O que estamos a falar é da nossa própria natureza humana. Entramos em meditação sem saber, sem querer aceitar, conscientemente, que temos estas vontades de sadismo ou masoquismo. Mas estas coisas vêm à superfície durante a meditação, e especialmente para o principiante isto acontece. E isto desperta neles um enorme sentimento de culpa, mas não destrói o desejo de se expressarem desta forma. Deixa que venha à tona e tenta observar sem te envolveres. Algumas pessoas, aparentemente à superfície, o que é chamado pelo olhar desatento que a maioria de nós tem, pessoas muito, muito compassivas, bondosas, doces, têm dentro de si o monstro, e têm medo dele. Têm mais medo dele do que de outra pessoa. Sim. E isso dá-lhes sentimentos de frustração e um medo tremendo, especialmente se for alguém que tenha sido criado em determinada religião, que tenha aceitado a crença em deuses e demónios.

Aud: Claro, a doçura, bondade, compaixão, não passa de uma máscara. O ecrã ou árvore atrás do qual o monstro se esconde.

Yada: Oh, claro, sim. Algumas das grandes mulheres da história, além dos grandes homens, aquelas que se pensava serem as mais próximas do seu Deus religioso, eram monstros em crime mental, que expressavam em segredo. Há várias mulheres que são muito perigosas. Por isso, não é apenas, de modo algum, um traço masculino ser cruel, ser sem coração. O animal está em todos nós, A pantera negra esconde-se atrás do cordeirinho. Tudo o que tens de fazer é arranhar o cordeiro e lá está ela. Portanto, estas coisas, devemos lembrar, isto é a nossa natureza, a natureza humana. Se

voltares aos tempos mais antigos das diferentes civilizações que o homem criou, ali, o indivíduo nas suas experiências criou padrões de memória que leva consigo de vida em vida.

Agora, isto por vezes é chamado de mente coletiva. Algumas destas experiências espalharam-se a tal ponto que muitas pessoas têm estas experiências. Muitas pessoas são ou foram maravilhosas, compassivas, que prefeririam sacrificar a sua própria vida ou conforto a ver outra pessoa sofrer, e trazem isso de vida em vida. Quanto mais intenso o sentimento de compaixão ou ódio, mais provável é que o indivíduo marque a si mesmo com isso e o traga consigo. E então, numa dessas vidas, aprende a arte da meditação, e se não se treinar a aceitar o que retira dessa mente coletiva, estará em sérios apuros. Isto é mais uma razão para não se contar às pessoas o que foram em vidas passadas. Mesmo que consigas revelar algo maravilhosamente bom sobre elas. Seria melhor que isso lhes viesse, nas suas meditações, do que outra pessoa lho dizer. Porque nesta vida, podem não ser tão boas, podem não ser tão compassivas.

Os nossos padrões de memória, sejam eles verdadeiros ou falsos, de acordo com o nosso temperamento, a nossa atitude perante os pensamentos sobre as coisas, podem causar-nos muitos problemas uns com os outros, e connosco próprios. Há pessoas que, após anos a serem o que chamam de boas, e a tentar seguir a Regra de Ouro, a serem compassivas e bondosas para com o seu semelhante, por causa do que passaram a pensar sobre a atitude dos outros perante a sua compaixão e amor, o pensamento de que essas pessoas rejeitaram tudo o que tentaram fazer por elas, passaram a odiar.

Agora, as pessoas que passaram a odiar, que antes se dedicaram ao amor e à compreensão, não compreenderam. Não estavam a amar de forma desinteressada. Embora, se lhes dissesses isso, não acreditariam. 'Oh, os meus pensamentos são puros para com o meu semelhante', ou, 'amo sem qualquer interesse próprio'.

Vês, se fazemos as coisas por qualquer outra razão, qualquer outra razão que não seja 'é isso que deve ser feito', que é 'natural' fazer, não teremos o que nos pertence. O simples ato de fazer devia ser a recompensa, não uma recompensa secundária chamada apreço. Não venho aqui pelo apreço. Isso é o auge do egoísmo.

Aud: Mas fazê-lo e poder dizer 'adoro fazê-lo'.

Yada: Só por essa razão. Maravilhoso. Na meditação, poder fazer um inventário de ti próprio e aceitar o que acontece sem qualquer problema, nem sentimentos de grandeza, nem de como foste grandioso, ou de como foste mau, apenas observa a imagem, deixa-a passar. Isso faz parte de mim,

aceito isso. Estou grato por estar consciente de que tive essas experiências. Posso ter causado dor, dor terrível; sem dúvida causei noutra vida, a alguém. Mas isso foi então. Estava a crescer. Não conhecia a verdade. Mas agora sei. Então vejo-me nos meus atos como dando passos fora da ignorância, fora do campo da ignorância, caminhando para a luz. Que maravilhoso. Como posso perdoar alguém se não me perdoar primeiro? Como posso receber o perdão de alguém se não me perdoar primeiro? Meus amigos, conheçam-se a vós próprios, e conhecer-me-ão.

Foi um prazer falar convosco novamente. Foi uma honra. (Yada retira-se)

* * *

ESPECIAL:

PALESTRAS RETIRADAS DE GRAVAÇÕES

QUE JÁ NÃO ESTÃO DISPONÍVEIS

A NATUREZA DA MATÉRIA

por Ramond Natalli

Comunicação por Voz Direta recebida através de Mark Probert –

Médium em Transe Profundo.

Eu sou Ramond Natalli, anteriormente da Real Casa da Astronomia de Itália. Roma. Vou tentar fazer uma pequena palestra sobre o que se chama, A Natureza da Matéria. Não é de todo problemático dizer que não vou contar nada de novo.

Quando vivi na Terra, no século XVI, pensava que sabia bastante sobre a matéria. Mas desde que vim para aqui, para o mundo astral, as minhas descobertas mudaram completamente a minha opinião sobre o universo físico em que vocês vivem.

Durante muitos anos procurei manter-me afastado da metafísica, e de trazer a metafísica para a física, ou para a abordagem material. No vosso mundo, este grande homem que recentemente passou para o meu mundo, o

Sr. Albert Einstein, com a sua compreensão, trouxe ao mundo a ideia de que energia é igual a matéria e matéria, energia.

É simplesmente uma interação não entre duas coisas diferentes, mas entre duas formas diferentes de ação, da mesma ou de uma só coisa. Durante muitos anos, a energia não foi considerada como sendo partícula, mas através dos estudos deste grande homem, Einstein, descobriu-se que afinal o é.

Energia que é partícula. Como poderia ser de outra forma? Não vale a pena falar da energia como ondas; pois para ter uma onda, é necessário ter pedaços de partículas ou partes móveis, para criar um modo de movimento. A energia não é de natureza homogénea. Ou seja, não é toda do mesmo tipo. Tal como a matéria, é feita de muitos tipos de partes. Sem a teoria das partículas, todas as teorias sobre o movimento, sobre a lei do movimento, seriam impossíveis.

Pensava-se que o éter devia ser o corpo no qual a energia opera. E por isso, muitos estudos experimentais e análises foram feitos sobre o éter para encontrar alguma verdade de que era um corpo onde a energia se movia ou existia. Mas todas as experiências responderam o contrário a este pensamento; agora acredita-se que a energia não precisa de nenhum corpo além de si própria para operar.

Contudo, os meus estudos mostram algo um pouco diferente do que foi descoberto pelos vossos cientistas modernos; e isso é que os éteres são feitos, ou o que se chama de espaço em si, é feito de eletrões frios, ou corpos eletrónicos que sofreram um grande estado de inércia, movendo-se agora a uma velocidade relativamente baixa.

Então, à medida que a nova matéria se decompõe em nova energia, essa nova energia excita a matéria antiga ou dissipada chamada "eletrões frios". Mas, podemos ficar por aqui? Não creio, pois vai-se perguntar: "Qual é a natureza de um eletrão frio?"

Agora, meus amigos, para ter alguma compreensão do que se chama ‘espaço’, não devemos pensá-lo como uma condição completamente vazia. Não existe tal estado.

Um átomo em si é espaço. Podemos dizer que um fotão, que não é mais que um feixe de energia, é a própria natureza do espaço. E, a natureza do universo em que vivem, é um universo esférico; ou seja, toda a matéria move-se em arcos, pulsações periódicas, movendo-se em arcos ou numa série de arcos, ou seja, toda a matéria está a mover-se de volta sobre si própria, ou toda a energia está a mover-se de volta sobre si própria, para formar matéria ou forma.

Um átomo não pode ser sentido, nem visto, nem saboreado, nem ouvido. Pode, contudo, ser todas essas coisas quando cria uma superfície. No entanto, pergunto-me se não será que tudo isto é apenas consciência, uma condição chamada mente.

É lamentável que tão pouco possa ser compreendido pelas palavras, ou pelo meio das palavras. Se toda a matéria é apenas consciência, então deve ser a consciência individual. Se é a consciência do indivíduo, isso leva-nos à ideia de que toda a vida, toda a ação é uma experiência individual. Não concordam?

Um feixe de energia, um fotão, movendo-se no que hoje chamam ação quântica, significa simplesmente pulsações periódicas. Não leva a ideia de pulsações periódicas a postular a teoria de que não existe matéria num dado instante, e no instante seguinte, existe? Ou seja, que a matéria ou energia surge do nada. Num momento nada; no seguinte, algo.

Será razoável supor isto, meus amigos? Não creio. Não está na natureza das coisas obter algo do nada. Indo um pouco mais longe, também é impossível pensar em matéria sem princípio e sem fim.

Não acredito que até agora, no vosso tempo, tal estado como ‘inércia zero’ tenha sido criado na matéria ou na energia. Inércia zero significaria nenhuma matéria, absolutamente nenhuma; pois tudo é feito, tudo é criado a partir do movimento.

O movimento, podemos dizer, é a natureza última da matéria. Se parares um pedaço de matéria no seu movimento e, dependendo da força que a parou, mais energia ou matéria será criada.

Podemos deixar a energia em paz, sem lhe exercer pressão, e ela vai dissipar a sua energia cinética até atingir um estado que pode ser chamado ‘corpos frios’ ou partículas de movimento lento. Mas nunca atingirá um estado de dissipação total ou desintegração completa.

Podemos dizer que o homem originou-se do calor. Existe alguma crença nesse sentido, encontrada nos ensinamentos antigos de que o homem é um ser de fogo – ou seja, originado do “calor” ou pontos mais altos de energia.

Não gosto de falar em origens de coisa alguma, pois postular uma origem é postular um fim. Não é assim? Por isso, temos de escolher outra via, e essa via é dizer que o homem e o seu universo sempre existiram, e sempre existirão.

As palavras não trazem resposta ao problema. A palavra ‘sempre’ é uma palavra de tempo; portanto, deve ter um princípio e um fim. Princípios e fins acontecem, mas manifestam-se no que pode ser chamado de quadros

temporais – em que toda a ação ocorre num tempo específico desse quadro ou período.

Ou seja, novamente, que a matéria tal como a veem e conhecem está numa forma particular de movimento, para que possa ser chamada de matéria.

Permanece nesse tipo de movimento durante um período que muitas vezes parece longo, porque o homem observa apenas a ação superficial disso.

Se pudesse observar COM UM OLHO ou com os sentidos muito elevados – movimento vibratório mais alto dos nervos – veria imediatamente que a matéria está constantemente a desintegrar-se em energia. Desde o momento em que uma forma ou superfície é criada, está a dissipar-se de volta ao estado de onde veio, chamado energia.

Tudo em todo o vosso universo está a desintegrar-se e a reconstruir-se. Pensar, considerar um universo que está apenas a dissipar-se até um estado de nada, ou matéria de baixo grau, é um pensamento impossível. Pois isso, mais uma vez digo, levaria à ideia de que o universo, o universo material, originou-se do nada.

Agora, muitas pessoas muito instruídas, indivíduos altamente inteligentes – ao concentrarem-se numa situação assim, tornam-se receosos. Sentem uma sensação de insegurança, nada em que se apoiar. Tudo aquilo em que o homem deveria sentir-se seguro e confiante está lentamente a desmoronar-se à sua volta e a dissipar-se no nada.

Esses indivíduos, no seu medo, procuram criar uma mente superior, um ser superior, um ‘senhor’, como causa do mundo material ou da existência de qualquer tipo. O filósofo pode dizer: "Toda a existência é o resultado de um ser superior, a pensar."

Não encontrando resposta para a natureza do seu mundo material, chegam então a esta conclusão final. Esta conclusão ajuda-nos a libertarmo-nos do terrível medo de um vácuo, ou de uma condição vazia que parece estar à nossa espera.

A mente pessimista, materialista, científica pode dizer que o homem veio do nada e está a encaminhar-se para o nada. Mas a palavra ‘encaminhar-se’ implica alguma coisa; e as implicações da existência de algo impedem-nos de postular um estado de nada.

Podemos dizer, contudo, nós que queremos uma resposta imediata ao problema, podemos dizer que nós próprios somos o sonhador. Isto é melhor, mais compreensível, mais razoável do que postular um ser externo chamado ‘deus’, ou uma divindade qualquer. Porque devolve ao indivíduo

a sua coragem, e um estado maior de segurança; pois obriga-o à responsabilidade pessoal pela criação do seu próprio sonho.

Após muitos estudos nesta linha, percebemos que é esta a melhor abordagem para as respostas sobre a natureza da matéria e da energia; além de responder a muitos problemas no campo da psicologia individual.

Yada de Shi'ite:
A CIÊNCIA DE ENSINAR

Eu sou Yada de Shi'ite. Vou falar sobre a Ciência de ensinar. É uma arte muito mal compreendida, uma arte mal utilizada. Especialmente nos vossos dias modernos. No stress e tensão da vossa vida moderna, aqueles que atuam como professores têm pouca paciência com os seus alunos. O professor tem demasiadas atividades exteriores a ocupar a sua mente; portanto, tem pouco tempo para dar atenção consciente ao ensino. Não é sabido por muitos que as massas, no geral, passam pouco tempo em vida consciente.

O aluno, como sempre, não é ensinado a primeira lição. A lição de maior importância é a concentração, é centrar a atenção no assunto. Estar consciente, nesse momento, da natureza do que está diante dele ou lhe é apresentado. Poucos vivem conscientemente, quero dizer, com pouca consciência, pouca autoconsciência. Isto leva à falta de observação.

Ao começar a ensinar o aluno, é necessário captar a sua atenção total. E quantos alunos alguma vez foram ensinados a dar toda a sua atenção ao professor?

Como é possível ensinar quando a mente está a divagar? É impossível. Por isso, a maioria do ensino é… É repetido pelo aluno. A mente de uma criança naturalmente salta disto para aquilo para outra coisa muito rapidamente. Se uma criança vai realmente aprender, seja da mãe, pai, professores, o que for, a primeira coisa que tem de ser ensinada é a concentração. Mas isto não pode ser ensinado até que o aluno aprenda a relaxar. Onde há tensão na estrutura física não há possibilidade de atenção centrada. A saúde do aluno vem primeiro. Sem isso, a criança ou o adulto, conforme o caso, não pode aprender.

Se aprender, o aprendizado é extremamente limitado. E então a criança ou o adulto é considerado um tolo. Ele não consegue aprender. Ele consegue aprender! Tem aqui em cima um cérebro, o mecanismo para aprender. Mas se a sua saúde não está bem, significa que a máquina não está a funcionar corretamente. Toda criança que um dia se tornará adulto, deve ser ensinada a relaxar durante alguns minutos todos os dias, a sentar-

se em silêncio. E, enquanto estiver sentada em silêncio, ser ensinada a concentrar-se num objeto – um só objeto. Simplesmente sentar e olhar para ele, manter a atenção ali, dizer à criança, agora relaxa-te enquanto fazes isto – relaxamento completo. Se o corpo estiver saudável, não leva muito tempo para a criança desenvolver esta arte de centrar a atenção nesse objeto e nada mais.

No vosso país, as crianças são deixadas à vontade. Isto está bem até aos sete anos, pois dá à criança oportunidade de desenvolver e exprimir a sua própria personalidade, a personalidade com que veio ao mundo da matéria. Mas a partir do sétimo ano, a concentração, a meditação devem ser ensinadas, assim como o relaxamento. Mas não adianta tentar ensinar estas coisas se a criança não é alimentada corretamente, se não recebe as substâncias químicas apropriadas e equilibradas para o corpo, para o sistema glandular estar em boas condições.

Se o sentido visual da criança é deficiente, não pode prestar atenção porque não consegue medir com os olhos aquilo que está a ver. Não o consegue medir plenamente. Está desfocado ou desfocado. Isto causa falta de interesse e incapacidade de aprender. Mantém os centros, o que chamas os cinco sentidos, em bom funcionamento e qualquer criança pode aprender qualquer coisa.

Viver, viver verdadeiramente, acontece através da prática constante, para que o indivíduo venha a saber, não apenas repetir um assunto, mas venha a saber e saiba que sabe esse assunto. Não há dúvida. Assim, quando se fala com ele anos depois sobre o assunto, imediatamente – assim – dá as respostas. Não é esquecido. Pois sabe que o sabe.

A música é uma das artes mais naturais, pois a música é a própria natureza. É a natureza de todo o vasto cosmos. Harmónicos. Não há outra arte que pertença tanto à própria natureza da existência como a música. Hoje, no vosso mundo, usam o que chamam de musicoterapia para pessoas com distúrbios mentais. Não é assim? E uma forma disso era usada no meu tempo pelo mesmo motivo. Há muito a dizer sobre a terapia pela cor. Isto é muito interessante, mas não é uma arte natural como a música. Porque, na verdade, na verdadeira natureza das coisas, não existe tal coisa como cor. A cor pertence aos sentidos. A música não. A música é algo que existe em si mesma, à parte dos sentidos. Refiro-me aos sentidos físicos. A cor é algo que pertence diretamente ao indivíduo. Discordas disso? Agora estás livre para discordar. Fico sempre contente com críticas ao que digo.

Irene: “Talvez um artista discorde de ti.”

Yada: Sem dúvida. Sem dúvida. Mas como disse, não existe tal coisa como cor, mas na música é uma forma de algo em si.

"Queres dizer com isso que a música pode ser apreciada sem a necessidade de um instrumento?"

Isso mesmo. Isso mesmo.

Audiência: "A cor não pode ser apreciada da mesma forma?"

Não tanto.

Audiência: "Mas a cor é importante."

No vosso mundo é muito importante. Por um momento, vejamos a música. Certos harmónicos vão criar certas linhas de força, de vibrações que os olhos podem observar como cor, sob certos métodos mecânicos. Não é assim? No entanto, os olhos não conseguem ver a cor a menos que seja provocada por alguma ação mecânica. Mas podem apreciar um tom, um harmónico, sem ação mecânica. O corpo sente tons que não foram produzidos. Claro que podem dizer que o corpo sente cores que não foram produzidas mecanicamente. Mas eu não sinto isso, não vejo isso, não entendo isso. Do meu ponto de vista, não é assim. Queres objetar?

"Não exatamente, Yada, mas se o indivíduo entra em contacto com certas cores que não lhe agradam, isso perturba o corpo físico."

É verdade, é verdade. Agora, devido a uma condição ou algo, alguma força de ação que pode ter ocorrido há muitos anos na vida do indivíduo, em que uma certa cor esteve envolvida nesse acontecimento, anos depois ao encontrar essa cor novamente, pode afetá-lo de forma desagradável.

Audiência: "Queres dizer uma cor de que nem se tem consciência de ter visto, ou que tenha tido algo a ver com isso, é isso?"

Não se tiveres tido a experiência na infância, uma certa experiência onde uma cor fez parte dessa experiência. Anos depois, se encontrares uma situação desfavorável, ou se encontrares uma cor – essa mesma cor com a qual tiveste dificuldade, a experiência anterior será recordada vivamente. Claro que isto também é verdade para certos tons. Não é?

Mesmo assim, os tons estão mais ligados à natureza, mais naturais à vida do indivíduo, do ser humano, do que a cor. Mais impressionantes. Portanto, esse é o meu pensamento, a minha ideia, e o que vocês americanos chamam de meu ponto de vista.

Dá-se demasiada atenção a trivialidades no ensino. Que o professor vá diretamente ao assunto. Mas, antes de o fazer, deve fazer um esforço direto para captar a atenção do aluno e mantê-la. Caso contrário, vai desperdiçar muito mais tempo a ensinar esse aluno. Isto é muito importante, meus amigos: o controlo da atenção. Portanto, a abordagem para captar a atenção é encontrar algo que seja interessante, que fascine aquele aluno. Sem isso, está a perder tempo.

Há certos indivíduos para quem a matemática é uma grande necessidade. Para outros, é apenas até certo ponto, e para outros não tem interesse algum. Refiro-me ao ensino da matemática a partir do que chamam de ponto de vista.

Irene: "Geometria e matemática superior, cálculo."

Yada:

Certo. Mas penso que todas as crianças podem aprender matemática se a abordagem for interessante em vez de seca. A maioria das vossas abordagens à matemática é seca. Não se pode introduzir alguma forma de alegria na matemática para torná-la interessante? Não pode ser colorida? Qual é a maior dificuldade que encontrou a ensinar?

"Bem, creio que talvez a maior dificuldade seja descobrir exatamente quais são os interesses básicos do aluno."

Como é que isso é abordado no vosso mundo hoje pelas autoridades, quero dizer, aqueles que estão acima de si como professor? Têm interesse nesse tipo de coisa?

"Oh, acho que sim. São feitos testes de aptidão e todos os tipos de testes para tentar descobrir quais são os interesses."

Há pessoas que são chamadas de pessoas criativas. Têm pouca ou nenhuma capacidade de aprender coisas como história ou línguas, matemática. Não é para elas. São naturalmente inclinadas para o que se chama música, pintura, criação de estruturas – o que chamam escultura. Agora, na escultura, na música e na arte há matemática. Por isso, não devemos dizer que esses assuntos não devem ser ensinados ao aluno porque ele não demonstra interesse imediato. Suponhamos que ele tem tendência para a arte, para pintar. Então deve ser-lhe mostrado, deve ser levado a compreender que, a menos que conheça certas regras básicas da matemática, não conseguirá criar uma forma corretamente.

"Oh, por outras palavras, dar-lhe o incentivo."

Isso mesmo. Queres pintar? Queres fazer figuras, o que chamas escultura? Então deves conhecer a anatomia. A anatomia de uma semente, assim como a anatomia do corpo humano, animal, inseto, peixe ou ave. E isto requer o que se chama medidas. E tudo tem as suas próprias medidas específicas. Então, vamos começar a pintar ou a esculpir com números, com figuras primeiro. Depois, mais tarde, acrescentaremos as tintas. Não apenas como tintas, mas como tons que vão ao encontro do olhar como um som. O som é mensurável por uma equação matemática. Não é assim? Portanto, queres fazer música? Vamos aprender os primeiros princípios da música através da matemática. Descobriremos, no nosso estudo de toda a vida, que o bloco de construção é a matemática.

Quanto interesse verdadeiro é demonstrado ao aluno por parte das autoridades? Muito pouco. Têm grandes edifícios, mas não são suficientemente grandes para acomodar as muitas crianças que frequentam essas escolas. Estão amontoadas nas salas de aula. Assim, a criança individual recebe muito pouca atenção do professor. O professor não tem oportunidade de se especializar numa criança. Mesmo que essa criança demonstre muito maior capacidade, inteligência, é colocada entre aquelas que não são tão capazes. Não há segregação. Pode-se dizer que não há espaço e não há professores suficientes para isso. No entanto, pagam somas fabulosas aos vossos artistas e muito pouco àqueles que ensinam as vossas crianças.

Audiência: "Muito incongruente."

É. Onde está o entendimento ou conhecimento básico daqueles que estão em posição de autoridade? Têm outros edifícios, muito caros, chamados templos ou igrejas. Grandes auditórios, quase sempre vazios durante a semana, exceto um dia. Mas salas de aula lotadas.

A maioria das crianças não é ensinada pelos pais a alimentar-se corretamente. Isso faz com que o corpo fique em mau estado. São ensinadas a ter pouco respeito por si próprias, então não têm respeito pelos adultos ou por aqueles que lhes ensinam a viver. Assim, quando crescem e se tornam professores, não tendo conhecimento disto, não o podem transmitir ao aluno. Tudo o que está a crescer precisa de ser cuidado. O mundo físico é um mundo de condicionamento. Olho para as vossas escolas nas grandes cidades e, se fosse emocional, ficaria chocado além de qualquer medida. Usando uma das vossas próprias frases políticas famosas, “É uma vergonha nacional.”

Uma vergonha para o vosso país. Têm o que chamam de imagens em movimento nas paredes, nos ecrãs. A maior parte destas imagens não é adequada para consumo humano. Baseiam-se sobretudo nas emoções mais baixas do ser humano. Isto é verdade também para as vossas caixas de ar e para as vossas caixas de imagens agora.

Irene: "Referindo-se agora à rádio e à televisão?"

É a televisão.

Meus amigos, alguns de vós têm de começar em algum lugar para trazer uma reforma a este tipo de vida. Caso contrário, vai tornar-se cada vez pior. As vossas escolas estão a lançar crianças para o mundo que não estão preparadas para o que têm de fazer. Admira que haja tanto crime? Não estou a abominar estas condições, nem a lamentá-las. Estou apenas a fazer afirmações sobre elas. Pois sinto que deve ser assim. Caso contrário, não seria. Não é assim? Deve ser.

Não obtemos da vida mais do que aquilo que lhe damos. O crime surge num país que falha em ensinar meditação, concentração e disciplina geral. Respeito, amor pelo próximo e pelo que pertence ao próximo.

Há muitos ignorantes altamente instruídos. Porque tudo o que têm é aprendizado mecânico. O que lhes foi ensinado foi-lhes dado mecanicamente. Não acreditam no que aprenderam, mas servem-se disso como ferramentas para se desenrascarem no seu ambiente. Apenas isso. Se pegassem nessas pessoas e lhes perguntassem diretamente o que sabem sobre este ou aquele assunto, veriam que é tão limitado que se perguntariam como é possível terem conseguido. Mas porque aprenderam a ser astutos, a serem o que chamam (hábil)? Conseguiram enganar a maioria das pessoas a maior parte do tempo. Acho que sabem de onde retirei essa citação.

Não há ensino da lei e da ordem. E lei e ordem não servem de nada se primeiro não se ensinar ao aluno o respeito por si próprio. Honra por si próprio. Amor por si próprio. E fazer por gosto de fazer. Não pelo que se pode obter com isso. A maior parte do vosso ensino leva a esse tipo de pensamento. Vou aprender tal coisa porque me vai dar mais dinheiro. Em coisas materiais, claro.

Irene: "Fico feliz por teres falado nisso, Yada, pois muitas vezes questionei, ao ensinar uma criança, a necessidade de ela se amar a si mesma ao ponto de amar o irmão e não antagonizar o irmão para que a desarmonia não lhe volte; o perigo da desarmonia voltar para si. Se ela se amasse, não viveria fora de harmonia, seria mais cooperativa."

Porque saberia que não poderia trazer sofrimento e desarmonia para si própria enquanto agisse para com o outro como gostaria que o outro agisse consigo.

Audiência: "Ah sim, a Regra de Ouro."

Estas são leis naturais da vida. Por isso é que não as podemos quebrar sem sofrer. Existe simplicidade, se quisermos realmente saber. Existe simplicidade em todos os actos. Nada é complicado. As complicações de um acto surgem porque, na verdade, não queremos fazê-lo. Criamos condições que tornam os nossos actos complicados. Sentimos algo cá dentro.

Irene: “Procrastinamos, não é?”

Sim, sim, porque não queremos fazer, dizemos que demoraria muito tempo, seria demasiado difícil. Em vez de fazermos logo, no tempo que passamos a dizer que é difícil, já o teríamos feito. Meus amigos, toda a vida, todos os actos, tudo o que fazemos é simplicidade.

De onde retiro o meu prazer de viver? Ao procurar o prazer da vida, parece-me, ao observar-vos no vosso mundo, que têm um sistema em que primeiro fazem o que chamam de trabalho durante quase um ano, por vezes mais. Trabalham oito a dez, ou mais, horas por dia durante o ano todo, exceto, claro, num dia chamado domingo — que é o dia pagão ou de adoração do sol. Estou certo de que a maioria dos cristãos vai gostar desta observação. No fim desse tempo, vão para o que chamam férias. Aparentemente, o que faziam era tão terrivelmente, terrivelmente cansativo e aborrecido, que precisaram de férias para descansar disso. Quando, na verdade, o que fazem devia ser a vossa própria férias. Se amassem o que fazem, não se cansariam. Relaxariam, simplesmente, do que estavam a fazer, de vez em quando, quando achassem adequado parar, com períodos de pausa para fazer outra coisa. Não como férias. Não como fuga de um dever desagradável.

Quando amamos o que fazemos, não precisamos de férias. É uma bênção para a alma. Somos verdadeiramente afortunados quando nos encontramos ativos naquilo que amamos. Pois, a maioria das pessoas que vejo no vosso mundo são simplesmente escravos do sistema. Por isso, escravos do trabalho. Não há amor no que fazem. Levantam-se do que chamam a cama, vão para o mundo com uma sensação de revolta interior. Fazem o que acham necessário fazer. E não o fazem bem, porque a atenção não está centrada nisso. E depois fogem disso no final do dia, num estado de exaustão nervosa. E tão preocupados ficam longe disso que, com o tempo, isso consome o estômago, causando úlceras, ou provoca problemas cardíacos, hipertensão, problemas renais, todas essas coisas. Se uma pessoa pudesse amar-se a si própria, amaria a vida. E quando fosse dormir, acordaria com grande energia, grande alegria, saudando o dia com uma vontade abundante de viver, querendo — querendo abraçar o mundo todo.

Mas a maioria de nós quer dormir para esquecer, para fugir da monotonia contínua da vida física e isto conduz, com o tempo, ao suicídio, ao sono permanente da estrutura física. Isto é escapismo. Deste modo, o indivíduo terá de voltar e enfrentar os mesmos problemas, até os resolver como deve ser — com AMOR. A vida mata-nos quando não a vivemos. Cometemos um suicídio lento pelos nossos sentimentos de ódio em relação ao que temos de fazer. E o que é que temos de fazer, sobretudo, para viver? Ha. Essa é a primeira coisa — viver!

Há muitos que dizem que não querem fazer isto ou aquilo porque é perigoso. Nascer é perigoso! Desde o primeiro dia em que se entra no mundo físico, alguém pode pôr uma caneta nas mãos e assinar o que chamam a certidão de óbito. “Piata”, na minha língua, é equivalente ao que

têm como caneta, lápis, pau de desenho. “Plata”. Não é verdade, meus amigos? Assinamos a nossa própria certidão de óbito no momento em que entramos no mundo físico. Tudo o que vive é perigoso. Por isso, é para os corajosos.

Irene: “Mas quando sabemos viver, passamos para o outro lado sem a chamada morte, encontramo-nos...”

Quando sabemos viver, entramos e a nossa vida eterna é viver para o Amor, para a Luz, para o nosso Eu eterno. Sei que é o que chamam difícil porque o corpo é feito de certas condições, certas condições químicas. Se a mente, o agente controlador, não amar este corpo, o que significa que o vai cuidar devidamente tanto mentalmente como fisicamente, há sofrimento se isso não for feito! Não podem fugir disto.

Há muitas coisas de que gostaria de falar mais, mas penso que devo retirar-me.

Deixo-vos em AMOR, com AMOR. Adeus.

Audiência: “Boa noite, Yada, obrigado.”

Irmã **Therese Vandenberg**:

Sou a irmã Therese Vandenberg, anteriormente da Igreja do Sagrado Coração, em Brooklyn, NY. Vou falar sobre O medo do fracasso. Descobri, enquanto estava aqui na Terra, e desde que vim para aqui, que os nossos medos da vida assentam principalmente no medo do fracasso nos nossos esforços para realizar o que quer que nos propomos.

Nas escolas, de que o meu querido colega Yada de Shi’ite falava há pouco, as crianças, no esforço para aprender as várias e aparentemente necessárias disciplinas para seguirem no mundo profissional, ficam sujeitas a um grande medo interior de falhar nas lições da sala de aula. Aqui, a entrega dos boletins de notas, acredito, é um sistema algo injusto.

Se tais boletins são entregues, os alunos nunca deviam poder ver os relatórios uns dos outros, pois se uma criança está atrasada em certas matérias, outras podem troçar muito dela, gozar e atormentá-la pela sua ignorância ou pelo seu nível de compreensão desse assunto. Isso pode levar a criança a fugir mentalmente de estudar mais essa matéria. Fica com medo dessa matéria.

Um professor nunca deve repreender uma criança porque falha numa disciplina, mas sim descobrir porquê, aprender o processo de pensamento ao qual essa criança foi condicionada, primeiro pelos pais e em casa. Pois, o medo de uma disciplina pode durar uma vida inteira, e a criança, mesmo

adulta, terá medo psicológico de se aproximar dessa disciplina novamente. Não quer ser humilhada. Isso traz-lhe uma sensação de insegurança.

Se pudessem encontrar professores que amassem verdadeiramente o seu trabalho e tivessem compreensão psicológica da natureza da criança e de como foi condicionada em casa; amar as crianças é compreendê-las.

Quando somos mesmo muito pequenos, quando nascemos no mundo, durante um certo tempo temos uma curiosidade enorme de aprender, e sobre as coisas, que nos faz puxar tudo, desmontar tudo. Inconscientemente, estamos a estudar aquela coisa. Queremos saber do que é feita, ou, como às vezes se diz, o que a faz funcionar.

Quando somos bebés, claro, destruímos coisas, porque é exercício para nós, não por outra razão. Dá-nos algo físico para fazer com as mãos. Contudo, com o tempo, a mente do bebé começa a examinar os pedaços daquilo que desfez. Isto é o início da mente científica — examinar através da destruição. Com o tempo, a mente verdadeiramente científica vem ao de cima e quer aprender a pôr aquilo de novo como estava, depois de o desfazer; como voltar a montar da mesma maneira original.

Portanto, deve-se dar às crianças coisas para desmontar. Podemos chamar a isto "os brinquedos da destruição". Se encorajarmos a criança a destruir mais cedo, claro que também a encorajamos a reconstruir o que destruiu.

Não fazer isto, deixa-o como destruidor e ele levará este padrão de destruição por toda a vida e sofrerá por isso. Quando vir outros a construir coisas, ficará com medo de tentar construir. Vai sentir-se incapaz da tarefa e isso dar-lhe-á um sentimento de violência maior por causa da sensação de inferioridade e insegurança que isso lhe traz.

Vamos ensinar a criança a não ter medo de falhar. Assim, não terá medo de tentar, e continuar a tentar, independentemente de quantas vezes enfrente o fracasso. Isso dá-lhe um sentido de importância, de ser parte necessária do seu mundo.

Medo. "Não venhas até mim em lágrimas ou zanga porque falhaste." Diria à criança: "Percebe que é perfeitamente possível falhar muitas vezes antes de conseguir ter sucesso, pois toda a vida, todos os empreendimentos de sucesso vêm depois de se cometer uma série de erros ao abordar um assunto, uma ideia."

Podemos dizer que tudo é teoria, e da teoria fazemos factos. Por isso, os factos são apenas uma possibilidade, um potencial em qualquer condição, situação ou coisa. E não podemos ter sucesso sem conhecer as grandes possibilidades de fracasso. O fracasso não só nos dá força de

carácter se enfrentarmos o facto de que — nós próprios — criámos o erro, e aceitarmos esse facto, aceitarmos a responsabilidade do nosso fracasso.

Se não fizermos isto, nunca teremos sucesso em nada do que tentarmos fazer. Como saberemos que tivemos sucesso se não conhecermos primeiro o fracasso? A vida parece ser construída primeiro pelo caminho errado, e só depois pelo caminho certo.

Muitas pessoas dizem, quando veem uma bela obra de arte, "Ah, que coisa tão bonita!" E depois acrescentam, "Bem, eu nem sequer consigo desenhar uma linha reta!" Ora, céus, não há nada mais difícil de fazer! É quase impossível desenhar uma linha reta sem uma régua. Não é assim?

No entanto, penso que a maioria dos seres humanos tem essa ferramenta chamada régua ali mesmo ao lado durante toda a vida, mas simplesmente se recusa a reconhecê-la como uma ferramenta útil. Depois, ao tentarem desenhar linhas retas sem ela, e ao fracassarem repetidamente, clamam aos céus, "Deus, o que se passa contigo, que não fazes as coisas corretamente para mim!"

Esta luz criativa deu-lhes a ferramenta. Tudo funciona segundo a natureza. Natureza? Naturalidade. Talvez hoje seja possível fazer imagens na luz; não sei. Mas sei que, no início, a lei para desenvolver uma imagem era a escuridão. Não é assim? Agora imagina alguém que sabe isto e continua a tentar revelar uma fotografia à luz do sol, protestando loucamente ao divino pela falta de consideração, e pelo seu grande empenho.

Vamos contra Deus, a Luz Eterna, e depois lamentamo-nos: clamamos contra Ele por não responder às nossas preces, ou por parecer negligenciar-nos. Às vezes pensamos que é porque está a castigar-nos, que de alguma maneira somos pecadores e precisamos de ser punidos. Mas, céus, isto é só um complexo de culpa, e na verdade não queremos ser castigados. Dizemos isto apenas para obter a simpatia da Luz, de Deus.

Bem, Ele não trabalha dessa forma. Não funciona pelo emocionalismo. Ele funciona pela Lei. Ele é a Lei, a eterna Lei do equilíbrio, da beleza, do amor. Não tenhamos medo de enfrentar, de reconhecer, que a culpa foi nossa, o erro foi nosso — não do vizinho, nem do diabo, nem de Deus.

Só então poderemos corrigir a situação.

Professor Luntz:
Especial Nº 50-A

Penso que falarei sobre sobrevivência, reencarnação e karma. Suponho que, ao fazer esta palestra, devo anunciar o meu nome. Sou o Professor Alfred Luntz, antigo clérigo da Alta Igreja Episcopal de Inglaterra.

Esta palestra, penso eu, é algo bastante diferente de tudo o que alguma vez tive coragem ou pensamento de ser, enquanto estava na Terra. Sabia tudo sobre para onde a alma ia no chamado estado pós-morte. Ou pensava que sabia.

De acordo com os meus ensinamentos, segundo os ensinamentos cristãos, as almas de todos os indivíduos estavam destinadas a um de dois lugares — céu ou inferno. Bem, aprendi algo diferente quando passei para a chamada vida astral.

Contudo, não é suposto conhecer-se a verdade de imediato. A verdade vem pela experiência — experiência pessoal — não pela leitura ou por ouvir alguém. Podemos ter ideias dessa forma, mas não as conseguimos realmente, exceto pela experiência mental pessoal.

O espírito, a alma, falei muito sobre isso, mas se alguém me perguntasse a natureza do espírito ou da alma, receio que não saberia o que dizer. Agora, através da experiência e observação pessoal, cheguei à conclusão de que aquilo a que chamamos espírito ou alma é um composto de experiências. Não é uma ideia muito romântica.

No entanto, mecanicamente falando, é isso que o espírito é — um padrão de memória. Não é algo sempre consciente, mas o que o homem considera consciência é tão pequeno, tão diminuto em ação e natureza.

Este estado de vigília — vigília para quê? Para estar acordado é preciso haver algo para estar desperto, para estar consciente. De que está ele consciente? De que é que a consciência humana individual está consciente? Sobretudo de uma coisa: de si próprio, da consciência do próprio ser.

Este eu não é uma coisa física como os homens pensam, não há como escapar do chamado mundo da matéria. Mas esta matéria da mente, da consciência, da alma, do espírito, existe num quadro de tempo ou frequência de matéria muito além da compreensão da grande maioria da humanidade.

É uma frequência na qual o homem tem de se inserir. O trabalho chama-se concentração, meditação. Concentração e meditação significam tornar-se mais consciente de algo chamado eu. Este “eu” podemos classificar como o sonhador. Em todos os estados da matéria, o sonho é um sonho criado.

Podemos dizer que um átomo é um bloco de construção daquilo a que se chama consciência, a consciência de si. É o material de construção da consciência. Encontramo-nos a criar formas mentalmente no mundo dos sonhos. Quando acordamos, dizemos que tivemos um sonho, ou, "foi só um sonho."

Ele desejou uma raça pura de alemães. O tipo de ação que tomou para conseguir isso trouxe exatamente a condição oposta na Alemanha, como já sabem. Terá cometido um mal? Qual é a natureza do mal? É uma coisa só? Se fosse, se fosse uma coisa única, não poderia haver mudança alguma. Seria uma condição estática, ou seja, não sujeita a mudança.

Isto não pode ser. Os mundos — não o mundo, reparem, mas os mundos que os homens criam — são forjados pelas leis da mudança. Podemos ter paciência para esperar, tudo se corrige. Não podemos escapar a essa lei da mudança.

Com todos os nossos problemas, esperemos, tenhamos paciência. Se podemos fazer algo em relação a uma situação, para a mudar como queremos, então façamo-lo, mas quando vemos que não podemos fazer nada naquele momento, tenhamos o bom senso de não fazer nada, de esperar. O homem, agindo pelo corpo emocional, acredita que tem de fazer alguma coisa.

Tem de entrar em ação, e entra. Mas sente uma grande pressa, a necessidade de se apressar, de correr, de fazer já. Esta impaciência é muitas vezes o que causa o fracasso nos nossos esforços para alcançar certo objetivo.

O karma é aquilo que fazes — tu, o indivíduo. Se tens medo de fazer karma, é melhor ires para um armário qualquer, trancares-te e, de alguma forma, deitares a chave fora. Se tens medo de pecar, não te mexas. Coloca-te na posição mais confortável que conseguires e nunca te mexas outra vez.

A vida é feita de ação positiva e negativa. Ambas são necessárias para criar uma condição equilibrada. O homem não é um pecador. Não nasceu em pecado, mas através das leis do amor ou da atração — atração dinâmica. É a natureza da força que constrói todas as coisas, que reúne os blocos de construção necessários para criar todos os mundos. Magnética. O amor é magnético.

Agora, passemos um momento ao que se chama reencarnação. Alguém pode perguntar-se, onde comecei a reencarnar? De onde? A partir de quê? Sou, de facto, o primeiro homem a nascer e o último a morrer. Eu sou, pois eu, a consciência eterna, estou sempre a manifestar-me, de uma forma ou de outra.

E para me manifestar noutra forma, tenho de deixar uma — a primeira, por assim dizer. Quando criei a minha primeira forma? Não posso mencionar um tempo, pois não foi no tempo que me manifestei. Não posso mencionar um lugar, pois não foi no espaço que me manifestei. Eu, a Luz, tive um sonho. Só existo por estar a sonhar.

Ao sonhar, quero dizer criar — criar uma condição e ter uma experiência nela. Quando termino essa experiência, simplesmente desperto para outra, para voltar por um momento ao estado de sonho, ao chamado estado normal de sonho.

O que queremos dizer com apenas? Quando passamos do mundo físico, das vibrações físicas, para um dos reinos astrais, o que são esses reinos astrais? Criações mentais. Mas quais são os blocos de construção dessas formas no mundo dos sonhos? Não pode ser nada. É matéria, tal como se encontra no mundo astral.

Isso é um sonho; o sonho é um sonho. O estado de vigília, ou o chamado mundo físico, é também um sonho. Então, o que continua? A palavra "continuar" é uma palavra de movimento, de ação, não é? Continuar para onde? Para onde senão a consciência? Todos os lugares são criações mentais.

Sobrevivência. De que é que eu, consciência, estou a sobreviver? De uma chamada experiência física. Chamemos-lhe um sonho físico. Sobreviver, então, significa simplesmente acordar. É uma mudança da nossa consciência, do mundo laboratorial tridimensional, para quê? Para uma quarta dimensão? Oh não, vivem numa quarta dimensão, a quarta dimensão é o tempo. A consciência cria o tempo. Então, podemos dizer outra dimensão? Uma dimensão na duração? Na verdade, não conseguimos entender isso; não conseguimos compreender. Então, porque não permitir trazer um pouco mais de simplicidade para isto e dizer que despertamos para outro estado de consciência — a consciência do nosso próprio ser.

Por que levar este pensamento para além dos reinos da nossa compreensão? Não podemos fazer imagens disso. Temos de experimentar para realmente saber — podem falar-me do céu ou do inferno, mas não consigo entender esses estados até me encontrar neles. Só assim saberei a natureza de tais estados supostos.

Como sabem, nos ensinamentos cristãos, grande parte das ideias por trás desses ensinamentos é a lei do pecado, ou as leis do bem e do mal. Na metafísica, nos ensinamentos do ocultismo, encontramos a palavra "karma" a substituir o pecado. Pode haver "bom pecado" e "mau pecado", "bom karma" e "mau karma"? Na realidade, não.

Toda a vida é ação. Se toda a vida é ação, como pode alguém determinar o que é bondade ou maldade nas suas ações? Certos tipos de ações, num ambiente, são considerados "maus". Essa mesma ação, noutro ambiente, é considerada "boa", o que se quer, o que se espera. Mais uma vez, é ao indivíduo que cabe a preocupação.

Posso sentir que certo tipo de ação é má, é errada, e tu podes achar perfeitamente aceitável. Isso leva-me a questionar como esperas chegar ao céu, fazendo as coisas que fazes, porque acho que estão erradas. Tu achas que estão certas, por isso continuas a fazê-las.

Carma. Para estar vivo, para viver…
Essa é a verdadeira natureza da vida — ação. No momento em que deixamos de agir, estamos verdadeiramente mortos. Muitas vezes vemos certos tipos de ação que deploramos. Olhemos para anos passados, ao tempo de um chamado Adolph Hitler, ou Schicklegruber. Todos deploraram as ações desse homem — isto é, todos exceto aqueles que acreditavam nele, que diziam que ele estava a fazer a coisa certa.

Eu adormeço, depois sonho, e então desperto para o que é chamado o mundo físico. Simplesmente mudei o meu estado de consciência. Nada se moveu. A palavra "mudança" implica algum tipo de movimento. Mas esse movimento é simplesmente um estado da minha própria consciência, no ato de criar. Para renascer no mundo físico, tenho de ter outro nome, outra etiqueta.

Essas etiquetas, esses nomes, sou eu? É essa a natureza eterna de algo chamado eu? Certamente que não. Se fosse assim, não poderia haver mudança. Uma vez manifestado no mundo físico, com um nome, uma etiqueta, isso seria meu para sempre.

Penso que conseguem ver facilmente, meus amigos, como isso seria impossível. Não nos conhecemos sem trabalho; sem procurar saber. Não é de surpreender que estejamos tão perdidos no mundo da matéria, no nosso sonho do mundo material; pois, ao chegar aqui, perdemos a consciência da nossa natureza divina.

O que sou eu? Eu sou o criador eterno. Mas continuarei a negar isto enquanto for um ser condicionado, pois entro no chamado mundo físico num estado profundo de transe, um estado hipnótico. Como poderei conhecer a minha própria natureza? Adormeci, e sonhei o mundo físico. Contudo, tornei-me consciente — e de facto, devo, enquanto ainda estou no mundo físico, enquanto ainda estou no sonho físico.

Tenho de me tornar consciente da minha natureza divina, pois é a única maneira de escapar do mundo físico de forma saudável. É a única forma de sair deste mundo vivo — vivo, no sentido de consciente. Quando

aprendemos isto, aprendemos o facto de que somos a Luz, o Criador, o sonhador, e não o sonho.

Yada: Saudações. Tenho vantagem sobre vós. Podiam estar aqui milhares de "mim" nesta sala e vocês não saberiam. É um pouco esquisito, não é?

Apresentações são trocadas...

Meus caros amigos, a maioria de vós veio de longe para me ouvir, mas espero também que me falem. Agora, estamos a usar a vida uns dos outros. O tempo é a vossa vida. Devemos sempre tentar usar a nossa vida inteligentemente, não a desperdiçar. Desperdiçar a vida é fazer coisas de que não gostamos; ouvir coisas que não gostamos de ouvir; ou ver coisas que não gostamos de ver. Estamos a usar mal as nossas energias. Devemos sempre tentar saber o que estamos a fazer, o que estamos a obter, o que estamos a atrair para nós. Devíamos saber isto, para mais tarde não nos perguntarmos como acabámos numa posição negativa.

A vida é de condição positiva e negativa, mas se estivermos despertos é menos provável cairmos em coisas negativas e depois perguntarmos como foi. Porque é que Deus fez isto comigo? Porque deixou? Se não culpam "Deus", culpam alguém!

Estou em consciência há 500.000 anos mas, se compreenderem a verdadeira natureza do tempo, sabem que o que acabo de dizer não é totalmente verdade, portanto, é enganador — não para vocês, porque acreditam no tempo. Eu não vivo no vosso mundo, o vosso mundo de tempos. Vivo no tempo, no singular, por isso não o posso perder. Vocês estão sempre a perder tempo; sempre a correr atrás dele. Mas não conseguem. Estão sempre a olhar para trás, a remoer o passado, ou preocupados com o futuro...

Estar vivo é manter toda a vossa consciência no AGORA — ESTE É O MOMENTO DA VIDA. Esse momento pode ser muito mais do que o tempo medido, como o medem. Ou pode ser muito menos, dependendo de quão totalmente a vossa consciência está nos vossos atos. Em momentos de prazer, o tempo parece passar mais depressa. Em tempos de tristeza, o tempo parece mais longo; parece que nunca passa.

Se nos revoltamos lutando contra o tempo, o tique-taque do relógio, que agora é uma medida da dor, a nossa dor piora. Mas, se nos condicionarmos a ir com a dor, o tempo parece menos e a dor parece menos. Lutar nunca resolveu nada, nem mudou coisa alguma.

500.000 anos — o que é a vida? Conseguem imaginar nunca terem problemas, dificuldades, tristeza, insatisfação? Não ficariam aborrecidos, e isso não seria sofrimento? Sabendo isto, podem ver quão impossível seria o

“Céu” cristão para um ser humano. Rapidamente faria qualquer coisa para ir para o inferno! Não está na natureza do criador ficar parado num só lugar. Temos de seguir em frente! Têm um ditado, é uma “vida a andar” — e é verdade.

Não se deixem parar até já não conseguirem continuar; então larguem o corpo livremente, sem ansiedade, sem medo. Saiam dele para uma vida mais brilhante, mais ampla, mais cheia. Mas, isso não significa que aí deixarão de ter situações negativas para enfrentar. Qualquer consciência cria duas condições, positiva e negativa... No ensinamento cristão, o inferno e o céu. Não aguentariam andar eternamente à volta do trono do vosso Deus, cantando os seus louvores. Gostariam disso?

O céu é onde está o teu coração e isso está no aqui-e-agora do teu ser. Quanto tempo é o para sempre? O que queremos dizer com eternidade? O que queremos dizer com sempre e sempre? Achas que se disséssemos “sempre” mais uma vez, iríamos realmente saber o que é?

Eu estou na minha totalidade. Eu estou no meu para sempre, na minha eternidade. Se conseguires captar isso, os medos desaparecem; o que então te dá tempo para resolver as tuas dificuldades, sejam quais forem. A indecisão surge do medo. Tens duas escolhas: sim ou não.

Ouvi dizer que as mulheres são ensinadas, desde pequenas, a dizer “não” mais vezes do que “sim”; mas dizem “sim” sempre que sabem que o querem com a cabeça. Porque, em breve, terás um momento de lucidez e vais-te perguntar porque disseste “sim”. “Não” é uma palavra muito definitiva e, se a dizes e depois não a manténs, isso é tomar o verdadeiro nome de Deus em vão.

Quando dizemos “vou fazer isto ou aquilo” e depois não o fazemos, estamos a negar o nosso próprio criador e esse eu criativo está ali mesmo, no meio da testa — o “homem na caixa” — e está sempre desperto e alerta. Mas pode não dar essa consciência à consciência inferior, o ego.

Já ouviram falar muito de “mestres”. Para quem estuda metafísica, a palavra tem muito significado. Quando o aluno está pronto, o mestre aparece. Então andamos à procura de um homem de barba, um maharishi — um homem maravilhoso, um grande professor; mas não é mais mestre do que tu és. No momento em que realmente desejas ser mestre de ti mesmo, podes sê-lo.

Não são necessárias práticas mágicas; basta ter a vontade de querer seguir esse caminho. Isso chama-se “estar pronto”. Um corredor nunca pode ganhar uma corrida, a menos que esteja pronto para correr. Isto significa que tem de preparar o corpo para ter força pulmonar, força no coração e no fôlego. Isto é verdade para tudo o que o homem tenta fazer.

Temos de ter força para isso, vontade. Pôr tudo o resto de lado. Não podemos fazer pela metade e esperar resultados certos.

Albert, não te importas que te use como exemplo? O Albert era muito gordo e tentou fazer dieta; mas não estava pronto para isso. Não conseguia impor-se pela vontade, controlando a fome, escolhendo os alimentos certos. Ainda não. Depois começou a ver o valor de aplicar a vontade nisso. Acima de tudo, era isso que queria.

Muitas vezes começo as minhas palestras perguntando: "O que procuras?" "O que queres?" Para a esposa do Dr. Morgan e os alunos da Concept Therapy — não é interessante? Concept Therapy significa querer, ter o poder de primeiro saber o que queres, ter os conceitos certos em ação e segui-los.

É verdade dizer, o caminho é longo e difícil. Mas porque é tão difícil? Essa dificuldade está em si mesma, ou não estará dentro do buscador — onde está a vontade? Amas o que fazes, para conseguires prender aí a tua atenção?

Quando deixares esta vida, a tua vida fora da estrutura física terá uma natureza muito diferente do que era enquanto estavas protegido pelo corpo físico, o isolador... Temos de aprender a concentrar-nos, a manter a atenção no que fazemos porque, se outra coisa se passa na mente, num instante isso desaparece e acabamos por fazer mesmo aquilo em que a mente está ocupada.

Tens uma palavra — halitose. Se pensas que não existe no mundo astral, espera um pouco! E não é o hálito das pessoas, são as ideias — ou a falta delas — que cria esse constante mau cheiro.

Muitos acreditam que há algo por nada. Se há algum apostador entre vós, sabe que não existe tal coisa! Podes achar que tens as cartas vencedoras, porque sabes o que são cartas vencedoras.

O mesmo acontece na vida após a morte. Se sabes certas coisas, sabes como responder a essas coisas. Não há nada, um vazio em toda a existência, se o homem não o preencher com ele próprio. Quando chega a morte do corpo físico, a entidade não sai para um mundo já criado à sua espera. Isso acontece aqui, mas quem chega aqui não sabe disso. Novamente digo, ao vir para este mundo, a entidade tem um mundo a que chegar, mas não tem, tem de trazer o seu próprio. Este corpo é um corpo sensorial, condicionado para fazer certas medições do que é chamado energia. E é só isso — energia. Porque a energia é o bloco de construção do eu criador.

Audiência: Sobre "Aceitar a dor e o tempo", como se faz isso?

Yada: Não é fácil. É mais do que pensar nisso. É compreensão que vem da observação, do sentir. Sabes o que é verdade e o que é apenas desejo de que fosse verdade? Sabes a diferença entre acreditar e saber? Muitos morrem acreditando que vão para um descanso confortável — não os cristãos, porque esses não têm descanso. Têm de dançar uma jig constante para "Deus". Mas, se acham que seriam maus nisso, pensem em como seria para "Deus". Ainda por cima, como há tão poucos bons cantores, veem porque tantos "são enviados para o Inferno"!

Não estou a fazer troça da vossa crença. O que digo é para mostrar que, se pensarem assim, estão a complicar-se.

Morram conscientes. Saibam. Mas não se pode morrer consciente sem viver consciente. São as sombras com que somos mentalmente condicionados a brincar. O eu criador é embalado para dormir. Assim que a entidade chega aqui, como bebé, é condicionada para dormir. Acordar é ser livre.

Pergunta: …a diferença entre acreditar e saber — é possível acreditar que se sabe?

Yada: Gostava de não ter dito isso, esse é o problema de ter alunos. Daqui a pouco estão a empurrar-nos para fora do lugar de professor. Achas-te esperto?

Audiência: Estás a fugir à questão!

Yada: Como soubeste? Só podes saber que sabes. Não podes acreditar que sabes. Saber e saber que se sabe vem de uma abordagem muito direta à vida, de estar consciente.

(Yada pega num pente) — Não tinha nada para pentear, estou um pouco careca. Olhem, por favor. Quantos de vocês conseguem sentar-se aí e realmente concentrar-se neste objeto por um segundo, sem desviar a consciência? Conseguiriam? Fazer isto é dar toda a atenção, não só olhar com os olhos. É ver com o cérebro. O criador torna-se então consciente de que é o pente. Isso é o que significa ser focalizado — tornar-se isso. Caso contrário, a mente tem uma tendência condicionada a dispersar-se.

Harry, sabes que quando estás a ensinar estás a falar e, se tivesses uma câmara secreta para fotografar a ação mental da audiência, verias que raramente os tens atentos. A personalidade mais fascinante descobre isso. As esposas também! Ouço isso o tempo todo, as esposas dizem aos maridos: "Porque não me ouves?"

Pergunta: Essa imagem pareceria ondas a ir e vir?

Yada: Sim. Como o mar vai e vem. Aqui estou eu, aqui não estou. Não é sempre a mente a dispersar-se por coisas físicas — nós somos criadores, e o trabalho do criador é ação. Não importa o quê, porque não é

assim. É a grande consciência que existe em nós, chamada natureza. Tudo vem dessa grande mente — todas as ideias, todas as coisas, etc. Esta é a mente, o grande criador ocupado, ocupado.

Pergunta: Yada, mostraste-me algo uma vez, e se sim, o quê?

Yada: Quando foi isso?

Pergunta: Há uns oito meses.

Yada: Mostro muitas coisas a muitas pessoas, foi aqui?

Audiência: Não, foi à noite, uma coisa muito incomum.

Yada: Toda a vida é incomum e tudo tem a sua própria estranheza. Lamento, mas não me lembro.

Audiência: Foi uma coisa boa?

Não conheço bondade ou maldade, esses são tons emocionais que vêm do nosso apego às coisas. Lamento. Ouves esse som lá fora? Como é que consegues ouvir isso e ouvir o que estou a dizer? É um captador de atenção — a tua mente é levada de aqui para ali. Mudança de consciência. Já observaste uma pessoa, ou já estiveste com uma pessoa, quando ela projeta o corpo psíquico? E se um ruído acontece, esse corpo psíquico imediatamente salta de volta para o corpo físico. Podes dizer-me o que era, para eu poder continuar a falar?

Audiência: Foi…

Yada: Disseste que eu te apresentei a ele?

Audiência: Não.

Yada: Estou tão no escuro quanto tu.

Audiência: A pergunta era se sim ou se não?

Yada: Tenho um guardião. Vou chamá-lo.

Audiência: Era o que ele considerava uma pessoa muito má. Ainda bem que não o conheceste.

Yada: O meu professor disse: "Farias isso?", referindo-se a mim. Receio que não. Não porque eu seja bom, mas porque, quando apresento alguém a outro, sei quem são. Não levo uma pessoa negativa até uma positiva a não ser que saiba que ela está preparada para lidar com essa pessoa de modo a educá-la. Quando o lobo chega à porta, puxa-o para dentro e tira-lhe a pele, tornando-o útil!

Há muitos espíritos por aí que dizem ser "eu". Já alguma vez alguém se fez passar por ti? Se sabes quem és, não importa o que os outros pensam que és.

Uma pessoa boa nunca é totalmente boa, nem totalmente má. O que procuramos? Contra o que tentamos proteger-nos? Amas-te a ti mesmo? Então nada te pode acontecer que não queiras que aconteça. Fazes os conceitos e esqueces que pensaste nessas coisas. Depois acontecem-te

coisas negativas e perguntas-te porquê. Se pudesses ser hipnotizado, aquilo que te aconteceu foste tu que causaste, e saberias como.

Audiência: É possível todos serem hipnotizados?

Yada: Sim, mas nem sempre é possível que muitos consigam hipnotizar outra pessoa.

Audiência: Mas todos podem hipnotizar-se a si próprios?

Yada: Sim. Quais são os teus conceitos sobre ti mesmo? Se sabes, esqueces o que os outros dizem sobre ti. Não importa. Conheces-te?

As crianças têm um ditado: "Paus e pedras podem partir meus ossos, mas nomes nunca me magoarão, nunca me magoarão." Pensa nisso. Nunca me magoam porque sei quem sou.

Audiência: Tenho tentado ensinar aos meus filhos que, quando os colegas lhes fazem mal, mas continuam a vir a chorar. Pergunto-me se não devia mandá-los fazer o mesmo, mas nunca consigo pensar em nada suficientemente feio!

Yada: Isso é bom, porque a retaliação violenta nunca resolve um problema. Quantas guerras já tiveste? As nações insultam-se umas às outras e, quando não se insultam, usam armas e balas. Cada uma espera destruir a outra. Cada uma culpa a outra. A culpa não muda nada. Oiço falar do Vietname — é sempre o mesmo, como em todas as guerras: culpa. Se pararem — nós paramos; mas não vamos parar até vocês pararem. É loucura, mais loucura humana, insanidade humana.

Audiência: Andaste a espreitar as conferências?

Yada: Sim.

Audiência: É tão mau como penso?

Yada: Pior, porque não sabes todas as condições existentes entre os envolvidos — o ódio interno. Estão a culpar-se uns aos outros enquanto milhares de jovens são mortos. Os deles, assim como os vossos.

Audiência: "A vingança é minha", diz a Lei!

Yada: Sim. Se disseres, "diz o Senhor", então haverá sempre violência. Deixa-me encontrar-me a mim mesmo, porque só assim a guerra acabará. A guerra está em mim, no indivíduo. Juntando todos estes indivíduos, sabes que, se todos vocês controlarem o vosso ódio ou até o simples desagrado pelos outros, terão acabado com a guerra dentro de si. E só então virá a paz.

Não posso falar de luta racial, existe apenas uma raça — a raça humana. Se não aprenderem a dar-se bem, morrem. Não haverá ninguém para se dar bem com ninguém. O ódio destrói. O que é que odeias? A pele? O cabelo? As unhas? Ou são atitudes condicionadas? Eles são

condicionados à sua maneira e tu à tua. Podes mudar o condicionamento de uma pessoa, mas não a cor da pele; mas podes mudá-lo pela compreensão.

Audiência: Astrologia. Qual é a relação, se é que existe?

Yada: Claro que existe. É uma das chaves secretas da existência humana; também uma das chaves secretas do cosmos.

Audiência: Não literalmente…?

Yada: Não como está a ser feito hoje. Há coisas interessantes que se podem colher, de forma limitada, porque não é muito bem compreendida. Os antigos caldeus foram dos primeiros povos na Terra a fazer cartas astrológicas inteligentes. Na minha civilização, tínhamos uma forma de astrologia diferente da vossa. Desde que o homem tomou consciência de que era um ser distinto de todos os outros seres, conhecia as leis da astrologia. Também da numerologia.

Audiência: Conheces alguma autoridade confiável em astrologia hoje em dia?

Yada: Receio dizer que sim. Irias querer que dissesse quem. Não poderia fazê-lo, isso traria problemas. Novamente, os antigos chineses, antigos polinésios, os antigos antigos — todos eles, nos longos e sombrios períodos da existência humana na Terra, antes de encontrar a luz e perdê-la de novo em cinco ocasiões diferentes. Em cada ocasião, grandes civilizações foram completamente destruídas (Índia e China). Muito tempo depois da destruição da minha civilização, surgiram cerca de 10.000 anos depois do desaparecimento da minha, começaram bandos de pessoas a unir-se e, pouco a pouco, formaram o que chamam China e Índia. Seres vindos da América do Norte muito antes da época dos índios vermelhos; havia aqui na América do Norte uma grande raça de pessoas — de pele branca e pele castanha; ainda não havia pele negra.

Audiência: A pele castanha era de uma raça ariana?

Yada: Sim, essas pessoas desceram da grande cadeia de montanhas, os Himalaias. Já ouviste falar dos bascos? Também vieram dos Himalaias e vaguearam pela Terra. Um grande grupo estabeleceu-se em Espanha, também na América do Sul e no México. O homem é o andarilho da Terra. Não sabe que é um Deus perdido, que na verdade não está perdido, mas apenas não está desperto. Só quando isso acontecer, é que o homem encontrará liberdade.

O homem é um ser maravilhoso. Só há uma coisa que lhe dificulta a vida: não está desperto; é um sonâmbulo. Mas, está tudo bem. Dado tempo, cada um de nós vai sair do rebanho, afastar-se — não fisicamente, mas mentalmente — até conseguir ver-se a si mesmo. Depois, pode voltar ao meio da massa e ser útil, sem se magoar. Esse é o grande trabalho.

Audiência: Qual é a melhor maneira de acordar?

Yada: Um pouco de prática diária para se manter acordado, para se manter consciente. Sabes o que estás a fazer desde o momento em que sais da cama? Se dizes que estás acordado, mostra — não aos outros, se eles não estão acordados; eles não podem saber se tu estás! Pequenas coisas — estás desperto, a mover-te pela casa, de repente algo acontece e não sabes como! Dentro de casa! Imagina o que é lá fora, nos carros, em movimento rápido. Lá estás tu, ou estás mesmo? Lá deverias estar! Estar desperto — saber o que está a acontecer, visão ampla. Preocupa-te com a tua vida e não tirarás a vida de outra pessoa por distração.

Audiência: Podes repetir isso, por favor?

Yada: Esteja acordado. Esteja consciente da tua própria vida e não tirarás a vida de outros por distração.

Audiência: Sobre grandes cataclismos, quando a Terra se inclina no seu eixo. Acontece rapidamente?

Yada: Não. Se acontecesse, a Terra desintegrar-se-ia em pó. Acrescenta outro movimento inesperado a um corpo enorme, como a Terra, e lembra-te que a Terra não é sólida, mas feita em camadas como uma cebola; qualquer movimento brusco faria essas camadas deslocarem-se em todas as direções. Já viste os resultados de alguns terramotos. A mudança dos polos acontece devagar, como o crescimento de uma flor.

Audiência: Os ciclos também são lentos?

Yada: Sim, sempre foram, ao longo dos tempos. Ouves falar da Atlântida e da Múria, que afundaram nas águas. E supondes que parte das vossas terras também (e irá), mas não no vosso tempo. A Califórnia, apesar de estar numa saliência precária, é como uma rocha bem equilibrada — não vai cair.

Audiência: Os Hippies no Colorado estavam errados! Ou seja, previram a destruição da maior parte da Terra por colisão com um cometa.

Yada: Não foram só os Hippies; muitos cristãos também acreditaram nisso. Que a rocha, Ícaro, vinda do espaço, a grande velocidade, parecia que ia "acabar connosco". Mesmo que tivesse atingido a Terra, alguns poderiam ter morrido, mas não muitos. Rochas maiores já caíram na Terra — uma perto da Rússia, há pouco tempo. Ainda não podes sair da escola, por mais algum tempo.

O homem está sempre à procura de suicídio. Se tem medo de o fazer pela própria mão, arranja alguém para o fazer por ele. "Deus" — odeia a sua criação, todos menos uns mil; o resto de vocês, cuidado!

Não é Deus que odeia. É a criaturazinha tola dentro de nós que está sempre à procura de ser punida, procurando sempre um modo, mesmo que

tenha de levar outros consigo. “O Senhor vai destruir a terra, pecadores; todos a tremer!”

Num sentido mais profundo, esta vida que vives não é mais do que um sonho e cada um de vós já sonhou isto muitas vezes no passado; e irá sonhá-lo de novo — muitas vezes.

Audiência: Queres dizer que já vivemos esta mesma vida antes e voltaremos a vivê-la?

Yada: Sim.

Audiência: Sem mudarmos os nossos sentimentos, etc.?

Yada: Se não mudas agora, para onde vais mudar?

Audiência: Porque podemos mudar agora, se não antes?

Yada: Só não o podes fazer se recusares acordar, se recusares compreender-te, olhar para ti. Tens espelhos. No meu tempo eram de cobre. Eu ficava a olhar para mim — outras pessoas na minha civilização tinham cabelo, mas deixavam-no crescer de maneiras diferentes. Alguns eram carecas até aqui, depois com uma trança comprida, com prata — a trança entrelaçada com uma coisa de prata.

Também tínhamos abundância de platina — é macia e dá para fazer muitas coisas. Em todas as raças existe o desejo de decorar o corpo de formas diferentes. Porque não! Eu era careca. Pertencia ao Templo. Quando nos tornávamos Yadas — Kahta é sacerdote, que é como o Papa, exceto que não acreditávamos que éramos infalíveis! O tempo muda as coisas! Passávamos anos em iniciação para nos tornarmos Yada. Éramos levados para o Templo, aceites em bebés e criados no Templo — não para nos tornarmos sacerdotes propriamente ditos, mas para nos tornarmos estudantes da vida, para saber o que é; para saber de onde vim.

Para a vossa civilização, sou um estrangeiro; mas não somos todos estranhos uns aos outros? Onde vives? Qual é o teu sonho? Estás confortável com ele? O amanhã torna-se hoje, e ontem torna-se o futuro. Mas como mais o podes dizer? Pois, por mais que digas, acontece sempre o mesmo. O amanhã, o ontem e o hoje são todos um, são todos eu. EU SOU ISSO. Tut, tut, tut, tut, tut, om. Fico no centro do meu ser, nem indo nem vindo, apenas sendo. Foi um prazer.

Audiência: Vais voltar depois da pausa? Certo?

Yada: Ow-kee? A primeira parte é pronunciada na garganta. COMUNICAÇÃO, que dom maravilhoso para o homem! Sem esta capacidade não haveria vida.

TUDO É RESPIRAÇÃO. Quando souberes o segredo da respiração, podes fazer muitas coisas que agora te pareceriam espantosas ou milagrosas ou misteriosas. Mas é uma lei. Quando seguimos a lei de

qualquer coisa, fazemos tudo melhor. A lei da respiração é a própria lei da vida. Uma mudança de personalidade, seja chamada Yada ou outro nome, pode sempre ser conseguida por uma mudança adequada de respiração. Pois essa mudança de respiração muda o ritmo na coluna nervosa do corpo. Tornamo-nos automaticamente outra pessoa. Entra outro mascarado, às vezes para carregar o fardo por nós, ou para nos pôr um fardo.

Onde está a tua consciência? O que queres? Estuda a vida não como um estudo mágico, é uma lei natural. A arte de concentrar — passar alguns minutos por dia a concentrar-se no que se quer, vai atrair isso para ti; mas não se tiveres pressa. Tenta preparar-te para todos os acontecimentos; e, com isto, quero dizer preparar-te para não seres apanhado de surpresa quando algo te acontecer.

RESPIRAÇÃO. Viste o Mark entrar na mudança de consciência, chamada transe? Cada pessoa tem o seu próprio ritmo de respiração. Então, quando uma nova entidade assume um corpo que não é o seu, observa a mudança de respiração. Isso acontece na obsessão, embora a pessoa que a experimenta raramente se aperceba da mudança de respiração. Ensinar alguém a respirar para que o corpo viva mais tempo, porque é mais bem suprido com forças vitais — oxigénio e hidrogénio — que mantêm o sistema nervoso em ordem.

O Maharishi. Quando os americanos começaram a levantar muitas cabeças, todos ressentiam-se com o facto de este homem ganhar dinheiro; e no entanto, diz-se com verdade: "O trabalhador é digno do seu salário." Em breve ele voltará para a Índia. Lá terá oportunidade de descansar, mas voltará porque é o seu trabalho para com o próximo — aconteça o que acontecer. Ele sabe que nada lhe pode acontecer que não esteja destinado, então vai com a vida.

Audiência: Tens falado sobre o dever de saber. Não é possível, quando te encontras no processo de despertar, sentires-te só?

Yada: "Só" é pouco para descrever. Mas, vais descobrir, no decorrer do teu despertar, que esse sentimento de solidão desaparece. De repente, sentir-te-ás numa companhia grandiosa e maravilhosa, que nenhuma forma física poderia satisfazer. Estás agora a caminhar com a luz. Nada pode tomar esse lugar.

Um homem no vosso mundo escreveu um livro, "Em busca do Amado". O Amado é precisamente o que estou a falar, aquilo de que te tornarás subitamente consciente. Fica em paz, seja sozinho ou no meio de uma multidão. Fisicamente, estar só não significa nada. É a solidão mental que mais nos faz sofrer. Não conseguimos encontrar alguém com quem nos

sintamos próximos. É esse que procuramos, aquele igual a nós, não na aparência física, mas sim o ar de parentesco.

Audiência: Quem é o autor desse livro?

Yada: É Maeterlinck.

É para isso que estamos todos aqui — encontrar esse maravilhoso e verdadeiramente divino eu, usando a palavra "divino" separada da santidade. Mas, falando cientificamente, é impossível descrever a natureza deste amado. Só tu e ele se reconhecerão quando se encontrarem. Eu encontrei a Luz; eu sou a Luz!

Isto é muito difícil de entender logo à primeira. Requer tempo, paciência, uma fome contínua por isso; mas vais encontrar. Eu sei.

Audiência: É preciso conhecer-se a si próprio. Agora, neste momento… Quando eu tinha dezassete anos, achava que sabia tudo. Agora não tenho certeza de nada que saiba.

Yada: Isso é o começo do conhecimento!

Audiência: Acho que tu já lá estás, mas eu realmente não sei. Nem sequer tenho certeza de que estas pessoas estão aqui!

Yada: Achas que ele está bem? Ele está bem da maneira mais maravilhosa, pela primeira vez na vida! Provavelmente, está ainda mais "bem"! Vês ele ali sentado? Vai lá e toca nele. Como é que ele chegou aqui?

Primeiro, pegou no automóvel, depois entrou e sentou-se. Não teve de chegar cá primeiro mentalmente? Teve de estar aqui em pensamento. O facto de estar aqui, é uma ideia que toma a forma de estar aqui, sentado…

Não só te moves para trás no tempo, como também para a frente. Primeiro mentalmente. Ele pode ir para casa e, sem mexer o corpo, entrar na casa e ver tudo como deixou. Mentalmente, sem sequer projetar um corpo psíquico. O que é um corpo mental? Vivemos nele. Nós somos isso. A tua casa está algures na tua mente. Queres levá-la toda contigo? O máximo que podes tirar daqui, de todos sentados, é: "ooh-aah, não acredito!" "Ele levantou-se e mexeu-se quando eu não estava a olhar."

Raramente estamos a olhar quando devíamos. Isso leva-nos a deixar coisas e depois não as encontrar quando voltamos. Achamos que foram movidas sobrenaturalmente. Fomos nós que fizemos e esquecemos. Levar o corpo contigo — o que é o corpo? Energia pura, blocos de construção da mente, para este sonho, o mundo físico. Concentração. Põe toda a tua consciência no teu corpo mental. Quanto tempo consegues concentrar-te num objeto? Se por um segundo, isso é imenso tempo.

Quero levar o meu corpo comigo, então começo a respirar fundo, projetando toda a consciência com a respiração, para o meu corpo psíquico,

e o meu físico segue naturalmente, num instante. Porque estou onde está a minha consciência. Se o Mark fosse mais forte, podíamos ter uma aula a demonstrar o poder da mente sobre o corpo. Talvez precise de ser várias pessoas ao mesmo tempo.

Ele não tem energia psíquica para isso, nem física. O Alfred Luntz vai voltar ao mundo físico daqui a uns anos, mas terá de esquecer quem era, o que foi — um ser chamado Alfred Luntz. Esse ser não morre até a pessoa voltar ao mundo físico. E a sua morte é onde o eu mental cria o que chamam computador. Lembrando que nós, humanos, passamos 90% do tempo a caminhar num estado puro de mente — muito pouco fica aqui para guiar o corpo. Já estás em todo o lado. Somos mente. À noite, vais para a cama e mudas a tua consciência mudando a respiração. Agora essa pessoa vive no corpo mental. Pode tirar esse corpo mental do estado de sonho e formar um corpo físico onde quiser.

Aprender a sonhar conscientemente. Lembrar que tu és o sonhador — o teu sonho. Não adianta dizer "O que vais fazer comigo?" Porque a vida não te vai fazer nada mais do que o que queres. Qual é o teu gosto? Qual é o teu prazer? Tu és o mestre à espera de o aluno estar pronto.

Audiência: O Professor Luntz vai lembrar-se do que aprendeu?

Yada: Vai ficar guardado.

Audiência: Porque é que alguns conseguem chegar a esse armazém e outros não?

Yada: Pensam de forma diferente, sentem de forma diferente. Não conseguem acreditar nas verdades, como podem aceitá-las? O materialista diz: "Quando estou morto, estou morto", então já está morto. Jesus terá dito: "Eu estou com o meu Pai, que está no céu." O céu está aqui mesmo. Consciência, saber o que eu sou. No meu eu-sou, reconheço o criador. Não precisa do nosso louvor. Não é um eu emocional, só dá pela Lei — não por doces, mas pela Lei.

Audiência: O que acontece quando se parte sem conhecer a Lei?

Yada: Como dizem os americanos, "Azar".

Audiência: É isso que chamas uma mala mal feita?

Yada: É isso mesmo. Chegamos lá com uma mala mal feita. Às vezes, as pessoas nem levam mala. Vão lá nuas! Está frio! Sim, frio com ignorância, frio do pior, chamado não saber. Fizeste isso a ti mesmo. Se não te mantiveste consciente, atento, a saber o que é, em vez de ouvires histórias bonitas sobre ti — doces, refrigerantes para quem não quer mastigar por si próprio.

Audiência: Podes explicar o existencialismo?

Yada: Podia explicar, se me conhecesse a mim mesmo!

Audiência: Se não sabes, não vale a pena preocupar.

Yada: O que procuras? Só há uma coisa a procurar, amor. Quando sentes isso dentro de ti, nenhum "ismo" te pode informar; nenhum "ismo" te pode dar o segredo de te proteger contra o sofrimento e a dor.

Vês-te a protestar contra as coisas — "Deus, porque fizeste isto comigo?" Ou, "Mãe, porque me fizeste isto?" ou, "Pai, porque fizeste, etc." Toda a gente é culpada, menos eu.

Quando sabes a verdade, não te preocupas com "ismos" como tal. Procuras a verdade, e encontras onde quer que procures — no chamado Maharishi, no chamado Paul Brunton, no chamado Gurdjieff, no homem Ouspensky — estudante de Gurdjieff durante muito tempo. Nenhum estudante é estudante para um professor, para sempre. Se o estudante não se tornar professor, para que serve ensinar?

Procura em todo o lado. O que procuravas ouvir quando ouvias falar de existencialismo?

Audiência: A minha amiga estava a estudar isso.

Yada: Não podes fazer isso! Estuda para ti e só para ti. Deixa-a, ou qualquer outro, fora da equação. É uma espécie de egoísmo divino.

A fé não chega por si só. A fé pode dizer-nos que há algo a aprender. Dá-nos fé de que há um caminho a seguir. Não podemos conhecer o caminho sem o percorrer. Eu vou onde o meu Criador está. Sigo-O. Não é masculino nem feminino, embora o Mark dissesse muitas vezes que gostava que "Deus" fosse uma mulher. Não acho que os anos o tenham mudado muito! Acho que o que ele ama é a ideia do feminino — a natureza maravilhosa, a força cósmica, a base e centro da luz e do amor que é a mãe.

Todos procuramos voltar à mãe, ao ventre da criação. Ansiamos por isso e, quando não somos educados sobre a realidade da mãe, vivemos um tempo a tentar encontrá-la com os órgãos sexuais. E às vezes conseguimos, mas é só por um momento — aquele momento rápido, aquele clarão de luz chamado clímax, que nos põe no centro do ser e nos faz ver o imenso trabalho que é estar focada na consciência. Não se pode pensar noutra coisa naquele instante de claridade quando nos tornamos um com Cristo, o grande momento relâmpago da sabedoria da criação.

Foi um grande conforto comunicar convosco, porque sinto que também é assim convosco para comigo. Enviam-me o vosso amor. Que mais poderia eu fazer senão devolvê-lo?

Audiência: Ficas melhor cada vez que te ouço.

Yada: Amigos honoráveis, rio-me de alegria. Obrigado. Agradeçam uns aos outros pela vossa capacidade de comunicar uns com os outros. Sintam apreço uns pelos outros, lembrando que virá de novo um instante

em que já cá não estaremos. Vamos embora e aquele a quem esquecemos de amar torna-se uma ferida no coração. Queríamos, mas parece que nunca tivemos tempo. Não deixem que isso aconteça. Se não puderem dar amor físico, deem amor mental. Enviem amor, pois enviado mentalmente tem propriedades curativas; como muitos de vós sabem.

AS TRANSCRIÇÕES ESPECIAIS QUE SE SEGUEM FORAM FEITAS PELOS MEMBROS DO CÍRCULO INTERNO ATRAVÉS DE MARK PRORES DURANTE O ANO DE 1950 NAS DATAS INDICADAS.

26 de Janeiro de 1950 – Yada Di Shi'ite (controlador)
Em resposta a pergunta sobre as dificuldades da mente ocidental na prática da meditação.

Ele: A falta de preparação; a consciência do indivíduo não foi condicionada. Muitas vezes, o seu ambiente tem muito a ver com a sua incapacidade de compreender o método de entrar em meditação ou concentração profunda. As vossas mentes ocidentais foram condicionadas à mecânica; entre outras coisas, à mecânica de fazer dinheiro. Esse é o vosso Deus, e aquilo que adoram pertence muito completamente à consciência, e não é fácil quebrar isso. Porquê? Porque, como dissemos no passado, as células do corpo compreendem o ritual, o hábito. E até que esse padrão de hábito seja quebrado, o padrão de hábito dessas pequenas células, e elas sejam libertas desse padrão fixo, não será fácil permitirem-vos meditar.

As toxinas que introduziram no vosso sistema através de má alimentação, e portanto de má vivência — isso atua como outro obstáculo. Será possível eliminar o que foi construído ao longo de muito tempo? Leva tempo e trabalho para quebrar esse velho padrão. É necessário trabalhar nisso com empenho e perseverança.

Ouvimos muitas pessoas dizerem: “Não estou a chegar a lado nenhum; não estou a fazer progresso com isto; posso usar o meu tempo de forma mais proveitosa noutro lado”, sem perceberem que, se ao menos tivessem começado a entrar no campo do pensamento concentrado, teriam adquirido algo tão proveitoso que faria todas as outras coisas parecer-lhes insignificantes.

Se colocarem toxinas no corpo e as acumularem aí, quando começarem a meditar, o que acontece? Essas toxinas começam a irritar o corpo; sentem o que parecem ser pequenas picadas por todo o corpo. Dá-vos vontade de coçar e agitar, como o macaco na árvore da selva. Têm de

treinar o corpo para que ele consiga ficar num só lugar sem se mover. Esse é o primeiro passo. E vão achar útil, antes de entrarem nessa posição sentada, tomar banho e talvez beber algum tipo de sumo de fruta. Tomar banho liberta o corpo de irritações externas, e se limparem o interior do corpo com água ou sumos, terão menos irritações que prendem a consciência ao corpo, à crença no corpo físico.

Não aconselho ninguém a tomar uma posição específica. Alguns conseguem tomar as posições extremas e difíceis do yogi, e outros conseguem melhor desprender-se do corpo físico numa posição reclinada, embora, se estiverem deitados, devem ter cuidado para não adormecerem.

H.P.P.: Os mantras são úteis na preparação para a meditação?

Ele: Sim, se forem bem agudos e em tons harmoniosos. Ao dizerem estas palavras, inspirem e expirem. Mas não deixem os olhos vaguear e absorver tudo o que se passa na sala. O vosso mantra e a vossa respiração devem agir como pontos de foco.

E.N.H.: Que notas musicais teriam a ressonância certa?

Ele: Isso não sei, porque as notas que agradam a uma pessoa podem ser extremamente desagradáveis a outra. Toquem a vossa nota e, se tiverem um instrumento musical devidamente afinado, podem usá-lo. Porque é que uma nota específica vos agrada? Porque está em harmonia convosco.

N.M.L.: Recomenda a meditação com algum pensamento-semente em particular?

Ele: Eu recomendaria que tentassem concentrar a mente e formar uma imagem, na vossa mente consciente, de um lugar agradável onde já estiveram. Ou talvez segurar uma flor na mão e meditar sobre o seu desenho, a sua formação delicada, o seu perfume. Podem ter uma flor física diante de vós e olhar para ela, se amarem e apreciarem flores, mas nem toda a gente o faz.

N.M.L.: E quanto ao uso de símbolos?

Ele: Podem usar símbolos, qualquer um que vos agrade. Se usarem uma estrela de quatro ou cinco pontas, ou um círculo, tentem visualizar essa estrela ou círculo a expandir-se em linhas de luz, de luz rotativa. Chegará o momento em que se verão como a estrela ou o círculo; e então poderão atravessar essa estrela ou círculo para uma expansão mais ampla da mente, e saber de onde vieram, quem são, quem é este "eu" de vocês.

E.N.H.: Os círculos não são também considerados espirituais, e as figuras pontiagudas materiais?

Ele: Isso depende bastante da compreensão do indivíduo. Vamos pôr a coisa assim: diz-se que os ensinamentos da astrologia mostram que as estrelas desenham a vossa vida no plano físico, que, porque Júpiter está

nesta posição e Marte naquela, por exemplo, a maneira como traçam o vosso mapa é a vossa vida diária. Assim, as estrelas são a vossa vida, as estrelas são o vosso destino. Mas porquê? Porque têm poder sobre vós? Não; porque lhes deram esse poder. Hoje não posso fazer isto ou aquilo, porque este planeta está em conjunção com aquele, etc... e então não o fazem.

A astrologia e a numerologia, ambas estas ciências são tão antigas quanto a consciência do homem na Terra; mas o seu significado é muito mais profundo do que aquilo que hoje têm e tentam seguir. Os antigos, que compreendiam a astrologia a fundo, sabiam que se tratava das leis da vida espiritual, não da vida física. E o mesmo com a numerologia. Vocês são a lei, não há outra lei antes de vós. Eu sou o Senhor teu Deus, não adores outro deus diante de mim.

O Eu sou!

Como sabem, não vos digo para me seguirem e viverem à minha maneira. Os nossos ensinamentos podem ser um veneno se não tiverem compreensão do que estamos realmente a dizer. “Um tolo caminha onde os anjos temem pisar” é um ditado antigo. Agora vou-me retirar.

(Yada Di Shi’ite retira-se)

Professor Alfred Luntz (controlador):

Tenho estado a ouvir a vossa conversa sobre o controlo do corpo. Isto é o que se chama “fenómeno”, muito fascinante e, no mínimo, muito distrativo. É uma das coisas mais fáceis de investigar, se realmente o quiserem. Mas, ao fazê-lo, é melhor terem cuidado para que não se torne um bloqueio à vossa compreensão da vida. Mais brilho! Todo o mundo físico é um transe, transe hipnótico, provocado pelo brilho, pelos estímulos exteriores de tipo cintilante. Foi ao cair nesse tipo de condição que o homem perdeu primeiro o seu reino espiritual.

Agora, não vos digo que devem evitar algo; todas as coisas que vos atraem merecem ser conhecidas, mas tenham cuidado para não ficarem presos nesse plano de consciência.

As manifestações da mente movem-se, porque é necessário forma para haver movimento. A mente não se move. Por isso, uma coisa parada pode facilmente dar a ilusão de movimento a outra. Esses “fenómenos” de que falavam, a desaceleração da respiração e da atividade normal do coração e da corrente sanguínea; a inserção de instrumentos no corpo — qualquer um de vós, sentado nesta sala esta noite, poderia fazer essas coisas. Mas condicionaram a vossa mente noutros sentidos e para outras coisas. Ainda mais: com a mente, podem reduzir o corpo, desintegrá-lo, levá-lo a outras dimensões. Não é a coisa concreta que acreditam que é. Mas não

conseguirão fazer essas coisas até que se dediquem verdadeiramente a isso. Nada é impossível para o ser humano, se ele se treinar para tal.

S.W.: O símbolo do triângulo não é usado muitas vezes no vosso trabalho?

Ele: Sim, é; mas há muitos outros símbolos de igual importância, muitos que vocês na Terra nem conhecem. Na verdade, há símbolos que pertencem inteiramente a um só indivíduo; sabiam disso? O homem, em tempos, comunicava inteiramente através de símbolos.

M.L.: Como nas cartas de Tarot, suponho. Podes dizer-nos algo sobre a origem dessas cartas?

Ele: Foram uma das formas secretas mais antigas de ensinar sobre a vida interior no plano terrestre. Foram originalmente desenhadas por grandes Mestres de Ordens místicas elevadas, e dadas àqueles qualificados para andar entre o povo e ensinar sem parecerem estar a fazê-lo. Esses desenhos simbólicos em cartas foram traçados, alguns, sobre folhas de plantas, casca de árvore, pedra, quase qualquer coisa onde se pudesse desenhar.

Não conheço nenhuma época na história do mundo em que essas cartas não fossem conhecidas, ou melhor, em que o seu uso não fosse conhecido.

K.K.: As primeiras vinte e duas, as maiores, suponho. As outras vieram depois?

Ele: Vieram conforme a necessidade.

M.L.: Vieram de algum lugar em particular?

Ele: Não, senhor, não vieram; vieram daquilo de que falamos tantas vezes: o Mundo Etérico.

M.L.: O simbolismo foi mantido intacto?

Ele: Sim, em grande parte; mas a cada mil anos ou assim há uma mudança, e a mudança ocorre nos desenhos conforme a raça de pessoas a quem são destinadas.

K.K.: Vamos ter Etéricos a caminhar entre nós em breve?

Posso dizer que vocês já os têm?

M.L.: Um dos nossos associados, W. G., escreveu-me a dizer que se deparou com uma entidade invisível que era tangível ao toque. Isso causou um grande choque a este físico.

Ele: Não sei nada sobre este senhor em particular, mas em geral, os homens de mente científica deviam usar amortecedores de choque; apanham tantos choques.

M.L.: Que tipo de substância é uma substância invisível e tangível?

Ele: Senhor, quando sopra sobre a mão, não sente uma tangibilidade no sopro? Mas viu-o? Os vossos cientistas sabem por que razão o sopro é tangível?

M.L.: Porque põe moléculas em movimento no ar.

Ele: Sim, meus amigos, tudo está em movimento; não existe tal coisa como uma entidade imóvel. Agora, uma coisa que torna o seu movimento conhecido às pessoas num mundo tridimensional fá-lo porque é composta por átomos de comportamento semelhante, um padrão de onda semelhante, e todos os padrões são feitos de átomos, moléculas, neutrões, protões, isótopos...

A tangibilidade da substância não é menos, nem mais, é um fenómeno natural tal como a impressão da luz na retina do olho, ou o que se chama "cheiro", através de certos movimentos ondulatórios que ocorrem na atmosfera. Os movimentos do aroma atingem o aparelho olfactivo, que, aliás, não serviria de nada se não tivessem a capacidade de saborear, pois ambos operam nos mesmos padrões corporais, por assim dizer.

E.N.H.: É possível que os pequenos seres encontrados no disco que desceu no México sejam da mesma substância que os apports produzidos em Stanford por Bailey?

Ele: Senhor, não sei nada desses apports, mas sei que são bastante semelhantes, na constituição material, aos corpos que vocês e todos os outros nesta sala têm. No entanto, a redução das suas vibrações e o encolhimento dos seus corpos até esse tamanho, a sua forma de reduzir a estrutura molecular do corpo faz com que a carne e a estrutura física geral sejam de uma qualidade ligeiramente diferente.

E.N.H.: Por que razão os corpos deles estavam revestidos com fita?

Ele: Bem, parece que os corpos estavam revestidos para resistir ao choque, devido à sua velocidade de voo tremenda, para reduzir a pressão interna.

E.N.H.: Estavam num meio mais denso?

Ele: O seu estado original tinha uma densidade muito superior a qualquer coisa que vocês têm aqui. Esta mesa diante de mim não é o que pensam que é. As partículas de que é feita têm espaços tão grandes entre si, muito semelhantes aos que existem entre os corpos celestes. Portanto, vocês andam a caminhar em 90% de nada, segundo a vossa conceção de nada. Mas entre as pessoas que aqui estão sentadas diante de mim, existe solidez, densidade de tal ordem que ficariam espantados se soubessem disso.

Ele: É nas profundezas disto a que se chama "nada" ou "éter" que estão as realidades da vida. Há dimensões sobre dimensões sobre

dimensões. E por vezes, quando estas naves são observadas como uma substância gelatinosa, é porque a substância de que são feitas e de onde vieram ainda não está, digamos, solidificada? Mas não é propriamente uma solidificação para criar maior densidade, mas sim uma menor densidade, segundo a vossa maneira de pensar.

Ele: Vejam, nos próximos anos, ou até meses, os vossos cientistas vão descobrir coisas que os vão deixar horrorizados; e vão ser muito reservados quanto a elas, porque o que eu, sendo pregador, chamaria de "o rebanho", estará pronto para entrar em pânico.

E.N.H.: Já alguns perceberam isso?

Ele: Talvez; mas sabem, se acordassem e vissem uma figura enorme no vosso quarto, e dissessem: "Devo ter sonhado", e depois olhassem para o outro lado do quarto e a vissem lá de pé, o que fariam? É isso que os cientistas enfrentam. Sabem, a maioria dos cientistas é muito rígida nas suas crenças. Trabalharam e estudaram muito para obter provas. Não são do tipo de mente que diz: "Em nome do Cristo, sai!" Isso, na verdade, é uma coisa útil para afastar certas manifestações desagradáveis, mas os homens da ciência não são inclinados a fazê-lo. Eles próprios é que saem.

M.L.: Disse que essas naves têm sido usadas para viagens interpLaynetárias?

Ele: Sim, sem dúvida, elas já viajaram pela vossa Via Láctea.

M.L.: Pode dizer-nos algo sobre a sua velocidade?

Ele: Nem sempre pode ser classificada como um problema de tempo. Algumas dessas naves usam a força da luz por trás delas, ou à sua volta, como pressão propulsora, pois isso gera calor e, por certos métodos, pode ser convertido noutra forma de ação molecular chamada frio intenso. Portanto, se a luz viaja a 186.000 milhas por segundo (embora eu diria que vai 500 milhas a mais por segundo, os vossos instrumentos para medir a luz, os vossos cálculos matemáticos, estão todos errados).

E.N.E.: Não encaixam?

Ele: Bem, há uma forma de os ajustar para que possam ter um sistema funcional entre os dois mundos. Podemos ser capazes de vos dar um pouco de matemática etérica para se ajustar à vossa matemática física.

I.P.: Podem atingir a velocidade da luz?

Ele: Podem, sem dúvida alguma, atingir essa velocidade.

M.L.: Mas operando à velocidade da luz, levaria cerca de 35 anos para chegar à estrela mais próxima.

Ele: Sim, mas não me estou a referir a uma estrela fixa. O que digo é que os planetas pelo espaço têm o que se chama um mundo etérico, que na sua expansão pode estar a milhares e milhares de milhas do planeta físico.

É como a aura de um corpo físico; pode estender-se desde alguns centímetros até muitos quilómetros. Relativamente, quando pensarem nisso, imaginem um átomo de matéria afastado do vosso corpo três milhas.

M.L.: As nossas medições astronómicas devem estar muito erradas então?

Ele: Estão, de facto… Amigos, tenho de ir. Que Deus vos acompanhe, como vós acompanhais uns aos outros. Boa noite.

(O Professor Luntz retira-se)

25 de Maio de 1950

Mark Probert, Controlador: Yada Di Shi'ite

Yada fala primeiro na sua antiga língua Yu e faz gestos a indicar um disco voador e uma pequena criatura, o que foi subitamente compreendido pelos ouvintes que estavam a olhar e a discutir uma reportagem ilustrada de jornal de Colónia, Alemanha, descrevendo a aterragem de um disco com um pequeno ocupante, no Arizona. Depois, Yada começa a falar em inglês.

Yada: É maravilhoso, ham, quando de repente vemos a luz, iluminamo-nos, o rosto torna-se como o sol. Isso é verdade em toda a nossa tentativa de aprender sobre a vida. Lutamos às cegas, a tentar compreender, mas a vida para nós é como uma língua estrangeira. Olhamos para ela com apatia, sem compreensão, e então num momento, uma pequena coisa que é a chave torna-se subitamente clara à nossa maneira de pensar e whoosh! Iluminação! Compreensão!

Esforcem-se, lutem, subam a colina. Alguns de nós, sem pensar, apanhamos pedras e metemo-las nos bolsos. Essas pedras são dificuldades, problemas. Guardamos esses problemas e sobrecarregamo-nos com eles e tornamos o caminho para cima muito mais difícil. Tentemos esquecer de meter as pedras nos bolsos. Tentemos não apanhá-las, mas encontrar uma forma de subir por cima delas. Não vale a pena tentar movê-las, é melhor passarmos por cima; pois se as movermos, elas continuarão ali para os que vêm atrás de nós, de qualquer forma.

Há formas infinitas de lidar com a vida. Disseram ao homem que tudo é simples: que não há nada de complicado. De cada dificuldade, dizem-nos, "isso não é nada". Ou, se não conseguimos compreender, o professor diz: "ignorem isso; nós pensaremos por vocês." Assim, fomos ensinados que a vida é banal. A vida não é banal! Há muito a aprender. Podem pegar numa flor e olhar para ela e dizer que é só uma flor. Há milhões de flores. Vêm e vão com as estações.

Raramente pegamos numa flor e nos perguntamos como cresce, de onde vem a sua cor e perfume, porque cresce assim, porque estas cores em particular. A relva é verde. Porque é que a relva é verde? Não nos interessa; apenas caminhamos sobre ela.

O homem teve origem no que é chamado o Jardim do Éden. A vossa Bíblia Cristã assim o diz. Duas pessoas causaram problemas e todos os outros têm de pagar por isso. Ou seja, tinham de pagar por isso até um homem chamado Jesus O Cristo aparecer e pagar a pena por todos os vossos erros, os vossos "pecados" e maldades. Depois, podiam continuar a pecar à vontade, porque ele já tinha pago por isso. Sobre isto, o homem constrói os seus grandes templos. Nunca é dito que ele é o único responsável por tudo o que acontece, que não pode transferir a responsabilidade para os ombros de outro. Por cada pequena coisa que pensam, vocês agem, e por cada ato, terão de pagar — mais cedo ou mais tarde — não só depois da morte, mas agora. Esta é a lei de causa e efeito.

Por um momento, quero falar do que chamam "discos voadores" ou "pires". É comum, eh? Nada de invulgar, eh? Estão a ter ilusões. Estão com problemas de visão. Muitos de vós devem ter problemas de visão; mas nenhum de vós os tinha antes dos pires se tornarem comuns? Não, tenho de falar a sério, meus amigos.

Estes discos não vêm de planetas, ou seja, não vêm de outros corpos como a vossa Terra, nos céus, nem é esta a primeira vez que estes objetos vêm ao plano terrestre; eles vêm cá há séculos incontáveis. Não há outra palavra que possamos usar, se precisam de um local de onde eles vêm, então Etheria. Mesmo dentro deste espaço que chamam vazio, que está repleto de vida e inteligência. Disto, vocês vieram, e toda a matéria também.

Nisso existe uma grande, grande civilização. De onde acham que vêm as ideias de todas essas grandes civilizações do passado, e também do presente? Do ar? Não do ar, mas dentro dele. E não é ar, mas substância. No entanto, dizer isso não o prova para vocês. Se quiserem aprender mais, têm de tentar compreender a matéria e a causa da matéria juntar-se para tomar forma, e voltar aos ensinamentos muito, muito antigos da vida. Então verão ao que nos referimos quando falamos do éter ou dos lokas. (Não gostamos de nos repetir muitas vezes, porque torna-se aborrecido, mas o homem aprende pela repetição.)

Velocidade, velocidade de quê? Matéria. Nesta era presente, o homem sente-se muito competente, pensa que tem um conhecimento bastante avançado das leis da aerodinâmica. Ele ainda não sabe o que o espera. Estes discos são movidos pela lei da luz, a luz agindo como pressão. Agora,

podem pegar na luz, têm eletricidade, podem pegar naquilo dentro da lâmpada. Erguem a mão. Não sentem nada, dizem. Mas hoje têm instrumentos capazes de medir a pressão dessa luz. Agora imaginem uma máquina capaz de captar ondas de luz com um grande refletor e fazer essas ondas de luz recaírem sobre um objeto. Esse objeto mover-se-ia à velocidade da luz. Não? Querem discutir isso comigo?

Estes objetos não viajam apenas pelos vossos céus, mas atravessam sistemas solares inteiros. A sua "solidez" depende do corpo onde entram ou com que entram em contacto. Se entrarem no campo gravitacional de outros corpos celestes, alguns dos quais têm uma densidade tal que uma pequena parte pesaria uma tonelada, então têm de se ajustar de acordo com o corpo com que vão contactar.

H.R. Poderiam ser tão pequenos como na imagem que estamos a ver?

Yada: Sim, e porquê, perguntam vocês, tão pequenos? Menos dificuldade com esse tamanho. Noutra condição qualquer, terão corpos maiores, pois eles não são mais sólidos do que, diria eu, vocês, porque vocês só são sólidos conforme a "solidificação" deste mundo em que vivem. O vosso peso não depende de algo dentro do vosso corpo; o vosso peso depende da solidez deste mundo em que vivem. Em outros mundos, flutuariam nele; noutros, não se conseguiriam mexer.

H.P.F. Perguntou sobre a autenticidade das fotos do jornal.

Yada: Sim, são autênticas e muito boas.

H.R. Porque é que não vemos essas imagens nos nossos jornais americanos?

Yada: Porque aqui são um país livre, são livres de ouvir aqueles que vos dizem o que querem que saibam. E não estou a ser sarcástico.

Agora não fiquem excitados nem preocupados, mas no passado, quando a civilização atingia o seu auge, ou quando algum grande cataclismo natural estava prestes a acontecer, esses seres vinham registar tudo o que tinha sido alcançado. Eles também tomam notas muito cuidadosas do estado da Terra. De certa forma, são guardiões da Terra. Quando um grande cataclismo atingiu a Terra e destruiu uma civilização existente, esses seres já tinham todo o conhecimento dessa civilização armazenado, pronto para ser devolvido à civilização que surgirá dos escombros do passado. É devolvido a essa nova civilização através de organizações secretas e místicas. Sempre foi assim que certos indivíduos deviam saber certas coisas, enquanto outros não; não estão preparados para saber. Talvez seja essa a razão pela qual os que dirigem o vosso governo não deixam o povo saber sobre eles.

H.P.F. Os oficiais do nosso governo sabem sobre isso?

Yada: Eles próprios não compreendem. Em breve, digo-vos que haverá muitos, muitos mais deles nos vossos céus, e se forem atacados muitas vezes, isso trará grandes problemas para vocês.

Agora, não quero dizer que eles possam simplesmente dissolver-se e ir imediatamente para o estado etérico. Esta mesa que estou a tocar acabará por voltar ao estado etérico, mas segundo aquilo a que chamam tempo.

O homem ainda tem muito a percorrer antes de compreender a natureza da matéria. Muitas vezes, essas naves etéricas aparecem nos vossos céus com uma cor e depois mudam para outra e outra cor. Essas cores são simplesmente reflexos de luz; estão a receber luz refratada.

Agora não há motivo para se inquietarem. Vivem numa época maravilhosa, mas apenas na maravilha da vossa própria era. No passado, houve épocas tão maravilhosas à sua maneira.

F.C.R. Como é que esses discos podem ser destruídos?

Yada: Porque assumiram a natureza do vosso mundo tridimensional e, enquanto estiverem nele, estão sob as mesmas leis, as leis gravitacionais do vosso mundo, etc.

F.C.R. E os ocupantes têm sentimentos?

Yada: Oh sim, senhor, pois o sentimento não está no corpo mas na mente. Podem provar isso ao dar a uma pessoa o que se chama um anestésico ou colocá-la sob hipnose. Esse indivíduo que têm sob o feitiço da vossa consciência, podem levá-lo a acreditar que está sozinho numa sala, mesmo que a sala esteja cheia de pessoas. Ele não saberá que há mais alguém ali, porque mudaram a sua consciência. Não fizeram nada ao corpo. Esta consciência chamada personalidade, quando cai sob o feitiço do corpo, cai sob essa crença.

(O cão entra na sala. Yada fala dos cães muito grandes e ferozes do seu tempo que guardavam as propriedades dos ricos.)

Então, mudaram assim tanto? Ainda têm grandes propriedades para alguns, enquanto muitos vivem na pobreza? Não, com todos os vossos cientistas de boca aberta perante as maravilhas das suas descobertas, fizeram praticamente nada para melhorar as condições daqueles que não são suficientemente fortes ou talvez inteligentes para agarrar enquanto era tempo.

Agora, achamos que as posses são boas; cada homem deve esforçar-se à sua maneira, mas não acham que o homem estaria melhor se tentasse ajudar o seu semelhante a ser tão brilhante ou forte como ele? Ou será possível que nesta era, o homem ainda viva sob a crença de que, se der parte do seu pão ao próximo, ficará sem pão e morrerá de fome também? Meus amigos, nada surge na Terra sem que as coisas necessárias à sua

existência já lá estejam, desde a mais pequena formiga até à maior criatura em tamanho — para não falar do cérebro.

O homem é suposto ser o ser pensante, mas parece que o seu pensamento se ocupa sobretudo de si mesmo. A maioria dos animais preocupa-se mais uns com os outros do que isso. Onde é que o homem pode reivindicar a honra de ser o pensador da Terra, se cria guerra contra os seus semelhantes? É porque não sabe que nasceu pela lei do amor e não pela lei do pecado.

Muitas vezes perguntaram-nos se somos ou não espíritos malignos porque não acreditamos no pecado. Muitas vezes fomos chamados por nomes ingleses muito estranhos porque não acreditamos que alguns devam ter riqueza enquanto a maioria vive na carência. Hoje, têm inimigos que chamaram aliados durante a última guerra. Saudaram-nos com um sorriso, então. Eles fizeram o mesmo convosco. Aqueles que supostamente comandam os destinos das nações tinham os seus livrinhos pretos à parte, dizendo a estes: "Assim que acabarmos esta guerra, vamos aniquilar-vos também". É esse o tipo de coisa que dizem — essa é uma palavra engraçada, "coisa".

Capto essas palavras estranhas do cérebro do Rapaz. Muitas vezes, ao percorrermos o cérebro dele, encontramos todo o tipo de coisas peculiares. Não há muito tempo, o meu colega honorável usou a expressão "O.K." e havia ali um cavalheiro do seu próprio país que disse: "O.K.? Isso soa muito estranho vindo de ti". Se usarem uma máquina, vão obter dessa máquina aquilo de que ela é feita. Muitas vezes as pessoas saltam perante o que consideram disparates, mesmo que não saibam o que são esses disparates.

Na outra noite, um dos vossos aviões passou por cima da casa enquanto eu falava através do rapaz, e sofri muito porque estava a sentir a reação física do corpo do Rapaz. Se não estivesse em proximidade ao corpo, não teria sentido nada, mas senti como se uma pressão terrível fosse feita sobre mim; estava a pensar em mim como um corpo. Isso parece-vos estranho? Muitas vezes, alguns de vocês esquecem que têm um corpo. Não estão de todo conscientes do ambiente à vossa volta. Portanto, não estão conscientes de si como um corpo. Se alguém viesse e vos atingisse nesse estado, poderia deixar-vos inconscientes, se não estiverem já inconscientes.

Pois libertaram-se da vossa consciência do corpo; e é isso que acontece quando ocorre a coisa temível chamada morte. Mas nem sempre é assim. Esse é o estado que deviam procurar atingir, mas tão poucos conseguem. Quando passam para o meu estado de consciência, se não souberem estas coisas, vão descobrir que ainda estão muito conscientes de

serem um corpo. E os vossos desejos permanecem e mantêm-vos no vosso ambiente desejado na Terra. É isso que causa assombrações. Um indivíduo foi muito infeliz num certo lugar, ou foi muito feliz ali, e em ambos os casos, vai assombrar esse lugar.

Mais uma vez podemos fazer uma analogia com o vosso mundo dos sonhos. Quantas vezes os vossos sonhos vos levam não só através dos anos, mas também através do que se pode chamar de espaço? Alguns voltam à casa onde viveram. Pessoas idosas podem voltar a ser crianças pequenas. Assim, a vossa velhice não reside na mente, mas apenas no corpo, e transmitem a sensação de velhice pela forma como pensam. Criam uma perturbação química em todo o corpo que o envelhece.

Há pouco, falava de "coisas". O que queria dizer era que o indivíduo comum, que não tem uma grande propriedade a ser protegida por cães, não tem guerra no seu coração, não tem ódio pelo vizinho. Aqueles que promovem todas as guerras foram aqueles que têm algo a esconder dos escravos que os tornaram confortáveis. Hoje, estão a pregar no vosso país: "Não matem os japoneses; são seres humanos, são filhos de Deus." Há uns anos, era: "Matem todos os japoneses; pertencem ao diabo." Era o mesmo com os alemães e todos os povos com quem estavam em guerra. Essa condição é terrível. Isso alimenta guerras.

Yada: Agora têm o espetáculo horrível chamado "O Russo". No coração do homem comum na rua forma-se a imagem de algo bastante assustador, esses russos — e cada um deles tem uma bomba pronta a lançar-vos pela chaminé abaixo. E claro, dizem o mesmo aos russos sobre vocês. A única forma de quebrar esta corrente de ganância é exigirem contacto direto com os vossos semelhantes em todos os países. Se os que estão no poder na Rússia, bem como os que estão no poder no vosso país, permitissem que o homem comum contactasse uns com os outros, não haveria guerra. Mas agora vamos deixar estas coisas para trás, a não ser que queiram dizer algo sobre isso.

F.C.R.: Sempre defendi que se não houvesse fronteiras, não haveria guerras.

Yada: Provavelmente, sim, senhor.

Mrs. C.: Precisamos de um governo mundial?

Yada: Precisam exatamente disso. Mas para muitos, no momento em que se fala nisso, começam logo a falar de ditadores. Acho que no vosso país há dois, como é que se chama?

C.L.A.: Dois partidos, Democratas e Republicanos.

Yada: Sim. Agora acredito que Democracia significa amor fraterno. Está certo?

Homem: De um modo geral, sim.

Yada: Sim, mas acho que não é geral o suficiente. Muitas vezes, não têm como saber se estão a eleger um charlatão ou um ditador. Só podem saber o que vos dizem.

Agora, tenho grande fé no homem, desde que ele não esteja sob pressão da fome e da carência. Se estiver, então não tenho no homem a fé que tenho no animal, no cão. Porquê? Porque mesmo com fome, o cão ama o seu dono, mas o homem desconfia sempre do seu semelhante, acha sempre que há algum engano. Não é verdade?

Vamos mais longe. Porque é que a vossa igreja cristã se considerou a si própria uma organização mundial e o único caminho verdadeiro para Deus? Mostrou essa crença levando aos chamados pagãos o Livro Sagrado numa mão e a espada na outra, a dizer: "Tu és um pecador; não acreditas no que nós acreditamos; nós matamos pecadores." Muitos foram mortos assim, por amor ao dinheiro, ao domínio, e não por amor a Deus. Alguns, muito poucos dos que foram enviados em missão entre os povos do mundo, sentiram amor sincero no coração por aqueles a quem iam.

C.F.: E quanto a Albert Schweitzer, o missionário alemão conhecido mundialmente que deu a vida de forma desinteressada pelos desfavorecidos em África? Que influência terá ele no nosso futuro?

Yada: Está escrito no vosso Livro Sagrado, “A seara é grande, mas os ceifeiros são poucos”, e “muitos são os chamados, mas poucos os escolhidos”. Um homem como ele, de quem falam, deixa marcas profundas e duradouras nas leis harmoniosas da vida, que chamam Deus, e os seus atos retornarão ao mundo e gerarão muito bem.

Tal como o vosso Mestre, o Cristo, que se não fosse pelo entendimento dos grandes, a sua missão teria sido considerada um fracasso. Mas tal como este Doutor, o Mestre, o Cristo, não veio salvar o mundo — veio alcançar maior compreensão para si próprio. Agora, isto pode parecer egoísta, mas se tentarem ver com o olho interior, verão que nós, enquanto indivíduos — e digo mesmo, muito mesmo, nós enquanto indivíduos — somos o mundo. Não há outro ser senão vocês. EU SOU a consciência eterna e única.

O vosso Mestre, o Cristo, sabia disto e tentou fazer com que o povo percebesse que cada indivíduo é o seu próprio mestre e o seu próprio Deus. É inútil erguer os braços a rezar a algum ser distante. Rezem aqui (toca no peito), porque Deus está aqui. O homem é tanto Satanás — eh, até tenho pena desse homem Satanás — como Deus.

E.B.: Queres dizer que quando alguém reza, não há ninguém fora de si que ouça e responda?

Yada: É isso mesmo. Agora, minha querida, não sei como dizer isto por palavras que não confundam. Desejo, com todo o coração, tornar clara a imagem de que isto em que estamos — e uso a mão para mostrar (gesto amplo) — é consciência. Desta consciência vocês vieram, e ainda assim, vocês são ela. Esse vir é apenas uma ilusão.

E.B.: Mas não temos guias do outro lado a quem podemos recorrer? E quando dizemos orações ou mantras, esses sons não são enviados, para que os nossos guias os ouçam?

Yada: Com certeza que sim. Agora, quando digo sim e depois não, parece que estou a falar de forma confusa. Vejamos, digamos que há um gerador de eletricidade ali, e ao longo desta linha, digamos, há uma fila inteira de lâmpadas, talvez com um quilómetro de comprimento. Serão de tamanhos, formas, cores e potências diferentes.

Agora, a eletricidade, embora a chamem de fluxo, não corre num fluxo sólido e contínuo, mas sim em pequenos impulsos. Hoje chamam a isso trabalhar com a teoria quântica. Agora, essas lâmpadas, estou a considerá-las como representando os seres humanos enquanto indivíduos. Cada uma sente-se diferente e separada da que está ao lado. Uma diz: "Sou uma lâmpada azul e tenho um vidro muito bonito", e a outra descreve-se de outra forma. Cada uma acredita ser distinta da outra. Mas se forem ali e desligarem a corrente, o que acontece? Todas se apagam.

Agora, não podem desligar a força da vida mais do que podem desligar a força elétrica. Podem desligá-la aqui, em todas as formas mecânicas da vossa terra, mas ela continua a existir na atmosfera. A energia da vida é de natureza elétrica. Se a faísca ou impulso pudesse evaporar e ser completamente aniquilado, isso significaria a aniquilação de todo o fluxo elétrico. Pois são as muitas faíscas, os muitos impulsos, que formam o fluxo. O fluxo não é nada por si só. É como se estivessem a deixar sair água de uma mangueira. A água sai num fluxo contínuo? Não, sai em pequenas gotículas. Percebem o que estou a tentar dizer? As palavras são tão tolas. Não pintam a imagem verdadeira.

E.B.: Então não há utilidade em rezar?

Yada: Minha querida senhora, escute. Já esteve diante de mim muitas vezes e ouviu-me falar bastante. Já me ouviu rezar?

E.B.: Sim.

Yada: A oração é uma grande necessidade.

E.B.: Talvez eu não compreenda. Não quero ser argumentativa.

Yada: Não, não, é para isso que venho. É para isso que pomos o rapaz em tanto esforço.

E.B.: Às vezes penso que queres dizer que estamos apenas a dirigir-nos à nossa própria consciência; depois outra parte de mim diz que a oração é uma coisa muito poderosa que lançamos na atmosfera. Sinto que devíamos dirigir-nos a uma consciência mais elevada que a nossa.

Yada: Ah, muito bem. A uma consciência mais elevada do que a vossa no vosso estado atual de compreensão do mundo e de vocês mesmos. Esses pequenos impulsos que chamamos de 'maiores do que eu' são maiores porque têm maior entendimento da vida. Agora, quando digo que isto aqui (gesto indicando o espaço) é consciência, é isso mesmo que quero dizer.

Pergunta: Como é que rezas?

Yada: Invoco o meu estado de consciência mais elevado, que sei que existe, mas no meu estado atual, só conheço aquilo que me é dado conhecer, neste momento. Agora, essa outra consciência não é uma consciência corporal... Tenho de ir.

(10:00 P.M. – Yada retira-se.)

10:30 da noite – Cotton Mather (Novo controlador)

Cotton Mather: Posso entrar? Talvez seja presunçoso da minha parte dizer que alguns de vocês já ouviram falar de mim. Já passou algum tempo desde que tive a honra de usar o corpo deste homem. Não tenho muitas oportunidades de voltar a ouvir a minha própria voz no plano da Terra. Sabem, é muito agradável para o ego ouvir a própria voz outra vez.

Estive a ouvir a vossa conversa há pouco, sobre os escritos do Livro Sagrado. E alguns de vocês, tenho a certeza, sabem bem do papel que desempenhei nos tempos da feitiçaria. Muitas, muitas almas inocentes foram submetidas às torturas mais condenáveis em nome do Mestre, o Cristo. O Mestre, o Cristo, ensinava uma coisa — e se o homem tivesse ouvido e agido de acordo com essa única lei, nenhum dos sofrimentos que o homem tem vivido ao longo destes muitos anos teria sido necessário. E o que é isso? Amai-vos uns aos outros.

O que é que realmente vale a pena além disso? Porque é que o homem discute os escritos deste Livro Sagrado? Só precisa de seguir o único pedido que o Mestre fez. E o que é o amor? É compreensão — compreender uns aos outros. Se cada um de nós percebesse que, como indivíduos, todos temos as mesmas emoções, os mesmos centros sensoriais, não seríamos tão rápidos a causar dor aos outros. Não iríamos objetar ao que o outro quer fazer. Ajudá-lo-íamos, ajudá-lo-íamos a realizar os seus desejos — fosse qual fosse esse desejo — com a oração no coração de que esse desejo traga bem aos que estão à volta.

Nenhum de vocês viu alguma vez, tenho a certeza, alguém a ser queimado vivo, ou a ter a língua arrancada, ou chumbo quente derramado

nos olhos ou na boca, ou alguém estendido no cavalete — tudo isso em nome de Jesus Cristo. Agora olho para trás e vejo os meus próprios erros.

Mas isso muda o erro? Não. Olhar para trás e preocupar-me ou arrepender-me dos erros que cometi não serve de nada. A vida não está nos ontens ou nos amanhãs, está nos hojes.

Nos ensinamentos sobre meditação — que naquela altura não compreendia de todo — vejo agora que, se alguém meditar sobre os atos do seu passado, só pode tirar proveito dessa meditação se o fizer a partir de um estado de desapego daquilo que observa. Só podemos aprender o valor de um erro ao olhar para ele com desapego. Só assim se vê o que fazer no futuro que vier. O homem só aprende por tentativa e erro. O pecado não é algo de que se possa escapar — pecado significa apenas erro, falta de compreensão.

Agora, um de vocês pode ir ter com outro que esteja a fazer algo que consideram errado, e chamar-lhe a atenção: "Irmão, esse caminho vai levar-te a um fim mau." Vamos raciocinar connosco mesmos. Como é que, como indivíduos, nos tornamos na lei? Como é que podemos ser padrão para os outros? Como é que podemos saber os desejos ardentes daquele outro, que são a vida dele? Devemos atirar a primeira pedra? Somos assim tão incapazes de errar? Quando o Mestre disse, "Aquele que estiver sem pecado, atire a primeira pedra", Ele próprio atirou-a? Não nos mostra isso que Ele sabia que ainda havia muito que aprender, que não estava acima da possibilidade de errar?

O homem tem uma maneira peculiar de pensar sobre a sua divindade e os profetas do seu Deus. Jesus Cristo, o único Filho de Deus? Ele disse isso? Não, meus amigos, Ele sabia que todos os homens são filhos de Deus. Essas afirmações que se encontram na vossa Bíblia Sagrada são, sem dúvida, erros intencionais, feitos para manter o povo na ignorância da verdade. Se esse homem, Jesus, tivesse vindo ao mundo de outra maneira, talvez mais sensacional ou mística — como é ensinado no caso do nascimento virginal — então todo o sofrimento que Ele passou, assim chamado, não teria sido sofrimento algum. Morrer na cruz não teria valido o esforço.

A virgindade e o nascimento do Cristo não estão no corpo, mas sim no facto de que Ele nasceu em sabedoria e compreensão, na pureza do conhecimento. E como? Não por um processo místico, mas pelo curso natural da lei. Ele já tinha vivido muitas vidas antes e tinha acumulado uma grande compreensão da vida, através de uma série de experiências no corpo físico e nos planos astrais. E na sua última aparição na Terra, Ele veio passar pela grande e final iniciação, a mesma que vocês, como iniciados,

um dia também terão de passar, para obterem liberdade da roda da vida material.

Oh, meus amigos, acreditem, o tempo é demasiado curto para fazer mais do que tocar ao de leve num assunto muito, muito profundo. Tenho de ir agora, mas antes de sair, peço-vos apenas que tentem, na vossa vida diária, ser úteis ao próximo, em todas as frentes. Amai-vos uns aos outros, e com esse amor virá a maior compreensão. Que Deus vos abençoe, boa noite.

(Cotton Mather retira-se)

Controlador: Professor Alfred Luntz:

(Depois de uma mensagem pessoal para C.L.A.)

Professor Luntz: Não ficarei muito tempo. Alguém tem algo a dizer-me antes de eu partir?

H.R.: O senhor estava a brincar uma vez sobre ver através dos olhos do Mark para salvar os seus – queria perguntar como é que os homens nesses discos observam as nossas atividades aqui? Conseguem ver a essa grande distância?

Professor Luntz: É demasiado para tentar explicar agora. É um tema demasiado profundo para eu responder sim ou não.

H.P.F.: Suponho que é uma atividade mental e por isso não existe tal coisa como distância?

Professor Luntz: O que disseste está bastante próximo da verdade, mas claro, é mais detalhado e terei de esperar por outra altura.

Professor Luntz (para o rapaz no fundo da sala, Bruce Monks): Tenho muito interesse nos jovens, e este rapaz tem um futuro muito, muito promissor pela frente. E mais, tem uma mente séria. Com um pouco de incentivo, como lhe tens dado, ele irá longe. Se algum dia ele quiser fazer alguma coisa, antes de dizeres "não" ou "sim", descobre porquê. Qual é o seu verdadeiro propósito em fazê-lo? Mas tenta não dizer "não" sem primeiro descobrir isso. Sabes, as crianças são crianças apenas no corpo. Na mente, são intemporais. Um dia hei de dizer-te como podes provar isso. Boa noite.

O Professor Luntz retira-se.

8 de Julho de 1950 Mark Probert

Professor Alfred Luntz, Controlador

Presentes: Dr. e Sra. Gilbert N. Holloway, Irene Probert, Fred A. Rolloson, Jr., Sr. e Sra. Paul B. Foster.

(Em resposta à pergunta do Dr. Holloway sobre o que os presentes podem fazer para agir de forma construtiva e útil nestes dias cruciais).

Professor Luntz: Senhor, deste-me uma tarefa difícil! No entanto, farei o melhor que posso e depois verei o que tens a dizer. Para começar, nós do "Círculo Interno" vemos claramente que uma grande crise está iminente, que o mundo está perante uma grande oportunidade, se é que se pode chamar oportunidade, de se autodestruir. A vossa civilização atingiu mais ou menos o seu auge, não quero ser aquilo a que vocês, americanos, chamam de "desmancha-prazeres", mas nós do "Círculo Interno" sentimos que todos aqueles que vêm ouvir-nos já atingiram um estado de conhecimento de certas coisas que lhes tirou grande parte do medo. Os acontecimentos que se aproximam, senhor, não são nada bons. Rússia, Estados Unidos, Inglaterra e o mundo inteiro vão andar à gargantas uns dos outros.

G.N.H.: Pode dar um limite de tempo, dentro de dois ou três anos, talvez?

Professor Luntz: Ora, senhor, como já dissemos, o tipo de mentes por trás do que está para acontecer é de tal natureza errática que é difícil dizer exatamente um ou dois anos, mas, senhor, no máximo dois anos, mesmo no máximo. Estamos muito inclinados a acreditar que em menos de um ano isto se tornará generalizado e sangrento, menos de um ano.

Vejamos as condições. Para começar, senhor, a religião desempenha um papel extremamente importante em qualquer guerra. Agora, nós do "Círculo Interno" somos bastante indiferentes aos credos do homem no plano físico, às suas crenças religiosas. Sentimos que todos têm direito a acreditar no que quiserem. Pode estar tudo errado aos vossos olhos, mas se esses indivíduos encontram equilíbrio e contentamento nas suas crenças particulares, como podemos condená-los? No entanto, podemos dizer que esta guerra será muito, muitíssimo, auxiliada pela hierarquia da Igreja Católica Romana.

G.N.H.: Para protegerem os seus próprios interesses?

Professor Luntz: Sim, senhor, exatamente; porque acreditam que este é o fim, ou será em breve, se não agirem imediatamente para proteger os seus interesses.

Agora, o comunismo, como sabem, no seu verdadeiro significado é a doutrina da fraternidade, como em (…), mas como está a ser usado agora, é uma coisa brutal, totalmente egoísta e materialista. E isto esmaga tanto o crescimento do homem que ele não consegue progredir para o próximo plano de consciência.

G.N.H.: Um comunista morto está mesmo morto?

Professor Luntz: Sim, senhor, está, pois não está preparado para a vida noutro plano que não o materialista, e está verdadeiramente confuso e perdido. Mas claro, como sabem, isso não significa que esteja perdido para sempre; mesmo o comunista mais ignorante não está verdadeiramente perdido, pois há muitos do meu lado da vida que se asseguram que ele venha a uma melhor compreensão da vida, eventualmente ele desperta para uma melhor compreensão.

Vejamos a história da vida do homem na terra, e o que encontramos? Sacerdote, rei e escravo! Enquanto existirem aqueles que desejam que outros pensem por eles, haverá sempre escravos. E isto é como deve ser.

Agora, é muito fácil para nós deste lado da vida, neste plano de consciência, dizer "Não tenham medo!" e esperar que vocês não tenham. Mas, amigos, vivem num tempo muito crítico. Raramente falamos tão abertamente a um grupo; só o fazemos quando conhecemos o estado de consciência de quem nos ouve. Aqueles que atingiram o estado de consciência que vocês atingiram não vão deixar-se conduzir pelo medo. Vocês vão ser os ajudantes, os professores, os guias quando estas coisas acontecerem.

G.H.N.: O que devemos ensinar?

Professor Luntz: Aquilo que o Mestre Jesus ensinou e que foi ensinado pelos Grandes Mestres ao longo dos séculos: AMAI O PRÓXIMO! E não só o vosso próximo, mas todas as coisas. Pois tudo o que contactam foi criado por vocês, faz parte de vocês. Não odeiem ninguém, nem mesmo aqueles que têm de ser vossos inimigos. Imploramos-vos, se tiverem de matar, não matem por ódio!

H.P.F.: E os nossos jovens que têm de ser levados a odiar para poderem matar? Coreia?

Professor Luntz: Esses jovens, minha cara, não matam por ódio, por estranho que pareça. Matam por medo. Observa um animal a caçar a sua presa na floresta. Cada movimento é de cautela; ele não mata por ódio, mas por medo, pois é assim que se protege. O homem, em geral, em guerras, mata indiscriminadamente, sem pensar.

8 de Julho de 1950

G.N.H.: Vê uma grande dizimação da espécie?

Professor Luntz: Sim, senhor, vejo.

G.N.H.: E o uso da bomba atómica?

Professor Luntz: Sim, nas fases finais.

Quando um dos lados se vir em grande perigo de perder, vai usá-la. Isto, senhor, tem de ser. É necessário para limpar a Terra dos ignorantes, dos cegos, dos estúpidos e dos gananciosos.

G.N.H.: Pode dizer-nos que percentagem irá sobreviver?

Professor Luntz: Senhor, não gosto de fazer afirmações sobre isso. Não estou a fugir à pergunta, mas prefiro não responder.

G.N.H.: Gostaria de nos dizer se a América irá vencer?

Professor Luntz: Se não vencer, senhor, o mundo sofrerá de cinco a dez mil anos de escuridão, de crime e degradação como não se pode imaginar. Não haverá lei nem ordem em parte alguma.

G.N.R.: Dificilmente um paraíso comunista!

Professor Luntz:

De modo algum. Ao longo dos séculos, o homem tentou criar um paraíso material. Tenho a certeza de que sabe, senhor, porque é que essas utopias não podem acontecer, pois cada indivíduo pensa de forma diferente dos outros, e cada indivíduo é assim um pau de dinamite que fará explodir qualquer paraíso incipiente.

F.A.R.: E quanto à destruição da Costa Oeste por terramotos?

Isso é outra questão a considerar. Temos dito muitas vezes que os Guardiões Etéricos da Terra farão tudo o que podem para evitar o uso de energia atómica; porque essa arma invade o seu mundo. Não acredito que eles vão permitir o seu uso. O que pode acontecer é que esses Guardiões da Terra cheguem à conclusão de que é inútil tentar impedir de outra forma que não seja por meio de grandes terramotos e tempestades. Grande parte deste abalo pode ocorrer no ar, sem necessariamente abalar a Terra. Já alguma vez estiveste num terramoto atmosférico?

I.F.: Quer dizer um furacão?

Não, não, um verdadeiro abalo no ar. Há uma força que pode ser aplicada ao éter. Agora, do nosso ponto de vista, o éter é cem mil vezes mais denso do que qualquer matéria que conheças. Consegues imaginar quais seriam as consequências de um abalo nessa matéria etérica? A vossa bomba atómica pareceria insignificante em comparação. Tens algo disso na arma do som. O som, a certas frequências de vibração, pode causar insanidade, pode causar paralisia. O uso do som pode ser, portanto, muito mais devastador do que qualquer bomba atómica, e numa área muito maior.

G.N.H.: Isto foi desenvolvido pelo nosso inimigo?

Não, mas pelas atuais forças americanas. (Espero não estar a dizer nada que ponha em risco o futuro deste rapaz.) E a guerra bacteriológica, que pode levar cidades inteiras como Nova Iorque, Londres, Paris, Chicago, até à porta da morte. Por outras palavras, toda a população pode ser eliminada

sem destruir a propriedade. Esse é também o objetivo do som como arma, pois só causa paralisia ou insanidade temporária dos habitantes sem danificar as propriedades, e não haverá lugar onde se esconder.

G.N.H.: Os nossos inimigos vão desenvolver isto?
Não ao mesmo nível que os Estados Unidos. Quero agora falar dos "discos voadores". Dentro de pouco tempo, alguns meses, serão avistados muitos deles. Vão manter-se atentos ao desenrolar desta guerra. Devo admitir que estou muito feliz por estar fora do corpo físico.

H.P.F.: Talvez todos nos juntemos a si em breve, Professor Luntz!
Bem, não gostaria de ver isso, embora ficasse muito feliz por vos encontrar deste lado da vida; mas devo dizer que espero que fiquem no plano físico o máximo de tempo possível, pois quanto mais tempo ficarem, melhor será o vosso estado quando cá chegarem. Todos devem tentar ensinar a quem encontrarem que existe muito mais do que a vida física; que não há nada a temer na morte física; que todos encontrarão os seus entes queridos fora do corpo físico. Estas são coisas necessárias a ensinar. Vai tirar o medo da morte. Tentem ensinar isso claramente; sejam precisos nas palavras. (Consciência é consciência, independentemente do corpo em que estejam!)

A casa original de Han era o Alto Etérico, embora eu use a palavra "Alto" não necessariamente no sentido de estar acima de outra coisa, mas significando que é um estado de consciência pleno e completo. Toda a humanidade luta para regressar a esse estado. A morte não é o caminho.

H.P.F.: Quer dizer que temos de aprender a dominar o corpo físico?
Sim, devem primeiro dominar o físico, porque é feito de substância mental, é energia, e vocês, como indivíduos, estão a deitá-la fora voluntariamente, não por intenção, mas voluntariamente, quando o corpo passa pela morte e é enterrado. É necessário aprender a ser capaz de desintegrar e reduzir e levar consigo a substância de que esse corpo é feito. Não se diz que o corpo de Cristo nunca foi encontrado? "Os anjos vieram e removeram a pedra", sim, os anjos da mente virão e removerão a pedra da ignorância.

Porque é que os discos ou quaisquer fenómenos aéreos desse tipo parecem tão fantásticos e inacreditáveis? Toda a matéria veio desse estado, do estado da mente. A matéria pode ser feita para tomar forma de modo que chamariam espontâneo, espontâneo em relação ao tempo. Mesmo que seja só uma fração de segundo, ainda é tempo. Se alguém quer ter um milhão de dólares, ou um milhão de libras, tem de começar com um centavo ou dois. Portanto, se é uma ação que só leva um instante, um instante é eternidade, é infinito.

G.N.H.: Os discos vão ajudar-nos?
Sim, vão, pois as Democracias detêm a última luz na Terra; e asseguro-vos

que se isso se extinguir, será um dia longo e triste para a Terra. Já aconteceu antes, em Yu, Atlântida, em Mu, em todas as grandes civilizações. Assim que o homem constrói uma grande civilização, mantém o seu semelhante na escravidão. Uns poucos têm grande poder, os restantes são mantidos como escravos. Isto deve-se sobretudo ao facto de a taxa de natalidade num país se tornar demasiado elevada. Onde uma cidade ou civilização produz mais do que o necessário, sofrerá muito. Não diz a Bíblia: "No tempo de abundância haverá fome"?

H.P.F.: Mas essas almas não se juntaram por necessidade de reencarnação?

Essa é uma boa questão. Mas porque deveria a porta da matéria físico-química ficar aberta para aqueles do baixo astral que ainda nada aprenderam da vida para entrarem? E são esses que vão entrar, porque o seu desejo de vida física é maior.

G.N.H.: Pode aconselhar-nos se os familiares dos nossos amigos que estão na Alemanha Ocidental devem regressar a casa?

Sim, devem ser aconselhados a fazê-lo; não devem ficar mais de dois meses.

G.N.H.: Pergunto também se nos aconselha quanto à viagem de conferências a Seattle que estamos a pLaynear; devemos ir conforme pLayneado?

Sim, senhor, porque estão a fazer um bom trabalho lá, e portanto, o vosso tempo não está limitado. Estão a fazer o tipo de trabalho que deve continuar.

Professor Luntz (para H.P.F.): Agora, minha cara, sei o que estás a pensar!

H.P.F.: Sobre a minha família no Alasca.

Sim, é um sítio extremamente perigoso, mas então, o que não é?

P.B.: Não é em parte culpa nossa?

Mas, quanto à Europa, é uma civilização moribunda. Está nas últimas. A Índia, a China – a Índia, porém, tem uma oportunidade muito melhor de regressar ao grande estado que já foi do que a China. A China está irremediavelmente perdida.

Sim, senhor, completa indiferença ao sofrimento humano! Jogar à política com as almas dos homens!

G.N.H.: Política americana ou chinesa?

Ambas, senhor. Fui uma vez informado por General Stillwell, tive o prazer de o conhecer desde que chegou aqui. Chiang Kai Shek é, sem dúvida, um dos piores governantes que a China já teve.

P.B.: E quanto à Madame Chiang?
Ela é uma grande amante do luxo físico e conforto. Enquanto dorme entre lençóis de seda, milhões de pessoas inocentes, ia dizer "crianças", mas não direi, pessoas inocentes morrem nas ruas, não de má nutrição, mas de fome. O sofrimento nesse país é inacreditável, senhor, e os missionários jogam Rugby com essa miséria.

G.N.H.: A salvá-los para Jesus?
Sim, a salvá-los para Jesus! Admira que o homem Jesus tenha chorado? Amigos, estas palavras do Mestre Jesus resumem todo o seu ensinamento: "Amai-vos uns aos outros". Recordem essas palavras, "Amai-vos uns aos outros!" Agora tenho de ir. Boa noite.
O Professor Luntz retira-se.

* * *

14 de Setembro de 1950

Mark Probert

Presentes: Elizabeth Boddy, Lettye Erwin, O. Reynolds, Irene Probert, Harriett Foster

Primeiro Controlador – Antonio Alvino, antigo aluno de Enrico Caruso, canta "Dream" de Bartlett; seguido por

Segundo Controlador – Lingford, canta "Old County Down" e faz alguns comentários sobre os retratos desenhados que "O Rapaz" (Mark Probert) fez de membros do "Círculo Interno" conforme as semelhanças lhe eram impressas na consciência.

Lingford: Muito bem, embora ache que ele me favoreceu um pouco, fez-me parecer um pouco jovem, e acho que poderia pôr algumas rugas, para eu não parecer tão liso, etc. etc.

H.P.F.: Lingford, pode dizer-nos algo sobre a situação mundial? E quanto ao desastre da Costa Oeste que o grupo da Florida escreveu a dizer que foi previsto? Creio que o Professor Luntz disse que iria investigar isso.

Lingford: Sim, e acho que vou deixar o bom Professor Luntz responder ele próprio a isso.

Lingford retira-se.

Professor Luntz – Controlador

Professor Luntz: Eu sabia que ele ia escapar de alguma forma! Sabem, esse grupo na Florida são pessoas muito boas, muito bem-intencionadas. No entanto, não penso que o Dr. Layne devesse ter publicado esse artigo, essa carta. É demasiado daquilo a que os vossos jornais chamam um "artigo alarmista", e todos sabemos em que estado de medo o mundo está neste

momento. Sei que também falámos de desastres, mas tentámos evitar falar de prazos. Não serve de nada. Suponham que fogem, podem acabar por ir ao encontro de algo pior.

H.P.F. fala sobre a oferta de refúgio para a sede da BSRA vinda de JMF em Idaho.

Professor Luntz: Sinto, minha cara, que quando chegar o momento certo, diremos algo que vos dará tempo para partirem, se for necessário.

Agora, a maneira como observamos as coisas, no que diz respeito a terramotos, é que os éteres mostram uma linha de pressão vibratória sobre a Terra, e quando a pressão dos éteres faz com que essa linha suba e desça fortemente assim (fazendo o gesto com a mão), então sabemos que a Terra vai ter um forte abalo, podemos prever quando o salto mostra força suficiente. Quando, porém, o subir e descer é mais lento, sabemos que não será um terramoto grave para vocês. Quando cede, o éter e a terra cedem ao mesmo tempo, criando uma condição no ar que produz algo como ondas de calor. Talvez tenham reparado nisso logo após um terramoto...

Amigos, o vosso terramoto não é algo iminente, portanto não se preocupem. Há muitos anos que há pequenos sismos aqui ao longo da costa, não é? E vejam o Japão, as pessoas lá vivem há muitos, muitos anos calmamente sobre um pico de montanha que pode desaparecer debaixo delas a qualquer momento.

I.P. pede ajuda ao "Círculo Interno" para um membro do grupo que vai ser operada.

Professor Luntz: Já atendemos ao pedido dela e vamos fazer tudo o que pudermos para ajudar, tanto na coragem como na força, embora não ache que ela precise que a coragem lhe seja reforçada – é uma alma muito forte e corajosa, e sabemos bem pelo que já passou nos anos que viveu na Terra. Ela não precisa tanto do nosso apoio moral, mas precisa sim do nosso apoio físico, da nossa energia. Mas, amigos, se ela vier para cá, não fiquem tristes por isso. É a maior aventura que o ser humano tem pela frente!

H.P.F.: Talvez alguns de nós estejam demasiado ansiosos por isso; faz-nos relutar em ficar aqui.

Professor Luntz: Sim, não devemos pensar em sair de um plano até termos adquirido pelo menos conhecimento suficiente para manter o equilíbrio no plano seguinte; demasiado desejo de fugir do Plano Terrestre revela falta de estabilidade, uma espécie de fuga. Vamos todos, meus amigos, estar dispostos e contentes por aprender no plano de experiência em que nos encontramos.

E.B.: As pessoas que têm este tipo de conhecimento, como nós, beneficiam no próximo plano?

Professor Luntz: Sem dúvida, sim. Lembrem-se, em qualquer plano em que estejam, não estão a fazer nada mais que adquirir conhecimento. É como um grande sistema de ensino, em que a Terra pode ser considerada uma escola primária; e ao deixarem a Terra, passam para aquilo que se pode chamar o liceu, o primeiro plano além do físico. E se terminarem a escola primária sem batota, irão adaptar-se muito bem aqui; mas se fizeram batota, copiaram dos outros e tudo isso, talvez tenham de voltar em breve para fazer o que falharam antes.

Normalmente, o indivíduo passa pelos vários planos de consciência, muitas vezes levando a alma dezenas de milhares, até milhões de anos antes de regressar.

H.P.F.: Disse milhões de anos, Professor Luntz?

Professor Luntz: Sim, disse. Mas o tempo, claro, é apenas uma questão de consciência individual. E outros regressam em um dia, ou até em poucas horas. Em casos de nados-mortos, a alma pode encontrar outro corpo no mesmo dia.

H.P.F.: O nascimento morto é o resultado de falta de coragem para enfrentar o que espera no plano físico?

Professor Luntz: Não é falta de coragem, penso eu, mas incapacidade de completar o que foi iniciado, falta de controlo mental para levar o nascimento a um ponto concreto. Por causa de erros passados, não conseguiu segurar o corpo que construiu. Mas há muitos factores nesta questão, o carma dos dois pais, por exemplo, assim como o da alma que chega. É uma questão muito complexa, demasiado técnica para eu abordar neste momento com a energia que me resta. Vou agora retirar-me.

O Professor Luntz retira-se.

Controlador LAO TSE

Lao Tse: Estava longe, mas voltei porque quis clarificar esta situação; as mentes dos outros extravasam, e para nós que somos sensíveis, essas ondas servem de bloqueio. Verão, ao longo da experiência humana, que o homem é 90% mente, e por isso devemos aprender a governar as nossas atividades em conformidade. Agora quero dizer-vos que devemos, todos nós, fazer o possível para eliminar este complexo de medo que se está a instalar por todo o mundo. Atingiu a Índia e a China especialmente, e o terror aí é indescritível. Apareceu em muitos lugares e agora está a começar a surgir também no vosso país.

Vamos começar a falar só de coisas agradáveis; vamos procurar o maior crescimento, a maior beleza que está a chegar à terra. São os pensamentos, meus caros amigos, que estão a trazer estas infelicidades ao vosso planeta. A mente atua sobre os éteres, produzindo determinada condição, determinada vibração nos éteres e, se essa vibração é errada, trará infortúnio físico à terra.

O que tem o homem a perder em ser otimista? Seguramente, nada. O destino do homem está, como se diz, "no regaço dos Deuses", esse regaço sendo a mente do homem.

Sei que muitos grupos em todo o mundo recebem mensagens de desastre como as vossas, e são verdadeiras. Mas foram vocês que as iniciaram, e podem pará-las! Desde a chegada da bomba atómica, o homem tem acumulado tensões de medo nos éteres, cada vez maiores; e isso tem exercido pressão sobre o éter e, portanto, os vossos "éter-quakes". Os vossos cientistas parecem, em geral, não compreender a natureza destes sismos. Já dissemos antes que todos os terramotos são sempre acompanhados de abalos etéricos, pois é o éter que cede primeiro. As linhas de pressão sobre a terra quebram-se e mudam, formando novos padrões. No Tibete, há muitos meses, o terrível medo de que o rebanho comunista da China invadisse o país levou-os a fazer orações, mantras, para que os passos de montanha pudessem ser fechados a eles. E isto, ajudado pelo grande desejo do povo, provocou esse enorme abalo na vossa terra. Meus amigos, o que vier, vem para vos trazer conhecimento. Recebam-no com alegria e coragem.

Lao Tse retira-se.

26 de Outubro de 1950

Controlador **Yada Di Shi'ite**

Yada: Amigos, o vosso mundo está tão cheio de problemas que até a paciência seria posta à prova. O que deve ser feito? Sabem o quê? Nada. Não há nada que possam fazer. A vida é muito como um rio. Estamos na margem de um rio, e conseguimos ver nas suas águas claras até ao leito. De repente há uma confusão, um redemoinho; esse local fica turvo, agita-se muito. Mas se forem pacientes, logo volta a clarear. Assim é a vida.

Fazer algo é criar mais agitação. Esta é a atitude que os tibetanos adotaram nesta crise da invasão comunista. Nehru conferenciou com o Alto Lama de Lhasa, e foi-lhe dito para manter uma atitude de passividade. Foi isso que deu vitória à Índia, pelo esforço do nobilíssimo Mahatma, através do não agir. "Deixem-nos vir! Como os ventos, como as grandes tempestades que varrem aquela parte do país, tudo há de acalmar mais cedo

ou mais tarde. Não é a primeira vez que o Tibete foi invadido, ocupado por aquilo a que chamam um inimigo. Vieram e foram, e as condições no Tibete mantiveram-se as mesmas."

Resistir ao conflito por métodos ativos significa criar maior conflito. Se ao menos pudéssemos aprender isso! Se o compreendêssemos claramente, não teríamos problemas. Não é importante o que se passa cá fora (apontando para o espaço exterior); importa o que se passa aqui dentro (tocando o peito). Cá fora é sempre turbulência; cá dentro é quietude, céu. Sacrificam a vossa paz, o vosso céu, quando fazem esforço ativo para parar o que acontece cá fora.

O homem está sempre a lutar e sempre a queixar-se que tem dificuldades a superar; que o mundo deve encontrar a paz; que tem de haver alguma forma de utopia na terra. Na vossa expressão inglesa para tal ideia, estão apenas a perseguir um fogo-fátuo. Pois só quando o indivíduo cultivar o eu interior cessarão as guerras cá fora.

A formação de grupos pela paz significa o surgimento de mais guerra. Estranho, não é? Porquê? Principalmente porque cada membro do grupo tem a sua ideia especial e individual sobre o que é preciso fazer para alcançar a paz; e é provável que não demore muito até estarem a usar os punhos ou paus para imporem aquilo a que chamam "paz".

A vossa Bíblia cristã diz: "haverá guerras e rumores de guerra enquanto o mundo existir". Agora, todos os que dizem acreditar em tudo o que está escrito no vosso Livro Sagrado estão a fazer tudo para negar esse livro ao criarem um "Grupo da Paz".

A passividade é sempre uma arma muito afiada. Se o mundo tivesse deixado os chineses e os japoneses continuarem a sua própria guerra, provavelmente os japoneses teriam tomado a China. Seria isto mau? Não, porque não muito tempo depois todos os japoneses se teriam tornado chineses. Onde há sede de satisfações físicas, há cegueira da alma. Onde há cegueira da alma, o resultado é o cruzamento entre raças.

Yada: Agora, depois de os chineses terem absorvido o povo japonês, voltariam a ser todos chineses, portanto, quem teria motivos para se preocupar?

O maior problema convosco, do mundo ocidental, é pensarem que são a raça superior e, por isso, parece-vos repugnante pensar em cruzar-se com outra raça, mas é isso que acontece constantemente durante a guerra.

Yada retira-se.

21 de Dezembro de 1950

Mark Probert

Control Lo Sun Yat (15 pessoas presentes)

Lo Sun Yat: Amigos, venho até vós esta noite tentar falar-vos sobre as condições existentes na Índia, China, Rússia e, claro, no vosso próprio país. Tocar no assunto é tudo o que se pode fazer, pois toda a situação é tão vasta, tão confusa, que ninguém pode apontar aqui ou ali e dizer: "É aqui o problema!" É tudo uma massa desesperadamente emaranhada, desesperadamente confusa e cheia de nós. Acho que vocês, americanos, têm uma palavra para isso, uma expressão nova. A palavra é SNAFU. O que significa?

M.L.: Situação normal; tudo baralhado.

Lo Sun Yat: Sim; soa bem, por isso decidi usá-la. Como disse ao Rapaz ontem à noite, é imperativo que as forças dos Estados Unidos não sejam expulsas da Coreia. Isso levaria os chineses comunistas a tomarem também Formosa. Portanto, não podem ser expulsos da Coreia. Digo-vos que não o serão. Eles de facto mantêm uma pequena cabeça-de-praia e podem ter de a abandonar, mas continuarão a lutar e voltarão a ela.

É um sinal para todas as forças comunistas chinesas atacarem o vosso continente assim que tomarem a Coreia e Formosa. O povo chinês tem uma atitude psicológica estranha para o mundo ocidental. Se tiverem sucesso, especialmente contra países como o vosso, isso dar-lhes-á grande ânimo.

A Rússia vai prosseguir esta guerra, mas primeiro tentará fazer com que o povo americano esgote a sua mão-de-obra e reduza o vosso alto nível económico. A Sibéria é um arsenal, um grande e vasto arsenal. Que tolice a dos vossos homens em Washington pensarem que podem recuar e defender apenas o vosso país!

A Índia está à beira de uma revolta muito, muito sangrenta. O elemento comunista aí vai fomentar grandes problemas para manter a Índia ocupada consigo própria.

Os diversos países da Europa falharam em dar o apoio necessário para que os Estados Unidos pudessem prosseguir a guerra na Coreia, mas agora começam a ficar sinceramente preocupados, assustados, e vão agir mais rapidamente. Se falharem, toda a Europa será invadida pelos comunistas. Se isso acontecer, o governo russo terá todos esses países a lutar por ele. Então o vosso país teria pouca
hipótese de sobreviver.

Quando esta guerra entrar em pleno, todos os meios conhecidos de destruição serão usados – gás, guerra biológica, energia atómica, o poder do som, tudo! Será aquilo a que se chama uma "guerra do povo", ugh! Foi

fomentada para destruir o máximo possível da população masculina do mundo, para que uma nova população possa nascer e ser criada como escrava.

Já aconteceu antes. Isso significará para o mundo milhares de anos de impostos e miséria para lá de tudo aquilo em que hoje acreditam. Também não seria crime, nem contra a natureza, nem contra a moral, nem contra a ética, que as potências ocidentais usassem agora a energia atómica contra o meu país (China). Essas enormes multidões são seres vindos do baixo astral. Seria melhor livrar o mundo deles. Não têm iluminação, o que, claro, não é culpa deles. Não tiveram oportunidade.

A única hipótese do homem branco sobreviver é atacar agora com toda a força com energia atómica. Mas não sejam tolos ao ponto de lançar a primeira bomba atómica sobre a China; lancem-na sobre a Rússia, diretamente na Sibéria e atrás nos Montes Urais. Há aí uma grande fortaleza. Está bem escondida e grande parte dela está inteiramente subterrânea.

I.P.: Será difícil para os nossos pilotos encontrá-la.
Lo Sun Yat: Será difícil viver. Não falemos de dificuldades. Não sou militar. Nada sei sobre destruir o meu semelhante. Sei que há certos momentos na história do mundo em que certos seres em forma humana devem ser retirados da terra para o bem geral. Isto pode parecer duro; pode parecer brutal, mas achariam correto pôr um bebé entre uma matilha de lobos? A natureza do lobo é destruir para sobreviver.

M.L.: Foi-nos dito do vosso lado várias vezes que os seres etéricos interfeririam se tentássemos usar a bomba atómica.
Sim, mas isso agora já não é assim, pois veem o caos em que o homem se encontra. Podem retirar-se do raio de ação da vossa terra. Isto, por si só, será infelizmente prejudicial para os seres humanos, claro.

O homem possui duas naturezas, pode ser treinado para agir de modo harmonioso ou de modo demoníaco. O mundo decidiu seguir o caminho demoníaco. Este é o carma do mundo; é a consequência do carma da raça humana. Este será o tempo da colheita, da seleção dos que ficaram para trás.

Agora, meus amigos, não quero dizer que todos os que morrem, cujos corpos físicos são destruídos nesta grande tragédia terrena, devam ser assim classificados. Quando chegar de novo o momento, e as condições estiverem de novo estáveis na terra, aqueles seres humanos avançados que foram removidos durante este período caótico regressarão. Os outros não. Serão mantidos afastados da terra durante milhões de anos, até que toda a

memória de terem vivido num corpo terrestre seja apagada. Depois poderão regressar.

A Inglaterra está numa posição extremamente difícil. Fez certos acordos com a Rússia, e sente, não por consciência, mas por necessidade política, que deve cumpri-los. Mas não lhe será dada oportunidade de o fazer. Hong Kong cairá e os ingleses vão retirar-se.

A única e última esperança para o mundo será a destruição do comunismo na Rússia primeiro. Isto não poderá ser feito até limparem a terrível confusão que têm em Washington, pois há ligações entre Moscovo e Washington. Há ligações entre Inglaterra, Rússia, China e Washington. Se as pessoas do mundo soubessem apenas que estão a lutar contra aqueles que parecem seus amigos, seus protetores, seus líderes!

Eles não sabem que o estão a fazer; são levados a acreditar que lutam por aquilo a que chamam liberdade, democracia ou comunismo. Têm de arrancar muitos do vosso país que o estão a minar.

H.P.F.: Pode dar-nos alguma informação sobre quem são?

Apenas direi que alguns deles ocupam cargos de topo no vosso país. Não vivem só em Washington; muitos deles estão colocados em pontos estratégicos por todo o vosso país.

F.H.: Poderiam estar em postos militares de topo?

Podem.

F.H.: Poderiam conduzir os nossos homens para uma armadilha para os destruir?

Isso não aconteceu já em Itália? Mas não vou nomear ninguém; não podemos pôr este rapaz em risco.

L.P.: Parecemos tão impotentes. O que podemos fazer?

Têm aí, no vosso país, o F.B.I., e mesmo assim o crime espalha-se rapidamente. Só recentemente veio alguma coisa a público, mas não graças a esse departamento. O chefe desse departamento está ele próprio em terreno muito perigoso.

F.H.: E o seu primeiro assistente?

Talvez não devêssemos estar a contar-vos partes do que se passa; fazemo-lo apenas para vos esclarecer de que estas condições existem, para que possam tentar aprender mais.

V.M.: A Rússia tem forças tão grandes como as nossas?

Tem das melhores.

L.P.: E as armas de longo alcance?

Sim, têm, pois desde a queda da Alemanha têm tido alguns dos melhores cientistas alemães a ensiná-los como. Além disso, muitos dos vossos melhores cientistas e engenheiros também foram para lá de tempos

a tempos. Agora vão mostrar-vos como se comporta uma nação "civilizada"!

I.P.: Eles estão muito avançados no uso do som?

Não ao nível dos Estados Unidos, mas na guerra bacteriológica e nos segredos da energia atómica, que receberam de alguns dos vossos próprios cientistas. Parem para ver quem são essas pessoas e isso dará uma pista sobre o porquê.

F.H.: Quando haverá Conscrição Universal?

Cerca de dois meses depois do Natal.

I.P.: Quando serão fechadas as estradas?

Se vão mudar-se, é melhor fazê-lo em breve, muito em breve.

F.H.: Homens e mulheres dos 16 aos 60 anos serão recrutados?

Todos os que puderem fazer alguma coisa serão recrutados.

I.P.: Ainda é possível haver um grande conflito no Natal?

É. É possível que o Irão seja atacado nesse dia.

Meus amigos, tenho de ir. Sejamos calmos, sejamos fortes de coração, por favor. Rezemos para que as condições não fujam do controlo; que o vosso país consiga manter uma luz acesa. Tenhamos esperança. Boa noite.Lo Sun Yat retira-se.

4 de Setembro de 1957

Sena et Senaha, Ena Yada Di Shi Ite,

Estou muito satisfeito por vir falar-vos esta noite. Nós do Círculo estamos gratos pelo vosso interesse pessoal no estudo daquilo a que chamam Vida – a vossa vida, por terem a consciência que vos leva a procurar o conhecimento, o conhecimento do que são. É um estudo de máxima importância, pois sem sabermos o que somos estamos verdadeiramente perdidos. Reina "confusão" dentro de nós, pois não conseguimos compreender a vida exterior sem antes conhecermos a interior. A palavra é "Eu sou". Isto é algo muito difícil de captar de imediato, mas ao livrarem-se do medo aumentam as possibilidades de conhecer a verdade.

Se não o fizerem e começarem a procurar dentro de si mesmos, encontrarão muitas condições que vos assustarão e vos farão recuar para o mundo exterior, e deixarão de querer procurar mais. O poder eterno, o Eu cósmico, que é o "Eu sou", não pode ser conhecido sem grande reverência. Para começar, está escrito na vossa Bíblia cristã que ver Deus é morrer. E é mesmo assim, pois o vosso eu exterior, o eu-sonho, morre, e quanto mais o verdadeiro eu sobe à consciência, mais o mundo exterior morre, o mundo tal como o conhecem, ou pensam conhecer.

Falando agora do mundo exterior, chamam a este período a era atómica, e ela criou muito medo na raça humana. O leigo nada sabe sobre a natureza do átomo, mas os que o estudaram, os cientistas, os físicos, os químicos, os matemáticos, deixaram a natureza do átomo nas suas mãos. Histórias foram divulgadas ao público, à mente coletiva. Essas histórias são meias verdades e, à medida que passam pelas massas, tornam-se ainda mais distorcidas, de modo que a maioria de vocês acaba com uma imagem muito imperfeita tanto do átomo como do que os vossos cientistas estão a conseguir com ele em muitos campos, para além das armas de destruição. Naturalmente, essas histórias distorcidas criam ansiedade e medo. Mesmo assim, alguns dos vossos cientistas mais brilhantes não conhecem a verdadeira natureza, os verdadeiros poderes dessas quantidades evolutivas chamadas átomo, os blocos que criaram o mundo material, os pontos de nada que contêm poder cósmico.

Voltando atrás, vemos que quando os primeiros homens se afastaram das suas cavernas ou das árvores, os mais velhos gritavam contra essa natureza aventureira: "Voltem, há monstros e demónios para além desta árvore ou caverna." Os mais aventureiros tornaram-se pioneiros, mas tinham primeiro de superar os medos e tabus criados pelos "feiticeiros" da tribo antes de poderem declarar: "Não nos importam os vossos demónios, os vossos monstros, estejam lá ou não, nós vamos." Foram esses "ousados" que abriram caminhos e fizeram trilhos.

Os outros vieram atrás, timidamente ao início, duvidando e muitas vezes ainda a protestar contra os que desbravavam caminho: "É sacrilégio subir aquela montanha, os deuses trarão vingança sobre ti e sobre todos nós." E matavam muitos desses destemidos como hereges, para impedir os restantes de crescer, de avançar, de seguir em frente, e assim foi ao longo da história da raça humana na Terra.

Tabus geram medo e o medo paralisa-nos. Não nos conseguimos mexer, não ousamos mexer-nos. Nessa época alguém descobriu o pau. Aprenderam a moldá-lo e a agarrar com o polegar – o pequeno polegar, não parece muito, mas levou o homem muitos, muitos quilómetros para além dos dias das cavernas. Sabem, sem esse polegar o homem não teria avançado tanto, sem saber usá-lo. Progresso, crescimento, conhecimento, sabedoria, luz – alguma vez as massas estiveram preparadas para as coisas que lhes chegam? Não, são sempre os poucos, os líderes, que vão à frente, e devagar as massas seguem.

Por exemplo, quanto ao estar preparado: usemos o vosso automóvel. As massas estavam mentalmente preparadas para lidar com esses veículos motorizados? Aparentemente não, e a prova está no número sempre crescente de novos ocupantes nos vossos cemitérios. Não preparados – o que quero dizer com preparados? Quero dizer moralmente responsáveis – preparados para pensar, para raciocinar, para fazer as coisas porque é inteligente fazê-las, e não porque há uma possível recompensa nisso.

Todas as religiões baseiam-se em recompensas e castigos. Faço o que faço porque posso receber uma recompensa e não faço certas outras coisas porque seria castigado. Será isto pensamento humano? Meus amigos, ter consciência humana é uma grande honra. O homem não nasce humano. Ele é um animal, menos capaz do que os de quatro patas. Tem de aprender a ser humano, e isso implica pensar, inteligência, capacidade de julgar de forma racional.

O pequeno pau só podia matar alguns de cada vez. Agora têm um pau grande, chamado bomba atómica. Um matava a retalho, o outro a grosso.

Agora há um grande medo entre os povos da Terra, não de uma guerra atómica – isso, claro, sentem que está iminente em algum lado –, mas há um medo ainda maior, o medo do envenenamento por radiação produzido pelas explosões atómicas experimentais. Já dissemos no passado, não há muito tempo, que se nada for feito para impedir o uso de experiências atómicas, o vosso mundo terá apenas um ano antes de a atmosfera atingir um ponto sem retorno – a saturação. Agora, é muito ingénuo dizerem ao vosso governo para parar as experiências e tudo ficará bem. Todos os governos do mundo com poder para experimentar têm de parar imediatamente, caso contrário não servirá de nada.

Contudo, enquanto falamos deste tipo de radiação, o sol está a lançar sobre a vossa Terra 250 mil milhões de toneladas de energia por minuto. Sim, 250 mil milhões de toneladas de energia são projetadas sobre a Terra pelo sol a cada minuto. Então porque haveriam de se preocupar com um pouco mais, não é? Um pouco mais pode ser demais. É aquilo a que se chama, por vezes, “a palha que quebra as costas do camelo”. Em épocas passadas, raças de pessoas descobriram as radiações nocivas nas radiações cósmicas que aquecem a Terra. Foram viver para debaixo do solo. Desapareceram da superfície da Terra. Acho que, se revisitares a história do homem, verás que assim foi. Mas ao refugiar-se debaixo da terra, encontraram condições semelhantes, pois no subsolo há grande radiação

porque as camadas estão a degradar-se, os químicos estão a decompor-se. Tens o que se chama "atomie cechy".

Durante muitas gerações, essas pessoas viveram debaixo da Terra. Tornaram-se de várias cores – verde, por vezes vermelha, outras vezes de cor lívida, devido à radiação química. O que quero mostrar é que não há fuga à radiação, nem na Terra, nem em qualquer outro lugar do vosso sistema solar, sistema estelar, galáxia, pois o homem nasce da radiação; se não fosse pela radiação solar não haveria vida na Terra; por isso, falando fisicamente, são seres radiantes, seres de luz. Nós, do círculo, chamamo-nos "os Professores da Luz", significando professores do Sol; por isso adoramos o sol, o sol que nos dá toda a vida. Substâncias químicas na Terra nada poderiam fazer para produzir uma forma celular, nem sequer a mais baixa, unicelular, sem a ajuda do sol, da radiação desde o ultravioleta até ao infravermelho, abaixo e acima das bandas.

Pensem nisto, meus amigos, se têm medo da radiação. Esta forma física como se veem hoje é apenas uma das formas que tomaram ao longo das vastas eras, nos vossos trabalhos experimentais para permanecer na Terra. Vocês semearam-se aqui através da composição química e da radiação química. São responsáveis por tudo o que vos acontece. O medo não vos liberta dessa responsabilidade. As radiações da bomba atómica produzem o que se chama alterações genéticas em todos os corpos celulares. De que outra forma é possível a vida senão por várias perturbações nas células dos corpos vivos? Mas a grande questão é: estas alterações genéticas irão criar seres monstruosos?

Nos meus anos na Terra muitas vezes olhei para o meu refletor de cobre – não tínhamos espelhos de prata e vidro como vocês têm – e perguntava a mim mesmo: "Que espécie de monstro serei aos olhos dos outros?" O que quero dizer com monstro? Numa civilização, num sistema social, num grupo tribal, se alguém nasce com três olhos em vez de dois, é suspeito de ser um monstro, ou se tem três pernas em vez de duas. E quem disse que o homem teve sempre duas pernas? Em tempos usávamos as mãos juntamente com as pernas para correr. Os macacos fazem-no agora, e, embora não haja verdadeiros elos perdidos com corpos meio homem meio macaco, conheço muitos macacos humanos.

Quero dizer que a sua principal característica é imitarem os outros, não são eles próprios, não têm mente criativa. Se o líder do grupo disser "Buu", eles dizem "Buu". Não ser um homem-macaco é pensar por si próprio, raciocinar por si. Dizem de mim que sou um espírito. Suspeitam

que sou isso. Até agora ninguém conseguiu determinar a verdade. Digo que não sou um espírito. Sou uma consciência, uma consciência viva, tal como vocês. Penso por mim, por isso não me importo com o que os outros pensam quando tentam pensar por mim. E é isso que deviam fazer! Ninguém pode viver a vossa vida. Porque se preocupar com a radioatividade ou qualquer outra coisa negativa se podem fazer algo para corrigir um erro, façam-no, mas não se preocupem nem sofram por isso.

O homem moderno atingiu um alto grau de conhecimento mecânico, mas sabe quase nada sobre a mecânica do seu próprio corpo, e menos ainda sobre a sua mente. Fala-se muito entre vocês em ir para as estrelas, voar pelo sistema solar. É verdade, vão fazê-lo, porque esta é a era atómica, a era do poder gigantesco. Mas estarão prontos para ir para os vastos espaços em busca do conhecimento de outros corpos? O que há para encontrar nos espaços além de mais espaço? Descobrirão, meus amigos, que há outros seres como vocês nos muitos, muitos sistemas planetários da vossa própria galáxia – só na galáxia há milhões deles, e na maioria vivem seres muito parecidos convosco. Está o homem preparado para os encontrar, para partilhar o universo com eles? Será proveitoso para as mentes da humanidade da Terra? Será um encontro alegre, ou irá o homem da Terra lançar-se nos espaços com a sua ignorância sobre o poder atómico e usá-lo para destruir, para conquistar outros seres?

Falemos dos sentimentos morais e éticos dos seres do espaço ou seres de outros planetas. Estão preparados? Sabem mais sobre a vida do que o homem aqui na Terra? São menos agressivos? Isso, creio eu, é algo de que se devem preocupar nesta era. O homem levará as suas doenças do corpo e da mente para esses outros seres, e que doenças terão eles para vos dar? Porque sabem, meus amigos, das que têm agora, os vossos cientistas quase nada sabem sobre como as curar. Os vossos cientistas sabem como criar armas destrutivas das mais poderosas, mas não têm a mínima ideia do que fazer para muitas das vossas doenças mais mortais.

A era atómica não é melhor nem pior do que qualquer outra era em que o homem entrou. O que vocês chamam de seres do espaço, vindos à vossa terra, à vossa atmosfera, causaram grande confusão, não só à mente geral mas também a alguns dos mais inteligentes entre vocês, falando academicamente. Muitos dos vossos grandes psicólogos, físicos, e outros de áreas superiores do saber fizeram figura de tolos com o que disseram acerca desses seres do espaço. Aquilo que os líderes não conseguem explicar tentam descartar. Se não encaixa no padrão que vos deram, dizem

que não existe – não lhes prestem atenção e eles desaparecem. Mas sabem, meus amigos, uma vez que provamos a verdade, teremos fome dela para sempre.

Às vezes é preciso grande sofrimento para nos levar à procura ativa. Porque tememos o novo conhecimento mais do que a dor. Por isso precisamos de grande dor. "Já não aguento mais, vou começar a agir. Nunca me mexi antes. Não sei como é. Nunca me foi permitido antes porque os líderes, os professores à minha volta, os sábios, os profetas, todos dizem que é assim ou assado, então mexo-me como um zombie."

Este homem levanta-se e faz um grande protesto? Não. Estuda. Investiga por si próprio. Não dês atenção aos Nãos ou aos Sims, porque há muitos que dizem sim e não sem saber porque o dizem.

Estes seres a que chamam discos voadores não são seres planetários, são seres do espaço, habitantes do espaço interior. Podem pensar neles, se quiserem, como seres de quarta dimensão. Eles não se deslocam pelo espaço de um corpo para outro como vos ensinaram sobre o voo no espaço ou aeronáutica. Conhecem a palavra teletransporte? Se compreendem essa palavra perceberão quase instantaneamente o que está a acontecer. Para quem não conhece a palavra teletransporte, vou tentar explicar o que quero dizer.

Parece que duvido da vossa inteligência, mas não é isso, só que alguns não percebem a ideia, por isso vou tentar explicar. O problema das explicações, meus amigos, é que precisamos de outra explicação para explicar a explicação, não é?
Hoje, no vosso mundo, têm televisão, onde projetam energia, projetam a energia de uma forma – percebem o que quero dizer com eletrónica? Estão a usar energia, certo? Isto é transferência de energia. Agora, há uma maneira de transferir matéria; em vez de linhas de força, haverá projeção da matéria em si, da forma inteira. Um indivíduo será colocado numa cápsula e o próprio corpo será levado a um lugar distante, fará o que tem a fazer, e será projetado de volta, se quiser regressar.

A transferência de matéria – pois o que é a matéria, senão energia? Ainda não sabem reverter essa transferência, sobretudo porque acreditam – os cientistas não acreditam, mas o leigo acredita – que o corpo é algo chamado sólido e que nada pode ser feito com ele, a não ser movê-lo da forma "natural" como conhecem.
Isto implica uma decomposição do corpo material, esta transferência de matéria através de matéria? Não. Não é uma decomposição. É uma

alteração na frequência vibratória da estrutura atómica, das partículas atómicas, se lhes quiserem chamar partículas – mas os átomos não são partículas, isso é outra conversa.
Como se move matéria através de matéria por mudança de frequência dos blocos atómicos. É isso. Agora quero parar um minuto porque sinto algumas mentes a tentarem compreender, a querer perguntar, talvez pedir-me para esclarecer o que digo.

MRS PROBERT: Querem que o Yada esclareça o que está a dizer?
AUDITÓRIO: Sim, Yada.

YADA: Dois pedaços de matéria podem ocupar o mesmo espaço mas não ao mesmo tempo, é assim? Quero ouvir concordância ou discordância de alguns de vocês que sabem destas coisas.

AUDITÓRIO: Podem, se vibrarem a taxas diferentes, não podem?

YADA: É isso que estou a dizer. Sim, senhor. Se se moverem a diferentes frequências, podem ocupar o mesmo espaço, porque nunca estarão onde o outro está, ao mesmo tempo. Assim, isto permite que a matéria se mova através de matéria. Nada o impede. O movimento pode ser tão bem cronometrado em infinitas frações de segundo, mas não importa o quão divididos sejam esses instantes, não se tocam, continuam sem se cruzar. Está perfeito para que passem um pelo outro. Além disso, quando percebemos que um átomo não é de modo algum sólido, nem mesmo aquilo a que chamam o núcleo. É tão instável como um raio de sol, e é disso que o vosso corpo é feito, por isso o vosso corpo pode ser transportado para qualquer ponto do espaço. Muitas pessoas da Terra, meus amigos, e penso que se se derem ao trabalho de procurar verão que isto é verdade, foram removidas da vossa Terra, foram transportadas por vastos espaços para outros corpos planetários fora do vosso sistema solar.

Não conseguirão descobrir se foram para outros corpos no espaço, mas verão que desapareceram, e muitos pensam, ou tentam pensar, em alguns casos instantaneamente, que essas pessoas entraram no que se chama um vórtice atómico. Já ouviram falar disso? Não foi isso que aconteceu. Foram usadas forças sobre elas para alterar a frequência do seu corpo atómico, movendo-as para uma frequência diferente, assim mudando-as para outro ponto no espaço que pode estar a muitos anos-luz da Terra.

Há muito que não se sabe sobre as leis do movimento; uma delas é que, com determinada mudança de frequência de uma partícula de matéria,

essa matéria é projetada para outra dimensão do tempo. Essa dimensão do tempo pode ser também um novo local. Os discos voadores quando desaparecem nem sempre desaparecem para um ponto chamado distância, desaparecem para outro quadro temporal. Percebem? Outro quadro temporal. Agora, não me interessa se acreditam nisto ou não. Não me afeta em nada, porque não posso viver a vossa vida, nem vocês a minha.

A vida é uma coisa individual, por isso porque haveriam de se preocupar com o que outra pessoa pensa. O que importa é descobrir a verdade de uma coisa por si próprios, isso é tudo. Se conseguirem isso e talvez descobrirem um tipo de verdade que prova que o que outra pessoa diz não é assim, para quê voltarem atrás e discutir com ela? Ganham alguma coisa, aumenta o vosso conhecimento? Não, só diminui a vossa capacidade de viver mais tempo, porque estarão a trabalhar sobre o vosso eu emocional, e isso gasta energia, e a existência é possível pelas leis da conservação de energia.

Se querem livrar-se do vosso inimigo, amem-no! Meus amigos, não estou a inventar uma afirmação nova ou negativa. Não é conversa tola dizer "ama quem te magoa", é científico, porque o vosso amor por ele impede que ele vos faça mal. O ódio dá-lhe energia e ele faz dela uma bala e atira-a contra vocês.

MRS PROBERT: Ao odiar uma pessoa está a prostituir a sua própria energia.

YADA: Certamente. Também estão a transferir energia vital para essa pessoa para que ela a projete de volta contra vocês, com as suas próprias emoções. Fortaleçam o vosso poder com amor. O amor é mais forte, mais dinâmico, que qualquer energia atómica. Senhora, queria dizer algo?

SENHORA: Estava a pensar, mas ainda não o disse, no papel dos grandes mestres religiosos nisto de que está a falar – parece-se com a filosofia cristã de "Ama o teu inimigo".

YADA: Senhora, se recuar até à história antiga do homem na Terra, verá que o ensinamento do amor é tão antigo quanto o próprio homem. O cristianismo adotou-o; ou seja, a Igreja ou os Templos adotaram-no, mas o lado místico do cristianismo sempre o soube. Era repetido pelo sistema sacerdotal de todas as religiões, mas não era ensinado. Ensinar uma coisa é conhecê-la, e vivê-la, e os vossos mestres hoje nos templos – e não falo só dos templos cristãos, mas de todos – falam, falam, falam de amor e depois todos, alunos e professores, vão para casa e vivem tudo menos amor.

Porquê? Porque ainda não aprenderam que o amor não é uma coisa emocional, o amor é uma força material muito definida. No mundo da ciência tem outro nome. Chama-se magnetismo.

Existe entre forças positivas e negativas. É uma troca entre si, sabendo que por esse movimento harmonioso continuam a existir, e no momento em que saem disso, tornam-se outra coisa em vez de si mesmos. Isso é o amor. Veem que a própria vida está sempre a ajustar-se e reajustar-se com o corpo para manter a sua identidade. É isto que se pode chamar a psicologia do átomo. Ele não quer ser nada, teme o nada, por isso está sempre a saltar, a ajustar-se para manter a identidade. Assim é o homem em muitas das suas ações. Ele diz, "sou uma personalidade". Estranho, não é? Será a personalidade uma coisa singular? Para o homem é.

No entanto, uma personalidade é simplesmente um conjunto de experiências, experiências que afetaram este indivíduo de uma forma e outro de outra, afetando-os por dentro e por fora, criando aquilo a que se chama personalidade. Conheço muitas personalidades. Algumas reagem a certos sabores de uma maneira que eu nunca reagiria, ou a um cheiro, ou ao ver algo, ou ao ouvir certos sons contra os quais me revoltaria ou que adoraria. Essa é a natureza de algo chamado a minha personalidade, e está sempre a mudar. Só mudando é possível ajustar-se e manter identidade. Eu sou eu mesmo. Eu sou. E é isso que toda a vida clama. Eu sou aquilo que sou. Eu sou a realidade. Tudo o clama!

Vou falar um momento sobre aquilo a que chamam a morte e o nascimento do homem. Como é que o homem pode morrer e nascer...

MRS PROBERT: Como é que morre primeiro antes de nascer?

YADA: Sim. Ele não morre em corpo, não morre em mente. A matéria não pode morrer. A matéria muda mas não sofre aniquilação e esse é o significado da palavra morrer. Não perece, e se o corpo de matéria não morre como pode aquilo que motiva a matéria, chamado mente, morrer? Não é possível, meus amigos. Morte é nascimento. Aquilo em nós que morre chama-se "ignorância". O nascimento é a Verdade e só pode nascer em nós à medida que a ignorância morre. O homem está a avançar; e à medida que alcança uma melhor forma de pensar e agir, o velho em si vai morrendo. E como os pensamentos são realmente a nossa natureza, isso significa que um pouco de nós morre e um pouco nasce.

A morte – oh, temo-a, pois projeta a ideia de perder a minha identidade, pois sou o meu corpo. Estas emoções cá dentro, não vou mais

poder expressá-las sem corpo, e aprendi a amar esses desejos, a apreciá-los, fascinam-me, tornaram-se a minha vida. Criei padrões de hábito aos quais me habituei e não quero perder! Mas, estranhamente, meus amigos, todos os dias largamos um ou outro hábito, aqueles que pensávamos não conseguir largar não só agora os deixamos ir, como até nos perguntamos o que alguma vez vimos neles, eram fascinantes como um brinquedo para uma criança – não tires o brinquedo à criança, ela lutará por ele e lutará contra si mesma e destruir-se-á se estiver muito apegada a esse brinquedo. Dá-lhe oportunidade de descobrir o desvalor do brinquedo por si mesma. Deixa-a largar de livre vontade, e nunca voltará atrás, mas se lho tiras à força nunca o superará.

Porque me preocupo com isto ou aquilo? O que ganho eu em preocupar-me? Vai mudar alguma coisa? Preciso de saber estas coisas se quero crescer, se quero renascer, se quero ter um verdadeiro nascimento. A importância do que acontece "cá fora" está apenas na minha atitude e não nas coisas que acontecem.
O sistema social instituiu certas leis que não se podem quebrar sem, em alguns casos, consequências muito dolorosas. No entanto, ainda assim, podemos elevar-nos acima dessas condições, adotando atitudes inteligentes perante o que está a acontecer. Talvez, neste momento, seja necessário cumprir certos tipos de ação.

Muito bem, então façamo-lo, em vez de lutar. Dizes: "Não sei o que fazer, só sei preocupar-me!" Se é isso que queres fazer, se tiras algum gozo da preocupação – preocupa-te! Mas faz isso bem, sim, faz mesmo à séria. Todos os dias põe o relógio numa hora certa e diz: "Vou passar um minuto inteiro", ou uma hora se quiseres, ou a tarde toda, ou a manhã, ou a noite toda, conforme o caso, mas reserva um tempo para te preocupares e concentra-te nisso. Pensa em todas as coisas negativas relacionadas com essa dificuldade em que te encontras, em como é impossível fazer alguma coisa a respeito – sim.

Sabem, meus amigos, o que acontecerá se viverem isso até ao fim? Vão-se aborrecer tanto que acabarão por largar. Vão parar automaticamente. Vão perceber que não há nada ali.

A questão é: posso eu fazer alguma coisa sobre uma situação, agora? Posso? Olho e vejo ambos os lados do livro, o que diz que posso fazer. Isto diz-me que posso fazer certas coisas, só tantas. Muito bem, vejo e ajo em conformidade. Hoje posso fazer algo sobre isto. Vou fazê-lo até ao máximo das minhas capacidades, e é aí que deixo – deixo por ali. Se descobrir que

não posso fazer nada, que nada há a fazer, onde está a minha inteligência como ser humano ao tentar fazer alguma coisa?

Querem nascer? Basta saber pensar. Saber raciocinar, que é aquilo que têm capacidade para fazer – é para isso que serve a cabeça! Mas entramos em pânico: "Não, tenho medo, fui ensinado, fui condicionado, a temer esta situação. Nem sequer me atrevo a olhar para ela! É mau. Foi o que os meus professores disseram, foi o que disseram os feiticeiros, foi o que disseram os polícias, foi o que disseram os padres, foi o que disseram os professores e as autoridades (autoproclamadas, claro), por isso estou preso". É melhor preocupar-me.

Serei eu renascido no mundo físico depois de o deixar? Haverá renascimento? Se existe um tipo de renascimento, ou recorrência, digamos, de qualquer coisa, então existe uma grande variedade de recorrências. Só a lei do acaso já te dirá isso. A lei da mudança cria sempre mais do que uma coisa só. Olhamos à nossa volta e vemos a vida das plantas a ir e vir, a vida dos insetos a ir e vir, a vida dos peixes, das aves…

O que há de errado com o homem? Surge a questão: se esta ave, digamos, o abutre – ninguém gosta de abutres, são criaturas de aspeto muito negativo; mas os abutres têm o seu lugar, e se nos preocuparmos com o aspeto de uma coisa, nada se fará. Os abutres não poderiam comer os mortos, porque os mortos não são muito apetitosos, mas os abutres não foram feitos para se apetecerem com nada, comem porque têm fome e carne é o seu alimento. São aves necrófagas.
Será este abutre específico, que agora está à minha frente a comer o corpo da minha bisavó, vai nascer de novo? Meu amigo, ele tem uma força vital em si tal como tu.

Olho para o pequeno ácaro, conheces o ácaro, não é? Esta coisinha minúscula – e há coisas muito, muito menores que têm interior. Estranho, não? O que pode ter feito tal estrutura? O mesmo que fez a maior estrutura. Aponto para cima e digo Deus? Não sei o que significa Deus. Só conheço a inteligência – a luz –, mas dar um nome a uma coisa não faz dela aquilo que é. Este é um dos erros fatais do homem na sua investigação sobre a natureza da vida: que "uma coisa é aquilo que se chama".

Há algo a que vou chamar por agora inteligência, que opera neste "ácaro". É a mesma inteligência no teu eu e no meu. Onde está, então, a diferença entre ácaro e homem? A resposta está "na forma" – a forma impõe limitações drásticas à inteligência em todas as "coisas". A barata –

conheces a barata? Uma barata é uma barata pela forma, não pela vida, não pela inteligência dentro dela. A inteligência dentro da barata é cósmica.

A inteligência dentro de um micróbio é cósmica.
Pensem nisto, meus amigos, pois depois de muitos milhões e milhões de anos, através do que se chama agregação de substâncias químicas, construindo o que se chama estrutura celular, muito complicada, muito complexa, chamada ser humano – o pensador – … Como eu dizia, quando vivia na Terra, olhava para o meu prato de cobre polido e dizia ao meu reflexo: "Yada, és inteligente, és um pensador?" E uma voz respondia-me: "espera e vê, espera". Por outras palavras, tens de aprender a pensar para saber se és pensador, e isso leva tempo.

Digo-vos, embora alguns aqui possam rejeitar a teoria – e espero que o façam –, o homem nasce de novo no mundo físico. A sua capacidade de pensar, de raciocinar, de causa para efeito, distingue-o de todas as outras coisas na criação. Pode raciocinar-se de um mundo para outro.

HOMEM: Está a afirmar que isso é apenas uma teoria?

YADA: Renascimento?

HOMEM: Sim.

YADA: Senhor, sim e não. Sim, porque quero deixar que se convença, e encontre as suas próprias convicções sobre isso, durante o seu estudo para conhecer a vida, e sim porque já sei que é um facto. Veja, não gosto de tirar das suas mãos, meu amigo, o que é justamente seu, que é encontrar a verdade por si, e se lhe disser que assim é, e se tiver dentro de si essa condição que o faz idolatrar uma personalidade, não vai ouvir o que digo. Vai ficar preso à minha personalidade e assim perder não só a sua própria personalidade mas também a sua inteligência!

HOMEM: Continuo confuso. Não sei como encontrar a verdade sobre isso. Tentei, mas as provas ou informações, segundo as autoridades, são controversas ou contraditórias, por isso não sei em quem acreditar.

YADA: Bem, escute, por favor, vejamos assim. Vou pintar-lhe um quadro desta forma e depois diga-me o que acha, se continua a ser para si uma teoria ou não, ou se acha que deve haver controvérsia sobre isso. O que é a vida? Vida é consciência.

HOMEM: A vida é uma substância, não?

YADA: Sim. Mas a sua natureza substancial é a consciência. Não é algo separado da consciência. É uma espécie de suposição da mente criativa. Faço-me entender quando digo, meus amigos, que a matéria é uma espécie de suposição da mente criativa? Pois só através desse tipo de suposição se pode ter um mundo exterior. Pintemos de outro modo, por favor: vou dormir e entro no que chamam o estado de sonho. Agora a minha mente criativa está a supor condições – por supor, quero dizer criar condições. Condições em que vou aprender algo, sim, no sonho. O sonho parece-me real, é minha criação. Agora, por favor, à medida que avanço, se quiser negar o que digo ou objetar, faça-o, sim?

Aqui, no meu mundo de sonho, encontro a minha realidade. Parece real. Nada sei do mundo exterior em que o meu corpo está. Estou conscientemente cortado dele. A minha consciência foi deslocada. O meu estado de consciência passou deste sonho externo para o sonho interno. Não fui a lado nenhum, porque não há lugar para ir na mente senão mente.

Então encontro alguém no mundo dos sonhos e discutimos sobre sobrevivência e renascimento. Agora, não posso dizer a essa pessoa no sonho que estou a sonhar e por isso sei que nada disto é real, que nada do sonho é real, que deveria acordar, porque não sei nada sobre aquilo para que acordaria, por isso é real.

Portanto, estamos a falar de morte e renascimento, e ele pergunta-me: "Vais renascer?" Achas que esse homem voltará a este mundo? Ambos acreditamos que é um mundo, não achamos que seja sonho. Suponhamos que tenho muita experiência em sonhar conscientemente. Sei que há um mundo fora, sei que há algo para acordar, mas ele não sabe, ainda não chegou a esse ponto de compreensão do que se passa.

Posso dizer-lhe: "Sim, vamos renascer" neste sonho, mas não lhe chamo sonho, uso os pensamentos e palavras dele: "Sim, vamos renascer neste mundo."
E ele pergunta-me: "Como sabes?"
E eu digo-lhe: "Pela experiência."
E ele diz-me: "Prova-o."
E eu respondo: "Não posso."
E ele: "Porquê?"

E eu dir-lhe-ei: "Porque é o teu sonho, não o meu", porque quando eu acordar estarei consciente de que sonhei e acordei. Quando tu acordares não terás consciência de ter sonhado, portanto não terás consciência deste mundo em que agora vives.

HOMEM: Mas isso ainda não significa que ele não passe pela mesma experiência, apenas que não tem consciência dela.

YADA: Exatamente. Ele não tem consciência disso, e é só isso.

HOMEM: Acho que percebo o ponto que apresentou, e se entendi, gostava de explicar. Quer dizer que chega um momento na vida de cada um em que se atinge esse estado de realidade, em que se conhecem ambos os lados da existência.

YADA: Sim.

HOMEM: Li bastante sobre provas, supostas provas, da quarta dimensão, ou do outro lado da vida, como se queira chamar, que dizem isso, ou que não conseguem corroborar, mas também não refutam realmente.

O que me intrigava era que, no mesmo lado da vida, onde se supõe haver melhores meios de conhecer a verdade do que nós, mesmo assim não conseguem concordar; mas a sua explicação talvez explique isso, porque do outro lado alguns provavelmente ainda não atingiram esse estado de expansão de consciência em ambos os lados. É essa a resposta?

YADA: Sim, é isso. Vê, eles estão no seu próprio sonho.

HOMEM: Por outras palavras, simplesmente ainda não atingiram esse estado de desenvolvimento em que possam ter consciência dos dois lados.

YADA: Certo.

HOMEM: Chamado o estado real e o estado de sonho. Está bem, isso esclarece muito o problema. Muito obrigado.

YADA: Sim, é isso, e ainda é mais – deixe-me só acrescentar mais um ponto, se me permitem, interessam-se por este tema?

AUDITÓRIO: Sim, muito.

YADA: Porque é deveras um tema importante, importante para cada um de vocês como para mim também. Agora, ao entrar no chamado estado de morte é muito parecido com entrar no vosso próprio estado de sonho pessoal. Podem não encontrar o vosso pai, mãe, irmã, irmão, avó, bisavó, amigo, ou qualquer pessoa que alguma vez conheceram. Durante um período de tempo podem simplesmente criar o vosso mundo a partir dos vossos próprios desejos e viverão, durante um certo período, nesse tipo de mundo pessoal. Terão as pessoas que querem convosco e imporão os

vossos desejos sobre elas como quiserem, e elas ficarão muito felizes por os aceitar porque, no fundo, são parte de vós. Veem aonde quero chegar, meus amigos? Pensem nisto.

É por isso que há muitas pessoas que ainda não saíram desse sonho, aquilo a que chamo o estado pós-morte. Ainda não saíram dele e, por isso, quando são chamadas de volta demasiado depressa, começam a dar esses pensamentos de sonho que são muito vagos, e repetem-nos, e nunca dizem muito mais do que isso. Encontram-nos em muitas salas de sessões espíritas. Ficam inconscientemente presos ao poder magnético não só da personalidade do médium, mas de todas as pessoas do círculo. São como num redemoinho de água. Andam às voltas, às voltas, e em breve chegam ao centro e descem para a sala de sessão. Depois, quando são libertados pelas mentes das pessoas, voltam ao seu sonho pelo tempo que tiverem de passar nesse sonho.

Por isso é que tantas pessoas que cometeram suicídio o repetem vezes sem conta, por períodos de tempo incalculáveis, por vezes durante séculos, mas veem, séculos para essa mente não existem. O tempo não existe para elas. Vivem apenas no ato. Não sentem descontentamento, nem infelicidade exterior, nem capacidade de desejar outra coisa porque não têm forma de pensar de outro modo. Estão hipnoticamente presas aos seus atos. Talvez esteja a pintar um quadro terrível da vida de um suicida, mas nem sempre é assim com os suicidas. Depende da natureza do indivíduo, do sentimento que tenha pela vida, do porquê de terem tirado a própria vida e do quanto de sentimento de culpa levaram consigo após o ato. Quero, por favor, retirar-me por um pouco.

Talvez um dos meus colegas ocupe o meu lugar, e se forem pacientes ele falará convosco um pouco mais. Meus amigos, sintam-se à vontade para falar connosco e, se não formos claros, por favor digam, ajudem-nos a ser claros. Dêem-me a honra de me permitirem retirar. Fico muito feliz por ter estado aqui.

Meus amigos, sou o Professor Alfred Luntz, antigo clérigo da Alta Igreja Episcopal de Inglaterra, não da Baixa Igreja.

MRS PROBERT: Oh, da alta, é, Professor?

PROF. LUNTZ: Sim.

MRS PROBERT: Isso dá-lhe mais prestígio.

PROF. LUNTZ: Bastante.

MRS PROBERT: E a sua auréola é grande, também.

PROF. LUNTZ: Exatamente, e o Senhor tinha um lugar melhor à Sua direita para mim. Ele tinha, mas eu não consegui encontrá-lo. Um clérigo sem céu. Que horror, não? Estamos num hotel, minha cara?

MRS PROBERT: Sim, estamos cá em baixo no Grant Hotel, e está um pouco calor. Estamos na parte inferior do edifício e não há muita ventilação a não ser que se abram as portas.

PROF. LUNTZ: Bem, não vou prolongar muito mais, para vos dar oportunidade de sair desta sala fantasmagórica. Um pouco assombrada, não?

MRS PROBERT: Oh, não, não é uma sala assombrada, é uma sala muito agradável.

PROF. LUNTZ: Senhor, é muito bom vê-lo de novo, como se sente, senhor?

HOMEM: Bem, senhor.

PROF. LUNTZ: Excelente. E o seu trabalho?

HOMEM: Maravilhoso.

PROF. LUNTZ: Perdeu algum peso, não perdeu?

HOMEM: Oh, só um pouco.

PROF. LUNTZ: Bem, isso é melhor do que nada, não?

HOMEM: Tem razão.

PROF. LUNTZ: Está com bom aspeto, e fico feliz por ouvir que tudo está a correr bem consigo, senhor. Está de volta à cidade, não?

HOMEM: Sim, estou de volta. Não é a minha cidade, mas estou aqui outra vez.

PROF. LUNTZ: Bem, é bom tê-lo cá. E a Sra. Joseph? Dê-lhe os meus cumprimentos, sim?

HOMEM: Claro que sim.

PROF. LUNTZ: Obrigado, senhor, e a todos vós, meus amigos, o meu amor – o meu amor. Agora não vou fazer nenhum discurso. Gostava de ouvir um de vós e discutiremos o tema que quiserem, da forma que desejarem,

MRS PROBERT: Professor, temos aqui esta noite um Dr. Livingston. Ele estava a falar comigo e sugeriu algo que gostaria que ele próprio lhe perguntasse. Doutor, quer falar com o professor...

DR LIVINGSTON: Antes, gostaria de lhe perguntar quando viveu e onde, e saber mais sobre si.

PROF. LUNTZ: Bem, senhor, deixei o mundo físico em 1893. Nasci em 1812. Havia uma guerra na altura, e parece que ainda continua. Os meus pais eram alemães e ingleses. O meu pai era advogado, tinha escritório em Hanover, Alemanha. A minha mãe era inglesa, claro, do norte

de Londres. Ainda tenho família a viver em Inglaterra, por isso sou um pouco reservado em falar demasiado de mim. Não gostaria que nada sobre mim lhes chegasse e os perturbasse de alguma maneira. Quanto aos anos que vivi na Terra, passei cerca de cinquenta deles como clérigo da Alta Igreja Episcopal de Inglaterra. Há tantos outros temas bem mais interessantes do que a minha vida, a minha personalidade ou eu enquanto personalidade. Na verdade, não é o que uma personalidade é, ou melhor, quem uma personalidade é, que importa na nossa comunicação, seja entre dois seres vivos no corpo, seja entre seres de mundos diferentes. O que importa é o que é dito.

A natureza do ser humano é tão peculiar. Está cheia de tantos preconceitos e medos que torna a comunicação extremamente difícil. Quando começamos a falar sobre a natureza de uma personalidade – vou dar-lhe um exemplo, é muito comum no vosso mundo hoje, a distinção de peles, de cor. Está a haver uma grande confusão no vosso país, hoje, entre brancos e pessoas de cor. Se devem ser forçados a conviver, ou se devem vir a conviver naturalmente, a seu tempo, por si mesmos, pelas suas próprias necessidades e desejos de companhia uns dos outros, de forma inteligente, ou serem forçados emocionalmente, agindo então juntos emocionalmente. Preferia ver a primeira forma, senhor, mas vejamos um cenário possível:

Digamos que há aqui uma parede, uma divisão, e dois homens são convidados a sentar-se cada um de um lado da parede e a conversar. A conversa corre maravilhosamente, até ficam muito atraídos um pelo outro pelo que têm para dizer. Os pensamentos, as ideias, os sentimentos, comunicam-se através da parede. Cada um pensa: "Gostava mesmo de conhecer esta pessoa em pessoa." Chegam mesmo a desenvolver grande respeito, grande consideração, grande carinho um pelo outro. Depois a parede cai ou é removida e veem a pele. Preconceito – a minha mãe disse, a minha bisavó disse, que pele escura não sabe tanto como pele branca, ou vice-versa, dependendo do ambiente, dos pais e avós, e assim nasce uma guerra, nasce o ódio onde antes havia grande amor e respeito.

Os vossos esforços para juntar as duas raças, da forma como o estão a fazer, são simplesmente estúpidos! Forçam as pessoas a fazer coisas e elas odeiam fazê-las. As pessoas de cor não têm maior alegria em misturar-se com os brancos do que os brancos dizem ter pelas pessoas de cor. Mas o vosso governo quer forçar a situação. Em tempos antigos, a escravatura do povo comum não era nada para o cristão. Alguns dos maiores cristãos, assim chamados, tinham escravos, negociavam em escravos. Hoje, o homem branco não sabe o que fazer quanto às pessoas de cor, mas são

responsabilidade dele, pois foi ele que as tirou das suas casas, da sua origem, e as trouxe para aqui para os seus desejos e propósitos. O homem branco deve muito sangue e sofrimento às pessoas de cor, mas não se pode resolver isso à força.

As pessoas de cor têm de decidir de forma inteligente se querem misturar-se com os brancos, tanto quanto os brancos querem misturar-se com eles. Estou certo de que, se fosse feito assim, haveria mais amor gerado entre os dois povos do que haverá da forma como está a ser feito agora.

O que sou eu, um inglês – nasci ou fui criado, como quiserem, num pedaço de lama chamado Inglaterra, e vocês nasceram aqui noutro pedaço de lama chamado América. Agora, só porque sou algo chamado inglês e vocês algo chamado americanos, devemos olhar um para o outro com desconfiança. Isto não é pensamento humano, isto é estupidez. Não sou inglês, vocês não são americanos, somos seres humanos. O negro não é negro, o branco não é branco, são seres humanos, acima de tudo.

Pensem nisto, meus amigos – no vosso mundo cristão. Eu próprio não pensava assim quando vivia no mundo físico, como clérigo, tinha os meus preconceitos. Foi uma das razões por que não consegui comunicar de novo com o mundo físico durante alguns anos depois de o ter deixado. Cortei uma das entradas de novo ao mundo físico: o médium. Ensinava que o médium era mau, que a necromancia devia ser punida, até com morte se necessário. Não dizia Paulo "Não permitas que uma bruxa viva"? Mas uma bruxa é um ser humano. Infelizmente, não reconheceram isso em Salem há uns anos, nem em muitas partes do mundo, já agora. Bruxa, negro, branco, americano, japonês, alemão – como nos cortamos em pedaços, como nos dividimos, e odiamos essas pequenas partes de nós próprios.

Bem, não vim aqui pregar, mas falarei de outras coisas, se me permitirem deixar a minha personalidade de lado. Se me derem isso, agradeço… O senhor que estava há pouco a fazer perguntas…

MRS PROBERT: Professor, mencionei que o Dr. Livingston disse que gostaria de fazer perguntas na área médica, e gostava que discutisse isso com ele, se quiser.

PROF. LUNTZ: Oh, sim.

DR LIVINGSTON: Estava a perguntar-me se havia alguém – Yada era aparentemente um cientista, e este senhor um clérigo, – se há algum médico no grupo, se cada um é especialista em todas as áreas.

PROF. LUNTZ: Quero dizer-lhe, com toda a sinceridade, que já há muito tempo pus de lado a minha "gola", aquela invertida. Já não sou clérigo, nem tenho interesse na religião cristã tal como é ensinada pelo Clero através da Igreja, qualquer Igreja. Agora sei diferente, senhor, sei que não há céu, nem inferno, nem purgatório. São todas criações da mente individual. Se alguém as quiser, pode tê-las, basta concentrar-se um pouco, sim, ter o seu pequeno céu, ter o seu Jesus que vem ter com ele, embalá-lo nos braços e adormecê-lo. Mas quanto tempo pode isso durar?

AUDITÓRIO: Até se cansar disso.

PROF. LUNTZ: Até se cansar disso. Não quero tirar a religião a ninguém. Se Igreja é o que desejam, Igreja devem ter.

AUDITÓRIO: Professor, conhece o "Don Juan no Inferno" de George Bernard Shaw? Isso é um reflexo das condições como as encontra?

PROF. LUNTZ: Sim, senhor, vejo que o indivíduo cria as suas condições, tal como viveu na terra. Se acredita nesse tipo de coisa, então é isso que lhe acontece. Agora, pode-se tomar drogas, pode-se fumar tabaco, pode-se ter sexo na vida após a morte, tal como se pode ter aqui, mas há uma pequena diferença nestas coisas, mas quem passa pela experiência não nota a diferença. Para eles, parece suficientemente real. É um pouco, como disse o meu colega há pouco ao referir o mundo dos sonhos como uma analogia do que se passa na vida após a morte. É uma espécie de estado de sonho e somos movidos pelos nossos desejos, e, até percebermos o truque, continuamos a seguir os padrões que criámos, enquanto acharmos necessário, enquanto durarem os desejos. E se não conseguimos ver que não passa de um desejo que criámos, e que o podemos mudar num piscar de olhos se quisermos, então continuamos nesse ciclo – é algo como um estado de hipnose, pode-se dizer.

Deixe-me apontar algo que pode acontecer facilmente sob hipnose. Imaginemos seis homens aqui deste lado e seis do outro lado da sala, e colocamos o indivíduo hipnotizado no centro, sugerindo-lhe que, ao acordar, está sozinho na sala. Ele aceita essa sugestão e acredita que está sozinho. Não vê as outras pessoas na sala. Assim, deste lado da sala, digamos, há instrumentos de prazer e do outro lado há instrumentos para criar dor, então ele é empurrado de um lado para o outro entre prazer e dor. Mas não sabe e não pode saber a origem, a verdadeira origem, de nenhum deles. Isso leva-o a um estado de medo, começa então a criar causas para essas coisas, a imaginá-las, a construir os pensamentos.

Pode chamar-lhes Deus e Diabo. O Diabo traz-lhe dor; Deus traz-lhe prazer – isso quer dizer que ele pecava. O que realmente aconteceu foi simplesmente que sentiu culpa e vergonha do que fazia. Tinha sido condicionado, antes de ser colocado em transe, a acreditar em sentimentos de vergonha e culpa pelos seus atos. Ainda no transe, cria a origem ou origens do seu problema porque não pode saber o que são na realidade.

As doenças do corpo, o homem costumava acreditar, no passado, que eram causadas por espíritos malignos. Bem, hoje alguns ainda acreditam nisso, e alguns têm razão. Quando digo que espíritos malignos causam doenças do corpo, refiro-me ao que se chama obsessão. Ora, muitos não acreditam, especialmente no mundo médico, na psicologia e psiquiatria, não acreditam em seres externos que obsidem, achando que o que se passa é que a pessoa tem uma personalidade dividida, é esquizofrénico, sofre de frustração, inibições, devido a algo que lhe aconteceu na infância.

Freud, Sigmund Freud, dizia que muitos males do corpo vêm de frustrações sexuais, e tinha razão em parte, apenas em parte. Na verdade, pode-se ser obsidiado. Eu sou um ser obsessor, mas possuo este corpo só durante um tempo, com permissão do rapaz, e depois retiro-me. Fico apenas um curto período, pois sei que o uso do seu corpo é prejudicial para ele.

AMENHOTEP IV

Escravos

#82 - 17 de março de 1958

Yada: Senas e senahas, a notchi.

Irene: Senhoras e senhores, boa noite, Yada. (Yada fala na sua língua)

Irene: O Yada está a dar uma bênção a todos. (Yada volta a falar na sua língua)

Irene: Explica. “Ka ci da” é a palavra usada para ensinar sobre a vida espiritual.

Yada: Fala em língua Yu.

Irene: Sabes, Yada, tivemos um pequeno problema na gravação no sábado à noite. O primeiro lado da fita ficou gravado duas vezes mais depressa.

Yada: Meus amigos, é um prazer vir falar convosco esta noite. Disse-vos na minha língua sobre o “cheega”, sobre esta máquina. Como são feitas

pelas mãos do homem, são necessariamente imprevisíveis. São máquinas. Nada é perfeito. Só a mente é perfeita. Quando a mente começa a trabalhar através do cérebro, que é energia, mesmo aí surgem problemas. Mas a mente em si não tem problemas. É como a eletricidade, a eletricidade a trabalhar numa máquina. Às vezes a máquina avaria, mas a eletricidade não avaria.

A eletricidade está sempre lá, não há nada de errado com a eletricidade, só com a máquina onde trabalha. A eletricidade é sempre perfeita. Todas as forças da vida são perfeitas, mas quando começam a trabalhar através de corpos de qualquer espécie há sempre a possibilidade de as coisas correrem mal. Por isso, não devem ficar tristes quando algo corre mal com o vosso corpo – pois podem estar certos de que o vosso "eu-mente" está bem. Quando começam a funcionar só no "eu-mente", não terão problemas. Mas isso será mais quando saírem do corpo, não enquanto estiverem nele.

Mesmo alguns dos maiores mestres, meus amigos, alguns dos maiores mestres do mundo, têm problemas com as suas máquinas. Um homem que conheci na Índia morreu de cancro na boca, apesar de ser um dos maiores mestres na Índia da Vida do Espírito. Outro homem na Índia tinha de se manter sempre em água fria, porque as forças estavam sempre muito altas no seu corpo, queimando-lhe o corpo. As forças de fogo do Kundalini tinham sido despertadas demasiadas vezes, até perder o controlo. Era um grande mestre, sim, mas até ele carecia de algum conhecimento e foi nessa falta que ficou preso.

Querem falar de Kundalini e meditação?

AUDITÓRIO: Sim.

Yada: Lembrem-se sempre que não é sensato pedir aquilo para o qual não estão preparados, porque, se o mestre se recusar a dar, claro que pode ser mal visto, mas não se importa disso pois sabe que, se desse, seria ainda pior. "Porque deste isso?" "Sabias que eu não estava preparado." "Foste tu que pediste!" "Eu sei que sabias melhor." Percebem?

Lembra-me uma pequena história, muito interessante, do meu país. Houve um chela, sabem o que é "chela"? Chela é o que chamam discípulo, ou seguidor, de um mestre. Este chela foi ter com o seu mestre e disse: "Ó grande Guru, grande mestre, ouvi dizer que podes andar sobre a água." O mestre, o grande Guru, olhou para o discípulo mas não disse se podia ou não, apenas olhou para ele. Depois disse: "Porque queres andar sobre a água?" "Ó sim, grande mestre, quero andar sobre a água, quero saber como fazes isso." Mas o Guru pensou: ele acredita que eu posso fazer isto e se eu

não lhe disser como se faz, ele vai pensar menos de mim porque ainda não sabe o que é a verdade.

Então disse-lhe: "Se queres aprender a andar sobre a água há uma coisa que deves fazer: não penses em macacos a partir de agora." O discípulo agradeceu, agradeceu muito. E depois foi-se embora.
Passadas umas semanas voltou e estava com muito mau aspeto. O Guru perguntou: "Ó discípulo, o que se passa contigo? Estás com mau aspeto." E o discípulo respondeu: "Ó grande mestre, já não quero andar sobre a água, tira-me estes macacos da cabeça, por favor."
(RISO)

E assim é com a nossa vida e a nossa busca pelo saber. Digo-vos, um dos primeiros requisitos para entrar no caminho da vida é o controlo emocional. Têm de controlar as emoções. Mas, com o tempo, vão sair e voltar e, por causa das condições no vosso mundo, vão dizer-me: "Tira-me estes pensamentos de que devo controlar as emoções, porque agora tudo o que faço é não as controlar. Agora que me disseste, agora que despertaste em mim que não tenho controlado as emoções, vejo-as mais descontroladas do que nunca." Aquilo em que mais pensamos, ou que somos levados a pensar mais, tornamo-nos nisso. Não é verdade?

Irene: Aquilo em que somos ensinados a pensar mais, tornamo-nos nisso.

Yada: Sim, sim. Por isso, tenham cuidado com o que pensam. Agora, outra pergunta, por favor.

Irene: Yada, tenho aqui uma pergunta. Pelos vistos, esta pessoa está a dirigir-se ao Mark. "Porque é que os teus mestres não transmitem as suas mensagens através de comunicação consciente da tua parte?" Esta pergunta é tua, Bonnie? Foste tu que escreveste isto ao Mark?

Bonnie: Sim.

Yada: É uma pergunta muito interessante. Há muito tempo… Nunca contei esta história no passado e não tenho vontade de a contar agora, mas, como perguntaste, tenho de dizer a verdade sobre porque é que este homem não faz o trabalho, ou sequer nos deixa falar convosco na sua própria consciência. Esta última opção seria demasiado trabalhosa quando podemos fazê-lo deste modo direto, o que poupa energia e tempo a ambos. Mas a verdade é que, numa vida passada, este homem viveu em Fuchow, China. Pertencia a uma família mandarina, relativamente abastada. Era bem-educado e queria ensinar filosofia, um modo de vida. Esse era o seu desejo, a sua ambição. Então decidiu fazê-lo, mas levou esta filosofia, que era um ensino de liberdade, de amor e respeito por si próprio, entre os coolies, e disse-lhes que não precisavam de ser escravos dos interesses

instalados da época, dos latifundiários. Os interesses instalados não gostaram, pois os coolies eram os seus escravos. Eles próprios não sabiam trabalhar, nunca tinham trabalhado, e perder os seus escravos significava que teriam de trabalhar. Isso não lhes servia. Era como há uns anos, numa certa parte do vosso país, quando escravizavam um povo, os negros do sul do vosso país. Porque não queriam trabalhar, não queriam sujar as mãos, porque queriam levar uma vida de liberdade, conforto e luxo, escravizaram um povo. Em momento algum, meus amigos, podem escravizar um povo sem ficarem escravizados também. Mais cedo ou mais tarde, a situação inverte-se. É estranho como o homem não percebe isto. Durante milhares de anos as pessoas têm escravizado outras, degradando os seus semelhantes. Mais cedo ou mais tarde, há uma inversão, pois essa é a natureza da vida.

Voltando à minha civilização há 500.000 anos; a minha civilização durou 1.024 anos. No início, todos ajudavam todos. Havia amor e apreço. Havia amor uns pelos outros e pelo trabalho realizado entre as tribos, os grupos. Mas à medida que a civilização avançou e se tornou mais complexa, alguns poucos começaram a procurar formas de não terem de trabalhar tanto. Que fosse outro a fazê-lo. E não demorou até quase toda a civilização estar escravizada a uns poucos.

Agora vou regressar ao que dizia sobre este homem, Mark. Então, os interesses instalados foram ter com ele e disseram: "Não podes continuar, não gostamos disto. Se continuares, cortamos-te a cabeça, é quanto desgostamos disto, e vamos maltratar a tua família."

Ninguém quer perder a cabeça, pelo menos não dessa forma. Disseram-lhe: "Não precisas ficar de coração partido, vamos compensar-te. Vamos equilibrar para que não fiques arrependido." Mas ele ficou arrependido, não por ter sido impedido de fazer o seu trabalho, mas porque via a grande necessidade de trazer conforto, alegria e liberdade a um povo escravizado, seres humanos como ele, com toda a capacidade de sofrer como ele. À sua volta, só havia dor e agonia provocadas pela escravidão. Disseram-lhe: "Está bem, vamos compensar-te. Podes viver no luxo. Damos-te, a ti e à tua família, tudo o que quiseres ou pedires para o resto da vida. Sem mais problemas." Uma escolha, sim, uma escolha entre uma vida de facilidade, de luxo, ou isso (gesto de cortar a cabeça).

Pode ser aceitável assumir a responsabilidade só por si, ele fê-lo, mas tendo família não se pode. Não se tem o direito de escolher pô-los numa situação de sofrimento. Então, ele cedeu e não só entrou numa vida de luxo, mas numa vida de devassidão da pior espécie, para apressar a própria morte sem suicídio direto. Para envergonhar a família. E assim morreu.

Agora, querendo ainda ajudar o seu semelhante, voltou a este mundo. Alguns de nós, do Círculo, fomos aqueles que lhe causaram sofrimento nessa vida anterior. Alguns de nós ameaçámos a sua vida e o seu direito de fazer o que achava correto. Por isso formámos um grupo e viemos até ele para lhe dar agora a oportunidade de fazer esse serviço, e nós, como consciências, atuamos sobre as suas células cerebrais como unidades de memória do que dizer, dos velhos ensinamentos que outrora conheceu. Ele já não os tinha na mente consciente. Foram apagados na morte, e ao voltar ao corpo físico desta vez, tinha ainda menos deles na consciência. Então, nós atuamos como unidades de recordação.

Irene: Isso aplica-se a todos os assuntos de que vocês, do Círculo Interno, falam através do Mark?

Yada: Sim, porque é muito mais, muito mais do que ele sabia naquela época. A sua educação em filosofia e ideias eram bastante limitadas, mas assim damos mais do que foi retirado naquela altura.

Agora, meus amigos, eu não fui um deles, porque não voltei ao mundo físico depois da minha morte em Yuga. Só muito depois é que tentei comunicar com o mundo físico novamente. Voltei muitas vezes à terra nesses séculos passados.

Irene: Desde há 500.000 anos, Yada?

Yada: Sim. Mas não voltei pelo caminho biológico. Não voltei a tomar o caminho biológico que tomei naquela época. Não precisam de nascer de novo no mundo físico, se aprenderem a viver conscientemente agora no mundo físico. Não há lei que vos traga de volta, a não ser a vossa própria, aquela que criam, se viverem conscientemente. Mas, se não viverem, então voltam automaticamente. Não terão escolha, porque os vossos desejos vos trarão de volta, os desejos cegos e descontrolados.

Ora, os desejos são maravilhosos, belos. Temos de os ter. O mundo inteiro, toda a criação, surgiu pelo desejo, pelo querer, pelo sentir, pelo desejar. Se não consegues destruir o desejo, matar o desejo (o que não consegues), então tens apenas um outro caminho: o chamado controlo consciente dos desejos. Saber o que desejas. Ter a certeza de que é mesmo isso que queres, porque se não tiveres a certeza, vais tê-lo à mesma! Mas se for um desejo verdadeiro, tornado símbolo na mente, vais recebê-lo no mundo físico. Vai manifestar-se a partir desse símbolo antes de deixares o mundo físico.

Irene: Não temos de desenvolver um complexo de culpa por voltar pelo caminho biológico?

Yada: Não, não há nada de errado nisso. Se voltares, não há vergonha nenhuma nisso. Não há nada de mau no mundo físico; é o nosso pensamento que cria a maldade.

Muitas pessoas, ao entrar no estudo do chamado ocultismo interior e da vida metafísica, começam por vezes a pensar quão vergonhoso é o mundo material. Tal pensamento centra-se sobretudo no corpo. Quão sujo é o corpo, quão pecaminosos são os seus desejos, isso é errado, muito errado. O que querem que o corpo faça? Que seja consciente. Movam esse corpo para fazer o que querem. O único pecado da vida é a ignorância, é desejar a ignorância, recusar aprender. Esse é o vosso pecado, é o meu pecado, é o pecado de toda a humanidade. Mas isto pode ser ultrapassado, podemos fazer algo quanto a isso.

Irene: Aqui vai outra pergunta. Explicas melhor a frase: "Façamos o homem à nossa imagem e semelhança"? Com quem estava Deus a falar, e há dois criadores em vez de um?

Yada: Só há um criador e sou Eu, com E maiúsculo, Eu. Eu sou Ele. Agora, este "Eu Sou" não se criou a si próprio em forma como imagem do criador. Aqui é onde a religião cristã vos induziu a crer que Deus é uma espécie de ser humano com qualidades humanas, especialmente as de menor ordem – fúria, ira e vingança, malícia, ódio. Estes são todos os atributos mais baixos e piores do ser humano. Se fores à antiga história do chamado Judaísmo, verás que o Deus de Moisés era um deus de ira; o Deus de Abraão era um deus de ira, um deus de cólera, um deus de violência. Porquê?

Primeiro, deixem-me dizer, meus amigos, que o homem que chamaram Moisés não era de ascendência judaica. O povo judeu teve os seus mestres, os seus avatares, tal como todas as raças. Moisés era um egípcio do tempo de Amenófis IV (Amenhotep IV) (1375-1358 a.C.). Amenófis IV era líder de uma ordem mística conhecida como a Irmandade Branca nessa altura. Tentou primeiro dirigir-se ao povo escravizado na época dos babilónios. Tentou trazer entendimento a esse povo que vivia em grande tumulto, grande miséria, grande luta. Havia doenças por todo o lado. Havia grande ódio e grande luxúria. Não acreditavam em deus. Não acreditavam em sobrevivência. Só acreditavam no corpo e nas coisas materiais.

Salvou o povo daquela época, que não era só da raça judaica, mas de muitas outras raças também escravizadas. Mas Amenófis não foi aceite, foi expulso. Então enviou dezasseis mestres a diferentes povos, cada um fazendo-se passar por membro dessa raça. Só assim podiam os mestres chegar até eles. Tinham de ser um dos seus. Não é verdade que confiamos

mais depressa nos nossos do que em um forasteiro? Sim. A Luz tem de chegar ao homem ou ele destrói-se, a Luz do saber o que realmente somos – grandes seres divinos.

Assim, enviou os seus dezasseis mestres, um dos quais foi Moisés, um grande iniciado e mestre egípcio. Um mestre que conhecia as leis da magia e como criar condições mágicas. Sabia que só assim podia captar a atenção desse povo enlouquecido e selvagem. Magia. Assim, foi para entre eles e conduziu-os da escravidão à liberdade. Mas que tipo de liberdade? Para uma liberdade que teriam de conquistar, pois mesmo depois de os ter levado através do Mar Vermelho, salvos de quem os perseguia, voltaram a lutar entre si. Tinham de aprender por si mesmos. Liberdade não é algo que se recebe de alguém fora de nós, que nos esteja a escravizar.

Yada: Ouçam, meus amigos, voltemos ao que eu dizia sobre as pessoas de cor no sul. Elas foram trazidas da sua terra natal para o vosso país da forma mais cruel. Depois de terem recebido o que se chamou liberdade, durante muito tempo não sabiam o que fazer com ela. Dizer apenas a alguém que escravizaste de qualquer maneira: "Agora és livre, não te vou escravizar mais, vai", não o liberta. No momento em que lhe dás a liberdade, ele fica novamente escravizado porque tem de conquistar a liberdade dentro de si mesmo. Adquiriram hábitos de escravo que ficaram enraizados neles. Têm de ter oportunidade de encontrar o seu próprio caminho de volta. É dever daqueles que os escravizaram mostrar-lhes como alcançar uma liberdade verdadeira; uma liberdade verdadeira ensinando-os a pensar livremente. É preciso pensar livremente antes de se poder ser livre. Muitos de vocês, brancos, não são livres. Aqueles que possuíam estes escravos eram mais escravos dos seus próprios hábitos, do seu eu emocional inferior, do que aqueles que escravizavam. Liberdade – primeiro devemos conquistá-la de nós próprios.

Voltando à minha civilização – a minha cidade era uma cidade aberta onde qualquer escravo que escapasse de qualquer outra parte da civilização, assim que entrava nos limites da cidade, era livre. Não podia ser levado de volta. Na minha civilização, como disse, quando os escravos chegavam à minha cidade eram livres. Por altura do fim da minha civilização, apareceu na nossa cidade um rapaz, ainda nem adolescente, um rapaz mendigo e esfarrapado, cego e com cabelo comprido pelos ombros. Ele tinha os olhos bem abertos mas não via. E nós, os sacerdotes do templo, começámos a ouvir falar das coisas milagrosas que ele fazia. Então eu, que naquela altura era o Kata, ou homem-deus, ou sacerdote, fui, juntamente com vários outros sacerdotes, pela cidade à procura dele.

Finalmente encontrei-o numa caverna subterrânea. E ao entrar na caverna vi vários escravos de joelhos, e aquele rapaz cego estava a falar com eles. Uma das coisas que ele lhes dizia era: vocês que se chamam escravos, agora encontram o que pensam ser liberdade nesta cidade. Eu digo-vos, podem correr o quanto quiserem, mas nunca escaparão à escravidão daqueles lá fora que vos querem escravizar, até a tirarem de dentro de vocês próprios. Ele disse: "Agora levantem-se, comecem a viver como homens livres. Levantem-se dos joelhos. Parem de se curvar, parem de rastejar, são seres humanos. São mais do que isso, são seres divinos."

Eu reconheci aquele rapaz, no momento em que o vi, pelo que ele era – um grande mestre, um homem da história que veio naquela época para ajudar a civilização de Yuga a escapar à grande catástrofe que estava prestes a acontecer. No entanto, foi enviado por seres superiores para tentar salvar a civilização. Mais tarde apareceu na Casa do Conselho, ou o que era chamado de Casa dos Governantes. Na grande cidade do sol, apareceu-lhes como um rico comerciante porque sabia que nunca conseguiria ser recebido por pessoas daquela índole como um rapaz mendigo ou cego.

Por isso, veem, meus amigos, a história da escravidão e da liberdade não é nova. Nós, que nos chamamos livres, muitas vezes estamos tão profundamente escravizados pelos nossos próprios hábitos, que somos piores escravos do que se estivéssemos fisicamente escravizados a outro. Lembrem-se disso, é importante quando lidarem com alguém que encontrarem escravizado, ou quando virem alguém a escravizar outro.

Irene: Meditação, respiração e a força Kundalini são mencionadas n'"A Vinda dos Guardiões" ("The Coming of the Guardians", um livro compilado por N. Meade Layne, de material transmitido em transe, como o Mark está agora, sobre os discos voadores e outros fenómenos psíquicos). Esta pessoa faz uma pergunta sobre uma citação do livro: Como deve alguém meditar para atingir a iluminação ou para obter o controlo total do corpo?

Yada: Primeiro, vou perguntar: "Quais são os teus desejos?" "Quão bem governas esses desejos emocionalmente?" Isto é importante, meus amigos. É importante saber antes de se entrar na chamada meditação com o uso da respiração. Porquê? Porque, se não tens total controlo do teu eu-emocional e elevas as forças de fogo dentro de ti (Kundalini), com o uso da respiração, e a força chega ao cérebro e desperta certos centros que nunca foram despertos antes, em vez de te encontrares em Samadhi, o estado celeste, vais-te ver obcecado pelo mais diabólico dos infernos. Meus amigos, falo-vos com sinceridade, falo-vos honestamente, falo com o vosso bem-estar em mente, pois sei o que Kundalini pode fazer se a pessoa não

estiver preparada para enfrentar todas as experiências dos estados de Samadhi com desapego.

Deixa-me dizer-te isto: começa e verás o que acontece. Vais tomar a tua posição, seja ela qual for; talvez te deites, talvez te sentes, talvez fiques de cabeça para baixo, ou algo assim – (Yada mostra, sentado). Agora, qualquer posição que escolhas, tem de ser uma em que estejas perfeitamente confortável. Porquê? Para que a tua mente não esteja consciente do corpo, para que a tua mente possa estar livre. Caso contrário, o corpo está sempre a incomodar a mente. Vais notar: sentas-te e no momento em que começas a meditar, sem respiração, sem nada, só concentração normal, acontece isto – macacos (ilustra, riso do público) – os macacos da irritação aparecem. Nem sempre é assim. Uma das primeiras coisas, antes de se sentar para meditar, é tomar um bom banho. Isso remove muito do ácido da superfície do corpo que faz comichão. A substância ácida vem mais à superfície quanto mais profundamente nos concentramos, e irrita os gânglios nervosos da pele.

Se tiveres fome, bebe um pouco de sumo de fruta ou um pouco de leite quente, de preferência de cabra. O leite de vaca tem demasiado ácido, usa leite de cabra. Agora, toma a tua posição. Porque é que algumas pessoas usam a posição de pernas cruzadas? É uma posição muito difícil de conseguir e podes conseguir entrar nela e depois não conseguir sair (riso). Na verdade, não serve para muita gente no mundo ocidental. Mas porque é assim? Porque esta posição tranca o corpo para que não caias. Mesmo que adormeças, continuas sentado e não cais de cara no chão! Essa é uma razão. A próxima razão é que esta posição abre a parte inferior da coluna. Abre um centro ali onde a serpente repousa à base da árvore, ou seja, da espinha. Esta é a história do Jardim do Éden. Agora, começas a respirar. Meus amigos, não vou dizer-vos como respirar. Não é correto eu fazê-lo, a menos que pudesse estar convosco no início do estudo. É muito perigoso.

Gostam de viver confortavelmente? Sim, não é? Todos os dias têm de se levantar e ir trabalhar. Têm de ganhar dinheiro para sobreviver neste mundo. Não se perturbem com coisas que não precisam de fazer para crescer. Para um homem que sabe usar dinamite, a dinamite é amiga; para quem não sabe, adeus! É muito perigoso. Kundalini, se agitada em excesso, pode cremar o corpo. Já ouviram, nos últimos anos, de pessoas encontradas queimadas até à morte no seu próprio quarto? É verdade, não é?

Audiência: Sim.

Yada: A força de fogo foi libertada por tentativas experimentais de quem não sabia controlá-la. Kundalini pode reduzir o corpo a cinzas. Por isso é chamada de força de fogo. Mas de uma maneira, quando se

encontram casos de pessoas que morrem queimadas assim, não acreditam. Talvez alguns de vocês, os que se dizem peritos do fogo na química material. Esses sábios da química são muito estúpidos noutras coisas.

Irene: Provavelmente nem saberiam o que é a Força Kundalini.

Yada: Não. Se estivesse convosco, dir-vos-ia. Mas não estou, e não vos vou fazer essa injustiça. Agora podem odiar-me por isso, mas depois ficarão felizes. Quando estiverem prontos, terão o mestre certo. Posso garantir, mas não vos posso dizer quando estarão prontos. Nem vocês sabem. Eu também não sei quando estarei pronto. O despertar vem aos bocados, rápido, num flash, e saberão.

Irene: Diz-se que cada um de nós tem pelo menos um guia e um mestre do outro lado. Como são escolhidos esses guias ou mestres para nós?

Yada: Pelos nossos próprios interesses, pelos verdadeiros interesses interiores. Suponhamos que alguém tem grande interesse pela música, ou por qualquer arte criativa, ou por assuntos educativos. Atrairá para si esse tipo de mestre, que é muito mais esclarecido nas coisas que procura fazer do que ele próprio. Agora, este ser pode não vir ter contigo logo como guia. Pode não aparecer como uma voz, mas enquanto estiveres a seguir os teus interesses, receberás impressões, sensações interiores, impressões nos sonhos, no estado de sono, impressões enquanto estás ocupado com outra coisa qualquer.

Assim, se te vires bloqueado no trabalho e chegares a um ponto em que não consegues avançar, não fiques furioso. Preenche a tua mente com outra coisa, espera. Dá ao teu eu-inferior, ao teu eu-emocional, uma oportunidade de relaxar, de deixar de acreditar que é ele que está a criar. Vai fazer outras coisas e quando o ego-emocional, que pensa que é tão esperto, não estiver atento, nesse momento surge-te uma impressão. Logo, faz isso antes que o eu-emocional regresse, rápido. Dizes logo: “Tive uma ideia, um flash.” Mas foste tu, a consciência superior, que o tiveste. Conseguiste passar pelo pequeno ego egoísta. Quem pensa que é o IT, quem tenta fazer com que tu ou eu sejamos mais importantes que os outros, nesse momento, não estava atento. Muito bem, é bom que não estivesse atento.

Irene: Outra pergunta?

Yada: Por favor.

Irene: Vou juntar duas perguntas nesta altura, Yada. O que causa o cancro? Esta é uma pergunta, e a próxima é: Tendo em conta que todas as pessoas sabem e também estudam, porque é que é tão impossível curar as próprias doenças físicas, sabendo que em Deus não há doença ou

enfermidade? Como podemos treinar os nossos pensamentos para ultrapassar esta condição?

Yada: O cancro é causado por muitas coisas, porque há muitos tipos de cancro. No entanto, primeiro, podemos dizer que o cancro tem origem nos genes e nos cromossomas. Por isso, digo-vos, por vezes é hereditário. É um fator herdado devido a um gene ou cromossoma fraco nessa doença em particular. Algumas pessoas têm fraquezas celulares para outros tipos de doenças, tuberculose, paralisia, problemas cardíacos, todas essas coisas. Mas essas coisas vivem na mente racial. Há algumas raças nas selvas do Amazonas e em certas zonas das selvas da Índia e de África, onde as pessoas nunca morrem de cancro. Não faz parte da mente tribal ou racial deles, mas têm outras doenças tão más ou piores. Agora, o cancro do sangue, ou o que chamam de leucemia, normalmente é criado, ou tem origem na medula óssea. A medula dos ossos produz as células sanguíneas, sabem?

Audiência: Sim.

Yada: Por vezes há uma fraqueza nestas células criadas pela medula e depois são projetadas para a corrente sanguínea, onde temos uma célula sanguínea fraca. Uma célula sanguínea fraca significa uma célula sanguínea faminta. Para sobreviver, ela ataca e liga-se a uma célula boa. Como não há energia suficiente para duas, ela destrói a célula boa e agora há duas células más. Depois, vão atacar outra célula e outra, e outra, até que se forma o que chamam de coagulação, uma condição de coágulos no sangue. Isto mata, porque o sangue já não consegue passar pelas várias artérias para alimentar o corpo.

Leucemia. Agora, todo o crescimento cancerígeno começa no sangue. É primeiro produzido pela medula óssea. Pode não provocar resíduos no sangue, pode não criar o que se chama leucemia, ou cancros do sangue. O sangue é também uma substância tecidular, sabiam? Pode localizar-se noutra parte do corpo, nalgum órgão. Mas ataca sempre primeiro o sangue e o sistema linfático. Há alguma infeção, o sistema linfático. Porque devem eles produzir células fracas ou danificadas? Porque as glândulas, especialmente as endócrinas, foram mal alimentadas, percebem? Mal alimentadas. Isso causa um mau funcionamento das glândulas. Isso faz com que injetem no corpo substâncias que não são nutritivas. As células sanguíneas, portanto, não estão a transportar o que deviam. Sabem que enquanto algumas células transportam oxigénio, outras transportam alimento. As que levam substâncias alimentares a diferentes partes do corpo podem estar enfraquecidas. Aqui de novo encontramos as células "lixeiras", as células famintas. Em vez de se localizarem na corrente

sanguínea atacando células sanguíneas ali, ligam-se a algum órgão do corpo… depois começam a espalhar-se, aumentando o número de células, crescendo cada vez mais juntas. É verdade, as células enlouqueceram e esse descontrolo é por fome. O sistema glandular falhou-lhes.

Irene: Estás pronto para outra pergunta?

Yada: Sim, por favor.

Irene: Tendo em conta que todas as pessoas sabem e estudam a verdade, podes dizer-nos porque é tão difícil e muitas vezes impossível curarmos as nossas próprias doenças físicas, sabendo que em Deus não há doença nem enfermidade?

Yada: Pára aí. Primeiro, quero dizer isto, meus amigos: embora possam pensar que "sabendo que em Deus não há doença", vocês não sabem tal coisa! Sinto muito, mas não sabem. Se soubéssemos isso, assim seria. Não teríamos nada disso. Mas saber "em Deus não há doença" – nós não sabemos o que é Deus; tentamos transformar "Isso" num "Quem", e Deus não é um quem. Na Ciência Cristã, um ensinamento muito belo, no qual muitas, muitas pessoas foram curadas de doenças terríveis e malignas, muito poucas delas sabiam que "em Deus não há doença".

Ouviram essa frase e pensam que sabem. Mas na verdade nem precisam de saber. Pode-se ser o que chamam de completo agnóstico e não ter qualquer sentimento por uma divindade, e mesmo assim pode ser, e muitas vezes é, curado de uma doença do corpo através do trabalho de um praticante de Ciência Cristã. E não só isso, essa pessoa que sofre da doença, que é agnóstica, pode nem saber que alguém está a trabalhar nela. Só quem trabalha tem de saber para quem está a trabalhar. Só isso. Sim?

Irene: Eu ia dizer, por vezes, Yada, não é verdade que alguém pode estar a trabalhar à distância e não saber quem é a pessoa para quem está a trabalhar?

Yada: É verdade. Só precisa do nome da pessoa. Agora, dada a ideia de que existe alguém chamado assim e assim, que precisa desta ajuda, curado, foi curado, curado quase de imediato. Porquê? Porque sem que o seu pequeno nível de consciência saiba algo sobre isso, o seu eu-todo-consciente sabe. O seu eu-todo-consciente é puro, não sabe nada de doenças. Aqui é onde chegamos a Deus, o que o homem chama de Deus e pensa em "Isso" como uma divindade e pensa que tem de a adorar ou "Ela" não faz nada por ele.

Não é preciso dizer uma única palavra de adoração à Grande Luz interior; só temos de a chamar, pois somos o louvor dela. Não precisa dos louvores do homem, pois que tipo de homem louva? Que parte de nós? O nosso eu emocional, tolo, inferior. É esse que gostaria de pôr Jesus na cruz;

é esse que acredita que alguém morreu por ele porque quer uma passagem fácil. É esse que chora num momento, na sua forma confusa e simpática, por quem se martirizou por ele e depois sai e comete os mais atrozes atos contra o seu semelhante. É essa pequena besta interior que leva as religiões católica e protestante a guerrear e a matar-se umas às outras, ou o mártir, ou o martirizado, em seu proveito.

Irene: Disseram-me ontem à noite que, por causa de uma religião, deitaram óleo sobre crianças pequenas e elas foram incendiadas e correram pelas ruas em chamas, há pouco tempo.

Yada: Gostam disso? Isto chama-se cristianismo? Oh, meus amigos, espanta-vos que o vosso mundo esteja neste estado louco? Espanta-vos? Aqueles que pensam, olhem para trás, para a história do vosso semelhante. Aqueles que dormiram, os que dormiram o sono da ignorância, como foi fácil para eles assassinar e cometer crueldades que nem as feras mais selvagens das selvas cometeriam uns com os outros. Olhem para trás e sintam-se gratos por terem superado isso. Mas não tenham dúvidas de que se estas pessoas voltassem a ter controlo sobre as vossas mentes, fariam tudo de novo. Não esqueçam, vocês que estão despertos, não esqueçam.

Agora, porque é que alguém não se pode curar a si próprio: Há vezes em que não se consegue porque não se sabe como. Outras vezes, pode-se até saber, mas não se consegue. Pode estar-se a aprender um certo tipo de compreensão da vida ao passar por essa experiência. Sofrendo-a até ao fim, depois sai-se do outro lado da dor aliviado e limpo da experiência. Por vezes tentamos curar alguém e, devido a uma experiência de uma vida passada, uma experiência alojada profundamente no chamado eu-inconsciente, que se recusa a largar os seus esforços, faz com que o corpo deste sofra; pode-se curar uma doença e ele arranja outra. Essa experiência passada deu-lhe um sentimento de culpa profundo que aumentou o seu campo de autodestruição.

Agora, meus amigos, todos temos as sementes da destruição e da construção em nós. Não é verdade? Então, o que vamos fazer, desenvolver o lado da construção ou da destruição? Construção, claro! A melhor maneira de o fazer é tentar encontrar uma forma de te analisares a ti próprio. Porque pensas como pensas? Porque sentes como sentes? Tenta encontrar alguém que te ajude a analisar-te, para que possas sentir-te livre de qualquer sentimento de culpa.

Agora, há certas palavras que criam uma sensação de pecado quando as ouvimos, especialmente palavras na vossa língua inglesa, porque não só nos dão sentimentos de pecado, mas também nos dão sensações de dor real. Talvez quando éramos crianças pequenas tenhamos associado essas

palavras a certos atos que presenciámos quando ainda não tínhamos idade suficiente para perceber a verdadeira natureza do que se estava a passar. Podemos associar essas palavras à dor, à dor daquilo que estávamos a ver e não sabíamos como entender. Depois, à medida que vamos crescendo e chegamos à idade adulta, se ouvirmos essas palavras novamente, inconscientemente encolhemo-nos, porque o eu-inconsciente "lembra-se" e chama à tona a dor. A dor daquilo que não compreendias mas presenciaste. Por isso, veem porque é melhor ter alguém, em vez de ti próprio, a fazer-te uma psicanálise, para te ajudar a compreenderes-te melhor?

Eu sei que é muito difícil. Não há escolas aí no vosso país, escolas de homens e mulheres que te analisem – não o teu dinheiro! Mas esses homens e mulheres têm de viver e o vosso modo de vida comercial obriga-os a pedir mais do que deviam receber. Têm de o fazer, se querem viver confortavelmente, não importa como tu vivas. Eles não querem saber disso. Vão aceitar o teu dinheiro porque estão nesse trabalho. Passaram anos de estudo árduo, se forem verdadeiros médicos analíticos, passaram anos de estudo difícil e nunca deixam de estudar, por isso merecem tudo o que puderem ganhar. No entanto, não é justo para ti, para quem não tem dinheiro para os sustentar.

Deviam ter uma escola gratuita. É por isso que há tanta insanidade no vosso mundo. Os doentes físicos estão a ser curados de muitas das doenças mais violentas. Os vossos médicos descobriram como, primeiro os cientistas, criando melhores condições de higiene para viver. Depois, pelo estudo da química, aprenderam a reduzir muitas das doenças mais virulentas através deste vasto estudo. Mas a insanidade aumentou muito mais proporcionalmente do que aquilo que os médicos conquistaram na saúde física. Pensem nisso! Cresceu tão depressa que já não têm camas suficientes nos hospitais, nem hospitais suficientes para cuidar dos que precisam.

Por isso, veem, meus amigos, porque dizemos que o controlo emocional é uma coisa tão importante. Não deves tentar controlar as tuas emoções, mas aprender a controlá-las. Percebes a diferença? Porque se tentares, estás a forçar. Mais vale dares vazão ao teu sentimento do que isso.

Irene: Antes de começarem, não é?

Yada: Como se faz isto? Primeiro tentas analisar o que se passa cá fora. Haverá algo tão importante que precises de te destruir por causa disso? Haverá algum acto cá fora que te faça subir a pressão arterial, pôr mais pressão sobre o coração, sobre o sistema respiratório, os pulmões; haverá? Nenhuma coisa! Porquê? Porque durante milhares e milhares de

anos os homens têm feito esse tipo de coisa e já estão todos mortos agora! O que é que ganharam com isso? Os insultos pessoais mais graves que alguma vez receberam, por causa deles entraram em grandes fúrias, não ganharam nada, porque já estão todos mortos agora. Tu, um dia, estarás com eles. VIVE AGORA. Usa as tuas forças vitais de forma construtiva. Sabes, meus amigos, a raiva é uma forma de masturbação. Porquê? Porque estamos a lançar a nossa energia sexual sobre o outro, ou sobre uma coisa – uma força sexual que usamos na raiva. A força sexual é uma força vital. Está em todas as células do corpo.

Irene: E sente-se mesmo.

Yada: Podes lançá-la contra alguém na tua raiva e esse alguém pode sentir-se mal do estômago. Já sentiste isso, ficar mal do estômago por raiva? Porquê? Porque a energia nervosa mais vital voltou para a parte mais sensível do corpo, o plexo solar. Não o faças, não é digno de ti nem do teu tempo.

Irene: Posso fazer-te uma pergunta, Yada? Temos um amigo muito querido que tem tido um problema no peito. Gostava que… e se puderes dizer ao Mark, de forma clarividente, o que encontras, se fazes o favor, eu agradecia muito. Gostava também de chamar a atenção para uma conversa que tivemos com um amigo sobre um avião que desapareceu há precisamente um ano este mês, com cinco ou seis pessoas a bordo. Penso que duas dessas pessoas deviam ser hóspedes desse amigo. Nunca mais se soube delas desde que levantaram voo nesse avião. Se pudesses dar alguma pista sobre isto, Yada, seria muito apreciado.

Yada: Au kee, au kee.

Irene: Queres que faça mais uma pergunta, Yada?

Yada: Sim, por favor.

Irene: Estamos a competir com o trânsito lá fora. As janelas estão abertas, Yada, e está calor aqui.

Yada: Está tudo bem.

Irene: Esta pergunta é sobre carma. Compreendendo o carma e as suas ações na vida, há uma coisa que nunca foi completamente explicada. O carma pode ser superado na vida em que o reconhecemos, através de meditação, oração e o seu significado interior, ou é o carma apenas uma invenção resultante de uma crença?

Yada: Esta pessoa é um pensador, sem dúvida! Quando perguntamos, "É apenas uma invenção vinda de uma crença", há bom pensamento aí. Devemos sempre questionar tudo, tudo.

CARMA. Lembram-se de eu ter falado em ir e vir do mundo há pouco e dos pensamentos que são sentimentos de culpa, as nossas emoções,

porque são descontroladas, as nossas ansiedades e preocupações continuam a lutar dentro de nós? Agora, são estas as coisas que nos fazem voltar, porque estamos a viver inconscientemente. Meus amigos, não existe tal coisa como pecado. O único pecado que há é a ignorância. E a vida é de tal natureza que podemos superar isso apenas estando dispostos a aprender. É simples.

Há uma passagem fácil, mas ainda assim não é tão simples, porque, por mais que eu esteja disposto a aprender algo, se tenho sentimentos bem lá no fundo que me foram incutidos pelos meus pais, ou pelos pais dos meus pais, ou por um padre, ou por um clérigo, ou seja o que for, se esses pensamentos negativos foram semeados nos meus primeiros anos de consciência, impedem-me de aprender essas coisas. Podem agir como barreiras de palavras e, de novo, certas palavras, porque quero aprender uma determinada coisa, há certas palavras nessa coisa que me disseram que são más, ou más. Ou, assisti a algo relacionado com elas que me disse que eram dolorosas e más. Não vou querer ouvir nada relacionado com isso, pois não? Não. Vou ressentir-me. Vou arranjar maneira de fugir disso. Se for forçado a ouvir, sinto-me tão mal, olhem para mim. Estou doente.

Sinto-me muito mal. Isto chama-se fugir de algo, fugir, e se chegar ao pior dos casos em que ainda assim sou forçado a ouvir, entro em coma; faço de morto, deito-me. Uma boa maneira de não aprender, recusando-me a ouvir. Não se pode culpar uma pessoa por isso, meus amigos, porque não é culpa dela. Foi-lhe incutido hipnoticamente.

Como disse antes, o homem entra no mundo num estado de transe. Para aqui chegar, tem de adormecer e, ao adormecer, apaga os padrões de memória do que era no Mundo Astral e do que foi numa vida anterior. Raramente, muito raramente, alguém traz de volta algum padrão de memória desse outro mundo. Aprender é sair deste transe. E é muito difícil, porque no estudo desta hipnose, um hipnotizador pode dizer, “Agora vou dizer-te isto e aquilo; agora vou tirar-te do estado de transe e vou dizer-te que ninguém te pode hipnotizar a não ser eu.” É o mesmo que dizer, “Ninguém te pode des-hipnotizar a não ser eu.” É o mesmo. Primeiro, o padre, a mãe e o pai, que são ignorantes, que não sabem a verdade da vida, hipnotizam os filhos em formas negativas de pensar, e serão eles que terão de tirar a criança disso. Se não, é preciso um hipnotizador muito inteligente, muito esperto, para a des-hipnotizar.

Irene: Ainda bem que disseste isso, Yada. Eu estava a pensar se isto seria possível, se alguém fosse hipnotizado por outro que lhe sugerisse essa ideia, se outro poderia quebrá-la.

Yada: Oh sim, mas tem de saber o que está a fazer. Agora, quero acrescentar um pouco aqui, voltarei mais a essa questão. Provavelmente já te disseram no passado, quando procuraste entender a hipnose, e talvez até a praticar, que não farias nada sob hipnose que não farias por ti mesmo, por tua própria vontade. O que querem dizer é que não farás nada imoral que não seja natural para ti fazeres. Mas ouve bem a expressão: "que não é natural para ti fazeres." Meus amigos, todos nós temos uma certa quantidade de coisas naturalmente — não de forma não natural, mas natural para nós — certas práticas que nos são naturais. Certas práticas, geralmente ligadas ao sexo, que nos são naturais. Mas para outra pessoa, isso é vergonhoso, oh, nunca fariam tal coisa. Sentem vergonha.

Oh, nunca pensariam nisso! Oh não, não, não. Para eles, todo o sexo é normal, querem dizer da maneira "normal"? Qual maneira normal? Há muitos animais que praticam o que chamam sexualidade anormal, ou o que se chama homossexualidade, muitos. O que é mau para mim, não é necessariamente mau para ti. O que é mau para ti, não é para mim. Por exemplo, nos estudos dos Antigos Ensinamentos Cristãos, havia o que se chamava culto fálico. Conheces isto? (Audiência: Sim) Fico feliz que conheçam, porque não quero chocar ninguém. Veem como podemos ser enganados e retraídos por ensinamentos falsos? "Não farei nada que não seja natural para mim quando estou no meu inconsciente." Se o hipnotizador soubesse o que é "o meu inconsciente", não diria isso! Eu sou um ser humano, nasci da imaginação. A força que me move é a força criativa da vida. Chama-se "força sexual".

Houve um homem no vosso mundo, há não muitos anos, um ateu. Esse homem era conhecido como Sigmund Freud, conhecem-no. O seu ensinamento básico era o impulso sexual degradante de todos os seres humanos e de todos os animais. Todos têm isso, está presente em toda a matéria, entre o protão e o neutrão. Estão a trocar forças para criar uma terceira condição. Sim, uma terceira condição chamada matéria, chamada superfície, chamada substância tangível. Os padres ensinaram ao homem os sentimentos de pecado em relação ao sexo e depois disseram-lhe: "Façam mais seres humanos para nós." Quanto mais seres humanos caírem na armadilha dos seus ensinamentos, mais poderosos eles se tornam no mundo.

Irene: Esta pergunta é sobre carma, compreender o carma e as suas ações em cada vida, há uma coisa que nunca foi totalmente explicada. Pode o carma ser ultrapassado na vida em que o reconheces, através da meditação sobre os seus significados interiores, ou é o carma apenas uma invenção que resulta de uma crença?

Yada: Não, carma, senhor, não é uma invenção que resulta de uma crença. O carma é uma condição real, existente. Carma, resumidamente, significa causa e efeito. Como vives, assim recebes. Agora, não tens de receber aquilo que não queres, se souberes como não te sentires culpado pelo que fazes. Sem este sentimento de culpa, não podes sofrer pelo que se chama renascimento. O carma não te obriga a voltar à terra. São as crenças que tens dentro de ti de que fizeste algo de mau.

Conheces o homem, Hitler? Tenho a certeza que conheces. Muitos acreditam que ele sofre no inferno. Não, não, não até ele começar a ver que teve a vida em desequilíbrio, aí sim, isso acontecerá. Vai tornar-se emocional quanto a isso, apanhando-se na armadilha. Nenhum deus o vai castigar. Não, é ele próprio que o fará, porque vai apanhar-se numa armadilha emocional. Agora, se soubesse melhor, se soubesse como não ficar emocionalmente preso à sua crença de que estava em desequilíbrio, podia absorver tudo o que fez, ver o lado negativo disso e perceber que não é esse o caminho, e libertar-se disso.

Sem dor, sem sofrimento, ou coisa parecida, porque a força criativa da vida não sabe nada sobre castigar alguém, não sabe nada sobre culpa. Não sente vergonha. A vida simplesmente age. Não se importa com o que fazes, só tu te importas, eu importo-me. Nós somos o juiz, o júri e o carrasco; aquilo a que chamam o executor! (RISO)

Irene: Quase tão mau, Yada. Mas se procurarmos a lição, poderemos escapar ao carma?

Yada: Sim, porque estamos sempre apenas à procura de sabedoria, iluminação, para podermos conquistar o nosso caminho de volta ao nosso estado original de criador consciente. É isso que o homem procura fazer e esta força da vida não procura castigar. Não é esta energia que nos castiga ou a qualquer parte desta coisa chamada eu, não é. Se compreenderes isto, não farás nada em desequilíbrio. Não o farás e depois dirás para ti mesmo, "Agora conheço a lei. Não preciso de pagar." (Riso.) Vais pagar. Vais pagar!

Irene: Tenho mais duas perguntas, Yada, sobre...

Yada: Quero sair um pouco. Meus amigos, voltarei daqui a pouco.

Prof. Luntz: Agora, senhoras e senhores. Eu sou o Prof. Alfred Luntz. Não vou ocupar muito tempo aqui. Só vim dizer: "Como estão, é de facto um prazer falar convosco por um momento ou dois." Obrigado. O que é esse cantar?

Irene: Não sei.

Homens: Dia de São Patrício.

Prof. L: Ah, ainda está vivo? (RISO) Pensei que já tivesse ido há muito tempo.

Irene: Estão a celebrar porque ele expulsou as cobras da Irlanda, sabes.

Prof. L: Que pena que uma delas não o tenha mordido, não? (RISO) É assim mesmo. Veem, São Patrício foi expulso da Irlanda alguns anos antes do tempo em que supostamente voltou e expulsou as cobras da Irlanda. Mas tenho a certeza de que a maioria de vocês aqui, pelo menos, sabe que o que ele expulsou da Irlanda foi a sabedoria dos ensinamentos druidas. Bem, não vale a pena entrar agora em discussões, não é? É bom vir falar convosco.

Irene: Gostava de ficar e responder a algumas perguntas, Professor?

Prof. L: Obrigado, minha querida. Compreendo perfeitamente a situação, minha querida, e se tiveres uma ou outra pergunta que possas dar-me, tentarei responder, embora não possa substituir o Tada. Não pretendo saber as coisas que ele sabe.

Irene: Todos sabemos disso, não é querido?Prof. L: Sim, sabemos...
Irene: Esta é uma pergunta sobre sonhos, Professor. Quer responder a esta sobre sonhos, ou tenho uma sobre consciência. Se a consciência é a nossa força, pode dizer-me quais são os requisitos da consciência que permitem a criação de qualquer coisa? Por outras palavras, quais são os atributos da consciência?

Prof. Hmn, acho que vou-me embora. (RISO) Acho que vou deixar isso para o

Yada. Isso está um bocadinho além de mim.

Irene: Está bem. (Riso)

Prof. L: Foi um prazer vir visitar-vos. Um dia destes, quando as perguntas forem menos complicadas, volto aqui outra vez. Cheerio.
Irene: Adeus, adeus...

* * *

Yada: Acho que ele estava a fazer aquilo a que vocês americanos chamam de “puxar-me os pés”. (RISO)

Irene: É “puxar a perna”, Tada; a perna, não os pés!

Yada: Dói na mesma. (RISO) É muito inspirador ouvir rir. Faz bem ao coração e à mente, sentimo-nos tão bem. Se ao menos conseguíssemos fazer isso quando enfrentamos dificuldades. Rir delas faz com que desapareçam muito mais depressa; dar-lhes um pequeno sorriso, se isso for o melhor que conseguimos fazer quando a dor da vida está sobre nós. Dar só um pequeno sorriso, faz com que a dor seja bem menor.

Irene: Como disse há pouco, tenho mais duas perguntas sobre a vida. No momento da morte física, a entidade espiritual tem alguma escolha ou seleção quanto à sua orientação futura, se permanece no plano astral ou espiritual para evoluir mais, ou tem obrigatoriamente de reencarnar?

Yada: Há um ensinamento no vosso mundo chamado "Teosofia" que diz que quando um indivíduo morre aqui no mundo físico, deixa um corpo, chamado o corpo físico, depois vai para o mundo astral e, passado algum tempo, morre lá outra vez e a centelha da vida, ou o monada, vai para outro lugar; um lugar de descanso chamado o estado de Nirvana. E quando faz isto, morre no plano astral — deixa outro corpo chamado o corpo astral (a casca).

Agora, meus amigos, na verdade não deviam deixar corpos espalhados por todo o lado. Ficam no caminho dos médiuns! Na terra têm de os enterrar e no astral ficam enredados na aura do médium e dão-lhe imensa chatice. São estes os fantasmas que andam para cá e para lá nas salas de sessões espíritas sem dizerem nada. (Ouve-se o som de pessoas a marchar na rua – parada) Alguém disse um, dois, três? O que é isto?

Irene: É o Dia de São Patrício, devem estar a marchar lá fora.

Yada: O homem está sempre a marchar, de uma maneira ou de outra, a marchar pela vida.

Irene: Estão a celebrar o Dia de São Patrício.

Yada: Muito bem, muito bem.

Irene: O Prof. Luntz disse que São Patrício devia ter sido mordido por uma das cobras!

Yada: Isso teria sido uma pena, porque não teria conseguido cumprir o seu trabalho, fazer o que veio fazer. Agora, depois de tudo acabado, São Patrício está feliz e pronto, não é?

Irene: Pois, é isso.

Yada: O que tem de ser, será. Porquê? Porque cada um de nós tem o seu trabalho a fazer. Às vezes o nosso trabalho traz muita dor aos outros. Os outros aprendem assim e nós aprendemos de outra maneira. Aprendemos, é para isso que serve a vida. Nunca critiquem o que os outros fazem; tentem perceber porque o fazem, só isso. Depois deixem-nos em paz, porque eles fazem parte do grande espetáculo chamado vida. Têm um papel a desempenhar; têm um papel. O eu-ego recebeu aquilo a que vocês chamam um papel quando chega a este mundo.

É como quando saímos dos bastidores para o palco. Todos temos um papel a desempenhar. Quando subimos ao palco, o grande encenador dá-nos o papel. Diz: "Estudaste isso a fundo? Muito bem, agora vai para o palco e faz o papel." E vão, fazem o papel e depois voltam para os

bastidores. Agora, há muita, muita gente nos bastidores que ainda está a tentar fazer o papel de quem está no palco. Alguns não se contentam em só dar indicações atrás da cena. Querem vir para a frente e assim fazem. É assim mesmo.

O mais importante para ti é: como estás a desempenhar o teu papel? Pensa nisso. Mas e se o teu papel estiver a interferir com o modo como outro faz o seu? Se estiver, mas sentes que tens de o fazer, então faz bem. Diverte-te com o que estás a fazer. Sabe o que fazes, porque há sempre um preço, o preço de aprender. Vês, a vida é muito simples, muito simples. Agora, por exemplo, o Grande Papa e depois o Martinho Lutero. Falou com o Papa, disse que tinha esse trabalho a fazer, e fê-lo. A todo o custo, fez o que tinha de fazer. Caso contrário, não teria encontrado liberdade dentro de si mesmo. Naquela altura, ele achava que fazia o que devia, e fez. Isso deu ao Martinho Lutero algo para fazer! É para isso que serve a vida, para fazer qualquer coisa. Se alguém faz alguma coisa que eu não gosto, o que vou eu fazer? Não tenho nada para fazer. Vida interessante, não?

Irene: Yada, temos aqui uma senhora que está doente. Veio da cama. Queria saber se a podes ajudar, Yada.

Yada: Senhora, pode vir aqui à frente, por favor?

Irene: Venha aqui, querida.

Yada: Senhora, tem problemas no peito e nas costas?

Senhora: Sim. E na parte inferior das costas.

Yada: Senhora, apanhou aquilo a que chamam uma constipação.

Senhora: Acho que sim.

Yada: Estava a trabalhar fora quando apanhou isto?

Senhora: Quando saí de casa estava um vento forte, etc.

Yada: Então não trabalha muito com as mãos fora de casa?

Senhora: Não.

Yada: (Fala na sua língua e a Irene explica o que ele está a dizer sobre as ridículas morais na terra que nos impedem de ajudar os outros.)

Irene: Sim, Yada, mas as tuas intenções são boas.

Yada: Às vezes sabes que o caminho para o inferno está cheio de boas intenções. Boas intenções nunca chegam. Por favor, outra pergunta.

Irene: Em que forma física se manifestou a vida pela primeira vez no nosso planeta? Podes também explicar o processo espiritual...

Yada: Antes de ires a isso, havia uma pergunta que fizeste há bocado e não respondi.

Irene: No momento da morte física? Quanto ao futuro, se permanece nos planos astrais ou espirituais para evoluir, ou tem de reencarnar?

Yada: Agora, quero dizer isto. Vou ser rápido porque sei que o tempo está a passar depressa para ti, por isso também tem de ser rápido para mim, não é?

Irene: Temos ainda bastantes perguntas e esta será a última oportunidade durante muitos meses para estas pessoas te fazerem perguntas.

Yada: Sim. Digo-te, morres uma morte aqui mesmo. Não deverias morrer esta, mas como o homem não conhece a natureza do seu eu físico, não consegue controlar a ação chamada decomposição das células do corpo físico e morre. Mas quando souber, como todos hão de saber com o tempo, já não terá um corpo aqui. Quando todos souberem fazer isto, nunca mais ninguém nascerá através do corpo de outro, trazendo sofrimento a outro.

Cada um será o seu próprio criador e criará a sua própria forma a partir da matéria da consciência da mente. Na vossa Bíblia Cristã diz: "No princípio era o verbo e o verbo estava com Deus e o verbo era Deus." Lembram-se? (Audiência: Sim) O homem perdeu o verbo; é o verbo da criação. Hão de aprendê-lo e nunca mais morrer nem nascer. Só quando quiserem aparecer para servir alguém é que virão. E então percorrem o universo inteiro criado.

Agora, mas enquanto estão neste estado, passam por uma morte. Vão encontrar-se naquilo a que chamam o mundo astral. (No início não estão muito conscientes de o mundo astral ser um lugar diferente do mundo físico. Tudo vos parece natural.) Durante algum tempo, a Terra parece ser aquilo, ser a única existência que há. Depois, lentamente, a Terra desvanece da vossa visão e, como um grande nevoeiro, assenta sobre ela. Depois, alguém vos leva e mostra o mundo interior chamado o mundo astral. Vai parecer igual ao mundo físico. É como se virassem a cabeça daqui e olhassem para ali, e lá estão as mesmas coisas. Vai parecer bom e real para vocês. Têm uma forma.

Tudo na vida, as pedras, as árvores, as colinas, a água, as cores e vibrações mais gloriosas da vida. Um mundo de beleza além das palavras. Mas se forem cegos e estiverem presos a emoções baixas e descontroladas, como alguém que morre alcoólico, ou o que chamam de toxicodependente, ou perdido nas suas paixões, pode encontrar-se no que se chama o baixo astral, o mundo astral às vezes conhecido como os bairros de lata. Aqui vão continuar a fazer o mesmo, a tomar drogas, a beber e todas as coisas sexuais de maneira negativa.

Irene: Isto decorre no plano astral?

Yada: Isto decorre no plano astral inferior. Vais encontrar os teus semelhantes que gostam de fazer as coisas que tu gostas de fazer. Não vais

sentir que estás a sofrer. Não te vai parecer um inferno. Não te parece assim quando o fazes aqui, pois não? Não. Simplesmente estás preso num hábito e estás a desfrutar do que fazes. Por vezes desejas não estar preso a isso. Por vezes sentes vergonha do que estás a fazer e sabes que estás a desperdiçar as tuas energias e a tua vida, mas continuas a fazê-lo na mesma, porque é uma atividade compulsiva.

Nem sempre consegues evitar, porque na vida anterior adquiriste certos pensamentos e certos sentimentos, e agora voltas ao mundo físico e esses sentimentos e pensamentos ainda são tão fortes e profundos em ti que vêm à superfície e obrigam-te a agir, e não sabes o que te está a levar a comportar-te assim. Podes dizer a ti próprio: "Gostava de ser diferente, que a minha natureza fosse diferente, mas não consigo evitar." Isto não é muito conhecido pelos psiquiatras, senão não estariam a enviar tantos homens e mulheres para prisões e a esquecê-los lá.

COMPULSÃO. Os psiquiatras reconhecem o que chamam de atividade compulsiva, mas a maioria acredita que provém de algum mal-entendido ou má interpretação do meio em que cresceram nos primeiros anos. Nem sempre é assim. Às vezes sim, mas às vezes não. E é no "às vezes não" que a pessoa mais sofre, porque não é compreendida.

Irene: Estás consciente quando viras a cabeça para longe do microfone, Yada?

Yada: Sim, eu sei, mas é...

Irene: Já que estás a falar sobre isso, podes descrever a diferença entre o plano Etérico e o plano Astral?

Yada: Sim, quero fazê-lo. Agora, no que é chamado de vida Astral, não há ligação real com o que é conhecido como o plano Etérico. No plano Etérico há planos de matéria muito semelhantes ao vosso mundo físico, mas que não pertencem àqueles que vieram do mundo físico. Pertencem a seres de consciência mais elevada, pertencem a coisas de consciência mais elevada. É o mundo deles, tanto o plano etérico baixo como o alto, que literalmente alimenta o mundo material, porque a matéria aí é semelhante ao mundo daqui. Ainda mais, é a verdadeira matriz do mundo material, é a matriz dele.

Mas quando entras no Mundo Astral, entras no que se pode chamar um estado de pura mente. Aí podes mostrar-te sob certas condições e podes arranjar a matéria do teu corpo Astral para que seja um pensamento muito positivo com o mundo tridimensional. Contudo, não pertences ao Mundo Etérico. Haverá um momento, talvez, em que entrarás nesse mundo, mas aí estarás livre. Não terás morrido neste mundo. Morres neste mundo, mudaste a tua consciência e levaste o teu corpo de matéria contigo. É um

conceito errado, essa história de "Não podes levar nada contigo". Tens de levar!

Agora, entrando num estado Nirvânico, vejamos, meus amigos, diz-se que quando alguém entra nesse estado Nirvânico sonha com as suas experiências passadas na terra e olha para elas com grande paz de espírito. Alguém consegue sonhar com o seu passado de há anos e ter paz de espírito ao recordar? (RISO) Então como é que vais conseguir, se tiveres uma vida longa aqui na terra e depois fores para o Mundo Astral, ou para o estado Nirvânico? Se começas a pensar no que fizeste, não tens paz, não consegues descansar. Sentes-te mais como se estivesses no inferno do que num estado pacífico! Porquê? Porque surgem sentimentos de culpa, sentimentos de vergonha. "Fiz isto?" "Fiz aquilo?" "Oh, não fui eu. Não faria, não poderia ter feito essas coisas."

Vês o que fazemos? Falamos connosco próprios, estes conceitos errados de que somos maus, de que precisamos de castigo. Muito maus, precisamos de castigo. Por isso decidimos viver, viver o melhor que conseguimos compreender. Alguns de nós vão entrar em violência consigo próprios e com outros e destruir os corpos dos outros e os seus próprios corpos? Ainda assim, é um esforço para viver, tentar viver. Meus amigos, se vão meditar, meditem e peçam para serem aliviados de sentimentos de culpa por qualquer coisa que tenham feito. Pois assim que conseguirem esta liberdade de sentimentos de pecado, de culpa e do desejo de castigo; uma vez livres disto, vão sentir-se livres e, de facto, estarão num estado maravilhoso. Não precisam de esperar para ir para o céu, têm-no já aqui.

Irene: O resto da pergunta é: E qual é o estado da entidade depois de o seu corpo Etérico se desintegrar?

Yada: Se ele tem um corpo Etérico, então eu diria que o deixa e segue para o Estado Nirvânico. Mas não, não existe tal coisa. Os médiuns não ficam presos em invólucros Astrais, mas ficam presos em formas de pensamento. Formas de pensamento que são criadas aqui mesmo na terra assim como por aqueles no Mundo Astral. Ficam presos nos sonhos que acontecem, nos restos e fragmentos de sonhos por que o homem passa aqui na terra e nos restos e fragmentos de sonhos no Mundo Astral, tanto no estado de sono como de vigília.

Meus amigos, imaginem isto: há mais de 2,5 mil milhões de pessoas na terra, estão constantemente a enviar para a atmosfera todo o tipo de pensamentos produzidos de forma emocional e não emocional. A atmosfera está viva com formas de pensamento de todos os tipos. E depois considerem aqueles que já partiram, geração após geração, durante milhares e milhões de anos. Passaram para o mundo astral e projetaram os

seus pensamentos de volta ao mundo físico. Agora veem, meus amigos, porque até a meditação tem os seus perigos e porque é necessário amar a vida.

Irene: Fica uma casca astral no Astral depois de alguém partir? Isto completa a pergunta.

Yada: Não. E devias estar muito grata por isso. Eu estou. Já tenho o suficiente para atravessar agora, e tu também terás!

Irene: Pergunta: Em que forma física é que a vida se manifestou pela primeira vez no nosso planeta? Podes também explicar o processo espiritual que a causou?

Yada: A primeira forma de vida no planeta Terra foi um pouco de fermentação. Já mencionei isto há algum tempo e um homem disse: "Queres dizer que somos a escória da terra?" (RISO) Muito interessante, não é? Por que não? Começa-se do início para poder controlar o topo. Quando chegamos ao topo tendo subido desde o início, então pertencemos ao topo. Se começarmos pelo meio, mesmo que cheguemos ao topo, seremos empurrados de volta ao início.

Irene: Pergunta: Sendo o amor compreensão, e tendo uma compreensão total de qualquer forma de vida ou assunto ser quase impossível neste plano físico, parece ser muito difícil para nós experimentar isso na sua verdadeira essência. O que tens a dizer sobre isto, Yada?

Yada: Claro, vai ser difícil experimentar a natureza da vida e do amor. Não há maneira fácil de o fazermos. Exige esforço concentrado, a vontade de saber. Não podemos, nem ousamos, duvidar que existe um mundo mais vasto à nossa volta do que aquele que vemos. O homem, muitas vezes, acredita que pode conseguir algo sem esforço. Tenho a certeza de que vocês aqui sabem que não é assim. Sim, não podemos ter medo do esforço que teremos de dar a estes estudos. Temos de aprender paciência, uma paciência extrema, porque muitas vezes, quando achamos que temos a resposta para algo, mesmo quando estamos no caminho de realizar o nosso maior desejo, e até alguns dos menores, tudo se desmorona e cai-nos em cima.

Como se houvesse alguma força consciente a trabalhar contra nós. Temos de aprender a levantar-nos e tentar de novo. Não percam um momento sentados ou deitados onde caíram, nem um momento a lamentar-se, porque quanto mais tempo aí ficarem, mais tempo aí vão ficar! (RISO) Porque perdem a vontade de se levantar. E depois de perderem a vontade, perdem a força, e então ficam perdidos, com certeza. Levantem-se agora, quando forem derrubados, levantem-se. Não se queixem, porque milhares e

milhões de pessoas estão a queixar-se. A vossa voz vai perder-se na tempestade de queixas. Não se permitam esse tipo de tolice. É vaidade, um apelo ao ego. Querem fazer de vocês mártires e nem se apercebem disso na altura. Levantem-se e recomecem. É isso que nos distingue dos animais, meus amigos. Coragem! CORAGEM!

Irene: Yada, podias dar-me uma resposta curta a isto. De onde vieram as pedras com que as pirâmides foram construídas?

Yada: Embora não percebas e eu não saiba de que serve a resposta a esta pergunta, que utilidade terá, vou tentar dar-te uma explicação. Essas pedras não vieram de muito longe de onde se pensa que vieram, não foi de grande distância. Havia uma grande pedreira de pedra debaixo da areia, perto do que hoje se chama a Pirâmide de Gizé. No entanto, há outras pirâmides que não tinham pedreiras por perto. Mas essas pedras foram movidas por um pensamento sobre o qual hoje pouco se sabe. Primeiro foram cortadas por grandes lâminas rotativas de cobre, cobre endurecido. Penso que conheces cobre endurecido, não? Essas grandes lâminas cortavam de tal modo que ficava uma superfície altamente polida. Eram grandes discos, operados por forças elétricas. Um dia vais encontrar o que parece ser baterias ou o que parece ser uma máquina para gerar eletricidade, uma máquina muito pequena mas capaz de produzir uma força elétrica tremenda.

Essas lâminas cortavam de tal forma que, quando eram colocadas umas sobre as outras, parecia haver uma grande força entre elas a mantê-las juntas; só o peso, depois de devolvido, bloco a bloco. Depois de colocadas, o peso era-lhes devolvido. O homem de hoje pensa que sabe tanto! Não foi por uma máquina que destruía as forças da gravidade, mas por uma condição criada nas próprias pedras, na estrutura molecular das próprias pedras, tornando-as tão leves como o ar. E então, quando estavam no sítio e ajustadas, o peso original era-lhes devolvido através do alinhamento da estrutura molecular, e ficavam…

Meus amigos, têm alguma pergunta?

Irene: Há alguma pergunta que ele ainda não respondeu?

Yada: Preciso de alguém para me ajudar. Preciso de outro eu para continuar comigo. Preciso de outro corpo deste homem para continuar. Energia... não há muita, não agora. E o tempo também é bom.

Irene: Gostavas de continuar um pouco sobre as pirâmides, Yada?

Yada: Sim, quero dizer que as ideias, os desenhos do que chamam a Esfinge foram criados pelas pessoas aqui na Terra, mas o desenho da pirâmide de Gizé e de várias outras em diferentes partes do mundo foi dado ao homem por seres superiores, aqueles que chamam de Etéricos ou Seres

do Espaço. Para mim é espantoso que isto ainda não seja conhecido na vossa Terra, entre o vosso povo cristão, porque está escrito muito claramente no vosso livro sagrado. A informação na pirâmide de Gizé sobre o mundo e sobre o estado do mundo e o que se tornou foi dada aos egípcios pelos Seres do Espaço.

Primeiro foi enviada sob a forma de luz, ou radiação luminosa. Depois, os seres do espaço vieram à Terra e mostraram ao homem como fazer muitas coisas, tornar coisas pesadas em coisas leves. Não é tanto a gravidade, é o próprio objeto e o seu arranjo molecular que faz o peso. A gravidade acrescenta a isso, ou faz com que isso seja possível pelo modo como as moléculas estão alinhadas a criar uma força. Alguém quer comentar sobre isto? Ou discordar?

Aud: Não, Yada. (RISO)

Yada: Tenho muito interesse em ouvir as vossas ideias.

Homem: Yada, posso fazer uma pergunta?

Yada: Sim, por favor.

Homem: Há alguém a trabalhar exatamente sobre esse tema da gravidade. Ele diz que qualquer veículo é gerado por… (inaudível)… e reativado pela energia do Espaço.

Yada: É assim, é assim. Porque, porquê? Porque tal movimento produz isto enquanto está a acontecer, produz um arranjo diferente nas moléculas do objeto. Quando volta ao seu estado original de vibração, a estrutura molecular volta ao estado original. Mas, quando começas a construir uma máquina para te levar ao espaço, sabes quanto tempo a luz demora a chegar até ti vinda de certos corpos no espaço? Milhares de anos. Penso que sabes isto?

Aud: Sim.

Yada: Tão distantes são esses corpos. Agora, se quiseres ir até um desses corpos, tens de te transformar em pura luz, pura luz. Mas depois de atingires um certo estado que chamas estado de luz, começas a mover-te de novo para um estado mais concreto. Dou-te um exemplo de como um objeto muda em movimento. Pega numa vara, nesta régua, põe-na em movimento, a vara fica mais curta. Aumentas o movimento, e à medida que aumentas o movimento, diminuis o tamanho da vara. Quanto mais rápido o movimento, mais curta ela fica.

Irene: Mais curta parece ficar, pelo menos.

Yada: Mais curta fica! Não é parece, é mesmo. Estás a comprimir cada vez mais a estrutura molecular. Não só a vara fica mais curta, mas a matéria de que é feita torna-se cada vez mais densa. Não menos densa, mais densa.

Irene: É isto que acontece a uma hélice quando gira?

Yada: Sim, mas não muito, porque não gira suficientemente depressa para isso, por isso não é afetada dessa maneira. Agora, quando chegares a velocidades muito maiores, ha, ha, sim. Acho que isto vai manter-te em forma com a física. O que disseste, senhora?

Senhora: Pensei que se desintegravam.

Yada: É verdade, desintegram-se, tornam-se mais compactos. Já não és tão grande, toda a gente fica mais pequena, fica mais pequena, assim podes tornar-te maior outra vez.

À medida que vais para o espaço exterior, mentalmente vais adquirir uma personalidade diferente. A psicologia de ti próprio vai mudar radicalmente, mudar tanto, que se fosses projetado de volta à Terra instantaneamente, já não serias a mesma pessoa. Toda a tua personalidade teria mudado tanto na tua estrutura física. Quanto mais longe fores, mais jovem ficas. Senhoras, querem vir comigo? (RISO)

Irene: Ia dizer, vimos um filme há pouco tempo que mostrava homens a ir para diferentes planos para se prepararem para o espaço. Mas, sabes, continuam a sentir-se seguros porque sabem que ainda estão aqui na terra. Isto não resolve a reação psicológica, pois não?

Yada: Não. Vejo que os cientistas fazem todo o tipo de experiências com as pessoas no suposto foguetão que vão enviar para o espaço. Isto é muito interessante e, apesar de conseguirem lutar contra o que chamam radiação cósmica e meteoritos até certo ponto, vão ter muito mais dificuldade com a psicologia das pessoas que vão nesses foguetões quando realmente começarem a ir para o espaço. Há uma diferença e espero que os vossos cientistas a reconheçam antes de os enviarem. Há uma diferença! Uma diferença que pode levá-los a matar-se uns aos outros no foguetão.

Vai demorar algum tempo antes que eu tenha a honra de comunicar convosco novamente através do corpo deste homem. Se esquecerem tudo o resto do que disse, lembrem-se de uma coisa, uma coisa. Tentem amar-se a vós próprios e amar o vosso próximo. Isto é importante. Mas amem-se, porque se se amarem, cuidam de si mesmos e isso ajudará a cuidar dos outros. Não deixem ninguém, seja ele quem for ou pareça ser, não o deixem sozinho. Todos precisamos da ajuda uns dos outros. Sim, honraram-me ao ouvir. E gratia.

Irene: Para aqueles que nunca estiveram aqui antes:
Yada, este é Yada, esta é a flor de lótus e é quase um símbolo de Yada. Yada fala primeiro na sua língua Yu antes de começar a falar em inglês. Portanto, daqui a pouco vão conseguir compreendê-lo. Sim, Yada.

Yada: Senas et Senahas. Ena Yada di Shi'ite.

Anita: Boa noite, Yada.

Yada: A notchi, a notchi.

Irene: Yada está a dizer boa noite. Senas et Senahas é senhoras e senhores.

Ele está a apresentar-se.

Yada: Fala na língua Yu.

Anita: Gratcia para ti, Yada. É uma honra termos-te aqui esta noite connosco.

Yada: (Explica palavras na sua língua. Conversa e riso do grupo.) Meus amigos honrados, é com grande prazer que venho falar convosco. O senhor e a senhora desta casa deram-nos grande honra ao permitir-nos vir aqui.

Anita: Honras-nos ao vires até nós.

Yada: Gratcia. Por favor, lembrem-se, meus amigos, que quando alguém abre a sua casa para vos receber, faz-vos uma grande honra. Quando dizem, "Entra na minha casa", estão a dizer, "Entra na minha vida, partilha a minha vida comigo." Que grande honra! O ser humano tornou-se demasiado indiferente ao que se chama honra. Se não honrarmos a nós próprios, como podemos honrar os outros?

Sede gentis, compreensivos convosco próprios. Reservem as vossas energias. Não se permitam entregarem-se a raivas, ansiedades ou medos. Isto é honrar-se a si mesmo. É cuidar do vosso veículo físico para poderem permanecer mais tempo na terra e assim terem mais oportunidade de aprender o que é a vida.

Quantas pessoas vêm à terra e sofrem tanto fisicamente que ficam muito felizes quando chega a altura de partir. Algumas querem ir-se embora tão desesperadamente porque a vida é só dor para elas, que acabam por tirar a própria vida. Se cada pessoa tivesse o verdadeiro interesse pelo seu semelhante no coração, o suicídio não existiria. Faríamos tudo para que tal não acontecesse. Procuraríamos corrigir essas condições de negatividade em que o outro se envolveu e ajudá-lo a sair disso, tal como desejamos ser ajudados. Mas quanto maior e mais complexa se torna a civilização, mais cada um, cada indivíduo, se afasta de todos os outros, querendo viver apenas a sua própria vida. Preocupa-se apenas com os seus próprios assuntos. É surpreendente.

Andas pelas ruas da tua cidade, milhares de pessoas a passar de um lado para o outro e ninguém diz nada a ninguém. Como um mundo de zombies, os mortos vivos. Eu não te conheço? Porque és um estranho para mim? Porque sou um estranho para mim mesmo. Quando me conheço,

conheço-te. Então sei que tu és eu. Como não te vou ajudar, se ao ajudar-te, ajudo-me a mim próprio.

Mas não, o homem foi mal ensinado. Foi ensinado a temer, a desconfiar de si próprio, e por isso desconfia e teme o seu semelhante. Pensem nisto, meus amigos, pessoas a esfregarem cotovelos umas nas outras, o que chamam de roçar cotovelos nas grandes cidades cheias de gente. Fazem isso todos os dias e, se alguém, inadvertidamente — tem de ser inadvertidamente — sorri a outro, esse outro pode olhar como quem diz: "O que se passa contigo?" "O que queres?" "Queres alguma coisa?" Sempre à espera que se queira alguma coisa; nunca acreditando que pode simplesmente haver o desejo de conhecer o outro.

Um sentimento caloroso e amigável. "O que queres?" e "Quanto é que tens?" Se não tens "quanto", não querem falar contigo. O dinheiro significa para eles sinal de posição, de carácter.

A pessoa instruída, o que chamam de pessoa academicamente instruída, foi no passado ignorada. Parece que quanto mais alguém é instruído, mais difícil é arranjar trabalho da sua área que lhe pague o suficiente. Mas todos se curvam perante os atores, por mais estúpido ou mau que seja o carácter, não interessa. Ele ou ela está nos olhos do público, muito maravilhoso!

Os vossos professores – alguém olha para os professores? Nem os próprios alunos querem olhar para eles. O que se passa com o ser humano? Se parares um pouco para pensar, olhares à tua volta, vês como o homem tem tanta dificuldade em racionalizar de forma sensata o que é a vida. Por isso, é de admirar que haja guerras entre nações, e grandes lutas entre indivíduos?

Cem mil crenças religiosas diferentes, cada uma a lutar contra as outras; cada uma acreditando ser superior e que é a escolhida por algo chamado Deus. Se houvesse um deus como o homem fala, lá em cima no céu, já estaria completamente louco de ouvir o homem. Devia pensar para si mesmo, "Porque é que me meti nisto?" Devia afastar-se e dizer, "Se calhar não fui eu, foi o diabo." Porque essa é uma característica do homem, quando as coisas correm mal. Nunca gosta de dizer, "Fui eu que fiz." É sempre, "Foi Deus que fez ou foi o diabo, ou foi o vizinho. Mas eu não. Eu não faria tal coisa." A culpa de uma condição negativa transforma-a numa condição positiva?

É isso que as vossas nações estão a fazer. Cada uma culpa a outra pelo estado infeliz da humanidade. Sim. Aquilo a que chamam Rússia, culpam-vos. Vocês, americanos, culpam-nos. Os ingleses culpam-vos a vocês e à Rússia também! Ha, ha, e assim por diante. Os alemães culpam outros.

Todos culpam alguém. Ninguém tem culpa. Então quem começou tudo? Quem começou? Ninguém quer assumir a culpa. Não importa. Só importa que o homem acorde e perceba que ele, individualmente, é responsável. Uma nação não é um estado ou coisa em si: é feita de pessoas, seres humanos, e se esses indivíduos não estão conscientes, se não vivem conscientemente, como é que as coisas podem ser diferentes do que são?

A nossa mensagem para o mundo, se é que temos alguma mensagem, é que o homem se torne mais consciente de si. Sabe o que fazes e então não terás de culpar ninguém. Vais saber que, quando as coisas não correm como gostas, foste tu que as fizeste assim, e só tu as podes corrigir.

Nos primeiros ensinamentos da religião cristã, aquilo a que chamam sobrevivência e comunicação era ensinado. Fazia parte dos textos sagrados, mas os pais da igreja decidiram retirar porque descobriram que, quando a comunicação acontecia, a maioria dos seus ensinamentos religiosos desmoronava-se. Não conseguiam ganhar dinheiro suficiente e o dinheiro era o mais importante. Poder. Não posso ter poder sobre ti se te ensino a verdade, porque ao ensinar-te a verdade, ensino-te a pensar por ti próprio. Isso é perigoso para um sacerdote.

Estás aqui sentado, olhas para o corpo deste homem e ouves uma voz a sair da sua boca e, porque aprendeste que sempre que há uma pessoa em estado de transe, de alguma forma a voz que fala é a de um morto. Não, eu agora estou vivo, vocês é que estão mortos, meus amigos. Morto significa ignorância. Só isso – ignorância, não saber. Isto é natural, não é nada de estranho. É porque não sabemos que temos um campo onde trabalhar, para que possamos vir a saber. Se já soubéssemos, não teríamos nada para aprender.

Aprender. É para isso que serve a vida, e eu penso que uma das primeiras coisas que o ser humano devia aprender ainda bebé é que não é um ser material por si só, e que aquilo que lhe parece ser um mundo material é apenas um entre muitos, muitos estados de mentalização que existem, e existem porque ele os criou. O homem – o homem, não deus. Deus não criou nada, é o homem que cria, o homem, a luz eterna. Não o homem que vês em forma. Isto é apenas uma sombra, uma ideia como o mundo inteiro, todo o universo material. É uma ideia, uma ideia projetada no que se chama forma. Mas o que é forma? A forma de um indivíduo é um campo de força. Tenho a certeza de que alguns de vós aqui compreendem física e as leis da física? Agora, se eu disser alguma coisa nessa área que consideram não ser como a conhecem, corrijam-me, sim? Porque venho aqui, como vocês, para aprender.

Sou uma consciência, uma consciência viva, não um fantasma. Fantasmas são zumbis, adormecidos. Não sabem nada, nada, e também não querem aprender nada, porque pensam que já sabem tudo. Ao lidar com fantasmas é preciso ter cuidado com eles, pois estão por toda a parte. Estão no corpo de carne e osso. Às vezes vês o que parece ser um espírito a atravessar uma parede, uma das vossas paredes, e ficas surpreendido, se ficares tempo suficiente para te surpreenderes. E pensas nisso. É um ser humano como tu, mas sem pele e ossos. Ele é o que vocês chamam pelado e desossado. (Riso)

Não é um pensamento muito romântico, pois não? Mas esse corpo que vês a atravessar a parede também é um corpo criado por ele mesmo. É uma ideia. Esse indivíduo ainda não atingiu o estado de consciência em que sente que pode existir sem fazer algum tipo de corpo. A ideia de um corpo ficou tão semeada na sua consciência, foi tão condicionado hipnoticamente, por sugestão, a que tem de ser um corpo, que sempre que morre, cria outro corpo, outro corpo. Continua a fazer corpos.

Irene: Eventualmente fazemos isso, não é, Yada?

Yada: Não sei sobre "nós", só sei sobre "mim". (Riso)

Irene: Estavas a dizer que "nós" fazíamos corpos, por isso...

Yada: Sim, estou só a brincar.

Irene: Tenho aqui uma pergunta que vai ao encontro do que estás a dizer agora: Como Yada disse, "Se existe um Deus como acreditamos, ele deve ser louco." Existe um Deus como o imaginamos? Que tipo de Deus imaginamos?

Yada: Nas vossas doutrinas cristãs ensinaram-vos a acreditar no que se chama um Deus antropomórfico. Não é assim? Não é assim? Deveria dizer que é uma pena e abanar a cabeça com ar inteligente? Não, isso não vos serviria de nada. Digo o seguinte: se estão condicionados a acreditar nesse Deus, mas agora têm a ideia de que talvez não seja bem assim, então comecem a afastar-se dessa crença devagar, devagarinho. Não corram; não digam a vós próprios, "Ah, já sei agora" e empurrem esse outro Deus para longe. Caminhem devagar, aprendendo a cada passo.

Conhecem o coelho? Sai do seu buraco e olha à volta para ver se está tudo seguro, se não há perigo. Depois sai e afasta-se do buraco, muito devagar, sempre alerta e pronto para regressar ao buraco rapidamente. Tem um refúgio, um lugar que conhece, entende, porque foi condicionado a entendê-lo por muitos, muitos outros coelhos. Mas, à medida que ganha coragem pela experiência, afasta-se cada vez mais do buraco. Depois, com o tempo, aprende a encontrar proteção, segurança de muitas outras maneiras. Já não depende só do buraco. E o homem devia ser assim ao

abordar a nova aprendizagem. Devagar. Procura abrigos onde possas estar seguro, caso venha uma grande tempestade, até aprenderes a aguentar a tempestade quando estás no meio dela. Vai com a tempestade. Deixa-a rugir à tua volta, mas não te tornes parte dela. Então serás realmente um mestre.

Anita: Disseste isso de forma muito bonita, Yada.

Yada: Gratcia. Meus amigos, não viemos negar nada nem o que acreditam. Porque como é que o homem aprende alguma coisa? Sugestão. Quando chega ao mundo físico é uma experiência nova para ele e tem primeiro o que se chama mãe e pai, que lhe sugerem que saia do sono, que fique mais consciente do seu redor físico. Também aprende por sugestão dos outros. Depois, tem de aprender a sugerir a si próprio e, ao fazer isso, pode descobrir que muito do que lhe foi sugerido antes não era verdade. É assim que a nova geração se torna superior à antiga. Qual é o sentido de ter uma nova geração se ninguém aprende nada? Muitas vezes ouço os pais do mundo físico dizerem aos filhos: "Pensam que sabem mais do que eu?" Com razão, a criança devia poder dizer: "Sim, estou em posição de aprender mais do que tu sabes agora." Se uma criança deve honrar o pai e a mãe, primeiro tem de ser ensinada a honrar-se a si própria.

Muitos pais esperam receber o que não lhes pertence – honra. Não podemos receber o que não demos. O homem não consegue perceber isto? Pelos vistos, não, porque olho à vossa volta e vejo os jovens a lutar, a lutar com o que não lhes foi ensinado. Se a uma criança lhe disserem que não é apenas uma forma física para este tempo, para já, por uns anos, mas que é algo maior, muito maior do que sabe. Se lhe disserem que é deus em formação, poderia agir como muitos agem agora? Não, porque ser deus em formação é algo honroso. Ele saberia que, se é deus em formação, também os seus semelhantes o são. E como deve agir deus? Com justiça, com compreensão. A palavra amor significa compreensão. Agora querem dizer algo?

Senhora: Sim, o que é deus em formação?

Yada: És tu.

Senhora: Sim, eu sei.

Yada: Aquilo a que chamas a tua consciência, o teu eu.

Senhora: Na formação de quê? De deus? Já somos conscientes.

Yada: Se já és consciente, já és deus, mas tens de tomar consciência disso, e esse tomar consciência é Deus em Formação.

Senhora: Sim, eu sei. Obrigada.

Yada: Au kee. Agora dizes que sabes.

Outras pessoas disseram o mesmo. “Eu sei, já ouvi antes. Diz-nos algo novo.”

Senhora: Temos de experimentar antes de realmente sabermos que sabemos.

Yada: Au kee. Uma criança vai para a escola. Ouve. Dia após dia, ouve, mas dia após dia o que ouve parece ser sempre o mesmo e começa a dizer: “Já ouvi isto demais. Vou continuar, ano após ano?” Sim. Porquê? Só para ouvir o mesmo? Não, é para que, com essa repetição, mais cedo ou mais tarde se comece a viver isso, a praticar, em vez de apenas repetir palavras. Eu digo-te, “Eu sou o que sou”, ou “Eu sou isso, isso que sou”. “Ah sim, já ouvi isso antes”, mas onde estás tu? O que significa isso para ti? O que fazes com isso dia após dia?

Vejo as pessoas a ir aos templos, o que chamam igrejas. Essas igrejas custam muito dinheiro, muito mais do que qualquer escola. O homem tem tanto medo do seu Deus que constrói os templos mais gloriosos para ele e depois constrói pequenas cabanas, casebres para si e chama a isso humildade, ser humilde. E, enquanto constrói as cabanas para si e os grandes templos para o seu Deus, mata o seu semelhante. Degrada-o, se é que pensa nele. Isto é pensar? Mesmo à sombra dos vossos templos caros há carência, pobreza, completa, absoluta pobreza. Não tanto a que chamam pobreza física, essa será superada, mas pobreza mental. Essa é muito mais difícil de superar, muito mais. O tipo de alimento religioso que deram ao homem causou-lhe indigestão mental. Agora, quando tens o que chamas indigestão intestinal, ou indigestão no estômago, podes tomar qualquer coisa e logo passa. Mas quando tens indigestão na cabeça, não basta qualquer coisa para passar.

Vai aos templos, ouve o sacerdote falar da grandeza divina de Deus, da sua grande justiça e amor, de tudo o que há de belo nesse Deus. E depois, no mesmo fôlego, olha para ti com um olhar frio e diz: “És um pecador, estás condenado ao inferno!” Gostas disso? Isso faz-te dormir melhor? Faz-te feliz com os outros? “Ah”, dizem, “claro que sim, porque podes ser salvo.” Quando? Quando? E de quê?, que é o mais importante. De quê vais ser salvo? Agora, muitos de vós foram condicionados, tenho a certeza, se não todos, por algum ensinamento cristão, por algum templo, e ouviram isto, “ser salvo”, há muito tempo. Então, diz-me, de quê é que têm de ser salvos, sim? De quê? Agora entro no vosso mundo e faço-vos esta pergunta: “De quê?”

Senhora: Da saúde?

Yada: Não creio que a igreja se preocupe com a vossa saúde. Preocupam-se com a vossa alma. Mas, na verdade, também não se

preocupam com a vossa alma. Preocupam-se mais com o que têm nos bolsos e a melhor maneira de tirar isso dos bolsos é assustar-vos. (Riso) Desculpem, mas tenho a certeza de que conseguem ver o mesmo.

Senhora: Sim.

Yada: Não estou aqui só para fazer barulho, meus amigos, nem para fazer humor com estas coisas. Podemos rir, e rir faz muito bem ao corpo, mas isto é muito sério. Porquê? Porque estou a falar da vossa vida quando venho falar-vos da vida. Estou a intrometer-me no vosso viver. Se não vos deixar algo de valor, algo que possam usar no vosso dia-a-dia, então fui apenas intrometido, e só isso. Não venho, e repito, não venho para mudar as vossas opiniões ou crenças. Na verdade, não posso, se realmente acreditam nelas. Por isso digo-vos, e já disse a muitos antes, não tenham medo de vir ouvir, ou ir ouvir qualquer coisa, em qualquer lugar, porque se realmente acreditam no que vos ensinaram, ninguém vo-lo tira. Ninguém, meus amigos, precisa de se levantar zangado para defender as suas crenças, porque quando o faz, é uma boa prova de que não se sente seguro nelas. Se estiveres seguro, podes sentar-te a ouvir-me e nada te abala, nada.

MEDO. Tanta da vossa doutrina cristã é medo. Medo do diabo. O diabo quer apanhar-vos. Corram, depressa, corram, todos a correr. Tudo o que precisam de fazer é confessar a vossa crença num chamado Jesus, o Cristo. Só isso. Não é fácil? Não custa nada! Porque não o fazem? Muitos, muitos milhares de pessoas fazem-no e depois voltam ao que faziam antes, e acreditam que estão salvos. Salvos? São zumbis; são adormecidos. Não sabem o que fazem. Como disse, vão ao templo, voltam para casa, e então? Nada mudou.

Continuam a discutir entre si, continuam com pequenas mesquinhices e sentimentos de vingança. O que é isto? O que é que o homem aprendeu? É só isso Jesus Cristo? Ele nada teve a ver com isso. É um grande avatar, um mestre, um filho de Deus. Tu não. Ele é o Filho de Deus que veio para te salvar. Não tens nada a ver com isso. Só tens de dizer: "Sim, acredito em ti." Acreditas em quê? Em Jesus Cristo? Não existe Jesus Cristo – nunca existiu. Existe Cristo, que sempre existiu. Cristo significa Luz. Cristo significa sabedoria. Cristo significa clareza cristalina de entendimento, desperto, vivo, consciente.

Essa grande consciência de si é o quê? A mente criadora, a consciência criadora chamada mente, a entrar no mundo físico. Ele construiu o mundo físico. Depois veio experimentar nele e, para experienciar a sua criação, tem de se tornar um com ela. Por isso tem de encontrar uma maneira de se tornar um com ela. Então, depois de muitas experiências de diferentes tipos, descobriu finalmente que a melhor forma

de se tornar um com o mundo da matéria era começar como um pequeno ser unicelular. Semeou-se na terra como um ser unicelular com o que se chama o ardor da radiação solar. Água. Semeou-se, já um organismo vivo. Não se pode obter vida da morte, de coisas mortas. Todas as formas vivas vieram de formas vivas. Esse Deus de que fala a Bíblia, como diz, fez o homem do pó da terra. Não fez – foi o homem. O homem fez-se do pó da terra. O pó é substância química, iluminada pelo que chamam a radiação solar, ou luz ultravioleta. E depois foi despertando, lentamente, a partir de pequenas fermentações na água. Veio à superfície. Não deve ser muito agradável pensar que a nossa origem foi a escória da terra. Não é um quadro muito bonito, mas procuramos agradar ou procuramos a verdade?

Quando encontramos a verdade, encontramos o maior dos prazeres, porque aquilo que não é verdade revela-se em dor, em agonia, a agonia do descontentamento, a agonia da dúvida, o desejo ardente de saber.

ALIMENTO. O alimento do homem é o conhecimento. Deus sabia disso, por isso pôs no Jardim do Éden uma pequena árvore, a Árvore do Conhecimento. E pôs a língua de lado e disse ao homem: "Não comas do fruto dessa árvore!" Sabia que o homem o faria, por isso pôs a língua de lado quando disse, "Não comas disso". Sabia que o homem o faria, porque esse é o alimento do homem. E o homem não só comeu o fruto, como comeu as folhas, comeu os ramos, comeu o tronco, comeu as raízes, a árvore toda, tudo. Esta é a sua natureza.

Homem: Desculpa, Yada. Porque disseste que Deus pôs a árvore do conhecimento no Jardim do Éden?

Yada: Claro que não pôs, porque não há Jardim do Éden. Nunca houve. Não é um local, é um estado de consciência. Apenas repeti a história, a história que está no vosso chamado Livro Sagrado. Não, o Jardim do Éden é um estado de consciência, o estado de consciência quando o homem se reconheceu como criador. A sua chamada "queda", que não foi queda nenhuma. (Parece poesia)

Homem: O quê?

Yada: Parece poesia, disse, "A queda do homem não é queda nenhuma" – rima. Ele tomou consciência de si próprio como corpo. Esse foi o chamado pecado, tomar consciência de si mesmo como forma, consciência a tornar-se consciente da matéria, que era o seu trabalho, trabalho natural. Foi para isso que o homem veio, para tomar consciência de si como corpo físico, químico. Mas perdeu-se ao fazê-lo. O feitiço hipnótico foi tão forte sobre ele, a crença de que era um corpo tornou-se tão forte, que se perdeu da sua natureza divina. Já não sabia dela, e começou a lutar para recuperar esse conhecimento. Uma vez que o recupera

verdadeiramente, cada indivíduo que recupera esse conhecimento da sua natureza divina está fora do mundo da matéria.

Mas foi para algum lugar desfrutar do chamado estado nirvânico, ou estado de samatha divina? Não, tornou-se agora um mestre consciente, um criador consciente. Agora pode vir à Terra ou a qualquer outro planeta no espaço, onde for necessário para servir os seus semelhantes, para aqueles que ainda dormem no mundo da matéria. Pode vir e instantaneamente criar o corpo que quiser, corpo de animal, de inseto, de peixe ou de humano, porque já passou por todos esses estados.

Para que venho? Isso é que importa. O meu vir não é importante, nada disso. É vaidade do ego. Mas quando há propósito em vir, então é diferente. Ouvir o que chamam fantasmas não serve de nada. Há milhões e milhões de fantasmas que andam pelas salas de sessões em todo o mundo, sempre a entrar e a sair, a afirmar ser todo o tipo de coisas. Isso não me incomoda, mas e então? O que aprendem com isso? O que vos dão que torne a vossa vida mais inteligente? Isso é que importa. O que o ser diz é que importa, não quem é, porque ninguém sabe quem é, ninguém. Nem nós sabemos quem somos. Pergunta a ti próprio: "Quem sou eu?" Já dissemos isto a este homem muitas vezes. Olha-te ao espelho – eu não tinha um espelho de vidro. Tinha um espelho de cobre no meu tempo, mas mesmo assim tinha algo onde me ver, não só para me admirar, porque quase todos gostamos disso. É um prazer sentar-nos e contemplar-nos ao espelho, enquanto não alimenta demasiado a vaidade. Agora sentas-te e olhas para o espelho e olhas de perto, cada vez mais perto.

Levantaste-te e olhas para o olho assim, e observas e estudas a construção do olho, o desenho dele. Aquilo a que chamas pupila interna, que abre e fecha. E há todos os tipos de reflexos. Tem humidade, que o faz mover para trás e para a frente. Tem todo o tipo de pequenas coisas a que chamam cones e esses cones produzem diferentes cores de luz. Captam vários tipos de vibrações e transformam-nas em cores diferentes.

Na verdade, não há cor, não há som no vosso mundo. O mundo criado é um mundo sem som e sem cor. Mas o homem cria-o. Através do que se chama o seu corpo sensorial, faz o que se chama medir com os seus diferentes sentidos. E diz: "isto é uma parede, é sólida, vê (bate na parede). Eu bato no mundo da solidez. Daqui a pouco, se eu ouvir, vai dizer: 'Entra'." Então, como é que eu entro no mundo da matéria? Estudo-o, olho para aquilo a que chamam os blocos de construção. Em inglês chamam estrutura atómica. Muito interessante. Onde está a consciência num átomo ou numa molécula de átomos? Onde está a sua inteligência? Está lá. A inteligência do átomo está no que faz, na sua ação. A ação de um átomo é

procurar outro átomo, e faz isso muito depressa, porque não quer ser nada. Tem medo. Essa é a psicologia do átomo. Tem medo de não ser nada, por isso, na pressa de ser alguma coisa, começa a construir coisas.

A cor delicada vem do olho. O que estou a ver? Pego numa flor, como vocês chamam, e olho para ela. Vejo as cores bonitas. Cheiro, sinto. Mas estas coisas estão na flor? Fazem parte da flor? As pétalas de uma flor sentem-se suaves? O que quero dizer com suave? Eu cheiro, ou digo que o aroma é maravilhoso. O aroma. Um aroma pode cheirar? Sim. E cheira a quê? Cheira a Mark Probert, que o está a cheirar. É o chamado cheiro de Mark Probert. Agora dou a ti, Anita. Já não é cheiro de Mark Probert, é cheiro de Anita! Para ela é completamente diferente do que é para ele.

O desenho da flor, a forma, o que é? Forma de Mark Probert; forma de Anita. Mas o que é por si só, sem Anita, sem Mark Probert? Vibrações, vibrações. Mark Probert transforma as vibrações no que são para ele e Anita transforma-as no que são para ela. Assim ele cria o mundo e ela cria o mundo. Ambos estão a sonhar.

Irene: Yada, tenho uma pergunta relacionada com algo que disseste.

Yada: Au kee. Como não quero esquecer o que disse, vou ouvir-te.

Irene: Eis a pergunta que alguém fez. Pareces indicar que a alma evolui até ao reino animal antes de experienciar a humanidade. É verdade?

Yada: É sim. Sem dúvida. Como posso ser rei se nunca fui escravo? Como posso reinar se nunca fui governado? O que sei sobre o que se chama matéria, se não sei nada sobre o que se chama não-matéria? Pois se há matéria, tem de haver não-matéria, negas isso?

Irene: Existe tal coisa como não-matéria?

Yada: Sim, não importa se acreditas ou não! (Riso)

Na minha língua não consigo fazer isso, porque as palavras são tão diferentes que não consigo fazer o que chamam um trocadilho.

Irene: Mas falo a sério, Yada, uma onda de luz não é matéria?

Yada: Algo pode vir do nada? Não.

Irene: Não.

Yada: Não, não existe tal coisa como nada, mas há uma variedade infinita do que se chama sequências, variedade. Não é simplesmente matéria, no que toca ao átomo, nem arranjo das partículas que compõem o átomo. Nem é uma questão de vibrações altas ou baixas. É muito mais do que isso, muito mais. Na verdade, não há tal coisa como alto ou baixo. Mas podemos dizer que há tipos de vibrações. Há o que chamam pausas. Estou à procura das palavras e a sala está escura. Sim, a sala na minha cabeça está escura – padrões de carácter, não altos, não baixos, e há milhões de padrões diferentes. Alguns tão para além do que veem como o mundo material.

Vamos mais fundo, o que encontramos? Algo que não é superfície? Pegamos num pedaço de matéria e cortamos. O que encontramos? Outra superfície. Cortamos noutra direção, outra superfície. Nunca se consegue entrar dentro dela.

Magia, magia! O que é a matéria? Posso dizer-vos, no fim de contas, que a matéria é mente? Seria uma maneira muito bonita de fugir ao assunto. Podia levar-vos a pensar que disse algo inteligente, não? Não, mente é uma variedade infinita do que se chama frequências, e vocês chamam-lhe isso e eu também, mas não é isso que é.

Vejamos o que chamam o átomo. Os vossos cientistas dizem: hum... isto é 90% nada. Muito interessante, não é? 90% – alguém sabe quanto é 90% de nada? Como é que têm isso? Bem, alguns dizem 10% de alguma coisa. O que é que isso quer dizer? É melhor do que ao contrário? Pegamos no que chamam átomo e descemos ao núcleo, ao centro. O sol. Muitos cientistas diziam que o átomo era feito de corpos satélite a girar à volta do centro como o sol. Muitos começam a perceber que não é assim, e que o átomo não tem semelhança real com o que está aí fora no espaço, o chamado sistema solar. Começam a perceber que o átomo não é particulado. Particulado, para quem não entende a palavra, quer dizer feito de pedaços, partes separadas. Não há pedaços num átomo. Se houvesse, podiam destruir um átomo, pô-lo no que chamam estado de oblívio, estado de nada. Os vossos cientistas tentaram ao máximo levar um pedaço de matéria ao chamado zero de inércia. Isso quer dizer sem movimento nenhum. Se conseguissem, criavam um vácuo perfeito. Mas nem aquilo a que chamam natureza – palavras, palavras tolas, natureza. Isso significa alguma coisa, natureza? Quem é natureza? Tu. Mas o que é? Gostas de dizer eu, ou eu sou eu, mas percebo melhor assim?

Senhora: Na minha opinião, Yada, é tudo.

Yada: Muito bem, mas o que é tudo?

Senhora: Isso é individual.

Yada: Isso é individual, mas isso é... (a gravação não se percebe)

Senhora: O que estás a dizer, usas a palavra "natureza". O que dirias que é natureza?

Yada: Sabem, senhora, e todos vocês que estão aqui, se eu usasse uma palavra e dissesse que isso é natureza, deviam todos levantar-se e sair! (Riso) Não se pode dar-lhe nome; eu não posso.

Talvez agora, meus amigos, vejam porque tantas pessoas dizem simplesmente isto sobre a vida: "Deus fez, então que ele se preocupe com isso." É mais fácil deixar Deus preocupar-se, porque assim não tenho de me preocupar, tenho tantas outras coisas importantes para fazer, ha ha, até

chegar o dia em que vou parar de fazer. E depois? É por isso que viemos falar, não para vos ensinar nada mas para vos lembrar que há algo para saberem, para não esquecerem que há algo para lembrar, para chamar da mente adormecida, para tomar consciência. E o que é isso de que devem tomar consciência?

VOCÊS. Não estou a dar-lhe nome, só queria que soubessem, dar-vos uma ideia do que sinto, por isso uso a palavra vocês. Vocês. Quem são vocês, não sei. Quem sou eu, não sei. Se vos dissesse: "Eu sou Deus." Usei o termo várias vezes esta noite, "Eu sou o criador vivo." Parece bonito, não? Maravilhoso, lindo, até cativante, não é? É um alívio para a velha crença de que Deus está lá em cima no céu e que está sobretudo à espera de nos castigar. Um grande alívio, mas não pensem que vos disse algo. Esperem, olhem, estudem, observem. Por todo o lado, tornem-se mais conscientes do vosso ser e então verão também que aquilo que são não pode ser nomeado. E não é preciso nomeá-lo. Só é preciso tomar consciência disso. Só isso é possível.

O grande Gautama, que se tornou o buda – ele não se tornou buda, alguém o fez assim. Ele estava na sua vida, mas alguém pensou que disse algo e construíram uma religião disso. É uma pena, não é? Uma pena, porque ele, como aquele que chamam Jesus, como Brahma, como Zaratustra, como outros chamados por mil nomes, todos estavam em busca de si mesmos, meus amigos, em busca de si. E aqueles que perceberam que estes seres procuravam algo, um sentido para a vida, começaram a segui-los, porque estavam tão às escuras, achavam que podiam aprender o que era a vida com outro, e isso impediu-os de fazerem por si próprios. Então, em vez de seguirem sozinhos à procura, eternamente dentro do que é, começaram a seguir um chamado Zaratustra, outro Brahma, outro Jesus, outro Gautama ou Sidharta.

Espero, para vossa aprendizagem, que não me sigam. Sigam-se a vocês próprios. Vocês são a inteligência eterna, são! Só posso fazer pequenos sons de sino e, se vos agradarem, vão dizer: "É isso mesmo, eu sempre soube, só me esqueci por um momento." Ou podem errar e dizer: "Oh, Yada," e inclinar-se. Não quero a vossa vénia, quero o vosso amor, só isso, o vosso amor. Porque o vosso amor é a minha vida, a essência da minha vida. Dar-me amor é alimentar-me, para que eu possa alimentar outros que também têm fome do alimento da vida.

Anita: Nós amamos-te, Yada. Amamos o ensinamento.

Yada: Gratcia. É isso que sou, é isso que tu és, um mestre. Cada um de vós a ensinar o outro, mesmo sem dizer uma palavra. Ensinam como

fazer isto, como fazer aquilo, como sentir, como não sentir; como matar ou como dar vida, está tudo nas vossas mãos. Agora ouço-vos.

Irene: (Lê uma pergunta do público:) "Podias explicar as mudanças que vão ocorrer na topografia dos Estados Unidos e, tanto quanto possível, o local e quando vão acontecer?"

Yada: O que se passa? Não estão satisfeitos como está? Querem saber de desastres para terem com que se preocupar? Não têm já preocupações que chegue? Acho que sim. Esse é o problema do vosso mundo hoje, há mais com que se preocupar do que motivos para ser feliz e agora querem ainda mais! Ha, ha.

É como o homem que está sentado em cima de um barril de dinamite. O rastilho está a arder atrás dele, mas ele não sabe que está aceso. Está amarrado a esse barril de dinamite. Agora está muito feliz, porque não sabe o que vai acontecer. Neste momento da sua vida, está feliz. Depois aparece um sábio, um homem esperto, o que vocês americanos chamam um "wise guy" ou *espertinho* (gosto do vosso inglês americano). Ele chega e diz: "Hum, o rastilho está aceso." O homem tinha estado muito feliz até esse momento. E o esperto não só diz que o rastilho está aceso, como ainda acrescenta que "é mais tarde do que pensas." (Riso) Será que este conhecimento antecipado do desastre vai servir de alguma coisa ao homem amarrado ao barril? Vai transformar a sua vida num verdadeiro inferno. Sim, porque ele não sabe o que vai acontecer quando o seu corpo físico se desfizer. Para ele é uma incógnita, por isso tem medo.

Ouvi muitas pessoas aqui na Terra a falar de desastres. Há poucos anos, um homem está a escrever sobre, "Será que Deus está prestes a limpar a Terra?" Diz que se quiseres ser salvo, se quiseres sobreviver a este grande desastre, constrói robôs e põe-nos em todos os cantos das tuas cidades e vilas. São muitos robôs, não é! Alguém vai ganhar muito dinheiro a construir robôs. Eis aí, meus amigos, uma ideia para ficar rico, construir robôs no caso do dilúvio que vai destruir os seres humanos da Terra. Acham, pensando bem, que um robô vos vai salvar? Não, se viesse um dilúvio desses à Terra, faria menos do que palitos (às vezes vejo-vos a pô-los na boca e a fazer assim). (Riso)

Irene: Palitos de dentes.

Yada: Ah, tiram os restos de comida com o pauzinho? Para quê?

Irene: Usam-se para tirar restos de comida entre os dentes depois de comer.

Yada: Ah. (Riso)

Irene: Percebeste, querido?

Yada: Sim, estou a tentar conter o meu espanto.

Irene: Sabes, às vezes fica comida entre os dentes quando comemos. Nunca tiveste problemas com pequenas partículas entre os dentes e precisaste de algo para tirá-las?

Yada: Ah, nós colocávamos água na boca.

Irene: Às vezes fica comida entre os dentes.

Yada: Talvez, mas se comerem os alimentos certos, limpam os dentes naturalmente, comam alimentos duros. O homem de hoje come demasiados alimentos moles que ficam presos entre os dentes e, por isso, tem muito apodrecimento dos dentes. Não é bom.

Irene: Que alimentos sugeres para limpar os dentes?

Yada: Na selva, tínhamos – como chamam esses paus, é uma substância doce.

Irene: Queres dizer como a cana-de-açúcar?

Yada: Não conheço cana.

Irene: Temos uma cana, Yada, que cresce como bambu. Sabes o que são rebentos de bambu?

Yada: Sim, bambu.

Irene: A cana-de-açúcar parece-se com bambu. Tiramos a casca de fora.

Yada: A cana é pau de açúcar, não é?

Irene: É isso, pau de açúcar, cana-de-açúcar. Pensei que te referias a algo assim.

Yada: Então comem carnes, não é tão bom como alimento, a boa comida natural.

Senhora: Comiam-na crua, Yada.

Yada: Não é tão boa cozinhada. Tiram-lhe toda a vida quando a cozinham assim e cortam-na com a faca, o que no vosso mundo chamam polido, para comer bocadinhos.

Irene: Sim, isso é etiqueta.

Yada: Mas não, no meu tempo comia-se grandes pedaços de carne, hoje se fizessem isso, caiam todos os dentes.

Irene: Era esse o tipo de comida que te davam nos templos em Keoti?

Yada: Sim, isso mesmo. Comida para mastigar, não para engolir. E depois de mastigar, mastigávamos, mastigávamos, até ficar muito mole, para que a digestão começasse logo na boca, e depois o estômago digeria mais rápido, porque já estava quase tudo preparado, e os ácidos do estômago trabalhavam depressa e era absorvido pelo corpo mais rapidamente e mantinha o corpo em melhor estado. Mas hoje quase todos comem tão depressa, engolem e depois fica parado e ficam a arrotar. Isso

não é bom. (Riso) Fazem isso e depois dizem "desculpe". Porquê? Não foi de propósito? (Fala para Kethra)

Irene: O Yada estava a contar à sua professora, Kethra, sobre o que nos estava a fazer rir.

Yada: Noutras partes do mundo é etiqueta arrotar. Quanto mais arrotas mais o anfitrião pensa que gostaste da comida, estás a mostrar apreço. Mas se não arrotas, ele pensa que não gostaste da comida. O homem é muito vaidoso, não é?

Mas aquilo que ele, o homem, realmente é, é tão maravilhoso, meus amigos, que quando chegarem a perceber isso, podem olhar para tudo o que ele faz, não importa o que tenham pensado antes, quão mau, quão terrível, quão horrível, com o tempo tudo isso será lavado. Ele sairá do eu inferior seguro, limpo e belo além das palavras.

Sabem o que é chamado de lótus? Pois o lótus cresce no lodo, preto, viscoso, pegajoso. Mas quando sobe e fica bonito, é branco e belo. É isso que o homem está a fazer. Está a sair do lodo das suas crenças tolas, das crenças hipnoticamente impostas, para o sol claro da sabedoria.

Vou deixar-vos, meus amigos.
Talvez um dos meus colegas venha tomar o meu lugar. Acho que o Prof. Alfred Luntz vai falar-vos, talvez outra pessoa.

Irene: Da última vez que falei contigo, Yada, disseste que talvez gostasses de mudar de assunto. Disseste que podias falar sobre o desaparecimento dos aviões que têm acontecido e pergunto se gostarias de falar disso.

Yada: Sim, gostava muito. Sabem que têm havido muitos tipos de desaparecimentos na vossa Terra, diferentes coisas que desapareceram. Meus amigos, gostava de falar sobre essas coisas, mas pode haver alguém aqui que queira falar de outra coisa. Eu venho para vós; não venho para mim. Não posso falar sozinho. Tenho de falar convosco. Preferem outro assunto? Algo diferente?

Anita: Yada, acho que todos estão interessados em saber o que aconteceu aos aviões que desapareceram.

Homem: Pois.

Irene: Não há muito tempo o Mark leu um artigo no jornal sobre cinco ou seis aviões que desapareceram de repente. Suponho que leram sobre isso? Pois, o Yada disse que talvez gostassem de aprender sobre isto. Querem ouvir sobre isso?

Grupo: Muito, muito.

Yada: Vou falar sobre isso, meus amigos, porque tem a ver com o que só posso chamar dimensões do tempo. Agora, vocês, com o tempo, o vosso

mundo, os vossos cientistas vão aprender mais sobre a natureza do átomo. Deixem-me falar um pouco disso também, porque é necessário para explicar o que está a acontecer quando estes desaparecimentos acontecem. Vou falar sobre isso dentro de pouco. Quero ir embora agora e dar a este corpo humano uma oportunidade de recuperar energias, e depois voltarei a falar mais. Está bem?

Grupo: Por favor, vem Yada.

Yada: Eu voltarei.

Homem: ----------

Yada: Não, não, está tudo bem.

Anita: Obrigada por tudo o que nos deste até agora, Yada, e vamos ficar à espera de te ver de novo.

Yada: E gratia, e gratia. Desculpem, por favor, e depois voltarei.

Yada: Antes de começar a falar-vos sobre o desaparecimento de coisas e também de pessoas, quero responder àquela pergunta sobre acontecimentos desastrosos no mundo, quero dizer-vos algo, porque há muita preocupação e ansiedade entre as pessoas da terra sobre o que vai acontecer num futuro próximo ao planeta.

Parece haver uma ideia muito espalhada de grandes desastres na Terra. Vai haver, mas não no vosso tempo. Por isso, não têm com que se preocupar. Claro que, devido às fortes nevadas deste inverno, muitos lugares do vosso país vão sofrer cheias muito severas. Não precisam de ser médiuns para saber isto. Mas o vosso verão, este verão, vai ser muito quente, muito quente. Sempre que há muito frio e neve no inverno, o que chamam um inverno rigoroso, há um verão quente. Podem descobrir isto sozinhos, estudando as condições meteorológicas. Não precisam de ir a um médium falar com fantasmas. (Riso)

Mas a terra já sofreu dos piores desastres ao longo da sua história. Começando há cerca de dois mil e quinhentos milhões de anos, a Terra passava por um grande desastre. Tentava crescer, e em todo o crescimento há alguma dor, sim. A Terra é uma entidade viva como vocês. Tem o seu nascimento, o seu ciclo de vida e a sua morte. Todos os corpos no espaço têm isto. Não é nada de estranho. Esta terra já foi abalada e agitada de muitas formas, mas ainda está aqui, e o homem também.

No futuro, talvez daqui a quatro ou cinco mil milhões de anos, ela começará a morrer. O sol pode apagar-se de repente ou lentamente. Se se apagar devagar, dará ao homem – aos que estiverem cá – tempo para se adaptarem à mudança.

Conhecem Marte? Marte é um planeta moribundo. Está nesse estado há muitos anos. Deu aos que estavam em Marte uma oportunidade, um

tempo para se prepararem para sair de lá. À volta de Marte há o que chamam corpos satélites. Às vezes chamam-lhes as luas de Marte. Acho que alguns de vocês sabem disto. Alguns desses satélites são feitos pelo homem, feitos por seres que estavam em Marte. Marte foi ocupado em tempos por seres humanos vivos, muito parecidos convosco.

Anita: Eles fizeram algo parecido ao que fazemos agora?

Yada: Sim, algo como o Sputnik – outros sputnicks catnicks por aí. (Riso) O homem é uma criatura muito bem-humorada, mas também extremamente engenhoso. Sendo criador, às vezes é obrigado a preparar-se para fazer certas coisas. Agora não está consciente do porquê de estar a colocar satélites no espaço. Quando os marcianos começaram a fazer isso, também não sabiam porquê, porque quando o homem não entende algo, não sabe para quê. Agora sabem porquê. Os objetos que chamam satélites no ar hoje são como o estetoscópio do sopro do tempo. Vão ver que é o mesmo que se passa aqui (indica) – pouca diferença.

O que está por trás do facto de o homem estar a pôr estes tubos lá fora, não é? Ele não sabe, mas está a preparar-se para quando tiver de construir planetas para si próprio. Depois chegará o tempo em que terá de criar unidades de calor para que os seus planetas artificiais possam sobreviver. Sim, o homem vai voltar a fazer o que fazia originalmente: criar planetas, criar sóis e outros corpos no espaço.

Irene: Pergunta, Yada. Na história da criação, contas como os Senhores do Éter Superior entoaram cânticos e criaram o vórtice que atraiu o material necessário para construir a Terra. O homem usará um método semelhante para criar outros planetas, ou...?

Yada: Não, não vai precisar de cantar para isso. Os dias de cânticos acabaram. Agora fá-lo-á com o pensamento e com o pensamento estendido chamado mãos. Vai escavar na matéria, extrair a energia e criar grandes bolas de energia para aquecer o seu próprio sistema solar criado.

Agora, pode acontecer que o sol, em vez de se apagar ou encolher até se tornar o que chamam uma estrela-anã, acabe por ser apenas uma bola de metal no espaço.

Anita: Esperas até eu ligar a gravação?

Yada: Sim, sim, por favor.

Anita: Obrigada.

Yada: Espaço. Qual é a natureza do espaço? Hoje no vosso mundo, os cientistas sabem como pegar num certo volume de espaço e fazê-lo girar. Sabem – é essa a palavra certa?

Irene: Sim, fazer girar.

Yada: Fazer girar. Ao fazê-lo, produzem uma substância sensorial chamada energia e depois matéria. Espaço, um volume de espaço. Parece incrível, não é? Espaço é algo, não se pode fazer girar o nada, então faz-se girar algo e cria-se algo! É destas outras dimensões do tempo, ou talvez fosse melhor dizer frequências, que a vossa Terra, o vosso mundo químico, surgiu. Já foram seres do espaço. Quero dizer que existiram noutras dimensões ou fractais e, sendo criadores, começaram a experimentar com aquilo que criaram chamado matéria. Mas às vezes as nossas experiências fogem do controlo e criamos o que chamam uma reação em cadeia. Isso significa um crescimento contínuo daquilo que começámos – a crescer e a espalhar-se. Galáxias ou universos-ilha a expandirem-se pelo espaço.

Ora, o espaço não é algo em si mesmo chamado espaço. Não é uma entidade externa. É a nossa consciência. Isto significa que não andam por aí em duas entidades separadas chamadas espaço e tempo, mas numa só chamada consciência. Isto é uma substância viva e é a vossa vida.

Agora, há muitos padrões geométricos diferentes no campo do que chamam matéria. Cada um destes padrões é uma dimensão diferente. Por isso vos digo algo que sem dúvida já ouviram muitas vezes: vivem em mundos dentro de mundos. Antigamente isto era apenas uma afirmação filosófica ou metafísica. Hoje os vossos cientistas e várias escolas superiores estudam estas dimensões para descobrir do que são feitas, pelos padrões geométricos.

Agora, os vossos navios, as vossas coisas e pessoas desaparecem de repente e vocês ficam espantados e muitas vezes assustados, quando não há motivo para isso. Porque vocês e eu viemos de outras dimensões além daquela em que agora estamos. Vivem num padrão geométrico diferente do que eu vivo, e por isso é difícil para vocês fazerem o que chamam ver-me. Mas eu consigo olhar para trás, para o vosso padrão, e ver-vos. Mesmo quando entram noutra vibração ou noutro padrão chamado mundo astral, vão ver pessoas no mundo químico.

Quando, de repente, se estabelece uma frequência diferente no vosso espaço, quem for apanhado nessa frequência diferente fica perdido. A frequência que para eles parece natural e como o mundo lhes aparece, desaparece. Vamos ver isso de forma mais simples e penso que assim vão compreender melhor. Mas primeiro, sabem, a vida é realmente simples, só que o homem passou a acreditar que tudo é tão complexo que tudo se torna um mistério para ele. Não é. É a simplicidade em si. É isso que a faz parecer complexa. Vejamos este movimento (demonstra), é para a frente e para trás com o dedo deste homem (que é o meu dedo agora, só o estou a emprestar, ele pode tê-lo de volta quando eu acabar, sim?). Faço assim com

o dedo. Muito devagar, muito devagar. Se eu movesse a mão deste homem tão depressa que vocês não conseguissem ver, diriam que desapareceu, e isso faria com que se interrogassem.

Oh, grande mistério, onde foi parar, era meu. Não foi a lado nenhum, está aqui mesmo, mas a frequência em que está a viver não está ao alcance da vossa perceção sensorial. Por isso parece que desapareceu. Às vezes, coisas e pessoas, animais e, de facto, toda uma variedade do que existe no vosso mundo desaparecem. Não foram a parte nenhuma, porque não há lugar para onde ir. Foram simplesmente apanhados noutra frequência e a estrutura corporal, a estrutura atómica dos blocos de construção que mantêm o corpo aqui foi mudada para coincidir com as vibrações lá. Agora, no chamado "lá" de outra frequência, há grandes oceanos, grandes montanhas, céus, sons, tudo isto tal como aqui.

Vejamos o vosso sol. Parece-vos muito grande e muito poderoso. Se não fosse o vosso sol, não haveria vida nenhuma na Terra. Por isso, se querem adorar alguma coisa, inclinem-se perante o sol, sim? Está a fazer algo por vocês. O sol. No meu tempo, em Yuga, éramos adoradores do sol. Não acreditávamos que o sol fosse um deus. Simplesmente sabíamos que era a fonte da nossa vida no mundo físico e químico, por isso dávamos-lhe muito amor.

Aqui, o que chamam navios – ontem à noite este homem leu sobre navios que vão para o oceano e nunca mais se ouve falar deles, nem rasto. Eles, e as pessoas neles, foram apanhados noutra dimensão do tempo e aos poucos perderam a consciência de um lugar como o mundo químico. Estão vivos, não estão mortos. Têm consciência, mas onde quer que estejam agora, acreditam que sempre lá estiveram. Não têm memória nenhuma da vida na Terra. Em tempos passados, os chamados Etéreos, que viviam e vivem agora noutra frequência, vieram à Terra, como vêm agora, e levaram muitas pessoas da Terra, grandes números de uma vez só, e transportaram-nas para outros planetas. Às vezes para outras galáxias.

Na vossa galáxia, chamada Via Láctea, há mais de cem milhões de planetas. A maioria é habitada por seres vivos. Alguns são como vocês aqui na Terra. Portanto, se assim é, quando forem lá para fora, levem os vossos modos convosco, porque vão encontrar-se a vocês mesmos pelo caminho! (Riso)

Antes falei na palavra "rápido" e antes disso disse que não há rápido nem lento na vibração, e é verdade. Quero então voltar atrás e corrigir a palavra. Não é rápido, não é lento. Só se pode pensar como um padrão, um carácter de movimento, e nada mais.

Quando olhamos com mais atenção para o átomo, como fazem aqui na Terra, vemos que não consiste em espaço vazio entre os chamados corpos satélite e o núcleo, ou centro, ou corpo solar. Os vossos cientistas dizem que o átomo é 90% nada, porque pensam que os espaços entre o corpo satélite e o núcleo são vácuo, mas não é assim. Do núcleo vem energia de um tipo que se move em minúsculos arcos, uma série de arcos. Essa energia em movimento de arco, movendo-se no que se chama movimento de quanta, significa um certo número de impulsos com pontos de não-movimento entre eles. Sim?

Sr. Schultz: Desculpe interromper o seu raciocínio um momento, por favor. Sim, estava a pensar em quanta.

Yada: Sim, quanta, compreende isto?

Sr. S: Sim.

Yada: Agora, estes minúsculos fluxos de energia, movendo-se em arcos e em contra-movimento, atuam sobre os corpos satélite, empurrando-os para fora e trazendo-os de volta, empurrando-os para fora e trazendo-os de volta, no que chamam...?

Irene: Alternância?

Yada: Ação alternada. Gratcia.

Irene: Sei a palavra porque o Yada já explicou isto a outros grupos.

Yada: Gratcia. Às vezes não me lembro das vossas palavras em inglês. Corrente alternada...

Ora, se pudessem ver com este olho, a matéria do olho é feita de uma substância que se move com o mesmo movimento que o átomo, então podiam ver o que está a acontecer. Isso faz com que os corpos satélite dancem para fora e para dentro num ritmo lindíssimo. Agora, essa energia vinda do núcleo do átomo é muitas, muitas milhões e milhões de vezes mais densa que a água. Pensem nisso! Aquilo que parece nada é mais denso do que algo. O homem é um mágico. É um alquimista. A alquimia não é transformar metais inferiores em ouro e prata. Alquimia é saber manipular a matéria para o que se quiser. Alquimia é saber controlar o mundo químico, não só com as mãos, mas com a mente, porque é criação vossa. São magos.

Talvez não gostem de ser magos, mas são. Com o tempo, cada um de vocês aprenderá isso. Os seres dos discos são magos. Não vêm fazer mal ao homem. Se viessem para isso, já podiam ter destruído o homem da Terra há muito tempo. Queres perguntar algo?

Irene: Estava a pensar, Yada, se tinhas acabado o assunto. Não queria fazer outra pergunta antes de acabares.

Yada: Por favor, antes de passar para outra coisa, algum de vocês tem pergunta sobre este tema?

Senhora: (para o homem) Discos voadores?

Homem: E os discos voadores?

Anita: É disso que ele está a falar.

Yada: Esses seres são seres do espaço. Não vêm de outros planetas. Não são seres planetários. Vão a todos os corpos diferentes, não só do vosso sistema solar, não só da vossa galáxia, mas de outras galáxias em todo o espaço e todo o tempo. Não se movem como vocês imaginam o movimento. É mais o que chamam ação de teletransporte, teletransporte. Sim?

Homem: O homem vai, eventualmente, aprender a controlar as diferentes frequências?

Yada: Ah, tenho a certeza disso, senhor. Tenho a certeza absoluta. Não tenho dúvida nenhuma, porque conheço a verdadeira natureza do homem. Sim, sim, tem de ser, porque esta terra, esta pequena vibração chamada terra, mudará com o tempo. O grande sol. Agora há sóis no espaço exterior que podiam conter milhões de sóis do tamanho do vosso sol lá dentro, milhões, são tão grandes. O homem ainda não aprendeu a tomar as rédeas da criação nas suas mãos. Tem medo porque lhe disseram que foi Deus que fez tudo. Enquanto acreditar que foi Deus, e as pessoas que acreditam nisso... O que foi isso? (barulho de microfone a cair e conversa a seguir) O homem vai criar planetas, vai levantá-los, porque lá fora, além da atração da terra, das forças gravitacionais da terra, o homem pode mover-se pelo espaço facilmente.

Ele caminha sobre o nada. Sim, o homem não tem peso, ninguém tem peso a não ser o que cria pelo movimento. Um átomo não tem peso, mas pelo movimento que faz, cria peso dentro de si, que é chamado a gravidade desse corpo. Dizer que um átomo não tem gravidade é tolice, porque se dez mil milhões, ou triliões, ou centenas de triliões (gosto destas palavras, não querem dizer nada) (Riso) de átomos têm peso, então um átomo tem peso. Tem de começar por algum lado para ganhar peso, não é? Ora, certamente aquilo a que chamam a moeda de um cêntimo não é um milhão de dólares, mas é o princípio de um milhão de dólares. Sem ela não se chega ao milhão.

Irene: Nunca podias ter um milhão se não tivesses o cêntimo, pois não?

Yada: Exatamente. O mesmo com o átomo: um átomo, dois átomos, três átomos, quatro átomos, e de repente começam a ver, não tanto pelo número, mas pelas mudanças que são criadas. Quando um grupo deles se

junta, forma-se um campo, o que chamam um campo de força entre os átomos. Um átomo sozinho não faz campo, mas quando se juntam, criam um rendimento que conseguem ver, a que chamam superfície, a mesa. O campo chama-se magnético ou eletromagnético, se preferirem. Por isso nunca veem os átomos.

Veem o campo de força da ação entre os átomos. Agora diz-se: estou a tocar na mesa. Todos aqui acreditam nisso porque é isso que os olhos dizem. Mas é uma ideia falsa. Não importa o quanto pressione a mão deste homem sobre a mesa, a mão não está a tocar na mesa. Se tivessem um medidor muito sensível entre a superfície da mão deste homem e a superfície da mesa, veriam que há um vasto espaço entre as duas. Não é assim, Sr. Schultz?

Sr. S: Exatamente, e mesmo se bater com um martelo num pedaço de aço, ainda assim não tocam.

Yada: É verdade. Por isso, dois pedaços de matéria nunca se tocam. Não parece muito bom, pois não? Porque quando beijam uma rapariga bonita, sentem que tocam, não é? (Riso) A sensação do toque muitas vezes faz os cabelos arrepiarem.

Homem: Amor?

Yada: Muito bem, muito bem. É desse tipo que faz da criação algo maravilhoso, belo. Esse amor é o objetivo da vida. Faz alguém sentir-se vivo e consciente, com grande energia para fazer grandes coisas. Querem pôr o mundo inteiro a arder, tanta ambição, não é? Amor. Isto tem de ser só entre jovens em idade? Jovens de espírito. A idade não faz o homem velho. Não é a passagem de algo chamado tempo que faz isso. São sentimentos contínuos de frustração e tédio. Isso é que envelhece.

Irene: Se pelo menos se puder sair de vez em quando para ir a um filme agradável, ou a um concerto, ou qualquer coisa. Qualquer coisa para quebrar a monotonia do dia a dia.

Yada: Não só isso, mas cada um devia mostrar interesse ativo em si próprio, sem depender de distrações exteriores para se alegrar. Para adquirir prazer de viver, adquirir esse prazer mental – refiro-me à alegria. Para criar essa alegria pela vida, cada um deve cultivar o amigo interior e aprender com ele. Ele está aqui, na cabeça, mesmo acima do nariz. Agora, se continuarem a viver cá fora sem darem atenção ao homenzinho lá em cima, ele vai fechar-se lá dentro e fechar a porta. E vão sentir-se muito sós. Não importa com quantas pessoas estejam, vão sentir-se muito sós. Não fechem a porta, nem deixem que ele a feche para vocês, porque é o companheiro com quem vão caminhar para sempre.

Irene: Todas as histórias sobre esfregar a lâmpada de Aladino.

Yada: Esta é a lâmpada de Aladino, aqui mesmo (indica), esfreguem-na e acordem-na.

Irene: Sim, e todo o tipo de coisas vão acontecer.

Yada: Sim, o mundo vai brilhar outra vez para vocês, e se forem velhos em anos, se sentirem o peso dos anos, isso desaparece e sentirão de novo a juventude da consciência. Sabem, meus amigos, uma pessoa com cem anos – isso é muito para o vosso mundo. A maioria das pessoas morre aos 60 ou 70, muito pouco mais, quando deviam viver até, pelo menos, 250 anos, e sem ossos a ranger. Com vitalidade até aos 250 anos!

Vejam, uma pessoa de cem anos – se cortarem a mão dela, verão que as células que vêm lutar e curar a ferida, essas pequenas fontes de vida são tão jovens como no dia em que a pessoa nasceu. Então o que é que envelhece? A MENTE. O TÉDIO. Nada envelhece tão depressa quanto o tédio. É o pior inimigo do homem. Sim, devem fazer um esforço para lutar contra ele quando sentem que se aproxima. Não deixem que vos agarre.

Irene: Pergunta, Yada: O homem viajará algum dia para outros planetas em forma física?

Yada: Oh sim, sim, porque se o homem é o criador, pode alguma coisa ser-lhe vedada? Nada! Ele acabará por dominar toda a sua criação. Vai conseguir.

Irene: Temos mais perguntas para ti, Yada. Posso continuar?

Yada: Sim, por favor.

Irene: No mundo espiritual, contacta-se o conhecimento universal, em vez do conhecimento individual passado de outras encarnações?

Yada: Gostava de ter o que chamam um quadro para vos mostrar o que se chama reencarnação, ou renascimento, e o que acontece. Mas vou fazer o melhor que posso com estes dedos e uso esta mesa aqui e, se olharem, vão ver o que quero dizer. Vou fazer linhas assim sobre a mesa, depois para baixo, depois de novo assim, e faço um quadrado. Este quadrado pode ter o tamanho que quiserem. Para conveniência, vou dizer 30x30. Agora vamos supor, só por um momento, que este espaço de 30x30 é a totalidade da criação. Aqui estou eu dentro. Mas não gosto muito porque não há nada lá. É só espaço. Não aguento isso.

Tenho de fazer algo com o espaço. Tenho de manipular o espaço de alguma maneira para diminuir a sua vastidão. Então, ponho divisórias, paredes, divido este espaço de 30x30 em várias salas. Agora tenho algo onde me apoiar, onde tocar. Sinto-me mais seguro. Sinto melhor o concreto da vida. Já não estou a rodar no nada.

Agora não estou satisfeito só por dividir este espaço em salas. Tenho de fazer mais alguma coisa. Tenho de dar nomes a esses espaços diferentes

e então chamo a esta sala, como fazem os americanos, a sala de estar, a outra a cozinha, outra o quarto, e assim por diante. Agora, enquanto faço isto, na tentativa de criar uma condição nova, esqueço a antiga. Quando vou, então, de uma sala para outra, vivo na ilusão de que já não estou na sala chamada espaço de 30x30. Parece que estou num lugar diferente quando vou ao que chamo quarto do que quando estava na sala de estar. Ou vou à cozinha e penso que estou noutro sítio do que quando estava no quarto ou na sala de estar.

Agora alguém vem visitar-me. Entra na sala de estar e eu estou talvez na cozinha ou no quarto e chamo por ele. "Entra." Então vem ter comigo à cozinha. Porque está comigo? Porque perdeu, comigo, a consciência da sala de estar. Para estar na cozinha, tem de ter consciência de cozinha. Não se pode estar na cozinha se se está ainda, em parte, na sala de estar, não é? Não dá. Tem de ter toda a consciência na cozinha, senão está confuso, a consciência está dividida, tem uma bi-localização da atenção.

Isto só traz confusão, meus amigos. Não posso estar a comer na cozinha se estou mentalmente ainda na sala de estar. Mas tudo isto já ficou para trás. Cada uma destas salas diferentes em que entro, digo "estou a ir aqui", ou "estou a ir ali", mas não fui a lado nenhum. Estou sempre no espaço 30x30. Não é assim?

Assim, o homem vem à Terra, ao que chamam o mundo, e pensa que foi para um lugar diferente do que estava. Talvez estivesse no mundo astral. Para entrar no mundo físico, tem de fazer como o homem que dividiu o grande espaço. Tem de perder a consciência do mundo astral, ou digamos, da sala de estar. Perde essa consciência quando entra na cozinha ou no quarto. Mas veem que não foi a lado nenhum. Não é assim?

Irene: Yada, sobre praticamente o mesmo tema, aqui está uma pergunta.

Em que estado de ser consideras que a tua identidade existe neste momento?

Yada: Antes de responder a isso quero esclarecer, meus amigos, que não estou a negar a reencarnação. Oh, não, só estou a tentar mostrar-vos a mecânica da consciência em relação à teoria do renascimento. Só isso. Agora, em que estado de consciência estou eu? É essa a pergunta?

Irene: Sim, Yada, "Em que estado de ser consideras que a tua identidade existe neste momento?"

Yada: (Fala para a sua professora, Kethra.) Em estado nenhum diferente do vosso, apenas vocês não estão conscientes do que eu estou consciente. Estão a ver, eu estou consciente do meu estado, mas vocês não estão conscientes do meu estado, por isso pensam que é algo diferente do

vosso. Mas, meus amigos, existo, como vocês, num grande espaço chamado sala de 30x30. Só que vocês estão tão presos ao que chamam cozinha ou quarto, ou o que quiserem chamar Terra, que pensam que sou diferente de vocês. Vejamos isto assim.

Aqui, uma pessoa deita-se para dormir e estão na mesma sala que ela. Parece inocente. É a única altura em que parecemos inocentes! (Riso) Pensam que essa pessoa está a dormir, o que quer dizer que não sabe o que se passa cá fora. Mas isto é um conceito falso. A consciência, ou o que se chama atenção, é como um gato. Nunca dorme completamente, tem sempre um olho aberto a ver o que se passa. Só que está noutro estado de consciência. Que estado? O seu estado, o seu próprio estado, o seu estado de sentir. Pensem nessa palavra, meus amigos, sentir. Aquele que ali está com cara de anjinho inocente é uma máscara. Está a esconder de vocês o que está realmente a fazer.

Pode estar a ter um momento maravilhoso a passear por caminhos lindos, entre grandes árvores, ao pé de um lago calmo, a ver a água a rodopiar. Ou pode estar a ser perseguido pelos seus próprios medos, as bruxas, os monstros das suas inseguranças. Está a viver e a experimentar no seu próprio mundo. Nesse momento, uma parte não está consciente da máquina física. Mas há ali outro deus. Vigia a máquina e ouve todos os sons, mesmo os mais pequenos na sala. Grava-os e, se for um som perturbador, se for um som que tenha uma ameaça para a pessoa, pode não a acordar, mas depois, quando ela estiver acordada para o mundo físico, pode ouvir esse som e perguntar, "Onde já ouvi isto?" "Como devo reagir a isto? Ah, já sei." Talvez fugir, talvez lutar, talvez amar, talvez odiar. Seja o que for, sabe-o.

Um bebé, ainda no corpo da mãe, está a construir a sua própria estrutura. Sabe o que se passa fora do corpo da mãe. Uma parte da sua consciência está a gravar isso. Veem aquela caixa de fita, o que chamo "cheta" – gravação. Não tenham dúvida, todos os pequenos sons estão a ser registados aqui. Um dia a gravação vai ser passada e, se a pessoa não se lembrar do momento em que ouviu essas coisas que está agora a ouvir, pode ficar chocada ou assustada. Ou, se se lembrar, pode ser de tal natureza que lhe mostra como é maravilhoso, como é divino.

Anita: Que bonito dizes isso, Yada.

Yada: Gratcia.

Irene: Yada, durante o intervalo, fizeram-me esta pergunta: "Em que estado de ser consideras que a tua identidade existe?", e respondi que Yada diz que está no estado Paradisíaco, porque disseste isso. Depois

perguntaram-me o que era esse estado Paradisíaco. Por isso pedi-lhe para te perguntar isto, e não sei se ficou claro.

Yada: Não há problema. Vou tentar tornar claro.

Irene: Sim, claro. Por isso te digo, és a autoridade para...

Yada: Gratcia, muito obrigado. Meus amigos, quando alguém começa como aluno de um professor, se não se tornar ele próprio professor, e mais do que professor, para que serve ter professor? Para quê? Serei eu professor para sempre e nunca aluno? Não. Por isso ensino outros o que sei para me tornar aluno deles e para eles me voltarem a dizer o que já sabia – ha, ha. Mas eu grito para ser interessante ouvir de novo. É o que o homem faz. Aprende um pouco, depois grita para ouvir de novo e faz de conta que está a aprender de novo, ha ha. O estado Paradisíaco, o estado de realidade. Onde está a realidade? O que é realidade? Realidade é o que estás a fazer em cada momento. Não há outra realidade, não no futuro, não no passado. Esta é a minha realidade eterna, agora, agora.

Irene: Podias chamar ao agora o teu último "fim"?

Yada: Este é o meu fim, o meu último. Meus amigos, não esperem por algo maior. Tornem o que têm grande. Vejam a grandeza agora. Se esperam, a vida passa por vocês até aprenderem, até aprenderem.

Irene: É este o homem que fez a pergunta. (para o homem: Sim, vá em frente)

Homem: Dirias, então, que a consciência individual continua como consciência individual por toda a eternidade e acabará por fazer parte desse grande eterno?

Yada: Eu sou para sempre aquilo que sou. Não me torno algo, nem volto a ser algo. Eu sou Tat, Tat, sat Tat, sat, ohm. Eu sou isso, isso que sou.

Eu sou a realidade. Não há outro deus diante de mim. Eu sou a luz eterna. Tudo o que parece acontecer faz parte do meu sonho. Estou a sonhar, mas em cada sonho sou a realidade do sonho.

Posso contar-vos uma história? É a história de uma menina cuja mãe era uma mulher muito frustrada. Um homem fez-lhe muito mal, por isso ela passou a odiar o masculino, e ensinou a filha a odiar os homens também. Aos poucos, a menina cresceu como todas as meninas crescem e não só odiava os homens, como tinha medo deles. Mas todo o seu ódio estava fora de si, por medo. Por dentro não tinha mudado. Era uma fêmea natural, e naturalmente, queria um homem. Os anos passaram e, à medida que passavam, ela lutava contra o homem cá fora, mas cá dentro, sonhava com o homem mais bonito e encantador. Oh, ela tinha bons momentos no sonho.

Quanto mais fazia isto, mais real se tornava o homem do sonho. Um dia, quando dormia, viu o homem lindo do sonho ao fundo da cama. O homem do sonho tinha-se tornado tão real que ela pensou que estava acordada e disse ao homem do sonho: "Oh, senhor, o que vais fazer comigo?" Ele olhou para ela e disse: "Senhora, eu não sei, este é o teu sonho." (Riso) Estão a ver, meus amigos? O que é a realidade? O nosso sonho. O que vai ele fazer de mim? Não mais do que eu/tu, o Criador, permitires, nada mais.

O que querem? O que procuram nesta vida? Realidade? Já a têm. Nunca vão ter nada melhor ou maior do que o que têm agora. Isto pode parecer difícil. "Não gosto disto. O que tenho agora não presta." E como às vezes dizem: "A relva ali é mais verde do que aqui", por isso vou-me desgastar a ir de aqui para ali só para descobrir que é ilusão. A relva não é mais verde em lado nenhum do que onde estão. Vocês são o jardineiro, o regador, quem cuida da relva da vida sobre a qual estão.

Irene: Alguém perguntou isto: Quando assistimos às tuas aulas no plano Astral, através de projeção astral, as aulas são tão boas cá como lá?

Yada: Sim. Não venham a mim ou a ninguém à procura de sabedoria. Vocês já a têm, já a têm. Muitos viajam milhares de quilómetros até à Índia, à China, à procura dos segredos da vida. Houve um homem no vosso mundo que procurava a fonte da juventude, como se chamava?

Senhora: Ponce de León.

Yada: Passou a vida à procura dela e ela esteve sempre com ele. É uma pena, e ao mesmo tempo não é. Era assim que ele tinha de aprender. Esse era o caminho dele. Quando virem outro a lutar na vida, não percam tempo e energia a sentir pena dele. Se puderem fazer algo por ele, façam. Mas não sintam pena. Pode chegar o dia em que ele vai olhar para vocês e ter pena de vocês. Isso não traz crescimento. Não se ganha nada com isso. Não lhe estão a dar nada ao sentir pena. Se virem que podem fazer algo por ele, façam!

Quando um dos teus entes queridos morre. Podes fazer algo por ele (ou ela)? Sim, podes rezar, rezar. Reza à luz eterna. Pede para que desperte e seja mantido desperto no mundo Astral. Isso é prestar um serviço.

Irene: O que acontece quando rezamos?

Yada: Cria uma luz que desperta essa pessoa, tornando-a mais consciente de si mesma para que saiba como é o seu entorno. A oração cria uma luz.

O que chamam palavrões. Sabem, palavrões? Também criam diferentes tipos de luz, cores. Palavras agradáveis, que soam bem, criam cores bonitas. Agora, quando se usa uma palavra muito violenta, de forma

violenta, pode criar o que chamam vermelho, um vermelho profundo, de sangue. Cria isto, meus amigos, e as vibrações são ásperas, cortantes, perigosas para os outros e para vocês próprios. Fazem mal a vocês mesmos. No que se chama Judo, ensinam-se palavras, palavras secretas, ao estudante interior de Judo. Ensinam palavras em que a pessoa aponta para ti de certa maneira, faz um gesto ou certo movimento com as mãos, e pronuncia essa palavra, e se estiveres ali à frente dela, cais morto ou inconsciente, mas nunca te tocou. Usam certas palavras. A lei das palavras. Não digam palavras de maldição a outros, palavrões, porque voltam para vocês. Criam vibrações violentas e acabarão por voltar.

Irene: Apresentei esta pergunta "O que acontece quando rezamos?" porque sugeriste a oração, Yada. Comentas o que se passa quando se reza? E será uma oração humilde a Deus uma meditação? Se não, tem algum valor para a realização pessoal?

Yada: Oh sim! Meus amigos, se vos ensinaram a rezar a um ser chamado Deus, façam-no. Continuem a fazê-lo. Não tentem fugir disso só porque eu ou outra pessoa vos diz que não existe um deus antropomórfico. Não façam isso. Façam-no, sabem porquê? Voltemos aos tempos antigos. Há milhares e milhares de anos, o homem aprendeu que ao sentar-se numa certa formação e entoar, podia criar um deus. Mas não sabia que era ele quem estava a criar. Pensava que estava a chamar a atenção dos deuses. E chamou-os de deuses das colheitas, da chuva, de todas essas coisas. E assim sentaram-se nessas grandes formações e começaram a entoar – pausa.

Irene: Yada, estás bem?

Yada: Sim, estou a fazer o que normalmente chamam de pensar! Ouviste algum som? (Riso) Eles começaram a entoar e concentraram toda a consciência no meio do círculo. Todos, homem ou mulher, puseram toda a consciência no centro do círculo e depois, de repente, apareceu ali no meio uma nuvem amarelada, ténue. Daqui a pouco ia crescendo, ganhava diferentes cores. Crescia muito, às vezes tinha duas cabeças, olhos enormes e uma boca a babar, a coisa mais horrível que se podia ver. Às vezes tinha 5-6 metros de altura. E os homens à volta balançavam de um lado para o outro, assim. Tudo o que este ser é feito são as energias das pessoas do círculo.

Depois pediam a esse grande ser para proteger a colheita, pediam chuva, ou que não chovesse, e acreditavam que ao oferecer coisas a esse ser seriam servidos. E sabem, meus amigos, eram servidos. As colheitas eram cuidadas. Mas às vezes, se algo corria mal e o que pediam não acontecia, achavam que alguém do grupo era culpado, alguém, mas não eles próprios.

Não, cada um dizia: “Não fui eu, eu não fiz.” E para descobrir quem foi, faziam crueldades uns aos outros e quem gritasse mais era o culpado e era sacrificado aos deuses para os apaziguar. Estão a ver, o homem, quando é tolo, embora seja criador, não sabe disso e torna-se inferior a qualquer animal da selva.

Rezem ao Deus a quem vos ensinaram a rezar, amem e enviem amor para ele, ou para aquilo a que chamam ele, o masculino. Quanto mais o fizerem, melhores resultados terão. O Deus que é, responde às vossas orações se lhe levarem os vossos desejos com sinceridade.

Irene: Queria perguntar-te se é isso o que se passa nas festas de Ella Wilcox? Yada, estás bem, querido?

Yada: Sim, sim, está tudo bem. Esqueci-me do corpo. Sabem, quando se esquecem do corpo, metem-se em apuros. Sim, o corpo é só um burro. Vocês, consciência, se estiverem conscientes, são o cavaleiro do burro. É melhor ficarem com ele, porque se não o fizerem, ele mete-se em todo o tipo de confusões. É isso que faz os cemitérios estarem tão cheios. Os condutores das máquinas, quero dizer, porque conduzem carros e não estão no corpo. O corpo não se importa com o que lhe acontece, por isso o burro morre. Por isso, fiquem com o vosso corpo. Se estão a conduzir, conduzam, mantenham a atenção onde estão. Se estão em casa, podem deixar a mente vaguear, se deitam o corpo. Digam ao corpo, “Agora ficas aqui, vou a outro lado.” Às vezes o corpo não aceita as ordens, não acredita no que dizem. Por isso, deitam o corpo, tentam ir a algum lado e o corpo levanta-se e vai atrás. É o chamado sonambulismo. Esquecem-se de dizer ao corpo para que ele perceba. “Ficas aí e calas-te.” (Riso) Às vezes é preciso usar um pouco de força. Trancam o corpo, não no quarto, trancam o corpo mesmo. Fazem o que se chama “congelar” as articulações. Criam rigor mortis para que não se mexa. Depois vão para onde querem e ficam livres. O corpo já não vos segue como um zombie ou um boneco. Vocês são os mestres. Vocês são a consciência.

Irene: Yada... Yada...

Yada: Acho que é melhor ir embora um tempo, por favor.

Anita: Obrigada, Yada, muito, muito.

Yada: Obrigado.

Anita: E sabe que te amamos e aos ensinamentos que nos deste.

Prof. Luntz: Um ótimo dia, olá meus amigos.

Irene: Este é Alfred Luntz.

Prof. Luntz: Sim, muito obrigado pela apresentação, agradeço. Como está, minha querida?

Anita: Estou bem, Professor, muito obrigada.

Prof. Luntz: Obrigado, minha querida. É realmente bom estar novamente na sua casa.

Anita: Obrigada.

Prof. Luntz: Já faz bastante tempo desde que tive a oportunidade de falar consigo. E o seu marido, como está?

Anita: Ele está bem.

Prof. Luntz: Ed, como está, senhor?

Ed: Bem, bem. Penso muitas vezes em si.

Prof. Luntz: De facto, sim, os meus ouvidos ardem.

Libby: Estou bastante bem, obrigada.

Prof. Luntz: Alguma vez sente isso? (RISO)

Libby, como está, minha querida?

Prof. Luntz: Parece-me melhor do que da última vez que a vi. Acho que estava um pouco doente, não estava?

Libby: Sim, estava.

Prof. Luntz: Sim. Lembro-me que teve um pequeno problema. Certamente está com melhor aspeto do que naquela altura, e fico contente por isso.

Libby: Obrigada.

Irene: Professor, são agora 23h30 e há algumas perguntas. Gostaria de responder ao resto das perguntas?

Prof. Luntz: Queria dizer, queria chamar o Sr. Smith, ele está aqui?

Sr. Smith: Sim, estou aqui.

Prof. Luntz: Como está, senhor? (muita conversa indistinta) Obrigado pelo interesse no trabalho que tem feito em nome deste rapaz aqui, da sua esposa, e de nós do Círculo.

Sr. Smith: De nada.

Irene: O Sr. Smith vive no Canadá.

Prof. Luntz: Quando o -------- está lá faz-nos sentir desejados e --------. Foi realmente adorável. Deve ser lindo na primavera e no verão.

Irene: Foi como um paraíso, um conto de fadas.

Senhora: Tu e o Yada devem ter passado um tempo maravilhoso.

Prof. Luntz: Sim, tivemos, gostámos mesmo muito. Sabem, meus amigos, é um pouco difícil mesmo para quem gostaria de vir depois de terem deixado a estrutura física. Podem dizer, adoraria que a minha irmã, o meu irmão, o meu pai ou a minha mãe viessem visitar-me, mas quando vêm são um fantasma de outra cor! (RISO)

Irene: Pergunta: É possível que um hipnotizador contacte conhecimento universal através de um sujeito sob hipnose?

Prof. Luntz: Importa-se de repetir? Estava um pouco distraído.

Irene: Claro. (Repete a pergunta)

Prof. Luntz: Bem, isso depende do que se pode chamar ou considerar conhecimento universal. Que pedaço de informação é melhor que outro? Acho que é bastante relativo e depende da preocupação do indivíduo e do que procura. Nenhum conhecimento é maior do que outro e o conhecimento não vem em quantidade, mas sim em qualidade. Por isso, ninguém pode dizer que sabe mais do que outro. Simplesmente sabe algo diferente. Isso significa que agora vamos descer dos nossos pedestais e caminhar juntos ao mesmo nível. Eu não posso saber mais do que tu, apenas sei algo diferente.

Irene: Pergunta: Como podemos acelerar a nossa maior autoafirmação? Este grupo tem alguma missão?

Prof. Luntz: Antes de passar a essa pergunta, quero voltar à primeira em que estava...

Senhora: O que me interessa particularmente é saber se se pode contactar o passado, o presente ou o futuro sob hipnose. Compreendo que todo o conhecimento está à nossa espera.

Prof. Luntz: Não, minha querida, não há nada lá fora a não ser nada, não quero parecer ou dizer...

Senhora: Acho difícil tentar...

Prof. Luntz: Não, simplesmente não é possível, minha querida, porque o conhecimento está onde tu estás e não onde tu não estás. Portanto, não há nada lá fora, em nenhum plano. Está dentro de ti. TU ÉS ISSO. Quando hipnotizas outra pessoa, não vais enviá-la para nenhum sítio que ela própria não conheça ou que tu não conheças. Um ou outro saberá de alguma forma. Digamos, por hipnose, queres enviar alguém para Londres. Conheces Londres?

Senhora: Há duas pessoas que querem ir lá em breve.

Prof. Luntz: Pois que tenham uma estadia divertida. Da minha parte, tento evitar, é um lugar um pouco sombrio no inverno e muito quente no verão. Porque Londres não está localizada no tempo e no espaço, mas sim na consciência. Para um inglês nascido em Londres, Londres não é algo em si, é uma situação inteira. Para essa pessoa, Londres é uma rua, um local, uma casa ou uma série de casas e um certo número de pessoas. Isso é Londres para quem nasceu lá. Para quem não nasceu, é simplesmente uma ideia, uma ideia vaga. Na verdade, não é mais do que uma palavra, a não ser que tenham estudado alguns sítios. No entanto, ao sugerires que esta pessoa vá para Londres, a ideia de Londres que tens na mente é Londres, Inglaterra. Não digas apenas Londres e esperes que vá para Londres,

Inglaterra, pois pode não ir, pois há vários lugares no mundo chamados Londres. Acho que também tens um aí no teu país?

Senhora: Oh sim, muitos.

Prof. Luntz: Então essa pessoa irá para uma certa parte do que se chama Cidade de Londres. Não irá simplesmente para Londres.

Senhora: Seria apenas por sugestão, certo?

Prof. Luntz: Sim, sim. Agora, podes fazer a sugestão a ti mesma e teria o mesmo efeito. Mas, no que toca a enviar alguém para o mundo Etérico, ou o estado maior chamado mente toda-consciente, não vais obter nada porque essa pessoa não está mentalmente preparada para saber o que é essa consciência. Nem tem a menor ideia, por isso não pode trazer nada de lá para ti. As pessoas no mundo Etérico vivem na sua própria vibração. Ninguém vai lá em estado hipnótico, ninguém.

Já conheci pessoas aqui no vosso mundo que afirmam que seres Etéricos, seres do espaço, de discos voadores, falam através dos seus corpos. Lamento, meus amigos, mas isso simplesmente não é assim. Esses seres não são fantasmas, não são seres astrais, estão muito vivos, muito conscientes. São os guardiões do sistema solar e das galáxias. Têm pouco a ver com os homens aqui. Vêm cá, mas há tanta ligação entre esses seres e o homem quanto há entre o homem e a formiga! A comunicação, quando feita por alguém daqui com esses seres, é feita telepaticamente ou não é feita. Por vezes aparecem em forma e dizem que vêm de Vénus, de Marte, de Sagitário, de aqui, de ali, e esperam que acredites, assim não haverá discussão e podem tratar do que vieram cá fazer. Por favor, prossigam com outra pergunta.

Irene: Já lhe coloquei esta pergunta antes, querido: Como podemos acelerar a nossa maior autorrealização? É uma pergunta em duas partes. Este grupo tem alguma missão especial? Está a perceber?

Prof. Luntz: Estou a perceber. Sim, sim.

Irene: Vou ler novamente. Como podemos acelerar a nossa maior autorrealização? Este grupo tem alguma missão especial?

Prof. Luntz: Refere-se a este grupo aqui?

Irene: Não sei. Quem é Elizabeth Pain?

Senhora: Sim, vivo aqui.

Prof. Luntz: Sim, este grupo tem alguma missão especial? Sim, uma missão muito especial. Conhecer a vida, aprender a vida, partilhar, cada um de vós, o conhecimento uns com os outros enquanto estudam. Não é isso uma missão especial? Eu penso que sim. Acho que estão a fazer algo muito valioso. Se mais grupos como vocês se reunissem periodicamente, imaginem que coisa maravilhosa seria. Que informação extraordinária

teriam; que perspetiva diferente traria para todos vós. Onde as pessoas se reúnem para conhecer a vida, para aprender sobre ela, não pode haver discussões, nem conflitos, porque a verdade fala por si. Não precisa que ninguém no grupo fale por ela. Fala por si mesma. Havia outra parte nessa pergunta?

Irene: Sim. Como podemos acelerar a nossa maior autorrealização?

Prof. Luntz: Ah sim. Agora, eu não aconselho, não aconselho. Posso dizer que realmente não acho sensato apressarem-se no vosso próprio aprendizado. Não há pressa. Para onde vão? (RISO) Realmente, não há pressa nenhuma. Na verdade, sugiro que levem o vosso tempo. Estudem cada pequena coisa que possam encontrar. Tentem conhecê-la, por dentro e por fora, tentem mesmo conhecê-la. Não aceitem simplesmente a sugestão de alguém sobre o que poderá ser, mesmo que essa pessoa esteja nas vossas grandes universidades. Sim, podem dizer, isso é muito interessante. O que dizem pode ser verdade, mas não podemos olhar um pouco mais de perto, sem discussões ou contendas? Apenas olhem um pouco mais de perto e talvez, talvez haja mais algo para nos mostrar. Sim?

Irene: Outra pergunta.

Prof. Luntz: Sim.

Irene: Os nossos corpos vão sofrer uma transformação física completa nas gerações futuras - quer dizer em cama e forma?

Prof. Luntz: Ah, sim, sim, vão. Não será, como o meu colega Yada disse há pouco, não será mais complexo, mas sim muito menos complexo. Sim, à medida que a mente muda, o corpo muda. Porque à medida que a mente muda cria certas condições no ambiente e essas condições refletem-se depois no corpo físico e fazem com que este passe por várias mudanças, mudanças necessárias para o seu desenvolvimento. Concordam comigo? Gostava de saber se concordam, se é a vossa opinião que isto é verdade. Gostava de saber.

Senhora: Sim.

Irene: Pergunta: Quais são as forças que estão a impedir que as curas do cancro cheguem ao público? Quando poderão ser divulgadas?

Prof. Luntz: Quando houver suficientes pessoas que saibam o suficiente sobre essas curas para se levantarem e darem luta à sociedade médica! Sim! Mas aviso-vos, se vão lutar por qualquer causa, seja o cancro ou qualquer outra, certifiquem-se de que sabem do que estão a falar antes de começar. Não enfrentem o inimigo sem munições. Garanto-vos que eles têm muitas.

Irene: Não diria que o Dr. Huxey tem muita munição?

Prof. Luntz: O Dr. Huxey é um indivíduo. O Dr. Huxey, como acham que sobreviveu tanto tempo com todos os ataques de que foi alvo? Porque está a dizer a verdade e a praticar a verdade. Não se pode vencer a verdade, meus amigos. Não podemos. Pode parecer, de vez em quando, que se pode, e que só a mentira e a hipocrisia vencem. Por vezes leva anos até que a verdade venha ao de cima, mas virá, virá. Não se pode manter a verdade amordaçada. Hitler tentou. Estaline tentou. Alexandre o Grande tentou. Genghis Khan tentou. Napoleão tentou. O Papa está a tentar.

Irene: Tem conhecimento de que foi assinado para o Dr. Huxey?

Prof. Luntz: Ah, sim, sim.

Irene: É para dar ao Dr. Huxey mais liberdade ------- não é, para fazer o que pretende?

Prof. Luntz: É sim.

Homem: Será que ----- tem uma ------ cura. Não há muitas outras? Não há muitas outras curas?

Prof. Luntz: Senhor, em Nova Iorque, pergunto-me quantos de vós aqui conhecem o Dr. Huxey? É um homem que procura curar o corpo, não só do cancro, mas também de várias outras doenças, tratando o sistema glandular, trazendo-o de volta ao equilíbrio, especialmente as glândulas endócrinas. Concordo com a ideia dele, que se o sistema glandular estiver equilibrado, não pode haver cancro nem, aliás, qualquer outra doença do corpo. Não pode.

Homem: E o Dr. Frederick em Toronto, Canadá?

Prof. Luntz: Excelente, e há também um chamado Dr. Levi.

Irene: Dr. -------- em São Francisco.

Prof. Luntz: Sim, e também o Dr. Kelsh em São Francisco.

Irene: Dr. -------- em São Francisco e há muitos outros, não há?

Senhora: Dr. Ivy.

Irene: Dr. Ivy, ah sim.

Prof. Luntz: Este homem, Dr. Ivy, era alguém que tinha uma posição muito alta na sociedade médica.

Irene: Há também o Dr. Colt.

Prof. Luntz: Sim, sei.

Irene: Sim, tu sabes estas coisas, eu sei que sabes, mas

Senhora: Deve ser uma condição cármica.

Prof. Luntz: Está tudo bem, minha querida, dizer isso, e pode até ser verdade, mas por amor de Deus, não fiquemos de braços cruzados só por pensarmos assim.

Tentemos quebrar essa condição cármica, sim?

Senhora: Acha que

Prof. Luntz: Sim, sabem (muita conversa confusa entre o grupo) Aqui o Prof. Luntz tinha tocado no microfone, que estava preso com fita plástica, e o Professor, ao saber disso, riu-se e disse: Agora no vosso mundo até o microfone leva fita.

Sabem, meus amigos, o que inicia uma condição cármica, o que nos prende a ela, o que nos faz voltar e voltar à Terra para corrigir algum erro? Sentimentos de culpa. Até que se resolvam esses sentimentos de culpa... (a gravação termina)

#128 - 31/05/58
CONVENÇÃO U. F. O. DE GIANT ROCK

Em respeito e em cumprimento aos desejos dos nossos amigos, tentámos trazer-vos esta palestra da Convenção de Giant Rock. Foi difícil transcrever, pois não estava bem gravada e havia ruídos exteriores com que lidar, esperamos que fiquem satisfeitos.

O Sr. George Van Tassel está a apresentar Mark e Irene Probert, fala da sinceridade de Mark e de como ficou profundamente impressionado com os ensinamentos de sabedoria. Sem mais demoras, quero apresentar um homem que, na minha opinião, é dos melhores, e a sua esposa, Mark e Irene Probert.

Irene: Espera-se que diga algumas palavras, por isso, antes de mais, quero agradecer ao Sr. Van Tassel pela bela apresentação que fez do Mark e de mim. E quero agradecer ao Harry P. pelas suas intervenções. O Harry P. conhece o Mark há muito mais tempo do que eu.

Pouco depois de me casar com o Mark, ele começou a falar durante o sono em línguas estrangeiras. Eu tinha sido professora de cidadania, mas não tinha capacidade para traduzir o que ele dizia. No entanto, consegui reconhecer algumas dessas línguas e, quando disse ao Mark, ele riu-se e disse: “Deves estar enganada, não sei falar nenhuma língua estrangeira.”

Mas, com o tempo, conhecemos várias pessoas que eram linguistas. Convidei-os a ficar no nosso pequeno apartamento e, quando ele começou a falar, acordei-os para ouvirem o que pensei ser o Mark. Eu não tinha qualquer experiência na área paramental, por isso não sabia que era possível outra entidade usar o corpo de uma pessoa, especialmente durante o sono. Com o tempo, conhecemos muitas pessoas que já tinham tido experiências deste género, mas não sabíamos que o Mark era médium até conhecermos o Dr. Meade Layne, o Diretor da Borderland Science Research Foundation em San Diego.

Ele disse ao Mark que achava que ele era um médium de transe. Disse que teria todo o gosto em vir a nossa casa e fazer algumas experiências. Foi assim que soubemos que o Mark era médium de transe e que outras pessoas falavam através dele. Depois disso, percebemos que estes professores falavam por ele. Há dezasseis pessoas no que se chama o Círculo Interno do Mark. Disseram-nos que este trabalho era estritamente educativo; que não era para sessões de perguntas e respostas pessoais. O Mark e eu colocámo-nos sob a direção deles e, há anos, andamos a dar palestras por todos os Estados Unidos a muitos, muitos grupos. Agora soube hoje que há muitas pessoas que gostariam de saber como assistir a uma das nossas palestras.

Desde o início, os professores disseram-nos que não podíamos pedir às pessoas para organizarem palestras para nós. Se quisessem uma palestra, teriam de juntar um grupo e avisar-nos de que gostariam que o Mark falasse para eles. Tem sido assim que temos viajado. Se quiserem organizar uma palestra para nós, terei muito gosto em dar-vos a nossa morada.

Os professores do Mark disseram-me que me usam como uma espécie de bateria. Às vezes adormeço. No entanto, não acho que hoje vá acontecer, porque não estou numa situação muito propícia ao sono. Quando o Mark entra em transe, a expressão do rosto muda, a voz muda também, claro, e ele não sabe o que está a ser dito enquanto os professores falam por ele. Por vezes, as palestras duram duas ou três horas antes de eles partirem. Às vezes, é apenas uma hora.

Esta palestra vai ser gravada. Agradecia muito que, se quiserem conversar entre vocês, o façam em silêncio, pois as vozes destes professores podem não chegar a quem está perto de vocês se houver algum ruído. Isto não é por nós, mas pelo Círculo Interno que faço este pedido.

Mark, gostarias de dizer algumas palavras?

Mark: Não sei bem o que dizer, estou numa situação um pouco estranha. Fala-se tanto de médiuns. Eu não sei nada sobre mediunidade. Embora pareça estar a fazer o trabalho, na verdade não sei o que significa ou representa. Quando me perguntam porque me tornei médium, não faço a mínima ideia. Fui para a cama uma noite e acordei assim! Dizem que tenho dezasseis personalidades, ou assim dizem, do outro lado que trabalham através de mim.

Agora, não sei o que é o "outro lado". Se algum de vocês souber, diga-me! Há muitas histórias que tentamos compreender nesta área de trabalho. Chamam-lhe para-normal, embora seja difícil saber o que é normal. Muitas pessoas chamam-nos psicocerâmicos, por isso temos de ter cuidado para não ficarmos com um complexo de culpa, um sentimento de

perseguição. Afinal, não estamos, simplesmente conseguimos compreender algo sobre a vida.

As pessoas do espaço agora entraram neste mundo e provocaram um grande despertar, diria eu, entre pessoas que de outra forma nunca teriam procurado nada para além do habitual do dia-a-dia. Mesmo que nunca mais vejamos nenhuma destas pessoas do espaço, acredito que lhes devemos isso. Vi três naves espaciais em todos estes anos em que têm andado à volta da Terra. Não creio que, se alguma vez vir outra, esteja em melhor posição para contar a alguém sem que olhem para mim de lado. Lembro-me de ter visto uma no topo do edifício do Bank of America, uma noite, e se vos dissesse o que vi, bem, era a coisa mais monstruosa que já vi. Não vou falar disso porque não quero que fiquem receosos ou assustados. Perguntei-me se teria perdido o juízo ou o que me teria acontecido.

Falando em perder o juízo, quando comecei a falar durante o sono à noite, não sabíamos exatamente o que se estava a passar. Fomos falar com um neurologista durante algum tempo e a minha esposa disse-lhe que eu falava línguas estrangeiras a dormir. Ele levantou-se muito zangado e disse-lhe: "Você só imagina isso!" Então a minha esposa respondeu: "Então, imagine que estávamos aqui, porque não lhe vamos pagar!"

Não vos peço que acreditem em nada e ninguém vos vai mudar a opinião, acreditem no que quiserem, está tudo bem. Sugiro apenas que observem o que se passa aqui, façam o vosso próprio juízo e ou esqueçam, ou vão para casa pensar sobre isto e ver o que acham. Vale a pena? Se não vale a pena, então mais vale esquecer. É tudo o que tenho a dizer, obrigado.

Irene: Vou dizer só mais umas palavras. Os professores disseram-nos que não estamos aqui para mostrar qualquer tipo de fenómeno, porque o fenómeno em si não tem valor. Se os professores disserem algo que possa melhorar a vossa vida, a vossa forma de viver, que a torne mais equilibrada. Não vos podemos pedir para aceitarem este fenómeno, podem ter a vossa própria opinião sobre o que veem.

No entanto, os colegas do Mark investigaram e dizem que é genuíno, mas isso não faz diferença. O Mark e eu não estamos nada ansiosos por aceitar isto como fenómeno, como verdadeiro ou falso. Não discutimos sobre isso.

O Mark pede-me para vos lembrar novamente que a expressão do rosto muda, mas ele não quer que pensem que está a sofrer, porque é uma grande sensação de exaltação. É como ouvir música, as pessoas reagem a coisas que lhes agradam. Dá uma espécie de emoção ao corpo. É isto que o Mark sente, só que muito mais intenso. Ele vai entrar em transe. Se o líder

do seu grupo do Círculo Interno vier, será o Yada de Shi'ite. Quando ele chega, fala primeiro na sua antiga língua Yu.

Esta língua era falada há 500.000 anos nas montanhas do Himalaia. Eu consigo traduzir um pouco da língua, mas o Yada vai falar em inglês dentro de pouco tempo. Vou passar o microfone ao professor do Mark agora. Esta é a posição da flor de lótus, este é o Yada.

Yada: Senas et Senahas en a Yada di Shi'ite.

Irene: O Yada está a dizer, senhoras e senhores, eu sou o Yada di Shi'ite.

(Esta é a primeira vez, aliás, que os professores do Mark dão uma palestra ao ar livre).

Está uma noite bonita, Yada.

Yada: Au kee, au kee. (Fala na sua língua)

Irene: Au kee significa sim, o Yada está a agradecer ao Sr. Van Tassel por ter trazido o Mark esta noite, para que o Círculo Interno possa ter o prazer de falar a este maravilhoso grupo de pessoas.

Yada: Continua a falar na sua língua.

Irene: O Yada esteve a falar de algumas experiências do Sr. Van Tassel e diz que vos vai contar isso em inglês. Portanto, vai falar agora em inglês.

Yada: Boa noite, meus amigos. É com honra, amor e prazer que vos falo esta noite. É uma honra poder falar deste homem e dizer o quanto nós, do Círculo, lhe estamos gratos pelo trabalho que faz aqui, e por este grande país aberto. Em vez de guardar o seu conhecimento e trabalho para si, ele quer partilhá-lo com todos aqueles que têm um verdadeiro interesse em saber mais sobre o que é a vida. Meus amigos, sem ele e outros como vós, que procuram saber, que querem partilhar as suas experiências com toda a vida e aprender os seus segredos, não haveria crescimento para o homem.

Meus amigos, ficaram fascinados pelos seres que agora chegaram ao vosso mundo, tão fascinados que consigo ver mais além no tempo e quero dizer-vos com toda a sinceridade, amor e bondade, que se se deixarem levar emocionalmente pelo que acham que sabem sobre as pessoas do espaço, vão fazer o que o homem sempre fez sempre que novos avatares ou professores vieram dos espaços exteriores à vossa Terra; porque eles têm vindo ao longo de toda a história da raça humana aqui na Terra. Vão começar a venerar essas pessoas. É isso que vão fazer. Vão prestar-lhes homenagem emocional porque sentem que são grandes seres que contêm grande sabedoria. E se permitirem que as emoções vos dominem, vão começar a construir templos; vão transformar isto numa religião.

Por favor, meus amigos, não façam isso. Já foi feito, repito, ao longo da história. Esses professores vieram à vossa Terra e tentaram trazer-vos

sabedoria, sabedoria para acordar o homem do seu sono e ignorância sobre a sua própria natureza e a natureza do mundo físico. Não se curvem. Mantenham-se de pé! Não idolatrem, não queimem incenso. Vocês próprios são seres do espaço. Nasceram do espaço. Toda a vasta criação veio do espaço.

Matéria**. O QUE É A MATÉRIA**? Hoje, os vossos cientistas pegam na matéria, desfazem-na em pedaços e olham e olham, procurando matéria, procurando substância, algo a que se possam agarrar. Algo para poderem dizer: "Ah, é isto. Agora tenho." Nunca, porque a matéria tem outra parte, não que isto vos ajude a compreender melhor a sua natureza. Muitos de vós aqui conhecem-na. É um nome muito familiar para vós. Chama-se "Maya". Conhecem Maya? A cabeça é um centro de receção e emissão. Isto aqui fora é mente. Esta é a consciência com que estou a levantar a mão deste homem. Olham para mim, mas estão a olhar para o corpo deste homem, para o rosto, para a máscara.

MÁSCARA. Personalidade do homem, persona, portador de máscara, estão a esconder-se atrás dessa máscara tanto quanto eu. Eu sou uma consciência e vocês também. Meus amigos, como posso fazer-vos perceber que são tão bons como qualquer um em todo o espaço, em todo o tempo? Se ao menos se honrassem a vós próprios, poderiam honrar os outros. Mas quando não nos honramos, honrar o outro é apenas fingir. Somos desonestos por dentro.

Meus amigos, talvez queiram que fale sobre as naves espaciais e vou fazê-lo dentro de pouco. Mas há algo mais importante do que naves espaciais ou seres do espaço, e isso são vocês. Vocês estão vivos. Vivem dia após dia. Têm uma vida para viver. Preocupar-se, entusiasmar-se, envolver-se emocionalmente com seja o que for é um passo em falso que não vos leva a nada. Vivam conscientemente AGORA, dia após dia, honrem-se e amem o próximo. E quando digo amar, é amar, é agir, é viver, é partilhar sentimentos, pensamentos, conhecimento com o próximo. Não há ninguém demasiado pequeno, demasiado baixo, a quem devam virar as costas, ninguém.

Mais uma vez quero voltar um momento a mim próprio. Venho até vós usando o corpo deste homem e digo que sou Yada de Shi'ite. Quem é Yada de Shi'ite, um espírito, uma pessoa? Mas não sou. Isso é apenas uma etiqueta, um rótulo. Vocês são o rótulo, mas não sabem quem são. O trabalho da vida é saber quem são. Saber. Querem saber quem está aí dentro. Quem é essa pessoa lá dentro? O que são vocês? Quando

descobrirem quem são, então saberão todas as outras coisas e não discutirão com ninguém sobre elas. Nem se importarão com a opinião dos outros sobre o que pensam, porque estarão a viver conscientemente. Muitos pensam que por usar o corpo deste homem sou um fantasma. (RISO)

Muitas pessoas vieram a acreditar que as pessoas lá fora são fantasmas. Não só os veem de dia, à noite, como também nos sonhos. Pensemos. Sabem, meus amigos, porque razão tantas pessoas que nunca viram pessoas do espaço acham que há algo de errado connosco? Porque queremos discutir sobre isso, ou queremos gostar deles, ou acreditamos que esses seres vieram para salvar o homem. Se não conseguem salvar-se a si próprios, não serão salvos. (aplausos do público) Gratia.

O homem a quem chamam Jesus, o Cristo. Isto já aconteceu. Meus amigos, controlem as emoções, ele veio ao mundo como um grande professor. Ele era o símbolo do que vocês devem ser. A palavra Cristo significa luz, sabedoria, conhecimento, vigilância, vida. Jesus não conta. Cristo conta. Têm um corpo de Jesus mas têm algo mais importante, uma mente-Cristo.

Cada dia em que experimentam a vida aqui na Terra estão no caminho, no vosso caminho secreto até ao vosso grande eu interior, e há de chegar um dia em que também se libertarão de ter de usar um corpo físico. Não quero dizer que vão morrer, porque não deveriam morrer. O homem não deveria morrer. O homem está perdido aqui na Terra. Em que está ele perdido? Em pecado? Não, o homem não é pecador. Ele nasce em amor. Porque razão então está o mundo nesta confusão? Porque o homem é ignorante. Não conhece a sua natureza divina. É isso que tenta acordar, e a única maneira de o conseguir é pela experiência.

Suponham que chegava ao pé de vocês e vos chamava pecadores. Iam sentir-se pequenos (indica com os dedos), inseguros, maus, assustados. O homem tem de ultrapassar isso. Cristo nunca ensinou isso. Não está na mente-Cristo. Está na mente do sacerdócio e refiro-me a todas as religiões. (aplausos) Meus amigos, dizem, e todos têm medo, que vai haver outra guerra. Estamos todos à procura de algo para temer. Como este homem é conhecido como médium, vêm perguntar-lhe quando será a próxima guerra. A próxima guerra está a acontecer agora entre pessoas, entre casais. Não vai haver guerra mundial (aplausos). Podem duvidar e têm razões para isso, porque têm medo de que algum louco inicie uma guerra, se mais ninguém o fizer. Mas será preciso matar alguém para ser louco? Quase todos nós somos assim. Todos sofremos da loucura humana. E quem pode escapar a isso, vivendo no mundo em que está?

Meus amigos, falo-vos do mundo dos vivos, não dos mortos. Como já vos disse, não sou um fantasma. Sou, como vocês, uma consciência. Uso o corpo deste homem porque é muito mais fácil do que criar um novo. Isso exige energia, energia. Alguns de vós estão rapidamente a aprender o que é energia.

Vamos agora falar um pouco sobre aqueles a quem chamam pessoas do espaço. Enquanto este homem e a sua esposa estiveram aqui hoje, eu também cá estive. (RISO)

Irene: É um elogio. Não nos importamos de ter o Yada connosco em qualquer altura.

Yada: Gratia. Até os fantasmas gostam de ser amados. Meu estimado amigo, gostaria de dizer alguma coisa?

Sr. Van Tassell: Está muito bem, Yada. Continue. Está no bom caminho.

Yada: E gratcia. Meus amigos, eu ouço todos aqueles que tiveram experiências, experiências pessoais ou contactos diretos com aqueles que vieram a chamar de pessoas do espaço. Nós chamamos-lhes Karettes. É assim que chamamos às naves em que viajam – Karettes. Tem também um grande significado. Karetta significa, na minha língua, Homens-Deus em voo. Agora, isto não significa um Deus lá em cima, mas vocês, seres humanos. E há seres humanos lá fora. Existem mais de 100.000.000 corpos planetários no espaço, na vossa Via Láctea, e mais de 50% deles estão habitados por pessoas. Algumas parecem-se convosco e outras parecem um pouco diferentes. (RISO) E gratcia. Meus amigos, porque falei antes sobre não ser emocional? Porque às vezes, se não tiverem desapego emocional, é provável que se deparem com um dos vossos irmãos do espaço que não vai ter tão bom aspeto como vocês. Se assim for, vão ficar assustados, em pânico, e começar a fugir, e ele vai olhar para vocês e dizer: "Coitado, está assustado." Quem está assustado? "Volta, sou teu irmão, quero falar contigo." O meu irmão? O meu irmão tem esse aspeto? Não, não, não, o meu irmão tem dois olhos à frente, um nariz à frente, uma boca à frente. "O que aconteceu à tua cara, homem do espaço?"

Precisamos de encontrar outros que se assemelhem a nós para nos dar alguma tranquilidade quando comunicamos com eles. É muito difícil comunicar com um homem do espaço estranho se estamos tão apegados ao Rosto. Mas se estivermos apegados à mente, à inteligência, não vemos o rosto. Como agora, não veem o meu rosto, veem o rosto deste homem que vos é familiar. Eu próprio tenho 1,93m de altura. Tenho a cabeça rapada. Tenho uma máscara pintada nos olhos, azul, e uma tatuagem na testa. Ha,

ha. Mas mesmo assim, pareço aquilo a que vocês chamam humano, e depois alguém diz: "Lá vai um humano fantasma."

Agora, meus amigos, tenho ouvido pessoas a falar de contactos com pessoas do espaço e eu sei, sei mesmo, não tenho dúvidas, sei que essas pessoas tiveram os contactos que dizem ter tido. Fiquem por aí, está bem? Parem de se perseguir uns aos outros. Muitos de nós não se satisfazem com ter só um pouco de protagonismo. Querem empurrar todos para fora, mas se algo corre mal, todos correm de volta para o buraco. Se for algo bom, dizem: "Aqui estou eu, fui eu, fui eu." Meus amigos, se conseguimos rir dos outros, ríamos de nós próprios. Vejamos o humor e o quão estranhamente divertidos somos. Se querem divertimento, não o façam à custa de outros, vão olhar-se ao espelho. (APLAUSOS)

Diz-se que as pessoas do espaço vêm de diferentes corpos planetários do espaço. Muito interessante e não tenho qualquer discussão quanto a isso. Mesmo que soubesse melhor, não discutiria, pois não adiantaria. Quantos de vocês foram a Vénus? Quantos a Marte? Quantos a Arcturus? Arcturus está muito longe, muito longe. Muitos de vocês aqui já tiveram experiências com esses seres, como este homem, este homem tão honrado. Ele é chamado (ininteligível). Diz que eles têm roupas como vocês e parecem-se com humanos, falam e agem como humanos. E são. O que mais? O homem tem alguma outra coisa com que comunicar, senão outros seres humanos? Inteligência com inteligência através do espaço e do tempo.

Agora, nós do Círculo temos uma pequena história. Não contradiz a história de ninguém, pelo menos acho que não. Se contradizer, digam-me, sim? O que é o espaço? É aquilo que a palavra implica, vazio? Não, vocês sabem disso! Se não está vazio, significa que tem algo dentro. Ora isso já é inteligente. Mas o que tem lá dentro? Mesmo a maior parte dos vossos físicos não conhece a sua natureza. Existe espaço dentro do espaço. Porquê? Porque há uma substância que se move em diferentes frequências, diferentes vibrações. Agora, aqui estão sentados naquilo a que chamam matéria, a mover-se naquilo a que chamaram de carácter tridimensional. Mas não é essa a sua natureza; é a natureza do seu movimento – carácter tridimensional. Ninguém sabe o que é a matéria, só sabem o que ela faz, ou pelo menos parte do que faz.

Os cientistas normalmente não se preocupam com o que é a matéria, apenas com o que ela faz. Esses seres, ao viajar daqui para Arcturus (Arcturus está fora do vosso sistema solar), não se movem no tipo de movimento tridimensional de que têm consciência.

Antes de continuar, quero dirigir-me ao seu estimado amigo, Sr. Van Tassel. Quero que, se em algum momento achar que estou a dizer algo que de algum modo não é apropriado, me corrija, por favor, sim?

Sr. Van Tassel: Obrigado, Yada, obrigado pela honra.

Yada: Gratcia. Senhor, a menos que o homem aprenda a comunicar com o seu semelhante sem emoções, sem que a sua personalidade se intrometa e o meta em apuros, o homem está perdido e vai continuar assim. Ninguém sabe tudo, ninguém. Meus amigos, tenho 500.000 anos de consciência e sei tão pouco que fico com receio de vir falar com ele (Sr. Van Tassel). Portanto, vejam a vossa posição. (RISO) Leva tempo.

Irene: Temos uma canção com esse nome, Yada.

Yada: Então deviam saber. A senhora diz que têm uma canção com esse nome. Então deviam saber, se até escrevem música sobre isso. Meus amigos, quando esses seres do espaço querem sair deste movimento tridimensional em que vivem, simplesmente mudam a frequência das máquinas que operam e podem estar em Arcturus num piscar de olhos, apenas mudando de vibração.

Agora, este senhor, Sr. Van Tassel, quer dizer algo, talvez para mim?

Sr. Van T: Yada, todo este tema dos discos voadores está uma confusão.

Yada: Reconheço isso.

Sr. Van T: E simplesmente por causa das muitas facetas. Podia explicar ao público apenas algumas dessas facetas – as religiosas, as culturais, as científicas, as intermédias – que precisam ser conhecidas para juntar estas diferentes facetas?

Yada: Farei o meu melhor, senhor. Gratcia.

Ao entrar no mundo físico, mergulhamo-nos numa condição hipnótica profunda, num sono profundo. A única maneira de chegarem ao mundo físico é entrar num sono profundo. Isto significa que estão a mudar o vosso estado de consciência. Para fazerem isso, perdem aquele em que estavam antes de virem para cá. Agora, sei que muitos de vocês, devido à vossa educação religiosa, sentem que o vosso Deus vos criou e colocou aqui.

Aqueles que têm essa crença, mantenham-na; não a percam. Mas, meus estimados amigos, sabem realmente no que acreditam? Sabem pelos vossos próprios estudos ou é apenas aquilo que alguém vos disse? Se me estão a ouvir agora e concordam com o que digo, como concordam? Porque já ouviram isto antes e algo vos diz que é verdade dentro de vós. Se discordam de mim, é porque nunca ouviram isto antes e não sabem o que fazer com isso neste momento. Sugiro que, por agora, não façam nada com isso, apenas oiçam. Se quiserem descobrir mais tarde se o que digo é

verdade ou não, procurem em muitos sítios, em todo o lado. Não deixem pedra sobre pedra para provar que vos menti, se for isso que querem. Mas, seja para me provar falso ou não, por favor, continuem a procurar. Não acreditem em ninguém só porque sim, mas sejam honestos e oiçam. Como sabem se isto é verdade ou aquilo é verdade, a menos que tenham estudado? A menos que ponham de lado os vossos preconceitos e sentimentos de parcialidade, não podem saber.

RELIGIÕES. O homem é um grande ser; vocês são grandes. O estudo da religião deveria ser sobre si próprio. Todos os seres do espaço sabem disso. Eles vêm cá e às vezes pensam em dizer-vos isso. Não se interessam nada pelos vossos ensinamentos de templos. Se criaram demónios e deuses para adorar, tudo bem, sigam com isso, mas eles não querem saber. Têm uma compreensão muito maior da natureza do cosmos.

Se este senhor, Sr. Van Tassel, escrevesse a verdade do que sabe, toda ela, em vez de ter de dizer tanto em alegorias e fábulas para vos poupar a perturbações emocionais, pareceria que vos tinha tirado as crenças religiosas e isso não seria bom. Não aguentariam. Não, precisam delas.

Yada: Se fores à tua Bíblia cristã vais ver que a maior parte dos escritos está contada em alegoria quando a história se refere ao homem, à natureza e ao mundo. Já ouvi pessoas dizerem que leram a Bíblia cristã de uma ponta à outra. Pergunto-me o que sabem realmente sobre ela? Isso é muito, meus amigos, muita leitura. Que verdade encontraram? Diz-se que o homem Jesus disse aos seus discípulos: "Estou no vosso mundo, mas não sou dele." Mas como as pessoas se ajoelharam e o adoraram, e porque o sistema sacerdotal vos deu uma ideia errada do que este homem foi, acham que ele é um Deus. Ele não é mais deus do que vocês. Vocês vivem num tempo, meus amigos, em que, se querem saber o que são preocupações, então terão muito com que se preocupar, não é?

A vossa Terra está com algumas dificuldades. Agora, não vos vou dizer que a Terra está a passar, como disse um homem, por um desvio do seu eixo. O eixo não vai deslizar, o eixo não vai deslizar. A vossa Terra já teve muitas inundações, tempestades aterradoras e terramotos.

Quando vivi na Terra, há 500.000 anos, numa civilização chamada Yuga (Yuga significa vasto corpo) nas montanhas do Himalaia, vivi numa cidade chamada Keoti. Keoti, uma cidade de templos. É esse o significado. Havia 33 templos. Veem há quanto tempo o homem anda a construir templos e a deixar apodrecer o seu próprio templo corporal? Vai perante o seu Deus com um corpo a cheirar mal, um corpo a apodrecer. Não honrou o

seu corpo. É uma desonra para ele. Admiram-se de querer que alguém venha salvar-vos?

Meus amigos, há 500.000 anos, a minha civilização durou 1.024 anos. Depois houve uma série de grandes terramotos e grandes tempestades vindas do espaço exterior. Grandes quantidades de gelo caíram sobre a Terra, matando tudo no seu caminho. A minha civilização tinha 180 milhões de pessoas. Mais de 80 milhões foram destruídas nesta catástrofe. Porquê? No início, a minha civilização nasceu do amor, da cooperação entre os homens. Todos sentiam a necessidade de ajudar o próximo. Isto durou muitos anos e a civilização cresceu cada vez mais. As pessoas eram bondosas e tinham corpos saudáveis. Ninguém assassinava, não havia guerras, nem política. Ha, ha – não havia política.

E uma só religião. Éramos adoradores do SOL. Ah, parece que sou pagão, não é? Porque adorávamos o sol? Porque é a fonte de energia, energia que dá vida. Vocês nasceram do sol, todos os seres humanos, tudo o que vive neste planeta ou em qualquer planeta nasceu do sol. Sem o sol não haveria vida em planeta nenhum. Havia quem soubesse disso e dedicávamos-lhe honra, amor, mas não porque pensássemos que fosse um deus. Nos nossos ensinamentos místicos chamávamos-lhe Luz, que significa sabedoria. SABEDORIA, LUZ, Cristo = significa sabedoria, luz, o sol de onde tudo nasceu.

Meus amigos, se tiverem paciência comigo, direi que esses seres do espaço são seres de sabedoria, nascidos do amor. Eles vêm aqui para ajudar-vos a compreenderem-se a vós próprios, para vos dar uma compreensão mais cósmica da vida.

Irene: Só um momento, Yada. Acho que uma menina se perdeu. Deixem o Sr. Van Tassel tentar avisar as pessoas. (O Sr. Van Tassel dá o nome da criança)

Sr. Van Tassel: Quero dizer-te, Yada, só um momento.

Yada: Estimado senhor, diga-me quando devo sair e eu vou.

Sr. Van Tassel: Fica por aqui mais um pouco, Yada. Em breve resolvemos isto.

Yada: Gratcia, gratcia.

Irene: Eu podia sentar-me a ouvir durante horas, mas não sei o que querem fazer. Se quiserem que o Yada continue, ele ficará feliz por fazê-lo. (Aplausos)

Yada: Meus amigos, honram-me. Peço apenas que honrem uns aos outros com amor e sinceridade e que usem a honra ao lidarem connosco com sinceridade. Não podem perder nada, absolutamente nada, meus amigos, por serem sinceros e darem amor em todo o lado. Sabem, meus

amigos, aquilo a que chamam o estalar dos dedos? É quanto dura a vida do homem na Terra. Podem dar-se ao luxo de estar zangados, de serem desagradáveis, de serem maus uns com os outros? Podem dar-se ao luxo de usar a vossa energia assim? Não podem. Não têm tempo a perder.

Agora, há alguém aí que queira fazer-me uma pergunta?

Irene: Sim, Yada, há aqui alguém, só um momento.

Homem: Gostava de saber.....

Irene: Percebeste a pergunta dele?

Yada: Não, não percebi.

Irene: Ele gostaria de saber como alguém pode encontrar o seu caminho, digamos, treinar-se para tomar consciência de si como um grande ser.

Yada: Meu amigo, e a todos vós, estimados amigos, mesmo que muitos de vocês já tenham sido ensinados pelos vossos professores, quem quer que sejam, e nunca, nunca nego a palavra do professor de outra pessoa, nunca, digo-vos apenas uma coisa: se querem tomar consciência de si próprios e libertar-se das tensões da vida, APRENDAM O QUE SIGNIFICA AMOR. Significa compreensão. É tão simples quanto isso, compreender. Mas para isso, têm de pôr de lado o vosso próprio ego, e isso não é fácil. O ego quer estar sempre à frente de tudo. Mas se conseguirem pôr de lado o vosso próprio ego, a vossa personalidade, e ajudar o próximo em todo o lado, não precisam de mistérios para se tornarem grandes homens na Terra.

Amar. Vejamos este homem aqui. Acham que estariam aqui se ele não desse amor às pessoas?

Venham. Tenho pensamentos para partilhar convosco, venham, não vou falar de mim. Sr. Van Tassel, quero que fale de si. Meus amigos, todos gostamos de falar de nós próprios, gostamos mesmo. Agora, pôr de lado o vosso eu emocional, deixar o vosso ego de lado e voltar-vos para o próximo e perguntar: "O que posso fazer por ti?" é difícil. Não foi este homem a quem chamam Jesus que vos ensinou o mesmo, amar o próximo? Mas o que fazem vocês? Vão aos templos e depois voltam para casa e fazem o mesmo de sempre.

Sim, meus amigos, é isso que fazem. Não vos estou a condenar, só estou a dizer o que fazem. Vão ouvir o sacerdote, o homem que chamam o homem do templo, na minha língua Homem-Deus, Kata, Homem-Deus. Ouvem-no e durante alguns minutos quase se sentem sagrados também. Mas quando saem do templo, isso desvanece! Vão para casa e tratam os outros como antes. Porquê? Porque tratam assim a vocês próprios. Se conseguem ser desonrados convosco, se conseguem ser emocionalmente

instáveis, vão ser iguais com o vizinho e a família. Quando têm problemas em casa e as coisas não correm bem, serve de alguma coisa ficarem perturbados emocionalmente? Resolve o problema? Não!

O homem devia ser um pensador, um pensador, meus amigos. Têm de conquistar a capacidade de pensar. Diz-se que o homem é humano. Não, não é. Tem de o conquistar através do pensamento correto, vida correta, ação correta. Parece um discurso moralista.

Meus amigos, essas pessoas (porque é que havia de mentir), vêm cá e querem ajudar. Talvez haja quem não compreenda a natureza dessas pessoas. Então, o que não compreendem tentam destruir. Vamos voltar um pouco ao que chamam viajar no espaço. O planeta Vénus, quando está mais ou menos em conjunção com a vossa Terra, está a 28 milhões de milhas de distância. Marte está ainda mais longe. Acham que vêm até cá como vocês voam? Acham que vêm num foguete? Não. Vêm mudando a sua vibração. Estão lá fora, no espaço, neste momento, suspensos sobre este campo. Há muitos, muitos deles. Não os podem ver, mas também não me veem a mim! (Aplausos)

Vamos ao que se chama o espírito, ou a alma ou o corpo psíquico, ou como quiserem chamar; sabem, aquela coisa que supostamente sai do corpo quando morrem. Alguém diz: "Acabei de ver um fantasma." Ele atravessou a minha casa e passou pela parede." Isso não é normal, pois não? Ninguém faz isso, entrar em vossa casa e sair pela parede! Não é bonito. Mas porque conseguem passar pela parede? Porque estão noutra dimensão ou frequência. A parede não existe para eles. Não têm qualquer consciência de que aquilo é uma parede. Agora pensam que, com o vosso corpo, não o podem fazer, mas se soubessem como dominar o vosso corpo podiam atravessar a parede com ele, embora não saiba o que ganhariam com isso. Tudo, meus amigos, deve ser feito com um propósito, com um propósito sensato por trás. Estão aqui à procura de propósitos mais sensatos.

Yada: Sabem disso.

Irene: Há pouco veio aqui uma pessoa perguntar-me a razão de estarmos aqui e eu disse-lhe que achava que era para aprender. Gostava que desenvolvesses um pouco mais isto, se puderes.

Yada: Sim. Meus amigos, cada um de vós que está aqui sentado tem um propósito, uma razão para estar nesta terra. Nada acontece por acaso, exceto quando apostam nos cavalos, aí sim ganham por acaso. Estamos todos aqui por uma razão. Podem dizer que não sabem qual é o vosso propósito, tal como acontecem tantas coisas. Às vezes penso que vou suicidar-me. Muito bem, façam-no. Assim deixam mais atmosfera para

quem quer viver. Mas se se vão suicidar, vão para um sítio onde ninguém vos veja.

SUICÍDIO. Os vossos mestres religiosos dizem-vos que quem se suicida vai para o inferno. Não. Ele acabou de sair de lá. (Aplausos) Meu amigo, se tirares a tua própria vida, lembra-te apenas disto: vives num mundo de causa e efeito. Tudo o que uma pessoa faz tem uma reação igual e oposta. Não podes quebrar esta lei e ficar livre. Agora, isto não significa que vás arder num fogo. Não é pior do que isto! Sabes porquê? Porque vais estar consciente depois de destruíres o teu corpo físico. A tua consciência vai continuar. Se fizeres isto, podes encontrar-te, passado pouco tempo, de pé, a olhar para o teu corpo. Sim, não vais fugir logo para o céu.

Não há caminho fácil. Tens de conquistar o céu, para o poderes levar contigo. Conquistas isso aqui mesmo. Tu és o céu. Tu és o inferno. Se não estás satisfeito com a tua vida aqui, achas que, tirando a tua vida e percebendo que continuas consciente, vais ficar melhor? Não, não. Agora, se estás a sofrer muito, podes estar dependente – podes ficar livre da dor. Ninguém te governa senão tu. Não vai aparecer nenhum homem de barba e cabelo comprido a desaprovar o que chamaste viver.

SOBREVIVÊNCIA. Vais sobreviver à morte do teu corpo e, se terminares a tua vida física, vais pagar o preço, porque vais sentir a culpa. Esses sentimentos de culpa vão girar-te num espeto mais quente que o inferno cristão!

Irene: Em relação ao tema de que estás a falar, alguém pediu-me que perguntasse se podias explicar o que é o pecado.

Yada: Pecado é ignorância. Pecado é não saber. Mas isso não nos desculpa quando quebramos uma lei. Não nos desculpa porque não sabíamos. Devíamos saber! Devíamos tentar acordar e perceber o que é a verdade. PECADO Quando pecas estás a experimentar a vida e, talvez, fizeste aquilo a que chamam um erro. Cometeste um erro. Mas, meus amigos, se caminharem por um precipício com os olhos no ar não serão salvos de morrer só porque não sabiam que ali estava o precipício. Não, há lei e temos de seguir a lei.

SERES DO ESPAÇO. Pensa-se que eles têm uma dispensa especial em relação ao que vocês têm aqui; que Deus não se interessa pela vida deles porque estão tão avançados que já não precisam da preocupação de Deus; já não precisam da sua autorização. Meus amigos, Deus é Sabedoria,

luz, compreensão, amor. É isso que Deus é e "ISSO" significa vocês. Significa vocês!

Já ouvi pessoas, e até membros do clero, dizerem que se há alguém em Vénus ou Marte, ou em outros planetas, e se lá formos, vamos como vanguarda para os salvar. O mesmo que fizeram aos índios, salvaram-nos! (RISO) Meus amigos, esses seres conhecem a natureza da vida. Agora, alguns podem vir e continuar a fazer-vos acreditar no que vos ensinaram. Isso é porque não têm pressa em acordar-vos, não têm pressa nenhuma. Começaram um plano de longo prazo para a terra há muitos, muitos anos. A vossa terra tem sido visitada por estes seres desde que o homem chegou aqui.

No passado antigo, quando esses seres viram que o homem começava a agir um pouco menos como macaco, vieram e reuniram alguns deles e disseram: "É tão bom ver que despertaram um pouco. Vamos contar-vos uma história e a natureza dessa história é sobre a vossa própria divindade. Vamos falar-vos de vocês e vão guardar isso entre vocês até que, com a vossa capacidade de julgar quando outros despertarem, possam ensinar-lhes a verdade. Não escrevam nada disto em papéis, nem pedras, nem coisa alguma. Vamos dar-vos as verdades místicas sobre a vossa natureza divina e transmitem-nas apenas de boca em boca."

Este grupo passou a ser conhecido na terra como a IRMANDADE BRANCA. (Aplausos) Com o tempo, à medida que os séculos passaram, milhares, milhões de anos, os ensinamentos deles espalharam-se lentamente pela terra. (Lembrem-se, meus amigos, que venho de uma civilização que existiu há 500.000 anos – meio milhão de anos atrás). Mesmo que os arqueólogos e antropólogos torcem o nariz, continuamente a dizer-vos que o homem nunca foi um macaco – nunca. (Aplausos) Meus amigos, o homem, como se veem e se conhecem na Terra, é uma espécie distinta e especial de qualquer outra coisa na Terra.

Não descende do macaco, nunca. Espero que isto vos traga ânimo. Precisamos de todo o encorajamento possível, pois o caminho do saber é duro e longo. Depois, à medida que este grupo criava pequenos núcleos aqui e ali de outros seres humanos, transmitindo-lhes este conhecimento, alguns começaram a sentir o seu próprio poder porque foram ensinados a lidar com a matéria. Vocês são mágicos, manipulam a matéria. São alquimistas. Alquimista é quem sabe manipular a matéria, não só com as mãos mas com a mente, para criar o seu próprio corpo. Se o corpo era destruído, podia criar imediatamente outro, igual ao anterior. Se era bonito, podia fazer outro igualmente bonito.

ALQUIMIA. Não há mistério nenhum nisso. Não se trata necessariamente de transformar um tipo de metal noutro mais precioso. O homem fala sempre de coisas materiais, ouro, prata. Meus amigos, (apontando) isto é o mais precioso da matéria – o corpo humano transformado num estado divino de amor. (Aplausos) E sabem, não precisam de truques, nem de fazer truques. Não precisam de respirar fundo ou de fazer o que chamam práticas de Yoga. Não precisam de fazer isso. Muitos perdem a cabeça quando fazem Yoga. Respirar fundo, mas não estão habituados a respirar mais do que até meio dos pulmões e sentem-se tontos. Este homem aqui (Mark) fuma cigarros e, por isso, tem dificuldade em respirar fundo. O mesmo acontece com quem fuma charutos ou tabaco. Estão a arruinar o vosso sistema, é só isso. Só isso! Não chega, não é?

Irene: Algumas pessoas pensam que estão a pecar e que pecar é...

Yada: Não é uma questão de pecar. Deus não se importa se fumam. Se não fumam agora, vão fumar depois, de qualquer maneira! (RISO) Não é uma questão de ética ou moral, meus amigos. É uma questão de sanidade, de lucidez. (Aplausos) Queres dizer-me alguma coisa, Sr. Van Tassel?

Sr. Van Tassel: Bem, Yada, dificilmente posso acrescentar alguma coisa ao que já disseste, isso é certo.

Yada: Gratcia.

Sr. Van Tassel: O que disseste, penso que vai exigir bastante reflexão para que se entranhe no pensamento. Por isso, não vou tentar acrescentar mais nada.

Yada: Como está, por favor, a sua estimada esposa?

Sr. Van Tassel: Muito bem, muito bem.

Yada: Dá-lhe o meu amor, por favor. Meus estimados amigos, não vou ocupar mais do vosso valioso tempo. Foram muito amáveis comigo, não pacientes, meus amigos.

Irene: Yada, há duas perguntas de pessoas lá atrás. Um menino gostaria que explicasses, em poucas palavras, o que é a matéria. E depois o Sr. Cameron, lembras-te do Sr. Cameron? Ele tem uma pergunta para ti. Ele está mesmo atrás de ti. Importas-te de responder a estas perguntas?

Yada: Não, não me importo. Sinto-me muito honrado por alguém acreditar que as posso responder. (RISO) A mente sobre a matéria, a natureza da matéria. Agora penso que deves mesmo ouvir, porque quanto mais ouves menos ouves. Meus amigos, vejam, tentamos falar de coisas. Como vamos falar de algo? Não podemos. Podemos experimentar coisas, mas não as podemos explicar.

Yada: Podemos viver vidas, mas não podemos falar vidas. Quando tentamos, estamos num vácuo. Quero comida. Reparei que quando disse a

palavra vácuo, a esposa deste homem começou a dizer "uh huh". Mas, meus amigos, o único verdadeiro vácuo existe na cabeça daqueles que não querem aprender. (Aplausos) Não há vácuo. Não existe condição vazia. Se houver uma partícula de matéria num vácuo, então esse pedaço de matéria é o vácuo inteiro, que é toda a superfície, toda a matéria aqui mesmo. Não está vazio, está ali. A matéria é um carácter de vibração. Não é uma coisa de que se fala quando falam de átomo e dizem que vão dividi-lo, a bala de protão.

Agora, vejam bem, a verdade da matéria------ Mas a verdade é que não podem fazê-lo. Não podem tirar um pedaço de matéria de outro pedaço de matéria. Então, o que acontece? Provocam uma extensão, uma expansão do campo desse átomo. Provocam uma expansão. Não o removem, porque não há nada para o remover, só mais matéria, mais espaço. Estou a ser claro? (Aplausos) Meus amigos, pegar num certo corpo de espaço, parece que não há nada ali. Parece um vácuo maravilhoso. E depois fazem-no girar, girar o nada. Depois param e olham lá dentro e ali está, maravilhoso, do nada surgiu a matéria.

Quando a terra, os mundos foram criados, na vossa Bíblia cristã diz que não havia nada, um vazio. Mas há outras dimensões dentro desse vazio, desse nada, desse aparente vazio, há muitas outras dimensões ou frequências. Agora, isto inicia uma ação de movimento. Esta ação que chamam de vórtice. Tudo a mover-se para o centro, um ponto a mover-se para um ponto. Depois, após tantas destas vibrações internas se manifestarem para fora, criaram o que chamam de frequências tridimensionais. Depois veio uma grande e terrível explosão. Agora, a explosão em si nada podia fazer, por isso a terra teve de acontecer para trazer o mundo da matéria à criação. Isto chama-se implosão, onde esta matéria explodida se reagrupa devido a uma força centrípeta.

Agora, quando estes seres do espaço entram na vossa atmosfera, às vezes ouvem "boom" na própria terra, aquilo a que chamam de explosão sónica. Conhecem "explosões sónicas"? Disseram-vos que essas explosões que têm ocorrido na vossa atmosfera se devem às grandes naves a atravessar a barreira do som. Está bem. Alguém com autoridade disse-me isso, por isso acredito. Agora, volto ao meu único sonho mais um pouco. Não vou fazer nada sobre isso, porque estou ocupado com outras coisas. Dói-me a cabeça! Mas aqui está uma implosão, uma reunião de matéria.

Esses seres, quando se movem de uma dimensão do tempo, provocam várias mudanças na frequência ou vibração da nave em que estão; quando a implosão se aproxima de nós, apresenta-vos o que chamam, ou deviam chamar, matéria sensorial. Sensorial, no sentido de que pode ser medida

pelos vossos sentidos. Implosão, reunião, centramento. A matéria pode ser mutada de todas as formas mas não pode ser destruída, porque a matéria não é uma palavra, é uma condição. Esta mesa (bate na mesa) parece muito sólida, não é? Chamam-lhe matéria. Podem—

As pessoas do espaço, quando trazem as suas naves até vós, parecem matéria ou, como disse um homem muito honrado, ele disse: "são reais". Ele disse "Se lhes disparo, morrem". Matéria e consciência são uma só.

Irene: Yada, acabámos de ser avisados de que há bastantes pessoas aqui com crianças pequenas, por isso o programa da noite terminou, talvez devêssemos terminar a palestra por hoje.

Yada: Está bem, mas não precisam de andar com rodeios para me dizer (RISOS). Nós, do Círculo, estamos muito gratos pelo trabalho que fazem aqui. Gratcia.

Irene: Obrigada, Yada.

Sábado, 20 de setembro de 1958,

Em casa de Alfred e Anita Ganschow em Kenmore, Nova Iorque.

Yada: Sena et Seneha, Ena Yada di Shi'ite.

Grupo: Boa noite, Yada.

Yada: A notchl.

Irene: Este é Yada di Shi'ite. Ele está a apresentar-se. É o líder do grupo de professores do Mark. Ele está a dizer "Senehas", Senhoras; "Senas", Senhores; "sou Yada di Shi'ite". (O Yada tem as mãos na posição da flor de lótus)

Yada: E grati ya.

Irene: O Yada disse "Vocês". Queria agradecer-vos, "Eta's", por terem vindo esta noite. "E grati ya". Depois agradece ao Sr. e à Sra. Ganschow por o receberem em casa.

Yada: (Na sua língua)

Irene: Yada, estas pessoas, muitos deles nunca estiveram aqui antes para vos ouvir, membros do Círculo Interno. Devo dizer que o Yada fala na sua língua durante pouco tempo; depois volta ao inglês. Esta língua que ele fala é a língua que falava nos Himalaias há 500.000 anos. Chama-se a língua Yu.

Recebemos várias perguntas escritas para ti, Yada.

Yada: Au kee, vou falar inglês.

Meus estimados amigos, é um grande prazer vir aqui e falar convosco esta noite. Espero que também me falem, pois não venho só para ouvir a minha própria voz – depois de 500.000 anos disso, há pouco prazer nisso.

Antes de mais, quero dizer-vos, meus amigos, que não vos falo do mundo dos mortos. Isto é um erro que o homem comete quando tem a oportunidade, que é muito rara, de comunicar com outros seres humanos como ele, mas que habitam outros estados de mente – não lugar, mas mente.

Quando percebemos isto, deixamos de andar à procura de parentes fantasmas. Queremos falar de mente para mente, de consciência para consciência. O corpo é apenas um instrumento da mente. Não estão a comunicar com um corpo. Um corpo não se importa com o que dizem, porque o corpo não ouve. Não percebe. Não sente. Mas há um homenzinho sentado dentro da pequena caixa sobre os ombros. Chama-se cabeça. Ele está ali, espreitando cá para fora, através das pequenas fendas da caixa. É com ele que comunicam e quando a comunicação é feita de ser humano para ser humano, deve ser uma grande honra fazê-lo com Amor. Deve ser feito com amor, caso contrário, não deve ser feito de todo. Sem amor, não há compreensão. Isso significa que não há comunicação.

Palavras. Não existem palavras, existem sons. Sons – o que chamam sons moleculares, criados nos espaços entre corpos. Cada um de nós, conforme fomos condicionados a compreender os sons, tomamos esses sons e damos-lhes significado.

O pequeno homem cá dentro traduz esses sons. Para ele, percebe o que significam. Mas às vezes esses sons são muito perturbadores para alguém. Criam um conflito interior, que se manifesta em nós, criando problemas entre os comunicadores. Podem estar a falar sobre a mesma coisa, a concordar entre si à sua maneira; mas por não conseguirem entender, surge um sentimento errado e começam os problemas. Semântica. É uma coisa terrível, pois através dela, interpretações erradas surgem entre os homens.

Irene: Tenho uma pergunta sobre isto. Refere-se a ti. Esta entidade é um professor no plano astral? Limita-se a projetar a sua consciência no plano astral para dar a sua mensagem? Se já se foi há tantos milhares de anos, porque está ainda no plano astral?

Yada: É muito interessante. Muitas vezes faço-me essas perguntas também. Sento-me num canto e digo: "Yada, porque fazes isto e aquilo?" Mas nunca consigo a resposta! Tenho de ir perguntar a outra pessoa.

Meus amigos, como vos disse, não vos falo do mundo dos mortos. Morte significa ignorância: significa não saber; morto não sabe. Agora, se olharmos para o que chamam "o estudo da sobrevivência" de um ponto de vista religioso, eu seria considerado um fantasma.

Yada: Mas eu não sou um fantasma, só porque não vos apresento uma forma física de algum tipo; aqueles que estudaram aquilo a que chamam espiritualismo iriam acreditar que sou um fantasma. Não sou. Sou como vocês, uma consciência. Comunico convosco a partir da consciência. Vocês comunicam comigo a partir da consciência, não a partir de um lugar chamado mundo astral, porque tal lugar não existe.

Astral é uma palavra, não é um lugar. É apenas uma palavra. E é muito usada no campo da astronomia. Significa "O Reino Estelar!" O reino das estrelas é consciência. Não é um lugar. Não há lugares. Pensam que vivem no que chamam um mundo físico/químico, achando que isso é um lugar. Não é lugar. É uma condição, uma condição mental.

Isto é verdade para aquilo a que chamam toda a existência. Toda a existência é um estado mental, quer eu lhe chame físico/químico ou mental, não faz diferença. É tudo mental.

Não comecei a minha existência há 500.000 anos. Isso foi apenas uma expressão de consciência, tal como aquela que estão agora a viver. Estão a passar por uma experiência mental a que deram o nome de experiência física/química. Agora podemos provar isto. O homem, no vosso mundo, quer sempre provas. Podemos fazê-lo, e sei que hoje vão compreender isto melhor do que talvez em qualquer outro tempo da história do homem.

Primeiro pegamos naquilo a que chamam matéria. Olhem para ela. O que é? A palavra matéria não é aquilo que é – é apenas uma palavra. Mas o que é isto sem a palavra? Sem o rótulo? É como hoje, quando têm o que chamam alimentos, colocam-nos em latas e depois põem etiquetas nessas latas. A etiqueta diz que aquilo está lá dentro. Não é assim?

Ora, a única maneira de saberem o que está na lata não é depender da etiqueta. Podem fazer isso porque foram ensinados a fazê-lo, e passaram a confiar nisso para saber o que lá está. Mas não podem abrir todas as latas para ver se é verdade. Os vendedores não iam gostar disso.

No caso do homem, ele é uma lata; o corpo é uma lata. Aquilo que eu sou está dentro da lata. Temos de entrar uns nos outros para descobrir a verdadeira natureza do que somos. Nunca poderão conhecer alguém olhando apenas para a sua superfície, ou para o exterior da lata. E a única maneira de entrar neste corpo (lata) é com a chave do amor, que significa compreensão – não paixão, mas compreensão.

E primeiro, têm de compreender a vossa própria “lata”. Só assim poderão compreender melhor o outro. Mas a matéria, a lata, a superfície é tudo o que vemos. Queremos ver mais, por isso cortamos a lata, ou a matéria, e vemos que, seja qual for o lado por onde cortemos, só vemos outra superfície. Muito desanimador – não conseguimos entrar na matéria.

Cortando de um lado ou de outro, não faz diferença; não conseguimos penetrá-la.

Os vossos cientistas dizem que desconstroem a matéria. E, ao fazê-lo, descobriram que um pedaço de matéria é, repito as vossas próprias palavras, "noventa por cento nada".

Irene: Yada, temos aqui um senhor que vai tirar uma fotografia com flash enquanto falas. Quero que saibas disso.

Yada: Au kee, grati ya. Façam o que quiserem.

Pegam nesse pedaço de matéria que chamam 99% nada. Já ouviram isso? 99% nada? Eu consigo entender 90% de algo, ou 10% de nada, mas não 99% de nada. Muito bem, o que se quer dizer é que o núcleo é onde está o "algo" – núcleo é uma palavra melhor.

Mas vejamos se é verdade, se há algo mais dentro do que fora, num pedaço maior de matéria, a que às vezes chamam casca ou corpo eletrónico. Então, agora, cavamos fundo nesse núcleo, e separamos as partes, pois é feito de partes, e vemos que não consiste num único ponto, tal como as camadas exteriores não consistem num ponto único.

O eletrão não é um corpo em si. O protão não é um corpo em si. Todas as partes deste suposto pedaço de matéria podem ser fracionadas. Onde está então a matéria? Qual é a sua verdadeira natureza?

Agora, não adiantaria eu dizer aos vossos cientistas materialistas – e há bastantes – que aquilo a que chamam substância é na verdade ação da mente, os blocos de construção da consciência. Diz-se que alguns dos vossos cientistas pegam no que chamam uma "bala de protão", atiram-na a um pedaço de matéria, e dizem que arrancam um pedaço dessa matéria.

Não, não arrancam, pois dois pedaços de matéria nunca se tocam; em momento algum, nunca se tocam. Mesmo quando fazem esse esforço, para arrancar um pedaço de matéria, o que acontece é que a força usada faz com que a força que parece ser atingida se expanda. O campo de força chamado átomo da matéria expande-se.

É forçado a ocupar um grande volume de espaço. Nenhuma parte pode ser arrancada de outra parte. Aquilo que parece ser nada no átomo, onde há campos eletrónicos e depois o núcleo, parecem ser vastas regiões de espaço – como o Sol e os planetas – vastas regiões de nada entre esses corpos. Mas penso que os vossos cientistas estão a perceber rapidamente, nestes últimos anos, que não há vazio, não há campo de nada ou vácuo, mas estados relativos de falta de matéria.

Irene: Yada, tenho aqui uma pergunta que penso que estás a responder agora. Podes explicar mais sobre as diferentes dimensões? Estás a falar de dimensões, não estás?

Yada: Estou a preparar-me para isso. Não há espaço vazio em parte alguma. (O espaço em si é matéria. Podem chamar-lhe outro nome, energia. Não faz diferença – continua a ser matéria.) Porquê? Porque isto é a mecânica da mente, da consciência. Esta é a natureza, esta é a essência do vosso próprio ser.

Veem, não vos falo de um lugar baixo chamado astral, onde se diz que certos tipos de seres vão quando morrem. Na sua maioria, esses seres estão presos à terra. Isso coloca-os talvez no balde (RISOS), no balde do pensamento errado. Tornaram-se degradados aos olhos daqueles que pensam que estar preso à terra é algo mau.

É assim. Mas quem passa por isso, não se sente mau nem negativo em relação a si próprio. Está no seu próprio estado de espírito, gozando-o ou sofrendo-o, conforme sente. Pode-se ir para onde não se conhece nem se pensa? De acordo com a minha natureza, de acordo com a minha mente, o meu entendimento, eu movimento-me e existo.

Portanto, como poderia condenar quem se move e existe à sua maneira? Isso são eles. Isto sou eu. Mas reparem na conotação desagradável da palavra "preso à terra". É sempre para outro, nunca para mim. Reparem como os cristãos, quando apontam o dedo, dizem: "tu vais para o inferno, eu não".

Meus amigos, estamos onde está a nossa consciência e não podemos estar noutro estado. Por isso, se encontrarem um ser preso à terra e não tiverem demasiado medo para falar com ele, não o condenem nem tentem salvá-lo. Vai odiar-vos mais por isso do que por o condenarem.

As pessoas odeiam ser salvas, mesmo as que dizem que querem, porque o ego diz-lhes que onde estão, como estão, é a única coisa a fazer – e é mesmo. E se negarem isso, estão a negar ao ego o direito de pensar e fazer o que quer. E eles não gostam disso, seja um fantasma com pele ou sem pele, não gostam. Ninguém gosta de ser condenado ou de ser-lhe dito que não faz a coisa certa. Mas se alguém vier ter convosco e disser: "Preciso de ajuda, estou com dificuldades", então torna-se vosso dever ouvir o problema e tentar ajudar.

É o vosso dever, não para eles mas para vocês mesmos. Pois isso é a vida, essa é a essência da vida outra vez – SERVIÇO EM AMOR AO PRÓXIMO. A vida é simples assim. É só isso. Se o homem pudesse perceber isto e viver assim – SERVIÇO EM AMOR AO SEU PRÓXIMO – quem é que iríamos deixar sofrer, ficar sem nada? A quem viraríamos as costas? A ninguém, nunca, em parte alguma.

Yada: Não teriam esta loucura de ódio uns contra os outros no vosso mundo, esta corrida para serem superiores, uns acima dos outros. Vejam,

têm ódio racial, ódio religioso, ódio político. E, mesmo assim, afirmam ser uma grande raça cristã. Há mais lutas entre os cristãos do que entre qualquer outro povo. É triste, mas é verdade.

Cristão – a palavra cristão significa cristalino, claro como cristal. Não significa um tipo de crença religiosa esnobe. Significa clareza cristalina na compreensão. Compreensão de quê? De si mesmo. De si mesmo. E, quando compreendemos a nós próprios, não podemos deixar de compreender o outro.

Esta reverência, estas prostrações, esta construção de templos, para quê? Para criar mais discussões, mais ódio, mais divisão entre vós? Dei uma palestra parecida com esta há pouco tempo, no norte. Chamei à minha palestra "Bottoms Up" (De pernas para o ar). É o que o homem faz – a primeira coisa que faz é cair de cara no chão perante algo que não compreende e põe o traseiro no ar.

Deus olha para a sua criação e só vê traseiros, já não vê rostos. Ha. Uma criação de pernas para o ar. É pena, não é? Ha.

Só há um templo de honra: é o corpo. Este é o templo vivo do Deus vivo. Querem adorá-lo, honrem-no, amem-no: pensem bem sobre o vosso corpo para fazerem coisas boas por ele, alimentem-no com alimentos adequados, dêem-lhe banho de vez em quando. Há quem abomine sabão e água; acham que se podem desfazer, creio eu.

Aprendam a respirar aqui em baixo, profundamente no diafragma, para que os pulmões possam receber toda a capacidade de ar, trazer a oxigenação através do sangue por todo o corpo, alimentando o sangue com oxigénio, para que estas pequenas células de oxigénio levem esta substância viva e energizante a todas as partes do corpo.

Uma das maiores coisas, que chamo de não saudáveis, que o homem faz ao seu corpo é fumar tabaco. Sim, fumar. Porquê? Porque ao inalar o fumo para os pulmões, recebem muito pouca oxigenação. Isso provoca a degradação e destruição do aparelho respiratório, dos pulmões. Essa falta de oxigénio provoca problemas nos olhos. Estão a dar ao vosso corpo um veneno muito forte. Chama-se alcatrão do tabaco.

Meus amigos, sei duas razões pelas quais fumam e acham necessário fumar. Fumar é só uma das formas de frustração de que o homem sofre. Quando fumam tabaco ou bebem álcool em excesso, não estão a beber álcool em si; não estão a fumar tabaco em si; estão a fumar frustrações e a beber frustrações e inibições, medos provocados pelas constantes tensões e incertezas à vossa volta.

Têm de encontrar uma forma de se equilibrar com o mundo físico, ou então vêm os nervos, "Tenho de fazer qualquer coisa, senão…" – vocês,

americanos, dizem: “I’ll blow my top!” (“Vou rebentar!”) É muito boa expressão, é adequada. Tenho muito interesse pelo vosso calão, pelas vossas expressões populares. Blow the top é mesmo isso. Como é que isto acontece? Os nervos, pelo sistema nervoso, trazem tensão, pressão alta. A pressão alta deixa de conseguir levar sangue ao cérebro e isto é como uma caldeira. Conhecem uma caldeira? Cheia de vapor, cheia, cheia, sem ter por onde escapar. Em breve, o topo rebenta – é isso que acontece, muito bem!

ÁLCOOL. “Vou só beber um bocadinho para acalmar os nervos, e um bocadinho mais para acalmar o acalmar dos nervos.” Em pouco tempo estão tão calmos que já nem conseguem mexer-se. Tudo bem, se não se importam com as consequências. Podem fumar e beber o quanto quiserem, desde que percebam que há um preço a pagar.

Podem fazer tudo, mas por favor vejam a etiqueta do preço antes de o fazerem. Porque, se esperarem para ver o preço depois de terem comprado o produto, já é tarde. Têm de pagar o preço. Vejam o preço antes de comprar, sim? Então estarão seguros.

Agora, não digo: “Não fumes, é mau.” Não é mau. “Não bebas, é mau.” Não é mau. Não, não para um deus. Um deus não se importa com quanto fumam ou bebem. Ele não quer saber. Muitas vezes até me pergunto se ele não o faz também! E teria razão para isso, ao ver a sua criação – “Ah, não aguento mais: dá-me um cigarro!” Ha!

Afinal, se moldam o vosso deus e fazem dele uma imagem vossa, então também terá muitas fraquezas humanas. Deve ter momentos de exaustão. Às vezes deve dizer: “Vou-me demitir, vou desistir, não aguento mais!” “Este país aqui está a rezar para mim; quer que os ajude a massacrar os outros daquele país.” Sim, e os de lá também rezam para o mesmo em relação aos de cá. Oh, por favor! Ajudas-nos a fazer algo contra eles, ali do outro lado? Não gostamos deles, Deus, compreendes? Eles não são piedosos, só nós é que somos. Fazemos algo mais do que a tua criação, mais do que humanos. Fomos escolhidos por ti, tu disseste.

Não, Ele não disse nada disso. Só o sistema sacerdotal levou o homem a acreditar que existe essa condição de “escolhidos”. Às vezes temos o hábito de “nos escolhermos” a nós próprios, o que nem é tão mau assim; ninguém pode provar que não é verdade, não é?

Homem. Ensinaram-vos que são maus, que são pecadores. A vossa Bíblia cristã diz que são “trapos imundos” aos olhos de Deus. Gostam disso? O quão pequenos vos faz sentir? Devia meter medo morrer, ter de enfrentar tal Ser?

Meus amigos, talvez não aceitem o que vou dizer. Talvez não aceitem agora e não faz mal, não me interessa. Não é do meu interesse o que fazem com o que digo. O meu interesse é apenas dizer o que tenho a dizer. O que fazem com isso é do vosso interesse e responsabilidade.

Mais cedo ou mais tarde terão de chegar à conclusão de que são Deus: que são o criador eterno, a luz eterna. Agora, alguns ficam assustados com tal afirmação. "O Criador? Fui eu que fiz isto tudo? Sou responsável por isto tudo? Oh não, eu não, tão pequenino." "Posso ser parte de Deus, mas não sou Deus." Então, que parte é?

Irene: Uma senhora pede-me para falar mais baixo?

Yada: Conseguem ouvir-me aí atrás? Estou a falar demasiado alto? Não quero incomodar ninguém, nem dizer algo errado aqui.

Irene: Não, querido, mas há vizinhos lá fora e podem ouvir o que está a ser dito.

Yada: Ah, não querem que os vizinhos ouçam. Convidem-nos a entrar! (Risos) Assim poupam-nos de ter de ouvir do lado de fora. Vejam, se têm um inimigo à porta, abram-na, convidem-no a entrar e façam dele amigo. Enquanto ficar lá fora, é vosso inimigo; tenta fazer-vos mal. Digam: "Entra, inimigo." Quando ele atravessar o limiar, digam: "Como está, amigo?" É assim tão simples. Se não têm medo, claro – se têm medo, não o façam, porque, no momento em que convidam o inimigo a entrar, pode ter uma faca na mão. Mas se não têm medo, abram a porta e convidem-no a entrar. Uma porta trancada faz inimigos; cria ladrões que tentam entrar às escondidas.

É como a casa-corpo. Se têm medo do mundo à vossa volta, todos aqueles de quem têm medo são vossos inimigos – convidem-nos, vamos sentar-nos juntos. Vamos partilhar juntos, partilhar conhecimento, partilhar vida.

E gratiya. Agora tenho de parar aqui porque há muitas perguntas e quero responder-lhes. Mas, por favor, antes de o fazer, quero falar um momento sobre aquilo a que chamam os "discos voadores", pois penso que alguns de vocês têm interesse nisso.

Yada: Meus amigos, voltando a 1947, quando ouviram pela primeira vez a palavra "disco voador", "seres do espaço", "seres vindos do espaço exterior, de planetas" — muito se escreveu e um grande fluxo de palavras espalhou-se pelo mundo inteiro. Lentamente o homem está a fazer, e vai acabar por fazer, o que sempre fez ao longo da história, com coisas e situações que não compreende.

O homem faz uma de duas coisas com aquilo que não compreende. Ou tenta destruí-lo, matá-lo, ou começa a adorá-lo. Este tipo de

pensamento e atitude é um retrocesso ao estado mental primitivo do homem.

Olhem para todas as vossas religiões, os grandes mestres que vieram e que parecem estar ligados a essas crenças religiosas — os grandes Avatares, os Sábios da Vida, que vieram não para serem adorados, mas para vos beneficiar em compreensão, sabedoria, conhecimento sobre vocês próprios e a vida.

Mas o homem fica sempre deslumbrado com personalidades e a primeira coisa que faz, quando não compreende uma personalidade, é prostrar-se. Bottoms Up!

A história está cheia de Avatares crucificados, ou salvadores, ou mestres, ou como lhes quiserem chamar. Muitos, o homem chamado Jesus não foi o único, foi apenas um entre muitos. Agora vêm estes seres. Eles têm vindo à Terra desde sempre; antes sequer do homem ter posto aqui o pé fisicamente. Estes seres são um ramo da raça humana, só que vivem noutra dimensão.

Agora, não gosto da palavra dimensão. Porquê? Porque temos de assumir que é um estado no tempo. Alguém aqui entende bem de física?

Resposta: O Sr. Schultz está aqui.

Yada: Meu estimado amigo, há muito tempo que não falo consigo.

Ed. Schultz: É um grande prazer.

Yada: Meu amigo, queria falar consigo um momento sobre a dimensão e, ao falar, peço a si e a qualquer pessoa aqui que compreenda as leis da física, que me contradiga se eu disser algo errado. Por favor, façam-no, porque veem que não há critério para eu saber tudo. Vão perceber isso depois dos primeiros 500.000 anos que viverem.

Meus amigos, não somos aquele pequeno pedaço de tempo chamado 500.000 anos; somos eternos. Nunca houve um tempo em que o homem não existisse, porque o homem é consciência, não uma forma. Agora, como é que se consegue ter uma dimensão no tempo? Uma dimensão no tempo? É uma questão simples. Têm muitas perguntas. Estou a fazer uma pergunta simples. Talvez me consigam responder.

Uma dimensão no tempo? Digam-me, por favor.

Resposta: É um estado de consciência, uma divisão relativa do tempo que a consciência subdivide para conveniência.

Yada: E grati ya. Isso foi o que disseste. Alguém quer colocar isto de forma diferente, achando que talvez este senhor não explicou de modo suficientemente concreto para vocês?

Comentário #1: O tempo é o isolamento de todas as coisas e nunca se move.

Se o tempo alguma vez se movesse, tudo colidiria.

Comentário #2: O tempo é apenas relativo.

Yada: Agora temos três abordagens diferentes sobre o que se chama tempo. No entanto, se estiveram a ouvir com atenção, veem que todas acabam por chegar ao mesmo ponto. Não é algo que possam agarrar, ou segurar. Não é algo que possam fazer outra coisa senão sentir, ter uma sensação.

Mas o que estão a sentir? Estão a sentir algo chamado tempo ou estão a sentir-se a vocês próprios? E estão a usar o sistema Braille para isso. Digo isto como brincadeira!

Comentário: Não podemos estar conscientes do tempo sem movimento. O tempo não existe sem movimento.

Yada: Assim é. E, no entanto, pergunto-me, o que é que se move? O que é que se move?

Comentário: Isso também é relativo.

Yada: Desculpe, senhora, o que disse? A vida move-se? Diga-me o que pensa sobre o que disse. Existem dois estados. Um chama-se consciência; outro chama-se autoconsciência. Consciência é estática; autoconsciência é fluida, mas tem a sua sensação ou estado aparente de movimento – fluido, só por causa da condição estática chamada consciência. Estou a ser claro?

Comentário: Sim, está.

Yada: Porque estou consciente de, estou consciente de, tenho a sensação de movimento no quadro da consciência, que não se move.

Suponham que estão numa caixa e a caixa move-se no espaço, mas não podem ver o exterior. Não saberiam em que direção estão a mover-se – para cima, para baixo ou para os lados – e na verdade não sentiriam movimento nenhum porque não têm nada para criar esse estado relativo de mim e do movimento.

Portanto, voltamos a outra ideia. Não existe nada senão a Luz. A expressão cristã disto é: "Não há nada senão Deus." Mas vejam, quando usam a palavra "Deus", divinizam algo que não precisa de ser divinizado. Isso não se importa com ser divinizado. Não tem consciência disso nem de outra coisa. Não é consciente de si em relação a vocês. Vocês são isso, fazem isso, e são isso.

Dimensões. Movimento. Distância. Ali ou daqui até ali. Juntem dois dedos. Agora pode parecer, à vista, que estes dois dedos estão a tocar-se. Mas não estão. Não podem, porque se tivessem um medidor muito

sensível, conseguiriam ver, relativamente falando, um vasto espaço entre esta superfície deste dedo e a superfície daquele. Não é verdade?

Comentário: É verdade. Se baterem um pedaço de ferro contra outro, nunca se tocam.

Yada: Assim é. Portanto, quando o cientista dispara a bala de protão contra outro pedaço de matéria, essa bala não toca o outro pedaço de matéria. Então, como é que esse pedaço de matéria parece partir-se ou separar-se? O campo de força que vai à frente, no qual esse objeto em movimento existe, é que causa a separação. Isso atinge o alvo muito antes da substância chamada bala. A bala nunca toca.

Espero que isto não seja demasiado aborrecido para vocês, meus amigos. Às vezes, estas coisas podem ser um pouco monótonas. Mas, se procuramos conhecer a natureza das coisas, em vez de só o exterior, com os aleluias a acompanhar, o homem deixaria de fazer aleluias se soubesse a alegria interior, a verdadeira natureza do seu próprio ser.

Diria: "Não tenho tempo para aleluias, porque estou a viver a vida. Estou a viver Deus, se quiserem, em vez de O adorar um pouco num dia e esquecê-Lo no outro." Se forem cristãos sinceros e acham que adorar Deus é importante, então façam-no. Mas façam-no com compreensão e com todo o coração, não apenas com um pedacinho de vós num dia da semana. Chama-se domingo.

Ah, o grande dia santo! Sabem o que é? O dia do paganismo – adoração pagã – adoração ao sol. Agora, podem pensar, meus amigos, que isto é terrível; que não devia dizer tais coisas. Mas se são cristãos verdadeiros e querem saber a verdade em vez de aceitarem só o que digo, vão pesquisar. Vão estudar a história da humanidade e a sua busca pela natureza religiosa, e verão por vocês mesmos.

Ninguém deve ser autoridade para vocês. É honroso ouvir, onde quer que vão, mas não aceitem a palavra do outro como a última verdade. Vocês são a autoridade, a única autoridade, a última autoridade, assim como a primeira. E, se não fizerem isto, então tornar-se-ão bons escravos para aqueles que querem escravizar-vos.

Yada: Sabem se existe vida para além da vida superficial? Sabem-no porque eu venho aqui falar convosco e vos parece que sou alguém dos mortos, ou que sou um espírito, ou que não sou espírito? Isso não importa. SABEM? É isso que importa, porque vai chegar um tempo em que, se existir tal coisa como um espírito, vocês próprios vão ser um. Convém estarem preparados, saberem como ser um bom espírito.

Um homem que vai daqui para a Índia, entra hoje nos vossos rápidos aviões e lá está. Sai do avião e encontra-se numa terra de confusão, porque

não sabe o que é a Índia; não estudou. Não tentou saber como são as pessoas, como sentem. Por isso mete-se em todo o tipo de sarilhos.

A vaca branca aparece-lhe no caminho e ele não gosta porque cheira mal, pois sempre viveu em perfume – não gosta do cheiro da vaca, nem sequer da branca. Não sabe que para algumas dessas pessoas a vaca é sagrada, e que essas pessoas nem sentem aquele "cheiro sagrado". Ele tenta empurrá-la do caminho e acaba com uma faca sagrada nas costas.

Da mesma forma, quando passam deste mundo para qualquer outro estado de consciência, tentem aprender algo sobre ele, para onde vão, a sua natureza, para estarem preparados. O meu honrado colega, o Maharajah Natchi Tramalaki, disse estas palavras – e penso que são das mais sábias: "Estejam preparados para aceitar o inesperado com equanimidade."

É muito, não é? Quase demasiado pedir a alguém; mas é melhor assim, porque as condições em que podem vir a encontrar-se podem ser confusas.

Saibam que são, ao mesmo tempo, o sonho e o sonhador. Podem adormecer e acordar com um novo sonho. Apagar o sonho antigo, apagá-lo. Podem fazê-lo e criar o sonho como quiserem. Mas, se não souberem que são o sonhador, como vão fazê-lo? Encontram-se presos num pesadelo e acham que não conseguem sair. "Estou numa prisão" – é isso que o mundo físico é para o homem que não compreende a sua própria natureza e vida – um pesadelo.

Esses seres dos discos vêm de outra dimensão, a que se chama dimensão do tempo, e agora que já concordámos sobre o que é dimensão podemos falar nisso. Antes, disse-vos que não gostava da palavra, porque, se bem que me possa transmitir uma imagem, para outras pessoas não tem significado.

Espaço. Não é algo por onde o homem anda e depois se vai embora ao morrer. Os seres do espaço vivem simplesmente noutra vibração ou frequência diferente da vossa. Eles não vêm de outros planetas. Diz alguém que foi à Lua e lá colheu legumes.

Não vou criticar, meus amigos. Se o fez, batamos palmas, bom para ele, que tenha tido um bom momento. Porque nunca quis colher legumes aqui; porque quererá colhê-los na Lua? O que não faço aqui na Terra, não o vou fazer noutro lugar. Se não o fizer aqui, não o farei em mais lado nenhum.

Comentário: Não nos interessa o que outros fazem. Só queremos a verdade das coisas, Yada.

Yada: É isso, e é só nisso que nos devíamos interessar. Não me interesso, não quero saber da personalidade. Não se interessem por mim como personalidade, mas pelo que digo, mas pelo que é dito.

Pergunta: Podes dizer, Yada, esquecendo a personalidade, é possível colher batatas na Lua?

Yada: Não, porque não é um tipo de país onde possam crescer batatas ou legumes. A Lua inteira está exposta ao que chamam chuvas, não de meteoros, outro termo – radiação cósmica na sua forma pura. É por isso que lá não cresce comida. Chega em forma pura. Porquê? Porque a Lua não tem atmosfera.

Portanto, não tem ionosfera. Só é possível existir um escudo como a ionosfera se houver uma atmosfera. Há muito tempo, no início da criação, do vosso sistema solar, a Lua teve atmosfera. Teve ionosfera. Teve crescimento – vegetação muito luxuriante. Mas havia outro corpo mais pequeno, um pouco mais pequeno que a Lua.

Chegou uma altura em que esse corpo mais pequeno se desviou um pouco da sua órbita, apenas o suficiente para se meter no caminho entre a Lua e a Terra. Então, a Terra, sendo o corpo maior, ao regressar à sua órbita, empurrou esse corpo contra a Lua, esmagando-o contra ela. Não foi a Terra que atingiu o corpo pequeno, mas a força da Terra, ao passar, forçou o corpo pequeno contra a Lua, espalhando-o pela superfície da Lua, destruindo toda a vida, destruindo a atmosfera, desalinhando a órbita e o eixo."

Hoje, a substância do solo, tal como na Terra, é cinza, cinza muito funda, muitos quilómetros de profundidade. Alguns sítios têm o que chamam crateras e a substância é como "clinker!" Conhecem "clinker"? Muito poroso, mas muito quente. Mas tudo isto, veem, esta superfície é cinza. E se mandarem rapidamente o que chamam de foguete para a Lua, se não pousar devagar e com cuidado, afunda-se em quilómetros de cinza leve, cinza fofa.

Irene: Queria falar com o Sr. Schultz sobre isto. O Yada explicava-nos que era como cinza (talco de sílica).

Ed. Schultz: Talco, o talco mais fino. Não pode flutuar porque não há ar.

Irene: Ele estava a falar com algumas…

Yada: Algumas pessoas da astronomia, há anos, estudando a superfície da Lua, achavam que havia crateras vulcânicas. Não são crateras vulcânicas. Foram meteoritos – pedaços enormes, bombardeando a Lua; grande violência durante muito tempo.

Pergunta: Como é que a ponte que concordas que lá foi construída, que tipo de base tem essa ponte?

Yada: Está sobre a substância "clinker". Não está sobre a cinza fofa. Essa ponte é muito leve, muito leve.

Pergunta: A ponte em si?

Yada: Não dá trabalho nenhum pô-la ali, nenhum trabalho.

Pergunta: Pergunto, mas vais responder? Dirias que foi construída de modo semelhante ao das pirâmides?

Ed. Schultz: Não, como a ponte natural na Virgínia?

Não, não é natural. É de metal. Agora, quero dizer que as forças de gravidade lá são de tal ordem que podiam pôr aqui pesos pesados; na Lua, nada, tudo é leve, tudo. (Sem pressão sobre ela) Mas essa ponte foi construída?

Yada: Sim, está construída. Esses seres vêm dos espaços interiores. Pensam que são nada? Não são espíritos. Muitas pessoas acham que estes seres interdimensionais falam através delas, que comunicam com eles através do tabuleiro Ouija.

Não podem comunicar com seres do espaço com o Ouija. Não são espíritos: não são mortos. São da raça humana, vivos. Têm corpos próprios. Mas quando vêm à vossa dimensão, vocês são tridimensionais: veem-nos como tridimensionais. Não podem evitar isso.

Pergunta: Nunca passaram pelos estágios conhecidos como morte e sempre foram assim, não é?

Yada: Não são pessoas que morreram aqui e se elevaram a uma ordem superior de ser. O homem tem de sair destes estados de sonho que cria para si. Realidade. Falei há muito tempo com um homem, um homem que escrevia muito sobre seres do espaço – não vou dizer nomes. Esse homem disse-me: "Eles são reais, quando falo com eles... Esses seres vêm de Vénus. São reais!"

Muito bem: tudo é real, onde quer que esteja a vossa consciência. Se vão dormir, já encontraram seres no vosso sono que pareciam tão reais? Reais, no mundo dos sonhos. Aqui, encontro um homem ou uma mulher. Há homens e mulheres no mundo dos sonhos. Para mim, são reais; para vocês, são reais.

O que é realidade? Realidade é onde está a vossa consciência. Quanto da vossa consciência está numa coisa? Essa é a realidade dessa coisa.

Yada: Disse-se que este homem teve alucinações. Ele fugiu delas. Ora, a alucinação de que fugiu não devia ser muito bonita. Se fosse bonita, ele não fugia. Ninguém foge de alucinações bonitas, só das feias é que

foge. Para ele, era real. Era realidade. Não serve de muito eu dizer: "Tiveste uma alucinação. Não estava lá, não existe." Não existe — mas para ele, oh sim.

Irene: O Dr. D. quer saber se uma pessoa pode absorver demasiada radiação cósmica.

Yada: Oh, sim, porque a radiação cósmica — essas radiações do espaço exterior, como as que fabricam aqui quando criam a bomba atómica, é o mesmo — têm a característica de se acumular no corpo humano. Não desaparecem simplesmente, acumulam-se. E o que chamam estrôncio 90 está a destruir o cálcio do corpo. Mas mesmo assim, atua como cálcio no corpo.

É um grande perigo para o corpo porque não é cálcio. Rapidamente destrói as células, funde-as, causa crescimentos, tumores de natureza cancerosa. Não é assim, senhor?

Comentário: Destrói a medula dos ossos.

Yada: Assim é. A medula dos ossos produz as células do sangue. Se recebem doses elevadas, ou mesmo pequenas doses de algumas destas radiações mais potentes, como os raios-x, fazem com que a medula dos ossos fabrique células doentes, fracas, sem energia suficiente para agirem sozinhas.

O que fazem então? Procuram outra célula, uma célula mais saudável, e agem como o que chamam sanguessugas, parasitas, canibais — agarram-se e começam a drenar as outras células. Não conseguem drená-las completamente, mas drenam o suficiente para as enfraquecer também, porque não há substância saudável que passe entre elas. Então ambas procuram outra célula e outra, e crescem e crescem, e é isso que se chama crescimento cancerígeno.

Meus amigos, o vosso mundo, os físicos e cientistas que vos dizem que as explosões das bombas atómicas e de hidrogénio que têm feito não vos vão fazer mal. Não, não agora. Mas quantos de nós vivem no agora? Mesmo nas coisas do dia-a-dia, vivemos no futuro.

Não me preocupo com o agora, mas com o amanhã. "Oh, o que será de mim amanhã?" — se faço isso, não estou a viver o presente. "E o que me aconteceu ontem?" O passado e o futuro não têm significado. Vivam o agora.

Na verdade, não posso viver no futuro porque ainda não chegou; no passado, porque já passou, por isso estou morto em todos os três tempos.

Irene: Yada, este senhor gostaria de saber se algum dia recuperará a audição no ouvido?

Yada: Por favor, vou falar com o meu professor um momento (Yada fala na sua língua).

Perdeste a audição há vários anos?

Comentário: É verdade.

Yada: Posso perguntar como a perdeste?

Comentário: Por um acidente.

Yada (fala com o seu professor, Kethra... na sua língua):

Meu estimado amigo, quero dizer-te: não aceites o que vou dizer. Pensa nisso, mas não o retenhas como condição definitiva, não acredites que é uma condição fixa. Mas digo-te: não vejo possibilidade de recuperares a audição nesse ouvido. Mas, meu amigo, não desesperes. Não percas a esperança, porque até as melhores mentes cometem grandes erros. Talvez algo em ti mesmo crie uma condição de cura que, de repente, devolva a audição a esse ouvido. Mas se perderes a fé nessa possibilidade e em ti próprio para criares uma condição normal no ouvido, então claro que é impossível. Nada é impossível para a mente, na Luz da vida, se quiseres chamar-lhe Deus, chama. Se foi assim que foste ensinado, faz isso. O que o homem chama, de forma ingénua, "o eu inconsciente" aceita os seus próprios pensamentos, cria-os e aceita-os. Podes fazer o que quiseres com o teu corpo, se souberes que podes.

Tentamos fugir; tentamos recriar palavras que não conhecemos bem e usá-las, e falhamos. É por isso que é errado dizer a outro: "Não há Deus", porque se ele acredita que há um deus, percebes, mesmo que seja só uma palavra, isso não interessa. Se essa pessoa foi condicionada a acreditar que a palavra "Deus" é uma super-natureza, um ser sobrenatural, e não consegue livrar-se dessa ideia no momento em que quer, então que reze ao que aprendeu a rezar, até que a sua própria consciência perceba algo maior — não maior para os outros, mas maior para si próprio.

Digo apenas, senhor, pelo que vejo, talvez não recuperes a audição. Talvez não. Vês, não digo que não, porque essa palavra pode destruir o teu próprio poder criativo para resolveres a condição por ti próprio.

Mantém a fé em ti, fé na luz da criação, e irás criar as condições que desejas. Sim, sim, assim é.

Irene: Antes, durante ou depois da conceção, o que podem os futuros pais fazer, se é que podem, para controlar o sexo do futuro filho?

Yada: Embora tenha dito que a mente criadora pode fazer o que o indivíduo quiser que ela faça por si, ao mesmo tempo, a menos que esse alguém tenha sido treinado para saber manipular a matéria com a mente, não vai conseguir criar muito as condições que deseja neste momento. Por isso, digo agora, não há nada que possam fazer num caso destes. Porquê?

Como é que alguém entra no mundo físico? Vimos conscientemente, escolhemos os nossos pais. Quando não vimos conscientemente, os pais são escolhidos por nós. A nossa vinda à Terra é muito ao acaso, por sorte. Entramos por qualquer porta aberta que se apresente. Porque vimos apenas por desejo emocional cego, para nos expressarmos de novo num corpo sensorial. Quando vimos conscientemente, vimos como uma luz, uma onda de luz. Compreendem, meus amigos? Uma onda de luz. Por vezes o meu inglês não é muito bom.

Procuramos primeiro o nosso pai. Como onda de luz, somos absorvidos ou inalados para o seu corpo. Movemo-nos, como esta onda de luz, através da corrente sanguínea. Esta onda de luz é a essência do que chamam sopro – prana. É a substância vital da vida. Respirar ar só não basta. Prana é respirar as energias da vida. Aqui, segue pela corrente sanguínea até ao centro gerador e une-se, mistura-se, funde-se com a semente físico-química.

Aqui, pela primeira vez, matéria inanimada torna-se animada e inteligente. Se a sua vida for para continuar no mundo físico, passa para a mãe. Aí procura o óvulo no corpo da mãe. Aqui retira aquilo a que se chama substância genética, ou substância construtora de células do corpo da mãe, tal como fez ao passar pelo corpo do pai.

Chama-se genes e cromossomas. Um número equilibrado de cada um dos pais. Para quê? Para poder parecer-se um pouco com a chaminé por onde entrou. Conhecem o homem que veio pela chaminé? Não veio limpo, veio coberto de fuligem. Mas isso não quer dizer que seja só fuligem. Só quer dizer que é em parte fuligem, ha ha. Alguém vê este homem sair pela chaminé e diz: "Ah, vejam, é um homem de fuligem." Se essa pessoa fosse ver melhor, veria que há outra coisa debaixo da fuligem, chamada o homem.

Então, deixava de culpar tudo no carácter do homem pela fuligem, ou pelos genes e cromossomas. Alguns dos vossos biólogos dizem que tudo o que o homem é são genes e cromossomas. Esses genes e cromossomas devem ser muito espertos. Claro que, ao usar a substância do corpo da mãe e do pai, vão parecer-se um pouco com eles. E se não se parecem, parecem-se com os avós, ou bisavós. Até Adão, mas não Adão. Sabem porquê? Porque foi feito da terra, e não há genes nem cromossomas na terra.

Adão não era um homem de genes e cromossomas. Por isso, parem antes de chegarem a Adão e Eva. E se eles tivessem parado, não tinham chegado até vocês. Só haveria movimento e nada mais, ou assim diz a história. Venho aqui como o quê? Como uma memória do que fui ao longo das eras, não só da Terra, mas de muitos outros estados de consciência. O

homem fala incessantemente da vida em que está e das vidas em que esteve, ou das vidas que teve. Não fala nada das vidas intermédias, da carne entre duas fatias de pão, ou do mundo astral. Gostam disso? Ninguém me sabe dizer das experiências que teve no mundo astral?

Irene: Podes explicar-nos porque não?

Yada: Porque muito poucos sabem alguma coisa sobre a vida que tiveram na Terra. Assim, quando entram no que se chama o "estado de morte", fecham o pano sobre o que fizeram enquanto cá estiveram. Simplesmente acordam para outro sonho. É como vocês — adormecem, sabem, e fecham as cortinas sobre o mundo exterior e criam outro mundo e vivem nele um pouco e depois acordam, e criam outro mundo.

Pergunta: Porque é que, Yada, não nos lembramos de uma vida para outra? De todas as nossas experiências?

Yada: Porque, se se lembrassem, não conseguiam viver. Quantos conseguem lembrar-se do que fizeram ontem, tudo, desde que se levantaram, se é que se deitaram. Vejo muita gente que não consegue ir para a cama até estar tão exausta que já não consegue estar de pé. Estas pessoas estão muito interessadas na vida; não querem perder nada. Aqui, o que é isto? (Yada toca nos óculos de Irene) (Irene: São os meus óculos, Yada) Está partido? (Irene: Sim, na verdade não está partido, só caiu.) Yada: Dois olhos não chegam para ver, são precisos mais dois em cima desses óculos. Não havia disso no meu tempo.

Irene: Não. Mas sabias o que comer para evitar perder a visão?

Yada: Não, simplesmente ficava cego.

Irene: Acho que o meu é só temporário. Não aceito que seja permanente.

Yada: Bem. Mantém isso nos teus pensamentos e não será permanente. Exercita os olhos todos os dias e vais ter olhos melhores. (começa a tossir)

Irene: O Yada está a tossir, mas não pode tossir muito senão "atira-se para fora" do corpo do Mark. Como está a tosse, Yada? Está bem?

Yada: Há uma coisa boa. Não preciso de ficar neste corpo muito tempo.

Comentário: Disseste há pouco o que podem os futuros pais fazer para escolher o sexo do filho?

Yada: A pessoa que vem aqui traz consigo o quê? Um padrão de experiências do que foi e também do que quer ser, do desejo de se expressar. Se for masculino e quiser ser masculino, ao tomar matéria dos corpos dos pais, faz-se masculino. Tenham cuidado com o vosso

pensamento, porque desenharam o vosso corpo sozinhos, pelo vosso próprio desejo.

Agora, alguns de nós, quando vamos ao espelho, não queremos acreditar nisto, mas, meus amigos, é verdade, vocês fizeram o vosso corpo. Não culpem ninguém. Culpem-se a vocês próprios, e então vão fazer algo para melhorar o vosso corpo, se não for aquilo que queriam. Não digam, "queria ter um corpo assim." Como acham que aquela pessoa conseguiu aquele corpo? Trabalhou para isso, fez primeiro uma imagem na mente e depois começou a construí-lo assim. Se não gostam, podem reconstruí-lo, se tiverem paciência e verdadeiro desejo. Podem. Esta pessoa quer ser homem; não a podem impedir. Mulher; não a podem impedir. Na verdade, é ainda mais difícil impedir uma mulher do que um homem!

Pergunta: Yada, sabe-se que algumas famílias, durante gerações, têm só rapazes ou só raparigas. Consegues explicar este fenómeno?

Yada: Começo a arrepender-me de ter vindo aqui! (o grupo ri)

Não, meus amigos, há uma tendência natural em alguns, começa em duas pessoas, primeiro com duas pessoas onde há o que chamam um sentimento masculino, um sentimento masculino nas mentes tanto da mãe como do pai. Pensam em masculino, por isso atraem aqueles que desejam um corpo masculino neste momento.

Agora, há uma pequena dificuldade. Podem atrair uma mulher que quer ser homem; mas, com um pensamento um pouco "torcido", produzem o corpo masculino, mas mantêm a mente feminina. Então podem ter uma de duas condições: o homossexual num corpo masculino, ou hermafrodita, onde há dois sexos num só corpo.

Há dois tipos de homossexuais — os que nascem assim e outros que desenvolvem isso na adolescência. Em qualquer dos casos, não adianta condenar essas pessoas, sejam homens ou mulheres; as mulheres chamam-se lésbicas.

Observa-se que aqueles que nascem assim, isso é óbvio no corpo físico, na forma e noutras características do corpo, o padrão de pelos no corpo, ou a ausência deles. Não é só um desejo que se cura com algum medicamento. Não se pode "curar" o sexo; está cá para ficar, seja qual for.

Podem impedir que a pessoa atue segundo o seu desejo, mas ao fazerem isso podem criar um erro ainda maior. A pessoa pode dizer-vos: "Quero ser curado, quero ser normal!" O que é normal? Normal é o que está ditado para as massas. Uns poucos ditam esta condição chamada "normal", dizendo que as massas devem conformar-se a ela.

Comentário: Isso é pseudo-natureza.

Yada: Sim, não tem nada a ver com a natureza, com a própria vida. Então, o que fazemos com o homossexual? Deixá-lo em paz, não o podem mudar e não é mentalmente doente; se o meterem na prisão, quase metade da população iria presa.

Algumas das maiores pessoas do mundo, as maiores da história da humanidade, foram homossexuais ou lésbicas. Digo-vos o que podem fazer, porque vos vou ouvir dizer estas coisas a caminho de casa. Estou sempre a ouvir. Eu, Yada, sou um ouvido. Vocês também são um ouvido, escutem.

Anita: Tu, ao mesmo tempo, tens consciência de estarmos conscientes de ti?

Yada: Sim.

Irene: Vamos lembrar o tema de que o Yada estava a falar e podem desligar as gravações...

Yada: Meus estimados amigos, é um prazer regressar e falar um pouco convosco. Ouço-vos falar e estou extremamente interessado. Perdoem o cliché. Estou extremamente interessado nos vossos pensamentos.

Sei que talvez alguns de vocês tenham dúvidas. Ora, este homem aqui tem grandes dúvidas da minha realidade, por isso, se ele duvida, compreendo que vocês também possam duvidar. Mas a minha realidade não conta, meus amigos. O que importa é a vossa realidade. Descubram-na e encontrarão algo de grande valor. Não procurem conhecer a minha realidade, por favor; procurem conhecer a vossa. Aí encontrarão a melhor condição possível.

Irene: Esqueci-me de dizer a estas pessoas que vocês, membros do Círculo Interno, não estavam interessados em lhes impor o verdadeiro estado de transe, se acreditam em transe ou não, não faz diferença.

Yada: Transe? Ha, toda a gente está em transe. Todos nós, eu e vocês, nós convosco, estamos em diferentes níveis de consciência em diferentes momentos. Às vezes vê-se um homem de pé a olhar para o vazio. Não vê nada, nada aqui fora, mas não vê no seu entorno, vê muitas coisas maravilhosas noutro lugar. Nesse momento está a viver em puro espírito, não tem corpo. Não leva o corpo consigo, está onde quer estar, esquece que tem corpo. Assim, é fácil para ele, porque já está onde quer ir. Quando estamos onde queremos ir, não temos lugar para ir. É um paradoxo, não é?

Depois, outro homem entra num estado mais profundo de transe. Chama-se sono, o sono comum. Está onde quer estar. Pode estar a ter uma experiência muito má, chamada pesadelo. Mas é isso que quer viver, senão não vivia. Outro homem entra num sono ainda mais profundo, chamado coma. Está a ter uma experiência que é necessária para ele. Não interessa o

que o levou a esse estado de sono, era necessário vivê-lo. Outro homem entra noutro estado, chamado morte. Esse é um estado profundo, não é? Agora, vão reparar, ao observarem o estado mais profundo de transe, como reage no corpo.

O corpo adquire diferentes níveis de rigidez. No estado profundo de transe, chamado morte, a rigidez fica ali; não desaparece. Isto aqui, veem, no início há rigidez. À medida que começo a tomar controlo e a adormecer os centros por onde este homem funciona, tomo os meus próprios centros. Se ao tocar nos centros que lhe pertencem, por onde ele tem o seu estado de vigília neste mundo, ele regressa rapidamente assim. No momento em que largo essas células cerebrais por onde trabalho, ele regressa.

Yada: Não existe tal coisa como uma personalidade, não existe. Todos somos muitas personalidades. Somos uma composição de personalidades. É por isso que o ser humano é chamado persona — o que usa máscara. Sou diferente com cada nova pessoa que encontro. Sou uma personalidade diferente. Transe, personalidade. É assim que muitos se expressam na Terra e, durante algum tempo, no que se chama o mundo astral.

Chega uma altura, para aqueles de nós que passam para o mundo astral, em que perdemos a consciência de ser um corpo desta vez, de ser um corpo astral. Depois, avançamos para um estado chamado consciência pura. Somos sem forma. Não temos no pensamento a ideia de um corpo, mas temos muita consciência de nós próprios. Eu, sozinho, sei quem sou. Tu, sozinho, sabes quem és. Ninguém pode jamais conhecer outro, nunca.

Irene: Yada, temos aqui um amigo que tem de sair em breve. Posso colocar-te algumas perguntas e depois voltamos ao tema?
Yada: Sim, por favor.

Irene: Existem Mestres a viver no Deserto de Gobi? Eles enviam ajuda à humanidade através de grupos seletivos?
Yada: Não quero magoá-los ou perturbá-los ou desiludi-los de forma alguma nas suas crenças. Temos de ter cuidado, ao comunicar uns com os outros, para não fazermos qualquer esforço para destruir ou prejudicar as crenças do outro.

Primeiro, digo-vos que não há homens separados no Deserto de Gobi ou no Monte Shasta ou nos Himalaias, que sejam considerados Mestres sobre alguém. Mas há seres que são Mestres de si próprios, que existem por todo o mundo; e, porque são Mestres de si próprios, são capazes, são aptos a enviar pensamentos para ajudar outros seres como eles, outros seres humanos. Ajudam-nos a acordar. Estes pensamentos mexem com a mente deles. Eles não sabem de onde vêm, mas sentem subitamente um saber sobre certas coisas de que precisam saber.

Estes seres enviam pensamentos e os seus pensamentos são enviados em ondas de amor — amor pela luz e pelo esclarecimento, esperança disso para os seus semelhantes. Estes seres nunca se declaram como sendo mestres para outros; eles não sabem que são Mestres. Nenhum verdadeiro Mestre, aquele que compreende a vida, diria alguma vez a alguém que ainda está a dormir: "Sou um Mestre." Isto acontece muitas vezes em sessões espíritas, meus amigos, onde os espíritos que vêm dizem: "Eu sou o Mestre tal e tal."

Sabem o que isto faz? Faz-vos sentir tão pequenos (indicando o espaço entre dois dedos) pequeninos, pequeninos. É a única forma que ele tem de o fazer, fazendo-vos sentir pequenos. Porque, se ele é tão grande, vocês têm de ser pequenos, é a única maneira, por comparação. Então grande, é a única maneira de ser Mestre. Quem quer ser "pequeno"? Ninguém, ninguém. Bem no fundo, sabemos. Todos sabem que há algo de grandioso em mim. Posso não saber o que é, mas sei que essa grandeza está lá. Sei que está lá, por isso não quero que outro me faça sentir pequeno.

Como é melhor ensinar outro, se fores Mestre? É descer do céu da tua mestria e andar ao mesmo nível que o teu aluno; fazer de conta que és mais baixo que ele — ainda melhor seria. Vestir-se de farrapos, parecer um mendigo — ainda seria melhor. Não digas palavras grandes; porque confundem. Usa as palavras mais simples e di-las com bondade e profundo sentimento, para partilhar o teu conhecimento com este outro que também é um mestre e não sabe.

Comentário: Não posso designar a pessoa a que te referes, nem o livro, mas o Sr. Layne tinha uma pergunta; podes explicar a tua existência em relação a Ashtar?

Yada: Meu amigo, o que é Ashtar, só Ashtar sabe. O que é Yada, só Yada sabe. Não posso explicar a minha natureza em comparação ou relação com a dele, seja ele quem for ou o que for, só ele sabe. Se ele é produto da mente de alguém, no corpo físico, e como tal está a fazer o bem ao trazer luz e conforto ao homem na Terra, ou no mundo astral, ou em qualquer mundo, então adoro-o pois ele é da Luz.

Se traz pensamentos negativos e dor ao homem, então também o adoro, pois ele está a trabalhar no caminho da esquerda: está a dar ao homem experiência para se conhecer melhor.

Irene: Obrigada, Yada.

Yada: Assim, isto responde à razão pela qual não menciono estas pessoas. Sei que recomendaste esse livro que explica a reencarnação no livro dessa pessoa, esta pessoa tem lá a tua explicação sobre reencarnação, por isso penso que a pergunta não é necessária.

Yada: O livro chama-se "They Live in Space". Alguns de vocês talvez tenham lido esse livro. É assim. É verdade. Não estou a falar do sujeito, que é personalidade.
Irene: Estás a falar de outro sujeito, outro homem, percebes?

Yada: Sim, percebo. Mas não estou a falar da escrita ou da mente dessa pessoa que está em papel. Devido à sua experiência e experimentação com a vida, está a fazer um livro, muito bem, muito do que lá está é verdade, muito bem. Porque porquê?

Como disse há pouco, não existe tal coisa como espaço vazio. Todo o espaço está cheio até à capacidade máxima. Não há lugar onde não haja consciência; onde não haja vida; onde não haja forma, há seres que habitam os espaços tal como há seres que habitam as profundezas do mar. Bilhões e bilhões de seres a enxamear nas profundezas do mar, outros tantos nos espaços à vossa volta. Bilhões e bilhões de seres na Terra e da Terra — cada pequena partícula tem vida.

Aquilo que veem como planetas, são entidades vivas, a vossa Terra é uma entidade viva. Não declara isto que a morte é impossível? Só existe vida. A morte, como disse antes, é uma forma de ignorância, de não saber. (Obrigado).

Irene: Já terminaste as respostas às perguntas?

Yada: Sim.

Irene: Obrigada. Quão cedo se pode voltar a este plano num novo corpo?
Yada: Quão cedo queres voltar? Parece que alguns dizem que há um tempo fixo em que o homem parte — 1, 2, 3, 10, 12, 60 ou 75, 100 anos. Depois volta rápido. Mas não. Quando é que queres voltar depois de deixares a Terra? Quão cansado estás da Terra? Quão aborrecido com a existência física? Vais ficar longe até o teu tédio passar, até sentires necessidade de uma nova experiência do mundo astral, em que quererás voltar a experimentar o mundo físico, ou avançar para um plano superior, ou para além, onde não terás consciência do mundo astral ou do mundo físico. É a tua escolha.

Sugiro apenas que tentes partir conscientemente para que possas voltar conscientemente. E se tivermos medo de morrer, podemos atirar-nos para um certo estado mental em que podemos bloquear qualquer memória da Terra por muitos anos. Vamos dormir e ficar nesse estado de sono. Depois, pouco a pouco, depois de sonharmos o suficiente com esta crença no mundo físico, começamos a acordar e a viver algum tempo no nosso novo mundo criado. É a tua escolha. Mantém-te consciente em tudo o que fazes, para que nunca ninguém venha ter contigo a qualquer altura e te

diga: "fizeste isto?" e tu digas: "fiz isto? Não sei." Sabe que não fizeste, pois isso é viver conscientemente.

Pergunta: Como é possível, Yada, tratar uma pessoa e não estar consciente dessa experiência, mas não enquanto se está em estado consciente?

Yada: Queres curar alguém enquanto estás num estado consciente e eles estão num estado consciente. Coloca-te em tranquilidade — num pequeno quarto ou na floresta, onde quiseres. Depois entra em ti próprio, sentado no silêncio, concentra os teus pensamentos, os teus sentimentos nessa pessoa, e enquanto fazes isso, envia-lhe amor. E enquanto envias amor, imagina-a inteira, saudável, forte.

Dedica um pouco de tempo, cinco a dez minutos por dia, neste tipo de oração por quem sentes que precisa da tua ajuda. Não só vais beneficiar essa pessoa, mas a tua oração, a tua concentração em amor, vai sair e tocar tudo o que precisa e depois voltará para ti multiplicada dez mil vezes. Vais sentir-te a caminhar com a maior alegria.

Comentário: Obrigado, Yada. O que acontece aos planetas, na galáxia, que atingem a velocidade da luz e isso afeta o progresso espiritual dos ocupantes desse planeta?

Yada: Não, não tem efeito espiritual sobre eles. Mas falas de velocidades da luz, mas existem velocidades além da velocidade da luz. Vejamos se isto, pelo raciocínio ou abordagem científica, é verdade.

Primeiro, vamos aos cientistas que dizem que o vosso universo é um universo em expansão, o que significa que todas as galáxias estão a afastar-se umas das outras, de um ponto central, a grande velocidade; e quanto mais longe estão, mais depressa vão. Percebem? Quanto mais longe do núcleo ou centro da explosão, mais depressa vão.

Yada: Muito bem. Agora imaginem isto. Aqui estão galáxias tão distantes do núcleo central que ninguém aqui no núcleo poderia ter qualquer contacto, qualquer visão, qualquer coisa com elas. Estão a biliões e biliões de anos-luz de distância. Vamos supor que essas galáxias estão na periferia de todos os corpos que estão a viajar. Devem estar a mover-se mais depressa do que a luz, agora.

Mesmo no vosso mundo criado, todas essas galáxias, mesmo que a explosão tenha começado, digamos, há três mil milhões de anos, como acreditam os vossos cientistas, devem estar a mover-se mais depressa, muito mais depressa do que a luz.

Mas os seres que podem existir em alguns dos planetas, nessas galáxias, não têm consciência de que algo esteja fora de equilíbrio, porque tudo nesses planetas vibra à frequência do planeta. Os vossos corpos estão

a vibrar à mesma velocidade que a vossa Terra. Se assim não fosse, os vossos corpos voariam para fora da Terra ou seriam esmagados contra ela. Alguém quer contrariar-me, por favor? Gosto de uma boa discussão, faz a pressão arterial subir, não que eu saiba alguma coisa, mas faz-me sentir que sei. Alguém quer dizer algo, por favor?

Pergunta: Qual é o estado último da consciência e como é atingido conscientemente?

Yada: Agora estão a desejar não ter vindo, não é? Antes da pergunta, já eu desejava não ter vindo! Meu amigo, a pessoa que escreveu esta pergunta, digo-lhe, você está agora no estado último da consciência. Agora talvez isto não soe bem, não pareça adequado, não está certo, falta algo. O que é?

É a nossa crença de que um "algo último" está sempre ali, fora, algures, que nunca está no agora. Quando é que alcançamos o agora? É uma boa pergunta. Está sempre um pequeno momento à frente. Está lá, não aqui. Se está lá, como chegou lá sem primeiro estar aqui, hã? Pergunta muito perturbadora.

Mas agora, a realidade é agora, no eterno "agora". Mas a profundidade desta realidade depende do estado de autoconsciência de cada um. Quão consciente de si é? E digo-lhe, e digo isto para todos: quão consciente de si próprio é? O que está a fazer? Onde está a sua consciência? Quando está a fazer algo aqui, a sua mente está ocupada com algo que aconteceu no passado, ou que pode vir a acontecer no futuro? Então a sua realidade aqui não existe.

Não tem realidade aqui. Realidade é onde está a sua consciência. O absoluto depende da sua autoconsciência. Quão aguda é a sua autoconsciência? O homem pensa que está a crescer para ser algo. Não podemos crescer para aquilo que não somos, apenas para aquilo que já somos. Fui claro?

Vê, é muito difícil compreender isto à primeira. Às vezes soa a conversa de chacha. Mas se ouvir com atenção, vai perceber. "Eu sou", em sânscrito: Tat tat sat, tat sat om, eu sou isso; isso eu sou. Eu sou a realidade.

Comentário: Tudo o que sei sobre uma coisa, é o último sobre essa coisa.

Yada: É o último sobre essa coisa. Agora todos podem ir dormir, mas à pessoa honrada que escreveu a pergunta, posso perguntar-lhe se tem algo a dizer relativamente ao que disse, por favor? Gostaria de perguntar algo mais sobre este assunto?

Comentário: Estou muito consciente do que disse. O que me preocupa é se, quando alcançamos o homem interior e o trazemos à realização, podemos — digamos assim — atingir essa consciência última enquanto

habitamos o corpo?
Yada: Sim. Mais do que isso. Só pode ser feito aqui. Portanto, se alguém negligencia fazê-lo aqui, agora, terá de voltar e tentar de novo. Senhora, percebi o que quis dizer, mas há muitas ramificações que teriam de ser ultrapassadas se eu respondesse à sua pergunta assim, imediatamente. Nunca respondo imediatamente a uma pergunta. Nunca digo sim ou não a uma pergunta.

Não se faz justiça à vida com sins e nãos. Sim e não, ou sim ou não, dizem muito pouco, quase nada. Sim ou não é apenas um acordo ou um desacordo. Não explica nada. Mas volto a dizer que só o pode fazer aqui — só pode trazer esse verdadeiro eu ao de cima aqui, no vosso mundo físico.

Pergunta: Yada, isto pode ser feito numa só vida?
Yada: Para alguns sim; para outros não. Mas vê, pode-nos parecer que alguém o faz numa só vida, mas estamos a ver apenas a superfície, apenas o agora, apenas o hoje. Essa pessoa já passou por muitas, muitas experiências. Agora chega, nesta vida, a uma coisa chamada renascimento místico. Existem 66 renascimentos místicos.

O que quero dizer com místico? Simplesmente algo que ainda não é conhecido, só isso. Não que não possa saber-se. Nada está escondido do homem — nunca. Um indivíduo pode passar por muitas vidas, muitas, muitas. Mas de vez em quando atinge um renascimento místico em que chega já a saber, e sabe que sabe. E o seu maior interesse nessa vida é estar no caminho de procurar conscientemente a luz, de saber. É assim. Mas já sabe que há algo a procurar e sabe o que procura. Mas depois pode ir-se embora após tal vida maravilhosa e na vida seguinte volta sem saber, está cego.

Pode parecer muito injusto — ah, algo tem de ser feito quanto a isto. Vamos chamar os deuses ou os demónios e perguntar-lhes o que fazer. Não é injusto; é correto, porque como é que poderia aprender se já soubesse? Como se aprende se já se sabe, se o processo de aprendizagem terminou? Não terminou. Não podia ficar aqui na Terra. Não poderia viver como uma pessoa comum, porque já saberia demais. Volto sabendo que sou da Luz, mas não vou por aí a brilhar-me.

Se quiser brilhar a sua luz, abafe-a assim (faz gesto com a mão). Vai ter com o seu irmão e mostra-lhe só um bocadinho, porque a sua luz pode ser demasiado forte para os olhos dele, e pode cegá-lo, ele não está habituado a tanto brilho e, assustado, pode atacá-lo! Vá devagarinho. Quer dizer alguma coisa?

Audiência: Sim, querido. É permitido perguntar porque é que alguns dos outros membros do teu Círculo Interno, que costumavam falar através do Mark há alguns anos, já não vêm agora?

Yada: Sim. Primeiro, meus amigos, devemos perceber que não importa quem diz o quê, mas o que é dito. Isso é que é importante. Portanto, se eu sei que dois mais dois são quatro, porque deveria ter muitos outros a vir dizer-vos que dois mais dois são quatro? Não posso eu fazê-lo igualmente bem? Importa se sou eu a dizê-lo? Se for verdade, não importa quem o diz. Recentemente ouvi que um mais um está a dar três. Sabiam disso? Portanto, isto significa que a matemática mente. Têm mais perguntas?

Audiência: Sim, tenho. Se um de nós precisar de ajuda mental ou espiritual do vosso Círculo Interno, o que pode fazer para chamar a vossa atenção e contactar-vos, sem recorrer à mediunidade ou algo do género?

Yada: Sinto-me muito honrado por quererem fazer isso, mas meu amigo, é melhor que não o faça. É melhor procurar-se a si mesmo. Não procure um espírito. Não procure alguém fora de si — o espírito com pele não serve. Serve para companhia, serve para muitas coisas. Mas, na verdade, se quiser saber a verdade, vá a si próprio; procure-se a si mesmo. Vejam, meus amigos, existe uma condição criada há muito tempo, que diz respeito a este homem e a nós do Círculo — uma pequena condição cármica que estamos a resolver juntos, este homem e alguns de nós do Círculo.

Sabem, meus amigos, vivem num mundo de causa e efeito; não podem escapar disso. Se causarem sofrimento a alguém, hoje no vosso mundo, vão ter de resolver isso com essa pessoa algum dia. Algum dia. Talvez não agora, talvez não daqui a cem, talvez dez mil anos, a vida não se importa com o tempo. A luz interior não conhece o tempo. Vamos resolver o que ficou por equilibrar. Vamos resolvê-lo juntos, de algum modo. Isto não é uma ameaça. É uma promessa.

Comentário: Isso é bom. Olhar para a vida assim faz com que as pressões da vida sejam mais suportáveis.

Yada: O homem está sempre a ser ameaçado — é um mau rapaz!

Irene: Yada, tenho aqui algumas perguntas que parecem bastante pessoais, mas às vezes podes ajudar alguém a tomar as suas próprias decisões. Estou certa em pensar que devo canalizar os meus esforços para as artes, começando já?

Yada: Meu amigo honrado, o que sente sobre isso? Se deseja sinceramente o mundo das artes, não deve e não deveria fazer diferença

nenhuma o que eu digo, ou qualquer outra pessoa. Siga o seu amor e vá até ao fim, ou então não vá.

Um homem diz: "Amo esta mulher". Ela diz: "Oh?" Essa foi uma resposta brilhante. Quem declara o seu amor, oh? Porque, porquê? Porque ela duvida. "Muito bem, amas-me?" Então faz isto por mim, sim?

«Não, não é isso, mas outra coisa faço por ti.»

«Não, fazes isto. Abdicas da tua religião por mim; abdicas do teu medo pela tua alma e de qual o portão por onde deves entrar no céu.» Sim, fazes isso?»

«Não, não posso fazer isso porque o meu padre diz que vou para o inferno se o fizer.»

E então tu, mulher, dizes: «Vai para lá. Por mim, tudo bem, porque, como eu entendo, pela forma como me amas, se não me tiveres, estarás no inferno, porque amas só o meu corpo e a satisfação, e se eu não to der, estarás no inferno. Se me amas, não temerás nada. Virás comigo, pois eu sou o teu amor, o que significa que sou a tua vida.»

«Irás até ao fim. Se eu for para o inferno, irás comigo, porque o inferno é o que eu sinto. Se o céu é o que eu sinto e se me amas, sentirás o que eu sinto.» Mas isto é um caminho de dois sentidos. «Eu também», diz a mulher, «porque te amo, irei contigo a todo o custo deuses, demónios, sogras, sogros, tudo, vou. Este é o meu amor!!» Não perguntes a mais ninguém se deves ou não seguir esse caminho.

Comentário: Ou se vais ou não vais.

Isto aplica-se à procura — será cumprida? Segue-a!!

Yada: Sem dúvida, se seguires aquilo que sentes ser o teu desejo. Se fores contra o teu desejo, vais sofrer.

Muitos pais tentam fazer dos filhos aquilo que eles próprios foram. Mas a criança não queria isso. Mas os pais dizem: «o que foi bom para mim é bom para ti.» Ele perde a sua personalidade. Anda à sombra, sempre à sombra do pai. É um duplicado, um gémeo do pai e anda como um zombie.

Queres que o teu filho ande erguido, livre, honesto e sincero? Então, quando chegar à idade, diz: «Vai, meu filho, minha filha. Faz aquilo que amas e não faças mais nada.»

Mas os pais querem reviver as suas vidas nos filhos. Querem moldá-los, formá-los exatamente como eles são; há outros pais que querem dar-lhes melhor do que tiveram — ou pior. «Vou dar ao meu filho, à minha filha, aquilo que não tive.» Ah sim? Muito lamento por ti e pela criança. Não dês ao teu filho melhor do que tiveste: deixa-o conquistar melhor — deixa que seja ele a consegui-lo, pelo seu próprio juízo e oportunidade de

experimentar. Então terás uma entidade livre. Podem sofrer, mas é isso também a vida — sofrer.

O sofrimento faz-nos pensar. Muitos passam pela vida a saltitar: «Ah, tudo é meu, está tudo bem, muito bom.» Mas se andam com a cabeça no ar, é provável que venham a descer ao chão se saltitam. É só isso.

Audiência: Yada, outra pergunta. «Posso ter ajuda do plano interior para me ajudar em...

Irene: Sinto que se deve fazer mais do que apenas pedir ajuda, por isso querem saber o que devem fazer.

Yada: Primeiro, faz a ti próprio a pergunta: O que queres fazer? O que sentes dentro de ti? Se conseguires responder a ti próprio, então prossegue e age em conformidade. Se temes o ridículo dos outros, não o vais fazer. O ridículo será mais importante para ti do que aquilo que acreditavas ser importante. «Ah, os meus filhos — impedem-me. Não posso, tenho filhos.» Não há desculpa para isso. O que tens de fazer? O que sentes? Então age em conformidade. Queres ajudar o teu semelhante? Há todas as oportunidades para isso. Age em conformidade. Queres saber mais sobre os planos interiores da vida e como podes atuar nesses planos interiores? Não há problema: não há magia nisto. Aprende a viver conscientemente, mesmo que o teu corpo esteja inconsciente no estado chamado sono.

Sonha conscientemente e vais encontrar-te a caminhar pelos planos interiores, a ajudar muitos. Mas, antes de fazeres estas coisas, tenta conhecer-te a ti próprio. Porque sentes isto? Porque sentes aquilo? O que causou esta rebeldia contra isto e a aceitação de outra coisa?

Vê, todos somos filhos da hipnose. Fomos todos hipnotizados desde o momento em que chegamos ao físico até sairmos da hipnose. A menos, claro, que comecemos a trabalhar para sair desse estado, não acreditando mais em tudo o que nos é ensinado, em tudo o que nos é imposto, não agarrando tudo e dizendo: vou como tu dizes. Mas sabendo, pelas tuas próprias experiências, pelos teus próprios estudos — ciência, ciência física, diz que é assim. Só porque um grande cientista, com muitos títulos, diz isto ou aquilo, não faz com que seja assim.

Vais descobrir por ti próprio. Muitos de nós estamos tão frustrados que não conseguimos viver as nossas próprias vidas porque muito dela já foi vivida por outros por nós. Precisamos de ajuda e há poucos homens no vosso mundo que podem dar essa ajuda, mas são tão caros. Hoje em dia vais ao médico e a primeira coisa que fazem — a maioria — é pôr o estetoscópio no teu bolso. Isto certamente não é verdade para todos os médicos, e podes estar muito grato por isso.

Audiência: Outra pergunta?
Yada: Sim.
Audiência: Jesus, o Cristo, ainda está na nossa área terrestre e tem relação com a segunda vinda? Será a mesma personalidade de Jesus?

Yada: ...que existiu em primeiro lugar? Fazes uma pergunta, vou tentar responder. Só espero que o que vou dizer não te perturbe, mas que penses no que disse e depois vás a muitos sítios ver se o que disse é verdade, ou que verdade pode haver no que disse.

Primeira coisa: Se tivesse havido tal pessoa chamada Jesus o Cristo, quão tolo seria voltar uma segunda vez depois de ser expulso da primeira. Quão absolutamente tolo seria ser morto outra vez pelas mesmas mentes estúpidas, crucificação tudo outra vez pelas mentes idiotas do mundo, pelos zombies?

O mundo está cheio de rapazes com martelo e pregos, à espera dele. Meus amigos, digo-vos que nunca existiu uma pessoa chamada Jesus o Cristo. Ninguém chamado Jesus foi crucificado e a crucificação não aconteceu na esperança de salvar o homem. Ouçam, por favor, primeira questão: salvar de quê? De viver?

Então este Deus, que supostamente enviou o seu filho, não tem senso de responsabilidade. Não, nenhum Deus enviou um filho para salvar o homem. Isso é um trabalho que o próprio homem deve fazer. Nos últimos anos, falou-se muito dos kits de faça-você-mesmo. Precisam de um desses para se salvarem agora nos vossos tempos — um kit de faça-você-mesmo.

Meus amigos, esse homem chamado Jesus, o nome que lhe foi dado, o verdadeiro nome que lhe deram foi Aesus. Aesus é uma palavra grega, um nome grego. Aesus, o Ungido. Este homem era um iniciado. Não era hebreu, nem o que por vezes chamam de judeu; nem era o que chamam de arménio; nem era egípcio. Este homem veio da Índia. Era ariano de nascimento. Desceu dos Himalaias.

Fez a sua iniciação, uma das muitas, nas escolas de mistérios gregas. Em cada uma dessas escolas de mistérios onde ia fazer uma iniciação, era-lhe dado um nome diferente. Parte dessa iniciação era pôr o iniciado na cruz — não a cruz como a cruz cristã. Esta cruz é uma cruz pagã, a cruz do culto do sexo — nada de errado, nada de mal, é simplesmente parte do mistério.

Este homem fez a sua iniciação na cruz grega, o algarismo romano X, significando a última dimensão. Agora entra no estado chamado «um» — um, a universalidade eterna, o todo, um. Este homem foi amarrado à cruz, não pregado. Notem, por favor, que na vossa história, Jesus é posto na cruz

e os dois ladrões com ele são pregados. Eles não são pregados; só ele é pregado. Os outros são amarrados. Sabiam disso?

Irene: É assim que é representado na Bíblia.

Yada: Sim. Há dois ladrões na iniciação, dois seres, dois iniciados que desempenham o papel dos ladrões da vida, tentando roubar a sabedoria. Não se pode.

Na vossa Bíblia cristã, supostamente esta frase foi dita pelo homem chamado Jesus ao ladrão que lhe diz: «Oh Mestre, o que vai acontecer comigo? Tenho medo.» E o Mestre diz-lhe: «Não temas, digo-te que hoje estarás no paraíso comigo.» Bonita frase, mas ele não a disse. Ouçam isto: «Não temas, pois digo-te hoje» — há uma vírgula — «digo-te hoje», vírgula, «digo-te hoje», mas os padres tiram a vírgula, esperando que o leitor não repare que ela lá estava, para dar a entender que este grande Mestre vai agora puxar este ladrão da vida, este roubador da Luz, para o paraíso.

Comentário: Dá-me também a sensação, Yada, de que isso implica que só há uma vida e o Mestre foi grande, mas o ladrão só teve uma vida e está perdido.

Yada: Ele está perdido, e ao puxar o ladrão pelos cabelos para o paraíso, vai salvá-lo, ah. Meus amigos, não é assim. Não é assim. Se queres entrar no paraíso, tens de o merecer, merecê-lo através da sabedoria, da aquisição de sabedoria. Se nunca houve uma pessoa assassinada na cruz para acalmar as emoções de um Deus humano, então sabes que não há nenhum ser que vai voltar à terra para salvar o homem, para o ajudar, nem para o prejudicar.

Não, se esperares pelo regresso de tal pessoa, vais esperar por toda a eternidade. Mas se te agrada acreditar que existe um caminho tão fácil assim, uma passagem tão simples em que não tens trabalho nenhum a fazer por ti mesmo, então continua a acreditar nisso. Por tua própria vontade, virás a saber melhor a seu tempo. Meus amigos honrados, tenho grande amor pelo meu semelhante. Apenas desejo que ele tenha grande amor por si mesmo. É só isso que desejo. Que encontre a sua própria luz. Não esperes que outro acenda a lâmpada, ou ficarás para sempre na escuridão. A hora avança. Já fiquei além do tempo. Espero não vos ter cansado.

Anita: Não cansaste.

Yada: E grati ya.

Anita: Não cansaste, Yada, e agradecemos-te, mas será que podíamos dizer «Olá» ao Professor? Podíamos dar aqui a nossa ordem?

Yada: Tens paciência? Meus amigos, quando sentirem necessidade de ir, vão. Movam-se como tiverem de se mover. E se se moverem com amor,

nunca magoarão ninguém. Deixo-vos com a esperança de que o meu colega honrado, o Professor Alfred Luntz, venha por um pouco.

Anita: Yada, nós amamos-te. Obrigada.

Prof. Luntz: Como estão, meus amigos! Sou o Professor Alfred Luntz.

Grupo: Como está, Professor.

Prof. L: Parece que estou um pouco atrasado, eh pá?

Grupo: Está mesmo.

Prof. L: Bem, não vou ficar muito tempo.

Anita: Não, compreendemos, Professor. Até me sinto quase culpada. Mas falo tanto de si, estávamos à espera que dissesse «Olá».

Prof. L: Bem, isso é muito simpático da sua parte, minha cara. Irene: Compreende, não quero cortar-lhe a palavra, mas combinámos fazer uma palestra mais pequena e acabam sempre por se prolongar duas, três horas e eu já não sei quando começa e quando acaba…

Prof: Ora bem, Irene, parece que somos um bocadinho populares, senão as pessoas aqui já não estariam sentadas.

Irene: É verdade.

Prof: E até anima o meu ego. Já ouviram falar de fantasmas com ego, não é? Fui clérigo da Alta Igreja Episcopal de Inglaterra – não da baixa, da alta. E Deus só reconhece a Alta Igreja Episcopal.

Grupo: Então, Professor, não quer que nos sintamos uns desgraçados!

Prof: Certamente que não! Se tens uma igreja que é alta e baixa, faz Deus saber disso e tenho a certeza que Ele prefere a palavra alta e gostaria mais de estar na parte alta da igreja. Bem, eu não – pode haver outros que sim.

Grupo: Mas pertence à Alta Igreja Episcopal e essa é a única que Deus reconhece. Então onde é que isso nos põe a nós?

Prof: Não sei. Se soubesse, não diria. Mas meus amigos, quando «saltei» para aqui, mesmo tendo dito que Deus só reconhece a Alta Igreja Episcopal, pelos vistos Ele não me reconheceu. Deve ter dito a S. Pedro para mudar o céu para cima da Alemanha. Vejam, era sobre Inglaterra que o céu estava – era onde eu vivia. Mas quando eu apareci, S. Pedro deve ter-me visto a chegar e levantou o céu, com tudo, portão de pérolas e tudo, e mudou-o para a Alemanha. Bem, de qualquer modo, não o encontrei. E porque disse isto há uns anos a um grupo em Nova Iorque, houve lá um cavalheiro que me acusou de ter sido algo pecador, de ter morrido sem amar Deus. Não é bonito? Depois de ter passado 50 anos como vendedor.
Grupo: E um vendedor sincero também.

A MENSAGEM DE THERESA VANDENBERG

Eu sou a Theresa—Theresa Vandenberg. Fui freira. Freira do Sagrado Coração no Estado de Nova Iorque, em 1862. Durante a maior parte da minha vida acreditei em tudo o que me ensinaram, mas agora sei mais—muito mais. Mas temos aqui muitas freiras que não mudaram nada das suas crenças. Continuam a pertencer à Igreja e às suas Ordens. São realmente sinceras e fazem um bom trabalho, pois milhões de almas chegam deste lado da vida apegadas às velhas crenças, e precisam da ajuda de quem as aceite com igual fervor.

Eu saí desse estado; já estava pronta para sair dele muito antes de morrer, mas nessa altura já era uma mulher idosa, nada se ganharia se falasse aos outros dos meus pensamentos. Só traria tristeza e problemas. Mas já então sabia, como sei agora, que a Vida é demasiado grande para ser resumida em qualquer conjunto de ensinamentos. Desde então estudei filosofia. Se alguém perguntar com sinceridade: "Qual é o sentido da Vida?", não pode permanecer dentro dos limites de qualquer credo. Os credos, ensinados à humanidade, são histórias contadas a crianças pequenas—ainda assim, pouco adianta dizer-lhes a verdade. As crianças continuam a ser crianças, não conseguem compreender as verdades do conhecimento adulto.

Compaixão—acima de tudo, tenhamos compaixão; o Amor acompanha-a, mas os ensinamentos não. Se o homem quiser libertar-se do cativeiro da dor, deve primeiro ter amor. E o amor não é nada de misterioso, baseia-se na compreensão do próximo… Sim, é verdade o que se diz: compreender tudo é perdoar tudo. Mais ainda, é amor. Quanto ao amor a Deus, corresponde ao amor pela Sabedoria. Quem ama a sabedoria, ama a DEUS. Compreensão, Sabedoria, Amor de Deus, amor ao próximo, a união de todos os homens em fraternidade—tudo isto é um só, tudo flui de um só e para um só, cada um inclui todos os outros.

Cristo, como agora vejo, é um Ideal. Jesus foi um homem como outros homens, embora altamente elevado em sabedoria e perfeição. Sobre a virgindade de Maria, o Nascimento Virginal, a Imaculada Conceição, penso que significa apenas que Jesus estava cheio de sabedoria, bondade e amor; ele amou, e a Força Divina respondeu ao seu amor, como sempre faz. Sempre, o Universo responde ao amor e à sabedoria—até mesmo as coisas más fazem isso. O mal, em si, faz parte da Manifestação Divina.

Perguntas sobre a alma-grupo. Ela existe, não é uma entidade, é uma Força inteligente. Quanto aos Arcanjos, são Entidades singulares, e foram homens e mulheres nesta Terra. Acredito que a alma não entra no corpo da criança até que este esteja pronto, totalmente formado em todas as partes—até a nova casa estar completa e pronta para a receber. Conheço o

ensinamento da Igreja sobre este tema, mas a Igreja Católica presume demasiado. Direi por fim o que está no meu coração. A autoridade da Igreja é autoridade apenas para os ignorantes. Não é nada perante a Sabedoria.

O amor de Deus, disse o comunicador, é a expressão religiosa da relação entre o Absoluto e as suas manifestações.

NOTA À MENSAGEM DE THERESA: Esta mensagem foi transmitida através da mediunidade em transe de Mark P., em San Diego, a 5 de Janeiro de 1947. É a primeira comunicação de carácter distintamente religioso e moralista recebida na presente série de sessões, e parece ter sido motivada pela audição da Ave Maria num disco de gramofone. O comunicador falou com clareza, força e impressionou quem ouvia. O conteúdo era inesperado e bastante estranho aos hábitos de pensamento de qualquer dos presentes.

O comunicador Lo Sun Yat, tibetano e de grande erudição, fez um breve comentário, imediatamente depois, sobre três pontos:

Não compreendo a distinção feita pelos ocultistas entre espírito-grupo e alma-grupo. Para mim, são a mesma coisa. A alma-grupo não é uma entidade; é um fluxo de energia cósmica dotada de inteligência. É como se a eletricidade, por exemplo, soubesse o que está a fazer.

A conceção dos Arcanjos é correta. Os grandes Espíritos que estão perante o Trono, como diz a vossa linguagem, são Entidades singulares (ou seja, seres separados e individuais).

Jesus, o Cristo, e outros grandes mestres também estavam a construir para si os seus corpos arcanjélicos, mesmo enquanto habitavam a vossa Terra.

As sessões de Mark P. não são "círculos de mensagens", nem reuniões espiritualistas no sentido habitual do termo. O médium não recebe qualquer compensação e é considerado absolutamente honesto. O objetivo é (1) ajudar pessoas perturbadas e desorientadas do "outro lado", e (2) obter o máximo de informação factual possível sobre as condições do outro mundo. A honestidade de um médium não garante, por si só, que não haja enganos por parte dos comunicadores. Ocorrem ocasionalmente personificações, como a de "Sir Isaac Newton", que não sabia matemática nem latim, mas era muito perspicaz. E é óbvio que a verdadeira identidade de personalidades como Lo Sun Yat não pode ser verificada.

Só se pode dizer que são, frequentemente, personalidades poderosas, cultas e totalmente integradas, e que não há razão para supor que sejam invenções do subconsciente, etc. O Editor apenas relata, de tempos a tempos, comunicações que pareçam interessantes. Não garante nada, e

embora pessoalmente aceite os comunicadores como sendo seres humanos desencarnados (não tendo razão para crer o contrário), não impõe a sua opinião aos leitores. Apenas pede aos céticos que suspendam o juízo e, acima de tudo, continuem a investigar com paciência, conhecimento crescente, e com uma atitude crítica mas aberta. Quanto à mensagem de "Theresa Vandenberg", parece conter uma certa dose de sabedoria, beleza e bom senso, suficiente para justificar a sua inclusão neste folheto.

SESSÕES DO CÍRCULO INTERNO

Quando as anotações começaram, em Setembro de 1946, não havia intenção de fazer um registo permanente; os apontamentos são, por isso, sumários e incompletos.

O controle, Lingford, afirma ter morrido em Nova Iorque (Estado ou Cidade?) "há cerca de 40 anos." "Conhece o médium há muitos anos." A origem desta relação não foi esclarecida à data desta escrita (14-2-47).

Na sessão de 22-9-46, estavam presentes seis pessoas além do médium, Mark Probert (4 homens, 2 mulheres). O Controle, Lingford, começou a falar dos Ballards, do movimento "EU SOU":

Ballard não compreendia o verdadeiro poder dos mantras... estava parcialmente desequilibrado na altura da sua morte... Os Ballards obtiveram quase todo o seu conhecimento oculto a partir de livros. Claro que, depois de começarem, conseguiram fenómenos genuínos, mas não possuíam poderes ocultos próprios...

As pessoas sem auras dividem-se em duas classes... a existência destas pessoas, que são frequentemente espíritos materializados do nosso lado da vida, explica alguns casos de desaparecimentos misteriosos. Muitas vezes desmaterializam-se e regressam ao astral. (Pergunta) Sim, existe um fenómeno natural a que se pode chamar redemoinho atómico—se alguém for apanhado num, desaparece.

P: Os espíritos no astral podem magoar-se uns aos outros?

Bem, às vezes exercem força uns contra os outros. Se uma pessoa dirige um golpe a outra, e se esta tiver medo ou acreditar que vai ser magoada, sofrerá consequências... O medo, e todas as emoções, abrem a aura, e é então que os espíritos obsessores podem entrar.

O Controle Lingford afastou-se temporariamente. Uma entidade que se apresentou como Rev. Charles Ratford tomou o controlo. Afirmou ter vivido em Northampshire cerca de 1706. Preocupava-se muito com a possibilidade de uma nova guerra, mas não parecia muito lúcido. Seguiu-se um controle que se apresentou como Sigmund Freud. Isto pode ter sido

causado pela presença de um psicanalista entre os participantes. Todo o aspeto e comportamento do médium mudou de forma notável—voz, gestos, uma suposta barba que o médium não parava de acariciar, o ar grave e professoral, e os acentos eruditos, ainda que um pouco ásperos:

Que significa isto? Isto é realmente um caso extraordinário! (Explicações de M. L.) Sim, sim, compreendo bem o que está a dizer, mas é mesmo extraordinário. Não havia lugar na minha filosofia para coisas como esta... (nota em falta) Sei que as minhas teorias suscitaram muita discussão. Se tivesse de refazer o meu trabalho, daria menos ênfase ao sexo, (sobre Jung). Bem, não é habitual um psicólogo elogiar outro, mas penso que não mudará nada dizer que Jung tem uma grande mente.

Meade Layne: Mas o mundo inteiro ouviu-te.
Freud: Sim, sim, eu temia isso.

O PIGMEU foi durante algum tempo um visitante regular destas sessões. Afirmava que tinha conhecido e sido empregado por Theodore Roosevelt na expedição de caça deste último em África—"Grande Pai Branco, vidros no gelo." (óculos nos olhos). Começava sempre por sacudir (o médium) para cima e para baixo, batendo num tambor imaginário, balançando-se para a frente e para trás—cheio de vitalidade animal, a própria personificação da vida vigorosa.

Pergunta: O que fazes?
Pigmeu: Oh, caço, caço na selva, mas não mato. Aqui dizem para não matar, caço só por diversão. Como muito, tenho uma esposa bem gorda, tenho duas, três esposas—claro!

O Pigmeu era aparentemente autorizado a assumir o controlo durante algum tempo para aliviar tensões e revitalizar o grupo. Mais tarde deixou de aparecer nas sessões, tendo encontrado professores que lhe despertaram a vontade de aprender coisas novas e de "crescer".

As notas mostram que Lingford disse: Ballard encontrou uma destas pessoas sem auras, que se materializam neste (terreno) plano.

Lingford também descreveu a sua casa, dizendo essencialmente: Bem, tenho a minha própria casa, fica num vale e tenho uma boa vista para um lago. Dedico-me um pouco à arte e à música, e tenho muitos livros. Sim, vivo sozinho. Gosto? Podes crer que sim.

PALESTRA EM TRANSE DE DOMINGO

29 DE SETEMBRO DE 1947

Cinco pessoas presentes, além do médium (4 homens, 1 mulher). O Pigmeu apareceu durante alguns minutos, sendo depois seguido por uma entidade perturbada e incoerente que parecia estar a sofrer bastante dor. Perguntas e informações de controlos posteriores revelaram que era um soldado que tinha morrido num campo de concentração; os lábios tinham sido terrivelmente queimados e era essa a causa do seu sofrimento atual. Foram feitos esforços para o convencer do seu novo estado e de que poderia ajudar-se a si próprio cortando os laços e memórias da Terra. O controlador, Lingford, comentou em seguida:

Lingford: Vocês, no plano terrestre, por vezes conseguem ajudar mais estas pessoas do que nós deste lado, porque elas ainda estão em contacto muito próximo com o vosso nível de existência—mais perto de vós do que de nós.

Questionado sobre a xenoglossia de Mark Probert, Lingford disse:

Lingford: Isso deve-se provavelmente ao facto de ele ter tido uma série de encarnações muito próximas em diferentes nações e raças... O ódio do Mark ao Catolicismo deve-se ao facto de ter sido Luterano e de ter sido morto pela Inquisição, ou, em todo o caso, por Católicos.

Meade Layne: Como consegues obter esses dados?

Lingford: Bem, podem ser obtidos dos registos astrais, claro, mas há tantos modos, de ambos os lados da vida, de aprender as coisas—que é difícil de explicar. Pode-se dizer que o desejo de aprender algo cria uma espécie de resposta telepática ou clarividente, ou recorre de algum modo ao conhecimento e à vida universais. Os nomes são frequentemente esquecidos simplesmente porque não são usados.

Meade Layne: Disseste-nos que vens aqui, a esta sala, de um pequeno vale com casas e uma estrada. Suponhamos que mudássemos esta sessão para um local a 160 quilómetros daqui—ainda viriam até nós a partir do mesmo local no vale?

Lingford: Sim, a distância não faria diferença—é muito difícil de explicar.

Meade Layne: Bem, deixando de fora o médium e nós próprios, o teu vale corresponde, de alguma forma, em espaço, a esta sala, a esta zona ou a esta cidade?

Lingford: Não, parece corresponder a qualquer lugar—não consigo explicar. Faz-me lembrar uma esponja cheia de água. Existem o que chamamos de estações de apoio para tratar de casos como o daquele homem queimado, mas, por vezes, vocês podem ajudá-los mais do que nós. Eles ouvem-vos e compreendem-vos melhor…

PALESTRA EM TRANSE DE 4 DE OUTUBRO DE 1946

Presentes nesta ocasião: Mark P. (médium); Irene P. (esposa do médium); H. H., cerca de 40 anos, homem, investigador experiente, anteriormente também sensitivo; e Meade Layne. A identidade de um investigador pode ser confirmada por Meade Layne sempre que haja motivo justificado para tal.

Casa de M. L. Hora: 14:00. Luz total. A sala onde decorreu esta sessão foi muitas vezes usada para vários tipos de exercícios ocultos, e tanto a sala como a casa são consideradas por sensitivos como altamente "carregadas". A sessão foi algo tumultuosa e poucas notas puderam ser tomadas, embora tenham sido passadas para a sua forma atual imediatamente após.

Não se fez qualquer tentativa de dar a estas notas a forma de um relatório apropriado; mantêm-se como memorandos de itens mais ou menos desconexos. (A palavra "controlo" designa a entidade que usa o corpo do médium).

H. H. chegou atrasado e o médium estava um pouco agitado; demorou mais do que o habitual a entrar em transe, cerca de 45 minutos. Prosseguiu-se uma conversa normal. Depois, um comunicador tomou posse e começou a falar em voz muito fraca, em alemão. Queria saber quem tinha dado ao médium um pedaço de pão seco (correto). Este comunicador estava muito fraco e mentalmente confuso.

Após alguns minutos, o Guia "Lingford" tomou o controlo, com voz forte e firme, explicando que a entidade era um alemão recentemente morto num acidente de elétrico em Los Angeles, e que estava "em muito mau estado"… Deixei-o entrar e tentar falar, porque isso, muitas vezes, ajuda mais um espírito nessas condições do que qualquer outra coisa. Ajuda a despertá-los. O médium manteve-se quieto.

H. H.: Estás também com dificuldades, Lingford?

Lingford: Sim, as condições parecem diferentes. (Mark P. voltou brevemente à consciência normal e houve alguma conversa sobre as condições.) Mark P., H. H. e "Lingford" concordaram que o local estava tenso e "carregado". Lingford comentou também (tendo retomado o controlo) que lugares novos costumam trazer dificuldades no início.

Lingford: Seria bom se M. L. usasse mantras antes dos encontros em lugares novos. (Pergunta). Sim! Esses serviriam. Não sei nada sobre a Ordem, mas esses Nomes ajudariam a ajustar as condições, respondeu Lingford, e acrescentou, Gostava também que fizessem passes antes da sessão. Passes para cima e para baixo e horizontais à volta do Mark e do H.

H. (ilustrando ao mover os braços do médium) e que circulassem por cada membro do grupo fazendo os passes.

H. H. queixou-se de fortes sensações de atração no lado esquerdo; especialmente nos músculos do pescoço; pergunta a Lingford se isto não pode ser aliviado. O controlo responde brevemente, parece estar muito ocupado. Diz que "Kendrick" (Jeremiah Kendrick, outro Guia e por vezes controlo) está lá a ajudá-lo. Fala com dificuldade. A situação mantém-se e torna-se mais acentuada.

O braço esquerdo de H. H. deixa de estar sob o seu controlo consciente, começa a agitar-se descontroladamente; parece entrar parcial e intermitentemente em transe. Falar-lhe em voz alta e firme trá-lo de volta, mas apenas por breves momentos. A situação persiste.

Por esta altura, Lingford explica a M. L. que a raiz do problema reside no estado mental do médium. Gostava que não desses a este médium livros sobre o Tibete… M. L. tinha dado a Mark P. um livro sobre o Tibete, de Ilion, chamado "Darkness Over Tibet", onde se descreve bastante uma loja da Irmandade Negra e as suas operações mágicas.

O que aconteceu foi isto: o livro horrorizou o médium, porque despertou memórias subconscientes de uma encarnação passada no Tibete, em que ele pertenceu a essa ordem… Não deves concentrar a tua atenção no médium—em nenhum médium. Isso cria um canal. As forças no controlo fluirão por esse canal e fixar-se-ão em ti… Não te concentres em nada, nem com o olhar nem com a mente.

Além da questão do "canal", pode-se recordar que a concentração é o primeiro passo para a auto-hipnose. Nas condições anormais da sensibilidade psíquica e da sala de sessão, o mais pequeno grau de concentração pode abrir a porta à invasão. (As observações de Lingford acima estão relacionadas com os seus esforços para cortar o rapport entre Mark P. e H. H.)

H. H. oscila entre a consciência normal e o transe. Afirma que a Ordem Tibetana continua bem viva e tem seguidores entre os chineses de São Francisco. Diz que esta informação lhe está a ser transmitida.

Sim, esta influência é má—tudo muito mau… Façam passes sobre H. H.… Kendrick está ali ao lado dele a tentar cortar este fluxo, diz Lingford.

M. L. e Irene P. fazem passes sobre e à volta de H. H., que sente algum alívio. Regressa à consciência normal, mas os músculos do lado esquerdo e da perna esquerda estão tensos como se por uma cãibra forte. H. H. pergunta ao controlo, Lingford, se ele e Mark P. estiveram associados numa vida passada.

Lingford: Ambos pertenceram a esta Loja em determinada altura, mas não ao mesmo tempo.

Neste momento, as condições pioram subitamente, e tanto Mark P. como H. H. começam a fazer reverências e gestos de um ritual de oração. Lingford intervém através de Mark P. para dizer: atirem água! Irene P. traz um copo de água mas coloca-o na mesa. Mark P. regressa à normalidade, mas H. H. continua a imitar o ritual de oração. M. L. recorre a passes, mantrams e circundação. Isto, ou algum outro factor, parece eficaz e H. H. regressa à normalidade.

H. H. então descreveu o que viu: um grande círculo de monges ou outros crentes, todos a realizar fórmulas e movimentos de oração; diz que isto parecia lançar um tipo de feitiço sobre si, de modo que não conseguia resistir a fazer exatamente o mesmo.

H. H. está, por momentos, convencido de que esteve no Tibete, mas Lingford (assumindo o controlo de Mark P.) explica que o que ele e Mark P. viram eram formas de pensamento. Estas existiam na memória subconsciente de ambos, e estas memórias tinham sido despertadas pelo livro referido. H. H. também tinha lido este livro.

Vale a pena notar que as descrições dadas por E. H. e Mark P., depois de regressarem ao normal, do círculo de monges em oração, coincidem de forma notável. Há considerável conversa entre os dois, enquanto confirmam detalhes entre si.

Lingford retomou então o controlo de Mark P. e aconselhou que a sessão fosse terminada. Questionado sobre a conveniência de fazer uma sessão no domingo seguinte, respondeu que "avisaria o médium com tempo suficiente." Disse a H. H. que este, que estava prestes a partir para o Leste, regressaria à Califórnia em dois a três meses (muito antes do que H. H. esperava regressar). (A previsão não se concretizou a 18-2-47.)

Um controlo totalmente novo falou então através de Mark P. Descreveu-se como um "ajudante dos Ajudantes" e disse que só comunicava em situações de emergência, e que esta ocasião lhe parecia ser uma dessas.

Se não se importam, não lhes darei o meu nome desta vez. Sim, é melhor terminar esta sessão.

Este controlo continuou a falar durante algum tempo, lenta e cuidadosamente, de forma e voz diferentes de Lingford ou Mark P.… H. H. vê esta entidade ou algum ser superior a comunicar por seu intermédio; H. H. descreve-o—falando em semi-transe—como aparecendo apenas como um "ovalo de luz." H. H. está convencido de que algum ser de planos superiores interveio.

O novo controlo observou também que “tanto Lingford como Kendrick ficaram muito perturbados com o que aconteceu.” Assegura-se que, do lado de cá, não houve qualquer dano aparente e que muito se aprendeu.

Presentes: Mark P., médium; Irene P. (esposa); Gil Updyke; e Meade Layne.

O primeiro comunicador revelou-se como “Karansky” (ortografia fonética). Declarou ser maestro de orquestra russo (comparável a um diretor filarmónico), que morreu no bombardeamento de Estalinegrado. Disse que passava a maior parte do tempo com os seus familiares sobreviventes na Rússia, a tentar ajudá-los—“a tentar influenciá-los”.

Estou a tentar influenciá-los com a ideia de que não pode haver mais guerra… Não haverá guerra se as nações se juntarem e raciocinarem umas com as outras… se superarem a ideia de que um pedaço de terra vale mais do que uma vida humana. Se não o fizerem, haverá guerra dentro de dois anos…

A Rússia está numa má posição—bloqueada pela Inglaterra, e também por certos elementos aqui nos Estados Unidos. E na Rússia há homens deste calibre. Se estes elementos não forem travados, haverá guerra em dois anos.

Houve muito mais experimentação na Rússia em estudos psíquicos do que alguém imagina.

Faço parte de um grupo. Fizemos um pacto firme, de nos reunirmos deste lado da vida. O nosso plano é chegar a todos os sensitivos em todo o mundo e, por meio deles, tentar chegar aos cientistas e também a pessoas em altos cargos—para transmitir a ideia de paz—que a ganância tem de acabar—e que a opressão do povo tem de terminar.

Isto último está a desenvolver-se nos EUA mais rapidamente do que se imagina. A menos que o trabalho se mantenha fiel aos seus objetivos, será completamente esmagado e acabará por estar pior do que nunca. Mas os líderes sindicais também procuram grande poder, e isso deve ser travado. Esse Kendrick que tem ajudado este médium é um bom homem, mas já devia ter ultrapassado as suas ideias monásticas. Lingford é uma pessoa muito imprevisível, mas é capaz—é muito culto.

Kendrick: Isto é Kendrick. Ki-yat-ta, Ki-yat-ta! Isso significa saudações. Sobre o médium falar tanto à noite—a situação é que certas entidades superiores usam o seu corpo para experiências—ele fica retirado, não consciente em nenhum plano—não lhe faz mal ao corpo mas cansa-lhe

a mente. Vamos ver o que se pode fazer para parar isso. A aura foi rasgada, e isso facilita o acesso.

Lingford: Isto é Lingford. Jack Tate vai chegar bem. Penso que o avião dele está no Texas agora (22h, domingo, 7 de Outubro). Aterraram algures no Panhandle—isso é como se chama? O grupo com Karansky está a tentar contactar cientistas.

No final desta sessão ocorreu um pequeno incidente curioso. O médium estava em consciência normal, e os quatro presentes conversavam sobre os vários nomes atribuídos ao Eu Superior. Ao mencionar o polinésio AUMAKUA, M. L. entoou fortemente o nome, especialmente a sílaba AUM. Poucos instantes depois, todos sentiram uma entidade poderosa, e o sensitivo e dois dos participantes viram uma luz brilhante surgir junto a M. L. e atravessar a sala; estava cerca de 45 cm acima do chão. Mark P. teve a impressão de que podia ser apenas a parte inferior da veste de algum ser.

Algum comunicador tentou então, repetidamente, controlar o médium, mas as condições estavam demasiado perturbadas. Talvez se obtenha uma explicação mais tarde.

SESSÃO DE 10 DE OUTUBRO DE 1946

Médium: Mark Probert.
Comunicador: Ramakalo
A maior parte das perguntas foi omitida. Presentes, além do médium: A. R. Boese e Meade Layne.

Sobre a "nave espacial" observada na noite de dia 9.
Controlo não registado.

Ramakalo: Esta nave vem de oeste da Lua. Não posso dizer a distância em milhas, mas é muito longe. É um pássaro mecânico. Observem a Lua esta noite, podem tentar contactar… Não posso garantir que a nave apareça à mesma hora que ontem; o cálculo do tempo é demasiado difícil, requer matemática muito avançada. Estas pessoas têm tentado contactar a Terra há muitos anos… A Terra está agora a emitir um raio forte ou coluna de luz, o que facilita a aproximação de outros planetas.

Sim, estas pessoas vêm em paz—são muito mais avançadas do que vocês. Os corpos deles são semelhantes aos vossos, mas muito mais leves. Estas pessoas gostariam de aterrar, mas têm receio da receção. Sabem que não serão compreendidas.

Têm de tentar reunir um grupo de cientistas. O assunto deve manter-se secreto do público, por agora. Não digam nada aos vossos cientistas sobre o lado psíquico desta questão (pois isso iria prejudicá-los). Um grupo de cientistas deve combinar encontrar estas pessoas num local isolado. Estas

pessoas têm muito interesse em colaborar convosco. O novo telescópio (Palomar?) vai surpreender os cientistas. Nos próximos seis meses, muita coisa chegará através dos sensitivos. Devem trabalhar discretamente nisto.

Lingford: Não sei muito sobre este negócio da nave espacial, mas causou grande alvoroço. Parece-me plausível. Vou tentar descobrir de onde vem a nave.

Kendrick: Sim, a nave foi vista por bastantes pessoas, mas poucas notaram a sua estranheza. A maioria estava a observar os meteoritos.

Comunicador desconhecido: Haverá um grande incêndio na Nova Escócia.

SESSÃO DE DOMINGO, 13 DE OUTUBRO DE 1946

Na casa de um amigo de M. P.

Presentes: Mark P., Irene P., Gil Updyke, M. L.

O primeiro comunicador foi uma criança; uma menina falecida havia cerca de três dias, muito aflita, a chorar, queria a sua "mamã". Irene P. e Mark P. conheciam bem a criança.

Lingford, substituindo-a, disse que as crianças ficam muito perturbadas ao início, mas têm o melhor cuidado possível e rapidamente recuperam. Fala de ter visto os meteoritos, como um espetáculo maravilhoso. Diz que pessoas desencarnadas frequentemente veem objetos da Terra através dos nossos olhos—e que muitas dores de cabeça são causadas por isto, desconhecido dos médicos ou de qualquer outra pessoa—especialmente se a dor está no topo dos globos oculares.

Lingford: A pessoa que tentou materializar-se no final da última sessão era Kay Ting, um monge tibetano, da W. B.; que talvez fale connosco mais tarde. Que cometeu um erro ao tentar materializar-se naquela altura.

Quando Kay Ting aparece mais tarde, confirma; diz que tentará materializar-se completamente se a sala estiver totalmente escura, na próxima sessão. K. T. fala de Ordens Negras do Tibete—guerras na China principalmente devidas às suas atividades—são poderosas e muito enganadoras, aparecendo até como Anjos de Luz e enganando muitos recém-chegados ao astral—a verdadeira vida cristã (não formalidade e fingimento) é a melhor vida de todas. K. T. está há 450 anos do lado astral.

Rama-Ka-Lao assume o controlo. Levanta-se… faz uma saudação. Fala sobre Kareeta (nave espacial)… voltará no próximo ano, a esta zona, um ano após o último 9 de Outubro. Talvez um ano à hora certa. (Diz que voltará com grande probabilidade—é essa a sua impressão e convicção.

Devemos avisar todos os astrónomos e todos os que usam telescópios para estarem atentos. A Kareeta tem mais do dobro do tamanho do nosso novo avião gigante—mas é muito leve.)

O povo do planeta Kareeta já ultrapassou o uso do rádio; usam feixes de luz. Fizeram muitos esforços para nos contactar por rádio. Os sinais foram recebidos aqui, mas não foram compreendidos quanto ao significado e origem—os cientistas não se preocuparam com tal questão; não havia dados suficientes para os interessar. O povo de K. desistiu em grande parte da tentativa. Está a ser desenvolvido um aparelho na Terra para comunicação através de raios de luz coloridos, e quando estiver pronto será possível comunicar. K. pode ser contactado por RADAR, se puder ser localizado; caso contrário, só por feixe de radar dirigido ao planeta. Os dois motores elétricos usados para as asas são mais potentes do que quaisquer semelhantes usados na Terra—muito mais potentes.

SESSÃO DE 14 DE OUTUBRO DE 1946

Esta sessão muito breve foi caracterizada pelo controlo de uma entidade que anunciou gravemente ser Sir Isaac Newton.

O que sabia sobre a teoria da gravidade não é nada comparado ao que sei agora. A gravidade é uma força criada pelo peso compacto de qualquer objeto, através de forças elétricas e magnéticas.

Quando a estrutura atómica muda, o poder de atração da gravidade muda também. A telepatia é uma forma de energia. É uma operação da 4ª dimensão. É uma forma de energia semelhante à que existe nos espaços exteriores da gravidade terrestre. Não é afetada por nada físico.

As respostas dos dois últimos parágrafos foram provocadas por perguntas sobre a natureza da gravidade, e se a "energia" da telepatia obedecia à lei do inverso do quadrado das distâncias. O comunicador não tinha conhecimento desta lei, e ficou perplexo com uma ou duas palavras em latim usadas por M. L.

O que antecede é o primeiro caso claramente definido de personificação na presente série de sessões. Um comunicador posterior referiu-se ao acima como personificação por uma entidade espiritual. Lingford, contudo, cerca de dois meses depois, afirmou que foi uma personificação pelo subconsciente do médium. A habilidade e conhecimento realmente superiores destas entidades esquizofrénicas enganam temporariamente até os observadores mais experientes. Um bom exemplo de personificação encontra-se na sessão de 28 de Fevereiro de 1947. Nessa ocasião, o comunicador afirmou que estava "no espaço entre o

consciente e o subconsciente" e era o imortal, a semente e o núcleo da personalidade. Os seus poderes eram certamente superiores aos da consciência normal do médium, mas o questionamento revelou que o seu conhecimento real não excedia o provável conhecimento subconsciente do médium. Não era o "Eu Superior", e afirmou explicitamente não ser um espírito desencarnado—assim, "personificação" deve ser entendida aqui num sentido bastante modificado.

Um segundo comunicador anónimo tomou então o controlo e começou a falar sobre um suposto corpo planetário: Este corpo existe realmente e está a cerca de 16.000 quilómetros da Terra, mas está na vibração da 4ª dimensão e os vossos instrumentos não o podem detetar. Pode ser detetado por instrumentos especialmente desenvolvidos que usem vibrações de luz. Muitos objetos explodem ao passar de uma dimensão para outra, especialmente se entrarem na atmosfera terrestre durante esse processo.

SESSÃO DE DOMINGO, 20 DE OUTUBRO DE 1946, À NOITE

Na casa de Mark Probert.

Presentes: Mark P., Gil Updyke, Dick.

Primeiro comunicador: Lingford. Conversa casual. Perguntou pela "jovem" cuja mão segurava (ou seja, Joan T.).

Meade Layne tentou trazer o assunto da última carta de J. T., relativa ao suicídio de E. C. McD., com a ideia de talvez ajudar este último. Imediatamente surgiu outro controlo, mas não E. C. McD. Esta personalidade chamava-se Alice, apelido não registado. Alice chorava e soluçava, dizendo que "não queria morrer." Percebeu-se que tinha cometido suicídio por veneno. Mais tarde, Lingford disse que ela tinha vivido algures perto de Ft. Worth, Texas, e que era uma "mulher alta". Alice disse poucas palavras, estava muito perturbada.

Lingford falou então sobre H. H.; disse que os assuntos deste último estavam muito confusos e incertos, mas que ele regressaria em breve à Califórnia. Disse ainda que a aura de H. H. tinha sido ferida numa data anterior, e que estava muito preocupado com H. H. Elogiou H. H. como personalidade e como investigador, disse que gostava de tê-lo presente, mas acrescentou que receava por ele; que seria realmente mais seguro se H. H. nada tivesse a ver, diretamente, com trabalho psíquico. Tem receio que H. H. volte a ser sujeito a obsessão, talvez a ser possuído em algum lugar público, e talvez prejudicar alguém ou a si próprio.

Questionado sobre se os guias de H. H. não o podiam proteger, Lingford respondeu que "os guias dele não fizeram grande coisa por ele no outro dia; em tua casa." Disse "Kendrick estava lá e fez o que pôde, mas não foi muito." "As entidades correm para dentro da aura dele." Lingford estava muito preocupado com H. H. e disse: Parece-me que ele tem um guia chamado Forne (For-nay).

Ramakalo assumiu o controlo; disse que a "Kareeta" não era de Marte e MARTE não era um foguete… disse que a entidade "Sir Isaac Newton" era um impostor. Isto refere-se a comunicadores numa breve sessão realizada durante a semana (quanto a "Sir I. N."), e a uma comunicação de um tal "Maloney" através de uma Miss M. (uma das três filhas de uma família local com mediunidade), quanto aos temas "Marte" e "foguete". Tudo isto tinha sido fortemente suspeitado por M. L. e pelo médium, Mark P. A entidade "Sir I. N." era astuta e filosófica, mas não sabia nem latim nem matemática elementar.

Ramakalo afastou-se, disse que voltaria, mas não voltou. Até agora, tem sido impossível obter informação quanto ao ponto de origem da "Kareeta". O Irmão Kay Ting não se manifestou.

Esta sessão foi bastante morna, e grande parte do discurso era eco de ideias já expressas por M. P. e M. L. em conversas anteriores. O PIGMEU regressou; disse que ainda tinham homens-medicina mas agora também melhores professores, podiam ver os resultados do trabalho do homem-medicina e já não queriam ter nada a ver com ele; que os pigmeus viviam em aldeias e em selva densa, caçavam, tinham muitas esposas, não matavam, eram muito alegres e cheios de vida.

SESSÃO DE DOMINGO, 3 DE NOVEMBRO DE 1946

Lingford foi a Filadélfia; disse que uma criança tinha nascido; era uma rapariga; mostrou-se preocupado com Irene, aparentemente; não quis dizer muito; não falou muito sobre a filha.

Um comunicador anónimo surgiu como anteriormente—repetiu que a "Kareeta" vinha mesmo de cerca de 16.000 quilómetros a oeste da Lua, tal como na noite da chuva de meteoritos. Insiste que este planeta não está na nossa taxa de vibração, e que a K. podia passar de uma taxa para outra e materializar-se aqui, tal como tudo neste plano tem origem nos planos invisíveis. Repete que matéria e espírito são uma só coisa, que tudo é material, no sentido lato da palavra.

Lingford continua preocupado com Jack Tate e o seu psiquismo.

Um comunicador compara a Terra e o astral a uma bola coberta por uma taça, em rotação (de ambos?). A ideia de que as bandas de oitavas ou de radiação ou de vibração se repetem—"quebram debaixo da luz".

Um comunicador anónimo prevê terríveis desastres para a Costa do Pacífico. O carácter deste comunicador é duvidoso. Lingford não aprova.

Uma conversa telefónica na terça-feira mostrou que a criança ainda não tinha nascido, mas que o parto parecia iminente no domingo à noite. Aparentemente Lingford relatou como facto o que lhe pareceu ter certamente ocorrido até ao momento do seu relatório.

(Dr. e Sra. Cozman nesta sessão, também um Keough, Gil Updyke e mais dois, M. P. e M. L.)

SESSÃO DE DOMINGO, 17 DE NOVEMBRO DE 1946

Presentes: Mark P., Jimmie..., Gil Updyke, Dr. e Sra. Cosman, Sr. e Sra. Barkus, M. L.

Kerinsky (ou Kerensky), maestro russo morto no bombardeamento de Leninegrado, apareceu angustiado e excitado, prevê guerra com a Rússia, diz que a Rússia tem uma nova arma ainda mais terrível do que a bomba atómica, que a guerra destruirá a civilização, etc.

Uma rapariga ou jovem chamada Ruth, a chorar, incoerente, morta num acidente de avião. Lingford diz que ela tem estado assim há várias semanas e poderá continuar assim por muito tempo.

Lingford, Ramakaloa e um comunicador anónimo que está daquele lado "há muito tempo". O último (não sabe o seu nome, não consegue lembrar a vida terrena, nacionalidade ou raça). Diz que usa veste e turbante Vierario, passa o tempo em estudo, acredita que todos têm de reencarnar pela lei natural. Fala muito da relação entre o som e a luz, diz que a luz é uma "oitava superior" do som—que ondas sonoras contínuas e rápidas produzem um "atrito no éter" que gera luz—que aumentar o tom ou frequência ajuda a isso; que o som é muito mais do que vibração do ar, é um poder elementar, uma energia criadora. A ciência descobrirá esta relação entre som e luz, se já não o fez.

Isto parece ligar-se ao "quebram debaixo da luz" de outro comunicador.

O principal destaque desta sessão foi um comunicador anónimo que declarou ser um Adepto ainda com corpo físico; que tinha deixado o corpo em transe, na Índia, e estava a assistir a uma reunião de Adeptos no Astral—que estavam a experimentar ver até que ponto o médium podia ser

controlado por um Adepto ainda vivo na Terra; que, se o método resultasse, poderia ser muito útil para difundir conhecimento sobre factos ocultos, etc.

SESSÃO DE DOMINGO À NOITE

Presentes: Mark Probert, médium; Dr. Cozman, Meade Layne e mais três pessoas, um homem e duas mulheres.

Aparentemente dois ou mais comunicadores em sucessão assumiram o controlo físico do médium, mas não conseguiram falar.

Um controlo, até então desconhecido, assumiu o controlo começando com uma espécie de cântico ritual ou litúrgico que durou talvez um minuto, um ritual muito impressionante. Depois anunciou que vinha de uma grande reunião de Adeptos e iniciados, algures "a norte de Llhasa". Perguntas obtiveram as seguintes respostas:

Que o objetivo dessa reunião era a iniciação de novos membros da Ordem; que a Ordem era grande e poderosa, mas que o nome não podia ser dado nesta altura; que tais reuniões eram realizadas duas vezes em cada cinco anos; que as reuniões tinham lugar no plano físico denso, e que membros do "outro lado" estavam presentes em corpos materializados (na reunião). Questionado se podia dar o seu nome, disse que tinha de fazer averiguações e voltaria. Cumpriu a promessa e regressou cerca de quinze ou vinte minutos depois. Outros comunicadores surgiram nesse intervalo, mas para manter a continuidade estas notas prosseguem com o mesmo comunicador e referem-se depois aos outros do intervalo.

Este comunicador então regressou, afirmando que se chamava Lo Sun Yat. Em resposta a perguntas: A reunião estava a ser realizada numa enorme caverna. Havia reuniões mais pequenas de tempos a tempos. Ele próprio não estava agora num corpo físico denso. Ele e outros do seu lado não viviam no "astral", mas em planos mais elevados.

Sim, os planos superiores também eram mundos de objetos físicos, muitos deles duplicados do nosso, embora de matéria muito mais refinada. Sim, os objetos nesse mundo eram sujeitos à vontade; podiam ser feitos desaparecer ou aparecer. Mas não se dava grande importância a esse mundo pseudo-objetivo; a atenção voltava-se sobretudo para o mundo do pensamento.

Este controlo mental de objetos ou aparências era teoricamente possível em todos os planos de consciência. Isto porque os objetos não tinham existência independente, ou existência em si mesmos.

Sobre o "ding-an-sich" (coisa-em-si): O ding-an-sich não existia. Todos os objetos eram construções mentais. Ainda assim, pode dizer-se

que tais construções eram o produto conjunto da mente percecionadora, ou da mente do observador, e de uma mente cósmica. Se o comunicador foi corretamente entendido, defendia que o ding-an-sich poderia ser considerado existente se fosse concebido nesse sentido, de (uma energia produtiva cósmica a operar através e como focos individualizados de consciência.) A posição kantiana sobre esta questão estava errada; a posição do idealismo de Berkeley era mais próxima da verdade; "Ser é ser percebido".

(NT: A realidade como ela é em si mesma, independentemente da nossa perceção. Berkeley dizia que as coisas só existem enquanto são percebidas por uma mente. Esse equals percipi. Se ninguém vê, ouve, sente ou pensa uma coisa... ela não existe (ou deixa de existir naquele momento. Alude ao célebre Koan Zen: Uma árvore que cai numa floresta onde não está ninguém, faz barulho?)

O comunicador foi entendido como defendendo que a "coisa-em-si" pode existir se for acreditada como existente, ou seja, como construção mental. As qualidades dos objetos, ou das aparências, surgem do funcionamento da energia cósmica, através da força individual da consciência. A coisa-em-si não pertence à ordem das aparências, e a sua existência é de ordem mental, enquanto inferência e crença.

O comunicador afirmou que não há debate sobre esta questão no seu nível de existência; prosseguem o conhecimento continuamente, mas não têm vontade de discutir coisa alguma. Afirmou que é possível atingir os estados superiores de consciência enquanto se vive num corpo denso; que cada encarnação deve melhorar a personalidade, até que a entidade em evolução alcance Devachan.

Além de Devachan? O sentido de Eu, mas não de Eu sou. A consciência, a perceção não se perdem, mas perde-se o sentido de individualização. Não acredito numa absorção completa da individualidade pela Vida Cósmica, ou Alma, mas apenas na perda de toda a sensação de separação.

Na juventude, enquanto os fogos da vida ardem fortemente no corpo, é errado negar-lhes expressão. Mas o grande objetivo de toda a vida é a busca do conhecimento. Não há distinção entre matéria e mente, ou espírito. Nunca há fuga da matéria—a matéria assume formas muito ténues e propriedades peculiares.

A doutrina do Eu Superior (e outros eus) está correta, mas não se deve tomar como uma verdadeira divisão do Eu unitário, que é sempre um só. A virtude da invocação do Eu Superior reside no facto de ser uma forma subtil e poderosa de autossugestão. O Eu unitário desenvolve-se em

resposta a isso. O Eu Superior, ou eu não-consciente, é secreto e astuto. Todos os poderes que o homem possui, em todos os planos, estão encerrados no Eu unitário.

Foi feita uma pergunta por um dos presentes, sobre a possibilidade de se reunir com a esposa falecida, ou se ela poderia reencarnar antes de ele próprio deixar esta vida. A resposta foi que, se a esposa desejasse reunir-se com ele, não reencarnaria até que se encontrassem no plano astral (ou superior).

Pergunta do Dr. Cosman sobre o uso dos grandes chifres tibetanos. Resposta: Não, não se usa os chifres nesta reunião, mas usam-se tambores. O som do tambor tem um efeito peculiar ao desintegrar a estrutura molecular da matéria.

Toda a conversa com Lo Sun Yat ocupou pelo menos meia hora; o comunicador usou termos técnicos filosóficos e metafísicos, e demonstrou (um conhecimento e perspicácia bastante além do alcance do médium, que não tem formação filosófica nem leu obras filosóficas ou metafísicas). A personalidade do comunicador era totalmente integrada, a linguagem precisa e por vezes eloquente; não há razão aparente para identificá-lo com a mente de qualquer dos presentes. O comunicador parecia familiarizado com pontos filosóficos levantados pelo autor presente e só se mostrou confuso numa única ocasião, quando se referiu o Amakua, designação polinésia ou Huna para o Eu Superior. Compreendia o termo hebraico Yechidah.

O controlo e guia, Lingford, descreveu-se como antigo residente de Nova Iorque; que morreu aí há cerca de quarenta anos. Vive sozinho "e gosta disso"; tem uma pequena casa, muitos livros, instrumentos musicais. Outros comunicadores descrevem-no como estudioso, muito lido, bastante autossuficiente.

Lingford: Não, embora atue mais ou menos como guia deste rapaz (o médium) não estou em contacto constante com ele. Mas se ele tiver algum problema ou angústia, eu fico a saber e venho ver o que posso fazer. Tive dificuldade em tomar o controlo esta noite porque o médium não tem feito sessões regulares e eu perco o jeito—Além disso, não fumo um cigarro há quatro semanas. Podemos fabricá-los deste lado, mas não são grande coisa. (Lingford, via o médium, costuma fumar um cigarro enquanto está no controlo). Já tentei várias vezes que este rapaz lesse "A Dança da Vida" (Havelock Ellis); gostava que tentassem fazê-lo ler; contém coisas que ele devia saber. Por vezes leio o teu Round Robin por cima do ombro dele.

Aquele tipo que tentou entrar (controlar o médium) não conseguiu falar, por isso expulsei-o.

Talvez possas dizer-nos o que ele queria dizer?

Ele queria dizer que J. T. está doente, algum problema de estômago. Não me cites nisso; não sei nada ao certo.

Bem, se algum desastre está para acontecer, eu não sei; vivo sossegado, sozinho; se a humanidade quiser explodir-se do mapa não me vai incomodar muito.

Vou fazer-te uma lista de livros que aparecerão no teu plano. Muitas pessoas daqui passam muito tempo a tentar fazer chegar livros e música ao vosso plano. Esta promessa, se for cumprida, seria algo único nos registos psíquicos.

O Pigmeu (sacudindo o médium para cima e para baixo, balançando-lhe o corpo, batendo ritmos de tambor imaginário): Sim, diverti-me—diverti-me—mas aprendi coisa nova. Agora tenho professor, aprendo coisa nova. Aprendo que a vida não é só caçar, comer, ter mulheres. Não! Vida significa aprender, vida significa crescer. Professor diz que sou homenzinho, não preciso de ficar pequeno! Aprender, crescer! Aprender coisa nova. O que se passa com o rapaz? Vim aqui duas, três vezes, não houve reunião. Pronto, adeus!

Este pigmeu afirma que conheceu ou foi empregado por Theodore Roosevelt na expedição africana deste último—"Pai Branco com vidro no gelo" (vidro nos olhos). Ele e a sua tribo ainda caçam nas selvas do astral, mas não matam animais. É a personificação da vida animal e vitalidade, e parece ser admitido pela sua influência nos presentes, ajudando a relaxar tensões e a mudar o ambiente.

SESSÃO DE DOMINGO, 22 DE DEZEMBRO DE 1946, À NOITE

O médium ficou sob controlo muito rapidamente e começou a falar com voz alterada e forte sotaque.

Este rapaz não queria deixar-me entrar, tentou afastar-me. (Pergunta) Não, ele estava pronto, mas tinha receio que eu não conseguisse falar. (Mark P. confirmou depois que era verdade.) Bem, sou Harry Lauder. Isto é uma experiência insólita—nunca fiz isto antes. (Pergunta) Sim, estou deste lado há alguns anos. Não sei quantos. Parece-me que morri nos anos 20. O tempo é muito diferente deste lado—como se pode falar de datas? (Pergunta) Sim, acho a vida aqui muito boa, muito agradável. Passo muito tempo a vaguear por Londres—mas agora está um caos! A guerra destruiu Londres!

Já encontraste o teu filho?
O meu filho? (longo silêncio) Não me lembro do meu filho. Tinha eu um filho? Que coisa estranha é esta? Lembro-me de outras coisas, como posso esquecer o meu próprio sangue?

Este comunicador não consegue lembrar-se nem do filho nem da esposa. Fica muito perturbado e volta repetidamente ao assunto. Finalmente diz que vai sair do corpo do médium, que John McCormick está ali e quer tentar cantar.

Uma personalidade diferente, dando o nome de John M., assume o controlo, fala um pouco, diz que a sua voz foi gravada por médiuns em Londres depois da sua morte, desiste de tentar cantar devido à fraca constituição física do médium. Deixa o médium, e Harry Lauder regressa, muito interessado na experiência, mas aflito com o filho e a esposa.

Um comunicador que já antes tinha aparecido nestas sessões assumiu o controlo. Até agora recusou dar o seu nome. Na sua aparição anterior, há cerca de três meses, previu um grande desastre natural no Pacífico Ocidental. Agora referiu-se a essa previsão, e ao recente terramoto e maremoto no Japão como seu cumprimento.

Pergunta: Podes dizer-nos de que forma te chega a informação sobre eventos futuros?
Comunicador: A Terra emite vibrações. Uma mudança, um desastre, tem a sua própria frequência vibratória. Aqueles entre nós que sabem como fazê-lo podem detetar esta mudança. É um tipo de pré-ação. É como o pensamento antes da palavra.

Pergunta: Viste tu mesmo o desastre japonês?
Comunicador: Sim, grande parte dele. Não, não tive de olhar através dos olhos de uma pessoa no vosso plano. Grande violência da Natureza ou do homem, como o amor, ou como o ódio, faz com que o Véu se torne fino; então podemos ver através dele.

Pergunta: Prevês outros problemas?
Comunicador: Do Oriente virão grandes problemas. Da Índia. Revolta sangrenta e luta. Pode muito bem acontecer que matem ou expulsem todos os homens brancos. Uma luta terrível. Tudo depende, para o futuro, da atitude da Inglaterra. A Inglaterra pode pedir ajuda aos EUA, mas penso que os EUA ajudarão apenas como pacificadores.

O tibetano, Lo Sun Yat, assume o controlo. É o filósofo da última sessão. Segundo o comunicador, Lingford, estava prestes a receber a iniciação à data da sua morte, e agora progrediu bastante.

Lo Sun Yat: Saudações! Sou Lo Sun Yat. Diz-me, o que é isto que oiço sobre desastres iminentes? (O conteúdo do último comunicador é-lhe

repetido.) É verdade que o problema da Índia vai conduzir a grandes e sangrentos conflitos. Tenho uma vantagem sobre o teu amigo Lingford. Posso obter a informação que desejas sem sair do corpo do médium. Faço-o por um tipo de projeção de mim mesmo.

(Pergunta sobre um certo Adepto.) Lo Sun Yat: É um homem frágil, de olhos azuis? Penso que é muito abastado. Vejo uma grande casa branca. Parece recém-pintada.

O sentido geral dos comentários seguintes deste controlo indica que o Adepto referido é "genuíno" e um homem de boa vontade. Se for um homem de boa vontade, (não importa a que Loja pertença). Ficou claro que Lo Sun Yat não tem contactos pessoais com o Adepto mas acredita que está "bem".

Lo Sun Yat falou depois de amnésia e possessão. Muitos casos de amnésia temporária devem-se a possessão por um espírito. Um dia, os vossos cientistas descobrirão isto e criarão um meio de o evitar ou remediar. Referiu o problema das pessoas sem auras: Espíritos que aparecem no vosso plano em corpos materializados por eles próprios não podem permanecer aqui continuamente; têm de atravessar e voltar a atravessar as fronteiras. Se morrem no vosso plano, o corpo simplesmente desaparece. Mas é uma visão desagradável.

Estas pessoas levam uma vida normal em quase todos os aspetos enquanto estão no vosso plano, mas não podem ter filhos. Quero falar dos dois tipos. Há boas pessoas que regressam aqui em corpos materializados para ajudar aqueles que lhes são queridos, ou a quem devem grande gratidão; ou para ajudar, por exemplo, um artista ou um cientista. O outro tipo é mau. Passaram muito tempo a aprender a materializar corpos, e regressam para fins de ódio e vingança. Não tenham dúvidas—muitos assassinatos são cometidos desta forma—por estes espíritos materializados.

Pessoas que estão muito doentes não têm aura. Pessoas que parecem estar de boa saúde e não têm aura, estão na verdade muito doentes.

Lo Sun Yat declarou ainda: Eu próprio não conheço qualquer Loja no Monte Shasta. Nunca vi sinais de tal Loja. Não digo positivamente que não exista.

Quanto a este Doreal. As suas afirmações não são verdadeiras. Sem dúvida, tem muitos seguidores. Lembram-se de duas pessoas que também tinham milhões de seguidores, cujas afirmações eram falsas? (Os Ballard.) Recolheram o conhecimento de muitas escolas ocultas; lançaram esse conhecimento sobre o povo com malícia—e por lucro. No entanto, sabiam bem o que estavam a fazer. Levar-lhes-á milhares de anos a reparar essa dívida cármica. Tanto Ballard como a esposa sabiam o que faziam. Tinham

conhecimento oculto, claro, mas as suas afirmações e propósitos eram falsos e egoístas. Dinheiro! Tudo foi sacrificado por dinheiro, por lucro. Eis os frutos desse sacrifício!

A Loja ou centro oculto da Baixa Califórnia existe realmente, mas não é um centro de bem.

A bruxa de Bell! Sim, temos o livro sobre esse assunto, deste lado. Não examinei este problema pessoalmente. Diria que a raiz de tais grandes males reside no ódio de uma entidade desencarnada. Deve ter havido um tipo de foco de ódios. O ódio e a violência em si podem assombrar um lugar. Ficam ali à espreita. Depois chega a pessoa ou grupo certo; as suas vibrações ajustam-se, estão recetivos. As forças latentes manifestam-se. Então, algum Ego malicioso, cheio de ódio, utiliza-as. Então, o seu poder é grande. Vou investigar mais este assunto.

Isto confirma o ensinamento oculto, de que pode formar-se um sistema de tensões ou pressões no éter, num dado lugar; e que uma mentalidade ajustada a elas as recebe—tal como um instrumento, um eletroscópio ou recetor de rádio, responde num campo específico e não noutro.

O controlo e guia, Lingford: Conversa longa e informal—sobre os elementais... Ah, sim, estes seres existem, sem dúvida. Espíritos da terra, do ar, do fogo, da água. Os pequenos espíritos do tipo fada são maravilhosos. São perfeitamente formados, como humanos, mas pode-se segurar um do tamanho real na palma da mão. Veem-se à volta das flores. Sim, têm uma espécie de procriação, mas parece ser uma procriação etérica.

É verdade que toda a matéria do plano terrestre pode ser penetrada por nós. (Pergunta.) Suponho que em teoria a terra poderia ser penetrada—mas isto não é uma atividade normal para nós—ainda penso que um espírito hesitaria muito antes de tentar penetrar as partes sólidas do globo... Sobre os Elementais, colocas-me num assunto sobre o qual tenho pouco conhecimento direto, mas li sobre eles em livros que temos deste lado. Mas vi as criaturas de tipo fada de que falei. São fascinantes e belíssimas—especialmente as fêmeas. (M. L. tentou perguntar a opinião de Lingford sobre as "Conversas de Quinta-feira" propostas...) Sim, sei. Ouvi-te falar disso ao telefone... É uma boa ideia. (Pergunta) Sim, gosto de pintar um pouco. Tento ajudar o Mark por vezes. Às vezes consigo dar umas pinceladas minhas. Penso que podia pintar através dele, no escuro—gostava de experimentar um dia destes.

Adenda

John McCormick: Bem, empurrei o Harry Lauder para fora—depois ele empurrou-me a mim. (Houve muita brincadeira entre estes dois, segundo o médium, que ouve alternadamente nos dois planos).

Harry Lauder: Gostava que me explicassem como isto acontece. Entro nesta sala, vejo-vos, vejo este rapaz, aproximo-me dele—de repente, estou a falar através dele. Não compreendo isto.

Lingford sente-se cada vez mais à vontade no corpo de Mark P.: Isto é realmente a maior maravilha de todas, Meade! Sinto este corpo, o meu rosto, as minhas mãos (refiro-me às do Mark, claro). Ouço-me a falar. O meu controlo dos músculos melhora a cada vez. Vejo que um dia ainda vou conseguir acender o meu próprio cigarro sem ajuda. Isto é um grande espanto para mim.

Lo Sun Yat: O conhecimento que os Ballard tinham de assuntos ocultos veio de livros… Conseguiram certos efeitos psíquicos, claro, por vezes.

Sim, entendo que perguntas sobre estas Ordens e Adeptos por bons motivos, não por curiosidade vã. Se não acreditasse nisso, não te daria esta informação.

Lingford: Receio ter sido eu o responsável pelo erro do Mark no retrato. Cheguei-me demasiado perto dele. Vou ajudá-lo a corrigir isso. (Antes da sessão, Mark P. estava a trabalhar num retrato, fez muito bem o olho, depois estragou o efeito com uma pincelada errada, o que o deixou muito perturbado).

SESSÃO DE DOMINGO, 29 DE DEZEMBRO DE 1946

Presentes: Mark Probert (médium), Irene P. (esposa), Dr. Cozman e esposa, Gil Opdyke, Margaret Layne, Elizabeth Brown e Meade Layne.

Foram feitas várias tentativas para controlar o médium, mas quase uma hora passou antes que boas comunicações começassem.

Harry Lauder (comunicador da última sessão) falou brevemente, mas passou a maior parte do tempo a ouvir uma sinfonia que tocava suavemente na rádio, marcando o compasso com o braço do médium. Como outro comunicador, Lo Sun Yat, afirmou depois que consegue ouvir todos os sons da Terra melhor quando não está no corpo do médium, parece provável que Lauder simplesmente desfrutou da novidade da experiência. Já na ocasião anterior, tinha demonstrado muito interesse.

Depois, Lo Sun Yat tomou o controlo, começando como de costume com movimentos vigorosos de rodar uma roda de oração, e anunciando o seu nome. Sim, de facto, os músicos do vosso plano continuam o seu

trabalho aqui. Mas há oitavas de som percetíveis para nós, que vocês nunca sonharam. Notas muito altas. Alguns de vocês conseguem ouvir alguns desses sons, se escutarem quando estão completamente relaxados.

Sim, aqui também os sons dependem da existência de um meio semelhante à vossa atmosfera, mas muito mais rarefeito. Sim, músicos daqui tentam fazer chegar as suas composições aos músicos da Terra. (Pergunta) Este médium tem falado muito em várias línguas durante o sono. Sim, vários espíritos querem experimentar o controlo do organismo, mas agora têm cuidado para não lhe fazer mal. O estado de consciência do médium, na maior parte do tempo enquanto isto decorre, é o que já descrevi como o estado de Eu—consciência, mas não autoconsciência. Sim, é possível que o médium esteja acordado e ativo no astral durante esses períodos. Têm perguntas?

Tentou-se colocar algumas perguntas de natureza científica. Perguntaram ao comunicador se podia dar a distância do Sol à Terra, como é conhecida pelos cientistas do seu lado da vida (distância média do Sol). O comunicador deu a distância de 22.500.000 milhas. Mas afirmou não estar preparado para responder a perguntas desse tipo; disse que estaria pronto na próxima vez. O comunicador saiu do corpo durante algum tempo, mas disse que ouviria qualquer pergunta formulada.

M. L. explicou então, de forma detalhada, o conteúdo de um relatório recentemente recebido de Edward John, acerca de uma zona no Condado de Mendocino, Califórnia, onde John alegava que os Espíritos da Natureza eram visíveis sem clarividência, bem como espíritos índios que eram visíveis, e certas manifestações de seres elementais de vários graus.

Lo Sun Yat regressou rapidamente, agitando os braços do médium. Sim, de facto, há tempos e lugares em que estas condições existem… Não conheço este caso em particular, mas os factos relatados podem ser inteiramente genuínos… Não, não precisam de ter receio de investigar. Vão lá com boa intenção. Podem contar com alguma proteção deste lado, mas não devem depender disso. O Homem deve aprender a enfrentar estas coisas pelos seus próprios meios.

O problema do tempo decorrido, recentemente levantado por Vincent Gaddis, foi então apresentado por M. L. Uma pessoa que pratica a projeção astral deixa o corpo denso, atravessa a sala (por exemplo) e toca na parede ou num gongo, depois regressa ao corpo denso. Assim que volta à consciência normal, ouve o som, mas não antes.

Lo Sun Yat respondeu: Não há tempo decorrido! Se, enquanto está no astral, toca num objeto material, não é produzido nenhum som. Mas há uma alucinação retardada de som, devido à forma como tal coisa acontece no

vosso plano, e a pessoa experiencia essa alucinação ao despertar no seu corpo denso.

Mas certamente os sons são produzidos no plano astral—têm origem lá e são ouvidos lá. Suponhamos que a pessoa projetada toca no duplo etérico da parede ou do gongo. Presumir-se-ia que é isso que acontece, observou Meade.

O som etérico, nesse caso, pode ou não ser ouvido pela pessoa que o produz, no momento. Esse som não pode ser ouvido no vosso plano. Mas ao regressar ao corpo denso, a memória do som, se foi ouvido, ou a crença de que o som foi produzido, provoca uma alucinação de som sentido pelo corpo denso.

Comunicador Lingford: Aqui Lingford. Um cigarro, por favor. Este médium tem bebido demasiado café. Um pouco de café está bem, mas não em quantidade. Faz muito mal aos rins… Apresenta-me, por favor, a estas senhoras jovens. Seguiu-se conversa casual e amigável.

Sim, tenho estado aqui a ouvir aquele Chinês, e às vossas perguntas. Ainda bem que não tive de responder a tais perguntas. Ah, chamo-lhe Chinês; claro, é um homem muito erudito, uma inteligência muito fina. Sei que é tibetano, mas para mim é Chinês na mesma.

A conversa passou gradualmente para o tema de ataques astrais e psíquicos, que, dadas as circunstâncias, teve de ser tratado com reserva.

Estás familiarizado com o termo congressus subtilis?

Não, o que significa exatamente—traduze.

Bem, a tradução óbvia, congresso subtil, ataque sexual, geralmente por uma pessoa em corpo astral ou etérico, talvez projetado a partir do corpo denso. Os ocultistas acreditam que isto acontece, mas o assunto não é bem compreendido.

Certamente, tais ataques são possíveis e acontecem. Pode haver, e muitas vezes há, um grau de materialização do corpo do atacante. Esta materialização pode não ser visível, mas pode ser sentida.

Toda a experiência do ataque pode ser sentida no corpo denso. Mas, regra geral, a pessoa atacada é em grande parte responsável—ou porque tem muito medo que tal aconteça, ou porque o deseja, talvez só subconscientemente. Isso abre o caminho a um ataque por desejo forte, especialmente se o atacante souber controlar o corpo etérico para esse fim. Mas esses ataques são mais fáceis para quem está deste lado; poucos do vosso lado têm suficiente habilidade em projeção astral… sim, ataques astrais ou psíquicos podem ser quase involuntários, ou melhor, não planeados, mas apenas resultado de desejo forte e imaginação persistente.

Tens ideia porque tivemos tanta dificuldade em começar esta noite? Foi por causa dos nossos visitantes, ou por alguma má disposição da sala? Não, não foi isso. A esposa dele foi a causa. Ela esteve afastada dele cerca de oito semanas.

O médium, Mark P., há alguns meses teve um sonho ou experiência astral, na qual encontrou um indivíduo muito ameaçador, diante de um grande arco escuro. Recentemente, depois disso, viu em casa de um conhecido, um artista, um quadro deste mesmo homem, embora com roupa diferente, diante do mesmo arco. Esse quadro era cópia de outra imagem. A original ainda não foi localizada. Lo Sun Yat afirmou que a experiência teve lugar no astral, e que o homem era membro da Ordem Negra, interessado em Mark P. por causa dos seus poderes psíquicos, e que queria envolvê-lo com as forças negras.

Disse também que o quadro visto por Mark P. era uma representação real desse mago negro. Admitindo que estas afirmações estejam corretas, temos um caso interessante de um objeto material formar uma ligação entre uma pessoa viva e um "mago negro". Este último, aliás, segundo Lo Sun Yat e Lingford, ainda estava vivo em corpo denso. Essa ligação provavelmente não foi acidental, e a história do quadro e do original, se for descoberta, pode ser uma ilustração interessante dos métodos desviantes por vezes usados nestes assuntos.

12 DE JANEIRO DE 1947, em San Diego

Presentes: Mark Probert (médium); Irene Probert (esposa); G. W. Opdycke; Hertha Kipps; Dr. Cozmon; Sra. Cozmon; Betty Long; Christina Leriche; Meade Layne.

Houve um grande atraso no início da sessão, talvez devido à presença de novos participantes; depois Mark P. entrou em transe, mas as personalidades controladoras não conseguiam falar. Finalmente o controlo tibetano Lo Sun Yat apareceu, com os habituais gestos de rodar a roda de oração. A conversa tinha estado a girar em torno de fenómenos recentemente observados no Condado de Mendocino (Califórnia), e Lo Sun Yat pegou neste assunto de imediato.

Lo Sun Yat: As condições em Mendocino parecem novas para vocês; mas esse não é o único local, e estas situações vão tornar-se cada vez mais comuns. O mundo etérico está a abrir-se como uma cortina. Existem sítios com condições semelhantes por todo o lado. Mas esta condição é passageira; é uma fase da história da Terra, mais do que resultado de qualquer abaixamento do limiar de consciência—ainda que haja também

algo disto último. E a atitude da humanidade tem influência sobre estas condições. Se nada for feito, se ninguém lhes prestar atenção, ou se forem ridicularizadas e rejeitadas, as condições podem não voltar durante muito tempo. É uma oportunidade oferecida à humanidade para aprender algo sobre outros planos e outras ordens de evolução. Os espíritos da natureza e os elementais serão visíveis sem clarividência, à visão normal.

Têm de aprender novas leis da Natureza. Não tenham medo. O homem não tem nada a temer. Os ensinamentos tolos são, em grande parte, responsáveis pelos vossos medos.

Muitos dos vossos velhos amigos parecem ter regressado esta noite e muitos outros estão à volta a observar esta sessão. Alguns deles estão dominados pelo espanto. Há um grande número de pessoas deste lado que não sabem dos meios de comunicação entre planos, ou não aceitam isso. Aprenderão com o tempo, tal como todas as pessoas do vosso plano aprenderão.

O controlo Lingford seguiu-se a Lo Sun Yat. Falou da sua longa ausência das reuniões, pediu o seu cigarro habitual. Tenho andado por aí a ver se apanhava notícias interessantes para vocês. Quero que saibam que antes deste ano acabar, uma máquina será aperfeiçoada para comunicação com o mundo etérico. Vai ser ridicularizada, combatida e muito discutida. Esta máquina será inventada por um eletricista e físico avançado, e vai acabar com muitas ideias religiosas. Vai ser construída no leste, creio que em Nova Iorque. Vai usar uma frequência muito alta e grande sensibilidade. A transmissão ou contacto será pela fala—pela voz. Isto vai realmente causar muito rebuliço...

Sei que há várias pessoas aqui esta noite que se perguntam sobre a verdadeira explicação da sessão e quanto do subconsciente do médium entra nisto tudo. Isso não faz mal nenhum. Só peço que estudem, aprendam, leiam, demorem o vosso tempo para tomar decisões, mas nunca parem de estudar e aprender. Sim, estive em Nova Iorque e estava um frio do diabo. Sim, sinto o frio porque, ao seguir pessoas, entro na sua aura. A aura emite vibrações ou calor ou frio... Alguém está a tentar que eu saia daqui—vou sair por um tempo.

Lingford foi substituído como controlo por Ramma Kalo, um tibetano. Corrigiu a ortografia do nome, que antes aparecia nestas notas como Rama Ka Lo. O acento está na última sílaba.

Ramma Kalo: Bem, vim em parte para vos falar sobre essas criaturinhas. Meade, se fores para as colinas a leste da tua cidade numa manhã de verão, e fores para um sítio com muita vegetação e te sentares, quieto, depressa vais ver essas criaturas. Deves procurar luz verde—verde

pálido. Não, a clarividência não é necessária. Vai para onde há flores e árvores e fica muito quieto. Sim, se conseguires ver essas formas sem clarividência, parece-me certo que também as podes fotografar.

M. L. contou um incidente de três dias antes, quando uma mulher em Ramona, Califórnia, viu um pequeno Espírito da Natureza num arbusto junto à janela, e chamou o marido, muito cético, que não só viu, como o fotografou com uma câmara de filmar. O marido é médico e bem-sucedido. A mulher disse que o espírito ou "gnomo", como ela lhe chamou, irradiava raios de luz em finos feixes coloridos. Dançava animadamente e foi observado durante algum tempo.

Ramma Kalo: Sim, isso parece-me bastante provável e correto. Em breve, muitas pessoas vão vê-los. Mas quero que também fiquem atentos a fenómenos no céu. Bem, a ciência está a avançar a passos largos; se já aceitou os Espíritos da Natureza não sei. Estas condições de contacto etérico devem durar vários anos, mas se forem ridicularizadas e postas de lado, os portais fechar-se-ão novamente. São leis naturais, mas essas leis incluem também a ação das mentes humanas.

Pessoalmente, não penso que vá haver uma grande guerra por volta de 1960, porque cientistas e homens instruídos de todos os países vão perceber que o desaparecimento da civilização seria o resultado. As armas disponíveis serão muito mais terríveis que a bomba atómica. Uma delas é gás venenoso de grande poder e efeito mortal; outra será o raio supersónico, que mata ao toque—ou então a vítima morre pouco depois pelos seus efeitos. Sim, tentativas de guerra serão feitas.

Kay Ting: Este comunicador disse, em resumo, que o contacto habitual entre o plano terrestre e o mundo invisível, equivalente a uma quase clarividência universal, será estabelecido em cerca de 100 anos, se não houver grande mudança ou obstáculo. A clarividência pode ser desenvolvida pela meditação. A meditação ativa é a melhor ("com semente"). O desenvolvimento do poder de visualização, de pintar com a mente, é muito importante, pois é a base da manipulação da matéria no reino invisível.

No final desta sessão, o médium começou a falar com uma voz feminina fraca e fina, muito triste, enquanto lágrimas lhe corriam pelo rosto. Fui missionária, morri numa pequena cabana de colmo em África—no fundo da selva. Que estranho, estar a falar aqui: mal sei como falar… Tentei falar com muitas pessoas mas ninguém quis ouvir… Oh, tenho tanta sede! Não, não vale a pena dar água a este médium, pelo que me dizem… Oh, fiquei tão desiludida! Desiludida: Traída! Esperava que tudo fosse tão diferente. Esperava ver Deus e os seus anjos. Traída por tudo em que

alguma vez acreditei. Tudo o que me ensinaram sobre a morte e a religião estava errado…

A este espírito foi dada a ajuda e os conselhos possíveis. Os controlos explicaram que muitas vezes estas pessoas são mais recetivas à ajuda do nosso plano, pois continuam muito na nossa vibração de matéria densa. Existe uma necessidade desesperada de "círculos de resgate", mas isto é quase completamente negligenciado pelos espiritualistas.

19 de Janeiro de 1947

Presente: Mark Probert, médium.
Oito participantes.

Controlo Lingford, falando sobre toxicodependentes: Os seus sofrimentos aqui são realmente terríveis. O corpo etérico sofre tal como o corpo denso, pela privação da droga… Falando da Segunda Morte—Sim, sei o que se entende por essa expressão… Bem, em todo o tempo que estou nesta vida, nunca vi uma concha astral nem sequer um pedaço de uma.

Lingford cedeu abruptamente ao controlo Lo Sun Yat: Vejo que Lingford andou a meter-se em águas profundas. A segunda morte, como a entendemos, refere-se à reencarnação a partir dos níveis astrais. Os veículos não morrem, condensam-se e concentram-se; o corpo etérico é descartado gradualmente. Mantém a sua natureza, e esta concentra-se no átomo-semente. Todas as coisas contêm átomos-semente, estrelas e mundos tanto quanto homens.

Para nós, a Mónada é tríplice, não realmente uma Mónada, e a sua trindade reflete-se em todos os planos inferiores da encarnação. Não percebo bem porque existe uma paixão tão forte pela separação, individualismo, quando isso certamente não é a vontade do Eu Superior—quando tem de ser ultrapassado.

Há projeção de um veículo na clarividência?
Isto é muito difícil de explicar. Projeção implica espaço, mas o espaço é uma forma de consciência. O que existe é consciência expandida. Não podemos conceber consciência sem veículo, mas (consciência e veículo são, na verdade, uma e a mesma coisa.) Isto aplica-se a todos os métodos de projeção, bem como à clarividência. Há uma espécie de alucinação de viagem espacial, mas essa "viagem" é um aumento de consciência. Interpretamos a perceção de distância, ou lugares distantes, em termos espaciais, mas o espaço não é uma entidade objetiva, algo a ser atravessado.

Controlo Irmã Theresa (antiga comunicadora, Igreja do Sagrado Coração de Nova Iorque). Estive a ouvir a vossa conversa. Interesso-me

profundamente por temas filosóficos e científicos. Passo muito tempo a estudar—a mente não é masculina nem feminina… Dizem-me que com o tempo já não terei este corpo velho… Oh, sim, há muitos velhos aqui. Isso porque têm a ideia de envelhecer, pensam nos corpos terrenos como sendo velhos, e isso afeta o corpo etérico. Conheci bem o Lingford. Ele é um homem relativamente jovem, uns 30 anos. Fui à casa dele. Tem uma casa bonita num vale, com uma vista maravilhosa para um lago. É estudante mas viaja bastante—mas não é pessoa muito sociável.

Bem, para conseguir uma casa ou qualquer outra coisa aqui, é preciso visualizar. Mas a nossa visualização não é como a vossa. É espontânea, como a visualização num sonho... as nossas coisas são estados de sonho que se tornam realidade.

Onde vivo? (Longo silêncio.) Bem, devo viver em algum lado. (Silêncio.) O meu maior prazer é ensinar crianças.

A comunicadora Mary Jane Bryan não sabe que está "morta" nem que está a falar através de um médium—examina as mãos, os anéis e a roupa do médium, está muito triste, excitável, fala sobre o marido.

O controlo Lo Sun Yat, falando sobre apports: A matéria densa do objeto apportado é desintegrada. Isto é feito direcionando um poderoso raio de energia do pensamento sobre ele. Não, nem todos conseguem fazer isto, requer um operador experiente. Estes mesmos átomos são transportados até ao local onde o objeto apportado deve aparecer. (Pergunta) A forma mantém-se porque o padrão etérico não é destruído. Este padrão ou forma etérica é em si mesmo uma forma de matéria e também é transferido para o local desejado.

Domingo, 2 de Fevereiro de 1947

Presentes: Dr. e Sra. Cozman, Gil O., Irene P., Meade L. e mais seis pessoas. O início foi atrasado quase uma hora, provavelmente devido ao grande número de participantes.

Lingford assumiu o controlo: Queixou-se do tamanho do grupo, disse que era muito difícil comunicar. Comentou brevemente sobre o Adepto FCH, depois disse que se ia retirar por um tempo. Foi imediatamente seguido por um controlo com o nome de Arthur George Anderson.

Há poucos dias falei através deste médium. Disse-vos que morri no acidente de avião na Flórida, EUA. Ouvi-vos depois a comentarem eu ter dito "EUA" e quero que saibam que isso é apenas uma forma de falar de piloto. Quando se pilota um avião começa-se a pensar de forma diferente. (Foram feitas várias perguntas.) Não, não consigo lembrar-me se estava mais alguém no avião, nem de quem era o avião, mas sei que estava

sobrecarregado. Só me recordo de escavar-me para fora da lama, da sujidade e da escuridão…

Este comunicador falava devagar e com dificuldade, ainda estava confuso. Disse: Sim, vocês falam de Guias e Ajudantes, mas tudo o que vejo são pessoas ocupadas com os seus próprios assuntos. Não me dão atenção nenhuma. (Foi-lhe dito para pedir conselho a Lingford.) Queres dizer o homem que acabou de falar aqui? Bem, vou tentar isso.

Lo Sun Yat regressou. Ficou muito satisfeito por ninguém estar a fumar. Perguntaram-lhe sobre os Kahunas e os rituais Huna. Inicialmente, opinou que essa informação só poderia ser recuperada dos registos akáshicos, ou por meditação, mas depois pareceu achar que talvez fosse possível consultar os próprios espíritos dos Kahunas. Prometeu investigar o assunto. Outras conversas com LSY foram irrelevantes ou referiram-se a material já registado nestas notas.

Lingford regressou por breves instantes, sendo sucedido por um Comunicador Desconhecido, que fez uma invocação ritualística relativamente longa. Segundo ele, era uma invocação à Vida Cósmica ou ao Absoluto usada pelos antigos egípcios. Tendo em mente a existência de Huna entre as tribos berberes do Norte de África, Meade L. tentou obter informação por perguntas indiretas. Isto resultou em quase meia hora de conversa religiosa e filosófica, da qual não há registo (não havia estenógrafo presente e ML não conseguiu tomar notas e conduzir a conversa ao mesmo tempo). Espera-se corrigir esta situação no futuro.

Lingford (regressando): Ufa! Estive aqui a ouvir aquela conversa. Estou quase esgotado! Deviam chamar o Lo Sun Yat para isso. Sim, ele seria melhor. É muito mais espiritual do que eu. Sim, acho que seria bom magnetizar a máquina fotográfica com as mulheres mexicanas. Sim, a fotografia de espíritos envolve um grau de materialização, mas muito ténue—não suficiente para o olho captar.

Bem, eu estou totalmente a favor de experimentar. O Dr. Cozman pode fotografar o rapaz (Mark P) e eu fico à distância e talvez também possam captar a minha foto. Certamente já faz muito tempo que não tiram uma foto minha. Outra coisa, Meade! Se conseguires levar este rapaz a um bom médium de materialização, quero tentar materializar-me. Nunca tentei isso. Talvez não seja boa ideia! Talvez, se me virem bem, não queiram mais nada comigo.

Bem, se arranjarem uma nova sala para estas sessões, ao princípio não serão muito boas. O local tem de ser magnetizado, embora eu não goste muito da palavra—mas é a única que conheço. (Pergunta sobre que tipo de operação consiste essa magnetização.)

Bem, tu sabes mesmo fazer perguntas difíceis! É algo assim: Vês, a mente subconsciente foi, durante séculos, uma espécie de cão de guarda do homem—o seu guardião. Quando levas este cão de guarda para um lugar novo ele fica alerta e desconfiado. Podes não saber isto conscientemente, mas é assim! O subconsciente de todos, dos participantes e do médium, tem de conhecer o novo local e sentir-se em casa e confiante nele.

Então, o que chamamos magnetização de uma sala ou local nada tem a ver com afetar as taxas de vibração da matéria densa desse novo lugar?

Oh, não, de modo nenhum.
É tudo uma questão de ajustamentos subconscientes. Tens de ensinar ao cão de guarda que está tudo bem.

(Por Irene P.): Os controlos começam a tentar falar pelo Mark duas ou três horas antes das sessões. Como seria se mudássemos a hora para as 18:00 em vez das 20:00?

Bem, eles têm tanta vontade de falar que vêm cedo e continuam a tentar controlar o rapaz (Mark P). Suponho que aches que devia estar atento e mantê-los todos afastados, mas os guias e ajudantes muitas vezes têm razões para não interferir. Por um lado, é bom que o rapaz aprenda a lidar com eles sozinho e não dependa tanto de nós para ajuda... Podem mudar a hora se quiserem. Tenho todo o tempo do mundo—não faz diferença para mim.

Aquela jovem ali tem uma pergunta... Sei porque sinto a energia do pensamento a vir dali. Vem em ondas (fazendo gestos ondulantes com as mãos para ilustrar). É perfeitamente fácil de sentir. É assim que sabemos quando começam uma sessão. As ondas chegam até mim esteja onde estiver, tudo o que tenho de fazer é segui-las. (Pergunta) Sigo-as por um tipo de instinto; sabe-se naturalmente como fazê-lo e, de repente, está-se na origem.

INSTRUÇÕES DE LINGFORD PARA O DESENVOLVIMENTO DA CLARIAUDIÊNCIA

À mesma hora todos os dias, deita-te de costas durante 15-20 minutos; mantém o corpo absolutamente quieto. Não tentes controlar a mente exceto não seguir nenhum raciocínio apertado. Deixa a atenção fluir de uma imagem ou ideia para outra e ouve também pequenos sons exteriores. Formula uma pergunta, enuncia-a e mantém-na em pano de fundo na tua mente. Deixa a mente vaguear, com imagens variáveis. Pode demorar três a quatro meses. Sê regular e persistente. Fica perfeitamente quieto. As respostas surgirão em flashes entre as imagens ou formas-pensamento que se vão alternando. Podes ouvir muitas vozes. Rejeita tudo exceto a resposta

pretendida. Isto é importante, vital, para manter a clariaudiência sob controlo. Rejeita tudo exceto a resposta, ou material relevante. É perigoso se não fizeres isto.

LSY declara que, embora possamos transmitir imagens, símbolos e sinais pelo nosso próprio poder telepático, toda a mensagem "vocal"—ou seja, o pensamento em palavras—tem de ser transmitida por "mensageiros" espirituais, que a transmitem com velocidade relâmpago ao destinatário, por uma espécie de projeção de consciência.

Suponhamos que visualizo as letras de uma palavra—C A T, por exemplo. Qual a diferença entre transmitir a imagem visualizada da letra C, e a imagem de um quadrado ou triângulo?

O animal gato é universalmente conhecido, mas a palavra cat é própria da língua inglesa. Se visualizas as letras e consegues transmitir a imagem ou ideia de gato, é porque transmitiste a imagem associada à palavra. Assim, chat ou gato também serviriam.

Mas é muito mais simples visualizar o animal, gato.

DOMINGO, 8 DE FEVEREIRO DE 1947

Presentes: 12 pessoas

Um controlo desconhecido comentou que as condições estavam muito boas. Um segundo controlo desconhecido falou brevemente numa língua não identificada.

Lo Sun Yat apareceu brevemente, cumprimentando com palavras amáveis. Um controlo desconhecido, aparentemente de origem indiana, fez gestos de dança e entoou cânticos.

Lingford assumiu o controlo, comentou as boas condições, as caras novas, etc. Falando sobre comunicação, disse: Se uma pessoa quer entrar, entra. Não há maneira de impedi-la. Eles conseguem entrar porque sabem como. Pessoas do vosso plano vêm até nós quando sabem como, e quando não sabem não se preocupam connosco.

Pergunta: E quanto ao uso de magia protetora e várias formas de operação mágica? Têm alguma eficácia?

Não sou muito versado nesses assuntos. Tenho a certeza de que Lo Sun Yat saberia muito mais do que eu, mas dou a minha opinião. Pelo que vejo, essas invocações têm de ter por trás um conhecimento muito profundo do que se está a fazer. Por isso não é particularmente perigoso para um principiante baralhar as palavras, porque não tem significado. Só é eficaz quando a força do conhecimento está por trás das palavras.

Pergunta: E os exorcismos e banimentos? Funcionam?

É preciso considerar estados de consciência, se a pessoa do meu lado é

mais forte e sabe mais—ou se a pessoa do vosso lado é que sabe mais. No saber mais há força, há poder; é uma questão de qual força é mais forte, pois vão enfrentar-se. Na verdade, não são forças, mas estados de consciência. O lado que tem o sentido de consciência mais aguçado vence.

Pergunta: Então, quando um ritual é feito com intenção e poder, tem um certo grau de eficácia no plano astral?
Oh, sim: Em si mesma, até a vibração da voz é um fator muito forte, e com a forma das palavras dá corpo ao pensamento por trás delas.

M. L. perguntou se as pessoas no plano de Lingford poderiam proteger-se de seres de planos superiores. A resposta foi que era uma questão de poder; os planos superiores podiam observar os planos inferiores tal como os inferiores observam o nosso.

M. L. perguntou se era possível chamar pessoas do plano astral meditando e concentrando-se nelas. Lingford respondeu que era tão eficaz como a telepatia na Terra, e que o chamado podia não ser ouvido durante algum tempo, talvez dias—era uma receção telepática atrasada. Sim, a mensagem é recebida pelo subconsciente mas fica guardada de alguma forma, não chega à consciência durante algum tempo.

M. L. comentou que a ideia de mensageiros espirituais serem ativos em certas formas de telepatia parecia muito extraordinária.
A resposta de Lingford foi interrompida por Lo Sun Yat, que declarou: Só parece extraordinário porque não compreendem a velocidade a que estas entidades operam—Sim, são personalidades reais que se transferem através do espaço por uma extensão da consciência.

Seguiu-se uma discussão entre M. L. e Lo Sun Yat sobre a transmissão de símbolos versus palavras. Lo Sun Yat admitiu que as letras CAT (por exemplo) podem ser visualizadas tão facilmente como um quadrado ou triângulo, mas defendeu que o que é transmitido pelo poder do emissor sozinho (sem ajuda espiritual) é a imagem mental de um gato que acompanha a soletração—isto é, o símbolo universal gato, que pode ser representado por cat, chat, gato ou outros equivalentes. Portanto, era mais simples transmitir uma imagem ou símbolo do que palavras ou imagens de palavras.

Lo Sun Yat repreendeu o amigo americano Lingford por fumar enquanto estava no controlo do corpo do médium. Disse que era prejudicial aos órgãos que ele próprio também tinha de usar para comunicar. Suspeito que o Lingford ainda está um pouco preso à Terra.

M. L. colocou uma pergunta enviada por um matemático de Chicago, Roger Graham: Qual é a velocidade descendente, em milhas por hora, do éter à superfície da Terra? Lo Sun Yat respondeu que não podia responder,

mas que alguém mais qualificado poderia responder mais tarde nessa noite. Esta pergunta causou muita discussão do outro lado. O médium, ao voltar à consciência normal, conseguiu ouvir isso de forma clariaudiente, e pediu a M. L. para retirar temporariamente a pergunta, para que outros comunicadores não fossem atrasados.

M. L. então colocou outra pergunta de R. G.: Existe uma entidade pré-existente que entra no corpo de cada criança por volta da altura do nascimento?
LSY respondeu: Posso responder SIM, de forma muito clara. O corpo pré-existia apenas na forma de molde ou padrão. Este é um padrão selecionado subconscientemente pela mulher.

Dr. Cosman: Então o conceito mental da mãe e o conceito da Natureza são uma ligação? Ambos estão a criar a mesma coisa?
LSY respondeu afirmativamente.

Dr. Cosman: E a mãe apenas cria na sua mente, mas a imagem original vem da consciência da Natureza?
Isso está correto, e deve-se apontar que os seres humanos ainda são, até certo ponto, governados por uma força grupal.

Isso também se aplica aos animais?
Há uma espécie de molde ou forma pré-existente na Natureza, e a mãe inconscientemente aceita um desses moldes, e depois este é preenchido pelos átomos do corpo denso? Está correto?
Sim, respondeu Lo Sun Yat.

E quanto ao conceito do átomo-semente? Já existe no molde?
O átomo-semente é possivelmente o mais próximo do Absoluto, tal como pensamos o Absoluto, quanto qualquer matéria pode estar, por isso deve existir no coração do molde ou núcleo.

Somos demasiado propensos a deixar o pai de fora deste processo. A maioria dos homens quer um filho, e a criança acaba por ser uma filha. Que imagem é reproduzida, o conceito masculino ou feminino?
Aqui, acreditamos que a Natureza intervém. O homem querer um filho e a mulher querer uma filha é apenas vaidade física—uma consciência superficial, uma consciência do ego. Não há pensamento real por trás, por isso não transmite nenhuma mensagem ao átomo-semente.

LSY saiu e Lingford reapareceu. Disse que a pergunta sobre a velocidade do éter estava a causar agitação e discussão, mas, na sua opinião, nenhum deles sabia realmente do que estava a falar. M. L. foi solicitado a retirar temporariamente a questão.

M. L. fez uma pergunta sobre segregação social e racial nos níveis astrais. Disseram-lhe que existia segregação voluntária. Lingford manifestou a opinião de que tal separação é inútil.

M. L. e Dr. C. falaram dos Kahunas e expressaram o desejo de falar com um deles. Dr. C. fez um pedido direto para que Lingford providenciasse isso. Em dois ou três minutos apareceu um controlo, falando com voz forte. (Depois foi descrito como um homem muito grande). Entoou o nome AUMAKUA (o Eu Superior dos Kahunas). Afirmou que era ou tinha sido um Kahuna ("sacerdote, curandeiro, homem de medicina").

Agradecemos-lhe a vinda, disse Meade Layne. Somos estudantes da vossa religião perdida. Gostaríamos de recriar alguns dos rituais que fazem bem às pessoas. Grande era a vossa magia nas ilhas do mar ocidental. Não nos quer ajudar com a sua sabedoria? Os segredos da vossa magia não são todos conhecidos por nós. Diga-nos como chegou a AUMAKUA.

Como sabe esse nome, AUMAKUA?
Os nossos estudiosos têm estudado a vossa religião nas ilhas do Pacífico. Queremos saber como chegar ao Eu Superior.
Puxe a consciência para dentro de si. Use canto! Use palavras! AKUA! Cante—grande vibração a mover-se no ar! Cante desde o fundo, voz vinda do fundo da barriga. Puxe a consciência para dentro da mente subconsciente. Puxe para dentro de si.

E o perdão a si próprio? E a abertura dos Caminhos?
É preciso saber! Tem de atingir um nível de consciência em que não encontra culpa em si. O perdão a si próprio, grande amor, da Roda da Vida. Tem de ir agora.

Se tem de ir, volte e traga-nos alguns dos seus rituais. Procuramos a sua sabedoria para a cura de corpos e almas.

Depois da partida do Kahuna, Lingford assumiu novamente o controlo. M. L. mostrou-se surpreendido por o Kahuna ter sido contactado tão rapidamente. Lingford: Um dia tentarei explicar como isso se faz. Fizemos o contacto rapidamente porque todos o quiseram.

M. L. voltou ao tema da cura, falou dos milagres em Lourdes e noutros santuários, e de serem provavelmente idênticos, na sua natureza, aos dos Kahunas. Perguntou se podiam ser explicados.
Primeiro há um estado de consciência de massa, e este, por sua vez, cria uma consciência semelhante no éter—e isto volta para a consciência individual. Envia uma espécie de carga elétrica do cérebro e da coluna e abre os canais psíquicos nas costas.

Estes canais lançam uma força de cura maravilhosa por todo o corpo. Atua na construção atómica do corpo, nas forças que mantêm o corpo unido. Isto parece estranho apenas porque não conhecemos as forças que mantêm o corpo unido, a força motriz por trás disso. Quando se rearranja a estrutura atómica de uma ferida ou tecido em condição doente, rearranja-se para um padrão limpo. Há uma espécie de limpeza das células mortas. Vê, algumas formas de doença acontecem primeiro no duplo etérico, antes de chegarem ao físico. Se pudessem ser travadas aí, não se manifestariam no físico, e isto será feito no tempo futuro.

Nestas curas "milagrosas", então, não há personalidade nem religião particular envolvida.

Para ser muito direto, isso é o que vocês chamam de uma grande treta. Não gosto de destruir os sonhos das pessoas, mas é apenas desejo. Aqueles que, nos séculos passados, evoluíram no círculo religioso, seguiram em frente. Não têm tempo para esse tipo de coisa agora. Cristo está tão avançado em relação a este plano terrestre que é simplesmente absurdo.

É verdade, não é, que a crença ativa de um grupo é essencial para a operação, como numa prática de cura? Resposta afirmativa.
O Eu Superior está envolvido nesses processos de cura?
É o que se chama uma reação natural, como no crescimento de uma semente. É a Natureza em ação, ou, se quiser, Deus em ação. Atua apesar de Si mesmo.

Os Kahunas conseguiam o mesmo com rituais e magia.
Acho que é tudo a mesma coisa. Isto é apenas uma teoria. Temos uma forte tendência a colocar muito misticismo nisto. Claro, é muito fascinante para o homem comum. Faz com que ele pare e pense, por vezes de boca aberta. Mas se as pessoas se conhecessem, perceberiam algo sobre a reação que está a ocorrer e não precisariam de ir a nenhuma porta da Divindade do Cristianismo ou de qualquer outro culto ou ensinamento. Muito do ensinamento das vossas religiões e cultos está num estado confuso devido ao mistério que lhes é atribuído.

Percebemos que caímos num estado de confusão. Agora, voltando aos Kahunas e à cura instantânea.

É definitivamente um mecanismo psíquico a acontecer no indivíduo e na massa. Na verdade, quanto mais generalizada a crença, mais provável é que algo aconteça, porque dá força ao pensamento, na qual reside a construção de todas as coisas.

Devemos trabalhar em grupo, então, se queremos reconstruir os rituais?

Eu diria que sim. Um dia vamos compreender melhor o poder do som—das formas das palavras—das vogais.

Lingford despediu-se. O controlo seguinte era desconhecido, nunca tinha comunicado com este plano antes, e parecia não conseguir reconhecer a sua própria identidade. Mas falou de forma coerente, e disse: O Almirante Byrd não regressará da sua presente expedição.

Outro comunicador também não tinha lembrança clara de quem era, mas através da conversa começou a recordar algumas coisas. Disse que era amigo de Lingford, que Lingford o trouxera ali (para experimentar comunicar por um médium), e que a sua consciência e memória eram normais, mas que as condições de comunicação o confundiam muito. Acabou por se identificar como Dr. Bell, de Chicago. Disse: Lingford está mesmo aqui a rir-se para mim.

M. L., para Dr. C.: Pergunto-me se ele está ligado à família Bell do caso da Bell Witch.

Dr. Bell: Bruxaria! Digam-me, isso não é tudo histórias de contos de fadas?

Bem, alguns de nós pensam que as bruxas saem dos livros.

Dr. Bell: (Surpreendido) É mesmo? Pensei que fosse tudo disparate.

Domingo, 16 de Fevereiro de 1947

Presentes: cinco participantes; três mulheres, dois homens.

Após um longo atraso e várias tentativas frustradas de controlo, uma entidade manifestou-se, falando com voz sufocada e aflita, em inglês hesitante. Declarou ter sido um soldado japonês, morto por um oficial seu nas ilhas durante a última guerra. Disse que tudo estava escuro à sua volta. Foram-lhe dadas as orientações possíveis.

Lingford assumiu o controlo. Aquele último indivíduo estava num estado bastante mau, não estava? Mas não está tão mal quanto pensa.

Anteriormente, este guia tinha ditado um pequeno ensaio ao médium por receção clarividente auditiva e, mais tarde, com o médium em transe, pediu que o manuscrito lhe fosse lido para correções. Isto foi agora feito, e Lingford deu autorização para impressão, com uma nota a indicar que teria mais para dizer mais tarde. (Ver Round Robin III-3, Março de 47)

Lingford: O nome que entenderam como Dr. Bell deve ser, na verdade, Dr. Dell (referência à última sessão). Ele está deste lado há cerca de cinquenta anos. Portanto, Lo Sun Yat acha que sou um pouco preso à terra. Bem, isso não me incomoda. Gosto de andar por aqui. Gostei da minha vida na Terra. Este planeta é um lugar maravilhoso e interessante e uma pessoa podia estudá-lo durante séculos. Porque razão haveria alguém

de querer voar para planetas distantes, por exemplo, só porque já deixou o corpo denso.

Sim, viaja-se fixando o pensamento no lugar onde se quer estar. Mas não se pode simplesmente ir voando para os planetas ou para a lua assim. Isso é possível para espíritos muito avançados e, suponho, para alguns Adeptos, mas não para pessoas como eu, e nem tenho vontade de o fazer durante muito tempo.

Sabes qual é a forma da Terra? Bem, as pessoas dizem que é redonda—ou seja, uma esfera. Mas penso que não é propriamente uma esfera. Não me refiro apenas a ser achatada nos polos. Quero dizer que é alongada—talvez dissesses em forma de ovo—embora não seja bem isso (o guia tentou várias vezes descrever a forma mas sem clarificar a ideia).

Sobre os cinturões de calor (relatados pelos cientistas)—segundo o que entendo, esses cinturões ou zonas de calor existem realmente—e acima deles há zonas de frio intenso. (Pergunta) Ah, não posso dizer até que altura—sim, mais de 100 milhas—muito mais, penso eu.

Lo Sun Yat: Parece que estou a ser alvo de uma leve troça—mas levo isso no espírito certo. Aquele Kahuna que trouxe aqui da última vez não foi muito informativo, pois não?

Há diferentes classes de Kahunas. Só alguns poucos sabiam o segredo.

Talvez fosse apenas um Kahuna estudante, respondeu Lo Sun Yat, mas agradecemos-lhe por ter vindo, mesmo que tenha sido bastante vago.

E quanto às quedas—objetos de todo o tipo a caírem do céu?

Os vossos cientistas torcem demasiado o nariz. Não conseguem compreender a ideia de que há mundos dentro de mundos—e dentro do vosso mundo. Refiro-me a outros níveis de criação—matéria noutras taxas de vibração. Estas Quedas são coisas desses mundos invisíveis. Recordas-te do que disse noutra reunião sobre a conjugação de calor e frio a produzir trovoadas? São manifestações de outros mundos. Algo semelhante acontece com estas Quedas. Não é verdade que, regra geral, esses objetos desaparecem?

Não penso assim. As quedas de matéria orgânica desaparecem ao fim de algum tempo, claro. Mas, por exemplo, os machados de pedra não.

Bem, respondeu Lo Sun Yat, os cientistas deviam lembrar-se que esta Terra não foi necessariamente habitada apenas por selvagens ignorantes, digamos, há 100.000 anos atrás. Também, em tempos antigos, houve grandes convulsões, erupções desta Terra. Talvez muitas coisas da Terra tenham sido lançadas muito alto e ficaram presas e retidas nos campos de gelo.

Sim, há campos de gelo no céu, nas zonas frias. Bem, por vezes partes desse gelo cedem, e então caem coisas que lá estiveram durante milhares de anos. Reparaste como tudo o que cai parece estar perfeitamente fresco? Isso deve-se, naturalmente, ao efeito conservador do frio. Além disso, os vossos cientistas não conseguem aceitar que existe tal coisa como materialização. Se as condições fossem um pouco diferentes aqui na sala, eu podia materializar o meu corpo—como sabem. Isso é trazer algo invisível e intangível para o vosso mundo de objetos sensíveis, não é? Sabem que também podemos materializar outros objetos. Quando trazemos um "apport", temos de o desmaterializar e voltar a materializá-lo. Pois bem, objetos misteriosos que aparecem no vosso mundo são frequentemente materializações de mundos que não podem ver ou tocar.

O médium voltou abruptamente à consciência normal, e seguiram-se várias comunicações clarividentes auditivas; incluíram:

1. Se o médium, ou o comunicador, foi bem entendido, foi dado um valor para a velocidade do éter à superfície da Terra. Alegou-se que este valor não era constante.
2. Os factores nesta alegada computação seriam: (a) A velocidade da Terra ao atravessar o espaço, e (b) O peso da Terra.
3. Foi dito que a gravidade não é uma força de atração mas sim de empurrão (em direção à Terra). Não é uma constante. Por vezes, em certas áreas, deixa de atuar ou atua de forma reduzida.
4. A Terra vibra de um lado para o outro ao longo da sua elipse de revolução.

No final, apareceu um comunicador egípcio (?), entoando KAI YAT TAH: Afirmou que os homens ainda não estão prontos para o Segredo dos Kahunas. (Kai-Yat-Tah é uma invocação da Vida Cósmica). Uma das características mais interessantes do que antecede é, naturalmente, a confirmação parcial de várias hipóteses de Charles Fort.

Domingo, 16 de Março de 1947

Presentes: Dr. Cosman, Sra. Cosman, Irene Porbert, mais 3 pessoas (1 H.), Meade Layne, Mark P. (médium).

Mark P. entrou facilmente sob controlo. Uma personalidade chamada D. K., meia-irmã de uma das pessoas presentes, comunicou, deu a hora e modo da sua morte, local de residência, nome do marido e vários outros factos, todos corretos, mas na sua maioria já conhecidos pelo médium. Ela tinha sido toxicodependente, e foi colocada a questão:

Alguém: Sofreste por falta da droga depois de passares para o outro lado?

D. K.: Sofri terrivelmente, mas agora já passou.

É bem conhecido que toxicodependentes e dipsomaníacos sofrem muito depois de deixarem o corpo, e parece não haver forma de aliviar esses sofrimentos, mesmo entre médicos do outro lado—exceto em casos onde se pode usar hipnose.

Lo Sun Yat assumiu o controlo, falando com voz alta e decidida:

Lo Sun Yat: Parece que estou a ser um pouco criticado. Então, pensaram que ia deixar de vir a estas reuniões por causa do fumo de tabaco! Pois não vou. Vou ver isto até ao fim, nem que fique sufocado cá dentro. Porque usam vocês essas coisas... (Conversas pouco relevantes entre LSY e os presentes). Vou-me ausentar por uns minutos, mas volto já.

Lingford substituiu Lo Sun Yat.

Lingford: Acho que o Lo Sun Yat é um pouco barulhento—fala um bocado alto. Se calhar, mais vale fumar o meu cigarro depois.

Alguém: Teremos de deixar esse assunto entre ti e o Lo Sun Yat. Queremos criar condições agradáveis para todos os comunicadores, tanto quanto possível.

Lingford: Eu sei e agradeço... Ouvi o que disseram sobre quererem ver-nos. Bem, se criassem as condições certas, podiam fazê-lo... Sabem, deviam ter uma Escola para ensinar e estudar a dissociação. Sob boa orientação aprenderiam imenso. Muito poderia ser trazido do nosso lado da vida para o vosso... Não, a clarividência não é para todos, mas isso é só uma de muitas possíveis vias. Podem desenvolver a audição clarividente pelo método que vos dei, e por outras formas também, mas a melhor maneira de adquirir conhecimento é pela meditação.

Alguém: O que se passa? Algo está a incomodar-te?

Lingford: Sim! ALHO!

Irene: Ah, vais ter de me culpar por isso. Temperei o assado com um pouco de alho.

Lingford: Se quiserem que os espíritos se afastem da vossa casa, basta cozinharem muitos alhos e cebolas. É muito melhor do que pôr meimendro nas soleiras das janelas, como o Meade me estava a dizer... Sinto-me horrível, como se estivesse todo inchado. Vou-me ausentar um pouco.

Seguiu-se um dançarino, masculino, que fez gestos de dança com as mãos durante muito tempo, de forma muito graciosa, mostrando-se incomodado com todas as interrupções até terminar a "dança". Em resposta a perguntas, afirmou que estava a imitar os movimentos da Dança perante o Deus, tal como era conhecida por ele há cerca de 3500 anos; chamava-se

Ah-la-Kilva (transcrição fonética). Lembrava-se de ver "Um grande altar de pedra—sacrifício—a mulher no altar—sim, sacrifício humano". Foram-lhe repetidos nomes de vários deuses egípcios, mas insistiu: Não conheço esses deuses, não eram do meu tempo.

Alguém: O que dizes, Lingford? Achas que esse indivíduo era autêntico?

Lingford: Oh, sim, tanto quanto consigo julgar. Gostava que o Mark pudesse vê-lo. Ele só usa uma tanga, com uma faixa de metal, que parece ouro, à cintura, e outras faixas douradas nos tornozelos e pulsos. É um jovem, diria que na adolescência, e tem uma cabeça de formato muito estranho. Gostava de conseguir imprimir essa imagem na mente do Mark, dava um excelente tema para pintura.

Foi então colocada uma questão por ML, enviada por um inquiridor. Lingford recusou responder, dizendo: Vou passar isso ao Lo Sun Yat, ele é o filósofo por aqui. Mas antes de ir, quero falar-vos mais sobre o que acontece nos casos de morte violenta, seja por acidente ou na guerra.

Lingford: Em casos de morte violenta, o corpo psíquico pode estar bem ao início. A pessoa está geralmente consciente no seu corpo psíquico mesmo no local da morte, provavelmente sem perceber o que aconteceu; normalmente temos imensa dificuldade em fazê-la perceber que morreu. Mas depois, horas ou até dias mais tarde, o corpo psíquico toma consciência do que aconteceu e então sofre um choque. Isto pode ser muito mau, um período muito doloroso. A dor é mental, claro, mas afinal toda a dor é mental. A ideia de dor está enraizada na mente. Depois, pode haver um período de sono, mas pode também haver um tumulto de agonia. Isto é como a dor no vosso corpo físico; não há diferença essencial entre uma e outra. E isto é mais comum do que a condição de sono após morte violenta.

Dr. Cosman (pergunta sobre alívio do sofrimento): Não, não há muito que possamos fazer para ajudar, a não ser quando a mente pode ser alcançada por sugestão e métodos hipnóticos.

L (pergunta sobre efeitos de "explosão atómica"): Bem, um espírito recém-chegado estaria bastante disperso porque esperaria estar assim; mas, na realidade, a desintegração atómica não afetaria nem afeta o tipo de corpo em que vivemos deste lado.

Lo Sun Yat voltou a assumir o controlo e foi-lhe lida a questão recebida. Em forma condensada, a pergunta era: Como se define um "plano", e como se descreveria a diferença ou distinção entre dois "planos"?

Lo Sun Yat: Quero dizer a esse matemático que a diferença entre os planos é apenas uma separação de consciência, não é uma separação

espacial. O espaço não é uma existência objetiva. A inconsciência das coisas materiais é a única liberdade. Nada do que têm aí atingiu uma taxa vibratória suficientemente elevada para criar um ponto de contacto. Se conseguissem não ter consciência de uma parede, podiam atravessá-la (ou seja, uma parede só é obstáculo por entrar na consciência). O rápido passa através do lento, tal como o vosso raio X atravessa a matéria. Não chamaria a isso uma separação de distância numa 4ª dimensão, a menos que considerem taxas vibratórias mais elevadas como "4ª dimensão".

Lo Sun Yat retirou-se e foi seguido por Sir Thomas Lipton. Este comunicador falou com um forte sotaque britânico, de modo franco e cordial, e não revelou a sua identidade durante alguns minutos.

Sir Thomas Lipton: Bem, teria gostado de ganhar a taça ao menos uma vez, mas o importante não é tanto vencer como dar o melhor de si. (Pergunta.) Ah, tinha a minha própria forma de pensar sobre sobrevivência. A ação, uma vez iniciada, nunca cessa, e a mente é a mais forte de todas as ações. Sim, conhecia o espiritualismo, e conhecia Conan Doyle e Lodge e já me encontrei com eles deste lado. Uma destas noites vou tentar trazer um deles aqui por uns minutos.

Pergunta sobre como Sir Thomas soube das sessões: Bem, há muitos seguidores destas sessões do nosso lado da vida.

Meade: Não sabíamos disso.

Dr. Cosman: Isso é uma excelente notícia; ficamos felizes por saber.

Sir Thomas Lipton: Digo-vos que estão a atrair mais atenção do que imaginam. Vão perceber, com o tempo, que tipo de atração está a ocorrer. Muitas pessoas estão a ser atraídas para estas sessões.

Alguém: Mas sessões realizam-se em todo o lado, todas as noites da semana, centenas delas.

Sir Thomas Lipton: Isso é verdade. Mas a maioria dessas sessões são de grupos familiares e, regra geral, não nos atraem. Procuramos contactos do género que têm aqui, pelo vosso método, ideias e abordagem geral. Não desanimem, aconteça o que acontecer—continuem.

Dr. Cosman referiu a questão do desvio do éter, dizendo: Pergunto-me se não poderíamos chamar o senador Lodge—quero dizer, Sir Oliver Lodge—

Sir Thomas (interrompendo): Ah! O Sir Oliver não vos agradeceria esse erro. Talvez seja possível. Mas espero que compreendam isto corretamente—é difícil conseguir que um cientista de primeira linha tente comunicar através de um médium sem conhecimentos científicos. Normalmente, tem de haver algum tipo de base de conhecimento e dos termos usados para que a comunicação seja boa.

Alguém: Mas este médium já nos deu bastantes informações técnicas, e além disso conseguimos simplificar muitas questões científicas quase até ao sim ou não.

Sir Thomas Lipton: Bem, se fizerem isso e não esperarem que o médium fale uma linguagem técnica avançada ou matemática superior, talvez consigam obter bastante ajuda.

A situação aqui não é muito clara. Por um lado, na xenoglossia há línguas estrangeiras faladas que são totalmente desconhecidas para o médium; mas toda a minha experiência indica que a mente do médium tem de ter um equipamento favorável, se for para dar material especializado. Vários comunicadores também afirmaram isso. Por outro lado, essa restrição certamente não se aplica a homens como A. J. Davis e Edgar Cayce—ou literalmente dezenas de outros casos semelhantes... Do ponto de vista evidencial, provavelmente é melhor que o médium não saiba absolutamente nada sobre o assunto—mas mesmo assim, o chamado crítico vai sempre afirmar algum reservatório psíquico de factos, colocando-os nas bocas de personalidades fictícias.

Ali Ben Casi: (Normalmente o médium permanece sentado; este guia insistiu em ficar de pé e a andar pela sala. Falou de forma dispersa durante mais de uma hora.) Antes de começar a falar, quero deixar claro que vos conheço a todos. Ouvi a vossa conversa e captei os vossos nomes. Ali ben Casi é o meu nome. Não tentei escondê-lo, mas os nomes significam muito pouco! Agora, vamos lá falar sobre esse desvio do éter. Era essa a pergunta do homem de Chicago?

M. L. repetiu a pergunta. Mas o que realmente queremos saber agora é: os cientistas do vosso lado admitem a existência desse desvio?

Ali Ben Casi: Éter! Bem, o éter é esta substância sobre a qual estou a andar agora—é algo sólido; para mim é tangível. Parece-me que o homem está a avançar muito depressa. Há rumores de guerra por aqui, mas não consigo acreditar numa nova guerra, não nos próximos 100 anos. Os homens pensantes têm consciência demais do que isso significaria—até mesmo os estadistas mais tolos sabem-no... Hitler! Diz-se que ele está deste lado e penso que sim. Ele tinha bastante conhecimento de magia negra.

Onde é que aprendeu isso? De onde vem a suástica?

Não sei, mas é muito antiga. Talvez da Índia, observou Meade.

Veio do Egipto, disse Ali, era um símbolo de magia negra. A magia negra trouxe esta guerra, mas já estava nos registos há séculos. Refiro-me, escritos nos Registos Akáshicos. Esses registos são uma questão de taxas vibratórias; só poucos os conseguem ler. O futuro está lá, assim como o passado. Um dia, o homem poderá lê-los, em som e em imagens... Sim,

penso que a comunicação instrumental entre planos pode acontecer a qualquer momento—isso poderia ajudar muito a evitar outra guerra...

Suponho que pensam que estou dentro deste médium, mas não estou. Estou mesmo aqui ao lado dele e controlo-o pela parte de trás da cabeça, na base do cérebro. (O Dr. Cosman disse vê-lo vagamente. ML). Faço isto apenas pela força do pensamento. Encontrei-o facilmente porque todas as pessoas capazes de contactar o plano etérico são conhecidas do nosso lado... Quero dizer que muitas pessoas boas estão "presas à terra". Não é vergonha nenhuma. O amor pode prender alguém, ou o ódio, ou qualquer laço emocional à terra. Esses interesses agem como um íman no aço... Mudam a taxa vibratória do corpo de desejo...

O que antecede é suficiente como exemplo deste comunicador algo cansativo. Note-se como ele abandonou apressadamente o tema do desvio do éter, depois de o ter pedido para ser abordado. Os ben Ali são figuras conhecidas no nosso plano e, ao que parece, também no astral. ML

27 de Março de 1947

UM ESTUDO SOBRE DISSOCIAÇÃO

Noutra ocasião, quando o médium bebeu um copo de vinho, uma entidade tomou controlo dizendo não ser um espírito desencarnado, mas uma parte da própria mente do médium. M. L. não estava presente nessa altura. Mark P. é muito moderado nos seus hábitos, mas bastante sensível ao álcool. Por vontade própria e com o consentimento dos Guias, o experimento foi repetido quando M. L. estava presente.

O primeiro guia foi um javanês bem-humorado e brincalhão. Em resposta a perguntas afirmou—Estou a viver em Java, não morri há muito. Muitos ingleses em Java, aprendi lá. Eu corto plantas—não, não é cana—como se chama aquela com cerdas compridas? Ananás, sim! Sim, vivo com pessoas javanesas deste lado. O meu nome é La Toi. (Pode ter sido o nome de uma namorada, as notas não são claras). Muitas pessoas estão aqui à volta, mas agora o chão é meu.

Irene: Importas-te que te dê um beijo?

La Toi: Não, não, não!

Irene: Mas é o meu marido que quero beijar.

La Toi: Não, não, não, a minha namorada não gosta! Fica muito zangada.

Novo guia: É estranho, é uma sensação muito estranha estar aqui agora. Quem é este? (apontando). E quem é este? (apontando). Sim, de facto, já falei muitas vezes através deste rapaz. (Pergunta). Ah, sim, (divertido) nasci nos Estados Unidos. (Pergunta) Estou deste lado, como

lhe chamam, há uma eternidade. Vivi em todas as épocas e em infinitas encarnações.

Estava à espera que o álcool fizesse efeito no cérebro do médium, para poder falar. Sou uma parte dele. Entre o consciente e o subconsciente há um espaço intermédio, e é nesse espaço que estou. Sou o intermediário. Sou o germe da personalidade. Não sei ao certo o que querem dizer com Eu Superior. Os Eus são todos um só. Há quatro Eus. Tem de haver quatro. São quatro estados do mesmo Eu. Considerem o Eu deste rapaz:
Esta é a vida do corpo.

1. Tem o Eu físico.
2. Tem o Eu mental. Refiro-me ao Mark como ele realmente é, em todo o lado, o seu Eu do dia-a-dia. (Agora, enquanto falo, este Eu do Cérebro está num estado de sonho, no veículo etérico; tem uma consciência baça.)
3. Há o seu sentido do mundo exterior—consciência das coisas reveladas pelos sentidos. Isto existe sempre; está agora a funcionar no organismo... Não, não está dentro, mas a agir sobre ele.
4. Há também o subconsciente.

Sou o Eu invisível... Apenas reconheço a unidade que é Mark P. Tudo flui para fora. Sou o Receptor e o Emissor. A Semente Registadora. Sou o Núcleo. Não, neste momento não estou em sintonia telepática com outros Eus. Só posso comunicar com eles quando o Mark está em Consciência normal. Sim, tenho acesso a muito conhecimento. Pergunta, Meade.

ML: Devo fazer as perguntas mentalmente ou em voz alta?

X-entidade: Para já, talvez seja mais fácil se perguntares em voz alta.

ML: Qualquer pergunta?

X-entidade: Sim, qualquer pergunta.

ML: Podes dizer-me qual o valor que os cientistas do teu lado usam para a distância média ao Sol?

O rosto do médium ficou profundamente perplexo. Sentou-se a balançar-se na cadeira durante 4 ou 5 minutos. Depois, o guia Javanês voltou subitamente. A entidade X não reapareceu.

Pouco depois, Lingford tomou o guia. Foi interrogado em detalhe. O essencial da sua explicação foi que estivemos a lidar com dissociação provocada pelo álcool. Que muitas impersonificações acontecem assim. Que tal impersonificação surge de um desejo subconsciente de ser outra pessoa. Quando o Censor é inibido, o desejo assume uma personalidade. Pode haver, e muitas vezes há, uma série de impersonificações sucessivas por uma única entidade (parte subconsciente). Que devemos estar continuamente atentos a estas situações. Que já ocorreram duas ou três

vezes. "Sir Isaac Newton" foi um exemplo. Que a questão sobre a distância média ao Sol desconcertou a X-entidade, porque (o conhecimento necessário não estava ao alcance da entidade). Que perguntas sobre matemática e o uso de palavras latinas também incomodaram a entidade "Sir Isaac Newton". Que era muito difícil para ele, Lingford, comunicar através do médium quando este estava sob efeito do álcool.

Deve notar-se que o álcool tomado pelo médium foi em quantidade muito reduzida, e sem efeito visível. Lamenta-se que não estivesse presente nenhum estenógrafo.

Adenda: O dipsomaníaco, ou qualquer pessoa que morra intoxicada, sofre normalmente de dissociação prolongada nos níveis etérico e astral.

Lingford, continuando a discutir "cascas astrais", afirmou que estas entidades são, na realidade, o resultado da dissociação.

Um forte desejo subconsciente procura encarnar-se e dramatizar-se; é uma espécie de complexo dissociado num veículo etérico ou, pelo menos, numa forma do corpo de desejo. Isto é muito natural; toda a operação ocorre no Mundo do Desejo, onde desejar é criar—por isso, um Desejo terá inevitavelmente um veículo. Mas, pela sua própria natureza, os desejos são transitórios, e à medida que se dissipam, o veículo também desaparece.

Depois de o desejo mais forte se dissipar, juntamente com o seu corpo, pode seguir-se um segundo desejo, menor, também num corpo; este será menos activo e terá menos vida e inteligência. Pode ser seguido por outros, por toda uma série de encarnações de desejos, que normalmente se tornam cada vez mais ténues e sem mente. São esses vestígios que deram origem à ideia das cascas astrais como cadáveres ou corpos astrais descartados. Os corpos astrais não são descartados e deixados a vaguear; contraem-se e condensam-se, por assim dizer, e parecem concentrar-se no "átomo-semente" antes da reencarnação a partir do plano astral. Nem nunca vi ou ouvi falar de corpos astrais deixados para trás por aqueles que parecem ascender a uma consciência mais elevada.

Até agora, todos os comunicadores nestas sessões têm tido uma atitude semelhante em relação à doutrina das cascas. Não parece haver objeção à palavra, se fosse devidamente definida: mas é quase impossível mudar a definição de uma palavra comum. O termo em si deveria ser abandonado ou qualificado; estas "cascas astrais", assim chamadas, são realmente corpos de desejo, ou cascas de desejo segundo estes comunicadores.

Como as leis dos planos físico e astral são tão próximas, é fácil concluir que projetamos constantemente estas cascas de desejo aqui no plano da matéria densa, numa variedade quase infinita quanto à natureza,

energia vital e densidade do veículo. E, claro, muitos dados poderiam ser interpretados deste modo—"duplos", especialmente, e muitas aparições, fantasmas, espectros, talvez algumas formas de fenómenos poltergeist. Formas de ataque psíquico ou psico-físico, talvez fenómenos telepáticos e clarividentes, também em parte. Provavelmente há sempre um contacto contínuo entre o corpo de desejo projetado e a sua fonte, e esse contacto pode ser consciente ou subconsciente. Não há nada de novo neste conceito, claro, mas a possível identificação com cascas astrais, e a natureza destas, é de algum interesse. ML

6 de Abril de 1947, 19h35

Presentes: Dr. e Sra. Cosman; Sra. Hume; Gilbert Opdyoke; James Opdycke; John Lachmann; Meade Layne. Mark Probert, médium. Catherine Wallis, estenógrafa.

O primeiro controlador fez movimentos de dança ritualística e falou numa língua desconhecida. Pediram-lhe que falasse em inglês.

Primeiro guia: Querem que eu diga olá? Olá a todos. Vim da Ilha—vou tentar falar. (Apontando para um dos presentes) Tu consegues. Sim, Ilha da Páscoa.

Alguém: Viveste na Ilha da Páscoa?

Primeiro guia: Sim, há muitos anos.

Guia Lingford (14h55): Olá a todos! É curioso, sempre que entra aqui um Guia estrangeiro. (Pergunta) Não sei, exceto que parece que eles arranjam as coisas de modo a eu ter de reorganizar tudo, preparar a casa a meu gosto. (Pergunta) Sim, ele disse ser da terra de MU—pode ser, suponho—é de pele bastante escura—faz sentido. (Pergunta) Não, não percebi muito bem o que dizia. Acho que ele também não percebeu muito do que vocês diziam, nem do que ele próprio dizia. Não lidou muito bem com a situação, de qualquer forma. Não, não creio que tenha estado aqui antes. Era um homem muito mais velho.

Alguém: Porque não tentas controlar quem entra?

Lingford: Vou dizer-te. Prefiro deixar as coisas acontecerem naturalmente para ver como essas várias pessoas usam o instrumento. Pergunto-me muitas vezes se os antigos de há centenas ou milhares de anos são melhores a lidar com isto do que os que acabaram de passar para o outro lado. Acho que alguém recém-falecido lida com as coisas muito melhor, mas penso que, em danças rituais, pessoas assim sabem muito sobre comunicação. O que tens em mente, Doutor?

Dr. C. refere os movimentos de dança e o facto de o médium ter batido com a cabeça no móvel do rádio.

Lingford: Nós podemos ajudar e também podemos impedir quem quisermos de entrar. Esse golpe na cabeça não lhe fez mal. Faz-lhe bem.

Alguém: Às vezes penso que estas pessoas mais velhas de outras raças, mesmo que não sejam bons comunicadores, parecem trazer uma energia mais forte.

Lingford: Podem ter uma boa mensagem.

Alguém: Por isso não gosto de dizer "podes entrar" ou "tens de tentar". Por isso fico a observar e deixo-os.

Alguém: Muitos tentam?

Lingford: Sim, em todas as reuniões. Em cada sessão pelo país inteiro eles aparecem em massa... Acho que vou sair por um minuto. (20h06)

Novo guia: (O médium, que é fisicamente pequeno, parece aumentar de tamanho, assume uma expressão orgulhosa e altiva, bate no peito e fala em voz alta e dominadora.) Eu Choctaw! Sou grande homem—grande chefe. Estou aqui há 62 anos. SOU GRANDE! Ele (médium) rapaz pequeno! GRANDES Índios Choctaw agora são ricos! (Pergunta) Sim, água negra sai da terra. (Pergunta. Oklahoma?) Sim, parece certo, Oklahoma. (Pergunta) Sim, muitos índios aqui. Agora rapaz diz dançar—eles fazem para trazer força. Alguém às vezes não gosta de índio. Ele não sobe tão alto como o homem branco, não?

Alguém: Fala-nos da tua vida?

Choctaw: Grande acampamento... Não temos armas. Fazemos coisas—bonitas. (Pergunta) Sim, temos planícies, florestas. Agora viaja-se depressa! Rápido como a luz! Mais rápido! Flecha voa devagar.

Os controladores índios têm sido raros nestas sessões e não são especialmente encorajados, mas parece melhor não excluí-los de forma arbitrária. ML

Muda o guia para Lingford:

Lingford: Que gigante de homem: Um bocado jactancioso, não? Era digno de se ver! É pena não poder puxar o rapaz para aqui com um pincel—ficariam espantados.

Alguém: Ele é muito importante?

Lingford: Suponho que todo aquele traje bonito faria qualquer um sentir-se importante se o vestisse.

Alguém: Alguma informação especial para nós esta noite?

Lingford: Desculpa, doutor—podes acender-me um cigarro? Sabe, queria fazer um comentário sobre o caso do Professor Lunt. Ele pode vir a comunicar mais tarde por si próprio.

Alguém: Como podemos identificá-lo?

Lingford: Acho que o nome é mesmo Luntz. Se entrarem em contacto com ele, tentem pressioná-lo sobre alguns assuntos e vejam o que conseguem obter.

Alguém: Qual era a área de investigação dele?

Lingford: Sobretudo religião. Não duvido que muita filosofia. Quanto ao seu lado científico, não sei. Continuo a achar, Dr. Cosman, que anda a preparar qualquer coisa na sua cabeça... Bem, alguém está—deixe para já.

Alguém: Pode dizer-nos algo sobre imunidade ao fogo—o que acontece cientificamente—or que mecanismos psíquicos estão envolvidos?

Lingford: Não sei nada sobre esse assunto. Talvez o Lo Sun Yat saiba algo. Parece-me que ele deveria saber. Tenho uma ideia, veja se resulta. Acho que ele vai aparecer em breve. Pergunte-lhe sobre a capacidade tibetana de enrolar mantas—molhar mantas em água, enrolá-las à volta do corpo e descongelá-las em clima gelado. Tive uma ideia brilhante e acho que pode resultar. Vou-me retirar.

Lo Sun Yat: Sabes, parece-me que o meu amigo está a tentar meter-me numa questão. Não, não precisas repetir. Ele não mudou nada dos seus modos americanos, pois não... Bem, vou fazer o melhor para falar das mantas. Se achares que consegues alguma pista daí para o "pé-quente"!...(Vê a estenógrafa) Nova senhora esta noite! Hmmm! Tem olhos de rapariga chinesa: Sabes, sem querer desviar o assunto, todas estas caras, só de pensar! Cada uma conta uma história—uma história de vidas reencarnadas. Marcas antigas deixadas no "semente".

Alguém: O átomo-semente?

Lo Sun Yat: Exatamente. O que foste e serás está sempre inscrito ao longo dos séculos quando regressas.

Alguém: Olhando para as nossas caras, podes ler o significado dessas marcas? Consegues saber algo das nossas vidas passadas olhando para as nossas caras?

Lo Sun Yat: Sei o que dizer, mas como dizê-lo é outra coisa. Como pôr as palavras para que façam sentido.

Alguém: Escolhe as tuas palavras e nós tentamos compreender.

Lo Sun Yat: Acho que estou a ocupar muito tempo. Por agora, volto à questão anterior.

Alguém: Por favor, volta ao tema das mantas. Faz-se por controlo mental?

Lo Sun Yat: Exatamente, e era isso que o teu amigo suspeitava. Isto é como um balão quando o apertas, um lado salta para cima—é assim que me sinto.

Neste ponto, um dos presentes, J. L., fez uma pergunta sobre grandes sombras humanas junto à sua cama, pequenas luzes no quarto e vozes que lhe davam conselhos. Lingford deixou o médium por uns momentos, dizendo "Consigo ver melhor lá fora", depois voltou e deu a informação resumida abaixo.

Lingford: As sombras não são entidades; são formas de pensamento que têm origem na mente deste jovem (JL). Ele tem desejos fortes, talvez subconscientes, e eles mais ou menos objetivam-se. Ele pode controlá-los. Deve deixar uma luz fraca acesa, pensar em coisas agradáveis e não ligar às formas. Se alguém não tem com quem falar ou não tem confidente, acaba por falar consigo mesmo. É uma espécie de dissociação. Provavelmente as vozes vêm da mesma fonte. Se dão bons conselhos, não há problema em ouvir e seguir. Deve testar e examinar todos esses conselhos. Todos estes fenómenos podem ser controlados por ele próprio. Não devem assustá-lo de forma alguma... a força-energia é um processo constante de arrefecimento.

Alguém: Como o endurecimento de uma casca?

Lingford: Não, não é um endurecimento. Imagina um ovo. No interior do ovo há uma película fina. Entre a película e a casca há um espaço. Isso mantém ou forma um processo de arrefecimento ou um amortecedor de proteção.

Alguém: Um não-condutor?

Lingford: Claramente um não-condutor. Exatamente.

Pergunta sobre um Adepto conferir imunidade a outras pessoas.

Lingford: Isso pode ser feito por quem sabe, pelo mesmo processo que usam em si, transmitem a quem tenha fé suficiente para pôr os pés num lugar quente.

Alguém: Fé?

Lingford: Não fé como se chama religiosamente. Algo muito mais profundo. O Ego tem de estar seguro de que nenhum mal virá ao corpo que ocupa.

Alguém: Confiança, talvez?

Isso mesmo.

O ritual é um meio de garantir ou inspirar confiança?

Isso é um meio, mas como já vos disse, isto é algo que tem de ser desenvolvido lentamente desde a infância. Pode-se estender essa capacidade durante algum tempo a outra pessoa que nada saiba do assunto, mas se essa capacidade de extensão falhar, o homem ou mulher sobre as brasas seria consumido imediatamente, muito mais depressa do que se lá tivesse ido sem nada.

(Chama-se a atenção para esta última afirmação “seria consumido”. É novidade, pelo menos para os presentes investigadores.) ML

Em relação aos “magos brancos” que usavam maçarico no rosto, na boca e na garganta, etc. O segredo é-lhes conhecido de forma subconsciente?

Eu diria que sim. Sim, é um dom natural—como uma criança prodígio na música… Estou a perder força aqui.

Das 20h50 às 21h05: Médium em consciência normal.
Discussão sobre caso de despigmentação da pele (manchas esbranquiçadas nas mãos e braços). Discussão sobre o tratamento médico atual para este problema. Às 21h05, o guia assumiu subitamente:

Por favor, por favor, aqueçam a sala. Estou a ter dificuldade com o corpo para falar; a sala está demasiado fria. (O aquecimento foi ligado. A temperatura estava nos 20º; cerca de 22º parece ser o ideal.)

Estão a ter uma conversa muito interessante, mas aplicar é outra coisa. À jovem diria, quanto ao seu pigmento que está a desaparecer—se recuarem na vossa família—encontrarão na vossa avó do lado materno, e na vossa mãe, que sofreram de um complexo de medo. Esse complexo atua diretamente no corpo etérico primeiro, retirando energia do pigmento—e depois retirando-a da pele. A mente, faltando-lhe segurança e não tendo aquilo que deseja realmente, pode e provoca, como qualquer dos vossos médicos sabe, várias formas de doenças físicas.

Isto pode ser curado revertendo a condição?

Ao reverter a condição, pode-se devolver a força ao corpo etérico e reiniciar o fluxo para a pele, desde que a situação não tenha ido longe demais.

Como pode ser descoberto esse medo?

Um método seguro—hipnotismo.

Alguma outra forma? Psicanálise?

Pode-se chegar lá até certo ponto, mas a paciente, regra geral, tem o hábito de reter aquilo que deveria dizer. O Ego não gosta de se expor.

Acha que a jovem conseguiria trazer isto à consciência pela introspeção?

Possivelmente, se aprendesse meditação, mas isso é uma tarefa longa e difícil.

Sugere que ela pratique meditação?

Será que ela compreenderia o que isso seria?

Penso que sim. Valeria a pena tentar?

Tenho a sensação de que não seria adequado para ela, porque não creio que consiga compreender isso em si mesma. Compreende, doutor?

Sabe, para chegar a estas coisas, vou discordar do Dr. Cosman. A pessoa comum não sabe muito mais do que o necessário para sobreviver e viver—e depois, para quem avançou um pouco, ou muito, recuar e dizer "faz assim, faz assado, é isto, é aquilo"—o Ego tem primeiro de compreender plenamente o significado do que está a ser dito.

Neste caso, então, acha que a única cura possível é a psicanálise, mas preferencialmente a hipnose?

É o que diria, doutor… Só posso dizer o que sei, que resulte ou não, não quero garantir. Há muitas condições que desconhecemos e não podemos ultrapassar até sabermos.

Acredita que a causa é um complexo de medo, então?

Absolutamente.

E é transmitido pelo átomo-semente, ou pelo que chamamos de plasmagermes do lado físico?

Sim, é a única maneira de poder entrar.

Tem mais alguma coisa especial para nos dizer?

ML: Suponhamos que sugiro três perguntas e escolhe a que considerar mais adequada. Concorda?

Concordo perfeitamente.

ML expressou então o desejo de saber algo sobre o uso do pêndulo, especialmente no diagnóstico—os mecanismos psíquicos envolvidos; também queria uma declaração sobre o livro chamado "Oahspe", as suas origens e natureza; e mencionou o nome Rimpoche, do "Darkness Over Tibet" de Illion, esta última sugestão do Dr. Cosman, interessado em qualquer validação do relato de Illion sobre o Tashi Lama, Rimpoche. O guia fixou-se neste último tema.

Esse nome soa a hindu.

O local dele seria supostamente o Tibete.

Pelo nome, tenho uma sensação muito desagradável. Esse homem parece-me uma força muito má. Maligno: Sim, tudo o que está escrito sobre ele—maldade. Por um minuto vou sair—deixar o corpo.

A reação do guia ao nome deste alegado adepto negro foi de forte aversão—nem Lo Sun Yat voltou a aparecer nesta sessão.

Novo guia (não identificado): Não, não posso dizer mantra. Digo quebrar a força. Isto, na dança, é quebrar a força (ilustra os movimentos). Isto significa grande força, chamar força cósmica para baixo; para dentro de si—para cima. Estes, com mantra, são muito bons a quebrar forças. Vou agora—envio o Mestre de volta para vós.

Às 21h35, o pai falecido do médium assumiu o guia e falou até às 21h50. Disse que nunca tinha vindo antes porque nunca aprendera a

controlar o corpo do filho. A comunicação dizia respeito a assuntos pessoais e não é transcrita aqui.

Lingford: Não devemos manter aqui uma atmosfera de depressão. Dei-me a bastante trabalho e dificuldade para encontrar o pai do rapaz porque achei que ele gostaria disso. (ML: "Ele certamente vai apreciar muito.") Às vezes, as reações a estas reuniões não são na realidade um estado de tristeza, mas de alegria.

Dr. C.: Perguntaste-me o que eu tinha na cabeça—não era eu, mas o meu vizinho aqui—ele estava a pensar em algo.

Queres dizer o jovem? (Sim)

Recebi recentemente uma carta de uma senhora que dizia que te encontrou no astral. Dizia que pareceste ter cerca de 35 anos.

Hmmm: Interessante! (riso). Bem, devia ter mais ou menos essa idade quando parti, mas já se passaram 30 ou 40 anos. Não sei se mudei. O tempo aqui é bastante diferente do vosso.

Tens problemas com a questão do tempo?

Não. O problema do tempo tem a ver com (formas de) entender o movimento. Penso que se entendessem melhor o movimento desse lado, o tempo seria muito diferente para vocês.

O tempo é um problema muito difícil; duvido que alguém o compreenda bem.

Desculpa um minuto. Alguém pode encontrar algo para limpar o rosto do rapaz—a humidade distrai-me. Assim está melhor. Nestes contextos, a mínima coisa distrai e é preciso toda a força que temos para aguentar. Tudo o que distraia faz-nos querer largar o organismo. Na verdade, faz mais do que isso—traz um estado de confusão às nossas mentes sem darmos conta, e provoca respostas confusas ou nenhumas. O que estavam a perguntar mesmo?

Sobre o mesmo homem de quem perguntámos ao Lo Sun Yat—o "mau da fita".

(Começando a procurar cigarro) Um cigarro, por favor. Obrigado. Bem, não sei de quem estão a falar, porque não estava aqui nessa altura.

Isso perturbou o Lo Sun Yat, pode incomodar-te também.

Bem, não faz mal, diz-me na mesma. Pode ser que já tenha lido isso algures, nunca se sabe.

Rimpoche... dizem que era uma pessoa má.

Quem disse isso?

Lo Sun Yat. Illion disse que era um adepto tibetano—perigoso.

Sabes, nunca me interessei muito por misticismo ou ocultismo, embora muitos aspetos disso me interessem bastante.

O Dr. C. estava a tentar perceber se esse adepto era real ou fictício.

Queres dizer, baseado em factos?

Sim, perturbou o Mark quando leu sobre ele.

Por vezes, ainda bem que estou no estado em que estou. Posso mover-me como um raio—nada me assusta.

As coisas assustam-te realmente?

Bem, às vezes encontra-se aqui coisas desagradáveis. Se alguém fica numa frequência vibratória errada pode ter problemas.

Há alguma forma de fugir—ou de as dissipar?

Dissipá-las é melhor; se souberes como, mudas a tua frequência, por assim dizer. Compreendes o que quero dizer, doutor?

Penso que sim. Queres dizer mudar a própria frequência vibratória do pensamento ou sentimento.

Algo ainda mais do que isso. É realmente mudar a corrente em que te moves. Não posso descrever-te isso devidamente. As coisas não são exatamente como as imaginamos quando estamos no corpo físico.

Acreditamos nisso! Voltando ao Rimpoche…

Nunca ouvi falar dele. Há um velho ditado, "o que não sabemos não nos faz mal", e acho aconselhável não sabermos demasiadas coisas. É como virar uma esquina e encontrar um cobrador de dívidas, por exemplo.

Não tens cobradores de dívidas aí, pois não?

Não, mas há outro tipo de cobrança de dívidas aqui, que é igualmente má—talvez até pior. Diz lá, o que é que ele tem comido? (referência ao médium)

Um bocadinho de pão.

Já te sentiste como se estivesses a rebentar? É como me sinto agora.

PALESTRA EM TRANSE DE 13 DE ABRIL DE 1947

Presentes: Hark Probert, médium, Irene Probert, Dr. e Sra. Cosman, Sra. Hume, Sra. Cleveland, Sr. Lachman, Gil e Janos Opdyake, Sr. e Sra. Palmer, Katherine Wallace, Meade Layne.

GUIA: LO SUN YAT: Peço desculpa por vir assim apressado. Felizmente não voltei à minha roda de oração (ideia de girar uma roda de oração). Pelos vistos ainda não me conhecem. Sim, Lo Sun Yat. As forças estão tão fortes esta noite, deviam ter uma reunião excelente. Tentemos não cansar demasiado a jovem e os seus lápis. Não acho necessário seguir palavra por palavra. O que têm em mente, individualmente, coletivamente, o quê? Talvez mais do que consigo tratar, mas não estou sozinho.

Meade: Tens algo especial que queiras dizer?

Têm um amigo chamado Tate? Parece que costumava estar presente nas vossas reuniões. Havia algo que queria dizer sobre ele—mas agora esqueci-me... Talvez volte...

Meade: Ficaríamos contentes com qualquer notícia dele.

Agora vou, e volto de vez em quando durante a sessão... (Movimentos de dança e o guia afastou-se.)

GUIA: LINGFORD: Parece que têm aqui algumas caras novas esta noite... O que estão a fazer? A apanhar traças? Fico contente que tenham vindo.

Meade: Consegues ver-nos claramente?

Não, Meade, é como se cada um de vocês fosse um corpo cinzento-claro...

Meade: Estavas a ver uma fotografia. Viste-os com luz refletida, com os olhos do médium?

Não, não é como olhar pelos olhos... Vejamos. Como posso dizer isto? Não, não é sentir como vocês conhecem a palavra; a palavra pode ser usada mas não é exatamente isso. Deixa-me pensar um minuto... Vês, nada tem cima ou baixo ou lados, ou uma visão necessariamente como vocês teriam, de cima ou de baixo. Vê-se quase de todos os ângulos.

Meade: Mas como é que a fotografia se regista nos teus sentidos?

É uma forma de luz refletida também, mas tentar trazer algo daqui e explicar aí é quase impossível em palavras. Sim, há luz num plano astral para ver normalmente, é parecido com o lusco-fusco mas muito suave...

Meade: Usas a mesma visão (ao olhar para as fotografias na sala da sessão) como no astral?

Terá de ser a mesma coisa. Olhar para a imagem através de uma réplica—se isto fizer sentido—duplo etérico. As coisas não são iguais aqui e do vosso lado. Aqui tudo é vibração—não há sólidos aqui. Tenho de voltar ao vosso sentido de consciência outra vez. Vocês só estão conscientes do vosso próprio tipo de vibração. Só estou consciente da vossa vibração quando sou chamado.

Meade: E se quisesses ver-nos claramente?

Então teria de me materializar. Mas quando estou fora do corpo do médium vejo quase o mesmo do que quando estou dentro do corpo, mas um pouco mais nítido. Agora as coisas parecem desfocadas. Não, mais luz não ajudaria nada.

Perguntaram se queria um cigarro.

Sim, melhor fumar um cigarro antes que o Lo Sun Yat volte. Gostava que ele aprendesse o hábito. Diz que estou preso à terra. Se estou preso à terra, estou a divertir-me.

O guia saiu.

GUIA: HOMEM DA CARAVANA EGÍPCIO: O que é isto? Mesa? Feita de quê? (tocando no tampo da mesa) Papel? Como é que fizeram o papel ficar duro assim? Hm-m-m! Antes ouvi-vos falar com outro homem, ele a tentar explicar o lado dele. Agora veem como é difícil explicar a mesa.

Meade: Toque!

GUIA: Toque? Francês? Há pouco perguntaram se eu era índio. Não, venho de muito longe, Egipto. Terra que já não existe, não! Sim, estive aqui milhares de anos, muito antes do Faraó. Conheço Genghis Khan—conhecem? Vivi antes dele. Conheço Genghis Khan deste lado, ele é muito mau. (O guia fala com alguém numa língua estrangeira.) Muito tempo antes de a água cobrir a terra, vivia numa cidade muito bonita, não o que chamam agora Egipto, Atlântida como chamam agora. Grandes edifícios, construções magníficas, edifícios enormes, esculturas, ruas largas, asfalto, edifícios sobre blocos, blocos gigantes. Ia-se para debaixo dos edifícios, percebem? Edifícios de cimento, pedra. Queimem incenso, por favor.

Irene Probert foi buscar incenso.

As mulheres fazem muito barulho a andar, não é?

Meade: Saltos altos. Parece-te muito mais alto.

Não ouves bem? Porque é que ela faz tanto barulho com os pés.

Dr. Cosman: Ela tem sandálias com saltos. Sabes o que são sandálias?

Sandálias, sim. Mulher agora muito baixa? Mesmo com saltos altos, no meu tempo não se fazia barulho. Grandes tapetes no chão, carpetes, almofadas.

Meade: Em Atlântida, ou agora?

Há muito tempo, sim; agora também tenho. Fui homem de caravana—grande caravana pelo deserto. No continente chamado Atlântida agora. Caravana militar, sim, e para gente rica. Sim, usávamos camelos. Camelo é muito antigo, muito antigo. Um dos últimos animais antigos. Sim, camelo é maldoso. Quer sair depressa (morreu: veio para aqui feliz).

Dr. Cosman: Nós fumamos camelos.

Homem da Caravana Egípcio: Como é que fumam um camelo? Cigarro? O que é isso? (examina o cigarro atentamente) Dá para rasgar? (Rasga o cigarro, examina o tabaco) Hm-m-m!

Meade: De certeza que já viste cigarros. Não voltas cá para ver as pessoas?

Primeira vez que venho. Não tenho interesse em voltar. Agora nem sei bem porque voltei. Mecanismo de quê? (referindo-se a algo ouvido). Sei como aconteceu voltar. Amigo, homem gordo, Lo Sun Yat, disse "Vem,

mostro-te uma coisa." Muitas pessoas vieram também, aqui hoje, do meu lado. Acho que vou.

GUIA: LINGFORD. Ele era um homem com presença—a braços peludos, um homem grande.

Meade perguntou como ele estava vestido ao que Lingford respondeu: Às vezes as coisas ficam um pouco agitadas. A minha mente parece ficar nublada com uma pergunta simples, e com uma pergunta difícil fico aqui a "mastigar" a cabeça. Gostariam que esse homem voltasse algum dia? Perguntem-lhe como estava vestido e vejam se o confunde. Acabei o meu cigarro? Isso é estragar um bom cigarro (sensação de aperto). (Apontando para Palmer) Se tem algo a dizer, diga. O que tem em mente? Sou médico? Não, não, sou uma pessoa comum. Ando por aí, a ler, a apanhar o pouco conhecimento que posso. Não, não sabia nada disto quando estava do vosso lado; achava que era tudo o que vocês chamam de treta.

Palmer: Porque é que, ao chegar a certa idade, de repente nos desviamos do caminho habitual?

Por exemplo, mulheres. Gosto muito delas, mas podem ser muito distrativas durante alguns anos. Mas prossiga com a sua pergunta.

Palmer: Bem, este desejo de investigar o que há para lá da morte—não temos isso quando somos jovens.

É uma evolução natural da mente, uma elevação da mente. Isso acontece também depois de grandes tragédias e desastres. A mente tenta encontrar uma forma de escapar à condição em que se encontra.

Dr. Cosman: Como descreveria o processo do Véu a atravessar o Vale da Sombra?

Não há sombras, exceto as que vocês próprios criam. Mas para não ser psicológico, muitas vezes a pessoa chega ao meu lado sem qualquer consciência. É como um sono sem sonhos. Ou podem passar com plena consciência. A primeira separação do corpo é como se estivesse a fluir e a oscilar para cima e para baixo, e se estiver consciente faz um grande esforço para se manter no chão—sente como se estivesse sempre a subir. E também, curiosamente, nem sempre está consciente do meu lado da vida; normalmente só tem consciência dos seus arredores físicos. Estou a explicar-me bem?

Dr. Cosman: E num caso assim? O homem morreu há poucos dias, foi enterrado na quinta-feira, e na sexta-feira apareceu para conversar connosco.

Henry Ford, de quem fala. Ele, como outras mentes pensantes, tem uma consciência muito apurada das coisas, esteve no corpo físico durante

bastante tempo e também aprendeu muito. A sua morte foi pacífica, adormeceu e acordou, foi tão simples assim.

PALESTRA EM TRANSE DE 20 DE ABRIL DE 1947

Presentes: Irene Probert, Dr. e Sra. Cosman, Bartwell Loomis, Gilbert Opdycke, John Lachmann, Sra. Hume, Meade Layne, Katherine Wallace, Hark Probert, médium.

GUIA DESCONHECIDO: Faz movimentos de dança. Eu não falo. Eu não falo. Agora vou embora, envio o mestre. Só faço dança, não falo.

GUIA: LINGFORD: Ainda bem que não faço sapateado. Imagine se entrasse aqui e começasse a dançar sapateado depois daquele homem! Muitas caras novas outra vez esta noite. Nomes? Não, não me parece. Tudo bem. Como está, senhor? Não se sinta incomodado ou embaraçado, fale se quiser. Richard? Deixe-me ver. Parece-me que esteve aqui depois da última reunião. Antes de avançarmos quero dizer àqueles que nunca participaram nisto, sigam apenas o que vos atrai, deixem o resto. Há muitas coisas de que sabemos pouco, mas nunca digam "não acredito nisto ou naquilo", seja o que for. Se tiverem dúvidas sobre algo, procurem em várias fontes, e depois de terem procurado e encontrado um não para hoje, lembrem-se de que pode haver um sim amanhã. Fica dito.

Meade: Estão muitas pessoas presentes esta noite?

Sim, várias. Sempre que vocês juntam gente nova ao vosso círculo, nós também juntamos novas pessoas ao nosso.

Foi perguntado quão grande é o grupo do outro lado.

Não temos de nos preocupar com cadeiras como vocês.

Perguntaram: Estão sentados?

Não, de pé, deitados, podem estar de qualquer maneira.

Foi perguntado: Que tipo de lugar é esse? É como esta sala? Podem dar-nos uma ideia do que veem à vossa volta?

Seria interessante, mas lembram-se, tivemos uma dificuldade semelhante no domingo passado, Meade, para levar qualquer um de vocês a ver as imagens das coisas daqui como eu as vejo, as palavras não chegam para isso.

Meade: Talvez não em detalhe, não perceberíamos; mas se algum de nós fosse agora para o vosso lado, podes dar uma ideia do que veríamos?

A primeira coisa de que provavelmente teriam consciência seria nada mais do que o vosso próprio quarto. Depende muito de como passam para cá. Se for num estado pacífico provavelmente só percebem o quarto e os arredores terrenos, mas em breve veem amigos, e aí começam os problemas. Amigos que partiram há anos... Dizem "conheci-o naquele

tempo—não faz sentido!" Só depois de algum tempo se dão conta do seu novo estado.

Meade: Continuamos intrigados com o fundo. Estão sentados? O que vês à tua volta do teu lado?

Está bem—Podemos dizer que vemos casas, cidades, planícies, oceanos—há uma afirmação antiga: "Como em baixo, assim em cima." Em certo sentido, é muito parecido do nosso lado, quando se chega cá, como é do vosso lado. Talvez seja mais fácil ficar por aqui, Meade.

Meade: Quando estás fora do corpo deste médium, que cena tens na consciência?

Bem, se desviar a minha consciência dos arredores, sinto-me como se estivesse numa onda vibratória.

Meade: Esse é o teu "cenário", o teu pano de fundo natural?

Parece que me vais pôr na berlinda, não parece? Só um momento, já volto.

GUIA: LO SUN YAT: Boa noite a todos. Sabem, o vosso amigo dançarino do templo chama-me mestre, mas não faço tais reivindicações. Não sou mestre; apenas sei umas coisas.

Alguém: Sabes muitas coisas que nós não, por isso ouvimos com atenção.

Parece-me que no domingo passado falaram de psicometria e de algo com varinhas, radiestesia?

Meade: Queríamos perceber o que realmente acontece do ponto de vista do mecanismo psíquico. Não percebemos como funciona—que forças actuam na radiestesia.

Troca de guia, volta **LINGFORD**.

Há aqui algo que não está bem esta noite. Vejamos. Por um lado não acabei o meu cigarro, e isso não está certo. Mas há algo que não está certo.

Meade: Nas nossas disposições? Temos a mesa noutra posição.

Talvez seja por não ter nada para bater, não?

Meade: Preferias ter a mesa à tua frente?

Ainda bem que não tenho uma tosse dessas!

Dr. Cosman: O cigarro faz-te tossir?

Não, não me faz tossir mas faz o rapaz tossir (referindo-se ao Mark). Suspeito que o rapaz tem um problema de gases e foi isso que empurrou o Lo Sun Yat para fora.

Meade: Ele acabou de tomar algo para isso. Quanto tempo antes das sessões deve ele comer?

Não faz muita diferença, ele tem sempre gases no estômago. Eu não estou a operar através do estômago, mas através do cérebro, através da

mente e, ainda assim, não é pelo cérebro físico como poderiam pensar. (Pergunta do Dr. Cosman) É basicamente isso, especialmente quando estou perto da sua aura.

Dr. Cosman: Ao usar essa caixa vocal de que falaste, como é que a controlas?

Através dos nervos do corpo etérico.

Meade: Ao pôr o Mark sob controlo usas hipnose, coloca-lo num estado hipnótico para o tirar do corpo?

Não exatamente, Meade. É mais uma atuação sobre os nervos, desligando um conjunto de nervos, que seria o estado consciente dele, e abrindo outro conjunto de nervos, que seria o estado psíquico.

Dr. Cosman perguntou sobre o plexo solar e os nervos simpáticos. O guia respondeu afirmativamente.

Meade: Precisas do consentimento do Hark para fazer isto?

Essa é uma boa pergunta, sim, é isso; está tudo certo. Acho que o melhor é dar este cigarro à esposa do rapaz porque a estou a deixar nervosa; ela está sempre a saltar para tirar as cinzas.

Irene: Como é que sentes a sensação de fumar?

Se anulasses o sistema nervoso, mais valia estares completamente morto. Mas voltando à tua pergunta sobre o consentimento. Ele dá-me consentimento ao sentar-se, percebes? Quanto à invasão durante o sono, também há aí uma espécie de consentimento.

Meade: O Mark está consciente no astral durante o sono?

Muitas vezes. Quero dizer algo e talvez te surpreenda um pouco, Meade. Lembras-te daquela mulher que disse que me encontrou no plano astral? Ela deu-te alguma descrição de mim? Gostava mesmo de ouvir.

Meade: Ela disse que tinhas cerca de 35 anos, ou parecias ter. Só disse isso. Não insisti mais no assunto.

Irene: O Mark disse algo sobre seres atarracado e de cabelo louro.

Se houvesse um encontro entre ti e alguma pessoa viva daqui, no plano astral, e isso fosse verificado por ambos, teríamos realmente algo único, explicou Meade.

O guia: Consegues sair para o plano astral, Meade?

Meade: Já consegui sair mas o meu controlo é muito fraco.

Bartell Loomis: Conheço um homem que consegue.

Gostava de o conhecer, gostava mesmo. Ele é um homem corpulento? Não? Bem, é de cabelo branco, magro, alto? Tem o rosto um pouco avermelhado? Olhos azuis?

Bartell Loomis: Sim. Já o viste?

Não só o vi como o apresentei a este rapaz uma tarde.

Irene Probert: Eu estava presente?

Certo. Estava envolvida uma jovem, e o teu filho.

Bartell Loomis: Queres saber o nome?

Talvez seja melhor se descobrir o nome por mim mesmo. Acho que é melhor assim, não achas?

Meade: Tenho um amigo em Santa Mónica que opera nos dois planos, pelo que sei.

Bartell Loomis: Esse homem está preocupado em perder a mente dessa forma. É verdade?

Pouca probabilidade disso; seria o que se chama dissociação, o que pode fazê-lo perder a consciência da vida física e ficar apenas consciente da vida psíquica; isso pode provocar um estado de amnésia se não souber reentrar no corpo físico. Todas as pessoas que praticam a projeção do corpo psíquico devem ter muito cuidado com isso—é realmente perigoso.

Meade: Podes ser mais explícito?

Perigo de dissociação? Amnésia habitual. Sim, há perigo.

Meade: Nesse caso, a consciência fica toda no corpo psíquico e é anulada no corpo físico?

Exatamente. É por isso que às vezes é preciso muita terapia elétrica ou hipnótica, uma ou outra. Elétrica seria melhor.

Meade: Isso resultaria em restaurar a memória?

Não é bem restaurar a memória, mas trazer a consciência de volta de um estado para o outro.

Meade: Alguma vez leste o trabalho de Wickland?

Deixa ver… penso que "Thirty Years Among the Dead"? Penso que sim. Sabes, Meade, aprendi muito mais sobre estas coisas aqui do que alguma vez aprendi no vosso plano. Bem, estando aqui, vejo ambos os lados, e depois já não tenho de provar se estou morto ou não… Posso ter outro cigarro? Estou a tornar-me viciado nisto. Quero acabar isto antes de o Lo Sun Yat voltar. Obrigado. Agora, há mais alguma coisa, Meade?

Meade: Saíste abruptamente, e o Lo Sun Yat entrou e saiu. Estávamos a perguntar sobre psicometria. Leitura de artigos. O Mark é algo psíquico nesse sentido.

Acho que já leram bastante sobre isso, e provavelmente o Dr. Cosman também. Bem, a minha ideia sobre isso é: sempre que um ser humano entra em contacto com qualquer coisa, deixa nela uma parte muito subtil de si mesmo.

Dr. Cosman: Parte da aura?

Não, é mais material do que isso.

Dr. Cosman: As pessoas sintonizam-se em diferentes frequências.

A questão é: dizem algo sobre como essa vibração subtil consegue fazer um registo inteligível?… Sabem, o objeto, o artigo, não guarda realmente nada da pessoa que lhe toca. É a vibração à volta desse objeto, ou como se fosse a tua aura mas que se desprende e adere ao corpo psíquico. A questão é: como transmite uma mensagem inteligente?

Dr. Cosman: O médium capta as tuas impressões. É parecido, mas de forma diferente, suponho.

Bartell Loomis: Não será mais como transmissão de rádio ou fonógrafo, densidades relativas, frequências de onda?

Exatamente. Mas é preciso haver também a sensibilidade igual de quem lê, tal como quando se toca uma nota no piano ou num sino e há outra coisa na sala que vibra, tem de ter a mesma sensibilidade.

Dr. Cosman: Mas o sino tem um som inerente dado pelo afinador.

Meade, começaste mesmo algo. Agora percebes o que aconteceu quando perguntaste pelo desvio do éter; o mesmo está a acontecer aí convosco.

Meade: Dando um exemplo concreto, um fóssil. O psíquico vê toda a cena geográfica por trás disso. Animais vivos daquela época, paisagem, cheias, coisas pré-históricas longínquas. Continuamos sem saber como acontece. O que ficou impresso naquele fóssil, e como chega isso à consciência humana?

Na verdade, pouco ficou impresso no fóssil, mas o artigo foi apanhado, seja o que for, e no momento em que a atenção de uma pessoa psíquica se volta para ele, abre imediatamente a sua visão psíquica, e aquilo que já foi, volta a ser. Usou um ponto de concentração. A mente diz-te o que pedes.

Irene Probert: O Mark deu uma explicação muito semelhante.

Uma compatriota minha, disse o Dr. Cosman, no momento em que toca num objeto vê imagens, como filmes, diante dos olhos. Ela não inventa histórias!

Ela certamente não inventa histórias, mas treinou-se ao longo dos anos, ou talvez nem tenha sido treino, talvez tenha nascido com essa sensibilidade e com a capacidade de mudar o seu estado de consciência deste plano para qualquer outro plano de existência. Ela muda o estado de consciência, mas a imagem tem realmente uma existência própria.

Descrever como esse registo continua a existir é uma questão ainda maior. Em que existe? Se tem milhares de anos, não pode haver nenhuma mente viva onde possa existir. Só pode existir no éter refletor. Para captar essa imagem refletida é preciso mudar o estado de consciência. E nesse instante é preciso muito cuidado, porque é uma forma de dissociação, e

pode-se sair assim e depois ter imensas dificuldades para voltar. Notarás também que há um estado de névoa, de transição, quando a pessoa volta ao normal—aí há um breve vazio. O éter contém imagens sem fim. Não seria possível haver esse tipo de criação de imagens no vosso plano material, pois teriam então um mundo cheio de imagens e não haveria espaço para mais nada.

As imagens existem no éter? perguntou Loomis.

Têm de preexistir para poderem ser vistas.

Meade: Dessas imagens são projetadas as aparências materiais, ou não?

Do mundo etérico, que é o meu mundo, vêm todas as vossas coisas materiais, e para esse mundo voltam todas as coisas materiais. É um fluxo constante, interminável. De onde acham que vêm todas as vossas faces tão diversas? Padrões—padrões sem fim!

Lo Sun Yat falou disso da última vez, disse Meade, sobre as faces trazerem registos.

Sabes, Meade, começo a pensar se isto de que estamos a falar não estará a aborrecer algumas pessoas aqui.

É muito provável, disse Meade. Vamos mudar de assunto.

Gostava de tratar disto a fundo com alguns de vocês que gostem de falar sobre o tema, mas parece-me que sinto algum cansaço em parte do grupo. Se me dão licença um minuto, sinto que alguém quer tomar o controlo, por isso vou afastar-me.

GUIA: COLIN KELLY (fala com extrema amargura e emoção reprimida): Venho falar só um minuto. No início da guerra fui morto no meu avião. Dizem-me aqui que o meu nome é Colin Kelly. Disseram que eu deliberadamente lancei o avião contra um barco, um barco japonês, mas não fiz isso. Deixei os outros saltar de paraquedas e, quando chegou a minha vez, já era tarde demais, por isso fui até ao fim com o avião. Não sou o herói que dizem que fui, mas agora sei para que servem as guerras—têm de ter heróis! Heróis! Demasiados heróis! O que seria uma guerra sem heróis! Sim, sei que estou entre amigos, mas estou sem a minha mulher e sem o meu filho porque o mundo precisa de heróis!! O mundo "precisa" de guerras! Precisa de ódio! Boa noite!

A violência emocional deste comunicador perturbou muito o médium, ficando com as mãos e braços dormentes. Passaram cerca de quarenta minutos até que a sessão pudesse ser retomada.

GUIA: RAYMOND NATALLI: Volto para trazer algumas recordações de estrelas e planetas.

Irene Probert: És meu amigo?

Raymond Natalli: Raymond Natalli, não é muito importante o nome. Fui apresentado ao vosso grupo por um homem que se chama Lo Sun Yat. Vim pela primeira vez há algumas semanas. Se houver perguntas que queiram fazer, terei muito gosto em tentar responder.

Meade: Fala-nos do teu período de vida na Terra. Quando viveste?

Por volta de 1692-93. Fui astrónomo. Nessa altura, pelo que me parece agora, vivia em Tripoli. Sim, continuo estes estudos agora. Só que agora consigo ver muito mais além.

Meade: Os astrónomos aí usam instrumentos óticos e aparelhos?

Não, porque vivemos em condições muito diferentes.

Meade: Os teus estudos centram-se nos corpos celestes, como quando estavas aqui?

Não naqueles observáveis ao telescópio, mas por transição da consciência.

Meade: É possível transferir ou expandir a consciência de modo a alcançar corpos celestes?

Sim, em qualquer direção. Mas para isso, percebes, é preciso ter esse desejo. Não é qualquer pessoa que o pode fazer, mesmo deste lado. Sei também que nem todos gostariam de o fazer.

Meade: Qual é o teu interesse particular nos estudos astronómicos? Fala do que mais te interessa.

Sobretudo observar a radiação de calor de vários planetas e os efeitos que isso pode ter noutros.

Meade: Então há planetas que produzem radiação de calor de modo a que possas observar os efeitos?

Acredita, não é nada fácil agarrar numa pergunta e conseguir pensá-la e responder. Por isso, se por vezes hesito, peço um pouco de paciência. Por algum motivo, parece que consigo pensar melhor se me fizerem perguntas do que se for eu a avançar com o tema.

Meade: Vês o nosso Sol? Ou o seu duplo etérico?

O duplo etérico do Sol tem milhares de quilómetros à volta do Sol, estende-se em todas as direções: um duplo etérico pulsante e vibrante.

Meade: É isso que estudam?

Sim, em grande parte é isso que a Terra também sente. Examinamo-lo transferindo a consciência para o Sol.

Meade: Podes descrever a experiência de entrar no duplo etérico do Sol?

Sinto-me um pouco pesado por alguma razão esta noite. Mas prometo que, em breve, me irei manifestar ao jovem aqui e fazê-lo escrever muito sobre o tema.

Meade: Isso será excelente. Temos muitas perguntas para te colocar. Seria útil escrevê-las?

Possivelmente seria útil. Se fossem escritas e apresentadas a este jovem, ele estaria mais recetivo às minhas sugestões.

John Lachmann: Consegues transferir-te para outros planetas? Consegues ver vida noutros planetas?

Há vida em muitos planetas, e noutros apenas os primeiros indícios de vida. Em alguns, a vida floresce bastante.

Mr. Loomis: Referes-te aos planetas solares?

Sim, refiro-me.

Irene Probert: Conheces o planeta de onde veio aquele avião?

Meade: Não sabemos se o avião veio de um planeta.

Meade: Há uma ordem de vida mais elevada do que a nossa, uma civilização e cultura mais desenvolvidas?

Não deveria abrir-me a esse tipo de perguntas. Vocês aqui não estão prontos para aceitar essa ideia e isso só causaria mais dificuldade e criaria dúvidas, dividindo entre os que estão demasiado dispostos a acreditar e os que não querem acreditar, formando dois campos de conflito.

Meade: Aqui somos só um pequeno grupo e estamos dispostos a aceitar. Se apresentássemos os teus factos aos cientistas, nenhum deles lhes daria atenção. Mas certamente podes dizer-nos.

Para começar, não acham um pouco tolo que vocês, neste pequeno planeta, este grão de pó no cosmos, achem que são os únicos "seres humanos"?

Meade: Seria mesmo muito tolo, mas nem todos pensamos assim.

Ainda bem que não pensam dessa forma. Dr. Cosman: Como são os nossos "primos" mais próximos?

Meade: São muito mais avançados do que nós em civilização?

Os que estão noutros planetas avançaram apenas até ao seu próprio estado. Nenhum planeta é mais avançado do que outro, porque não há forma de comparar. As condições são tão diferentes que, aquilo que para vocês seria "avançado" num planeta, só é adequado para as suas próprias condições de vida.

Dr. Cosman: Percebemos isso; mas como é que esses seres são fisicamente? Parecem-se connosco?

Eles parecem. O ser humano aqui na Terra é formado para se adaptar à Terra. A redondeza do corpo, da cabeça, dos braços. Noutros planetas, as condições podem criar…

O guia saiu abruptamente.

Pouco depois, um controlador desconhecido, numa língua desconhecida, manteve uma longa conversa com Ramakalo, um antigo comunicador, sendo o discurso deste último inaudível, como sempre.

GUIA: RAMACALO: Boa noite. Bem, era de esperar que ele esperasse até sair do corpo do médium para falar comigo. Falando palavras de sânscrito antigo. As condições estão um pouco em baixo agora. Acho que devíamos ir, o médium não está em condições para continuar. Por favor desculpem-me a mim e aos outros, e desejo-vos boa noite.

PALESTRA EM TRANSE DE 11 DE MAIO DE 1947

Presentes: Irene Probert, Harry Murphy, Gil Updycke, Meade Layne, Mark Probert, médium.

O guia foi o Professor Luntz, que discutiu o estado físico do médium e fez recomendações sobre a dieta.

Seguiu-se um guia desconhecido, que falou excitadamente numa língua desconhecida e depois mostrou-se incomodado com a intensidade da lâmpada.

Harry Murphy pediu informações sobre as origens culturais dos índios Pueblo e tópicos relacionados. Também pediu informações sobre os rituais religiosos dos índios Hopi. O guia lamentou a sua ignorância sobre o tema. Quando Murphy abordou o tema da astrologia, o guia Lingford afastou-se.

GUIA: RAYMOND NATALLI: O tempo no vosso plano baseia-se no movimento dos objetos, no meu plano baseia-se no movimento da luz. Não é uma velocidade de deslocação, mas uma velocidade de vibração, ou taxa vibratória. Um éter muito mais refinado do que o que têm à vossa volta.

Perguntaram: Isso é objetivo e homogéneo?

Assim parece para nós.

Mas mesmo aqui debatemos se é objetivo ou algo da mente. Não admira que vocês debatam, quando nós ainda não chegámos a uma conclusão satisfatória… As várias cores têm várias taxas de vibração. O verde é uma vibração de vida. É mais provável vermos cores complementares do que as vossas cores.

Perguntaram como podem os nodos da lua, cabeça e cauda do Dragão, ser efetivos num horóscopo.

Na verdade, no vosso mundo físico não são realidades. Mas, ocultamente, tenho a certeza de que são. Provavelmente há um ovo etérico nesses pontos ou um turbilhão atómico. Para construir um horóscopo deste

lado temos de saber tanto a hora de nascimento no vosso mundo como a hora do nascimento no nosso.

Sim, a astrologia é usada aqui, mas de modo bastante diferente. Será mais fácil para mim pensar se não tentar agarrar-me ao médium ao mesmo tempo. A vossa pergunta é muito interessante e tentarei responder-lhe mais tarde. Tomem nota de que responderei.

NOVO GUIA: DANÇARINO DO TEMPLO. Movimentos graciosos de mãos, cânticos; "Ye-ki-ah-ye-ki-ah—ye no le si ki ya, ki ya ta ya ki. Vim do templo sagrado de Ki Yu Ka—há muito tempo saí da terra. Não conheço Atlan, não conheço Khem. Não sou sacerdote, sou dançarino. Naquela altura todos os dançarinos tinham a língua cortada—o som da voz profanava o templo, mas agora falo. Dançarinos eram quase como escravos, comiam melhor. Não dançavam por prazer, dançavam para os Deuses. Obedeciam aos sacerdotes. Era melhor obedecer ao grande homem com chicote, arrancava-te a pele viva, arrancava a pele do corpo."

GUIA: NATALLI: Vejo como muito deste trabalho de sessões é confuso. Muito da personalidade do médium entra nisto. Muito da sua voz… A diferença entre a vossa astrologia e a nossa está apenas na fusão do vosso plano com o meu. Ao fazer um mapa deste lado precisamos de saber muito sobre a vida diária de uma pessoa… Cheira-me a algo queimado…

Irene Probert: São só batatas a cozinhar.

Batatas! Há tanto tempo que não me sentava para um prato desses. Sobre o que dizia: a vida diária aqui no vosso plano tem um efeito diferente no meu. Começam as causas ao entrar na vida terrena e aqui colhem os efeitos.

Os mapas aqui assemelham-se aos vossos, mas têm muito mais casas. Dizem que usam quantas? Doze? Dizem 12, nós dizemos 16. Sim, têm nomes mas receio não conseguir recordá-los neste momento. Tomem nota de que trarei esses nomes. Sim, usamos vários planetas desconhecidos para vocês, e creio que é aí que está a diferença. Não precisam de ser necessariamente planetas etéricos ou invisíveis, mas estão para lá do que a vossa ciência conhece. Sim, para lá do sistema solar. Exatamente.

Perguntaram para que servem as estrelas fixas na vossa astrologia e se Sírio tem alguma ligação particular com a Terra.

Não penso que tenha relação com a Terra além da atração vibratória. Não são planetas, luas ou sóis que se influenciam, mas os seus duplos invisíveis vibratórios. Sim, esses são visíveis para nós quando queremos. Sim, o sol é visível à vontade, quando o desejamos ou dirigimos a consciência para isso. É tudo o que veem aqui, e muito mais, porque a

entidade que se torna consciente disso tem uma sensibilidade muito mais apurada—poderia dizer sentido de sentir, mas é mais do que isso. (O tamanho e cor do sol aqui dependem muito da entidade que tem consciência dele), quanto tempo está cá, e muitos outros factores. Podiam escrever-se volumes.

Perguntaram: Os antigos Vedas falam do sumo de Soma ou "fluido lunar". Sabe o que significa isso? Percebe algum "fluido" ligado à Lua?

Pelo que sei, não. A lua tem um efeito elétrico e magnético muito forte sobre a terra.

Perguntaram: No caso do progresso de um horóscopo, em que minutos ou dias após o nascimento simbolizam anos de vida. Que mecanismo psíquico faz com que eventos astronómicos perto do nascimento afetem a vida anos depois?

Penso que aqui entra a semente psíquica. A entidade que reencarna traz o conhecimento subconsciente da sua vida passada, e é com base nisso que a situação se constrói.

PALESTRA EM TRANSE DE 25 DE MAIO DE 1947

Presentes: Sra. Hume, Gil Opdycke, Richard Townes, Kathryn Wallace, Meade Layne, Mark Probert, médium.

Antes da sessão propriamente dita, o grupo discutia a questão dos Elementais e olhava para certas fotografias onde apareciam rostos que poderiam ser de seres elementais. Passado pouco tempo, o médium, que estava deitado no sofá, passou abruptamente ao controlo e começou a falar com uma voz masculina bastante fina e aguda.

GUIA: Digam a esse homem, Shaver, que é melhor deixar essa história dos Deros de lado.

Alguém: Como sabe dos Deros? Tem algo a dizer sobre eles?

É melhor deixá-los em paz ou vai meter-se em sarilhos.

Alguém: Quem é? Não reconhecemos a sua voz. Já cá esteve antes?

Não, nunca estive aqui antes.

Alguém: Pode dizer-nos quem são os Deros? Como os descreveria?

Os Deros são elementais da terra, os seus corpos não são de matéria densa, são etéricos. Sim, podem operar no plano da matéria densa. Vivem em cavernas, mesmo sendo etéricos. Cada tipo de elemental tem o seu lugar. Alguns, como estes, vivem em sítios húmidos, frios, sombrios, em lugares escuros. O perigo é este: ao incentivá-los, estudá-los, se lhes prestarem atenção, trazem-nos para a vossa aura. Uma vez na aura, atuam como vampiros, sugam a força vital. Não, não podem aparecer em matéria densa por si próprios, só se algum humano estúpido lhes der ajuda. Não,

normalmente não interferem nos assuntos humanos, mas por vezes os homens entram em contacto com eles. A insanidade é muitas vezes causada por eles.

Em resposta a uma pergunta sobre sanidade e obsessão, o guia continuou:

A maior parte da insanidade é causada por obsessão e, na sua maioria, esta é provocada por seres elementais e não por espíritos. Quanto ao local onde se encontram, por vezes há uma reunião, um grande encontro, mas normalmente os Deros estão muito dispersos. Se não os deixarem em paz, então juntem um grupo de investigadores muito pragmáticos e investiguem o assunto com toda a força. Se não o fizerem, o fim será triste.

A eletricidade estática afastaria um Elemental mas o exorcismo tem pouco efeito sobre eles, embora muitas vezes seja eficaz com espíritos desencarnados.

GUIA: LINGFORD: Sim, vi o último guia. Ainda está a dançar por aqui. É um objeto verdadeiramente notável. Tem cerca de 90 cm de altura, é completamente careca e sem pestanas; parece quase ele próprio um elemental. Mas talvez fosse boa ideia fazer o que este pequenote sugeriu e reunir um grupo de bons investigadores. Sim, sei que o Shaver não acredita em espíritos. Se ao menos o conseguissem meter num círculo de sessões, descobriríamos toda a verdade sobre isto. Mas ele prefere brincar com elementais. Se quer perder-se nisto, tudo bem por nós, claro. Mas não se pode fazer nada com a editora que anda a dar publicidade a este tipo de coisas?... O rapaz está a ficar cansado, não posso continuar a falar através dele. Ele devia comer qualquer coisa...

Um novo guia tentou falar. Meade disse: O médium está cansado e precisa de comer algo, mas não pode comer enquanto não libertarem o guia.

GUIA: RAYMOND NATALLI: Aqui é Natalli. Vou libertá-lo e voltarei mais tarde. Por agora só quero dizer que o R. G. irá descobrir em breve que o que tem não está correto—nem a teoria nem os valores matemáticos estão certos. Voltarei mais tarde.

Quando Meade informou outro participante que Natalli era um astrónomo do século XVII, NATALLI, ao regressar, disse: Bem, primeiro alguém disse século XIII e agora dizes século XVII; o que eu disse foi século XVI. Estamos a fazer grandes progressos, não estamos?

GUIA: PROFESSOR LUNTZ: Aqui fala o Professor Luntz. Não vamos prolongar muito a sessão, pois o médium está um pouco esgotado. Não fiquem desiludidos se terminar de repente. Vejo que a esposa do médium foi para o hospital e que tudo correu bem. Ainda bem que fizeram

uma sessão nessa noite, senão provavelmente ela já não estaria convosco. Ela estava num estado altamente crítico... A sala está um pouco abafada, podem abrir a porta, por favor?

À pergunta se o guia conseguia ver os presentes, respondeu:
Vejo perfeitamente.

Perguntaram: Há muitas pessoas aqui esta noite?

Mais do que as que conseguem passar.

Meade: Gostaríamos de alguma informação para a Sra. Hume. Ela, se quiserem, pode explicar do que se trata.

Terei todo o gosto em ouvir.

Sra. Hume: Tenho visto luzes lilases, do tamanho de um prato pequeno; vêm até mim e depois desaparecem. Consigo vê-las de olhos abertos ou fechados. Estas desapareceram e agora vejo uma luz brilhante, depois uma verde e, a seguir, uma nuvem escura. Sinto que o meu corpo está a vibrar e que estou a perder a consciência. Tenho lutado contra isso.

O roxo é uma das cores vibratórias mais elevadas. No entanto, se fosse a si, continuava a lutar contra isso. Não deixe a sua consciência escapar-lhe, descontroladamente. Retenha a consciência, e essas coisas continuarão a surgir e vai compreendê-las se estiver totalmente consciente.

Meade: O que indicam essas luzes?

É provável que haja entidades avançadas à sua volta, Sra. Hume.

Sra. Hume: Seria possível que os meus guias falassem através do Mark?

Meade: Gostaríamos de saber o que significam.

Sra. Hume: Não tenho tido medo, mas o meu corpo vibra tanto que senti que ia perder a consciência.

Isto é uma forma de hipnotismo usada para distrair e fascinar a sua mente, de modo a que a entidade que está a operar a possa segurar nesse estado de Consciência. Seria melhor se permanecesse consciente, assim poderão dizer-lhe muitas coisas.

Meade: O guia quer que a Sra. Hume saia do corpo?

Esse é o desejo, mas penso que é melhor não o fazer sozinha.

Sra. Hume: Eu própria já senti isso. Tenho guias do vosso lado?

Sim, tem vários bons guias, não sei se já saiu do corpo ou não, mas por favor siga estas instruções. Tenha sempre alguém consigo. Sente-se e tente provocar a condição conscientemente, com vontade. Se for retirada do corpo enquanto está sozinha, se os seus guias não estiverem preparados e aptos a proteger o seu corpo físico nesse momento, pode não conseguir regressar. Se alguém entrar em casa e a tocar ou abanar, pode ser o último abanar!

Meade perguntou se ela não deveria ser tocada de todo, ao que o guia respondeu:

Não deve ser tocada. Se isso acontecer durante uma sessão, voltará por si própria, desde que os guias estejam lá para ajudar e proteger... A vibração roxa pode fazer muito pela sua saúde; é uma vibração curativa muito usada deste lado.

Sra. Hume: Pedi ajuda quando vi as luzes pela primeira vez.

Está a receber o que pediu, como todos recebemos, eventualmente. A minha preocupação é proteger o seu corpo físico enquanto está neste estado de transe. Não deve estar sozinha. Não deve ser tocada e deve ser deixada a despertar naturalmente. Se for necessário tocá-la, deve ser feito com muita delicadeza. Verifique sempre o pulso, a respiração e o batimento cardíaco.

Meade: Deu-nos informações muito úteis.

Sra. Hume: Não entendo as cores das luzes—roxo, laranja, verde.

O verde é bem conhecido como cor da vida.

Meade: Estas entidades estão a tentar transmitir conhecimento ou comunicar com ela?

Não só transmitir conhecimento, mas, pelo esquema de cores, diria que é uma tentativa de a ajudar fisicamente. Agora vou. Boa luz.

PALESTRA EM TRANSE DE 1 DE JUNHO DE 1947

Presentes: Roger Graham, Sra. G.H., Sra. St. J., Sra. R.G., Irene Probert, Meade Layne, Mark Probert, médium.

GUIA: LO SUN YAT: Bem, esse era o La Ho a tentar falar mas ele não está habituado ao procedimento. Apresentas-me aos teus amigos? Vejo que são novos nisto, devem sentir, digamos, alguma relutância. Tu (para Roger G.) estás dividido, e isso até é bom... A tua pergunta sobre o outro desvio levantou bastante discussão deste lado. Seja o que for que este rapaz ouviu na outra reunião, foi captado de forma clarividente, era só conversa deste lado e não deve ser tomada como informação exata. A minha própria opinião é que terás de mudar a resposta, os valores matemáticos que tens de momento. Não sou grande entendido nesses assuntos, mas lembra-te de que estás a lidar com uma quantidade desconhecida. Se conseguires uma resposta material (física, científica) em vez de filosófica, terás feito algo notável. Não sei quem foi, mas estou quase certo de que alguém do nosso lado te deu a ideia da experiência simplificada. Agora, com esta história da câmara, podes aproximar-te mais do problema.

Após o R.G. explicar uma nova experiência, o Guia disse: Bem, sendo o Einstein quem era, se ele tivesse anunciado algo assim teria sido aceite em todo o lado.

GUIA: DANÇARINO DO TEMPLO: Após vários minutos de movimentos de dança elaborados: Sim, dancei nos tempos antigos. Os sacerdotes do templo cortavam a língua a todos os dançarinos, por isso dançavam, não falavam. Sim, danço agora. Mil dançarinos vêm dançar, mas já não são escravos. Já não dançam para os deuses antigos, dançam para o único Deus.

GUIA: LINGFORD: Meade, fazes as perguntas mais complicadas! Apresenta-me, sim? Sobre a experiência do desvio do éter, acho que as respostas que o rapaz ouviu aqui estavam provavelmente erradas, mas avança com o teu trabalho.

Em resposta a várias perguntas, o Guia afirmou que a gravidade não era sentida no seu plano de existência, mas que tinham consciência do peso se quisessem. Também tinham consciência das dimensões, se assim escolhessem, e tinham uma noção de cima e baixo.

Quando alguém perguntou: Bem, se pegares num objeto, o levantares e o largares, ele parece cair?

Hm-m-m! Nunca tinha pensado nisso antes.

GUIA - NATALLI: Sobre a teoria einsteiniana da curvatura do espaço pela matéria, as ondas de calor dos planetas fazem o espaço ficar curvado. Os instrumentos que usam agora estão incorretos nas medições e receção... O calor que sentimos do sol não vem do contacto direto com o sol, mas da aura do sol. Sim, isso é o mesmo que o duplo etérico do sol. O sol é um enorme e constante fogo de gás a arder; com o tempo arrefecerá e tornar-se-á semelhante à nossa terra. A lua não foi lançada pela terra; foi lançada pelo sol. Muito tempo depois a terra também foi lançada da mesma fonte.

A vida possui ou consiste em dois factores: o elétrico e o magnético, e estes são inseparáveis da matéria. A Força que chamamos Deus é essa mesma força básica que flui por todas as coisas. Sim, é possível ter um corpo etérico separado de qualquer contrapartida física, se a palavra físico for usada no sentido vulgar de matéria densa. Mas o etérico também pode ser dito como uma forma de matéria. Estamos na mesma posição que vocês quanto ao conhecimento. Conhecimento significa acordo de mentes depois de investigação, estudo e experiência.

Não, o grupo a que pertenço não tem nome, pois nomes reconhecem personalidades, e nós não nos preocupamos com a personalidade. Estudamos coisas semelhantes e comunicamo-nos quando queremos.

O pensamento é transportado eletricamente. É análogo à transmissão rádio, onde há uma onda portadora. Sobre as outras perguntas, vou conferenciar com os meus amigos aqui e tentarei responder da próxima vez.

GUIA: La Ho voltou e falou com muita clareza e ênfase; o tom era sarcástico e crítico. Sobre o Adepto "XX", agora a viver na Califórnia, La Ho afirmou que embora esse homem conseguisse atuar no astral em plena consciência, estava constantemente iludido pelas suas próprias visões e formas-pensamento. A pessoa comum, sem poderes psíquicos, não tem forma de escolher entre as afirmações de "X" e as de La Ho. A moral desta situação é que devemos suspender o juízo e avançar devagar nestas matérias.

PALESTRA EM TRANSE DE 1 DE JUNHO DE 1947

Presentes: James e Barbara Plumb, Kathryn Wallace, Richard Townes, Irene Probert, Meade Layne, Mark Probert, médium.

GUIA: LINGFORD: Sou como uma moeda má: estou sempre a aparecer. Os outros parecem ir e vir, mas eu continuo sempre, como o rio. A tua pergunta sobre registos, jovem. Há registos de tudo e qualquer coisa: todas as ações, das mais baixas às mais elevadas, ficam registadas. Desde a formiga ao elefante, há registos. Olha, temos um bebé a chorar!

Meade: Ouvem-se esses sons desse lado, Lingford? Bebés a chorar? Ah, sim, muito mesmo. Eles choram tal como cá.

Meade: Ou seja, quando vêm do nosso lado?

Sim, bem, falávamos de registos. A razão pela qual tudo fica registado é porque deve acontecer primeiro no que podem chamar estado negativo, antes de poder acontecer no estado positivo: o original ou molde está cá muito antes de ser produzido no físico.

Meade: Isso aplica-se às ações voluntárias?

É verdade para toda a ação, porque o pensamento tem de ser formado primeiro.

Meade: O pensamento preexiste fora da consciência física?

O pensamento é a ação, é a força geradora, por isso tem de existir antes da ação.

Meade: Podes dizer algo sobre a origem desses existentes? Surgem por si na mente cósmica?

É tudo o que se pode dizer sobre isso, Meade. Mesmo aqui, o nosso conhecimento é limitado. Qual é a causa original, ainda é uma questão.

Meade: Então é correto dizer que nenhum de nós origina qualquer pensamento?

A mente, tal como a entendemos, é apenas um instrumento através do qual essa força opera. Muitas vezes já se apontou a semelhança com o vosso rádio.

Meade: Receção seletiva?

É isso mesmo.

Meade: Todos os pensamentos então preexistem, e as nossas mentes individuais selecionam-nos?

Certo; sintonizam-se—ligam-se ao universo.

Meade: Como é que entra aí a responsabilidade moral? Qual é a função da vontade humana?

Depende muito da sensibilidade do indivíduo, do que ele capta. Não se pode responsabilizar um rádio por captar interferências ou linguagem imprópria, tal como o homem não pode ser responsabilizado pelo que faz ou deixa de fazer. A ideia da sua imoralidade ou grandeza moral é, de novo, fruto da sua própria concretização.

Achas então que o homem é um autómato—uma espécie de marioneta? perguntou Meade.

Em grande parte, sim. Tem de ser ensinado por aqueles que têm frequências mais fortes, digamos assim.

Rejeitas a ideia de responsabilidade? disse Meade.

Pessoalmente, rejeito. E sobre este tema, Meade, vai sair um dos livros sobre os quais tens estado à espera que te fale. Fica atento.

Podes dar-nos uma pista sobre o título? perguntou Irene Probert.

Sim, algum modo de identificar o livro? acrescentou Meade.

Se vou responder a perguntas dessas, preciso de um cigarro. A esposa do meu amigo aqui tem uma mente rápida. Parece que sabe quando estou a chegar e o que vou querer. O livro será, como podes supor, sobretudo filosófico e metafísico.

Está a ser compilado agora ou é algo para breve? perguntou Irene.

Está a ser preparado do meu lado agora; a seu tempo começará do vosso lado.

Sabes em que língua aparecerá? perguntou Meade.

Não tenho a certeza. Dependerá, de novo, da recetividade de quem sintonizar esse tipo de pensamentos. Claro que isto soa vago.

Meade perguntou se esse é o procedimento habitual.

É o que me parece.

Será possível mais tarde dizer-nos o título do livro? perguntou Meade.

Pode ser que seja possível ainda antes do fim da sessão.

É sobre a função da vontade? perguntou Meade.

É nessa linha, mas diferente.

É um grande passo, disse Meade.

Será um grande feito se for bem desenvolvido.

Mais tarde o título foi dado: “Declínio e Queda da Raça Humana.” (A Bolsa Mágica)

A quem querias saber sobre, jovem?

Richard Townes: Queria saber de um Dr. Camp.

Era ele médico?

Sim, disse Richard. Morreu há cerca de dois meses.

Assim que sair daqui vou ver o que posso fazer para o contactar. De que morreu? Ataque cardíaco? Envenenamento? Vou tentar localizá-lo. Por agora vou sair. A força parece ter esgotado, por isso pode demorar até aparecer o próximo comunicador.

GUIA: LINGFORD: Meade, estou a ter alguma dificuldade em fazer este homem passar. Ele entra mas não sabe falar. Vou tentar aqui algumas coisas e ver o que consigo.

Ajuda ir falando? quis saber Meade.

Sim, ajuda; a atenção deles tende a dispersar-se nestas condições de silêncio. Se conseguir que ele fale, não esperes demasiado; ele está muito hesitante e pode esquecer-se de muitas coisas... só um minuto agora.

O comunicador revelou-se ser o pai de James Plumb, um dos presentes. A conversa durou 10 minutos e dizia respeito a assuntos pessoais e familiares. A memória do comunicador parecia clara e definida.

GUIA: PROFESSOR LUNTZ: Sou o Prof. Luntz e quero falar sobre o estado da jovem aqui (K.7.). Caíste quando eras criança. Penso, minha jovem, que tens uma aderência na base da coluna; uma aderência nervosa. Sugiro que o médico procure isso; pode ser desfeita, mas tem de ser localizada. Quando isso for tratado, as tuas dores de cabeça desaparecem.

Tem alguma relação com a cirurgia que fiz na anca? perguntou X.

Não creio.

Meade quis saber se um quiroprático seria a pessoa indicada para consultar.

Creio que é a única forma de a desfazer. Não penso que exija cirurgia.

Irene agradeceu pela ajuda antes de ir para o hospital.

Sei que não percebeste a gravidade do caso. Não quis assustar-te mas não foste cedo demais. Tiveste sorte em conseguires manter-te no corpo nas condições em que estavas. Uma congestão estava a formar-se nos pulmões no dia antes de saíres de casa; a tua tensão estava baixa e o hemograma mau.

Conhece algum médico familiarizado com o espiritualismo? perguntou Meade.

Só conheço um e é através do médium, é o Dr. S. Agora penso que já disse o que tinha a dizer e vou sair.

PALESTRA EM TRANSE DE 8 DE JUNHO DE 1947

Presentes: Sr. e Sra. Roger Graham, Gil e James Opdycke, Craig Burroughs, Kayk e Richard Townes, Doris, Meade Layne, Irene Probert, Mark Probert, médium.

GUIA: LO SUN YAT: (Movimentos de dança.) Acho melhor não tentar dançar, estou demasiado gordo para isso. Criaria um grande espetáculo a saltitar pela sala com todos vocês aqui.

Mas o médium não é gordo. Que palavra tens para nós hoje? pergunta Meade.

Há bastantes pessoas aqui hoje—bastantes, e cada vez chegam mais.

Ouvistes alguma das nossas conversas? pergunta Meade.

Conheço quase todas as vossas perguntas mas poucas das respostas. Tentei aparecer há pouco, sobre o que o médium disse acerca da maior parte dos problemas da senhora serem mentais. É verdade para todos nós. Se percebêssemos quanto vivemos na mente teríamos menos dificuldades com o corpo físico.

Em resposta a uma pergunta sobre a necessidade de vitaminas, o guia respondeu:

Isso mesmo. Só quando ela regular a mente conseguirá fazer algo pelo corpo. Enquanto mantiver esse pensamento consigo continuará a sofrer.

Mas a mente é mais difícil de controlar do que o corpo, disse Meade.

Poderia ela ser hipnotizada para se libertar dessa atitude?

Meade respondeu: Tenho tentado ajudar a Sra. H., e penso que os seus guias têm tentado fazer algo por ela. Suponho que não tens informação sobre isso.

Não sei quem são os guias dela, mas sei isto: se continuarem a mantê-la nesse estado mental estão a fazer-lhe mal e não bem.

Meade perguntou: Recomendas invocar os guias dela?

Aconselho a livrarem-se deles e a invocarem novos guias. Para mim é claro que os que ela tem não lhe estão a fazer bem nenhum.

Tenho alguma relutância em dar esse passo, disse Meade.

Pensa bem nisso. Em todo o tempo em que teve esses guias, alguma vez melhorou?

Não, disse Meade, não melhorou nada.

A ligeira melhoria dos últimos meses deve-se aos mantras e passes, não aos guias.

Achas que essas medidas têm mesmo valor? perguntou Meade.

Acho que são uma grande ajuda, mas é preciso fazer algo para se livrar destes guias; levam-na demasiadas vezes para o astral e ela não está em condições para isso.

Como é que isso pode ser feito em segurança? perguntou Meade. Devemos fazer um pedido?

Ela própria deve pedir guias de paz e dizer aos que tem agora que preferia não os ter, pelo menos por um tempo. Se realmente tiverem boa vontade para com ela, deixarão que outros entrem; se não, vão ter trabalho a livrar-se deles.

Agradecemos muito a tua opinião; será uma decisão dela, disse Meade.

Neste momento, uma janela caiu; o guia saiu abruptamente e as condições não se restabeleceram durante uns 7 minutos.

GUIA: LINGFORD: Sabes, Meade, o barulho da janela fez-nos todos saltar aqui deste lado também. Ouvimo-lo muito mais alto do que vocês.

Meade disse: Conta-nos o que aconteceu, e Graham acrescentou: Normalmente conseguem ouvir os nossos sons?

Pode ser muito prejudicial para o Guia. Pode deixá-lo completamente inconsciente.

Estás a referir-te ao Mark, disse Meade.

Sim, mas perturba a entidade que está a controlar o corpo no momento; provoca mesmo um estado de amnésia; ele fica como um bêbado durante algum tempo.

Pobre Lo Sun Yat! disse Meade. Lamentamos muito, foi puro acidente. Hoje tivemos várias perturbações. Temos uma alegada descrição tua de uma senhora do Iowa.

Ouvi, não está totalmente correta; não sou grande dado a vestir-me bem...

Graham perguntou: Ela viu-te?

Vejo tanta gente que não sei se ela me viu ou não.

Ela diz que lhe falaste uma vez, disse Meade. Disseste: “espera um pouco.”

Lembras-te de ter dito isso a alguém? perguntou Graham.

Não, há isto a reter sobre o assunto. Quando contactamos uma pessoa que entra no mundo astral, temporariamente ou na morte, conversamos mentalmente, não verbalmente. Ela pode ter falado comigo sem eu estar totalmente consciente da sua presença. Talvez tenha recebido uma imagem mental minha e não uma visão real de mim presente. Há muita conversa aqui, mas quase toda é mental; não precisamos de contacto direto. O que

ela conseguiu trazer de volta, em termos de visão, pode ter sido mais uma imagem mental.

Então uma pessoa pode fazer-te uma pergunta e tu responderes sem sequer te aperceberes disso? perguntou Graham.

Sim, porque conversariam comigo numa frequência de éter, ou onda vibratória, totalmente diferente.

Interessante! disse Meade. Enquanto ages como guia para o Mark, consegues apanhar uma mensagem telepática minha?

Talvez. Seria uma experiência interessante.

Vou pensar num número e ver se o consegues apanhar, disse Meade.

Se calhar, para benefício dos que estão à tua volta, devias escrever o número para eles verem. Se eu conseguir apanhá-lo, terão alguma prova disso.

Se eu o escrever, podes facilmente vê-lo também, disse Meade.

Bem, sim. Como confiamos uns nos outros!

Confiamos na palavra do Meade, disse Graham.

O número escolhido por Meade foi 15. Inicialmente, não foi dado a conhecer aos outros, mas depois de alguns minutos Meade escreveu-o num papel e mostrou-o discretamente a todos.

O número que apanho agora é 9.

Não, disse Meade. Não é esse.

Tem relação com o número.

Não, disse Meade. Não com o número que tenho em mente.

Bem, não está a funcionar. Acho que o Lo Sun Yat, quando descreveu aquelas fotografias que tinhas aqui, e não havia luz na sala, saiu-se melhor no escuro do que eu agora à luz.

Se estivesses fora do corpo, conseguirias fazê-lo melhor? perguntou Meade.

Talvez, porque aqui tenho duas mentes com que lidar, o controlo da mente do rapaz e a minha.

Acham que alguém do vosso lado sabe qual é o número e pode dizer-nos?

Lingford saiu e, passado algum tempo, um guia não identificado assumiu. #92.792.000 megaciclos. Parece-me correto. Distância média do Sol... Dizem que sou Ali Ben Casi—sou mesmo.

Megaciclos? perguntou Meade. Que número é esse?

Não estou a falar de luz.

Tens informação sobre a velocidade da luz também? perguntou Meade.

Graham disse: Esquecemo-nos de qual era a terceira pergunta que submetemos.

Os valores atuais para a luz são 186.000.

Para nós é 186.137, acho eu, disse Meade.

O que te faz supor que há alguma diferença no espaço interestelar?

Um número que nos foi dado do vosso lado não bate certo com o que acabaste de dizer, comentou Meade.

Sobre o Sol?

Sobre a velocidade da luz, disse Meade. Pensámos que podíamos obter mais informações de ti; estes valores são muito importantes em todos os cálculos científicos. Há uma diferença de mais de 7000 milhas por segundo entre os dois valores.

Isto refere-se a uma comunicação extraordinária recebida através de outro médium, um clarividente, no início de 1946, em que a velocidade da luz foi dada como 193.737.329,5. Embora, obviamente, não seja verificável, estes números merecem respeito tendo em conta o conhecimento demonstrado pelas entidades noutras matérias e o aspeto geral das sessões.

Não sei quem te deu isso. Estás com algum problema. O que se passa?

Irene Probert disse: Estou um pouco preocupada por não saber onde está o meu filho.

Vou sair por um momento para vos deixar organizar.

Houve conversa sobre o filho desaparecido, que chegou durante a conversa, e o Guia pergunta pelo problema. Graham pergunta, Quem está a falar?

GUIA: Prefiro não dar o meu nome.

Já cá esteve antes? perguntou Graham.

Não, vim porque senti problemas. Tento vir e ajudar onde há problemas. Provavelmente estava envolvido um carro e houve problemas com o carro.

Irene disse: Tens razão, não houve problemas com eles, pessoalmente.

Devem telefonar aos pais da rapariga; eles ainda estão à procura. Terão de ser dadas explicações.

Meade disse: Bem, o jovem está em segurança; isso alivia a tensão aqui. Agora que estou livre do meu dever, posso ir.

Irene Probert perguntou: És o Ali Ben Casi?

Não, quem é esse?

Vale a pena notar como o desconforto mental de um membro do grupo afetou o trabalho da sessão e foi captado pelo comunicador, e também a

pronta aparição do Ajudante anónimo, que ficou apenas enquanto pôde ser útil.

GUIA: LINGFORD: Bem, Meade, ainda bem que já passou; isso provoca tensão em todos. Até me dá vontade de fumar um cigarro. Não me apanham nesse truque do camelo, também. Parece que o teu rapaz teve problemas com o carro, lá para os lados da Assion Gorge, Irene.

Sim, teve, respondeu Irene.

Tenho uma pequena pergunta, disse Meade. Depois disso, gostava que falasses com o Graham.

O que se passa com a Sra. Graham, também? As senhoras normalmente não ficam só a ver; costumam conversar um pouco. Desconfio de senhoras que não fazem perguntas.

Aquilo sobre as pessoas do teu lado não conseguirem ver através de vidro, por exemplo, de janelas? perguntou Meade.

Não há razão para isso. O vidro não é um obstáculo.

Um amigo meu disse-me que tem razões para pensar que o vidro é um ecrã impenetrável para observação astral, disse Meade.

Isso pode ser verdade para alguns do meu lado, talvez foi assim que ele ficou com essa ideia. Se alguém pensa que não pode ver através de vidro, provavelmente não consegue mesmo.

Graham perguntou: Podias ir até Santa Monica e trazer o FGH para que pudesse falar através do médium? Ele está perfeitamente disposto a vir, se for possível.

Queres que traga o corpo psíquico dele para aqui?

Sim, disse Graham. Ele é um adepto e está familiarizado com isto, e vai colaborar.

Vou dar lugar a outro e vou lá "agitá-lo". Acho que neste momento ele está relaxado deitado de costas. Volto já. Há outros que querem falar.

NOVO GUIA: Seria boa ideia o rapaz ir telefonar para a casa da jovem. Têm telefone? Não? Então podem ligar para a polícia local e pedir que eles contactem a Polícia do Estado—eles ainda andam à procura.

Irene perguntou: Vai dar-nos o seu nome?

Não, prefiro não dar.

GUIA: NATALLI: Vamos avançar com algumas das vossas perguntas.

Graham perguntou: “Já investigaste os vórtices?”
“Isso soa como uma das perguntas do Dr. L.”
“Veio do FGH recentemente”, disse Meade. “Ele queria que analisasses esses locais onde a gravidade está toda alterada e que nos desses toda a informação possível.”

“Debaixo do solo, na secção onde a vossa gravidade parece estar distorcida?... Encontrar-se-ão depósitos de ferro.”

Graham disse: “E o que se passa com isso?”

Meade perguntou: “Todos os depósitos de ferro distorcem a gravidade?”

“Não, mas se esse ferro estiver sob fluxo magnético, haverá distorção.”

“O que queres dizer com ‘sob fluxo magnético!’?”, perguntou Graham.

“Parece estar sob atração de dois pólos, criando uma onda radioactiva. PÓLOS. Além disso, haverá magnésio.”

“São estes efeitos puramente naturais ou houve intervenção de alguém na sua criação?”, perguntou Meade.

“São efeitos totalmente naturais.”

“Até onde vão estes efeitos? Quão fundo podem estar os depósitos para mostrarem evidência à superfície?”, quis saber Graham.

“Estendem-se de 9 a 210 metros.”

Graham disse: “Em certas condições consigo perceber como poderá ser possível, mas não tenho a certeza. Sei como pode ser produzido sinteticamente.”

“Como poderia ser produzido sinteticamente?”

Graham disse: “Pelo que sei, há outros dois, positivo e negativo, e fluxo magnético e fluxo gravitacional... mas não vejo como possa ocorrer por métodos naturais.”

“Mas quando tens fluxo elétrico e magnético de ambos os pólos, isso afeta tremendamente o ferro e o magnésio.”

“Juntos criam vórtices gravitacionais?”, disse Graham.

“Sim.”

Meade disse: “O FGH investigou três deles; os seus ritmos diferem: 1, 2, 3 segundos e outros são muito rápidos.”

Graham perguntou: “Pode haver tal variação?”

“Sim, pode.”

Graham continuou: “O FGH disse... mas o Controlador insistiu ‘Mas não há. NÃO.’ “A ilusão do próprio FGH?”, perguntou Graham.

“Tanto quanto pude observar, diria que ele está a ver mal. É uma coisa geral.”

Graham perguntou: “Os depósitos não poderiam ter um fluxo flutuante?”

“Não, têm um fluxo contínuo e ritmado.”

Meade disse: “Estes locais são muito numerosos? Conhecemos uns 10 ou 12.”

“Parece que também há um no México.”

“Tenho estudado a Qabala”, disse Graham, “e deparei-me com a afirmação de que grandes informações foram dadas em segredo aos nossos antepassados mais antigos, por uma raça vinda do espaço, e que ainda existem hoje. Ouviste falar disto?”

“Espera um momento, já volto. Estou a ter dificuldade com este corpo.”

CONTROLADOR: (Língua oriental, depois inglês) “Venho de bem alto, Tibete – vim pela primeira vez Bh, aqui há muitos, muitos milhares de anos.”

Graham pergunta: “Conheces um homem no Tibete chamado Dowa?”

“Dowa não soa a chinês, não soa a mongol – o homem branco não é bem-vindo no Tibete. Falas de um homem que chamam de adepto?”

“É isso mesmo”, disse Meade.

“Ele ficou com comichão do plano astral. Não foi de fumar, apanhou a vibração errada no plano astral e trouxe-a de volta consigo, sim!”

“Como é que ele fez isso?”, perguntou Meade.

“Nervos. Actuam no sistema nervoso. A pele é muito mais sensível do que pensam. A pele é muito sensível ao mundo astral.”

“E quanto a uma condição da pele como a desta jovem, onde o pigmento está a desaparecer da pele?”, quis saber Meade.

“Causa muitos problemas, preocupação; medo de algo, provoca medo interior, a cor é retirada da pele através do astral.”

“Sabe o que se pode fazer quanto a isso?”, pergunta Kay T.

“Não muito, neste momento. A pele é como um filme sensível. Senta-te, estende a mão, concentra a mente na sensação da mão, em breve sentes o toque. O dedo também revela pela cor, pode-se distinguir tons de cor.”

Sabe-se experimentalmente que sensações de cor e sabor podem ser recebidas pelos dedos, ou pela extensão do polegar.

“Há outros tipos de doenças causadas da mesma forma?”, perguntou Meade.

“Sim. Especialmente as pessoas são suscetíveis a isto durante o sono.”

“Que tipos de doenças? Apenas doenças nervosas, ou também doenças germinativas?”

“Começam como doenças nervosas e evoluem para doenças germinativas.”

“Por diminuição da vitalidade?”, perguntou Meade.

“Primeiro por colapso mental, ou melhor, diria, colapso psíquico da aura psíquica.”

Irene perguntou: “Que tipo de doenças são causadas assim?”

“Muitos tipos, mas a maioria são doenças de pele. Mas pode ir mais longe e

até desenvolver cancro. Ficas exposto aos raios cósmicos, esses raios têm grande quantidade de átomos radioativos."

"Sabe a origem dos raios cósmicos?", perguntou Meade.
"Não, se alguém é especialmente sensível fica exposto ao bombardeamento destes raios radioativos, que entram pela pele e causam cancro."
"Então o cancro pode ter origem no corpo devido aos raios cósmicos, sem relação com a existência astral?", questionou Meade.
"Sim, especialmente se se passar muito tempo ao sol; o sol está cheio de radioatividade."

É comum um comunicador começar com um inglês infantil e quebrado, e acabar a falar inglês fluente e até técnico, especialmente quando o seu interesse é despertado.
"Lô Sun Yat, homem gordo."
"Já o viste antes ou é a primeira vez?", perguntou Grehkan.
"Vi-o há muito tempo no Tibete; houve uma grande reunião em cavernas... Tens mais perguntas?"
"Estava a pensar nos livros de Mme. Blavatsky. Já ouviste falar dela?"
"Já ouvi falar muito da senhora – russa baixinha e gorda."
"Ela está aí agora? Morreu..."

"Não, não está aqui agora, não. Não entrou no grupo, achava-se demasiado boa. Mas era muito inteligente. Tens do teu lado pessoas do mesmo género."
"Ela insinuava que era uma adepta vinda para nos dar uma mensagem e que outra viria um século depois dela", disse Graham.
"Ela não era grande adepta; era estudante, e as coisas que recebia vinham do plano astral. Há muitos grandes guias no plano astral. Demasiadas pessoas do teu lado gozam com o plano astral. Não é bom!"
"Bem, compreendemos que há muitos planos, tantos como estados de consciência, na verdade", disse Meade. "Sim."
"Queria perguntar-te sobre os Go, os Homens de Neve. Que natureza têm esses seres?", perguntou Meade.

"Parece que são os últimos de uma raça que a Natureza produziu há milhares e milhares de anos. São o último exemplar!"
"São seres humanos?"
"Da espécie humana, sim."
"De grande tamanho?"
"Enorme, mas não evoluíram muito mentalmente; são como animais."
"Perigosos para humanos?"
"Qual é o seu modo de vida?"
"Sim."

“Os poucos que restam vivem juntos em cavernas; também realizam rituais.”
“Cultuam?”
“Sim.”
“Têm uma Escola, então?”, perguntou Graham.
“Sim, mas agora muito atrás da raça.”
“Os seus corpos são de matéria densa?”
“Se um te agarrar, vais perceber o quanto pertence ao teu plano.” “Estás vivo agora?”
“Estou a falar!”
“Há quanto tempo viveste em corpo denso?”
“Há muito tempo, antes do teu Cristo. Vim 2000 anos antes.”
“Onde estavas então, em que país?”, perguntou Graham.
“Difícil lembrar.”
“De que raça vieste?”
“Mongol é uma raça com muitas variações; agora há tantas que ninguém sabe o que é sangue puro.”
“Vens da Mongólia?”
“Sim.”
“Lembras-te da tua ocupação em corpo denso?” Sem resposta.
“Qual é agora a tua principal ocupação?”
“O que tu fazes, eu faço: procuro conhecimento.”
“Fazemos perguntas para aprender algo sobre a vida no vosso plano”, disse Meade.
“Podes dizer-nos de outros planetas por onde já passaste?” perguntou Graham.
“Existe algum mundo que os nossos astrónomos desconheçam, no sistema solar?”
“Ninguém mais fala. Só me pergunto se os outros têm língua.”
Graham disse: “Esta é apenas a minha segunda vez aqui e tenho de voltar para Chicago em breve, por isso estou a aproveitar ao máximo a oportunidade.
“Fizeram uma máquina para ir à Lua? Eu estive na Lua. A Lua é muito quente, muito fria, muito áspera; a rocha parte-se, faz muito barulho; rochas frias fazem ainda mais barulho.”
“De onde veio a Lua?” perguntou Meade.
“A Lua veio do Sol, a Terra veio do Sol: Lua, Terra, tudo um só. A Terra veio do Sol, depois a Lua veio da Terra.”
“A Lua separou-se da Terra depois de a Terra se separar do Sol?”
“Sim, exatamente os mesmos minerais, tudo igual no Sol como na Terra,

tudo igual."
"Há ar na Lua?"
"O ar é muito fino, não dá para pensar. Sem oxigénio."
"Cresce alguma coisa na Lua, alguma vegetação?"
"Não. Demasiado quente, demasiado frio. Queima. Congela."
"O outro lado da Lua é igual a este?" perguntou Graham.
"Sempre noite, nunca dia, não roda, frio, calor, nenhum humano aguenta, não."
"A Lua é uma esfera?" perguntou Meade.
"Sim, a Terra também é esfera; como algodão a passar."
"A Lua tem uma forma semelhante?"
"Sim."
"Já estiveste em Marte ou Vénus?" perguntou Graham.
"Como chamas ao planeta com o grande anel?"
"Saturno?"
"Planeta com grande anel – anel de gás – Saturno?"
"Já lá estiveste?"
"Sim, já estive lá. Frio! Frio!"
"Frio por baixo da atmosfera superior?"
"Não tentei, não vou."
"Não nos queres dizer o teu nome?" perguntou Irene Probert.
"Nome?... Estou aqui há muito tempo—nome? Boa noite!"
Noções de dança. Língua estrangeira. No início destas sessões, há cerca de um ano, usavam-se frequentemente línguas europeias; nos últimos 6-7 meses só se tem ouvido chinês, tibetano, dialetos mongóis, polinésio, egípcio antigo e atlante, ou aquilo que os Controladores dizem ser dessas categorias. Como ninguém presente é capaz de identificar nem mesmo línguas mongóis contemporâneas, o termo "língua estrangeira" usado nestas notas significa simplesmente mongol, tibetano, urdu — ou pré-histórico. Se a língua é reconhecida, assim é indicado.

CONTROLADOR: "Venho de uma terra muito abaixo de água, água profunda."
Graham perguntou: "Este ou Oeste?"
"Daquilo a que chamam Atlântida. Cortavam as línguas a todos os dançarinos nos templos, para não falarem. Conheces a ilha onde está a grande base de pedra? Isso é Atlântida. Isso é MU."
"Vieste da terra de MU?" perguntou Irene.
"Não, Atlântida."
"Referias-te à Ilha da Páscoa?"
"Em breve verão as terras unirem-se, sem água. Ligam-se a parte da

América do Sul; fala-se de MU. Rostos de pedra esculpidos, colocados a olhar para o sol por adoradores do sol."
Kay perguntou: "Há quanto tempo viveram eles?"
"20.000 anos. Pegavam em pedra dura brilhante e esculpiam pedra macia."
"Porquê tantos?"
"Imitação das pessoas a adorar. Não, não era necessariamente cada um a esculpir a pedra, mas todos tinham de ter uma pedra esculpida; deixavam uma lembrança de si e da família para adorar Deus... Agora só há quatro pessoas na ilha, não são amigáveis. Sim, descendentes do povo antigo. Vieram as águas; grande onda, grande maré."
"Os astecas também eram adoradores do sol", disse Richard T.
"Sim, parte de uma ligação distante."
"Alguns habitantes de MU conseguiram escapar e chegar à América do Sul?" perguntou Meade.
"Não, não escaparam, simplesmente não foram atingidos pelo terramoto e pela água na zona onde viviam. América do Sul e MU eram uma só, mas só certas partes ficaram cobertas pela água."
"O Japão fazia parte de MU?" perguntou Graham.
"Não, mas a Coreia, sim." O Controlador foi perturbado por uma pancada na porta e ausentou-se.

CONTROLADOR LINGFORD: "Receio que o teu amigo tem comichão a mais para vir aqui. Não se consegue concentrar em mais nada a não ser na comichão neste momento. Acho que, se tivesse a mente clara, conseguia fazê-lo facilmente. Tudo o que posso dizer sobre o teu amigo é que ele é um homem no seu próprio caminho e que esse caminho lhe serve. Isso é obviamente verdade para ele, mas pode não ser para outra pessoa. Só assim é que podemos aprender no oculto. Eu não posso aprender nada do teu comprimento de onda, nem tu do meu. Sim, ele já esteve aqui muitas vezes no astral, mas, como todos nós, vê aquilo que é para ele ver; esse é o problema da vida. Sobre as previsões, como a guerra para 1960; não penso que ele esteja certo; acho que está errado."

Graham perguntou sobre a possibilidade de uma entidade reencarnada entrar no corpo de uma criança morta recentemente, ao que o controlador respondeu: "Pela minha observação, não acho que isso possa ser feito de forma permanente, porque cada corpo é especialmente preparado para a entidade e outro corpo dificilmente será útil... pode acontecer por um curto período de tempo."

Após uma questão sobre auras, o controlador continuou: "A vibração áurica depende do tipo de alimentação que uma pessoa tem; às vezes a aura

desvanece-se até mal ser visível. Não tem nada a ver com o corpo astral, é gerada pelos químicos do corpo denso e desaparece quando o corpo morre."

"O teu corpo agora não tem aura?" perguntou Meade.
"Exatamente."
"Se um médium acreditasse que os espíritos têm auras, veria a aura?"
"Muito provavelmente. A mente constrói para si mesma o que deseja; esse é o verdadeiro problema. Tudo tem uma certa quantidade de vibração luminosa, e suponho que o corpo psíquico, até o meu, emite uma força de algum tipo, e quando uma pessoa se materializa, a vibração provavelmente é muito mais forte. Sim, pessoas materializam-se do nosso plano para o vosso, mas não acontece muitas vezes."

"Consegues lembrar-te de alguma outra existência que não a tua vida no corpo?", perguntou Graham. "Ou seja, a tua vida aqui como Lingford."
"Isso é uma pergunta, não é? De momento, diria que não, não me lembro de um tempo em que nunca estive vivo, também."
"O que queres dizer com isso?"

"Quero dizer que, quando estava no corpo físico, não conseguia olhar para trás ao longo dos anos e saber de um tempo em que não existia. Quero dizer que sempre existi, caso contrário teria alguma consciência de um início e de um fim, não seria?"
"Primeiras memórias?" disse Graham. "O que quero dizer é: lembras-te de um tempo em que não vivias?", disse o Controlador.
Graham respondeu: "Se dissesse que sim, estaria a mentir. Alguém já foi empurrado para vidas passadas?"
"Sim."

"Por exemplo, ------ diz que na última vida foi comerciante na Europa, afirma lembrar-se claramente das vidas passadas", disse Graham.
"Interessante! Claro que o Meade sabe que não sou propriamente versado em ocultismo, apenas estudei ou li um pouco sobre o assunto. O que sei, aprendi desde que vim para aqui. Sim, sei que os comunicadores costumam falar com autoridade. Mas a inspiração faz subir vários níveis da mente consciente, o que sai parece cada vez mais lógico; mas quando somos postos à prova, caímos por terra."

Um comentário interessante, equivalente a dizer que há verdade no discurso "inspirado" simplesmente porque é inspirado, e a mente está aberta ao influxo da verdade, mesmo que os factos, os dados, ou até a lógica, estejam maioritariamente ausentes. Mentes de certo tipo no astral, tal como aqui, falam muitas vezes com uma espécie de certeza intuitiva e

profunda convicção, e no entanto não conseguem responder às exigências rigorosas da ciência e da lógica.

Em resposta a uma pergunta de Richard T. sobre o número escolhido e a menção de que o médium já o sabe, o CONTROLADOR disse: "Bem, se ele sabe, não me diz. Há muitas coisas na vida dele que eu não conheço. Não temos por hábito escancarar as portas uns dos outros sempre que queremos. Continuarão a submeter as vossas perguntas por escrito? Aprecio a vossa amizade. Sabem, têm a esposa mais silenciosa que alguma vez vi. Não a bates?"

"Ela não acredita em ti, Lingford."

"Bem, não lhe podes levar a mal por isso. Eu já suspeitava. Por isso é que tenho tentado que ela fale. As mulheres, no geral, são criaturas profundamente desconfiadas, e não só; são intuitivas e isso torna-as perigosas.

"Gostava apenas de ter tido alguém que me amasse quando cá estive. Nunca me casei e agora não me interessa. Espero que ela volte contigo e gostaria de lhe provar quem sou. Todos temos o direito de acreditar no que quisermos até vermos ou sermos mostrados o contrário... Não podemos esperar que as pessoas vejam o que queremos que vejam."

"Não te esqueças onde moro, Lingford", disse Meade.

"Não me esquecerei. Vou lá abanar a tua cama uma noite destas. Não acreditas que consigo, mas verás. Boa noite."

O médium esteve sentado ereto numa cadeira pouco confortável e falou continuamente, ou foi falado através dele, durante quase três horas, com breves intervalos de consciência normal. Acorda como se de um sono e sente-se alerta e revigorado. Os seis comunicadores foram distintos em voz, maneira e temas, e o rosto do médium mudou visivelmente em cada caso. Para além disto, toda a operação foi extremamente natural, sem elementos sensacionalistas e livre do "discurso ético-religioso" de que o Professor Broad justamente se queixa. Aqueles que estão convencidos de antemão de que estes Comunicadores não são mais do que personificações subliminares, ou também espíritos errantes de baixo nível astral, têm, parece-me, todo o ónus da prova sobre si mesmos.

Aliás, seria um exercício divertido, embora inútil, pegar, por exemplo, numa transcrição taquigráfica de uma reunião de três horas de uma faculdade, e tentar provar logicamente, através de críticas superiores, inferiores e médias, que todas essas aparentes personalidades são personificadores, fantasmas e pseudo-entidades, quase incapazes de processos racionais e indignos de qualquer atenção séria. Se a reunião fosse de comentadores de rádio e cronistas, nem seria preciso crítica; bastaria

apresentar a hipótese e a transcrição literal. No entanto, são estes senhores que, das alturas da sua superior sabedoria, ridicularizam todo o trabalho de sessão como tolice e fraude. Os seus aliados são, claro, os religiosos ortodoxos, os grosseiramente ignorantes, os homens "práticos" e, infelizmente, um número considerável de espiritualistas, que descredibilizam toda a matéria pelas suas puerilidades e falta de sentido crítico.

A nossa atitude perante estas sessões deve ser suficientemente clara: é simplesmente uma de recetividade crítica, sem credulidade, mas também sem armadilhas e estratagemas. Deve recordar-se, também, que manter conversas semanais com as mesmas personalidades, ao longo de um ano ou mais, constrói uma conceção da sua natureza e carácter que pode ser bem diferente daquela produzida por uma única experiência ou pela simples leitura de relatórios impressos, que não conseguem reproduzir muitos incidentes e detalhes de discurso e comportamento.

PALESTRA EM TRANSE DE 15 DE JUNHO DE 1947

Uma breve sessão improvisada num domingo, às 20h45. O primeiro controlador foi uma velha índia americana. Pediu que lhe lessem versos do poema de Longfellow, "Hiawatha".

"Digo que Naomi era uma verdadeira mulher, uma velha, amada por todos. Eu era o que chamam índia Delaware, estou aqui há 150 anos, talvez... Sim, já andei por aqui, mas não falei antes. Falo só quando é preciso. Tu (para o participante Gil Opdyke) vais para casa este ano. O teu pai vai adoecer...

Não, não sou guia. Vou-me agora. Dei paz ao homem branco mas o homem branco não deu paz ao índio."

"A paz do Grande Espírito vai contigo."

Há uma mudança de controlador e Charles Lingford fala.

"Não há muita força aqui esta noite."

"Ouvistes a velha índia e a sua profecia?"

"Sim, ouvi o que foi dito a Gil. Não gosto de julgar previsões, especialmente previsões de desgraça – era uma velha índia, não um homem como pensaste. Pode estar certa, suponho. Falta vitalidade aqui."

"Ouvistes a nossa discussão sobre psicocinese?" perguntou Meade.

"Sim, ouvi o que estavam a dizer sobre o Barão Ferson e Max Long e a força para levantar o cão; mas não vou comentar, prefiro deixar isso para alguém que saiba mais sobre o assunto."

Sai e às 21h há um novo controlador.

“Venho agora de ilhas, bem distantes.”
“Vens do Havai?”

“Não, não do Havai, do mar do sul, de ilha de grandes rostos.” (Ilha da Páscoa). Ilha das cabeças. Ouvi o que disseste sobre a força usada para levantar o cãozinho. Tem cuidado, não brinques com magia negra.”

Meade explicou a razão da discussão anterior e a busca esperançosa de um método moderno de cura instantânea, baseado nos métodos usados pelos Kahunas polinésios. Estes são discutidos no livro de Max Freedom Long “Secret Science Behind Miracles”. Meade perguntou ao controlador se havia semelhanças entre os métodos de cura da Ilha da Páscoa e os dos Kahunas havaianos.

“Sim, é a mesma força usada pelos Kahunas. É de natureza puramente eléctrica; chama-se ao corpo e depois liberta-se, transforma-se em força magnética.”
“Esta técnica pode ser usada por nós?” perguntou Meade.
“Sim, qualquer pessoa pode com tempo e prática diária. Sim, poucos minutos de cada vez; não demasiado tempo; se for demais, deixa de haver resposta, fica – como dizes, sim, talvez, imune. Sim, pode ser usada para curar — nós usávamos nas ilhas. Fazes assim (a ilustrar); mãos para cima, puxar para baixo, movimento forte para baixo. Dizes ‘Ki-ee-ya’.”
“O que significa isso?”
“Significa Grande Força Divina. Para cima, para baixo, para cima, para baixo! Forte. Depois esfregas bem as mãos uma na outra. Depois fazes o que chamam de ‘passes’ sobre o centro do corpo, as mãos separam-se. Depois fazes passes por todo o corpo, da cabeça aos pés, da cabeça aos pés. Pensa na força a fluir; pensa em harmonia.”

“E se a pessoa estiver doente só num sítio, como um braço partido, ou úlceras no estômago, ou um ataque cardíaco?”
“No local afetado, usa movimento rotativo, ambas as mãos sobre a zona má. Isto tem grande efeito na estrutura atómica do corpo. Muito poderoso. Vou-me agora.”
E foi o fim dessa sessão. O controlador ilustrou esta técnica de cura levantando as mãos bem acima da cabeça, braços estendidos. O movimento era puxar para baixo com força, repetido sete ou oito vezes, entoando “Ki-ee-ya”; depois esfregava as palmas das mãos vigorosamente; isto pode ter sido um gesto de limpeza para repolarizar ou neutralizar a energia “doente” captada nos passes. Os primeiros passes são separadores, partem do plexo solar e as mãos afastam-se; depois fazem-se passes de limpeza pelo corpo inteiro. Sobre a zona doente ou lesionada, faz-se movimentos rotativos com ambas as mãos. Não é necessário tocar no corpo. Não é certo que este

Controlo fosse ele próprio um Kahuna, mas é uma boa descrição de cura polinésia por técnica mágica.

Outro controlador sugeriu, noutra ocasião, que após qualquer cura por "imposição de mãos" ou outro contacto com forças espirituais, é boa precaução lavar as mãos em água fria. O significado de limpeza é óbvio, mas mais importante, quebra-se a ligação com forças psíquicas que poderiam levar a obsessão! O choque da água fria na pele liberta um ácido nas células superficiais. Isto repolariza-as para a saúde e neutraliza qualquer matéria etérica indesejada e negativa absorvida da pessoa doente.

O Sr. Lewis respondeu: "Estamos a planear começar o laboratório nos próximos meses. Dentro de três ou quatro meses começaremos."

"Não vai demorar muito, mas se encontrarem dificuldades, não desistam. A mente encontra aquilo que procura; pelo menos, seria assim que o pequeno sábio gorducho o diria. Há mais alguma pergunta sobre isto?"

"Estávamos a planear fabricar ouro", disse o Sr. Llewis. O professor conseguiu fazê-lo, mas esteve quase a morrer com os resultados. Mas pensa que é possível fazê-lo novamente, e em segurança."

O Prof. Twining acrescentou: "Há vinte anos fiz ouro a partir de mercúrio e chumbo. Ainda tenho esse ouro."

"O mundo foi atrasado mil anos pela estupidez dos que se menosprezam e às suas próprias possibilidades, mas que vos esmagam se tentarem mudar. Mas quem sabe se foi bom ou mau não termos avançado mais depressa?"

O Prof. Twining continuou: "O espectro também mostrava... (notas não obtidas).

"Têm tido sucesso até agora?"

"Muitas vezes não obtivemos resultados", respondeu o Prof. Twining. "O ouro era radioativo. Os meus olhos fecharam-se e fiquei fraco devido ao envenenamento. Não sabia então qual era a causa."

"É admirável não te ter matado. Por vezes é bom sentirmo-nos um pouco receosos à medida que enfrentamos a vida. Mistérios não permanecem como tal. São coisas escondidas de ti até desejares verdadeiramente saber; depois, abrem-se de modo muito simples. A natureza não cria mistérios para se esconder do homem, mas para o levar a procurar. Acho que vou ausentar-me por um momento. Obrigado a todos."

(Controlador estrangeiro, língua desconhecida, depois...

CONTROLADOR: Lo Sun Yat

"Tempo demais para mim. Vou-me... Não deveria atrasar a reunião com pessoas que não são propriamente capazes de falar. Ele pertence a uma

tribo mongol. Primeiro disse que vos conseguia ouvir mas não conseguia responder. Veio apenas para fins experimentais. Era um dos muitos eremitas solitários que vagueiam pelos Himalaias.
"Faz-lhe bem tentar falar connosco?" perguntou Meade.

"Sim. Em todo o conhecimento há benefício. Talvez regresse e tenha coisas interessantes a dizer sobre aquela região do país. Mas terá de esperar até saber inverter a sua conversa para que o possam compreender."
"O que aconteceu ao pigmeu que costumava vir?" perguntou Irene P.
"Tem vindo muitas vezes e está cá agora, mas prefere principalmente ouvir e está muito entusiasmado com o que aprende."

"Não percebemos bem a tua referência", disse Meade. "Esse homem tem de trabalhar e aprender a língua?"
"Tem, mas por agora, e tendo chegado cá há pouco tempo, ainda anda a pensar que a língua é algo dividido e diferente."

"Por favor, explica melhor como é aprender uma língua totalmente nova do teu lado. Qual é o processo mental envolvido?" perguntou Meade.
"Isto varia bastante. Primeiro tens de perceber que a língua é algo criado pelo homem para criar uma barreira. Como tantas coisas separadas que vemos, mas é apenas a ilusão da separação. Depois, aprende-se através da observação do som e do tom. Não se ensinam palavras específicas, mas ouve-se todas as palavras."
"Como um homem a aprender inglês tentará captar o significado?" perguntou Meade.

"Esse é o primeiro passo: tentar sentir primeiro a coisa. Seria uma perda de tempo do meu lado tentar ensinar como vocês fazem."
"É possível", perguntou Meade, "que ele aprenda a compreender inglês sem aprender a língua inglesa?"

"Pode; e a seu tempo será capaz de falar através de qualquer médium ou independentemente na língua que for necessária, porque toda a linguagem, como disse, é uma só, e essa única linguagem é o pensamento transformado em som e tom."

"Consigo compreender isso aplicado a objetos para os quais há imagens mentais", disse Meade. "Não faz diferença se se diz homme, vir, Mann, uomo, hombre, homem, se a imagem que chamamos homem é percebida por trás da palavra, mas e quanto a abstrações — simpatia, caridade, infinito e por aí fora?"
"Abarca tudo isso porque não aprendemos pelo que consideram símbolo. Por um lado, é raro o som ser usado da forma como o conhecem no vosso lado... Jovem, estás a cansar-te demais." (Isto dirigido à dactilógrafa.)
"Obrigada por me fazer sentir importante."

"Já nos ouviste falar sobre discos voadores?" perguntou Meade.
"Sim, mas não tenho comentários. Talvez alguém fale disso mais tarde. O que te preocupa, Sr. Townes?"

"Devíamos ter tido um gravador hoje mas ficámos desapontados." respondeu Richard T.
"Quem deveria estar mais desapontado que eu? Mas, na realidade, pouco importa, porque com o tempo, tudo o que tem de acontecer, acontecerá, por isso para quê apressar as coisas? Talvez seja melhor não ter sido hoje.

CONTROLO: LINGFORD

"É muito peculiar como consigo entrar e sair de uma pessoa, no meio de tudo, com vocês a falar. É muito confuso."

"Lingford, queres falar com o Professor Twining?" perguntou Irene P.
"Professor Twining, sou conhecido por Lingford, e também como uma espécie de homem misterioso, porque não tenho primeiro nome. Sou um dos poucos americanos que compreende a língua inglesa aqui. Não percebo porque é que os estrangeiros tentam falar através de um médium que fala inglês, e tu?"
"Mas és capaz de usar o corpo do Mark com toda a naturalidade", observou Irene.
"Mas, Sr. Llewis, estou um pouco em desgraça."

"Porquê?" perguntou o Sr. Llewis.
"Não consegui captar um número aqui no domingo passado. Não é terrível? E para piorar, o meu bom amigo, Lo Sun Yat, senta-se no escuro e vê as imagens que tem na mão."

"Estamos interessados em saber porque é que não resultou", declarou Meade.
"Posso ter um cigarro, por favor? Professor Twining, não está contente por eu não me manifestar através de si, porque não fuma? Não seria horrível? Eu sei que pouco o preocupa."

"Eu rio-me sempre de tudo", comentou o Prof. Twining.
"É por isso que vai viver muito mais do que pensa, e também porque a sua mente é tão ativa. Quando a mente de um homem começa a secar, ele envelhece. Parece que estou a falar demais."

"O que achas do meu coração?" perguntou o Prof. Twining.
"Não sou grande doutor, mas não sinto que tenha um coração fraco. Penso que, quando partir, irá de forma muito tranquila e serena: seria muito sortudo por isso. Nem todos temos essa sorte. Mas quanto mais tempo conseguir manter-se no corpo físico, melhor estará quando passar para aqui.

“É uma regra geral?” perguntou Meade.
“Na maioria dos casos para pessoas mentalmente ativas, sim. Não tanto para quem não é.”

“Mesmo para quem está doente?” perguntou Meade.
“Sim, se conseguirem aguentar, é melhor manter-se no corpo físico o máximo de tempo possível, se tiverem, como vocês dizem, ‘algo na bola’. Sr. Lewis, tem alguma questão que gostaria de me fazer?”
Em resposta, o Sr. Llewis perguntou: “Pode dizer-nos algo sobre os discos voadores?”
“Não nos avisou sobre aparições no céu?” perguntou Meade.
“Sim, este é um dos vossos casos de geração espontânea... mas do invisível para o visível, e de volta: é isso que torna tão difícil para vocês aprenderem algo sobre eles. Receio que o meu cigarro esteja a incomodar o Professor Twining.”
“Continuando sobre os discos”, insistiu Meade, “estão a materializar-se na nossa dimensão?”
“Sim. Não sei se consigo dizer-vos a sua origem e propósito, mas é uma espécie de isco para fazer o homem olhar.”
“Bem,” perguntou Meade, “há inteligência por trás deles?”
“Oh, sim.”

“São realmente naves de algum tipo?” insistiu Meade.
“São, e querem despertar o interesse daqueles que prestam atenção. Vivemos mundos dentro de mundos, como já vos disse... Professor Twining, acha possível que o mundo físico contenha também um mundo invisível que possa produzir coisas físicas espontaneamente, que tenham existência separada?”
“Acho”, afirmou o Prof. Twining. “Sim, absolutamente.”

Lingford mais tarde obteve mais informações sobre isto. O essencial das suas observações e as de outros comunicadores apareceram na RR e FR.
“É isso que precisamos mais — mentes que consigam pelo menos pensar nesse sentido. Não damos muito crédito à imaginação, mas é através dela que o nosso mundo se torna belo, e não só belo, mas real.”
“Tentemos ficar pelos factos”, objetou Meade.

“Factos... Peço desculpa.”
“O invisível pode dar-nos ânimo”, afirmou o Prof. Twining.
“É bem verdade – e também têm a capacidade de reunir os elementos necessários para formar coisas, para que possam ser vistas no mundo físico.”
“Já vi isso acontecer muitas vezes”, acrescentou o Prof. Twining.

“Sim, mas isto é normalmente considerado nada mais do que feitiçaria.”
“Quem faz essas coisas?” perguntou Meade.
“Os habitantes do mundo etérico, e há muitos mundos etéricos.”
“Tenho vasta experiência”, disse o Prof. Twining, “em materialização sob condições perfeitas.”

“Mais algumas mentes como a tua deviam ter essas experiências. Tentei mostrar ao rapaz na outra noite que estas coisas estão realmente em forma de disco ou pão; é por isso que geram a energia que geram, porque nessa forma não têm resistência do ar.”
“Devem ter algum tipo de propulsão”, afirmou Meade.

“Vou ter de estudar isso mais a fundo eu próprio. Vê, se se conseguir pôr uma coisa a girar suficientemente depressa, pode-se estar em cima ou dentro dela sem sentir o movimento. Haverá mais destes discos. Não, essas pessoas não são hostis; estão tão interessadas nestas coisas cientificamente quanto vocês estariam. O homem chegou a uma fase em que há coisas que tem de saber em breve. Não, essas pessoas não são humanos desencarnados; têm uma existência própria. Os objetos vistos na Suíça são da mesma origem. Mas, na verdade, não me devo comprometer sobre este assunto.”

“É capaz de se materializar fisicamente?” perguntou o Prof. Twining. “Acho que sob as condições certas poderia materializar-me, mas é preciso um médium de materialização. Há uma substância nos corpos de certas pessoas que é ativada pela mente e produz o material chamado ectoplasma.

PALESTRA EM TRANSE DE 3 DE JULHO DE 1947

PRESENTES: Ving Anderson, Professor Twining, Franklin Llewis, Kathryn Townes, Irene Probert, Meade Layne, Mark Probert, médium.
CONTROLADOR: Professor Luntz (falando de radiestesia)

“O galho não é realmente necessário; serve apenas como ponto de concentração para tirar a mente do radiestesista de si próprio. Os radiestesistas podiam fazer tão bem ou melhor com a mão estendida se treinassem. A sensibilidade aos minerais e outras coisas está dentro da pessoa; é realmente apenas uma questão de sensibilidade. Alguém tem alguma pergunta?”
“Mas que tipo de força está em funcionamento?” perguntou Meade. “É uma radiação do objeto?”

“Sim, é. Os sistemas nervosos desses indivíduos estão altamente sintonizados com os minerais ou seja o que for que procuram.”

“Alguns só conseguem localizar um objeto e mais nada?”

"É verdade."

"Não há uma relação estreita entre psicometria e radiestesia?" perguntou Wing.

"Sim."

"No caso do diagnóstico de doenças..." começou Meade. "É aí que o Ego do indivíduo assume o controlo, ou o que preferem chamar de Eu superior ou o subconsciente intervém. Prepara-se para saber. Faz-se uma pergunta, e o operador obtém resultados de acordo com a sua sensibilidade e a capacidade do subconsciente, se quiserem, de separar e determinar."

"Isto pode ser desenvolvido com prática?" perguntou Meade.

"Não por toda a gente. É muito semelhante a outros fenómenos nesse aspeto, como a materialização. É algo que pertence à personalidade. Por vezes não conseguimos controlar a força necessária, porque lidamos com uma substância que extraímos dos presentes, e esta força dissipa-se."

"A distância tem algum efeito?" perguntou Frank L.

"Também depende da sensibilidade do radiestesista e da sua capacidade de projetar o pensamento ou ideias."

"Pode dizer-nos algo sobre a natureza dos efeitos psicocinéticos? Por exemplo, relativamente à queda de dados. É uma energia?" perguntou Meade.

"É, na minha perspetiva, uma energia. É controlada pelo indivíduo, tal como nos outros casos. É uma energia projetada pelo pensamento e tem uma força sentida. É essa mesma energia que ouvirão falar mais, em *The Rise and Fall of the Human Race*."

"Esse é o livro de que Lingford falou", observou Irene. "Conhece-o?" "Sim. É essa mesma energia que fez surgir coisas materiais."

"Descreve isso como uma energia", disse Meade. "Diminui com a distância, conforme a lei da energia como a conhecemos?"

"Em certos aspetos posso dizer que sim; noutros, não. Mas teria de entrar numa dissertação filosófica para dizer não. Deveria ser claro que não existe tal coisa como tempo e distância, e desse ponto de vista não pode haver perda de energia no tempo e espaço. Está claro? Mas para tratar disso de forma científica, temos de abordar de outro ângulo.

"Se eu conseguir influenciar a queda de dados num raio de um metro", sugeriu Meade, "isso significa que posso fazer o mesmo a 30 metros ou 160 quilómetros?"

"É possível, sim. A energia não encontra obstáculos no tempo e no espaço, desde que o experimentador esteja em total harmonia com a mente cósmica."

“Teoricamente, então, poderíamos ter comunicação por meios instrumentais afetando aparelhos à distância por energia mental?” perguntou Meade.

“Sim, poderiam. Este é um tema que devia ser mais estudado, e vai ser. O mundo científico tem muito a aprender sobre essas energias. O som, por exemplo, criado pelo pensamento. Já ouviram falar de comunicação telepática que passa pela palavra falada. É uma questão de projetar o pensamento ao longo de certo comprimento de onda. Ao longo desse comprimento o éter torna-se algo sólido e o pensamento torna-se algo como um medidor de registo por fricção.”

“Não há diminuição da energia nesse caso?” perguntou Meade.
“Não há. Muitas vezes pergunto-me, ao falar e ao ver as coisas, se estou realmente a transmitir as minhas ideias para vocês, pois como as vemos aqui são muito diferentes da vossa ideia delas; é muito difícil colocá-las em palavras inteligíveis. Mas penso que já disse o suficiente e vou dar a palavra a outro, se não se importam.”

Irene perguntou: “Pode dizer-nos qual era a sua profissão?”

“Teologia: o estudo da grande vida cristã. Não, não estava numa universidade americana. Há muitas coisas que gostaria de contar sobre mim, mas personalidades não são agora o importante. Passei algum tempo em Heidelberg... agora estão a levar-me de volta no tempo.”

“Perguntava-me se é possível homens como Newton e Galileu voltarem...”, questionou o Prof. Twining.
“É possível, sim. A questão é se terão tempo e paciência para o fazer. Conheci muitos desses homens, mais do que alguma vez conheci enquanto estava do vosso lado.”

O controlador retira-se.

NOVO controlador: luta por se expressar.
(Para o Prof. Twining) “Está a puxar-me a energia. Não consigo falar.” O controlador abandona Mark P. e o Prof. Twining entra em transe.

O primeiro controlador do Prof. Twining é um índio — “Me Swift Arrow”. É seguido rapidamente por outro controlo não identificado.

“Mandei este índio à frente para pôr esta pessoa teimosa sob controlo, para que as entidades se possam expressar através do médium. É a primeira vez que controlo este instrumento. Já há muito tempo que ninguém fala através dele.
“Esses cientistas que viveram há muito tempo na Terra querem que vos diga que estão muito interessados no que se passa agora, mas o contacto é tão ténue que é impossível para eles se manifestarem. Se o instrumento se

submeter e continuar de onde parou há muito tempo, é possível que um destes se manifeste através dele. Ele já esteve deste lado muitas vezes e comunicámos com ele, mas nunca conseguimos expressar-nos. Penso que continuaremos isto em Los Angeles e revelaremos alguns factos que vos serão úteis. Vamos ter de chamar este curandeiro índio que está presente para tratar deste homem devido ao envenenamento por radioatividade há uns 25 anos. Desculpem — não vou tentar revelar o meu nome agora."
O controlador retira-se.

NOVO CONTROLADOR: ANDRE DuVON. Previu grandes tempestades na Europa, com violentos terramotos em 1948 e 1949.
"O curso da Natureza está ligado ao homem; a terrível confusão criada pelo próprio homem está prestes a recair sobre ele."
Referiu um livro a publicar deste lado, "O Vento da Morte", e previu prosperidade económica para este país, com disputas sociais mas sem grandes problemas. O controlador retirou-se.

CONTROLADOR: LINGFORD

"Aqui estou de novo. Não sei quanto tempo durará a força. Lamento que os vossos meios mecânicos tenham acabado (referindo-se a problemas com o gravador). Veem, não têm mais controlo sobre o vosso aparelho do que nós temos sobre as forças psíquicas."

"Ouvistes o último controlador?" perguntou Meade.
"Aquele francês magrinho? Usa um manto muito pesado e diz ser jesuíta. Não tenho comentário, porque mesmo que fosse verdade, não faria previsões dessas. Não se pode parar tais coisas e não vejo utilidade em semear o medo. Seja por tempestade, terramoto, bomba atómica ou uma bala de calibre .22, não se ficaria mais morto."
(Pergunta não registada.)

"Sim, qualquer instrumento é tão bom quanto pode ser, e por vezes só tão bom quanto quem o usa."

"Eventos como os que DuVon previu estariam ao alcance do seu conhecimento?" perguntou Meade.
"Se estivessem ao alcance do pequeno André, estariam ao meu também, mas não me concentro nessas coisas. Antes de ir... 'mais morto'? Morto, mais morto, mortíssimo. Não o consegues dizer, pois não? Mas eu disse. Quem decide que palavras estão certas? O costume? Humph. Antes era costume arranjar bebida pela porta dos fundos de uma choupana qualquer, e agora serve-se até aos mais jovens num bar. Como os costumes mudam..."

Irene perguntou: “Onde está o amigo que nos falou dos Kahunas?”

Não penso que ele fosse falar sobre os Kahunas, mas sim Cahspi, um dos teus famosos pequenos sujeitos. Lembras-te de como foi difícil obter informação sobre o fogo-sagrado? Pois bem, continua a insistir com estas pessoas que aqui aparecem e penso que acabarás por obter algo sobre isso. O facto de alguém dar uma resposta não é prova de que a resposta esteja certa. Tu provocas um pensamento e eles pegam nele e depois tu transformas isso em palavras, e há aqui muita gente. Vês, tu não mudas só porque passas pelo estado de morte. Podes pensar que sabes muito, mas saberes de facto ou não continua a ser uma questão. Não percebo, Meade, porque se fazem tantas perguntas a pessoas que se manifestam sem sequer se considerar que essas pessoas podem não ser capazes de responder devidamente. Não estou ofendido de forma alguma, mas é um pouco intrigante.

Ouvimos tudo e tentamos organizar o conhecimento, explicou Meade.

Wing perguntou: Tens alguma forma de dizer o que se passa com esta máquina?

Não tenho jeito para mecânica. Nunca vi uma máquina destas antes; parece-me bastante confusa com todos aqueles pequenos dispositivos em cima. O que se passa por baixo dela? Acho que terei de sair agora.

O guia retirou-se.

PALESTRA EM TRANSE DE 13 DE JULHO DE 1947

PRESENTES: Gilbert & Sra. St. John, Harry McCullough, John Lachmann, Gilbert Opdycke, Kathryn & Richard Townes, Pat & Dorothy Sullivan, Irene Probert, Meade Layne, Mark Probert, médium.

GUIA: LO SUN YAT

Fico contente por conhecer todas estas pessoas novas. Tenho hoje muito trabalho pela frente?

Temos muitas perguntas, respondeu Meade.

Sobre as coisas voadoras no ar?

Sim, respondeu Meade, temos muitos relatos delas e as pessoas já começam a ficar aborrecidas com o assunto.

O ser humano aborrece-se com facilidade, por muito fenomenal que algo seja, começamos a bocejar se for demais.

Alguma vez te aborreces, Lo Sun Yat?, perguntou Meade.

Eu não, porque quando vim para aqui decidi que teria demasiado para fazer, demasiado espaço para percorrer, demasiadas coisas para ver. Desde que aqui estou nunca me aborreci, mas confesso que enquanto estava no corpo ficava muitas vezes aborrecido.

Bem, nós não estamos aborrecidos com os discos, disse Meade.

Preferia deixar esse tema para outro. Vamos falar de algo diferente.

Gostaríamos de perguntar sobre o estado da teoria do cancro, como é proposta por alguns ocultistas, explicou Meade. Devo ler uma declaração sobre ela?

Avança; há várias teorias desse género.

Meade leu a formulação da teoria. Faz sentido?

Sim, faz muito sentido. Onde é que encontraste isso?

Foi numa investigação de um grupo de ocultistas ingleses, explicou Meade. Eles estão certamente avançados na teoria, devo dizer.

É correto descrever o cancro como um elemental? perguntou Meade.

Não o chamaria exatamente isso. Quando alguém morre de cancro e causa o que parece ser um assombro cancerígeno, é realmente a mentalidade da pessoa que morreu com pensamentos de sofrimento e trouxe esse estado de volta consigo. É muito provável que se ligue a alguém sensível, e essa pessoa vai captar a vibração e ela vai passar para o seu corpo. Compreendes?

Sim, respondeu Meade, mas e quanto à origem do cancro em si?

Eu situaria isso nos raios cósmicos. Algumas forças cósmicas são demasiado fortes e provocam cancro em certas pessoas.

Quais são então as condições para o seu desenvolvimento? Existe uma condição fisiológica específica?

Sim, até certo ponto, mas também uma atitude mental. Existem raios muito nocivos no cosmos, semelhantes às vossas radiações atómicas venenosas; estão muito próximas.

Consegues dar alguma pista sobre porque é que algumas pessoas desenvolvem cancro e outras não?, perguntou Meade.

É difícil de prevenir porque não sabemos o que o indivíduo sensível pode estar a pensar. Não sabemos como são capazes de resistir a este raio destruidor. Não sabemos porque o atraem ou porque são suscetíveis a ele. Há muitas coisas que também nós, deste lado, temos de aprender.

Então não sabes o motivo?, perguntou Meade.

Não, exceto que nasce de uma sensibilidade a um determinado raio.

Se for verdade que o cancro tem origem no astral, supôs Meade, isso deve-se a um bloqueio dos caminhos normais de influxo, como diz a teoria, e à consequente abertura forçada de canais anómalos?

Sim, é verdade, mas a questão para nós é o que o bloqueia, que estado mental? Sentimos que é uma consciência específica, uma afinidade mental — mas qual? Não sabemos.

É provável que haja um factor cármico envolvido?, perguntou Meade. Alguns defendem que o cancro se deve em parte à prática de crueldade em vidas passadas.

Não, não. Pelo que consegui apurar, essa não é a causa.

Meade perguntou: Existe alguma linha de investigação particularmente promissora a seguir?

Sim, mas primeiro terão de fazer mais experiências com o corpo psíquico. Não penso que isso se possa fazer sem usar um médium de materialização.

Queres dizer tratar o corpo psíquico?, perguntou Meade.

Sim. Mas talvez chegue uma altura em que experiências desse tipo possam ser feitas em animais, tal como agora se fazem no animal físico. Experimentação com o corpo psíquico para ver como é que o crescimento se forma primeiro no corpo psíquico. Isto pode ser experimentado, com o devido cuidado, por um médium de materialização e através de ectoplasma. Possivelmente tal condição poderia ser provocada no corpo de uma pessoa solidamente materializada, e depois ver que efeito tem sobre o corpo físico do médium.

Isso é uma sugestão extraordinária, disse Meade.

É algo carregado de perigo, asseguro-te. Tem de ser feito por alguém que saiba exatamente ao que se sujeita. Boa tarde.

O guia retirou-se.

NOTA de Meade Layne: O texto do resumo da teoria oculta sobre o cancro apareceu no Flying Roll Gamma II, mas o essencial pode ser recolhido da discussão anterior. A importância do tema é tal que citamos aqui um parágrafo de uma carta ao Editor por F.G.H., adepto e colaborador frequente das publicações de M.L.:

O cancro é causado por elementais que não pertencem nem à evolução humana nem à dévica. Sempre que as condições permitem que possam utilizar sequer uma célula, eles aproximam-se e tentam instalar-se. Uma irritação constante por um agente químico é das causas mais frequentes que preparam células para o cancro. Um gráfico da incidência do cancro acompanha paralelamente o uso de certos conservantes nos alimentos. Uma das formas de prevenir o cancro é uma atitude emocional correta, pois isso impede os elementais cancerígenos de entrarem. Outro ingrediente causal do cancro é o ódio. Pessoas que são boas e constantes odiadoras são o melhor material para o cancro.

Vê-se que esta afirmação não entra necessariamente em conflito com a informação dada por Lo Sun Yat, mas tende a complementá-la; parece

provável que LSY a aceitaria, se a discussão fosse mais desenvolvida de ambos os lados. A descoberta de uma cura para o cancro seria uma bênção inestimável para a humanidade — mas não equivale forçosamente à descoberta da causa. E a causa é quase de certeza psicofísica, incluindo os corpos astral e etérico. É certo que já houve curas de cancro por meios mentais e psíquicos. O que é preciso, claro, é uma combinação do saber especializado do oncologista com a perícia do ocultista competente. Mas situação semelhante existe para praticamente toda a investigação fundamental — por mais ridícula que a ideia pareça ao trabalhador comum das ciências.

NOVO GUIA: Sem nome… Britânico.

Meade perguntou: Este é o Lingford — ou Natalli?

Não, não é. Achas que sou italiano? Não, nunca estive aqui antes. Viste o mendigo que esteve aqui há pouco? Não o viste? Consegues ouvir-me? E não me consegues ver? Não, não estou a falar através de ninguém. (Olha para as mãos.) De onde vieram estes anéis? Onde estou? Não percebo. Não sei bem quem me trouxe aqui. Está aqui um tipo gordo, creio que é chinês. Não sei quanto tempo estou aqui… Ele diz que estou morto… Ora, não podia falar se estivesse morto. Quem são todas estas pessoas?

Já ouviste falar de espiritualismo?, perguntou Meade.

Bastante. Costumava gozar bastante com isso. Não via como se podia estar morto e vivo ao mesmo tempo. Sabes o meu nome? Receio não o poder dizer. Não me lembro praticamente de nada. Foi divertido mas tenho de ir agora. Posso voltar? Adeus.

GUIA: LINGFORD

Esse jovem com sotaque britânico, a única coisa que consigo perceber dele é que foi morto num bombardeamento em Londres. Um entre muitos. Surpreende-me, Meade, que não apanhem muito mais casos assim. Não consigo sempre impedir isto, e as pessoas que querem dar-se a conhecer rodeiam os médiuns; onde encontram uma porta aberta tentam passar, e nem sempre consigo mantê-los fora. (Dá-me um cigarro, por favor, Irene.) E claro, nem sempre queremos impedi-los porque muitas vezes isso ajuda-os bastante.

Ficamos contentes por tê-los, desde que possamos ser realmente úteis, disse Meade.

Há tantos aqui esta tarde. Não sei quem trouxe quem. Alguns de nós conseguem ver melhor do que outros, tal como alguns conseguem falar melhor. Alguns não conseguem falar nem ver, portanto se houver um

período de silêncio completo, apenas com gestos de mãos, saibam que a pessoa não está completamente desperta.

(O guia discutiu vários assuntos pessoais de interesse para alguns do grupo; eventualmente voltou-se para o tema dos discos voadores.)

Sim, ouvi a opinião do FGH. Com o tempo verás que estas coisas contam a sua própria história. Sabes, pela tua leitura e estudo, que houve muitos, muitos fenómenos destes. Neste momento há-os em grande número e numa vasta região porque o mundo, de certa forma, está pronto para eles; só precisamos agora de um pequeno empurrão e despertaremos.

Então, não tens razão, neste momento, para mudar a tua interpretação sobre eles? perguntou Meade.

Não, não tenho! Achas por um minuto que alguma coisa material como conheces poderia rasgar e cortar o céu sem se incendiar? Não quero dizer que não seja material — mas o material é tal que aguenta o calor e a velocidade.

Esse material de construção existe no nosso plano?, perguntou Meade. Uma liga, talvez?

Sim, uma espécie de liga. Haverá mais e de vários tipos.

Conheces a doutrina dos Lokas?, questionou Meade.

Não. A única coisa que sei e posso dizer sobre estas coisas é que a condição ou estado de onde vêm é etérico. É um processo de materialização e desmaterialização.

Há alguma relação entre esses discos e as coisas que foram encontradas (caídas)? perguntou Kathryn.

Existem outras formas de operar coisas por controlo remoto além das que conhecem. Há energias ainda desconhecidas pela ciência. Lembram-se das fotografias que o Sr. Cosman tinha? Recordam-se de ver aquelas coisas no céu? São o mesmo tipo de seres que criaram este fenómeno (dos discos). Notaram nas imagens o quão gigantescos são? São habitantes etéricos que nunca conheceram a vida física. Refiro-me aos vossos discos voadores; vêm desse plano de existência.

Alguns desses discos transportam tripulação?

Os grandes, sim; os pequenos, não. Os pequenos funcionam com uma energia muito elevada.

(Pergunta não registada)

Sim, são controlados a partir do plano que transporta a tripulação. Alguns soltam-se; tornam-se moles como papel e desaparecem.

(Pergunta não registada)

Não, não passam a outra frequência de vibração nesse caso. A energia regressa à origem; eles desintegram-se, perdem a identidade. Isto explica o que acontece aos que parecem aterrar. A força e a estrutura desintegram-se.

(Pergunta não registada)

Se houver seres num disco que se desintegra, regressam simplesmente ao mundo etérico de onde vieram.

Não, não obterão NENHUMA informação dos vossos chamados superiores.

Não, os discos não estão a ser retirados (do plano terrestre); estão a ser explicados de forma banal. No entanto, continuarão até se esgotarem as explicações e as pessoas voltarem a ficar curiosas.

(Pergunta — sem relatos durante vários dias...)

Eles mudaram o campo de operações; têm o mundo inteiro para cobrir. Há razão para tudo, e acredito que a razão dos discos é mostrar às pessoas que existem formas de viajar mais depressa, de eliminar o atrito até no plano material. Tal como está, a velocidades superiores a 600 ou 700 milhas por hora, um avião queima-se.

É possível que permitam que um ou mais destes objetos aterrem sem se destruírem, para que possam ser examinados e experimentados; assim descobrirão como construir aeronaves capazes de viajar pelo espaço, e talvez encontrar um novo planeta onde começar novas guerras.

Podem ter alguma intenção de colonizar o planeta, mas penso que a principal intenção é dar-vos um método de viajar pelo espaço.

Acredita que o homem abandonará este planeta?

Acredito, sim, mas não num futuro próximo, não por muitos anos. A natureza é vasta e o homem encaixa nela como parte do todo. Ele pode tentar autodestruir-se, mas será mal sucedido e isso só o deixará infeliz. Mas chegará o tempo, e a ciência sabe-o, em que, se a raça humana quiser sobreviver, terá de encontrar outro planeta para habitar.

Reconhece a existência de planetas etéricos?

Sim, existem planetas etéricos, e também planetas gasosos que estão a formar-se em matéria sólida; novos estão sempre a ser criados. Sim, pode dizer-se que têm origem nos Lokas. Sabes, estou a ficar cansado. O problema no meu mundo é o mesmo que no vosso: muita conversa e nada realmente satisfatório. Vais encontrar essa condição em todos os mundos e em todos os estados de consciência.

Meade perguntou: Então não há céu, Lingford?

Se houver, não serias feliz lá. Sem tédio, haveria inércia; o homem tem de ser infeliz para existir. No momento em que se torna perfeitamente feliz, deixa de existir.

Sobre o livro..., começou Irene.

Eu não tentaria escrever através dele (o médium) dessa forma, apenas um resumo para que saibam o que esperar quando for escrito. Vemo-nos depois.

O guia retirou-se.

DIVERSOS

Repreensão dos Guias

Antes da reunião, M. L. tinha discutido o parecer de uma médium local sobre os "discos" ou Lokas, que ela insiste terem sido construídos pelos russos com a ajuda de técnicos alemães. O assunto era interessante, pois o historial preditivo desta médium é dito ser notavelmente bom. Os Guias, ao que parece, escutaram essa conversa.

GUIA: SR. "X".

São pessoas de pouca fé. Ouvem em todas as direções depois de os vossos guias tantas vezes terem provado estar certos. Nas vossas mentes são muito incertos. Agora receiam que o que vos dissemos possa não ser verdade e que isso vos descredibilize. No ano em que têm feito estas sessões, nós do nosso lado afastámos impostores e até combatemos o auto-engano subconsciente. Confirmem os vossos registos de verdades e erros. Compreendo, claro, que só podemos expressar-nos de um lado para o outro e depois esperar para ver como os acontecimentos se desenrolam. Mas têm medo de serem descredibilizados por alguma predição falsa ou declaração errada da nossa parte.

Não é apenas uma questão de reputação pessoal, explicou Meade. Previsões ou declarações concretas que se revelem erradas tendem a descredibilizar o trabalho que estamos a tentar fazer, e todo o tema da comunicação espiritual. Contudo, esperávamos apenas algum esclarecimento da vossa parte sobre as previsões de que falávamos.

Pois bem, vou dar lugar a outro por um tempo. Parece-me que há pouco estavam a queixar-se de haver pessoas a mais neste grupo, e agora hoje queixam-se de o grupo ser pequeno.

Dissociação e Complexidade da Entidade

GUIA: LINGFORD

Queres ler esse parágrafo do teu livro outra vez?... Eu não lhe chamaria dissociação deste lado; recordamos as coisas do mesmo modo que vocês. Os defeitos de memória que apresentamos ao falar através do médium devem-se à mente do próprio médium. O subconsciente está

ausente enquanto operamos através da consciência. Temos de manipular o processo de pensamento. Neste momento, ele está a existir numa condição de sonho enquanto usamos a sua consciência. Há algum tempo, um dos vossos guias sugeriu que o homem era, em muitos aspetos, uma criatura impressionante. Nunca conseguiria descrever o quão impressionante ele realmente é. Horror após horror reside nele e uma beleza para lá da conceção também — a sua multiplicidade é assustadora. É como as estrelas: quanto mais perto delas estás, mais complexas e menos compreensíveis se tornam.

Agora, quero acrescentar sobre os discos: não demos nenhuma informação errada. As previsões dessa senhora, de que os discos têm origem russa, estão erradas. Não há informação nova de momento. Mas a fonte russa é ridícula. Sei que vêm do mundo etérico.

Os Bascos

GUIA: SR. "X"

(Pergunta sobre a origem dos Bascos.)

Os Bascos vieram originalmente da região do Himalaia. Muitos deles eram de pele muito clara. Penso que seria correto chamá-los arianos. Em tempos, professaram a fé budista. Nas suas andanças, misturaram-se um pouco, de modo que a linhagem pura já não existe. Tinham — e ainda têm — o velho ensinamento de manterem-se o mais isolados possível. A sua mentalidade era boa, faz lembrar um pouco os puritanos. A língua original era sânscrito puro. Tinham as suas próprias artes, e havia bastante influência egípcia antiga, o que também explica a expressão facial e a estrutura óssea. Fizeram a migração algum tempo antes dos Faraós. O seu estabelecimento em Espanha deveu-se a uma combinação de condições psíquicas, que no País Basco se assemelhavam às da sua terra natal. Eram muito sensíveis a tais condições e perceberam que seria melhor para as gerações futuras fixarem-se onde estão. A vossa própria cidade de San Diego também é especialmente adequada para trabalho psíquico.

Liberdade

Passei centenas de anos a vaguear por este globo. O homem é ingénuo ao pensar que alcança total liberdade ao largar o corpo físico. A vossa condição (e felicidade) depende dos vossos pensamentos e do vosso controlo mental. Não quereriam ir para outros planetas se pudessem. Há muito para aprender aqui; depois de absorverem o conhecimento disponível aqui, talvez possam partir, se quiserem. Como o homem pensa, assim ele é. À medida que pensam, a vossa aura muda; a sua cor também é influenciada

pela alimentação. Sim, vejo auras mais claramente quando não estou no corpo do médium.

Arquétipos

Sim, os padrões vistos sobre a cabeça representam a mente superior ou o verdadeiro pensamento. Derivam a cor da natureza do pensamento; a cor aparece em manchas e faixas de luz e está sempre a mudar.

Forma e Oscilação da Terra

O globo tem uma forma achatada, ou dir-se-ia em pião. Tem tendência a oscilar e isso cria por vezes uma espécie de névoa. Essa névoa altera os instrumentos de medição e provoca distorção dos efeitos luminosos. Instrumentos magnéticos e elétricos ficam desregulados. Os astrónomos descobrirão com o tempo que os seus instrumentos são inadequados. Durante a minha vida ensinei temas ocultos, e as pessoas diziam de mim que falava acima da sua compreensão.

MAGIA

Há dois tipos de magia; negra e branca; ambas estão cheias de armadilhas, e ambas são a mesma coisa, a diferença está apenas na forma como a força é dirigida. As primeiras tentativas normalmente esbarram num muro; depois, ou alguém se envolve profundamente ou então deixa de acreditar por completo. Não tomes as forças ocultas como garantidas — é terreno perigoso. E, no entanto, só é perigoso quando não se usa a mente que nos foi dada pela Grande Inteligência. O facto fundamental é o controlo do EU — do núcleo do eu. O desejo não é errado, mas perder-se no desejo é errado. O homem deve aprender tudo. Não evites nada por medo. O autocontrolo é a chave de tudo. A meditação sobre o eu é altamente desejável. Do Silêncio surge tudo o que existe. Aquieta-te, e conhece Deus. Por trás de toda a luta do homem está o seu desejo de regressar a casa. Pratica aquilo que mais te atrai; aprende com os outros e ensina onde o possas fazer corretamente.

GUIA: TAYLOR ROSENBERG

Sou Taylor Rosenberg. Sou um judeu inglês. O meu povo ainda está a ser perseguido, como nos tempos sombrios de Hitler; desta vez pelos ingleses na Palestina. A Palestina é o lar natural dos judeus, mas há espaço suficiente para árabes e judeus. No entanto, os ingleses nada fazem para melhorar a situação. Mas sinto que isso não é de interesse aqui.

É de interesse, mas é um assunto sobre o qual nada podemos fazer, declarou Meade.

Fui morto em Londres depois da guerra, num acidente. Tens razão, não podemos ir mais longe com este tema. Esta é a minha primeira tentativa de falar através de um médium e sinto grande dificuldade. O médium devia estar mais confortável. O tempo quente faz-lhe comichão. Todo e qualquer desconforto físico deve ser eliminado para que possamos comunicar sem interrupções.

Não, não sei se os judeus se opõem ao espiritualismo ou não.

Um lado do meu rosto sente-se paralisado. Morri num acidente e a minha cabeça ficou esmagada. Não morri de imediato e sofri algum tempo depois de passar para este lado.

Sim, acreditava no espiritualismo e li bastante sobre o assunto. Acho que haverá grandes avanços nesta matéria. Ajudo aqueles que fazem a passagem pela primeira vez. É uma tarefa difícil, fazer as pessoas perceberem que o corpo físico fica para trás. Trazem o corpo consigo, ao início, tal é o desejo de se manterem no físico. O ego tem de ser arrancado do seu mundo de sonho.

(Mudança de guia)

Olá, eu, rapaz chinês, venho da China. Grande homem gordo trouxe-me, ele é meu amigo. Deste lado estava muito doente, agora posso falar. Não falo há muito tempo. Venho de Peiping...

GUIA: LINGFORD

Bem, hoje temos muitas mudanças automáticas de guia. Os teus amigos de Los Angeles deixam-me em nervos. Estes homens podem e acho que vão fazer muito bem...

Deriva Etérica

Ainda bem que os Senhores do Universo inventaram temas sobre os quais os homens podem ter diferentes opiniões. A matemática, como a filosofia, tem o dom de nos escapar.

Lokas

Tenho estado ocupado a ler por cima do vosso ombro, e aquele pedaço de carbono que caiu na terra provavelmente não tem ligação com os discos, mas deve vir da mesma origem. Vai aparecer muito mais material. Isto pode ser matéria da camada externa dos discos. Estes aviões especiais

viajam nas correntes de ar, por isso é que às vezes parecem vibrar como vibram.

PALESTRA EM TRANSE DE 6 DE SETEMBRO DE 1947

PRESENTES: Dr. e Sra. Cosmen, Sr. e Sra. Little, Sra. Cleveland, Sra. Olson, Sra. Hahn, Meade Layne, Irene Probert (parcialmente), Mark Probert, médium.

Mark Probert, conversando normalmente, foi à sala ao lado, e subitamente começou a gritar aflito, tendo entrado abruptamente em transe. Trouxeram-no de volta ao lugar e o guia continuou a chorar e lamentar:

"Oh, meteram-me na câmara de vapor. Puseram mais de 100 pessoas na câmara de vapor. Depois puseram-nos na câmara de gás. Eu não quero morrer. A minha mulher e os meus filhos na câmara de gás morreram todos também..."

Foi feito o habitual esforço para acalmar e consolar o guia. A sua identidade e nacionalidade não eram conhecidas. Evidentemente, uma vítima da última guerra.

GUIA: LO SUN YAT

Lamento ter permitido que essa pessoa tomasse o controlo. Tais pessoas trazem tristeza com elas. Mesmo os melhores comunicadores às vezes fazem isso. Vês, esse homem não sente normalmente toda essa dor deste lado. Mas quando se lembra das condições na Terra, todo o medo e dor antigos regressam.

Sim, é verdade que muitas vezes se pode ajudar essas almas. Penso que ajudaram esse homem. Mas agora quero que o médium descanse um pouco e lave o rosto. Vou-me ausentar por um tempo.

GUIA: SR. "X"

Bem, sou o guia a quem chamam Sr. "X". Digam ao médium que se não quer guias como o primeiro de hoje, não deve chamá-los.

Sim, ele pediu para ajudar quem precisasse. Mesmo assim, isso perturba o médium e não lhe faz bem. Usa energia que podia ser dedicada a propósitos melhores. Bem, mudemos de assunto.

Ouvi o médium falar sobre canais em Marte, talvez feitos por seres inteligentes.

Não, não são feitos pelo homem. São enormes fendas ou desfiladeiros na superfície. Há alguma água e alguma vegetação em Marte, mas a maior parte das mudanças de cor vistas deve-se às rochas. As rochas mudam de cor sob certas condições etéricas variáveis.

Sim, tenho a certeza de que haverá descobertas surpreendentes com o telescópio de Palomar.

Lembras-te de que te disseram uma vez para olhares debaixo da luz?

Sim, respondeu Meade, lembro-me. Foi há muito tempo. Foste tu que disseste isso?

Não! Olha debaixo da luz, rompe debaixo da luz e verás maravilhas inimagináveis.

O Dr. Cosmen referiu observações recentes de novos sóis usando raios infravermelhos.

Bem, isso é mais uma prova de que os vossos instrumentos ópticos são muito limitados. Mas tentarei trazer alguém que possa dar mais informação técnica do que eu.

Meade fez uma pergunta sobre a afirmação em "Cartas de Christopher" de que a vegetação em Marte está cheia de gnomos.

Provavelmente é verdade. Toda a Natureza produz espíritos da Natureza; por mais inanimado que algo pareça, tem sempre uma força vital à sua volta. Chamem-lhes o que quiserem — elfos, salamandras, gnomos — a forma depende do material disponível.

O que os anima? Eu poderia dizer: o vosso Deus cristão, mas isso não significaria nada. É a Força Vital do universo que os move. Grande parte da vegetação tem uma força vital forte, e é provável que o que dizem sobre Marte seja verdade. Que outras perguntas tinham?

Meade questionou sobre os Lokas ou "discos voadores".

Sim, o assunto é importante também deste lado, porque a Terra está a entrar numa era de grande psiquismo; haverá muitos fenómenos, como lhes chamam.

O objetivo é despertar as pessoas da Terra para que voltem as suas energias para algo que não seja autodestruição estúpida. Se gastassem tanto tempo em esforços construtivos, a Terra seria um lugar maravilhoso.

Sim, os Lokas podem aterrar na Terra e voltar a levantar voo, e provavelmente vão fazê-lo. Mas não podem permanecer à superfície da Terra durante muito tempo.

Sim, isso deve-se ao método de propulsão, de construção deles. A principal ideia é demonstrar o que podem e vão fazer em caso de mais luta e sangue na Terra. A menos que queiram destruir-se — perdi o fio à meada. É muito difícil manter o controlo de duas mentes ao mesmo tempo.

Sim, os Lokas interviriam se houvesse mais conflito.

Meade disse ao grupo: Acho que o Dr. Cosmen deve estar a libertar ectoplasma.

Não, disse o Dr. Cosmen, não noto nada.

O guia afirmou abruptamente: Não, tu não vês, mas eu vejo!

Meade, nesse ponto, resumiu uma teoria de propulsão dos Lokas (discos) recentemente desenvolvida pelo físico RG.

Tanto quanto sei, essa teoria está muito próxima dos factos. Não, não transportam combustível; o "combustível" é o meio em que viajam.

Sim, átomos, e átomos dispersos no espaço; isto é suficiente. O vosso conceito dos Lokas como mundos etéricos a interpenetrarem o globo denso está correto, ou quase. Não, os seres etéricos não habitam normalmente este plano em que estou, mas tenho acesso ao mundo deles.

Sim, pertencem à linhagem evolutiva humana, mas não são seres humanos que morreram. Nunca estiveram em vida na Terra.

Tens ouvido toda a informação dada ao longo destas sessões sobre os discos e os seres etéricos? perguntou Meade.

Ouvi.

Concordas? insistiu Meade.

Concordo.

Meade continuou o tema: Acreditas que não permitirão uma guerra mundial usando energias nucleares?

Não permitirão.

Foi-nos dito deste lado, continuou Meade, que tal guerra está escrita nos registos akáshicos. Se assim está escrito, não terá de acontecer?

SE está escrito nos Registos, acontecerá.

Não é possível ler corretamente esses Registos? perguntou Meade.

É possível para alguns. Mas para a maioria, os Registos são incertos e sujeitos a toda a má interpretação.

Nesses casos, disse o Dr. Cosmen, não pode haver certezas em previsões baseadas na leitura dos Registos.

Os guias deste lado concordam, e eu concordo também, que uma guerra como a que referes não será permitida. Não digo que eu próprio leia os Registos. Digo que o conhecimento prévio de tal guerra não existe neste plano, e os teus guias não acreditam nisso.

Bem, parece-me que algo incomoda esta jovem. O que te preocupa?

A Srta. Olson respondeu: Ouvi dizer que não respondem a perguntas pessoais, e isto é uma questão pessoal.

Não é uma questão de não querer, mas de não gostar. Responder a perguntas pessoais envolve o guia na vida do outro. Influencias o comportamento e acabas por receber parte do karma. Os problemas de cada pessoa são responsabilidade pessoal. Mas coloca a tua questão e verei se pode ser respondida.

A Srta. Olson fez uma pergunta sobre o carácter de um parente próximo, já falecido, que era tanto elogiado como criticado duramente por outros familiares e amigos, deixando-a assim perturbada.

Esta é uma pergunta típica — difícil de responder da forma certa. A pessoa de que falas foi boa e má, como todos. Alguns viram um lado, outros o oposto. Fez o melhor que pôde. Ninguém faz o mal só porque sim, tal como ninguém faz o bem só porque sim; é em busca daquela felicidade efémera. A felicidade vem de dentro, não do exterior; é como uma fonte de alegria no coração. Não procures julgar este homem. Pensa com bondade e procura no teu interior a tua própria felicidade. Achas que te ajudei?

Acho que sim, respondeu a Srta. Olson.

Se assim for, fico muito contente. Vou retirar-me agora, e informar-me sobre que mais informações me é permitido dar sobre os discos.

GUIA: LINGFORD

Bem, quero dar as boas-vindas de volta aos meus amigos, Dr. e Sra. Cosmen. Sim, sou o Lingford. Ainda bem que não tentei entrar antes com toda a — hum — sabedoria que tem andado por aqui.

Por assim dizer.

Hum, sim, por assim dizer. Então, tiveram uma boa viagem? Sabes, significa muito para nós deste lado, sermos bem falados. Mantemos grande interesse nos assuntos da Terra, embora eu saiba que é difícil de entender. Isso deve-se em parte ao facto de, até que aconteça pessoalmente, não se pode realmente saber que se continua a existir, apesar de tudo o que a ciência e a filosofia possam dizer. Uma grande razão é a dificuldade que temos em voltar com vigor e inteligência. Dá-nos má reputação tentar voltar e depois hesitar e tropeçar. No entanto, também do vosso lado vocês hesitam bastante, é um traço que se transporta e agrava ao ter de trabalhar de novo através da matéria. Um cientista atrás do seu instrumento é melhor do que o instrumento em si. O instrumento vale o que vale quem o usa. Assim como se culpa um cientista pelos falhanços dos seus instrumentos, também nos culpam por tudo o que corre mal ou soa estranho. O erro está quase sempre no pobre material disponível.

A Sra. Hahn perguntou: As opiniões das pessoas na Terra sobre espíritos perturbam-nos, deixam-vos felizes, ou entristecem-vos?

A intolerância e outros maus pensamentos influenciam apenas quem os tem. Todos têm guias invisíveis que tentam mantê-los no caminho certo. Quando alguém se desvia isso deixa os guias tristes ou até zangados.

Alguém chamado Arthur quer falar; parece ser parente de Meade. A tentativa falhou. Lingford pediu um cigarro que a Sra. Hahn acendeu para ele.

Há muito tempo que não sentia batom.

A Sra. Little fez uma pergunta sobre certos factos da história antiga.

Não sei sobre isso, mas tentarei trazer alguém que possa responder.

Bem, para ser honesto fumo mais por exibição. Sinto um calor no peito e na garganta do médium, mas é tudo. Todos temos estas pequenas manias de nos fazermos notar, sabes?

És o único guia em transe que já vi fumar, disse Meade. Mas todos os nossos amigos gostam de te ver fazê-lo; fazes-nos parecer mais natural, mais próximo de nós.

GUIA: RAMON NATALLI

Não, não sou o Lo Sun Yat. Querem que fale um pouco mais sobre assuntos astronómicos? Sou Ramon Natalli. Boa tarde a todos.

Vivemos num mundo de ilusão e olhamos para outros mundos ilusórios. Parece um paradoxo? Mas se todos os planetas e galáxias se tornassem de repente pequenos átomos separados, o vosso mundo, a vossa realidade, deixaria de existir. A vossa realidade consiste em incontáveis milhões de átomos solidificados? A força que os mantém juntos é o Absoluto, ou Deus. Ele reside literalmente dentro de ti. Se deixasses de existir, Ele também deixaria (na mesma medida), e vice-versa. Está claro? Alguma objeção?

Diz-nos isto, Natalli, pediu Meade. Agora falamos de espaço-tempo, e não apenas de espaço e tempo. É possível movimento no Absoluto, tendo em conta este conceito?

Certamente o Absoluto move-se; está em movimento incessante.

Para nós, continuou Meade, o movimento só é possível quando espaço e tempo estão separados como conceitos. Em espaço-tempo, o Absoluto pareceria incapaz de movimento. Pergunto porque há também o ponto de vista que faz do espaço-tempo uma matriz geradora.

Fisicamente falando, o homem só vê e conhece o que chama espaço e tempo, ou espaço-tempo. Mas o tempo é algo que a mente não consegue conceber, não consegue manipular. Quando penso nestes mistérios sinto-me muito humilde e insignificante. No entanto, em toda a minha insignificância eu SOU o Todo; sou parte tão integral dele que sem mim não existiria. Todos o são. O homem é a força dominante na terra porque pode contemplar (a si e ao mundo) como nenhum animal ou coisa o pode fazer. Mas não percebe a sua grandeza.

Meade perguntou sobre o uso da astrologia no "mundo dos espíritos".

O assunto é muito profundo e prefiro não o abordar agora.

Sim, algumas pessoas aqui têm muito interesse nisso e outras não — tal como do vosso lado. Não é a praia de todos.

Meade propôs outra pergunta, desta vez sobre o modo de propulsão dos Lokas ou Discos Voadores.

Lembras-te de há anos um inventor ter descoberto uma forma de extrair do ar uma força forte o suficiente para mover um motor?

O motor Keeley? sugeriu Meade.

De certo modo é o mesmo que o motor Keeley. Como se faz é difícil de explicar.

Sim, é uma energia nuclear, usando a repulsão dos eletrões. Esta força é constante. Não precisa de combustível. Usa átomos livres no espaço. E pode ser variada em intensidade. Mas o efeito da gravidade enfraquece-a. A teoria que leste parece-me muito próxima dos factos. Se continuarem assim, em breve terão os vossos próprios discos voadores, para nos surpreender deste lado. O princípio básico que delineaste parece-me correto. Há muito mais a aprender sobre calor e frio. O homem etérico tem experimentado há incontáveis eras na atmosfera da Terra. Foi assim que ele próprio aqui chegou. O esforço do homem para se materializar no mundo que criou para si tomou muitas formas, e continuará. O homem tem milhões de anos na terra e pensar que se vai autodestruir é ridículo. Houve muitos grandes cataclismos mas a vida inteligente continuará, ou a terra não teria sentido.

(Batem à porta.) Há um menino à porta, querem ir ver?

O guia retirou-se.

Notas de Meade Layne: A relutância do guia em responder a perguntas pessoais está em linha com a atitude dos ocultistas sobre o mesmo assunto, mas contrasta bastante com a prática comum de muitos espiritualistas, que costumam dar instruções precisas e seguras sobre qualquer problema. Os seres astrais, no fundo, não são diferentes de nós: alguns gostam de ser autoritários e instrutivos, outros aprenderam melhor.

Sobre o primeiro guia: Apesar da atitude de Lo Sun Yat, há uma grande necessidade de "círculos de resgate" e isto é muito negligenciado pelos espiritualistas.

Sobre os LOKAS: Os guias têm sido claros e explícitos quanto à sua origem etérica. Quando afirmam que os seres etéricos vão intervir para evitar guerra, é impossível dizer se é desejo ou conhecimento — suspeitamos que seja o primeiro.

Espaço-tempo, etc.: A tentativa de obter uma expressão filosófica para estes problemas fracassou. Os leitores devem ter em mente que muitas vezes se fazem perguntas na sessão com outros propósitos — talvez

referência a declarações anteriores, ou para comparar com outros guias, ou testar o conhecimento do guia sobre determinado tema. Perguntas obscuras, pretensiosas ou aparentemente sem sentido muitas vezes têm esta explicação.

Quanto a uma "guerra atómica". Os guias não afirmaram positivamente, como conhecimento, que tal guerra não ocorrerá; mas aproximam-se muito disso, pois a ideia parece-lhes absurda. Ignoram, no entanto, a tradição esotérica segundo a qual a civilização já foi destruída duas vezes por tais guerras, bem como o carácter terrível das duas últimas guerras e as realidades das condições sociais e políticas actuais. O otimismo astral é, como quase todo o nosso, tão fiável como trevos de quatro folhas e ferraduras.

Palestra de transe de 4 de Outubro de 1947

Presentes: Dr. e Sra. Cosman, Sr. e Sra. Palmer, Sra. Cleveland, Gilbert Opdycke, M.V. Tripp, Irene Probert, Meade Layne, Mark Probert, médium.

Controle: Abdulla Ben Bey

"Não é fácil falar. Venho do Egipto, morri há 3500 anos. Já tentei vir várias vezes — não correu bem. Está tudo confuso, não está claro."

"Consegues ver-nos nesta sala?" perguntou Meade.

"Muito escuro para mim. Vou agora. Um amigo diz que tenho de ir agora."

"Lingford veio contigo?" perguntou Meade.

"Sim, pode ter-me trazido."

Controle: Sr. "X"

"Está a chegar ao ponto em que todos me reconhecem imediatamente. Sou um dos da família. Esse controle que esteve cá há pouco é um homem muito erudito. É de lamentar que ele não pudesse falar inglês para poderem falar com ele. Pelo que me disse, esteve no Egipto há vários milhares de anos."

O Dr. Cosman fez uma pergunta sobre o nome do primeiro controlador.

"Não sei muito sobre isso; os nomes foram usados e mudados muitas vezes ao longo dos séculos. Casamentos com outra raça deram-nos nomes que parecem não pertencer. Mas não vim aqui para discutir essa pessoa. Quem é o vosso amigo ali?"

O controlador foi apresentado ao Sr. Tripp.

"Sr. Tripp, sou a incógnita, o Sr. 'X'. Tem alguma pergunta sobre aquela mesa? Vi-a há pouco. Acho que é uma ideia excelente e, se tiver

alguma cooperação do meu lado, receberá mensagens excelentes dessa mesa. Não preciso de lhe dizer, vai levar algum tempo de experimentação. Tem uns tipos de tomadas na mesa."

Meade Layne explicou o seu uso.

"Se a força for correta e suficientemente forte, não há razão para que este dispositivo não funcione bem. *Uma mesa especialmente construída, na sala ao lado, um dispositivo à prova de fraude para experiências de 'table-tipping'. Fiquem afastados da mesa e deixem-na trabalhar sozinha. NÃO ponham as mãos nela. Quando fazem isso, invertem automaticamente a força, mas não precisam de ajuda física. Como não confiam uns nos outros nestas questões, seria melhor que todos ficassem onde pudessem ser observados e mantivessem as mãos nos joelhos. Dá-se demasiada importância ao subconsciente.

A investigação espírita é o diabo. Na religião cristã, as pessoas têm o seu próprio diabo, e em todos os campos de investigação é preciso estar atento a algum tipo de diabo. O homem não tem fé. Se prestassem mais atenção à mente consciente do que ao subconsciente, avançariam muito mais depressa. Não penso que precise de vos dizer que, não importa o que se invente, ou quão bons sejam os resultados, mais críticas haverá. As pessoas não acreditam."

Nota de Meade Layne: Quase todos os controladores que comunicam através de Mark P. consideram que o termo subconsciente deveria ser restringido aos instintos básicos e ao controlo dos automatismos corporais. Defendem que a consciência nunca é 'apagada', seja durante o sono, por anestésicos, hipnose ou qualquer forma de transe: o que acontece é uma deslocação do foco da consciência. A consciência ESTÁ onde está a atenção, e estamos inconscientes relativamente a tudo a que não prestamos atenção.

A doutrina do Eu Superior é considerada, de certa forma, assim: a entidade ou personalidade tem um poder de seletividade, de escolha; pode mudar a sua 'taxa vibratória' e assim sintonizar diferentes 'comprimentos de onda'. A experiência é contínua e a entidade tem o poder de aprender com a experiência, podendo assim fazer escolhas 'melhores' e 'mais elevadas'. Invocar o Eu Superior é, portanto, invocar as vastas potencialidades da personalidade. Tal invocação é altamente recomendável, pois tem um efeito sugestivo poderoso e conduz ao desabrochar e desenvolvimento.

Em relação ao problema da memória: os controladores parecem assumir a posição de que, quando um facto temporariamente esquecido é recordado, não é evocado de algum armazém do subconsciente pessoal,

nem aí está registado e preservado por qualquer mecanismo psico-físico. Mas todos os factos e eventos, por mais fugazes ou minuciosos que sejam, são preservados na 'memória da Natureza', e muitas vezes podem ser observados no éter refletor, embora nem sempre nas suas formas verdadeiras e perfeitas. Ao recordar um facto esquecido, a consciência faz contacto — ou seja, desloca o centro da consciência para o 'registo' desse facto. Recordações imperfeitas e fragmentadas significam uma leitura imperfeita do registo, ou uma leitura de um reflexo etérico imperfeito. A recordação involuntária também é uma ação da consciência, mas funcionando de forma automática segundo as leis da associação.

REGISTOS AKÁSHICOS.

Esta exposição das opiniões dos comunicadores pode necessitar de revisão. Certamente o psicólogo encontrará muitas críticas e objeções. Parece, contudo, a este escritor, que traça um conceito de grande interesse e importância. As publicações ML (Round Robin, Flying Roll, etc.) acolherão comentários competentes.

A teoria ocultista, pelo menos em alguns círculos, considera a memória como tríplice: consciente, subconsciente e superconsciente. Em toda essa teoria devemos lembrar que os dados da memória consistem em formas-pensamento. Um objeto afeta o corpo vital através dos sentidos e gera sentimentos, que são espelhados pela mente. A ação da mente sobre esses dados chama-se as nossas ideias; e a ideia atrai 'substância mental' em seu redor e torna-se uma forma-pensamento. A mente do pensador (através da vontade) projeta a forma-pensamento

(1) contra o corpo de desejo,

(2) ou contra o éter refletor,

(3) ou contra a mente e corpo de desejo de outra pessoa. No primeiro caso, se o interesse é despertado no corpo de desejo, é gerada atração ou repulsão, e as imagens de todas as ideias e ações relacionadas permanecem na MEMÓRIA etérica do corpo vital; isto é chamado de memória. Se houver apenas indiferença, a imagem no corpo vital será muito fraca. No segundo caso, as imagens mentais das experiências sensoriais e os pensamentos a elas ligados são projetados diretamente sobre o éter refletor e são acessíveis ao ego que trabalha através da mente. Esta é a nossa recordação ou memória ordinária.

A mente subconsciente, segundo este ponto de vista, é simplesmente parte do registo da vida e ação do pensador, mas muito maior do que a memória consciente. O éter refletor contido no ar transporta consigo imagens de todos os detalhes das nossas envolventes e das nossas próprias

auras. Esse éter entra nos pulmões, e através deles as imagens são impressas no sangue, que é o veículo direto do Ego. A partir daí, são impressas nos átomos negativos do corpo vital, e assim determinam o nosso destino após a morte. A memória consciente e subconsciente relacionam-se totalmente com esta vida; a memória superconsciente retém experiências de encarnações passadas, modifica o átomo-semente, e geralmente aparece apenas como qualidades de carácter, morais e mentais da personalidade.

Verifica-se que, se estas opiniões fossem reformuladas e desenvolvidas (tanto as dos comunicadores como as agora anotadas), provavelmente se encontrariam em bom acordo quanto aos conceitos fundamentais.

O Dr. Cosman referiu-se aos médiuns 'comerciais', à procura do público por mensagens pessoais, etc.

"Permita-me discordar sobre quem é o culpado. Se tem mentes de jardim-de-infância do seu lado, de quem é a culpa? As ovelhas querem monopolizar o médium — percebe-se logo o desperdício. Não faz mal ocupar o tempo do médium para saber de parentes, mas não se adquire verdadeiro conhecimento (dessa forma) e a energia é desperdiçada."

"Enquanto os parentes estão no corpo físico, muitas vezes negligenciamos," disse o Dr. C., "mas quando se tornam espíritos, vamos atrás deles."

"Verdade. Tem provas de que a sua mulher sobrevive. Se as pessoas sofrem, é bom dar-lhes conforto. Não digo que toda essa energia seja desperdiçada, mas a minha conclusão é que muito tempo está a ser desperdiçado de ambos os lados."

"O que faz de Mark o tipo particular de médium que é?" perguntou Meade.

"O sistema nervoso simpático é muito sensível e reage a vibrações etéricas e influências magnéticas que outros não sentem."

Foram feitas várias perguntas sobre hipnotismo, mesmerismo e narcóticos como auxílio ao desenvolvimento.

"No desenvolvimento, tem a ajuda de entidades deste lado. Eles abrem os canais e é mau para o participante se não forem extremamente cuidadosos. Devem ser pessoas de bons hábitos, também. Sim, as classes de desenvolvimento são uma perda de tempo para alguns, mas outros precisam das forças desenvolvidas pela aula. Nos fenómenos físicos, os que estão deste lado têm de controlar os químicos do corpo do médium assim como o sistema nervoso. É o sistema simpático que precisa de ser fortalecido. A mediunidade pode ser desenvolvida, mas deve haver clareza

de pensamento. A clarividência é do próprio indivíduo; é um dom. Se conseguisse produzir uma materialização por hipnose, a projeção seria muito vaga."

"Onde está a linha de demarcação?" perguntou S. Palmer.

"No hipnotismo, ambos participam no processo; há duas mentes físicas em funcionamento. No transe, há só uma. Mas o hipnotizado está a receber sugestões de alguém no corpo físico."

"Qual é a diferença entre sono e transe?" continuou S. Palmer.

"Não são a mesma coisa. O transe só se assemelha ao sono do vosso ponto de vista. Alguém disse que este médium falava a dormir, que foi trazido do sono físico e, entre esse transe exterior e a vigília, as entidades conseguiram conversar. Sono limítrofe? Sim. No hipnotismo a mente torna-se pesada e embotada, mas esse estado não ocorre no transe."

"Assumindo que uma pessoa sem poderes ou dons psíquicos entra em transe ou semi-transe, seja por auto- ou hetero-hipnose," disse Meade, "quando está nesse estado, uma entidade do vosso lado pode tomar o controlador dele e comunicar?"

"Sim, isso pode acontecer."

Nota: O controlador fala aqui em termos gerais; podem existir fatores proibitivos em cada caso individual. ML.

O controlador retira-se.

Controlador: Sr. "X".

"Pensei que seria melhor voltar e continuar o que estávamos a discutir. Tem havido muita conversa e confusão sobre isso deste lado desde que saí há pouco. Também muita confusão do vosso lado. Não é inteiramente culpa vossa. Como devem saber, não sei tudo sobre a mente. Só porque alguém vem para este lado, não se torna um livro ambulante de conhecimento sobre todos os assuntos. Mas farei o meu melhor. Este tema provocou muita conversa animada deste lado. Perguntas?"

O Dr. Cosman fez uma pergunta sobre o motivo pelo qual o sistema nervoso simpático é mais desenvolvido em algumas pessoas e sobre os instrumentos de comunicação que estão a ser construídos.

"Independentemente de qualquer método instrumental, terá sempre de ser utilizada energia do corpo físico de uma pessoa do vosso lado para a comunicação. Talvez a resposta venha através de uma máquina que produza o mesmo tipo de fluxo energético, mas para isso teria de ser capaz de produzir em harmonia todos os 98 elementos do corpo. O mesmo se aplica aos instrumentos eletrónicos. (Têm de nos procurar, estamos sempre prontos a ajudar. Sem cooperação de ambos os lados, não pode haver

resultados satisfatórios.) Não é necessária inspiração para construir esse aparelho; trabalhem com outros interessados no mesmo campo."

O Sr. Palmer colocou uma pergunta sobre o modo de tomada de controlo.

"Há pouco referiram o tema da vida da semente. Em todas as sementes existe um pequeno espaço, a essência da vida. Aquilo que será vida física está nesse espaço e é invisível ao olho. No cérebro físico, também existe um espaço, e é aí que trabalhamos e fazemos contacto com o mundo físico através do sensitivo. É a sala de sintonização do sistema nervoso simpático."

Um dos convidados colocou uma questão acerca das glândulas.

"Sim, trata-se de uma pequena glândula na base do crânio. Não sei como a chamam. (Pituitária.) Não sei se isto esclarece a questão. Se bater num gongo, um copo de vidro repetirá a nota. Isto corresponde à forma como um sensitivo é ativado. Na minha vida física não consegui ir a lado nenhum, parecia que não havia lugar para onde ir, mas aprendi que o único valor da vida é o conhecimento. Fora disso, tudo é vaidade. Cada um, no corpo, tem brinquedos para se entreter, e uma autoimportância que nos mantém tão intrigados que não damos conta quando deixamos o mundo físico e, não sabendo o que vai acontecer numa vida futura, não tememos a Mente Maior. Não há respostas completas para nada, para ninguém.

"Sim, também temos brinquedos do nosso lado, mas são diferentes dos vossos. Infinito: como o espaço, não tem arco, nem curva. A curva é uma ilusão física nossa."

Um dos convidados fez uma pergunta sobre reencarnação.

"Sim, aceito-a. Vejo agora que o homem, sem ela, estaria irremediavelmente perdido. É inevitável para muitos, durante muitos milhares, milhões de anos em alguns casos. 'Anos' como os conhecem; para mim, o tempo não existe. Não haveria mudança, nem avanço, nem criação; a centelha da vida individual luta com uma força tremenda, inimaginável, pelo conhecimento, levando-o adiante contra todas as adversidades.

CONCLUSÃO da sessão de 4 de Outubro de 1947.

(As cinco primeiras páginas desta sessão foram impressas como as páginas finais da Parte IV destes Memorandos – pp. 126-130.)

"Como se sabe sobre encarnações passadas? Existe algum sinal possível que mostre que já vivi antes? A vida do Cristo posso compreendê-la?"

"Está na sua mente – mas procurando diligentemente, há maneiras – maneiras mecânicas. A vida do Cristo nada tem a ver com isso. Saber da

vida passada requer meditação e pode ser experienciada por aqueles que conseguem fazê-lo sem perturbar o seu próprio equilíbrio. Usando velas e o espelho. Coloque um pano preto atrás do espelho", disse Lao Tse.

"Refere-se a um método usado pelos Rosacruzes?"

"Não é só para os Rosacruzes. Eles não têm propriedade sobre isso. Esta forma de meditação foi usada na Índia, China, Egipto e muitos países europeus. É muito antiga e bem conhecida. No Egipto, antes dos espelhos, usava-se uma placa de cobre polida. O corpo não deve estar coberto por roupa. Coloque as velas à frente e aos lados, à frente e ainda aos lados do espelho. Sente-se em meditação profunda, perto e como que entre as velas.

(P). Diz que este método tem má reputação? Não há nada de mau em procurar conhecimento, mas usá-lo de forma errada é magia negra. O que se vê não é realmente refletido no espelho – o espelho é apenas um auxílio. Se alguém entrasse na sala, não veria nada no espelho. O que se vê é a sua própria busca secreta. Pode desenhar uma imagem para alguém por palavras, mas o que essa pessoa vê pode ser muito diferente do que imaginou. Ela verá o que é extraído dos Registos Akáshicos. O simples facto de procurar esse tipo de conhecimento criará uma imagem. Ao sentar-se, não sabe o que vai ver, não pinta um quadro. Está a ver as suas próprias criações, mas não fantasias ou sonhos – está a ver a realidade expandida do passado."

"Onde estão essas imagens?"

"Na mente individual", respondeu Lao Tse, "mas não no subconsciente. O problema é que o vosso psíquico moderno não entende o que é a mente consciente. Esta é uma experiência valiosa, mas apenas para quem já evoluiu mentalmente e pode usar este conhecimento. Está a trabalhar com duas forças, a mente cósmica em cooperação com a mente individual. Pense numa pequena bateria a funcionar com uma grande, e a pequena torna-se uma espécie de parasita. Está a ligar-se diretamente à mente cósmica, e nela existem muitas formas. É por isso que por vezes vê imagens no espelho que o horrorizam.

Todas as formas estão prontas e à espera de serem chamadas, apenas aguardam uma porta aberta. Se surgir uma forma aterradora, não a aceite; na verdade, é melhor terminar a sessão por algum tempo. A mente recua e é pressionada pelas formas das coisas. Quando aprender a controlar o pensamento e trazê-lo para um ponto focal, e a direcionar esse ponto, nada mais pode interferir. As formas-pensamento são criadas não só por si, mas por milhares e milhões de seres no plano etérico, e não é surpreendente que por vezes surjam imagens de horror.

(P). Sim, é algo parecido com a cristalomancia; contudo, no espelho procura-se por si mesmo, no cristal procura-se por outro. Vou deixar o médium agora."

Lingford entrou. "Bem, se eu tivesse falado tanto, teria fumado mais do que um cigarro." (Seguiu-se uma mensagem pessoal para Mark Probert).

"Todas as formas estão prontas e à espera de serem chamadas": O esoterista não precisa de ser lembrado de como se poderia compilar um volume extenso e erudito a partir destas nove palavras como texto. Nove décimos da magia e das técnicas de meditação partem delas. Noutro local, Langford declarou: "No homem há profundidade sobre profundidade de horror e altura sobre altura de beleza." Quod superius macroprosopos, quod inferius microprosopos.

PALESTRA DE TRANSE DE 13 DE DEZEMBRO DE 1947

Presentes: Dr. P.C. Cosman, Sra. G/H. Layne, Sra. Townes, Irene Probert, Meade Layne, Mark Probert (médium).

"O meu nome é Gordon Northcott: foi-me dada a oportunidade e o privilégio de usar este médium para falar um pouco sobre mim próprio. Passei algum tempo a tentar sair de uma condição muito má. Há alguns anos, falou-se muito de mim nos jornais, e agora tenho tanta vergonha de confessar, mas percebo que esse é um dos motivos pelos quais vim. Cometi assassinato."

"Foi perdoado?" perguntou o Dr. Cosman.

"Não completamente. Ao início, encontrei-me numa condição terrível. Lembram-se daquele caso em que matei aqueles meninos num rancho? Chamaram-me degenerado. Há tanto tempo que não falo com ninguém aqui na Terra. (P). Sim, é a primeira vez. Tenho-me esforçado tanto para compensar esse episódio infeliz da minha vida física. Quando me colocaram a corda ao pescoço, pensei que tudo tinha acabado."

"Pode contar-nos as suas experiências?"

"Sim, dizem-me agora que isto é uma forma que me vai ajudar bastante, regressar e pelo menos mostrar que estou profundamente arrependido."

"Pode dizer-nos algo sobre as causas que o levaram a fazer tal coisa?" perguntou Meade Layne.

"Desde a infância fui afetado por isso."

"Não se sinta triste, já passou," disse Irene Probert.

"Não é tristeza, senhora, mas tenho dificuldade em expressar-me. O sexo é algo muito incompreendido. Passei tantos anos deste lado a tentar perceber porque era como era. Porque era assim? Anomalias não se encaixam nas chamadas comunidades civilizadas. Mas, mesmo assim, é incompreendido."

"Consegue explicar-nos como se sentia?"

"É como nascer com uma tendência forte para uma doença — tipos de doença como o cancro. (P). Para mim, não parecia uma perversão, parecia natural. Vivia num mundo onde todos eram diferentes, e eu não conseguia adaptar-me a essa diferença. Era como nascer com uma perna num mundo onde todos andam com duas pernas."

(P. do Dr. Cosman.) "Sim, percebo que a única proteção é colocar pessoas como eu sob restrição. Sentia-me demasiado revoltado porque não podia exprimir-me, mas se pessoas infelizes como eu pudessem ser compreendidas e cuidadas... Se essa diferença pudesse ser observada na infância e houvesse instrução e educação, alguma forma de controlo! Não há cura, apenas compreensão."

"Pode contar-nos o que aconteceu depois de ser enforcado?"

"Assunto desagradável, mas vou tentar. Há um momento em que se sente como se se lutasse eternamente."

"Onde se encontrou?", perguntou o Dr. Cosman.

"A vaguear, a olhar para o meu corpo. Mas fiquei espantado porque já não sentia a corda ao pescoço. Ninguém estava comigo, parecia que vagueava sozinho, não sei onde, como se andasse na escuridão – não escuridão total, mas turva. (P). Não, não me lembro quanto tempo durou, mas pareceu-me interminável. Depois vi alguns dos meus familiares e alguns amigos. Não vieram ao meu encontro, mas um deles, um homem, era muito diferente. Os outros mantinham-se afastados e olhavam para mim, não tanto com ressentimento, mas de forma silenciosa e terrivelmente triste, mas esse homem nem parecia estar a pensar nisso.

Ainda hoje não sei quem era. Só disse: 'Estás pronto?' Estás pronto para mudar a tua atitude ressentida? Se estás pronto, e percebes que estás livre do corpo e tens uma grande vida à tua frente, posso ajudar-te.' (P). Sim, aceitei. Depois passei muitos meses com esse homem; levou-me a muitos lugares na Terra onde nunca tinha estado — a instituições para doentes mentais, a hospitais, prisões — ouvimos as pessoas nesses locais. Saí do físico sem aprender muito, por isso tive de voltar. Ficaria surpreendido com a quantidade de homens e mulheres na prisão que não têm consciência de estar ali por algo que realmente fizeram. Muitos acham que nada fizeram de errado."

(Perguntas): “Agora percebo que consigo sentir (sensação da mesa). Não senti necessidade de comer; não sentia fome, apenas sentia uma solidão total. Só depois de sair desse estado é que senti fome. Ao princípio davam-me frutos, muito semelhantes aos que têm aqui. Quando um criminoso chega aqui não tem fome nem sede durante muito tempo. As suas mentes estão presas à sua condição. Não há pensamento de fugir dela, a pessoa fica fascinada pela sua solidão absoluta.”

Depois ensinaram-me muitas coisas, primeiro que existia — como se chama? — reencarnação. Esse homem disse-me que uma das razões para esta bissexualidade era uma vida anterior como mulher e um tempo de espera demasiado curto antes do renascimento. Não, não sei quanto tempo esse homem esteve comigo. Vi muitas pessoas e lugares belos, mas não falei com ninguém. Todos passavam por mim sem dizer uma palavra, apenas olhavam. Disseram-me para não falar com ninguém porque ninguém me responderia. (P). Sim, este isolamento é o habitual em casos como o meu.

(P). “Não, não estou angustiado, estou apenas muito cansado.” (P). Sim, estou a progredir agora, e sei que isto vai ajudar. Gostaria também de dizer, antes de ir, que se conseguirem entrar em contacto com os pais dos rapazes que matei…”

O GUIA tinha estado a falar com voz fraca e com grande esforço, não conseguindo terminar a última frase; contudo, o provável conteúdo da mesma é óbvio. Mudança de GUIA.

“Boa tarde”, disse Lao Tse. “Estou muito feliz por estar aqui. Foram muito compreensivos com esse jovem. (P). Sim, fui o seu ajudante. Este trabalho é tanto do nosso lado, que é um trabalho sem fim, para quem se dedica a essa tarefa.”

(P). “Sim, ouvi o último pedido dele, mas não posso dar-lhes os nomes das famílias dos rapazes, nem tenho o direito de receber qualquer crédito. É o meu trabalho e gosto de o fazer. Há muitos nessa área felizes com a sua tarefa. A vossa Bíblia diz: ‘A colheita é grande mas os ceifeiros são poucos’. Isso não é verdade do nosso lado, mas certamente é verdade do vosso. Não há muitos do vosso lado com meios ou tempo para se dedicarem a esse trabalho. As vossas prisões são uma vergonha pedagógica, as vossas escolas ainda mais. A mente é capaz de assimilar muito mais do que aquilo que lhe é dado. As autoridades à frente dessas instituições deveriam ser inteligentes, mas para mim parecem uma cambada de idiotas.”

“As coisas eram melhores no seu tempo de vida?”

"Não, decididamente não. Antigamente eram até piores… Eu sei que às vezes acham que sou rude e egocêntrico ao falar, mas não pretendo sê-lo, apenas quero enfatizar o que tenho a dizer… Houve aspetos positivos no nazismo, na forma como organizava e ensinava a juventude — quero dizer que o sistema era eficaz, enquanto o vosso não é… Sei que é um grande problema… Mas o vosso país é a fonte do mundo, só deste país pode nascer um verdadeiro governo mundial… Todas as grandes coisas avançam devagar. Com o tempo poderá haver um quase-paraíso nos Estados Unidos, embora receie que não no vosso tempo."

Comunicações como a de Northcott são uma boa evidência prima facie contra impostores astrais — quase sempre os impostores fingem ser um parente, guia ou pessoa procurada, ou então alguém notável ou distinto. Mas este escritor nunca conheceu um comunicador que fingisse ser um criminoso e pervertido. Distinção desse tipo não é desejada de nenhum dos lados do 'véu'.

PALESTRA DE TRANSE DE 20 DE DEZEMBRO DE 1947

Presentes: Dr. P. Cosman, Sr. James Opdyke, Srta. Layne, Meade Layne, Mark Probert (médium):

Antes do Guia assumir, Meade Layne lia em voz alta um relatório sobre a espectroanálise de material caído de um disco voador. O médium fica subitamente agitado e o Guia toma posse abruptamente.

"Entre, Lao Tse", disse o Dr. Cosman. "É bem-vindo, tem controlo do corpo do médium. Pode falar connosco?" (Transfiguração do rosto do médium.) "Continue, por favor. Continue!" disse Lao Tse. "Repita o que estava a ler, por favor."

"Bem, esta é a espectroanálise da substância do Disco Voador, feita na Universidade de Chicago. Roger Graham arranjou isto para nós. As percentagens altas são cálcio, ferro, zinco, titânio; médias são alumínio, manganês, cobre, magnésio, silício. Percentagens baixas: níquel, chumbo, estrôncio, crómio. Traços de prata, estanho, cádmio. No total, dezasseis elementos do mesmo lado da escala de valência, sem oxigénio ou outro que combine."

"Essa combinação deve deixar claro para vocês", disse Lao Tse, "que estes materiais foram reunidos a partir do éter. Notem também que estão livres de sujidade (isto é, cinza química, ML), nem poderia vir de meteoritos. Já vos dissemos muitas vezes que existem mundos dentro de mundos, e quando as condições estão certas e o momento é propício, os etéreos trazem à ação esta matéria construída no éter e projetam-na para o vosso mundo material."

“Isto teria alguma utilidade prática no nosso mundo?”, perguntou o Dr. Cosman.

“Este material poderia ser usado nas fuselagens dos aviões”, disse Lao Tse. “É altamente resistente ao calor, e para navios, e para todo o tipo de fins militares. A sua gravidade específica é alta, é muito denso e altamente resistente a explosões de bombas. Poderia ser usado para proteger dos efeitos da bomba atómica, os gases seriam absorvidos.”

“Quer dizer que bloqueia a radiação atómica?” perguntou Meade.

“Sim, quero dizer que este material resiste ao raio Gama”, respondeu Lao Tse.

“Bem”, observou Meade, “devíamos poder verificar isso experimentalmente.”

“Sim, certamente podem verificá-lo.”

“Pode dizer-nos algo sobre o cometa de quatro caudas recentemente observado pelos astrónomos?”, perguntou o Dr. Cosman. “É a primeira vez que se vê um assim.”

“Não, este não é o primeiro cometa com quatro caudas. E este mesmo cometa já passou pelo vosso caminho quatro vezes antes. Mais tarde, quando se aproximar mais, haverá um grande espetáculo no céu. Estou um pouco cansado. Vou agora.”

Lao Tse retira-se e um novo Guia assume. Bate ritmicamente com as mãos e pés, balança-se para trás e para a frente, entoa cantos agudos numa língua desconhecida.

“É uma língua sul-africana”, observa a Srta. Layne.

O Guia faz então o corpo de Mark passar por uma série de movimentos graciosos de dança, sentado. Após talvez dois minutos, o Guia anuncia em voz alta:

“Eu Yo-Bam-Bo. Eu grande chefe da tribo Zoambi. Eu tinha muita terra.

(P). “Não, não estou muito com o meu povo agora, cresci, segui em frente sem eles. Mas tive muitos problemas com feiticeiros. (P). Sim, quero dizer agora feiticeiros do vosso lado. Eles trabalham magia negra. Quando eu estava no vosso mundo, havia magia negra e branca. Não trago magia negra aqui, só magia branca (isto é, para a sessão, ML).

(P). Não falo com feiticeiros assim como com vocês, assustava-os de morte. Envio-lhes mensagens pela mente (telepatia, ML), também apanho-os em sonho, no sono, acordam cheios de medo.

(P). Muito difícil dizer o tempo, o vosso tempo, (longa pausa) penso que estou deste lado há 90 a 100 anos.

(P). Os britânicos eram donos (isto é, controlavam) a minha terra, dirigiam o meu país então. O homem branco causa muitos problemas onde há ouro, diamantes, qualquer tipo de riqueza.

(P). Acho que o futuro de África é muito bom. Nos próximos 40-50 anos haverá grandes descobertas de metais em África. Os Estados Unidos terão um grande papel em África. Se não houver guerra, algum dia a América governará todos os países com mão bondosa. Vou, adeus!"

O GUIA Lingford assume.

"Bem, uma das razões pelas quais a época do Natal é importante é que aprendemos que não conseguimos descobrir logo o que há em cada embrulho.

(P). Sim, celebramos o Natal deste lado; ou seja, alguns celebram e outros não, exatamente como no vosso mundo. Especialmente as crianças, claro; têm de ter o Pai Natal mesmo aqui. Está nas suas mentes, parte do sonho. Então, temos uma nova chegada (para a Srta. Layne). Acho que talvez devesse ter casado na minha vida terrena.

(P). Bem, não escolho agora um companheiro, em parte por hábito, e também porque há tanto para ver e fazer, e se me prendo a uma só pessoa, não posso fazer e ver tanto. (Conversas e piadas sobre Salomão e Brigham Young.) Sabem, nunca admirei aquele homem, Brigham Young! Viram alguma vez as mulheres dele?... Claro que o estatuto das mulheres agora está muito diferente, mas mesmo no meu tempo eram propriedades, criadas.

(P. sobre condições nacionais.) "Na minha perspetiva, os problemas laborais vão ser, mais ou menos, resolvidos. Apesar de me custar dizer, os poderes que governam neste país estão a piorar a situação com a Rússia. É verdade que os russos querem o domínio mundial, mas devíamos adotar uma abordagem mais cuidadosa no trato com eles.

(P). Bem, acho que os Estados Unidos deviam fazer uma declaração clara e firme e depois mantê-la, mas deixar de lado as acusações mútuas."

"O ano está quase a acabar", disse o Dr. Cosman. "E aquela sua previsão de que algum tipo de comunicação instrumental com o vosso plano seria alcançada este ano?"

"Sim, o Lingford arriscou nessa."

"É verdade. Bem, há obstáculos de ambos os lados. A maioria vem do vosso lado, pessoas que não estão interessadas, que não acreditam na comunicação, pessoas que se opõem com argumentos religiosos ortodoxos, e pessoas que troçam e ainda assim se dizem 'cientistas', e assim por diante. Temos todos esses tipos deste lado também, claro. As pessoas não perdem as ideias fixas e os preconceitos só por morrerem."

"Estava a ler parte daquele livro que emprestou ao rapaz aqui (Mark P.) pelos olhos dele — aquele livro sobre projeção astral (Yram: 'Conscious Astral Projection'). Muitas vezes é mais fácil ler assim do que ver as coisas no vosso plano diretamente, e parece que se torna mais difícil quanto mais tempo se está deste lado. Há uma parte nesse livro que está errada, onde ele fala de projetar-se num corpo e depois entrar noutro mudando a frequência de vibração. Na verdade, não se descarta um corpo. O que acontece é o seguinte: os átomos mais pesados voltam pelo cordão de ligação para o corpo denso, e os que ficam constituem o veículo mais subtil, que pode ser usado para fins mais avançados. (P). Sim, esse processo pode ser controlado e também é automático. Penso que esse entrar no corpo mais subtil, ou seja, refinar o corpo que se está a usar, é uma das razões para a crença nas 'conchas'. As pessoas acham, de forma iludida, que saíram de um corpo e entraram noutro. Mas as conchas são realmente formas-pensamento e formas-desejo, e a maioria é produzida por pessoas do vosso lado."

Meade Layne levantou a questão da rabdomancia em mapas, usando um pêndulo, para localizar petróleo, água, pessoas desaparecidas, objetos de quase qualquer tipo.

"A rabdomancia a partir de mapas é muito semelhante à psicometria. Claro que, ao percorrer fisicamente um terreno, há uma sensibilidade psicofísica real às radiações do objeto que procura, enquanto com o mapa a ação é mais puramente mental. Tudo emite ondas e radiações. O rabdomante a trabalhar com um mapa não faz ideia de onde (por exemplo) está o ouro ou o petróleo. Ordena à sua mente que o encontre. O que acontece? A melhor analogia que encontro é um tipo de radar — radar mental. Envia um feixe mental especial que irá 'ressaltar' dos depósitos de ouro ou petróleo. Ou seja, reflete-se nas radiações do ouro ou do petróleo, e o rabdomante sabe disso, ou recebe-o, e isso traduz-se em movimentos do pêndulo pelos seus nervos e músculos. É correto dizer, como diz Max Long, que o pêndulo e o mapa se tornam auxiliares, tal como o cristal usado na psicometria."

Lingford foi sucedido pelo guia Natalli, um astrónomo do século XVI.

"Aquele cometa de quatro caudas de que falavam: já fez quatro visitas à órbita da Terra."

"Consegue dizer há quanto tempo foi alguma dessas visitas?" (Longa pausa.)

"É terrivelmente difícil indicar o lapso de tempo em anos, não creio conseguir fazê-lo aqui. Mas a primeira vez que o cometa veio foi mesmo antes do grande dilúvio de que fala a vossa Bíblia."

"A era Noaquiana? Então houve realmente um grande dilúvio, naquela época?"

"Sim, houve. (P). Não, não consigo estimar há quanto tempo, nos vossos anos."

"O que é, afinal, um cometa, Natalli?" perguntou o Dr. Cosman.

"Os cometas, na sua maioria, são fragmentos que se desprenderam de planetas gigantes."

"Quer dizer planetas e não estrelas ou sóis?" perguntou Meade.

"Talvez estrelas seja melhor, mas não sóis. Tem de haver algum grau de condensação, de solidez, antes de tais corpos se poderem fragmentar. Um corpo que seja só gás não se fragmenta."

"O que leva então esses corpos a fragmentar-se?" perguntou o Dr. Cosman.

"Normalmente extremos súbitos de calor e frio. A cauda do cometa deve-se simplesmente à velocidade. As partículas leves, separadas das que estão na massa, têm maior velocidade. Isto resulta do atrito com o éter."

"Um objeto a passar pelo espaço ou apenas pelo éter encontra alguma resistência do éter, então?"

"Sim, há atrito com o éter. Além disso, é produzido som. (P). Sim, podemos ouvi-lo se quisermos, se fizermos esforço. É um som estranho e maravilhoso. (P). Sim, essas ondas sonoras estão dentro do alcance da audição humana. (P). Não, não existe planeta para além de Neptuno pertencente a este sistema solar. Existe o Grande Vazio de cerca de 86 biliões de milhas — depois outro sistema solar. Sim, tanto quanto sei, outro e outro, sem fim. Sim, as perturbações de Neptuno devem-se em parte aos cometas... Vulcano, para mim, é uma estrela negra (Natalli não quis ou não pôde fazer mais declarações sobre Vulcano). Há uma diferença enorme na idade dos planetas do vosso sistema solar. A Terra é um dos mais antigos, e o Sol o mais antigo de todos. Mas os planetas nascem de maneiras diferentes, alguns quase espontaneamente por agregação de matéria etérica. Falarei mais sobre isto. Adeus."

PALESTRA DE TRANSE DE 23 DE DEZEMBRO DE 1947

Presentes: Dr. Philip Cosman, Meade Layne e o médium.

Foi feito um pedido de ajuda ou aconselhamento num caso de colapso mental iminente com certos 'aspetos psíquicos'. A carta foi lida e o caso discutido antes da aparição do Guia. Às 16h45 o Guia Lo Sun Yat tomou conta.

(Palavras de saudação em tibetano): "Creio que este homem deve ter iniciado estes estudos sem o devido treino ou orientação. Às vezes isso

conduz aos resultados mais lamentáveis. Antes de mais, devia ter-se libertado dos seus fortíssimos desejos sexuais. Isso é provavelmente a força motriz que agora o leva à destruição. Além disso, usou estas forças secretamente para gratificação sexual. Isto é mau. Muitos principiantes cometem esse erro. As forças sexuais são dinâmicas — e muito poderosas — e destruirão o corpo se forem mal utilizadas."

"Relativamente à paralisia parcial que sentiu, ele não sabia o que se estava a passar. O corpo psíquico tentava escapar, ele tentava projetar-se. O impulso para o suicídio estava ligado a esse esforço 'subconsciente' para escapar. Estava, de certa forma, auto-hipnotizado e fora do seu estado normal, mas tentava trabalhar com os dois planos ao mesmo tempo. Tentar abrir os chakras sem o conhecimento devido traz frequentemente desgraça."

"Só há uma coisa a fazer por ele: uma série de tratamentos sob hipnose. De momento não há nada de fundamentalmente errado com o corpo, mas se as condições psíquicas não forem resolvidas, morrerá de uma hemorragia cerebral. A causa é a ascensão das forças sexuais ao cérebro. Mas também pode resultar de concentração excessiva e prolongada em qualquer assunto, digamos, matemática. Essa força sexual ou energia Kundalini é básica em todo o tipo de atividade mental."

"O hipnotizador deve primeiro descobrir o que o levou a este campo de interesse. Muitas vezes, a razão para mergulhar no ocultismo é um desejo secreto de fuga. É uma fuga tão grande quanto uma dependência, para usar o vosso termo, e a vítima torna-se um viciado. É tão difícil libertar-se disto como de qualquer dependência química. As questões devem ser colocadas sob hipnose, pois agora a sua mente é evasiva. Quando for encontrada a causa, deve sugerir-se que ele não tem mais desejo de estudos ocultos, que nada ganhará, que está no caminho errado. Se não houver hipnotizador com o conhecimento adequado, ele deve contactar uma instituição onde haja um hipnotizador competente, pois necessita dessa ajuda."

"Além disso, atraiu algumas das entidades mais baixas. É verdade que existe um elemento de obsessão neste caso. Ele era e é uma pessoa altamente sexualizada. Se não for ajudado, acabará por enlouquecer violentamente."

Lo Sun Yat, naturalmente, não desvaloriza os estudos ocultos quando são feitos de modo correto. Existem muitos assuntos e linhas de investigação perigosas para o amador entusiasta. A situação do doente, em casos como este, é particularmente aflitiva, pois quase não existe ajuda competente. A profissão médica, no geral, sabe pouco de hipnose e usa-a

ainda menos; os psiquiatras usam-na inteligentemente, mas de forma limitada, e são grosseiramente ignorantes e desprezadores de tudo o que seja ‘oculto’ ou ‘psíquico’ ou espírita. Quanto à obsessão, as instituições mentais, pelo menos no Estado da Califórnia, não admitem sequer que tal coisa exista; é provável que o mesmo tipo de estupidez exista por todo o lado, com raras exceções. O estado medieval dos nossos hospitais psiquiátricos é um escândalo nacional, mas nem tanto como a ignorância abissal das profissões de saúde em relação a tudo o que seja ‘psíquico’ ou ‘oculto’.

Discussão prévia de certas hipóteses científicas propostas por Roger Graham, físico. O Dr. Cosman e Meade pediram a atenção de Lingford, ou Lo Sun Yat, Natalli, Lao Tse, qualquer um que quisesse comentar o assunto. Após alguma demora, Lingford assumiu.

“Bem, parece que vou ter de trabalhar. Mas não vou tentar responder às vossas perguntas, deixo isso para alguém mais qualificado. Só quero lembrar-vos que a consciência do médium tem de ter algum domínio do assunto (para que as comunicações sejam boas). Como está, Sra. Probert? Parece muito ocupada hoje. Não pode sentar-se um pouco connosco?”

“Sim, claro.”

“Se não querem discutir as questões científicas, talvez possam dar a vossa opinião sobre isto. Temos uma proposta de um investigador europeu: ele sugere enviar a consciência projetada de um sujeito hipnotizado para estas sessões, e que o sujeito depois fale connosco através do Mark, tal como qualquer outro guia faz. O sujeito receberia uma palavra-chave ou frase que nós não saberíamos na altura da sessão, mas que poderíamos descobrir depois por carta selada; ela repetiria essa mensagem-chave e talvez pudesse levar outra mensagem de volta. Isto poderia estabelecer um meio prático de comunicação. Acham isto viável? Existe alguma objeção particular a tentar?” perguntou Meade.

“A proposta parece-me perfeitamente viável, mas se algum de nós que comunica aqui quiser ajudar ativamente, teremos de descer mais um passo, para uma frequência vibratória mais baixa. Sempre que está envolvida a hipnose, há a possibilidade de o hipnotizador enviar a sua própria mente no corpo astral da mulher (o sujeito). O corpo astral torna-se então uma espécie de zumbi, um autómato. Viajar no astral inteiramente através da hipnose é suscetível de causar essa condição.”

“Se fizerem isto, o hipnotizador deve dizer ao sujeito para se lembrar da viagem. Ela conseguirá fazê-lo. Teremos de agir como uma espécie de mão orientadora para o sujeito. Na hipnose, a pessoa projetada atua apenas como registador ou agente. Provavelmente dará apenas a mensagem-chave

mas poderá trazer outra mensagem de volta. Devem combinar a hora. Não se esqueçam de me avisar quando for marcada."

Conversa dispersa sobre a experiência proposta. O guia então assumiu. Antes de o fazer, transmitiu ao médium por clariaudiência a palavra Lao Tse. Assim que assumiu, soletrou o nome e disse que era o nome de um mosteiro "onde passei muitos anos". Pressionado por mais informação sobre si, referiu cerca de trinta anos de estudo e prática ocultista enquanto estava no plano terrestre. Esses estudos conduziram, afirmou, à prática diária de projeção, sempre a partir de transe profundo.

Afirmou ainda que as verdades e princípios matemáticos não eram expressos, no seu plano, por números e equações. As relações eram descobertas por um processo intuitivo, ou conhecidas por uma espécie de perceção direta, em vez de por processos lógicos de dedução. Esse poder intuitivo, declarou, era possível de alcançar aqui, embora o treino em meditação fosse tão longo e rigoroso que muito poucos o conseguiriam.

Acrescento aqui que a criança prodígio em matemática, ou certos génios matemáticos, quase de certeza operam exatamente deste modo; não fazem cálculos, simplesmente sabem a resposta e sabem-na corretamente. Por alguma lei obscura da natureza, que nos parece simples excentricidade, essas pessoas possuem neste plano um poder que pertence aos astrais mais avançados, ou que pode ser obtido pela maioria ao custo de grandes esforços. As performances dos génios, das crianças, dos humanos desviantes em geral, dos médiuns e sensitivos, e até dos mentalmente perturbados, estão cheias de pistas para os grandes mistérios — pistas que o saber contemporâneo parece orgulhar-se de ignorar.

A hipótese formulada pelo físico Graham é demasiado extensa para ser citada na íntegra, mas o seu conteúdo é o seguinte: A massa do eletrão é cerca de 1800 vezes menor que a do protão ou neutrão. O positrão e o neutrino são análogos ao protão e neutrão, e têm a massa inercial do eletrão. A partir destes há toda uma série (hipotética) de elementos análogos às cerca de 90 que conhecemos; mas cada átomo desta série é cerca de 1800 vezes mais leve que o átomo correspondente na série conhecida pela ciência. Estes elementos serão, no entanto, materiais, isto é, matéria num estado muito finamente dividido. Um corpo humano composto deste tipo de matéria pesaria 30 a 60 gramas. Uma lente feita do equivalente a areia nessa matéria poderia focar os raios-X.

A visão de uma pessoa cujo corpo fosse composto por este tipo de matéria seria por luz de algum lugar nas bandas dos raios-X ou superiores. Esta matéria interpenetraria a nossa matéria densa, mas as duas são quimicamente inertes uma para com a outra, e mutuamente invisíveis

devido a diferentes bandas de absorção. O corpo astral ou espiritual é composto deste tipo de matéria. “Se estas afirmações estiverem essencialmente corretas”, escreve Roger Graham, “será possível prová-lo conclusivamente.”

O comunicador, depois de ouvir toda a declaração relida, concordou com ela na substância por completo.

A seguinte questão foi então colocada: “Existe no vosso plano o elemento que chamamos Cu (cobre), como substância material real, mas cerca de 1800 vezes menos denso do que o nosso cobre e, se sim, pode ser trabalhado, por exemplo, estirado em fio?”

A isto Lao Tse respondeu: “Este elemento cobre existe no nosso plano como uma substância ‘material’ real. A relação de peso com os átomos de cobre no vosso plano é mais ou menos essa proporção, menção. É aqui que entram as emanações. O nosso cobre é, na prática, uma ‘emanação’ do vosso. Sim, pode ser trabalhado por nós.”

(P). “Sim, trabalhamo-lo com energias mentais.”

Lao Tse perguntou então que substâncias tinham sido especialmente examinadas, qual era a atitude mental do Sr. Graham ao perseguir estes estudos, e se ele apresentaria uma formulação escrita ou matemática das suas provas. Parte do artigo intitulado “Estados da Matéria”, de Roger Graham, foi então lida para ele.

Este artigo aparece na íntegra no Flying Roll, publicação complementar do Round Robin, número Delta II, Dezembro de 1947. Dados destas sessões são frequentemente considerados em ambas as publicações.

O comunicador expressou repetidamente o seu espanto e prazer pelo progresso e perspicácia evidenciados pelas hipóteses que lhe foram apresentadas. Segundo ele, todo o conceito assenta em bases sólidas e tem grande importância tanto para os cientistas físicos como para todos os interessados no problema da comunicação instrumental entre os planos.

Como ponto menor, é interessante notar que o suposto peso do veículo desprendido na morte (determinado pesando o corpo imediatamente antes e no momento da morte) é entre uma e duas onças (cerca de 30 a 60 gramas), e que a estimativa de Graham para o peso do corpo etérico ou astral nas “novas formas de matéria” coincide aproximadamente com isso.

Há muito que os estudantes de assuntos ocultos afirmam que objetos nos níveis etérico e astral de existência são verdadeiramente materiais, mas que a matéria que os compõe é extremamente finamente dividida, tornando-se assim sensível às energias da mente, seja da imaginação ou do esforço mental construtivo deliberado.

Por alguns, isto é chamado "emanações". Até aqui, estes conceitos não são novidade no ocultismo. No entanto, a formulação de Graham é em termos científicos e matemáticos; é, de facto, o primeiro arco forte da ponte que a física nuclear está a construir entre os planos de manifestação. Esta aproximação entre a ciência física e a ciência oculta há muito foi prevista; é tão inevitável quanto o progresso do conhecimento humano. Um novo domínio de matéria está a abrir-se diante dos nossos olhos, e aquilo que até agora era acessível apenas ao ocultista avançado tornar-se-á domínio também do físico. Como já foi dito muitas vezes, a necessidade da nossa era é o cientista-ocultista ou o ocultista-cientista; ele é o homem-chave do futuro e está nas suas mãos. Consideramos Roger Graham um pioneiro que já avançou muito em novas terras e consideramos um privilégio divulgar o seu trabalho até onde pudermos.

PALESTRA DE TRANSE DE 3 DE JANEIRO DE 1948

Presentes: Dr. e Sra. Cosman, Irene Probert, Katherine Tones, Meade Layne, Mark Probert (médium):

GUIA: "Laurence da Arábia":

"Sabe que esse maldito charuto que está a fumar está simplesmente a sufocar-me. Parece incomodar-me imenso, muito mais do que quando eu vivia no corpo físico. Nessa altura conseguia suportar todo o tipo de coisas, mas agora já não tolero. Há alguns meses estive aqui. Não gosto de me referir a mim próprio assim, mas sou o Laurence da Arábia. Penso que, se nos compreendêssemos melhor, não nos entregaríamos a várias injeções de veneno no corpo. No entanto, não sou moralista nem pregador, por isso vamos falar de coisas mais agradáveis. Olhando para trás, e pensando no meu livro, os Sete Pilares da Sabedoria, eu resumia-o a umas cinco páginas — seria suficiente."

(P). "Quando paramos para observar a vida, percebemos que tudo o que dissemos é muito insignificante e, na verdade, sem grande sentido — não para mim ou para si, mas escrever tudo isso para publicação, para o público em geral, é um desperdício de tempo e energia, para não falar de papel… Só quando somos muito velhos, ou já passámos para este lado, é que começamos a ver a vida sem tantas ilusões. Aqui, o saber é direto, sem tantas palavras."

"Sim, continuo muito interessado no povo árabe e no meu próprio país e na sua atividade política, embora veja a futilidade das chamadas autoridades, a sua correria louca; não vão a lado nenhum."

(P). "Sobre o futuro da Palestina e do Estado Judaico, vejo que acabará por se concretizar. Sim, de facto, os árabes opõem-se, e haverá

grande mortandade e contenda generalizada, tanto na Palestina como na Índia, e os seus efeitos serão sentidos em todo o mundo."

(P). "Sim, a Inglaterra vai perder o Sudão. A Inglaterra está em declínio, lamento dizer, mas já via essa situação a desenhar-se ainda no meu tempo."

"Sim, os ingleses estão a tentar reconstruir o seu império em África, mas surgirão condições que impedirão isso. O povo inglês está a falhar rapidamente."

(P). "Sim, Inglaterra e Estados Unidos vão aproximar-se no esforço de manterem a cabeça fora das marés ascendentes que vão ser desastrosas."

"Sobre outra guerra, prefiro apenas dizer que há grandes problemas pela frente para o mundo."

(P). "Sim, para a Rússia, mas não só para ela, para todos os países que sobreviveram à guerra."

(P). "Sim, haverá um ressurgimento do nazismo. Não pensem que a Alemanha segue de bom grado a ideia democrática. O povo alemão é teimoso e orgulhoso, e esse orgulho existe há muitos séculos. Agora sentem um ódio amargo contra os americanos, não se esqueçam disso! Não se pode esbofetear um homem orgulhoso e esperar que ele depois lhe aperte a mão."

"Não, nenhuma mensagem especial, apenas que me alegra voltar a conversar convosco e entrar numa discussão política… Vejo que tinha uma visão muito semelhante quando estava no corpo físico, apenas com um âmbito mais alargado agora… Gostava apenas de me ter podido deslocar tão depressa quando vivia no corpo denso. Todos têm um tempo certo para viver. (P). Sim, o momento da morte é fixado, mas é fixado pelas nossas próprias ações. Sim, existe liberdade nas nossas ações, mas o caráter e a forma de reagir aos acontecimentos é que determinam o momento da morte. Mas há outros à espera, e ouvi dizer que tinham questões importantes. Boa tarde."

GUIA: Lingford.

"Oh, não me diga 'bem-vindo', parece que sou estranho. De facto, ando por aí bastante. Tivemos uma reunião extremamente interessante naquela cidade a norte (Los Angeles). Na verdade, tornei-me eloquente de repente, fiquei surpreendido comigo próprio. (P). Um grupo muito bom e útil. Se possível, o rapaz aqui (médium) deveria voltar lá; penso que as coisas vão correr-lhe muito bem em Los Angeles. (P). Sim, refiro-me em parte ao dinheiro. (P). Sim, compreendo o ponto de vista do irmão dele — porque continuar esta vida naturalmente infeliz — mas as leis da Natureza não têm em conta as nossas opiniões. Vejo que têm algumas questões."

"As questões dizem respeito às teorias avançadas por Roger Graham", disse Meade. "Podia ler novamente a primeira parte?"

"Qual é a verdadeira natureza do magnetismo?", repetiu Meade.

"Isso vai exigir uma longa explicação; não sei se consigo exprimir-me corretamente, mas há dois tipos de éter — um em que vocês existem e outro em que nós existimos."

Lingford esteve calado algum tempo, aparentemente a tentar organizar as ideias, e foi abruptamente substituído por um novo Guia.

GUIA: Lao Tse.

"Desculpem-me por ter afastado o vosso amigo americano, mas penso que posso fazer um trabalho melhor. (P). Existe uma interação de energia entre a chamada terra material e a terra astral. (P). Sim, uma é muito mais refinada do que a outra. (P). Não, não há forma de detetar o éter com os vossos instrumentos atuais. O magnetismo é um fluxo entre a minha mão e a terra material; o vosso éter serve de condutor ou veículo; é um fenómeno do éter mais subtil, ou da terra etérica. (P). Sim, os sensitivos conseguem ver o campo magnético, frequentemente."

"Sim, por exemplo, temos um cobre verdadeiro; consiste nas emanações do cobre no vosso plano. É o retorno lento do cobre à sua fonte. Resulta de uma espécie de condensação do cobre etérico (isto é, o cobre da matéria densa), e retorna ao estado etérico por 'emanações': tal como o ferro que enferruja, regressando ao éter de onde veio. Há uma troca de energia para a frente e para trás. (P). Sim, todo o cobre é basicamente o mesmo, caso contrário não poderia manifestar-se para além do plano físico. Sim, este cobre de emanação existe em, com e através do cobre denso do vosso plano. (P). Sim, seria o mesmo para o vidro."

"Se tiver uma lente de vidro com determinada forma, isso afeta o 'vidro de emanação', de modo a que também tenha a forma de uma lente?"

"Não, não afeta. Não, a 'emanação' não é afetada pela manipulação da matéria densa. Sim, a 'emanação' não tem forma."

(P). "Não, na lente da câmara não há lente de vidro etérico, a menos que alguma entidade a molde lá."

(P). "Sim, isso é feito às vezes, mas tais experiências só ocorrem se houver alguém do vosso lado a tentar provar alguma teoria ou ideia e, então, provavelmente, esta manipulação da matéria seria projetada e vocês poderiam vê-la no vosso plano."

"Até que ponto a estrutura da matéria etérica é independente da matéria densa? Suponha que pega num pedaço de enxofre de emanação e faz passar por ele um fio com corrente elétrica. Haveria algum efeito no fluxo de corrente?"

"Não serviria de nada. A diferença de densidade atómica tornaria impossível tal efeito. O fio passaria através do pedaço de enxofre, mas não haveria contacto, não seria afetado de forma alguma." A única forma de qualquer aparelho físico ser afetado do nosso lado é por materialização parcial.

(P). "Sim, diferenças de potencial entre condensadores podem ser afetadas se estiver presente uma pessoa mediúnica. Nesse caso, podem aparecer materializações em campos magnéticos ou elétricos."

Em resposta a uma pergunta sobre efeitos PK, como queda de dados, etc., Lao Tse continuou: "O vosso efeito PK depende do treino do sistema muscular para obedecer automaticamente à vontade ao lançar os dados."

"Quer dizer que se obtém um efeito PK quando os dados são lançados por máquina?"

"Sim, está provado."

"Que tipo de energia é essa?"

"É uma energia magnética, o campo magnético é afetado. (P). Sim, em certa medida depende da presença do organismo físico da pessoa."

"Do vosso lado conseguiriam afetar a queda dos dados dessa forma?"

"Não sei. Nunca tentei isso. Não é curioso que, com todas as comunicações que vocês já tiveram, com todos os instrumentos ao vosso dispor, depositam mais fé numa peça de maquinaria do que nas pessoas? Nenhum homem tem a mínima fé no seu semelhante — nem um pouco."

"O PK (psicoquinese) é observável até cerca de 9 metros. Não compreendemos a natureza da força ou energia."

"Teria de observar a máquina."

"Não é a máquina; é o observador que impõe mentalmente o número desejado."

"Dão-me licença por uns minutos?" Voltando ao dispositivo mecânico que estão a usar: mesmo ao programar uma máquina para executar qualquer ação, a energia da mente está envolvida; trabalham num campo magnético. Perguntam-se porque isto não se ajusta ao exemplo de passar um fio de cobre por um bloco de enxofre astral. Num caso, tentam fazer contacto direto sem gradação do fluxo da força magnética, noutro permitem livremente a gradação do fluxo etérico. Qualquer objeto físico vosso pode ser movido pela direção mental, desde que existam as condições e pessoas adequadas."

(P). "Isto assemelha-se ao efeito PK, o ectoplasma nada tem a ver com isto."

(P). "Quando os dados são lançados à mão, a mente prepara a reação muscular, mas com um lançamento mecânico há um controlo do campo

magnético. No primeiro caso, os músculos sentem exatamente a força a aplicar para lançar como se deseja."

(P). "Não, não é preciso estar próximo da máquina; podiam estar aqui e a máquina em Los Angeles…"

Muito depende do indivíduo, da sua capacidade de controlar e dirigir a força do pensamento. A telepatia utiliza a mesma força; é e funciona como um campo magnético...

"A rotação atómica da eletricidade é muito mais lenta do que a da força mental, ou fluxo da mente — é mais fácil para esta viajar. O pensamento desloca-se mais rápido que a eletricidade."

(P). "Sim, a energia mental, como toda a energia, pode ser medida, tem as suas próprias unidades de magnitude."

(P). "Sim, uma pessoa pode interferir mentalmente com o lançamento de dados de outra, especialmente se souber controlar a energia do pensamento. A força mais forte prevalece. Isto é verdade em toda a vida."

(P). "Só conseguimos dirigir energia para o vosso plano na medida em que conseguimos descer de nível até ao grau de construção material."

(P). "Sim, a diferença de potencial entre placas carregadas pode ser afectada por nós, desde que haja um médium presente, ou alguém sensitivo. Conseguirão materialização espontânea no campo magnético. Mas NÃO podem prescindir do uso de um médium ou sensitivo."

PALESTRA DE TRANSE DE 10 DE JANEIRO DE 1948

Presentes: Dr. e Sra. Cosman, Irene Probert, Katherine Townes, Meade Layne, Mark Probert (médium).

GUIA: Lo Sun Yat.

"Boa tarde, estou muito bem. Não, NÃO penso, nem por um momento, que a vossa conversa tenha sido, como disseram? (tretas). Ah, sim, tretas. A busca dos mistérios da vida interior está longe disso. É o trabalho mais satisfatório e gratificante. Não há nada de mais valor, em qualquer nível de consciência. Mas parece que têm alguns problemas esta tarde... Não devem esperar respostas concretas e absolutas; o que hoje parece verdade, pode ser falso amanhã, essa é a única lei inevitável da vida. Existe mudança incessante e constante na Natureza."

Alguém perguntou sobre o processo exato de tomar controlo, afetando as células cerebrais do médium, etc., ao que o Guia respondeu: "Em primeiro lugar, é preciso compreender melhor a matéria. Se concebem a matéria como algo palpável e concreto, ficam aquém do alvo. Devem entender a

matéria como um conceito de consciência, então o problema tornar-se-á mais claro. A vossa psique e o chamado 'físico' são praticamente uma e a mesma coisa." (P). "Sim, de certo modo são planos diferentes de consciência. Não quero fugir à pergunta; tento encontrar termos compreensíveis (pausa)...

Matéria física e matéria psíquica são ambas força-pensamento. Para nós, que vivemos no mundo do pensamento após a morte, é simples entrar no reino físico e usá-lo. A ciência persegue um fogo-fátuo ao tentar explicar a matéria só pela matéria. Ganharão mais investigando o mundo do pensamento. Encontrariam que a matéria é pensamento condensado. Este tema nunca pode escapar ao campo da metafísica."

"Pensamos que a energia do pensamento é básica, mas ainda assim permanece a questão: como se afeta exatamente uma célula orgânica ou uma molécula com energia mental?" perguntou Meade.
"Compreendo, mas se consigo pôr isso em palavras para que compreendam já é outra questão. Não penso nem por um momento que a vossa capacidade de aprender seja menor que a minha. Não é isso. Não menosprezo a vossa capacidade de pensar claramente; temo é a minha incapacidade de usar os termos certos — porque nos termos certos reside o conhecimento. Mas acho melhor afastar-me por um momento e dar lugar a Lao Tse. Sim, sou Lo Sun Yat. Tenho estado bastante ocupado, de volta ao meu país." (P). "Vejo muitos, muitos mais anos de luta para a China." (P). "Quanto ao Tibete, com o passar dos anos e à medida que os homens disputam, esse país tornar-se-á cada vez mais inacessível."

GUIA: Ali Ben Casi.
"Boa tarde. Não sou Lao Tse. Não voltava aqui há algum tempo e percebo como é difícil saber quem entra ou sai nestas condições. Sou Ali Ben Casi. Dr. Cosman, falou em aumentar taxas vibratórias supersónicas. Descobri que é nessa onda que entro. A estrutura celular ou taxa vibratória, ou como queiram chamar, aumenta tão rapidamente que notam um apertar da pele ou arrepios no corpo do médium. É algo automático, mas começa primeiro na mente do médium. O cérebro físico, ao conceber o que lhe é pedido, espera. Há um aumento da taxa vibratória das células da mente. Quando esta ação alcança a velocidade, a sua velocidade é da mesma qualidade ou quantidade do mundo em que vivemos (referindo-se ao dele). Tudo o que fazemos é esperar essa condição e então entramos."

"Projetam um fluxo de energia-pensamento sobre as células?", perguntou Meade.

"Exatamente!... Quando a psique se estende para o éter ou se afasta de si própria, entramos em contacto direto com esse fluxo. Em vez de permitir que se dissipe no espaço, marcamos nele a nossa impressão e reenviamo-lo para a mente. A onda de pensamento pulsa para fora e para dentro, transportando o pensamento de volta."

Controlador estrangeiro: Examina a roupa, especialmente a gravata do médium, com grande divertimento; não gosta da sensação da roupa no corpo. "O que é isto? Como chamam a isto? Não, não, não gosto. Venho do Amazonas, do fundo da selva. (P). Não, não estou deste lado há muito tempo. Veio um homem branco, foi à selva, usava cruz (missionário). Ele ensinou-me a falar inglês. Amazonas lamacento. Sim, grandes montanhas, só montanhas ao redor. Muitos peixinhos, comem o homem, arrancam-lhe a pele. Se cair, em dez minutos, já não tem pele."

(P). "Não, não faço muito; mulher trabalha sempre. Homem não faz nada. Pai diz, homem não faz isso, homem não deixa mulher trabalhar. Eu digo NÃO, homem branco estragou a minha mulher."

(P). "O meu povo faz grande reunião, vêm pessoas falar (espíritos), fazem dormir como o rapaz (médium); alguém fala como eu agora. Dormem como o rapaz, muito. Todos sentados em círculo, no chão (gestos). Depois voltam para falar ao povo (materialização), diz ele. Todos são muito respeitosos (curvam-se profundamente da cintura). As pessoas têm muito medo, chefe não tem medo. Todos os professores dizem, toda a raça sabe que ninguém morre e fica morto, todos têm (grupos) onde falam com os ancestrais do meu lado. Homem branco, ele é lento. Acha novo, maravilhoso (materialização), para nós, é natural. Adeus!"

GUIA: Lao Tse. "Um erro parece ser o mais comum de todos: a ideia de que manifestações no vosso plano não pertencem ao vosso nível de matéria ou não são da vossa consciência. Mas são. Não existe grau de matéria, por mais intangível que seja, que não pertença ao vosso plano de consciência. Seja A, B, C ou simplesmente X, é do vosso plano, ou nunca teriam consciência disso. Isso gera muitos problemas difíceis, que parecem insolúveis."

Em resposta a uma pergunta sobre matéria de emanação; objetos em matéria astral própria de planos mais subtis, etc, Lao Tse continuou: "Tudo o que há agora (na Terra) veio originalmente do mundo onde estou. Do meu mundo surgiu tudo o que têm. Como poderia haver coisas em qualquer dos planos que não coincidam de algum modo? Temos elementos do nosso plano ainda não conhecidos na Terra, mas as condições foram tais que

ainda não tomaram forma no vosso plano. Sim, os objetos no nosso plano são feitos de 'matéria de emanação' e têm forma; são criados pela força do pensamento, desejo, vontade dos indivíduos. Não, a forma material não existe independentemente da ação mental no nosso plano, nem no vosso. No vosso plano, como no meu, concebemos e começamos por conceber. (P. sobre solipsismo). Bem, é como parece, como uma cobra a engolir o próprio rabo e a si toda, mas isso é uma ilusão... No meu plano, se quiserem impedir-me, podem projetar um obstáculo de matéria sólida, suficiente para me travar, desde que eu não saiba destruí-lo. Vocês estão sob as mesmas condições."

"Bem, se eu morresse subitamente, não veria objetos naturais, casas, árvores, etc., do vosso lado, sem qualquer esforço ou desejo da minha parte de os ver?" perguntou Meade.

"Sim, veria. Mas esses objetos foram criados pelas mentes que vieram antes de si, para sua comodidade e deles: vive neles enquanto quiser, depois desaparecem e cria os seus próprios. A mente cósmica funciona através da mente individual, mesmo no nosso plano."

PALESTRA DE TRANSE DE 18 DE JANEIRO DE 1948

Presentes: Dr. e Sra. Cosman, Sra. Strong, Sra. Leftbridge, Irene Probert, Meade Layne, Mark Probert (médium):

Um guia estrangeiro desconhecido tem grande dificuldade em falar. Finalmente diz: "Não estou habituado a controlar com americanos."

GUIA: Lingford. "Humph! Tive de o expulsar.

(P). Ah, era um menino da Índia.

(P). Deixámo-lo entrar porque queria falar um minuto. Vejo que têm visitas.

(P). Sim, estou sempre atento às senhoras.

(P). Sim, desde a última reunião tenho andado a investigar algumas das questões que colocaram. Não, não as considero aborrecidas — não para mim, de qualquer forma. O que chamam aborrecimento é normalmente pressa, fuga da mente. Hoje há bastantes aqui — grande reunião (do outro lado).

(P). Parte da dificuldade para começar hoje foi ácido tânico no estômago deste rapaz (médium). Sabem o que ele fez? Fez um cocktail, um cocktail enorme de sumo de laranja, depois juntou ovo e mel. Mas foi o sumo de laranja, demasiado, que provocou o problema. Gostava que me dessem um cigarro. (Lingford consegue segurar bem o cigarro mas ainda não consegue acendê-lo sozinho)."

"Sabes, Meade — sobre esses montes (círculos de pedra de Siskiyou, região de Shasta); pelo que ouço deste lado, remontam a 15 ou 20 mil anos, e estão ligados aos Lemurianos. Essas pessoas falavam um tipo antigo de sânscrito hindu. Senhoras, querem colocar perguntas?"

Uma visitante fez uma pergunta, em nome do marido, sobre factos de um caso criminal de há 8-10 anos. Lingford transmitiu esta questão a Lao Tse, outro Guia, com quem o assunto já tinha sido discutido.

Após uma pergunta sobre desenvolvimento de aparelhos de comunicação, Lingford prosseguiu: "Os cientistas acabarão por descobrir que os comprimentos de onda necessários para isto são extremamente curtos. E tiveram grande dificuldade em alcançar até os mais curtos que agora têm — e esses ainda são demasiado longos. Isto é mesmo difícil. Está a ser pensado do nosso lado e tentam transmitir-vos as ideias. O vosso Professor Twining, que recentemente passou para aqui, tinha boas hipóteses de tornar isto possível. Mas os elementos do corpo são necessários. O aparelho terá de empregar comprimentos de onda de ordem mental ou psico-física — terá de substituir o ser humano, reproduzindo as mesmas energias."

(P). "Sim, o Professor Twining está aqui hoje. Com licença, vou sair agora."

Lingford foi seguido por um "dançarino do templo", um antigo comunicador, que afirma ter vivido na "Ilha da Páscoa" quando esta fazia parte de um continente. O nome da sua terra Parva, ou da sua zona local, era, foneticamente, Bee-oh-lah-dee. "Significa Terra do Sol – topo da montanha, agora."

(P). "Sim, fazemos grande dança, música muito bonita. Oh, sim, sim, tambores, e o que chamam cordas, cordas compridas" (medindo com as mãos).

(P). "Todas as danças são em honra dos Deuses da Natureza. Desde sempre, enquanto o homem está na Terra, sempre se curvou perante os Deuses da Natureza. Vou agora."

Embora o médium nunca se levante da cadeira, os movimentos de dança do corpo, especialmente dos braços e mãos, são de notável graça e beleza. Esta dança silenciosa – por vezes acompanhada de invocações numa "língua antiga" – pode durar até cinco minutos.

GUIA: Lao Tse. A voz deste comunicador é ligeiramente aguda, o tom e o modo geralmente secos e sarcásticos, por vezes impacientes até à rudeza; contudo, tem demonstrado ser pessoa de boa vontade e de erudição excecional. Está há cerca de 300 anos no astral e passou o tempo a estudar a Terra e vários problemas psicológicos. Parece ter passado a vida terrena

num mosteiro tibetano, embora o seu inglês seja excelente. Para completar o quadro de Lao Tse, citamos a seguinte troca curiosa.

Meade pergunta: "Está familiarizado com a doutrina platónica das Ideias?"
Lao Tse: "Não, o que é isso?"
"Refiro-me aos ensinamentos de Platão, o filósofo grego do século V a.C."
"O que é que ele ensinava? Quais eram essas ideias?"
"É complicado, mas as Ideias eram númenos, tipos ou formas eternas por detrás de todos os fenómenos. As Ideias são as únicas realidades, e são capazes de agir sobre a Natureza para se reproduzirem. Diz que nunca ouviu falar dele?"
"Não, nunca ouvi."
"Mas ele e Aristóteles, entre os dois, praticamente ditaram o desenvolvimento intelectual da Europa durante 15 séculos."
"Mas não teve grande efeito no homem comum! Bem, terei de procurar esse Platão. Parece ter ideias semelhantes às minhas..."

Esta ingenuidade é, sem dúvida, desconcertante; o meu palpite é que Lao Tse também desconhece até os nomes de Aristóteles, Kant e Hegel, que, com Platão, constituem a história da mente europeia. No entanto, não se deve desprezar a genuína aprendizagem e "poderes" mentais do comunicador por esta razão – e convém lembrar que, especialmente nas ciências, há uma praga de "grandes mentes", dentro e fora das universidades, que sabem tão pouco sobre a história da filosofia ocidental quanto Lao Tse, e até menos se importam, já que Lao Tse pelo menos se propõe "investigar" este antigo notável, e até aprova, provisoriamente, alguns dos seus ensinamentos. Quod superius, quod inferius! Um caminho para compreender o povo astral é recordar que a natureza humana neles não mudou, nem por um fio dividido.

GUIA: Lao Tse. (Curvando-se, mão ao peito, seco mas cortês): "Pois bem, tomo a liberdade de me apresentar às senhoras. Sou Lao Tse. Isto é algo estranho para vós? Mas só é estranho porque não estão habituadas; na verdade, a Natureza trabalha de muitas formas e revela-nos segredos ao nosso trabalho de escavação. E claro, todos estamos a escavar e a tentar manter a mente activa. (P). Sim, o corpo é insistente, mas a grande ideia é afastar a mente do corpo. A maioria dos males deve-se à meditação sobre o eu físico. Desviem a atenção do corpo físico. A mente cria as vossas doenças físicas e também as pode destruir." Não existe tal coisa como liberdade do físico, em qualquer plano de existência. Tudo é gradação. A matéria densa vai-se tornando partículas cada vez mais finas. Não podem

dividir o universo em "matéria" e mente. Estes dois são gradações da realidade básica.

Só assim ambos podem ser compreendidos. As gradações tornam-se mente, tornam-se matéria densa. As doenças provocadas por germes, vêm antes do germe, falando em sentido metafísico. Isso é porque o pensamento atrai o germe da doença. Os germes, os bacilos, pertencem ao mundo etérico e não ao físico. Tornam-se físicos e entram neste quando são atraídos por ele; então alimentam-se dele como vampiros. Considerem o que chamam um caso curado de tuberculose. Na verdade é um caso detido. Se o moral baixar, se as condições mentais certas forem criadas, a doença voltará."

Toda esta discussão surgiu de perguntas feitas pelo Dr. Cosman, acerca da origem e verdadeira natureza dos germes ou bacilos e da sua relação com a doença. As perguntas específicas não são aqui reproduzidas.

Lao Tse continuou: "Os germes são estranhos ao corpo físico; é por isso que causam tanto estrago. Existem e têm sustento no mundo psíquico, e aí não fazem mal. Mas no físico provocam um estado de irritação causado por um corpo estranho. Mas, sendo etéricos ou psíquicos na sua natureza básica, a mente ou psique pode resistir-lhes; se o funcionamento mental for correto, a mente pode e resiste a todos os ataques contra si própria e contra o corpo também. O corpo físico, por si só e sem o corpo psíquico (etérico), não é capaz de sofrer."

Em resposta a uma pergunta sobre doenças em crianças, que não têm consciência de doença, Lao Tse prosseguiu: "Uma criança é apenas a manifestação nova ou jovem de uma entidade – mas a entidade em si pode ser muito antiga. Só o físico é o que chamam jovem. As ilusões da vida levam-nos a assumir que tal coisa tem de ser assim. A entidade que entra no corpo recém-nascido traz consigo muitos traços e heranças de vidas anteriores. A entidade humana não é nada do que supõem. Quando se compreenderem a si mesmos, compreenderão a vida. Os germes da doença não sabem que estão numa criança, apenas sabem que estão numa condição ou posição que os irrita. Devem ler os trabalhos de Paul Brunton, a propósito. O seu conhecimento é de ordem avançada."

"Conhecemos os seus livros. Mas diz sempre a mesma coisa cem vezes de cem maneiras, em dúzia e meia de livros."

"Isso é ótimo! É necessário dizer a mesma coisa vezes sem conta e de formas diferentes para ser compreendido por todos os tipos de pessoas. O médium está a ficar um pouco cansado, tenho de ir agora."

Um novo Guia, um índio, anunciou-se com um assobio, um grunhido e um som de cuspir. "Huh Huh Ffti fft. Eu Flecha Rápida, grande chefe. Já

cá vim antes, trouxe homem importante. Eu guiava-o. Vou agora. Huh!" Era o mesmo índio que, em tempos, tomou controlo do Professor Twining numa destas sessões, durante a vida do Professor.

GUIA: Professor Twining: (Recebido calorosamente.) "As maravilhas nunca acabam. Todos devíamos louvar Deus. Recordo o meu primeiro esforço para passar, e foi muito fraco. Mas não fazem ideia das dificuldades que têm de ser ultrapassadas neste campo de actividade. Mesmo enquanto estava na Terra sentia a existência de muitos destes obstáculos. Dêem os meus maiores cumprimentos ao meu amigo Franklin, e digam-lhe que, numa destas reuniões, virei falar com ele; então saberá, por si, que sou eu. Há tanto para dizer! Espero que estas reuniões continuem. (P). Sim, de facto, tudo está bem comigo – muito bem. Nunca sonhei que poderia sentir-me tão bem. O corpo não é algo a que devamos apegar-nos, mas devem usá-lo enquanto puderem, pois é só no físico que adquirimos as coisas necessárias para nos guiar aqui. (a) Sim, continuem os meus antigos estudos. Recordam há umas noites terem falado com este rapaz sobre as realidades da vida?"

"Lembro-me de ter falado com ele," disse Meade, "mas não dos assuntos concretos."

"Aqui está o essencial. Falavam de como, sob certa teoria, a existência da pessoa A desaparece na consciência de B, e B reduz-se também ao estado de consciência de A, de modo que nenhum dos dois fica..."

"Sim," disse Meade. "Lembro-me. Falávamos do chamado dilema do solipsismo..."

"Bem, tentei mostrar ao rapaz que existe uma analogia na reação entre neutrão e protão — a troca de energia. Essa é a sua existência — um intercâmbio instantâneo e contínuo de energia, mas ambos persistem – como fluxo de energia. Na última análise, todos somos apenas mentes a trocar pontos de vista, a mudar de força – toda a vida é força. Há uma Inteligência geradora que produz, à vontade, os pensamentos necessários para o tempo e o lugar. Não penso que alguém esteja atualmente a construir uma máquina que sirva para comunicação por si só, mas as ideias para tal máquina estão a ser inspiradas do nosso lado. A minha voz soa como a de um velho quando falo através deste rapaz, mas pronto. Falarei disto noutra altura. Agora o rapaz está cansado."

Nota do Editor: Não é prática do Editor destes Relatórios fazer comentários extensos; assume-se que são lidos, na sua maioria, por pessoas que aceitam a sobrevivência e comunicação e estão preparadas para tirar proveito das possibilidades ilimitadas que isso abre; o corolário é que os

leitores podem notar por si próprios a grande importância de muitas passagens, sem ajuda de bússola ou ponteiro de qualquer comentador.

Também não supomos que afirmações feitas nestas sessões nunca tenham sido feitas antes. A literatura do psiquismo é tão vasta que quase tudo pode ser encontrado, em alguma forma, nalgum lugar, para quem souber procurar. Mas parece-nos grande vantagem poder orientar a conversa, pelo menos em parte, mantendo-a em tópicos de grande, embora impessoal, interesse. Os comunicadores vêm à espera de ser questionados, afirmam que nos dão o seu tempo em obediência à lei do serviço, e também por algum prazer que tiram de falar com um mundo de semelhantes que habitualmente os exclui de qualquer contacto. Isto é seguramente uma atitude humana e natural. Dizem-nos que as reuniões são assistidas por grande multidão de pessoas do seu lado da vida, algumas das quais olham com absoluto espanto para um fenómeno em que nem sequer acreditam.

Quão instrutivo é este pequeno facto! Como aponta para a observação de Twining, "é só no físico que adquirimos as coisas de que precisamos para nos guiar aqui...", e para a afirmação de que "a maior dificuldade aqui é convencer as pessoas de que estão mortas"... que os planos a que se acede imediatamente após a morte são sabiamente desenhados pela Natureza como réplica exterior do nosso próprio mundo, pois caso contrário, a mente humana, despreparada para a mudança e até para a sobrevivência em qualquer forma, quebrar-se-ia pelo choque."

O efeito destas investigações é, em certo sentido, "suburbanizar o céu" — por mais revoltante que isto seja para muitos religiosos. Queremos dizer que morrer deixa de ser aterrador e misterioso; torna-se adormecer e acordar feliz. O grande acontecimento torna-se simples e natural, a introdução a novos reinos e leis de ser é muito suave e adaptada à nossa capacidade; o Vento de Deus é verdadeiramente ameno para os que perdem o pêlo.

Aqueles que se sentem defraudados de aventuras estranhas, ou talvez de harpas e coroas de ouro, fiquem descansados: no mundo astral, como aqui, há maravilha e mistério em todo o lado e sem fim.

Se não conseguirmos descobrir beleza e mistério na vida terrena, seremos muito lentos a encontrá-los em mundos futuros, pois o poder da sua descoberta mover-se-á pouco em nós. E se não tivermos desejo de aprender e servir aqui, não poderemos servir e aprender noutro lugar. "O negócio da vida é preparar-se para a morte", escreve Merrell-Wolff — e bem entendido, isto é intensamente prático, profundamente verdadeiro, e mais importante que qualquer outro valor a que o homem possa dar voz. Mas preparamo-nos para a morte (que é verdadeiramente a vida abundante)

pelo conhecimento, e não pelas formas tolas que nos foram ensinadas. Destas formas não vem conhecimento, mas apenas sonhos, medos, loucuras, dogmas e as mil estupidezes de milénios de religiões.

No entanto, todo este tempo, os meios para o conhecimento certo, pelo menos de parte do mistério, estiveram sempre ao alcance. Havia uma porta à qual todos batiam, mas havia também uma chave do nosso lado, nas nossas próprias mãos. A máquina, o aparelho para comunicação (agora tão ardentemente procurado) sempre esteve disponível para nós – o incrivelmente delicado aparelho mente-corpo humano. Para alguns, claro, isto sempre foi conhecido; coube à ciência e cultura do século XX ridicularizar, negar e abandonar. Mas agora, alguns de nós, alguns milhões de nós, pegamos de novo nesta velha chave, mas agora sem medo ou superstição ou dogmatismos religiosos, e ela encaixa na fechadura e roda para nós, e a porta pelo menos se entreabre, dando-nos vislumbres de novas e agradáveis terras. E é isto que fazemos nestas sessões de Mark P., pouco conhecidas ou tidas em pouca conta que sejam.

Ora, seja qual for a diversidade de opiniões entre os comunicadores, há unanimidade nisto: a nossa vida presente na Terra é absolutamente fundamental. É aqui que semeamos as sementes da nossa condição futura e onde trabalhamos as consequências do passado. É aqui que se formam os nossos gostos e ideais, que desenvolvemos as nossas capacidades e traçamos o nosso rumo. Por isso, dizemos que nada é tão intensamente prático, tão desesperadamente importante, tão imperativo sob todos os pontos de vista, como o tipo de investigação que é representado (mesmo que humildemente) por estas sessões. Encontram-se nelas alguns erros e muitas limitações (e em que atividade humana não será assim?) — mas acreditamos que delas pode ser extraído verdadeiro conhecimento, e que esse é o tipo de conhecimento mais importante acessível à humanidade. Todas as normas de conduta, o destino dos indivíduos e o futuro cultural da nossa raça estão ligados a isso.

Repetimos aqui o ANÚNCIO da página de título: a Parte VI destas memórias de sessões conterá um resumo de quatro sessões experimentais, em que se tentou estabelecer contacto com um grupo de experimentadores em Londres. O médium londrino foi colocado sob hipnose e instruído a atuar como Guia do Mark Probert em San Diego, entregando e recebendo palavras-código. O experimento envolveu, assim, transe hipnótico em Londres, transe mediúnico em San Diego e a cooperação de Guias, do hipnotizador e dos participantes em ambas as cidades. Embora as palavras-código não tenham sido obtidas, recolheram-se informações muito valiosas; as condições eram inovadoras e, talvez, abriram caminho para tentativas

mais bem-sucedidas no futuro. O médium inglês também teve uma experiência interessante (real ou alucinatória) com um dos chamados "Discos Voadores", ou uma nave espacial de qualquer tipo.

PALESTRA DE TRANSE DE 21 DE JANEIRO DE 1948

Presentes: Dr. e Sra. Cosman, Irene Probert, Mr. Holaus, Mondo Legno, Mark Probert (médium).

O médium fala com voz forte, de maneira cerimoniosa:

"Eu sou Trimalki. Em nome do vosso Deus e do meu Deus, saúdo-vos. Sou Rajah Natcha, do Punjab. Quando vivi na Terra, ensinaram-me a não me envolver com o que chamam espiritualismo, mas desde que vim para o mundo astral, descobri que tudo é diferente do que julgávamos ser... Podem acreditar em mim quando digo que, enquanto o homem agir com boa vontade e amor, nada o prejudicará; quero dizer que não precisa temer obsessão ou possessão.

Todos vós, que ainda estais em desenvolvimento, devem procurar o caminho que vos seja mais adequado. Esse caminho não será igual para todos. Não, não aprendemos verdadeiramente com a experiência dos outros. Alguns factos observamos, sim, mas o esforço, o acontecimento, deve ser vivido pelo próprio. (P). Faz cerca de 20 a 25 anos que vim para este plano. As coisas aqui são vastamente diferentes. O tempo é aquilo que fazemos dele... (P). Sim, não vejo qualquer outra escola de pensamento que tenha validade (a não ser a da escola da consciência total). (P). O meu inglês é bom porque passei um ou dois anos em Oxford. É realmente uma grande universidade, mas não melhor que qualquer outra, porque o que lá se aprende são apenas livros. Isto serve muito bem e satisfaz o homem, até ao momento em que descobre que tem uma alma..."

O comunicador continuou durante alguns minutos num estilo de discurso muito rápido e prolixo, sobretudo com reflexões éticas e sociais.

GUIA: Lingford (após longo silêncio do médium).

"Humph! Pois, diz-se que o silêncio é de ouro, mas nem sempre, nem sempre! Penso que, pelo que se disse do meu lado nestes últimos dez minutos, seria aconselhável interromper estas reuniões por uma ou duas semanas. Tudo tem as suas limitações, sabem. Meade, gostava que largasses o teu trabalho e fosses para o campo por uns tempos. Vês, estes últimos quatro ou cinco anos trouxeram uma grande abertura do domínio psíquico. Se te envolveres demasiado, isso pode trazer problemas. Esta guerra abriu o caminho para a vida psíquica. Antes a porta não estava tão aberta; as pessoas podiam trabalhar com estas questões durante muito tempo. Lamento interromper as reuniões por um tempo. Temos agora um

novo elemento no nosso grupo. Refiro-me ao Rajah. É um homem muito bonito e de grande inteligência. Voltará assim que o ambiente esteja mais relaxado. Vou-me, há outros que querem falar."

GUIA: Ramon Natalli:

"Só posso ficar uns minutos. Decidiu-se suspender estas reuniões por umas semanas. Queres apresentar-me a este novo senhor (Sr. Nelson)? Tens uma excelente formação na tua área, Sr. Nelson, e uma mente muito boa. Faria-te bem olhar para este campo de estudo (psiquismo); atrairias homens e mulheres do nosso lado que poderiam ajudar-te imenso. Acho que vais longe no teu trabalho.

(P). Sim, já observei o novo telescópio de Palomar e é algo que faz arrepiar. Agora acreditarão mais do que nunca que, no que toca a galáxias, o espaço não tem fim..."

(P). Os fenómenos dos discos voadores continuarão e provavelmente aumentarão. Sem dúvida haverá alguns dos vossos pilotos corajosos e devotados que perseguirão esses fantasmas dos céus — muito imprudentemente, claro."

(P). Não, não ouvi a história do homem voador."

(P). Não, não mudámos a nossa interpretação dos discos, tal como a demos no início. Eles vêm do Mundo Etérico. Isso não quer dizer do meu plano, nem de qualquer mundo de espíritos que viveram na vossa Terra, nem de qualquer planeta do vosso sistema solar. O Mundo Etérico de onde têm origem interpenetra o vosso."

(P). Quando retomarmos as reuniões, falarei mais demoradamente sobre materialização, que consiste em reunir partículas de matéria densa pelo uso da força do pensamento."

"Estás a sugerir que os discos têm a sua primeira existência material do vosso lado, que o protótipo etérico deles é apenas uma forma-pensamento; e que essa forma-pensamento atua para trazê-los à existência em matéria densa no nosso plano de perceção?", perguntou Meade.
"É exatamente isso que estou a sugerir."

(P). "Não, NÃO vejo uma guerra iminente com a Rússia. Vejo muitos problemas com vários países. No final deste ano, o grande Meader, Mahatma Gandhi, partirá*. Sim, falo apenas do que vejo. Não vejo guerra escrita naquilo a que chamam os Registos Akáshicos. Tenho de ir agora."

**(NT: Ele partiu no final do mês de Fevereiro de 48, precisamente o mesmo ano referido.)*

GUIA: O Dançarino Polinésio: (Movimentos de dança elaborados e graciosos dos braços e parte superior do corpo.)

"Sim, danço para os Deuses da Natureza. O homem branco, ele não reza aos Deuses da Natureza — é demasiado esperto — então, não recebe nada."

"Achas que os Deuses da Natureza responderiam se os invocássemos?"

"Os Deuses da Natureza têm sempre ouvido para o homem. Mas vocês tornam-se tão bons, tão espertos, que dizem: a planta cresce, a árvore cresce, basta regar. Mas depois vem uma grande tempestade e destrói todas as colheitas."

(P). "Sim, tudo bem comigo, tudo bom para mim. Tenho todas as tribos comigo, tenho toda a beleza e todo o amor comigo. Vou-me."
GUIA: Professor Luntz. Tomou controlo para dar conselhos à Sra. Cosman sobre os olhos.

GUIA: Lao Tse. (Disfarçando a voz) "Curvo-me perante vós. Entro quando o vosso Professor Luntz parte... Sobre esse 'fluido contra o cancro' do Dr. ----, seria melhor se soubesse mais sobre ele e os seus ingredientes, mas a impressão que tenho é que não cura, mas atua como retardador, inibindo o curso da doença enquanto outro tratamento é aplicado... Sim, como os germes, os bacilos, existem ao nível psíquico, não podem realmente ser destruídos por medicamentos; podem, sim, ser destruídos por forças psíquicas, por meios mentais, e é essa a única forma de o fazer. A sua manifestação no plano físico pode frequentemente ser restringida ou destruída."

GUIA: Lo Sun Yat.
"É bom estar de volta. Ouvi-te falar do teu filho, Meade. Ele está bem e vais ter notícias dele em breve. Está de boa saúde, mas o clima é quente e o trabalho muito cansativo... Foi perfeitamente fácil obter a informação para ti. (P). A verdadeira questão na Palestina e no Médio Oriente não é nacionalidade ou raça, judeu, árabe, etc.; é o facto de existirem riquezas incalculáveis de petróleo e ouro sob os desertos da península. O homem não se interessa pelo homem, só pelo poder... No norte do Tibete também há grandes depósitos de minérios valiosos... A luta do homem para existir continuará sempre. E é bom que assim seja..."

"Sobre as experiências com C (Inglaterra): Tenham o local calmo, menos luz do que agora, sem conversas, sem fumar. Deixem-nos decidir a duração da sessão, por favor."

O texto acima refere-se à tentativa de um hipnotizador inglês enviar o duplo do seu sujeito para controlar Mark P. e transmitir uma mensagem-chave; depois, se possível, trazer outra mensagem-chave de volta para

Londres. Quaisquer resultados significativos serão relatados nestas memórias ou noutras publicações da ML.

Esta série de sessões começou há um ano e meio, em Setembro, somando cerca de 60 sessões, em média de 2 horas cada, ou seja, cerca de 150 horas. Mesmo que só metade do tempo de cada sessão fosse dedicado à conversa, ainda teríamos o respeitável total de cerca de 75 horas de perguntas e respostas. As cinco edições das Memórias das Sessões totalizam cerca de 160 páginas — menos de 3 páginas por sessão, se quiserem ver assim. Setenta e cinco horas de conversas relatadas em 160 páginas impressas!

O leitor facilmente perceberá, por estes números, quão breve e inadequada é a ideia que as Memórias dão do conteúdo total destas sessões. Para além disso, houve muitas comunicações clarividentes em horas dispersas, e algumas sessões especiais curtas para responder a pedidos urgentes de assistência. No entanto, as Memórias provavelmente conseguem transmitir o essencial do conteúdo intelectual das conversas. Mas o sentimento das personalidades humanas e amistosas dos comunicadores não pode ser recriado em papel.

20 de Fevereiro de 1948 – San Diego

PRESENTES: Dr. Cosmon, Miss Fynn, Thos. Brown, Kathryn Townes, Irene Probert, Meade Layne e Mark Probert (médium).

11h45 – Às 11h50, Mark Probert diz: "Tenho a sensação de que Londres já começou." Às 11h59, "Ouço um coro a cantar 'Onward Christian Soldiers'."

12h05 – Um guia parece tentar tomar posse.

12h16 – O guia está em posse, mas o médium apenas faz movimentos com as mãos, não fala.

12h19 – "Boa tarde. Sou o Rajah Natcha. Quero falar um pouco sobre o que se passou com o médium hipnotizado em Londres."

"A tua voz hoje não soa natural."

"Estou a ter algumas dificuldades com o corpo do médium. Há amido e açúcar a mais no seu sistema."

"E tabaco?"

"Sim."

"Referes-te às condições em Londres hoje, Rajah?"

"Refiro-me à primeira e segunda reuniões. Nos vossos relatórios de Londres, reparei que o médium entra por uma arcada. Essa arcada é uma consciência de uma vida passada que a senhora viveu."

"A senhora hipnotizada? É uma simbolização?"

"Sim, é uma simbolização de uma vida passada."

"Ela sentiu vontade de dançar, mas não parecia conseguir ultrapassar isso."

"Isso foi porque ela ficou fascinada com a beleza e a recordação dessa vida."

"Mais tarde pareceu-nos provável que ela tenha mesmo estabelecido contacto."

"Estabeleceu, mas não com o corpo – nem com o seu corpo psíquico; apenas um contacto mental."

"Queres dizer, Rajah, um contacto telepático."

"Sim."

"Com o seu eu psíquico?"

"Sem ela se dar conta. Existe um contacto consciente e também um contacto inconsciente."

"Houve um homem que falou connosco através do Mark e pensamos que vinha do grupo de Londres. Sabes alguma coisa sobre isso?"

"Sim, mas mais uma vez é um contacto inconsciente com aquilo a que chamam fenómenos exteriores ou físicos – a mente do médium a reagir às sugestões telepáticas de um indivíduo hipnotizado."

"Esta pessoa disse que achava que tinha caído sob o feitiço do hipnotizador. Sabes se era do grupo de Londres?"

"Eu próprio não sei, porque não estava presente, mas pelo que me contam, acredito que é isso que se passou, e não uma projecção real."

"É possível que outra pessoa caia sob o feitiço do hipnotizador, Rajah?"

"É extremamente possível. É até provável que um observador caia sob o feitiço mais facilmente do que o sujeito da experiência. O hipnotizado está sempre consciente do hipnotizador, enquanto o observador sente que é livre, que é agente do seu próprio ato e, por isso, cai automaticamente sob o feitiço. Não sei se isto ficou claro."

"Sim, compreendemos. Há algo mais a dizer sobre a viabilidade desta experiência? Alguma modificação? Achas que uma experiência puramente telepática seria melhor?"

"Sabe, penso que se o médium de Londres fosse autorizado a dirigir-se a si próprio (é médium de transe, não é?), seria melhor se fosse ele próprio o seu agente."

"Permitir que ela entre em transe pelos próprios Guias?"

"Dirigindo a sua própria consciência nesse sentido. Vê, a mente diretiva do hipnotizador transmite demasiado de si próprio ao médium. Ele prende-a por um fio e assim retém-na."

"Vamos apresentar esse ponto de vista a Londres," disse Meade.

"Ao mesmo tempo, penso que em vez de uma reunião de grupo, tentem que o médium fique sozinho em casa."

"Assim não haveria controlo. Tem de haver controlo de alguma forma," disse o Dr. Cosmon.

"Eu sei; isso podia ser feito por telefone. Podiam ser informados."

"Se ela conseguisse trazer para a consciência uma palavra-chave recebida aqui, ou uma ação – se os Guias a conseguissem impressionar de forma que se lembrasse quando saísse do transe – isso seria satisfatório," afirmou Meade.

"Talvez não se deem conta de que todos estão a funcionar como barreiras contra uma sessão assim, tal como eles em Londres funcionam como barreiras para o médium deles."

"Qual a melhor forma de minimizar isto?", perguntou Meade.

"Os egos dos médiuns neste caso estão demasiado conscientes dos que os rodeiam e essa consciência não pode ser quebrada."

"E se deixássemos os médiuns de cada lado entrarem em transe voluntariamente, quando e como quisessem, e houvesse apenas uma pessoa a ficar com o médium, apenas para registar tudo o que acontecesse?"

"Seria bom, mas aconselho que quem ficar não preste qualquer atenção ao médium até que o contacto seja feito e o médium comece a expressá-lo."

"Os dados assim obtidos não seriam muito evidenciais – e esse é o propósito da experiência," disse o Dr. Cosmon.

"Não creio que estejam à procura desse tipo de evidência (isto é, 'prova' como entendida pelos investigadores psíquicos. ML.), mas procuram aprender e educar-se. Uma vez que os dois grupos, aqui e em Londres, consigam algum tipo de bom contacto, abrir-se-á caminho para muito mais experimentação em várias partes do país."

"Vamos ver o que se pode arranjar; mas como está agora, quando o Mark entra em transe, não tem consciência do que é dito através dele. Alguém tem de estar presente para registar."

"Eu sei, mas isso levaria a mais experiências e isso é o importante. Quando já provaram a si mesmos que dois e dois são quatro, já não se importam muito com o que outros pensam; apenas afirmam o facto e deixam os outros investigar – e acreditem, vão investigar; a curiosidade da raça humana é enorme."

"Sabes alguma coisa sobre a experiência quando o médium foi desviado para outro destino?"

"Para o veículo voador? Sim."

"Podes dizer-nos alguma coisa? Foi uma experiência real?"

"A mente, creio que não preciso repetir, é um instrumento muito sensível e sugestionável. Ela vagueou mentalmente no campo da sugestão. Tinha lido bastante sobre os discos voadores, e a mente, tentando encontrar uma explicação lógica, em estado de hipnose, ficou totalmente livre no mundo da fantasia ou do sonho; por isso foi muito fácil conceber estar num desses veículos voadores e imaginar os tipos de inteligências aí encontrados. Sendo a mente criadora – e quero mesmo dizer criadora – é perfeitamente capaz desse tipo de jogo, especialmente quando livre, seja em sonhos durante o sono ou em estados de transe, auto-induzidos ou induzidos por outros."

"Suspeitávamos muito disso."

"Suspeito que estou a falar demasiado depressa para a estenógrafa..."

"Como estará hoje a situação em Londres?", perguntou um dos presentes.

"Não está melhor que antes. O médium tem estado dentro e fora de controlo. Devo salientar que este médium, por alguma razão, tem um medo interno da hipnose e não se entrega completamente, embora exteriormente pareça fazê-lo."

"Medo inconsciente?"

"Exatamente. Como disse na última reunião, se colocassem este homem num transe suficientemente profundo e se a mesma condição se verificasse em Londres, talvez durante algum tempo, teriam resultados muito surpreendentes. Creio que têm acesso a pessoas que fazem as chamadas experiências telepáticas?"

"Sim," disse Meade.

"Seria proveitoso escrever e sugerir tal esforço a essas pessoas. Ficarão surpreendidas com os resultados. Não têm de estar tão distantes (como Londres e San Diego)."

"Sugeres transe hipnótico profundo em ambos os médiuns."

"Sim."

"Devemos realizar experiências telepáticas nessas condições, com a mensagem transmitida e recebida pelo médium em transe e registada?"

"Qualquer uma dessas vias seria uma experiência muito satisfatória, se resultar, e estou certo de que resultará."

"Qual a tua opinião sobre a hipnose? Pode ser prejudicial ao sujeito?"

"Como tudo, se for em excesso, sim. Destrói-se a aura e começam os problemas."

"A hipnose teria um efeito negativo na mediunidade do Mark?", perguntou o Dr. Cosmon.

"Sim, teria. Então, acabaram de lutar?" (O Dr. Cosmon tentava tirar o casaco sem se levantar.) "É realmente um desafio. Em condições apropriadas, o casaco podia ser tirado ou posto numa sala completamente escura sem mexer as mãos."

"Sim, é um truque de desmaterialização muito engenhoso," comentou o Dr. Common.

"Eu sempre me opus a qualquer sugestão de usar hipnose no Mark," disse Meade.

"Não creio que fosse uma boa ideia. A capacidade que ele tem atualmente de se entregar ao nosso controlo é de uma natureza muito delicada, e a vibração cruzada de uma hipnose exterior acabaria por destruí-la."

"Bem, se a hipnose introduz a mente ou personalidade do operador, será difícil depois destrinçá-las na análise, tal como muitas vezes é difícil separar a mente do guia da do médium, num transe mediúnico normal, como o que temos aqui agora."

"Só há uma coisa a fazer com tais médiuns de transe — só HÁ uma maneira de saber quando a personalidade que entra e a mente do médium estão a trabalhar juntas, ou espontaneamente e em separado ou… (anotações ilegíveis)."

"Dizes que há um método para distinguir?"

"Sim, e vocês conhecem-no. Segregam ou separam um do outro pela maneira como se expressa. O contacto entre mim e este corpo é de uma natureza tão subtil, e o estado de transe é tão leve, que é apenas por este método que se pode distinguir."

"Regra geral, sentimo-nos bastante certos da situação, mas às vezes surgem dúvidas, especialmente entre os que apenas podem ler sobre as sessões e nunca as ouvem. E quanto a retomar as reuniões regulares?" perguntou Meade.

"Desculpem por um momento; alguém está a chamar pela Mamie, uma Manie que está do vosso lado."

(Ninguém presente conhece alguém chamado Manie.)

"Bem, continuando. A tua pergunta de novo! Sobre as reuniões; prefiro deixar isso aos vossos antigos guias."

"Onde estão eles?"

"Estão aqui."

"Por favor, pede-lhes para entrarem quando acabares. Esta é a última das quatro experiências de Londres. Consegues dizer-nos o que estão a fazer lá agora?"

"Vou tentar saber. Voltarei já."

O Guia retira-se.

Os Guias têm alertado frequentemente que há infiltrações ocasionais da mente do médium, particularmente na pronúncia de palavras, e por vezes queixam-se da dificuldade em falar em termos técnicos através de um médium que não domina os termos ou o assunto em questão. Por outro lado, mais de metade da conversa nestas sessões abordou temas quase totalmente desconhecidos do médium, e muitas palavras são usadas com as quais ele não está familiarizado. Também no caso da xenoglossia, onde a língua nunca foi sequer ouvida pelo médium, a ignorância deste (das palavras usadas) parece não ser obstáculo algum. E a xenoglossia foi durante muito tempo a característica marcante da mediunidade de Mark Probert; falou em meia dúzia de línguas europeias modernas, em latim, e em várias línguas antigas não identificadas, e não há provas de que alguma vez tenha ouvido qualquer língua estrangeira, para além de algumas frases. Durante algumas semanas, era difícil até obter uma comunicação em inglês. Assim, a situação quanto ao papel da própria mente do médium durante as comunicações em transe, está ainda longe de ser clara; no caso de Mark Probert, contudo, as intrusões são raras e facilmente detectáveis, e os guias têm colaborado para as evitar. M.L.

13h06. Guia: Sr. "X":

"Tentamos manter-nos afastados, ou pelo menos à parte destas reuniões (ou seja, das sessões experimentais com Londres), entrando apenas quando achamos necessário. O vosso projecto de Londres terminou; estão a reler o que foi recebido, que é muito pouco para além das experiências dela própria. Ela não conseguiu chegar até aqui; a barreira mental é demasiado grande."

"A própria mente dela?" perguntou um convidado.

"Sim."

"Ela não chegou cá de todo?"

"Refiro-me apenas ao indivíduo que está sentado hoje."

"Disseste que na primeira vez ela conseguiu chegar aqui?"

"Sim. Um dos homens do círculo lá também."

"Foi apenas contacto telepático?"

"Sim. É muito possível que ele próprio não tenha trazido memória disso. Foi um contacto telepático, mas funcionou de forma muito peculiar."

"Isto é novo para nós; ele falou aqui como se fosse a sua própria voz."

"Isso acontece muitas vezes, mesmo do nosso lado. Somos capazes de projectar o pensamento enquanto estamos ocupados noutra coisa, de modo que a mente pode registar e a voz reproduzir. O corpo é muito parecido com uma máquina de gravação, e as cordas vocais são o leitor. Não está claro, suponho?"

"Pode uma pessoa do nosso plano projectar...?"

"A mente está aberta à sugestão, espera-se algo dela, então a mente reproduz essa expectativa."

"No caso de um médium em transe, o que chamamos de guia pode não estar presente, no sentido especial do termo?"

"Sim, é correcto. É outra razão porque é tão difícil separar as duas personalidades aparentes, a do médium e a do guia. Um plano contactar outro plano é algo extremamente subtil."

"Temos vindo a perceber um pouco das subtilezas que surgem a cada passo na experimentação psíquica."

"Considere também isto; neste estado a que chamam sono normal, a mente está muito propensa a emitir aquilo que lhe é dito pela mente viva adormecida ou pela mente viva desperta de outro."

"Queres dizer que uma pessoa a falar durante o sono pode estar a expressar os pensamentos de outra mente?" perguntou Meade.

"Sim, em qualquer dos planos."

"Queres dizer que, ainda que a voz possa ser natural e característica de outra pessoa, até distante, pode não haver presença real dessa pessoa — nenhuma projecção real?"

"Sim, é provável que tal aconteça simplesmente porque a mente de quem está a projectar o pensamento o faz à sua maneira própria; por isso, tudo transportará as características dessa personalidade específica."

"Isto é novo para nós."

"Suponho que esta analogia é fraca, mas pode dar uma ideia. Se alguém grava a sua voz num gravador, espera encontrar nela as suas características e personalidade… É difícil transmitir as minhas ideias devagar; se parar posso esquecer." (Refere-se ao facto de estar a falar demasiado depressa para a estenógrafa, e à dificuldade de manter o médium sob controlo se falar devagar – MI). "A conversa mental é igual à conversa física, pois ambas são físicas, uma num grau superior. Essa é a única diferença, por isso naturalmente se registariam dessa forma."

"É certamente muito interessante. Tem algum comentário sobre o recomeço das reuniões regulares?"

"Acho que devem ser retomadas no sábado seguinte a este, salvo alguma eventualidade. Agora vou dizer algo e não quero que se sintam

surpreendidos nem perturbados. Há muito tempo que mantenho a minha identidade fora do quadro. Usei métodos para contornar a projecção da minha personalidade nestas reuniões. Pergunto-me se agora será aconselhável. Já vos disse no passado que passei 30 anos num mosteiro e o nome do mosteiro... Eu sou..."

"Você é... o grande… filósofo? Sentimo-nos muito humildes e é uma grande honra para nós."

"Agradeço-vos por isso, mas para mim é uma honra estar aqui."

"O seu nome é conhecido em todas as nações e em todas as línguas. É um dos grandes nomes da história da terra," disse Meade.

"Ninguém é superior e ninguém é inferior. Nenhum homem é maior do que outro. Mas o que pode ter a dizer pode, em certa medida, influenciar a mente de alguns indivíduos para uma melhor forma de pensar, e assim avançar no seu próprio caminho."

"Não foi o senhor quem comunicou numa famosa sessão em Nova Iorque?"

"Não me lembro de ter feito tal comunicação."

(Dr. Cosmon para Meade Layne): "O comunicador em que está a pensar era Confúcio."

"Sim, já ouvi falar desse homem. Sei dele. Não devemos ser considerados como grandes individualidades; sentimo-nos mais honrados por sermos considerados mentes pensantes."

"Isto pode parecer uma pergunta ingrata, mas afinal, o que atrai uma mente tão elevada como a sua a este pequeno círculo insignificante?" perguntou Meade.

"A Consciência Cósmica considera que (nenhum) grupo ou mente individual é maior do que outro. Vimos onde podemos ser úteis. Às vezes, e creio que mais vezes, encontramos aquilo a que chamam grandeza nas coisas mais comuns. E o que é, na vossa opinião, a grandeza?"

"A capacidade de enunciar pensamentos que, passados milhares de anos, ainda são reconhecidos como portadores de uma verdade eterna," respondeu o Dr. Common.

"A expansão da consciência..." disse Meade.

"Sim, a expansão da consciência. Saber, e saber que se sabe, esse conhecimento é o maior de todos os bens, que o homem é Deus e Deus é o homem."

"Diga-nos então, há alguma forma de mudar metodologias ou propósitos destas sessões para melhor servir o conhecimento e avanço humano?"

"Apenas pelos temas usados. A natureza das perguntas e respostas acabará por levar este pequeno grupo a produzir algo de valor. Todas as coisas, compreendam, têm valor; caso contrário, não haveria existência nem motivo para existir."

"E aprova as nossas experiências?"

"Sim, aprovo o vosso conteúdo e as vossas perguntas, mas estejam atentos a fantasias e vaguezas, e abordem com clareza de propósito e coragem das próprias convicções."

"Não temos, certamente, desejo de nos enganarmos ou de ser enganados por eles. Por favor, diga-nos exatamente como pronunciar o seu nome e se temos a ortografia correcta," disse Meade.

"Na tua língua..."

"Poderia dar-nos a data da sua vida neste plano?" perguntou o Dr. Cosmon.

"Antes de Cristo, diria eu, fisicamente — e antes disso, para sempre. Mas vejo agora que não há mais razão para ficar."

"Recorda a província do seu nascimento ou da sua vida?"

"Numa outra altura, voltarei e contarei bastante sobre a minha história. Talvez fosse melhor deixarem-me ser conhecido entre os vossos amigos apenas como 'Sr. X', embora o meu verdadeiro nome agora seja conhecido dentro do vosso grupo."

"Quando escrevermos sobre si, respeitaremos o seu desejo," afirmou Meade. (Este pedido da parte do Sr. X explica a nossa omissão em imprimir o seu verdadeiro nome neste relatório.) O Guia retira-se.

13h32. **GUIA: Lingford**:

"Já não venho cá há algum tempo e sinto-me um pouco deslocado agora. É difícil para mim ficar tanto tempo afastado; queria mesmo intrometer-me. Tinha saudades vossas. Acho que, de uma forma ou de outra, todos tentámos ficar de lado e deixar este trabalho experimental decorrer, ajudando do nosso lado sem sermos vistos."

"Pode dar-nos alguma informação?" perguntou o Dr. Common.

"Bem, parece-me que as coisas podiam ter corrido melhor. As condições de ambos os lados do Atlântico podiam ter sido melhoradas."

"Não tivemos orientação."

"Não. Pelo pouco que sabiam, acho que se saíram bastante bem."

"Acha que foi estabelecido contacto?"

“Sim, acho que sim, e de forma bastante clara. Inclino-me a pensar que não foi telepático, mas de uma maneira estranha. Nunca tinha visto nada assim antes.”

“Percebemos que era novo para todos os envolvidos.”

“Era novo para mim, devo dizer. Sabes, rapaz — onde está o jovem? (olhando à volta do círculo). Como te chamas? (apontando para Tom Brown). O teu primeiro nome?” (o guia é informado).

“Tom Brown. Sugiro que faças um pouco de exercício” (Lingford continua com alguns conselhos para o Tom e responde a uma pergunta do Dr. Common sobre a corrente sanguínea). “Sim, ele também precisa de interesses mentais. Quase pareço um médico.”

“Por vezes suspeitamos que tenha sido médico,” disse Meade.

“Não digo que fui médico, não. Mas é mais fácil observar as condições dos corpos das pessoas do meu lado, porque o corpo psíquico, a mente psíquica, é mais parecida com um raio-X do corpo físico. Compreendes?”

“Observando a aura?”

“Sim, mas ao observar a cor da aura, posso depois dirigir a minha mente para o corpo físico e é quase como olhar através de um raio-X.”

“Os clarividentes dizem-nos algo muito semelhante.”

“Estás a exaurir-te, jovem senhora.” (Para Kath. Townes.)

“E quanto às experiências com Londres? Concorda com o Sr. X? Ouviu-o?”

“Parece-me razoável, mas não tenho conhecimentos suficientes para ter certezas. Prefiro deixar isso àqueles que parecem perceber mais do assunto. Para mim, faz sentido, mas é só isso.”

“O que pensa de…?” (Sr. X).

“Um homem como nunca conheci em tempo algum. Uma grande pessoa — uma pessoa benévola! Sei que ele não me levará a mal dizer que ele e outras mentes como a dele estão ao nível de Cristo. Cigarro! Consigo sentir o cheiro! (Irene Probert acendera um para oferecer ao Lingford). Estás a tentar tornar-me viciado. Mas nem sequer o fui enquanto estava no corpo físico.”

“Aceitámos este filósofo na sua própria palavra. Sabia quem era?”

“Sim, todos sabíamos. Desculpe, mas deste lado até as mulheres conseguem guardar um segredo.”

“Como devem ser diferentes as condições aí!” comentou Meade.

“Sim, porque vou filosofar um pouco agora — a mente da mulher não é diferente da mente do homem. Todas trabalham sob e dentro da Mente Cósmica. É o corpo físico que faz a diferença. Agora, o que disseste mesmo?” (para Irene Probert).

“Queríamos saber como é este filósofo,” respondeu Irene. “Parece-se com o Lo Sun Yat?” perguntou o Dr. Common.

“Não, não é gordo, é extremamente magro. Alto? Sim. Barba? Sim.”

“Tem bigode que cai um pouco?” perguntou Irene.

“Não é esse o retrato típico? Sim, porque naqueles tempos o povo dele usava esse tipo de ‘cordões’ na cara. Chineses, indianos e muitos dos nórdicos têm pouco pelo na face. Os mongóis foram muito para norte e deixaram a sua marca. Por isso é que muitos dos nórdicos têm maçãs do rosto salientes e olhos oblíquos, como os esquimós e escandinavos.”

“A sua voz está mais forte do que o habitual, Lingford.”

“Acho que é porque tive à minha frente uma mente bastante inteligente e isso deixa os órgãos psíquicos da garganta do médium mais abertos.”
“O carácter mental e o estatuto do comunicador afetam realmente o estado da garganta do médium?”

“Sim, sem dúvida. Acho que algumas das vossas mentes eruditas já mencionaram os vários graus das coisas. O mesmo se passa com a mentalidade dos operadores e deixa aí a vibração.”

“Não vais associar moralidade e virtude a uma questão de taxas de vibração, pois não?” perguntou Meade.

“Esta senhora? Como se chama, por favor? Tens algo em mente que gostavas de dizer?”

“Não. Bem, gostava de saber qual é a melhor forma de aproveitar o resto da minha vida,” respondeu uma convidada.

"Isso é um tema gigante e acho que só mentes como… (Sr. X) o poderiam responder. Receio não poder aventurar-me."

"Sobre as reuniões," continuou Lingford, "acho que devem ser retomadas, cerca de uma vez por semana como antes. Dentro de dias terão notícias do vosso bom amigo em Chicago. Sim, encontrei-me com ele quando cá esteve; insistiram para que voltássemos e pelo menos disséssemos olá, e acho que o nosso amigo Professor Luntz o examinou. Gostava que estivesse aqui para poderem ter uma verdadeira tertúlia."

"Gostávamos de ter cá o nosso amigo Jack Tate de novo também," disse Meade.

"Há muito que me pergunto o que aconteceu ao vosso amigo Jack."

"Está no Tennessee. Sabes, têm acontecido coisas muito estranhas do nosso lado, no que toca a fenómenos físicos," disse Meade.

"Gostava que esses assuntos fossem trazidos."

"Tenho hesitado em mencioná-los porque alguns dos comunicadores não gostam — acham que não valem a pena."

"A mim interessam-me; podem deixar a abordagem filosófica para os outros."

"Sobre aquele meteorito no Nebraska…" mencionou o Dr. Common.

"Estou a pensar como hei de pôr isso. Conto-vos algo sobre isso e outros casos semelhantes no nosso próximo encontro."

"Quero perguntar-lhe algo sobre a previsão do Jaggar, de erupções vulcânicas terríveis para este ano. Não fazemos estas perguntas por medo ou pânico, mas gostávamos de saber. Previsões psíquicas há às dúzias do nosso lado, mas o trabalho do Jaggar é rigorosamente científico."

"Deve-se ouvir esse tipo de pessoas; não estão a fazer previsões ou sonhos, mas baseiam-se no que consideram factos materiais."

"Temos também dados extraordinários acerca de grandes números de 'sem alma'; está mais ou menos ligado à possibilidade de grande perda de vidas nesta costa."

"Vejo que teremos muito para conversar, então. Mas estou a ficar cansado agora."
O Guia retira-se. 14h02.

CONHECER O FUNCIONAMENTO DOS MUNDOS INVISÍVEIS

Pelo Yada di Shi'ite

De BSRA 10-K, Parte IV da Série de Conferências em Transe de 1950, através de Mark Probert.

As pessoas que se aproximam pela primeira vez da ideia da Cirurgia Psíquica e da Cura Espiritual poderão perguntar-se porque apresentamos este tipo de material com tanta convicção. Familiarizámo-nos com os princípios básicos envolvidos ao longo de mais de 30 anos de estudo. As provas são abundantes e observámos diretamente a mediunidade em transe de Mark Probert, de San Diego. Ele e os seus controladores não praticam cirurgia psíquica nem fenómenos semelhantes; o campo que escolheram é a discussão de problemas filosóficos e sociais. A transcrição seguinte, de uma sessão realizada em 8 de Junho de 1950, sobre a saúde, é típica.

— «Há uma grande reunião do vosso lado, Yada?» perguntou um convidado, depois de ele ter assumido o controlo do corpo de Mark.

— «Sim», respondeu Yada, com o seu característico sotaque oriental. «Cada um de vós trouxe os seus próprios amigos, aqueles que estão na vossa vibração. Vou fazer um mantra.» (Fá-lo na antiga língua Yu.) «Como estão? Trago-vos as bênçãos de KA, o vosso Deus e o meu Deus, bem como a boa vontade do Círculo Interior. Invocamos Ka para abençoar Ta — homem — vós. Invocamos Ka para abençoar Kasa Ya — o espírito da casa ou espírito do templo. Invoco Ka para proteger o E-Na-Da do rapaz (Mark) — o corpo de desejo. Também invoco Ka para construir uma muralha, não apenas à volta dele — de proteção — mas também à volta de cada um de vós.

»Porque, por toda a parte onde ides, por todas as pessoas com quem entrais em contacto, existem infindáveis espécies de ação vibratória invisíveis aos olhos físicos; e algumas podem ser muito prejudiciais para vós. Se caminhardes pelos mercados e vos misturardes com muitas pessoas, podeis sentir, ao regressar, que estais cansados dos vossos esforços, e pensar que esse cansaço resulta da dificuldade de atravessar as multidões. Isso não é verdade. O vosso cansaço é provocado pela atividade invisível que decorre constantemente à vossa volta, mas de forma mais intensa e mais perigosa quando vos misturais uns com os outros em multidões.

»Algumas dessas forças sugam as vossas energias. São como vampiros. Estes são os verdadeiros vampiros. O indivíduo comum foi levado a acreditar que um vampiro é alguém que foi mau, morreu e

regressou para retirar sangue dos corpos físicos de certas pessoas — que esse corpo físico sai do túmulo e faz essas coisas. Também se chama lobisomem. Ora, um lobisomem, os vampiros, em certas condições, certas coisas podem ser provocadas que prefiro não abordar agora; mas, com o uso de rituais mágicos, muitas coisas muito desagradáveis podem acontecer.»

DESPERTAI O VOSSO EU SUPERIOR

«Mas o homem não precisa, pelo poder do seu mal, de provocar coisas más; elas acontecer-lhe-ão se não tiver proteção. Por isso é bom, valioso e inteligente, quando se conhece o funcionamento dos mundos invisíveis, que, antes de sair de casa, se diga um pequeno mantra, uma pequena oração ao seu Deus. Não nos importa quem é o vosso Deus; dirigi-Lhe a vossa oração da forma que desejardes e pedi proteção.

»Isso estimula o sentido de consciência do Eu Superior e, ao tomar consciência das necessidades do eu inferior, ele construirá uma muralha em torno do corpo físico. Isto, meus amigos, é boa psicologia, se nada mais for. Apenas porque o homem não foi ensinado a compreender que existe muito mais do que aquilo que os olhos físicos veem, tem sido levado a sofrer.»

— «E quanto à Lei da Atração? Não atraímos apenas aqueles que têm uma vibração semelhante à nossa?» perguntou Harriet Foster.

— «Sem dúvida, e mais ainda. Cada indivíduo possui dentro de si certas fraquezas peculiares e específicas, e aqueles que habitam o mundo invisível observam essas características particulares ou os mecanismos internos da mente, do eu inferior, e afluem a esse indivíduo exatamente da mesma forma que o sangue atrai mais tubarões quando um deles está ferido. Ora, alguns de vós desejam debater isto comigo?»

— «São determinadas vibrações à nossa volta que fazem acontecer certas coisas, como acidentes?» perguntou um convidado.

— «Sim, certamente», respondeu Yada, «e os vossos psicólogos de hoje estão a começar a perceber que um homem é responsável até pelos seus próprios acidentes. Ele provoca-os através de determinados estados de consciência, de certas formas de pensar. Uma dessas formas chama-se preocupação interior — isto é, voltar os pensamentos para dentro para se preocupar e não fazer bem a si próprio. Assim, torna-se como se estivesse num estado hipnótico; perde, até certo ponto, embora pequeno, a perceção ampla da atividade exterior que o rodeia; e então atravessa-se no caminho dos muitos carros que circulam pelas vossas ruas; e faz muitas coisas estranhas que lhe causam sofrimento físico. Depois diz: “Porque me

aconteceu isto? Não fiz nada. Tenho sido uma boa pessoa. O que se passa com Deus, que não está atento à minha bondade?" Depois essa pessoa dirá: "Perdoa-me, Deus; não queria dizer isso. Foi o diabo que o fez." Nem uma única vez esse tipo de pessoa pára para pensar: "Foi culpa minha. Eu não estava desperto. Estava ligeiramente do lado dos zombies."

»Toda a humanidade sofre disto em algum momento. Portanto, não devemos condenar ninguém por se destacar de forma especial nesse campo. Podeis ser belamente maus, assim como belamente bons. A beleza encontra-se na mesma direção para a qual a procurais.»

O CANCRO, A DOENÇA PSÍQUICA

«Estava a ler através dos olhos do Rapaz que agora sois capazes de fotografar as radiações térmicas do corpo. Um grande avanço. E, apesar disso, da energia atómica e de muitas outras coisas úteis, o homem continua a sofrer grande agonia com o cancro; não apenas o cancro do corpo físico, mas também o cancro do corpo psíquico; porque é aí que se originam o cancro e todas as doenças. Quando uma doença se torna orgânica, é muito mais difícil impedir a sua progressão do que teria sido se tivesse sido detetada enquanto ainda estava no plano psíquico. Mas ouvirei alguém dizer: como podemos encontrá-la quando está no plano psíquico? Se eu fosse suficientemente inteligente, poderia dizer-vos.

»Mas deixem-me afirmar: podeis encontrá-la! O que a coloca lá? Medo, medo! O medo é a maior maldição do homem. A ansiedade, a incerteza, geram doenças cardíacas. O medo gera doenças pulmonares; gera paralisias; gera artrite, neurite. Gera maus dentes. Gera — ah! — gera! Esse é o começo, a entrada, a porta aberta — o E-Na-Da, o corpo de desejo, é a porta aberta por onde tudo isso entra.»

— «Muitas vezes não temos consciência desses medos e, ainda assim, sofremos essas aflições. O medo estará a atuar noutros níveis?» perguntou Meade Layne.

— «Certamente que o medo atua noutros níveis, porque o corpo físico é algo estranho aos eus; assim, ao entrar neste mundo, o eu — não o Eu Superior, não, mas aquilo a que melhor se chama o eu inferior — inicia imediatamente essa atividade chamada medo. É como alguém que trabalha às cegas. O eu inferior vê apenas através da atividade física.

»Agora, perguntaram-nos: "E quanto ao bebé?" Alguns de vós conhecem a nossa resposta. O bebé é apenas um bebé no corpo. A forma é de bebé, isto é, nova. A força vital que ocupa esse corpo de bebé, ou novo corpo, é intemporal e traz consigo os seus medos intermináveis, as suas

ansiedades, bem como o seu conhecimento e compreensão infinitos da vida.

»Alguma vez experimentaram o efeito da mente sobre o corpo dizendo a uma pessoa: "Estás com um ar muito doente", e pedindo a outras pessoas que lhe digam o mesmo? No final do dia, se ela não estiver doente, será surpreendente. Este é o poder da sugestão que exerceis uns sobre os outros; e a razão pela qual o exerceis uns sobre os outros é porque o exerceis sobre vós próprios, ou sobre o eu físico; e todos esses outros eus que vedes à vossa volta são as vossas próprias expressões.

»Já ouviram o termo Ah-Che-Ita? Significa "no vosso elevado estado de consciência", ou o Eu Superior.»

— «Como podemos elevar-nos a essa forma superior de consciência? Como podemos desenvolvê-la?» perguntou uma convidada.

ALCANÇAR O MUNDO INTERIOR

«Quero dizer-lhe o seguinte, senhora. Muitas coisas entram na formulação de uma resposta compreensível a essa pergunta, algumas das quais são: O que pensa? Como pensa? O que sabe das suas vidas passadas? O que trouxe consigo, conscientemente ou — usando o vosso termo — subconscientemente? De todas essas coisas depende a questão de saber se conseguirá ou não atingir esse mundo interior, esse estado interior chamado Estado Superior de Bem-Aventurança, ou o Despertar para a sua Própria Realidade.

»Vê, eu não posso dizer "faça isto" ou "faça aquilo", porque, embora possamos dar-vos a melhor técnica, ela pode não funcionar para si, ou para si, ou para si. Tudo o que podemos dizer é que, através de certos métodos que considerámos valiosos, podeis abrir o olho psíquico.

»Algumas dessas ideias incluem primeiro aprender a arte da respiração (o que, aliás, este Rapaz não faz. Não podemos evitar isso. Aquilo que ele não compreende aborrece-o. É isso que fareis com isto depois de eu vos dizer). Depois, deveis aprender a postura correta, como sentar-vos (e não é como tenho agora o corpo do Rapaz). Sentar-se em determinadas posições deixa livres as forças Kundalini para fluírem ao longo da coluna vertebral ou canal cerebral. A respiração desperta e coloca em elevada atividade os chakras do corpo. O uso de certos mantras, a realização de certos passes, com eles estais mentalmente a invocar forças maravilhosas, seres inteligentes maravilhosos, que vos ajudarão.»

— «Para a pessoa média do nosso mundo ocidental, que tipo de respiração deveria ser utilizada primeiro?» perguntou Meade Layne.

— «Eu sugeriria que tentassem encontrar algo escrito por um dos vossos cientistas mais despertos, homem ou mulher, que fale das muitas formas de atividade da matéria física», respondeu Yada.

— «Existe uma literatura muito vasta, mas pouco consenso.»

— «O consenso ou a falta dele surge porque aqueles que não são capazes de a utilizar concluem que não serve para nada», respondeu Yada. «Se apresentardes a alguém uma determinada forma de efetuar cálculos matemáticos, e essa forma lhe for estranha, ele dirá que não presta. Que não pode funcionar. Que é absurda. "Dêem-me 1 e 1."»

— «O ritmo 4 e 4 é perigoso, de alguma forma, para um principiante na respiração rítmica?»

— «Sim, senhor, é. É muito provável que produza ilusões da pior espécie.»

— «Isso é Kumbaka? A respiração da Lua é perigosa?»

— «É perigosa para aqueles que não sabem utilizá-la.»

— «Para o principiante?»

— «Sim. Essas coisas não são para principiantes; e essa é uma das razões pelas quais, quando falamos para uma classe aberta, temos cuidado com aquilo que dizemos. Não permitimos nem permitiremos conscientemente que os não preparados caiam em armadilhas evidentes.»

ANTES DE MAIS, PURIFICAÇÃO

— «Então não existe nenhum tipo de respiração simples que estivesse disposto a recomendar ao principiante?» perguntou Meade.

— «Recomendaria primeiro não fumar, não beber, alimentar-se corretamente e descansar adequadamente. Antes de mais, o corpo deve estar livre de irritações, porque enquanto o corpo mantiver o eu consciente do seu veículo físico, ele não poderá escapar para reinos mais belos.»

— «E quanto à alimentação?» perguntou um convidado. «Devemos comer apenas vegetais? É correto comer carne — matar formas inferiores de vida para nos alimentarmos?»

— «Senhora, para aqueles que não sabem que não, isso não causará dano no grau a que chamamos dano. Naturalmente, até certo ponto, o consumo de carne introduz no indivíduo as vibrações de medo com que o animal morreu. Além disso, o estômago de um ser humano, com o tipo de dentes que possui hoje — ou talvez não possua — torna isso desaconselhável; porque o estômago extrai os sucos da carne e nada resta além de fibras. Há pouco benefício para o corpo físico na ingestão de carne.

»Já observaram um pedaço de carcaça ao microscópio de grande ampliação, logo após o animal ser abatido? Quase imediatamente começa a

decomposição. Uma bela imagem! Então não percebem porque tantas pessoas têm hipertensão? Não é tanto a carne, mas a combinação de todas as coisas que a acompanham, que atua sobre ela. O corpo é uma composição química; por isso introduzis carne nele! E depois tendes aquilo a que chamais "bolo"...»

— «E tarte!», interrompeu Irene Probert.

— «O que é uma tarte?» perguntou Yada. (E explicaram-lhe.)

«Estais a satisfazer as papilas gustativas que funcionam quimicamente e, assim, criam uma sensação agradável; e por isso sois embalados para um estado de sono relativamente ao que realmente está a acontecer. Mas quero dizer que nem a tarte, nem o bolo, nem a carne, nem qualquer outra coisa vos fará mal se compreenderdes como utilizar as forças que tendes dentro de vós para manter o corpo físico em boas condições. Não disse o vosso Mestre, o Cristo: "Não temais o que entra pela boca, mas o que dela sai"?»

— «Conhecemos alguns mestres hindus que vieram para a América», observou um convidado, «e que perderam a sua encarnação (morreram) devido ao facto de não terem incorporado nas suas organizações fisiológicas esses grupos alimentares tamásicos inferiores. Para conservarem as suas encarnações, teriam tido de os incorporar.»

— «Compreendemos perfeitamente isso», respondeu Yada. «Mas as pessoas do mundo ocidental não compreendem a linguagem de que estamos agora a falar. Por isso, quaisquer destas coisas que sejam ditas às massas são, como o meu honrado amigo e colega Lao Tsé afirmou, como projetar a luz da vossa sabedoria para os olhos de outra pessoa. Elas não estão habituadas a esse tipo de claridade. Isso cega-as e elas voltar-se-ão contra vós.

»Escutem, por favor.» (Yada imita a respiração pesada do seu médium, Mark Probert, um fumador inveterado.) «É isso que vos digo quando introduzis venenos no organismo; esses são os resultados. Nós sabemos isto; mas utilizamos o corpo do Rapaz para falar através dele e amamo-lo, respeitamo-lo profundamente e estamos-lhe gratos por nos permitir fazê-lo.

»Também sabemos que a Lei da Vida consiste em ajudar quando alguém pede ajuda, e ajudá-lo apenas até ao ponto em que ele próprio esteja disposto a ajudar-se, e não mais. Portanto, não podemos fazer mais pelo Rapaz do que poderíamos fazer por vós.

»Que o vosso Deus esteja sempre convosco. Vou-me embora.»

O QUE DIZ O YADA?

Durante uma conferência em transe através de Mark Probert, em San Diego, a 6 de Junho de 1957, Yada di Shi'ite antecipou em dez anos os comentários acima referidos do Sr. Bonham:

«O principal mal provocado pela bomba atómica já foi feito. Tudo o que falta, em comparação com uma guerra efetiva, é o efeito da explosão. As vossas cidades permanecem estruturalmente intactas e não houve perda direta e imediata de um vasto número de vidas.

»Mas esses factos afortunados cegam-vos para a verdadeira grande catástrofe — os efeitos genéticos e os efeitos sobre os corpos daqueles que atualmente vivem.

»Não desejo continuar a repetir tais afirmações — não as repetirei novamente. Digo aqui, de uma vez por todas, que estais confrontados com o mais grave perigo, a mais iminente ameaça à raça humana e ao planeta Terra que alguma vez existiu. Tudo o que as vossas experiências deixaram de fora foram os efeitos físicos do calor e da concussão. O verdadeiro e mortal dano para os vivos e para as gerações ainda por nascer ainda não foi compreendido.»

Depois voltou-se para um tema mais agradável: os Discos Voadores.

«RAPTORES CÓSMICOS»

«Sobre esta questão dos desaparecimentos misteriosos», disse Yada, «dos quais tem havido um grande número, sim, certamente existem "raptores cósmicos", como lhes chamais. Durante milhares de anos, visitantes do espaço e de vários corpos celestes levaram pessoas, objetos de toda a espécie, animais e, mais recentemente, aviões com os seus ocupantes.

»Mas deveis também ter em mente que alguns desaparecimentos estão ligados ao fenómeno conhecido como deformação do espaço. Fostes ensinados a pensar que o espaço é o nada. Essa "coisa" a que chamais espaço é uma substância de determinado tipo — e é cem mil vezes mais densa do que qualquer dos chamados sólidos do vosso plano terrestre.

»Existem camadas sobre camadas de diferentes densidades e aquilo a que poderíeis chamar "fendas" abre-se entre elas. Uma deformação pode ser entendida como uma espécie de dobra no tecido espacial. Essas dobras dão acesso a novos mundos espaciais com características e densidades diferentes. A pessoa ou objeto apanhado nelas desaparecerá da vossa perceção.

»Os Seres do Espaço aproveitam as deformações espaciais para passar de um plano de existência para outro. Ora, também existem deformações temporais, e a pessoa apanhada nelas pode surgir plenamente consciente

num período histórico diferente — ou num ambiente físico diferente, mas correspondente.

»Qualquer pessoa apanhada em deformações do espaço ou do espaço-tempo sofrerá normalmente de amnésia, ou poderá mesmo tornar-se mentalmente perturbada. O espaço deformado está associado a campos gravitacionais e/ou magnéticos. O teletransporte está frequentemente ligada a deformações espaciais; a matéria torna-se energia e a energia reaparece como matéria.

»Toda a vida do vosso mundo físico é alimentada pelo éter inferior; o éter superior não é afetado por isto. A vossa Terra é um núcleo, como se fosse constituída por esferas concêntricas de densidades crescentes dos éteres.

»Está prestes a abrir-se diante de vós um imenso desenvolvimento do conhecimento técnico acerca da deformação do espaço e do tempo, e dos éteres. Refiro-me à fotografia De la Warre do passado e do futuro, ou dos moldes e padrões etéricos.

»Tudo aquilo que apenas sugeri superficialmente será expresso em termos científicos e utilizado de formas que nunca imaginastes. As deformações espaciais e as frequências serão conhecidas e utilizadas. Aprendereis a teletransportar os vossos próprios corpos — a marcar Londres como se fosse um número e a transportar-vos para lá instantaneamente e em segurança!

»Com tais possibilidades diante de vós, dirigis a vossa ciência para a produção de débeis mentais, idiotas, deformidades inacreditáveis e até de um planeta inabitável. O dano já causado representa o ponto sem retorno. O que virá depois, descobri-lo-eis; mas não o podeis desfazer, não podeis voltar atrás.»

«Na verdade, o átomo nunca foi destruído; apenas uma parte dele foi arrancada, uma das camadas exteriores. Se alguma vez conseguirdes realmente desintegrar um átomo, não apenas o transformareis noutra coisa, mas transformareis todo o vosso sistema solar naquilo a que se chama um super-solar, fazendo com que todo o sistema solar se converta apenas em radiação luminosa, muitos milhões de vezes mais brilhante do que o vosso Sol.»

— Yada di Shi'ite

Março-Abril de 1967, RR, página 20

«QUEREM ALGO MAIS COM QUE SE PREOCUPAR?»

Todos estamos preocupados com a ameaça constante da catástrofe, fascinados por ideias de destruição terrível, mas esperando ser poupados

enquanto outros sofrem. Foi essa a questão colocada a Yada di Shi'ite quando Mark Probert estava em digressão no ano anterior.

O associado Pete Spreen enviou-nos uma breve parte da palestra de Yada no Unity Temple, em Nova Orleães, em 29 de Maio de 1966, sobre este tema. Recorde-se que Nova Orleães tinha sofrido uma grande inundação provocada por um furacão no ano anterior.

— «Mais alguma coisa, por favor?» perguntou Yada ao auditório.

— «Quatro perguntas, Yada», respondeu uma senhora, «mas estão interligadas.»

— «Muito bem.»

— «Como e porquê Nova Orleães atraiu o Furacão Betsy? Que lições deveriam ter sido aprendidas com ele? Virão mais furacões ou outros desastres naturais para Nova Orleães e, se sim, quando? O que está previsto para Nova Orleães no futuro próximo e que alterações geológicas podem ser esperadas nos próximos vinte ou trinta anos?»

— «Acham que essas últimas perguntas se relacionavam com a primeira questão a que respondemos sobre as condições negativas em Nova Orleães?» perguntou Yada. (Risos da assistência.) «E eu que estive aqui a falar de vós, e não das forças da Natureza!

»Meus amigos, certamente não esperais que eu dê respostas a perguntas desse tipo. Se pudesse fazê-lo, não teríeis de pensar por vós próprios. Eu estaria a viver a vossa vida. Tornar-vos-íeis dependentes de mim para tudo.

»Pensem na natureza dessas perguntas. O que acontecerá ao futuro de Nova Orleães? E também ao seu passado?

»Nada é dito acerca do presente. É assim que o homem vive. Vive no futuro; vive no passado; e, se vive dessa forma, onde está ele no presente?

»Isso significa que está morto nos três lugares!» (Risos da assistência.)

«Sabem, falando seriamente, as nações são como os seres humanos individuais. Nascem. Passam por um período de crescimento. Depois morrem. Quando morrem, torna-se uma questão académica saber o que as matou. Nada mais. É apenas académico. Estão mortas! O que podeis fazer em relação a isso?

»E quanto ao presente? Nós trazemos a violência sobre nós mesmos. Criamos aquilo a que chamamos Catástrofes Naturais. Dizemos isso porque assim retiramos a culpa de cima de nós. Não fomos nós que o fizemos.

"Eu estava a tratar da minha vida quando veio o furacão. Destruiu toda a minha propriedade. Acham que eu faria uma coisa dessas?"

»Sim, nós achamos.

»Dentro de nós existe um impulso, um impulso para nos melhorarmos. Esse é um impulso natural e honesto. Mas, se não tivermos cuidado, podemos criar condições. Inconsciência — gosto dessa palavra. Também ela nos livra da responsabilidade. "Fi-lo inconscientemente. Não queria fazê-lo. Ah, simplesmente não estava a pensar naquele momento."

»Tudo isso é verdade. Não estávamos a pensar.»

UMA CATÁSTROFE ANTERIOR, HÁ 500 000 ANOS

«A minha civilização foi destruída», continuou Yada.

«A destruição manifestou-se sob a forma de terramotos, ventos e gelo vindo de céus negros, muito negros. O fogo desceu sobre a Terra e também surgiu da própria Terra, cremando e sufocando todos os seres vivos.

»Pensais que isso surgiu do nada? Teve origem na ganância, na escravização dos muitos pelos poucos. Na dor que isso provocou, na ansiedade de milhões de indivíduos.

»Porque este corpo é um corpo eletrónico. Emite energia ao mesmo tempo que a recebe. Essas energias de ação negativa são expulsas de nós pelo medo e pela ansiedade quanto à nossa segurança, pelas nossas dores.

»Elas criam energia que reage violentamente sobre o espaço que nos rodeia. Desta forma, geramos a nossa própria destruição. Fazemos tremer a Terra. Criamos os ventos uivantes. Criamos a escuridão; porque a escuridão é a essência da ignorância.

»Nova Orleães não sofrerá sozinha. O hidrogénio e outros agentes atómicos produziram na vossa atmosfera um efeito muito duradouro. Todo o vosso país e muitas regiões da Europa e da Ásia sofrerão grandemente com tempestades violentas, tremores de terra e inundações.

»Oh, sim! Há cinco anos nós, do Círculo Interior, sugerimos que alguém impedisse o homem de continuar a envenenar a sua atmosfera, alterando as vibrações atmosféricas através dos abusos do poder atómico.

»Depois dissemos que restava apenas um ano antes de se atingir o ponto sem retorno no abuso da energia atómica.

»Esse ponto já foi atingido.

»Meus amigos, querem algo mais com que se preocupar? Julgam que já não têm preocupações suficientes? Hmmm?» (Fim da gravação.)

ORAÇÃO CÓSMICA PELO AMOR

«Pai, que a Tua Infinita Luz de Amor seja tão intensamente concentrada nos corações de todos os seres, visíveis e invisíveis, que habitam com a Terra, sobre a Terra e acima da Terra,

que a Unidade da Fraternidade Completa se manifeste,

irradiando assim o Teu Amor por todo o Universo.»
Eugene Hurtienne

O HOMEM E O SILÊNCIO ETERNO

LAO-TSÉ

Do Silêncio Eterno veio o homem, e a ele regressará. O mesmo acontecerá com todas as outras coisas pertencentes à existência física. Quase todos os antigos ensinamentos da vida fizeram da meditação um requisito predominante para alcançar a verdadeira compreensão do homem, de si próprio e do seu lugar no esquema da vida.

Na meditação, aprende-se a entrar naquilo a que se chama o Silêncio Eterno.

Quando a meditação é verdadeiramente aprendida, o discípulo depressa descobre que, para meditar, não precisa de se esconder nas colinas, nas florestas ou sequer de se fechar no silêncio de um quarto; pode alcançar resultados igualmente bons nos mercados movimentados das grandes cidades — pois o ruído exterior não possui qualquer porta de entrada para o silêncio interior.

Basta inverter o fluxo exterior da sua consciência para uma consciência interior e mantê-la aí até receber a resposta àquilo que procura conhecer. O silêncio é o lar natural do homem. É o ventre da sua própria existência e a fonte de todo o conhecimento.

A vibração chamada som pertence principalmente ao mundo físico. É apenas um dos muitos métodos utilizados para atrair a atenção consciente de um corpo físico para outro e mantê-la, a fim de transmitir uma mensagem. Constitui o estágio inicial da força conhecida como hipnose. Desvia o homem do seu mundo mental para o seu mundo químico através de um forte apelo às emoções. É, de facto, um grande poder mágico que pode ser utilizado tanto para o bem como para o mal.

Os seus potenciais mágicos podem ser observados no seu uso em quase todos os ritos religiosos — tanto ortodoxos como ocultistas. Os vossos cientistas modernos estão a descobrir rapidamente a sua natureza mística interior e utilizam esses segredos para curar perturbações cerebrais, bem como crenças em doenças físicas do corpo.

O som pode ser ouvido em qualquer plano de consciência. Existe, contudo, uma diferença acentuada tanto na sua natureza como na forma como é ouvido.

Vejamos se conseguimos dar um exemplo claro desta ideia:

No mundo físico, não é necessário que a consciência esteja no local de onde provém um som para que esse som seja ouvido. Na verdade, parece

que, enquanto a consciência está desperta para o mundo físico, nunca tem consciência de um som antes de este acontecer, mas apenas depois.

Isto não acontece em nenhum outro plano para além do físico.

Partindo do mundo do sono comum, o indivíduo descobrirá que tem primeiro de estar consciente da causa do som para poder experimentar o efeito de o ouvir. Além disso, no estado de sono, o som deve originar-se fora dele e penetrar o seu mundo de sonho.

Isto leva-o a criar toda uma série de imagens nas quais não só ouve o som como também cria uma fonte de onde esse som supostamente provém. Mas, quer o som tenha origem no mundo exterior ou não, permanece o facto de que a causa do som tem de ser conhecida antes de ser ouvida; porque o indivíduo, separado ou inconsciente do seu corpo físico e do seu mundo físico, origina simultaneamente a causa e o efeito.

Isto parece constituir uma precognição não apenas do acontecimento, mas também da sua causa. Parece também existir uma longa cadeia de razões que antecedem ou conduzem à causa. Essa cadeia de raciocínio apenas se interrompe quando o efeito foi produzido ou a mensagem recebida.

Os vossos cientistas têm frequentemente especulado sobre a possibilidade de existir mais do que um tipo de tempo e sobre se dois tipos de tempo poderiam funcionar simultaneamente.

Permitam-me assegurar-vos de que as suas especulações são mais do que corretas — pois não existem apenas um ou dois modos de tempo, mas infinitos modos de tempo — e estes podem, e frequentemente funcionam, ao mesmo tempo e no mesmo instante.

Por exemplo: um homem adormecido e um homem acordado existem exatamente no mesmo momento, mas as suas consciências operam em dois modos diferentes de tempo.

Depois existe o homem que abandonou o corpo naquilo a que chamais «morte», e o homem que se projeta conscientemente para fora do corpo físico.

Aqui encontramos quatro modos diferentes de tempo, todos a funcionar em conjunto — separados apenas pela consciência individual de cada um.

Preciso de dizer mais?

Esta situação não vos parece clara?

Se não, apenas posso dizer que o vosso tempo de despertar ainda não chegou.

Mas não vos deixeis desanimar por isso. Prossegui com sinceridade de propósito e mantende sempre em primeiro plano o desejo de expandir a vossa consciência, e o Deus da Sabedoria estará sempre convosco.

2 de Novembro de 1948

A NATUREZA DOS GERMES

MICHAEL FARADAY

Uma vez que todas as coisas do mundo físico são constituídas por uma variedade infinita de composições químicas, diferenciando-se umas das outras apenas pelo seu padrão de arranjo atómico e pela velocidade de movimento das partículas dentro desse campo estrutural, não será possível que o chamado germe — ou os germes que afetam toda a vida que entra e anima este mundo químico — sejam simplesmente outro composto químico com um campo-X de movimento?

E que a própria força vital seja um campo-X de movimento que entra num campo conhecido de movimento — os constituintes químicos de um corpo, humano ou não humano — atuando a força vital como um irritante sobre o mundo químico?

Os germes, quando se formam no corpo, atuam de forma muito semelhante à força vital, construindo ou destruindo através da irritação.

A ação característica de um irritante é de dois tipos:

- Excitativa;
- Depressiva.

Uma tende para a construção; a outra para a destruição.

Estas duas forças trabalham normalmente em harmonia rítmica, mas estão sujeitas a alterações devido aos estados variáveis da força vital.

Esses estados — alterações no movimento da força vital — produzem linhas de força nas glândulas que fabricam os químicos que nutrem o corpo; e, se essas linhas de força não estiverem em harmonia com o produto químico produzido, este atuará como depressivo ou como sobre-estimulante.

Como depressivo, retardará a ação normal da glândula em questão, reduzindo a sua produção e enfraquecendo a sua qualidade. Assim, quando essa substância entra na corrente sanguínea, torna-se presa fácil dos germes invasores, que se alimentam dos poucos nutrientes que encontram nela e depois destroem a célula através da reprodução em massa.

Se este processo continuar, a corrente sanguínea torna-se tão poluída que o sistema linfático, cuja função é transformar esses venenos em substâncias inofensivas, entra em colapso. Isto, naturalmente, concede total liberdade aos germes destrutivos.

Por outro lado, a sobre-estimulação provoca uma produção excessiva de determinado tipo de substância química.

A glândula suprarrenal é muito mais suscetível à sobre-estimulação do que qualquer outra glândula do corpo, e a sua atividade anormalmente intensa é provocada por longos períodos de preocupação e ansiedade.

Isto pode causar numerosas alterações graves nos compostos químicos do organismo.

Algumas dessas alterações provocam hipertensão arterial que, se persistir, acabará por originar um acidente vascular cerebral ou por formar lesões nas principais válvulas cardíacas, obrigando o coração a trabalhar com o dobro do esforço para manter o fluxo sanguíneo necessário.

Também é apontada como causa de diabetes, artrite, neurite, nevralgia e vários tipos de erupções cutâneas.

O tratamento verdadeiro e duradouro para a maioria das doenças do corpo e da mente virá um dia dos esforços esclarecidos da psiquiatria, e não apenas da medicina, como tem acontecido até agora em larga medida.

Todavia, as enfermidades acima mencionadas devem ser classificadas como mentais, sendo provocadas por aquilo a que chamei os «estados» da força vital que anima determinado corpo.

A força vital está tão ligada ao corpo químico em que entra que o seu feitiço hipnótico de atração a leva a acreditar que ela própria é esse corpo.

Uma ilusão semelhante surgiria, sem dúvida, entre um impulso elétrico que percorresse um fio e o próprio fio, se esse impulso fosse capaz de possuir uma consciência individualizada.

A sua perceção estaria tão presa ao campo de atração do fio que acreditaria ser o próprio fio.

E, como o homem, iria ainda mais longe na sua tendência hipnótica: considerar-se-ia um determinado tipo de fio — um fio grosso, fino, comprido, curto, de cobre, aço ou zinco.

E quanto mais coisas lhe fossem ligadas, mais procuraria individualizar-se e separar-se de todas as outras coisas como algo distintamente diferente.

Sem dúvida que também sofreria de complexos de inferioridade ou de superioridade, o que conduziria a uma miríade de outros complexos. E talvez, após muitos anos, começasse subitamente a notar que o seu corpo físico estava a passar pela mudança chamada desgaste.

Então, talvez começasse a perguntar-se o que iria acontecer quando o seu corpo se desgastasse completamente, e esse pensamento daria origem ao medo do desconhecido.

O homem é, na realidade, uma bela onda de luz aprisionada no abismo escuro de um corpo químico!

7 de Janeiro de 1949

«HOMEM, CONHECE-TE A TI MESMO!»

THOMAS CARLYLE

Se o homem quiser conhecer-se a si próprio, terá primeiro de deixar de pensar em si como um corpo físico.

A eterna questão que aflige o pensador de hoje é a mesma que existia no princípio — nomeadamente:

Quem sou eu?

De onde venho?

Para onde vou?

Não pode haver dúvida de que estas são questões da mais alta importância para o homem, e tendes uma necessidade premente, nesta época atual, de uma compreensão mais profunda delas.

Essa necessidade é muito maior do que em qualquer outro momento da história física da humanidade.

Porquê?

Simplesmente porque o próximo estágio da evolução humana é o do cérebro e da mente — ou aquilo a que, embora de forma imperfeita, se chama espírito.

Das três perguntas — quem, de onde e para onde — não considero que a primeira seja a mais importante. Nem sequer pode ser respondida através de palavras materiais.

E, se me pressionassem para dar uma resposta, apenas poderia repetir aquilo que já foi dito anteriormente:

Vós sois o Uno Eterno.

Colocar uma etiqueta ou um nome no Uno Eterno seria torná-lo temporal e mortal.

Tentar conhecê-Lo através dos padrões conhecidos do mundo físico seria conhecer apenas a Sua ação no mundo físico-químico.

Nem faremos melhor com esta questão em qualquer outro plano de consciência.

Tudo o que alguma vez conheceremos será a ação, mas nunca o que ou quem é o Motor que a produz.

Ouvi estas questões serem debatidas por muitos que se intitulam intelectuais, e alguns encerram o debate com uma resposta deste género:

«Somos nada, viemos do nada e caminhamos para o nada.»

Mas isso é apenas raciocínio mortal; e mesmo assim carece de lógica.

Pois, se a matéria é indestrutível, quanto mais indestrutível deverá ser Aquilo que move a matéria.

Suponhamos que alguém pudesse receber a resposta definitiva a esta questão. A consequência seria a cessação completa da sua existência consciente em qualquer plano, pois essa resposta conceder-lhe-ia automaticamente todo o conhecimento, e deixaria de existir qualquer razão para possuir consciência.

Diz-se que, quando alguém recebe a iluminação, subitamente percebe a sua unidade com o universo.

Compreende a vida como uma unidade e a si próprio como sendo essa unidade.

Mas como pode alguém alcançar um estado de consciência tão abrangente?

Certamente não através de qualquer método conhecido de raciocínio concreto ou abstrato.

No raciocínio, a mente passa por um processo de correlação dos factos e teorias conhecidos acerca de determinado assunto, comparando-os entre si.

As respostas obtidas dependem em grande medida da capacidade do pensador para organizar corretamente esses factos e teorias, de modo que se encaixem como elos de uma corrente.

Todavia, nenhuma quantidade de raciocínio — ou daquilo a que se chama pensamento lógico — conduzirá à iluminação.

Na verdade, esse maravilhoso estado de consciência surge apenas muito depois de a razão e a lógica terem demonstrado ser instrumentos inúteis na procura da Realização do Eu.

Na busca do «eu superior», não procuramos o absoluto final.

Antes, o esforço dessa procura consiste em trazer o nosso ser físico para um estado desperto de consciência em relação ao nosso ser espiritual, ou consciência superior, para que possamos encontrar um estado de equilíbrio mais completo na nossa vida.

Não existe absolutamente nada de misterioso neste desejo de conhecer a si mesmo e ao seu Eu.

Na verdade, trata-se de uma grande necessidade psicológica.

Os rituais utilizados para alcançar esse objetivo podem parecer estranhos e até ridículos a um principiante ou a quem nada saiba acerca dessas coisas.

Nada tenho a dizer aos que ainda não estão preparados para aprender estas matérias.

Mas, para aqueles que estão — ou sentem estar — permitam-me afirmar que os rituais constituem uma ajuda extremamente valiosa para o crescimento espiritual.

Fazem parte do processo contínuo do vosso devir.

Condicionam cada célula do corpo físico para aceitar o Espírito, e condicionam o Espírito para uma consciência mais desperta do seu veículo físico, de modo que ambos possam trabalhar em maior harmonia consciente.

A mente cuidará e zelará pelo corpo físico se for orientada para o fazer.

Mas o ato de comandar a mente deve transformar-se num ritual; caso contrário, pouco ou nenhum efeito será sentido ou observado.

A doença do corpo surge devido à incapacidade do indivíduo para manter conscientemente o eu atento às necessidades do corpo.

O muito honrado Émile Coué procurava ensinar um método desse despertar consciente do eu quando repetia:

«Dia após dia, e sob todos os aspetos, estou cada vez melhor.»

Contudo, nada será alcançado apenas repetindo mecanicamente estas palavras.

As palavras «cada vez melhor» devem ser pronunciadas de forma a serem sentidas pelo corpo.

É isto que apropriadamente se chama «vibrar o corpo».

Na psicologia, esta utilização da mente sobre o corpo recebe o nome de autossugestão ou auto-hipnose, e é exatamente isso.

Quem nada sabe sobre hipnose e sobre a sua poderosa ação no corpo, quando ouve falar de autossugestão, tende a ridicularizá-la dizendo:

«Isso é apenas enganar-se a si próprio, fingindo que está saudável quando está doente.»

Concordarei com tal afirmação, feita por pura ignorância, apenas até certo ponto:

Estará apenas a enganar-se a si próprio se não utilizar corretamente esse método.

Na verdade, toda a vida se tornará uma piada se não a abordardes com sabedoria e com vontade de compreender.

E a parte triste de tudo isto é que, nesse caso, o motivo de riso não será ninguém além de vós próprios.

22 de Junho de 1949
15 de Julho de 1949

LAO-TSÉ
A VIDA É MAGIA

(Conferência em transe através de Mark Probert, em meados da década de 1950.)

Meus honrados amigos, antes de fazer esta palestra sobre **«A Vida É Magia»**, quero dizer que eu, Lao-Tsé, nunca escrevi nada.

Eu era um buscador da compreensão da natureza da vida e fui ensinado que era apenas isso.

Um buscador nada sabe!

Portanto, que poderia eu ter escrito?

Escutando os momentos da vida, adquiri, após muitos e muitos anos, um pouco de compreensão que trouxe paz de espírito à minha forma de viver.

Durante algum tempo falei muito sobre aquilo que julgava saber e muitos outros, ouvindo-me, aceitaram os meus pensamentos e registaram-nos em tábuas. Eu não escrevi nada.

Depois de pouco mais de noventa anos, deixei o mundo físico com um sorriso no rosto, sinal de que havia alcançado contentamento.

Cheguei à conclusão de que aquele que procura forçar a vida descobre que a vida procura forçá-lo a ele, trazendo-lhe muitos problemas.

Descobri que este desejo de forçar a vida nasce da aquisição de bens materiais.

Descobri que mais posses materiais significam mais problemas.

Descobri que mais risos significam mais lágrimas.

Todas as coisas se equilibram com o decorrer do tempo.

Nada desejar traz paz de espírito.

Nada possuir significa que nunca sereis invejados nem que a vossa vida será ameaçada.

Descobrir a natureza da vida exige uma enorme quantidade de tempo, grande concentração e a vontade de sacrificar todas as coisas materiais.

No vosso mundo atual, isso é extremamente difícil de fazer.

A minha família era rica e possuía muitos bens materiais.

Tinha uma bela esposa, filhas, filhos e, naturalmente, concubinas.

Tinha pouco tempo para a minha esposa; por isso, tinha ainda menos tempo para as minhas concubinas.

Passei muito tempo em meditação e foi durante esses longos anos que cheguei à descoberta de que o ser humano é um mago — um mago sem consciência da sua própria capacidade como tal.

Não estando consciente de que é um mago, não sabe como demonstrar a sua capacidade de realizar prodígios e feitos mágicos.

Mas, quando alguém descobre que é um mago e tem a felicidade de encontrar um mestre para o orientar, aprende então corretamente a ser um mago e a controlar as suas capacidades nas demonstrações mágicas.

Aquele que possui um mestre aprende, antes de mais, a não demonstrar as suas capacidades em troca de pagamento, mas sim ao serviço e para o bem dos seus semelhantes, quando tal é necessário.

Em épocas ainda mais antigas do que aquela em que vivi (cerca de 600 a.C.), surgiram grandes escolas místicas.

Essas escolas destinavam-se a ensinar ao indivíduo a sua própria natureza mágica.

Mas muitos, ao adquirirem esse conhecimento, deixavam-se dominar pela consciência do seu poder e, por vaidade, começavam a exibir-se publicamente nos mercados.

Esses eram expulsos das escolas em desonra.

Continuavam então a realizar demonstrações mágicas para atrair seguidores e discípulos que lhes pagassem com abundantes bens materiais para aprender a utilizar a magia.

Com o decorrer do tempo, esses discípulos expulsos e desonrados foram aceites nos templos de diversas religiões, atuando como sacerdotes e obtendo grande poder para os grupos religiosos a que pertenciam.

Foi assim que surgiu aquilo que se chamou o sistema sacerdotal e o culto do diabo.

Pois, através dos seus poderes mágicos, aterrorizavam as pessoas.

Os ignorantes, os analfabetos e os incultos caíam sob o seu domínio através da sugestão e do chicote do medo.

A NECESSIDADE DA RESPONSABILIDADE

Passemos agora do lado negro para o lado luminoso.

Aqui encontramos o discípulo a ser inicialmente ensinado na autoconfiança, na responsabilidade pessoal e na necessidade de conhecimento correto e de atitudes éticas.

Depois era instruído nos métodos mágicos da respiração rítmica e na forma de libertar a respiração enquanto produzia determinados sons através da boca e da garganta.

Com isso, descobria que podia realizar muitas curas.

Podia provocar novas vibrações no magnetismo do corpo, isto é, nas forças magnéticas e nas partículas que constituem o corpo.

Aprendia que, através de determinados modos de respirar diretamente sobre alguém aparentemente morto, podia devolver a força vital ao coração, aos pulmões e ao sistema respiratório em geral.

Mas aprendia também a não fazer essas coisas quando se descobria, através do estudo da aura e das luzes áuricas, que tal indivíduo chegara ao fim da sua existência por causas naturais.

Não se referia a falhas naturais do mecanismo físico, mas a causas naturais relacionadas com experiências sofridas numa vida anterior.

Por isso, era proibido qualquer esforço para reestimular as forças vitais nesse corpo ou remover uma doença, a menos que as condições observadas na luz áurica em redor dessa pessoa justificassem tal intervenção.

O discípulo aprendia então que, através de certos ritmos respiratórios, podia provocar um afrouxamento da substância elementar que compõe a estrutura física, tornando-a capaz de desaparecer instantaneamente para outras dimensões do tempo.

Aprendia também que esse era um dos maiores chamados pecados que o homem poderia cometer.

Pois significava desperdiçar as forças vitais do corpo, obrigando o indivíduo a regressar ao mundo físico e a passar novamente pelo processo de construir outra forma a partir da matéria vibratória tridimensional.

Isto chama-se empréstimo — emprestar e devolver.

Porque nunca podemos tomar algo emprestado sem devolver uma medida equivalente.

Isto faz parte da ação natural da vida para aquele que ainda não compreendeu as suas leis, até ao momento em que esteja preparado para despertar para a consciência da sua própria natureza divina como mago — um mago com controlo completo sobre os elementos do seu mundo tridimensional e também sobre todo o espaço e toda a consciência.

PARA ALÉM DA MENTE

Quando alguém domina a arte da magia, deixa de abandonar um corpo físico para ser enterrado na terra ou colocado num túmulo.

Leva esse corpo consigo.

Porque ele é energia mental, exatamente da mesma natureza daquilo a que se chama alma ou psique.

Mente, psique, mente — tudo é a mesma coisa.

Tem-se dito muito nos grandes ensinamentos budistas acerca da existência de um estado superior àquilo que se chama mente.

Esse estado é denominado Buddhi.

Tais ensinamentos tiveram origem nas antigas escolas do Budismo Zen.

Isto é compreensível, embora não para o principiante.

Mas qual é a lógica de criar estados cada vez mais elevados?

Acabaríamos por nos criar para fora da própria existência.

Buddhi é mente.

Mente é Buddhi.

São como aquilo a que hoje chamais energia e matéria.

Energia transformada em matéria ou matéria transformada em energia.

Buddhi em mente.

Mente em Buddhi.

O grande erro consiste em atribuir-lhes nomes.

Aquilo que é chamado Eu Superior, ou Buddhi, deixa de ser Buddhi ou Eu Superior no momento em que recebe um nome.

É necessário experimentar a condição, não falar dela.

É semelhante ao que acontece no Cristianismo.

Fala-se muito de Deus.

Mas falar de Deus não leva o homem a lado nenhum; porque o homem não se compreende sequer a si próprio.

Como poderá compreender o seu Deus?

Enquanto o estudante não compreender plenamente a sua própria natureza, nenhuma palavra acerca de um ser superior lhe é sequer mencionada nas escolas místicas autênticas — as escolas da Fraternidade Branca.

A FRATERNIDADE BRANCA

A Fraternidade Branca não teve origem no mundo tridimensional, mas em planos superiores de consciência, ou noutras dimensões do tempo.

Aquele a quem os cristãos chamam Jesus veio da Índia muitos e muitos anos antes do tempo do homem chamado Constantino, do Império Romano.

Esse grande mestre proveniente da Índia realizou a última das suas iniciações no mundo físico nas escolas místicas gregas.

Era, de facto, o Ungido.

Mas houve muitos outros semelhantes a ele ao longo da história da Terra desde que o homem aqui apareceu.

Todos eles representam o Símbolo da Luz, uma demonstração para aqueles que ainda dormem de que a vida não está confinada ao mundo tridimensional.

São uma luz que chama.

Esses grandes mestres chamam o homem com coragem e esperança.

Mas apenas aqueles que são capazes de compreender verão essa Luz e a reconhecerão pelo que ela é.

Apenas aqueles que já percorreram um longo caminho na senda da compreensão.

Esses, com o tempo, alcançarão a sua última iniciação, que consiste numa renúncia consciente ao mundo físico.

Porque compreendem plenamente, em plena consciência, a natureza do mundo material.

Não é um grande sacrifício.

Não há grande sofrimento.

É simplesmente iniciação.

Mas se um iniciado preparado para dar esse último passo for dominado por um sofrimento físico atroz, isso demonstra que falhou no seu derradeiro esforço e terá de aguardar um novo renascimento no mundo físico para repetir a prova.

Pois não deve existir dor.

Pelo contrário, deve haver uma alegria imensa, um estado de completa unidade consigo próprio, na súbita realização de que se é a Luz Eterna; de que se é o Ungido que agora se encontra perante a Luz Eterna.

TENDES DE SAIR DO MUNDO VIVOS!

Diz-se que Jesus afirmou aos seus discípulos:

«Eu não sou deste mundo.»

Não é isso que está escrito?

Que outra coisa poderia ele querer dizer senão que tinha plena realização do seu próprio ser?

De que outro mundo poderia ele ser?

Do mundo da Luz.

Luz significando clareza de compreensão.

Esta é a natureza de um Avatar, de um Mestre, da Luz.

A palavra **Cristo** significa cristalino, perfeitamente claro.

É esse estado que procurais abrir em vós mesmos para deixardes de ficar presos ao véu inconsciente da existência, entrando pela mesma porta por onde saístes — a porta da inconsciência.

O homem pode sair deste mundo vivo.

Deve sair deste mundo vivo.

Essa é a própria natureza da obra que procura realizar.

Sair vivo do mundo significa sair conscientemente, desperto, consciente.

Sim.

A VIDA É MAGIA

Voltemo-nos agora para aquilo a que chamais árvores.

Tomemos as grandes árvores das florestas que hoje honrais.

Os grandes carvalhos, os grandes pinheiros, todas as árvores de vida longa.

As gigantescas sequoias já eram veneradas no meu tempo, embora isso tenha ocorrido cerca de quinhentos anos antes daquele a quem chamais Jesus Cristo. Tomemos a semente de uma dessas árvores. Um corpo muito pequeno, não é verdade? E, no entanto, contém a ordem para surgir, para se manifestar. Deste pequeno feixe de vida manifesta-se uma quantidade imensa de substância, elevando-se muito acima do solo, estendendo enormes ramos em todas as direções e produzindo incontáveis folhas e novas sementes.

Magia?

Sim.

Conheceis algum mágico vulgar dos palcos ou algum dos mágicos ambulantes do meu tempo que fosse capaz de produzir tanta matéria a partir de uma única semente?

Contudo, o homem possui esse mesmo poder: o poder de produzir uma árvore, de comandar o crescimento das plantas, de comandar o movimento das estrelas, bem como o movimento das mais diminutas partículas da matéria.

Mas essa capacidade existe apenas como potencial da sua natureza, até que seja realizado um trabalho sobre a sua consciência que lhe permita manifestar tais condições. É muito semelhante à energia contida nas minúsculas partículas que hoje chamais átomos. A energia não está ali de forma ativa por si mesma; existe apenas como potencialidade. Não é assim? E quando se realiza trabalho sobre essas partículas, de acordo com a quantidade de energia nelas projetada, elas produzem uma manifestação mais abundante.

Tal como a semente, que é comandada por aquilo a que chamais, de forma algo vaga, as forças da Natureza. Depois de criadas as condições adequadas, a planta cresce. Mas o que é que realmente cresce? Existe tanta matéria dentro daquela pequena semente?

Não. Ela reúne-a a partir da Mente. É energia mental. E a energia mental cria todo este vasto estado de existência.

Ao observarmos uma semente de qualquer espécie, descobrimos que aquilo que nela existe é apenas um pensamento, uma ideia, nada mais. A ideia de uma estrutura. Essa ideia torna-se o projeto, o molde. A partir dela é formada a árvore primordial das sequoias, assim como todas as outras espécies vegetais, toda a vida animal, a vida marinha, a vida selvagem e o

próprio homem. Eu reapareço na Terra como uma ideia. Uma ideia inacabada.

Porque razão uma árvore, ou qualquer planta, cresce até determinada altura e depois pára? Porque a ideia foi completada.

A semente já não tem mais nada para dizer. Parou de falar. E assim também acontecerá com o homem. Quando já não tiver mais nada para dizer, deixará de falar e tornar-se-á aquilo de que antes falava.

A vida é magia. Vós sois o mago.

Ide e completai os vossos estudos, para que também vós possais aprender a deixar de falar. Foi uma grande honra vir falar convosco.

* * *

25 de maio de 1950, Mark Probert, Controlado por Yada Di Shi'ite

O Yada fala primeiro na sua antiga língua Yu, e gesticula para indicar um disco voador e uma pequena criatura, conforme subitamente percebido pelos ouvintes que tinham estado a olhar e a discutir a descrição e as ilustrações em rotogravura de um jornal de Colónia, Alemanha, sobre a aterragem de um disco com um pequeno homem ocupante, no Arizona. O Yada começou então a falar em inglês.

«É maravilhoso, quando de repente vemos a luz, iluminamo-nos, o rosto torna-se como o sol. Isso é verdade em relação a toda a nossa tentativa de aprender sobre a vida. Lutamos às cegas, tentando compreender, mas a vida para nós é como uma língua estrangeira. Olhamos para ela com apatia, sem compreensão, e depois, num momento, uma pequena coisa que é a chave torna-se subitamente clara para a nossa forma de pensar e, puf! Iluminação! Compreensão!

Esforçai-vos, lutai encosta acima. Alguns de nós, sem pensar, apanham pedras e metem-nas nos bolsos. Estas pedras são dificuldades, problemas. Guardamos estes problemas e sobrecarregamo-nos com eles e tornamos o caminho para cima muito mais difícil. Vamos tentar esquecer o colocar as pedras nos bolsos. Não as apanhemos, mas tentemos encontrar uma forma de subir por cima delas. Não vale a pena movê-las, é melhor passarmos por cima delas; pois se as movermos elas continuarão lá para aqueles que vêm atrás de nós, de qualquer forma.

Existem formas infinitas de lidar com a vida. Foi dito ao homem que tudo é simples: não há nada complicado. De cada dificuldade, dizem-nos, "isto não é nada". Ou, se não conseguimos compreender, o professor diz-nos: "simplesmente ignora isso; nós pensaremos por ti". Assim fomos ensinados que a vida é toda comum. A vida não é comum! Há muito para

aprender. Podeis apanhar uma flor e olhar para ela e dizer que é apenas uma flor. Existem milhões de flores. Elas vêm e vão com as estações.

Raramente pegamos numa flor e a examinamos e nos perguntamos como ela cresce, onde vai buscar a sua cor e perfume, por que razão cresce assim, porquê estas cores específicas. A erva é verde. Por que é que a erva é verde. Não estamos interessados nisso; simplesmente caminhamos sobre ela.

O homem originou-se daquilo que se chama o Jardim do Éden. A vossa Bíblia cristã diz isso. Duas pessoas começaram o problema e todos os restantes de nós têm de pagar por isso. Isto é, tivestes de pagar por isso até que um homem chamado Jesus O Cristo apareceu e pagou a penalidade por todos os vossos erros, o vosso "pecado" e maldade. Então pudestes seguir em frente e pecar tudo o que quisésseis porque ele já tinha pago por vós o fazerdes. Sobre isto, o homem constrói os seus grandes templos. Nunca lhe é dito que ele é o único responsável por tudo o que acontece, que não pode transferir a sua responsabilidade para os ombros de outro. Por cada pequena coisa que pensais, agis, e por cada ato, tereis de pagar mais cedo ou mais tarde, não apenas após a morte, mas agora. Esta é la lei da causa e do efeito.

Por um momento desejo falar daquilo a que chamais "discos voadores" ou "pratos". É comum, não é? Nada de invulgar, não é? Estais a ter ilusões. Estais com problemas de visão. Uma grande parte de vós deve estar com problemas de visão; nenhum de vós os tinha antes de os pratos se tornarem comuns? Não, tenho de falar a sério, meus amigos.

Estes discos não vêm de planetas, isto é, não de outros corpos como a vossa terra, nos céus, nem é a primeira vez que estas coisas vêm ao plano terrestre; elas têm vindo ao longo de séculos incontáveis. Não há outra palavra em que possamos pensar, se deveis ter um lugar de onde elas venham, então a Etéria. Justamente dentro disto a que chamais espaço vazio, o qual está a fervilhar de vida e inteligência. Fora disto, vós viestes e toda a matéria. Nisto, existe uma grande, grande civilização.

De onde havemos de supor que vêm as ideias de todas estas grandes civilizações do passado, bem como do presente? Do nada? Não fora do ar, mas no ar. E não é ar, mas substância. No entanto, o eu dizê-lo não vo-lo prova. Deveis, se desejais aprender mais, tentar compreender a matéria e a causa de a matéria se unir para tomar forma e voltar aos mui, mui antigos ensinamentos da vida. Então vereis a que nos referimos quando falamos do éter ou *lokas*. (Não gostamos de nos repetir com demasiada frequência porque se torna enfadonho, mas o homem aprende através da repetição.)»

«Velocidade, velocidade de quê? Da matéria. Nesta era presente, o homem sente que é bastante bom, que tem um conhecimento consideravelmente avançado das leis da aerodinâmica. Ele não sabe o que ainda está reservado para ele. Estes discos são movidos pela lei da luz, a luz a atuar como pressão. Ora, podeis pegar na luz — tendes a eletricidade —, podeis pegá-la lá em cima, dentro do balão de vidro. Ergueis a vossa mão. Não sentis nada, dizeis vós. Mas hoje tendes instrumentos que são capazes de medir a pressão dessa luz. Agora imaginai uma máquina que seja capaz de captar ondas de luz num grande refletor e fazer com que essas ondas de luz sejam projetadas de novo sobre um objeto. Esse objeto mover-se-ia com a velocidade da luz. Não? Quereis debater comigo?

Estas coisas não viajam apenas através dos vossos céus, mas viajam através de sistemas solares inteiros. A sua quantidade daquilo que se denomina "solidez" depende do corpo em que entram ou com o qual entram em contacto. Se elas entrassem no campo gravitacional de outros corpos dos céus, alguns de cuja matéria é de uma densidade tal que um pedaço muito, muito pequeno pesaria uma tonelada, por isso elas têm de se regular de acordo com o corpo com o qual hão de entrar em contacto.»

H.R. Poderiam ser tão pequenas como a imagem que estamos a ver?

«Sim, e porquê, perguntais-vos vós, tão pequenas? Menos dificuldade com esse tamanho. Noutra condição qualquer, elas terão corpos maiores, pois elas não são mais sólidas do que, diria eu, vós, porque vós só sois sólidos para a "solidez" deste mundo em particular em que estais a viver. O vosso peso não é de acordo com algo no vosso corpo; o vosso peso depende da solidez deste mundo em que estais a viver. Nalguns outros, flutuaríeis por ele; nalguns outros, não vos conseguiríeis mover.»

H.P.F. Perguntou sobre a autenticidade das imagens do jornal.

«Sim, são autênticas e muito boas.»

H.R. Por que razão não temos essas imagens nos nossos jornais americanos?

«Porque aqui deste lado sois um país livre, sois livres de escutar aqueles que vos dizem o que eles querem que saibais. E não estou a ser faceto.

Agora não fiqueis entusiasmados nem preocupados, mas no passado, quando a civilização atingiu o seu pico, ou quando algum grande cataclismo da natureza está prestes a acontecer, estes seres vêm para fazer o registo de tudo o que foi alcançado. Eles também tomam notas muito cuidadosas da condição da terra. De uma certa forma de falar, eles são guardiões da terra. Quando um grande cataclismo veio à terra e destruiu uma civilização existente, estes seres têm todo o conhecimento dessa

civilização guardado e pronto para o devolver à civilização que há de erguer-se dos escombros do passado. Ele é devolvido a esta nova civilização através de organizações secretas e místicas. Sempre foi assim, que certos indivíduos devessem saber certas coisas, enquanto outros não sabiam; estes não estão preparados para saber. Talvez essa seja a razão pela qual aqueles que dirigem o vosso governo não deixam o povo saber acerca disto.»

H.P.F.: Os funcionários do nosso governo sabem acerca disto?

«Eles próprios não compreendem. Em breve dizemos-vos que haverá muitos, muitos mais deles nos vossos céus, e se forem atacados demasiadas vezes, isso trazer-lhes-á grandes problemas.

Ora, não quero dizer com isto que eles se possam simplesmente dissolver e passar imediatamente para o estado etérico. Esta mesa em que estou a tocar acabará por voltar para o estado etérico, mas de acordo com aquilo a que chamais tempo.

O homem tem um longo caminho a percorrer antes de compreender a natureza da matéria. Bastantes vezes, estas naves etéricas aparecem no vosso céu numa cor e depois mudam para outra e outra cor. Estas cores são simplesmente reflexos de luz; estais a receber luz refratada.

Agora não há nada de que ficar perturbado. Estais a viver numa era maravilhosa, mas apenas no maravilhoso da vossa própria era. No passado, houve eras tão maravilhosas à sua maneira.»

F.C.R. Como é que estes discos podem ser destruídos?

«Porque assumiram a natureza do vosso mundo tridimensional e, enquanto estão nele, encontram-se sob as mesmas leis, as leis gravitacionais do vosso mundo, etc.»

F.C.R. E os ocupantes têm sentimentos?

«Oh sim, senhor, pois o sentimento não está no corpo, mas na mente. Podeis provar isto dando a uma pessoa o que se chama um anestésico ou colocando-a sob hipnose. A esse indivíduo que tendes sob o encanto da vossa perceção, podeis fazê-lo acreditar que se encontra sozinho numa sala, embora a sala possa estar cheia de gente. Ele não saberá que mais alguém está lá, porque mudastes o sentido de perceção dele. Não fizestes nada ao corpo. Esta consciência chamada personalidade, quando fica sob o encanto do corpo, cai nessa crença.»

(Um cão entra na sala. O Yada fala sobre os cães muito grandes e ferozes do seu tempo que guardavam as propriedades dos ricos.)

«Então, mudastes? Não tendes grandes propriedades para alguns enquanto muitos vivem na pobreza? Não, com todos os vossos cientistas de pé por aí, de boca aberta perante a maravilha das suas descobertas, eles não

fizeram praticamente nada para melhorar os caminhos e as condições daqueles que não são suficientemente fortes ou talvez suficientemente inteligentes para agarrar enquanto o agarrar era bom.

Ora, nós sentimos que os bens são bons; cada homem deve esforçar-se de acordo com o seu próprio caminho, mas não pensais que o homem estaria melhor se tentasse ajudar o seu semelhante a ser tão brilhante ou tão forte quanto ele? Ou será possível que nesta era o homem ainda trabalhe sob a crença de que, se der parte do seu pão ao seu semelhante, não haverá mais pão e ele morrerá de fome também.

Meus amigos, nada vem à terra sem que as coisas necessárias para a sua existência já lá estejam, desde a mais pequena formiguinha até à maior criatura em tamanho, para não mencionar o cérebro. Supõe-se que o homem seja o ser pensante, mas parece que o seu pensamento diz respeito principalmente a si próprio. A maioria dos animais considera-se uns aos outros melhor do que isso. Em que é que o homem reivindica a honra de ser o pensante sobre a terra quando cria a guerra contra a sua própria espécie? É porque ele não sabe que nasceu através da lei do amor e não através da lei do pecado.

Muitas vezes fomos questionados sobre se somos ou não espíritos malignos porque não acreditamos no pecado. Muitas vezes fomos chamados por nomes ingleses muito estranhos porque não acreditamos que uns poucos devam ter riqueza enquanto a maioria vive na necessidade. Hoje tendes inimigos a quem chamáveis vossos aliados durante a última guerra. Saudava-los com um sorriso na altura. Eles faziam o mesmo convosco. Aqueles que se supunha estarem encarregues dos destinos das nações tinham os seus livrinhos pretos guardados de lado, dizendo a estes: "Assim que terminarmos esta guerra, aniquilar-vos-emos a vós também".

Esse é o tipo de coisas que eles contam — *stuff* é uma palavra engraçada. Apanho estas palavras estranhas do cérebro do rapaz. Muitas vezes, quando estamos a correr pelo seu cérebro, deparamo-nos com todo o tipo de coisas peculiares. Não há muito tempo, o meu honrado colega usou a expressão *O.K.* e estava lá um cavalheiro do seu próprio país que disse: "*O.K.*? Isso soa muito estranho vindo de si". Se estais a usar uma máquina, ides obter dessa máquina as mesmas coisas de que ela é feita. Muitas vezes as pessoas saltam para o que consideram coisas tolas, mesmo sem saberem o que essas coisas tolas são.

Na outra noite, um dos vossos aviões passou por cima da casa enquanto eu estava a falar através do rapaz e sofri grandemente porque estava a sentir a reação física do corpo do rapaz. Se eu não estivesse em estreita proximidade com o corpo, não o teria sentido de todo, mas senti-me

como se uma pressão terrível estivesse a ser exercida sobre mim; estava a pensar em mim próprio como um corpo. Isso parece-vos estranho? Muitas vezes, alguns de vós esquecem-se de que têm um corpo. Não estais de todo conscientes do que vos rodeia.

Portanto, não estais conscientes de vós próprios como um corpo. Se alguém viesse e vos batesse enquanto estais nessa condição, poderia deixar-vos inconscientes, se é que já não estais inconscientes. Pois libertastes-vos da vossa perceção do vosso corpo; e é isso que acontece quando a coisa temível chamada morte ocorre. Mas isso nem sempre é verdade. Este é o estado pelo qual deveis esforçar-vos, mas tão poucos são capazes de o alcançar. Quando passardes para o meu estado de perceção, se não sabeis estas coisas, encontrar-vos-eis ainda muito conscientes de serdes um corpo. E os vossos desejos permanecem e mantêm-vos no ambiente desejado na terra. É isto que causa as assombrações. Um indivíduo foi muito infeliz num determinado lugar, ou foi muito feliz lá, e em qualquer dos casos ele há de assombrar o que o rodeia.

Mais uma vez, poderíamos fazer uma analogia com o vosso mundo dos sonhos. Quão frequentemente os vossos sonhos vos levam de volta não apenas através dos anos, mas através daquilo que também se pode denominar espaço? Alguns voltam à casa onde outrora viveram. As pessoas mais velhas podem voltar como crianças pequenas. Portanto, a vossa velhice não reside na vossa mente, mas apenas no vosso corpo, e dais a sensação de velhice pela forma como pensais. Criais uma perturbação química por todo o corpo que o envelhece.

Há pouco, estava a falar de *"stuff"*. O que eu queria dizer era que o indivíduo comum que não tem uma grande propriedade para ser protegida por cães não tem guerra no seu coração, nem ódio pelo seu vizinho. Aqueles que propagam todas as guerras têm sido aqueles que têm algo a guardar dos escravos que os tornavam confortáveis. Hoje, estais a pregar no vosso país: "Não mateis os japoneses; eles são seres humanos, são filhos de Deus". Há uns anos, era: "Matai todos os japoneses; eles pertencem ao diabo". Era o nome dos alemães e de todas as pessoas com quem estáveis em guerra. Esta condição é terrível. Ela ajuda as guerras.

Agora tendes o espetáculo assustador chamado "O Russo". No coração do homem comum na rua, evoca-se uma visão de algo bastante horrível, estes russos — e cada um deles tem uma bomba para atirar pela vossa chaminé. E, claro, aos russos é-lhes dita a mesma coisa a vosso respeito. A única maneira de quebrar esta cadeia de ganância é exigir o contacto direto com o vosso semelhante em todos os países. Se aqueles que estão no poder na Rússia, bem como aqueles que estão no poder no vosso

país, permitissem ao homem comum fazer contactos uns com os outros, não haveria guerra. Mas agora deixaremos estas coisas para trás, a menos que desejeis dizer algo sobre elas.»

F.C.R. O meu argumento sempre foi o de que, se não houvesse fronteiras, não haveria guerras.

«Provavelmente sim, senhor.»

Sra. C.: Precisamos de um governo mundial?

«Precisais exatamente disso. Mas para muitos, no momento em que isso é mencionado, começam a falar de ditadores. Penso que no vosso país existem dois, como lhes chamais?»

C.L.A. Dois partidos, Democratas e Republicanos.

«Sim. Ora, eu acredito que "Democracia" significa amor fraternal. Está correto?»

O homem responde: «Falando de uma forma ampla.»

«Sim, mas penso que não de forma suficientemente ampla. Demasiadas vezes não tendes maneira de saber se estais a colocar um charlatão ou um ditador no cargo. Só podeis saber aquilo que vos dizem.

Ora, eu tenho grande fé no homem, desde que ele não esteja sob a pressão da fome e da necessidade. Se for esse o caso, então não tenho no homem a fé que tenho no animal, no cão. Porquê? Porque mesmo se estiver cheio de fome, o cão amará o seu dono, mas o homem suspeita sempre do seu semelhante de duplicidade. Não é isto verdade? Vamos mais longe. Porque a vossa igreja cristã se considerou uma organização mundial e o único caminho verdadeiro para Deus, eles mostram esta crença levando aos chamados pagãos o Livro Sagrado numa mão e uma espada na outra, dizendo: "Tu és um pecador; não acreditas naquilo em que nós acreditamos; nós matamos os pecadores". Muitos foram mortos dessa maneira pelo amor ao dinheiro, à dominação, não pelo amor a Deus. Alguns, muito poucos daqueles enviados para fazer trabalho missionário entre os povos do mundo, sentiram um sentimento honesto de amor no seu coração por aqueles a quem iam...»

C.F.: E quanto a Albert Schweitzer, o missionário alemão mundialmente reconhecido que deu a sua vida de forma altruísta pelos oprimidos em África. Que influência terá ele no nosso futuro?

«Diz-se no vosso Livro Sagrado: "A colheita é grande, mas os ceifeiros são poucos, e muitos são os chamados, mas poucos os escolhidos". Um homem como ele, de quem falais, deixa impressões muito profundas e eternas nas leis harmoniosas da vida chamadas Deus, e os seus atos hão de voltar-se para o mundo e gerar muito bem. Como o vosso Mestre, o Cristo, que, se não fosse pelo entendimento dos grandes, a sua

missão teria sido considerada um fracasso, mas, tal como este Doutor, o Mestre, Cristo, não veio para salvar o mundo, mas veio para obter maior entendimento para si próprio.

Ora, isto pode parecer egoísta, mas se tentardes olhar para isso com o olho interior, vereis que nós, como indivíduos — e quero dizer muito, mesmo muito, este nós como indivíduos —, somos o mundo. Não existe outro ser senão vós, EU SOU a eterna e única consciência. O vosso Mestre, o Cristo, sabia disto e tentou incutir isso no povo, que cada indivíduo é o seu próprio mestre e o seu próprio Deus. É fútil erguer os vossos braços para rezar a algum ser distante. Rezai aqui (tocando no seu peito), pois Deus está aqui. O homem é tanto Satanás — *huh*, estou a sentir pena desse homem Satanás — como Deus.»

E.B. Quer dizer que, quando alguém reza, não há ninguém fora de si próprio que ouça e responda?

«Quero. Ora, minha querida, não sei como colocar isto em palavras que não confundam. Desejo do fundo do coração tornar a imagem clara, de que isto em que vós e eu estamos — e estou a usar a minha mão para mostrar (fazendo um gesto de inclusão geral) —, é a consciência. Fora desta consciência vós viestes, e no entanto, vós sois ela. Esse vir é meramente uma ilusão.»

E.B. Mas não temos guias do outro lado a quem nos possamos dirigir? E quando dizemos orações ou *mantras*, não são estes sons enviados boca fora, para que os nossos guias os oiçam?

«Sem dúvida que sim. Ora, quando digo que sim e depois que não, parece que estou a falar de uma forma confusa. Digamos que há um gerador de eletricidade aqui, e ao longo desta linha, diremos, há toda uma linha de lâmpadas, talvez com a extensão de uma milha. Elas serão de tamanhos diferentes, de formatos diferentes, de cores diferentes e de potências diferentes. Ora, a eletricidade, embora lhe possais chamar um fluxo, não está a fluir numa corrente contínua e sólida, mas está a correr em pequenos impulsos. Hoje chamais a isso trabalhar na teoria quântica. Ora, eu estou a considerar que estas lâmpadas representam os seres humanos como indivíduos. Cada uma dessas lâmpadas sente que é diferente e separada da que está ao lado. Uma diz: “Eu sou uma lâmpada azul e tenho um desenho muito bonito no meu vidro”, e a outra descreve-se de uma forma diferente. Cada uma acreditando que está separada da outra. Mas se estendais o braço aqui e desligais a corrente, o que acontece então? Todas elas se apagam.

Ora, não podeis desligar a força da vida tal como não podeis desligar a força elétrica. Podeis desligá-la aqui, em todas as formas mecânicas por

toda a vossa terra, mas continuais a tê-la na atmosfera. A energia da vida é de natureza elétrica. Se a faísca ou o impulso se pudesse evaporar e tornar-se completamente aniquilado, significaria a aniquilação do fluxo elétrico completo. Pois são as muitas faíscas, os muitos impulsos que vão constituir o fluxo. O fluxo não é nada por si só. É como se estivésseis a deixar sair água de uma mangueira. A água vem numa corrente contínua? Não, sai em pequenos glóbulos. Compreendeis o que estou a tentar dizer? As palavras são tão tolas. Elas não pintam uma imagem verdadeira.»

E.B. Então não vale de nada rezar?

«Minha querida senhora, escute. Esteve diante de mim muitas vezes e já me ouviu falar muito. Já me ouviu rezar?»

E.B.: Sim.

«A oração é uma grande necessidade.»

E.B.: Talvez eu não compreenda. Não tenho a intenção de ser argumentativa.

«Não, não, é para isto que eu venho. É para isto que fazemos o rapaz passar por tantas dificuldades.»

E.B.: Às vezes penso que quer dizer que estamos apenas a apelar à nossa própria consciência; depois outro diz-me que a oração é uma coisa muito poderosa que lançamos na atmosfera. Sinto que deveríamos estar a apelar a alguma consciência mais elevada do que a nossa.

«Ah, bom — alguma perceção mais elevada do que a vossa no vosso estado atual de compreensão do mundo e de vós próprios. Estes pequenos impulsos a que chamamos "maiores do que eu", são maiores porque têm uma maior compreensão da vida. Ora, quando digo que isto aqui fora (indicando o espaço) é consciência, é exatamente isso que quero dizer.»

Pergunta: Como rezaria?

«Eu apelo ao meu estado mais elevado de perceção, o qual sei que existe, mas no meu estado atual, sei apenas aquilo que me é dado saber, neste momento. Ora, esta outra consciência não é perceção corporal..... Tenho de ir.»

22:00 Yada retira-se.

22:30 Novo Controlador **Cotton Mather**

«Posso entrar? Talvez eu possa ser suficientemente presunçoso para dizer que alguns de vós possam ter sabido de mim. Já lá vai algum tempo desde que tive a honra de usar o corpo deste homem. Não tenho frequentemente a oportunidade de ouvir a minha própria voz novamente no plano terrestre. Sabeis que é muito agradável para o ego ouvir a própria voz.

Estive a ouvir a vossa conversa há pouco, relativamente aos escritos do Livro Sagrado. E alguns de vós, estou certo, estão bem conscientes do papel que desempenhei nos dias da bruxaria. Muitas, muitas almas inocentes foram submetidas à tortura mais condenável em nome do Mestre, Cristo. O Mestre, Cristo, ensinou uma coisa e, se o homem tivesse escutado e agido de acordo com esta única e solitária lei, nenhum do sofrimento por que o homem passou em todos estes muitos, muitos anos ele teria tido de passar. O que é isso? Amai-vos uns aos outros. O que é que vale a pena, meus amigos, além disso? Por que razão o homem disputa acerca dos escritos deste Livro Sagrado. Tudo o que ele tem de fazer é seguir o único apelo que o Mestre fez. E

o que é o amor? Compreensão — compreenderem-se uns aos outros. Se cada um de nós apenas chegasse à tomada de consciência de que nós, como indivíduos, todos temos as mesmas e idênticas emoções, os mesmos centros sensoriais, não seríamos propensos a trazer dor uns aos outros. Não seríamos propensos a opor-nos àquilo que outro quer fazer. Ajudá-los-íamos, ajudá-los-íamos a realizar os seus desejos, qualquer que fosse esse desejo, com a oração nos nossos corações de que esse desejo seria bom para aqueles que estão ao nosso redor e à nossa volta.

Nenhum de vós jamais viu, estou certo, uma queima na fogueira ou o arranque de línguas ou o deitar de chumbo derretido nos olhos ou na boca ou ver um ser humano no potro — tudo em nome de Jesus Cristo. Olho para trás agora e vejo os meus próprios erros, as minhas próprias falhas.

Será que isso muda o erro? Não. Apenas olhar para trás e preocupar-me e arrepender-me de ter cometido erros não faria um único pedaço de bem. A vida não reside nos ontens nem nos amanhãs, mas nos hojes.

Nos ensinamentos da meditação, de que nessa altura eu não tinha compreensão, descubro que, se alguém medita sobre os atos do seu passado, só pode beneficiar de tal meditação se o fizer a partir de um sentido de desapego daquilo que observa. Só podeis aprender o valor de um erro olhando para esse erro a partir de um sentido de desapego. Podeis ver então o que fazer em qualquer futuro que possa haver. O Mark apenas aprende por tentativa e erro. O pecado não é algo de que o homem possa escapar, pois o pecado significa apenas erro, não ter compreensão.

Ora, um de vós pode ir ter com um dos vossos semelhantes que está a fazer o que chamais errado e chamais a sua atenção para isso e dizeis: “Irmão, os teus caminhos levar-te-ão a um mau fim”. Agora vamos raciocinar connosco próprios. Como é que nós, como indivíduos, fazemos de nós próprios a lei? Como podemos tornar-nos um padrão a ser estabelecido para outro? Como podemos saber dos desejos ardentes desse

outro, os quais são a sua vida? Devemos nós atirar a primeira pedra? Somos nós assim tão incapazes de cometer erros? Quando o Mestre disse: "Aquele que estiver sem pecado, que atire a primeira pedra", por acaso Ele próprio atirou essa primeira pedra? Não mostrou isto que Ele sentia que restava ainda muito à Sua frente para ser aprendido, que Ele não estava acima da capacidade de cometer erros?

O homem tem uma forma peculiar de pensar na sua divindade e nos profetas do seu Deus. Jesus Cristo, o único Filho de Deus? Disse Ele isso? Não, meus amigos, pois Ele sabia que cada homem é um Filho de Deus. Estas afirmações que se encontram na vossa Bíblia Sagrada são certamente erros intencionais feitos para manter o povo na ignorância da verdade. Se este homem, Jesus, tivesse vindo ao mundo de qualquer outra forma que possa roçar aquilo a que alguns possam chamar o sensacional, o místico, tal como o que é ensinado sobre o nascimento virginal, então todos os seus sofrimentos, assim chamados, não foram sofrimentos de todo, o Seu morrer na cruz não teria valido o esforço.

A virgindade e o nascimento do Cristo não residem no corpo, mas sim no facto de que Ele nascer em sabedoria e em entendimento, e na pureza do conhecimento. E como foi isso? Não por nenhum processo místico, mas pelo curso natural da lei de que Ele tinha vivido muitas, muitas vidas antes e tinha acumulado a maior compreensão da vida através de uma série de experiências no corpo físico e nos planos astrais. E na Sua última aparição na terra, Ele haveria de passar pela iniciação final e grande, pela qual vós, como iniciados, todos tereis, um dia, de passar para obterdes a libertação da roda da vida material.

Ah meus amigos, creiam-me, o tempo é demasiado curto para eu fazer mais do que tocar num assunto muito, muito profundo. Tenho de ir agora, mas antes de partir, peço apenas que tenteis no vosso viver diário ser de serviço ao vosso semelhante em todos os lados. Amai-vos uns aos outros, e com este amor virá a maior compreensão. Deus vos abençoe, e boa noite.» (Cotton Mather retira-se)

Controlador: Professor Alfred Luntz: (Após mensagem pessoal a C.L.A.)

«Não ficarei muito tempo. Alguém de vós tem algo a dizer-me antes de eu partir?»

H.R.: Uma vez esteve a brincar sobre ver através dos olhos do Mark para poupar os seus — eu queria perguntar como é que os homens nesses discos observam as nossas atividades aqui? Conseguem eles ver a essa grande distância?

«É demais tentar expressar isso agora. É um assunto de longe demasiado profundo para eu dizer sim ou não.»

H.P.F. Suponho que seja uma atividade mental e, portanto, não exista tal coisa como a distância?

«O que disse está bastante perto da verdade da questão, mas, claro, é mais detalhado, pelo que terei de esperar por outra altura.»

(Para o rapaz ao fundo da sala [Bruce Monks].) «Estou vivamente interessado nos jovens, e este rapaz tem um futuro mui, mui bom pela frente. E mais, ele tem uma mente séria. Com um pouco de incentivo, como o que lhe estais a dar, ele irá longe. Se, nalgum momento, houver algo que ele deseje fazer, antes de lhe dizerdes "não" ou "sim", descobri o porquê. Qual é o seu verdadeiro propósito ao fazê-lo? Mas tentai não dizer "não" sem primeiro descobrirdes isso. Sabeis, as crianças são crianças apenas no corpo. Na mente, elas não têm idade. Algum dia dir-vos-ei como podeis provar isso. Boa noite.»

O Prof. Luntz retira-se.

* * *

8 de julho de 1950 – Mark Probert **Prof. Albert Luntz**, Controlo Presentes: O Dr. e a Sra. Gilbert N. Holloway, Irene Probert, Fred A. Rolloson, Jr., o Sr. e a Sra. Paul B. Foster.

(Em resposta à pergunta do Dr. Holloway sobre o que os presentes podem fazer para agir de forma construtiva e prestável nestes dias cruciais).

«Senhor, deu-me uma tarefa difícil! No entanto, farei o melhor que puder com ela e depois verei o que tem a dizer. Para começar, nós do "Círculo Interno" vemos muito claramente que uma grande crise está à porta, que o mundo se depara com uma grande oportunidade, se é que se pode chamar oportunidade, de se destruir a si próprio.

A vossa civilização atingiu mais ou menos o seu pico; não desejo ser aquilo a que vós, americanos, chamais um "desmancha-prazeres", mas nós do "Círculo Interno" sentimos que todos aqueles que vêm ouvir-nos falar já atingiram o estado de saber certas coisas que baniu deles a maior quantidade de medo. Os acontecimentos futuros, senhor, não são de todo bons. A Rússia, os Estados Unidos, a Inglaterra e todo o mundo vão andar à canelada uns com os outros.»

G.N.H.: Pode dar um limite de tempo, dentro de dois ou três anos, talvez?

«Ora, senhor, como dissemos antes, o tipo de mentes que está por trás do que está prestes a acontecer é de uma natureza tão errática que é difícil para nós dizer exatamente um ou dois anos, mas, senhor, o mais tardar dois

anos, o mais tardar. Estamos muito inclinados a acreditar que em menos de um ano isto se tornará generalizado e sangrento, menos de um ano. Olhemos para as condições. Para começar, senhor, a religião desempenha um papel extremamente importante em toda e qualquer guerra.

Ora, nós do "Círculo Interno" somos bastante indiferentes aos credos do homem no plano físico, às suas crenças ao longo das linhas religiosas. Sentimos que cada um tem o direito de acreditar no que quiser. Muito disso pode ser errado aos vossos olhos, mas se esses indivíduos estão a encontrar um estado de equilíbrio e contentamento nas suas crenças específicas, como podemos condená-los? No entanto, podemos dizer que esta guerra vai ser grandemente ajudada, mui grandemente, pela hierarquia da Igreja Católica Romana.»

G.N.H. A fim de protegerem os seus próprios interesses?

«Sim, senhor, exatamente; porque eles acreditam que este é o fim, ou que o será em breve, se não agirem imediatamente para proteger os seus interesses.

Ora, o Comunismo, como sabeis, no seu verdadeiro significado é a doutrina da fraternidade, tal como na Democracia, mas, da forma como está agora a ser usado, é uma coisa brutal, uma coisa inteiramente selvagem e materialista. E isto esmaga de tal modo o crescimento do homem que ele não consegue progredir no próximo plano de consciência.»

G.N.H.: Um comunista morto está realmente morto?

«Sim, senhor, está, pois não se encontra preparado para a vida em nenhum outro plano que não o materialista, e está verdadeiramente confuso e perdido. Mas, claro, como sabeis, isto não significa que ele esteja permanentemente perdido; mesmo o comunista mais ignorante não está verdadeiramente perdido, pois existem muitos no meu lado da vida que cuidam para que ele chegue a uma melhor compreensão da vida; eventualmente ele é despertado para uma melhor compreensão.

Olhemos para trás, ao longo da história da vida do homem na terra, e o que encontramos? Sacerdote, rei e escravo! Enquanto existirem indivíduos que sejam tão irrefletidos ao ponto de desejarem que outrem pense por eles, haverá sempre escravos. Isto é apenas justo.

Ora, é bastante fácil para nós deste lado da vida, deste plano de consciência, dizer: "Não tenhais medo!" e esperar que o façais. Mas, amigos, estais a viver num tempo extremamente crítico. É raro falarmos tão abertamente a um grupo; só o fazemos quando conhecemos o estado de consciência daqueles a quem falamos. Aqueles no estado de perceção que vós alcançastes não se vão deixar conduzir pelo medo. Vós sereis os ajudantes, os professores, os guias quando estas coisas acontecerem.»

G.H.N.: O que devemos ensinar?

«Aquilo que o Mestre Jesus ensinou e que tem sido ensinado pelos Grandes Mestres ao longo de todas as eras: AMAI O VOSSO SEMELHANTE! E não apenas o vosso semelhante, mas todas as coisas. Pois tudo o que contactais foi criado por vós, é uma parte de vós. Não odieis nenhum homem, nem mesmo aqueles que têm de ser vossos inimigos. Imploramos-vos, se tiverdes de matar, não mateis com ódio!»

H.P.F. E quanto aos nossos jovens que devem ser levados a odiar para que matem? (A Guerra da Coreia)

«Estes jovens, minha querida, não estão a matar com ódio, por mais estranho que isso possa soar. Estão a matar com medo. Observai um animal a espreitar a sua presa na floresta. Cada movimento é de cautela; ele não está a matar com ódio, mas com medo, pois essa é a sua forma de autoproteção. O homem em geral, nas guerras, mata indiscriminadamente, sem pensar.»

8 de julho de 1950

G.N.H.: Vê uma grande dizimação da raça?

«Sim, senhor, vemo-la.»

G.N.H.: E o uso da bomba atómica?

«Sim, nas últimas fases. Quando um dos lados se encontrar em grande perigo de perder, usá-la-á. Isto, senhor, tem de ser. É necessário para limpar a Terra dos inconscientes, dos cegos, dos estúpidos e dos gananciosos.»

G.N.H.: Pode dizer-nos que percentagem sobreviverá?

«Senhor, não gosto de fazer declarações sobre isso. Não estou a esquivar-me à pergunta, mas preferia não o fazer.»

G.N.H.: Importa-se de nos dizer se a América vencerá?

«Se ela não vencer, senhor, o mundo sofrerá de cinco a dez mil anos de trevas, de crime e de degradação tais que não se pode imaginar. Não haverá lei nem ordem em parte alguma.»

G.N.R.: Dificilmente um paraíso comunista!

«Com toda a certeza que não. Ao longo de todas as eras, o homem tentou criar um paraíso material. Estou certo de que sabe, senhor, por que razão essas utopias não podem acontecer: porque cada indivíduo pensa de uma maneira diferente dos outros e cada indivíduo é, portanto, um pau de dinamite que fará explodir pelos ares cada paraíso incipiente.»

F.A.R.: E quanto à destruição da Costa Oeste por sismos?

«Essa é outra coisa a ser considerada. Temos dito frequentemente que os Guardiões Etéricos da Terra vão fazer tudo o que puderem para impedir o uso do poder atómico, porque essa arma invade o mundo deles. Não

acredito que eles vão permitir o uso da mesma. O que é suscetível de acontecer é que estes Guardiões da Terra possam ver que é vão tentar travá-los de outra forma que não por tremendos sismos e tempestades. A maior parte deste abalo pode ser feita acontecer no ar, sem necessariamente sacudir a Terra. Alguma vez estivestes num sismo atmosférico?»

I.F.: Quer dizer um furacão?

«Não, não, um sismo real no ar. Existe uma força que se pode fazer exercer sobre o éter. Ora, o éter, do nosso ponto de vista, é cem mil vezes mais denso do que qualquer matéria que conheçais. Conseguis imaginar quais seriam as consequências de um sismo nessa matéria etérica? A vossa bomba atómica pareceria ridícula em comparação. Tendes algo disso na arma do som. O som, a certas taxas elevadas de vibração, pode causar a loucura, pode causar a paralisia. O uso do som, portanto, pode ser de longe mais devastador do que qualquer bomba atómica, e sobre uma área maior.»

G.N.H.: Isso foi desenvolvido pelo nosso inimigo?

«Não, mas pelas vossas forças americanas atuais. (Espero não estar a dizer nada que venha a comprometer o futuro deste rapaz.) E a guerra bacteriológica, que poderia trazer cidades inteiras como Nova Iorque, Londres, Paris, Chicago, mesmo às portas da morte. Por outras palavras, a população inteira pode ser eliminada sem destruir a propriedade de todo. Esse é também o propósito do som como arma, porque isso causará apenas paralisia temporária ou loucura nos habitantes sem danificar a propriedade, e não haverá lugar onde se esconder dele.»

G.N.H.: Os nossos inimigos desenvolverão isto?

«Não ao mesmo grau que os Estados Unidos. Quero falar agora dos "discos voadores". Em pouco tempo, escassos meses, um grande número destas coisas será visto. Elas vão manter o olho fixo no progresso desta guerra atual. Devo admitir que estou mui feliz por estar fora do corpo físico.»

H.P.F: Talvez nos juntemos todos a si daqui a pouco tempo, Professor Luntz!

«Bem, eu não gostaria de ver isso, embora ficasse mui feliz por vos encontrar no meu lado da vida; mas devo dizer que espero que permaneçais no plano físico o máximo de tempo que vos for possível, pois quanto mais tempo permanecerdes, melhor será o vosso estado quando vierdes para aqui. Deveis todos tentar ensinar o que puderdes àqueles que contactais, que há muito mais do que a vida física; que não há nada a temer na morte física; que cada um há de encontrar os seus entes queridos fora do corpo físico. Estas são coisas necessárias de ensinar. Isso tirará o aguilhão da

morte. Tentai ensinar isso claramente; sede precisos nas vossas palavras. (A consciência é a consciência, não importa em que corpo estejais!)

O lar original do homem era o Alto Etérico, embora eu use a palavra "Alto" não significando necessariamente algo acima de outra coisa, mas significando que é um estado de perceção pleno e completo. Toda a humanidade está a lutar para voltar a esse estado. A morte não é o caminho.»

H.P.F.: Quer dizer que, em vez disso, devemos aprender a dominar o corpo físico?

«Sim, deveis primeiro dominar o físico, porque ele é constituído por substância da mente — é energia —, e vós, o indivíduo, estais deliberadamente — não intencionalmente, mas deliberadamente — a deitar fora essa energia quando o corpo é feito passar pela morte e ser colocado no chão. O homem deve aprender a ser capaz de desintegrar e reduzir e levar consigo a substância de que esse corpo é feito. Não se diz que o corpo de Cristo nunca foi encontrado? "Os anjos vieram e rolaram a pedra", sim, os anjos da mente virão e rolaram a pedra da ignorância.

Por que razão os discos ou quaisquer fenómenos aéreos dessa natureza parecem tão fantásticos e inacreditáveis? Toda a matéria veio dessa condição, o estado de espírito. A matéria pode ser feita tomar forma naquilo a que chamais uma maneira espontânea, espontânea no que ao tempo diz respeito. Mesmo que seja apenas uma fração de segundo, continua a ser tempo. Se alguém há de ter um milhão de dólares, ou um milhão de libras, deve começar com um cêntimo ou dois tostões. Portanto, se é uma ação que leva apenas um mero tique no tempo, um mero tique é a eternidade, é sem fim.»

G.N.H.: Os discos vão ajudar-nos?

«Sim, vão, pois as Democracias detêm a última luz na terra; e asseguro-vos a todos que, se esta se apagar, será um dia triste e longo para a Terra. Já aconteceu antes, em Yu, na Atlântida, em Mu, em todas os grandes civilizações. Assim que o homem constrói uma grande civilização, ele mantém o seu semelhante na escravatura. Uns poucos têm grande poder, os restantes são mantidos como escravos. Ora, isto deve-se em grande parte ao facto de a taxa de natalidade num país se tornar demasiado grande. Onde uma cidade ou uma civilização produz mais do que o necessário, ela há de sofrer grandemente. Não diz a Bíblia: "No tempo da fartura haverá fome"?»

H.P.F. Mas não se aglomeraram essas almas devido à sua necessidade de reencarnação?

«Essa é uma boa pergunta. Mas por que razão haveria a porta da matéria físico-química de ser deixada aberta para que aqueles no plano astral inferior, que ainda nada aprenderam da vida, entrem em enxame? E eles são os que hão de entrar em turbilhão, porque o seu desejo pela vida física é maior.»

G.N.H.: Pode aconselhar-nos sobre se os parentes dos nossos amigos que estão na Alemanha Ocidental deveriam regressar a casa?

«Eles deveriam de facto ser aconselhados a fazê-lo; não deveriam ficar tanto tempo quanto dois meses.»

G.N.H.: Pergunto-me se também nos aconselharia sobre a viagem de conferências a Seattle que estamos a pLaynear, deveríamos ir como pLayneado?

«Sim, senhor, porque estais a fazer um bom trabalho lá e, portanto, o vosso tempo não é limitado. Estais a fazer o tipo de trabalho que deve ser levado por diante. Ora, minha querida, (para H.P.F.) sei o que estais a pensar!»

H.P.F. Acerca da minha família no Alasca.

«Sim, é um ponto extremamente perigoso, mas afinal, o que é que não o é?»

P.B.: Não é em parte culpa nossa?

«Mas, quanto à Europa, é uma civilização agonizante. Está nas suas últimas forças. A Índia, a China — a Índia, contudo, tem uma oportunidade de longe melhor de regressar ao grande estado que outrora foi do que a China. A China está perdidamente perdida.»

G.N.H.: Uma total indiferença ao sofrimento do homem! A jogar política com as almas dos homens!

«Sim, sem dúvida, senhor, total indiferença ao sofrimento do homem! A jogar política com as almas dos homens!»

G.N.H.: Política americana ou chinesa?

«Ambas, senhor. Uma vez foi-me dito algo pelo General Stillwell, tive o prazer de me encontrar com ele desde que ele veio para aqui. Chiang Kai-shek é definitivamente um dos piores governantes que a China já teve.»

P.B.: E quanto à Madame Chiang?

«Ela é uma grande amante do luxo físico e do conforto. Enquanto ela dorme entre lençóis de seda, milhões de pessoas inocentes — ia a dizer "crianças", mas não o direi —, pessoas inocentes morrem nas ruas, não de subnutrição, mas de fome. O sofrimento nesse país é inacreditável, senhor, e os missionários jogam râguebi com essa miséria.»

G.N.H.: Salvando-as para Jesus?

«Sim, salvando-as para Jesus! Será de admirar que o homem Jesus chorasse? Meus amigos, estas palavras do Mestre, Jesus, resumem a totalidade do seu ensinamento: "Amai-vos uns aos outros". Lembrai-vos dessas palavras: "Amai-vos uns aos outros!" Agora tenho de ir. Boa noite.»

O Professor Luntz retira-se.

* * *

14 de setembro de 1950 – Mark Probert – Presentes: Elizabeth Boddy, Lettye Erwin, O. Reynolds, Irene Probert, Harriett Foster.

1.º Controlo – Antonio Alvino, antigo aluno de Enrico Caruso, cantando "Dream" de Bartlett; seguido por:

2.º Controlo – Lingford, cantando "Old County Down" e fazendo alguns comentários relativos aos esboços de retratos que "o rapaz" (Mark Probert) fez dos membros do "Círculo Interno", conforme as semelhanças foram impressas na sua consciência.

«Muito bom, embora pense que ele me lisonjeou um pouco, fez-me parecer um nadinha jovem, e penso que ele poderia colocar algumas linhas, para eu não parecer tão inexpressivo, etc., etc.»

H.P.F.: Lingford, pode dizer-nos algo sobre as condições mundiais? E quanto a este desastre na Costa Oeste que o grupo da Florida nos escreveu dizendo ter sido previsto? Creio que o Professor Luntz disse que iria investigar isso.

«Sim, e penso que vou deixar o bom do Professor Luntz responder a isso ele próprio.»

Lingford retira-se. Controlo pelo Professor Luntz.

* * *

«Eu sabia que ele se ia esquivar disso de alguma maneira! Sabeis, esse grupo na Florida é composto por pessoas mui finas, com mui boas intenções. Não penso, contudo, que o bom do Dr. Layne devesse ter lançado esse artigo, essa carta. É demasiado daquilo a que os vossos jornais chamam um "artigo alarmista", e todos sabemos em que condição de medo o mundo se encontra atualmente. Sei que nós próprios temos falado de desastres, mas temos tentado contornar a questão do tempo. De nada serve. Suponde que fugis —庞 partais para ir e possivelmente deparai-vos com algo pior.»

H.P.F.: Fala da oferta de refúgio para a sede da BSRA por parte de JMF em Idaho.

«Sinto, minha querida, que quando chegar a altura apropriada, diremos algo que vos dará o tempo para partirdes, se for necessário.

Ora, a forma como observamos as coisas quando se trata de sismos é que os éteres mostram uma linha de pressão vibratória sobre a Terra, e quando a pressão dos éteres faz com que essa linha oscile fortemente para cima e para baixo desta maneira (ilustrando com a mão), então sabemos que a terra levará um abalo consideravelmente mau; conseguimos dizê-lo quando a oscilação mostra ressalto suficiente. Quando, contudo, o oscilar para cima e para baixo tem um ressalto lento, sabemos que não será grande sismo para vós. Quando cede, o éter e a terra cedem ao mesmo tempo, criando uma condição no ar que produz algo como ondas de calor. Talvez tenhais notado isso mesmo após um sismo...

Amigos, o vosso sismo não é uma coisa imediata, por isso não vos preocupeis. Tem havido há muitos anos pequenos sismos aqui ao longo da costa, não é? E olhai para o Japão — as pessoas lá viveram todos estes muitos, muitos anos mui calmamente em cima do pico de uma montanha que pode sumir-se de debaixo delas completamente a qualquer momento.»

I.P. pede ajuda ao "Círculo Interno" para um membro do grupo que vai ser submetido a uma operação.

«Já atendemos ao pedido dela e ficaremos a postos para fazer o que quer que possamos para ajudar, tanto a sua coragem como a sua força, embora não pense que ela precise de ver a sua coragem reforçada — uma alma mui forte e corajosa ela é, e sabemos por quanto ela passou nos anos que passou na terra. Ela não precisa tanto do nosso apoio moral, mas precisa, sim, do nosso apoio físico, da nossa energia. Mas, amigos, se ela vier para aqui, não fiqueis infelizes com isso. É a maior aventura pela qual o homem tem de ansiar!»

H.P.F.: Talvez alguns de nós anseiem demasiado por isso; faz-nos relutantes em ficar aqui.

«Sim, não deveríamos pensar em deixar um plano até termos adquirido pelo menos conhecimento suficiente para mantermos o nosso equilíbrio no plano seguinte; um desejo excessivo de fugir do Plano Terrestre mostra uma falta de estabilidade, uma espécie de fuga. Sejamos todos, meus amigos, de boa vontade e contentes por aprender no plano específico de experiência onde nos encontramos.»

E.B.: As pessoas que têm conhecimentos como os que nós temos sobre estas coisas beneficiam no plano seguinte?

«Perfeitamente, sem dúvida que sim. Lembrai-vos, em qualquer plano em que vos encontreis, não estais a fazer nem mais nem menos do que a adquirir conhecimento. É como um grande sistema de educação, no qual a

terra pode ser colocada na categoria de uma escola primária; e quando deixais la terra, dais o passo para o que pode ser considerado a escola secundária, o primeiro plano além do físico. E se vos diplomastes na escola primária sem fazer batota, dar-vos-eis mui bem por aqui; mas se fizestes batota, olhastes por cima do ombro de alguém e todo esse tipo de coisas, podeis ter de voltar dentro de pouco tempo para fazerdes o que falhaste em fazer antes.

Como uma coisa habitual, o indivíduo prossegue para os vários planos de consciência, levando a alma muitas vezes dezenas de milhares, até mesmo milhões de anos antes de regressar.»

H.P.F.: Disse milhões de anos, Professor Luntz?

«Sim, disse. Mas o tempo, claro, é apenas uma questão de consciência individual. E outros regressam num dia, ou mesmo em poucas horas. Em casos de nados-mortos, a alma pode encontrar outro corpo no mesmo dia.»

H.P.F.: O nado-morto é o resultado de uma falta de coragem no final para enfrentar o que se lhe depara no plano físico?

«Não uma falta de coragem, penso eu, mas a incapacidade de concluir o que foi iniciado, uma falta de controlo mental para levar o nascimento até um ponto preciso. Devido a alguns erros passados, falhou em ser capaz de se agarrar ao corpo que construiu. Mas há muitas coisas que entram no cenário: o karma dos dois pais, por exemplo, bem como o da alma que está a entrar. É uma questão mui complexa, demasiado técnica para eu entrar nela nesta altura com a quantidade de energia restante. Vou retirar-me agora.»

O Professor Luntz retira-se. Controlador LAO-TSE

«Eu estava longe, mas regressei porque queria esclarecer esta condição; as mentes dos outros fluem transbordando para fora e, para aqueles de nós que são sensíveis, estas ondas funcionam como um bloqueio. Descobrireis, no decurso da experiência humana, que o homem é 90% mente, e nós iremos, portanto, aprender a governar as nossas atividades em conformidade. Agora quero dizer-vos que devemos, de alguma forma, todos nós, fazer o nosso melhor para abater este complexo de medo que se está a construir por todo o mundo. Atingiu a Índia e a China particularmente, e o terror lá vai além da descrição. Atingiu muitos lugares e vós estais agora a começar a tê-lo no vosso país.

Vamos agora começar a falar apenas de coisas agradáveis; vamos começar a procurar o maior crescimento, a maior beleza que está a caminho da terra. São os pensamentos, meus queridos amigos, que estão a trazer estas coisas infelizes para o vosso planeta. A mente trabalha sobre os

éteres, provocando uma certa condição, uma certa vibração nos éteres e, se essa vibração for errada, trará sofrimento físico à terra.

O que tem o homem a perder por ser otimista? Seguramente, nada. O destino do homem reside, diz-se, no regaço dos Deuses, sendo esse regaço a mente do homem.

Sei que muitos grupos por todo o mundo estão a ouvir tais mensagens de desastre como as que tendes tido, e elas são verdadeiras. Mas vós começaste-las, e vós podeis pará-las! O homem, desde o advento da bomba atómica, tem estado a construir tensões de medo nos éteres, tornando-as cada vez maiores; e isto tem estado a exercer pressão sobre o éter e, portanto, o vosso éter sofre sismos. Os vossos cientistas não parecem, como uma questão geral, conhecer a natureza destes "sismos".

Temos dito frequentemente antes que os sismos são sempre acompanhados por éter-sismos, pois o éter é o que cede primeiro. As linhas de pressão sobre a terra quebram-se e mudam, formando novos padrões. No Tibete, durante muitos meses passados, o medo terrível de que a horda comunista da China invadisse o país fez com que eles fizessem orações, *mantras*, no sentido de que os desfiladeiros das montanhas lhes fossem fechados; e isto, ajudado pelo grande desejo do povo, provocou este terrível solavanco à vossa terra. Meus amigos, o que quer que venha, vem para vos trazer conhecimento. Enfrentai-o com alegria e com coragem.»

Lao-Tse retira-se.

26 de outubro de 1950 – Mark Probert Controlo por Yada Di Shi'ite

«Amigos, o vosso mundo está fustigado por tantos problemas que isso poria à prova até a paciência de um santo. O que há de ser feito? Sabeis o quê? Nada. Não há nada que possais fazer. Sabeis, a vida é mui parecida com um rio. Estamos de pé na margem de um rio e conseguimos ver, através das suas profundezas claras, o próprio leito do rio. Depois, de repente, há uma turbulência, um remoinho; esse ponto específico no rio torna-se lamacento, revolve muita sujidade. Mas, se fordes pacientes, ele ficará claro novamente. Isso é a vida.

Fazer algo é criar mais agitação. Essa é a atitude que os tibetanos adotaram nesta crise da invasão comunista. Nehru conferenciou com o Grande Lama de Lassa e foi-lhe dito para manter a atitude de passividade. Foi isso que venceu para a Índia, através dos esforços de nada fazer por parte do mui honrado Mahatma. "Deixai-os vir!" Como os ventos, como as grandes tempestades que varrem essa parte do país, tudo há de abrandar mais cedo ou mais tarde. Não é a primeira vez que o Tibete é invadido,

inundado por aquilo a que se chama um inimigo. Eles vieram e foram-se, e as condições no Tibete mantiveram-se as mesmas.

Resistir à luta por métodos ativos significa criar uma luta maior. Se tão-somente pudéssemos aprender isso! Se o compreendêssemos claramente, não teríamos problemas. Não é importante o que está a acontecer aqui fora (indicando o espaço exterior); é o que se passa aqui dentro (tocando no peito) que importa. Isto aqui fora é sempre turbulência; isto aqui dentro é quietude, o céu. Cria uma agitação aqui dentro, o sacrifício da vossa paz, do vosso céu, quando fazeis um esforço ativo para parar o que se passa aqui fora.

O homem está sempre a lutar e sempre a queixar-se de que tem dificuldades a superar; de que o mundo deve encontrar a paz; de que deve surgir alguma forma de utopia sobre la terra. Na vossa maneira inglesa de exprimir tal pensamento, não estais senão a correr atrás de uma quimera. Pois só quando o indivíduo cultivar o eu interior é que as guerras cessarão aqui fora.

A formação de grupos de paz significa a procriação da guerra. Estranho, não é? Por que razão é assim? Principalmente porque cada membro do grupo tem a sua própria ideia individual especial sobre o que deve ser feito para trazer a paz; e é provável que, dentro de pouco tempo, estejam a usar os seus punhos ou cacete para trazerem aquilo a que chamam "paz".

A vossa Bíblia cristã diz: "haverá guerras e rumores de guerra enquanto o mundo durar". Ora, todos aqueles que afirmam de tal modo acreditar em tudo o que está escrito no vosso Livro Sagrado estão a fazer tudo o que podem para desmentir esse livro ao criarem um "Grupo de Paz".

La passividade é sempre uma arma mui afiada. Se o mundo tivesse deixado os chineses e os japoneses prosseguir a sua própria guerra, é provável que os japoneses tivessem tomado a China. Seria isto mau? Não, pois em não muito tempo todos os japoneses se teriam tornado chineses. Onde há luxúria por satisfações físicas, há cegueira da alma. Onde há cegueira da alma, o resultado é a miscigenação.»

«Ora, após os chineses terem absorvido o povo japonês, eles seriam mais uma vez todos chineses; por isso, quem teria de se preocupar?

O maior problema convosco, os do mundo ocidental, é que pensais que sois a raça superior e, portanto, parece-vos repugnante pensar em cruzar-vos com outra raça, mas é isso o que está a acontecer o tempo todo na guerra.» (Yada retira-se)

* * *

21 de dezembro de 1950 – Mark Probert, Controlo por Lo Sun Yat (15 pessoas presentes)

«Amigos, venho a vós esta noite para tentar falar-vos das condições existentes na Índia, na China, na Rússia e, claro, no vosso próprio país. O mero toque no assunto é tudo o que se pode fazer, pois toda a condição é tão vasta, tão confusa, que ninguém pode apontar aqui ou ali e dizer: "Aqui está o problema!" É tudo uma massa desesperadamente emaranhada, desesperadamente emaranhada e emaranhada. Penso que vós, americanos, tendes uma palavra para isso, uma nova expressão. A palavra é *SNAFU*. O que significa exatamente?»

M.L.: «Situação normal; tudo lixado.»

«Sim; soou bem, por isso decidi usá-la. Como disse ao rapaz ontem à noite, é imperativo que as forças dos Estados Unidos não sejam expulsas da Coreia. Isto levaria os chineses comunistas a tomarem Formosa também. Portanto, vós não deveis ser expulsos da Coreia. Digo-vos que não serão. Eles mantêm uma cabeça de ponte mui pequena e podem ter de abdicar dela, mas continuarão firmes, lutarão e regressarão a ela.

É um sinal para que todas as forças chinesas comunistas ataquem o vosso continente, assim que tomem a Coreia e Formosa. O povo chinês tem aquilo que é, para o mundo ocidental, uma atitude psicológica estranha. Se forem bem-sucedidos nos seus esforços, especialmente contra países como o vosso, isso dar-lhes-á um grande alento.

A Rússia vai levar esta guerra por diante, mas procurará primeiro fazer com que o povo americano esgote a vossa mão de obra e reduza as elevadas condições económicas no vosso país. A Sibéria é um arsenal, um grande e vasto arsenal. Quão tolos podem ser os vossos homens em Washington ao pensarem que se podem retirar e defender apenas o vosso próprio país?

A Índia está à beira de uma insurreição mui, mui sangrenta. O elemento comunista lá vai fomentar grandes problemas para manter a Índia ocupada consigo própria.

Os diferentes países da Europa falharam em fornecer a força necessária para apoiar os Estados Unidos para que estes pudessem levar por diante esta guerra na Coreia, mas agora estão a ficar sinceramente preocupados, assustados, e hão de mover-se mais depressa. Se falharem em fazê-lo, toda a Europa será invadida pelos comunistas. Se isto acontecer, o governo russo terá todos estes países a lutar por eles. Então o vosso país teria poucas hipóteses de sobreviver.

Quando esta guerra entrar em pleno desenvolvimento, todos os meios de destruição conhecidos serão usados: gás, guerra bacteriológica, poder

atómico, o poder do som, tudo! Isto há de ser o que se chama uma "guerra do povo", *ugh*! Foi fomentada para destruir o máximo possível da população masculina do mundo, para que um novo conjunto de pessoas possa nascer no mundo e ser criado como escravos.

Isto já foi feito antes. Significará para o mundo milhares de anos de tributação e miséria além de todas as vossas crenças atuais. Não seria crime nenhum, nem contra a natureza, nem contra a moral, nem contra a ética, que as Potências Ocidentais usassem o poder atómico agora sobre o meu país (a China). Estas vastas hordas são seres que entraram vindos do mundo Astral inferior. Seria melhor livrar o mundo deles. Eles não têm esclarecimento, o que, claro, não é culpa deles. Não lhes foi dada a oportunidade.

A única oportunidade que o homem branco tem de sobreviver é atacar agora com toda a força com o poder atómico. Mas não sejais suficientemente tolos para lançar a primeira bomba atómica na China, mas sim na própria Rússia, diretamente na Sibéria e lá atrás, nos Montes Urais. Existe uma grande fortaleza lá. Está bem camuflada e uma grande parte dela é inteiramente subterrânea.»

I.P.: «Será difícil para os nossos aviadores encontrá-la.»

«Será difícil viver. Não falemos de dificuldades. Não sou um homem militar. Nada sei sobre destruir o meu semelhante. Sei, sim, que existem certos momentos na história do mundo em que certos seres em forma humana têm de ser retirados da terra para a melhoria do mundo em geral. Isto pode soar duro; pode soar brutal, mas acharíeis correto colocar um bebé no meio de uma alcateia de lobos? A natureza do lobo é destruir para se manter vivo.»

M.L.: «Foi-nos dito do vosso lado, várias vezes, que o povo etérico interviria se tentássemos usar a bomba atómica.»

«Sim, mas isso agora já não é assim, pois eles veem o caos em que o homem se encontra agora. Eles podem retirar-se do raio da vossa terra. Isto, por si só, será uma infelicidade para os seres humanos, como é óbvio.

O homem é de duas naturezas: pode ser treinado para formas harmoniosas de agir ou para as formas demoníacas de agir. O mundo decidiu escolher o caminho demoníaco. Este é o karma do mundo; este é o desenrolar do karma da raça humana. Este será o tempo da colheita, a monda daqueles que ficaram para trás.

Ora, meus queridos amigos, não quero dizer que todos aqueles que morrem, cujos corpos físicos são destruídos nesta grande tragédia terrestre, devam ser assim classificados. Quando o tempo estiver maduro novamente e as condições se tiverem estabelecido mais uma vez sobre a terra, esses

seres humanos avançados que foram retirados da terra durante este período caótico regressarão de novo. Os outros não. Eles serão mantidos fora da terra por milhões de anos, até que toda a memória de terem vivido num corpo terrestre tenha sido apagada. Então ser-lhes-á permitido regressar.

A Inglaterra encontra-se numa posição extremamente difícil. Ela fez certos acordos com a Rússia e sente, não por consciência, mas por necessidade política, que tem de manter esses acordos. Mas não lhe vai ser dada a oportunidade de o fazer. Hong Kong cairá e os ingleses estarão a retirar-se de lá.

A única e exclusiva esperança para o mundo será através da destruição do Comunismo na Rússia primeiro. Isto não pode ser feito até que limpeis a terrível confusão que tendes em Washington, pois existem elos de ligação entre Moscovo e Washington. Existem elos de ligação entre a Inglaterra, a Rússia, a China e Washington. Se o povo do mundo ao menos soubesse que está a lutar contra aqueles que parecem ser os seus amigos, os seus protetores, os seus líderes!

Eles não sabem que estão a fazer isto; são levados a acreditar que estão a lutar por aquilo a que se chama liberdade, democracia ou comunismo. Tendes de desenterrar muitos no vosso país que o estão a minar.»

H.P.F.: «Pode dar-nos alguma informação sobre quem eles são?»

«Direi apenas que alguns deles estão a ocupar cargos de topo no vosso país. Eles residem não apenas em Washington; muitos deles estão localizados em locais estratégicos por todo o vosso país.»

F.H.: «Poderiam estar em postos militares de topo?»

«Poderiam.»

F.H.: «Poderiam eles conduzir os nossos homens a uma emboscada para os destruir?»

«Não aconteceu isso em Itália? Mas não estou a nomear nenhuns nomes; não podemos colocar este rapaz em perigo ao fazê-lo.»

L.P.: «Parecemos estar tão impotentes. O que podemos fazer?»

«Tendes, mesmo aqui no vosso país, o vosso *F.B.I.* e, no entanto, apesar disso, o crime espalha-se mais rapidamente. Só recentemente é que parte dele veio à luz, não pelos esforços desse departamento, contudo. O chefe desse departamento está ele próprio a pisar terreno extremamente perigoso.»

F.H.: «E quanto ao seu primeiro assistente?»

«Podemos não estar a agir bem ao contar-vos partes do que se está a passar; fazemo-lo apenas para vos esclarecer sobre o facto de estas condições existirem e para que possais tentar aprender mais.»

V.M.: «A Rússia tem forças tão grandes como as nossas?»

«Eles têm as melhores.»

L.P.: «As armas de longo alcance?»

«Sim, têm, pois desde a queda da Alemanha que contam com alguns dos melhores cientistas alemães para lhes mostrarem como fazer. Além disso, muitos dos vossos próprios maiores cientistas e engenheiros foram para lá de tempos a tempos. Agora eles vão mostrar-vos como uma nação "civilizada" age!»

I.P.: «Eles estão mui avançados no uso do som?»

«Não ao nível dos Estados Unidos, mas nos segredos da guerra bacteriológica e do poder atómico, os quais receberam de alguns dos vossos próprios cientistas. Parai, olhai e vede quem são estas pessoas, e isso dar-vos-á uma pista do porquê.

F.H.: «Quando haverá a Conscrição Universal?»

«Cerca de dois meses após o Natal.»

I.P.: «Quando serão fechadas as estradas?»

«Se ides fazer alguma mudança, é melhor que a façais em breve, mui em breve.»

F.H.: «Os homens e mulheres dos 16 aos 60 anos serão integrados no serviço?»

«Todos os que puderem fazer algo serão recrutados.»

I.P.: «Ainda é possível que haja uma grande explosão no Natal?»

«É. É possível que o Irão seja atacado nesse dia.

Meus amigos, tenho de ir. Sejamos calmos, sejamos fortes de coração, por favor. Mantenhamos uma oração para que as condições não saiam do controlo; para que o vosso país seja capaz de manter uma luz acesa. Tenhamos esperança. Boa noite.» (Lo Sun Yat retira-se)

* * *

4 de setembro de 1957 Sena et Senaha, **Ena Yada Di Shi Ite**,

«Estou mui satisfeito por vir falar-vos esta noite. Nós do Círculo estamos-vos gratos pelo vosso interesse pessoal no estudo daquilo a que se chama Vida — a vossa vida — por terdes a perceção que vos move para a frente em busca de conhecimento, o conhecimento daquilo que sois. É um estudo de suma importância, pois sem sabermos o que somos estamos verdadeiramente perdidos. A confusão reina dentro de nós, pois não conseguimos compreender a vida exterior até conhecermos a interior. A palavra é "Eu sou".

Isto é algo mui difícil de apreender imediatamente, mas libertando-vos do medo as probabilidades de conhecer a verdade aumentam. Se não o

fizerdes e começardes a entrar para vos procurardes a vós próprios, encontrareis muitas condições que vos serão mui assustadoras e vos lançarão de volta ao mundo exterior, e não quererereis procurar mais. O poder eterno, o eu cósmico que "Eu sou" não pode ser conhecido sem um grande temor reverente. Para começar, diz-se na vossa Bíblia cristã que ver a Deus é morrer. Isso é verdadeiramente assim, pois o vosso eu exterior, o eu do sonho, morre, e quanto mais o eu real vem à consciência superior, mais o mundo exterior morre, o mundo tal como o conheceis ou pensais que o conheceis.

Para falar agora do mundo externo, chamais a este período de tempo a era atómica; ela criou uma grande quantidade de medo na raça humana. O leigo nada sabe sobre a natureza do átomo, mas aqueles que o estudaram, chamados cientistas — os físicos, os químicos, os matemáticos —, a natureza do átomo foi deixada nas mãos deles. Histórias foram divulgadas ao público, à mente de massa. Estas histórias são apenas meias verdades e, à medida que se movem pelas massas, tornam-se ainda mais distorcidas, de modo que a maioria de vós acaba com uma imagem mui imperfeita tanto do átomo como daquilo que os vossos cientistas estão a realizar com ele em muitos campos completamente distintos das armas de destruição.

Naturalmente, tais histórias distorcidas criam ansiedade e medo. Mas, mesmo assim, alguns dos vossos cientistas mais brilhantes não conhecem a verdadeira natureza, os verdadeiros poderes que estão nestas quantidades evolutivas chamadas o átomo, os blocos de construção que criaram o mundo da matéria, os pontos de nada que contêm o poder cósmico.

Ora, voltando atrás através das eras, descobrimos que, quando os primeiros homens se moveram mais do que uns metros para fora das suas cavernas ou das suas árvores, os mais velhos clamavam contra esta natureza aventureira: "Voltai, há monstros e demónios além desta árvore ou desta caverna". Os mais aventureiros tornaram-se pioneiros, mas tiveram de superar primeiro os medos e tabus criados pelos Bruxos da Tribo antes de poderem declarar: "Não nos importamos com os vossos demónios, os vossos monstros; quer estejam lá quer não, nós imos". Foram estes "Destemidos" então que desbravaram os caminhos e abriram os trilhos.

Depois os outros seguiram-nos, timidamente no início, duvidando e muitas vezes ainda gritando contra os Desbravadores de Trilhos: "É um sacrilégio ir para essa montanha, os deuses trarão vingança sobre vós e sobre todo o povo da tribo". E mataram muitos destes destemidos como heréticos para impedir os restantes de crescer, de avançar, de se moverem para a frente, e assim tem sido ao longo de toda a história da raça humana

na terra. Os tabus geram medo e o medo congela-nos. Não nos podemos mover, não nos atrevemos a mover.

Nesse período antigo de tempo, alguém descobriu a moca. Aprenderam a moldá-la e a prender o polegar à volta dela — o pequeno polegar —, não é muito, mas levou o homem a muitas, muitas milhas de distância dos seus dias de caverna. Sabíeis que, sem este polegar, o homem não avançaria tanto quanto avançou sem saber como usá-lo? O avanço — o crescimento, o conhecimento, a sabedoria, a luz —, por acaso as massas alguma vez estiveram preparadas para as coisas que lhes chegam? Não, são sempre os poucos, os líderes, que vão à frente, e lentamente as massas seguem-nos. Como um exemplo do que quero dizer com estar preparado, usemos o vosso automóvel: estavam as massas mentalmente condicionadas para conduzir esses veículos movidos a motor? Aparentemente não, e a prova de que não estavam reside no número cada vez maior de novos inquilinos nos vossos cemitérios. Não preparados — o que quero dizer com preparados?

Quero dizer moralmente responsáveis; preparados pelo pensamento, a capacidade de raciocinar, de fazer as coisas porque é inteligente fazê-las, e não porque há uma possível recompensa nisso. Todas as religiões se baseiam em recompensas e castigos. Faço o que faço porque posso obter uma recompensa e não faço certas outras coisas porque seria castigado. É isto o pensamento humano? Meus amigos, ter uma consciência humana é uma grande honra. O homem não nasce um ser humano. Ele é um animal, menos capaz do que os de quatro patas. Ele deve aprender a ser um humano, e isto exige pensamento, inteligência, capacidade de julgar de uma forma racional. A pequena moca só conseguia matar alguns de cada vez. Tendes uma grande moca agora, chamada bomba atómica. Uma matava a retalho, a outra por grosso.

Ora, há um grande medo entre os povos da terra, não de uma guerra atómica — essa, claro, eles sentem que está iminente algures —, mas há um pavor maior, o pavor do envenenamento por radiação produzido por explosões atómicas experimentais. Dissemos no passado, não há muito tempo, que se algo não for feito pelo vosso mundo para parar o uso da experimentação atómica, o vosso mundo tem um ano antes de a atmosfera atingir um ponto de não retorno: a saturação. Ora, é mui tolo da vossa parte dizer ao vosso governo para parar a sua experimentação e que tudo ficará bem. Todos os governos do mundo que têm o poder de experimentar devem parar imediatamente, caso contrário de nada servirá.

No entanto, ao falarmos de radiação deste tipo, o sol está a lançar sobre a vossa terra 250 mil milhões de toneladas de energia por minuto.

Sim, 250 mil milhões de toneladas de energia estão a ser projetadas sobre a vossa terra a partir do sol por minuto. Então, por que haveríeis de vos preocupar com um pouco mais, eh? Um pouco mais pode ser demais. É o que às vezes se chama trivialmente a gota de água que transborda o copo. Em eras passadas, raças de pessoas descobriram as radiações prejudiciais nas radiações cósmicas que aqueciam a terra. Foram para debaixo da terra. Desapareceram da superfície da terra. Penso que, se voltardes atrás na história do homem, descobrireis que assim é. Mas, ao irem para debaixo da terra para escapar, encontraram condições semelhantes, pois na crosta inferior há grande radiação porque a crosta inferior está a desagregar-se, os produtos químicos estão a decompor-se.

Tendes o que se chama decaimento atómico. Durante muitas gerações estas pessoas viveram debaixo da terra. Ficaram de várias cores: verdes, às vezes vermelhas, às vezes o que chamais uma cor lívida, devido à radiação química. O que estou a tentar salientar é que não há fuga da radiação, na terra ou em qualquer outro lugar em todo o vosso sistema solar, sistema estelar, galáxia, pois o homem nasce da radiação; se não fosse pela radiação solar, não poderia ter havido vida na vossa terra; portanto, fisicamente falando, vós sois um ser radiante vós próprios, um ser radiante. Isto significa que sois nascidos da luz.

Nós do círculo chamamo-nos os Professores da Luz, significando professores do Sol; portanto, adoramos o sun, o sun que nos dá toda a vida. As substâncias químicas na terra nada poderiam fazer no sentido de produzir uma forma celular ou um ser, mesmo do tipo mais baixo, unicelular, sem a ajuda do sol, a radiação desde o ultravioleta ao infravermelho, inferior e superior, em ambas as extremidades da banda. Pensai nisto, meus amigos, se tendes medo da radiação.

Esta forma física, tal como vos vedes hoje, não é senão uma das formas que assumistes ao longo dos vastos eões de tempo, no vosso trabalho experimental para permanecerdes na terra. Semeaste-vos aqui através da composição química e através da radiação química. Vós sois responsáveis por tudo o que vos acontece. O medo não vos libertará desta responsabilidade. Estas radiações da bomba atómica produzem o que se chama alterações genéticas em todos os corpos celulares. De que outra forma é a vida possível senão por várias perturbações que ocorrem nas células dos corpos vivos? Mas a questão temível é: produzirão estas alterações genéticas seres monstruosos?

Nos meus anos na terra, encontrava-me frequentemente a olhar para o meu refletor de cobre — não tínhamos os refletores de prata e vidro como os que vós tendes — e a perguntar-me: “que tipo de monstro sou eu aos

olhos dos outros?". O que quero dizer com monstro? Bem, numa civilização, num sistema social, como quer que lhe chameis, num grupo tribal, se alguém nasce com três olhos em vez de dois, é suspeito de ser um monstro, ou se tem três pernas em vez de duas. E quem disse que o homem sempre teve duas pernas? Houve um tempo em que costumávamos usar as mãos juntamente com as pernas para correr. Os macacos fazem-no agora e, embora não existam elos perdidos reais com corpos parte homem e parte macaco, conheço um grande número de macacos humanos.

Com isto quero dizer que a sua principal característica é a de imitar as outras pessoas; eles não são eles próprios, não têm mente criativa de todo. Se o líder de um grupo disser "Bú", eles dizem "Bú". Não ser um homem-macaco é pensar por si próprio, raciocinar por si próprio. Diz-se de mim que sou um fantasma. Sou suspeito de o ser. Até agora ninguém foi capaz de determinar a verdade sobre isso. Eu digo que não sou um fantasma. Sou uma consciência, uma consciência viva, o mesmo que vós. Penso por mim próprio, portanto não me importa o que as outras pessoas pensam quando tentam pensar por mim. E é isso o que vós deveríeis fazer! Ninguém mais pode viver a vossa vida. Por que estar preocupado com o *fall-out* atómico ou qualquer outra coisa de natureza negativa? Se podeis fazer algo para corrigir um erro, fazei-o, mas não vos preocupeis nem vos aflijais com isso.

O homem moderno atingiu um elevado estado de conhecimento mecânico, no entanto não sabe quase nada sobre a mecânica do seu próprio corpo, e menos ainda sobre a sua mente. Há muita conversa entre vós sobre ir para as estrelas, voar pelo vasto sistema solar. É verdade, ireis, pois esta é a era, a era atómica, a era do poder gigantesco. No entanto, estais prontos para ir pelos vastos espaços em busca de conhecimento de outros corpos?

O que há para ser encontrado ao ir pelos espaços senão mais espaço? Descobrireis, meus amigos, que existem outros seres como vós nos muitos, muitos, muitos sistemas planetários só na vossa via láctea — só na vossa galáxia existem milhões deles, e na vasta maioria deles vivem seres mui parecidos convosco. Está o homem preparado para se encontrar com eles, para partilhar o universo com eles? Será proveitoso para as mentes do homem da terra? Será um encontro alegre, ou a humanidade aqui na terra mover-se-á pelos espaços com a sua ignorância do poder atómico e usá-lo-á para destruir, para conquistar outros seres?

Falemos sobre os sentimentos morais e éticos os seres do espaço ou seres de outros planetas. Estão eles prontos? Sabem eles algo mais sobre a vida do que o homem aqui na terra? São eles menos viciosos? Isso, penso eu, é algo com que vos deveis preocupar nesta era. Levará o homem as suas doenças do corpo e da mente a estes outros seres, e que tipo de doenças têm

eles para vos dar? Pois sabeis, meus amigos, as que tendes agora, os vossos cientistas não sabem quase nada sobre como as curar. Os vossos cientistas sabem como fazer armas destrutivas do tipo mais poderoso, mas não têm a mais pálida ideia do que fazer para muitas das vossas doenças mais mortíferas. A era atómica não é melhor nem pior do que qualquer outra era em que o homem tenha entrado.

Aquilo a que chamais pessoas do espaço, vindo à vossa terra, vindo à vossa atmosfera, causaram grande confusão, não apenas na mente geral, mas em alguns dos vossos mais inteligentes, academicamente falando, quero dizer. Muitos dos vossos grandes psicólogos, físicos e muitos outros nos campos mais elevados da aprendizagem fizeram figuras ridículas nas coisas que disseram relativamente a estas pessoas do espaço. Aquilo que os líderes não conseguem explicar, tentam explicar como inexistente. Se não se encaixa no padrão deles, no que vos deram, eles não existem — simplesmente não lhes presteis atenção e eles ir-se-ão embora. Mas sabeis, meus amigos, uma vez que provamos a verdade, teremos fome dela para sempre a partir daí.

Às vezes temos de ter uma grande dor para nos impulsionar a uma busca ativa, porque tememos o novo conhecimento mais do que tememos a dor. Portanto, temos de ter uma grande dor. Não consigo aguentar mais, por isso vou começar a mover-me. Nunca me movi antes. Não sei como é. Não me foi permitido mover-me antes porque os líderes, os professores à minha volta, os sábios, os profetas, dizem todos que é desta maneira ou que é daquela maneira, por isso movo-me como um zombie. Ora, este homem levanta-se e cria uma grande discussão? Não. Fazei o estudo. Fazei a vossa própria investigação. Não presteis atenção aos Nãos nem aos Sins, porque há muitos que estão a dizer Sim e Não que não sabem por que razão dizem Sim ou Não.

Estes seres a que passastes a chamar discos não são seres planetários, são seres do espaço, habitantes do espaço interior. Podeis pensar neles, se quiserdes, como seres quadridimensionais. Eles não se movem pelos vossos espaços de um corpo para outro da maneira que vos foi ensinada sobre o movimento no espaço — voo, aeronáutica. Alguns de vós conhecem a palavra teleportação?

Ora, se compreenderdes esta palavra, sabereis quase instantaneamente o que está a acontecer. Para aqueles que não conhecem a palavra teleportação, vou descrever o que quero dizer... Isto parece como se eu duvidasse da vossa inteligência para saber o que estou a dizer, mas não duvido, mas há alguns que não apreendem a imagem, por isso tentarei

explicar. O problema de explicar, meus amigos, é que precisais de outra explicação para explicar a explicação, eh?

Tendes aqui no vosso mundo hoje o que chamais televisão, na qual projetais energia, projetais a energia de uma forma; compreendeis o que quero dizer com eletrónica. Estais a usar energia, não é assim? Ora, isto é a transferência de energia. Ora, existe uma maneira de transferir matéria: em vez de linhas de força, haverá a projeção da própria matéria, a forma inteira. Um indivíduo será colocado num invólucro e o próprio corpo será levado para um lugar distante, fará o que tem a fazer e será projetado de volta, se quiserem voltar.

A transferência de matéria, pois o que é a matéria? Energia. Vós não sabeis ainda como reverter esta transferência, principalmente porque acreditais — ora, as vossas mentes científicas não acreditam nisto, mas o indivíduo leigo acredita — que o corpo é uma espécie de coisa peculiar chamada sólida e que nada se pode fazer com ele para o mover de outra forma que não seja da forma como ele é naturalmente, ou assim chamada naturalmente, movido. Envolve isto uma desintegração do corpo material, esta transferência de matéria, de matéria através da matéria? Não. Não é uma desintegração. É uma mudança no movimento vibratório da estrutura atómica, as partículas atómicas, se lhes quiserdes chamar partículas, mas os átomos não são partículas, essa é outra história. Como é que se move através da matéria — matéria através da matéria — por mudança na frequência dos blocos atómicos. É isso. Ora, quero parar um minuto aí porque sinto algumas mentes a tatear que querem dizer algo, que querem pedir talvez para eu clarificar o que digo.»

SRA. PROBERT: «Quer que o Yada clarifique aquilo de que está a falar?»

PÚBLICO: «Sim, Yada.»

YADA: «Dois pedaços de matéria podem ocupar o mesmo espaço, mas não ao mesmo tempo, não é assim? Quero alguma concordância ou discordância de alguns de vós que sabem estas coisas.»

PÚBLICO: «Podem se vibrar a taxas diferentes, não podem?»

YADA: «É isso o que estou a dizer. Sim, senhor. Se se moverem a taxas diferentes, podem ocupar o mesmo espaço, porque nunca estarão onde o outro está, ao mesmo tempo. Portanto, isto dá à matéria a oportunidade de se mover através da matéria. Não há nada que o impeça. O movimento pode ser de tal modo cronometrado numa infinidade de frações de segundo; contudo, não me importa quão divididos estejam estes segundos, eles não se tocarão, continuarão a não se estorvar no caminho um do outro. É o ponto ideal para eles passarem. Quando, também, nos

damos conta de que um átomo não é de forma alguma sólido, nem mesmo aquilo a que chamais o núcleo. É tão instável como um raio de sol, e é disso que o vosso corpo é feito, é por isso que o vosso corpo poderia ser transportado para qualquer ponto no espaço.

Muitas pessoas da terra, meus amigos — e penso que se vos quiserdes dar ao tempo de procurar, descobrireis que isto é verdade —, foram retiradas da vossa terra, foram transportadas através de vastos espaços para outros corpos planetários que não estão no vosso sistema solar. Não sereis capazes de descobrir se elas foram para outros corpos no espaço, mas descobrireis que desapareceram, e muitas pessoas pensam, ou tentam pensar, instantaneamente nalguns casos, que estas pessoas caminharam para dentro daquilo a que se chama um vórtice atómico. Ouvistes isso? Não caminharam. Foram usadas forças sobre elas para mudar a taxa de frequência do seu corpo atómico, movendo-as para uma frequência diferente, movendo-as desse modo para outro ponto no espaço que pode estar a muitos anos-luz da vossa terra.

Há uma grande quantidade de coisas que não se sabem sobre as leis do movimento; uma delas é que, com uma certa mudança na frequência de uma partícula de matéria, essa matéria é projetada para outra dimensão do tempo. Essa dimensão do tempo pode ser também um novo lugar. Os pratos, quando desaparecem, nem sempre desaparecem para um ponto chamado a distância, eles desaparecem para outro referencial de tempo. Compreendeis? Outro referencial de tempo. Ora, não estou interessado em se acreditais nisto ou se não acreditais. Isso não me afeta de forma alguma, porque eu não posso viver a vossa vida, vós não podeis viver a minha.

A vida é uma coisa individual, por isso, por que vos deveríeis importar com o que outra pessoa pensa? O que é importante para vós é averiguar a verdade de uma coisa por vós próprios, isso é tudo. Uma vez que o tenhais feito e talvez tenhais descoberto um certo tipo de verdade que prova que o que esta outra pessoa diz não é assim, para que quereis voltar atrás e ter uma briga com ela? Irá isso render-vos algo, aumentar o vosso conhecimento? Não, mas irá diminuir a vossa capacidade de viver muito tempo, pois estareis a trabalhar no vosso eu emocional, através do vosso eu emocional, e isso consome energia, e a existência é tornada possível pelas leis da conservação da energia.

Se quereis ver-vos livres do vosso inimigo, amai-o! Meus amigos, não estou a fazer uma afirmação nova de uma afirmação negativa. Não é conversa tola dizer amai aquele que vos fere, é científico, porque o vosso amor por ele impede-o de vos prejudicar. O odiá-lo dá-lhe energia e ele faz uma bala com ela e atinge-vos com ela.»

SRA. PROBERT: «Ao odiar um indivíduo, estamos a prostituir a nossa própria energia.»

YADA: «Com certeza. Estais também a transferir energia mui vital para esse indivíduo, para que ele a possa projetar de volta contra vós com as suas próprias emoções. Fortalecei o vosso poder com o amor. O amor é mais forte, é mais dinâmico do que qualquer poder atómico... A senhora quer dizer algo?»

SENHORA: «Estava a pensar, mas não o disse ainda, no que estava interessada, no papel dos grandes mestres religiosos nisto de que está a falar — soa como a filosofia cristã de "Amai o Vosso Inimigo".»

YADA: Senhora, se voltardes atrás na história antiga do homem na terra, descobrireis que o ensinamento do amor é tão antigo quanto o homem. O Cristianismo adotou-o; isto é, a Igreja ou os Templos adotaram-no, mas o lado místico do Cristianismo sabias disso o tempo todo. Foi proferido da boca para fora pelo sistema sacerdotal de todas as religiões, mas não ensinado. Ensinar uma coisa é conhecer uma coisa, e vivê-la, e os vossos professores hoje nos vossos templos — e falo não apenas dos Templos Cristãos, mas de todos eles — falam, falam, falam de amor e depois todos os alunos e os professores vão para casa e vivem qualquer outra coisa menos o amor. Porquê?

Porque não aprenderam que o amor não é uma coisa emocional; o amor é uma força material mui definida. No mundo da ciência é conhecido por outro nome. Chama-se magnetismo. Existe entre as forças positivas e negativas. É uma troca de si mesmas umas com as outras, sabendo por esta forma harmoniosa de movimento que continuarão a existir, que no momento em que se desviarem disto serão outra coisa em vez de si mesmas. O que é o amor. Vedes, a própria vida move-se constantemente através do corpo, ajustando-se e reajustando-se com o corpo para manter a sua identidade. Isto é o que se poderia chamar a psicologia do átomo. Ele não quer ser nada, ele teme o nada, por isso continua a saltar de um lado para o outro, ajustando-se para manter a sua identidade. Assim é com o homem em muitas das suas ações. Ele diz: «Eu sou uma personalidade.» Estranho, não é? Será a personalidade uma coisa singular? Bem, para o homem é. No entanto, uma personalidade é simplesmente um composto de experiências, experiências que afetaram este indivíduo desta maneira e outro indivíduo de outra maneira, afetando-os interior e exteriormente, criando o que se chama personalidade. Conheço muitas personalidades.

Algumas respondem ao paladar de uma forma específica à qual eu próprio não conseguiria responder, ou a um odor, ou à visão de algo, ou à audição de certos sons contra os quais eu me rebelaria ou que abraçaria

como belos. Essa é a natureza de algo chamado a minha personalidade, e continua a mudar. Apenas através da mudança é possível encontrar ajustamentos e identidade. Eu sou eu próprio. Eu sou. E é por isso que toda a vida clama. Eu sou o que sou. Eu sou a realidade. Tudo o clama!

Falo por um momento, por favor, sobre o que se chama a morte e o nascimento do homem. Como é que o homem pode morrer e nascer...

SRA. PROBERT: Como é que ele morre primeiro antes de nascer?

YADA: Sim. Ele não morre no corpo, ele não morre na mente. A matéria não pode morrer. A matéria muda, mas não sofre aniquilação, e esse é o significado da palavra morrer. Ela não perece, e se o corpo de matéria não morre, como pode aquilo que motiva a matéria, chamado mente, morrer? Não é possível, meus amigos. A morte é o nascimento. Essa parte de nós que morre chama-se «ignorância». O nascimento é a Verdade, e só pode nascer em nós à medida que a ignorância morre.

O homem está a mover-se para a frente; e à medida que alcança uma melhor forma de pensar e de agir, o velho nele morre. E como os pensamentos são verdadeiramente a nossa própria natureza, isso significa que um pedacinho de nós morre e um pedacinho nasce. A morte, oh, eu temo-la, ela projeta uma imagem de uma perda da minha identidade, pois eu sou o meu corpo. Estas emoções cá dentro, não serei capaz de as expressar mais sem um corpo, e aprendi a amar esses desejos, a acalentá-los, estou fascinado por eles, eles tornaram-se a minha vida. Estabeleci padrões de hábito aos quais estou acostumado e não quero perder!

Mas, estranhamente, meus amigos, todos os dias nos estamos a afastar de um hábito ou de outro; daqueles que pensávamos que não podíamos abdicar, não só agora estamos contentes por os deixar ir, mas perguntamo-nos o que alguma vez vimos neles em primeiro lugar; eles eram fascinantes na altura, como um brinquedo o é para uma criança — não tireis o brinquedo à criança, pois ela lutará convosco por ele, e lutará consigo própria e destruir-se-á se estiver grandemente apegada a esse brinquedo. Dai à criança a oportunidade de encontrar a falta de valor no brinquedo por si própria. Deixai-a largá-lo de sua livre vontade e ela nunca mais voltará a ele, mas tirai-lho e ela nunca o superará.

Por que me preocupo com esta coisa ou com aquela coisa? Como vou ganhar algo ao preocupar-me com isso? Irá isso mudá-la? Ora, eu tenho de saber estas coisas se vou crescer, se vou renascer, se vou ter um nascimento verdadeiro. A importância do que está a acontecer aqui fora está apenas nas minhas atitudes, não na coisa ou coisas que estão a acontecer.

O sistema social estabeleceu certas leis que não podeis quebrar sem, nalguns casos, consequências mui dolorosas. Sim, continuais a poder

elevar-vos acima dessas condições adotando atitudes inteligentes perante o que está a acontecer. Talvez seja necessário neste momento conformarmo-nos com certos tipos de ação. Tudo bem, vamos fazê-lo, em vez de lutar. «Não sei o que fazer», dizeis vós, «só me sei preocupar!» Se é isso o que quereis fazer, se estais a gostar de vos preocupar — preocupai-vos! Mas fazei-o bem, sim, fazei um bom trabalho com isso.

Todos os dias acertai o vosso relógio para uma determinada hora e dizei: «Vou passar um minuto inteiro» — ou uma hora, se o desejardes, ou a tarde inteira, ou a manhã inteira, ou a noite inteira, conforme o caso —, mas reservai um tempo para vos preocupardes e concentrai-vos nisso. Pensai em todas as coisas negativas relativas a esta dificuldade específica em que vos encontrais — como é impossível fazer algo a esse respeito — sim! Sabeis, meus amigos, o que acontecerá se conseguirdes vivê-la até ao fim?

Ficando tão entediados que desistireis dela. Pará-la-eis automaticamente. Vereis que não há nada nisso. A questão é: posso fazer algo em relação a uma situação agora mesmo, posso agir? Olho e vejo ambos os lados do livro, o que diz que posso fazer. Este diz que posso fazer algo — apenas tantas coisas, posso fazer apenas tantas coisas. Tudo bem, olho e ajo em conformidade. Hoje posso fazer algo em relação a esta coisa. Vou fazê-lo ao máximo, o mais que puder, e esse é o limite — deixo-o aí. Se descubro que não posso fazer nada, que não há nada a fazer, onde está a minha inteligência como ser humano para tentar fazer algo?

Quereis nascer? É preciso apenas o conhecimento de como pensar, de como raciocinar, que é o que tendes a capacidade de fazer, é para isso que serve a cabeça! Mas nós entramos em pânico: «Não, tenho medo, fui ensinado, fui condicionado a temer esta situação. Não me atrevo sequer a olhar para ela! É má. Foi isso o que os meus professores disseram, foi isso o que os bruxos disseram, foi isso o que a polícia disse, foi isso o que os clérigos disseram, foi isso o que os professores e as autoridades (autoproclamadas, claro) disseram, por isso estou apanhado». É melhor preocupar-me. Serei nascido de novo no mundo físico após o deixar? Haverá renascimento? Se existe um tipo de renascimento, ou de recorrência, digamos, de qualquer coisa, então existe uma vasta variedade de recorrências. A própria lei do acaso vos dirá isso.

A lei da mudança cria sempre mais do que uma de uma coisa. Olhamos à nossa volta e vemos a vida vegetal a ir e a vir, a vida dos insetos a ir e a vir, a vida dos peixes a ir e a vir, a vida das aves a ir e a vir. O que se passa com o homem? Surge a pergunta: se esta ave, digamos, que tipo de ave... o abutre. Ninguém gosta de abutres, os abutres são criaturas de aspeto

mui negativo; mas os vossos abutres têm o seu lugar, e se nos preocuparmos com o aspeto de uma coisa, nada chegará a ser feito. Os abutres não seriam capazes de comer os mortos, porque os mortos não têm um aspeto mui apetitoso, mas os abutres foram feitos sem capacidade de sentir apetite por nada, eles comem porque têm fome e a carne é o seu alimento.

São aves necrófagas. Estará este abutre específico que está agora diante de mim a comer o corpo da minha bisavó... irá ele nascer de novo? Meu amigo, isso tem uma força de vida nele tal como vós. Olho para o pequeno ácaro, conheceis o ácaro, eh? Esta coisa minúscula, e existem coisas muitas, muitas vezes mais pequenas que têm entranhas dentro delas. Estranho, não é? O que poderia ter feito tal estrutura? O mesmo que fez a maior estrutura. Aponto para cima e digo Deus? Não sei o que se entende por Deus. Conheço apenas a inteligência, a luz, mas chamar uma coisa por um nome não a torna aquilo por que é chamada. Este é um dos erros fatais do homem na sua investigação sobre a natureza da vida: que «uma coisa é aquilo por que é chamada».

Existe algo a que me referirei de momento chamado inteligência, operando este «ácaro». É a mesma inteligência em vós e no meu próprio eu. Onde reside então a diferença entre o ácaro e o homem? A resposta é «na forma» — a forma impõe limitações drásticas à inteligência em todas as «coisas». A barata... conheceis a barata? Uma barata é uma barata pela forma, não pela vida, não pela inteligência dentro dela. A inteligência dentro da barata é cósmica. A inteligência dentro de um gérmen é cósmica. Pensai nisto, meus amigos, agora porque, após muitos milhões e milhões de anos, através daquilo a que se chama agregação de substâncias químicas construindo o que se chama estrutura celular, uma estrutura mui complicada, mui complexa chamada o ser humano, o pensador...

Como eu dizia lá atrás na minha civilização, quando vivia na terra, eu olhava para a minha placa de cobre polido e dizia para o meu reflexo nela: «Yada, és inteligente, és um pensador?». Então uma voz respondia-me dizendo: «espera e vê... espera». Por outras palavras, deveis aprender a pensar para saberdes se sois um pensador, e isto leva tempo. Digo-vos, embora alguns de vós aqui possam rejeitar a teoria — e espero que o façam —, o homem nasce de novo no mundo físico. A sua capacidade de pensar, de raciocinar, de causa para efeito, afasta-o de todas as outras coisas na criação. Ele pode raciocinar consigo próprio de um mundo para o outro.

HOMEM: Está a afirmar que isso é apenas uma teoria?

YADA: O renascimento?

HOMEM: Sim.

YADA: Senhor, sim e não. Sim, porque quero deixar que sejais convencido e que encontreis as vossas próprias convicções a esse respeito, durante os vossos estudos para conhecerdes a vida; e sim, porque eu já sei que é um facto. Vedes, não gosto de tirar das vossas mãos, meu amigo, o que é legitimamente vosso, encontrar a verdade para o vosso eu individual, e se vos digo que isto e aquilo é assim, e se tendes dentro de vós essa condição que torna possível idolatrar uma personalidade, não ouvireis o que estou a dizer. Ficando apanhados na minha personalidade e perdendo desse modo não apenas a vossa própria personalidade, mas a vossa inteligência!

HOMEM: Continuo confuso. Não sei como encontrar a verdade sobre isso. Tentei, mas a evidência ou a informação, de acordo com as autoridades, é controversa ou contraditória, por isso não sei em quem acreditar.

YADA: Bem, escute, por favor, senhor, olhemos para a questão desta maneira. Deixai-me pintar uma imagem desta forma e depois vós, por favor, dizei-me o que pensais dela, de se continua na vossa mente a ser uma teoria ou não, ou se pensais que deveria haver alguma controvérsia sobre isso. O que é a própria vida? A vida é consciência.

HOMEM: A vida é uma substância, não é?

YADA: Sim, mas a sua natureza substancial é a consciência. Não é algo separado da consciência. É uma espécie de assunção da mente criativa. Faço-me entender quando digo, meus amigos, que a matéria é uma espécie de assumir da mente criativa? Pois só através deste tipo de assumir se pode ter um mundo externo. Vamos pintá-lo de forma diferente, por favor: eu adormeço e entro naquilo a que se chama o estado de sonho. Agora a minha mente criativa está a assumir condições — por assumir quero dizer que está a criar condições. Condições nas quais vou aprender algo, sim, no sonho. O estado de sonho parece-me real, é a minha criação. Agora, por favor, à medida que vou avançando, se quereis negar o que estou a dizer e se quereis objetar, fazei-o, eh?

Ora, aqui no meu mundo de sonho encontro a minha realidade. Parece real. Nada sei sobre o mundo externo no qual o meu corpo repousa. Estou conscientemente cortado dele. A minha consciência foi deslocada. O meu estado de perceção foi deslocado, deste sonho externo para o sonho interno. Não fui a lugar nenhum, porque não há lugar para onde ir na mente senão a mente. Então encontro alguém no mundo do sonho e entramos numa discussão sobre a sobrevivência e sobre o renascimento. Ora, não posso dizer a este no sonho que estou a sonhar e que, portanto, sei que nada disto é real, que nada do sonho é real, que eu deveria acordar, porque nada sei

sobre o que acordar, por isso é real. Então estamos a falar sobre esta morte e renascimento, e ele diz-me: «vais nascer de novo?». Suponde que o homem voltará a este mundo. Ambos acreditamos que é um mundo, não pensamos que é um sonho.

Bem, digamos que tenho tido uma grande quantidade de experiência na arte do sonhar consciente. Sei que existe um mundo exterior, sei que há algo mais para onde acordar, mas ele não o sabe, ele não atingiu ainda esse ponto de compreensão do que se está a passar. Posso dizer-lhe: «Sim, nasceremos de novo» neste sonho, mas não lhe chamarei um sonho, usarei os pensamentos dele e as palavras dele: «Sim», digo eu, «nasceremos de novo neste mundo». E ele dir-me-á: «Como sabe isto?». E eu dir-lhe-ei: «Pela experiência». E ele dir-me-á: «Prove-o». E eu dir-lhe-ei: «Não posso». E ele dir-me-á: «Porquê?». E eu dir-lhe-ei: «Porque é o seu sonho, não o meu», porque quando eu acordar estarei conscientemente ciente de que sonhei e acordei. Quando vós acordardes, não tereis consciência de ter sonhado; portanto, não tereis consciência deste mundo em que estais agora a viver.

HOMEM: Isso continua a não dizer que ele não passe pela mesma experiência; ele simplesmente não está consciente dela.

YADA: É isso mesmo. Ele não está consciente dela, e isso é tudo.

HOMEM: Penso que percebo o ponto que focou e, se o compreendo, gostaria de explicar. Quer dizer que chega um momento na vida de toda a gente em que alcançam este estado de realidade, em que conhecem ambos os lados da existência.

YADA: Sim.

HOMEM: Tenho lido bastante sobre evidências, supostas evidências, vindas da quarta dimensão, ou do outro lado da vida, como quiser chamá-lo, que o dizem, ou que eles não conseguem corroborar, e no entanto também não o refutam verdadeiramente. Ora, o que me intrigou é que, no mesmo lado da vida que se supõe ter meios mais vantajosos de conhecer a verdade do que nós, eles continuam a não conseguir concordar; mas a sua explicação suponho que explicaria isso, porque, do outro lado, alguns deles provavelmente ainda não alcançaram esse estado de expansão de consciência em ambos os lados. É essa a resposta?

YADA: Sim, assim é. Vedes, eles estão no seu próprio sonho.

HOMEM: Por outras palavras, eles simplesmente não atingiram ou alcançaram ainda esse estado de desenvolvimento onde possam ter a consciência de ambos os lados.

YADA: É isso mesmo.

HOMEM: Chamado o estado real e o estado de sonho. O.K., isso lança uma grande luz sobre o problema. Muito obrigado.

YADA: É isso mesmo, sim, e no entanto é mais... deixai-me focar mais um ponto, por favor — estais interessados neste assunto?

PÚBLICO: Sim, muito.

YADA: Porque é verdadeiramente importante, importante para cada um de vós e para mim próprio. Ora, entrar naquilo a que se chama o estado de morte é mui parecido com entrar no vosso próprio estado de sonho pessoal. Podeis não encontrar o vosso pai, mãe, irmã, irmão, avó, bisavó, ou amigo, ou ninguém que alguma vez tenhais conhecido. Durante um período de tempo, podeis simplesmente criar o vosso mundo a partir dos vossos próprios desejos, e vivereis durante um período de tempo nesse tipo de mundo próprio. Tereis o tipo de pessoas que quereis convosco e exercereis os vossos desejos sobre elas conforme vos aprouver fazer, e elas ficarão mui felizes por vos aceitar porque elas são vós de qualquer maneira. Vedes para onde me estou a mover, meus amigos. Pensai nisto. É por isso que existem muitas pessoas que não saíram deste sonho, o que eu chamo o estado pós-morte.

Elas ainda não saíram dele e por isso, quando são chamadas de volta demasiado depressa, começam a dar estes pensamentos de sonho que são mui vagos e vão repeti-los e repeti-los e nunca dizer muito mais do que isso. Encontrá-los-eis em muitas salas de sessões espíritas. Eles estão inconscientemente apanhados no poder magnético não apenas da personalidade do médium, mas de todas as pessoas no círculo. Estão como num redemoinho de água. Vão à volta, à volta, à volta, e daqui a nada chegam ao centro e lá vão eles para baixo, para a sala de sessões. Depois, conforme vão sendo deixados ir pelas mentes das pessoas, voltam a subir para o seu sonho pelo tempo que for que tenham de passar por esse sonho. É por isso que tantas pessoas cometeram suicídio, que cometem suicídio repetidamente, em tempo mensurável, às vezes por séculos, mas vedes que os séculos para uma mente assim não existem.

O tempo não existe para elas. Estão a viver apenas em ato. Não sentem descontentamento, nenhuma infelicidade exterior, nenhuma capacidade de desejar outra coisa porque não têm outra forma de pensar além da que têm. Estão apanhadas hipnoticamente nos seus atos. Talvez eu pinte uma imagem terrível da vida de um suicida, mas nem sempre é verdade para os suicidas. Depende da natureza desse indivíduo, do seu sentimento pela vida, e de por que razão tirou a sua vida e de quantos sentimentos de culpa carregou consigo após o ato. Quero, por favor, afastar-me por um bocadinho. Talvez um dos meus colegas tome o meu

lugar e, se fordes pacientes, ele falará convosco mais um pouco. Meus amigos, senti-vos livres para falar connosco e, se não nos fizermos claros, vós, por favor, dizei-o, ajudai-nos a fazer claro. Fazei-me a honra de me permitirdes retirar. Estou mui feliz por ter estado aqui.»

«Meus amigos, eu sou o Professor Alfred Luntz, antigo clérigo da Alta Igreja Episcopal de Inglaterra, não da Baixa Igreja.»

SRA. PROBERT: «Oh, da alta, eh, Professor?»

PROF. LUNTZ: «Precisamente.»

SRA. PROBERT: «A sua aura é grande, também.»

PROF. LUNTZ: «É verdade, e o Senhor tinha um lugar mais agradável à sua mão direita para mim. Tinha-o, mas eu não fui capaz de o encontrar. Um clérigo sem um céu. Que horror, não é verdade? Estamos num hotel, minha querida?»

SRA. PROBERT: «Sim, estamos aqui em baixo no Grant Hotel, e está um pouco de calor. Estamos na parte inferior do edifício e não há muita ventilação a menos que abramos as portas.»

PROF. LUNTZ: «Bem, não continuarei por aqui muito mais tempo, dando a oportunidade a que vós, pessoas, saiais desta sala fantasmagórica. Um bocadinho assustadora, eh?»

SRA. PROBERT: «Oh, não, não é uma sala assustadora, é uma sala mui adorável.»

PROF. LUNTZ: «Senhor, é certamente bom vê-lo novamente; como se está a sentir, senhor?»

HOMEM: «Bem, senhor.»

PROF. LUNTZ: «Excelente. Como vai o seu trabalho?»

HOMEM: «Maravilhoso.»

PROF. LUNTZ: «Perdeu um bocadinho de peso, não perdeu?»

HOMEM: «Oh, apenas um nadinha.»

PROF. LUNTZ: «Bem, isso é melhor do que nenhum de todo, eh?»

HOMEM: «Tem toda a razão.»

PROF. LUNTZ: «Está com bom aspeto e fico feliz por saber que tudo está a correr bem consigo, senhor. Está de volta à cidade, eh?»

HOMEM: «Sim, estou de volta. Não é a minha cidade, mas pronto, estou de volta aqui.»

PROF. LUNTZ: «Bem, é bom tê-lo aqui. Como está a Sra. Joseph? Dê-lhe os meus cumprimentos, eh?»

HOMEM: «Com certeza que sim.»

PROF. LUNTZ: «Obrigado, senhor, e a todos vós, meus amigos, o meu amor — o meu amor. Agora não vou entrar em nenhuma dissertação.

Gostaria de ouvir um de vós e discutirei o vosso assunto da maneira que desejardes.»

SRA. PROBERT: «Professor, temos aqui um Doutor Livingston esta noite. Ele estava a perguntar-me sobre... ele sugeriu-me algo sobre o qual eu gostaria que ele falasse consigo. Doutor, falaria com...»

DR. LIVINGSTON: «Antes, eu gostaria de lhe perguntar quando viveu e onde, e mais sobre si.»

PROF LUNTZ: «Bem, senhor, eu parti do mundo físico em 1893. Nasci em 1812. Havia uma guerra a decorrer na altura, e parece continuar a decorrer. Vim de pais alemães e ingleses. O meu pai era advogado e tinha os seus escritórios em Hanôver, na Alemanha. A minha mãe era inglesa, claro, e vinha da parte norte de Londres. Ora, tenho alguma família que ainda vive em Inglaterra, por isso sou um pouco tímido em falar demais sobre mim. Não gostaria que nada relativo a mim chegasse até eles e os perturbasse de qualquer forma. Quanto aos anos que vivi na terra, passei cerca de cinquenta deles como clérigo da Alta Igreja Episcopal de Inglaterra.

Existem tantos outros assuntos que são muito mais interessantes do que a minha vida, a minha personalidade, ou eu como personalidade. Na verdade, não é o que ou antes quem uma personalidade é que importa na nossa comunicação uns com os outros, quer a comunicação esteja a decorrer entre dois seres vivos no corpo ou seres de mundos separados. O que importa é o que é dito.

A natureza do ser humano é tão peculiar. Está engarrafada com tantos preconceitos e medos que torna a comunicação extremamente difícil. Quando começamos a discutir a natureza de uma personalidade aqui — dar-vos-ei um exemplo —, é mui prevalecente no vosso mundo hoje a distinção de peles, a cor. Estais a ter uma grande contenda hoje no vosso país acerca dos brancos e das pessoas de cor.

Deveriam ser impelidos a juntar-se ou deveriam aproximar-se naturalmente, no devido tempo, por si próprios, através das suas próprias necessidades e vontades da companhia uns dos outros, de uma maneira inteligente, ou impelidos emocionalmente, agindo desse modo juntos emocionalmente? Eu preferiria ver a primeira via, senhor, mas aqui, olhemos para uma condição que poderia ser. Diremos que há uma parede aqui, uma divisória, e pede-se a dois homens que venham sentar-se a cada um dos lados desta divisória e conversem um com o outro.

A conversa corre maravilhosamente bem; de facto, eles ficam mui atraídos um pelo outro por aquilo que têm a dizer. Os seus pensamentos, as suas ideias, os seus sentimentos são comunicados através daquela parede.

Cada um está a dizer: «Irra, eu gostaria certamente de conhecer esse indivíduo em pessoa». Eles criam realmente um grande respeito e grande consideração e grande amor um pelo outro. Depois a parede cai ou é retirada e eles veem a pele. O preconceito — a minha mãe disse, a minha bisavó disse que a pele de cor não sabe tanto quanto a pele branca, ou vice-versa, dependendo do ambiente do indivíduo e dos seus pais e avós, e todo esse tipo de coisas —, e então temos uma guerra; o ódio surge onde outrora houve grande amor e grande respeito. Os vossos esforços para aproximar as duas raças, a maneira como isso está a ser feito é categoricamente estúpida! Obrigai as pessoas a fazer coisas e elas odeiam fazê-las. As pessoas de cor não têm maior alegria em estar misturadas com os brancos do que os brancos afirmam ter com as pessoas de cor.

Mas o vosso governo quer forçar a questão. Em tempos idos, a escravatura das pessoas comuns não era considerada nada de especial pelo cristão. Alguns dos maiores chamados cristãos tinham escravos, comercializavam na escravatura. Hoje o homem branco não sabe o que fazer em relação às pessoas de cor, mas elas são a sua responsabilidade, porque ele as retirou das suas casas, da sua fonte de origem, e as trouxe para aqui para os seus desejos, os seus propósitos. O homem branco deve mui às pessoas de cor em sangue e sofrimento, mas isso não se pode resolver e não se pode pagar pela força.

As pessoas de cor devem raciocinar inteligentemente se querem estar misturadas com os brancos tanto quanto os brancos querem tê-las a elas. Estou certo de que, se fosse feito desta maneira, haveria mais amor entre os dois povos gerado do que haverá da maneira como o estais a fazer agora. O que sou eu, um inglês? Nasci ou fui desovado, conforme o caso, num pedaço de lama chamado Inglaterra, e vós nascestes aqui noutro pedaço de lama chamado América.

Ora, porque eu sou algo chamado inglês e vós sois algo chamado americano, devemos olhar um para o outro com uma grande dose de desconfiança. Isto não é pensamento humano, isto é estupidez. Eu não sou um inglês, vós não sois um americano, nós somos seres humanos. O negro não é um negro, o branco não é um branco, eles são seres humanos, acima e além de qualquer outra coisa. Pensai nestas coisas, meus amigos — no vosso mundo cristão. Ora, eu não pensava nelas quando vivia no mundo físico, como clérigo; eu tinha os meus preconceitos.

Essa é uma das razões pelas quais não consegui comunicar com o mundo físico novamente durante alguns anos após ter partido do mundo físico. Tinha cortado uma fonte de entrada no mundo físico novamente: o médium. Eu ensinava que o médium era mau, que a prática da necromancia

era algo a ser punido com a morte, se necessário. Não disse Paulo: «Não sofras uma bruxa a viver»? Mas uma bruxa é um ser humano. Infelizmente, não reconheceram esse facto em Salem há alguns anos, e em muitas partes do mundo, no que a isso diz respeito. Bruxa — Negro — Branco — Americano — Japonês — Alemão — como nos cortamos em pedaços, como nos dividimos e odiamos estas pequenas partes de nós próprios.

Bem, eu não vim aqui para pregar, mas falarei sobre outras coisas se me permitirdes deixar a minha personalidade fora disso. Se me concedêsseis esse tanto, eu apreciaria certamente... Este cavalheiro que estava a fazer algumas outras perguntas aqui há pouco...»

SRA. PROBERT: «Professor, mencionei que o Dr. Livingston estava a dizer que gostaria de fazer algumas perguntas na área médica, Professor, e gostaria que discutisse isto com ele, se fizer o favor.»

PROF LUNTZ: «Oh, sim.»

DR. LIVINGSTON: «Estava a perguntar-me se haveria alguém... o Yada era um cientista, aparentemente, e este homem sendo um clérigo, estava a perguntar-me se tinham um homem da medicina no grupo, se cada um é especialista em todos os campos.»

PROF LUNTZ: «Quero dizer-lhe com toda a sinceridade que já há muito que tirei o meu colarinho, o invertido. Já não sou clérigo, nem tenho qualquer interesse na religião cristã tal como é ensinada pelo Clero através da Igreja, qualquer Igreja. Sei de forma diferente agora, senhor, sei que não há céu, nem inferno, nem purgatório. São todos criações da mente do indivíduo. Se ele os quiser, pode obtê-los concentrando-se um pouco, sim, ter o seu pequeno céu, fazer com que o seu Jesus venha até ele, o tome nos braços, o embale para adormecer. Mas quanto tempo pode isso continuar?»

PÚBLICO: «Até se cansar disso.»

PROF LUNTZ: «Até se cansar disso. Não me importo de tirar a religião a ninguém. Se a Igreja é o que eles desejam, Igreja eles deveriam ter.»

PÚBLICO: «Professor, está familiarizado com "Don Juan no Inferno" de George Bernard Shaw? É essa uma declaração das condições conforme as encontra?»

PROF LUNTZ: «Sim, senhor, considero que o indivíduo cria as suas condições conforme viveu na terra. Se ele acredita nesse tipo de coisas, bem, é isso o que lhe acontece. Ora, pode-se tomar drogas, ou pode-se fumar tabaco, ou pode-se ter sexo na vida pós-morte tal como se pode tê-lo aqui, mas há uma ligeira diferença nestas coisas, mas quem está a passar pela experiência não nota a diferença. Parece-lhes suficientemente real. É

um pouco, como o meu colega disse há pouco ao referir-se ao mundo do sonho como uma analogia do que está a acontecer na vida pós-morte.

É algo como um estado de sonho e somos movidos pelos nossos desejos e, até que vejamos o truque disso tudo, continuamos a seguir os padrões que criámos, enquanto o considerarmos necessário, enquanto durarem os desejos. E se não conseguimos ver através disso simplesmente como um desejo que nós próprios criámos e que podemos mudar num piscar de olhos se assim o desejarmos, bem, então continuamos a moer através disso — é algo como um estado de hipnose, pode-se dizer. Deixai-me apontar uma coisa que pode mui facilmente acontecer sob hipnose.

Poderíamos ter, digamos, seis homens aqui e seis aqui, ou digamos seis pessoas aqui e seis aqui nesta parte da sala e colocar o indivíduo hipnotizado no centro e dar-lhe a sugestão pós-hipnótica de que, quando acordar, está sozinho na sala. Ele aceitará esta sugestão e acreditará que está sozinho. Não verá estas outras pessoas na sala; portanto estas pessoas deste lado da sala, diremos nós, têm instrumentos de prazer, e as pessoas deste lado da sala têm instrumentos para criar dor, por isso ele é empurrado para trás e para a frente entre o prazer e a dor. Mas ele não sabe e não pode saber a fonte, a verdadeira fonte, de nenhum dos dois. Isto condu-lo a um estado de medo, pelo que começa a criar causas para estas coisas, imaginando-as, construindo os pensamentos. Ele pode chamar a isto Deus e o Diabo. O Diabo traz-lhe dor; Deus traz-lhe prazer — isso significa que ele estava a pecar. O que realmente aconteceu é simplesmente que ele ficou com um sentimento de culpa e vergonha do que estava a fazer.»

«Ele tinha sido condicionado, antes de ter sido colocado neste transe, a acreditar em sentimentos de vergonha e de culpa pelas suas ações. Ainda no transe, ele cria a fonte ou as fontes do seu problema porque não consegue saber o que elas realmente são. Doenças do corpo — o homem costumava acreditar no passado que se deviam a espíritos malignos. Bem, hoje alguns ainda acreditam nisso, e alguns têm razão. Quando digo que têm razão, que espíritos malignos causam enfermidades do corpo, estou a falar daquilo a que se chama obsessão. Ora, há muitos que não acreditam, especialmente no mundo médico, e no mundo da psicologia e da psiquiatria; eles não acreditam em seres obsessores externos, acham que o que está realmente a acontecer é que esta pessoa tem uma personalidade dividida, é um esquizofrénico, está a sofrer de frustração, de inibições, devido a algo que lhe aconteceu na sua infância.

Freud, Sigmund Freud, disse que uma grande quantidade de enfermidades do corpo se deve à frustração sexual, e ele tinha razão nos seus pensamentos apenas em parte. Senhor. Na verdade, uma pessoa pode

ser obsidiada. Eu sou um ser obsessor, mas possuo o seu corpo apenas por um tempo, com a permissão do rapaz, e retiro-me. Fico apenas por um curto período de tempo, porque sei que o meu uso do seu corpo é mui prejudicial para o seu ser.»

#82 17 de março de 1958

Yada: «*Senas and Senahas, a notchi.*»

Irene: «Minhas senhoras e meus senhores, boa noite, Yada.» (Yada fala na sua língua)

Irene: «O Yada está a dar uma bênção a vós, pessoas.» (Yada fala novamente na sua língua)

Irene explica: «*"Ka ci da"* é a palavra usada para ensinar sobre a vida espiritual.»

Yada: Fala na língua Yu.

Irene: «Talvez saiba, Yada, que tivemos um pequeno problema na gravação de sábado à noite. O primeiro lado da fita foi gravado com o dobro da velocidade.»

Yada: «Meus amigos, é um prazer vir falar convosco esta noite. Eu disse-vos na minha língua sobre a *"cheega"*, sobre esta máquina. Porque são feitas pelas mãos do homem, são de necessidade imprevisíveis. São máquinas. Nada é perfeito. Apenas a mente é perfeita. Quando a mente começa a trabalhar através do cérebro, que é energia, mesmo aí tendes problemas. Mas a mente em si está livre de problemas. É como a eletricidade, a eletricidade a trabalhar através de uma máquina. Às vezes a máquina avaria, mas a eletricidade não avaria.

A eletricidade está sempre lá, nada de errado com a eletricidade; apenas a máquina através da qual ela trabalha está errada. A eletricidade é sempre perfeita. Todas as forças da vida são perfeitas, mas quando começam a trabalhar através de corpos de qualquer tipo, há sempre a possibilidade de as coisas correrem mal. Por isso, não vos deveis sentir mal quando as coisas correm mal com o vosso corpo-eu, pois podeis ter a certeza de que o vosso mente-eu está bem. Quando começardes a trabalhar apenas no vosso mente-eu, então não tereis problemas. Mas isso será maioritariamente quando sairdes do corpo, não enquanto estiverdes nele.

Mesmo alguns dos maiores mestres, meus amigos, alguns dos maiores mestres em todo o mundo, têm problemas com as suas máquinas. Um homem que conheço na Índia morreu de cancro na boca, no entanto ele era um dos maiores mestres em toda a Índia sobre a Vida Espiritual. Outro homem na Índia tinha de se manter em água fria o tempo todo, porque as suas forças estavam sempre elevadas no seu corpo, queimando o seu corpo. As forças ígneas de *Kundalini* tinham sido despertadas vezes demais, até

ele perder o controlo sobre elas. Ele era um grande mestre, um grande mestre, sim, mas mesmo ele carecia de algum conhecimento e foi nessa falta que ficou preso.

Quereis falar sobre *Kundalini* e meditação?»

Público: «Sim.»

Yada: «Lembrai-vos sempre, por favor, de que não é sábio pedir aquilo que não estais preparados para gerir, porque, se o professor se recusar a dá-lo, claro, pode-se pensar mal dele, mas ele não se importa com isso, pois sabe que, se o desse, pensar-se-ia ainda pior dele. "Por que mo deu?" "Sabia que eu não estava preparado para isso." "Pediste-o!" "Sei que sabia mais." Vedes?

Isto lembra-me uma pequena história, uma história mui interessante do meu país. Havia outrora um *chela* — conheceis *"chela"*? *Chela* é o que se chama aluno, ou seguidor, de um professor. Este *chela* foi ter com o seu professor e disse-lhe: "Oh grande Guru, grande mestre, ouvi dizer que consegue caminhar sobre a água". O mestre, o grande Guru, olhou para o seu aluno, mas não disse que conseguia nem que não conseguia, limitou-se a olhar para ele. E depois disse-lhe: "Porque queres caminhar sobre a água?". "Oh sim, grande mestre, quero caminhar sobre a água, quero saber como faz isso".

Mas o Guru disse para si próprio: "Sei que ele acredita que posso fazer esta coisa e, se não lhe disser como fazê-lo, ele pensará menos de mim porque ainda não sabe o que é a verdade". Então disse ao seu aluno: "Se queres aprender a caminhar sobre a água, há uma coisa que deves fazer e é esta: não deves pensar em macacos a partir de agora". O aluno disse: "obrigado, oh grande Guru, mui obrigado". E depois foi-se embora. Em poucas semanas ele regressou e estava com mui mau aspeto. O Guru disse-lhe: "Oh aluno, o que se passa contigo, por favor? Estás com mui mau aspeto". E o aluno disse: "Oh grande mestre, já não quero caminhar sobre a água, por favor tire-me estes macacos de cima". (RISOS)

E assim é com a nossa vida e com a nossa busca de saber. Digo-vos, um dos primeiros requisitos para entrar no caminho da vida é o controlo emocional. Tendes de controlar as emoções. Mas, com o tempo, ireis para fora e regressareis e, devido às condições no vosso mundo ao vosso redor, dir-me-eis: "Tire-me estes pensamentos de que devo controlar as minhas emoções de dentro de mim, porque tudo o que faço é não as controlar. Agora, desde que me disse para o fazer, agora que despertou na minha mente que não tenho estado a controlar as minhas emoções, considero as minhas emoções mais descontroladas do que alguma vez antes". Aquilo em

que mais pensamos, ou em que nos fazem pensar mais, tornamo-nos. Não é assim?»

Irene: «Aquilo em que somos ensinados a pensar mais, tornamo-nos.»

Yada: «Sim, sim. Por isso, tende cuidado com o que pensais. Agora, outra pergunta, por favor.»

Irene: «Yada, tenho aqui uma pergunta. Evidentemente este indivíduo está a dirigir-se ao Mark. "Porque é que os seus professores não transmitem as suas mensagens via comunicação consciente da sua parte?". Isto é seu, Bonnie? Escreveu esta pergunta ao Mark?»

Bonnie: «Sim.»

Yada: «Uma pergunta mui interessante. Há muito tempo atrás. Eu não contei esta história no passado e não desejo contá-la agora, mas como perguntou, devo dizer-lhe qual é a verdadeira imagem sobre a razão pela qual este homem não faz o trabalho, ou sequer nos faz ficar de lado e falar-vos na sua própria consciência. O último dá demasiado trabalho quando podemos fazê-lo desta maneira direta; poupa tanto energia como tempo. Mas a verdade é que, numa vida passada, este homem viveu em Fuchow, na China.

Pertencia a uma família de mandarins, razoavelmente abastada. Era bem educado e queria ensinar filosofia, um modo de vida. Essa era a sua ambição, o seu desejo. Então ele propôs-se a fazê-lo, mas levou esta filosofia, que era o ensinamento da liberdade, do amor e do respeito por si próprio, levou-a para o meio dos *coolies* e disse-lhes que não tinham de ser escravos dos interesses instalados da época, os proprietários de terras.

Os interesses instalados da época não gostaram disso porque os *coolies* eram os seus escravos. Eles próprios não sabiam trabalhar, nunca tinham trabalhado, e perder os seus escravos significava que teriam de ir trabalhar. Nada bom. Foi como há alguns anos numa determinada parte do vosso país, quando escravizastes um povo, o povo negro no sul do vosso país. Eles, porque não queriam trabalhar, sujar as mãos, trabalhar com as mãos; porque queriam levar uma vida de liberdade e ócio e luxo, escravizaram um povo.

Em momento algum, meus amigos, podeis escravizar um povo sem que vós próprios sejais escravizados. Mais cedo ou mais tarde, a mesa vira-se. É estranho que o homem pareça não se dar conta disto. Durante milhares de anos as pessoas têm estado a escravizar outras pessoas, o seu semelhante, degradando-as. Mais cedo ou mais tarde ocorre uma reviravolta, pois essa é a natureza da vida.

Voltando atrás na minha civilização, há 500 000 anos; a minha civilização durou 1024 anos. No início, todos ajudavam todos os outros.

Havia amor e apreço. Havia amor uns pelos outros e pelo trabalho que se fazia entre as tribos, os grupos. Depois, à medida que a civilização avançava e se tornava mais complexa, uns escassos poucos começaram a procurar vias e meios para não terem de trabalhar tão afincadamente. Que o fizesse outro. Assim, não tardou muito para que quase a civilização inteira estivesse escravizada a uns poucos.

Agora vou voltar ao que estava a dizer sobre este homem, o Mark. Portanto, os interesses instalados da época foram ter com ele e disseram: "Não podes continuar com isso, nós não gostamos. Se o fizeres, cortar-te-emos a cabeça, de tanto que não gostamos disso, e maltrataremos a tua família".

Ora, ninguém quer perder a cabeça, não dessa maneira, de qualquer forma. Então disseram-lhe: "Não precisas de ficar de coração partido, nós recompensar-te-emos. Faremos o equilíbrio para que não fiques arrependido com isso". Mas ele ficou arrependido com isso, não por ter sido impedido de fazer o seu trabalho, mas porque viu a grande necessidade de trazer conforto, alegria e liberdade a um povo escravizado, humanos como ele próprio; com toda a capacidade de sofrer como ele próprio.

Ao seu redor estava esta grande dor, esta agonia, provocada pela escravatura. Disseram-lhe: "Tudo bem, faremos o equilíbrio para ti. Podes viver no luxo. Dar-te-emos, e à tua família, tudo o que quiseres ou pedires pelo resto da tua vida. Acabaram-se os problemas". Uma escolha, *ha*, uma escolha entre uma vida de facilidades, uma vida de luxo, ou aquilo (gesticula cortando a cabeça).

Pode ser aceitável para um indivíduo assumir a responsabilidade apenas por si próprio — ele fá-lo-ia —, mas tendo uma família, não o podeis fazer. Não tendes o direito de fazer a escolha de os colocar numa situação em que eles sofram. Por isso, ele curvou-se a isso e não só entrou numa vida de luxo, mas numa vida de devassidão do pior tipo, de modo a apressar a sua própria morte sem um suicídio declarado. De modo a desonrar a sua família. E assim ele morreu.

Ora, ele, querendo ainda ajudar o seu semelhante sofredor, regressou a este mundo. Alguns de nós, do Círculo, fomos aqueles que causaram o seu sofrimento nessa vida anterior. Alguns de nós ameaçaram a sua subsistência e o seu direito de fazer o que ele sentia que era correto fazer. Por isso, formámos um grupo e viemos ter com ele para lhe dar a oportunidade agora de prestar esse serviço, e nós, como consciências, atuamos sobre as células do seu cérebro como unidades de memória do que dizer, dos antigos ensinamentos que ele outrora conhecia. Ele já não o tinha na sua mente consciente. Foi apagado na morte e, ao regressar ao corpo

físico desta vez, ele tinha ainda menos disso na sua consciência. Por isso, atuamos como unidades de evocação.»

Irene: «Isso aplica-se a todos os assuntos sobre os quais vós, pessoas do Círculo Interno, falais através do Mark?»

Yada: «Sim, pois é muito mais, muito mais do que ele sabia nessa altura. A sua educação em filosofia e as suas ideias eram grandemente limitadas, mas desta forma estamos a dar mais do que aquilo que foi retirado nessa altura.

Ora, meus amigos, eu não era um deles, pois não fui atraído de volta ao mundo físico novamente. Só muito tempo após a minha partida, naquilo a que se chamava Yuga, é que tentei sequer comunicar com o mundo físico outra vez. Tenho estado de volta à terra muitas vezes nesses séculos passados.»

Irene: «Desde há 500 000 anos, Yada?»

Yada: «Sim. Mas não regressei através de uma mãe. Não voltei a seguir o caminho biológico que segui nessa altura. Não precisais de nascer de novo no mundo físico, se aprenderdes a viver conscientemente agora no mundo físico. Não há lei que vos possa trazer de volta aqui, a não ser a vossa própria, a não ser aquela que vós fazeis, se viverdes conscientemente. Mas se não o fizerdes, então regressareis automaticamente. Não tereis escolha, porque os vossos desejos vos trarão de volta, os vossos desejos cegos descontrolados.

Ora, os desejos são admiráveis, belos. Devemo-los ter. Todo o vasto mundo, toda a criação, surgiu através do desejo, o anseio por, o sentimento por, o querer de. Se não podeis destruir o vosso desejo, matar o vosso desejo (o que não conseguis fazer), então tendes apenas uma outra via e essa é o que se chama controlo consciente dos vossos desejos. Sabei o que estais a desejar. Tende a certeza de que é isso o que quereis, porque, se não tiverdes a certeza, ides obtê-lo de qualquer maneira! Mas se for um desejo verdadeiro, um que seja transformado num símbolo no mente-eu, obtê-lo-eis no mundo físico. Manifestar-se-á a partir desse símbolo algum tempo antes de deixardes o mundo físico.»

Irene: «Não temos de desenvolver um complexo de culpa por regressarmos através do caminho biológico?»

Yada: «Não, não há nada de errado nisso. Se regressardes, não há nada de vergonhoso nisso. Não há nada de mau no mundo físico; é o nosso pensamento que cria a maldade.

Muitas pessoas que entram no estudo daquilo a que se chama a vida oculta interna e metafísica começam por vezes a pensar quão vergonhoso é o mundo da matéria. Tal pensamento está maioritariamente centrado no

corpo-eu. Como o corpo é sujo, como os seus desejos são pecaminosos — está errado, está mui errado. O que quereis que o corpo faça? Ser consciente. Mover esse corpo para fazer o que quereis que ele faça. O único pecado da vida é a ignorância, é um querer a ignorância, recusando aprender. Esse é o vosso pecado, esse é o meu pecado. É o pecado de toda la raça humana. Ora, isto é algo que podemos superar, podemos fazer algo a esse respeito.»

Irene: «Aqui está outra pergunta. Explicaria melhor: "Façamos o homem à nossa imagem e semelhança". Com quem estava Deus a falar e existem dois criadores em vez de um?»

Yada: «Existe apenas um criador e eu sou Ele, Ele com letra maiúscula. Ele, eu sou Ele. Ora, este "Eu sou" não se criou a si próprio em forma como uma imagem do criador. É aqui que a religião cristã vos induziu em erro, fazendo-vos acreditar que Deus é uma espécie de ser de aspeto humano com qualidades humanas, especialmente do tipo inferior: fúria, ira e vingança, malícia, ódio. Estes são todos os atributos mais baixos e piores do ser humano. Ora, se fordes à história antiga daquilo a que se chama o Judaísmo, descobrireis que o Deus de Moisés era um deus de ira; o Deus de Abraão era um deus de ira, um deus de cólera, um deus de violência. Por que era Ele?

Primeiro deixai-me dizer-vos, meus amigos, que o homem a quem chamastes Moisés não era de ascendência judaica. O povo judeu tinha os seus mestres, os seus avatares, o mesmo que todas as raças. O Moisés era um egípcio no tempo de Amenófis IV (1375-1358 a.C.). O Amenófis IV era o líder de uma ordem mística conhecida como a Fraternidade Branca nesse período de tempo. Ele tentou primeiro chegar ao povo escravizado nos dias dos babilónios. Tentou trazer compreensão a estas pessoas que viviam numa grande turbulência e numa grande imundície e numa grande luta. A doença grassava por toda a parte. Havia grande ódio e grande luxúria. Não acreditavam em deus nenhum.

Não acreditavam em nenhuma sobrevivência. Acreditavam apenas no corpo e nas coisas materiais. Ele salvou o povo dessa época que era não apenas da raça judaica, mas de muitas outras raças que estavam escravizadas. Mas o Amenófis não foi aceito, foi expulso. Por isso, enviou dezasseis professores às diferentes raças de pessoas, cada um fazendo-se passar por membro dessa raça em particular. Pois era apenas dessa forma que os professores podiam chegar até eles. Tinham de ser do seu tipo. Não é verdade que confiamos nos nossos muito mais depressa do que num estranho? Sim. A Luz deve chegar ao homem ou ele destrói-se a si próprio, a Luz de Saber o que realmente somos: grandes seres divinos.

Por isso, ele enviou os seus dezasseis professores, um dos quais era o Moisés, um grande iniciado e mestre egípcio. Um mestre que conhecia as leis da magia e como criar condições mágicas. Sabia que só desta maneira conseguiria prender a atenção daquelas pessoas enlouquecidas e selvagens. Magia. Então ele veio para o meio delas e conduziu-as para fora da servidão para a liberdade. Mas que tipo de liberdade? Para uma liberdade que elas teriam de merecer, porque mesmo depois de as ter tirado de lá através do grande Mar Vermelho, a salvo daqueles que as perseguiam, elas começaram a lutar entre si novamente. Tinham de aprender por si próprias. A liberdade não é algo que recebemos de alguém fora de nós próprios — isso é escravizar-nos.

Escutai, meus amigos, vamos voltar outra vez ao que eu estava a dizer sobre as pessoas de cor no sul. Ora, elas foram trazidas da sua terra natal para o vosso país da maneira mais cruel. Depois de receberem aquilo a que se chamou a sua liberdade, durante muito tempo não souberam o que fazer com ela. O mero dizer a alguém que escravizastes de qualquer maneira: "És livre agora, não te escravizarei mais, vai para fora", não o liberta. No momento em que os libertastes, eles estão escravizados novamente porque têm de conquistar a sua liberdade de si mesmos.

Adquiriram hábitos de escravo que se tornaram enraizados neles. Tem de lhes ser dada uma oportunidade de encontrarem o seu próprio caminho de volta. É dever daqueles que os escravizaram mostrar-lhes como obter uma liberdade verdadeira; uma liberdade verdadeira ensinando-os a pensar livremente. Tendes de pensar livremente antes de poderdes ser livres.

Muitos de vós, pessoas brancas, não sois livres. Os mesmos que possuíam estes escravos eram mais escravos dos seus próprios hábitos, dos seus próprios eus emocionais inferiores, do que aqueles que tinham escravizado. Liberdade — devemos primeiro conquistá-la de nós próprios.

Voltando outra vez à minha civilização — a minha cidade era uma cidade aberta onde qualquer um dos escravos que escapasse de qualquer outra parte da civilização, uma vez que chegasse aos limites da cidade, ficava livre. Não podiam ser levados de volta. Na minha civilização, como disse, quando os escravos entravam na minha cidade ficavam livres. Praticamente na altura do fim da minha civilização um rapaz, ainda não na adolescência, um rapaz mendigo com aspeto esfarrapado, cego e com cabelos compridos até aos ombros, apareceu subitamente na nossa cidade. Ele tinha os olhos bem abertos, mas não conseguia ver. E nós, os sacerdotes do templo, começámos a ouvir falar das coisas miraculosas que ele estava a fazer. Por isso eu, que na altura era o Kata, ou homem-deus, ou

sacerdote, eu, entre vários outros sacerdotes, fui enviado pela cidade à procura dele.

Finalmente encontrei-o numa caverna subterrânea e, quando entrei na caverna, vi uma série de escravos de joelhos e este rapaz cego estava a falar com eles. E uma das coisas que lhes disse foi: "vós que vos chamais escravos, agora encontrais o que pensais ser liberdade nesta cidade. Eu digo-vos, podeis correr tão longe e tão rápido quanto quiserdes, mas nunca escapareis à escravização daqueles lá fora que procuram escravizar-vos até que a tenhais tirado de dentro de vós mesmos". Ele disse: "Agora levantai-vos, começai a viver como homens livres, saí de joelhos. Parai de vos curvar, parai de vos arrastar, vós sois seres humanos. Vós sois mais, vós sois seres divinos".

Conheci este rapaz, no instante em que o vi, pelo que ele era: um grande mestre, um homem da história que tinha vindo naquele período de tempo para ajudar a civilização de Yuga a escapar à grande catástrofe que estava prestes a atingi-la. Contudo, ele foi enviado por seres superiores para tentar salvar a civilização. Mais tarde, ele apareceu na Casa da Corte, ou o que é conhecido como a Casa dos Governantes. Na grande cidade do sol, ele apareceu-lhes como um mercador rico porque sabia que nunca conseguiria uma audiência com mentes daquelas como um rapaz mendigo ou como uma pessoa cega.

Por isso vedes, meus amigos, a história da escravização e da liberdade não é algo novo. Nós, que nos chamamos livres, estamos mui frequentemente tão profundamente escravizados pelos nossos próprios hábitos que somos escravos de longe piores do que se tivéssemos sido fisicamente escravizados por outrem. Lembrai-vos disso, é importante quando começardes a lidar com outro que encontreis escravizado, ou quando encontrardes alguém a escravizar outrem.»

Irene: «A meditação, a respiração e a força Kundalini são mencionadas em *"The Coming of the Guardians"*. (*"The Coming of the Guardians"* é um livro compilado pelo Sr. N. Meade Layne com material transmitido através do transe, como aquele em que o Mark está agora, pertencente aos discos voadores e a outros fenómenos psíquicos. Esta pessoa está a fazer uma pergunta sobre uma citação em *"The Coming of the Guardians"*). Como se deve meditar para alcançar o esclarecimento ou para obter o controlo completo no governo do corpo?»

Yada: «Primeiro, perguntar-vos-ei: "Quais são os vossos desejos?". "Quão bem governais estes desejos emocionalmente?". Isto é importante, meus amigos. É importante saber antes de entrardes naquilo a que se chama meditação com o uso da respiração. Porquê? Porque, se não estais no pleno

controlo do vosso eu emocional e elevais as forças ígneas dentro de vós (*Kundalini*) com o uso da respiração, e a força chega às células cerebrais e desperta certos centros que não foram despertados antes, encontrar-vos-eis, em vez de em *Samadhi*, o estado celestial, obsidiados com o tipo de inferno mais diabólico.

Meus amigos, falo-vos sinceramente, falo-vos honestamente, falo com o vosso bem-estar na minha mão, pois sei o que a *Kundalini* pode fazer se o indivíduo não estiver preparado para enfrentar todas as experiências nos estados de *Samadhi* com desapego. Deixai-me dizer-vos isto, apenas isto: começai e vereis o que acontece. Tomareis a vossa posição, seja ela qual for; talvez vos deiteis, talvez vos senteis, talvez fiqueis de cabeça para baixo, ou algo parecido com isto (conforme o Yada está sentado).

Ora, seja qual for a posição que tomeis, deve ser uma em que estejais perfeitamente confortáveis. Porquê? Para que a vossa mente não esteja consciente do vosso corpo físico, para que a vossa mente possa estar livre. Caso contrário, o corpo continua a melgar a mente. Descobrireis isto: sentais-vos e o momento em que começais a meditação sem respiração, sem nada, apenas concentração comum, isto é o que acontece: macacos (Ilustra, risos do público), os macacos da irritação instalam-se. Isto não é de modo nenhum sempre assim. Uma das primeiras coisas, antes de vos sentardes para fazer a meditação, é tomar um bom banho morno. Isto lava grande parte da excreção ácida da superfície do corpo que faz a pessoa sentir comichão. A substância ácida vem mais à superfície quanto mais profundamente começamos a concentrar-nos e irrita o que se chama os gânglios nervosos da pele.

Ora, se tendes fome, tomai um pouco de sumo de fruta ou um pouco de leite morno, de preferência leite de cabra. O leite de vaca tem demasiado ácido, usai leite de cabra. Então agora tomais a vossa posição. Por que razão algumas pessoas tomam a posição de pernas cruzadas? É uma posição mui difícil de adotar e podeis estar nela e não serdes capazes de sair. (Risos). Verdadeiramente, não é para mui gente no mundo ocidental. Mas, voltando à questão de por que é desta maneira? Porquê esta posição específica?

Primeiro, ela tranca o corpo para que não possais cair. Mesmo que adormeçais, continuais sentados e não caís de nariz! Essa é uma razão. A razão seguinte é que esta posição abre a parte inferior da coluna vertebral. Abre um centro ali onde a serpente reside na base da árvore, ou o que se chama a espinha. Esta é a história do Jardim do Éden. Agora começais a tomar a vossa respiração. Meus amigos, não vos vou dizer como respirar.

Não é correto eu fazê-lo a menos que pudesse estar convosco no início do vosso estudo. É mui perigoso.

Gostais de viver confortavelmente? Sim, *huh*? Todos os dias tendes de vos levantar e ir para o vosso trabalho. Tendes de fazer dinheiro para vos manterdes a andar no vosso mundo. Não vos perturbeis com coisas que não precisais de fazer para obterdes o vosso crescimento. Para um homem que sabe usar a dinamite, a dinamite é um amigo, mas para quem não sabe, adeus! É mui tolo. A *Kundalini*, quando excessivamente estimulada, pode cremar o corpo. Ouvistes falar em anos recentes de pessoas que foram encontradas queimadas até à morte no seu próprio quarto? É assim, *huh*?»

Público: «Sim.»

Yada: «A força ígnea libertada por esforços experimentais por parte daqueles que não sabiam como a controlar. A *Kundalini* queimará o corpo até às cinzas. É por isso que é chamada força ígnea. Mas de certa forma, quando vos deparais com coisas tais como pessoas a queimarem até à morte dessa maneira, não acreditais nisso. Talvez alguns de vós acreditem, os que se autointitulam peritos em fogo na vertente material da química. Essas pessoas espertas em química são mui estúpidas noutras coisas.»

Irene: «Elas provavelmente não saberiam o que era a Força Kundalini.»

Yada: «Não. No entanto eu saberia, se estivesse aqui convosco, dir-vos-ia. Mas não estou e não vos farei uma injustiça. Podeis estar a odiar-me por isso agora, mas mais tarde ficareis felizes. Quando estiverdes prontos, fareis com que o professor adequado venha ter convosco. Posso assegurar-vos disso, mas não vos posso dizer quando estareis prontos. Nem vós próprios o sabeis. Eu não sei quando estarei pronto. O despertar vem por pedaços, rápido e num relance, e vós sabereis.»

Irene: «Foi afirmado que cada um de nós tem pelo menos um guia e um professor do outro lado. Como são estes guias ou professores selecionados para nós?»

Yada: «Pelos nossos próprios interesses, os nossos verdadeiros interesses interiores. Digamos que alguém está mui interessado em música, ou em qualquer uma das artes criativas, ou em qualquer um dos assuntos mais educativos da vida. Atrairá para si esse tipo de professor, que é muito mais esclarecido sobre as coisas que ele procura fazer do que ele próprio. Ora, este ser pode não vir ter convosco ao início como um guia, pode não aparecer-vos como uma voz, mas enquanto estais a perseguir os vossos interesses, ireis receber impressões, sentimentos interiores, impressões nos vossos sonhos, no vosso estado de sono, impressões enquanto estais até ocupados com isso, quando estais a fazer outra coisa bastante diferente.

Por isso, se vos encontrardes envolvidos no vosso trabalho e tiverdes atingido um ponto que não conseguis ultrapassar, não fiqueis furiosos com isso. Enchei a vossa mente com outra coisa, esperai. Dai ao vosso eu inferior, ao vosso eu emocional, a oportunidade de relaxar, de deixar de acreditar que está a fazer a criação. Tratai de outras coisas e, quando o ego-eu emocional que se julga (parece) tão esperto não estiver a olhar, logo aí entra-vos uma impressão na cabeça.

De imediato, fazei isto rapidamente antes que o eu emocional regresse, rápido. De imediato dizeis: "Tive um vislumbre, uma ideia". Mas vós, a consciência superior, tivemo-la. Ela passou por esse pequeno ego-eu egoísta. Quem quer que se julgue O TAL, quem quer que tente fazer-vos a vós ou a mim sentirmo-nos importantes face ao meu semelhante, ele estava, pelo momento, a não olhar. Mui bem, feliz por ele não estar a olhar.»

Irene: «Outra pergunta?»

Yada: «Por favor.»

Irene: «Vou juntar duas perguntas desta vez, Yada. O que causa o cancro? Esta é uma pergunta, e a seguinte é: Tendo em conta o facto de que todas as pessoas sabem e estudam também, por que razão é tão impossível curar as próprias enfermidades físicas, sabendo que em Deus não há enfermidade nem doença? Como podemos treinar os nossos pensamentos para superar esta condição?»

Yada: «O cancro é provocado por muitas coisas, porque existem muitos tipos de cancro. Contudo, primeiro podemos dizer que o cancro tem a sua origem nos genes e nos cromossomas. Portanto, digo-vos, ele é por vezes herdado. É um fator herdado devido a um gene ou cromossoma fraco nessa doença específica. Algumas pessoas têm fraquezas celulares para outros tipos de doença: tuberculose, paralisia, problemas cardíacos, todas estas coisas.

Mas estas coisas vivem na mente da raça. Existem algumas raças nas selvas do Amazonas e em certas secções das selvas, na Índia e em África, onde as pessoas nunca morrem de cancro. Não está na sua mente tribal ou de raça, mas têm outras doenças igualmente más, se não piores. Ora, o cancro do sangue, ou o que chamais leucemia, por norma é criado, ou tem a sua origem na medula do osso. A medula dos ossos fabrica células sanguíneas, sabeis?»

Público: «Sim.»

Yada: «Ora, por vezes há uma fraqueza nestas células criadas pela medula e depois esta é projetada na corrente sanguínea, onde temos uma célula sanguínea fraca. Uma célula sanguínea fraca significa uma célula sanguínea faminta. Ela, a fim de sobreviver, ataca e fixa-se a uma célula

boa. Como não há energia suficiente para as duas, ela desagrega a célula boa e passam a existir duas células más. Ora, elas vão e atacam outra célula e outra e outra, até que tendes o que se chama coagulação, uma condição de coagulação no sangue. Isto mata, porque o sangue depois não consegue passar pelas várias artérias para alimentar o corpo.

Leucemia. Ora, todo o crescimento canceroso começa no sangue. É primeiro produzido pela medula do osso. Ora, pode não criar resíduos no sangue. Pode não criar o que se chama leucemia ou cancros do sangue. O sangue é uma substância de tecido também, sabeis. Pode localizar-se noutro lugar qualquer do corpo, num órgão qualquer.

Mas ataca sempre o sangue primeiro e o sistema linfático. Há alguma infeção, o sistema linfático. Por que razão haveriam de produzir células fracas ou danificadas? Porque as glândulas, especialmente as glândulas endócrinas, foram mal alimentadas, compreendeis? Mal alimentadas. Isto provoca um mau funcionamento das glândulas. Isto faz com que elas injetem no corpo substâncias que não são nutritivas.

As células sanguíneas não estão, portanto, a transportar... pois sabeis que, enquanto algumas células transportam oxigénio, outras transportam alimento. As que estão a transportar substâncias alimentares para diferentes partes do corpo podem estar enfraquecidas. Aqui, novamente, encontramos as células necrófagas, as células famintas. Em vez de se localizarem na corrente sanguínea atacando aí as células do sangue, elas fixam-se e prendem-se a algum órgão do corpo... depois começam a espalhar-se, acumulando um maior número de células, crescendo cada vez mais depressa juntas. É verdade, as células enlouqueceram e a loucura vem da fome. O sistema glandular deixou-as ficar mal.»

Irene: Está pronta para outra pergunta?

Yada: Sim, por favor.

Irene: Tendo em conta o facto de que todas as pessoas conhecem e estudam a verdade, pode dizer-nos por que razão é tão difícil e frequentemente impossível curar as nossas próprias enfermidades físicas, sabendo que em Deus não há enfermidade nem doença?

Yada: Para aí. Primeiro, quero dizer isto, meus amigos: embora possais pensar que «sabendo que em Deus não há doença», vós não sabeis tal coisa! Lamento imenso, mas não sabeis. Ora, se soubéssemos isto, assim seria. Não teríamos nenhuma destas coisas. Mas ao sabermos «em Deus não há enfermidade», não sabemos o que Deus é; tentamos fazer d'«Ele» um «Quem», e Deus não é um quem. Na Ciência Cristã, um ensinamento mui belo no qual muitas, muitas pessoas foram curadas de algumas enfermidades mui terríveis e malignas, mui poucas dessas pessoas sabiam

que «em Deus não há doença». Essa é a palavra que ouviram e, por isso, pensam que sabem.

Mas a verdade é que elas não têm de saber. Alguém pode ser o que chamais um completo agnóstico e não ter qualquer sentimento em relação àquilo a que se chama uma divindade, e no entanto ele não só pode ser, como mui frequentemente tem sido, curado de uma enfermidade do corpo através do trabalho de um Praticante da Ciência Cristã. Não apenas isto, esta pessoa que está a sofrer da enfermidade, que é o agnóstico, pode nem sequer saber que alguém está a trabalhar nela. Apenas quem trabalha deve saber para quem está a trabalhar. Isso é tudo. Sim?

Irene: Ia dizer que, às vezes, Yada, não é verdade que quem trabalha pode estar a trabalhar em alguém numa localidade distante e não conhece a pessoa para quem está a trabalhar?

Yada: É isso mesmo. Tudo o que precisa é do nome da pessoa. Ora, dada a ideia de que existe alguém chamado fulano de tal que precisa desta ajuda, curado ficava, curado quase de imediato. Porquê? Porque sem que o seu pedacinho de consciência saiba nada sobre o assunto, o seu eu omniconsciente sabe. O seu eu omniconsciente é puro, nada sabe sobre enfermidades. Ora, é aqui que chegamos a Deus, ao que o homem chama erradamente de Deus e pensa d'Ele como uma divindade e que deve adorá-Lo ou Ele nada fará por si.

Não tendes de proferir uma única palavra de adoração à Grande Luz interior, precisamos apenas de apelar a Ela, pois vós sois o louvor d'Ela. Ela não precisa dos louvores do homem, pois que tipo de homem tece louvores, que parte de nós? Os nossos eus emocionais inferiores e tolos.

Esse é o que gostaria de colocar Jesuses na cruz; esse é o que acredita que alguém morreu por si porque quer uma passagem fácil. Esse é o que chora num momento, na sua maneira confusa e compassiva, pela dor de alguém que se martirizou por si, e depois vai para fora e comete os atos mais atrozes contra o seu semelhante. É essa pequena besta interior que faz com que as religiões católica e protestante entrem em guerra e se matem umas às outras, ou ao mártir, ou ao martirizado, para o seu próprio bem.

Irene: Foi-me dito ontem à noite pelo nosso amigo que, por causa de uma religião, foi deitado óleo sobre crianças pequenas e atearam-lhes fogo, e elas correram pelas ruas em chamas, não há muito tempo.

Yada: Gostais disso? A isto chama-se Cristianismo? Oh, meus amigos, será de admirar que o vosso mundo esteja num estado tão louco? Será de admirar? Aqueles de vós que pensam, olhai para trás, para a história do vosso semelhante. Aqueles que dormiam, aqueles que dormiam o sono da ignorância, quão fácil era para eles assassinar e cometer

crueldades que até a besta mais selvagem das selvas não cometeria com os seus semelhantes. Olhai para trás, ao longo dos anos e dos tempos, e sentivos gratos por vos terdes elevado acima disso. Mas não tenhais dúvidas de que, se estas pessoas conseguissem o controlo das vossas mentes novamente, fariam tudo de novo. Por isso, não o esqueçais, vós que estais acordados, não o esqueçais.

Agora, por que razão não se pode curar a si próprio? Há alturas em que não se pode porque não se sabe como fazê-lo. Há outras alturas em que se pode nem o fazer, mesmo sabendo como fazê-lo. Pode-se estar a aprender um certo tipo de compreensão da vida ao passar por essa experiência. Ao sofrer até ao fim, depois sai-se do outro lado da dor aliviado e limpo da sua experiência. Às vezes tentamos curar alguém e, por causa de uma experiência que a pessoa teve numa vida passada, uma experiência alojada profundamente naquilo a que se chama o eu inconsciente, este recusa-se a largar os seus esforços que fazem o corpo desta pessoa sofrer; podeis curar de uma doença e ela arranjará outra. Esta experiência no passado deu-lhe um sentimento profundo de culpa que alargou o seu campo de destruição.

Ora, meus amigos, todos nós temos as sementes da destruição e da construção dentro de nós. Não é assim? Tudo bem, o que vamos fazer, desenvolver a da construção ou a da destruição? A da construção, claro! A melhor maneira de fazer isto é tentar encontrar uma forma de se analisar a si próprio. Por que pensa como pensa? Por que se sente como se sente? Tente encontrar alguém para o ajudar a analisar-se a si próprio, para que se possa sentir livre de qualquer sentimento de culpa.

Ora, existem algumas palavras que constroem um sentimento de pecado quando as ouvis, especialmente palavras na vossa língua inglesa, porque não só nos dão sentimentos de pecado, como nos dão sentimentos de dor real. Talvez quando éramos crianças pequenas associássemos essas palavras a alguns atos que testemunhámos quando não tínhamos idade suficiente para conhecer a verdadeira natureza do que se estava a passar. Podemos associar estas palavras à dor, a dor daquilo que estávamos a ver e não sabíamos como compreender.

Depois, à medida que avançamos pela vida fora e atingimos a idade adulta, se ouvimos estas palavras novamente, encolhemo-nos inconscientemente, porque o eu inconsciente, «ele» lembra-se e evoca a dor. A dor daquilo que não compreendestes mas que testemunhastes. Portanto, vedes por que razão é melhor ter outra pessoa que não vós próprios a psicanalisar-vos para vos ajudar a compreender-vos a vós próprios?

Sei que é mui difícil. Não tendes escolas aqui no vosso país, escolas de homens e mulheres que vos analisam a vós — e não à vossa carteira! Mas estes homens e mulheres têm de viver, e a vossa forma comercial de viver faz com que eles exijam mais do que aquilo que lhes deveria ser dado. Eles têm de o fazer, se querem viver confortavelmente, não importa como vós vivais. Eles não estão interessados nisso. Eles vão tirar-vos o dinheiro porque estão nesse trabalho. Passaram anos de estudo árduo; se são verdadeiros médicos analistas, passaram anos de estudo árduo e nunca param de estudar, por isso merecem o que quer que consigam obter.

No entanto, não é justo para vós, vós que não tendes o dinheiro para os sustentar. Deveríeis ter uma escola gratuita. É por isso que há tanta loucura no vosso mundo. Os doentes físicos estão a ser curados de muitas das doenças mais violentas. Os vossos médicos encontraram uma forma, o cientista primeiro, ao criar melhores condições higiénicas para se viver. Depois, através do estudo da química, aprenderam a reduzir muitas das enfermidades mais virulentas por este amplo estudo das mesmas. Mas a loucura aumentou de longe mais, em proporção, do que aquilo que os médicos conquistaram na saúde física. Pensai nisso!

Aumentou tão rapidamente que não tendes camas suficientes nos vossos hospitais, não tendes hospitais suficientes para cuidar daqueles que precisam de ser cuidados.

Portanto, vedes, meus amigos, por que razão vos dizemos que o controlo emocional é uma coisa tão grande. Não deveis tentar controlar as vossas emoções, mas sim aprender a controlá-las. Compreendeis a diferença, por favor? Porque se tentais, significa que estais a forçar. É preferível dardes vazão ao vosso sentimento do que fazerdes isso.

Irene: Antes de começarem, eh.

Yada: Como fazeis isto? Primeiro, tentais analisar o que se está a passar aqui fora. Haverá algo tão importante que preciseis de vos destruir por causa disso? Haverá quaisquer atos aqui fora pelos quais preciseis de subir a vossa pressão arterial, para colocar maior pressão sobre o coração, sobre o sistema respiratório, os pulmões... haverá? Nem uma única coisa! Porquê? Porque durante milhares e milhares de anos os homens têm estado a fazer este tipo de coisas e estão todos mortos agora! O que é que isso lhes trouxe? Os insultos mais pessoais que alguma vez receberam, pelos quais entraram em grandes fúrias, nada lhes valeram, porque estão todos mortos agora.

Vós, um dia, ides estar com eles. VIVEI AGORA. Tomai as vossas forças vitais e usai-as construtivamente. Sabeis, meus amigos, a raiva é uma forma de masturbação. Porquê? Porque estamos a lançar a nossa

energia sexual contra outro, ou contra uma coisa — uma força sexual que estamos a usar na raiva. A força sexual é uma força vital, está em todas as células do corpo.

Irene: E conseguimos senti-la também.

Yada: Podeis lançá-la contra alguém na vossa raiva e esse alguém pode ficar mal do estômago. Alguma vez o sentistes vós próprios, mal do estômago na raiva? Porquê? Porque a energia nervosa mais vital voltou-se contra a parte mais sensível do corpo, o sistema solar. Não o façais, não é digno de vós nem do vosso tempo.

Irene: Posso fazer-lhe uma pergunta, Yada? Temos um amigo mui querido que tem estado com um pequeno problema no peito. Eu gostaria que... e se disser ao Mark de forma clarividente o que encontra, se fizer o favor, eu apreciaria imenso. Gostaria também de trazer à sua atenção uma conversa que tivemos com um amigo sobre um avião que desapareceu há precisamente um ano este mês com cinco ou seis pessoas a bordo. Penso que duas das pessoas que desapareceram iam ser hóspedes na casa deste amigo. Nunca mais se ouviu falar destas pessoas desde que levantaram voo nesse avião. Se pudesse obter uma espécie de pista sobre isto, Yada, seria mui apreciado.

Yada: *Au kee, au kee.*

Irene: Quer que lhe faça outra pergunta, Yada?

Yada: Sim, por favor.

Irene: Estamos a competir com o trânsito lá fora. As janelas estão abertas, Yada, e está calor aqui.

Yada: Não faz mal.

Irene: Esta pergunta é sobre o karma. Compreendendo o karma e as suas ações na vida, há uma coisa que nunca foi totalmente explicada. Pode o karma ser superado na vida em que o reconhecemos, através da meditação, da oração e do seu significado interior, ou é o karma apenas uma invenção pendente de uma crença?

Yada: Esta pessoa é um pensador, não há dúvida! Quando fazemos a pergunta: «É apenas uma invenção vinda de uma crença», há aí um bom pensamento. Vamos sempre questionar todas as coisas, todas as coisas.

KARMA. Lembrai-vos de que falei sobre ir e vir do mundo há pouco e os pensamentos que são sentimentos de culpa, as nossas emoções, porque são descontroladas, as nossas ansiedades e as nossas preocupações continuam a lutar dentro de nós? Ora, estas são as coisas que nos trazem de volta, porque estamos a viver inconscientemente. Meus amigos, não existe tal coisa como o pecado. O único pecado que existe é la ignorância.

E a vida é de tal natureza que podemos superar isso apenas por estarmos dispostos a aprender. É simples. Há uma passagem fácil, mas no entanto não é assim tão simples, porque por muito disposto que eu esteja a aprender algo, se tenho sentimentos profundos dentro de mim que acabaram de me ser incutidos pelos meus pais, ou pelos pais dos meus pais, ou pelo sacerdote ou clérigo, ou o que quer que seja, se estes pensamentos negativos são semeados nos meus primeiros anos na minha consciência, isso impede-me de aprender estas coisas.

Eles podem atuar como barreiras de palavras e, agora, novamente, certas palavras, porque quero aprender uma certa coisa, há certas palavras nela que me disseram que são más, que são erradas. Ou testemunhei algo ligado a elas que me disse que eram dolorosas e más. Não vou querer ouvir nada que tenha a ver com isso, pois não? Não. Vou ressentir-me. Vou encontrar alguma forma de escapar a isso. Se sou forçado a ouvir, sinto-me mui mal, olhai para mim: «Estou doente.»

Sinto-me mui mal. A isto chama-se escapar a algo, fugir, e se chega à pior condição onde continuo a ser forçado a ouvir, entrarei em coma; fingir-me-ei de morto, deitar-me-ei. Uma boa maneira de não aprender, recusando-me a ouvir. Não se pode culpar uma pessoa por isto, meus amigos, pois ela não tem culpa. Foi-lhe incutido hipnoticamente.

Como disse antes, o homem vem ao mundo num estado de transe. Para chegar aqui, ele deve adormecer e, ao adormecer, apaga os padrões de memória do que era no Mundo Astral e do que era numa vida anterior. Raramente, mui raramente, alguém traz de volta quaisquer padrões de memória deste outro mundo. Aprender é sair deste transe. E é mui difícil, porque no estudo desta hipnose, um hipnotizador pode dizer: «Agora, vou dizer-te isto e aquilo; agora vou tirar-te do estado de transe e vou dizer-te que ninguém te pode hipnotizar a não ser eu.» O mesmo que dizer: «Ninguém te pode desipnotizar a não ser eu.»

A mesma coisa. Primeiro, o sacerdote, a mãe e o pai que são ignorantes, que não sabem a verdade da vida, hipnotizam os seus filhos para formas negativas de pensar e será preciso que eles tirem a criança dali. Se não for o caso, é preciso um hipnotizador mui esperto, mui inteligente para os desipnotizar.

Irene: Ainda bem que disse isso, Yada. Estava a perguntar-me se isto seria possível, se alguém fosse hipnotizado por outrem que sugerisse essa ideia, se outro a poderia quebrar.

Yada: Oh sim, mas ele tem de saber o que está a fazer. Agora, quero acrescentar um bocadinho aqui, voltarei mais um pouco a essa pergunta. Talvez vos tenham dito no passado, ao procurardes compreender a hipnose

e talvez ao praticá-la, que não faríeis nada sob hipnose que não faríeis de outra forma por vós próprios, de vossa livre vontade. O que se quer dizer é que não fareis nada de imoral que não seja natural para vós fazerdes. Mas escutai a expressão: «que não seja natural para vós fazerdes.» Meus amigos, todos nós temos uma certa quantidade de coisas naturais — não antinaturais, naturais, coisas que nos são naturais —, certas práticas que nos são naturais.

Certas práticas que estão maioritariamente ligadas ao sexo e que nos são naturais. Mas para outra pessoa é vergonhoso, oh, elas nunca o fizeram. A vergonha está sobre elas. Oh, elas nunca pensariam nisso! Oh não, não, no, no. Todo o sexo para elas é normal, significando a maneira normal? Que maneira normal? Existem muitos animais que entram na prática daquilo a que se chama sexualidade anormal, ou o que se chama homossexualidade, muitos. O que é mau para mim não é necessariamente mau para vós.

O que é mau para vós não o é para mim. Por exemplo, nos estudos dos Antigos Ensinamentos Cristãos, havia o que outrora era conhecido como a prática do culto fálico. Sabeis disto? (Público: Sim). Fico feliz por saberdes, porque não quero chocar ninguém. Vedes como podemos ser induzidos em erro e encolhidos por falsos ensinamentos? «Não farei nada que não seja natural para mim fazer quando estou na minha inconsciência.» Se o hipnotizador ao menos soubesse o que era «a minha inconsciência», não diria isso! Sou um ser humano, nasci da imaginação. A força que me move é a força criativa da vida. Chama-se «força sexual».

Houve um homem no vosso mundo, há não muitos anos atrás, um ateu. Este homem era conhecido como Sigmund Freud, sabeis dele? O seu ensinamento básico era o impulso sexual aviltante de todos os seres humanos e de todos os seres animais. Tudo o tem, isto acontece entre toda a matéria, entre o protão e o neutrão. Eles estão a trocar forças para criar uma terceira condição. Sim, uma terceira condição chamada matéria, chamada superfície, chamada substância tangível. Os sacerdotes ensinaram ao homem os sentimentos de maldade do sexo e depois disseram-lhe: «fazei mais seres humanos para nós.» Quanto mais seres humanos caírem na armadilha dos seus ensinamentos, mais poderosos os torna no mundo.

Irene: Esta pergunta é pertencente ao karma, compreendendo o karma e as suas ações em cada vida, uma coisa nunca foi totalmente explicada. Pode o karma ser superado na vida em que o reconhecemos através da meditação nos seus significados interiores, ou é o karma apenas uma invenção decorrente de uma crença?

Yada: Não, o karma, senhor, não é uma invenção decorrente de uma crença. O karma é uma condição real existente. O karma, em suma, significa causa e efeito. Conforme viveis, assim recebeis. Ora, não tendes de receber aquilo que não quereis, se souberdes como não vos sentirdes culpados pelo que fazeis. Sem este sentimento de culpa, não podeis obter sofrimento através daquilo a que se chama renascimento. O karma não vos impele de volta à terra. São as crenças que tendes dentro de vós próprios de que fizestes algo de mau.

Conheceis o homem Hitler? Estou certo de que conheceis este homem. Acredita-se por muitas pessoas na terra que ele sofre no inferno. Não, não, não até que ele comece a ver que tinha a vida fora de equilíbrio, aí sim, isso acontecerá. Ele ficará emocional com o assunto, apanhando-se a si próprio na armadilha.

Nenhuns deuses o vão punir. Não, ele há de fazer tudo por si próprio porque se vai apanhar numa armadilha emocional. Ora, se ele soubesse mais, se soubesse como não ficar emocionalmente apanhado na sua crença de que estava fora de equilíbrio, ele poderia absorver tudo o que fez, ver o lado negativo disso e dar-se conta de que não é a forma de agir, e ficar livre disso.

Nenhuma dor, nenhum sofrimento, ou nada parecido, porque a força criativa da vida nada sabe sobre punir ninguém, nada sabe sobre culpa. Não tem nenhum sentimento de vergonha. A vida simplesmente age. Não lhe importa o que fazeis, apenas vós vos importais, eu me importo. Nós somos o juiz, o júri e o homem que nos corta as gargantas; aquilo a que chamais o carrasco! (RISOS)

Irene: Quase tão mau, Yada. Mas se procurarmos a lição, poderíamos escapar ao karma?

Yada: Sim, porque estamos sempre apenas em busca de sabedoria, de esclarecimento, para podermos conquistar o nosso caminho de volta ao nosso estado original como um criador consciente. É isso o que o homem procura fazer e esta força da vida não procura punir. Não é esta energia que nos pune ou a qualquer parte desta coisa chamada eu, não é. Se compreenderdes isto, não fareis nada fora de equilíbrio. Não o fareis para depois dizerdes a vós próprios: «Agora conheço a lei. Não tenho de pagar.» (Risos). Vais pagar. Vais pagar!

Irene: Tenho mais duas perguntas, Yada, sobre o que...

Yada: Quero afastar-me um bocadinho. Meus amigos, voltarei dentro de um bocadinho.

* * *

Prof. Luntz: Ora, minhas senhoras e meus senhores. Eu sou o Prof. Alfred Luntz. Não vou ficar com a palavra aqui por muito tempo. Vim apenas dizer: «Como passam, e é de facto um prazer falar-vos por um momento ou dois.» Obrigado. O que é o canto?

Irene: Não sei.

Homens: O Dia de São Patrício.

Prof. L: Oh, ele ainda está vivo? (RISOS) Pensei que já tinha partido há muito tempo.

Irene: Estão a celebrar por ele ter corrido com as cobras para fora da Irlanda, sabe como é.

Prof. É pena que uma delas não o pudesse ter mordido, *huh*? (RISOS) É assim que as coisas correm. Vedes, o São Patrício foi expulso da Irlanda alguns anos antes da altura em que se supunha que ele tinha regressado e corrido com as cobras para fora da Irlanda. Mas estou certo de que a maioria de vós aqui, pelo menos, sabe que o que ele correu para fora da Irlanda foi a sabedoria dos Ensinamentos dos Druidas. Bem, de nada serve entrar numa altercação connosco agora, *huh*? É bom vir falar convosco.

Irene: Gostaria de ficar e responder a algumas das perguntas, Professor?

Prof. L: Obrigado, minha querida. Compreendo perfeitamente a situação, minha querida, e se tem uma pergunta ou duas que me possa dar, tentarei responder-lhe, embora não possa tomar o lugar do Yada. Não pretendo saber as coisas que ele sabe.

Irene: Todos nós sabemos disso, não sabemos, querido?

Prof. L: Sim, sabemos...

Irene: Esta é uma pergunta sobre sonhos, Professor. Gostaria de responder a esta sobre sonhos, ou tenho uma sobre a consciência. Se a consciência é a nossa força, poderia, por favor, expor-me o requisito da consciência que permite a criação de qualquer coisa? Por outras palavras, quais são os atributos da consciência?

Prof. *Hmn*, penso que me vou embora. (RISOS) Penso que vou deixar o Yada brincar com essa. Está um bocadinho além de mim.

Irene: Tudo bem. (RISOS)

Prof. L: Foi uma alegria vir visitar-vos. Um destes dias, quando as perguntas forem menos complicadas, voltarei a dar a cara por aqui. *Cheerio*.

Irene: *Bye, bye*...

* * *

Yada: Penso que ele estava a fazer aquilo a que vós, americanos, chamais «puxar-me pelos pés». (RISOS)

Irene: Puxar-lhe a perna, Yada; a perna, não os pés!

Yada: Dói da mesma maneira. (RISOS) É mui inspirador ouvir risos. Faz com que o coração e a mente se sintam tão bem. Se ao menos pudéssemos fazer isso quando nos deparamos com dificuldades. Rirmo-nos delas faz com que se sumam de longe mais depressa; dar-lhes um pequeno sorriso, se isso for o melhor que conseguimos fazer quando a dor da vida está sobre nós. Dar apenas um pequeno sorriso torna a dor muito menor.

Irene: Como disse antes, tenho mais duas perguntas pertencentes à vida. No momento da morte física, a entidade espiritual tem alguma escolha ou seleção quanto à sua orientação futura no que toca a permanecer no plano astral ou espiritual para posterior evolução, ou tem de reencarnar?

Yada: Existe um ensinamento na vossa terra chamado «Teosofia» que afirma que, quando um indivíduo morre aqui no mundo físico, deixa um corpo chamado a forma física, depois vai para o mundo astral e, após algum tempo, morre lá novamente e a centelha de vida, ou a mónada, vai para outro lugar; um lugar de descanso chamado o estado de Nirvana, e quando faz isto — morre no Plano Astral —, deixa outro corpo chamado o corpo Astral (invólucro). Ora, meus amigos, na verdade não deveríeis deixar corpos espalhados por todo o lado. Eles ficam no caminho dos médiuns! Na terra tendes de os enterrar e no Astral eles ficam emaranhados na luz da aura de um médium e causam-lhe a ele ou a ela problemas sem fim. Estes são os fantasmas que vagueiam para dentro e para fora das salas de sessões espíritas que nada dizem. (Ouve-se um som de pessoas a marchar na rua — desfile). Alguém disse um, dois, três? O que é isto?

Irene: Isto é o Dia de São Patrício, provavelmente estão a marchar lá fora.

Yada: O homem está sempre a marchar, de uma forma ou de outra, marchando pela vida fora.

Irene: Estão a celebrar o Dia de São Patrício.

Yada: Isso é mui simpático, mui simpático.

Irene: O Prof. Luntz disse que o São Patrício devia ter sido mordido por uma das cobras!

Yada: Isso teria sido uma pena, porque ele não teria podido concluir o seu trabalho, fazer aquilo a que veio fazer. Agora, depois de tudo terminado, o São Patrício está feliz e lá está, *huh*?

Irene: Lá está.

Yada: O que tem de ser, tem de ser. Porquê? Porque cada um de nós tem o seu trabalho a fazer. Às vezes, o nosso trabalho traz uma grande quantidade de dor aos outros. Os outros aprendem desta maneira e nós aprendemos daquela maneira. Aprendemos que é para isso que a vida

serve. Nunca critiqueis outrem pelo que faz; tentai compreender por que razão o faz, isso é tudo. Depois deixai-o em paz, porque ele faz parte do grande espetáculo chamado vida. Eles têm um papel a desempenhar; têm um papel. Ao ego-eu foi dado o que chamais um papel quando vem a este mundo. Isto é como quando vimos da parte de trás do palco para a parte da frente do palco. Todos temos um papel a desempenhar. Ao darmos o passo para o palco, o grande encenador dá-nos o papel. Ele diz: «Ora, estudaste isso minuciosamente? Tudo bem, agora vais para o palco e representa-o.» E eles vão e representam-no e depois voltam para os bastidores. Ora, há muitas, muitas pessoas nos bastidores que continuam a tentar representar o papel de quem está na parte da frente do palco. Algumas não se contentam em dar as deixas por trás da cena. Querem vir para fora e assim o fazem. É assim que as coisas são.

A coisa mais importante para vós é: como estais a representar o vosso papel? Pensai nisso. Mas e se o vosso papel estiver a interferir na forma de outrem o fazer? Se estiver, mas sentis que o deveis fazer, representai-o bem. Desfrutai do que estais a fazer. Sabei o que estais a fazer porque há sempre um preço, o preço de aprender. Vedes, a vida é mui simples, mui simples. Ora, por exemplo, o Grande Papa e depois o Martinho Lutero. Ele falou com o Papa, disse que tinha esse trabalho a fazer, por isso fê-lo. A todo o custo, fê-lo. Caso contrário, ele não teria encontrado a liberdade dentro de si próprio. Ele pensava, nessa altura, que estava a fazer o que devia fazer, e fê-lo. Isto deu ao Martinho Lutero algo para fazer! É para isso que a vida serve, para fazer algo. Se alguém faz algo de que não gosto, então o que vou eu fazer? Não tenho nada para fazer. Vida mui interessante, *huh*?

Irene: Yada, temos aqui uma senhora que está doente. Ela saiu da cama. Queria saber se a podia ajudar, Yada.

Yada: Senhora, quer vir aqui acima, por favor?

Irene: Vem aqui acima, querida.

Yada: Senhora, está com problemas no peito e nas costas?

Senhora: Sim. E na parte inferior das costas.

Yada: Senhora, apanhou o que chamais um resfriado.

Senhora: Penso que sim.

Yada: Estava a trabalhar lá fora quando apanhou isto?

Senhora: Quando saí de casa estava um vento forte, etc.

Yada: Então não trabalha muito com as mãos lá fora?

Senhora: Não.

Yada: (Fala na sua língua e Irene explica o que ele está a dizer sobre as morais ridículas na terra que nos impedem de nos ajudarmos uns aos outros).

Irene: Sim, Yada, mas as suas intenções são boas.

Yada: Às vezes sabeis que essa longa estrada para o inferno está pavimentada de boas intenções. As boas intenções nunca são suficientes. Por favor, outra pergunta.

Irene: Sob que forma física se manifestou a vida pela primeira vez no nosso planeta? Explicaria também o processo espiritual...

Yada: Antes de passares a isto, houve uma pergunta que fez mais cedo e à qual não cheguei.

Irene: No momento da morte física? Quanto ao seu futuro de permanecer nos planos astral ou espiritual para posterior evolução, ou tem de reencarnar?

Yada: Ora, quero dizer isto. Serei rápido porque sei que o tempo está a correr velozmente para vós, por isso deve ser veloz para mim também, *huh*?

Irene: Temos ainda bastantes perguntas e esta será a última oportunidade em muitos meses para estas pessoas lhe colocarem as suas perguntas.

Yada: Sim. Digo-vos: vós morreis uma morte aqui mesmo. Não deveríeis morrer esta, mas porque o homem não conhece a natureza do seu corpo-eu, ele não consegue controlar a ação chamada desagregação das células do corpo físico e morre. Mas quando ele passar a saber, como todos os homens saberão no decurso do tempo, ele não terá um corpo aqui. Quando todos os homens souberem como fazer isto, então nenhum homem voltará a nascer através do corpo de outrem, trazendo sofrimento a outrem.

Cada homem será o seu próprio criador e criará a sua própria forma a partir da matéria da consciência da mente. Na vossa Bíblia cristã diz-se: «No princípio era o verbo e o verbo estava com Deus e o verbo era Deus.» Lembrai-vos? (Público: Sim). O homem perdeu o verbo; é um verbo de criação. Vós o aprendereis e nunca mais morrereis nem nascereis. Apenas quando desejardes aparecer para serdes de serviço a alguém é que vireis. E então percorrereis todo o universo criado.

«Agora, mas enquanto estais a passar por este estado, passais por uma morte. Encontrar-vos-eis naquilo a que se chama o mundo astral. (No princípio, não estais mui conscientes do mundo astral como sendo algum lugar diferente do mundo físico; tudo vos parece natural.) Por algum tempo, a terra parece ser isso, ser a única existência que há. Depois, lentamente, a terra esvanece-se da vossa visão e, como uma grande névoa,

pousa sobre ela. Então, alguém vos pega e vos mostra o mundo interior chamado o mundo astral. Ele parecerá igual ao mundo físico.

Será como se tivésseis voltado a cabeça daqui e olhásseis para ali, e ali estão o mesmo tipo de coisas. Parecer-vos-á bom e real. Tendes uma forma. Cada uma das coisas da vida: as rochas, as árvores, as colinas, a água, as cores e vibrações mais gloriosas da vida. Um mundo de beleza além das palavras. Mas se sois cegos e estais apanhados em emoções inferiores descontroladas, como alguém que morre alcoólico, ou o que chamais um toxicodependente, ou completamente perdido nas suas próprias paixões, ele pode encontrar-se naquilo a que se chama o astral inferior, o mundo astral por vezes conhecido como os bairros da lata. Aqui continuareis a fazer as mesmas coisas, a tomar as vossas drogas e a beber as vossas bebidas e todas as coisas do sexo da maneira negativa.»

Irene: «Isto é levado a cabo no plano astral?»

Yada: «Isto é levado a cabo no plano astral inferior. Encontrareis os da vossa própria espécie que gostam de fazer as coisas que vós gostais de fazer. Não sentireis que estais a sofrer. Não vos parecerá nenhum inferno. Não parece isso quando o estais a fazer aqui, pois não? Não. Estais simplesmente apanhados num hábito e estais a desfrutar do que estais a fazer. Às vezes desejais não estar apanhados nisso. Às vezes sentis a vergonha daquilo que estais a fazer e sabeis que estais a desperdiçar as vossas energias e a vossa vida, mas continuais a fazê-lo de qualquer maneira, porque é uma atividade compulsiva. Nem sempre o conseguis evitar, porque, na vida anterior a esta, tínheis adquirido certos pensamentos e certos sentimentos e agora regressais ao mundo físico e estes sentimentos e pensamentos continuam tão fortes e profundos dentro de vós que vêm à superfície e vos compelem a agir, e vós não sabeis o que vos está a fazer comportar desta maneira. Podeis dizer para vós próprios: "Quem me dera ser diferente, que a minha natureza fosse diferente, mas não o consigo evitar". Isto não é mui bem conhecido pelos psiquiatras, caso contrário eles não estariam a enviar tantos homens e mulheres para as prisões e a esquecer-se deles.

COMPULSÃO. Os psiquiatras reconhecem o que se chama atividade compulsiva, mas a maioria deles acredita que ela provém de algum desentendimento ou conceção errada sobre o ambiente de alguém nos seus primeiros anos. Nem sempre é assim. Às vezes sim, mas às vezes não. E no "às vezes não" é quando a pessoa mais sofre, porque não é compreendida.»

Irene: «Tem consciência de quando volta a cabeça para o lado oposto ao do microfone, Yada?»

Yada: «Sim, eu sei, mas é...»

Irene: «Já que está no assunto, descreveria a diferença entre o plano Etérico e o Astral?»

Yada: «Sim, quero fazer isso. Ora, naquilo a que se chama a vida Astral, não há ligação real com o que se conhece como o plano Etérico. No plano Etérico existem planos de matéria mui semelhantes ao vosso mundo físico, mas não pertencentes aos do passado no mundo físico. Pertencem a seres de consciência mais elevada, pertencem a coisas de consciência mais elevada. É o mundo etérico, tanto o baixo como o alto mundo Etérico, que literalmente alimenta o mundo material, porque a matéria aí é afim ao mundo aqui. Na verdade, mais ainda: é a própria matriz do mundo da matéria, é a matriz dele.

Mas quando entrais no Mundo Astral, entrais naquilo a que se pode chamar um estado de mente pura. Ora, sereis capazes de vos mostrar lá sob certas condições e sereis capazes de organizar a matéria do vosso corpo Astral para que seja um pensamento mui positivo com o mundo tridimensional. Contudo, não sois do Mundo Etérico. Chegará um tempo, talvez, em que entrareis nesse mundo, mas aí sereis livres. Não tereis morrido neste mundo. Morrestes neste mundo, mudastes a vossa consciência e levastes o vosso corpo de matéria convosco. É um conceito falso, essa história: "Não o podes levar contigo". Tendes de o levar convosco!

Ora, entrando num estado Nirvânico, vejamos, meus amigos, diz-se que quando alguém entra neste estado Nirvânico, sonha com a sua experiência terrestre passada e olha para ela com um estado de grande paz de espírito. Algum de vós consegue sonhar com os vossos anos passados — de há anos atrás — e ter paz de espírito ao lembrar-se? (RISOS) Então, como o ides fazer se tiverdes uma longa vida aqui na terra e depois fordes para o Mundo Astral, ou para o estado Nirvânico? Se uma vez começais a pensar no que fizestes, oh, não tendes paz, não conseguis descansar. Sentis-vos mais como se estivésseis no inferno em vez de num estado pacífico! Porquê? Porque ficais com sentimentos de culpa, sentimentos de vergonha. "Fui eu que fiz aquilo?" "Fui eu que fiz isto?" "Oh, eu não. Eu não faria, não poderia ter feito estas coisas."

Vedes o que fazemos? Falamos connosco próprios, estes conceitos falsos de que somos maus, de que somos errados, de que precisamos de castigo. Mui mau, precisamos de castigo. Por isso, agora decidimos viver, viver ao melhor do nosso entendimento. Irão alguns de nós entrar em violência consigo próprios e com os outros e destruir os corpos dos outros e os nossos próprios corpos, portanto? Continua a ser um esforço para viver,

tentando viver. Meus amigos, se ides meditar, meditai e pedi para serdes aliviados dos sentimentos de culpa por qualquer coisa que tenhais feito. Pois uma vez que tenhais obtido esta libertação dos sentimentos de pecado e da culpa e do desejo de castigo; uma vez que vos liberteis disto, sentir-vos-eis então livres e estareis de facto num estado maravilhoso. Não tendes de esperar para ir para o céu, temo-lo aqui mesmo.»

Irene: «O resto desta pergunta é: E qual é o estado da entidade após o seu corpo Etérico se desintegrar?»

Yada: «Ora, se ele tem um Corpo Etérico, então eu diria que ele o deixa e segue para o Estado Nirvânico. Mas não, não existe tal coisa. Os médiuns não se enredam em invólucros Astrais, mas enredam-se, sim, com formas de pensamento. Formas de pensamento que são criadas aqui mesmo nesta terra, bem como por aqueles no Mundo Astral. Eles enredam-se com os sonhos que estão a decorrer, as pontas soltas de sonhos por que o homem passa aqui na terra e as pontas soltas de sonhos no Mundo Astral, tanto no seu estado de sono como no de vigília.

Meus amigos, imaginai isto: existem mais de 2,5 mil milhões de pessoas na vossa terra; elas estão a enviar constantemente para a atmosfera todo o tipo de pensamento produzido emocional e friamente. A atmosfera está viva com formas de pensamento de todos os tipos. E depois considerai aqueles que já partiram há geração após geração, há milhares e milhões de anos. Eles passaram para o mundo astral e projetaram os seus pensamentos de volta para o mundo físico. Ora vedes, meus amigos, por que razão até a meditação tem os seus perigos e por que razão deveis amar a vida.»

Irene: «Fica algum invólucro Astral a restar no Astral depois de esse indivíduo seguir em frente? Isso conclui essa pergunta.»

Yada: «Não. E é melhor ficardes mui agradecidos. Eu fico. Já tenho que chegue por que passar agora e vós também tereis!»

Irene: «Pergunta: Sob que forma física se manifestou a vida pela primeira vez no nosso planeta? Explicaria também o processo espiritual que a causou?»

Yada: «A primeira forma de vida no planeta terra foi um bocado de fermentação. Mencionei isto há algum tempo e um homem disse: "Quer dizer que somos a escória da terra?". (RISOS) Mui interessante, *huh*? Por que não? Ele começa no início para ser capaz de controlar o topo. Quando estamos no topo por merecermos o nosso caminho desde o início mais baixo, então pertencemos ao topo. Se começamos pelo meio, mesmo que cheguemos ao topo, seremos empurrados de volta para o início.»

Irene: «Pergunta: Uma vez que o amor é compreensão e ter uma compreensão total de qualquer forma de vida ou assunto é quase impossível

neste plano físico, então pareceria mui difícil experimentarmos isto de todo na sua verdadeira luz. O que teria a dizer sobre isto, Yada?»

Yada: «Com certeza, vai ser difícil experienciar a natureza da vida e do amor. Não há uma maneira fácil de o fazermos. Exige um esforço concentrado — a vontade de saber. Não podemos e não nos atrevemos a duvidar de que existe um mundo mais expansivo ao nosso redor do que aquele que vemos. O homem, demasiadas vezes, acredita que pode obter algo a troco de nada. Estou certo de que vós, sentados aqui, sabeis mais do que isso. Sim, não podemos ter medo do esforço que vamos ter de dar a estes estudos. Temos de aprender a paciência, uma paciência extrema, porque mui frequentemente, mesmo quando pensamos que temos a resposta para uma coisa, mesmo quando estamos no ponto ou no caminho de realizar o nosso maior desejo, e até alguns dos nossos desejos mais pequenos, tudo se desmorona e nos cai em cima do rosto.

Tal e qual como se houvesse alguma força consciente à mão a trabalhar contra nós. Devemos aprender a levantarmo-nos e a tentar novamente. Não passeis um minuto sentados ou deitados onde fostes derrubados, nem um minuto a carpir as mágoas aí, porque quanto mais tempo aí ficardes, mais tempo aí ficareis! (RISOS) Porque perdereis a vontade de vos levantar. Depois, após perderdes a vontade, perdeis a força, e então estareis perdidos com certeza. Levantai-vos agora; quando fordes derrubados, levantai-vos. Não vos queixeis porque milhares e milhões de pessoas se estão a queixar. A vossa voz perder-se-á na tempestade de queixas. Não vos permitais este tipo de tolice. É uma vaidade, um apelo ao ego. Estais a desejar fazer de vós próprios um mártir e não vos dais conta disso na altura. Levantai-vos e começai de novo. É isso o que afasta o homem dos animais, meus amigos. Coragem! CORAGEM!»

Irene: «Yada, poderia dar-me uma resposta consideravelmente curta a isto: De onde vieram as pedras com que as pirâmides foram construídas?»

Yada: «Embora possais não se dar conta disso e eu não saiba de que serve uma resposta a esta pergunta, que bem fará, farei o meu melhor para vos dar uma explicação. Estas pedras não vieram de longe de onde pareceis acreditar que vieram, nenhuma grande distância. A grande pedreira de pedra que se encontra sob a areia perto do que hoje se chama a Pirâmide de Giza. Contudo, existem outras pirâmides que não tinham pedreiras de pedra por perto. Mas estas pedras foram levadas por um pensamento do qual vós hoje pouco sabeis. Primeiro, foram cortadas por grandes lâminas rotativas de cobre, cobre endurecido.

Penso que sabeis do cobre endurecido, *huh*? Estas grandes lâminas rotativas cortavam de uma forma tão suave que ficava como uma superfície

altamente polida. Estas lâminas rotativas eram grandes lâminas de disco, operadas por forças elétricas. Algum dia ides encontrar o que parecem ser baterias ou o que parece uma máquina para gerar eletricidade, uma máquina mui pequena, mas capaz de produzir um tremendo poder de eletricidade.

Estas lâminas rotativas cortavam tão suavemente que, quando eram colocadas umas sobre as outras, era como um grande poder, uma grande força entre elas a mantê-las unidas; o próprio peso, depois de o peso lhes ser devolvido, bloco a bloco. Depois de serem assentes, o seu peso é-lhes devolvido. O homem pensa hoje que sabe tanto! Não foi por uma máquina que destruísse as forças da gravidade, mas sim por uma condição que era estabelecida nas próprias pedras, na estrutura molecular das próprias pedras, tornando-as tão leves como o ar. E depois, uma vez assentes e ajustadas nos locais apropriados, o seu peso original no alinhamento da estrutura molecular regressava e tornava...

Meus amigos, tendes algumas perguntas?»

Irene: «Há alguma pergunta que ele não tenha respondido?»

Yada: «Preciso de alguém mais que me ajude. Preciso de outro eu para continuar comigo. Preciso de outro do corpo deste homem para continuar. Energia... não mui grande, não agora. E a hora também boa.»

Irene: «Gostaria de continuar um bocadinho sobre as pirâmides, Yada?»

Yada: «Sim, quero dizer que as ideias, os desenhos daquilo a que chamais a Esfinge foram criados pelas pessoas aqui na terra, mas o desenho da pirâmide de Giza e de várias outras em diferentes partes do mundo foram dados ao homem por seres superiores, aqueles a quem chamais os Etéricos ou seres do Espaço. É uma surpresa para mim que isto já não seja conhecido na vossa terra entre as vossas pessoas cristãs, porque está escrito mui claramente no vosso livro sagrado. A informação na pirâmide de Giza relativa ao mundo e à condição do mundo e ao que ele se tornou foi dada aos egípcios pelas Pessoas do Espaço.

Primeiro, foi enviada sob a forma de luz, ou radiação de luz. Depois, também as pessoas do espaço vieram à terra e mostraram ao homem como fazer muitas coisas: transformar coisas pesadas em coisas leves. Não é tanto a gravidade; é o próprio objeto e a sua organização molecular que faz o peso. A gravidade junta-se a isto ou torna-o capaz de se juntar a isto pela forma como as moléculas estão alinhadas na construção de uma força. Algum de vós deseja dizer algo sobre isso? Ou objetar?»

Público: «Não, Yada.» (RISOS)

Yada: «Estou mui interessado em ouvir as vossas ideias.»

Homem: «Yada, posso fazer uma pergunta?»

Yada: «Sim, por favor.»

Homem: «Há alguém a trabalhar exatamente nesse assunto da gravidade. Ele diz que qualquer veículo é gerado por... (não está claro) ...e reativado pela energia do Espaço.»

Yada: «Assim é, assim é. Porque porquê? Porque tal movimento produz isto enquanto está a decorrer; produz uma organização diferente nas moléculas do objeto. Quando isto regressa ao seu estado original de vibração, a estrutura molecular volta ao seu estado original. No entanto, quando começais a construir uma máquina que vos leve para o espaço, sabeis quanto tempo a luz leva a chegar aqui até vós a partir de alguns corpos no espaço? Mais de milhares de anos. Penso que sabeis disto?»

Público: «Sim.»

Yada: «Tão distantes são estes corpos. Ora, se ides a um destes corpos, ides ter de vos transformar em pura luz, pura luz. Mas depois de atingirdes um certo estado a que chamais o estado de luz, começais então a mover-vos de volta para um estado mais concreto. Dar-vos-ei um exemplo de como um objeto muda em movimento. Pegais num pau, esta régua; colocai-a em movimento, o pau fica mais curto. Colocai-a em movimento, aumentai o movimento e, à medida que aumentais o movimento, diminuís o tamanho do pau. Quanto mais rápido o movimento, mais curto o pau se torna.»

Irene: «Mais curto parece tornar-se, de qualquer maneira.»

Yada: «Mais curto se torna! Não é parece, torna-se. Estais a impelir a estrutura molecular cada vez mais junta. Não só este pau se torna mais curto, mas a matéria de que é feito torna-se crescentemente mais densa. Não menos densa, mais densa.»

Irene: «É isto o que acontece a uma hélice quando anda à roda?»

Yada: «Assim é, mas não mui grandemente, porque não vai suficientemente rápido para isso, por isso não a afeta a esse ponto. Agora, quando entrais nas velocidades mui superiores, *ha, ha*, sim. Penso que isto vos manterá em forma com a vossa física, com certeza. O que disse, senhora?»

Senhora: «Pensei que se desintegrassem.»

Yada: «Assim é, desintegrais-vos, tornais-vos mais compactos. Não sois tão grandes então; toda a gente fica mais pequena, fica mais pequena, para poder voltar a ficar maior.

À medida que ides avançando para os espaços exteriores, assumireis mentalmente uma personalidade diferente. A psicologia de vós próprios mudará radicalmente, mudará a um ponto tal que, se pudésseis ser

projetados de volta à terra instantaneamente, não seríeis a mesma pessoa. Toda a vossa personalidade teria mudado a uma extensão tal na vossa estrutura física. Quanto mais para fora fordes, mais jovens ficareis. Senhoras, quereis vir comigo?» (RISOS. Yada faz a brincadeira)

Irene: «Ia dizer que vimos um filme na outra noite que mostrava homens a entrar em diferentes planos para se condicionarem para o espaço exterior. Mas, sabe como é, eles continuam a ter um sentimento de segurança porque sabem que continuam aqui na terra. Isto não cuida da reação psicológica, pois não?»

Yada: «Não. Noto que os cientistas estão a fazer todo o tipo de experiências com as pessoas no foguetão fingido que eles vão enviar para o espaço. Isto é tudo mui interessante e, embora sejais capazes de combater aquilo a que se chama radiação cósmica e meteoros até um certo ponto, tereis maior dificuldade com a psicologia das pessoas que vão nestes foguetões quando começarem realmente a ir para o espaço. Há uma diferença e espero que os vossos cientistas a reconheçam antes de os enviarem. Há uma diferença! Uma diferença que os pode levar a matar-se uns aos outros no foguetão.

Vai demorar talvez um bocadinho de tempo até que tenha a honra de comunicar convosco novamente através do corpo deste homem. Se esquecerdes tudo o resto que vos disse aqui no tempo que há de vir, por favor lembrai-vos de uma coisa, uma coisa. Tentai amar-vos a vós próprios e Amai o vosso semelhante. Isto é importante. Mas amai-vos a vós próprios, pois se vos amais a vós próprios, cuidais de vós próprios e isto ajudar-vos-á a amar os outros e a cuidar deles. Não deixeis homem nenhum, não importa o que ele seja ou o que pareça ser, não o deixeis ficar sozinho. Todos precisamos da ajuda uns dos outros. Sim, fizestes-me a honra de escutar. *E gratia*.»

#126 - 29/03/58

Esta é uma palestra em transe profundo transmitida através de Mark Probert pelos Professores da Luz do Círculo Interno na casa de Anita e Alfred Ganschow, Kenmore, Nova Iorque.

Irene: «Para aqueles de vós que não estiveram aqui antes: Yada, este é o Yada, esta é a flor de lótus e é quase um símbolo de Yada. O Yada fala na sua língua Yu primeiro, antes de começar a falar em inglês. Por isso sereis capazes de o compreender dentro de mui pouco tempo. Sim, Yada.»

Yada: «*Senas et Senahas. Ena Yada di Shi'ite.*»

Anita: «Boa noite, Yada.»

Yada: «*A notchi, a notchi.*»

Irene: «O Yada está a dizer boa noite. *Senas et Senahas* é minhas senhoras e meus senhores. Ele está a apresentar-se.»

Yada: Fala na língua Yu.

Anita: «*Gratcia* para si, Yada. Estamos honrados por o ter aqui connosco esta noite.»

Yada: (Explica palavras na sua língua. Conversa e risos do grupo). «Meus honrados amigos, é com uma grande dose de prazer que venho falar-vos. O homem e a senhora desta casa deram-nos uma grande honra ao permitirem-nos vir aqui.»

Anita: «O senhor honra-nos ao vir aqui ter connosco.»

Yada: «*Gratcia*. Por favor lembrai-vos, meus amigos, de que quando outro abre a sua casa para vós entrardes, faz-vos uma grande honra. Quando dizem: "Vinde para a minha casa", estão a dizer: "Entrai na minha vida, partilhai a minha vida comigo". Que grande honra! O homem tornou-se um pouco indiferente demais àquilo a que se chama honra. Se não nos honramos a nós próprios, como podemos honrar a outrem?

Sede gentis, compreensivos convosco próprios. Reservai as vossas energias. Não vos permitais ir dar a raivas, ansiedades ou medos. Isto é honrar-vos a vós próprios. É cuidar do vosso veículo físico para que possais permanecer mais tempo na terra, obtendo desse modo uma melhor oportunidade de aprender o que a vida é.

Quantas pessoas vêm à terra e sofrem tanto fisicamente que ficam mui felizes quando chega a altura em que podem partir. Algumas delas querem partir de tal maneira, porque a vida é uma grande dor para elas, que tiram as suas próprias vidas. Se cada indivíduo tivesse o verdadeiro interesse do seu semelhante no coração, o tirar a própria vida não existiria. Nós cuidaríamos para que não existisse. Olharíamos para fora e tentaríamos retificar estas condições de negatividade em que outrem se deixou envolver e ajudá-lo-íamos a sair delas, tal como nós próprios desejamos ser ajudados a sair. Mas quanto mais uma civilização se torna grande e mais complexa, mais cada um, cada indivíduo se afasta de todos os outros indivíduos, querendo viver apenas a sua própria vida. Ele está preocupado apenas com os seus próprios acontecimentos. É extraordinário.

Caminhais pelas ruas da vossa cidade, milhares de pessoas a passar por aqui e por ali e ninguém diz nada a ninguém. Como um mundo de zombies, os mortos-vivos. Eu não vos conheço? Por que sois um estranho para mim? Porque sou um estranho para mim próprio. Quando me conheço, conheço-vos a vós. Então sei que vós sois eu. Então, como posso não vos ajudar? Porque, ao ajudar-vos a vós, estou a ajudar-me a mim próprio.

Mas não, o homem foi mal ensinado. Foi ensinado a temer, a desconfiar de si próprio; portanto, desconfia e teme o seu semelhante. Pensai nisto, meus amigos, pessoas a empurrar os cotovelos juntas, aquilo a que chamais acotovelarem-se umas às outras nas grandes cidades populosas. Todos os dias fazem isto e, se alguém, inadvertidamente — não o devem fazer de outra forma —, sorri para outrem, este outro pode olhar como que a dizer: "O que se passa contigo?". "O que queres?". "Queres alguma coisa?". Sempre a esperar que haja algo pretendido; nunca acreditando que possa haver simplesmente o desejo de conhecer esta outra pessoa.

Um sentimento caloroso e amigável. "O que queres" e "Quanto tens". Se não tendes o "quanto", eles não querem falar convosco. O dinheiro significa para eles um sinal de posição, de caráter.

A pessoa instruída, o que chamais pessoa academicamente instruída, tem sido no passado ignorada. Parece que quanto mais um indivíduo é instruído, mais difícil é para ele conseguir trabalho da sua própria especialidade que lhe pague o suficiente para o fazer. Mas toda a gente se curva perante os atores, não importa quão estúpido ou quão mau seja o caráter, não faz nenhuma diferença. Ele ou ela está nas vistas do público, mui maravilhoso!

Os vossos professores — por acaso alguém olha para os professores? Nem os alunos querem olhar para eles. O que se passa com o homem? Se parardes e pensardes nisso por um bocadinho: olhai ao vosso redor e vedes como o homem está a achar tão difícil racionalizar de uma forma sã o que a vida é. Então, será de admirar que haja guerras entre nações e grandes lutas entre indivíduos?

Cem mil crenças religiosas diferentes, cada uma delas a combater a outra; cada uma a acreditar que são superiores e que são os escolhidos por algo chamado Deus. Se houvesse um deus tal como o homem fala, lá em cima no céu, ele deve estar por esta altura totalmente louco de escutar o homem. Ele deve dizer para si próprio: "Porque é que eu fui começar uma coisa assim?". Ele deve afastar-se e dizer para si próprio: "Talvez não tenha sido eu a fazê-lo, foi o diabo que o fez". Porque essa é uma das características do homem quando as coisas correm mal com ele. Ele nunca gosta de dizer: "Fui eu que o fiz". É sempre: "Foi Deus que o fez, ou foi o diabo que o fez, ou foi o vizinho do lado que o fez. Mas eu não. Eu não faria uma coisa dessas". Por acaso a culpa por uma condição negativa a transforma numa condição positiva?

É isso o que as vossas nações do mundo estão a fazer. Cada uma está a culpar a outra pelo estado infeliz de coisas entre a humanidade. Sim.

Aquilo a que se chama Rússia, eles culpam-vos a vós. Vós, americanos, culpais-nos a eles. O povo inglês culpa-vos a vós e à Rússia também! *Ha, ha*, e assim vai. O povo alemão culpa outrem. Toda a gente culpa outrem. Ninguém tem a culpa. Então, quem começou isto tudo? Quem o começou? Ninguém quer assumir a culpa. Não importa. Importa apenas que o homem acorde e se dê conta de que ele, individualmente, é responsável. Uma nação não é um estado ou uma coisa em si mesma: é constituída por pessoas, seres humanos, e se esses indivíduos não estão cientes, se não estão a viver conscientemente, então como podem as coisas ser de outra forma senão como são?

A nossa mensagem para o mundo, se é que temos alguma mensagem, é para que o homem se torne mais consciente de si. Sabei o que estais a fazer; então não tereis de culpar ninguém. Sabereis, quando as coisas forem na direção que não gostais, que fostes vós que o fizestes, e apenas vós as podeis endireitar.

Nos ensinamentos primitivos da religião cristã, aquilo a que se chama sobrevivência e comunicação era ensinado. Fazia parte dos escritos do livro sagrado, mas os padres da igreja decidiram retirá-lo porque descobriram que, quando a comunicação de facto ocorria, a maioria dos seus ensinamentos religiosos se desmoronava. Eles não conseguiam fazer dinheiro suficiente, e o dinheiro era a coisa mais importante. O poder. Não posso ter poder sobre vós se vos ensinar a verdade, porque, ao ensinar-vos a verdade, ensino-vos a pensar por vós próprios. Isso é perigoso para um sacerdote fazer.

Sentais-vos aqui e olhais para o corpo deste homem e ouvis uma voz a sair da sua boca e porque aprendestes que sempre que há uma pessoa num estado de transe, de uma maneira ou de outra a voz que está a falar é a de uma pessoa morta. Não, eu estou agora vivo; vós estais mortos, meus amigos. Morto significa ignorância. É tudo o que significa — ignorância, não saber. Isto é natural, não antinatural, certamente. É porque não sabemos que temos um campo em que trabalhar, para podermos saber. Se já soubéssemos, não teríamos nada que aprender.

Aprender. É para isso que a vida serve e penso que uma das primeiras coisas que se devia ensinar ao homem quando é um bebé pequenino é que ele não é um ser material *per se*, e que aquilo que lhe parece ser um mundo material é apenas um de muitos, muitos estados mentais que existem, e existem porque ele os criou. O homem — o homem, não deus. Deus nada criou; o homem cria, o homem a luz eterna. Não o homem que vedes em forma. Isto não é senão uma sombra, uma ideia como o mundo inteiro, o universo material inteiro. É uma ideia, uma ideia projetada naquilo a que se

chama forma. Mas o que é a forma? A forma de um indivíduo é um campo de força. Estou certo de que há alguns de vós aqui que compreendem a física e as leis da física? Ora, se eu disser algo nesse campo que penseis que não é como sabeis que é, vós corrigis-me, *heh*? Porque venho aqui, como vós, para aprender.

Sou uma consciência, uma consciência viva, não um fantasma. Os fantasmas são zombies, adormecidos. Nada sabem, nada, e também não estão dispostos a aprender nada, porque julgam que já sabem tudo. Lidai com fantasmas e deveis ter cuidado com eles, pois estão presentes em toda a parte. Estão no corpo de pele e osso. Às vezes vedes o que parece um espírito a caminhar através de uma parede, uma das vossas paredes, e ficais espantados — isto se permanecerdes por perto o tempo suficiente para ficardes espantados.

E perguntais-vos sobre isso. É um ser humano como vós, mas sem pele nem ossos. Ele está naquilo a que chamais sem pele nem ossos. (RISOS) Não é um pensamento mui romântico, pois não? Mas esse corpo que vedes mover-se através da parede é também um corpo autocriado. É uma ideia. Esse indivíduo ainda não alcançou o estado de consciência onde sinta que pode existir sem fazer algum tipo de corpo. A ideia de um corpo foi tão semeada na sua consciência, ele foi tão condicionado hipnoticamente, por sugestão, de que deve ser um corpo, que de cada vez que morre, cria outro corpo, outro corpo. Ele continua a fazer corpos.»

Irene: «Eventualmente nós fazemo-lo, não é verdade, Yada?»

Yada: «Não sei quanto a "nós", só sei quanto a "mim".» (Risos)

Irene: «Estava a dizer que "nós" estávamos a fazer corpos, por isso...»

Yada: «Sim, estou apenas a fazer uma piada.»

Irene: «Tenho aqui uma pergunta que vai mesmo ao encontro daquilo de que está a falar agora: Como o Yada disse: "Se houver um Deus tal como aquele em que acreditamos, ele deve ser louco". Existe um Deus tal como aquele em que pensamos? Em que tipo de Deus pensamos?»

Yada: «Nas vossas doutrinas cristãs, fostes ensinados a acreditar naquilo a que se chama um Deus antropomórfico. Não é assim? Não é assim? Deveria eu dizer "que pena", abanar a cabeça e ficar com um ar inteligente? Não, isso não vos traria nenhum benefício. Direi isto: se estais condicionados a acreditar num Deus assim, mas tendes agora a ideia de que talvez possa não ser bem assim, então começai a afastar-vos dessa crença devagar, devagarinho. Não corrais depressa; não digais para vós próprios: "Oh, já sei como é" e empurreis esse outro Deus para o lado. Caminhai devagar, aprendendo a cada passo.

Conheceis o coelho? Ele espreita para fora da sua toca e olha ao redor para ver se o terreno está limpo, se não há perigo. Depois sai e afasta-se da sua toca, mui lentamente, sempre alerta e pronto para voltar para a toca num instante. Ele tem um lugar de refúgio, tem um lugar que conhece, que compreende, porque foi condicionado a compreendê-lo por muitos, muitos outros coelhos. Mas, à medida que ganha coragem com a experiência, vai cada vez mais longe da toca.

Depois, passado algum tempo, começa a aprender a encontrar proteção, um lugar de segurança de muitas outras formas. Já não depende da pequena toca. E assim deveria ser o homem, aproximando-se de uma nova aprendizagem devagar. Procurai portos onde possais estar seguros no caso de surgir uma grande tempestade, até aprenderdes a resistir à tempestade quando estiverdes no meio dela. Ide com a tempestade. Deixai-a rugir ao vosso redor, mas não vos torneis parte dela. Então sereis verdadeiramente um mestre.»

Anita: «Isso foi dito de forma mui bela, Yada.»

Yada: «*Gratcia*. Meus amigos, nós não vimos para negar nada nem o que quer que seja em que acrediteis. Porque, como é que o homem aprende o que quer que seja? Por sugestão. Quando ele entra pela primeira vez no mundo físico, é uma experiência nova para ele, e ele tem primeiro aquilo a que se chama a mãe e o pai, que lhe sugerem que saia do seu sono, que se torne mais consciente do que o rodeia fisicamente. Além disso, ele aprendeu por sugestão dos outros.

Depois, deve aprender a sugerir a si próprio e, ao fazer isto, pode descobrir que muito do que lhe foi dado em sugestões antes não era verdade. É assim que a nova geração se torna superior à mais antiga. Qual é o sentido de haver uma nova geração se ninguém aprende? Muitas vezes escuto os pais e as mães do mundo físico dizerem aos seus filhos: "Julgas que sabes mais do que eu?". Por direito, a criança deveria ser capaz de dizer: "Sim, estou numa posição de aprender mais do que tu sabes agora". Se uma criança há de honrar o seu pai e a sua mãe, primeiro deve ser ensinada a honrar-se a si própria.

Muitos pais esperam obter aquilo que não lhes pertence: a honra. Não podemos obter aquilo que não demos. Não pode o homem compreender isto? Aparentemente não, porque olho ao redor do vosso mundo e vejo os jovens a lutar, a lutar com aquilo que não lhes foi ensinado. Se a uma criança for dito que ela é não apenas uma forma física por este tempo, por agora, por uns escassos anos, mas que ela é algo maior, de longe maior do que sabe... Se lhe fosse ensinado que ela é um deus em formação, poderia ela agir como tantos fazem agora? No, porque um deus em formação é uma

coisa honrosa. Ela saberia, se é um deus em formação, que vós, os seus semelhantes, sois deuses em formação também. E como deveria agir um deus? Com justiça, com compreensão. A palavra amor significa compreensão. Agora estais a querer dizer algo?»

Senhora: «Sim, o que é exatamente um deus em formação?»

Yada: «Vós sois.»

Senhora: «Sim, eu sei.»

Yada: «Aquilo a que se chama a vossa consciência, o vosso eu.»

Senhora: «Em formação de quê? De deus? Nós já somos conscientes.»

Yada: «Se já sois conscientes, já sois deuses, mas deveis tornar-vos cientes disso, e este tornar-se ciente é o Deus em Formação.»

Senhora: «Sim, eu sei. Obrigada.»

Yada: «*Au kee*. Agora dizeis que sabeis. Outras pessoas disseram a mesma coisa: "Eu sei, já ouvi isso antes. Conte-nos algo de novo".»

Senhora: «Temos de o experienciar antes de sabermos realmente que sabemos.»

Yada: «*Au kee*. Uma criança vai entrar na sala de aula. Ela escuta. Dia após dia ela escuta, mas dia após dia aquilo que escuta parece ser a mesma coisa e ela começa a dizer: "Oh, já ouvi isto vezes demais agora. Devo continuar e continuar, ano após ano?". Sim. Porquê? Apenas para ouvir a mesma coisa? Não, de modo a que, por este ouvi-lo contínuo, mais cedo ou mais tarde comecemos a vivê-lo, a agi-lo, em vez de simplesmente papaguearmos as palavras. Eu digo-vos: "Eu sou o que sou", ou "Eu sou isso, isso que eu sou", e dizeis: "Oh sim, já ouvi isto antes", mas onde estais? O que significa isto para vós? O que estais a fazer com isto dia após dia?

Eu observo as pessoas a irem para os templos, aquilo a que chamais igrejas. Estas igrejas custam muito dinheiro, muito mais do que qualquer escola. O homem tem tanto medo do seu Deus que constrói os templos mais gloriosos para Ele e depois constrói pequenas cabanas, pequenas espeluncas para si próprio, e chama a isto humildade, ser humilde. E enquanto constrói as pequenas cabanas para si e os grandes templos para o seu Deus, ele assassina o seu semelhante.

Ele degrada-o, isto se sequer pensar nele. É isto o pensamento? Bem à sombra dos vossos templos caros está a necessidade, a pobreza, a total, completa pobreza. Não tanto aquilo a que chamais pobreza física — essa será superada —, mas a pobreza mental. Essa é muito mais difícil de superar, muito mais difícil. Os tipos de alimento religioso que têm sido dados ao homem causaram-lhe uma indigestão mental. Ora, quando tendes aquilo a que chamais indigestão intestinal, o que chamais indigestão

estomacal, podeis tomar uma coisinha e dali a nada já passou tudo. Mas quando ficais com indigestão na cabeça, leva mais do que uma coisinha para passar.

Ide aos templos, escutai o sacerdote a falar-vos de toda a grandeza divina de Deus, de toda a Sua grande justiça e amor, de tudo o que há de belo acerca deste Deus. E depois, no mesmo fôlego, olha para vós com um olho frio e diz: "És um pecador, estás condenado ao inferno!". Gostais disso? Faz-vos isso ser capazes de dormir à noite? Torna-vos felizes uns com os outros? "Oh", dizem eles, "com certeza que deveria, porque podes ser salvo". Quando? Quando? E de quê?, o que é mais importante. De que ides ser salvos? Ora, alguns de vós foram condicionados, estou certo, se não todos, a alguma doutrina cristã, a algum dos vossos templos, e tendes ouvido isto de "ser salvo" há muito tempo já; dizei-me vós de que tendes de ser salvos, *heh*? De quê? Ora, eu venho ao vosso mundo e faço-vos esta pergunta: "De quê?".»

Senhora: «Da saúde?»

Yada: «Não penso que a igreja se importe com a vossa saúde. Eles estão a importar-se com a vossa alma. Mas, na verdade, também não se importam com a vossa alma. Importam-se mais com o que tendes nos bolsos, e a melhor maneira de o tirar do vosso bolso é tirá-lo pelo medo.» (RISOS) «Lamento, mas estou certo de que conseguis ver a mesma coisa.»

Senhora: «Sim.»

Yada: «Não estou simplesmente a falar para emitir sons, meus amigos, e não falo para fazer humor, não sobre estas coisas. Podemos rir — mui bom para o corpo o rir —, mas isto é mui sério. Porquê? Porque estou a lidar com a vossa vida, quando venho e falo convosco sobre a vida. Estou a intrometer-me no vosso viver. Ora, a menos que vos deixe com algo de valor que possais usar no vosso viver diário, limitei-me a ser intrometido e isso é tudo. Não venho — e repito —, não venho para mudar as vossas opiniões sobre aquilo em que acreditais. Na verdade, não o consigo fazer se acreditais verdadeiramente nisso.

É por isso que vos digo, e já o disse a muitos antes: não tenhais medo de vir e escutar, ou de ir e escutar o que quer que seja em qualquer lugar, porque se acreditais naquilo que vos foi ensinado, ninguém vo-lo poderá tirar jamais. Ninguém, meus amigos, precisa de se levantar em raiva para defender as suas crenças, porque quando o fazem, é mui boa prova de que eles próprios não se sentem seguros nelas. Se vos sentis seguros, podeis sentar-vos e escutar-me e nada vos pode mover, nada.

MEDO. Grande parte dos vossos ensinamentos cristãos é medo. Medo do diabo. O diabo anda por aí para vos apanhar. Correi, apressai-vos, correi, corra toda a gente. Tudo o que precisais de fazer é confessar a vossa crença num chamado Jesus, o Cristo. Isso é tudo o que precisais de fazer. Não é fácil? Não custa nada! Por que não o fazeis? Muitos, muitos milhares de pessoas fazem-no e depois voltam a fazer o que estavam a fazer antes, e acreditam que estão salvas. Salvas? Estes são zombies; estes são adormecidos. Não sabem o que fazem. Como disse, vão aos templos, voltam para casa novamente, e quê? Nem um nadinha de mudança ocorreu.

Continuam a discutir uns com os outros, continuam a ter cabecinhas mesquinhas e sentimentos de vingança. O que é isto? O que aprendeu o homem? É apenas Jesus Cristo isso? Ele nada teve a ver com isso. Ele é um grande avatar, um mestre, um filho de Deus. Vós não sois. Ele é o Filho de Deus que veio para vos salvar. Vós não tendes nada a ver com o assunto, de todo. Tudo o que tendes de fazer é dizer: "Sim, acredito em ti". Acreditais em quê? Em Jesus Cristo? Não existe Jesus Cristo — nunca existiu. Existe o Cristo, o qual sempre existiu. Cristo significa Luz. Cristo significa sabedoria. Cristo significa cristalino na compreensão, acordado, vivo, consciente.

Este grande autoconhecimento é o quê? A mente criadora, a consciência criadora chamada mente, a entrar no mundo físico. Ela construiu o que é o mundo físico. Depois veio experimentar nele e, para poder experienciar a sua criação, tem de se tornar uma com ela. Por isso tem de encontrar alguma forma de se tornar uma com ela. Assim, após muitas experimentações de diferentes tipos, acabou por descobrir que a melhor maneira de se tornar uma com o seu mundo de matéria era começar como um pequeno ser unicelular. Semeou-se na terra como um ser unicelular com aquilo a que se chama a ajuda da radiação do sol. Água. Semeou-se, já um organismo vivo.

Não podeis obter vida da morte, de coisas mortas. Todas as formas vivas vieram de formas vivas. Este Deus de quem se fala na Bíblia, conforme se diz, fez o homem a partir do pó da terra. Não fez — o homem fez. O homem fez-se a si próprio a partir do pó da terra. O pó é substância química, iluminada por aquilo a que chamais a radiação do sol, ou luz ultravioleta. E depois ele lentamente acordou de pequenas fermentações na água. Ele subiu... Não suponho que nos deixe mui felizes darmo-nos conta de que a nossa origem foi a escória da terra. Não é uma imagem mui agradável, mas estamos à procura de amabilidades ou estamos à procura da verdade?

Quando encontramos a verdade, encontramos a Maior amabilidade que existe, porque aquilo que não é verdadeiro mostra-se na dor, na agonia — a agonia do descontentamento, a agonia do espanto, o sentimento ardente e profundo de saber.

ALIMENTO. O alimento do homem é o conhecimento. Deus sabia disto, por isso colocou no Jardim do Éden uma igrejinha... a Árvore do Conhecimento. E colocou a língua na bochecha e disse ao homem: "Não comas do fruto dessa árvore!". Ele sabia que o homem o faria, por isso é que colocou a língua na bochecha quando disse: "Não comas isso". Sabia que ele o faria, porque é o alimento do homem. E o homem não só comeu o fruto, como comeu as folhas, comeu os ramos pequenos, as ramagens, comeu o tronco, comeu as raízes, a árvore inteira, tudo. Esta é a sua natureza.»

Homem: «Perdoe-me, Yada. Por que disse que Deus colocou a árvore do conhecimento no Jardim do Éden?»

Yada: «Com certeza que não colocou, porque não existe Jardim do Éden. Nunca existiu. Não é um lugar localizado, é um estado de consciência. Limitei-me a repetir a história, a história que tendes naquilo que passa pelo vosso Livro Sagrado. Não, o Jardim do Éden é um estado de perceção, o estado de perceção quando o homem se conhecia a si próprio como o criador. A sua assim chamada "queda", a qual não foi queda nenhuma...» (Soa a poesia)

Homem: «O quê?»

Yada: «Soa a poesia, eu disse: "A queda do homem não foi queda nenhuma" — cria uma rima. Ele verdadeiramente tornou-se ciente de si próprio como um corpo. Foi nisso que consistiu o assim chamado pecado: tornar-se ciente de si próprio como uma forma, a consciência a tornar-se ciente da matéria, o que era o seu trabalho, trabalho natural. Foi isso o que o homem veio aqui fazer, tornar-se ciente de si próprio como um corpo físico, químico. Mas ele perdeu-se ao fazer isto. O encanto hipnótico foi tão grande sobre ele, a crença de que era um corpo tornou-se tão grande sobre ele que ele ficou perdido para a sua própria natureza divina. Já não sabia dela e por isso começou a lutar encosta acima e mais acima para recuperar esse conhecimento. Uma vez que verdadeiramente o recupere — cada indivíduo que o recupere, este conhecimento da sua própria natureza divina —, ele está fora do mundo da matéria.

Mas terá ele ido para algum lugar para viver no luxo naquilo a que se chama um estado nirvânico, ou um estado de divina *samatha*? Não, ele tornou-se agora um mestre consciente, um criador consciente. Agora ele

pode vir à terra ou a qualquer outro planeta no espaço, onde quer que seja pretendido para prestar um serviço ao seu semelhante, para aqueles que ainda dormem no mundo da matéria. Ele pode vir e instantaneamente fazer o que quiser: um corpo de animal, um corpo de inseto, um corpo de peixe ou um corpo humano, porque ele já passou por todas estas fases.

Para que venho eu? É isso o que é importante. O meu vir não é importante, de todo. É uma vaidade para o ego. Mas quando há um propósito no vir, então aí é diferente. Então, escutar aquilo a que chamais fantasmas não serve de nada. Existem milhões e milhões de fantasmas que andam arrastados por todo o tipo de salas de sessões espíritas por todo o mundo, constantemente a entrar e a sair, afirmando ser todo o tipo de coisas. Isto não tem problema, não tenho objeção, mas e então? O que aprendeis com isto? O que têm eles para vos dar que torne a vossa vida mais inteligente? É isso o que é importante.

O que o ser diz é que é importante, não quem o ser é, porque ninguém sabe quem ele é, ninguém. Nós nem sequer sabemos quem somos. Perguntais a vós próprios: "Quem sou eu?". A este homem, já lhe dissemos isto muitas vezes. Olhai no vosso espelho — eu não tinha um espelho de vidro. Tinha um espelho de cobre no meu tempo, mas continuava a ter algo para onde olhar, não apenas para se admirar a si próprio, porque a maioria de nós gosta de fazer isso. É um prazer sentarmo-nos e contemplarmo-nos no espelho, desde que isso não empurre com demasiada força a vossa vaidade. Ora, sentais-vos e olhais para dentro do espelho e olhais mais perto e cada vez mais perto.

Levantais-vos e olhais para dentro do olho desta maneira, e olhais e estudais a construção do olho, o desenho dele. Aquilo a que chamais a pupila interna que se abre e se fecha. E tendes todo o tipo diferente de reflexos. Tem humidade que o mantém a rolar para trás e para a frente. Tem todo o género de pequenos a que chamais cones e estes cones criam diferentes cores de luz. Estão a captar vários tipos de vibrações e a transformá-las em diferentes cores.

Na verdade disso, não há cor, não há som no vosso mundo. O mundo criado é um mundo sem som ou sem cor. Mas o homem cria-o. Através daquilo a que se chama o seu corpo sensorial, ele faz o que se chama medir com os seus diferentes sentidos. E diz: "isto é uma parede, é sólida, vedes"» (bate na parede). «Bato no mundo da solidez. Daqui a nada, se estiver a escutar, dirá: "Entra". Então, como entro eu no mundo da matéria? Estudo-o, olho para dentro daquilo a que se chama os blocos de construção.

Em inglês chamais-lhe estrutura atómica. Mui interessante. Onde está a consciência num átomo ou numa molécula de átomos? Onde está a sua

inteligência? Está lá. A inteligência no átomo reside naquilo que ele faz, na sua ação. A ação de um átomo é procurar outro átomo e ele faz isto mui rapidamente, porque não quer ser nada. Tem medo. Essa é a psicologia do átomo. Tem medo de ser nada, por isso, na sua pressa de ser algo, começa a construir coisas.

A cor delicada vem do olho. Para o que estou a olhar? Pego naquilo a que chamais uma flor na minha mão e olho para ela. Vejo as cores bonitas. Cheiro, sinto. Mas residem estas coisas na flor? São elas uma parte da flor? Parecem as pétalas de uma flor suaves? O que quero dizer com suave? Cheiro, ou digo que o aroma é maravilhoso. O aroma. Pode um aroma cheirar? Sim. A que cheira? Cheira a Mark Probert, o qual o está a cheirar. É aquilo a que se chama o cheiro de Mark Probert. Agora dou-to a ti, Anita. Já não é um cheiro de Mark Probert, é um cheiro de Anita! Para ela é realmente diferente do que é para ele.

O desenho da flor, a forma, o que é? Forma de Mark Probert; forma de Anita. Mas o que é ela por si mesma sem a Anita, sem o Mark Probert? Vibrações, vibrações. O Mark Probert transforma as suas vibrações naquilo que ela é para ele, e a Anita transforma-as naquilo que ela é para ela. Desta maneira ele cria o mundo e ela cria o mundo. Estão ambos a sonhar.»

Irene: «Yada, tenho uma pergunta pertencente a algo que disse.»

Yada: «*Au kee*. Porque não quero esquecer o que disse, vou escutar o que tens para dizer.»

Irene: «Esta é a pergunta que alguém fez. Parece indicar que a alma avançou até ao reino animal antes de experienciar a humanidade. Isto é verdade?»

Yada: «Assim é. É o mais definitivamente assim. Como posso ser rei se nunca fui escravo? Como posso governar se nunca fui governado? O que sei eu sobre aquilo a que se chama matéria, se nada sei sobre aquilo a que se chama não-matéria? Pois se existe matéria, deve haver não-matéria, haveríeis de o negar?»

Irene: «Existe tal coisa como nenhuma matéria?»

Yada: «Sim, não importa se acreditas ou não!» (RISOS) «Na minha língua não consigo fazer isso, porque as palavras são tão diferentes que não consigo criar o que chamais um trocadilho.»

Irene: «Estou a falar a sério, no entanto, Yada; uma onda de luz não é matéria?»

Yada: «Pode algo vir do nada? Não.»

Irene: «Não.»

Yada: «Não, não existe tal coisa como o nada, mas existem... uma variedade infinita daquilo a que se chamam sequências, uma variedade.

Não é simplesmente uma questão, no que ao átomo diz respeito, de organização das partículas do que vai constituir o átomo. Nem é uma questão de vibrações altas ou baixas. É muito mais do que isso, muito mais. Na verdade, não existe tal coisa como alto ou baixo. Mas podemos dizer que existem caracteres de vibrações. Existe aquilo a que chamais... pausas.

Estou a tatear por palavras e a sala está escura. Sim, a sala na minha cabeça está escura — padrões de caracteres, não altos, não baixos, e existem milhões incontáveis de padrões diferentes. Alguns destes estão de tal modo além daquilo que vedes como o mundo material. Vamos para baixo e o que encontramos? Algo que não é um mundo de superfícies? Peguemos num pedaço de matéria e cortemo-lo. O que encontrais? Outra superfície. Então corta-lo noutra direção: outra superfície. Nunca conseguis chegar ao interior dele.

Magia, magia! Qual é o problema? Posso dizer-vos, numa análise derradeira, que a matéria é mente? Pois essa seria uma maneira mui bela e admirável de escapar a falar sobre o assunto. Levar-vos-ia a acreditar que eu tinha dito algo que era inteligente, sim? Não, a mente é uma variedade infinita daquilo a que se chamam frequências, e vós chamais-lhe isso e eu chamo-lhe isso, mas não é isso o que ela é.

Olhemos para aquilo a que chamais o átomo. Os vossos cientistas dirão: *hum*... isto é 90% nada. Ora, isso é mui interessante, não é? 90%... por acaso alguém sabe quanto é 90% de nada? Como ides ter isso? Muito bem, uns escassos dirão 10% de algo. O que significa isso? É de algum modo melhor do que ao contrário? Pegamos naquilo a que se chama o átomo e descemos até àquilo a que chamais o núcleo dele, o âmago. O sol. A maioria dos vossos cientistas considerava que o átomo consistia em corpos satélites que andam a girar ao redor do âmago do centro do sol. Muitos deles estão agora a começar a dar-se conta de que isto não é assim e que o átomo não tem nenhuma semelhança real com aquilo que está lá fora no espaço a que chamais o sistema solar. Estão a começar a dar-se conta de que o átomo não é particulado...

Particulado, para alguns de vós que talvez não compreendam a palavra, simplesmente significa em pedaços, constituído por pedaços, pedaços separados. Não há nenhum pedaço num átomo. Se houvesse, poderíeis destruir um átomo, colocá-lo naquilo a que chamais o estado de esquecimento, estado de nada. Os vossos cientistas tentaram o seu melhor para trazer a um pedaço de matéria o que se chama inércia zero. Isso significa nenhum movimento de todo. Se conseguissem fazer isto, criariam um vácuo perfeito. Mas nem sequer aquilo a que se chama natureza... palavras, palavras tolas, natureza. Significa isto alguma coisa, natureza?

Quem é a natureza? Vós. Mas o que é ela? Gostais de dizer eu, ou eu sou eu, mas estarei de algum modo melhor em compreendê-lo?»

Senhora: «Na minha estimativa, Yada, são todas as coisas.»

Yada: «Isso é mui bom, mas o que são todas as coisas?»

Senhora: «Isso é individual.»

Yada: «Isso é individual, mas isso é...» (fita não compreensível)

Senhora: «O que está a dizer... usa a palavra "natureza". O que diria que a natureza é?»

Yada: «Sabeis, senhora, e todos vós sentados aqui, se eu usasse uma palavra e dissesse que é isso o que a natureza é, deveríeis todos levantar-vos e ir embora!» (RISOS) «Não lhe podeis dar um nome; eu não lhe posso dar um nome.

Ora, talvez, meus amigos, vejais por que razão tantas pessoas chegaram a dizer simplesmente isto em relação à vida: "Deus fê-lo, por isso deixai-O a Ele preocupar-se com isso". É mais fácil deixar Deus preocupar-se com isso, porque assim não terei de me preocupar com isso, tenho tantas outras coisas importantes para fazer, *ha, ha*... até que chegue o dia em que deixarei de fazer. E depois o quê? É por isso que vimos falar, não para vos ensinar nada, mas para vos lembrar de que há algo para vós saberdes, de modo a que não esqueçais que há algo para vós lembrardes, para evocardes da mente adormecida, para vos tornardes cientes. Que coisa é essa de que vos deveríeis tornar cientes?

VÓS. Não lhe estou a dar um nome, simplesmente queria deixar-vos saber, dar-vos uma ideia daquilo que sinto, por isso uso a palavra vós. Vós. Quem vós sois, não sei. Quem eu sou, não sei. Se eu vos dissesse: "Eu sou Deus" — usei o termo várias vezes esta noite —, "Eu sou o criador vivo". Soa bonito, *heh*? Maravilhoso, belo, mui sedutor, não é? É um alívio da nossa crença anterior de que Deus está lá em cima no céu e que está atento maioritariamente para nos punir. Um grande alívio, mas não acrediteis que vos disse algo. Esperai, esperai, olhai, estudai, observai. Onde quer que vades, tornai-vos mais cientes do vosso próprio ser e então também vos dareis conta de que aquilo que vós sois não pode ser nomeado. E não é necessário que lhe deis um nome. É apenas necessário que vos torneis cientes disso. Isso é tudo o que podeis fazer.

O Grande Gautama, que se tornou o Buda — ele não se tornou o Buda, alguém o fez assim. Ele estava a tratar da sua vida, mas alguém achou que ele tinha dito algo e construíram uma religião a partir disso. É uma pena, *heh*? Uma pena, porque ele, como um a quem chamais Jesus, como um a quem chamais Brahma, como um a quem chamais Zoroastro,

como outros chamados por mil outros nomes, eles andavam todos em busca de si próprios, meus amigos, em busca de si próprios.

E aqueles que se tornaram cientes de que estes seres procuravam algo, um significado para a vida, começaram a segui-los por todo o lado, porque estavam de tal modo às escuras que pensavam que podiam aprender o que a vida era com outra pessoa, pelo que isto os impediu de o fazerem por si próprios. Assim, em vez de se irem embora por si mesmos, vagueando por aí, procurando eternamente no interior o que é, começaram a seguir um chamado Zoroastro, um chamado Brahma, um chamado Jesus, um chamado Gautama ou Siddhartha.

Espero, para vossa instrução, que não me sigais a mim. Segui-vos a vós próprios. Vós sois a inteligência eterna, vós sois! Tudo o que posso fazer é emitir pequenos sons de sinos e, se os sons forem apelativos para vós, direis: "É isso mesmo, eu soube-o o tempo todo. Simplesmente me esqueci pelo momento". Ou podeis cometer um erro e dizer: "Oh, Yada" e curvar-vos. Não quero sentir os vossos salameleques; quero o vosso amor, isso é tudo, o vosso amor. Porque o vosso amor é a minha vida, a própria essência da minha vida. Dar-me amor é alimentar-me, para que eu possa alimentar os outros que estão também famintos do alimento da vida.»

Anita: «Nós amamo-lo, Yada. Nós amamos os ensinamentos.»

Yada: «*Gratcia*. É isso o que eu sou, é isso o que vós sois: um professor. Cada um de vós a ensinar o outro, embora possais não dizer uma palavra. Ensinais o outro como fazer isto, como fazer aquilo, como sentir, como não sentir; como matar ou como dar vida, está tudo nas vossas mãos. Por favor, escuto-vos agora.»

Irene: (Lê uma pergunta do público): «Poderia explicar as alterações que ocorrem na topografia dos Estados Unidos e, tão aproximadamente quanto possível, a localização e quando hão de ocorrer?»

Yada: «O que se passa? Não estais felizes com a forma como as coisas estão? Quereis saber de alguns desastres para terdes algo com que vos preocupar? Não tendes já que chegue com que vos preocupar agora? Penso que sim. Esse é o problema com o vosso mundo hoje: há mais com que se preocupar do que com que estar feliz, e agora quereis mais!» (*Ha, ha*)

«É como o homem que está sentado num barril de dinamite. O rasto de pólvora está a arder atrás dele, mas ele não sabe que está aceso. Ele está ali amarrado, neste barril de dinamite. Ora, ele está mui feliz, pois nada sabe do que está para vir. Neste momento da sua vida, ele está feliz. Depois aparece um sábio, um homem esperto, aquilo a que vós, americanos, chamais um *"wise guy" (espertinho)*» (gosto da vossa língua americana). «Ele aparece e diz: "*Hum*, o rasto de pólvora está aceso".

O homem tem estado mui feliz até essa altura. Não só o tipo esperto disse que o rasto de pólvora estava aceso, mas também que é mais tarde do que pensas.» (RISOS) «Será que este conhecimento antecipado do desastre vai trazer algum benefício ao homem amarrado ao barril? Transforma a sua vida num inferno vivo. Sim, porque ele não sabe o que se há de seguir à dissolução da sua estrutura física. É uma quantidade desconhecida para ele, por isso ele fica assustado.

Tenho escutado muitas pessoas aqui na vossa terra a falar de desastres. Aqui, em anos recentes, um homem está a escrever sobre: "Estará Deus pronto para vir e varrer a terra limpando-a?". Pelo que ele diz que, se quereis ser salvos, se quereis sobreviver a este grande desastre, construí robôs e colocai-os em cada esquina das vossas cidades e vilas. Isso é muito robô, não é!

Alguém vai ganhar muito dinheiro a construir robôs. Ora, aí, meus amigos, está uma ideia de como enriquecer: construir robôs na eventualidade do dilúvio que vai destruir os seres humanos da terra. Pensais, ao raciocinar sobre isto, que um robô vos vai salvar? Não, se um dilúvio desses viesse à terra, reduziria tudo a menos de pequenos pauzinhos» (às vezes vejo-vos a colocá-los na boca e a fazer assim). (RISOS)

Irene: «Palitos.»

Yada: «Oh, limpar os dentes com o pauzinho? Para quê?»

Irene: «São usados para remover partículas de comida de entre os dentes depois de se comer.»

Yada: «Oh.» (RISO)

Irene: «Compreende, querido?»

Yada: «Sim, estou a tentar conter o meu espanto.»

Irene: «Sabe que às vezes a comida fica entre os dentes quando comemos comida. Não tinha nenhum problema com pequenas partículas a ficarem entre os dentes e precisava de algo para as tirar?»

Yada: «Oh, nós colocávamos água na boca.»

Irene: «Sabe que às vezes as partículas de comida ficam de facto entre os dentes.»

Yada: «Pode ser, mas se comerdes os alimentos certos, limpareis os dentes naturalmente; comei alimentos duros. O homem hoje come demasiados alimentos moles que se agarram entre os dentes e por isso tem muita cárie nos dentes. Não é bom.»

Irene: «Que alimentos sugeriria comer para limpar os dentes?»

Yada: «Nós tínhamos na selva... como chamais a estes pauzinhos? É uma substância doce.»

Irene: «Oh, quer dizer como cana-de-açúcar?»

Yada: «Não conheço a cana.»

Irene: «Temos uma cana, Yada, que cresce como o bambu. Sabe o que são rebentos de bambu?»

Yada: «Sim, bambu.»

Irene: «A cana-de-açúcar assemelha-se ao bambu. Nós descascamos a camada exterior...»

Yada: «A cana é um pau... um pau de açúcar, *heh*?»

Irene: «Isso mesmo, um pau de açúcar, cana-de-açúcar. Pensei que se estava a referir a algo desse género.»

Yada: «Então estais a comer as carnes... não mui boas como alimento, o alimento bom natural.»

Senhora: «O senhor comia-a crua, Yada.»

Yada: «Não mui boa cozinhada. Tirais-lhe toda a vida quando a cozinhais assim e quando a cortais com a faca — aquilo a que no vosso mundo chamais educado, comer pedacinhos.»

Irene: «Sim, isto é etiqueta.»

Yada: «Mas não, no meu tempo, se pegásseis numa grande carne hoje e fizésseis isso, todos os vossos dentes cairiam.»

Irene: «Era esse o tipo de alimento "adequado" com que vos alimentavam nos templos em Keoti?»

Yada: «Sim, isso mesmo. Alimento para mastigar, não para engolir. E depois, após mastigar — mastigávamos, mastigávamos, mastigávamos até ficar mui mole —, de modo a que a digestão se processe primeiro na boca, e então tem uma boa oportunidade de se digerir no estômago depois de lá chegar, porque já está maioritariamente assim, de forma que os ácidos do estômago atuam rapidamente sobre ele e é absorvido pelo corpo muito mais depressa e mantém o corpo em melhor condição. Mas hoje a maioria das pessoas come tão mui depressa, vós engoli-lo de golpe e ele para ali e vós fazeis *burp, burp*. Isto não é bom.» (RISOS) «Fazeis isso e depois dizeis "desculpe-me". Porquê? Não era vossa intenção fazê-lo?» (Fala com Kethra)

Irene: «O Yada estava a contar ao seu professor, Kethra, de que é que nos estávamos a rir.»

Yada: «Existem outras partes do mundo onde é etiqueta arrotar. Quanto mais arrotais, mais o vosso anfitrião pensa que estais a desfrutar da comida dele, estais a mostrar o vosso apreço. Mas se não arrotais, o vosso anfitrião pensará que não gostais da comida dele. O homem é mui vaidoso, *heh*?

Mas aquilo que ele, o homem, realmente é, é tão maravilhoso, meus amigos, que quando passardes a dar-vos conta disso, podereis olhar para tudo o que ele faz — não importa o que tenhas pensado no passado, quão mau, quão terrível, quão horrível —, com o tempo tudo isso será lavado. Ele sairá do eu inferior salvo, limpo e belo além das palavras.

Sabeis o que se chama o lótus? Ora, o lótus cresce no lamaçal — lamaçal negro, nodoso, pegajoso. Mas quando surge e é belo, é branco e belo. É isso o que o homem está a fazer. Ele está a sair do lamaçal das suas crenças tolas, das suas crenças dadas hipnoticamente, para o sol claro da sabedoria.

Vou deixar-vos, meus amigos. Talvez um dos meus colegas venha e tome o meu lugar. Penso que o homem, o Prof. Alfred Luntz, virá falar convosco, talvez outra pessoa.»

Irene: «A última vez que falei consigo, Yada, mencionou que pensava que talvez gostasse de mudar de assunto. Mencionou que poderia gostar de falar sobre o desaparecimento dos aviões que tem acontecido e, por isso, perguntei-me se gostaria de o fazer...»

Yada: «Sim, gostaria imenso. Sabeis que tem havido muitos tipos de desaparecimentos na vossa terra, diferentes tipos de coisas que desapareceram. Meus amigos, eu gostaria de falar sobre essas coisas, mas pode haver alguns de vós aqui que gostariam de falar sobre algo diferente. Venho a vós; não venho a mim próprio. Não posso falar comigo próprio. Tenho de falar convosco. Gostarias de algo mais em vez disso, por favor? Algo diferente?»

Anita: «Yada, penso que estão todos interessados em saber sobre o que aconteceu aos aviões que desapareceram.»

Homem: «Exato.»

Irene: «Não há muito tempo, o Mark leu um artigo no jornal pertencente aos cinco ou seis aviões que desapareceram subitamente. Suponho que vós leram sobre o assunto? Bem, o Yada mencionou que talvez vós gostassem de aprender sobre isto. Gostariam de ouvir falar sobre isto?»

Grupo: «Mui grandemente.»

Yada: «Falarei sobre isto, meus amigos, porque tem a ver com o que só posso chamar dimensões de tempo. Ora, vós, com o tempo, no vosso mundo, os vossos cientistas aprenderão mais sobre a natureza do átomo. Deixai-me falar um bocadinho sobre isso também, porque é necessário para explicar precisamente o que está a acontecer quando estes desaparecimentos ocorrem. Por isso, falarei sobre essas coisas num curtinho minuto. Quero afastar-me agora e dar ao corpo deste homem a

oportunidade de recuperar algumas energias e depois virei falar mais um pouco. Tudo bem?»

Grupo: «Por favor, venha, Yada.»

Yada: «Eu virei.»

Homem: «(...)»

Yada: «Não, não, está tudo bem.»

Anita: «Obrigada pelo que nos deu até agora, Yada, e estaremos ansiosos por vê-lo novamente.»

Yada: «*E gratia, e gratia*. Com licença, por favor, e depois voltarei.

Ora, antes de começar a falar-vos sobre o desaparecimento de coisas e também do desaparecimento de pessoas, quero dizer, em relação a essa pergunta pertencente a acontecimentos desastrosos para o mundo... quero falar-vos um bocadinho, porque há uma grande dose de preocupação e ansiedade entre as pessoas da terra quanto ao que vai acontecer no futuro próximo à terra.

Parece haver um pensamento mui generalizado de desastres tremendos na terra. Vai haver, mas não no vosso tempo. Portanto, não tendes nada com que vos preocupar. Com certeza que, devido às neves pesadas deste tempo de inverno, muitos lugares por todo o vosso país vão sofrer inundações mui severas. Ora, não precisais de ser psíquicos para saber isso. Mas o vosso verão, este verão, vai ser mui quente, mui quente. Sempre que há uma neve fria e pesada no inverno, aquilo a que chamais um inverno severo, há um verão quente. Podeis descobrir isto por vós próprios estudando as condições meteorológicas. Não precisais de ir a um médium e falar com fantasmas.» (RISOS)

«Mas a terra sofreu alguns dos desastres mais terríveis ao longo de toda a sua história. Começando há cerca de 2,5 mil milhões de anos, a terra estava a sofrer um desastre mui severo. Estava a tentar crescer e, em todo o crescimento, há alguma dor, sim. A terra é uma entidade viva como vós. Tem o seu nascimento, o seu ciclo de vida e a sua morte. Todos os corpos no espaço têm isto. Isto não é antinatural. Esta vossa terra tem sido abanada e agitada de uma grande variedade de maneiras, mas continua aqui e o homem também.

No tempo futuro, talvez daqui a uns quatro ou cinco mil milhões de anos, ela começará a morrer. O sol pode apagar-se subitamente ou lentamente. Se se apagar lentamente, dará ao homem — àqueles que estiverem aqui — tempo para se ajustar à condição em mudança.

Conheceis Marte? Marte é um planeta moribundo. Tem estado num estado de morte durante um grande número de anos. Deu àqueles em Marte uma oportunidade, um tempo para se prepararem para sair de Marte. Existe

ao redor de Marte aquilo a que chamais corpos satélites. Às vezes são chamados as luas de Marte. Penso que alguns de vós sabem disto. Alguns destes são feitos pelo homem, feitos por seres que estavam em Marte. Marte esteve ocupado numa altura por seres humanos vivos, mui parecidos convosco próprios.»

Anita: «Eles faziam algo como o que estamos a fazer agora?»

Yada: «Sim, algo como o *Sputnik* — outros *sputniks*, *catniks* lá dentro.» (RISOS) «Embora o homem seja uma criatura mui humorística, ele é também extremamente engenhoso. Ele, sendo o criador, é forçado por vezes a preparar-se para fazer coisas. Ora, ele não está consciente hoje de por que razão está a colocar os satélites nos espaços. Quando os marcianos começaram a fazer isto, não sabiam porquê, porque algo que o homem não compreende, ele não sabe para quê. Agora eles sabem porquê. Os objetos a que chamais satélites no ar hoje são apenas como o estetoscópio do sopro do tempo.

Descobrireis que é a mesma coisa que se está a passar aqui dentro» (indica) «mui pouca diferença. O que está por trás de ele» (o homem) «colocar estes tubos lá fora, *heh*? Ele não o sabe, mas está a preparar-se para o tempo em que estará a construir planetas para si próprio viver neles. Depois chegará um tempo em que ele terá de construir unidades de calor para que os seus planetas feitos pelo homem possam sobreviver. Sim, o homem vai voltar a fazer o que fez originalmente: fazer planetas, fazer sóis e outros corpos no espaço.»

Irene: «Pergunta, Yada. Na história da criação, fala-nos de como os Senhores do alto Etérico entoaram cânticos e provocaram este vórtice que atraiu para si o material que era necessário para construir esta terra. Irá o homem usar um método semelhante para construir estes outros planetas, ou...?»

Yada: «Não, ele não precisará de entoar cânticos para o fazer. Os seus dias de cânticos acabaram. Ele agora fá-lo-á com o pensamento e com o seu pensamento prolongado chamado as mãos. Ele escavará na matéria, extrairá a energia e criará vastas bolas de energia para aquecer o seu próprio sistema solar criado.

Ora, pode ser que o sol, em vez de simplesmente se apagar ou encolher e tornar-se cada vez mais naquilo a que se chama uma estrela anã até desaparecer, se torne não mais do que uma bola de metal no espaço.»

Anita: «Quer esperar até eu ligar a fita no nosso?»

Yada: «Sim, sim, por favor.»

Anita: «Obrigada.»

Yada: «Espaço. Qual é a natureza do espaço? Ora, no vosso mundo hoje, os vossos cientistas sabem como pegar num dado volume de espaço e fazê-lo girar. Sabeis... será essa a palavra certa?»

Irene: «Sim, fazê-lo girar.»

Yada: «Fazê-lo girar. Ao fazê-lo, produzem uma substância sensorial que é chamada energia e, depois, matéria. O espaço, um volume no espaço. Soa incrível, sim? O espaço é alguma coisa; não podeis fazer girar o nada, portanto fazei girar alguma coisa e fazei alguma coisa! Foi a partir destas outras dimensões de tempo, ou talvez fosse melhor se eu dissesse frequências, que a vossa terra, o vosso mundo químico, veio à existência. Vós fostes outrora seres do espaço. Com isto quero dizer que tínheis a vossa existência noutras dimensões ou frequências e, porque sois um criador, começastes a experimentar com aquilo que criastes chamado matéria. Mas, às vezes, as nossas experimentações escapam ao controlo e ficamos com o que se chama reação em cadeia. Isto significa uma construção contínua daquilo que começámos — construindo e espalhando-se. Galáxias ou universos-ilhas estendem-se pela eternidade fora, ou pelo espaço.

Ora, o espaço não é algo em si mesmo chamado espaço. Não é uma entidade externa. É a nossa consciência. Isto significa que não estais a caminhar em duas entidades separadas chamadas espaço e tempo, mas sim numa única entidade chamada consciência. Isto é uma substância viva e é a vossa vida.

Ora, existem muitos padrões geométricos diferentes no campo daquilo a que se chama matéria. Cada um destes padrões é uma dimensão diferente. Por isso vos digo algo que, sem dúvida, já ouvistes muitas vezes antes: que viveis em mundos dentro de mundos. No passado, isto não passava de uma afirmação filosófica ou metafísica. Hoje, os vossos cientistas e as vossas várias escolas de altos estudos estão a experimentar com estas dimensões para descobrir precisamente de que são feitas através de padrões geométricos.

Ora, os vossos navios e as vossas diferentes coisas e pessoas desaparecem subitamente e vós ficais espantados e mui frequentemente assustados, quando não há realmente nada de que ter medo. Pois vós e eu viemos de outras dimensões diferentes daquela em que estamos agora a habitar. Vós estais a viver num padrão de desenho geométrico diferente daquele em que eu estou a viver e é por isso que é difícil para vós fazerdes o que se chama ver-me. Mas eu posso olhar para trás, para dentro do vosso padrão, e ver-vos. Mesmo quando entrardes noutra vibração ou noutro padrão chamado o mundo astral, vereis as pessoas no mundo químico.

Quando se estabelece subitamente uma frequência diferente no vosso espaço, qualquer pessoa apanhada nesta frequência diferente fica perdida. A frequência delas, que lhes parece natural e conforme o mundo lhes aparece, desvanece-se. Olhemos para isto de uma forma mais simples e penso que o compreendereis melhor. Mas primeiro, sabeis, a vida é simples na verdade, mas o homem passou a acreditar que ela se tornou tão complexa que tudo se torna um mistério para ele. Não é. É a simplicidade em si mesma. É isso o que a faz parecer complexa. Peguemos naquilo a que chamais estes movimentos» (ilustra) «é para trás e para a frente com o dedo deste homem (o qual é o meu dedo agora; estou apenas a pedi-lo emprestado, ele pode ficá-lo quando eu terminar com ele, *heh*?). Vou com o meu dedo assim. Isto é mui devagar, mui devagar. Se eu pudesse mover a mão deste homem tão rapidamente que não a conseguísseis ver, diríeis que ela desapareceu e isto far-vos-ia questionar.

Oh, grande mistério, para onde foi?, era minha. Ele não foi para lado nenhum, continua bem aqui, mas a frequência em que está a viver não é da vossa capacidade sensorial para medir. Pelo que parece que desapareceu. Ora, às vezes coisas e pessoas, animais e, de facto, uma grande variedade de tudo o que está no vosso mundo desaparece. Eles não foram para sítio nenhum, porque não há sítio para onde ir. Ele ou eles foram simplesmente apanhados numa frequência diferente e a estrutura do corpo, a estrutura atómica dos blocos de construção que mantêm o corpo aqui, foi alterada para corresponder, para ir ao encontro das vibrações de lá. Ora, na assim chamada presencialidade de outra frequência, existem grandes oceanos, grandes montanhas, céus, sons, tudo isto como tendes aqui.

Olhemos para o vosso sol. Parece mui grande e mui poderoso para vós. Na verdade, se não fosse pelo vosso sol, não haveria vida nenhuma na vossa terra, de todo. Portanto, se quereis adorar alguma coisa, curvai-vos perante o sol, *heh*? Ele está a fazer algo por vós. O sol. No meu tempo em Yuga, nós éramos adoradores do sol. Não acreditávamos que o sol fosse um deus. Sabíamos simplesmente que ele era a fonte da nossa vida no mundo físico, químico e, por isso, dávamos-lhe muito amor.

Aqui, aquilo a que chamais navios... ontem à noite este homem leu sobre os navios que vão para o oceano e dos quais não se ouviu falar mais, sem qualquer vestígio de todo. Eles, as pessoas neles, foram apanhados noutra dimensão de tempo e lentamente perderam a sua perceção de um lugar como o mundo químico. Estão vivos, não estão mortos. Estão cientes, mas onde quer que estejam agora, acreditam que sempre estiveram. Não têm memória nenhuma da vida terrena. Ora, em tempos passados, aqueles a quem chamam Etéricos, que viveram e vivem agora numa frequência

diferente, vieram à vossa terra, tal como estão a vir agora, e levaram muitas pessoas da terra, grandes números delas, todas de uma vez, e mudaram-nas para outros planetas.

Às vezes para outras galáxias. Na vossa galáxia chamada a Via Láctea, existem mais de cem milhões de planetas. A maioria deles está ocupada por seres vivos. Alguns deles são como vós aqui na terra. Portanto, se assim é, quando fordes lá para fora, levai as vossas maneiras convosco, porque vos ides viver a vós próprios pelo caminho!» (Risos)

«Antes mencionei a palavra rápido e antes disso disse que não havia rápido ou lento na vibração, e isto é verdade. Por isso quero voltar atrás e corrigir a palavra. Não é rápido, não é lento. Só pode ser pensado como um padrão, um caráter de movimento e isso é tudo.

Ora, quando olhamos mais de perto para o átomo, como vós fazeis aqui na terra, descobrimos que ele não consiste em espaço vazio entre os assim chamados corpos satélites e o núcleo ou o âmago, ou o corpo solar. Os vossos cientistas dizem que o átomo é 90% nada porque pensam que os espaços entre o corpo satélite e o âmago são uma condição de vácuo, mas não é assim. Do âmago está a vir energia de um tipo que se está a mover em arcos mui minúsculos, uma série de arcos. Esta energia em movimento de arco, movendo-se naquilo a que se chama movimento *quanta*, significando um dado número de impulsos com pontos de nenhum movimento entre eles. Sim?»

Sr. Schultz: «Perdoe-me por me apoderar da sua mente por instantes, por favor. Sim, estava a pensar em *quanta*.»

Yada: «Sim, *quanta*, compreendeis isto?»

Sr. Schultz: «Está correto.»

Yada: «Ora, estes minúsculos fluxos de energia movendo-se em arcos e em movimento contrário, estão a atuar sobre os corpos satélites, empurrando-os para fora e ligando-os de volta, e empurrando-os para fora e trazendo-os de volta naquilo que chamais...?»

Irene: «Alternada?»

Yada: «Ação alternada. *Gratcia*.»

Irene: «A razão pela qual conheço a palavra é porque o Yada já descreveu isto a outros grupos.»

Yada: «*Gratcia*. Às vezes não me consigo lembrar das vossas palavras inglesas. Correntes alternadas...

Ora, se pudésseis olhar para este olho... a matéria do olho é feita de uma substância que se está a mover com o mesmo movimento com que o átomo se está a mover; então poderíeis ver o que se está a passar. Isto faz com que os corpos satélites dancem para longe e dancem de volta no ritmo

mais belo que alguma vez vistes. Ora, esta energia vinda do âmago do átomo é muitas, muitas milhões e milhões de vezes mais densa do que a água. Pensai nisso! Aquilo que parece nada é mais denso do que alguma coisa. O homem é um mágico. Ele é um alquimista. A alquimia não é a transformação dos metais menos nobres em ouro e prata. A alquimia é saber como manipular a matéria para que se transforme em qualquer coisa que desejeis que seja feita. A alquimia é saber como controlar o mundo químico, não apenas com as vossas mãos, mas com a vossa mente, porque ele é a vossa criação. Vós sois o mágico.

Talvez não gosteis de ser um mágico, mas sois. Com o tempo, cada um de vós o aprenderá. As pessoas dos discos são mágicos. Elas não vêm para fazer mal ao homem. Se tivessem vindo para isso, poderiam ter destruído o homem da terra há muito tempo atrás. Quereis dizer algo?»

Irene: «Bem, estava a perguntar-me, Yada, se já tinha terminado esse assunto. Não quero apresentar-lhe outra pergunta até que tenha terminado.»

Yada: «Por favor, antes de passar de isto, algum de vós tem alguma pergunta a fazer em relação a esse assunto?»

Senhora: (para o homem) «Discos voadores?»

Homem: «O que há sobre discos voadores?»

Anita: «Bem, é disso que ele está a falar.»

Yada: «Estes seres são seres do espaço. Não vêm de outros planetas. Não são seres planetários. Vão a todos os corpos diferentes, não apenas no vosso sistema solar, não apenas na vossa galáxia, mas a outras galáxias por todo o espaço e por todo o tempo. Não se movem como vós pensais no movimento. É mais aquilo a que chamais ação de teletransporte, teletranspotação. Sim?»

Homem: «Irá o homem, eventualmente, aprender a controlar as diferentes frequências?»

Yada: «Oh, estou certo disso, senhor. Estou certo disso. Não há qualquer dúvida da minha parte sobre isto, de todo, porque conheço a verdadeira natureza do homem. Sim, sim, ele tem de o fazer, porque a sua terra aqui, esta pequena vibração chamada a terra, mudará com o tempo. O grande sol... Ora, existem sóis no espaço exterior que poderiam conter milhões de sóis do mesmo tamanho que o vosso sol dentro deles, milhões, de tão grandes que são. O homem não aprendeu a tomar as rédeas da criação nas suas próprias mãos. Tem medo de o fazer porque lhe disseram que Deus o fez. Enquanto ele acreditar que Deus o fez, e as pessoas que acreditam nisto... O que foi isso?» (Ruído do microfone a cair e conversa a seguir) «O homem vai criar planetas, vai elevá-los, porque lá fora, além da

atração da vossa terra, das forças de gravidade da vossa terra, o homem pode mover-se mui bem no espaço.

Ele caminha sobre o nada. Sim, o homem em si não tem peso. Ninguém tem peso nenhum a não ser aquele que cria pelo movimento. Um átomo é sem peso em si mesmo, mas no movimento por que passa, cria peso dentro de si, o qual é chamado a gravidade desse corpo. Dizer que um átomo não tem gravidade é tolice, porque se os dez mil milhões, ou biliões, ou centenas de biliões» (gosto destas palavras, não significam nada) (RISOS) «de átomos têm peso, então um átomo tem peso. Tendes de começar em algum lugar para ganhar peso, *heh*? Ora, com certeza que aquilo a que chamais o cêntimo no vosso dinheiro não é um milhão de dólares, mas é o começo de um milhão de dólares. Sem ele não podeis ter um milhão de dólares.»

Irene: «Nunca poderíamos ter um milhão se não tivéssemos o cêntimo, pois não?»

Yada: «É isso mesmo. Da mesma forma com o átomo: um átomo, dois átomos, três átomos, quatro átomos, dali a nada começais a vê-lo, não tanto devido ao número deles, mas sim devido às alterações que são criadas. Quando um grupo deles se junta, cria-se um campo, aquilo a que chamais um campo de força é criado entre os átomos. O átomo não cria nenhum campo sozinho, mas quando se juntam criam uma tendência que conseguis ver, a qual é chamada a superfície, a tabela. O campo é chamado magnético ou eletromagnético, se gostais mais disso. Portanto, vós nunca vedes os átomos. Vedes o campo de força da ação entre os átomos. Ora, diz-se que estou a tocar na tabela. Toda a gente sentada aqui acredita nisso porque é isso o que os vossos olhos vos dizem. Mas é um conceito falso. Não me importa a força com que pressiono a mão deste homem sobre a tabela, a mão não está a tocar na tabela. Se tivésseis um medidor mui sensível para medir entre la superfície da mão deste homem e a superfície da tabela, veríeis que existe um vasto espaço entre as duas. Não é assim, Sr. Schultz?»

Sr. Schultz: «Isso está correto, e se bater num pedaço de aço com um martelo, eles continuam a não se ter tocado.»

Yada: «É isso mesmo. Portanto, nenhuns dois pedaços de matéria alguma vez se tocam. Isso não soa mui bem, pois não? Porque quando beijais uma rapariga bonita sentis o toque, *heh*?» (RISOS) «A sensação de toque mui frequentemente faz o cabelo ficar em pé.»

Homem: «Amor?»

Yada: «Oh, mui bom, mui bom. É do tipo que torna a criação maravilhosa, bela. Este amor contribui para o propósito da vida. Torna a

pessoa viva e ciente, com grande energia para fazer grandes coisas. Quereis pôr o mundo inteiro a arder, tanta ambição, sim? Amor. Tem isto de ser entre pessoas jovens em anos? Pessoas jovens em mente. Os anos não tornam o homem velho. Não é a passagem de algo chamado tempo que faz isto. São os sentimentos contínuos de frustração e tédio. É isso o que envelhece alguém.»

Irene: «Se a pessoa puder apenas sair de vez em quando para ir a um cinema que seja agradável, ou ir a um concerto, ou algo assim. Algo para quebrar a monotonia das atividades de todos os dias.»

Yada: «Não apenas isto, mas a pessoa deveria mostrar um interesse ativo em si própria, sem quaisquer intrusões externas para a deliciar. Para adquirir o deleite da vida, para adquirir este deleite da mentalidade. Quero dizer alegria. Para criar esta alegria pela vida, a pessoa deve cultivar o amigo interior, aprender com ele. Ele senta-se aqui dentro, na cabeça, mesmo acima do nariz. Ora, se continuais a viver aqui fora sem prestar nenhuma atenção ao homenzinho lá em cima, ele vai ir profundamente para dentro e fechar a porta. E então ficareis mui sozinhos. Não importa com quantas pessoas estejais, ficareis mui sozinhos. Não fecheis a porta, ou não deixeis que ele a feche sobre vós, porque ele é o companheiro com quem tereis de caminhar para sempre.»

Irene: «Todas as histórias sobre esfregar a lâmpada de Aladino...»

Yada: «Esta é a lâmpada de Aladino, bem aqui» (indica) «esfregai-a para acordar.»

Irene: «Sim, e todo o tipo de coisas acontecerá para nós.»

Yada: «Sim, o mundo tornar-se-á brilhante novamente para vós e, se sois velhos em anos, se sentis os anos sobre vós, eles afastar-se-ão de vós e sentireis a juventude da consciência apoderar-se de novo. Sabeis, meus amigos, uma pessoa tem 100 anos de idade. Ora, isso é mui velho para o vosso mundo. A maioria das pessoas na vossa terra morre na casa dos seus 60 e 70 anos, mui pouco mais do que isso, quando deveríeis viver para ter não menos de 250 anos e sem fazer sacos de ossos. Em boa vitalidade até aos 250 anos!

Olhai, por favor: uma pessoa com cem anos de idade, pegai e cortai a mão e descobrireis que as células da pessoa que vêm para combater e curar a ferida... descobrireis que essas pequenas fontes de vida são tão jovens como o dia em que essa pessoa nasceu. Então, o que é que está a ficar velho?

A MENTE. O TÉDIO.

Não há nada que envelheça alguém mais depressa do que o tédio. Esse é o pior inimigo do homem. Sim, fazei um esforço para o combater quando o sentirdes a chegar. Não lhe dei tempo para se apoderar de vós.»

Irene: «Pergunta, Yada: Irá o homem alguma vez viajar para outros planetas na forma física?»

Yada: «Oh, mas sim, sim, porque se o homem é o criador, poderá alguma coisa ser afastada dele? Nada de todo! Ele irá, com o tempo, conquistar a sua criação inteira. Irá.»

Irene: «Temos um número considerável de perguntas para si, Yada. Devo continuar com elas?»

Yada: «Sim, por favor.»

Irene: «Será que a pessoa contacta o conhecimento universal no mundo espiritual, em vez do conhecimento individual passado de encarnações anteriores?»

Yada: «Quem me dera, por favor, ter aquilo a que chamais um quadro de desenho, para vos poder fazer uma demonstração daquilo a que se chama reencarnação, ou renascimento, e do que acontece. Mas farei o meu melhor com estes dedos e usarei esta tabela aqui e, se reparardes, vereis o que quero dizer. Aqui farei linhas ao longo da tabela desta maneira, e depois desço por aqui e depois volto por aqui e crio um quadrado. Este quadrado diremos que tem o tamanho que desejardes. Por conveniência, direi 30 por 30 polegadas. Ora, vamos assumir, apenas por um bocadinho, que este espaço de 30 por 30 é a totalidade da criação. Aqui estou eu nele. Mas não gosto mui grandemente dele porque não há nada ali. É tudo espaço. Não consigo suportar isso.

Tenho de fazer algo com o espaço. Tenho de manipular o espaço de alguma forma, de modo a diminuir a sua vastidão. Por isso, coloco divisórias, paredes; divido este espaço de 30 por 30 em várias divisões. Agora tenho algo em que me apoiar, em que tocar. Sinto-me mais seguro. Sinto melhor a concretização da vida. Não estou a girar no nada.

Ora, não estou satisfeito com o simples dividir deste espaço noutras divisões medidas. Tenho de fazer outra coisa. Tenho de dar um nome a esses diferentes espaços e por isso chamarei a esta divisão, como vós, americanos, fazeis, a sala de estar, e a outra divisão a cozinha, e a outra divisão o quarto de cama, e assim por diante. Ora, enquanto estou a fazer isto, num esforço para criar uma nova condição, esqueço a antiga. Quando vou, portanto, de uma destas divisões para outra, vivo sob a ilusão de que já não estou na divisão única chamada o espaço de 30 por 30. Parece como se estivesse num lugar diferente quando vou para o que chamo o quarto de cama do que quando estava na sala de estar. Ou vou para a cozinha e penso

que estou num lugar diferente de quando estava no quarto de cama, ou na sala de estar.

Ora, alguém vem ver-me. Eles entram na sala de estar e eu estou talvez na cozinha ou no quarto de cama e, por isso, chamo por eles: "Entrai". Então eles entram e estão comigo na cozinha. Por que estão eles comigo? Porque perderam comigo a consciência da sala de estar. Para poderem estar na cozinha, estão a ter consciência de cozinha. Não podeis estar na cozinha se estais em parte na sala de estar, *heh*? Não podeis. Tendes de fazer com que toda a vossa consciência se torne consciência de cozinha, caso contrário estais num estado de confusão, a vossa consciência está dividida, tendes uma bilocalização de perceção.»

Yada: «Isto só nos leva à confusão, meus amigos. Eu não posso estar sentado a comer na cozinha, se estou a comer lá, e continuar mentalmente a fazer algo na sala de estar. Mas tudo isto me deixou. A cada uma destas divisões diferentes onde entro, digo "vou para aqui" ou "vou para ali", mas não fui a lado nenhum. Continuo no espaço de 30 por 30. Não é assim?

Portanto, o homem vem à terra, àquilo a que chamais o mundo, e pensa que foi para algum lugar diferente de onde estava. Talvez estivesse no mundo astral. Assim, para conseguir entrar no mundo físico, ele tem de fazer como o homem que era dono desta grande divisão e a dividiu. Ele tem de perder a consciência do mundo astral, ou deveremos chamar-lhe a sala de estar. Perdeis a consciência dela quando entrais na cozinha ou no quarto de cama. Mas conseguis ver que ele não foi a lado nenhum. Não é assim?»

Irene: «Yada, pertencente praticamente ao mesmo assunto, faz-se esta pergunta: Em que estado de ser considera que a sua identidade existe presentemente?»

Yada: «Antes de responder a isso, quero deixar-vos claro, meus amigos, que não estou a negar a reencarnação. Oh, não, estou simplesmente a tentar mostrar-vos a mecânica da consciência em ligação com a teoria do renascimento. Isso é tudo. Ora, em que estado de consciência estou eu? É essa a pergunta?»

Irene: «Sim, Yada: "Em que estado de ser considera que a sua identidade existe presentemente?"»

Yada: (Fala com o seu professor, Kethra). «Em nenhum estado diferente daquele em que vós estais; a única coisa é que vós não estais cientes daquilo de que eu estou ciente. Vedes, eu estou ciente do meu estado, mas vós não estais cientes do meu estado; portanto, pensais que é algo diferente do vosso. Mas, meus amigos, eu estou a existir, tal como vós, num único grande espaço chamado o espaço de 30 por 30. Mas vós estais de tal modo apanhados com aquilo a que chamais a cozinha ou o

quarto de cama, ou o que quer que gosteis de chamar à terra, que pensais que eu sou diferente de vós. Olhemos para a questão, por favor, desta maneira.

Aqui uma pessoa deita-se e adormece e vós estais na mesma divisão com ela. Elas parecem inocentes. É a única altura em que parecemos inocentes!» (RISOS) «Nós pensamos que esta pessoa está no que se chama adormecida, significando que ela não sabe o que se está a passar aqui fora. Isto é um conceito falso. A consciência, ou o que se chama a perceção, assemelha-se mui grandemente a um gato. Nunca dorme realmente, tem sempre um olhinho aberto para ver o que se está a passar. Mas está noutro estado de perceção. Que estado? O seu estado, o seu próprio estado, o seu estado de sentimento. Pensai nessa palavra, meus amigos: sentimento. Aquele que está ali deitado com um rosto que parece o de um bebézinho inocente é uma máscara.

Está a esconder de vós o que ele está realmente a fazer. Ele pode estar a passar momentos mui maravilhosos a caminhar por estradas bonitas do campo, a caminhar por entre grandes árvores, parado junto a um lago plácido, a ver uma água turbulenta a chegar. Ou pode estar a ser perseguido pelos seus próprios medos, as bruxas, os monstros dos seus próprios sentimentos de insegurança. Ele está a viver e a experienciar no seu próprio mundo. No momento, uma parte dele não está ciente da máquina física. Mas existe outro deus ali. Ele vigia a máquina e escuta cada som, o som mais minúsculo na divisão. Ele regista-o e pode mais tarde — se for um som perturbador, se for um som que carregue a qualidade de ameaça para essa pessoa —, pode não o acordar, mas mais tarde ele ouvi-lo-á novamente quando estiver acordado para o mundo físico e perguntar-se-á: "Onde é que eu já ouvi isto antes?". "Como devo reagir a isto? Oh, eu sei como devo reagir". Talvez fugir, talvez ficar e lutar, talvez amar, talvez odiar. Seja o que for, ele sabe.

Um bebé, ainda no corpo da mãe, está a construir a sua própria estrutura. Ele sabe o que se está a passar fora do corpo da mãe. Uma parte da sua consciência está a registá-lo. Vedes aquela caixa de fita, aquilo a que chamo *"cheega"*? A registar. Não tenhais dúvidas de que cada pequeno som está a ser colocado aqui. Algum dia a gravação será reproduzida e, se o indivíduo não se lembrar do momento em que estas coisas aconteceram que está agora a ouvir, quando for reproduzida, ele pode ficar chocado e assustado. Ou, se se lembra dela, pode ser de tal natureza que lhe diga novamente quão maravilhoso, quão divino ele é.»

Anita: «Quão belamente o exprime, Yada.»

Yada: «*Gratcia*.»

Irene: «Yada, durante o intervalo esta pergunta que lhe estou a colocar foi-me colocada a mim: "Em que estado de ser considera que está a sua identidade?", e eu respondi que o Yada diz que está no estado Edénico, pois o senhor já me disse isto. Depois ele perguntou-me o que era este estado (Edénico). Por isso, pedi-lhe que lhe fizesse esta pergunta e não sei se isso lhe ficou claro.»

Yada: «Não faz mal. Tentarei torná-lo claro.»

Irene: «Sim, com certeza. É por isso que lhe estou a dizer, o senhor é a autoridade, por isso eu...»

Yada: «*Gratcia*, mui obrigado. Meus amigos, quando aqueles que começam como alunos de um professor... se eles próprios não se tornarem os seus professores e mais do que os seus professores, então de que serve ter um professor? De que serve? Serei eu um professor para sempre e nunca um aluno? Não. Por isso, ensino a outras pessoas o que sei, de modo a que possa tornar-me aluno delas e elas me possam dizer novamente o que eu já soube — *ha, ha*. Mas eu vou gritá-lo bem alto para que seja interessante para mim ouvi-lo de novo. É isso o que o homem faz.

Ele aprende um bocadinho e depois grita-o bem alto para o poder ouvir de novo e fazer de conta que o está a aprender de novo, *ha, ha*. O estado Edénico, o estado de realidade. Onde está a realidade? O que é a realidade? A realidade é o que estais a fazer num dado momento qualquer. Não existe outra realidade, nem no futuro nem no passado. Esta é a minha realidade eterna: agora, agora.»

Irene: «Poderia chamar ao agora o seu derradeiro termo, então?»

Yada: «Este é o meu derradeiro termo. Meus amigos, não espereis por algo maior. Tornai grande aquilo que tendes. Vede a grandeza nisso agora. Se esperardes, toda a vida passará ao vosso lado até aprenderdes, até aprenderdes.»

Irene: «Este é o homem que fez a pergunta.» (Para o homem): «Sim, pode avançar.»

Homem: «Diria então que uma consciência individual continua como uma consciência individual por toda a eternidade e acabará por se tornar parte desse grande eterno?»

Yada: «Eu sou para sempre aquilo que sou. Não me torno algo, nem regresso a ser algo. Eu sou *Tat, Tat, sat Tat, sat, ohm*. Eu sou isso, isso que eu sou.

Eu sou a realidade. Não há outro deus antes de mim. Eu sou a luz eterna. Tudo o que parece ter lugar faz parte do meu sonhar. Estou a sonhar, mas em cada sonho eu sou a realidade do sonho.

Posso contar-vos uma história, por favor? É a história de uma menina cuja mãe era uma mulher mui frustrada. Algum homem tinha feito a mãe passar mui maus bocados, pelo que ela passara a odiar o sexo masculino, e ensinou a sua filha a odiar os homens também. Pouco a pouco, esta rapariga cresceu, como todas as meninas crescem, e ela não só odiava os homens como tinha medo deles. Mas todo o seu ódio estava fora de si própria, devido ao medo. Dentro de si própria, ela não tinha mudado. Era uma fêmea mui natural e, naturalmente, desejava um macho. Os anos passaram e, à medida que passavam, ela combatia o macho aqui fora, mas aqui dentro ela sonhava com o homem mais belo e atraente. Oh, ela passava bons momentos no sonho.

Quanto mais fazia isto, mais real o seu homem do sonho parecia ser. Então, uma vez, quando estava a dormir, viu um belo e atraente homem do sonho em pé ao fundo da sua cama. O homem do sonho tinha-se tornado tão real que ela pensou que estava acordada e disse a este homem do sonho: "Oh, senhor, o que me vai fazer?". Ele olhou para ela e disse: "Senhora, não sei, este sonho é teu".» (RISOS) «Vedes, meus amigos: o que é a realidade? O nosso sonho. O que me vai ele fazer? Nada mais do que aquilo que eu/vós, o Criador, permitirdes, nada mais.

O que quereis? O que andais a perseguir nesta vida? A realidade? Nós temo-la. Nunca a tereis melhor, nem maior do que a tendes bem agora. Oh, isto pode parecer um pouco difícil. "Não gosto disto. Aquilo que tenho agora não presta". E como às vezes dizeis: "A erva do vizinho é sempre mais verde", por isso vou esperar, vou gastar-me a ir daqui para ali apenas para descobrir que é ilusório. A erva não é mais verde em lado nenhum do que onde estais. Vós sois o zelador, o regador, o cuidador da erva da vida sobre a qual estais de pé.»

Irene: «Alguém fez esta pergunta: Quando assistimos às suas aulas no plano Astral, através do meio da projeção astral, são as nossas aulas tão boas aqui como são lá?»

Yada: «Sim. Não venhais a mim nem a mais ninguém em busca de sabedoria. Nós temo-la, nós temo-la. Muitas pessoas percorrem milhas e milhas até à Índia, à China, à procura dos segredos da vida. Houve outrora um homem no vosso mundo que andava em busca da fonte da juventude; como se chamava ele?»

Senhora: «Ponce de León.»

Yada: «Ele passou a sua vida inteira a procurá-la e ela esteve bem com ele o tempo todo. É uma pena, e no entanto, não é uma pena. Essa era a maneira que ele tinha de aprender. Esse era o seu caminho. Quando vemos outro a lutar na vida, não desperdiceis o vosso tempo e energia a

sentir pena dele. Se tendes algo que possais fazer por ele, fazei-o. Mas não sintais pena dele. Pode chegar uma altura em que ele estará a olhar para vós e a sentir pena de vós. Não há crescimento nisto. Não há nada a ganhar. Não lhe estais a dar nada por sentirdes pena dele. Se vedes que há algo que possais fazer por ele, fazei-o!

Um dos vossos entes queridos morre. Podeis fazer algo por ele (ela)? Sim, podeis rezar, rezar. Rezai à luz eterna. Pedi para que eles sejam acordados e sejam mantidos acordados no mundo Astral. Isso é prestar um serviço.»

Irene: «O que é que se processa quando rezamos?»

Yada: «Cria uma luz que acorda esta pessoa, torna-a mais autoconhecedor para que ela saiba como são os seus arredores. A oração cria uma luz.

Aquilo a que chamais asneiras. Sabeis, asneiras? Estas também criam vários tipos de luzes, cores. Palavras bonitas, o que chamais palavras bonitas, significando tons que soam agradáveis, criam cores belas. Ora, quando usais uma palavra mui violenta e a usais de uma maneira violenta, pode criar aquilo a que chamais vermelho, um vermelho profundo cor de sangue. Cria isto, meus amigos, e as vibrações são rugosas, são denteadas, são perigosas para outrem bem como para vós próprios.

Prejudicais-vos a vós próprios. Naquilo a que se chama Judo, são ensinadas palavras, palavras secretas, ao estudante, ao estudante interno de Judo. São ensinadas palavras em que este indivíduo aponta para vós de uma certa maneira, faz um passe ou certo movimento com as mãos e profere esta palavra e, se estais ali diante dele, caireis morto ou inconsciente, mas eles nunca vos tocaram. Usam certas palavras. A lei das palavras. Não rogueis pragas a outras pessoas, asneiras, porque elas voltam-se contra vós. Estabelecem vibrações violentas e hão de voltar-se contra vós.»

Irene: «A razão pela qual estou a apresentar esta pergunta — "O que acontece quando se reza?" — foi porque o senhor sugeriu a oração, Yada. Quer comentar sobre o que se processa quando se reza? E será uma oração humilde a Deus uma meditação? Se não, tem algum valor na autorrealização?»

Yada: «Oh, sim! Meus amigos, se fostes ensinados a rezar a um ser chamado Deus, fazei-o. Continuai a fazê-lo. Não tenteis combater para vos afastar disso simplesmente porque eu ou outrem vos diz que não existe um deus antropomórfico. Não façais isso. Fazei-lo por que razão? Voltemos aos tempos antigos. Há milhares e milhares de anos, o homem aprendeu que, ao sentar-se numa certa formação e entoar cânticos, conseguia criar um deus. Ora, ele não sabia que era ele quem estava a fazer a criação.

Pensava que estava a chamar a atenção dos deuses para si. E chamou, e chamou-lhes deuses das colheitas, da chuva e de todas estas coisas. E assim sentavam-se nestas grandes formações e começavam a entoar cânticos...» (pausa)

Irene: «Yada, está bem?»

Yada: «Sim, estou a fazer aquilo a que normalmente chamais pensar! Ouvistes quaisquer sons?» (RISOS) «Começavam a entoar cânticos e centravam a sua consciência no meio do círculo. Cada homem ou mulher colocava toda a sua consciência no meio do círculo e depois, dali a nada, surgia no meio do círculo uma nuvenzinha amarelada mui ténue. Dali a pouco ela crescia e crescia e assumia cores diferentes. Ficava grande e às vezes tinha duas cabeças, grandes olhos salientes e uma espécie de boca grande a babar-se, a coisa mais horrível que alguma vez se poderia ver. Às vezes com 15 a 20 pés de altura. E estes homenzinhos ao redor dela balançavam-se para trás e para a frente, desta maneira. Tudo de que este ser é construído são as energias das pessoas nesse círculo.

Ora, eles pedem a este grande ser para cuidar de que a sua colheita seja protegida. Pedem às chuvas que venham ou que não venham e acreditam que, ao dar oferendas a este ser, serão servidos. E sabeis, meus amigos, eles eram servidos. As suas colheitas eram cuidadas. Mas às vezes, se certas coisinhas corressem mal e aquilo que pediam não acontecesse, pensavam que alguém no grupo tinha a culpa; alguém, mas eu não. Não, cada um no grupo dizia: “Eu não, não fui eu que o fiz”. E assim, para descobrirem quem o fizera, faziam-se passar uns aos outros por diferentes tipos de crueldades e o que gritasse mais era o culpado, e assim faziam dele um sacrifício aos deuses para aplacar os deuses. Vedes, o homem, quando é tolo, embora seja o criador, não o sabe e torna-se de longe mais baixo do que qualquer outra besta da selva.

Rezai ao Deus a quem fostes ensinados a rezar, amai e enviai-o a Ele, ou àquilo a que Lhe chamais, que é o género masculino. Quanto mais fizerdes isto, melhores serão os vossos resultados. O Deus que existe responde às vossas orações se Lhe levardes os vossos desejos com sinceridade.»

Irene: «Queria perguntar-lhe se é esta a atividade que tem lugar nos festivais da Ella Wilcox? Yada, Yada, está bem, querido?»

Yada: «Sim, sim, está tudo bem. Esqueci-me do corpo. Sabeis que quando vos esqueceis do vosso corpo vos meteis em sarilhos. Sim, o corpo não é mais do que um asno. Vós, a consciência — se sois conscientes —, sois o cavaleiro do asno. É melhor ficardes com ele, porque se não o

fizerdes, ele mete-se em todo o tipo de sarilhos. É isso o que torna os cemitérios tão cheios de pessoas.

Os condutores das máquinas das pessoas, devia eu dizer, porque conduzem os seus carros e não estão com o seu corpo. O corpo não se importa com o que lhe acontece, por isso o asno é morto. Portanto, ficai com o vosso corpo. Se estais a conduzir o carro, conduzi o carro, mantende a vossa atenção onde estais. Se estais na vossa casa, no vosso lar, então aí podeis deixar a mente vaguear se colocardes o corpo sentando nalgum lugar. Dizei ao vosso corpo: "Agora ficas aqui, eu vou a outro lugar".

Ora, às vezes o corpo não aceita as vossas ordens, porque não acredita no que estais a dizer. Por isso, sentais o corpo e tentais ir a algum lugar e o corpo levanta-se e segue atrás de vós. Isto é aquilo a que se chama sonambulismo. Esquecestes-vos de dizer ao corpo de modo a que ele compreendesse o que queríeis dizer: "Deita-te aí e cala-te".» (RISOS) «Às vezes tendes de usar um pouco de força. Trancais o corpo, não no quarto, trancais o próprio corpo. Fazeis aquilo a que se chama "congelar" as articulações. Fazeis com que o *rigor mortis* se apodere dele para que não se possa mover. Depois ides para onde gostardes e sereis livres. O corpo não vos seguirá como um zombie ou uma marioneta. Vós sois os mestres. Vós sois a consciência.»

Irene: «Yada... Yada...»

Yada: «Penso que é melhor afastar-me por algum tempo, por favor.»

Anita: «Mui, mui obrigada, Yada.»

Yada: «Obrigado.»

Anita: «E saiba que o amamos e aos ensinamentos que nos deu.»

* * *

Prof. Luntz: «Um grande dia, olá meus amigos.»

Irene: «Este é o Alfred Luntz.»

Prof. Luntz: «Sim, mui obrigado pela apresentação, eu agradeço-a. Como estás, minha querida?»

Anita: «Estou bem, Professor, mui obrigada.»

Prof. Luntz: «Obrigado, minha querida. É de facto bom estar na vossa casa novamente.»

Anita: «Obrigada.»

Prof. Luntz: «Já passou uma boa quantidade de tempo desde que tive a oportunidade de falar convosco. E como está o seu marido?»

Anita: «Ele está bem.»

Prof. Luntz: «Ed, como está, senhor?»

Ed: «Bem, bem. Penso muitas vezes no senhor.»

Prof. Luntz: «De facto eu também, sim, as minhas orelhas dão-me sinal. Libby, como estás, minha querida?»

Libby: «Estou bastante bem, obrigada.»

Prof. Luntz: «Estás com um aspeto consideravelmente melhor do que quando te vi da última vez. Penso que estavas um bocado doente nessa altura, não estavas?»

Libby: «Sim, estava.»

Prof. Luntz: «Sim. Ocorre-me que tiveste ali um pequeno problema. Estás certamente com um aspeto muito melhor do que nessa altura e fico feliz por isso.»

Libby: «Obrigada.»

Irene: «Professor, são agora 23:30 e há algumas perguntas. Pergunto-me se se importaria de responder ao resto das perguntas?»

Prof. Luntz: «Queria dizer... queria chamar pelo Sr. Smith, ele está aqui?»

Sr. Smith: «Sim, estou aqui.»

Prof. Luntz: «Como está, senhor?» (muita conversa incompreensível) «Obrigado pelo seu interesse no trabalho que tem estado a fazer em benefício deste rapaz aqui, da sua esposa, e de nós do Círculo.»

Sr. Smith: «De nada.»

Irene: «O Sr. Smith vive no Canadá.»

Prof. Luntz: «Quando o... está lá, faz-nos sentir desejados e... Foi certamente adorável. Deve ser belo na primavera e no verão.»

Irene: «Era mesmo como um paraíso, uma terra de fadas.»

Senhora: «O senhor e o Yada devem ter passado momentos maravilhosos.»

Prof. Luntz: «Passámos, desfrutámos imenso, mui grandemente.

Sabeis, meus amigos, é um bocadinho difícil até para aqueles que gostariam de vir ter com eles depois de terem deixado a estrutura física. Podeis dizer: "Eu adoraria que a minha irmã, o meu irmão, o meu pai ou a minha mãe me viessem visitar", mas quando vêm, é um fantasma de outra cor!» (RISOS)

Irene: «Pergunta: É possível a um hipnotizador contactar o conhecimento universal através de um sujeito sob hipnose?»

Prof. Luntz: «Importar-se-ia de repetir isso? Estava a vaguear um bocado na minha mente.»

Irene: «Tudo bem.» (Repete a pergunta)

Prof. Luntz: «Bem, isso depende daquilo a que se possa chamar ou considerar conhecimento universal. Que pedaço de informação é melhor do que outro pedaço de informação? Penso que é bastante relativo e depende

do interesse do indivíduo e do que ele anda à procura. Nenhum conhecimento é maior do que outro conhecimento qualquer, e o conhecimento não vem em quantidade, mas sim em qualidade. Portanto, ninguém pode dizer que sabe mais do que outra pessoa. Sabe simplesmente algo diferente. Pelo que isto significa que vamos agora descer dos nossos altos pedestais e caminhar juntos no mesmo chão uns com os outros. Eu não posso saber mais do que vós; apenas sei algo diferente.»

Irene: «Pergunta: Como podemos acelerar a nossa maior afirmação pessoal? Tem este grupo alguma missão?»

Prof. Luntz: «Antes de passar a essa pergunta, quero voltar à primeira pergunta em que estava...»

Senhora: «Aquilo em que estou particularmente interessada é se a pessoa consegue contactar o passado, ou o presente, ou o futuro sob hipnose. Tenho a noção de que todo o conhecimento está lá fora à espera de que o contactemos.»

Prof. Luntz: «Não, minha querida, não há nada lá fora senão o nada; não pretendo parecer ou dizer...»

Senhora: «Acho difícil tentar...»

Prof. Luntz: «Não, simplesmente não serve, minha querida, e porque o conhecimento está onde vós estais e não onde não estais. Portanto, não há nada lá fora em plano nenhum. Está dentro de vós. VÓS SOIS ISSO. Ora, quando hipnotizais outro indivíduo, não o ides enviar para lado nenhum que ou ele não conheça ou vós não conheçais. Um ou outro de vós há de saber sobre o assunto de uma maneira ou de outra. Digamos que, por hipnose, ides enviar alguém a Londres. Conheceis Londres?»

Senhora: «Há duas pessoas que querem ir lá mui em breve.»

Prof. Luntz: «Bem, então esperemos que passem mui bons momentos lá. Quanto a mim, tento manter-me afastado de lá, um lugar consideravelmente sombrio no tempo de inverno e um lugar mui quente no tempo de verão. Porque Londres não se localiza no tempo e no lugar, mas localiza-se, sim, na consciência; para um inglês nascido em Londres, Londres não é algo em si mesmo, uma situação inteira. Londres para este indivíduo é uma rua, uma localização, uma casa ou uma série de casas e um dado número de pessoas. Isso é Londres para o indivíduo ali nascido. Para um indivíduo que não nasceu lá, é simplesmente uma ideia, uma ideia vaga. Na verdade, não é mais do que uma palavra, a menos que tenham feito algum estudo sobre alguns locais.

Nenhum obstáculo menos, a vossa mente, ao sugerir que este indivíduo vá a Londres... a ideia de que tínheis a palavra Londres na vossa mente — Londres, Inglaterra —, não digais a este indivíduo apenas

Londres e espereis que ele vá para Londres, Inglaterra, porque ele pode não o fazer, pois existem vários locais diferentes no mundo chamados Londres. Acredito que tendes um aqui no vosso país?»

Senhora: «Oh sim, muitos deles.»

Prof. Luntz: «Bem, este indivíduo irá a uma certa parte daquilo a que se chama a Cidade de Londres. Eles não estarão a ir simplesmente para Londres.»

Senhora: «Seria apenas por sugestão, não seria?»

Prof. Luntz: «Sim, sim. Ora, podeis fazer a sugestão a vós próprios e serviria igualmente bem. Mas no que toca a enviar alguém para o mundo Etérico, ou para o estado maior chamado a mente omniconsciente, não ides obter nada porque esta pessoa não está mentalmente preparada para saber o que é a omniconsciência. Não tem a mais remota ideia, pelo que não vos poderia trazer nada de volta. As pessoas no mundo Etérico vivem na sua própria vibração. Ninguém vai lá num estado hipnótico — ninguém.

Ora, tenho conhecido indivíduos aqui no vosso mundo que afirmam que seres Etéricos, pessoas do espaço, pessoas dos pires ou dos discos, estão a falar através dos seus corpos. Lamento, meus amigos, mas isso simplesmente não é assim. Estes seres não são fantasmas; não são seres astrais, estão mui bem vivos, mui cientes. Estes seres são os guardiões do sistema solar e das próprias galáxias. Eles pouco têm a ver com os homens aqui. Vêm aqui, mas existe tanta ligação entre estes seres e o homem como a que existe entre o homem e a formiga! A comunicação, quando feita com estes seres por um indivíduo aqui, é feita telepatia ou não é de todo. Às vezes aparecem em forma e dizem-vos "que vêm de Vénus" ou "de Marte ou de Sagitário", vêm daqui, vêm dali, e esperam que vós acrediteis nisso porque assim não haverá mais discussão sobre o assunto e eles podem tratar dos assuntos a que aqui vieram. Por favor, passai a outra pergunta.»

Irene: «Coloquei-lhe esta pergunta antes, querido: Como podemos acelerar a nossa maior autorrealização? Esta é uma pergunta em duas partes. Tem este grupo alguma missão especial? Está a captá-la?»

Prof. Luntz: «Estou a captá-la. Exatamente, sim.»

Irene: «Vou lê-la de novo. Como podemos acelerar a nossa maior autorrealização? Tem este grupo alguma missão especial?»

Prof. Luntz: «Significa este grupo aqui?»

Irene: «Não sei. Quem é a Elizabeth Pain?»

Senhora: «Sim, eu vivo aqui.»

Prof. Luntz: «Sim, tem este grupo alguma missão especial? Sim, uma mui especial. Conhecer a vida, aprender a vida, partilhar, cada um de vós, o conhecimento uns com os outros à medida que estudais. Não será isso uma

missão especial? Penso que sim. Penso que estais a fazer algo mui digno de valor. Se mais grupos, como vós próprios, se reunissem periodicamente, pensai que coisa maravilhosa seria. Que informação maravilhosa teríeis; que perspetiva diferente traria a todos vós. Onde os indivíduos se reúnem para conhecer a vida, para aprender sobre ela, não pode haver altercações, não pode haver lutas, porque a verdade fala por si mesma. Não precisa de ninguém no grupo que fale por ela. Fala por si mesma. Havia outra parte nessa pergunta?»

Irene: «Sim. Como podemos acelerar a nossa maior autorrealização?»

Prof. Luntz: «Oh, sim. Ora, eu não o aconselho, não o aconselho. Posso dizer que verdadeiramente não considero sábio empurrar-vos para uma aprendizagem mais rápida. Não há pressa. Para onde ides?» (RISOS) «Realmente, não há pressa nenhuma de todo. De facto, sugiro que leveis o vosso tempo. Estudai cada pequena coisa em que deis com as mãos. Tentai conhecê-la, por dentro e por fora, tentai conhecê-la. Não aceiteis simplesmente a sugestão de alguém sobre o que ela possa ser, mesmo que esse alguém possa estar nas vossas grandes universidades. Sim, dizeis, isso é mui simpático. O que diz pode ser verdade sobre isso, mas não podemos olhar para a questão um bocadinho mais de perto, sem nenhuma luta ou qualquer contenda? Olhar apenas um bocadinho mais de perto e talvez, talvez tenha algo mais para nos dizer. Sim?»

Irene: «Outra pergunta?»

Prof. Luntz: «Sim.»

Irene: «Irão os nossos corpos sofrer uma alteração física completa em gerações futuras — quer dizer, no leito e na forma?»

Prof. Luntz: «Oh, de facto sim, irão. Não se tornará, como o meu colega Yada disse há bocado, mais complexo, mas sim uma grande quantidade menos complexo. Sim, conforme a mente muda, o corpo muda. Porque à medida que a mente muda, cria certas condições do ambiente e estas condições são depois refletidas sobre o eu físico, e fazem com que o eu físico passe por várias alterações, alterações pelas quais é necessário que ele passe. Ora, estais de acordo comigo nisso? Gostaria de saber se estais, se é a vossa opinião que isso é verdade. Gostaria de saber?»

Senhora: «Sim.»

Irene: «Pergunta: Quais são as forças que estão a afastar as curas do cancro do público? Quando podem ser libertadas?»

Prof. Luntz: «Quando um número suficiente de vós souber o suficiente sobre tais curas para se levantar e dar que fazer à sociedade médica! Sim! Mas aviso-vos: se ides para a batalha por uma causa seja ela qual for, quer seja o cancro ou qualquer outra causa, tende a certeza daquilo

de que estais a falar antes de começardes. Não vades diante do vosso inimigo sem nenhuma munição. Asseguro-vos de que eles têm muita dela.»

Irene: «Não diria que o Dr. Hoxsey tem muita munição?»

Prof. Luntz: «O Dr. Hoxsey é um indivíduo. O Dr. Hoxsey... como supondes que ele durou tanto tempo como durou com todos os ataques sobre ele? Porque ele está a falar a verdade e a fazer a verdade. Não se pode vencer a verdade, meus amigos. Não podemos. Pode parecer-vos, de tempos a tempos, que se pode, e que apenas as mentiras e a hipocrisia estão a ganhar. Às vezes leva anos até que a verdade venha ao de cima, mas virá, virá. Não conseguis manter a verdade refreada. O Hitler tentou-o. O Estaline tentou-o. O Alexandre, o Grande tentou-o. O Gengis Khan tentou-o. O Napoleão tentou-o. O Papa está a tentá-lo... foi assinado a favor do Dr. Hoxsey?»

Irene: «Tem consciência de que o...»

Prof. Luntz: «Oh, sim, de facto.»

Irene: «É para dar ao Dr. Hoxsey uma oportunidade de ter mais liberdade... não é?, para fazer o que quer fazer?»

Prof. Luntz: «Assim é.»

Homem: «Será que... tem uma... de uma cura? Não existem muitas outras? Não existem muitas outras curas?»

Prof. Luntz: «Senhor, na cidade de Nova Iorque... pergunto-me quantos de vós aqui conhecem o Dr. Hoxsey? Eis aqui um homem que procura curar o corpo, não apenas do cancro, mas de várias outras coisas, tratando o sistema glandular, trazendo-o de volta ao equilíbrio, especialmente as glândulas endócrinas. Concordo com o pensamento dele de que, se o sistema glandular estiver em equilíbrio, não pode haver cancro ou, aliás, qualquer outra doença do corpo. Não pode ser.»

Homem: «E quanto ao Dr. Frederick em Toronto, no Canadá?»

Prof. Luntz: «Excelente, e há também um chamado Dr. Levi.»

Irene: «O Dr... em São Francisco.»

Prof. Luntz: «Sim, e mais uma vez o Dr. Kelsh em São Francisco.»

Irene: «O Dr... em São Francisco, e há muitos outros, não há?»

Senhora: «O Dr. Ivy.»

Irene: «O Dr. Ivy, oh sim.»

Prof. Luntz: «Este homem, o Dr. Ivy, foi alguém que teve uma posição maravilhosamente elevada na sociedade médica.»

Irene: «Também há um Dr. Colt.»

Prof. Luntz: «Sim, eu sei.»

Irene: «Sim, o senhor sabe estas coisas, sei que sim, mas...»

Senhora: «Deve ser uma condição cármica.»

Prof. Luntz: «Não tem problema, minha querida, dizer isso, minha querida, e pode mui bem ser verdade, mas valha-me Deus, não nos desleixemos no trabalho com esse pensamento em mente. Tentemos quebrar essa condição Cármica, *heh*?»

Senhora: «Acha que...?»

Prof. Luntz: «Sim, sabeis...» (muita conversa confusa entre o grupo. Aqui o Prof. Luntz tinha tocado no microfone que tinha sido colado com fita plástica e o Professor, quando soube disso, riu-se e disse: «Ora, no vosso mundo até o microfone fica colado».)

«Sabeis, meus amigos, o que inicia uma condição Kármica, o que nos agarra a ela, o que nos mantém onde temos de voltar e voltar à terra para endireitar algum erro? Os sentimentos de culpa. Até que a pessoa liberte estes sentimentos de culpa...» (fim da fita)

* * *

Prof. Luntz: «Como estais, meus amigos! Eu sou o Professor Alfred Luntz.»

Grupo: «Como está, Professor.»

Prof. Luntz: «Parece que estou um bocado atrasado, *eh* o quê?»

Grupo: «Bem, está.»

Prof. Luntz: «Bem, não vou ficar mui prolongadamente.»

Anita: «Não, nós compreendemos, Professor. Quase me sinto culpada. Mas eu falo tanto do senhor... estávamos à espera que o senhor dissesse "Olá".»

Prof. Luntz: «Bem, isso é mui simpático da tua parte, minha querida.»

Irene: «Compreenda, não pretendo cortá-lo cerce, mas nós combinámos uma palestra menor e parece que as prolongamos por duas a três horas e eu não sei quando há de começar e quando há de parar...»

Prof. Luntz: «Bem, Irene, parece que devemos ser um bocado populares, caso contrário as pessoas aqui não continuariam ainda sentadas.»

Irene: «Isso é verdade.»

Prof. Luntz: «E isso bem que me excita o ego. Já ouvistes falar de fantasmas que têm egos, *eh* o quê? Fui um antigo clérigo da Alta Igreja Episcopal de Inglaterra... não da baixa, da alta. E Deus reconhece apenas a Alta Igreja Episcopal.»

Grupo: «Ora, Professor, o senhor não nos quer fazer sentir como se não fôssemos nada de conta!»

Prof. Luntz: «Certamente que não! Se tendes uma igreja que tem uma alta e uma baixa, fazei Deus saber disso e estou certo de que ele gosta da palavra alta e preferia estar na parte alta da igreja. Bem, eu não... pode haver outros que sim.»

Grupo: «Mas o senhor pertence à Alta Igreja Episcopal e essa é a única que Deus reconhece. Então onde é que isso nos coloca?»

Prof. Luntz: «Não sei. Se soubesse, não diria. Mas, meus amigos, quando eu apareci por cá de repente, embora vos tenha dito que Deus reconhece apenas a Alta Igreja Episcopal, Ele evidentemente não me reconheceu a mim. Deve ter dito a São Pedro para mover o céu para cima da Alemanha. Vedes, ficava por cima de Inglaterra... era aí que eu vivia.

Mas quando eu apareci, São Pedro deve ter-me visto a chegar e puxou o céu para cima... com armas, bagagens e portas de pérola... e moveu-o para cima da Alemanha. Bem, seja como for, não o encontrei. E porque disse isto há uns anos a um grupo em Nova Iorque, houve um senhor ali que me acusou de ter sido de certo modo pecaminoso, tendo morrido sem amar a Deus. Não é adorável, depois de eu passar 50 anos como vendedor?»

Grupo: «E mui sincero também.»

Pergunta: *Qual é o estado último da consciência e como é alcançado conscientemente?*

Yada: Agora já estás a desejar não ter vindo, não é? Antes da pergunta, eu é que desejava não ter vindo!

Meu amigo, à pessoa que escreveu esta pergunta digo o seguinte: tu já te encontras no estado último da consciência.

Talvez isto não pareça adequado, não soe bem, não pareça correto; parece faltar qualquer coisa. O que é?

Temos a crença de que existe um «algo último» algures lá fora, e que nunca é agora. Quando é que chegamos ao agora? É uma excelente pergunta. Está sempre um pequeno momento à nossa frente. Está lá, não aqui. Se está lá, como chegou lá sem ter estado aqui primeiro? É uma pergunta bastante perturbadora.

Mas o facto é que a realidade é agora, neste eterno presente. Contudo, a profundidade dessa realidade depende do grau de autoconsciência de cada um. Quão consciente de ti próprio és? E pergunto isto a todos: quão consciente és de ti mesmo? O que estás a fazer? Onde está a tua consciência?

Quando estás a trabalhar em algo aqui, estará a tua mente ocupada a refletir sobre algo que aconteceu no passado ou sobre algo que poderá acontecer no futuro? Nesse caso, a tua realidade presente não existe.

Para ti, não existe uma realidade verdadeira. A realidade está onde a tua consciência está. E a sua plenitude depende do teu grau de autoconsciência. Quão apurada é essa autoconsciência? O ser humano pensa que está a crescer para se tornar algo. Mas não podemos crescer para aquilo que não somos; apenas podemos crescer naquilo que já somos.

Estou a fazer-me entender?

Vês, é muito difícil compreender isto à primeira. Por vezes parece um jogo de palavras. Mas, se ouvires atentamente, compreenderás.

Comentário: Tudo o que sei acerca de uma coisa é o estado último dessa coisa.

Yada: O estado último dessa coisa. Bem, agora toda a gente pode ir dormir. Mas à respeitável pessoa que fez a pergunta, gostaria de perguntar: tens algo a dizer em relação ao que acabei de expor? Gostarias de colocar mais alguma questão relacionada com isto?

Comentário: O que me preocupa é o seguinte: quando alcançamos o homem interior e o trazemos à realização, podemos — digamos assim — atingir essa consciência última enquanto estamos no corpo?

Yada: Sim. Mais do que isso. Só pode ser feito aqui.

Portanto, se alguém negligenciar fazê-lo aqui e agora, terá de regressar e tentar novamente. Senhora, compreendi o que queria dizer, mas existem tantas implicações e ramificações nessa questão que teria de deixar muita coisa por abordar se respondesse diretamente. Eu nunca respondo simplesmente «sim» ou «não» a uma pergunta.

«Sim» e «não» dizem muito pouco, quase nada. São apenas sinais de concordância ou discordância. Não explicam coisa nenhuma. Mas volto a afirmar: esse verdadeiro eu só pode ser trazido à manifestação aqui, neste mundo físico.

Pergunta: Yada, isso pode ser feito numa única vida?

Yada: Para alguns, sim; para outros, não. Mas vê, pode parecer-nos que alguém o consegue numa única vida; contudo, estamos apenas a olhar para a superfície, apenas para o agora, apenas para o presente. Essa pessoa passou por muitas, muitas experiências nesta vida, ele entra naquilo a que se chama um renascimento místico. Existem sessenta e seis renascimentos místicos.

Mas o que quero dizer com "místico"? Apenas que não se conhece o momento em que eles acontecem. Não há nada escondido ao ser humano — nada. Um indivíduo pode atravessar muitas vidas, muitas experiências, mas cada uma delas tem um propósito místico de renascimento, através do qual ele adquire conhecimento e compreensão. E o maior interesse de um verdadeiro buscador da vida é seguir conscientemente a luz, conhecer.

É isso que ele faz. Ele sabe que existe algo para procurar e sabe o que procura. Mas depois pode afastar-se dessa vida tão maravilhosa e, na vida seguinte, regressar para saber — está cego. O mesmo homem, muito injustamente, dirá que esta vida lhe foi dada para ser vivida, para usar todos os seus dons, e perguntará por que razão isso lhe deveria acontecer.

Não é injusto; é justo, porque como poderia ele aprender se já soubesse? Como poderia aprender se já soubesse que o processo de aprendizagem terminou com ele? Não poderia permanecer nesta Terra. Não poderia viver como uma pessoa comum, porque saberia melhor. Volta para saber. Eu sou da Luz, mas tu ainda não brilhas sobre mim.

Se quiseres fazer brilhar a tua luz, coloca-a assim. Vai ter com o teu irmão e mostra-lhe apenas um pequeno brilho, porque a tua luz poderá ser demasiado intensa para os seus olhos e ele atacará aquilo que não compreende. Nesta fase, atacará-te. Vai devagar. Queres dizer alguma coisa?

Audiência: Sim, querido. É admissível perguntar por alguns dos outros membros do vosso Círculo Interior, que costumavam vir através de Mark há alguns anos, mas que já não vêm ao presente círculo?

Yada: Sim. Antes de mais, meus amigos, devemos compreender que não importa quem diz algo, mas sim o que é dito. Isto é importante. Portanto, se eu sei que dois mais dois são quatro, porque haveria de vos pedir que as pessoas também me dissessem que dois mais dois são quatro? Não o peço porque já o sei. Não importa se é esta pessoa ou aquela que o diz. Se é verdade, não importa quem o diz.

Recentemente ouvi dizer que uma mais um é três. Ouviram isso? Então a matemática mente.

Têm outra pergunta?

Audiência: Sim. Se uma pessoa estiver a precisar de ajuda mental ou espiritual da vossa parte, pode, se houver algo que possa fazer para atrair a vossa atenção e entrar em contacto convosco sem recorrer à mediunidade ou algo semelhante?

Yada: Sou muito honrado por poder responder-vos. Mas, meus amigos, é melhor não o fazer. É melhor concentrarem-se em vocês próprios para procurarem o vosso próprio caminho. Não procurem um porta-voz; não procurem outra pessoa por causa daquilo com que a pele está em contacto — isso não é bom. Toda a busca correta conduz a uma verdadeira companhia. Todos vós, mas em grau limitado, sois seres reais de luz. Existe uma verdade para vós, uma verdade criada por vós mesmos. Vós sois, meus amigos, os criadores da verdade que vos foi criada há muito tempo atrás, onde esta pessoa está preocupada e onde nós do círculo estamos

preocupados — um pouco de condição cármica a trabalhar em conjunto, este homem e alguns de nós do círculo.

Agora, meus amigos, viveis num mundo de causa e efeito; não podeis escapar-lhe. Se hoje trouxerdes sofrimento ao vosso mundo, tereis de o resolver ao mesmo tempo. Talvez não agora, talvez não dentro de cem anos, talvez dentro de mil anos; a vida não se preocupa com o tempo.

A luz que existe dentro de nós tem de adquirir conhecimento de si própria. Trabalharemos naquilo que desequilibrámos. Trabalharemos em conjunto, de alguma forma. É assim que a vida funciona.

Comentário: Isso é reconfortante. Vista dessa forma, a pressão da vida torna-se mais suportável.

Yada: O homem está sempre a ser ameaçado pela sua própria tolice.

Irene: Yada, tenho algumas perguntas aqui que parecem ser mais pessoais, mas por vezes podemos ajudar alguém a tomar as suas próprias decisões. Tenho razão ao pensar que não se deve responder a perguntas pessoais desse género?

Yada: Minha honrada amiga, o que sentes acerca disso? Se estás sinceramente convencida daquilo que disseste, isso faria diferença se eu afirmasse o contrário? O que eu disse sobre isso, ou o que qualquer outra pessoa dissesse? Segue o teu amor e vai até ao fim. Ou então não vás de todo.

Um homem diz: «Amo esta mulher.»

Ela responde: «Ah, sim?»

Foi uma resposta brilhante.

Quem declara o seu amor? Porque sim? Porque ela duvida dele.

«Muito bem, amas-me? Então faz isto por mim, faz aquilo por mim, faz outra coisa qualquer por mim.»

«Não, não posso fazer isso. Renuncias à tua religião por minha causa? Renuncias ao teu temor pela tua alma e àquilo que acreditas ser a tua salvação por minha causa?»

«Não, não posso fazer isso, porque a minha fé é boa para mim. Se eu o fizesse...»

E então a mulher diz: «Vai-te embora. Está tudo acabado entre nós, porque, como compreendes, se me amas, se não o fizeres, não estarás no inferno, porque só amas uma parte de mim, e se eu não te der isso, estarás no inferno. Se me amas, não temerás nada. Irás comigo por amor a mim, o que significa que sou a tua vida.»

«Irei até ao fim. Se eu for para o inferno, irás comigo, porque o inferno é aquilo que sentes. Se o céu é aquilo que sentes e se me amas, irás senti-lo também.»

Mas esta é uma mulher de duas vias, uma mulher que ama. «Porque te amaria se tu seguisses tudo? — deuses, demónios, sogras, sogros, tudo? Eu seguir-te-ia. Não me importa alguém te cumprir ou não.»

Comentário: Ou se a outra pessoa o cumprir.

Isto aplica-se à questão: será cumprido? Vai em frente!

Yada: Muito seguramente, se fores com aquilo que sentes que é o amor, então sê-lo-á. Se fores contra o teu desejo, vais sofrer.

Muitas vezes tentamos fazer os filhos viverem aquilo que nós éramos. A criança não é isso. Mas os pais dizem: «O que é bom para mim é suficientemente bom para ti.»

Ele rejeita a personalidade da criança. Caminha na sombra, uma sombra constante do seu progenitor. É uma duplicação da mente do seu pai e caminha pela vida como um zombie.

Dás ao teu filho a possibilidade de crescer direito, livre, honesto e sincero? Então, quando ele te alcançar, dirá: «Vai por aí, meu pai. Faz aquilo que amas fazer e não faças mais nada.»

Mas os pais querem reviver as suas vidas através dos filhos. Querem moldá-los, moldá-los, e moldá-los. O resultado é que, muitas vezes, quando a criança vive melhor do que o pai alguma vez viveu, o pai dirá: «Não estou feliz por ti. Porque não tive isso.»

Muito bem. Lamento muito por ti e pela criança. Não dês à criança algo melhor do que tiveste; deixa-a obter algo melhor.

Deixa que a criança descubra o que é a oportunidade e deixe-a vivê-la onde a encontrar. Pode sofrer, mas esse é também o significado da vida — sofrer.

Sofrer faz-nos pensar. Muitas pessoas passam pela vida a saltar. «Oh, tudo está bem, tudo é bom.» Mas se tiverem a cabeça nas nuvens, provavelmente cairão quando estiverem a saltar. É tudo.

Audiência: Yada, outra pergunta. Posso pedir ajuda aos planos internos para me ajudarem?

Irene: Sinto que se deve fazer mais do que simplesmente pedir ajuda; por isso querem saber o que se deve fazer.

Yada: Primeiro pergunta a ti própria: o que queres fazer? O que sentes dentro de ti? Se conseguires responder a essa pergunta, então age de acordo com ela.

Se pedires orientação a alguém, colocarás essa pessoa no lugar de decisão mais importante da tua vida, quando tu deverias ser a mais importante para ti.

«Os meus filhos impedem-me.» Não podes dizer isso. Tenho filhos. Não há desculpa para isso.

Que queres fazer? Queres sentir? Então age de acordo com isso. Queres ajudar a tua semelhante? Existe uma oportunidade para isso. Age em conformidade.

Queres saber mais sobre os planos internos da vida e como podes atuar neles? Não há problema: não há magia nisto. Aprende a viver conscientemente, mesmo que o teu corpo esteja inconsciente no estado a que chamamos sono.

Sonhos conscientes e descobrir-te a caminhar pelos planos internos, ajudando muitos... Mas, antes de fazeres essas coisas, tenta conhecer-te a ti próprio.

Porque te sentes assim? Porque fazes isso? Porque estás tão interessado em ajudar os outros nesse grau?

Vês, todos somos filhos da hipnose. Fomos todos hipnotizados desde o momento em que chegámos ao estado físico e saímos da hipnose. A menos que, claro, comecemos a libertar-nos desse estado deixando de acreditar em tudo aquilo que nos ensinaram tudo aquilo que nos é impingido — não por o rejeitarmos automaticamente e dizermos «farei o que me disserem», mas por conhecermos a verdade através das nossas próprias experiências, dos nossos próprios estudos, da ciência física, da ciência psíquica — para que seja verdadeiro.

Só porque algum cientista importante, com muitas letras depois do nome, diz que algo não existe, isso não significa que não exista. Encontrarão muitas pessoas que dirão: «Muitos de nós existem há quatro ou cinco vidas porque alguém escreveu tanto sobre nós.» Precisamos de ajuda e há poucos entre vós que o fazem gratuitamente para ajudar. Mas são caros. Hoje vão ao médico e metade da primeira coisa que ele faz — ou a maioria deles — é pôr o estetoscópio no vosso bolso. Isto certamente não é verdade acerca de todos os médicos, e ficariam muito gratos se fosse.

Audiência: Outra pergunta?

Yada: Sim.

Audiência: Jesus Cristo ainda está na Terra e relaciona-se com a segunda vinda? Será ele a mesma personalidade de Jesus?

Yada: ...qual Jesus, em primeiro lugar? Fazes uma pergunta e eu vou tentar respondê-la. Só espero não vos perturbar, mas dir-vos-ei aquilo que penso sobre muitos lugares para ver se aquilo que disse é verdadeiro, ou o que a verdade possa ser naquilo que disse.

Primeiro: onde, por exemplo, teria existido uma pessoa chamada Jesus Cristo? Que tolice seria voltar uma segunda vez depois de ter sido expulso à força da primeira. Quantas vezes se pode ser assassinado por uma

multidão de mentes supersticiosas, crucificado repetidamente por idiotas? Os zombies?

O mundo está cheio de rapazes com martelos e pregos à espera dele. Meus amigos, digo-vos que não houve uma pessoa chamada Jesus Cristo. Ninguém chamado Jesus foi alguma vez crucificado e a crucificação não ocorreu para salvar o homem. Escutem, por favor. A primeira questão: salvar o homem de quê? De viver?

O Filho de Deus, o chamado Filho, não tem qualquer sentido de responsabilidade. Não, Deus enviou um filho para salvar o homem. Esse é o trabalho que o homem tem de fazer por si próprio! Nos últimos anos, essa ideia tem sido repetida tantas vezes que vocês próprios têm de se salvar.

Nas minhas aulas de uma hora e meia digo-vos:

Meus amigos, este homem chamado Jesus, o nome que lhe foi dado, o seu verdadeiro nome era Aesus. Aesus era um nome grego. Um homem grego. Aesus, o Ungido. Este homem era um iniciado. Era um título hebraico. Quando por vezes nos referimos a ele como judeu, não era judeu. Quando lhe chamamos ariano, também não era grego nem egípcio. Este homem veio da Índia. Era um ariano dos tempos antigos. Veio dos Himalaias.

Ele recebeu a sua iniciação, uma das suas muitas iniciações, nas escolas de mistério gregas. Em cada uma dessas escolas de mistério recebeu um nome de iniciação. Foi-lhe dado um nome diferente. Parte dessa iniciação consistia em colocar o iniciado na cruz — não na cruz como os cristãos lhe chamam. Esta cruz é uma cruz pagã, a cruz das quatro vias, não tendo nada a ver com nada, nem com isso. É simplesmente parte do mistério.

Este homem recebeu a sua iniciação na escola grega, a escola romana, isto é, no plano da última dimensão. Agora entra no estado chamado «Um»: o único, o universal, o eterno tudo.

Este homem foi amarrado à cruz, não pregado. Reparem, por favor, que na vossa história Jesus é colocado na cruz e os dois ladrões com ele são pregados. Eles não são pregados; apenas ele é pregado. Eles não são.

Irene: Isto é a forma como é retratado na Bíblia.

Yada:

Sim. Existem dois ladrões na iniciação, dois seres, dois iniciados, que desempenham o papel dos dois ladrões da vida, tentando roubar a sabedoria. Fostes ensinados a acreditar na vossa crucificação, mas o que aconteceu foi que o homem chamado Jesus, ao ladrão que lhe diz: «Ó Mestre, o que me aconteceu? Tenho medo.» E o Mestre responde-lhe: «Não temas. Digo-te que neste dia estarás comigo no paraíso.»

É uma bela afirmação, mas eu não a fiz. Escutem isto: «Não temas, porque se eu te disser isto, o pequeno homem...» digo-vos isto de forma dramática para que notem o que digo, mas a história passa a ser comum, esperando que o leitor não repare que desapareceu, de modo a levá-lo a acreditar que este grande Mestre não iria retirar-lhe a vida, mas sim roubar-lhe a pequena vida e colocá-la no paraíso.

Comentário: Dá-nos a sensação de que a vida implica perda; alguém perde a vida para sempre e o Mestre foi um grande homem, mas o ladrão teve apenas uma vida e perdeu-a.

Yada:

Ele está perdido e, puxando o ladrão pelos cabelos para o paraíso, vai salvá-lo. Meus amigos, não é assim. Não é assim.

Se quiserem entrar no paraíso, têm de o merecer. Mereçam-no através da sabedoria, da aquisição de sabedoria. Se existisse uma pessoa que sofreu na cruz para apaziguar as emoções divinas semelhantes às de um homem, então saberiam que essa pessoa, sendo quem é, iria regressar à Terra para salvar o homem — para o ajudar a não encontrar-se aqui.

Não. Se estiverem à espera do regresso de alguém assim, esperarão por toda a eternidade. Mas se isso vos agrada e vos ajuda a acreditar menos em algo como isso, então qualquer passagem que tenham agora no livro das vossas vidas pode continuar a ser acreditada. Virão, por vossa própria conta, a conhecer melhor, devido ao vosso próprio esforço.

Quantos filósofos houve? Quantos viveram apenas para acender uma luz para que o homem pudesse vê-la por si próprio? É tudo o que desejo.

Não esperem que outra pessoa acenda a vossa lâmpada, ou permanecerão nas trevas para sempre.

Creio que o tempo terminou. Prolonguei-me demasiado. Espero não vos ter cansado.

Anita: Não, de forma alguma.

Grupo: Graças a Deus.

Anita: Queria agradecer-lhe, Yada, e agradecer-lhe, mas poderíamos dizer «olá» ao Professor? Poderíamos dar a nossa ordem aqui?

Yada: Têm a paciência dos meus amigos. Haverá necessidade de partir. Sigam em frente enquanto devem seguir. E se seguirem com amor, nunca precisarão de outro. Deixo-vos com a esperança de que o meu honrado colega, o Professor Alfred Luntz, venha ter convosco daqui a pouco.

Anita: Yada, amamo-lo. Obrigada.

Professor Luntz: Como estão, meus amigos? Sou o Professor Alfred Luntz.

Grupo: Como está, Professor?

Professor: Parece que estou um pouco atrasado, não é verdade?

Grupo: Bem, está.

Professor: Bem, não vou ficar muito tempo.

Anita: Não, compreendemos, Professor. Quase me sinto culpada. Mas falo tanto sobre si que sentimos falta da sua voz.

Professor: Bem, isso é muito simpático da vossa parte.

Compreendem, eu não queria interromper, mas tínhamos combinado uma palestra mais curta e parece que se transformou em duas ou três horas, e não sei quando é que isso aconteceu nem quando deve parar.

Professor: Bem, Irene, parece que devo ser um pouco popular, caso contrário as pessoas aqui não continuariam sentadas.

Irene: É verdade.

Professor: E isso excita uma espécie de ego. Já ouviram falar de fantasmas com ego, não ouviram? Eu era um antigo clérigo da Alta Igreja Episcopal de Inglaterra — não da baixa, mas da alta. E Deus reconhece apenas a Alta Igreja Episcopal.

Grupo: Agora, Professor, não quer entrar em demasiados detalhes. Temos receio de o contradizer.

Professor: Certamente que não! Se têm uma igreja que tem uma Alta e uma Baixa, deixem Deus saber disso. E estou certo de que Ele prefere a Alta e que preferiria estar na parte alta da igreja. Bem, não? Deve haver outros que o façam.

Grupo: Mas o senhor pertence à Alta Igreja Episcopal e essa é a única que Deus reconhece. Então onde nos deixa isso?

Professor: Não, não. Se eu dissesse isso, não o faria? Mas, meus amigos, quando aqui apareci, mesmo tendo dito que Deus reconhece apenas a Alta Igreja Episcopal, aparentemente não reconheceram. Deve ter sido tarde demais.

Pedro devia ter ido à Alemanha. Vejam, eu era inglês. Vivi em Inglaterra. Mas quando cheguei, São Pedro devia estar a ver-me e puxou para cima o céu, fechou-o à chave, pegou numa pérola e mudou-o para a Alemanha. Bem, de qualquer forma, não o encontrei.

E porque disse isto há alguns anos a um grupo em Nova Iorque, houve um cavalheiro que me escreveu e me acusou de ter sido um homem algo pecador, tendo morrido sem amar a Deus. Não é adorável isso, depois de ter passado cinquenta anos como sacerdote?

Reunião realizada na segunda-feira,

15 de março de 1954, às 20h00.

Objetivo: Responder às perguntas enviadas por Ray Palmer. [Editor da *Mystic Magazine*]

MP: Aqui é 15 de março de 1954. Aqui fala Mark Probert. Daqui a instantes entrarei em transe, e as perguntas feitas por Ray Palmer em sua carta de 2 de março serão apresentadas aos meus professores do Círculo Interno.

Prof. Luntz: Como vão, eu sou o Professor Luntz.

Irene Probert: Como vai esta noite, Professor?

Prof. Luntz: Muito bem, minha querida, e quanto a vocês?

RGM: Ah, estamos bem, Professor.

Prof. Luntz: Agora, meus amigos, estou perfeitamente ciente do que se deseja de nós esta noite. A ideia, creio eu, é responder a algumas perguntas que lhes foram enviadas pelo seu amigo, Ray Palmer.

IP: Sim, Professor, creio que deverei ler a pergunta completa primeiro e depois dividi-la conforme RGM a digitou aqui, para que o senhor possa dar respostas mais completas, não acha?

Prof. Luntz: Acho que seria muito bom, sim. Mas antes de começar [eu] gostaria de responder à minha pergunta, aquela que me diz respeito.

IP: Tudo bem, o que desejar fazer. A pergunta relativa ao senhor, diz Ray Palmer: "Quem é você, Dr. Luntz? Poderia dar uma introdução específica de si mesmo aos nossos leitores, dizendo quem foi, onde viveu, o que fez, onde está agora e qual é a sua ocupação atual?"

Prof. Luntz: Bem, não creio que seja muito importante fazer qualquer declaração a respeito da minha própria vida na Terra. Isso não adiantaria em nada o trabalho. Dizer simplesmente que sou o Professor Alfred Luntz, como tenho feito estes anos todos, e ficar por isso mesmo. Acho que seria suficiente, mas não creio que Ray Palmer vá pensar assim. Dizer mais sobre a minha vida na Terra, quase sinto que me incriminaria. Essa é uma frase famosa hoje em dia, não é?

RGM: Muito verdade.

Prof. Luntz: Sim, e até os fantasmas não gostam de ser incriminados.

IP: Talvez dizer onde está e qual é a sua ocupação atual possa dar a quem ler a resposta na *Mystic* uma ideia do que realmente acontece quando se está desse lado do véu, por assim dizer.

Prof. Luntz: Bem, direi apenas que na minha vida terrena fui clérigo da Alta Igreja Episcopal de Inglaterra. Nasci de pais alemães e ingleses. Fiz parte dos meus primeiros estudos na *Eton School for Boys*, indo mais tarde

para a Alemanha, onde frequentei Heidelberg, e depois regressei a Inglaterra, indo para o seminário teológico de Oxford. Mais do que isso não posso dizer e sinto-me bastante seguro de que esta nesga de informação sobre a minha vida pessoal será de pouco valor tanto para Ray Palmer como para os leitores, mas é o melhor que posso fazer. Agora, no que diz respeito à minha vida no estado atual, certamente não sigo o caminho do clérigo ou a vida de clérigo.

Busco a verdade, a verdade a ser encontrada em muitos, muitos campos; filosófico, científico, metafísico, oculto. Há muitas escolas por aqui que oferecem uma vasta quantidade de coisas para estudar. A vida é praticamente a mesma que na Terra. Ao entrar no mundo astral, a pessoa dá por si a flutuar sem rumo pelo espaço, sem nada para fazer. É uma vida ativa e pode ser uma vida muito feliz. Mas, do mesmo modo, dependendo do seu desejo de se ajustar às novas condições, a pessoa pode achá-la bela ou o oposto.

RGM: Posso fazer-lhe uma pergunta, Professor?

Prof. Luntz: Por favor, faça.

RGM: Relativamente aos estudos que disse estar a realizar no outro lado, disse que era um pouco semelhante à vida na Terra. Vocês têm livros propriamente ditos?

Prof. Luntz: Sim, senhor, propriamente ditos.

RGM: Talvez eu devesse ter omitido o "propriamente ditos".

Prof. Luntz: Bem, não, acho que tem toda a razão em expressar-se dessa forma, toda a razão mesmo, porque muitos indivíduos acreditariam, se eu tivesse dito simplesmente: "Sim, temos livros", ou se o senhor tivesse simplesmente perguntado: "Vocês têm livros", que isso não teria sido suficiente, porque muitos teriam dado um sentido imaginativo, acreditando que a pessoa simplesmente imagina que tem livros. Bem, não é mais imaginativo do que são os livros no seu mundo. Há bibliotecas, grandes e vastas bibliotecas, grandes escolas, grandes salas de música com instrumentos para tocar. Sei que isto deve ser difícil de compreender. Ia dizer acreditar, mas não é uma questão de acreditar. É preciso compreender e entender antes de se poder acreditar ou desacreditar em algo, não é verdade?

RGM: É verdade.

Prof. Luntz: Sim, é um mundo real, concreto, se é que se pode falar em concretude em qualquer lugar, sob quaisquer circunstâncias.

RGM: Acha que o processo de aprendizagem é mais fácil no seu mundo do que era quando vivia num corpo físico?

Prof. Luntz: Sim, acho que sim, senhor, porque a minha mente agora está limpa. Não estou preso aos medos, chamados inconscientes ou conscientes, que impedem a pessoa de ter liberdade de mente. Aqui no plano terreno onde o senhor está, tem essas condições com que lidar; o medo inconsciente a infiltrar-se no chamado eu consciente, onde o indivíduo nem sequer tem consciência do que está a acontecer. Lembranças de muitas vidas e os medos nelas acumulados, além daqueles que desenvolvemos mesmo nesta, na sua vida atual.

No meu mundo, especialmente se a pessoa tiver tido o tipo de treino que me foi dado; afortunado fui eu, na verdade, por tê-lo tido após vir para aqui. Certamente obliterou por completo todos os sentimentos de culpa que adquiri ao passar para o mundo astral, culpa em relação às coisas que tinha ensinado sobre Deus, o estado celestial e o inferno, apenas para descobrir que tais estados não existiam. Sim, tive a sorte de receber a educação que recebi. Ela elevou-me e tirou-me completamente dos terríveis medos e sentimentos de culpa.

IP: Esta educação de que está a falar e que tanto o ajudou foi a educação que adquiriu após passar para o astral, não é verdade?

Prof. Luntz: Foi o que eu disse, minha querida, sim, sim.

RGM: Talvez o Sr. Palmer estivesse interessado em saber um pouco sobre o seu trabalho com o Círculo Interno.

Prof. Luntz: Bem, senhor, depois de ter recebido a minha iniciação, que foi a minha educação ou, melhor dizendo, a minha reeducação para uma compreensão mais elevada, fui acolhido no que se chama o Círculo Interno; sendo o Círculo Interno um grupo de homens e mulheres, dezasseis ao todo, que vêm de todas as esferas da vida, tendo uma vasta experiência em muitos campos. Sinto-me, de facto, grandemente honrado por ter sido iniciado nesse grupo.

Naturalmente, todos os membros, tal como eu, têm outras e talvez mais místicas razões para formar este círculo, e algumas dessas razões não nos dizem respeito apenas a nós, mas dizem respeito ao rapaz através de quem falamos e têm a ver com certas experiências que ele teve em vidas passadas nas quais desempenhámos um papel; por vezes um papel pequeno e por vezes um grande. Um vislumbre disso pode ser encontrado no meu dito: "Nenhum de nós comete jamais um ato de qualquer espécie sem que recebamos a recompensa por ele ou a penalidade num momento ou noutro". Não posso dizer mais sobre isso de momento.

IP: Gostaria que eu lhe apresentasse estas perguntas agora, Professor?

Prof. Luntz: Bem, minha querida, pode começar por onde achar melhor e farei o que puder a esse respeito, e aquilo que eu não puder responder, simplesmente partirei e deixarei outro responder.

IP: Bem, a primeira pergunta, vou ler toda a primeira pergunta e depois dividi-la. O nosso governo ou outros governos estão empenhados em algum esforço definitivo para desacreditar ou lançar uma cortina de fumo sobre os discos voadores, ou sabem mais do que admitem e estão a fazer esforços construtivos para resolver o enigma ou virá-lo a seu favor? Agora a primeira parte é: o nosso governo ou outros governos estão empenhados num esforço definitivo para desacreditar ou lançar uma cortina de fumo sobre os discos voadores?

Prof. Luntz: Não, não estão a fazer um esforço para os desacreditar, estão simplesmente a tentar proteger o público em geral de saber a verdade a respeito deles, pois sabem como as pessoas são enquanto massas. Não têm o desejo de panicar o seu povo, o que, revelar a verdade completa e total de repente, certamente faria.

IP: A pergunta seguinte. Os funcionários governamentais ou militares sabem mais do que admitem a respeito dos discos voadores?

Prof. Luntz: Sem dúvida que sim.

IP: Estão a ser feitos esforços construtivos para resolver o enigma ou virá-lo a seu favor?

Prof. Luntz: Claro que estão a tentar encontrar uma forma de explicar estas coisas de uma maneira que venha a ser um choque para as pessoas, e certamente, com o tempo, usarão o conhecimento que adquiriram sobre estes discos para métodos novos e altamente avançados na aeronáutica. E isso não é tudo. Aprenderam consideravelmente mais sobre o mundo atómico, o mundo da matéria, a química, a biologia, o calor e muitas outras coisas que são ramos desses que mencionei.

IP: A segunda pergunta é: Sabe alguma coisa sobre as mais recentes descobertas dos cientistas em relação à alta atmosfera e está a ser mantido algum segredo sobre isso, fora de natureza militar? É verdade que a nossa atmosfera, usando o termo de forma vaga, se estende pelo menos 120 000 quilómetros para o exterior e que contém no seu interior corpos até agora insuspeitos, tais como aglomerados orbitais de meteoritos, poeira e assim por diante? Agora a pergunta é: Quais são as descobertas mais recentes dos cientistas em relação à alta atmosfera?

Prof. Luntz: Estou a ponderar a sensatez de responder a essa pergunta, porque ela tem alguma natureza militar e não sei se seria melhor responder.

IP: Ele pergunta se há algo de natureza não militar a ser mantido em segredo pelos cientistas que fizeram novas descobertas sobre a nossa alta atmosfera.

Prof. Luntz: Qualquer coisa que diga respeito à alta atmosfera neste momento presente pertence, de uma forma ou de outra, aos militares. Opor-se-ia a isso, senhor? Teria algo a dizer a esse respeito, Sr. M.?

RGM: Bem, estou perfeitamente seguro de que qualquer coisa relativa à alta atmosfera tem um significado militar na época atual. Talvez tenha toda a razão em reter comentários sobre essa pergunta neste momento, porque a informação que foi adquirida pelos cientistas é confidencial e talvez fosse insensato libertar informação dessa natureza.

Prof. Luntz: Obrigado, senhor, é precisamente assim que me sinto a esse respeito. Quero dizer algo sobre a atmosfera. Não sei, claro, onde Ray Palmer terá obtido os seus factos sobre a atmosfera estender-se para o exterior cerca de 120 000 quilómetros. Nas minhas observações e nos meus estudos sobre ela, descubro que não vai além de 130 quilómetros e, mesmo aí, é tão rarefeita que mal se pode chamar atmosfera.

IP: Isso responde à última parte da pergunta. A última é: há corpos até agora insuspeitos a rodar em órbitas em redor da nossa terra?

Prof. Luntz: Sim, discos. Têm sido muito inesperados. Ainda estão lá.

IP: E sempre estarão, suponho?

Prof. Luntz: Bem, por bastante tempo. Estão lá no que se pode chamar outras frequências das que aqui os vossos homens de ciência conheciam antes. Foram detetados há muito pouco tempo com certos instrumentos. O honrado Menzel, creio que é esse o nome dele, não?

RGM: Sim, está correto.

Prof. Luntz: Ele sabe que eles estão lá.

RGM: Qual foi o propósito dele ao escrever o livro daquela maneira?

Prof. Luntz: Ocultar esse facto, pensando as autoridades que, para um homem da posição dele fazer tais declarações, estas agiriam como pensamentos definitivos sobre os discos, e as pessoas esqueceriam o assunto, mas as pessoas são seres humanos, não ovelhas; embora ajam como tal tantas vezes. Os seres humanos são pensadores.

RGM: Foi ideia do próprio Menzel escrever este livro ou ele foi induzido a isso por indivíduos do governo ou das forças armadas?

Prof. Luntz: Exatamente, sugeriram-lhe que o fizesse. Continue, minha querida.

IP: Pergunta número quatro. Sabe alguma coisa de uma civilização cujas cidades estão agora enterradas sob as areias do deserto ao sul do

Grand Canyon, e pode descrevê-la e dizer como veio a ser enterrada, e até como pode ser encontrada?

Prof. Luntz: Acho que preferia deixar isso para o meu colega, Yada Di Shi'ite.

IP: Compreendo. Pergunta número cinco. Qual será o efeito provável no nosso clima dos testes da bomba de hidrogénio que estão a decorrer ou prestes a ocorrer tanto na Rússia como nas nossas próprias áreas de testes?

Prof. Luntz: Acho que também deixarei isso ou para Yada ou para Ramon Natalli.

IP: Ótimo, então já respondeu a todas as restantes perguntas, Professor Luntz, e por isso talvez esperemos até que os outros membros entrem.

Natalli: Como vão, eu sou Ramon Natalli.

IP: Boa noite, é um prazer tê-lo connosco esta noite, Ramon.

Natalli: Obrigado, é um prazer estar novamente na vossa casa.

IP: Sim, Ramon. Claro que sei que percebe o que estamos a fazer aqui esta noite, a responder às perguntas que Ray Palmer enviou. Gostaria de dar uma breve biografia da sua vida? O Professor Luntz deu e acho que Ray Palmer apreciaria se o fizesse. Isso depende inteiramente de si, claro. Não hesite em dizer que não, se quiser dizer que não.

Natalli: Acho que tudo o que direi é que nasci em Roma, Itália, e vivi no tempo do grande e mais honrado Galileu.

IP: Conheceu-o pessoalmente?

Natalli: Sim, este homem sofreu grandemente às mãos da Inquisição.

IP: Sim, já ouvimos falar disso.

Natalli: Eu, claro, não tinha interesse na religião e ele tinha muito pouco.

IP: Estava interessado na astronomia naquela época, não estava?

Natalli: Sim, e claro que ele estava muito mais avançado do que eu nesse campo, mas grandemente perseguido, obrigado a sofrer terríveis degradações. Eu era agnóstico. Se havia um Deus, dizia eu, havia um Deus e era tudo, não havia necessidade de discutir, pois quer Ele existisse ou não, não havia nada que eu pudesse fazer a respeito. Se existia um, então eu certamente não poderia Conhecê-Lo, portanto continuaria sem ter argumento. Eu pertencia à Casa Real de Astronomia. Continua a ser para mim o maior campo da ciência. Ao estudar a vastidão das regiões exteriores do espaço e os incontáveis biliões e triliões de corpos no seu interior, não há necessidade de pensar num Deus.

Isso por si só já é suficientemente inspirador e deveria ter-me dito que, se tudo isto pode existir e continuar a fazê-lo através de infindáveis milénios de tempo, então por que não eu. No campo da matéria é bastante

claro, hoje em dia ainda mais, que a matéria não pode ser destruída; como é possível que a própria essência da matéria chamada vida seja destruída? Eu, naquela época, não esperava sobreviver à morte do meu corpo físico e, por isso, foi uma surpresa agradável descobrir que sobrevivi. Perante esta descoberta, lancei-me imediatamente com a maior alegria a continuar o meu trabalho favorito. Como dissemos há uns anos, o grande olho que os vossos homens de ciência construíram hoje —

IP: Está a falar do Observatório de Palomar?

Natalli: Correto. Veria apenas mais uma fração do vasto número de corpos no espaço. Não se pode agora construir um telescópio maior, de maior escala. Não vos ofereceria uma visão melhor. O homem deve agora empenhar-se em mover a sua mente para além do reino do poder do telescópio que está ali em Palomar. Mais do que isto, os meus estudos mais extensos mostraram-me conclusivamente que todos estes universos-ilhas, tudo isto é consciência e nada mais do que isso. Quando, ou se a consciência deixar de existir, tudo o que nela existe chamado corpos exteriores, todo o movimento cessará com ela.

Alguns dos vossos cientistas disseram na vossa época atual que a única coisa que existe é o movimento, mas o movimento é uma coisa dos sentidos, da mesma maneira que é tudo o que está ligado ou que provém do movimento. Por isso eu digo que quando a consciência deixar de ser, tudo o que a consciência trouxe à existência deixará de ser. O pensamento de que os vossos cientistas da atualidade pegaram na matéria e a despedaçaram, acreditando que encontraram algo chamado a substância adesiva ou cola do átomo. A estes chamam mesões. A seguir, vão ter de descobrir qual é a natureza da matéria que mantém a matéria unida. Quando há radiação cósmica, as partículas que atingem a terra e se enterram profundamente, muito profundamente na terra, a mais de trezentos metros, estas partículas são maioritariamente mesões. A maior parte da substância de onde provêm estes mesões é absorvida na atmosfera da Terra. A maior parte deles ao nível elevado do que se chama a ionosfera. Sim, quer dizer alguma coisa?

IP: Sim, quero, Ramon. O que teria a dizer no que diz respeito aos cientistas explicarem o que é um átomo, que é 10 por cento algo e 90 por cento nada?

Natalli: Tudo o que posso dizer sobre o átomo é que ele é — isto vai soar estranho, talvez — fotões a moverem-se num arco contínuo, porém periódico ou quântico. Por outras palavras, ondas de luz a moverem-se em frequências de várias durações. Isto faz sentido para si, senhor?

RGM: Quando diz ondas de luz a moverem-se em frequências de várias durações, isso não me é completamente claro. Talvez pudesse formular isso de uma maneira um pouco diferente.

Natalli: A frequência tem a ver com a duração.

RGM: Nós pensamos em tantas oscilações por segundo como sendo a frequência.

Natalli: Sim.

RGM: E duração tem a conotação de tempo.

Natalli: É isso que quero dizer, a moverem-se em tantas vibrações no tempo. Nomear o tempo seria impossível, teria de ser calculado matematicamente. Está melhor assim?

RGM: Sim, acho que assim está um pouco mais claro.

Natalli: Falar sobre o átomo está bem, desde que não se acredite que se está a dizer algo com um significado duradouro, m-m-m-m.

IP: A minha pergunta, Ramon. Eu queria que se expressasse relativamente à ideia de 90 por cento de nada. Haverá a possibilidade de algo funcionar no nada?

Natalli: Isto é outra coisa, 90 por cento nada. Não se pode falar de 90 por cento nada. Pode-se falar de 90 por cento algo ou 10 por cento algo, mas não de 90 por cento nada ou 10 por cento nada.

IP: É o que eu penso também.

Natalli: Isso é como tentar fazer algo mais a partir de um zero, colocando três ou quatro ou mil zeros mais junto a ele.

IP: Sim.

Natalli: Isto é ter nada e adicionar-lhe nada. Mas a parte que é supostamente 10 por cento algo, estes não são sólidos como o homem passou a pensar da palavra sólido. Os cientistas falam de uma substância a mover-se pelo espaço, vastos campos dela, de grande densidade, e no entanto dirão que uma parte dessa substância é gasosa e outra num estado mais ou menos sólido. Não existe tal estado como um estado sólido. Há graus do que se pode chamar solidificação, mas mesmo assim não se pode dizer isso. Há mais vibrações a moverem-se ou a vibrarem num determinado número de frequências ou oscilações por segundo, ou fração de segundo, que criam uma superfície mensurável para o homem, para os sentidos, ou para os instrumentos que o homem cria. O que pensa disso, senhor?

RGM: Acho que é uma explicação muito boa.

Natalli: Obrigado. Agora, quanto ao que os cientistas descobriram nos reinos exteriores do espaço, há ainda mais do que os discos.

IP: Agora está a referir-se à pergunta número dois que o Professor Luntz respondeu em parte?

Natalli: Sim.

IP: Creio que captou o meu pensamento aí. Estava a torcer para que o senhor o elaborasse um pouco mais.

Natalli: A mover-se do espaço exterior em direção à terra, está uma parte desta substância que é de tão grande densidade. É uma substância que se pode chamar o entulho de corpos que se desintegram no espaço interestelar. Os universos-ilhas estão constantemente a desintegrar-se e a construir-se. A matéria, embora esteja a dissipar vastas quantidades de si mesma no espaço, está também a construir-se automaticamente. Portanto, o universo jamais será destruído, ou perderá a força, ou ficará sem energia, ou decairá para o que se chama inércia zero.

RGM: É um processo da consciência que faz com que isto aconteça?

Natalli: Sim, é, mas quando faço esta declaração os vossos homens de ciência dirão que se trata de uma afirmação puramente metafísica e que não podemos tecer comentários sobre ela ou prestar-lhe qualquer atenção. Os vossos cientistas hoje acreditam que, algures no espaço, a matéria se está a desintegrar num estado prático de nada, e que, com o correr do tempo, os universos serão energia de baixa qualidade, frouxamente dispersa.

Não haverá tempo para tal acontecimento, pois este mundo da matéria — e quando digo este mundo, refiro-me a este estado da matéria em vibração — surgiu de reinos ou dimensões mais profundas daquilo que, por conveniência, se pode chamar de calmaria. E, assim, não pode ser destruído, não pode evaporar-se no nada, não pode mover-se de volta para o campo em que outrorb existiu ou dimensão do tempo, ou campo de movimento. Deve permanecer na posição em que foi projetado, a menos que outro corpo seja capaz de parar o movimento que o trouxe à existência, ou parar a força que o produziu a partir destes outros referenciais de tempo.

IP: Isso significaria quebrar o vórtice no qual foi formado, não seria? Ramon, o que diria sobre a possibilidade de o sol algum dia se apagar?

Natalli: Claro que não, o sol pode, nalgum momento — e posso acrescentar que está a caminhar para isso agora e já o faz há um período de tempo bastante longo —, caminhar no sentido de se tornar uma supernova. O sol que têm no vosso atual sistema solar é um sol muito pequeno. Seria considerado uma estrela anã entre outros sóis no espaço.

IP: Sim, creio que uma vez o senhor nos disse que existem sóis que poderiam conter milhões dos nossos sóis e agitá-los como feijões numa caixa de cascavel.

Natalli: Sim, essa é a verdade.

RGM: Quando fala sobre o nosso sol tornar-se uma supernova, isso acontecerá num período de tempo muito distante no futuro, não é?

Natalli: Oh, é um tempo vastíssimo no futuro, mas os sóis são muito imprevisíveis. O tempo vasto a partir de agora pode ser apenas o momento seguinte. As substâncias no sol são de uma natureza muito instável.

IP: Os sóis não são o que chamamos de material solidificado, são gasosos, não é verdade? Creio que já nos falou sobre isso.

Natalli: São gasosos, sim, mas gases que são comprimidos em densidades tremendas.

IP: Quer elaborar sobre isto; é verdade que a nossa atmosfera, usando o termo de forma vaga, se estende para o exterior 120 000 quilómetros?

Natalli: Essa pergunta foi suficientemente respondida pelo meu honrado colega, o Professor Alfred Luntz.

IP: Até aos 130 quilómetros?

Natalli: Sim.

IP: Passarei para a pergunta seguinte, então. Esta é a pergunta número quatro. Sabe alguma coisa de uma civilização cujas cidades estão agora enterradas sob as areias do deserto ao sul do Grand Canyon, e pode descrevê-la e dizer como veio a ser enterrada, e até como pode ser encontrada?

Natalli: Deixarei isso para o meu colega, Yada Di Shi'ite.

IP: Muito bem. Gostaria de responder à pergunta cinco? Qual será o efeito provável no nosso clima dos testes da bomba de hidrogénio que estão a decorrer ou prestes a ocorrer tanto na Rússia como nas nossas próprias áreas de testes?

Natalli: A Rússia já explodiu a bomba de hidrogénio nos desertos da Sibéria, na verdade explodiu mais do que uma. A Inglaterra explodiu a bomba de hidrogénio nas terras desoladas da Austrália. Os efeitos disto serão mundiais, causando grandes mudanças no clima de natureza violenta, produzindo maioritariamente tempestades de vento muito violentas e repentinas de tremenda velocidade. Além das tempestades de vento de natureza ciclónica, haverá uma grande precipitação de chuva, água, o que significa que terão muitas e grandes tempestades de chuva.

IP: Estas vão acontecer por toda a terra?

Natalli: Não, mas sim, especialmente nos locais onde foram libertadas, explodidas. Cobrirá uma grande parte deste lado da terra, querendo dizer aqui no vosso país, em Inglaterra, na Rússia, alguma na Índia, mas não muita. Claro que a Índia tem muitas tempestades de chuva violentas na época das monções.

IP: Acha que as explosões que ocorreram recentemente tiveram alguma coisa a ver com os tornados no meio-oeste?

Natalli: Estas são apenas o prenúncio do que há de vir se a combinação destas bombas de hidrogénio continuar.

RGM: Certa vez, nos escritos de outro indivíduo, foi afirmado que algumas das explosões atómicas na terra tinham afetado outros planetas do sistema solar. Isso aconteceu realmente e pode acontecer no futuro?

Natalli: Não, não está a afetar outros corpos planetários no espaço. De facto, a bomba atómica está apenas a libertar um décimo de um por cento da energia total no U235. Isso é uma quantidade muito pequena, não?

RGM: Sim, isso é verdade.

Natalli: Pensem, meus amigos, o que aconteceria se tudo isso fosse libertado.

RGM: Seria mil vezes maior.

Natalli: Exatamente. Aí sim, poder-se-ia dizer que certos outros corpos no espaço seriam afetados. Afetaria desta maneira: faria com que os polos positivo e negativo, o que chamam de polos magnéticos, fossem perturbados a tal ponto que fariam com que a terra caísse em desequilíbrio ou, como dizem, se inclinasse. Quer dizer alguma coisa?

RGM: Estava apenas a perguntar-me, considerando o aumento de energia que pode ser libertado no dispositivo de hidrogénio em comparação com o dispositivo do tipo matéria pesada, não será possível que eles vão longe demais nesta direção e perturbem o equilíbrio da natureza?

Natalli: É sempre muito provável, porque os vossos homens de ciência que estão a fazer experiências no campo das explosões de hidrogénio não têm a certeza absoluta do resultado. Eles não tinham a certeza do resultado da explosão experimental da bomba atómica.

IP: O que realmente acontece ao átomo numa explosão atómica? Ele explode realmente ou esta é uma pergunta sensata?

Natalli: De certa forma é, e de certa forma não é. O átomo age na sua explosão de forma muito semelhante a uma estrela anã a tornar-se uma superestrela. É simplesmente a matéria a procurar estender o seu campo de operação, necessitando por isso de um volume de espaço maior do que tinha antes.

IP: Ele expande-se e depois contrai-se, ou continua apenas a expandir-se?

Natalli: Dissipa-se e é mais tarde absorvido por outras partículas na atmosfera. O senhor teria algo a dizer sobre isso?

RGM: Essa parece ser a forma lógica de a energia ser dissipada, porque as explosões até agora ocorreram na atmosfera e é aí que a energia teria de ser dissipada.

Natalli: Sim.

RGM: Tenho-me perguntado se as autoridades militares e os governos de vários países foram ou não avisados especificamente sobre os perigos de continuar com essas experiências de hidrogénio?

Natalli: Eles sabem-no muito bem, mas sentem que têm a situação sob controlo. Se eu fosse um homem religioso, acrescentaria: "Rezemos". Não que eu tenha medo, pois eu próprio não estou em nenhuma posição perigosa, mas consigo ver as possibilidades de uma destruição generalizada na terra e a aniquilação completa de toda a vossa civilização, seguida de 5000 anos de trevas, ou de selvajaria e ignorância. Também mutações grandes e inesperadas poderiam ocorrer em todos os tipos de vida vegetal, animal e de insetos, e causar outras condições desagradáveis.

Yada: Sina, sina-ha (senhoras e senhores) eu sou o Yada Di Shi'ite.

Grupo: Boa noite, Yada.

Yada: (Fala de início na sua própria língua de Yu, uma antiga civilização que existiu nas montanhas dos Himalaias há 500 000 anos.) Poderíamos ficar aqui sentados a noite toda e, se eu falar na minha língua, não chegamos a lugar nenhum. Sinto-me muito honrado por vir novamente à vossa casa e ver que ambos gozam de boa saúde.

RGM: Obrigado, Yada, é um prazer tê-lo aqui novamente.

Yada: Gostaria de falar, por favor, sobre a pergunta que faziam nesta carta.

IP: Ray Palmer pergunta se dará algo da sua vida? Dará uma introdução específica de si mesmo aos nossos leitores, dizendo quem foi, onde viveu, o que fez, onde está agora e a sua ocupação atual? Deseja fazer isso, Yada?

Yada: Fá-lo-ei o melhor que puder. Uma das minhas expressões físicas, aquela na qual adquiri o título, Yada Di Shi'ite, remonta ao período remoto daquilo que chamariam hoje de 500 000 anos atrás. Vivi numa bela e vasta civilização chamada Yu. Yu significa vasta na minha língua. Fui um Ka-Ta no início do meu treino nos templos da cidade de Kaoti. Um Ka-Ta significa um homem-Deus ou sacerdote.

RGM: Como se escreve Ka-Ta, Yada?

Yada: Ka-Ta, e é uma palavra partida; palavras separadas. Ka significa Deus e Ta, homem. Ao concluir o meu 33.º grau na ordem chamada Shi'ite, foi-me dado o título de Yada. Ya significa espírito e da significa vida. Portanto, sou o espírito da vida da ordem Shi'ite. Tenho

andado de um lado para o outro no plano terreno muitas, muitas, muitas vezes nesse período de 500 000 anos. A minha última encarnação no plano terreno foi há 500 anos, na China.

Meus amigos, quero acrescentar algo mais, por favor. Tenho tido uma consciência contínua sem interrupções, embora tenha vindo para um corpo físico muitas vezes. Como disse, não tive interrupções na consciência desde a minha primeira experiência em Yu. Antes desse tempo, sofri como vós sofreis, muitas interrupções, entrando e saindo do estado de morte para o chamado estado de vida física. Não tenho agora de regressar à terra através das leis do nascimento, ou leis biológicas.

Digo isto por nenhuma outra razão senão para vos dar a conhecer o que estareis a fazer num determinado período de tempo. Vós também alcançareis a liberdade completa do mundo físico e tereis uma consciência eterna. Isto é aquilo por que toda a humanidade anseia. Isto é tudo por que ela anseia, pois uma vez que o consiga, alcançou o seu estado original; um ser Divino. Não num sentido religioso, porque ao fazer tal conquista, a religião como o homem a entende deixa inteiramente de ser, porque pertence apenas ao plano físico e aos planos astrais inferiores. A religião, tal como tudo o resto que o homem faz enquanto sofre a ilusão do mundo físico, o mundo da matéria, é exatamente isso, ilusória. Inexistente, um sonho do qual ele deve erguer-se.

E ele ergue-se, tal como eu passei pelas minhas experiências nos templos, por graus, e todas as experiências do homem devem ser classificadas como iniciações em estados mais elevados e mais completos de perceção. Não consigo imaginar nada maior por que ansiar do que o encontro de si mesmo. O homem tem feito muitos esforços para fazer isto e continua a fazê-lo, mas a grande maioria das formas, meios e métodos de assim alcançar são caminhos falsos e não o levam a nada. Ele deve encontrar-se a si mesmo através do trabalho. O trabalho é experiência. Não há pressa em alcançar. Quanto maior a pressa, maiores as nossas hipóteses de cair e de falhar. Todos os vários exercícios, práticas de Ioga, mantras secretos, sessões de meditação, concentração profunda, estes são parte dos seus esforços para alcançar o encontro de Si mesmo, mas nenhum deles conduz à porta da liberdade. Não podemos regatear com a Luz ou com o que o homem tão ignorantemente chama de Deus. Tudo é trabalho com sinceridade e amor pelo que estamos a fazer e pelas experiências por que estamos a passar. Ter medo da nossa existência contínua ou das possibilidades de perder a consciência é retardar os nossos esforços e a nossa liberdade final.

Movamo-nos calmamente com amor nos nossos corações por todas as coisas e por todos os esforços que fazemos, sentindo que nada é demasiado duro ou demasiado difícil de passar. É muito útil, esta busca de uma forma científica, para ganhar conhecimento sobre o homem e a terra, mas é apenas tempo perdido à margem da questão maior da vida divina. Portanto, a esse respeito, vemos que tudo o que o homem faz fisicamente, ele está a brincar com brinquedos. A marcar passo, não a desperdiçar tempo; não se pode desperdiçar o tempo. Deixem-me voltar-me por um momento para a pergunta que têm a fazer-me, por favor.

IP: Esta pergunta é a número quatro. Sabe alguma coisa sobre uma civilização cujas cidades estão agora enterradas sob as areias do deserto ao sul do Grand Canyon, e pode descrevê-la e como veio a ser enterrada, e até como pode ser encontrada? Pode dizer-nos alguma coisa de uma civilização cujas cidades estão agora enterradas sob as areias do deserto ao sul do Grand Canyon?

Yada: Posso dizer-vos pouco sobre essa, além do facto de que era uma raça nómada de pessoas pertencentes à raça azteca. Eles deixaram o que chamam hoje de México; isto foi na época da Inquisição contra o grande Montezuma. Estas pessoas índias fugiram da sua terra natal na América do Sul e tornaram-se nómadas até que finalmente se estabeleceram e criaram uma espécie de civilização nessa região mencionada.

IP: Pode descrever as cidades como costumavam ser e como vieram a ser enterradas?

Yada: Grandes tempestades de vento e tempestades de poeira obliteraram a civilização. Descrever isto não tem qualquer valor que eu consiga ver.

IP: A arquitetura deles é semelhante à encontrada nas regiões dos aztecas?

Yada: Sim.

IP: Como podem estas cidades ser encontradas? A escavação seria a resposta para isso, não seria?

Yada: Sim, seria. Há muitas cidades deste género espalhadas por todas as Américas, as Américas do Norte e do Sul, enterradas sob grandes toneladas e toneladas de terra e algumas destas estão obliteradas pela água.

IP: Há mais alguma coisa que queira dizer sobre isso, Yada? Essa é a totalidade das perguntas que não foram respondidas pelos outros membros do Círculo Interno.

Yada: Não, não creio que vá mais longe sobre isso esta noite.

Este é o fim da transcrição publicada na Mystic Magazine número cinco.

Aqui estão alguns dos pensamentos de Ray Palmer expressos no editorial para este número da Mystic Magazine:

Há muito tempo dissemos que não estávamos no negócio de publicar revistas como a FATE e a MYSTIC para ganhar dinheiro; mas dizer uma coisa dessas à pessoa comum causa uma gargalhada de desdém. O dinheiro é tudo para elas. Não conseguem conceber que alguém faça algo pelo prazer que retira disso, e pelo bem que possa fazer, e por um princípio.

O nosso princípio poderia chamar-se liberdade de pensamento, exceto que sabemos que o homem comum é incapaz de muito pensamento correto. Isto deve-se não à falta de capacidade, mas meramente à falta de educação — e por educação queremos dizer experiência a longo prazo.

Por trás de toda esta liberdade para experienciar está o direito de adquirir as experiências dos outros sem serem deturpadas pelo "processamento". Quando lê o seu jornal, ouve a sua rádio, vê a sua televisão, está a receber notícias "processadas".

Esta massa de notícias é impossível de transmitir na totalidade, por isso é disseminada por "seleção".

As trevas governam o mundo hoje, e à luz é negado o combustível para a fazer arder mais intensamente e dissipar parte das trevas. O nosso princípio, então, é adicionar combustível à luz para tornar os seus raios visíveis para mais pessoas e a maiores distâncias.

Qual é a luz que queremos elevar a uma "voltagem" mais alta para que a possamos segurar no alto para espreitar nas trevas e penetrar no nevoeiro da "propaganda", do "condicionamento" e do "hipnotismo" que nos rodeia? Será algum fervor religioso, alguma crença, algum dogma, algum grande segredo psíquico, algum poder sobre o mal, algum avivamento sagrado? Não, não queremos nada mais do que (para o dizer rudemente nas palavras de um programa de televisão muito mau) "os factos, minha senhora; tudo o que queremos são os factos".

Yada é citado em Yada Speaks (1979) como tendo dito durante uma sessão de transe:

Ora, não há realmente mortos, exceto aqueles que não estão acordados. Muitas pessoas, massas de pessoas, toda a raça humana anda por aí com os olhos abertos e parece que estão acordadas. Não estão! Estão conscientes apenas do seu pequeno sonho exterior e a esperar que seja como emocionalmente esperam que seja. Não estão acordadas! Estas são os mortos-vivos! Todos nós devemos erguer-nos desse estado. Por graus, saímos do nosso sonho para um estado maior de realidade. Aqueles que deixam a estrutura física naquilo que se chama morte, entram num

plano chamado astral. A maioria entra apenas no que se chama o plano astral de nível inferior. Estão estes planos empilhados lá fora como fichas? Não! São meramente estados de perceção deste ou daquele ser humano que ele levou consigo conforme os reuniu neste plano terreno. Mesmo aqui nesta sala, meus amigos, existem vários níveis astrais.

23 de agosto de 1954 RNA:

Esta gravação está a ser feita a 23 de agosto de 1954, na casa de Mark Probert, e responderá a perguntas enviadas a Ray Palmer por leitores da *Mystic Magazine*. O médium é Mark Probert.

YADA: Sina, Sina-ha, eu sou o Yada Di Shi'ite.

GRUPO: Boa noite, Yada.

YADA: Vou deixar a minha língua de lado e começar por falar em inglês. Sinto-me muito honrado por estar aqui nesta casa.

IP: É um prazer tê-lo aqui, Yada.

YADA: (Falando para dois convidados) Parece haver muita felicidade na vossa casa agora.

RNA: Sim, há verdadeiramente. É a felicidade através da experiência, Yada.

YADA: Essa é a única maneira pela qual o homem pode possivelmente aprender. É o que vós, americanos, chamais aprender da forma mais difícil, mas não conheço melhor maneira.

RNA: Essa é, sem dúvida, a verdade.

YADA: É através da experiência prática e, então, passamos a saber; não pode haver dúvida. Há conversa a mais de supostos professores e ajudantes, tanto do vosso lado do véu como do meu, a tentar convencer as pessoas a viver. Não se pode fazer isso. Viver é uma coisa pessoal e o equilíbrio adequado nisso só pode ser obtido através da experiência pessoal individual. Agora não falarei muito porque sei que o tempo é limitado e este *chigga* (gravador) também é limitado.

RNA: A primeira pergunta foi enviada pelo Dr. Marcus Fite de Kellogg, Idaho.

PERGUNTA: A pessoa comum está no plano físico durante 75 anos, depois parte e fica no espírito por centenas de anos. Por que é que isto acontece, antes de ela voltar a encarnar? Se ela está aqui para aprender lições, por que está aqui no físico menos tempo do que no espiritual?

YADA: Senhor, há várias respostas para essa pergunta, mas começarei por dizer: como é que este homem sabe que se está na vida espiritual por centenas de anos? Na verdade, não é de modo algum necessariamente assim. O período de tempo que alguém permanece no

mundo astral depende das experiências que está a ter lá e da necessidade dentro de si próprio de reunir tais experiências. Se aprender o que precisa de aprender em, digamos, dez anos, cinco anos, pode regressar ao mundo físico, caso a necessidade de o fazer nesse período de tempo o leve a isso. A vida é uma coisa individual. Este ou aquele pode regressar a qualquer momento em que encontre dentro de si a necessidade de outra experiência de vida física.

RNA: Yada, não diria que viver não é uma questão de tempo cronológico, mas sim uma questão de experiência?

YADA: Exatamente assim, senhor, pois esse indivíduo não está a viver no plano astral mais do que aquele que está no corpo físico está a viver em algo separado do plano astral. A maioria de nós não sabe que o ser humano faz 80% a 90% do seu viver na mente. Podem chamar à mente os planos astrais. A mente não é uma ação fechada no crânio. A mente está presente em toda a parte, e em toda a parte significa, efetivamente, à parte da estrutura física. Estamos a ter experiências fora do corpo físico; isto não significa que nos estejamos a projetar, significa simplesmente que temos uma extensão do nosso sentido de perceção. Não percebendo conscientemente o que se passa, sentimos que estamos fechados no corpo e que devemos esperar até morrer antes de podermos ter uma extensão de consciência que nos leve a um estado chamado planos astrais. O corpo físico é meramente uma máquina de registo para que a pessoa possa usar as experiências que tem fora do seu eu físico para seu benefício físico. Creio que compreende o que quero dizer.

RNA: Sim, compreendo muito bem.

YADA: Este é um dos grandes erros a que não só o leigo está sujeito a cometer, mas que os chamados ocultistas e metafísicos experientes não compreendem inteiramente. A morte não liberta ninguém, nem um bocadinho; nem um bocadinho mais do que o seu eu mental sabe como ser livre. A extensão do tempo, ou o sentido do tempo, não é maior por uma quantidade mensurável no período de separação da estrutura física do que o é na estrutura física aqui. Há muitíssimas coisas a dizer a respeito desta pergunta em particular. Não se pode tratar dela adequadamente em poucas palavras curtas. Por enquanto, esta será a resposta.

RNA: As perguntas seguintes foram enviadas pelo Sr. John G. Beasley, Jr., de Crockett, Texas.

PERGUNTA:

1. Em que período, cronologicamente, será dada aceitação mundial aos verdadeiros factos relativos à reencarnação, ao karma, etc., e qual

será o efeito de tal conhecimento na sociedade como a conhecemos hoje?

2. No processo de reencarnação, o regresso a esta vida é feito com o propósito de realizar certos atos específicos, cumprindo assim uma parte de um "plano mestre" (como Judas, Nero, Napoleão, Hitler, et al.), ou é unicamente com o propósito de aprender?

YADA: Há sempre este tempo cronológico com que lidar. Senhor, nunca! As pessoas em massa não aprendem ou não aceitam nada. Aceitar algo, o significado real, é viver segundo isso, usá-lo, não é? Esta é a verdadeira aceitação. Meramente aceitar algo intelectualmente e depois esquecê-lo não é aceitação de todo. A aceitação de qualquer coisa é usá-la. As massas nunca serão instruídas nisso porque, no seu todo, há muito poucas pessoas na vossa terra que compreendam de modo a poder ensiná-lo; que o compreendam suficientemente.

Mesmo que houvesse um número suficiente de pessoas para o compreender, as pessoas a quem tentariam ensiná-lo não o compreenderiam. É algo que é um processo lento e só pode ser ensinado individualmente, a pessoas individuais. É como tentar ensinar uma certa forma de matemática a toda a gente ao mesmo tempo; não pode ser feito. Há certas mentes que não são capazes de lidar com certos níveis de matemática, não é assim?

RNA: Muito verdade.

YADA: E o mesmo acontece com este assunto. Este homem sente que há talvez uma possibilidade de despertar as massas. Não existe tal possibilidade, pois a vida não é vivenciada por massas, é vivenciada pelo indivíduo. As obstruções que se interpõem no caminho de tais ensinamentos residem nos muitos ensinamentos tradicionais de cada raça de pessoas na terra. Muitos destes ensinamentos tradicionais barram completamente as hipóteses destas pessoas de aprenderem algo sobre a reencarnação e o karma. Eu não conto com isso, senhor.

Pode parecer que pessoas como Napoleão, Alexandre, o Grande, Gengis Khan e muitas outras desse género fazem parte de um plano mestre. Também pode parecer que os grandes avatares que vieram para ajudar a despertar certos indivíduos que já estavam no limiar do despertar, ou que vinham mais para a luz ou compreensão, também faziam parte de um plano mestre.

O plano mestre não reside nas massas, reside no indivíduo. À medida que o próprio indivíduo resolve o seu próprio enigma, que é o enigma do universo, o plano mestre cumpre-se, é alcançado, está concluído, pois este encontrou finalmente, de forma consciente, a sua própria divindade de

libertação do estado ilusório de consciência. Ele chega à perceção de que é o plano e o planeador. Não suponho por um momento que muitas mentes vejam isto, e é bom, por enquanto, que não vejam. Isto é tudo o que tenho a dizer aí.

RNA: As seguintes perguntas foram enviadas pela Sra. Oleta Wright de Auburn, Califórnia.

PERGUNTAS: 1. Desde há muito que tenho a crença de que a cremação liberta o espírito do corpo terreno e permite-lhe ir para a esfera certa, impedindo o espírito de ficar preso à terra. Isto é verdade?

2. Quando uma parte do cérebro é destruída, aqui na terra, essa condição afeta o cérebro do espírito?
3. Tenho sofrido muito há oito anos porque um querido irmão que partiu desta vida foi sepultado num jazigo *Rock of Ages* em vez de ser cremado, ou pelo menos de modo a que o seu corpo pudesse voltar ao pó. Haverá alguma hipótese de a sua alma estar livre?

YADA: Como nos fazemos sofrer por não saber. A cremação, nos ensinamentos antigos de alguns dos povos indianos, acreditava-se trazer uma libertação mais completa ao ser desencarnado; que, não tendo um corpo por perto pelo qual se sentir atraído, ele partiria da terra mais rapidamente. De certa forma sim, e de certa forma não, pois o que é necessário é que o indivíduo aprenda, enquanto ainda está no corpo físico, a desapegar-se de tudo o que se passa ao seu redor, incluindo os seus próprios desejos físicos.

Ele deve assumir o controlo sobre eles para que eles não o controlem. Mesmo que se creme o corpo, se esse indivíduo tem vivido uma vida de luxúria na terra, cremar o seu corpo não vai impedi-lo dos seus desejos. Creio que consegue ver isso, não? Tem, contudo, uma forma útil de manter esse indivíduo afastado do seu próprio corpo físico e de tentar reaver a posse dele.

Isso, não sendo já de atração para ele, liberta-o, mas não alivia os seus desejos nem o liberta dos seus desejos. Para obter a libertação, ele deve fazê-lo através dos seus próprios esforços, vendo a que o levam esses desejos descontrolados. E a que é que o levam? A repeti-los, repetir, repetir, repetir e repetir. Fica-se preso como a mosca na teia da aranha. Não se pode fugir porque a vossa consciência está onde vós estais, ou vós estais onde a vossa consciência está.

RNA: Muito verdade.

YADA: Não se encontrará necessariamente a fuga devido à cremação. Agora, no que diz respeito à insanidade e a alguém no mundo físico falecer enquanto está mentalmente desequilibrado, isto não significa que vá

continuar mentalmente desequilibrado. Há ajudantes no mundo astral, ajudantes conscientes. É o trabalho deles ir ter com indivíduos que sofreram de insanidade física e ajudar a trazê-los novamente ao equilíbrio. Porque, afinal de contas, o que é a insanidade? O cérebro físico, sendo um aparelho recetor mecânico, ficou de alguma forma danificado de modo que o fluxo da mente, tal como a eletricidade, não pode funcionar nele adequadamente.

O eu mental não está insano, mas reúne experiências ao fazer habitualmente certas coisas e, por isso, é provável que levemos o padrão de hábitos dos nossos atos desequilibrados para o mundo astral. Mas há alguém lá para ajudar esse indivíduo, se ele estiver disposto a ser ajudado. No entanto, não estão a sofrer, estão a ter uma experiência que, no devido tempo, os trará de volta ao equilíbrio, só isso. Estamos demasiado apegados emocionalmente ao que vemos acontecer no mundo superficial, portanto caímos em todo o tipo de falsas crenças. E, por falsas que sejam estas crenças, se as aceitarmos, tornam-se verdadeiras para nós e sofremos com elas.

Também podemos ter prazer com elas, dependendo unicamente da nossa atitude perante o que quer que esteja a acontecer. Esta senhora não precisa de se preocupar com o irmão dela. Ele está bem. Encontrará o seu nível adequado. Ela deve estar mais preocupada com o seu próprio eu, com as suas próprias ações. Isto dará não só a si própria a libertação do irmão, mas dará ao irmão a libertação dela. A efusão emocional dela em relação ao irmão está a impedi-lo de acordar para a realidade maior. Ela pode dar-lhe a liberdade ao tornar-se ela própria mais consciente das suas próprias necessidades.

Meus amigos, se pudéssemos compreender isto adequadamente, veríamos que todas as coisas estão seguras na Luz, na Luz da Sabedoria, na Luz do Entendimento, na Luz do Amor, pois a Luz do Amor é a Luz do Entendimento. Acho que não preciso de dizer mais nada aí.

RNA: A pergunta seguinte é apresentada pelo Sr. Leslie M. Faith de Paducah, Kentucky.

PERGUNTA: Existe agora nos planos Internos algum tipo de Autoridade Espiritual reconhecida sob a forma de uma Hierarquia de Seres estabelecida, ou é cada indivíduo um aventureiro independente que persegue um modo de Vida, independente e desorganizado?

YADA: Agora, se este homem está a falar de desorganizado em grupos de indivíduos, claro que eles têm tais organizações ou formas de organização em todos os estados mentais, do mais baixo ao mais alto. Mas a vida é principalmente uma experiência individual e, quando passamos a

saber conscientemente, é a forma mais profunda de organização a ser vivenciada; la organização do eu. Há, evidentemente, muitas formas daquilo a que se chama Hierarquia na vossa terra e ao longo de todos os planos, desde o tipo mais baixo de grupos organizados que se uniram para expressar o eu inferior e os desejos inferiores, até às maiores formas de consciências organizadas que são Guardiãs do mundo da matéria, bem como do mundo daquilo a que rudemente se chama espírito.

Toda a vida, incluindo o mundo da matéria, escusado será dizer, está num equilíbrio geométrico preciso, num padrão geométrico. A aparência de rutura ou caos neste grande e delicado equilíbrio é apenas uma suposição da mente de um indivíduo. Ele próprio está desequilibrado e esse é o desequilíbrio que ele vê acontecer ao seu redor.

Olhemos, por favor, sim? Eu olho para o vosso mundo e, a partir do modo material de pensar, sinto pouco mais do que violência e caos do pior tipo. Torna-se difícil para mim ver qualquer padrão equilibrado nisso. Penso para comigo: que criador insano deve ter sido para começar tudo aquilo. Sem esperança, perfeitamente sem esperança, se eu não souber melhor, se olhar para isso unicamente sob o aspeto material. Mas eu olho de outro lado, olho a partir de uma consciência mais plena e vejo-o como atos, ou ação que é necessária naquele tempo e naquele lugar; naqueles lugares e naqueles tempos.

É através desses mesmos atos de aparente caos e violência que as pessoas envolvidas naquele tempo e lugar aprenderão o que é necessário que aprendam. Elas não podem aprender de outra maneira. Se pudessem, não teriam tomado esse caminho e, assim, vejo o equilíbrio, vejo a adequação disso e não me perturbo mais.

RNE: Yada, consegue ver o agora disso?

YADA: O agora disso, a intemporalidade disso.

RNE: A imagem que me foi apresentada é uma de frequência, como camada sobre camada de frequência, experiência sobre experiência, revivendo certas experiências repetidamente, não num sentido de tempo, mas num sentido de experiência e de atualidade?

YADA: É só isso, senhora, e está correto. Essa é a imagem completa.

RNE: Se alguém assim o desejasse, se tivesse a capacidade, poderia ver a imagem panorâmica de qualquer agora?

YADA: Está correto.

RNE: A partir disto, poder-se-ia derivar a experiência necessária, se se estivesse tão consciente, de modo a que não fosse necessário revivê-la?

YADA: Está correto, mas não tenho de todo a crença ou o sentimento de que a mente de massa vá compreender o que a senhora está a dizer ou o

que eu estou a dizer. Aquilo que dizemos chegará apenas àqueles que são capazes de ver; só isso. Nós não somos salvadores do mundo. Não sentimos que temos uma missão, a menos que essa missão seja a minha própria.

RNE: É a expressão de si?

YADA: Está correto. Nada mais do que isto; salvar-me a mim próprio.

RNE: Tem de expressar amor?

YADA: Só isso, só isso. Isto significa a eliminação completa da crítica, de emitir julgamentos, simplesmente observar, observar, observar. Vê-lo como a si próprio. Assistir ao espetáculo que passa; o grande panorama. Isto será uma prova, e prova suficiente, de onde se encontra.

RNE: Revela-se no senhor um sentimento tão definitivo da necessidade de expressar o amor? É esta a razão de estar aqui agora? Trata-se de uma expressão ativa? Não se trata de estar sentado à distância, no topo de uma colina?

YADA: Oh, não, quando digo para nos sentarmos ao lado e assistirmos ao panorama e assistirmos ao espetáculo, a palavra sentar, para mim, significa ação.

RNA: De modo algum pode ser passivo.

YADA: A passividade significa a morte, significa a obliteração, significa o nada, significa o vazio. Envolva-se compassivamente no espetáculo.

RNE: E ame-o.

YADA: Não se pode envolver compassivamente nele a menos que o ame. Se não o fizer, então está perdido na ilusão do mesmo e sofre as consequências. Deve amar sempre o que está a fazer, ou isso irá envenená-lo.

RNE: Se não ama o que está a fazer, não se ama a si próprio.

YADA: Exatamente.

RNA: Yada, a pergunta seguinte é da Sra. Mildred Faith.

PERGUNTA: Há alguma verdade nas alegações de alguns ocultistas de que está a ocorrer uma transferência de almas de um campo para outro através de naves espaciais? Se sim, há algum sinal de hostilidade entre esses visitantes do espaço?

YADA: O povo do espaço não está de todo ligado àquilo a que normalmente se chama o mundo dos mortos. A chamada alma ou espírito não precisa de nenhum veículo de tipo mecânico para se deslocar. Os povos do espaço são culturas separadas por si mesmas. Muitos professores de ocultismo que não são realmente professores de ocultismo, mas têm um verniz de metafísica, de conhecimento metafísico, são propensos a fazer

tais suposições, mas estão errados. O homem gravita ou move-se conscientemente para o chamado aqui e para o chamado ali por sua própria vontade. Ninguém, dentro ou fora da estrutura física, se move para uma frequência de tempo à qual não pertença. Apenas uma certa condição da consciência nos pode levar para onde queremos ir; para onde nós, como indivíduos, queremos ir.

RNA: E isso é espoletado pelo desejo.

YADA: É espoletado pelo desejo, principalmente o desejo de satisfazer uma das mais profundas necessidades e exigências humanas, que é a ação, a necessidade de ação. Nada se pode dizer sobre a natureza da ação, sobre o que é feito. Não é isso. É simplesmente a necessidade de ação, pois a vida baseia-se, na sua substância mais subtil, na ação. Se a ação cessasse, significaria o esquecimento completo para esse indivíduo.

RNA: Esta pergunta seguinte é apresentada pelo Sr. Kenneth H. Muse de Detroit, Michigan.

PERGUNTA: Que prova temos de que este "Círculo Interno" não é composto por projeções astrais, conscientes ou inconscientes, de personalidades vivas?

YADA: Em primeiro lugar, não sei o que este indivíduo quer dizer com personalidades vivas. Se ele se refere a corpos de carne, sofre de uma grande conceção errada da vida. Para que haja qualquer comunicação, quer dentro quer fora da estrutura física, tem de haver consciência. Consciência significa viver, não é assim?

RNA: Absolutamente.

YADA: A extensão da consciência reside naquilo que está a ser pensado, na natureza da comunicação. Há muitos indivíduos no corpo a fazer aquilo a que se chama falar uns com os outros, a emitir sons, mas estão mortos. Por mortos quero dizer que não sabem, são ignorantes. A sua perceção é apenas da sua estrutura física, dos seus desejos físicos, apenas do mundo dos desejos. Estar vivo significa estar consciente do seu próprio ser, da sua própria natureza divina. O indivíduo que pede provas, elas não lhe podem ser dadas por outrem, pois a minha prova não será necessariamente a prova dele. Se ele não compreender a minha representação, os meus sentimentos perante a vida, se não entrar em sintonia mental com os meus pensamentos, não lhe posso dar qualquer prova. Toda a prova reside no interior do indivíduo; daquele que procura a prova.

RNA: Esta próxima foi apresentada pela Srta. Lorraine Brugere de St. Louis, Missouri.

PERGUNTA: Após a morte, unir-nos-emos às pessoas que amámos na terra, ou perderemos os nossos entes queridos, ou simplesmente deixaremos de nos importar?

YADA: A maior parte do nosso apego àqueles a quem chamamos os nossos entes queridos é um apego emocional. Não é um apego de entendimento, de conhecer a natureza do nosso próprio ser e de a ver no outro. Quando conseguirmos fazer isto, então não nos preocuparemos com os nossos entes queridos, quer estejam dentro quer fora do corpo físico. Saberemos simplesmente que eles estão ocupados com os assuntos do Pai. Os assuntos do Pai são a ação, a ação que está consciente do que está a fazer. A grande maioria das pessoas irá, naturalmente, encontrar aqueles a quem se apegou no mundo físico. Têm um apego natural a eles. Isto irá mantê-los unidos, irá atraí-los novamente uns aos outros. Ora, isto também pode acontecer através do ódio. Se duas pessoas se odeiam, o próprio ato de odiar está a colocar estas duas em sintonia consciente uma com a outra, não é?

RNE: Sim, cria um estado de sintonia mental de certo tipo, é verdade, porque se isso existe na sua vida, está sempre consciente disso.

YADA: Exatamente, porque a razão do ódio? O ódio existe porque, no mais profundo deles, sem que nenhuma dessas pessoas o saiba, elas têm inveja daquilo que pensam que a outra tem, e essa inveja, esse sentimento de querer o que a outra tem, vai atraí-las uma à outra. Elas têm de se unir novamente para que possam chegar a um melhor entendimento. Irão partilhar uma com a outra o que cada uma pensa que a outra tem.

RNA: A doação de si próprio?

YADA: Exatamente.

RNE: Yada, é possível amar uma situação tão claramente que se ganhe a libertação dela e se seja abençoado pela pessoa que nos odeia?

YADA: Com certeza, certamente. Pois nós seguramente imortalizamo-nos uns aos outros tanto pelo ódio como pelo amor, porque odiar alguém significa que a estamos a manter viva na nossa consciência, não é verdade?

RNE: Isso é verdade. As pessoas voltarão a unir-se no ódio até aprenderem o que têm a aprender que existe entre elas.

RNA: Uma vez que encarem a situação, descobrirão que o problema delas simplesmente se dissolve.

YADA: Exatamente. Não há verdadeiramente nada de odioso ali. Essa é a expressão física.

RNA: Incompreensão?

YADA: Incompreensão. Interiormente, elas sabem melhor. De facto, com muita frequência, interiormente e sem que o saibam, o ódio delas é amor sob uma forma disfarçada.

RNA: Muitas vezes é uma questão de orgulho?

YADA: Exatamente. Agora vejamos isto. Aqui temos a serpente que cresce no chão, um ser muito venenoso. Isto, a maior parte da humanidade teme. Por que é que teme a serpente? Porque não compreende a serpente. A serpente não o compreende a ele. A serpente só se compreende a si própria e o homem só se compreende a si próprio, mas eles não se compreendem um ao outro. Se este homem conseguisse ver que a serpente é uma parte necessária da expressão material, a serpente saberia isto e não procuraria envenená-lo ou mordê-lo. Mas a serpente pressente este medo e, como a serpente, tal como todos os animais, vive no medo, essa é uma qualidade natural do animal para a autopreservação, mas o medo não é uma qualidade natural para o ser humano. Na Índia, o verdadeiro mestre não só aprende a dominar-se a si próprio, mas, quando aprende a dominar-se a si próprio, aprende a dominar todas as coisas. Não é assim? Porque ele compreende todas as coisas, vê que todas as coisas pertencem ao seu lugar e tempo e, por isso, não procura destruí-las, mas tenta mantê-las no corpo físico tanto tempo quanto possam ser mantidas lá.

RNA: Yada, qual é o significado da serpente e da árvore?

YADA: A serpente é o que se chama a *Kundalini* ou força sexual ou energia cósmica, e a árvore, nos ensinamentos místicos, é a coluna vertebral do ser humano. Quando a serpente, a força da serpente, por vezes chamada força do fogo, começa a subir pela árvore ou pela espinha, quando atinge os *chakras* da garganta, está agora a tentar esse indivíduo; a tentar, no sentido de tentar puxá-lo de volta para a expressão física, para o mundo do desejo. Se não o conseguir, se o indivíduo se elevar conscientemente acima disso com compaixão, então a serpente vai para o estado celestial e o homem tem a iluminação. O que poderia ter sido a morte para ele torna-se vida no seu significado mais pleno, porque ele se tornou o mestre em vez da serpente.

RNA: Obrigado, Yada. Esta nova pergunta é outra apresentada pela Srta. Lorraine Brugere.

PERGUNTA: É a religião católica a única religião verdadeira, como se afirma ser, e ficaria Jesus feliz por ter todas as pessoas sob uma única fé?

YADA: Se eu tiver de me ater aos meus próprios sentimentos e a muitos dos meus pensamentos sobre a vida no caminho em que tenho sentido que a vida é uma experiência individual, então deve seguir-se que a

religião é uma forma de ação pela qual se passa, como tudo o resto, pelo indivíduo. É uma busca individual para se conhecer a si próprio, para se encontrar a si próprio. Seja qual for a crença religiosa em que alguém tenha sido criado, desde que se sinta contente com ela, em paz com ela, ela pertence-lhe e é o único caminho para essa pessoa. À parte desta religião como uma manifestação física exterior, ela certamente não é a única religião do homem, nem é, de modo algum, a religião original. Muito antes daquilo a que se chama Catolicismo ter surgido, milhares e milhares e milhares de anos antes, existia o ensinamento de um só Deus, existia o ensinamento do único Mestre; o único Mestre que veio para salvar o mundo do homem. O homem Jesus está completamente morto, completamente obliterado porque foi isso que foi destruído na cruz; sendo a cruz a crucificação do eu físico, a destruição do eu físico, a eliminação dos desejos físicos, o eu inferior a elevar-se para se tornar um com a mente superior ou a Mente de Cristo, a eterna Mente de Cristo ou a Mente da Sabedoria e da Luz, que é o Amor.

As massas não estão interessadas em fazer ninguém feliz. Estão a viver nos seus corpos de desejo. Não conseguem compreender a Mente de Cristo, a Mente da Sabedoria, por isso dão ao homem Jesus, ou ao cadáver, aquilo que pertence ao Cristo: amor, adoração. É por isso que o vosso mundo está numa agitação tão grande. A humanidade passou a adorar a personalidade, não o Amor, não a Sabedoria, pois tem vivido há tanto tempo no eu inferior, no eu material. Não sabe nada da luz. São adoradores de pedra e aço, adoradores de templos, não adoradores da Luz ou do Amor. Por causa disso, a religião católica, como todas as religiões, são meras manifestações exteriores, expressões materiais pertencentes ao mundo material, nada sabendo sobre a Mente de Cristo, a Luz eterna da qual este grande professor disse: "Eu, Cristo, sou o caminho e a Luz", não eu, Jesus, eu, Cristo, sou o caminho e a Luz. Se o indivíduo não conhece a natureza da felicidade em si próprio, como pode saber alguma coisa sobre a felicidade de outrem? O homem que vive exteriormente apenas para o eu físico está morto. Está deitado na sepultura da ignorância. Mas à medida que for saindo para a luz através do seu próprio sofrimento, saberá que o Cristo ressuscitou. Ressurreição significa tornar-se conscientemente ciente da sua própria natureza divina, só isso.

RNE: Yada, obrigada por uma bela explicação.

YADA: A beleza que pode encontrar em qualquer coisa é a beleza que reside em si próprio. Não se perturbe quando vir uma grande agitação a acontecer aqui. Ficará envolvida nisso, enredada nisso. Se caminhar para dentro disso com amor, sabendo que tudo está em equilíbrio, pode trazer

ajuda, pode trazer harmonia. Mas se o reconhecer como estando fora de harmonia, não conseguirá fazê-lo voltar ao lugar.

RNE: Não, porque reconhece a desarmonia dentro de si própria.

YADA: Exatamente. Isto é tudo o que tenho a dizer agora. Acho que me vou embora. Obrigado e adeus.

A LUZ VIAJA DE VERDADE?

EM QUE SENTIDO SE DEVERÁ ENTENDER A SUA PROPAGAÇÃO?

"Como podem pessoas de outros planetas com condições diferentes transferir-se para este planeta e ainda manifestar-se?"

"Por esses seres não serem provenientes dos planetas em si, mas serem seres espaciais. Essas aparentes engenhocas em que voam não são como muitos supõem. Elas não são de substância construída à mão, mas são construções mentais e depois teletransportadas — teletransportadas através do espaço. Parece, quando elas entram na atmosfera terrestre que eles ssejam de substância tridimensional, e é claro que elas devem aparecer dessa maneira para que vocês as vejam. Mas vocês acham que há algum material conhecido que pudesse suportar os atos que essas coisas mostram? Certamente que não. Mas eles são do mundo do éter e movem-se não apenas para a atmosfera da Terra, mas atravessam galáxias inteiras, e aparentemente no tempo.

“Mas se vocês pudessem segui-los do seu ponto original no espaço para outro, descobririam que eles são mais rápidos do que a luz. Diz-se que qualquer pessoa que se mova com a velocidade da luz tenderia a tornar-se luz. Não creio que isso seja muito inteligente, porque as coisas são luz. Podemos chamar-lhes ‘luz congelada’. Esta mesa sobre a qual vou pressionar os ossos cansados aqui do rapaz — é luz. Se não fosse vocês não poderiam vê-la. Vocês podem dizer que é " luz refletida," e eu perguntar-lhes-ia o que é que está a refletir luz? Eu acredito que você estudou física? O que é luz refletida?

"Como uma bola a saltar no chão? Partículas de luz sobre a mesa?"

"Algumas dessas partículas de luz disparam e outras são absorvidas?"

"O que é que salta delas?"

"Você gostaria de tomar o meu lugar?" perguntou o Prof. Luntz, Mas a luz não viaja, entende. Esta é aparentemente uma afirmação diferente. O que é que se desloca?"

"É uma condição produzido pelo golpe de uma nota na substância éter?"

"Não há movimento real, mas assemelha-se bastante a partículas em mudança de vibração de cima a baixo que cria o que é luz, ninguém vê luz — tudo o que se vê é parte da ação da luz. Vejamos o sol e chegar o mais perto que pudermos, e fingir que estamos nos nossos corpos mentais em vez deste pedaço de cemento que nos prende à terra. À medida que nos aproximamos dele, veremos que ele não lança nenhuma luz, Parecerá a uma distância grande, que correntes de luz saiam disparadas para o espaço, às vezes a milhões de quilómetros de distância. Bem, diz-se que o fogo deve lançar uma luz, mas o sol é algo que não está a queimar. Não há nada nesse corpo que esteja a queimar, nada. Trata-se, no entanto, de partículas num determinado plano de movimento — frequências de movimento mais elevadas — taxas de vibração mais elevadas."

"Por que parecerá que se propaga?"

"Porque as partículas de que o sol é feito estão a mover-se a uma velocidade tão grande que causam excitação do éter. As partículas no que vocês chamam de espaço. Agora temos o chamado vácuo existente entre o Sol e a Terra, mas o que é um vácuo? Vocês veriam algo sem matéria nele? Pode parecer que sim, mas tudo o que aconteceu foi que o material mais grosseiro foi removido. A matéria que compõe os diferentes éteres ainda está muito presente. Ela é animada e, por sua vez, segue em frente até que a excitação atinja a atmosfera terrestre. Pelo menos essa é a imagem que colho disso. É o que me parece."

"O que chamamos de sol é o efeito das vibrações da terra a encontrar-se com com as do sol? Como uma lâmpada de arco onde eles se encontram? O positivo e o negativo?"

"Os vossos cientistas tiveram algo disso para descobrir. Algumas ideias e teorias. No passado, a terra era plana e todos se davam bem na terra plana. Levantavam-se pela manhã e iam para casa à noite do mesmo modo que agora. Durante milhares de anos — até agora.

“E naqueles tempos em que Galileu tentou mostrar àqueles belíssimos cavalheiros algo no seu pequeno copo mágico — o seu vidro do diabo conforme lhe chamavam — aqueles grandes mentes não olhariam através do seu vidro porque não queriam passar por mentirosos."

"Voltando às naves aliegínenas ou discos voadores — o senhor aqui que no domingo comentou sobre o seu estado de consciência — ele falou com o Mark e com o grupo e eu ouvi-o fazer a afirmação de que os discos voadores têm uma suástica neles. Que tal isso?"

"E que o honrado Schicklegruber ainda está a viver na terra e ainda está a enviar esses discos voadores? Suponho que Hitler tenha sido o criador da suástica, não? É o mais antigo dos símbolos e Hitler estudou alguns dos ensinamentos internos, mas não tinha a mente equilibrada para o acompanhar e usou os seus poderes para se glorificar."

"A suástica dele foi invertida pelo que deveria ser má, não?" perguntou alguém.

"Mas esse senhor afirmou que era uma suástica destra e que toda a humanidade iria ver que Hitler era a segunda vinda de Cristo."

"Mas, e esse disco voador com a suástica? Há alguma verdade nisso?"

"Certamente," disse o Prof. Luntz, e se observado a qualquer momento, vocês descobrirão que eles têm uma leitura simbólica. Esse símbolo remonta aos tempos antigos. Todas as religiões, quando começaram, eram fontes de sabedoria e não tinham templos. Elas tiveram origem do extremo Oriente e, ao cruzarem o mundo, foram contaminadas pelos sacerdotes. Neste caso, ganharam musgo de sacerdote — uma substância muito pegajosa na maioria dos casos, e não se destinava a render-se, nem se prestava à oração ou veneração em enormes templos e igrejas. Não era para os sacerdotes engordarem. Hoje, a maioria deles degenerou terrivelmente, e é por isso que agora estamos à procura da verdade, que eles ensinaram há tantos milhares de anos. Se tivermos a coragem e a tenacidade, penso que encontraremos o que queremos. Ajam de acordo com a necessidade do momento e tudo sairá pelo melhor."

* * *

"(...) Consequentemente, o mais diminuto átomo que permeia os universos, os elementos mais grosseiros nos solos ou combinações de solos, contêm em si os três elementos, vida, movimento e calor, e consequentemente os próprios elementos da própria Luz. Portanto, os mundos, depois de terem ocorrido os períodos de formação que produzem os requisitos da luz, devem primeiro existir como vida, depois como movimento, depois como calor, depois como eletricidade, antes que a função da luz possa existir perfeita, desenvolvida, e eles se tornem corpos luminosos separados e distintos.

"Os vários graus de atmosfera que os cercam e os diversos solos que existem na vossa terra, todas as manifestações da Natureza externa, devem ser o efeito de a vossa terra ser um corpo luminoso; deve ser o efeito dessa luminosidade; e a luz que vocês recebem como proveniente do sol deve ser o efeito da luminosidade, da eletricidade, do calor, do movimento e da vida que existem na vossa terra. A eletricidade, que é positiva e distinta em si mesma, pode ser comparada ao sol; e o contato, a reflexão, os processos de combinação desses dois elementos, produzem o que vocês chamam de dia, e a ausência dessa combinação cria o que vocês denominam de noite, quando uma porção da vossa terra é afastada do sol na sua revolução.

"Para ilustrarmos ainda mais esta ideia a respeito de a luz ser o resultado dessas três combinações de que falamos, afirmaremos que toda planta sofre primeiro os processos de decomposição, que são o resultado de um movimento sutil — que é o mesmo trabalho de que falamos como sendo realizado pelo Deus do Universo externo. Movimento e calor são produzidos e atraídos por isso; depois a eletricidade, que é um meio, um meio de transporte, de disparar em direção à luz; então é suscetível de receber a luz.

"Até então, se você arrancassem o solo que cobre a planta, a fim de obter uma visão da maneira como essas funções realizam os seus objetivos finais, vocês a destruiriam e não a aperfeiçoariam; e quer vocês coloquem uma semente no solo, quer, através de meios artificiais, vocês acelerem as operações da Natureza, vocês sempre descobrirão que ela absorve certas essências antes que a planta seja capaz de atrair a si os raios de luz necessários para a sustentação e o aperfeiçoamento dos seus poderes individuais.

“Portanto, se isto for verdade no que diz respeito às plantas, podemos levá-los de volta através de todas as operações da Natureza, até às combinações de solos e minerais; através dos processos de combinações atmosféricas, unidos com a sua própria vida, movimento e calor intrínsecos; e estes, entrando em contato com a eletricidade, produzem a primeira tendência para a luz. Sendo o primeiro, pode desenvolver-se de maneira indistinta, mas ainda assim é luminoso. E simplesmente por a eletricidade se ter tornado um meio através das três combinações que a precederam; e o que se deve seguir de forma legítima como resultado é a luz.

“É-nos solicitado, também, nesta questão, que expressemos as nossas ideias sobre se a luz viaja. Respondemos que a luz, enquanto princípio e em resultado do calor, do movimento, da vida e da eletricidade, não viaja; pois cada átomo criado contém dentro de si os elementos da luz. Não é essencial que a luz viaje, pois sempre que qualquer partícula de matéria tiver passado pelos processos primitivos de desenvolvimento e refinamento, os elementos de luz nos átomos contíguos devem ser transmitidos uns aos outros, e só nesse sentido podem ser considerados como meio de propagação.

“Portanto, quando vocês dizem que a luz do Sol viaja até os diversos planetas que o rodeiam, vocês falam incorretamente, pelo seguinte facto: que a luz do Sol não viaja por forma alguma, mas que a substância luminosa, ou propriedades da luz sendo mais poderosos no sol, em consequência desse centro, refletem-se sobre átomos que contêm propriedades semelhantes, sobre atmosferas que circundam a vossa terra, e assim a luz é refletida e refratada. Diz-se também que a luz viaja em ângulos, por raios, o que consideramos não ser o caso.

“A aparência manifesta-se por tal forma devido ao facto de vocês não terem meios de obter ideias corretas sobre o assunto através dos vossos atuais processos científicos; mas a luz é circular ou espiral na sua formação. Todos os átomos se transformam em glóbulos, em resultado natural do movimento intrínseco que existe neles. Consequentemente, pode ser verdade e é correto afirmar aqui, no que diz respeito aos corpos que se geram a si mesmos, que pelo próprio facto de que os átomos ou princípios dos quais eles são compostos serem igualmente compostos de calor, movimento e vida, e a combinação dessas qualidades produzir sóis, mundos, e estrelas, quando essas qualidades atingirem o seu máximo, nada

mais poderá ser adicionado ou retirado no que diz respeito ao volume, mas a purificação, a sublimação, a aplicação desses princípios mudará os graus de luz e os graus de perfeição, pelo que diz respeito ao globo.

"Por que, então, os cometas são luminosos, e por que as terras, os mundos e os sistemas são luminosos a uma distância tão grande do luminar central? Em proporção à densidade e magnitude da estrela, assim será o seu poder de reflexão. Consequentemente, aqueles que estão mais próximos e de maior dimensão refletem mais luz do que aqueles mais distantes e de formação menos perfeita, pelo facto de conterem mais elementos ou combinações dos quais a luz é a função legítima.

"A vossa Terra, no seu período atual em que possui um satélite, a Lua, vocês dizem que se a luz é o resultado do movimento, da vida e da eletricidade, por que a Lua não distribui calor tão bem quanto luz? A lua surge como um objeto da vossa atmosfera, separada, é verdade, no que diz respeito à sua forma; mas essa combinação de movimento e calor com a eletricidade que não era necessária ou não poderia ser absorvida pela vossa terra, acha-se contida na lua; sendo o vosso corpo maior, absorve o calor e evita que ele liberte qualquer calor.

"Outros planetas que possuam mais satélites, maiores e mais perfeitos na sua formação, devem necessariamente ser planetas mais antigos e mais perfeitos, e, consequentemente, criar para si sistemas existentes por si só, que giram em torno deles, subservientes a eles, e que se tornam para eles como o vosso sistema solar para com o sistema em torno do qual vocês giram, e deve suster a mesma relação de dependência, no que diz respeito aos seus satélites, que existe entre vocês e a lua. Com toda a probabilidade, vocês não emitem luz ao sol, mas estão cientes de que estão em dívida para com o sol por ele ter sido trazido à superfície. Assim, se vocês não estão a emitir nenhum sustento ao sol, na mesma medida os satélites que giram em torno, em vez de emitirem, devem depender de vós para o seu sustento.....

"A luz não viaja; está estacionária. Esta luz prevalece na atmosfera desta sala; os efeitos são visíveis ao vosso redor. Cada átomo nesta sala é iluminado por ela. Se a luz viajasse, todo poste, todo assento, todo banco seria tão iluminados de um lado como do outro; esse seria o caso se vocês não dependessem da atmosfera e das suas combinações. A luz não viaja por trás desses pilares. Porquê? Porque as substâncias mais grosseiras que os compõem separam as qualidades atmosféricas necessárias à produção de

luz e produzem, por assim dizer, um vácuo. Existe um certo grau de luz, porém, não a mesma intensidade. Não diríamos que haja escuridão por imperar uma medida menor de luz. A escuridão mais densa, aquela que se expande como um objeto vivo e em movimento diante da vossa visão, que vocês quase podem compreender, não é uma ausência total de luz. Existe uma atmosfera luminosa, algo que contém os elementos da vida, calor, movimento e eletricidade, e uma combinação adequada produzirá luz que seja visível aos vossos olhos.

"Afirmamos que a luz não viaja e pensamos ter ilustrado claramente as razões que nos assistem para acreditarmos nisso. Mas é habitual que astrónomos e filósofos digam que a luz de um planeta deste tipo deva viajar a uma velocidade tal para nos alcançar num determinado momento; e se uma estrela fosse, neste momento, apagada da existência, seria necessário um certo tempo para que a luz fosse excluída da nossa visão.

"Se vocês dependessem da luz desse planeta, haviam de perceber uma vaga instantânea; mas é o reflexo que o transporta de volta ao período de tempo necessário para que aquela luz chegasse até vós. O que será? Não é o planeta; não é a luz, mas o calor, o movimento, a atmosfera, tudo o que existe entre vós e esse planeta. Da mesma forma que leva um certo tempo, uma fração de segundo, a que os objetos se imprimam na retina, também leva um certo tempo, a vigésima ou a milionésima parte de segundo, para qualquer objeto que contenha os elementos da luz, para transmitir essa luz, e um certo período de tempo para que essa luz se extinga. Consequentemente, todos na criação são em si mesmo luminosos na medida em que não dependem da luz de outro corpo, exceto como meio de comunicação. E na medida em que de facto não existem elementos iguais entre si, nem propriedades que contenham as mesmas combinações, então essas combinações existentes aperfeiçoam-se, na forma de luz."

In: *"LUZ"*.

* * *

MATÉRIA CORROBORATIVA

HERBERT NASON

“O SOL. - Vamos agora deixar o cometa, ou mundo infantil, seguir o seu caminho, e esforçar-nos por por corrigir algumas ideias erróneas que são mantidas por algumas das crianças mais sábias da Terra. Afirma-se que o Sol é um globo de fogo, cuja temperatura é tão grande que irradia um calor vivificante até o planeta mais distante pertencente à sua família, sendo esse planeta Netuno, conforme se supõe; mas há ainda um outro além de Netuno, que não foi descoberto, e que não o será até que os vossos telescópios sejam muito melhorados.

“Ora, o calor, ou o fogo, acha-se tanto sujeito ao controlo da lei quanto qualquer outro elemento; portanto, o estudante que fizer um estudo calórico poderá, através de um simples cálculo, provar que um globo do tamanho do Sol não poderia ser aquecido o suficiente para transmitir uma fração de calor a Saturno ou Urano, muito menos Netuno e o planeta além dele.

“Vocês perguntarão, pois: "O que é que produzirá o calor, se o sol não é uma bola de fogo?" Nós respondemos, dizendo que o calor não é uma causa; é um efeito. A causa é o movimento ou atrito, e é o atrito dos átomos dos quais a luz é composta sobre os átomos na vossa atmosfera que gera calor na superfície da vossa terra.

“Vocês têm duas teorias da luz: a *atómica* e a *onda*. Ambas estão corretas. A luz é composta de matéria atenuada e viaja por ondas; a vossa atmosfera é igualmente composta, em grande parte por átomos; portanto, quando essas ondas de átomos colidem com a atmosfera, isso resulta no atrito e, em seguida, no calor. Se a vossa atmosfera estiver em estado de relativo repouso, ou estiver muito calma, o calor será maior, porque a atmosfera em estado de repouso oferece mais resistência às ondas de luz do que quando é movida por ventos fortes, que defletem parcialmente as ondas de luz.

“O sol é fortemente elétrico e magnético, tem uma atmosfera luminosa a muitos milhares de quilómetros de profundidade, como os vossos astrónomos bem sabem. Mas é um globo habitável, povoado de seres humanos tão adiantados em relação aos habitantes da Terra que não tentaremos fazer qualquer comparação comparação. Basta dizer que o que é verdade com respeito ao sol virá a ser verdade em relação à Terra nos tempos que virão.

“Mais uma vez, arriscamo-nos a dizer que, se o Sol fosse o corpo intensamente quente como os vossos astrónomos dizem que é, teria sido consumido, queimado, há milhões de anos -- facto que é reconhecido por alguns cientistas que se esforçam por compensá-lo assumindo que cometas e meteoros estão constantemente a cair nele, e assim a manter o fogo, pois

eles sabem que sem um milagre, de acordo com o sentido teológico do termo, ele (o sol) poderia existir por apenas um breve tempo.

"Mas os cometas jamais caem no sol, pois essa não é a sua missão. Os meteoros fazem-no ocasionalmente, pois ocasionalmente caem na superfície da Terra, mas não com o propósito suposto. Dos meteoros teremos mais a dizer mais adiante.

"São poucas as pessoas que desconhecem o facto de que, quanto mais se aproxima de um corpo aquecido mais o calor será sentido, pois essa é uma lei inabalável, uma lei da qual jamais se anula. Ora, se o sol é um corpo de fogo, a mesma lei deve valer no seu caso como dos outros corpos aquecidos; mas o contrário é que acontece, como é sabido no caso dos balonistas e alpinistas. O aeronauta que subir até a altura de três milhas, num dia muito quente, achará a temperatura desconfortavelmente fria, e se atingir a altura de cinco milhas, corre o risco de congelar.

"O alpinista, que deixa a planície ou vale abaixo revestido de relva e flores e a aproveitar o sol de verão, encontra neve e gelo a uma altura de cerca de doze mil pés, tendo a vegetação desaparecido quase por completo. Um pouco mais alto, neve perpétua e gelo cobrem os flancos da montanha; e mesmo nos trópicos o inverno reina perpetuamente nas montanhas mais altas, o que não poderia ser o caso se o sol fosse um globo de fogo, a menos que a irradiação de calor desse globo estivesse sob o controlo de uma lei diferente daquela que a experiência provou na vossa terra.

"Quando vocês considerarem a volocidade com que a luz viaja (quase duzentos mil quilómetros por segundo), vocês poderão facilmente imaginar a quantidade de atrito que seria causada e o calor gerado quando os seus átomos colidem com os átomos na vossa atmosfera, que tem cerca de cem milhas de espessura ou profundidade, mas se torna cada vez mais fina, ou cada vez menos densa, quanto mais distante estiver da crosta terrestre.

"Quanto mais fina ou rarefeita for a atmosfera, menor é a resistência oferecida às ondas de luz à medida que impulsionam os átomos, o que explica facilmente o frio extremo experimentado numa escalada a certas alturas.

"Mais uma vez, podemos mencionar que, se fosse possível ao homem no corpo passar para a borda externa da sua atmosfera, ou um pouco além dela, ele não veria nenhum sol, nenhuma lua, nenhuma estrela; tudo seria escuro* -- o próprio degrume das trevas; e porquê? Porque os átomos de que são compostos os raios ou ondas de luz são fortemente magnéticos e elétricos, que produzem ou desenvolvem luz apenas quando encontram resistência.

“Que o estudante da natureza, com estas simples ilustrações e proposições diante dele, tente conciliar a ideia de que o sol é uma fornalha capaz de irradiar calor, em todas as direções, a biliões de quilómetros, e veja se as suas faculdades de raciocínio não se rebelarão.

“Os cientistas terão de tomar um novo ponto de partida, e abandonar velhas e despojadas teorias, pois enquanto não o fizerem não descobrirão a VERDADE.”

In: 'MYSTERIES OF PRE-HISTORIC AGES’ – 1880

**(Nota do Editor: Esta passagem suscita uma questão que por um lado poderia corroborar as incongruências verificadas nas filmagens na lua, pelos astronautas, que nos mostram uma ausência de estrelas visíveis; por outro lado levanta a dúvida quanto ao facto do telescópio situado no espaço conseguir ver e fotografar estrelas e constelações. Parece uma incongruência, a menos que aceitemos, como Luntz diz, que o aparente vácuo ainda é composto de átomos na forma de onda.)*